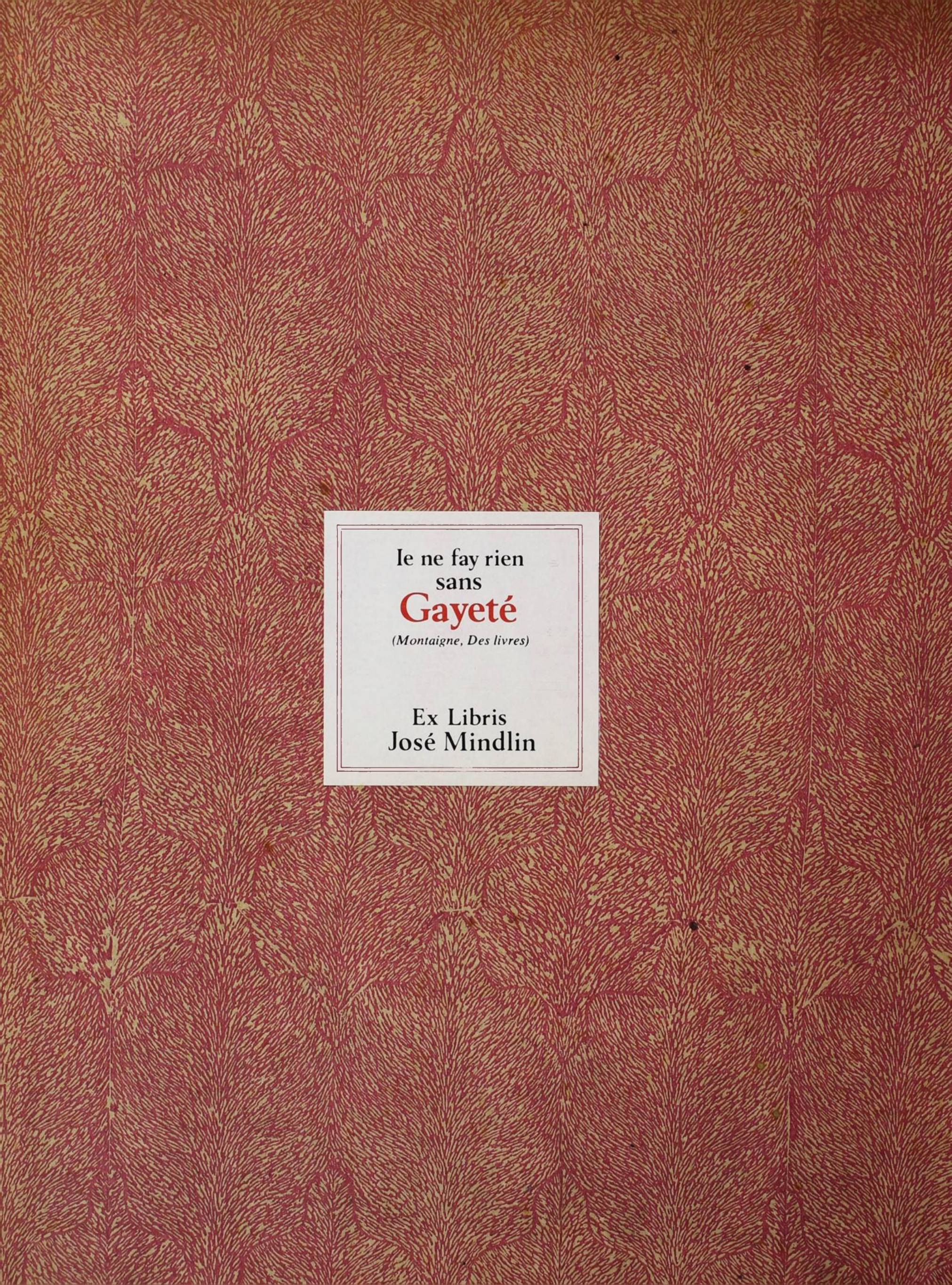

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

v

Anno V

Numero 1

JANEIRO DE 1908

KÓSMOS

SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac
A Esquadra Americana á entrada da Barra do Rio de Janeiro	Gravuras
O Pan-Americanismo	Leoncio Correia
Os Pintores da Fealdade	Gonzaga Duque
O Quintal e a Porta	Mario Pederneiras
Do Atlantico ao Pacifico	Celso Vieira
A Esquadra Americana transpondo a barra do Rio de Janeiro	
Amor de caboclo	José Maria de A. Bello
Uma Santa Brazileira	Lima Campos
A Esquadra Americana ancorada na Bahia	Gravura
Terra cahida	Alberto Rangel
Chronica de Mestre Alvaro	Eduardo Nazareno
Partida da Esquadra Americana do porto do Rio de Janeiro	Gravura
Successos de Portugal	L.
A situação politica em Portugal	Alberto de Sá

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896.

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:000$000

Sinistros pagos:

Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Semestral

EM DINHEIRO

Ultima palavra em Seguros de Vida

INVENÇAO EXCLUSIVA DA

EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos.

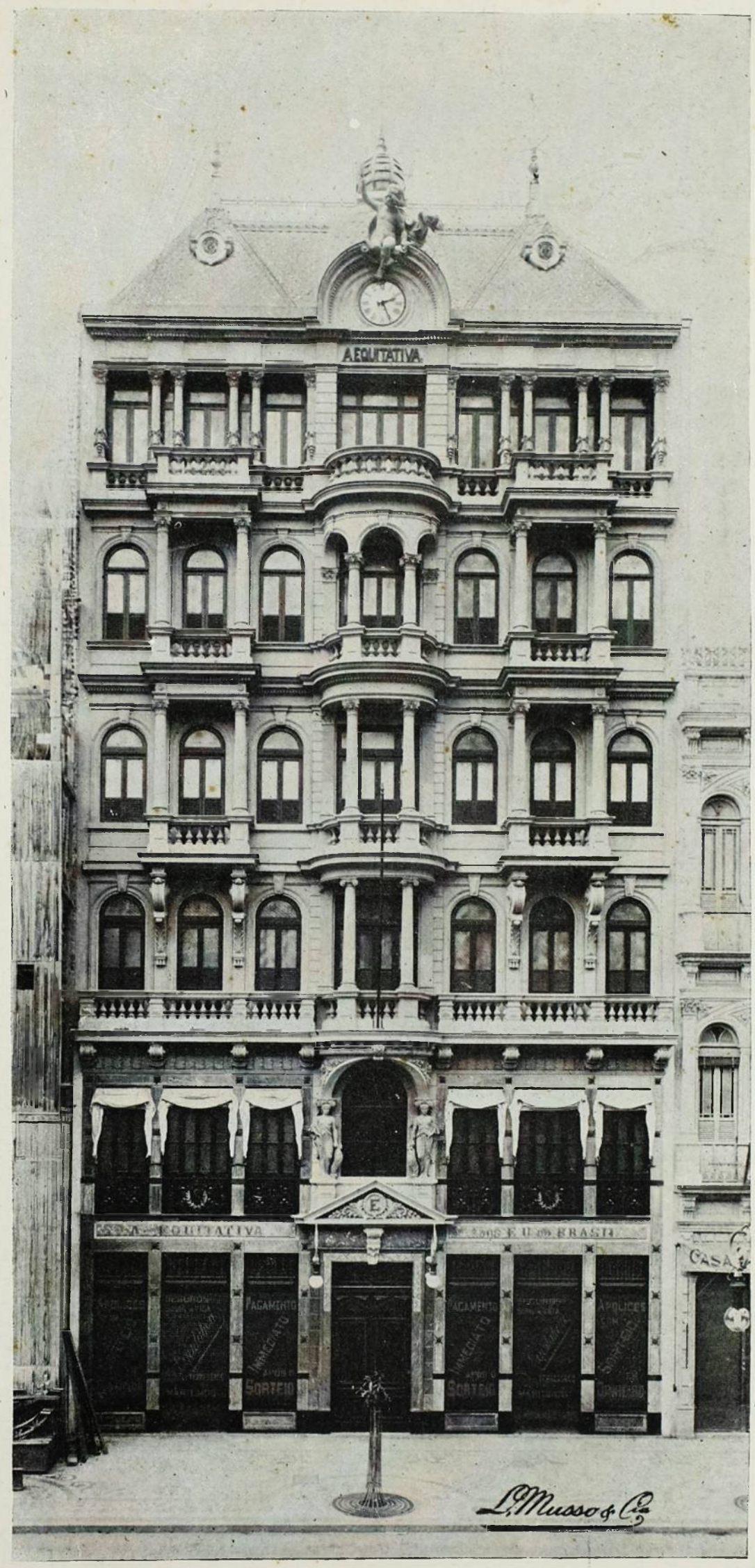
Agencia em todos os Estados da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande e extraordinaria Loteria Federal

SABBADO, 8 DO CORRENTE

171—3.

Por 15$800 **200:000$000** *Por 15$800*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V JANEIRO 1908 N. 1

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

O MEZ de janeiro de 1908 ficará famoso nesta boa cidade. Delle se ha-de fallar, em futuro remoto, como hoje se falla do janeiro de 1865, em que houve uma espantosa chuva de pedras e do março de 1873, em que houve uma horrivel epidemia de febre amarella. Sómente, a recordação de janeiro de 1908 provocará sorrisos e jubilo, em vez de provocar susto e lagrimas.

Quando fôrmos velhos, muito velhos, havemos de dizer aos nossos netos e bisnetos: "Ah! meninos! vocês não podem fazer ideia das estrepolias e dos pagodes que houve em janeiro de 1908... A gente tinha a sensação de estar vivendo com a cabeça para baixo e os pés para cima. A cidade tinha o aspecto de uma kermesse hollandeza do tempo de Teniers e de Rubens. Em tres homens, que se encontravam nas ruas, dois estavam bebedos. E pela Avenida Central (que era a unica Avenida que possuiamos naquelle tempo) corriam dois fartos e tumultuosos rios acachoeirados: um rio de wysky e um rio de dollars!..."

Tal será a memoria, que, nos fastos da vida carioca, ficará deste mez de janeiro, em que a cidade recebeu a visita da esquadra americana do almirante Evans. A chegada desses quinze mil homens, despejados repentinamente no Rio de Janeiro, foi como uma onda de sangue estranho e febricitante injectada no organismo Urbano. Quarenta dias de continencia e temperança, haviam armazenado dentro do corpo de cada um desses marujos uma verdadeira tempestade de apetites e cobiças. Quarenta dias, na reclusão de bordo! — toda uma quaresma de disciplina... Quando, ao cabo dessa abstinencia longa, os marinheiros se viram ás soltas, no Rio, — foi como se para todos elles houvesse rompido uma frenetica e formidavel alleluia; e começou a devastação geral dos diversos mercados da cidade; mercados de viveres, mercados de bebidas, e mercados de... prazer.

A cidade, porém, esta boa cidade hospitaleira não se queixou dessa barulhenta e tumultuosa

invasão de homens louros e vermelhos, dotados de uma fome insaciavel e sêde de areal, e assaltando com um impeto de conquistadores todos os logares dos hoteis, das cervejarias, dos cafés, dos bondes e dos trens. A cidade, que é ajuizada e sabe quanto vale o dinheiro, sorria, assistindo a tal assalto. Sorria, de contentamento, porque estava em mente calculando a somma espantosa de dollars que aqui ficaria, depois da partida do exercito invasor.

Amaveis Atilas, esses! Do famoso Atila antigo, disseram os chronistas da Roma da Decadencia que, no terreno que os seus pés calcavam, nunca mais crescia a relva: era a Destruição feita homem, era a Devastação com pernas e braços! Mas os Atilas que, no mez de janeiro, invadiram o Rio, deixavam cahir das algibeiras, sobre o sólo urbano, bastas provisões de moedas de ouro... E só o que commercio da cidade sentiu foi que a occupação não durasse mais tempo.

Mas o lucro que nos deram os marinheiros yankees não foi sómente material: foi tambem, e principalmente, moral.

Duas cousas ficou o mundo sabendo, ambas de capital importancia para a nossa civilisação; uma affirmativa, e outra negativa, ambas levantando o nosso credito: temos policiamento, e não temos febre amarella.

Não sei qual dessas duas consoladoras e desvanecedoras certezas mais deve orgulhar a capital do Brasil. Durante mais de cincoenta annos, tivemos a febre amarella, — posse que de bom grado dispensariamos, — e não tivemos policiamento, — cousa que em altos brados pediamos.

A nossa policia sempre foi uma calamidade: era fraca, quando tinha o dever de ser energica, e era violenta, quando lhe cumpria ser branda. Chamada a assegurar a ordem, promovia a desordem; quando devia prevenir, fugia; quando tinha de apasiguar, irritava; quando precisava castigar, apanhava. Os nossos "urbanos" ficaram sendo os typos modelares da indisciplina, da bravata, do medo, da insolencia e da violencia. Parece a principio que ha nisso alguma contradicção; mas não ha, — porque, em geral, os homens mais violentos e insolentes são os mais medrosos...

Se ainda tivéssemos agora o antigo policiamento, que tanto nos envergonhava, esta cidade, durante a permanencia da esquadra americana, teria sido o scenario de tragi-comedias ao mesmo tempo sinistras e ridiculas: entre os dois rios de wysky e de dollars, teria talvez corrido pela Avenida Central um outro rio, — de sangue e escandalo. Mas a policia foi de uma correcção admiravel. E, no meio do espantoso excesso de moafas que a cidade presenciou, não houve um só incidente desagradavel.

E que dizer da ausencia da febre amarella?

Quinze mil homens, comendo como Gargantuas e bebendo como Pantagruéis, entregavam-se aqui a inconcebiveis delirios gastronomicos, — e nenhum delles enfermou da perfida febre, que nos avilta va e empobrecia...

Oswaldo Cruz está a chegar. E' a elle que devemos este beneficio, que nunca lhe poderá ser pago na justa medida. Preparemo-nos para recebel-o como elle deve ser recebido: da excellencia dos seus serviços, acabámos de tirar agora a prova real, — e é preciso que lhe mostremos, applaudindo-o e amando-o, toda a nossa gratidão.

O. B.

A ESQUADRA AMERICANA Á ENTRADA DA BARRA DO RIO DE JANEIRO

O Pan-Americanismo

A HORA em que são traçadas estas linhas, enfileiram-se na nossa estupenda bahia as formidaveis e possantes unidades com que os Estados Unidos da America do Norte passeiam, em plena paz, o seu incontrastavel poder naval por varias partes do mundo. O pavilhão desse povo excepcional, estrellado como o firmamento, é como o horóscopo dos seus proprios destinos.

Certo não ha, contemplando essa esquadra — a mais numerosa e a mais notavel de quantas têm sulcado aguas brasileiras — coração que se não dilate e se não sinta acalentado desta fé que vai enchendo a alma americana, e desta esperança que anda por cima das patrias, alliando os povos do continente sob o pensamento da unidade moral e dos destinos do Novo Mundo. Ha qualquer coisa, nesie momento, que lembra a magestade dos grandes dias da historia.

Máo grado, entretanto, a nossa marcha ascencional no concerto da civilisação moderna, queremos suppor que não é igual a confiança no futuro da America, nem unanime o enthusiasmo pelo papel que nos vai caber no grande drama do mundo Queremos, mesmo, crer na existencia de cégos que não veem a claridade de uma aurora nova na politica universal ou a côr do dia que surge nos horisontes que se abrem. O que, porém, apezar de tudo, de todas as divergencias, de toda a diversidade de pensar e da sentir em relação aos grandes themas que se vão creando para as nações deste hemispherio, pode-se desassombradamente proclamar — porque é verdade indiscutivel — é que se acha instituida a causa americana.

Queira ou não queira o Velho Mundo — a America tem lançado o seu destino. Pela situação excepcional em que a puzeram as proprias condições geographicas, intercalando-a entre a Asia meditativa e veneravel e a Europa cheia de vertigens, como si a animasse, em toda a vasta trajectoria de sua vida historica, o espirito de amor e de resurreição que se ergueu lá daquelle tumulo sagrado da Jerusalém rediviva; pelos antecedentes da sua existencia; pelo modo porque surgiu das profundezas dos tempos para o grande espctaculo e para a tragedia immensa destes quatro seculos em que se fez para aqui a trasladação das velhas culturas, que resumiam e consubstanciavam cinco mil annos de historia — esta nossa formosa America veiu iniciar e veiu proclamar aos quatro ventos do quadrante uma éra nova para a vida do planeta.

Bem sabemos que a Europa representa ainda tudo o que tem de mais bello e mais refulgente o espirito da civilisação occidental. E sabemos, tambem, que toda a luz que se projecta daquella alma de mundo não ganhou ainda intensidade para fundir numa unica visão as tendencias e os impulsos daquellas raças heroicas, que têm direito ao nosso culto, mas com as quaes é preciso que enfrente, augusta e decisiva, a nova consciencia humana, que nós outros representamos. E' perfeita, neste ponto, nosso accordo com esse bello espirito de Arthur Orlando, que proclama, em seu interessante livro — o *Pan-Americanismo* — com inteira e absoluta confiança, a causa da America perante o mundo

Diz logicamente o erudito compatricio: esta causa veiu tendo a sua causa formal desde Bolivar, no momento em que este bem formado e generoso coração, concretisando o pensamento americano, instituiu o vasto ideal, que deveria, alliar, em tempo, todo o hemispherio. Por honra nossa, não podemos nem devemos calar o engano em que, como Arthur Orlando, tantos outros altos espiritos hão cahido, no ponto em que affirma que, ao reclamo e ao protesto de Bolivar só tres republicas da America do Sul corresponderam, como si a patria dos nossos pais se deixasse ficar em egoistico criminoso, inexplicavel afastamento da alma gloriosa que surgia. Felizmente não é exacto que o Brasil fosse excluido daquelle concerto, com que sonhára o immortal fundador de cinco das nacionalidades, que constellam hoje o firmamento americano.

Nem era de suppor que o espirito daquelle soldado heroico, o maior vulto da epocha da independencia Sul-americana, se deixasse cegar de paixões pouco legitimas, quando levantou tão alto o principio de que iam viver aqui os povos que se emancipavam. Quem tratava da soberana justiça entre as nações; quem fazia da liberdade, da grandeza continental a obra suprema da mais edificante das vidas que foram aqui illustradas no culto da civilisação futura — é claro que não poderia andar vendo questiunculas de fórma de governo onde só havia a superior e magestosa fórma da nova ordem social, que no Novo Mundo se instituia. O Brasil, como todas as outras nações americanas, foi solicitado para dar o seu concurso áquella obra, mesmo porque o povo brasileiro, tão americano como os seus co-irmãos, não era, naquelle instante, apenas o seu governo. E, si nós outros, não estivemos em Panamá, nem em Tucubaya, nem, mais tarde, em Lima, é porque o governo do Brasil entendeu que a nossa presença por ali dependia de condições que habilitassem o nosso representante a entrar nesse conclave politico com uma perfeita con-

sciencia da obra que se pretendia levar avante. Isto nos desvanece — esta certeza de o Brasil não esteve separado do continente desde o momento em que se creou e se consubstanciou o papel da America perante a Europa.

Esse papel está hoje perfeitamente determinado pelas proprias condições historicas, que crearam a actual situação economica do mundo.

O mesmo auctor do *Pan-Americanismo* assignalou que aos Estados Unidos é que «coube interpretar o extraordinario papel do Pacifico no grande drama da civilisação.» E', realmente, para as duas vertentes daquelle oceano que se vai deslocar o eixo economico do mundo.

O exalçamento do Japão lá no extremo Oriente, póde-se dizer, veiu difinir, de uma vez, a nova ordem que se vai fazer no planeta. Assumindo a voz de commando á frente, não diremos da raça amarella, para não fazer uma questão de raças daquillo que tem de constituir uma questão humana, mas á frente de uma civilização e de uma cltura radicalmente diversas da cultura e da civilisação do Occidente; assumindo a voz de commando, o povo nippão, hoje numa larga preeminencia e tendo o immenso e radiante prestigio da gloria militar, toma francamente, heroicamente a direcção dos povos da Asia Oriental — a unica força que lhes faltava até agora para entrarem, formidaveis, na vasta e tremenda competição universal, que se inaugura no mundo. Podemos ter como certo — e para ver isto é bastante ter olhos — que o norte do Pacifico vai ser, dentro em pouco, o vasto theatro da actividade universal, e que para ali se desloca, inevitavelmente, o eixo, tanto da supremacia militar, como do poder economico do planeta.

E, si ha uma força, que possa amanhã servir de contrapeso ao ascendente poderio e grandeza do Japão — é, sem duvida, a força que a America representa. A' magestade com que surge no horisonte do mundo a estrella do admiravel Imperio do Sol-nascente, só a gloriosa America, a Terra da mediação, na phrase de Edgar Quinet, é capaz de oppor um brilho comparavel. Mas, do Novo Mundo, a grande União no Norte é, por emquanto, a nação mais poderosa e mais prospera, e, por isso mesmo, a mais capaz de contrastar com o Japão, e, pelo menos, de dividir com a Asia Oriental as vantagens da nova situação economica. E' esta a soberana causa que se impõe aos povos americanos: não entregar ao Imperio da Azia a direcção da economia universal, cujo centro passa para o nosso hemispherio. E' comprehendendo assim, do alto, a missão da America, que é preciso proclamar a alliança geral dos americanos, sem distincção de raças ou nacionalidades. E, para nós outros, latinos, confessemos que a adhesão sincera e enthusiastica a esta causa chega a ser uma simples questão de bom sense politico e de uma intelligencia muito nitida dos nossos destinos.

Ninguem poderia negar que, só por si, os Estados Unidos estão no caso de exercer, diante do Japão e do resurgimento geral, que elle começa a presidir no extremo da Asia, o destacado papel que a sua riqueza, a competencia dos seus homens, o valor da sua esquadra e dos seus exercitos, o espirito das suas instituições, a solidez do seu governo — lhes vieram preparando, desde Washington até Roosevelt. Hoje, a União Americana constitue no mundo uma força incontrastavel. E essa força — phenomeno novo e estranho na historia — não a deve o extraordinario povo apenas á indefectivel acção com que tem correspondido ás munificencias de uma natureza prodigiosa: deve-a, mais do que a todas as maravilhas de uma civilisação industrial sem exemplo, até agora, no mundo — deve-a a essa veneravel, sagrada consciencia com que se ergue de fronte altiva e serena diante dos maiores povos, entre os que estão governando a terra. Dia-se-ia que esses homens são filhos de uma unica e excellente raça espiritual, raça em cuja alma ha, antes de tudo, o empenho de levar sempre intangivel a tradicção da justiça, dos principios liberaes, do amor da liberdade.

Uma vez que só o povo dos Estados Unidos do Norte seria capaz de dirigir, de sustentar de defender a causa americana (principalmente depois que, pelo canal de Panamá, tornar-se elle senhor dos dois oceanos,) — não é licito perguntar: não será exacto, então, que procurando associar para a vasta missão que compete á America, todos os povos do continente, não será exacto, que ainda neste empenho, dão provas os Estados Unidos de que têm a mais elevada comprehensão do papel que tomam a si? E que nos cumpriria, portanto, á nós povos das duas Americas, sinão o accordo mais perfeito, a mais enthusiastica adhesão á obra que é de todos, porque aproveita a todo o hemispherio?

Não é de agora, porém, que comprehendemos como os nossos destinos de povo não se pódem separar da communhão continental, fortalecido e vivificado pelo gigante do Norte. Vinha a pello, caso a latitude deste trabalho comportasse, um retrospecto dos sentimentos geraes com que os brasileiros, desde os tempos coloniaes se affeiçoaram aos norte-americanos; e, sobretudo, dos impulsos que sempre nos impelliam para esta bella alliança moral, que o espirito superior e a alma americana de Elihu Root andou a fazer das duas Americas. Mas um facto ha que, por significativo, precisa de ser revivido: o projecto ou a indicação, apresentado á nossa Assembléa Geral, logo depois

da abdicação; projecto que foi denominado — *a idéa dos Franças*, por ter sido patrocinado pelos tres Ferreira França, Cornelio, Antonio e Ernesto, e que dava, naquelle momento difficil da regencia, um testemunho sério, indiscutivel, da nossa alma de povo em relação á Norte-America. Para dar uma idéa desse projecto dos Franças, basta recordar que por elle se autorisava o poder executivo a celebrar mais do que um simples tratado de alliança — uma verdadeira causa commum, propriamente uma quasi incorporação dos dois povos — tão poderosa e irresistivel era a corrente de sympathia que se tinha creado e desenvolvido entre brasileiros e norte-americanos E, talvez a isso — ao facto de ser excessivo e fóra das normas internacionaes o que se pretendia — deixou de ser viavel aquella proposição.

Daquelles tempos até hoje, um instante siquer esmoreceram os sentimentos reciprocos que alliam a nação brasileira e a patria de Washington.

Chegamos ao momento de não disfarçar a intensa e viva alegria com que vemos o Brasil definitivamente identificado no mesmo ideal, no amor da justiça, no respeito da liberdade — em summa — no sentimento, profundo e indestructivel, da causa continental. Nem é necessaria mais: ahi está, esplendente como o sol meridiano, a alma deste povo aberta para a éra que sa installa. A Conferencia Pan-Americana, a excursão de Elihu Root, e esta visita da poderosa esquadra são, afóra significação de outra ordem, e foram, um ensejo propicio para que se aferissem os nossos sentimentos e se tivessem, irrecusaveis, as provas mais solemnes de que hoje é *uno* o ideal da America, e de que, quanto á nós, brasileiros, esse ideal está radicado no espirito e no coração de todos os que nesta terra se apercebem da hora da nacionalidade. Para isto, em concurso com as tradições da nossa historia, existem a intelligencia e o valor de uma familia de homens que estão constituidos em arautos da nossa fé, em apostolos do grande ideal que se concretisa, em pontifices da alliança que se proclama. Mesmo incorrendo no perigo de esquecer nomes, abalançamo-nos a destacar alguns, cuja imposição se não discute, pois formam, por assim dizer, hoje, as grandes figuras do que bem poderiamos chamar PARTIDO AMERICANO: Joaquim Nabuco, nome vinculado á campanha abolicionista, campanha que lhe deve as mais emocionantes e formosas paginas de eloquencia parlamentar, e cujo peregrino talento é uma ponte de crystal sonoro entre as duas Americas; Assis Brasil, o austero democrata, espirito de largo descortino, educado na escola da honra e do trabalho; Quintino Bocayuva; o excelso jornalista, evangelisador dos grandes ideaes do amor e da justiça; Ruy Barbosa que, ainda ha pouco, dentro da propria Europa, forçou a fallencia da força diante da razão dignificada pelo genio e pelo saber, e esse — ante cujo conspecto temos a sensação de acharmo-nos em presença de um vulto sobrehumano, porque é, em verdade, uma eloquente figura representativa. O Barão do Rio Branco, por honra nossa, é uma expressão victoriosa e limpida de tudo o que tem de mais alto, de mais augusto, de mais fúlgido o nosso espirito de povo.

Pela sua elevada cultura, pelos seus talentos, revelados nas posições mais eminentes da diplomacia e nos problemas de mais vulto das nossas relações internacionaes — o Barão do Rio Branco é um homem destes que edificam gerações inteiras. Uma vida que, em um decennio, realisa a obra, multipla, enorme, incalculavel, que este realisou, entra na historia do mundo coberta de admiração e de bençãos.

Sejam, pois, as ultimas linhas desta ensossa estirada uma exhortação dirigida á Patria amada no excepcional momento em que ella se encontra: nós todos, que sentimos a causa americana, precisamos de concretisal-a numa fórmula ou numa representação palpitante e perfeita: fiquemos em torno desta grande figura!

LEONCIO CORREIA.

Os Pintores da Fealdade

PINTORES da fealdade! E' provavel que vos sorriáis, meus senhores, a esta escolha, por achar exquisito e desprimoroso semelhante assumpto em casos ductis da fidalga esthética.

Mas é assim, é pura verdade, se ha verdades puras no pretendido materialismo desta vida incerta e fugace

Em todos os tempos pintores houve que se interessaram e se occuparam com o feio, perpetuando nos muros, nas télas e nas chapas, o disforme e asymetrico delineio de seus corpos. Já me não refiro á fealdade inconsciente dos primitivos, que a fizeram por esquerdice. Refiro-me a cópia do feio, por intencionalidade de o fixar como documento hilare de um tempo, senão pelo ridiculo ou charrice do typo, ou pela obrigação de o reter em retrato com a paga necessaria ás rudes exigencias da vida.

Mas ha fealdades que se diluem e se minóram na expressão superior dum elevado moral ou duma radiante intellectualidade, refundindo os typos e lhes dando em sympathia o quando lhes faltou n'harmonia das traços e no equilibrio das fórmas.

Está neste caso o retrato de um magistrado por Chirlandajo, pertencente á galeria do Louvre.

Pela reprodução junto ver-se-á que o modelo não podia ser mais completo no genero, chega a parecer que houve proposito em o destacar do commum pela preoccupação de um ridiculo, mas Charles Ephrussi, que o estudou, nol-o descreve por estas palavras:

"Sua physionomia respira uma profunda bondade; seu olhar se abaixa para o menino com o affecto de um avô carinhoso. Um enorme nariz, horrivelmente brotado de verrugas e vesiculas, em vez de empecer essa expressão de penetrante ternura, mais lh'a augmenta e lhe dá uma feição particular; parece que o bom velho demonstra ao seu néto todo o contentamento, que o consola, com essa prova de amor e de caricia apesar da repellente deformidade do seu rosto."

Está, pois, atenuada a fealdade O artista, copiando o original, percebeu-lhe a alma, pôz em fóco a grandeza moral que o desviava do

RETRATO DE UM MAGISTRADO — POR CHIRLANDAJO

grosseiro. Não é um labrego boçal, escalavrado de vicios brutaes; é uma natureza imperfeita que guarda uma alma nobre e, acceitando-se a competente opinião do citado Ephrussi, esse quadro representa um magistrado florentino, talvez membro da familia Rodolfi, ali florescente no XV seculo, e que deu á rival de Veneza mais de um magistrado distincto.

O nome dos Ridolfi foi lembrado por ser o quadro procedente dessa casa florentina.

THOMAZ INGHIRAMI — DE RAPHAEL

Raphael, mestre da proporção, o *divino*, como o chamaram, tambem não se esquivou de retratar as fealdades do seu tempo.

Pondo de parte o retrato do duque Frederico de Urbino, deve-se destacar o de Thomaz de Inghirami, que é uma das obras mais fielmente copiadas do natural, que se conhece, do grande rebuscador da perfeição feminina.

Esse Inghirami foi uma individualidade na sua época.

Vinha de uma familia nobre de Volterra, na Toscana, e nasceu em 1470. Desde muito moço, aos 23 annos, entrou "com o pé direito" na vida. Lourenço, o Magnifico, protegeu-o. Enviado como auxiliar junto ao cardeal Bernardo Corvaja na sua nunciatura n'Allemanha, teve a opportunidade de pronunciar uma arenga em latim diante do imperador Maximiliano, o que lhe valeu o premio da coroa poetica, raramente concedido, e o titulo de conde palatino.

De volta á Roma, que era a sua *patria adoptiva*, causou enorme successo com uma oração funebre recitada nas exequias do duque de Gaudie, assinado por seu irmão Cesar Borgia. Possuia, a par disso, extraordinario talento de comediante, conseguindo desmedido exito no papel de Phedra, do *Hyppolito* de Séneca. Em uma das scenas, arrebatou por tal modo a platéa, que todos os espectadores, movidos num mesmo arranco, agitando braços, batendo as palmas, gritaram *a una voce*, em acclamação: *bravo, Phedra!*

E por este nome ficou elle conhecido na luxuosa Roma, antonomasia que lhe ia bem, porquanto — assim nos relata um seu contemporaneo — rivalisava em elegancia e graça com a donairosa irmã do archiduque.

Aos 40 annos, porém, começou a engordar. Em pouco tempo estava obeso. Foi com esse typo rotundo e pesadão, que Raphael, um dos seus admiradores, o retratou.

Inghirami perdera o talhe feminilmente gracil, que os fadres tanto elogiavam; fizera-se lérdo, e sem duvida com incalculavel contrariedade afastára-se do theatro. Estava sob a protecção de Julio II, como já estivera sob a de Alexandre VI, e era bibliothecario do Vaticano, guarda dos archivos secretos do castello de Sant'Angelo, conego de São João de Latrão e bispo de Ragusa.

Como se vé, Thomaz de Inghirami teve um alto relevo na sua época, foi alguem, não obstante a confusão estabelecida no seu sexo com o cognome adquirido pelo triumfo no papel de *Phedra*. D'ahi..... Que o bom Deus me soccorra com a discreção, porque me não propuz biographar o nobre bispo de Ragusa.

Dizem todos, e entre muitos. o abalisado Eugenio Müntz, que esse magnifico retrato é de tal maneira copiado d'*après nature*, tão fielmente cingido ao modelo, que se o poderia attribuir ao rigoroso naturalismo de Holbein se, em 1498, elle já pintasse, e caso se perdesse memoria do seu verdadeiro auctor.

Mas, *Phedra* ou Thomaz Ingherami, que havia rivalisado em graça e distincção de maneiras com a mais formosa e nobre dama da côrte romana, não era bonito. Verifica-se isso no seu retrato.

Ainda mesmo que menos gordo, e nada obeso, o estrabismo dava-lhe á physionomia uma irregularidade desagradavel. O que elle teve, é de acreditar-se, foi essa expressão intelligentissima, como que illuminada, que a gordura lhe não pôde tirar. Deve-se julgar que, na sua mocidade, ella lhe fosse mais viva, mais fascinadora, talvez mesmo inquietante.

Nenhuma escola, porém, foi mais fertil na pintura da fealdade do que a hespanhola. Chega a parecer um contrasenso! No em tanto, o *feio*, na pintura hespanhola, é realmente feio, mui raro se salva pela viveza intellectual da physionomia como no referido retrato de Raphael, ou pela affectibilidade externada no *magistrado* de Chirlandajo. E' o charro, o lapuz, o grutesco achavascado e chafurdeiro.

PABLILLOS DE VALLADOLID — POR VELASQUEZ

Aqui temos o retrato de *Pablillos*, o bobo de Filippe IV, *truan ó hombre de placer*, como o indicavam nos inventarios do rei.

Velasquez fel-o a crú, com a preoccupação unica de o retratar, como retratou *el Primo*, *Antonio el inglès* e *Juan de Austria*. São os anões e os lobos, os bossudos e os fracos de espirito que formaram a turba da bufonaria para o desfastio d'horas aborridas dos grandes senhores, que chasqueavam da desgraça.

Muitas vezes os que julgavam se divertir com esses *quasimodos*, eram suas proprias victimas, porque a impostura habilidosa sabia tirar partido de certas deformidades e preencher essa triste condição de *bobo da côrte*.

Era ella, então, quem ria!

Brusquet, o *bobo*, ou melhor o jogral que fez rir quatro monarchas, entre os quaes o grave, taciturno Felippe II, foi dessa especie.

EL PRIMO — POR VELASQUEZ

Houve quem dissésse delle: "*On peut dire de lui qu'il est véritablement le maitre de chœur des buffons en titre d'office.*" E assim Angely, maráo e manièlo, de quem fala Boileau nas suas satyras:

Un poète á la cour fut jadis a la mode,
Mais des fous aujourd'hui c'est le plus incommode
Et l'esprit le plus beau, l'auteur le plus poli,
N'y parviendra jamais au sort de l'Angely.

Aponta-se tambem Triboulet, que se tornou famoso com o *Roi S'amuse* de Victor Hugo.

Triboulet, porém, não foi o energico e heroico personagem criado pela imaginação do genial poeta. Nicolas Ferrial, que era o seu verdadeiro nome, não pertenceu á especie de imbecis tregeiteiros, a guinchar parvoices que estimulavam cachinadas; era um deformado, bossudo e torcido, mais para jogral do que para bobo, e viveu sempre com regalias por seu bom humor, pela presteza do seu espirito, pela facilidade e rebuço das suas palavras escarninhas ou chistosas. Luiz XII estimou-o e Francisco I admirava-se que "*si gentil esprit se fut logé dans si vilain corps.*"

.....Na côrte hespanhola, que nos conste, os bufões não tiveram grande espirito; eram chocarreiros e palhaços. Foi essa gente que Velasquez pintou.

Em *el Primo*, apesar da fealdade, ainda se lhe apanha o quer que seja de solérte, de traço intelligente. Mas em *Pablillos de Valladolid* a physionomia é de uma estupidez acabrunhadora. Dóe-nos sabel-o homem.

Ribeira que tambem se comprazia em pintar a fealdade, teve mais commiseração pelo genero humano. O *pé-torto* é um desgraçado em que o espirito não se inculca obtuso ou nullo. Feio, como é, não entristece; a expressão dos seus olhos, a largura e desembaraço da sua fronte, um laivo de sarcasmo no seu sorriso forçado, dão-lhe vida, entendimento, um vislumbre de espiritualidade. E se o empolgante Francisco Goya, pintando a fealdade, que muito lhe serviu de assumpto, foi tragico quando não fazia a tremenda ironia do *Nada!*, Ribera, posto-què ás vezes terrivel, fez sorrir mas não nos deu desgosto com a repugnancia do nosso semelhante.

EL-TORTO — DE RIBERA

Afinal, que vale este grão de areia no esplendor do artista da *Confraria dos Bebedores* e da *Rendição de Breda ?...*

Elle pintou a verdade, que é esta que ahi está, e que temos e eternamente teremos deante dos nossos olhos, a despeito da nossa irrisoria pretenção!

GONZAGA DUQUE.

O Quintal e a Porta

DEZ horas de uma linda noite de lua, quente e abafadiça.

Fugiramos do calor estonteante da Cidade, eu e Marcio, para o socego daquelle delicioso trecho d'arrabalde á beira mar, á procura de um pouco de ar livre e sadio, desafogados, amplamente, das exhalações suffocantes das cantarias das construcções e do asphalto pezado das Ruas.

Na Avenida, naquelle unico trecho procurado á noite, que vae do alpendre grotesco da "Jardim Botanico", á esquina larga e nova da Rua da Assembléa, formigava uma bufadora massa de gente suada e quente.

Rapazes de roupas claras, estatelavam-se á frente dos cinematographos, lendo annuncios, esperando a vez Senhoras galantes, de vestuarios leves; homens consideraveis de fraque de alpaca e chapéo do chile, emfim, cruzava e enchia todo aquelle pequeno largo de Rua, uma legião que sahira de casa, da abafada concentração do calor caseiro, para pedir á Cidade um pouco de ar confortante e sadio.

E toda aquella gente reunira-se alli naquelle curto espaço de um quarteirão, arrastando-se ao abafamento dos cinematographos, refestelando-se pelas cadeiras incommodas do "Jeremias", transbordando pelas pequenas mezas dessa fornalha aceza, que é á noite o restaurante "Franciskaner", a sorver gelados, a abanar-se desesperadamente.

Longe, para os lados pacificos do Convento da Ajuda, surgiram clarões rubros e verdes, echoaram gritos de vivorio e pandega e ribombaram, atroadores e sinistros, os primeiros compassos insipidos de um formidavel Zé-Pereira, em uma prematura exhibição de loucuras carnavalescas.

Foi quando eu e Marcio, decidimos abalar para a largueza benefica dos arrabaldes.

— Não sei porque — raciocinava Marcio — esta incomprehensivel preferencia por aquelle resumido trecho da Avenida, quando ella é tão grande, tão larga, tão arejada.

Não se comprehende bem, porque, em uma noite quente como esta, com esta belleza de luar, hade a gente agglomerar-se á porta dos cinematographos, em um determinado ponto da Avenida, quando seria mais racional, mais logico, que se procurasse a largueza dos jardins, a orla branca das praias, a companhia galante e consoladora da vegetação civilizada e limpa. Não sei porque... Deves comprehender que não se é civilizado pelo simples motivo futil de se possuir novas Avenidas e jardins floridos. E' preciso tambem tirar á Civilização os proveitos reaes e ás commodidades decorativas que ella nos offerece. Assim penso eu.

O facto, a verdade inteira e exacta, é que estas espaçadas injecções de Civilização que nos andam proporcionando, difficilmente nos depurarão o velho sangue d'aldeia, dessa porção bolorenta de habitos patriarchaes, que nos comprimiam nos incommodos de uma rua estreita e nos abafavam nas pequenas salas das nossas antigas confeitarias e dos nossos cafés detestaveis.

* * *

Quando chegamos ao airoso "bar" da extincta praia de Botafogo havia, por todo elle, a desolação triste dos grandes abandonos.

Apenas, á uma das mezas, junto á grade, ao fundo, dois inglezes e uma ingleza, bebiam silenciosamente. Os *garçons* sonnolentos, amparavam-se ás mezas vulgares de vime pintadas á tinta branca. Sentamo-nos desolados e pedimos bebidas.

O luar punha fulgurações palidas de aço novo por toda aquella vasta superficie d'enseada ampla, comprimida entre a muralha avelludada e escura dos morros e o semi-circulo branco da cantaria nova do caes.

Estava lindo!

As alamedas claras desse incomparavel passeio, que é hoje a Praia de Botafogo, jaziam silenciosamente vazias e tristes.

Aqui e alli, um ou outro sujeito despreoccupado, olhava o mar. Junto da amurada larga do caes duas ou tres mulatinhas, tresandando a perfumes de banha e barulhentas de goma forte ás saias, namoravam delambidamente, o seu classico guarda civil

De quando em quando, um automovel d'aluguel, fonfonava roufenho e passava rapido.

Marcio, aborrecido, bocejou:

— Aqui está, em resumo, a vida civilizada da tua admiravel cidade carioca. Gente que se agglomera em um limitado trecho de rua e gente que se deixa ficar em casa, com uns passeios destes á porta e uma lua destas a encher o Céu.

Fresca Civilisação, não ha duvida. — E sorvendo um pequeno trago do seu *wisky* e *pipermant*, continuou:

— Sabes tu, por acaso, a que devemos este abandono? Ao quintal e á porta.

Ao nosso extraordinario quintal e á função familiar da nossa porta. Sim, nós não nos habituamos ainda á alegria e ao convivio da Rua.

Se se fica tão bem, de chinellos e pijama, á porta da rua ou do quintal, a conversar com a visinhança, para que ha de a gente entronhar-se em roupas leves e vir gozar o carinho velludoso de uma luar destes, na commodidade civilizada dos nossos lindos logradouros publicos.

Tu sabes, tanto como eu, quanto um quintal valorisa uma casa e quanto uma porta bem situada representa de bem venturoso, na felicidade familiar.

Se sahires agora daqui e te deres ao trabalho de percorrer as ruas principaes e notadas do bairro, hasde ver que ás portas florescem as alegrias expansivas das meninas e dos rapazes.

Experimenta e verás.

Assim é o quintal. Quantas e quantas vezes terás tido occasião de ouvir esta deliciosa e ingenua consideração familiar:

«A casa é excellente; tem todas as accomodações necessarias á nossa familia; é completamente nova; fica mesmo na praia de Botafogo, mesmo em frente á Avenida; mas... não tem quintal, não tem mesmo nem um palmo de quintal, apenas um terracinho á tôa».

Ah! não tem quintal? Porque não disseste logo?

Então, não serve; não serve absolutamente. Sem quintal!...

Ou então esta outra no mesmo teor simples e patriarchal:

«A casa não é muito nova; precisa mesmo de varios concertos urgentes. O fogão é velho e está estragado; não tem banheiro; em compensação tem um explendido, um magnifico quintal» E aluga-se a casa immediatamente.

Pelas proximidades da hora do jantar, antes que o papá chegue da Repartição ou do Escriptorio, ás mamãs vestem roupa limpa nos pequenos e mandam-nos brincar no... quintal ou passeiar na porta, com a recommendação expressa de «não sahirem da calçada».

Ah! a porta! A extraordinaria porta das casas cariocas.

Com que radiosa ventura, não declara a circumspecta mamã anafada que, felizmente, «agora tudo lhe passa na porta».

Com que graça civilisada e simples as nossas deliciosas senhoritas não affirmam que nem lhes é mais preciso sahir de casa, "fica-se na porta e assiste-se a tudo, festas, corso, carnaval, tudo, tudo.

— E' o que te digo, depois do marido, a porta e o quintal, são os dois elementos mais necessarios á felicidade da familia.

* * *

E sorvendo o ultimo trago da sua bebida predilecta, Marcio, exclamou vagarosamente:
— Não ha duvida, o Rio civiliza-se. —

MARIO PEDERNEIRAS.

Do Atlantico ao Pacifico

O GALEÃO de prôa alterosa e velas concavas symbolisa triumphalmente a era dos navegadores, todo o impulso de esperança e de aventura que os arrojava para o Mar Tenebroso, num lenho fragil, de pannos desferrados aos ventos e oscillando na furia do temporal, como na incerteza do seu rumo. Assim, este seculo, mal vem luzindo a estrella d'alva sobre as primeiras manhãs, já tem a symbolisal-o a imagem que se reproduz, bellicosa e ameaçadora, lembrando movimentos de exterminio e conquista, deslocações de forças collectivas, a discordia e o embate das raças guerreiras, por estas paginas onde a Arte se compraz em fixar os aspectos mais serenos ou mais graciosos da vida.

E' possivel que elle, ao declinar, magnificamente realise a confraternidade planetaria, e com elle floresça numa deleitosa paz a terra ensanguentada pelos nossos odios, repartida pelas nossas ambições. Mas, emquanto a illusão dos optimistas não se converte nesse reino sem exercitos e sem fronteiras, desdobrando-se de polo a polo sob a claridade e a magnificencia de um arco d'alliança, bem poderemos chamal-o no seu alvorecer, máo grado as palavras generosas ou conciliadoras das assembléas internacionaes — o seculo do *Dreadnought*.

A febre dos armamentos nunca foi tão abrasadora e tão allucinante, nunca se desenvolveu e se generalisou como neste momento em que a Justiça da conferencia de Haya, desdenhando os fracos, acaba de medir a capacidade juridica das nações pela tonelagem das marinhas de guerra. E toda a energia dos povos cujo destino rebrilha sobre o oiro accumulado ou sossobra na miseria insondavel, dos que invocam as mais formosas tradições de cultura humana e dos que, entre ruinas e andrajos, ainda ha pouco medravam na sua penuria e na sua inercia, acode ou renasce ao mesmo toque de clarim, gravita para o mesmo typo de poder naval, fundido nos estaleiros inglezes com inveja e assombro do mundo.

Não bastam os cruzadores blindados e velozes, as torpedeiras que se disfarçam nas sombras da noite, os submarinos occultando na limpidez e quietude das aguas a perfidia dos seus golpes, os rijos couraçados das antigas frotas, hoje minusculos e imprestaveis quasi, deante da potencia irreductivel que, deslocando mais de vinte mil toneladas, arrasta comsigo os destinos e as ambições das nacionalidades á superficie das vagas. Porque os mares novamente espumejam e ribombam, vagueados de monstros, como nos dias terriveis da Creação. Onde a natureza harmonisou e reduziu as formas originarias, o homem agora improvisa outras formas apavorantes, com que se orgulha o seu rude instincto de fera e em que a sua vaidade temerosamente se balouça.

Os *Dreadnoughts* multiplicam-se, alargam-se, revestem couraças mais espessas, navegam erriçados de canhões mais trovejantes — e dentro de poucos annos, que bandeira não fluctuará sobre as torres e os mastros dessas naves collossaes? As suas boccas de fogo devoram os milhões orçamentarios, e escapa-se em fumo, pelas suas triplices chaminés, o que se produziu e arrecadou entre milhões de trabalhadores esfalfados. Por toda a parte se encommenda, ou se fabrica, ou se reclama aos brados, ou apenas se deseja confusamente, no anhelo torturante e secreto da posse alheia, um desses portadores de calamidades ou mensageiros de bons desejos, segundo o caso de Direito Internacional. Convertido finalmente ao diagramma de Guilherme II, o Reichstag medita a construcção de immensos *Dreadnoughts*. Projecta-os da mesma sorte, com a vehemencia e o ardor que lhe refazem a mocidade, quando a imaginamos decrepita por entre os seus loureiros, os seus marmores e as suas lagunas, a Italia renascida e unificada. A Russia, vasto matadouro de grãos duques, ao meio de hecatombe e iniquidades já divulgou, nos titulos de um emprestimo, o designio da reconstrucção da frota do Baltico, destruida nas aguas funestas de Tsoushima.

Sob o nevoeiro da Mancha se acastella na resistencia das novas blindagens de aço o orgulho britannico e uma liga de esforços e capitaes, fundando-se ás pressas, empunha o tridente da supremacia naval da Inglaterra, como se ainda não bastasse o cardume de náos que todos os annos resaltam e reluzem na crista das vagas, a um gesto dessa invicta senhora dos oceanos. No Japão, onde até as visceras dos peixes apodrecidos são hoje disputadas aos cães pela fome dos maltrapilhos (e sabemos que toda a voracidade japoneza se fartaria com um punhado de arroz), a ingenua tarefa das mulheres e das creanças, affeitas ao manejo das laccas e dos vasos de porcellana, é armar, brunir, dispôr infatigavelmente para a batalha os enormes vasos de guerra que sustentam a gloria do Mikado. A China, a propria China apathica e somnolenta, deixa as visões do opio, os livros de memorías e maximas, a taça fumegante do chá, e quer tambem os seus *Dreadnoughts*, com os famosos canhões de treze pollegadas.

Esperamos anciosamente os nossos, inquerindo sem cessar os horizontes claros ou tur-

vos, como se estivessemos numa ilha deserta, carregados de algemas e de opprobrios, á espera de libertadores sobrenaturaes, e vae por toda a visinhança uma algazarra que nos põe o sangue a ferver e um desafio lampejando no olhar.

Mas a impressão dominadora e avassallante dos mares coalhados de navios de guerra, monstruosos cetaceos invulneraveis, cidadellas fazendo-se ao largo e rompendo as brumas, scindindo as aguas encapelladas ou submissas, passeando emfim a sua arrogancia pela immensidade glauca, só a tivemos nestes primeiros dias do anno com a visita da esquadra norte americana, a bandeira das listas e das estrellas a ondular sobre dezeseis tremendos couraçados, em que o Presidente Roosevelt offerece ao mundo, com a simplicidade propria do genio e as salvas da pragmatica, uma suggestiva demonstração daquella these, não menos suggestiva, do seu compatriota Mahan: *a influencia do poder naval na historia*.

*
* *

Ah! era bem o sonho imperialista de Mahan o que resplandeceu ahi uma noite, emmoldurado pela ondulação de granito e verdura dos morros, projectando-se numa larga faixa de claridade até á orla espumosa da bahia. Sob a incandescencia dos focos branquejavam as moles gigantescas — o *Connecticut*, o *Georgia*, o *Minnesota*, o *Rhode Island*, outros mais, e ao contornar esses prodigiosos systemas de forças homogeneas, submettidas e disciplinadas pela arte de matar, comprehendiamos nitidamente como se desfazem todas as bolhas de sabão das nossas doutrinas e phantasias humanitarias batendo na muralha dos reductos ou no costado das náos apparelhadas para os bombardeios.

Nelson dizia que os vasos de guerra (e ninguem lhes conheceu mais fundamente as possibilidades) eram os melhores diplomatas da Europa. A acção diplomatica desses embaixadores formidandos universalisou-se, extendeu-se ás outras partes do mundo, e as notas do Livro Amarello, do Livro Branco e do Livro Verde, traçadas num recanto das chancellarias, não valem os seus radiogrammas, as suas evoluções, as flammulas que elles arvoram e os pharóes que accendem no topo dos mastaréos. Os pacifistas discursam e deblateram sob as abobadas do Ridderzaal com os governos á espreita e os reporters astutos ou maliciosos em volta, apinhados, cochichando e sorrindo. Egualmente impenetraveis, mas dessa impenetrabilidade que affronta em sua rigidez o proprio tiro dos canhões, reunem-se os diplomatas de Nelson debaixo da abobada celeste, num amphitheatro de montanhas, na curva de uma enseada tranquilla, na agitação dos mares procellosos, e decidem a sorte dos povos com a dialectica fulminante cujo vigor tudo empolga e domina. Mensageiros de amizade e alegria, empavezados para as bôas vindas, elles celebraram aqui uma nova Conferencia da Paz, emquanto o americanismo bordejava pelas ruas, alliando-se aos folguedos iniciaes do Carnaval, e o principio de Monroe soffregamente hauria o oxygenio restaurador das vidas chloroticas e languidas, sob os arvoredos da Tijuca. Não extranheis a singular Conferencia, tão fecunda para a victoria das idéas pacifistas como a outra, e por certo ainda mais representativa da Paz, que em verdade não é uma deusa, na phrase glacial e cortante de Roosevelt, senão quando cinge uma espada.

De resto, sulcando as aguas oceanicas da America, a frota commandada pelo nosso amigo Evans, tão bellicoso e tão rheumatico, é apenas a frota da Justiça e da Liberdade, conforme o tranquillisador e amavel despacho do grande Presidente. Se alguma das massas destruidoras que irrompem na Historia, de subito, como flagellos da divindade, ameaçar as nossas infortunadas republicas, os disparos do *Virginia* libertarão as gentes opprimidas. Se a negação violenta do Direito, impedindo o equilibrio e a segurança da coexistencia humana, desluzir as normas juridicas triumphantes neste continente, saberá no mesmo instante restabelecel-as a poderosa artilharia do *Georgia*. Mas do Atlantico ao Pacifico, de New-York á Magdalena Bay, a frota redemptora a pouco e pouco verá modificado o plano do seu destino: ella não vae ali despedaçar cadeias, nem fortalecer direitos, senão reduzir inexoravelmente o campo do prestigio e da concurrencia ao japonez de face glabra e sorriso perpetuo, que se multiplica nas Philippinas, ronda as ilhas Hawai, inunda S. Francisco da California, assalta o mercado da China, o tumultuoso mercado amarello em que extravasa a super-producção industrial do *Yankee*.

Não será isso, porventura, a melhor demonstracção da these darwinica, serenamente applicada por Mahan aos casos internacionaes? Ahi temos, defrontando-se numa hostilidade que as praxes da cortezia politica em vão dissimulam e attenuam, dous systemas antagonicos e duas raças inimigas, na espectativa da luta que firmará de vez a competencia preponderante, agora entendida por saxonios e mongóes como a supremacia naval no Pacifico. Ahi temos a mesma relação necessaria entre o homem e a terra suggerindo o conflicto, mantendo a espionagem, a desconfiança e o odio, atirando um contra o outro os mais energicos

e ousados typos deste cyclo historico, a singular iniciativa americana contra a singular tenacidade japoneza. Não se revoga, pois, a lei do accrescentamento com os devaneios e as formulas inuteis dos organisadores de paraizos artificiaes? Sobre as reminiscencias das leituras de Tolstoi se erigem as duras verdades que nos desenganam brutalmente, governando os homens e as suas acções. Tudo se resolve na expansão do mais forte e se resume na sobrevivencia do mais apto: ou as collectividades se armam, e combatem por esta sobrevivencia, ou desapparecem ao choque da hoste que se adeanta com as suas lanças em riste. Mahan disse a palavra suprema: ha um estado de inquietação aggressiva perpetuando-se na terra, os povos dominadores não reconhecem direitos inalienaveis quando se trata de collectividades, e é bom que o não esqueçam por mais tempo as nações detestadas pelos visinhos.

* * *

A esquadra do Pacifico realisa com esplendor e magestade um velho sonho de Roosevelt. Já em 1897, discursando no collegio naval, como assistente do Secretario da Marinha e como propagandista da organisação militar dos Estados Unidos, elle recordava aos seus patricios a maxima de Washington: «aprestemo-nos para a guerra se desejamos a paz. E emfim a riqueza, o saber e a honra da confederação norte americana podem repousar na efficiencia dos grandes couraçados oppostos aos inimigos da Europa e da Asia, ostentando as suas baterias, erguendo bem alto a bandeira das listas e das estrellas na defesa de um interesse ou de um ideal. Os elementos da nacionalidade construida pelo esforço dos operarios, dos industriaes, dos mercadores, dos homens que lavram a terra ou conduzem os rebanhos, combinam-se agora de outra sorte e produzem o typo viril, de intrepidez e devotamento, que Roosevelt considera o mais bello e mais nobre da especie. Um lampejo do heroismo de Farragut não vae mal ao poder economico de Rockefeller.

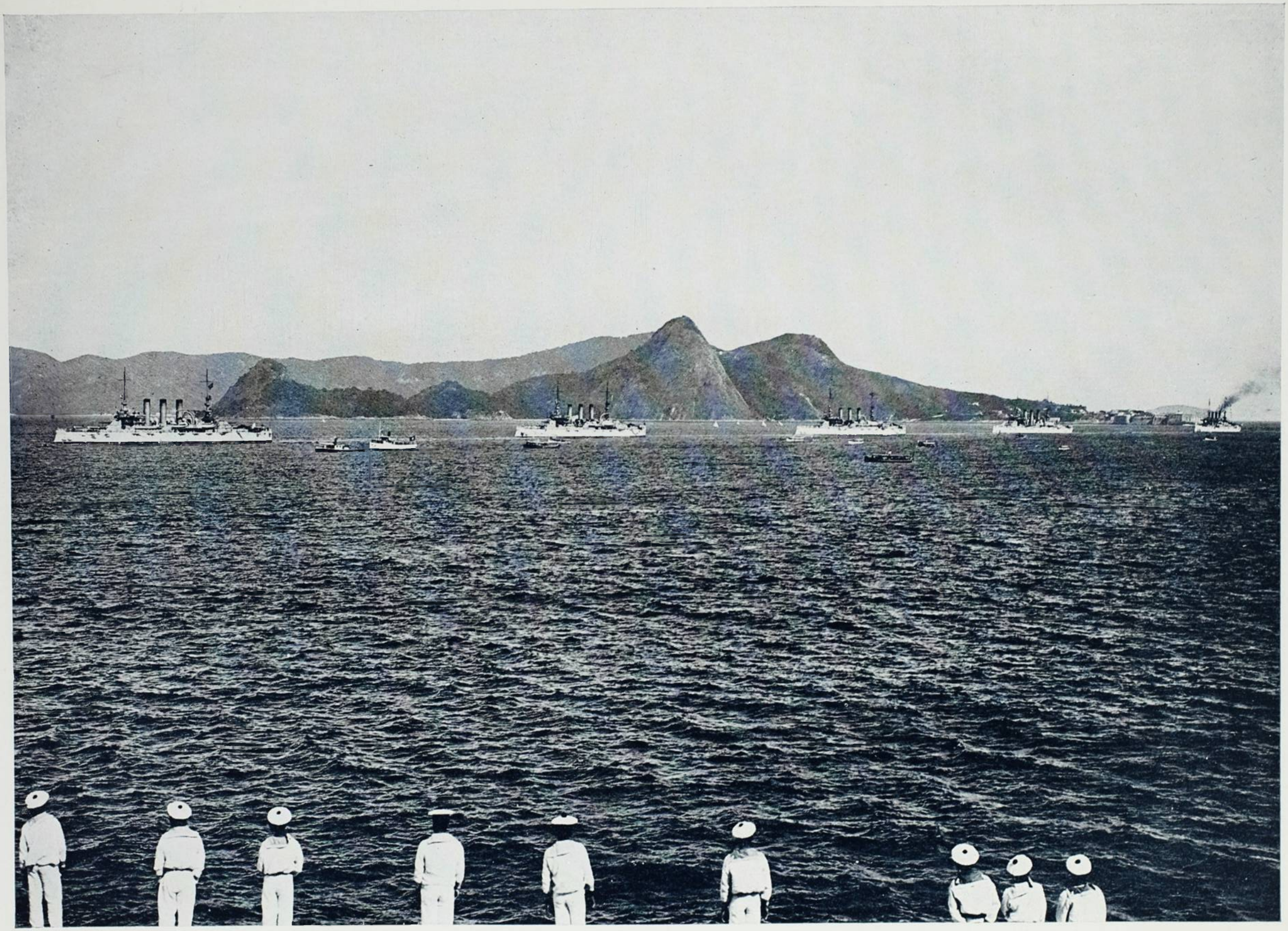
Será talvez opportuno lembrar algumas das palavras proferidas em 1897 pelo estadista que imprimiu ás tendencias e ás forças dos Estados Unidos a sua direcção actual:

«A náo do Estado não pode ser governada com firmeza senão quando é possivel dirigil-a contra qualquer inimigo, levando os seus raios enfeixados para o assalto. Um povo realmente grande, nobre, de alma heroica, prefere todos os desastres da guerra a essa ignobil prosperidade que se adquire á custa da honra nacional. Todas as grandes raças vencedoras têm sido raças combatentes, e se algumas della perde as rudes virtudes marciaes, seja qual fôr o seu patrimonio, ou a sua habilidade em commercio e finanças, em artes e sciencias, aliena o seu altivo direito a uma situação de prestigio e destaque.

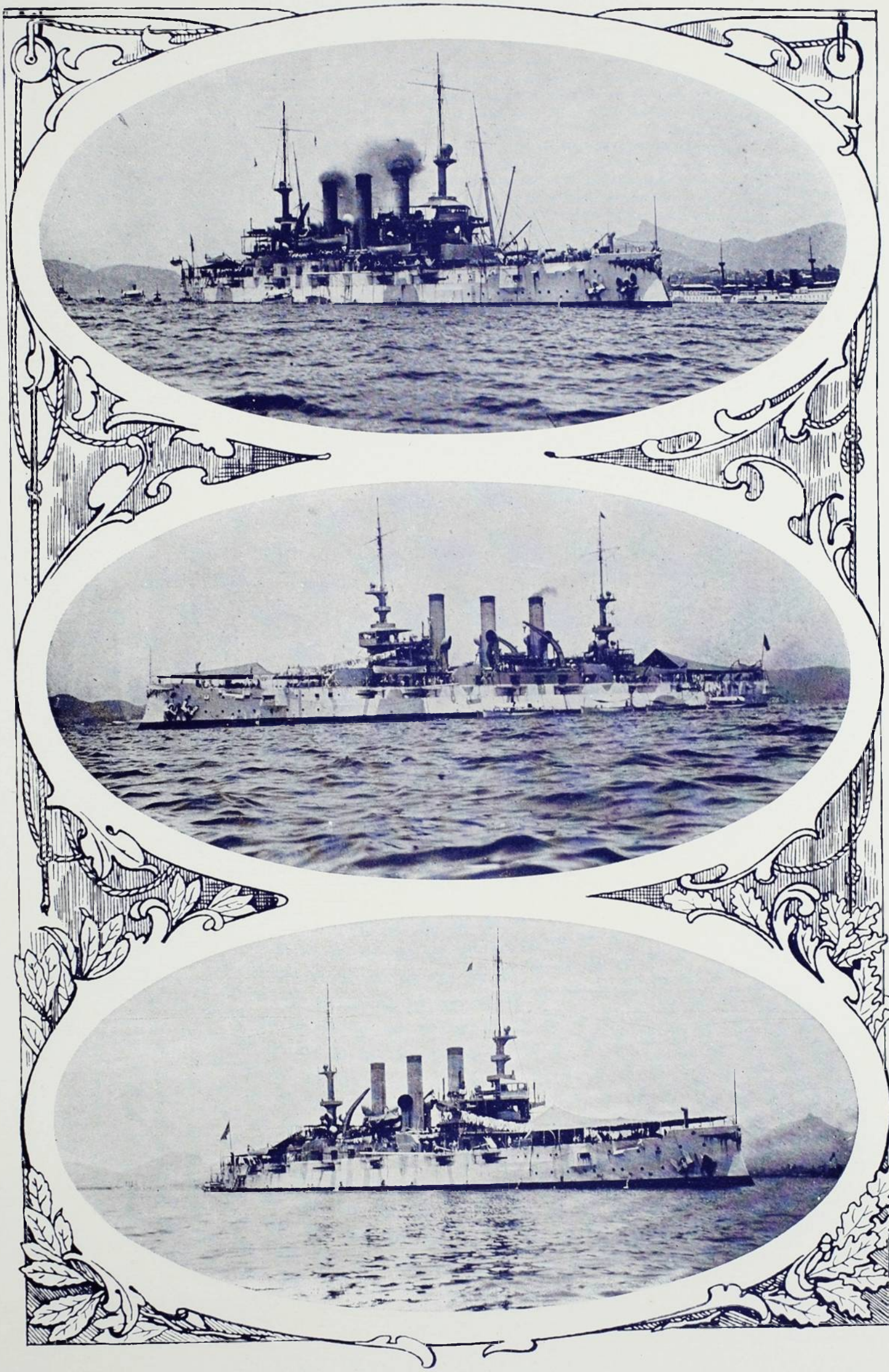
A covardia numa raça, como no individuo, é o peccado mais imperdoavel, e não se acautelar contra o perigo, voluntariamente, bem pode ser mais tarde, nos seus effeitos, um mal semelhante á covardia.»

Que a lição de Theodoro Roosevelt não seja esquecida pelos brasileiros, como não o foi, seguramente, a maxima de Washington entre os americanos, a partir de 1897, o que attestam de sobra as couraças e baterias da esquadra do Almirante Evans. A'quelles que se escudam no seu direito sem armas para o sustentar, quando o principio da Força, a evoluir dos selvagens para os systemas, desvaira e conflagra as sociedades humanas, reapparecendo atravez das civilisações, está inevitavelmente destinado o opprobrio da golilha e do azorrague...

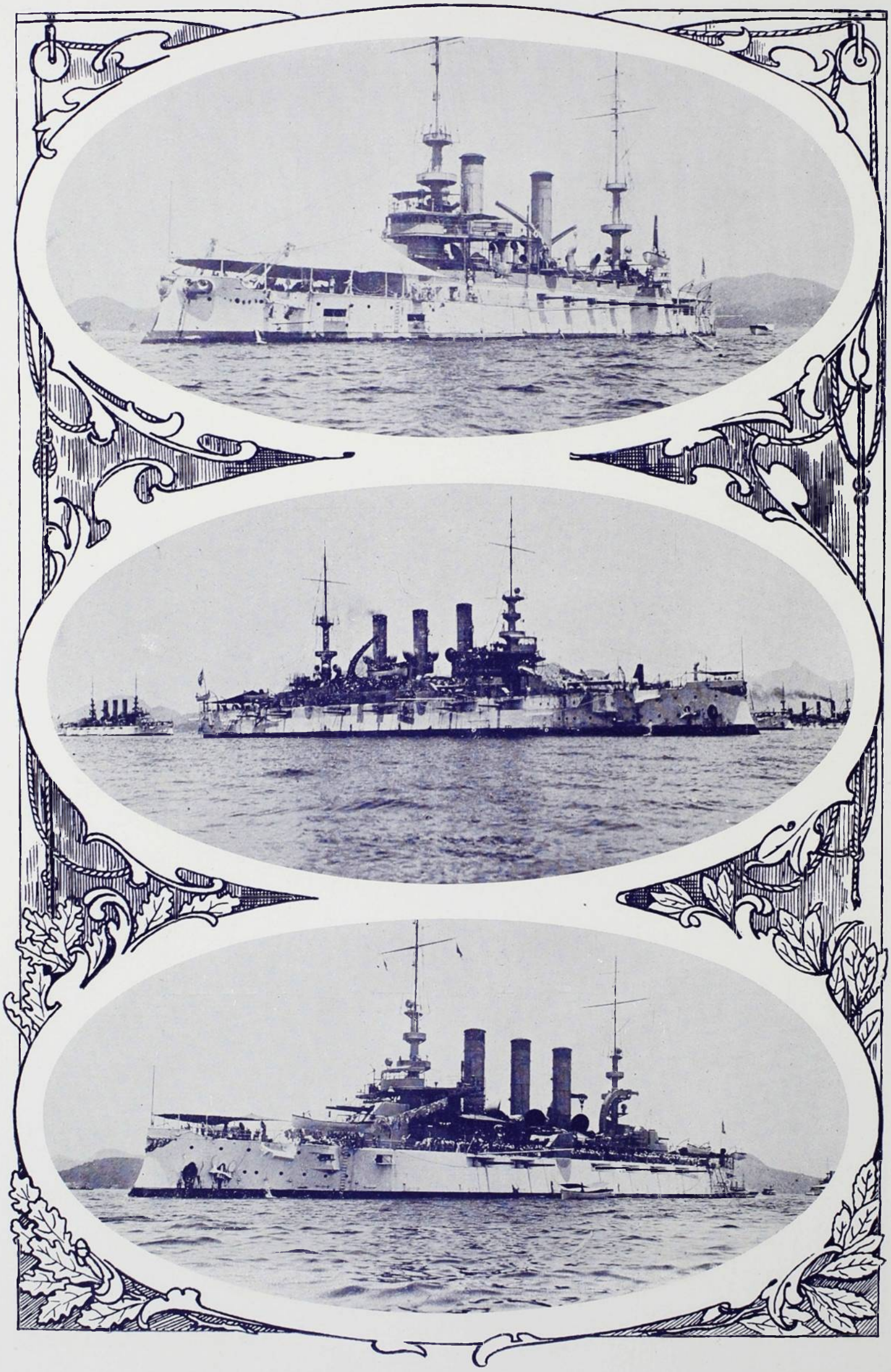
CELSO VIEIRA.



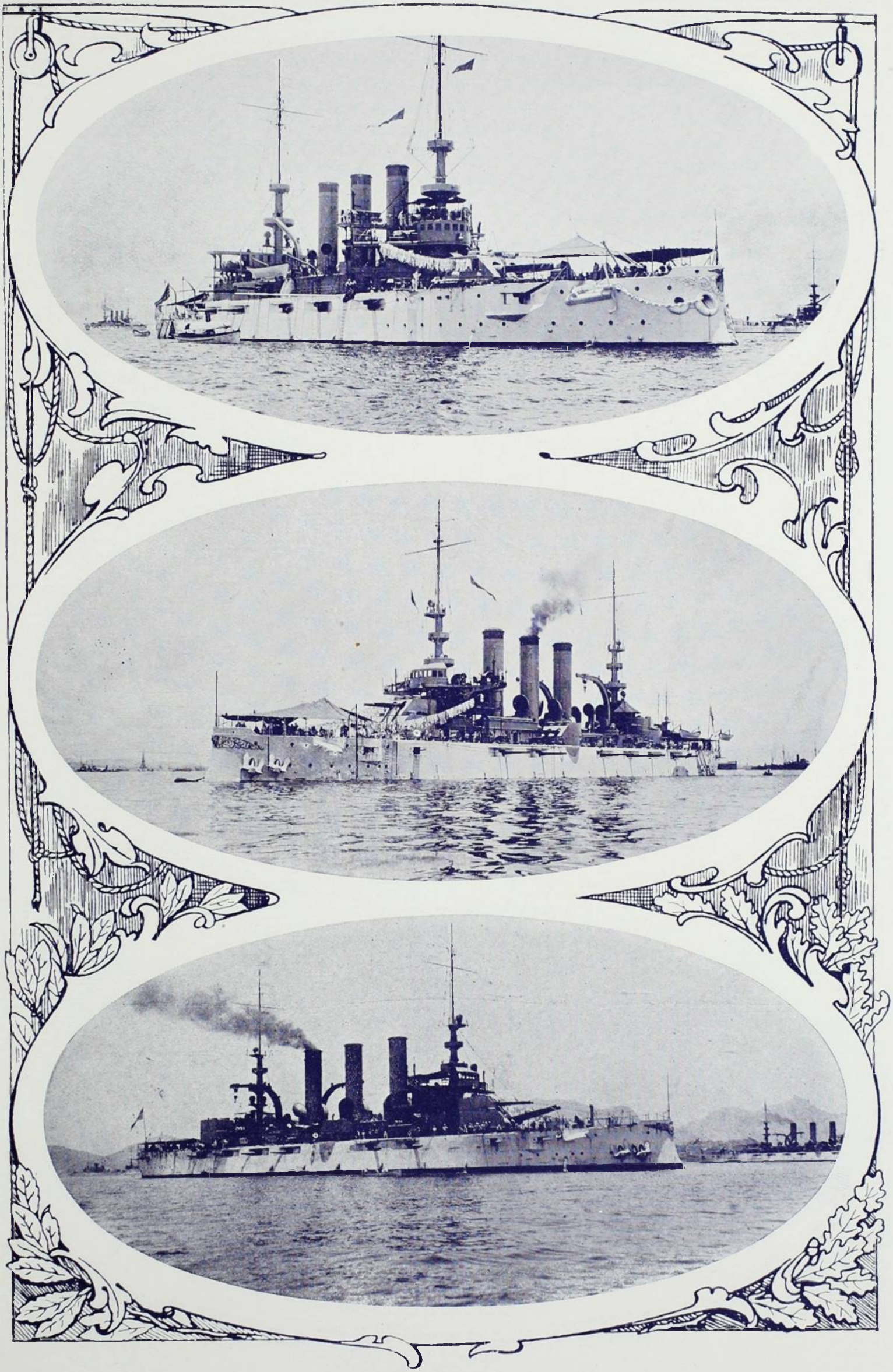
A ESQUADRA AMERICANA TRANSPONDO A BARRA DO RIO DE JANEIRO



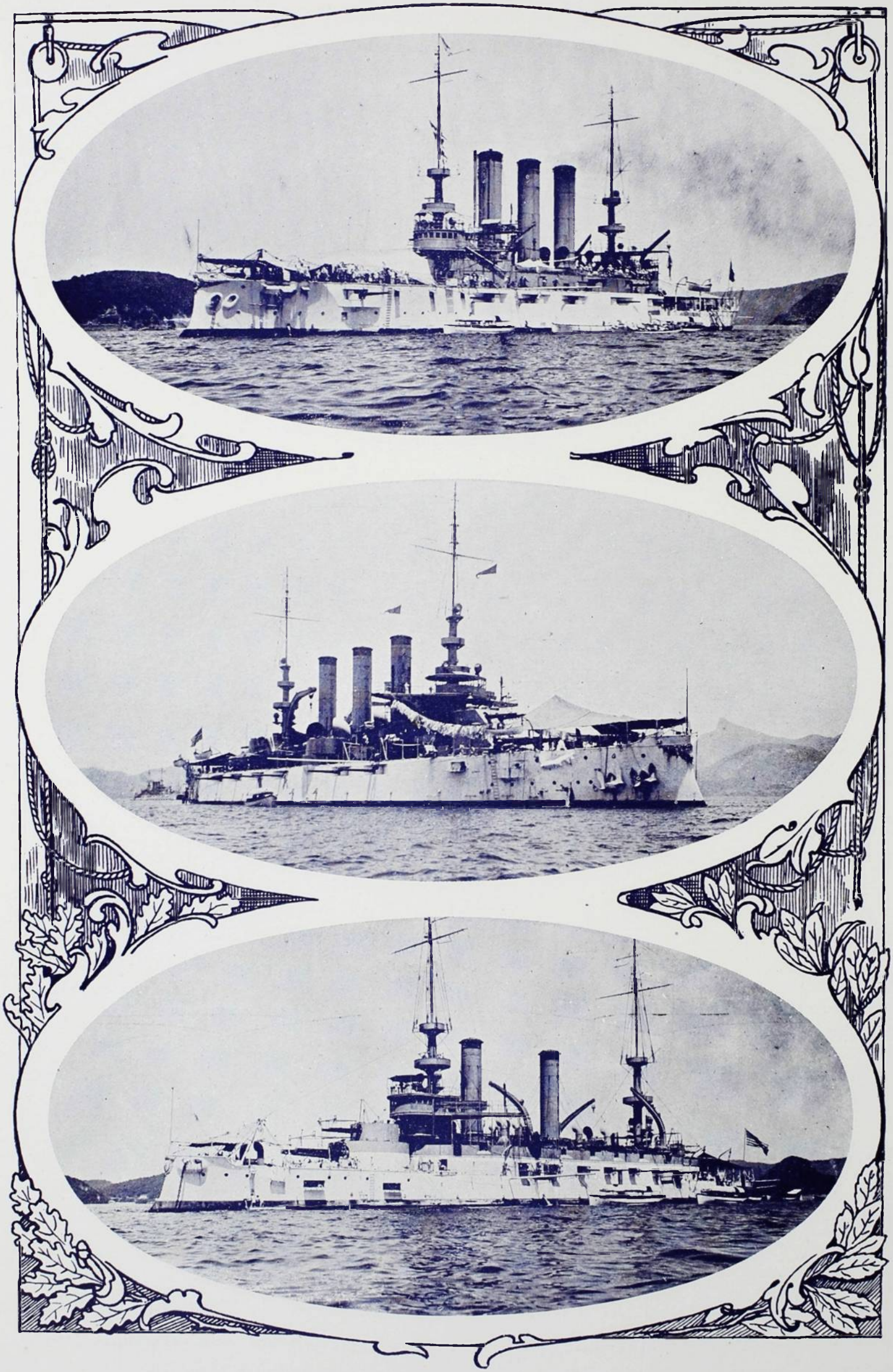
1 CONNECTICUT — 2 MINNESOTA — 3 LOUISIANA



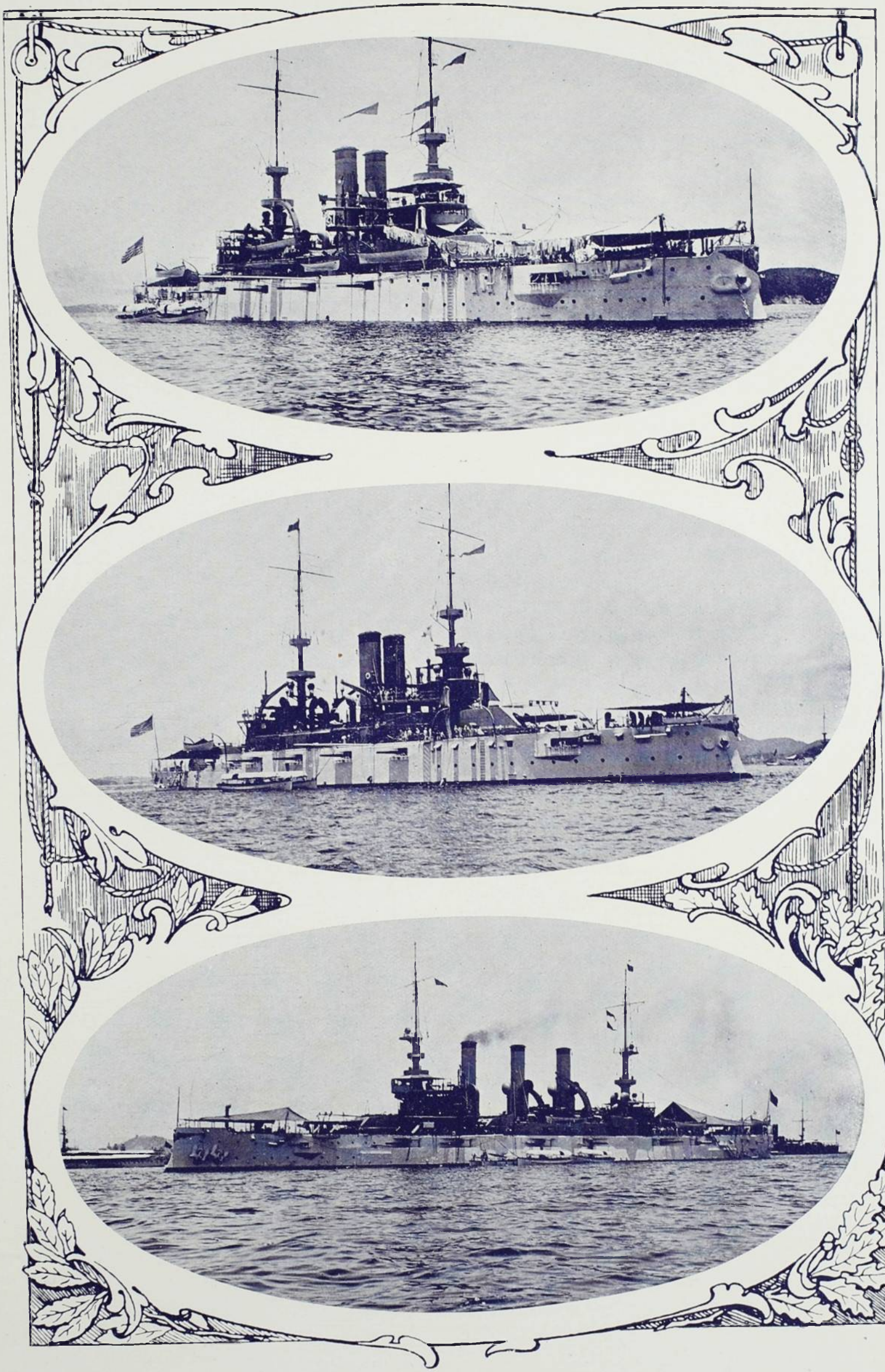
1 KENTUCKY — 2 VERMONT — 3 NEW-JERSEY



1 OHIO — 2 GEORGIA — 3 VIRGINIA



1 MAINE — 2 RHODE ISLAND — 3 KEARSARGE



1 ILLINOIS – 2 ALABAMA – 3 KANSAS

Amor de caboclo

O MACOTA viera de cima, tangido pela secca, que, como uma praga do Deus colerico, ia devastando, ia flagellando as uberrimas terras do longinquo sertão. Viera nas primeiras levas dessa immigração periodica de famintos, que enchem as estradas do Norte, pelos tempos malditos do estio feroz, na ancia do verde, na desvairada sêde da agua preciosa e divina, que, na Chanaan do Littoral, irrompe e brota por todos os valles e de todas as rochas, o anno inteiro, crystallinas e múrmuras, inundando e fecundando as extensas planicies e as florestas virgens das serras!

Ah! como elle se lembraria sempre da dolorosa perigrinação pelos caminhos núa, de uma terra petrea e vermelha, rachando-se ao sol, sangrenta, como uma chaga aberta! De um lado e d'outro estendiam-se as catingas infinitas, desoladas, combustas, pelo igneo sol, mostrando raramente, como uma irrisão, o perfil esqueletico de alguma arvore desfolhada e secca, que, mais forte do que suas irmãs, resistia, ainda de pé á canicula infernal.

Os immigrantes desciam em caravanas, tragicas caravanas de homens fortes antigamente, então abatidos, miserrimos, de mulheres esqualidas e de creanças moribundas. As vezes, á tarde, quando o grande Astro rolava proximo do seu tumulo, numa agonia rubra, como se esvaindo em sangue, uma nuvem leve apparecia, manchando o puro azul de céu; apparecia, avolumava-se, tomava formas extranhas, descia mais escura, pesada, prenhe d'agua, beijando os picos dos morros altos, numa promessa bemdita de chuva. Um fremito de alegria indescriptivel fazia estremecer os corações dos pobres sertanejos e um murmurio alviçareiro corria de bocca em bocca: agua! Deus bom, Deus pae, não abandonaste teus filhos! Cahiam de joelhos e um hymno de ternura, de reconhecimento e de fervor religioso, subia de todos os peitos e echoava no silencio da tarde, pelos campos desertos.

No entanto, o tempo deslisava; anoitecia e a nuvem conservava-se immovel, dir-se-hia até, que se evaporava no Ether, sem mandar a agua salvadora. De repente, passava cantando, furiosa, uma rajada de vento, que vinha do occaso e, depois, o vendaval desenfreava-se, violento, cruel, convulsionava as arvores desgrenhadas e núas, turbilhonava pelos ares a poeira calida da terra, varria o céu, levando para longe, para o Oriente feliz, a nuvem bemfazeja.

Um clamor de colossal desespero enchia os campos; rugiam maldições ao Deus, máo agora, e, noite fechada ja, uma estrella palpitava medrosamente no alto e logo outra, mais outra, myriades emfim tremeluziam, constellando o reconcavo do céu e, depois, a lua immensa e vermelha, em plenilunio, se mostrava por traz dos montes, banhava a terra de sua luz serena e doce, como amortalhando piedosamente o bando inanime dos infelizes, cahidos pelo solo escaldado, exangues, sedentos, sem mais energias para as blasphemias.

Noutro dia, de madrugada, ainda erguiam-se todos, para começar, de novo, a cruenta jornada, que atravez os abochornados campos, onde toda a lavoura morrera já, e só os cardos e os espinhos selvagens medravam, havia de leval-os penosamente á terra divina, banhada pelo grande Mar, regada pelos largos rios. A's vezes, a torre de um campanario alvejava no horisonte.

Era uma aldeia, uma hora de repoiso á sombra de um tecto qualquer, que não fosse o azulado tecto, onde o sol pompeiava soberanamente. Nas ruas desertas, de areia abrazadora, reinava um silencio de cemiterio. Todos pareciam d rmir a sésta ardente do dia, no morrinhento mormaç das casas caiadas, rutilantes, escaldando á luz do sol. A' passagem dos immigrantes, cães tuberculosos, que dormitavam pela sombra dos telhados, ladravam iradamente; creanças anemicas e curiosas chegavam ás janellas; mulheres e homens, por vezes, olhavam tambem, mas indifferentes já, tão commum lhes era aquella visão de gente miseravel, cruzando a aldeia, na fuga da patria querida, que o verão arrazava.

Descançavam um ou dois dias no grande alpendre, erguido para as feiras semanaes, forneciam-se de viveres e se iam depois. Aqui, alli, n'uma curva da estrada, alguem, que já vinha tropego, com a garganta em braza, cahia para não mais se levantar e expirava dolorosamente, estorcendo-se todo, com os olhos dilatados, quasi a saltarem-lhe das orbitas.

Que dôr tantalica não dilacerava os corações dos pobres sertanejos, impotentes para lutar contra a morte e salvar o ente querido! Assistiam de joelhos, sem forças para chorar ou para rezar, n'um soffrimento mudo, os ultimos estertores do companheiro de infortunio, fechavam-lhe os olhos, piedosamente, jogavam-lhe o corpo depois, n'um barranco qualquer, impossivel que era de abrir-se uma cova na terra, granitada pelo longo estio. Corvos cortavam os ares, serenos; mais tarde, sentindo o cheiro acre do cadaver, rapidamente decomposto, desciam ligeiros, em circulos, gyrogyrando, n'um grande bater das azas negras, rastejavam, farejando e se iam de novo, n'um

vôo curto, poisavam perto, caminhavam sobre a fornalha da terra, e o seu passo rithmico, de capadocio...

Uma tarde afinal, depois de longos dias de viagem, já entrados que eram, na zona da Matta, elles viram a agua milagrosa cantar pelos *corgos* e a noite, cahir do céu, abundante, forte, fomentando tudo. Desde manhã, o dia estivera morno, abafadiço, ameaçando tempo. No céu escuro, onde apenas sol se mostrara timidamente, por instantes, nuvens rolavam pesadas e, por fim, o temporal cahiu desfeito. Relampagos seguidos encandesciam céu, trovões vinham vindo, surdamente, como de muito longe, estalavam pavorosos, enchendo os espaços com o tragico rumor de suas vozes. Ventos passavam, gemendo, desnudando as arvores da floresta, levando em turbilhões, as folhas murchas e o quente pó dos caminhos e logo a chuva lentejou na terra, fraca á principio, sugada n'um momento avidamente, pelotando, em cachões depois, afogando a paizagem, inundando os campos, gerando corregos barrentos, que desciam pelas fraldas das serras e iam engrossando e sussurrando, pela planicie a fora, n'uma regadia divina. Dos sertanejos, que compunham as caravanas em começo, as vezes dois terços chegavam ao Littoral. Alguns ficavam nas fazendas dos caminhos e iam trabalhar ao eito, ou nas empreitadas, á lavoura; outras desciam mais, trazidos talvez, pelo invencivel desejo de ver o mar, esse fabuloso e inexgotavel açude, do qual tantas maravilhas ouviam contar em sua terra. O Macota tinha passado por todos os transes e soffrido todas as dores da pungente romaria. Abandonara com a mulher e dois filhinhos, seu sitiosinho amado e fertil do sertão, onde nos bons tempos hybernaes, o milharal e o mandiocal cresciam da noite para o dia, amaduravam prodigiosamente e enchiam-lhe o lar feliz, de alegria e de dinheiro a rôdo Caboclo musculoso e forte, affeito ás grandes correrias ao gado bravio, em sua terra natal, corajoso, de animo varonil, resistira melhor do que os seus companheiros, ás intemperies, ás maguas profundas da saudade pela perda dos filhos idolatrados, mortos em caminho. Elle tinha sido, naturalmente, chefe da sua caravana: dominava-a pela superioridade do valor physico e moral, e, em muitas occasiões, fôra devido a sua energia feroz, inquebrantavel, os outros se não terem deixado ficar pelos caminho desertos, a esperar a morte, preferivel ja ao longo martyrio daquella Via Dolorosa, sem fim, cruciante. Entretanto, na alma de ferro do caboclo, havia um panto vulneravel; a grande e exclusiva paixão pela mulher, uma mulata robusta e bonita, de uma alegria ruidosa e sã. Depois então, da morte dos filhos, seu coração, antes dividido nos tres affectos, parecia ter concentrado toda a sua força amorosa, na idolatria pela Carlota. Era um sentimento extranho, quasi selvagem, feito, ao mesmo tempo, de carinhos felinos e de ferozes asperezas Innumeras vezes, tinha elle dito á mulher: tenho-te uma amisade louca, cega; por ti sacrificaria tudo na vida, menos a minha honra de sertanejo honesto; si algum dia me trahires ou me abandonares, mato-te, mato-te, como a um cão! Carlota ria-se; os olhos do sertanejo se injectavam de sangue e repetia, batendo co'a mão larga sobre o peito musculoso e cabelludo, n'uma promessa solemne: mato-te, juro! Ella se atemorisava então: um calafrio de medo percorria-lhe a epiderme e, depois, muito meiga, começava a acaricial-o docemente: estás sonhando, estás sonhando... Macota serenava e, retribuia os afagos recebidos, e, largo tempo, ficavam os dois, arrulhando amores.

Quantas noites, em viagem, quando elle via a mulher adormecida na rêde, estendida sobre o solo quente, n'um afflicto somno, não se sentara junto della, soerguendo-lhe a cabeça querida no braço forte e assim conservando-se demoradamente, a olhal-a muito, n'uma grande angustia, por vel-a soffrer, sem poder lenir-lhe as penas!

Pensava na vida nova, que iam encetar, la em baixo, na Matta bemdita e que de algum modo, receiava.

Ouvira, tantas vezes, narrar, pelos patricios, que desciam, comboiando gado, historias comicas de maridos enganados, de amores escandalosos, emfim, a praga da devassidão, desconhecida em sua terra, vinda da cidade, alastrando-se pelo Littoral civilisado...

Ah! mas elle saberia o que fazer; isolar-se completamente do mundo, metter-se no fundão de um sitiosinho qualquer, amanhar serenamente a sua terra, colher a sua sementeira, na paz dos homens e de Deus! E foi assim.

N'uma fazenda de assucar, proxima do mar, arrendou ao fazendeiro, algumas geiras de terras novas e fortes, em abandono sempre, tão longe ficavam do engenho, perdidas n'um socavão da floresta, ao pé da grande cachoeira, o "*Abysmo*" amaldiçoado, sobre o qual corriam nas redondezas, as mais extranhas lendas de assombramento. O Macota installou-se no sitio, e começou logo o trabalho da derruba e da queima, na preparação do terreno virgem, que iria receber em seu seio as sementes extranhas e transformal-as depois em riquezas.

A terra era realmente de uma exhuberancia de seiva extraordinaria. Os germens introduzidos no solo, não se perdiam nunca; rebentavam depressa, desenvolviam-se em caules tenros, depois em flôres, em fructos abundantes, prematuramente sazonados pelo sol

fecundo e pela rega beneficiadora das aguas frequentes. Na limpa, o trabalho foi de esfalfar; os *malmequeres* e as *gitiranas* bravias, primitivos e unicos senhores da terra, que a foice aguçada do caboclo cortara pela raiz e o fogo consumira depois, desabrochavam em rebentos novos, invadindo, victoriosamente, o milharal dos altos e o mandiocal das varzeas, que afinal, seriam os vencidos na lucta pela vida, si os não auxiliara o braço destruidor do homem. Mais tarde, causava espanto, a quem passava pelo "*Abysmo*", a admiravel cultura do sitio, abandonado outr'ora.

Toda a seára, estendendo-se pelo valle e pelas ladeiras, palpitava, numa florescencia e numa germinação estupendas e eternas, de paiz promettido por Deus.

O Macota, que, a principio, tencionava voltar ainda ao seu sitio do sertão, ia se deixando ficar, para sempre, no "*Abysmo*", arraigado ao solo bemdito, agradecido á fecundidade recompensadora do Littoral.

Seu sonho era, agora, comprar o "*Abysmo*" ao fazendeiro, fazel-o seu, um dia, e deixal-o, depois, á mulher e aos filhos, que accaso viessem ainda. Mettido no seu canto, a mourejar noite e dia, pela lavoura, raramente sahia; curtas viagens ao engenho, si era epocha da moagem do seu cannavial ou ás feiras da aldeia, aos Domingos, para fazer as provisões de casa, não creando amigos, nenhuma relação quasi. N'uma ou noutra dessas ultimas excursões, a mulher o acompanhava. Ficavam os dois, na praia, a tarde inteira, comtemplando a maravilhosa paizagem maritima, sempre nova aos seus olhos, numa admiração muda, quasi religiosa pelo glauco mar.

Algumas tardes, a maré era em vasante; as ondas mansas vinham se quebrar mollemente na alvadia areia da praia, num murmurio de cançasso, e fugiam de novo, no recúo... Outras, era em enchente; as vagas bravias, picadas, rolavam umas sobre as outras, furiosamente, gemendo, n'um grande alvoroço, jogando longe a espuma branca, que vinha lhes borrifar deliciosamente os rostos, tão proximos estavam do mar. Barcos, com as grandes velas brancas, abertas ao vento, singravam ligeiros, inclinando-se todos para um lado, banhado pelas ondas; canôas chegavam. para os grandes lances das rêdes, de trez malhas, formando-se em circulo, e as tainhas saltitavam, mostrando as alvas escamas, que o sol doiráva, deixando se prender depois, no cerco.

A' noite, quando voltaram ao sitio, para encurtar os caminhos desertos e o areial frio, conversavam sobre o mar, trocavam impressões ingenuas sobre a vida maritima e as grandes excursões pelo oceano, na pesca, ou em viagem para a Capital distante... Assim decorria, lentamente, o tempo para os dois, na vida incolor e monotona do "*Abysmo*".

Carlota começava a soffrer com o isolamento quasi absoluto, em que vivia; alegre e viva, amando os prazeres ruidosos, pesava-lhe a estupidez daquelle destino de galés, occulta n'um recanto perdido do mundo, a trabalhar sempre, sem ir jamais a uma festa na aldeia ou na fazenda, onde aos sabbados, dansavam.

Queixara-se ao marido, pedira-lhe, rogara-lhe que a deixasse sahir, divertir-se nos pastoris e nos sambas frequentes. Não, recusava o acota, terminantemente, no medo, que lhe causava o mundo extranho, de alem do seu sitio. «Tudo, menos isso; olha, aqui estás muito bem, nada te falta e si trabalhas, é porque queres, ninguem te obriga». Carlota calava-se, como resignada, mas, pouco a pouco, um resentimento lhe ia nascendo n'alma e se transformando, depois, n'um grande odio surdo, n'um exagerado desejo de vingança. O proprio medo, que o marido lhe inspirara sempre, o perdia insensivelmente; vinham-lhe desejos de lutar com elle, de acanalhal-o, de manchar-lhe a honra de sertanejo, de que tanto alarde fazia.

Um domingo, em que o Macota tinha ido sosinho á feira, voltou pela noite alta, meio embriagado, o que alias não acontecera nunca e trazendo comsigo, um companheiro. Despertou-a ruidosamente, na exaltação de uma alegria extraordinaria e contou-lhe depois uma historia de luctas na aldeia, em que elle e aquelle mulato alli tinham entrado.

Fôra uma provocação qualquer, inflammara-se, perdera a calma e mandara a faca, valente, varrendo, num abrir e fechar de olhos, o pateo do mercado e só um homem então apparecera em sua defeza, o Quincas Ferreira, um camaradão bom, para a vida e para a morte. A' noite, andaram beberricando pelas vendas, na celebração do grande dia.

Carlota olhava os dois, interessada. O Quincas era um mulato alto e espadaúdo, conhecido e temido, como o mais valente desordeiro da região. Feira de domingo, a que elle fosse, era tempo. na certa e se ufanava de sosinho, ter espalhado, muitas vezes, todo o pessoal.

Descera do Piauhy para a fazenda do Dr. Caetano, o chefe politico da comarca, recommendado, como capanga, diziam. Era o homem da confiança do chefe e o seu melhor fazedor de eleições. Quando o viam passar na aldeia, gingando o seu grande corpo ossudo, a face bronzeada, contrahida em rictus eterno, que lhe dava uma expressão, quasi feroz, o punhal de través sob o cinto largo, um arrepio de medo percorria os corações dos pobres praieiros. Temos rôlo! diziam, e, raramente, a negra prophecia falhava.

"Naquelle domingo, contava elle a Carlota, depois que o Macota se calara, n'um abatimento de somno, fixando pesadamente, os olhos pequenos e vermelhos, estava, muito de seu, dentro do casarão do mercado, ruminando sobre a vida e apreciando a algazarra dos vendilhões, quando viu um typo, o Zé Aça, chegar-se ao sacco de farinha do Macota, tirar um punhado della, como se fôra compral-a e jogal-a fora, depois, salivando insolentemente. O caboclo lhe disse ainda em calma, aconselhando-o: o sr. para que faz isso? Não sou homem de barulhos e nem quero insultos. O Zé Aça arrepiou-se todo e atirou um palavrão grosseiro, provocando-o. Ah! então é que ennegreceu-se o caso; o Macota ergueu-se e, antes que o outro podesse se desviar, uma bofetada estalou, valente, estendendo-o a fio cumprido, sobre o solo. Levantou-se o cabra, meio-tonto ainda, mas teimando, com o punhal nú, querendo ferir.. Fechou-se o tempo de veras, que o Aça vinha de sucia, cacêtes sarilhavam, punhaes brilhavam fuzilando, e, vae elle, que estava, como n'um formigueiro, entrou na dansa. Foi, como si raios tivessem caido do céu; n'um momento, o mercado ficou deserto; o povareu abalava, como pombos espantados, em revoada..."

Depois, terminando a narração da heroica façanha, affirmou, n'um tom de sincero enthusiasmo, mostrando o Macota, que dormitava, sobre a mesa; corumba valente, está alli!

Desde esse dia, a amisade entre os dois homens, nascida em ambos pela mutua admiração e confiança, cimentou-se.

No rude coração do sertanejo, até então, cheio somente da imagem da mulher, uma brecha se tinha aberto para a nova affeição. Não se separavam mais; viviam, como dois irmãos, sobretudo, depois que o Quincas fôra trabalhar no *"Abysmo"*, de meia. Iam sempre juntos ás feiras, mas nunca mais tiveram ensejo para novas luctas, pelo invencivel e geral temor que os dois homens reunidos, inspiravam. Uma transformação lenta começava a se fazer na alma do caboclo, na convivencia do amigo; não era mais a féra do outr'ora, arisco e sempre entocado no *"Abysmo"*, sem jamais sahir; ja se deixava ficar noites inteiras na aldeia ou no engenho, nas festas e nos sambas e até o selvagem ciume pela mulher desapparecia, na absoluta confiança, que lhe inspirava o amigo.

Carlota, em quem o odio pelo marido crescia sempre, não obstante a relativa liberdade, que gosava então, mantinha, vivo, o criminoso desejo de vingança. Porque não seria o Quincas, o seu homem? Era um mulato e meio, desempenado e forte, valente como o céu, e, alem de tudo, amigo do marido. o que tornaria, maior, a sua vingança, assim.

Começou a conquista do Quincas. Sabia-o, sinceramente, camarada do Macota, incapaz talvez de trahil-o, mesmo um pouco, por medo, porem ella empregou todos os meios de seducção, que a mulher, ainda a mais ignorante conhece.

Foi uma mineração surda, paciente, de todos os dias, no coração e na honra do mulato. Encontrava-o sempre em fuga, embora presentisse os furiosos desejos, que nelle faziam nascer suas carnes voluptuosas de mestiça sadia e jovem.

A resistencia aguçava-lhe a vontade de vencer, a incitava mais ainda e, por fim esquecidos os designios de vingança, a lucta tornou-se do seu seu offendido amor proprio de mulher.

Uma tarde, em que o Macota descera ao engenho, o Quincas appareceu casualmente no sitio; quiz voltar quando soube que o amigo não estava, mas Carlota o prendeu: «ora, elle não tarda ahi, fique a conversar, tem medo? Medo! e foi o bastante para o mulato ficar com essa idéa de que se suppozesse ter elle medo de alguma coisa, neste mundo, sem ser dos castigos de Deus!

Era quasi, ao anoitecer. Fóra, no cannavial, que se extendia, varzea a baixo, o sol moribundo scintillava; passaros cantavam nas arvores proximas e subia de todo o campo, um perfume forte, de estontear. O dia parecia se despedir, numa agonia amorosa e a natureza espreguiçar-se toda, lascivamente, n'um grande fluxo sensual A mulata repetiu: "sim o sr, parece ter medo, vive a fugir de mim, como si eu fosse alguma cobra!" Ria-se alegremente, mostrando os dentes alvos e certos, engastados no rubi da bocca pequenina e ardente. O mulato conservava-se mudo, estremecia fortemente, por vezes, na agoniada lucta entre os seus escrupulos de amisade e os infernaes desejos que se lhe despertavam á palpitação daquelle corpo quente de mulher, roçando-se pelo seu. O perfume dos campos tornava-se mais forte, embriagador; ergueu-se, olhou, pela porta escancarada, os caminhos do sitio. Tudo deserto, apenas as rolas mariscavam na areia, arrulhando amorosamente e no ar, casaes de borboletas doudejavam, perseguindo-se... Voltou e de novo, sentando-se junto da rapariga, sussurrou-lhe numa voz tremula, meio enrouquecida pela volupia e de olhar incendido: Carlota, Carlota, tu me perdes!" e, afinal, vencido pelo desejo, numa resolução desesperada, onde naufragavam todos os seus sentimentos de honra e lealdade, alongou o braço, attrahindo n'uma caricia o busto da mulata, que não tentava fugir e se ia entregando derreando-se toda, com os rijos seios arfantes e os olhos esgazeados.

Preso a Carlota, o Quincas só vivia para ella, trahindo, sem mais escrupulos, o amigo, confiante sempre.

Quando o Macota sahia para a lavoura, muito cedo ainda, a amante fazia-lhe signal e elle, que ja andava pelo aceiro da matta visinha a espial-o, descia, de rastos, a ladeira, num grande receio de ser visto, até a casa do amigo.

Outros dias, marcavam encontros, aqui, alli, no cannavial, na capoeira, onde ella ia á lenha, gosando a larga os seus amores adulteros.

Approximava-se o Natal. Pela fazenda, corria um alegre rumor de festa. Fallavam que o fazendeiro promettera dinheiro para um grande samba, que havia de rolar noites e fazer epocha e cedido até um velho casarão, existente no caminho do *"Abysmo"*, perto da casa do Macota.

O Quincas tanto insistira com o caboclo, que elle condescendera em ir á festa e levar a mulher comsigo.

Foram. Era uma noite de estio, sem luar, estrellada e quente.

Quando elles chegaram ao samba, já o casarão transbordava de gente; o pessoal do engenho em peso e até da aldeia e das fazendas proximas. O paraty, em garrafões collossaes, corria de bocca em bocca, esquentando cabeças, inflammando corações. Na sala immensa, de chão de terra, grupos se formavam, conversando alto, numa algazarra de mercado. De repente, o Quincas rompeu pelo salão, sapateando, chocalhando o rude instrumento de folha de flandres, o *caracajá*, e atirou para os outros, numa voz formidavel, incitando:

«Vou me embora, vou me embora.....»

Palmas estalaram, furiosas, a roda se fez logo e outras vozes responderam-lhe em côro: «Mineiro pau!.....»

O mulato continuou:

«E' mentira, não vou não.....»

E assim foi cantando, uns versos duros, de uma cadencia vaga e de rimas barbaras, num tom invariavel e triste, de canto-chão. Sapateavam fortemente; homens sahiam do circulo, gingando o corpo, curvando-se todos em gymnasticas incriveis, mulheres os acompanhavam, num grande requebro dos rins, derreiando-se, como no goso de uma volupia original.

A mesma alegria selvagem fazia vibrar todo o mundo, contagiava o Macota, que, afinal se deixou levar na onda do enthusiasmo geral, meio tocado pelas repetidas libações, a que o Quincas o obrigava, de quando em vez. Mais tarde, uma viola repicou, gemendo, e o caboclo, lembrando-se dos bons tempos de rapaz, quando lá na terra, vivia como as cigarras, cantando ao som do *pinho* querido, aceitou o desafio. Gente se agrupava para ouvir os dois cantarem; eram historias de feitos audaciosos, de façanhas estupendas:

«Quando eu vim de lá de cima,
«Minha mãe recommendou:
«Meu filho, tu nunca apanhes,
«Que teu pae nunca apanhou!...»

começou elle, e o cantador repicou-lhe, como num torneio de motes e glosas:

«Você hoje ha de apanhar!.....»

De novo o *côro* soou; cantavam, dansavam todos, e afinal, já não havia mais rithmo, nem ordem; era, como uma bachanal desenfreiada, uma orgia de loucos.

Aqui, alli, murmuravam-se confissões de amores vadios, casaes beijavam-se furiosamente, sem pejo, e sahiam do salão, para a grande paz dos campos adormecidos. Por fim, tarde que era já, o Macota se lembrou de tornar á casa; houve protestos: não fosse, ficasse até de manhã, para *se pegar o sol á mão*. Elle se desculpou: tinha afazeres, e procurou depois a mulher na sala; não estava na cozinha, tambem não; fóra, no pateo, pensou. Sahio do abafado ambiente do casarão, meio entontecido pelo alcool, os ouvidos cheios do selvagem rumor do samba, as pernas lassas pelas dansas, a que num excesso de enthusiasmo, se entregara.

Onde teria ido a Carlota, pela noite calada e negra? Fóra, na campina immensa pyrilampos vago-luziam e no ceu escuro as estrellas apagavam-se docemente.

No levante, uma larga facha avermelhada manchava o manto negro do ceu; eram os primeiros clarões do dia, longinquo ainda. O ar puro da madrugada fez-lhe passar, em breve, a leve embriaguez. Vinha de toda a terra, na grande gestação da noite, o perfume activo das flores, que se entreabriam, dos fructos maduros e das hervas humidas pelo orvalho e nos socegados ninhos, pendentes das arvores, começava o alegre rumor das azas.

O Macota chamou: Carlota! e, só o echo lhe respondeu. Encaminhou-se para o rio, pelo caminho, aberto, atravez um verde mandiocal; ouvia, proximo já, o marulhar do *"Abysmo"*, a grande cachoeira, onde as aguas mansas do claro rio, se precipitavam, raivosas, num salto de metros de altura.

Desceu ao porto; tudo deserto! Carlota!

Uma grande afflição opprimia-lhe a alma — o que era feito de Carlota? — Voltou ao caminho do samba, pensativo; de repente, ouviu, vagamente, um murmurio de vozes, que vinham da *malhada*. Parou, escutando, e distinguiu, claramente então, a voz da mulher.

Que andaria ella a fazer pelos campos aquellas horas? e, querendo surprehendel-a, descalçou os grossos sapatos, alapardou-se todo e, como um lagarto, foi deslisando, sem rumor, até a clareira do aceiro extremo da roça.

Deteve-se, de subito, e estremeceu violentamente. Vira a Carlota e o Quincas deitados sobre a terra humida, presos num apertado abraço, os labios unidos num grande beijo, amando-se alli, á luz das estrellas moribundas. Uma dor immensa, sobrenatural, como si alguem estivesse a lhe arrancar as entranhas em vida, fel-o parar, um momento, assombrado, exanime, numa ankilose subita de todos os membros. Parecia-lhe que todo o sangue se lhe estagnara nas veias, que dedos de ferro lhe comprimiam a garganta e que toda a areia da terra se lhe chumbara aos pés prendendo-os...

Foi um instante: a reacção, em breve, se fez impetuosamente, uma ancia de sangue invadiu-lhe todo o organismo, uma grande sêde de bebel-o, gotta a gotta, aos dois miseraveis. Cães! rugiu e, desembainhando o punhal agudo, n'um salto de tigre, cahiu sobre os dois amantes.

O Quincas, na surpreza do ataque inesperado, mal teve tempo de se erguer; o ferro dextro do caboclo o attingiu em pleno coração, varando-o. O sangue espadanou em cachoeiras, indo molhar o assasino; quiz fallar, mas só a syllaba de uma praga poude gaguejar e, abrindo os braços no ar, cahiu de costas, agonisando. O instantaneo e pavoroso desfecho da scena sanguinolenta, fizera Carlota desmaiar e ficar alli perto, sobre o solo, com os olhos esgazeados, sem movimento, como morta. O Macota, todo banhado pelo sangue do mulato, com o olhar feroz chispando nas trevas, voltou-se para a mulher inanimada; agora, tu, cadella! e segurando-a brutalmente pelos cabellos annelados e negros a ergueu. Um grito agudissimo, sobrehumano, fendeu os ares, e outro, e outro... O punhal lampejou no ar e foi se embeber todo no corpo da mulher; o sangue jorrou em borbotões, ensopando a terra e, de novo, o punhal feriu. Perdão... perdão... arquejava ella dolorosamente e o caboclo continuava a ferir, cegamente, loucamenta, picando, dilacerando... Expirava, numa agonia terrivel, num estorcimento de todo o corpo, sangrando em rios e elle feria sempre, na delicia infernal daquella orgia de sangue vivo, do sangue amado!...

Passos resoaram, fortes, no mandiocal, qual o tropel de um rebanho em fuga; eram os homens do samba, que vinham vindo, trazidos pelos extranhos gritos, que foram echoando, atravez os campos, perturbando tragicamente, o grande silencio da noite. O Macota ergueu-se, como uma fera, e, de punhal em riste, esperou resoluto. «Cães!...»

Quando elles chegaram, o horror da scena tragica fel-os deter na clareira, attonitos, assombrados.

O caboclo os olhou, numa expressão de supremo desdem e, depois, a rir, a rir, numa grande risada de louco, abalou em desenfreada carreira, pelo caminho do *"Abysmo"*, a fóra. Alguem, mais corajoso seguiu em sua perseguição, outros mais e enfim a multidão se foi após o allucinado, numa assuada medonha: pega, assasino! Elle bufava na frente: «cães, cães!»

Amanhecia já; os primeiros raios do sol desciam do céu e doiravam os campos. Percebiam-se as silhuetas dos morros distantes e as arvores das florestas emergiam da sombra, desenhavam-se, nitidas; rolos de luz vinham vindo do Oriente e banhavam a terra, numa apotheose de oiro.

Aves cantavam pelos ninhos e depois, presentindo o colossal clamor, que enchia os campos, voavam em bandos, gritando penosamente e os cães ladravam, irados, acompanhando os homens, na caça ao sertanejo.

Approximavam-se da cachoeira. As aguas do rio lançavam-se sobre o lagedo extenso, cavado em abysmo, espadanando ao longe, enchendo a terra, com o borborinho das suas vozes.

O Macota, numa agilidade felina, galgava os penhascos enxutos e depois, detendo-se numa rocha maior, a pedra mãe, como a chamavam, donde as aguas tombavam com mais força, voltou-se para a multidão, que a surpreza e o temor continham na margem.

Sua figura vermelha e tragica, doirada pela luz do sol, pompeiava soberanamente, como a encarnação de um formidavel Deus do Mal.

Cães! rugiu ainda uma vez e, abrindo os braços, firmando-se nos pés, precipitou-se no abysmo. O corpo, cahindo sobre o lagedo, que as aguas lavavam, feriu-se todo sumiu-se e veio á tona depois, disforme, sangrento, manchando, como numa desvirginação, a branca castidade do rio...

Rio — 1907.

José Maria de Albuquerque Bello.

Uma Santa Brasileira

SANTA DIANA

(A LENDA MINEIRA)

ELLE tem a pelle trigueira, queimada a sol, como a dos que tocam os bois que tresmalham, e as brancas barbas patriarchaes, como a dos antigos prophetas. E vive dentro da sua pobresa com o orgulho revél de um nababo na abastança dos seus haveres.

A caça brava ao "mateiro" o tiro agil ás codornas do campo e a pesca da linha larga ás "trahyras" do rio, são o seu goso, as distracções do seu viver indolente.

Foi alle a quem, de uma vez, viram pasmados chegar, cidade a dentro, com trinta codornas mortas nas embiras do tiracollo e, no cano esguio da caçadeira, as galhas de um veado da matta, afóra, atirada aos hombros, como um manto real, a pelle mosqueada de uma "sussuarana"!

Elle era novo ainda no tempo já longe da "Flôr do Oeste", a fazenda mais farta em gado e mais rica em terras de todo o arredor da velha Lavras—para lá de Agua-Limpa, junto á corrente rumorosa do riachão onde as antas bebiam e as capivaras dormiam ao sol.

As cadeias de escravo prendiam, então, as suas mãos veiosas ao cabo longo das foices, mas um dia veio a lei e a lei que as prendera, a lei libertou-as.

A fazenda era de D. Adelia d'Alves, senhora delle e senhora de Maria Martha, uma de pelle crioula que era o seu amor das "senzalas", e senhora de outras muitas, e senhora das terras todas—viuva e moça, de olhos lindos no rosto e peçanhas do mal na alma.

Um dia, já nascido Antonio, terceiro do casal, Antonio d'Alves se fôra no sangue de uma aneurisma, pelo pôr tristonho de um sol frio do meio anno, e nas mãos cruéis e lindas de Adelia ficaram, então, os bens todos: as casas na cidade, os "cargueiros" da "tropa" em viagem, o dinheiro nos bancos, o gado, e as terras rôxas da "Flôr do Oeste" — e, com as terras e com o gado, elle, a Maria Martha e os outros.

Hoje tem as mãos livres e os cabellos da côr das geadas de Junho e emquanto a Maria Martha dorme no acamo de uma "raza" do camposanto da cidade, elle espera da caçadora d'homens o tiro certeiro que o venha prostrar, como elle, certeiro, prostra os "matteiros" e as cadornas.

Foi em Lavras, a velha cidade do oeste mineiro, plantada em meio da planicie como uma lembrança do passado que, pela tranquillidade de uma noite de Dezembro, ouvi dessa velha e estranha personagem, que o assistira todo, o tragico romance, hoje ainda e sempre ali contado pela bocca rustica e credula dos moradores da região vasta e fertil das chapadas, desde S. João, até Luminarias e Perdões, onde nas noites enluaradas os violões plangem tristes chorando a saudade e a canção mineira abre em flôr.

E foi assim que elle me narrou a historia da moça martyr e mystica, a lenda de Santa Diana:

* * *

De todos, era Bernardo — um "cafuso" de hombros largos e pulsos fortes — o favorito da fasendeira. Era elle quem a pageava quando ella, a cavallo, ia em visita aos cafesaes, e quem boleava o "troly", quando ia á cidade.

Bernardo tinha os modos bruscos e a phisionomia de um máo.

Estavam já no segundo anno da viuvez de Adelia, quando trouxeram de Perdões uma afilhada de Antonio d'Alves a quem os pais tinham morrido, para que ella a tomasse sob o seu carinho, como a uma filha sem amparos.

A orphã era Diana, de quinze annos em viço e os cabellos de seda loura e a uma bellesa como a da viuva juntava o frescor que viuva já não tinha.

A principio a moça tivera os affagos como se fora, tambem, do sangue de Antonio d'Alves, mas, depois, veio o lacrão do ciume e ferrou a cauda venenosa e dentada no coração da viuva. E' que, por um dia de brumas, chegara do Jundiahy Arminio Serra, paulista de cutis alva, bigode negro e olhos seductores. Adelia chamara-o ao serviço das suas terras e, de favor em favor, de complacencia em complacencia, o elevara a administrador da fazenda.

Por vezes ao alvorecer, e ao passarem á distancia para a capina nos cafesaes, tinham os escravos visto o moço paulista descerrar as janellas do quarto da fazendeira e do peitoril saltar ao terreno, suppondo-se a coberto de surpresas na agua-tinta crespular ainda da madrugada.

Com o fugir dos dias, com o passar dos mezes, foram-se os olhos lubricos do paulista voltando para a bellesa casta, para o esplendor pubere da moça Diana que o azul das suas pupillas não o voltava para elle, mas, sonhadoramente, para Mario Neves, esse, cujo perfil ella guardava e que lá ficara, para sempre, talvez, no remoto lugar de onde um dia a trouxeram.

A' viuva, porém, aquelle constante parecer pensativo da moça orphã e as suas diarias melancolias á tarde, eram os effeitos do amor por Arminio Serra e delle julgou ser o retrato que um dia a vira, no extremo da varanda, ao cahir da hora sagrada, guardar apressada no seio.

Pelo claro luar de um S. João geado e festivo, emquanto os fogos ardiam no terreiro e a afilhada de Antonio Alves olhava entretida o «samba» ruidoso e rithmico dos escravos em folga, correra a viuva, sustendo os vestidos, ao quarto da orphã a investigar-lhe os segredos e no velho xarão marchetado de um cofre, entre as agulhas finas e a seda ennovelada dos bordados, achou alegre de uma alegria má, as primeiras linhas interrompidas de uma carta e que eram: «Nem mesmo eu sei quando nos dará Deus os momentos que já passamos...»

No que era casto viram os olhos accesos de ciume da viuva, a lascivia, e no que era para Mario Neves viram o endereço para Arminio Serra.

A lucta, a vindicta, o combate de morte desde então começou com a expulsão para o paulista, com as torturas para Diana.

Então Bernardo se interpoz—interventor do mal. E pela quietude sombria de uma noite, quando Diana, já tres vezes vergastada como um escravo infeliz, velava a sua vergonha no crépe do seu soffrimento, olhando fóra a noite de sob o alpendre da varanda, Bernardo se lhe achegou, cúpido e cauto e, tremulo e múrmuro da voz, propoz a cessação do supplicio se ao goso da sua carne fétida e negra ella désse o contacto do seu corpo branco e casto e porque o alvor d'aquella pequena mão tocasse a sua face tigrina, os dentes rilharam cerrados.

Na seguinte manhã Bernardo batia á porta dos aposentos da viuva e narrava, malevolo, calumniador, ter suspeitado e estar certo de uma fuga da orphã com o paulista expulso que, sorrateiro, viria buscal-a pela hora tardia em que todos dormissem, levando-a a Lavras e de Lavras ao Rio, onde unidos e sós, amar-se-hiam felizes, a rirem de Adelia que lhes dera o beneficio.

Pallida, a viuva deteve, subito, o negro: — Tens a certesa?...

— Tenho...

— E quando?...

— D'aqui a tres dias.

— Quem te informou? Como soubeste?...

— Pelo João Malhado, com quem elle contratou os animaes até Lavras.

A viuva estacou pensativa, o olhar tôrvo, as mãos cerradas cravando as unhas nas proprias palmas. E depois:—Olha Bernardo. Tu tens sido um bom escravo, o melhor dos da fazenda.

O negro balbuciou hyppocrita: — Faço o que devo por bem servir minha senhora...

— Obrigado. Escuta. Queres a tua liberdade e o dinheiro de que precises para que possas ir para onde entenderes?

— Se é para servir minh'ama...

— E'

— Acceito.

— Qualquer que seja o serviço?

— Qualquer.

— Bem. Esteja logo á noite na varanda, na direcção dos quartos das "mucamas" e espera-me.

Uma das "mucamas" da fazenda, pageadôra das duas creanças, filhas de Adelia, era Maria Martha, então, mulher do meu velho narrador de Lavras deste drama veridico. Maria Martha era confidente de Diana e era no seu seio honesto e negro que a orphã asylava a sua dôr e derramava as suas lagrimas.

A escrava sabia todo o commovente romance da martyr e porque de um quarto proximo ouvira a calumnia ardilosa e vingativa de Bernardo, revelara ao meu velho narrador o lugubre projecto de que se tornara sabedôra, pedindo-lhe estivesse alerta para salvar Diana.

Duas noites após, occultos sob as esteiras em cupula de um carro, cujas juntas eram tocadas pelo negro Bernardo, iam, caminho da fazenda para o lugar de Agua-Limpa a viuva vingativa e a moça Diana com mordaça de linho e de pulsos atados.

Chegados que foram e junto a caldeirões profundos de antigas lavras dos emboabas, Bernardo retirou, facil, do carro a moça infeliz que de mãos atadas e com a mordaça premendo-lhe os labios, voltava os lindos olhos azues e lacrimosos para o céo, onde, arqueiada e luminosa, a via-lactea esplendia, taxeada ao centro pelo fulgor do Cruzeiro.

A' luz frouxa de uma lanterna, o negro abrio a cova em quadro no sólo. A viuva despio a orphã, dos hombros á cintura delgada, fasendo em tiras, com as mãos crispadas, o simples paletot caseiro que a vestia, o corpinho e o linho alvo e rendado da camisa que velava os seus pequenos seios virgens. Depois, pegando-lhe os dois globos claros que as veias marcavam com finas linhas sinuosas tenuemente azues e á luz fraca da candeia pousada sobre um tóro d'arvore, gritou, fixando-a terrivel:

— Para o que querias tu isso?... Para criares os filhos que tivesses delle?... Olha. Vê para o que isso serve...

E com o gume dentado de uma velha, de uma larga faca, vagarosa, impiedosamente, demorando o supplicio, gosando a tortura inflingida cortou aquelles dois pequenos seios castos — um após outro, puxando-os á frente com uma das mãos e com a outra passando e repassando a lamina no talho aberto. Um avental purpuro cobrio Diana dos seios aos pés.

A viuva jogou para a cóva os globos jaspelinos, agora rubros e voltando-se para o negro que perto esperava indicou-lhe a orphã;—Acaba. O negro ergueu o nò ferreo da enxada. A pancada foi em uma das fontes; a mordaça impedio o grito...

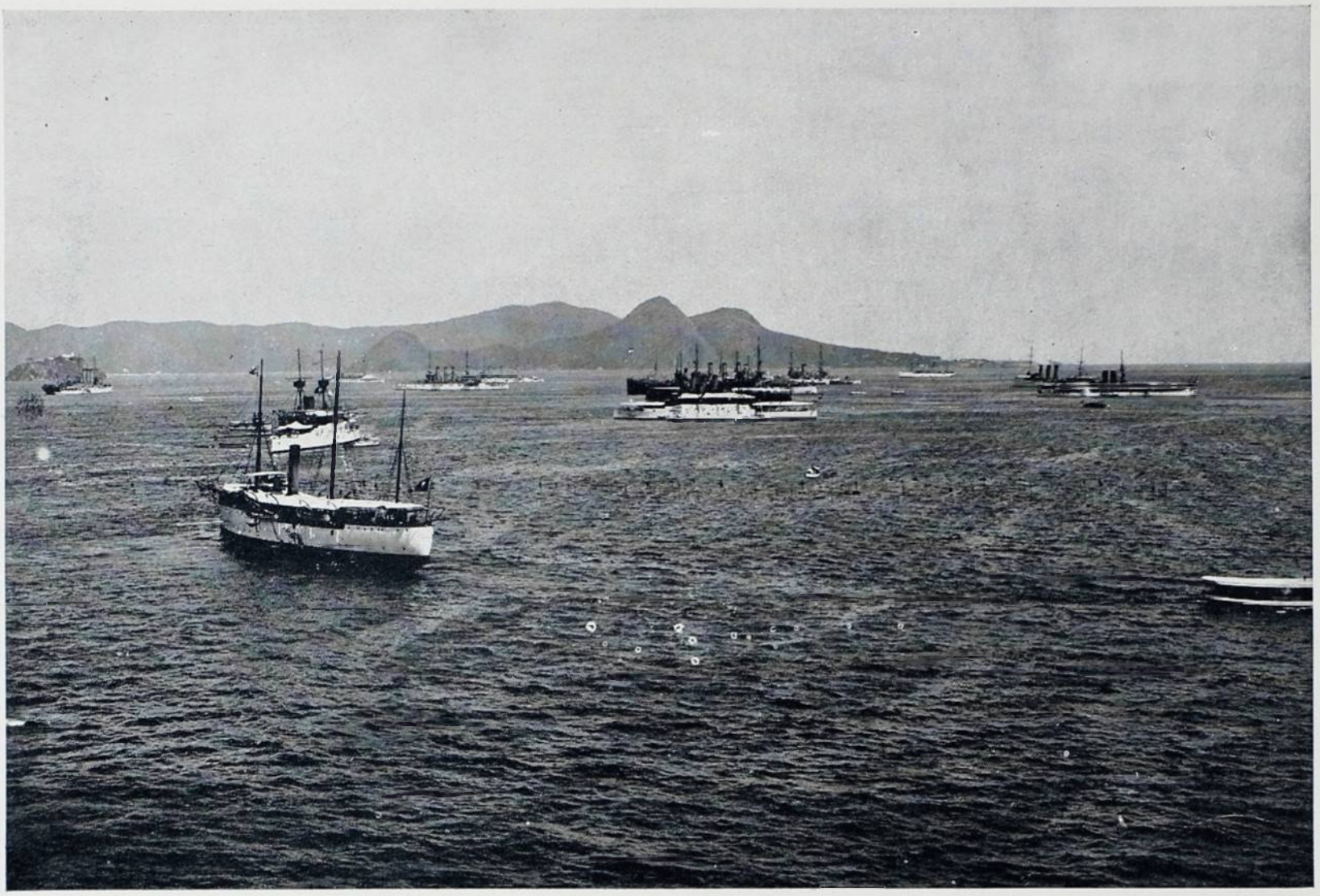
Sobre a terra batida da sepultura improvisada, a folhagem secca de uma «capoeira» perto occultou os indicios...

Todos os annos, em um dia incerto de Janeiro, anda, á noite, uma claridade estranha por aquelles lugares — uma como que névoa tenue e luminosa, de uma indecisa fórma humana, que se move, passa e repassa, paira sobre o sólo um rapido instante, desapparece, para mais adiante surgir e novamente apagar...

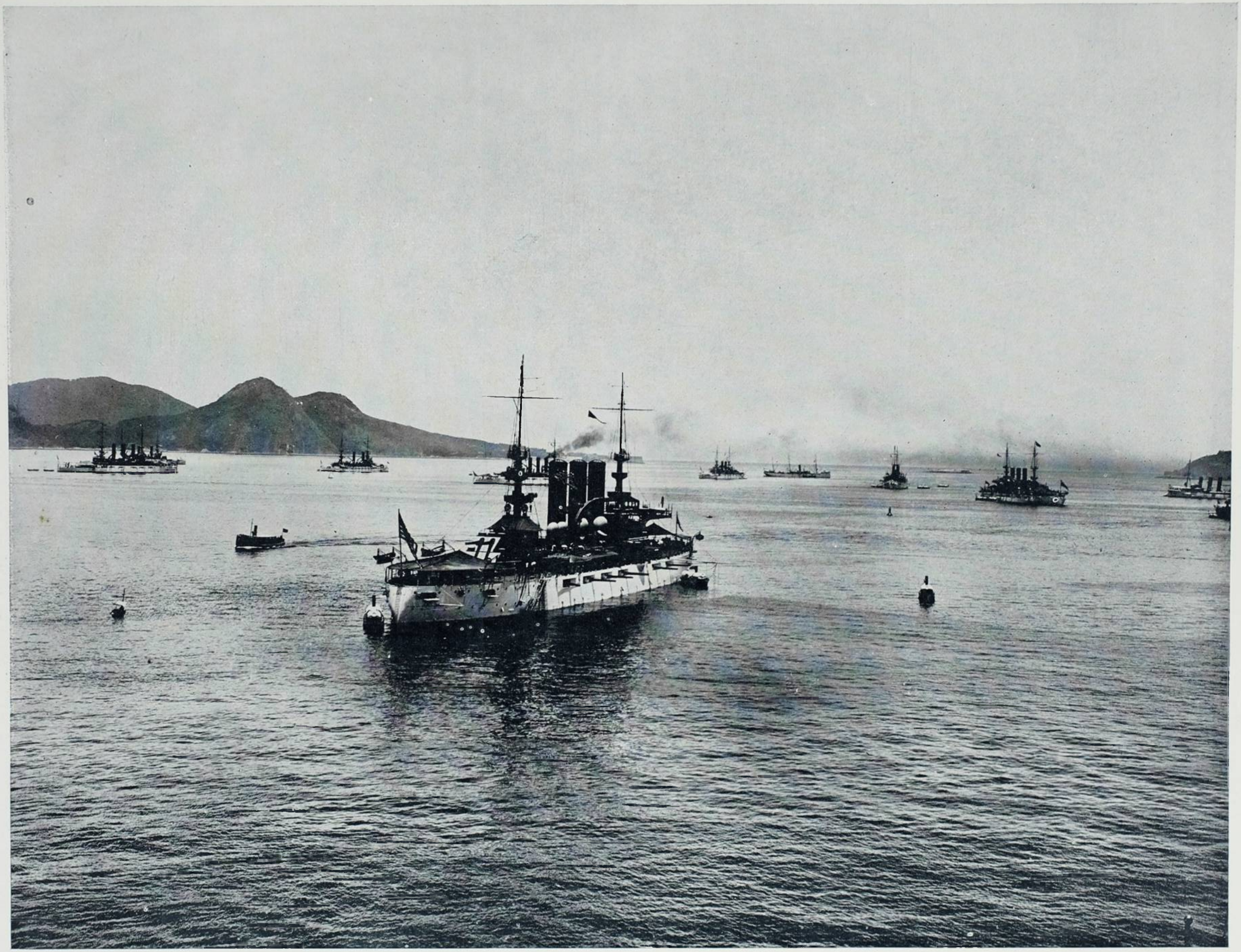
— Ella é Santa Diana, meu amo—terminou o meu velho narrador, batendo na palma calosa da mão o cachimbo apagado e o escorvando com a unha, para de novo accendel-o.

— Ella é Santa Diana.

Lima Campos.



A ESQUADRA AMERICANA ANCORADA NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO



A ESQUADRA AMERICANA ANCORADA NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO — Photographia tirada do alto da torre do Connecticut

TERRA CAHIDA

A CASA do Pedro Cordulo destacava-se na margem, por uma annosa e solitaria mongubeira, espetada no alto do barranco, teimosa na reincidencia de se bordar todos os annos de grandes flores rosadas a que succediam enormes fructos carmesins. A arvore sem uma folha, dependurava dos braços hirtos essas urnas de lacca, das quaes, uma vez entreabertas pela maturação, se desprendem na dehiscencia bocados aligeros d'um vello macio e aereo.

O caboclo n'essa ponta de terreno devoluto, creava um «gadinho», em cinco quadros de campo plantado de *mium* e *colonia*.

No verão o *xerimbabo* soccorria-se do *mury* da vasante, mas ficava lastimavelmente magro, o carrapato fartando os anuns aggravava a consumpção das rezes. Uma ou outra entrezilhada não resistia. O verão como uma peste fazia as suas victimas. A pequena pastagem estava rente cortada e amarellecida pelo sol, como por uma tesoura esbrazeada Forçoso tornava-se muitas vezes soccorrer-se de um campo na varzea, emprestado por uns tempos pelo visinho mais rico.

Afóra o campo morrediço, abria-se em torno á barraca, a clareira de um enorme roçado. O Pedro havia-lhe ateado fogo este anno ainda, mas não queimára bem, sendo preciso encoivaral-o todo.

A esplanada estava por isso coalhada de cadaveres de arvores que o fogo semi-carbosara. Galhos hirtos, troncos gigantes deitados, chamuscados, e no sólo as victimas como dispostas ainda a repellir a pontaços quem tentasse investil-as. No eriçado das hastes prostradas, cantava um motivo de guerra, na desordem das hostes quando a hora chega da avançada e tudo é dessespero na turbamulta raivosa. A victoria, entoavam-na de pé, em meio a negridão calcinada, um taperebaseiro encoifado na sua fronde reversa de esgalhos zambros e um caioés e tucumans onde os labandos andavam ao lambisco nas palmas espatulares.

Mas depois das bategas de Outubro, o resto de verão em Novembro daria tempo a queimar as coivaras Ficaria tudo limpo. E Dezembro veria os estolhos dos milhos apontarem no seu verde pallido, ao longo da terra domada e fecunda.

O Pedro era tido como um trabalhador infatigavel. « Caboclo onça » qualificavam-n'o os cearenses das cercanias, admirando a extensão dos roçados do caboclo lavrador.

Havia mais de seis annos que elle se ajuntára com a Rosa, uma riograndense do norte, amarella e escanzelada, que um navio do Sul depuzéra com um bando miseravel de emigrantes chegados para a Colonia.

Ella viéra com o pae, um velho que mal se tinha nas pernas, myelitico e asmatico, e que se satisfizera em ver o lote que lhe fora distribuido, comer da *boia* do Governo e ser afinal enterrado n'uma cova, entre goiabeiras, no cemiterio de S. José.

Mas o caboclo amava a *cearense*. Deixara a vida nomade de *marisco* por sua causa e fôra trabalhar na terra. Criando o gado de meia, plantando o milho, o feijão, a mandioca e *tirando* umas gallinhas sempre havia isso de dar para sustental-os.

Quatro filhos dous dos quaes a rapariga tivera de uma só vez, eram o melhor encanto de sua vida e a sua maior força d'animo. Os *curumins* saltavam-lhe ao pescoço, acompanhavam-n'o á roça e elle, feliz, trazia-lhe vagens de ingá ou pajurás e mimava-os sorrindo... Feliz o Pedro, mesmo que o gado todo pesteasse, a sauva comesse toda a roça ou désse o mal nas fructeiras...

Sempre de terçado em punho, do nascer do sol até quando descambava no poente, o Pedro não largava o trabalho. O descanço era para a caça ou marisco, ou para entaniçar o tabaco, ou para calafetar a canôa. Só affastava-se da sua lavoura e criação raramente, quando obrigado por um *ajuri* ou a servir de padrinho em Itacoatiara ou então por motivo excepcional e grave.

A matta faz do lavrador uma sentinella alérta. Abandone o homem o seu posto e ella vigorosamente irrompe pelas linhas do roçado, d'elle se apoderando de novo. E então a difficuldade augmenta. A floresta resurgida atabafa-se de rebentos e espiques, vergonteas, pedunculos, vem em capoeira, isto é mais adensada de ramas e de hastes finas mais impenetravel portanto.

Porque a terra, por ser tão fecunda prejudicava...

D'ahi a mezes, antes mesmo que o legume amadurecesse, as gitiranas e o melão de S. Caetano embalseirariam a roça, completando a obra das jurubebas taxys, embaúbas e taquarys vindas para aniquilar em capoeira a derrubada e queimada já lavrada. Para isto não acontecer, seria preciso não descansar com a enxada e o terçado. Si Pedro fechasse os olhos, quando os abrisse, a floresta pertinaz tornava a occupar o lugar d'onde fora repellida.

Com a floresta, a broca é facil e o machado completa rapido a destruição larga, iniciada e repartida com a *broca*.

Para atacar a capoeira o machado é inutil e só o terçado tem de abatel-a no seu basto encortinamento verdeal. E uma faina infindavel.

A vegetação é ramosa e miúda, enrodilha-se nova e compacta. Si com a roça é isso, com o campo é o mesmo — "vira em *cacaia*". No alastramento do capim vinga sempre o mattapasto a querer acabar abafando os uteis paniscos ou grammineas.

Mas ahi, ainda é o fogo o collaborador efficaz do criador. No verão, resguardadas as cercas e plantações, pela tira do aceiro, elle passa devastador, até que a primeira chuvada de Outubro ou Dezembro, n'uma só noite faça reverdecer, n'um milagre, a terra enegrecida e adusta.

Mas a floresta defende-se com a humidade. Fica apenas de bordas crestadas. E a queimada extingue-se afinal no seio que a alimentou, derrubada.

Em frente da casa do Pedro as larangeiras em renque, ao pé do barranco estavam todas a morrer de um polvilho que por toda a casca e folhas litteralmente as cobria, desde o inverno passado. Dous coqueiros tinham as palmas amarellecidas, enfermados pela *broca*. Um copuseiro inexplicavelmente, não sustentava os fructos. Viçosas somente, uma touça de tajás e umas bacabeiras cujos pennachos eram como kanitares immarcessiveis de selvagens.

Do alto, no terreiro, divisava-se para cima a Ponta Grande, o Iranduba, o Tapihyra e mais perto esse Moary, que é uma pedranceira que o rio teima em demolir, n'um esforço desesperado de sua borbulhosa e multiflua correnteza; e para baixo a barranca do Bararué, grato á hospedagem dos ninhos das *arirambas* grasnantes e depois a curva prolongada de "S. Antonio" abaixo...

N'essa tarde de sabbado, o fumo das queimadas rodeiantes empardecia os ares, antecipando de muito a cinza crepuscular A margem fronteira indecisa por longinqua, mais indistincta ficava n'aquella hora pacifica e esfumada em talagarça de crepes aereos.

Era para a outra banda que o Pedro com a familia teria que partir ao escurecer, convidado como o fôra, a um "pagóde", pelo compadre Pacú.

Naquelle trecho da costa havia, n'esse instante, um movimento desusado de montarias, todas com o mesmo rumo aonde se annunciára a festa. Iam pejadas de gente e de bagagens, como na partida d'alguma monção de bandeirantes.

Mal escureceu de todo, por signal que um "gaiola" descia illuminado, coruscante como um extranho vagalume que tivesse por todo o corpo as lanternas que costuma accender na cabeça ou no abdomen, o caboclo desceu ao "porto" com a Rosa e os filhos.

Uma lua alva e redonda vinha montando a altura, a desenrolar pelo rio uma faixa tremula de reflexos e scintillas.

Outro vapor subia, tambem todo luz, com o pharol verde e o vermelho regulamentares, accesos como um rubim e uma esmeralda distinctos na pedraria fulgente da enorme carapaça chispeante.

Ao approximar do pagóde, já se ouvia o som dos instrumentos, avelludados á distancia, n'agua e na noite.

Indo rente ás cannaranas da margem, Pedro esbarrou com uma dezena de montarias agglomeradas n'um "porto".

Com os compassos de uma polka lepida que chegavam claros, rompendo o rumor abafado de vozes e pés batendo no chão, a barraca do Pacú surgio illuminada como um d'aquelles barcos.

O desembarque do Pedro fez-se a custo, saltando pelos outros casco das montarias, enconchadas, presas umas as outras.

Um caminho alargado de novo, levava por entre o cannaranal ao terreiro da casa afogada nos cacaoeiros e abieiros. N'esta, em duas salas, os pares se atopetavam dansando. Encostados ás janellas, ao sereno, muitos convidados espiavam... No puxado, onde se dispunham muitas rêdes armadas, era uma azafama. Caboclas, velhas algumas, embalavam os filhos ou netos, outras, á beira de um fogo experto, preparavam o cacáo e o café. Passava para as salas gente com "Xarões" cobertos de chicaras e copos. Gemmada, vinho abafado, aguardente, era destribuido por todos em intervallos curtos. Caboclinhas cheirosas de pipirioca e baunilha, em grupos tagarellavam da casa para o puxado e do puxado para a casa, "Axi! Tertulina..." ".. O Manduca não veio. Está pr'o lago, *dizque*..." "Botão!!..." "...Vejam só gente..." "A comadre Catharina esperando..." "Prima, venha..." E concertavam os enfeites dos corpinhos dos vestidos ou os jasmins atados ao alto da nuca n'uma volta cheia dos cabellos presos n'um penteado uniforme. O cavaquinho, os violões, a rabeca e o clarinete não repousavam, emendando as danças varias. Os "tocadores" se revesavam com alguns dos que dansavam. Os cavalheiros em mangas de camisa, muitos, sobraçavam as damas embonecadas e sem fadiga.

E assim as horas corriam céleres para essa gente, n'um embriagante alvoroço de festa, interrompendo a monotonia de seu viver roceiro por aquellas beiradas tristes.

A manhan despertara aconchegando uma rala neblina sobre o peito roseo que o sol, como um botão de ouro fechava castamente. E o sol alto ainda vira o pagóde em pleno. Continuaria até ao dia seguinte, talvez. Emquanto o curral fornecesse a tartaruga e os paneiros da farinha não se esvasiassem, porque terminar o baile?

Pedro porém, sentia-se fatigado. Commentava com amigos: Ah meu tempo!... E deixava-se ficar na palestra, olhando de soslaio os pares enredados, freneticos, pulando n'uma athmosfera irrespiravel da poeira raspada do chão pelo arrastar dos sapatos.

Por baixo dos cacaoeiros grupos de redes, onde alguns convivas tresnoitados, mais lassos, recuperavam forças. A beira d'agua outros lavavam as roupas de muda.

E o pagóde continuava agitando alegremente a caboclada que para se divertir viéra até do paraná da Eva e da Conceição do Serudo.

Ninguem se lembrava de partir. A orchestra fôra durante o dia substituida por uma harmonica, mas á noite, com a mesma lua redonda e alva espalhando scintillações no rio, os instrumentos retomaram a fiada nervosa das danças.

Pedro determinara, porém, partir e emquanto esperava que se apromptassem a Rosa e os filhos, tragava com pachorra uma fumaça do cigarro enrolado em taquary, tomando parte na conversação de um grupo

De subito todos ouviram, na serenidade ambiente, um fragoroso ruido, como d'um longinquo trovão ribombando.

— Hade ser terra cahida, observou o velho Pacú. E todos confirmaram a explicação do Compadre.

Do terreiro evolava-se o perfume penetrante de resedás e de uma touça de jasmins *general*.

Pares ennovelavam-se n'uma contradança, ao clarão bruxoleante de lamparinas em nichos nos muros, quando Pedro com a Rosa e os filhos tomaram a montaria. A's insistencias do Compadre para que não fosse, considerava o Pedro que no dia seguinte era segunda-feira. Ficassem os outros, os solteiros, elle tinha um roçadão a encoivarar e filhos e mulher a dar de comer.

Já longe, a musica do pagode morria em arquejos tenues. Só um resto esfiapado de sons brandos trespassavam a noite onde o luar punha a magia de sua luz phantasmagorica.

O Pedro á prôa remava n'um mar de scintillações de joias. As margens eram um mesmo risco de tinta negra, mas a face do rio era o fundo do Eldorado.

Custou bastante a travessia, quanto mais que o rio arfava inquieto, fluctuoso, nas ondulações de um forte banzeiro.

O Pedro chegando perto da costa, onde devia estar o seu porto, extranhou. Não conhecia mais a sua terra Que ter-se-ia dado? Estaria com somno? E passou as costas da mão pelos olhos cansados. Nada. Onde estava a sua casa? Olhava com afinco a nodoa escura do barranco e não decobria a sua moradia. Não tinha se enganado, estava certo.

O Tapihyra o Mauary mostravam-se alli para cima, distinguia bem o lagedo d'este; para baixo a castanheira da velha Archangola, o Bararué...

Approximou mais a montaria da beira e então reconheceu Estava de facto bem defronte de sua posse Mas a terra cahida fizéra desapparecer toda a frente, com a mongubeira, a barraca, o curral, as larangeiras... Agora estava uma barreira a pique A galharia da queimada primitivamente ao fundo da casa, desenvolvia então na beira do rio uma linha de abatizes, na crista da muralha alcantilada

Escapára o Pedro d'um alçapão com o prejuizo de cinco annos de lucta perdidos. Tanto esforço dia a dia, hora a hora, e os sonhos, o suor e os seus bens, aniquillados com um absurdo: — o sumiço da propria terra! Quando o seu futuro se architectava no que ha de mais solido, ruia essa mesma base. Fundar na terra, seria construir nas nuvens.

O caboclo sentio uma oppressão que lhe entercortava o respirar, diante da *terra cahida*. No fundo da canôa um dos pequenos choramingava, no collo magro da Rosa estarrecida.

A remadas solennemente pausadas, Pedro endireitou definitivamente para o barranco, procurando no esboroamento uma escarpa menos ingreme. A's apalpadelas subio

No alto rostrado, as arvores da queimada receberam o homem aggredindo-o espaldeando-o a chuçadas Não proferio queixa alguma. A' palavra inocua elle preferio o gesto fecundo.

No dia seguinte, o sol nado, a victima era um vencedor. O caboclo rodeiado da mulher e dos filhos, plantava na chão, ao alto da *terra cahida*, o esteio de sua nova habitação·

Esse páo colhido por elle na queimada rodeiante era um pendão de triumpho.

A terra podia desapparecer, o caboclo ficava. Acima das convulsões da natureza, acima da fraqueza da terra, estava a alma do nativo, com tranquillidade e fortaleza.

De sorte que, quando o mesmo sólo naufraga, só ella fluctua salva na arca do proprio peito onde uma grande esperança volta sempre, mal cessa a cataclysmo que o arrastava, poupando-o.

Afinal de contas, a *terra cahida*. a *terra cahida* bem póde ser a definição do Amazonas. Por vezes no seu sólo alluvionario tudo repentinamente se afunda, mas se reconstitue. Cahe a terra aqui, alli e a terra se accresce. Resulta que n'esse jogo de erosões e de atterros a lucta do homem é a de um Sysipho invertido.

ALBERTO RANGEL.

Chronica de Mestre Alvaro

I

NAQUELLA risonha manhã de março, mestre Alvaro Gaya espertara alegre e prazenteiro. Sentado á porta de sua loja, sita a meio de esconsa viella da Baixa, saudava os visinhos com largos gestos duma cordialidade jovial, palrando numa tagarellice feminina, entrecortada de ruidosas gargalhadas.

A trovoada que na vespera alijara da atmosphera as espessas nuvens fuzilantes, logo seguida de tropical aguaceiro, ultimo signal do estio expirante, como que varrera tambem do cerebro do velho artista as inuteis preoccupações mundanas, restituindo-lhe a placida beatitude de que o haviam revestido longa pratica e convivio com os santos da sua officina.

Na taboleta azul, sobreposta á porta da casa, em letras brancas debuxadas com raro gosto, liam-se as palavras: *Alvaro Gaya — Incarnador.* Mas o povo o chamava Mestre Alvaro, o Santeiro, e por essa alcunha era conhecido de toda a cidade do Salvador, em igrejas e beaterios, desde as toscas cabanas de Santo Antonio da Barra, extramuros, até a casaria da Alta faustosa e afidalgada.

Com o motivo que assim fazia expansivo o regosijo do pacato santeiro não atinavam os visinhos, por mais argutos calculos e perspicazes conjecturas que engendrassem. Devia ser cousa de grande monta, pois a alacridade de Alvaro Gaya, fôra sempre discreta e serena, como convinha a quem, longe do bulicio mundano, se offertava todo á sua arte, vivendo immerso no mysterio das santas vidas de seus gloriosos canonizados.

Porfim, mestre Alvaro cerrou a porta e acolheu-se á officina, encostando os batentes internos do mostrador, para que os transeuntes, contemplando as imagens, não o perturbassem dentro da loja com suas bisbilhotices curiosas.

A sala abria para um pateo, donde vinha a luz em jorros; num arranjo methodico, imagens, candelabros, baixos relevos, enfileiravam-se nas prateleiras e no chão. Ali estavam velhos santos carunchosos, aguardando que as massas e as tintas lhes restituissem as galas e a compostura que o tempo levara; thaumaturgos maltrapilhos que deixavam de obrar os tradicionaes milagres á mingua de roupagens e ouropeis.

Sentou-se o artista, mas a alegria que todo elle radiava punha-o num desassocego nervoso que lhe estorvava o trabalho. Seu jubilo precisava expandir-se, ser visto e ouvido, alar-se para muito além daquellas mudas e frias paredes; mas não tinha a quem communical-o, descerrando os mal fechados labios numa sonora expansão de palavras vibrantes. Tirou do bolso um papel e, como lhe faltasse interlocutor, leu-o a si mesmo em voz alta.

Ah! como lhe cahiam n'alma aquelles dizeres laconicos, em tremulos rabiscos, da breve missiva! Sua fama atravessara o oceano; na luza metropole gabavam a perfeição rara do S. Jorge que elle com tanto desvelo esculpira para uma das igrejas do reino.

De novo releu a epistola e agora, de pé, treslia-a em surdina, a sorrir, acentuando os topicos com emphase, reforçando a phrase com o gesto:

«O nosso reverendissimo arcebispo ficou encantado.» «O povo tem vindo admirar a vossa obra que é mui gabada pelos entendidos.» «Frei Antonio, confessor de sua alteza, levou-o. .»

Nesse ponto bateram á porta. Era o conego Peres, deão da Sé e capellão dum convento de freiras, velho amigo sempre recebido com agrado.

Logo o velho Gaya, mal o anafado sacerdote transpoz os humbraes, metteu-lhe a carta nas mãos, sem mesmo saudal-o.

— Dê-me primeiro os bons dias, senhor mestre Alvaro, disse o Peres e poz-se a ler, emquanto o outro se quedava em risonha espectativa.

E concluiu depois, fazendo uma curvatura:

— Dou-lhe o parabem, senhor mestre Alvaro Gaya; a vossa fama já chegou ao reino.

E accrescentou desconsolado:

— A minha ainda não passou destes Brazis...

Mestre Alvaro achou-se como que alliviado de enorme peso. Sua alegria encontrara afinal um echo sympathico na alegria amiga do conego deão; porque, naquella ancia de se expandir, elle insuflava o proprio contentamento, não para ser entendido, mas para ser partilhado. Sahiu lepido após, a preparar as tintas de seu officio.

Entrementes entrou uma nova personagem. Era Maria da Graça, filha do santeiro.

Branca e loura rapariga de olhos azues, seria esbelta si lhe não alquebrasse a juventude um ar doentio e cansado, oriundo das praticas beatas. Mesmo assim a belleza pairava em sua fronte, e a simplicidade e a modestia a tornavam formosa.

— Bons dias, senhor deão, disse ao entrar.

E beijou, a sorrir, a mão gorducha do Peres.

— Bons dias, minha noviça, tornou o padre satisfeito, attrahindo-a e affagando-a com a useira manha do raposo amestrado na caça ás ovelhas de que se finge pastor.

Acariciou-a com a ternura concupiscente do macho, mal enterrada nas dobras da batina, e enlaçando-a pelo busto, falou-lhe da vida conventual, das graças celestes, do convivio dos santos e doutras venturas só conhecidas dos eleitos que se consagravam ao Senhor. Phrases

sediças, pronunciadas sem fé, que, por muito uso, elle dizia machinalmente, como passava por entre os dedos as contas cebosas do rosario.

— Veja si convence o pae, disse a incauta donzella, já empolgada pelo abutre.

— Prepara o corpo e a alma, filha; o pae ha de ceder, eu saberei convencel-o.

Mestre Alvaro voltou; a rapariga sahiu.

Sentaram-se os dois homens. O Peres dentro do negrume da habito, em meio de tantas imagens, parecia um desses santos freires da idade média; a seu lado Alvaro Gaya ostentava o athletico perfil de velho apostolo, numa tranquillidade que as longas barbas grisalhas faziam veneravel.

O artista iniciou a detida tarefa. Trabalhava na restauração de carcomida imagem de S. Pedro e de momento a sua faina se concentrava toda na barca.

Mettido no interior da embarcação symbolica, ora sentado, ora de pé, o santeiro lidava; enchia de massa os buracos abertos pelo cupim, calafetava com pequenas lascas as fendas da madeira e, armador sagrado, carpintejava sem respeito aquella quilha em ruinas.

A pequena distancia o Apostolo Pescador com as vestes em andrajos parecia esperar paciente que o fragil artezão puzesse em estado de navegar a sua desarvorada náo, encalhada no interior daquella obscura officina, e com olhos tristes contemplava absorto o trabalho da pobre creatura sem cujo auxilio jamais poderia singrar os mares celestiaes.

Entre o padre e o incarnador proseguia o dialogo, descansadamente, cheio de pausas, cortado pelas fumaças que ambos tiravam dos fumegantes cachimbos, fumaças que envolviam irreverentemente as santas imagens numa athmosphera nebulosa que lhes aguçava saudade do céo.

Entretanto, o conego parecia absorto; vacillavam-lhe as palavras nos labios, tentando rumo diverso, como si o pensamento volvesse para muito além dos assumptos occasionaes.

De subito, tal si as intimas idéas vencessem num repelão a muralha que as continha, disse, numa voz indecisa e velada, como que medroso de ser ouvido:

— Mestre Alvaro, muito vos tenho a dizer, para vosso bem e salvação de vossa alma que não está nas graças do Senhor.

O santeiro ergueu-se attonito dentro da barca.

— Que dizeis, senhor conego?

— Sim, tornou o Peres, já agora reforçando o timbre aterrorizante das primeiras palavras, vossa alma não está nas graças do Senhor.

Não sei em que tenha ultrajado os divinos preceitos do nosso Redemptor que é testemunha da boa fé dos meus actos e da pureza das minhas intenções.

— Não se trata da boa fé de vossos actos, atalhou com arrogancia o deão, mas de vossas obras contrarias aos divinos ensinamentos de nossa santa Igreja.

— E que impiedade commetti?

— Quereis impiedade maior que contrariar os pios sentimentos de vossa filha, fechando para ella as portas do convento, o caminho da perfeição?

— Ella se fará perfeita fóra do convento. Posso lá consentir que me roubem o unico bem que possúo na terra?

Alvaro Gaya proferiu essas palavras com tal vigor que por instantes o Peres se deteve. Mas durou pouco a tregua e de novo a luta se travou entre os dois homens de sentimentos oppostos, um que defendia com resoluta vontade, que a calma tornava mais energica, a intangibilidade de seu lar, outro que o salteava á traição, buscando na rapina das almas a posse dos corpos e das fortunas.

Mas o acaso cortou a contenda quando mais renhida se travava; um novo personagem appareceu.

II

Era Paulo de Olanda Cavalcante, capitão do terço de bésteiros a cavallo, que entrou na loja com apparato mavortico, arrastando a durindana.

O Peres retirou-se discreto, e antes que o santeiro lhe perguntasse ao que ia, disse-o Olanda:

— A minha gente encommendou-me um Santo André... Esse vosso modo de segurar os santos não é dos mais reverentes...

E refestelou-se, a rir, numa cadeira.

— Eu os faço, senhor capitão, explicou o artista penetrando na barca. Como quereis que trate as minhas creaturas?

— O convivio dos apostolos e dos bem-aventurados, em vez de vos edificar, a modos que vos fez um tanto heretico...

Mestre Alvaro encolheu os hombros, esboçando um sorriso vago; o capitão continuou:

— Faça-me um Santo André que encha de orgulho os meus parentes de Olinda e de inveja os mascates do Arrecife; um santo que edifique a toda a gente.

— A começar pelo senhor capitão...

— A mim! Eu me edificarei por essas igrejas com as raparigas de mantilha, santas de minha particular devoção.

Dahi o colloquio derivou para outros assumptos, approximando os dois homens que pela vez primeira se encontravam.

Os sinos da cidade badalaram meio-dia.

— Lá está o maroto do Paiva a chamar-me ao quartel.

— O mestre de campo? Dizem ser um guerreiro valente.

— Historias! Não passa dum aventureiro armado vindo d'além-mar fazer fortuna com

a espada embainhada, traficando como mercador. São todos assim esses reinóes.

Taes palavras pareceram calar no animo de Alvaro Gaya.

— E' verdade; nós, os de cá, servimos para trabalhar e obedecer; elles governam, traficam e enriquecem á nossa custa.

— Senhor mestre, frades e marotos são duas pragas.

Feito o ajuste, sahiu o official; o artista quedou meditativo dentro da barca, evocando os contrastes de tão poucas horas.

E assim aconteceu pelos dias andantes. Empunhava a ferramenta, proseguia na tarefa da vespera, mas em breve a meditação paralysava-lhe o braço e o espirito se perdia no vago infinito das cogitações. Como beduino desnorteado em arido deserto, via desvanecer-se no turbilhão do embuste a miragem da antiga fé.

A privança dos clerigos e a intimidade das cousas religiosas em vez de lhe augmentarem a crença antes o tinham saturado de septicismo. Via a Igreja sem a venda do mysterio, devassando-a em todos os seus reconcavos e meandros; muitas vezes as palavras que proferia trahiam os laivos de heresia que lhe solapavam a fé.

Foi nessa crise d'alma, quando o milhafre da Sé urdia com traiçoeira manha a rapinagem em seu lar, que lhe appareceu Paulo de Olanda, e o primeiro encontro com o pernambucano logo lhe abriu no pensamento larga brecha por onde idéas novas se precipitaram num jorro continuo. Foi assim caminhando da igreja ao estado, da divindade á soberania. Levantada a cortina da religião, foi por detraz della surgindo o muro esboroado do regimen; começou a dominal-o o espirito da terra.

E o momento propiciava o despertar nativo. Como ao tempo do motim do pescado, o povo da cidade e da capitania movimentava-se ao impulso de estranhas paixões que o jesuitismo timbrava em imputar ao espirito de rebellião da gente natural.

A seu turno, Olanda ia sem o saber semeando a heresia e o nativismo que seu sangue, meio indio, meio flamengo, reçumava, attrahindo a ogerisa dos naturaes do reino. Versado nas letras e inclinado ás musas, seu genio bellicoso satyrisava os vicios e as imposturas com affoito desassombro; picava-se o Peres de raiva quando nelle reconhecia o autor do epigramma que era o seu vilipendio:

O velho conego Peres,
Feito agora mercador,
Vende por trinta dinheiros
A casa do Redemptor.

Para maior desdita do atribulado santeiro, á medida que suas crenças maternas derivavam aguas abaixo, arrastando-o ao pelago insondavel da heresia e da rebellião, Maria da Graça, a filha que era todo o seu enlevo, immergia mais fundo nas trevas adensadas em torno de sua fragilidade pela visão embusteira do claustro, julgando galgar os degráos da fé, caminho do paraizo que a mentira clerical lhe apontava. A falsa humildade e o diabolico zelo do deão burlavam a energia resoluta de Alvaro Gaya; firme no rapinante intento, farejava a presa, á espera do minuto propicio ao definitivo arranco.

III

Certa noite havia festa na Sé, palliativo sediço para arredar o povo dos tumultos prestes a irromper. Como de costume, grande era a concurrencia e a praça, atravancada de cestos e taboleiros das pretas da Costa, as janellas ostentando colchas riquissimas da India e candeias de azeite, tinha uma apparencia de gala no meio da calma trevosa da cidade adormecida. Liteiras fidalgas, vindas de todas as bandas, rompiam o poviléo, cujo vozerio era sem cessar cortado pela grita constante dos aguadeiros; clerigos passavam, arrastando as vestes, seguidos de beatas impertinentes, envoltas em mantilhas negras, e os famulos da gente rica cochichavam em grupos os escandalos e as mazellas dos amos.

Mas o mal estar não se desvanecera de todo ao clarão das luminarias e os que não haviam penetrado no templo trahiam nos commentarios á meia voz a sedição imminente. Olanda passeava entre o povo o luzido uniforme, semeando epigrammas com a altaneria que tanto chocava os aulicos, e quando os sinos bimbalharam annunciando o fim do *Te-Deum*, postou-se junto ao portico, acariciando a pontuda barba á hespanhola, olhos mordazmente fitos na desfilada continua.

Primeiro o governador, depois a cortezania passaram; a algazarra e o vaevem recrudesceram; quando o Peres surgiu, fossando o ar com as ventas infladas, no meio da turba uma voz trauteou a chufa do pernambucano e ainda bem não emmudecera já outra cantava:

O provedor da fazenda
Cá chegou sem um real;
Já tem hoje sete quintas
No reino de Portugal.

O provedor fuzilou o olhar em roda e como deparasse com o capitão de besteiros, autor da quadra, não se teve em si e avançou para elle; o alarido cresceu e emquanto a massa tomava o partido do official, os palacianos enfileiravam-se ao lado do funccionario. Foi assim que teve começo o motim.

Em pouco os sinos tocavam a rebate; os terços alinhavam-se nas casernas e a multidão

assanhada evacuava a praça e ia se congregar noutros pontos, clamando reformas

Envolvido no torvelim da arruaça, Alvaro Gaya perdera-se da filha. Debalde pesquizou os sitios convisinhos, as casas amigas; nada o esclareceu.

Recolheu-se á loja acabrunhado, debatendo-se á noite e á madrugada nas alternativas da confiança e do desespero.

Pela manhã, a desordem campeava nas ruas, alguem o poz no rastro da filha: viram-n'a em companhia do conego deão que, sem duvida, a teria conduzido para o convento, pondo-a a coberto das vilanias da plebe. Mestre Alvaro sentiu tremendo abalo e adivinhou o esbulho de que ia ser victima; foi ao mosteiro.

Não lhe valeram supplicas nem ameaças; ao envez de encontrar a filha amorosa e humilde, deparou com a beata já envolta no habito do fanatismo claustral. O falso amor divino sobrepujara no coração de Maria da Graça o amor filial e o Peres, triumphando porfim, dera ao rebanho fradesco mais uma ovelha para a tosquia monastica.

Volveu o santeiro á casa e na solidão do lar vazio entregou-se ao desespero de sua dôr inconsolavel.

Entretanto mourejava com afan, á luz clara do sol, ao clarão indeciso da lampada, buscando no trabalho um esconderijo para a sua desgraça; e tão atarefado esteve pelos dias seguintes que não deu fé do tumulto que mais a mais avultava.

Alvaro Gaya era ao tempo um dos homens bons indicados para a vereança da cidade, mercê de seu zelo pela causa publica em mais duma emergencia. Foi a turba tiral-o do doloroso retiro, proclamando-o «procurador do povo.»

Ao vel-o, a multidão revôlta acclamou-o e em tropel, rolou compacta para o palacio do governo. As milicias tinham desertado os quarteis e os terços regulares, ilhados nos fortins do litoral, sentiam-se impotentes para deter a lava humana que torrenciava pelas ruas da Metropole do Oceano.

Na sala nobre do paço, o governador, com o aulicismo acovardado em roda, recebeu a embaixada. Mestre Alvaro falou. Sua voz, cava a principio, foi se exaltando aos poucos; esquecido da propria dôr, elle descarnou com eloquencia as dôres da multidão, de que a sua não mais que infima parcella; desnudou-lhe as miserias com altaneira coragem.

— Bem vos tenho dito, atalhou cynicamente o Peres, que as vossas acções vos hão de levar á forca ou á fogueira.

— Na forca e na fogueira vivemos todos os dias; na forca d'el-rei, que nos leva as fazendas, na fogueira da inquisição que nos consome as almas.

Cedeu o governador, mal dissimulando a fraqueza com a prosapia de fidalguia. Declarou suspensa a cobrança dos dizimos sobre o pescado e a farinha e divagou incertas promessas sobre as outras queixas.

Bem lhe adivinhou a burla o santeiro, mas a turba tolheu-lhe o protesto: uma vez garantida a integridade da pança, rompeu em acclamações ao representante real, esquecida das outras exigencias. A ephemera bernarda affogou-se nas manhas palacianas e o *juiz do povo* tornou ao deserto lar.

Sahindo de chofre do meio daquella turba multa onde por momentos mergulhara as suas maguas, mestre Alvaro, no deserto silencioso de sua officina, sentiu adensadas as trevas de sua desgraça. A consciencia da miseranda realidade punha-o numa tensão delirante que lhe enchia o pensamento de espectros e visões.

Sobreveio a noite e com ella as fantasmagorias dum pesadelo empolgaram-lhe o cerebro enfermo. A' luz tremula da candeia as imagens pareciam mover-se contorcidas dentro de enorme fogueira, dansando um bailado macabro. A coloração rubra transfigurara as suas doces physionomias, revestindo-as de odio e de ferocidade que contra elle se voltavam.

Bem reconhecia debaixo das mascaras de duendes os celestes bemaventurados com quem convivia; e chamava-os pelos nomes, implorava-lhes que o deixassem na paz de sua officina. Mas os anjos e os santos, como si em verdadeiros demonios se houvessem convertido, escarneciam de suas supplicas; ora avançavam, ora recuavam, em gargalhadas estrepitosas, empurrando-o, batendo-lhe com as palmas e os bordões. Nas mãos de muitos os sacros attributos tinham se transformado em foices e tridentes que lhe retalhavam a carne E o santeiro tinha a idéa vaga de achar-se no inferno, onde toda a cohorte dos santos descera, endemoninhada, para arrojal-o ás labaredas expiatorias do orco; de dentro da barcaça de S. Pedro, Satanaz dirigia o sacrificio infernal.

Toda noite passou-a mestre Alvaro naquelle pandemonium.

IV

Como de costume, acabada a missa, as freiras desceram ao jardim e o conego capellão retirou-se apressado.

A capellania do convento multiplicava pinguemente a congrua da Sé e a casa do Peres guardava secretamente os regalos mundanos que a eloquencia de seu dono usava condemnar do pulpito como dadivas do Diabo.

Maria da Graça faltara á missa, mas tinha o rosto macerado por longa vigilia e, sentada na ampla poltrona onde o conego descansava

a sua rotundidade, parecia absorta, como si recordasse preceitos novos ouvidos na vespera.

— Já levantaste, perguntou o Peres entrando?

— Foi tão longa a demora... A superiora não deu fé da minha ausencia?

O Peres desatou a rir.

— Não te apoquentes, Gracinha; a madre superiora pensa antes na ausencia de frei Domingos que na tua

E entrou a desenvolver aquelle ultimo noviciado necessario á educação do claustro. Bateram. Foi ver; era Soror Trindade. Tentou despedil-a com palavras brandas, mas a recemchegada não attendeu á predica; á outra tambem não agradou a chegada da nova crente.

— Nada de zelos, cortou o Peres com autoridade

Mas as duas estavam moucas, e possuidas de zelo oriundo de identico fervor puzeram-se a desfiar as contas do mesmo rosario.

— Não quebrem a harmonia do meu rebanho, insistiu o capellão, e empurrando docemente a segunda freira, disse-lhe:

— Vae, Trindade, resar o teu breviario.

Falou brando, mas com tal determinação que a interpellada obedeceu, vencida, como todas as companheiras, por sua firme ascendencia.

A sós com Maria da Graça, o Peres admoestou-a, naquelle tom mellifluo de sempre, censurando-lhe os impetos.

— Somos aqui uma só familia; não devem chegar até este retiro os falsos zelos do mundo.

Maria da Graça desatou a chorar e elle, approveitando-lhe a commoção, tomou-a consoladoramente nos braços, attrahindo-a e affagando-a com a sua velha manha de raposo amestrado na caça ás ovelhas de que se finge pastor.

A filha do santeiro nada perdera com o habito claustral, antes lucrara no corpo que, amesquinhado pelas beatices malsães, revigorava de novo e nessa mesma manhã, embora ligeiramente alquebrado, revestia-se de intensa vida, ao influxo de praticas que por não serem da regra monacal não eram menos edificantes.

Quando já de todo acalmado o fervoroso zelo pelas suaves consolações do padre, ella perguntou curiosa:

— Que bulicio de tropa vae pela cidade. E' algum levante?

— Não, é uma execução?

— De quem?

— Dum pirata que vivia a roubar e a matar no Reconcavo.

Dizendo isto, levantou-se e começou a compor-se para sahir.

Sahiu.

Emquanto lá dentro um vislumbre de vida quebrava na casa do capellão a inercia claustral, pela Metropole do Oceano em fóra os terços se desdobravam entre filas de gente curiosa, marchando ao secco bater dos tambores para a praça onde a forca amanhecera sinistramente erguida.

Era a execução de mestre Alvaro Gaya, preso mezes antes mysteriosamente. Articularam-se contra elle vagos crimes contra Deus e o rei; falou-se em rebellião e heresia, foi condemnado. Nada mais se sabia.

Uma curiosidade invencivel pelo inusitado espetaculo arrastava até o lugar do supplicio a multidão inconstante que mezes atraz tivera no misero santeiro o echo eloquente de seus clamores. Emquanto o verdugo dava os ultimos reparos á lugubre machina, o conego Peres dizia ao provedor da fazenda:

— Pena que a justiça não seja completa...

— Sim, respondeu o larapio; fugiu-nos o malandrim do Olanda.

— E nunca mais houve noticias delle?

— Anda por Pernambuco, á combater pela cabrada de Olinda.

— Ha de chegar-lhe a vez.

— Este deve deixar muitos dobrões..

— Algumas centenas de cruzados.

— O estado confiscou-lhe os bens.

— Mas pertencem ao patrimonio da Ordem, senhor provedor, porque a filha é freira e a ordem...

Interrompeu-se o conego deão; o corpo valetudinario do artista acabava de ser guindado ao sinistro apparelho e o carrasco iniciou a ultrajante tarefa entre o rufo dos tambores tangidos fortemente, como que para abafar os gemidos da victima.

Mas a impericia da manobra retardou a marcha da justiça, prolongando a agonia do suppliciado; a corda emperrou na roldana e, frouxa, sustinha no laço o corpo de mestre Alvaro que se debatia na angustia.

Uma crispação de pavor arrepiou a plebe estarrecida; o toque dos tambores cessou e o carrasco indeciso não sabia como remover aquella tardança. Do meio da multidão surgiam clamores; exigia-se a suspensão da pena; pedia-se o perdão do condemnado.

Urgia o tempo. Então o Peres, sahindo do lado do provedor, caminhou resoluto para o funebre instrumento, e applicando todo o peso de seu corpo, desvencilhou a corda, ajudando a bem morrer aquella creatura de Deus.

Os tambores atroaram de novo e emquanto um cortante arrepio enrijava os nervos entorpecidos dos assistentes, o conego subiu os degráos da forca e ajoelhando junto ao cadaver lançou-lhe a absolvição.

Rio—14 7-07.

EDUARDO NAZARENO.

Partida da Esquadra Americana do Porto do Rio de Janeiro na tarde de 23 de Janeiro, debaixo de um forte temporal.

Successos de Portugal

O attentado contra a familia reinante

NINGUEM, dos que acompanham os incidentes da crise politica que sacudia, ha algum tempo, a vida portugueza, podia augurar nem esperar o sanguinolento desfecho de 1º de Fevereiro. Elle foge á logica de taes attentados, si ha uma logica para as explosões de ferocidade humana; não havia razões que o justificassem: nem um odio popular, que não existia, nem a reacção contra processos alheios ao regimen civilisado que proviessem directamente do individuo tornado alvo dessa represalia extrema, nem as tradições da raça, nem o progresso moral do momento. Havia uma crise politica, em que se chocavam os interesses diversos da propaganda de um regimen novo, de velhos partidos desmontados do poder e os da defesa do throno, identificados talvez agora com interesses do paiz, pela reacção violenta, mas conservadora do homem forte a quem o rei entregara as responsabilidades dessa defesa; mas nesse choque de interesses contrarios, a nação mantinha em suas linhas essenciaes o regimen constitucional de liberdade e de tolerancia e, mercê desse regimen, a opposição, unida em uma mescla heterogenea para o ataque ao poder, redigia livre e vigorosamente os seus jornaes, elegia os seus deputados, usava sem peias do seu direito de critica e de agitação, traduzido em *meetings*, em interpellações, em artigos vehementes, na campanha da imprensa, do parlamento e das ruas. A compressão politica exercia-se, de facto, nos processos administrativos com que o Snr. João Franco corrigia os abusos inveterados que encontrára e que constituiam a diathese dissolvente do regimen monarchico.

Foi esta acção, exercida com o desassombro de um homem que foi para o poder sem a necessidade delle para construir a sua vida publica e privada, que produziu a reacção violenta, que chegou, no desenvolvimento dos seus incidentes, até o regicidio, que gerou a campanha feita por dois agrupamentos partidarios, unidos pelos interesses do momento, mas divergentes por completo nos seus objetivos: as aggremiações monarchicas afastadas do poder e fustigadas pela mão forte do presidente do Conselho, levadas pelo empenho de reduzir o rei a voltar de novo ao regimen do rotativismo parlamentar, da successão intermittente dos partidos que se revezavam no governo sem ideias effectivas e sem beneficios efficazes e, de que a confiança dispensada á chamada dictadura João Franco não parecia permittir o restabelecimento; o partido republicano, instigado pela necessidade de apressar o movimento revolucionario que a dictadura João Franco parecia comprometter pelo saneamento dos erros e dos abusos que eram de longa data a causa e a justificativa, no elemento popular, da aspiração de um regimen novo com a queda das instituições monarchicas.

Um dos mais importantes diarios allemães o *Berliner Tageblatt*, inseriu, antes de ter a crise da politica portugueza attingido a intensidade destes ultimos tempos, um artigo do seu correspondente em Lisboa, e que reside na capital do reino ha longos annos, julgando o conselheiro João Franco e as causas da agitação vehemente que se fez em Portugal contra o presidente de Conselho de Ministros.

"Não obstante ter-se apresentado contra Franco tanto odio, tanto azedume (escreve o correspondente do diario allemão); não obstante os erros que este despotico, porém desprendido estadista, tem commettido na sua acção, devemos concordar em que, durante o curto periodo de sua presidencia, elle tem conseguido fazer um trabalho difficil e fructifero, e, pelo menos em parte, acabado com o systema de corrupção, quasi sem igual no mundo, que dominava todos os negocios publicos.

Com um movimento de penna, Franco despediu centenas de funccionarios, os quaes, na realidade, possuiam umas sinecuras, que muitas vezes passavam do pae ao filho.

Entre os funccionarios despedidos achava-se um alto empregado do ministerio do interior, que aliás occupou uma serie de semi-empregos no ministerio do exterior e outras repartições; esta actividade, entretanto, não impedia ao mesmo homem consagrar a sua actividade a alguns bancos e grandes sociedades commerciaes, que o requestavam, devido á sua influencia. Por muito tempo, elle exerceu o cargo de ministro portuguez na corte de Pekim, percebendo ordenado etc, sem fazer aquella viagem desagradavel e longinqua.

Dos tempos idos conservaram-se uns empregos, cuja importancia consistia em que os seus titulares percebiam ordenado. Assim, uma prima de um ministro percebeu ordenado, por muito tempo, como "aia dos gatos da Alfandega". Tinha essa "aia" uma meia duzia de auxiliares bem remunerados, e no orçamento apparecia annualmente uma quantia redonda, destinada para o sustento dos gatos d'El Rei.

Não houve Tribunal de Contas que inquerisse que especie de gatos era sustentada com os dinheiros do orçamento.

Quantias importantes se conservavam no orçamento, como subvenções ás escolas de mosteiros, não obstante essas escolas se acharem fechadas desde tres annos.

Por tudo, Franco descobriu 2.600 funccionarios, de ambos os sexos, cujos serviços o Estado podia dispensar sem falta alguma para as necessidades da sociedade.

Quantias enormes eram consumidas tambem com varias commissões que absolutamente nada faziam, como por exemplo, a commissão de estudo de instituições sanitarias do estrangeiro e outras, porém que muito regularmente percebiam subvenções elevadas.

Pode-se imaginar qual o descontentamento de uma enorme classe de pessoas, cujos interesses foram attingidos com os actos de Franco. D'entre elles, recrutam-se os adversarios maiores de Franco nas fileiras de opposição; é entre elles que é preciso ir procurar os homens que arranjaram arruaças durante a viagem do presidente do conselho, em varias localidades do paiz."

João Franco adiantara, mais, um grande numero de soluções a questões sociaes e econo-

micas, que os outros partidos não tinham tido a capacidade de resolver, e que permaneciam como um ensejo ás aggressões partidarias e ao combate ao regimen. A monarchia devia lhe ser grata por isso e D. Carlos sustentou esse homem contra o ataque e a atoarda dos outros; o paiz, na sua maioria conservadora, apoiava-o. O combate dado ao estadista que tão bruscamente quebrava as praxes do regimen, foi rude, entretanto, tanto mais rude quanto mais se accentuava a inferioridade dos outros; e a reacção do presidente do Conselho, dada essa rudeza e a feição do proprio temperamento, não podia deixar de ser autoritaria, violenta por vezes. Dahi a intensidade crescente da crise, em que se uniam no mesmo ataque os mais variados elementos.

Os republicanos, dirigidos por homens de valor, e que haviam se aproveitado, para a demolição do regimen, dos seus erros e das suas alcavalas, aproveitavam-se agora, para combatel-o, do autoritarismo combativo do seu primeiro ministro; e a campanha tomou a feição acirrada, aggravada pela questão irritante, levantada nas côrtes e destinada a impressionar a massa popular nos seus sentimentos rasteiros, das dividas da corôa. O ministerio viu-se na contingencia de demittir-se ou dissolver as camaras; e o rei não hesitou em conceder a dissolução, medida empregada, aliás, por mais de uma vez, no decurso do regimen. A agitação chegou ao seu maximo de tensão nas cidades onde o elemento republicano é avultado; este, apoiado nos elementos de reacção dos partidos monarchicos, preparou-se para agir decisivamente, atirando á rua a revolução; descobriram-se conspirações e depositos de armas; e o presidente do conselho, na defesa das instituições de cuja confiança era o depositario, interveio energicamente, ordenando a prisão de grande numero de chefes e figuras destacadas da opposição e apparelhando elementos para fazer deportar os mais perigosos.

Foi nesta situação que D. Carlos voltou de Villa Viçosa para Lisboa, onde a crise exigia a sua presença, e que se deu o ignobil e imprevisto attentado de 1º de Fevereiro.

De todas as consequencias, entretanto, da exacerbação politica que agitava os partidos portuguezes, essa era a que não podia, a que não devia ser esperada. No meio do tumulto das paixões e interesses revoltos, não havia o odio ao rei, que era pessoalmente bom e amado do povo e que não representava em toda a luta senão um symbolo. Para os republicanos, o objectivo era substituir o regimen que D. Carlos symbolisava, por outro mais consentaneo com o espirito moderno, com as aspirações sociaes deste tempo, com as necessidades do meio e da epocha; para a opposição monarchica o interesse estava em reduzir o rei a alijar o Sr. João Franco e voltar aos processos do rotativismo parlamentar, cuja longa esterilidade desenganara finalmente o soberano.

O attentado, que foge ás leis do progresso moral destes tempos, que nega brutalmente as conquistas da civilisação humana, que sae das tradições impetuosas, mas cavalheirescas, da raça, era para ambos os agrupamentos um facto negativo. Não se o podia esperar de uma attitude intelligente e logica; não se o devia presuppor nestes tempos, fóra da Russia e da Turquia. O proprio soberano, figura forçada do entrevello politico, não lhe poude admittir a possibilidade e voltou a Lisboa sem precauções, em carro descoberto.

Deu-se, entretanto. A sua mesma selvageria fez com que todos, até o governo portuguez, o attribuissem á acção desvairada do anarchismo, tanto repugna crer que fosse obra de partidos organisados. As ultimas descobertas da policia, porém, parecem abalar bastante esta suggestão consoladora. O modo collectivo do ataque, tão em contrario aos processos individuaes dos attentados anarchistas, que eram já um ponto de duvida nas primeiras affirmações, o empenho evidente de anniquilar de um só golpe todas as probabilidades de successão directa ao throno portuguez, são accentuados agora pelo conhecimento de nomes, de cumplices, de ligações. Até que ponto poderá ir nisto a responsabilidade dos partidos em opposição? Não se pode dizer.

Houve evidentemente a acção de um grupo, combinada e posta em pratica com um exito que denuncia uma cabeça intelligente e energica; não será impossivel, porém, que seja isso a acção de um grupo destacado, dos exaltados que existem em todas as agremiações e que se revoltam, perigosa e intempestivamente, contra os processos, que julgam contemporisadores e morosos, da grande maioria.

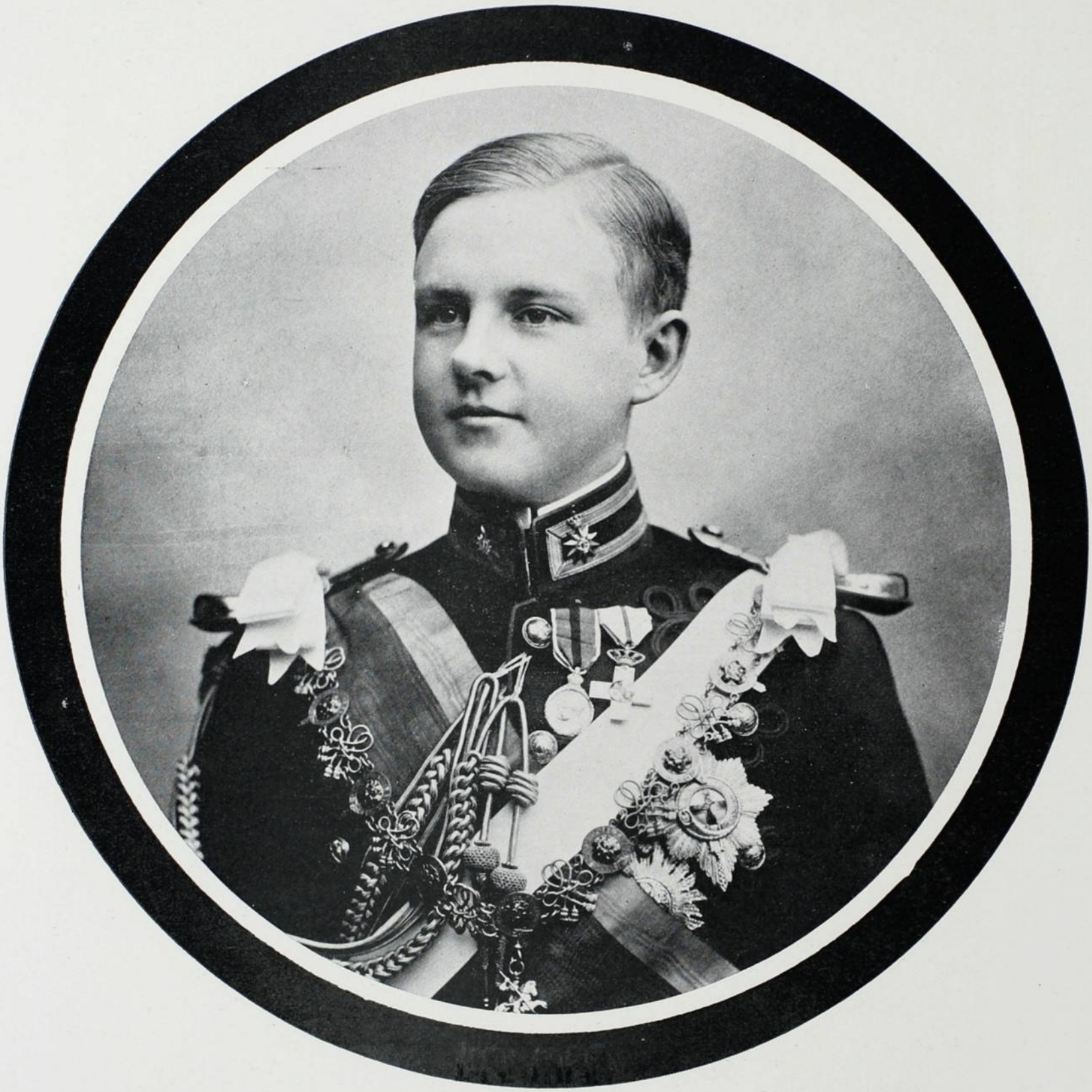
Não se pode esconder o quanto a situação portugueza se aggrava de mais em mais e o receio de que horas mais rudes, represalias mais dolorosas, venham ainda a ensombrar a vida tranquilla do operoso Portugal. Nada se pode augurar de seguro, nem mesmo a estabilidade do throno desse menino feito rei na mais pungente das situações. Amanhã a republica pode ser um facto victorioso em Portugal.

Os votos dos republicanos de todo o mundo são, entretanto, para que ella venha liberta desse laivo de sangue do attentado de 1º de Fevereiro; e que a democracia portugueza celebre o seu triumpho sem que de leve a acoime, não já a pratica, mas o projecto de um processo de exito que até agora só teria um *simile* na tragedia revoltante de Konak, na Servia.

L.

Ao Cons.º Lampreia
Como lembrança de seu amigo
Carlos R.
Lisboa 1906

D. CARLOS I



D. LUIZ PHILIPPE

D. MANOEL II — REI DE PORTUGAL

A RAINHA D. AMELIA

A SITUAÇÃO POLITICA EM PORTUGAL

A POLITICA de odio, resurgida pelo ministro João Franco e em má hora apoiada pelo Rei, teve o seu desfecho nessa tristissima tragedia que acaba de enlutar a patria portuguesa. A formação do gabinete franquista, composto de elementos heterogeneos, de estreantes incitados pela ambição ou pela gloria, era o ultimo recurso a tentar para a solução dos variados problemas politicos que se debatiam entre dois partidos fosseis e fracos, que

CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

se succediam mutuamente, se guerreavam á surdina. João Franco, com a bossa do despotismo, não conseguindo arrancar das mãos dos seus chefes o sceptro do commando, tratou de constituir esse partido, congregando elementos valiosos, uns pelos seus recursos, outros pela sua influencia, outros pela sua docilidade comprovada, que foi apresentado ao paiz na cidade do Porto em um curiosissimo banquete, organisado e pago pelo Conselheiro José Novaes, ex-ministro da justiça, e mais tarde, na mesma cidade, recebido a pedras na pessoa do seu chefe, já então Presidente do Conselho. Os primeiros actos de João Franco, o seu advento ao poder, foram a declaração de guerra aos seus desaffeiçoados, contra quem encetou uma perseguição tenaz; a reducção, a titulo de economias, dos já mingoados honorarios dos indefesos empregados publicos, levando o descontentamento a todos os partidos, sem distincção de côr, que viam com máos olhos a acção tyrannica do ministro e a teimosa acquiescencia do Rei. A luta dos partidos foi dominada pela lucta pessoal, o triumpho da idéa cedeu o logar ao desejo de vingança; os velhos servidores da monarchia, com o passado cheio de serviços, revoltaram-se contra o regimen de absolutismo implantado e os jornaes, que eram os oraculos do povo soffredor, insurgiram-se contra o despota que os obrigava a esconder as suas idéas e a dominar os impulsos das suas almas livres, que o capricho dum homem queria escravisar.

A vida publica de João Franco esclarece sobremaneira a sua conducta.

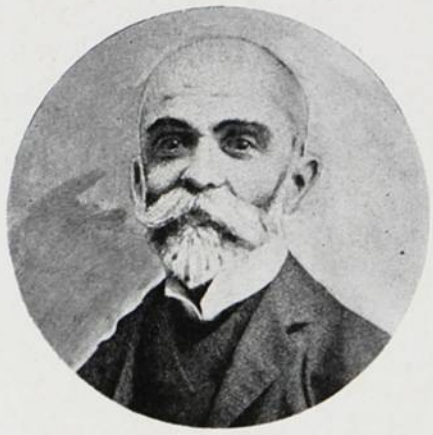
Nunca teve principios, só conheceu fins. Em 1896, na sessão parlamentar de 9 de Janeiro, fazendo o elogio funebre desse desventurado rapaz que se chamou Carlos Lobo d'Avila e cuja curtissima passagem na nossa politica deixou um inextinguivel raio luminoso, elle proclamava:

> ...Quando os interesses estão em jogo não é esmagando nem apavorando que a questão se resolve; é procurando um resultado harmonico aos interesses encontrados em litigio e em lucta, para que esse resultado possa ser acceito sem difficuldade.

E doze annos depois, chefe desprestigiado dum partido fraco, deixando nos ministerios de que fez parte uma impressão triste e nos amigos que o ajudaram o travor das suas ingratidões, sob uma visão pombalina atira a um povo inteiro a luva do desafio, julgando que esse povo pacato e brando, que durante alguns seculos soffreu calado os vexames de quatro dynastias, não teria tambem a sua hora de revolta, o seu momento de altivez.

João Franco foi unico culpado dessa situação melindrosa que assoberba a realeza e desse fim tragico que veio coroar a sua obra de destruição. A morte do Rei e do infante não foi obra dos Republicanos portuguezes.

A alma diamantina de Bernardino Machado, o profundo criterio de Augusto José da Cunha, a intelligencia lucida de Affonso Costa e o caracter limpidissimo de todos os coryphеus do partido Republicano portuguez, reprovam esses processos barbaros, que vieram arrancar dos braços amantissimos duma esposa virtuosa e duma Mãe extremosissima os carinhos dum marido e dum filho.



BERNARDINO MACHADO

AFFONSO COSTA

A republica que elles almejam e para a realisação da qual elles emprestam toda a sua energia, todas as suas faculdades, é a instituição pacifica que vae crescendo entre o povo, vagarosamente, como o arbusto irrompendo do solo, sob a caricia desse fulgurante Sol que é o pensamento humano, fecundado por esse orvalho que é a palavra eloquente dos sectarios; é a republica calma que tem por base os direitos do homem e por aspiração a tranquillidade do povo; é a consequencia do triumpho das idéas democraticas que germinam nas massas populares, quando ellas são educadas, quando ellas pensam, quando ellas raciocinam.

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

ALEXANDRE BRAGA

Tem sido esse o grande trabalho do partido republicano, insignificante ha dois annos, immenso hoje, cujos principios têm raizes em todas as classes sociaes, ora latentes sob a farda dum soldado ora alarmantes sob a blusa dum operario,partido esse composto da parte pensante da nossa nacionalidade, onde se encontram vultos proeminentes de gabinetes extinctos como Augusto José da Cunha e Bernardino Machado; advogados e lentes como Affonso Costa,

JOÃO CHAGAS

Alexandre Braga, Theophilo Braga e Duarte Leite; medicos como Antonio José d'Almeida; jornalistas como Magalhães Lima e João Chagas e outros que, soffrendo e luctando cheios de fé e cheios de coragem, como suprema compensação dos seus esforços começam a lobrigar no horisonte, ainda immerso no diluculo, os primeiros raios do rosicler bemdito da aurora da sua redempção.

DR. TEOFILO BRAGA

DR. MAGALHÃES LIMA

ALBERTO DE SÁ.

O DIARIO

FOLHA ILLUSTRADA E NOTICIOSA

BREVEMENTE

Anno V

Numero 2

FEVEREIRO DE 1908

KÓSMOS

SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac
A nossa Aristocracia	Lima Campos
A Bella Adormecida	Alcibiades Furtado
Pelo Rio Branco	X.
A Communhão dos Presos	Papi Junior
Peixes da Ribeira	Alipio de Miranda Ribeiro
Rio Araguaya	Eduardo Socrates
A uma Senhora	Emilio de Menezes
A tragedia de Lisbôa	Sylvio de Sá
Vindicta Popular	Z.
A Torre de Marfim	Coelho Netto
Rumo do Oriente	Cunha Mendes
Domingo de Carnaval	Celso Vieira

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896.

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs 200.000:000$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇAO EXCLUSIVA DA
♣ ♣ ♣ *EQUITATIVA* ♣ ♣ ♣

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos.

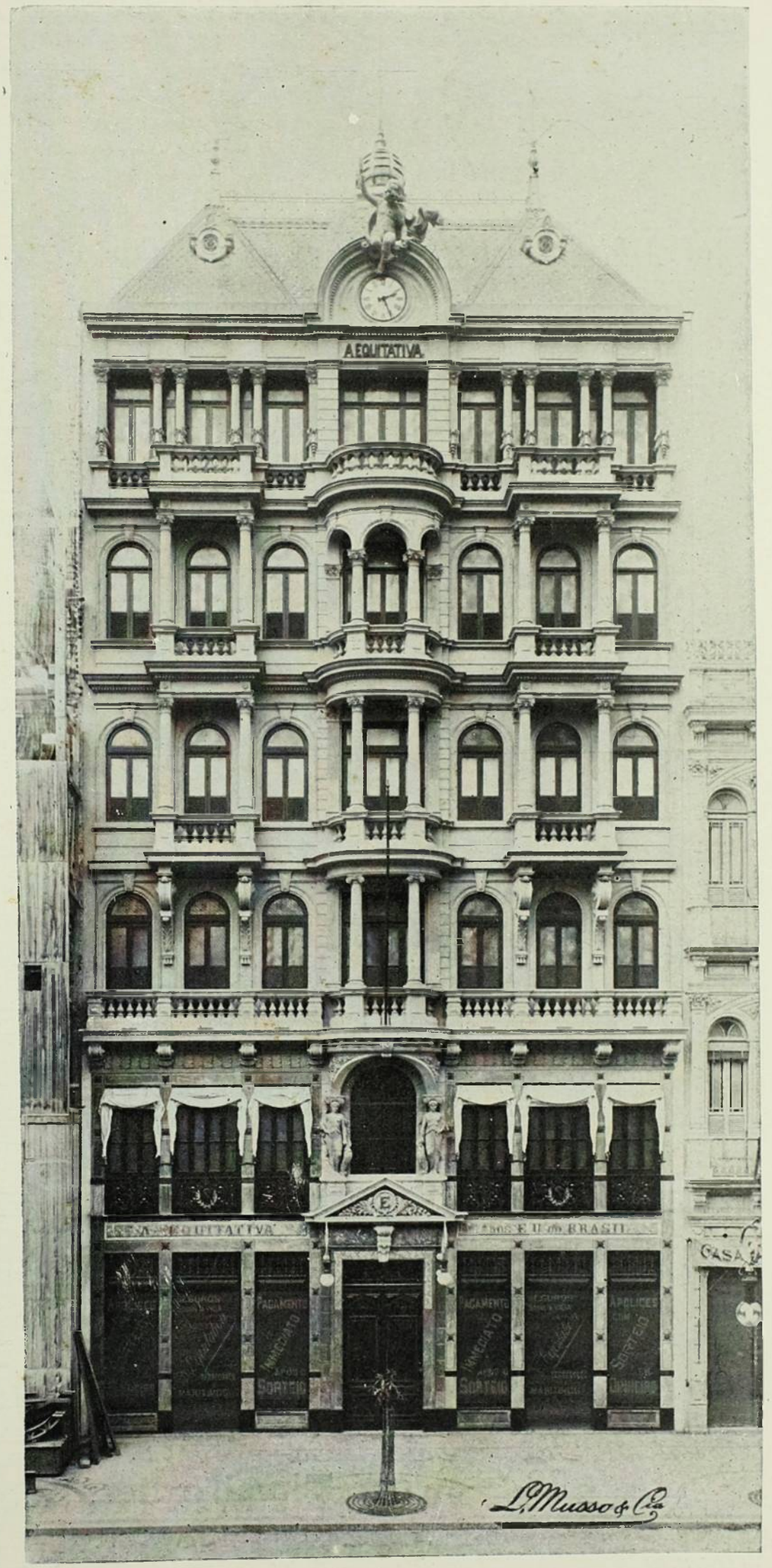
Agencia em todos os Estados da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Addido militar do Brasil no Japão,

durante a guerra russo-japoneza

Das officinas de *Kósmos* acaba de sahir á luz a obra do Capitão Moreira Guimarães, ornada de numerosas gravuras, descrevendo a terra e a gente Japoneza, que elle poude apreciar durante a sua longa estadia naquelle longinquo paiz.

Acha-se á venda o livro na RUA DA ASSEMBLÈA 62

1 volume de cerca de 200 paginas, com grande copia de illustrações **6$000**

RIO DE JANEIRO

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

Grande e extraordinaria Loteria Federal

SABBADO, 14 DO CORRENTE

171—4·

Por 15$800 **200:000$000** *Por 15$800*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V — FEVEREIRO 1908 — N. 2

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

JA' tudo foi dito, acerca dos tragicos acontecimentos que malsinaram e ensanguentaram o começo de fevereiro. Nos commentarios com que foi recebida a noticia do assassinato do Rei e do principe herdeiro de Portugal, figurou toda a gamma vasta e variada das impressões que, num momento de commoção profunda, podem dominar a alma humana: colera, piedade, horror, indignação, dó, sorpresa, revolta, acabrunhamento moral. Tudo foi dito; e, com a chegada do Carnaval, morreram os ultimos echos do pranto e das maldições.

Até em Portugal, em Lisboa, no proprio theatro em que se representou a tragedia, parece que o esquecimento já pesou sobre o caso. Rei morto, rei posto. O novo rei, por bem ou á força, por bondade natural ou por precaução politica, reeditou o famoso «Perdono a tutti!» de Carlos V, na estafada opera de Verdi; abriram-se as portas das prisões, João Franco abalou para o estrangeiro, restabeleceram-se as garantias constitucionaes, abafou-se o inquerito, suspenderam-se as pesquizas policiaes, e poz-se em pratica a «theoria do facto consumado»: o que está feito está feito, e o que não tem remedio remediado está. E tudo e todos continuam a correr, levados pela agua do grande rio do Tempo, que a tudo e a todos carrega e destróe. O throno está de novo occupado, e nada mudou: apenas em S. Vicente de Fóra, ha mais dois sarcophagos reaes, e sobre elles já murcharam as ultimas flores e seccaram as ultimas lagrimas...

Não ha homens indispensaveis! Nem homens, nem situações, nem regimens... Tudo e todos, no mundo, se podem dispensar. Esta grande verdade, que aos ambiciosos parece terrivel e injusta, é, ao contrario, muito consoladora e muito justa para os philosophos. Se houvesse homens indispensaveis, o progresso humano seria uma van aspiração. Que seria da humanidade, e dos seus ideiaes, e dos seus mais serios interesses de civilisação, — se o seu destino dependesse da vida ou da morte de um pequeno numero de homens?

E' tão grande a miseria humana, que a vida dos homens mais fortes pode ser abolida, em

segundos, pelo meio insignificante dos accidentes. Uma porta mal fechada, deixando passar um filete de ar frio, fulmina pela pneumonia dupla um hercules; um microbio invisivel apodrece num instante o corpo do mais temido e ousado dos conductores de homens e de povos; um coagulo microscopico de sangue, numa arteriola do cerebro de um philosopho ou de um poeta, abafa e apaga em um millionesimo de minuto a fecunda seiva que naquella substancia nervosa desabrochava em ideias e relampagos de genio.

E' principalmente na politica que se reconhece bem que não ha homens indispensaveis. Napoleão dominava o mundo de tal maneira, que a sua morte parecia dever acarretar comsigo a estagnação da vida mundial, a paralysação definitiva da existencia da humanidade: entretanto, uma batalha infeliz encadeou esse gigante, esse semi-deus, esse Prometheu prodigioso a um rochedo inhospito, onde o abutre de um cancro maligno lhe roeu largamente o estomago, dando-lhe uma agonia cruel que se escoou no meio da indifferença de toda a humanidade... Tambem Bismarck parecia indispensavel: o seu punho de ferro esmagára a França, congregára num sò povo todos os povos germanicos, déra um formidavel e riquissimo imperio ao velho Guilherme: quem se atrevia a affrontar esse chanceller omnipotente? — mas o novo imperador, um moço, quasi um menino, deu um piparote nesse prestigio illusorio, e despediu do serviço publico o estadista terrivel, lão serenamente como se despedisse do serviço domestico um simples criado de quarto...

Se não eram indispensaveis Napoleão e Bismarck, — como havia de ser indispensavel um rei artista e amigo da boa-xira, que passava a existencia a caçar e a pintar aquarellas e guaches?

Se fosse permittido, sem crime de lesa-humanidade, considerar apenas em um crime como o de Lisboa um interesse particular, — nós, brasileiros, poderiamos dizer que perdemos mais do que os portuguezes...

Porque, emfim, os portuguezes nem mesmo perderam um rei,—uma vez que já lá teem, sentado no mesmo throno, empunhando o mesmo sceptro, e lendo á cabeça a mesma corôa, um novo rei que é prolongamento e continuação do outro, sendo da mesma familia, da mesma estirpe dynastica, e do mesmo caracter constitucional...

E, para nós, a vinda de D. Carlos ao Brasil, este anno, representava uma fonte de agitação, de movimento, de propaganda, de riqueza, de vida. E vimos de repente estancada essa fonte!

Ha no Rio de Janeiro (segundo o recenseamento de 1906, que acaba de ser publicado em um admiravel e proveitosissimo volume) 811.443 habitantes. Não é exaggero calcular que, por occasião da visita do rei de Portugal, essa população, durante dez ou quinze dias, seria triplicada. Da Europa, das Republicas visinhas, dos Estados da União, accorreriam bastas levas de forasteiros, attrahidos pelo esplendor das festas. E o dinheiro que correria por ahi, em Pactólos maravilhosos! e a propaganda que com isso teria na Europa e na America o nome do Brasil!

Tudo isso perdemos, tudo isso nos roubou a bala que roubou a vida a D. Carlos.

E não podemos arranjar outro rei para substituil-o...

Os reis não andam actualmente muito dispostos a emprehender longas viagens... Um vento máu está soprando sobre os thronos, que oscillam, desconjunctados, como náus em perigo, dansando sobre aguas revoltas.

No mesmo mez em que morreu D. Carlos, duas bombas de dynamite ameaçaram o Schah da Persia, em Teheran, e o presidente Alcorta, em Buenos Aires. Este ultimo não é rei; é um chefe temporario, facilmente substituivel no governo sem processo violento; e se, nessas condições, a sua vida tambem corre perigo, como hão de dormir tranquillos e viajar descançados os que ainda teimam em manter, incarnadas nas suas pessoas, as velhas, anachronicas e estupidas ficções do poder absoluto, directamente concedido por deus, e consagrado pelas rezas hypocritas dos padres e pelas bajulações interesseiras dos aulicos?

Decididamente, não poderemos arranjar, assim do pé para a mão, e no curto prazo de trez ou quatro mezes, um rei que possa substituir o rei que esperavamos...

Mas não é permittido, já o escrevi, sem crime de lesa-humanidade, cuidar de um interesse privado, quando se trata de uma desgraça como esta.

Passaremos sem rei... Ninguem é indispensavel. Nada é indispensavel. Se até sem dinheiro e sem amor se póde viver!...

O. B.

A nossa Aristocracia

O ANALYSTA superficial, o observador falho e frivolo dirá que não temos aristocracia por que nunca a tivemos.

Não é exacto. Ella existio e da mais legitima, da mais nobre, da mais insuspeita.

O burguez e o aventureiro que a avassalaram, que a expulsaram para lhes assumir os lugares e a evidencia, nega-a hoje para se emprestarem o lustro e o brilho que não possuem innatamente e darem, como de origem pura e limpa o latão polido que veio substituir o ouro valioso, o pechisbéque que se inculca joia de preço.

E com effeito—arredada que foi a aristocrocia das nossas culminancias sociaes pelo burguez invejoso, rugindo rancores contra os *legitimos*, contra os *sellecionados*, qual é, presentemente, a sociedade que nos domina, aquella que se titula como a nossa aristocracia?

E' facil responder e essa resposta está ha muito no conhecimento de todos os que observam com acerto e estudam com criterio o nosso meio, os seus typos e os seus costumes: é uma sociedade de corretores, uma *aristocracia* de bolsistas e dignitarios do commercio e de directores de emprezas fabris cujo *complexo, difficil e pesadissimo trabalho* é pago pela producção do braço incansavel e infeliz do operario a quem recusam annualmente o augmento miseravel de 30 ou 40 réis por metro ou kilo produzido emquanto, a titulo de *justas* e *necessarias* gratificações, a titulo de *festas*, se distribuem mutuamente 200 e 300 contos, a cada um, pelo Natal e pelo Anno Bom!

Uma aristocracia de agenciadores e apregoadores de papeis da bolsa, de vendedores de mercadorias e de especuladores do operario!

Ideal!

Os proprios manipanços da politica e da alta administração não occupam hoje os vertices da sociedade, como outr'ora occupavam a par dos aristocratas.

Curvam-se e fazem corte ao burquez plutocrata.

E como os coripheus da politicagem, procedem as proprias summidades das Artes e das Lettras que frequentam os salões da corretagem e do negocio, que fazem igualmente côrte á burguezia aurea, sem se envergonharem desse intimo contacto, sem se vexarem desse tristissimo rebaixamento.

Factos taes attestam o quanto está generalisada a anarchia que, infelizmente, domina, na actualidade, classes e individuos, porque quando ella se patenteia nas mais altas camadas sociaes de um paiz, quando ella chega a affectar os seus homens mais eminentes, que, desorientados e tocados pela cegueira das ambições vulgares, tudo aceitam e com tudo se conformam, é porque já o mal é tão radicado que só, talvez, a violencia de uma evolução pratica possa sanal-o.

Mas, essa evolução de facto, essa revolução, quem a fará e a dirigirá?

O aristocrata legitimo?

Mas, a aristocracia pura, entre nós, é hoje limitadissima, é hoje fossil e, alem disso, desprovida dos recursos indispensaveis para a lucta e posta no mais doloroso ostracismo pelo burguez que a espoliou e que lhe usurpou, desde os meiados do segundo Imperio, as prerogativas, para transformal-as nas pennas vistosas de pavão com que collorio e disfarçou a gralha da sua estulticie, da sua orlgem inferior e do seu rancor occulto pelos finos, pelos legitimos incontestaveis.

Quem, então?

O operario?

Mas, o operario, vencedor, restabelecerá, após a victoria, o regimen preciso, a instituição necessaria das altas, educadas e bellas distincções sociaes? De certo, não.

Elle se limitará a arredar, apenas, o burguez que o preme, que o odeia, que com elle especula o explorando e a quem elle tem o direito justo de detestar e de benemeritamente esmagar, para, em seguida, satisfeito e fascinado, se apossar e usar do que o burguez miseravelmente se apossou e ousada, ridicula e indebitamente usa.

Quem, portanto

Parece-nos que sómente á intelligencia das gerações vibrantes que estão proximas a chegar, á intellectualidade e ao espirito de combatividade dos *raros* e *eleitos* fnturos cabe esse dever: — banir o burguez, fazendo-o reverter a camada baixa e nulla de que procede; garantir o trabalho honesto pela retribuição justa e igualmente honesta, e restabelecer os direitos cabiveis da aristocracia á culminancia social, repondo-a e mantendo-a garantida em seu novo desenvolvimento, no fulgor necessario dessa sua *reprise*, para a possivel existencia benefica, hygienica e apurada de uma perfeita e legitima sociedade de que nos possa-

mos, desvanecidos, honrar pela legitimidade dos seus titulos, dos seus aspectos, das suas origens e dos seus fóros.

Praticar esse dever, mas, visada e essencialmente, banir o burguez, annullal-o, impedindo que resurja; praticar, de vez, essa benemerita antisepsia, obstando que continue a tudo dominar, como elle hoje aqui tudo domina coagindo os direitos, abafando a razão, odeiando e combatendo, por instincto e perfidamente, a bondade, o merito e o trabalho dos simples que explora para viver e que enfraquece para que não vençam, proliferando em quasi todas as classes, quasi todas de sua posse, porque elle é hoje, infelizmente, a maioria do clero e se occulta nas sotainas, adulterando, nas suas prédicas, a bellesa singella, clara, tranquilla e consoladora da doutrina de Christo, para pregar sómente a seita, para propagar e manter unicamente as lithurgias; e como no catholicismo elle domina igualmenfe em todas as religiões, desvirtuando as doutrinas para implantar preferivelmente o interesse dos ritos, senão o seu proprio interesse; é a burocracia e se occulta nos médios e altos cargos das repartições, distribuindo a protelação e a injustiça com a descortesia brusca e secca de um autocrata; é o elemento militar e se occulta na immunidade abusiva da farda, menospresando o povo, o civil, menospresando o *paizano* que é as outras classes, que é todo o paiz; é a propria legislação (calculem!) e se occulta nas tribunas e nas cadeiras legislativas, acanhando, mediocrisando, deturpando a politica; é, emfim, a sociedade, a *alta* sociedade, a nossa *aristocracia* actual (que insulto e que pilheria!) disfarçando para isso, a corretagem e o negocio na casaca nobre que insolente e usurpadoramente veste, maculando-a, impregnando-a do seu almiscar de animal mercador, egoista e insensivel.

E é elle hoje quem dirige os erarios publicos na face do mundo e quem arma as nações dos mollossos de aço e dos florestaes de ferro para fazer a guerra, não a nobre, a digna guerra antiga, a guerra do brio ou a guerra das idéas em que a honra e o espirito fulgiam ao sol como a propria lamina polida das armas, mas, a guerra moderna: a guerra de commercio que tem por marechal dirigente, calculista e occulto o seu egoismo, e por almirante ganancioso a sua ambição, conquistando o ouro transwaliano em charcos de sangue, envolvendo a cobrança na soberania civica das bandeiras convertidas em caixeiras de prestamistas e de companhias de mercancia e massacrando o incola africano, cuspindo o fogo poderoso sobre a azagaia fragil para o roubo dos territorios, pisando a pés ferrados a dignidade espiritual e civilisadora das cathecheses e a meiguice chistã da Paz e da Fraternidade.

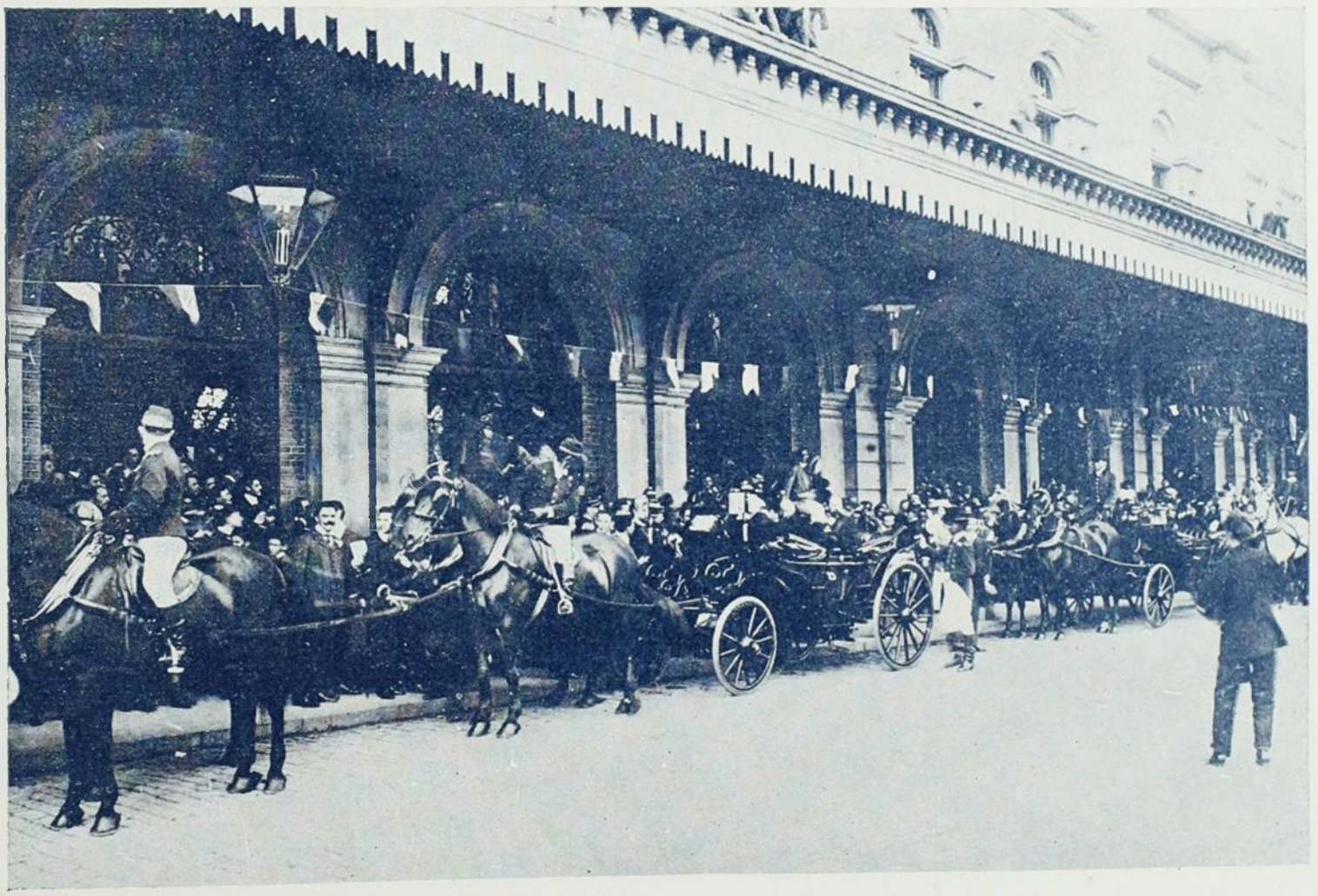
LIMA CAMPOS.

VIAGEM A S. PAULO

PARA as gentes embebidas da visão das viagens maravilhosas, das excursões fantasticas que batem o *record* da longitude e da rapidez, e de que andam cheios agora os noticiarios dos *yankees*, como plenos andavam dellas, ha alguns annos, os romances de Julio Verne, a excursão do Presidente Affonso Penna ás linhas paulistas das estradas de ferro Central, Sorocabana, Noroeste do Brasil e S. Paulo Railway não attinge, de certo, as raias das cousas espantosas de que nós, brasileiros traduzidos gradativamente para o americano, estamos agora repassados e seduzido .

Ella foi, entretanto, e muita gente ha por este Brasil que o ignora, a maior excursão feita continuadamente em estrada de ferro em nosso paiz, com o percurso seguido em quatro grandes linhas differentes, em que os trens de zonas diversas se fundiram, circulando os de uma empreza nas de outra, e com o desenvolvimento respeitavel de 2.597 kilometros, feito em quatro dias.

Sahir do Rio de Janeiro, entrar com o comboio da Central pela linha da S. Paulo Railway até a monumental estação da Luz, reencetar dois dias depois a viagem seguindo pela Sorocabana, adiantando-se pela Noroeste desde Baurú até a nova estação de Presidente Penna, avançar, regressando, pela linha S. Paulo Railway até S. Paulo, continuando com o trem desta pela linha da Central, como uma paga reciproca, até Guayaúna, correr novamente pela ferrovia federal até á capital da Republica, sem ter parado durante os ultimos quatro dias senão o tempo exigido pelas refeições, pelo recebimento dos *vivas* e das saudações nos pontos onde a população se apinhava para «ver» o chefe do Estado, accrescentando a isto o rapido tempo das raras baldeações, é uma *africa* de que nem todos, mesmo os de alma *yankee* se podem envaidecer, e *africa* que avulta com os cincoenta e sete annos do Sr. Dr. Affonso Penna, ainda que enrijados pelos habitos viajeiros de sertanejo, de que tão justamente se orgulha o Sr. Presidente da Republica.



CHEGADA DO DR. AFFONSO PENNA EM S. PAULO

Para S. Paulo, como afinal para toda a Republica, esta viagem tinha a alta expressão de uma politica de expansão nacional, no sentido rigoroso do termo, pela penetração

civilisadora das florestas até bem pouco infecundas e inhospitas, pela approximação dos Estados, cujas fronteiras a ligação ferroviaria faz, de avanço em avanço, desapparecer, pelo accrescimo de conforto, que é tambem um dos escopos da civilisação, com o alargamento da bitola da Central e o desapparecimento de transbordos incommodos.

Matto Grosso era uma «expressão geographica», como a denominou um politico, isolada do convivio da vida moderna pela distancia formidavel dos caminhos invios e pela area incommensuravel do seu territorio onde impera ainda a floresta primitiva — e a Noroeste do Brasil avança, celere em busca dessas mattas para fazel-as substituir pelo trabalho organisado e pelas populações progressistas, diminuindo esses caminhos, encurtando

A MULTIDÃO AGUARDANDO A PASSAGEM DO PRESIDENTE DA REPUBLICA

essa distancia pela rapidez dos comboios carregados; em Baurú, termino da Sorocabana e inicio da Noroeste, os bugres matavam, ha poucos annos, a flechadas, um sacerdote que se abalançara a fazer-lhes a cathechese — e Baurú floreja hoje no seu casario numeroso e risonho, nas numerosas officinas das estradas de ferro, na população laboriosa, pacifica e feliz.

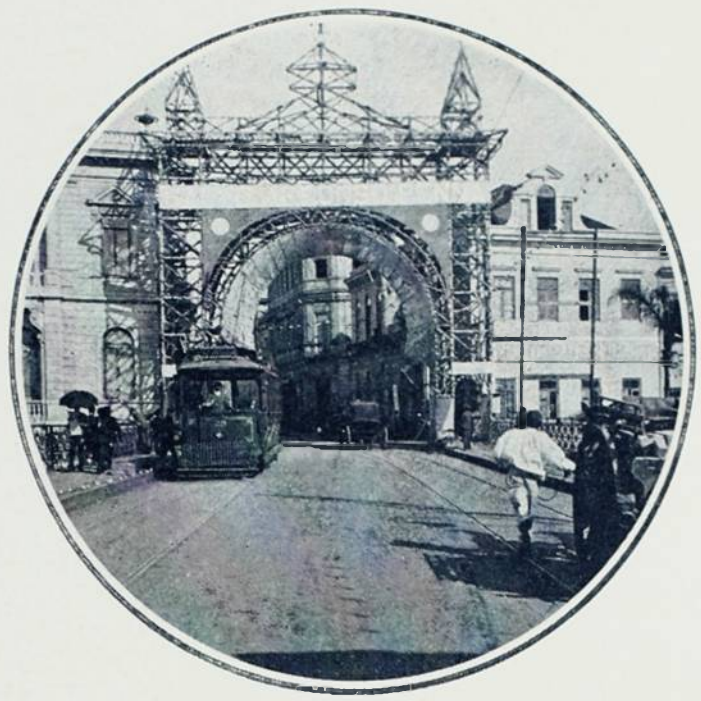
O Paraná mantinha ainda, faz desoito annos, os seus sertões do Paranapanema, na zona intermedias daquelle Estado e de S. Paulo, como um ponto de interrogação, marcado nos mappas da Republica com a nota de «terras desconhecidas», porque, de facto, as conhecia apenas o selvicola aggressivo, que mantinha fora dessas terras a intervenção do progresso: e as terras do Paranapanema, hoje completamente exploradas pela commissão que devassou todo o valle do rio Feio e dos seus affluentes, vê vararem n'a os trilhos de aço que conduzirão por entre ellas os semeadores do progresso, as linhas de ligação que transportarão, em breve, o viajante, no conforto de um carro-leito, do Rio de Janeiro a Curytiba, a Santa Catharina ao Rio Grande do Sul.

E' facil de comprehender assim o valor dessa excursão, affirmativa de uma expansão nacional, feita lenta mas seguramente em dois decennios, ou melhor, em dezenove annos de vida republicana, tão lentamente quanto se pode classificar a penetração, nesse curto tempo, de milhares de kilometros de terras ignoradas e hostis, pela civilisação, pelo trabalho e pela riquesa.

Para S. Paulo, essa expansão exprimia um susto das qualidades fortes do antigo bandeirante, desvirginador de florestas e semeador de riquesas; era a sua raça, a sua iniciativa, a sua tenacidade que tinha feito aquillo; que tinham devassado os sertões desertos para plantar nas clareiras abertas pelo machado civilisador as cidades cheias de movimento e os campos cheios de cultura, como haviam já feito alastrar pelas terras fecundas que margeiam a Sorocabana e a S. Paulo Railway, os cafesaes magnificos, o apendoamento dos mi-

lhos, a orgulhosa ondulação dos cannaviaes, mas para a Republica era a affirmação do progresso collectivo, do desenvolvimento das suas riquesas, da dilatação das suas forças, do crescimento do valor nacional, dilatando-se, espraiando-se, dominando, de uma para outra terra, de Estado para Estado, com o conforto e a fortuna da vída moderna a quietude infecunda das mattas e dos campos.

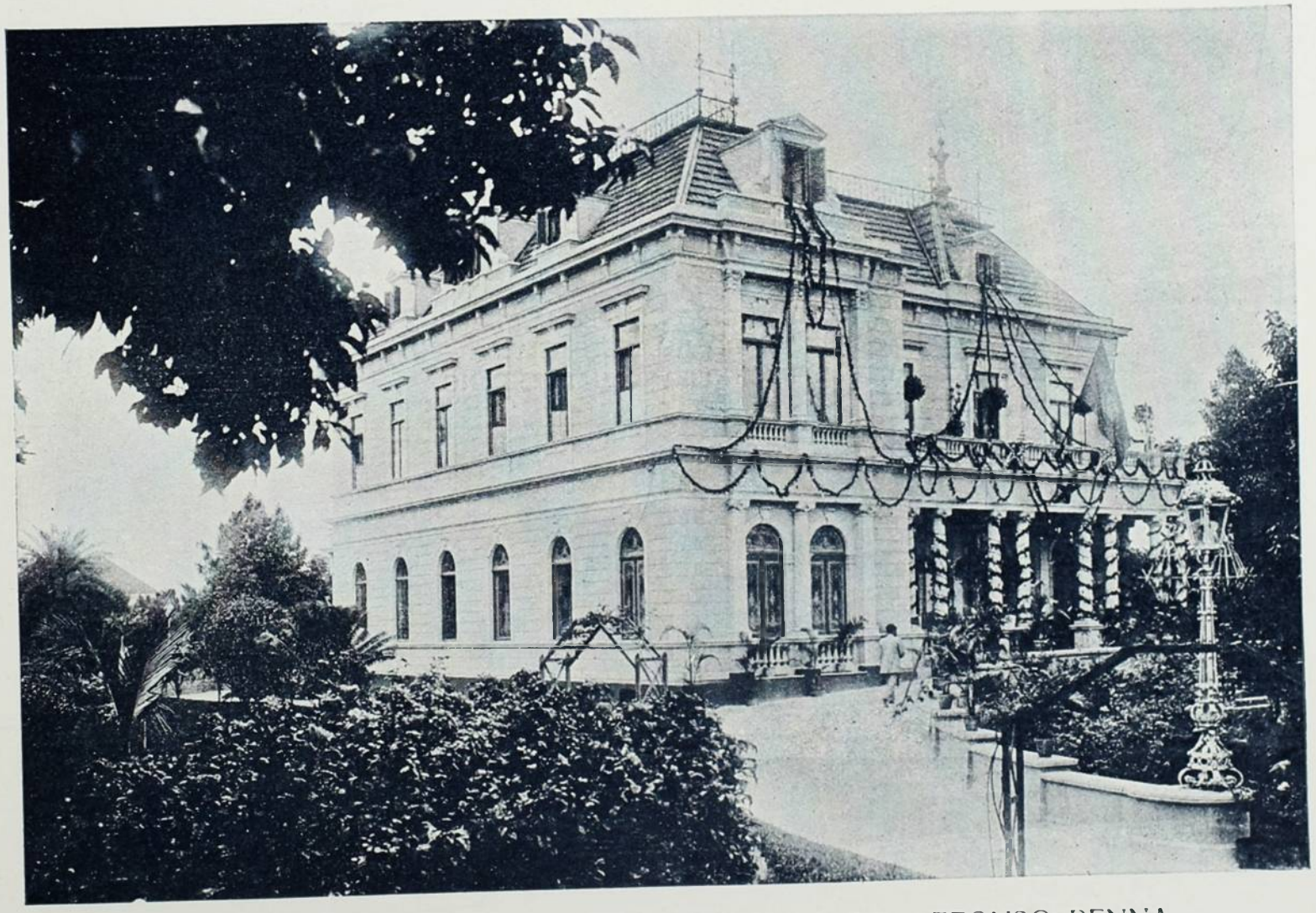
Isto por si só justificaria as festas com que foi recebido em todo S. Paulo, principalmente na capital, o Sr. Dr. Affonso Penna, si não houvesse ainda o facto de ser essa a primeira vez, depois da Republica, que um chefe de Estado, no exercicio do seu cargo, visitava o prospero Estado.



ARCO COMMEMORATIVO

Destas festas, da recepção brilhante, das visitas a um dos pontos de que mais se orgulha a cidade, da apresentação, nos seus detalhes mais estimados do progresso da segunda capital do Brasil, são as gravuras hoje publicados em *Kósmos*; as legendas o indicam de sobejo.

Ha, porém da capital, o que a objectiva não pode apanhar, por mais presto e rapido que seja o *instantaneo*: é a vida intensa, movimentada, embebida de uma sadia ledice que é o caracterisco de S. Paulo; ledice que se reflecte na multidão alegre sem tumulto, expansiva sem desordem, e no mesmo cuidado com que a cidade faz sorrir por toda a parte os jardins e os taboleiros de verdura, em um

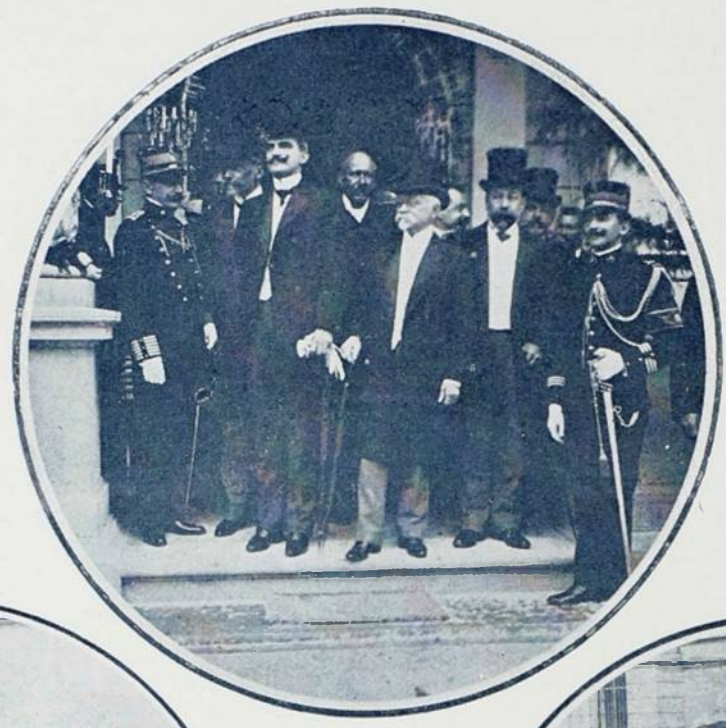


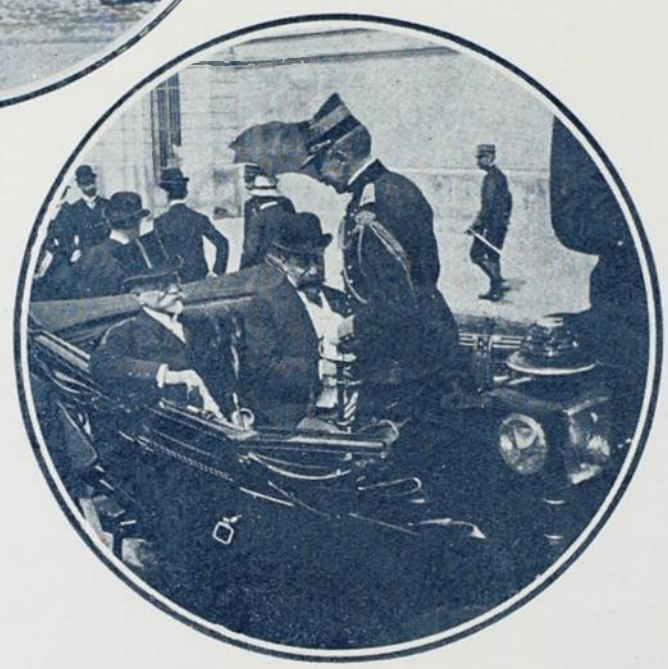
PALACETE PRATES ONDE SE HOSPEDOU O DR. AFFONSO PENNA

culto pelas flores que é um dos indicativos do bom humor e do bom espirito.

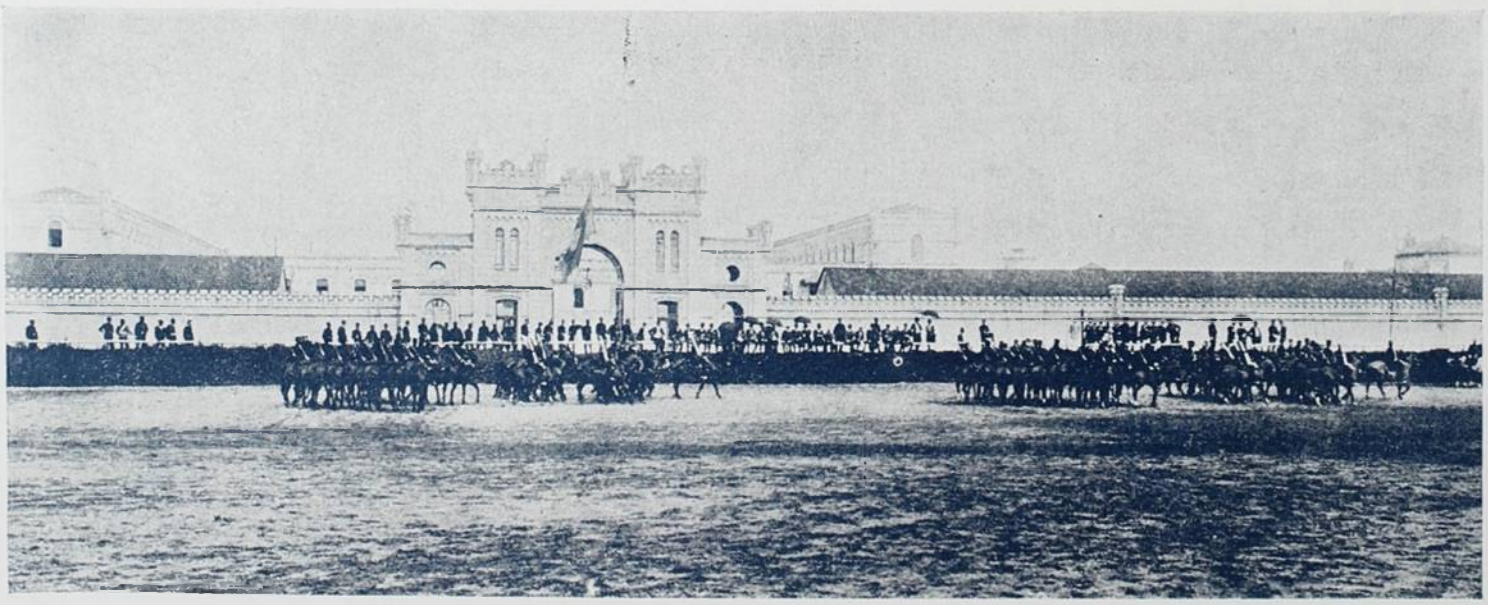
Seria preciso apanhar a massa movediça de gente, matizada de claros vestidos femininos, estonteante na quantidade de formosas figuras de raparigas que desfilou pelo «triangulo» da cidade, pelo formoso grupo das ruas de S. Bento, Direita e 15 de Novembro, na noite da chegada do Dr. Affonso Penna; era muito guardar na objectiva de um *kodak* o espectaculo de tres ruas estreitas onde o povo se move, sob as myriades de lampadas polychromicas que atravessam a rua, em meio de uma multidão de carros, de automoveis, de bonds, que cortam, varam, percorrem essa mole humana que não pára, por sua vez, e isto sem um choque, um desastre, um protesto, uma desordem, um grito, um clamor.

A gravura dessas noites daria a caracteristica da civilisação de S. Paulo.





1-Á PORTA DO PALACETE PRATES, DRS. AFFONSO PENNA, TYBIRIÇÁ, MIGUEL CALMON E PESSOAS DA COMITIVA. — 2-EM CAMINHO DO PALACETE PRATES. — 3-DRS. AFFONSO PENNA E TYBIRIÇÁ NO LANDAU PRESIDENCIAL



EXERCICIOS DE CAVALLARIA DE POLICIA DE S. PAULO

De resto, a cidade se envaidece disto e o attribue á organisação admiravel da sua guarda civica, da sua policia militar e do seu serviço de vehiculos, quando o podia attribuir, mais do que a tudo isto, á sua propria educação collectiva, virtude de uma cidade que se expandiu quando já a civilisação banira os velhos preconceitos desordeiros que faziam da licença e da insubordinação um corollario da dignidade individual que se formou, portanto, definitivamente sem o *Não pode*, o *Sabe quem eu sou?* e outras formulas antigas de hombridade libertaria de que o Rio de Janeiro soffre ainda um tanto as consequencias.

DR. CAMPOS SALLES, EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA, DIRIGINDO-SE AO PALACETE PRATES, EM VISITA AO DR. AFFONSO PENNA.

Não se pode negar, entretanto, que a policia de S. Paulo é hoje uma instituição modelar, apurada na sua missão das ruas pela organisação do Estado, requintada na sua feição militar pela missão franceza.

Esta ultima é a que mais lisonjeia o espirito paulista. Compraz-lhe agradavelmente o porte marcial, imprimido pela rigorosa disciplina dos instructores estrangeiros, em que por vezes se constrange a figura naturalmente rude de um policia alliciado entre a gente que foi para S. Paulo com a idéa de lavrar dignamente a terra ou revender nas ruas as mil farandulagens dos bufarinheiros.

O paulista cioso da seu cidade e do seu progresso deixará de levar o hospede aos magnificos trabalhos do abastecimento d'agua, ás reprezas da *Light*, aos grupos escolares, ao posto zootechnico, ao Museu de Ypyranga, aos logares onde a cidade affirma o seu desenvolvimente e a sua superioridade profissional; mas não o deixará partir da Paulicéa sem que elle admire a linha rigida, os movimentos chronometricos, os gestos impeccavelmente uniformes, a instrucção requintadamente militar dos homens que os Capitães Labrousse e Stadtmuller, sob o olhar vigilante do Coronel Balagny, educam nas posições e na pratica do Exercito francez.

DRS. AFFONSO PENNA E TYBIRIÇÁ ASSISTINDO ÁS MANOBRAS DA POLICIA ESTADOAL

NO QUARTEL DA LUZ
CLARINS DO REGIMENTO POLICIAL PAULISTA

Para elles a missão franceza é a propaganda paulista; e elles fazem para os outros convencidamente a propaganda da missão.

Ella não é, porem, ainda S. Paulo. S. Paulo é essa fita de aço, interminа e brilhante, que leva aos sertões a vida e o progresso, que religa, para os effeitos da civilisação, as terras longinquas, os Estados desirmanados pela distancia. Foi essa fita de ferro, expressão da penetração, do conforto e do progresso, da expansão da vitalidade nacional, que fez dizer o Presidente da Republica, no seu magnifico discurso de Itapetininga:

DRS. AFFONSO PENNA, TYBIRIÇA E C. PEIXOTO

«Tereis ouvido talvez dizer-se: o velho presidente é um optimista, um sonhador.

Essa affirmação é erronea: o velho Presidente da Republica, o velho operario, não é um sonhador.

Daqui a quatro ou cinco annos poderemos pela Noroeste do Brasil vir das fronteiras do Sul, de Montevideo ao Rio de Janeiro, do Rio ao coração do Brasil, atravessar Minas, ir ao S. Francisco, da Bahia ao Maranhão, e dentro de poucos annos, espero que esse desenvolvimento de viação ferrea estará elevado ao quadruplo.

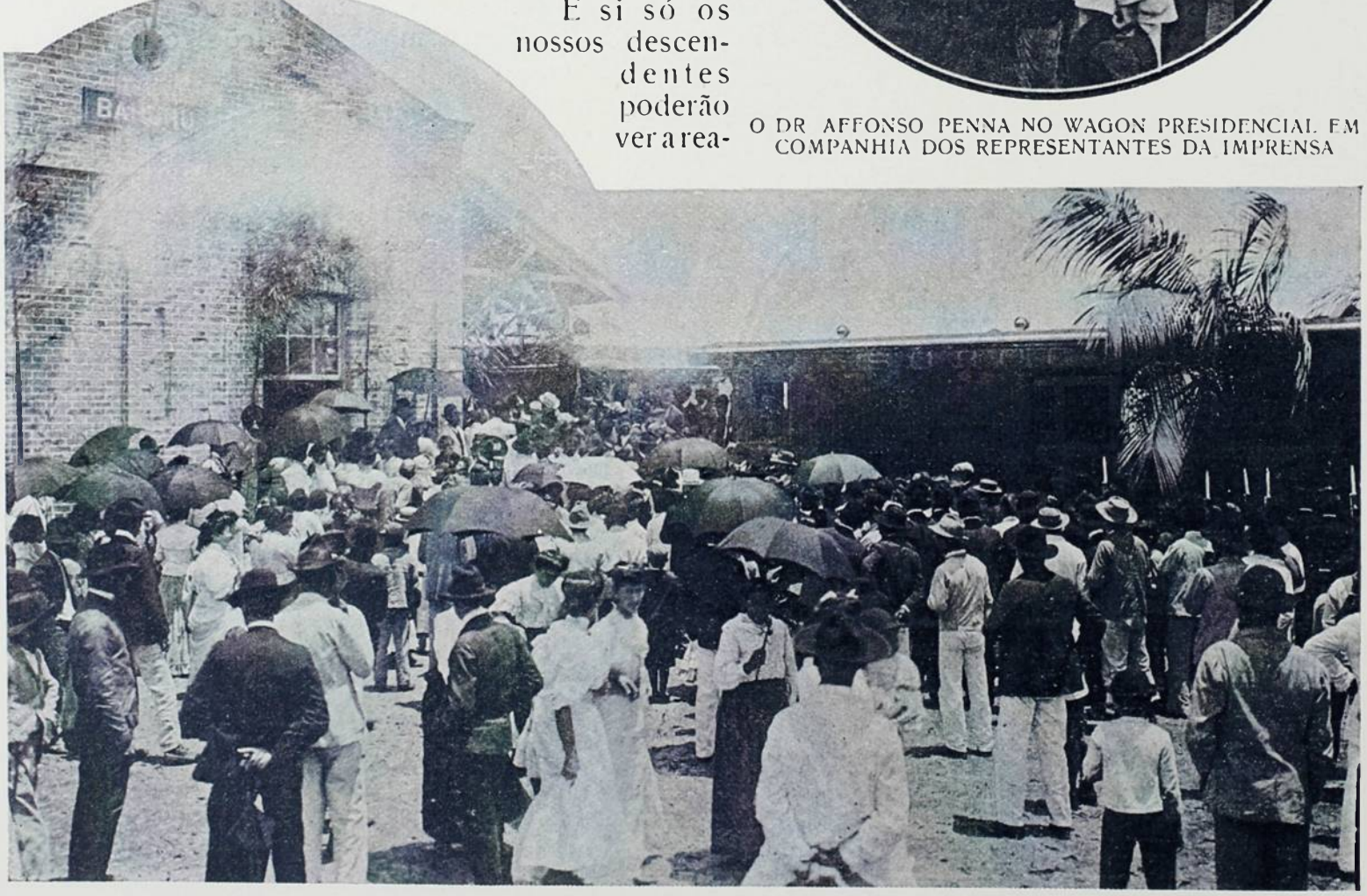
E si só os nossos descendentes poderão ver a realisação completa desse plano grandioso, eu, apezar de velho, espero ver realizado grande parte desse melhoramento no paiz. Que pode pretender um velho como eu além dos sete palmos de terra e a oração de uma alma amiga?

Como patriota sim, pretendo a gloria do Brasil, quero vel-o grande entre as maiores nações do mundo e a felicidade do seu povo.»

Essa phrase resume esse progresso, essa expansão, e fecha consoladoramente esta chronica ligeira.

Dx.

O DR AFFONSO PENNA NO WAGON PRESIDENCIAL EM COMPANHIA DOS REPRESENTANTES DA IMPRENSA



NA ESTAÇÃO DO BAURU O POVO DA LOCALIDADE AGLOMERADO PARA SAUDAR A COMITIVA PRESIDENCIAL

A BELLA ADORMECIDA

(Conto de Charles Perrault)

Eram um rei e uma rainha
Que o não ter filhos consumia.
A sua pena bem se advinha.
Quanta promessa e romaria
Feitas em vão!
Mas, Deus, por fim, ouvio-lhes a oração:
Teve uma filha a rainha.
As fadas tendo convidado
A rainha,
No dia do baptisado
Foram sete madrinhas junto á pia.
E sete fadas... O' jocundo
Tempo, em que havia fadas n'este mundo!
A ceremonia que foi finda,
Houve banquete, houve festim.
Era o salão como um jardim;
Os serviçaes em louçainhas.
Em mesa de maior valia,
Servio-se ás fadas, as madrinhas,
E era a rainha quem servia,
Em sete pratos, um thesouro
Feito de fina pedraria.
Cem bandolins, cem violinos,
Damas de honor fazendo o côro...
Imaginae o que seria!
E como fossem se assentar
Para o jantar,
Viram entrar a fada antiga,
Por morta e esquecida,
Na sua torre nunca vista. El-rei
Deo-se pressa em servil-a nobremente;
Mas, a baixella, feita expressamente
De oiro de lei,
Só sete peças tinha,

E por mais fina,
A porcellana real ficava bem distante
No gosto e na riquesa, certamente.
A velha fada descontente
Vio n'isso alguma coisa de humilhante
A' sua magestade, e resmungou ciosa,
Ameaçadoramente.
Notou das fadas a mais nova, que era
Sua visinha á mesa,
E temendo a surpresa
A' hora dos presentes,
Cauta e invisivel, retirou-se e occulta
Sob a tapeçaria,
Para o damno evitar, que, de certo, faria
A velha resolveu aguardar que fallasse.
Entrementes,
Começaram as fadas: e primeira,
Disse a mais nova: (Que a mais bella seja
Creatura do mundo!) A outra: (O espirito lhe ornasse
D'um anjo desejei!) (A outra: (Graça
Tenha a jovem princeza em quanto faça!)
A outra: (E dançe bem, como ninguem encante!)
A quinta: (Como um rouxinol, que cante!)
E a sexta disse: (Toque os instrumentos, mando,
Com a perfeição suprema!) Eis quando,
Toca o fallar á velha. Em antes que discorra,
Moveo, mais de despeito que vellhice,
A alva cabeça; e disse:
(A mão lhe ha de varar um fuso; e d'isso morra!)
Choraram todos a sentença infanda.
N'isto, detraz da tapeçaria
Sae a fada mais nova e alto, brada: (Rainha!
E Rei! não vos abata o mal que ouviram
Todos da vossa companhia:
Se não tenho poder contra esse maleficio,
Algo posso: pois bem, quando o fuso, em que teça,
Lhe vare a mão, não morra; que adormeça.
Durma cem annos: ordenei!
E para a despertar, virá um filho de rei.)
. . . . . .
Fez o rei, por um bando, a todos conhecer
No seu reino, que o fiar ou fusos ter
Era, com penas graves, prohibido.
Largo tempo volvido,
Quinze ou dezaseis annos, acontece
Que a rainha e o rei, tendo á campanha ido
Veranear, ao que parece,
A princesa, folgando e correndo, de sala
Em sala, de aposento em aposento,
A' torre sobe, onde n'um sotam uma velhinha
Fiava á roca. Para desculpal-a,
Bem podéra allegar o isolamento
Da sua torre, onde nem novas tinha
Do mundo.
Diz-lhe a filha do rei, (Que fazes tú, visinha?)
— Fio á roca. (Oh! bonita cousa!) E n'um profundo
Prazer, tomando a roca para ver,
Põe-se a tecer
E não repara;
E o fuso a mão lhe vara.
Sae a velha a correr, alarmada, a gritar...
A princesa, porem, ninguem poude accordar.
Accode o rei que lembra o que ordenara
A fada.
E no bello aposento, recamado
De prata e d'oiro e pedraria,
Em lindo leito foi deitada,
A fada nova, a sua madrinha,
Soube do caso e logo, azinha,
Entra em palacio; com a varinha
Toca, salvo a rainha e o rei, quanto em palacio
Mordomos, officiaes, pagens, damas de honor,
O pessoal da cosinha e copa e estrebaria,
Ninhoga, a cadellinha da princesa,
E o cão de fila Adamastor;
Perdizes e faisões que estavam a assar no espeto, o espeto
Mesmo: tudo dormio no espaço de um segundo;
(Pois que n'um abrir d'olhos as fadas se despacham
Do somno mais profundo.
Isto feito, a rainha e o rei, tendo a filha beijado,
Sahiram do castello.
Foi um edito lançado,
Em que ó se approximar do Paço era vedado.
Inutil providencia, pois, seguramente
N'um quarto de hora,
Basta matta cobrio inteiramente
O castello. A liana trepadora,
Espinheiros, o cardo agudo, a rosa brava...
Por mais duro de coiro, animal não passava
Essa trincheira vegetal e incrivel.
E só de muito longe a torre era visivel.
E foi supposição que a fada n'ella estava
Guardando a princezinha.
No fim de cem annos, o filho d'um rei,
Que reinava e era d'outra dynastia,
Veio a caçar na visinhança;
E a torre vendo que se erguia,
Indaga a torre o que seria?
Mal assombrado é o castello,
Principe, expiam almas lá
Crimes, de certo.. Um avança.
Outro, são bruxas, suggere,
Que ali vão para o sabbat.
Um feio papão, refere
Mór parte da gente, ahi mora;
Que, em surprehendendo creança
Sosinha, a rapta e devora.
A quem credito désse, não sabia
O principe; eis quando, um camponio intervém:
(Senhor, ha cincoent'annos, me dizia
Meu velho pai, que ali dormia
Uma bella princeza encantada, que cem
Annos ali dormir devia.
E para despertal-a um principe viria,
Digno da stirpe que ella tem.)
Ardeo de ouvil-o o principe, confiante
De si, de nobre estimulo de amor
E de gloria levado, marcha adiante.

Penetra á densa matta o horror
E a teia aguda e rija, n'esse instante,
Vê que se abre em avenida em flor:
E da avenida ao fundo,
Erguia-se o castello Senhorial.
Segue pelo ermo caminho,
Por onde vae, cerra o espinho,
Logo que n'elle passou;
Mas o principe real
Não teme o silencio enorme
Que a morte estranha deixou.
E já no pateo da estrada,
Espectraes
Homens depara e animaes;
Surprehendidos em vivas
Attitudes e rosados,
No somno apenas fixados,
Alabardeiros e pagens
E serviçaes.
E o marmoreo pateo mór
Transpõe, a escadaria,
Sala da guarda e aposentos das damas
De honor.
E no fundo silencio em que tudo dormia,
De pé, sorrindo, nos ricos assentos,
Notava a muda companhia.
Depois da linda galeria,
Chega á sala dourada,
Onde no leito está deitada,
Aberto o cortinado em crivos opulentos,
No fulgor da belleza
Dos quinze annos, a princeza.
Aproximou-se, de vagar;
Poz-se de joelhos diante d'ella;
Findou-se o encanto,
Accordou-se ella,
Poz n'elle o enternecido olhar:
Que vós, meu principe?! Onde andaveis? Ha que tempo,
Que vos fizestes esperar!
De taes palavras seduzido
E sem saber que responder
Das ternas frases ao sentido
E a naturalidade do ar,
Disse-lhe o principe que a amava;
E embaraçava-lhe o dizer,
Por isso mesmo, encantador:
Pouca eloquencia, muito amor.
Todo o palacio, emtanto, despertara,
Na faina andava das occupações;
E como o doce idyllio não findara,
E á ellas não lhes ardessem os corações,
E o estomago exigente as instigara,
Impacientes as damas á princesa
Olhavam, dos enlevos no vagar.
Vae a dama de honor e a voz eleva,
Annunciando o jantar.
Ergue o principe a bella, e pelo braço,
Ao conduzil-a á mesa,
Nota o vestido rico á velha moda,
E occorre-lhe o da avó; a gola erguida
Não n'a fasia menos bem, vestida
Bizarramente, era bellesa toda.
No salão de jantar, de espelhos adornado,
Serviam officiaes
De S. Alteza
A Princesa.
Violinos e oboés tocavam velhas musicas
De um classico sabor, e não ouvidas mais.
A capella, findo o jantar,
Sem mais demora, o par dirige-se
E o capellão os foi casar;
E a camareira o cortinado
Foi-lhes fechar.
Pouco dormiram, com certeza:
A princeza
Tinha dormido demais;
E o principe, amanhecendo,
O leito deixa, volvendo
A cidade alvoroçada,
Onde o rei desesperava-se
De abraçal-o jamais.
Contou-lhe, ao modo, a historia da caçada;
Como na matta se perdera,
Bom agasalho que lhe déra
O carvoeiro na choça, a sua ceia
De queijo e pão de aveia.
O bom do rei lhe acreditou a historia;
Não a rainha que, finoria,
Vendo-o caçar diariamente
E dormir fòra, convenceo-se
De que um caso de amor era seguramente;
Pois que dois annos com a princesa o principe,
Como mulher e marido,
Unidamente vivia,
Já d'esse amor tinham tido
Dois filhos: Aurora e Dia.
Da raça de papões a rainha sendo,
Pelos filhos o principe temia;
Mas, dois annos depois, o velho rei morrendo,
Ao throno o principe subia;
E publicando o casamento,
A familia real no paço introduzia.
Pouco depois, o rei marchava para a guerra
Ao seu visinho, o imperador Cantalabuto;
Ia passar o estio fóra da terra;
E á mãi recommendou (o rei não era astuto)
Os filhos e a mulher. Assumindo a regencia,
Fel-os a rainha mãi mudar para afastado
Sitio na matta e ao mestre da cosinha
Disse: Comer desejo Aurora n'um guisado...
O mestre murmurou; enraivou-se a rainha:
Quero-o, e de molho do meu gosto, ordena,
Com a voz de papona, ao sentir carne fresca.
E foi o cosinheiro a buscar-lhe a netinha
Com a faca na mão, no quarto da pequena
Entrando, vio-a vir, (quatro annos ella tinha),
Brincando e a rir, correo a abraçal-o, por doce
Que gostava, indagando. O homem tremeo; não fosse
Elle homem... Caio-lhe a faca ao chão, de espanto

E descendo ao curral, tomou d'um cordeirinho.
Matou-o, pol-o a coser no molho, sangue e vinho,
E tão cheiroso o fez, n'elle esmerou-se tanto,
Que a rainha mãi gabou-lhe o excellente sabor.
E elle a Aurora escondeo no commodo que tinha.
Oito dias depois, fel-o vir a rainha
Mãi e torna: (Jantar quero o pequeno Dia.)
O cosinheiro disfarçando o horror,
Cuidou que ainda uma vez enganal-a podia,
Comtudo, o medo fez que elle a creança buscasse
E com elle foi dar, armado de florete,
Com um macaco a exgrimir; posto que o diabrete,
Tres annos só contasse.
Ainda desta vez um tenro cordeirinho
A papona feroz comeu pelo netinho.
Foi tudo muito bem; mas certo dia a féra
Lembrou-se de mandar que se matasse a nóra.
Desesperou-se, então, o serviçal: podera!
Com a pelle branca e fina, a carne da princesa
Em cem annos endurecêra, com certesa.
Como á velha enganar? Força era obedecel-a...
Poz-se a faca a afiar de lamina mais fina,
Suspirando de dò d'aquella triste sina.
Manso a camera entrou; disse á princeza ao vel-a:
Que o que vinha fazer causava-lhe bem pena...
Mas que era o seo dever e mandava a regente.
O collo descobrio formoso e tristemente
Disse a princesa, então: Prazer na vida tive-o.
Ir os filhos rever, hoje me é doce allivio.
Matae-me e o senhor Deus vos abençoe a prole...
O homem duro moveo-se. Amollecêra a molle
Rija palavras taes ouvindo. N'aquella hora,
A piedade vulgar, que é no bruto excellencia,
Fallou n'elle: Princeza, eu não matei Aurora,
Nem o Dia; tocou-me ao vel-os a innocencia
Do sorriso infantil. Como elles, vivereis.
Escondi-os em minha casa e ides á ella.
Queira Deus á papona engane inda uma vez
Uma corça matou o cosinheiro e fêl-a,
Com tal arte e maestria,
Que a rainha gabou-lhe o jantar, n'outro dia.
Quanto á princesa, ao vêl-a,
Os filhos, pensareis
Na alegria dos tres:
Tão forte era o prazer, que ella chorava e ria.
Uma tarde, porem, que andava ao cheiro á carne,
A rainha mãi, no gallinheiro e nos curraes;
Pois que para ao regalo ao apetite infame,
Era o habito seu ir vêr os animaes,
Succedeo que escutasse um chôro de creança
E da princeza a voz, n'um tom ameaçador
E a vozinha da Aurora, intercedendo, mansa;
E a papona rugio, n'um grito aterrador.
Uma tina mandou no pateo a furia louca
Se pozesse, uma grande tina, que se enchesse
De sapos, de lacráos, viboras, bicharia
Nojenta de contacto e famelica bocca,
E que no bojo vil e horrendo se metesse
Os netos, a rainha, o cosinheiro, e d'este
A mulher e a creada.
Ordenára a damnada,
Sua vontade era lei:
Vinham, presas as mãos, seguidos do carrasco,
Os condemnados, quando entrou no pateo o rei.
Quem podéra dizer-lhe o horror, o espanto, o asco?
Viera o bondoso rei em mala posta e incognito;
E a surpresa de o ver e do espectaculo insolito
Todos emmudecêra; eis senão quando,
A tina se lançou a velha infame, uivando.
A horrenda bicharia a devorou, faminta.
Soube do caso o rei e consolou-se, ao vêr
A formosa mulher e os filhos, seu prazer.
O viver para o amor cousa é que se não pinta.
. . . . . .
Algum tempo esperar por um jovem marido
Rico, bello, galante, e terno, se comprehende,
Facilmente;
Mas, cem annos dormindo, não se encontra
Mulher que durma, tranquillamente.
Da fabula se conclúe, tambem, que a espera
Não faz damno á ventura, certamente:
Mas,
Quando o sexo bello arde, de impaciente,
Tudo á pressa se faz; circula febrilmente,
A vida, o amor, o sangue, o tempo, a gente...
Deixemos a moral que n'este conto impéra.

ALCIBIADES FURTADO.

PELO RIO BRANCO

SINGULARISSIMA região por sem duvida a que se extende entre os contrafortes das serras Paracaina e Parima, balisas de nossas fronteiras com os territorios inglezes e os rios da inegualavel bacia do Amazonas. Campos de intermina extensão, como que reproduzem na região das grandes aguas trechos dos pampas do extremo Sul.

Aqui e alem, no terreno apaulado das margens dos affluentes do Amazonas, erguem-se soberbos os magnificos reqresentantes da flóra equatorial, galgando as ondulações do terreno e adensando-se mais na floresta impenetravel até chegar aos contrafortes das cordilheiras.

Aqui, cessa a matta; da elevada barranca da margem, em planura sempre coalhada de vegetação rasteira, começa a savana enorme.

Não ondula o terreno; é a perenne horisontalidade fatigante á vista.

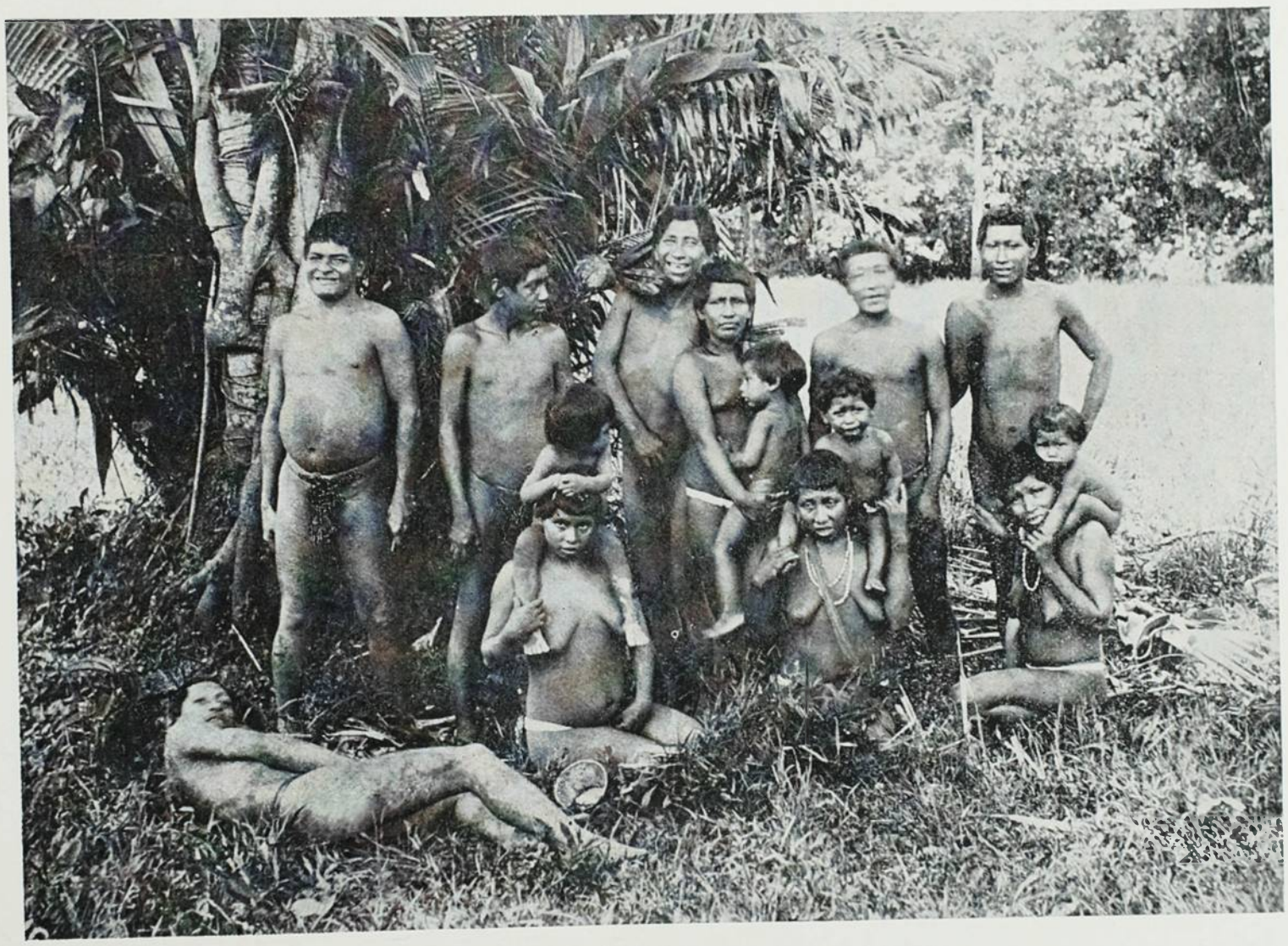
De quando em quando, vasta toalha liquida como que mais chata torna a terra. E' a região lacustre. Desses vastos depositos de agua fluem minusculos rios que buscam a grande rede fluvial por entre as grammineas das pastagens opulentas.

Ahi é que se cria o gado que á custa de sacrificios enormes, viagens dispendiosissimas, cheias de perigos, desce até Manáos a abastecer o mercado. Gado ás mais das vezes criado á solta, á lei da natureza. Raros campeiros, montados em ardegos cavallos de pequena estatura mas robustos e fortes, vigiam de longe em longe as manadas.

Mas nos campos enormes, rezes ha que jamais conheceram a sugeição — Bravias, só a bala do rifle as conterá na carreira, tal como os bisões das savanas da Norte America.

E como nos pampas, servem de alimento a quem as apanha, tanto ao viajante civilisado, como ao nativo que vagueia em hordas mais ou menos numerosas por aquellas ermas regiões.

Destroços de poderosas nações que dominaram outr'ora a bacia amazonica, fogem hoje ao contacto aviltante do branco portador da civilisação e do vicio, e na fuga abandonando



INDIOS UAPICHANAS — (RIO BRANCO)

os campos do Rio Branco, vão procurar abrigo na cordilheira, alem das fronteiras, em territorio estranho mas livres das burtalidades dos conquistadores.

São os Oyacás ferozes e indomaveis, que da região venezuelana descem ás vezes e em temerosas razzias extinguem caravanas numerosas que demandam as regiões desconhecidas de que são senhores.

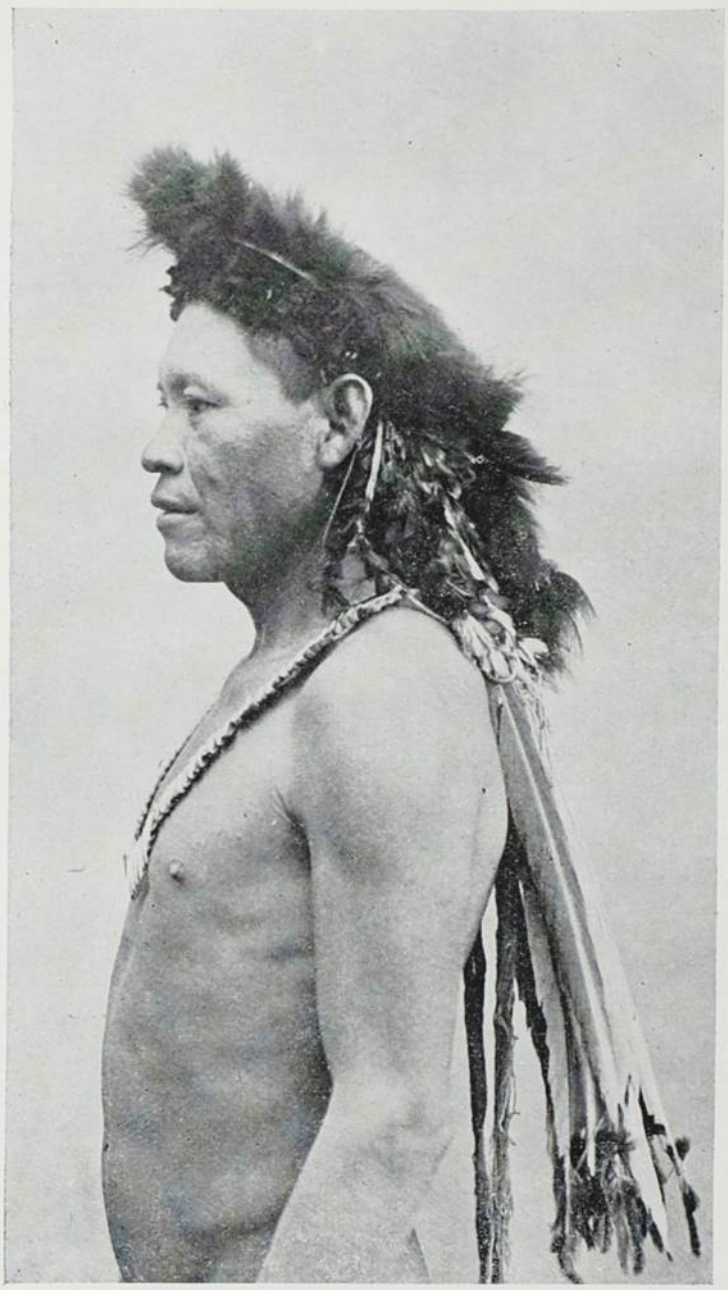
São os Macuxis outr'ora regularmente aldeados mas volvidos á existencia selvagem para evitar a completa extinção em meio dos brancos civilisados, e que hoje tornam inhospitas as regiões do Mahú e Tucutú no limite da Guyana ingleza. Apezar de contacto continuo com os criadores dos campos do Rio Branco, jamais conseguiram estes que elles abandonassem as suas malocas situadas nos altos serros inaccessiveis.

Assim tambem os Crixanás, os Porocotós, os Jauaperis, para os lados do Majary.

Nos campos vastissimos encontram-se ainda numerosas hordas dos Uapichanas, tribu que o contacto com a vida civilisada vae extinguindo lentamente. Nas cabeceiras do Tucutú deperecem miseravelmente os Aturais d'antes numerosos e aguerridos. E assim os Caripunas de Macaparan, e os Pauxianas do Coratirimani.

Tribus inteiras desappareceram ou devastadas pelas guerras ferozes com as nações visinhas ou retiradas para alem-fronteira, em busca de abrigo nas selvagens regiões do Alto Orenoco.

Tal se deu com os Quimarás, os Acarapis, do Arimas, os Aoaquis.



TUCHÁUA ILDEFONSO

NO BANHO — (SCENA DA VIDA AMAZONICA)

Em 1778, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio dizia o seguinte dos indios do Rio Branco:

«As nações qne habitão aquellas povoações são as seguintes: Paraviana, Uapixána, Sapará, Aturaiú, Tapicari, Uaiumará, Amaripá, Pauxiana.

As nações conhecidas mas que ainda se não achão reduzidas, são as seguintes: Caripuna, Macuxi, Uaica, Securi, Carapi, Ipurucutú, Seperú, Umaiána.»

«Entre todas as referidas nações a dominante é a Paiaviana da qual escolheremos os principaes usos e costumes que pela maior parte differem pouco dos das outras.

Primeiramente os distinctivos destas nações são os seguintes: Os Indios da nação Paraviana trazem um risco preto na testa até a barba, e outro que sae dos cantos da bocca até a face.

Os Indios da nação Uapixana e Macuxi furam o beiço inferior e no orificio introduzem, como ornato, um osso do animal *Capivara*. E os dentes desse mesmo animal lhes servem de pendentes das orelhas.

Os Saparás, Uaiumarás e Pauxiánas, ornam o peito com riscos que com direcção obliqua vão terminar ás costas. Trazem tambem as orelhas furadas e nos buracos pedaços de flechas; as mulheres lhe introduzem o caroço da fructa *tucumã*. Aquelles riscos são feitos com espinhos agudos e lhe expremem o summo de uma certa folha que deixa o signal preto e perpetuo.

As mais nações não tem distinctivo algum. Todas ellas não usam de vestido, o que é commum ás nações selvagens da America Meridional. Porém os Paravianas, Macuxis e Uapixanas se cobrem por deante com uma faixa pendente de panno de algodão. E as mulheres se ornam exquisitamente de missangas grossas pelos braços, pernas e outras ao tiracol; e por diante usam um avental tecido de missangas

. . . . . .

Todas as referidas nações são guerreiras e valorosas.

A causa de suas guerras é fazer escravos para vender aos hollandezes. Usam de flechas hervadas e armas de fogo que lhes vendem os mesmos.

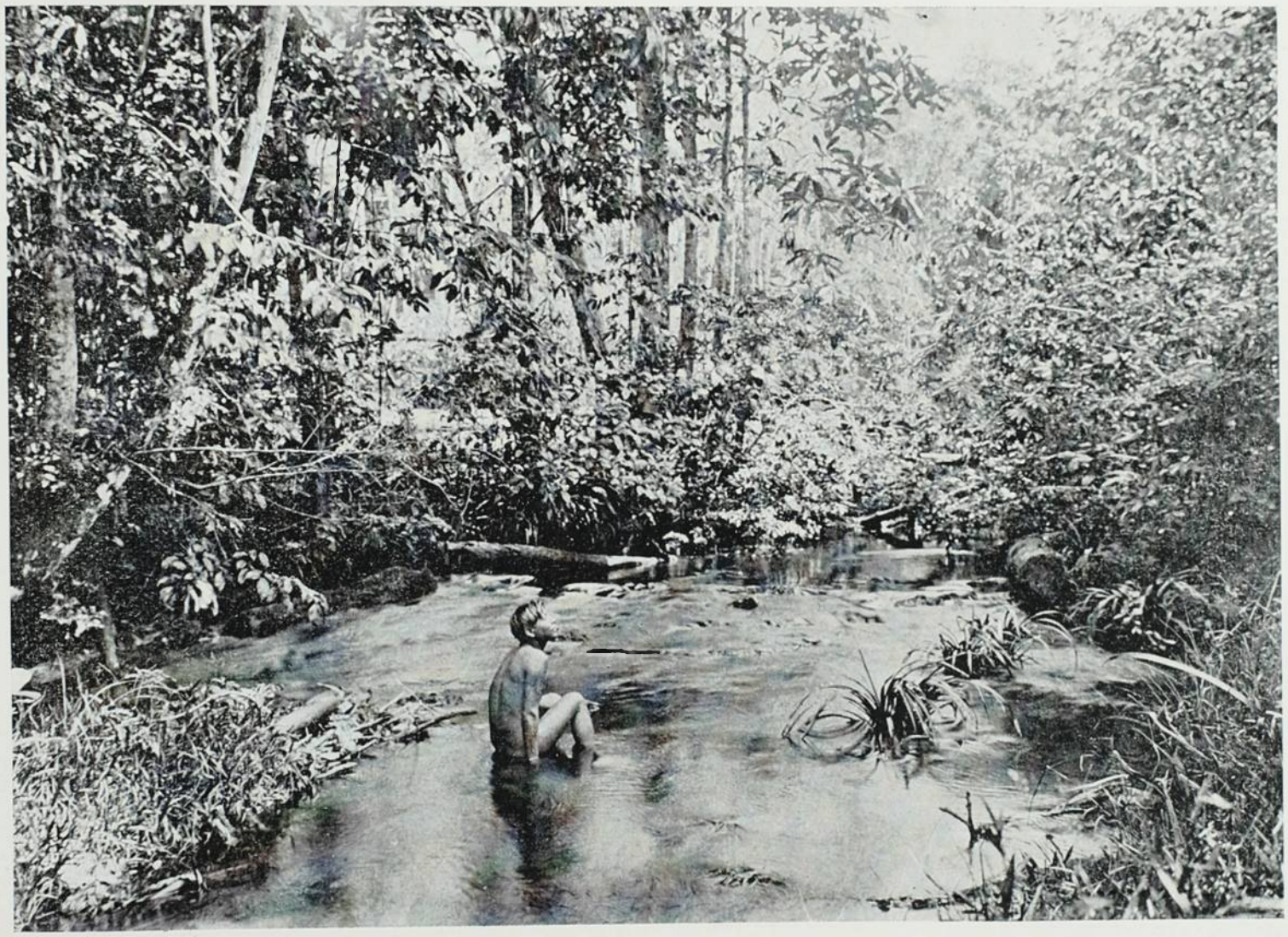
Mas entre essas nações a mais bellicosa e a mais tyranna é a Cariponá. E' a que conserva o maior commercio de escravos com os hollandezes, recebendo em troco armas de fogo de que se acha armada toda a nação e usando principalmente de bacamartes.

Esta nação é authropophaga e faz guerra a todas as mais.»

*
* *

Grupos pequenos vivem aldeados aqui e alem nos extensos campos do Rio Branco. Destrocos de nações formidaveis pelo numero de seus arcos de guerra, extinguem-se paulatinamente.

Seus *tucháuas* são hoje capitães e vestem uma farda que o governo lhes fornece, velhos uniformes arrancados das arrecadações, decahidos de uso nas classe armadas. A's vezes, simples fantasias com botões auriluzentes e largos galões rebrilhantes.



NO BANHO — (SCENA DA VIDA AMAZONICA)

E essa mascarada agrada o indio aviltado. Na sua simpleza não percebe o sorriso de mofa que acompanha a dadiva carnavalesca.

Trocadas as plumas dos kanitares pelo chapéu armado, está civilisado o selvagem.

E então os seus serviços são requisitados para diligencias do poder publico. E' a paga do uniforme, é o custo do diploma de official que se lhe exige.

Não ha expedição feita ás nossas fronteiras que tenha dispensado essas requisições. Tambem é raro o que depois de gosar dos serviços do selvicola delle dê boas informações

Indolentes, dissimulados, traiçoeiros, egoistas, vingativos todo um rosario de defeitos recáe sobre o pobre antochtone, na opinião dos que estiveram com elle por largo tempo em contacto.

Mas não falam jamais nas violencias de que são victimas constantemente, por parte do civilisado, que o escravisa, acostuma-o ao uso immoderado do alcool deprimente, afim de por meio da embriaguez obter por uma ninharia o resultado do trabalho dessa pobre gente.

Desconfiados são, e ariscos. Mas se o modo de cumprimentar o indio no deserto é a bala do rifle!

Os campos do Rio Branco parecem destinados ao futuro celleiro da região amazonica.

Voltem-se para elles as vistas protectoras dos governantes, melhorem-se as vias de communicação e o numero de seus povoadores logo se adensará.

E para esse aproveitamento, que trará incalculaveis beneficios ao Norte do Brazil quem melhor que o nativo, tratado com benignidade, considerado não como um escravo ou uma creança, mas como um cidadão?

Filho daquellas regiões que elle conhece palmo a palmo, eis alli os futuros peões das enormes partidas de gado que em futuro talvez não remoto povoarão as campinas do Rio Branco a par daquellas que vivem nos pampas do Rio Grande do Sul.

E d'ahi quem sabe? com o aproveitamento dessas numerosas pastagens quasi atiradas hoje aos cuidados dessas tribus vagabundas, soará talvez a hora do completo exterminio para esses ultimos e miserrimos representantes daquellas mesmas nações cuja esbelteza de formas espantando Orellana foi consagrada no nome por elle dado ao rio mar

X.

A COMMUNHÃO DOS PRESOS

(A JUSTINIANO DE SERPA)

FOI, por uma manhã de domingo cheia de muita luz, brunido o céu na limpidez de um azul claro, suave, intermino e doirado, que eu assisti á Communhão dos Presos.

Eram muitos os que andavam espalhados no salão da Capella, extenso e largo, no qual tambem o capellão dava aulas aos detentos nos dias communs, e ensinava lhes doutrina, amolgando o bronze daquelles corações nas folhas do catecismo.

Estava no pavimento superior esta dependencia, cheia de janellas gradeadas, que davam para o céu. Ao longe via-se tambem o mar, como uma fimbria, riscar no horizonte o traço verde das aguas, nas quaes, de onde em onde, a vella de uma jangada erguia a ponta numa curva de aza.

Nesse dia os bancos das aulas estavam encostados ás paredes, e o salão, festivamente decorado com galhardetes e bandeiras, pinturilava para o alto a enscenação das côres vivas. Pelo soalho haviam derramado areia branca, tão branca, que parecia neve a extender o tapiz macio de uma alcatifa prateada.

O altar via-se lá ao fundo, muito ao fundo, como se fosse uma visão. Dir-se-ia um nicho de uma simplicidade glacial, mas cheio de folhas, e muito cheio de rosas, phosphorecendo em lumes, que reflectiam dos castiçaes alinhados na banqueta. Em cima um Christo de prata abria ao braços para o Mundo no seu madeiro suppliciante, e em baixo, a toalha da Communhão, inconsutil na alvura, desdobrada sobre a grande divisoria, chamava os commensaes á Mesa da Eucharistia.

Pelo salão andava um garrulo aspecto de theatro, porque tinha sido franca a entrada nesse domingo de festa, ungido de muito sol, como se assim fosse preciso para que as almas tambem se ungissem de muita luz: ondulavam no espaço as plumagens dos chapéus; o matiz dos vestidos fazia um tom macio de côres; ouvia-se o fremito dos leques e sentia-se o trescalar penetrante das essencias.

Entre um murmurio então, appareceu o Senhor Bispo. A sua figura varonil e esbelta se destacou sob a arcada principal acortinada de sanefas bicolores. Beijavam-lhe, á porfia, o annel episcopal, e elle o deixava beijar, a mão abandonada, a face contrahida na absorpção de um goso fundo, largueando para todos os lados o olhar manso, de cordeiro, e deixando cahir sobre todos, da umbella das palpebras, uma suavissima caricia.

Passou depois, entre as filas das cadeiras, em direcção ao altar seguido dos acolytos, rechinando as passadas na areia movediça porque era elle, D. Joaquim que vinha pontificar naquelle dia para dar a Communhão aos presos de culpas presolvidas E ali mesmo, num desvão feito sacristia, paramentaram-n'o: Vestiram-lhe primeiro a alva de rendas largas, cruzaram-lhe depois sobre o peito a estola com as pontas de franjas longas, e porfim, pozeram-lhe sobre as costas a capa magna forrada de carmezim, e matizada de arabescos, entre os quaes um calice de ouro resaltava sob um resplendor de prata refulgente.

Ao meu lado estava um detento, com os olhos a nadarem-lhe nos fluidos de uma ineffavel alegria, a olhar para todos e sobretudo a olhar para mim.

A sua vista corria daqui para ali, como se quizesse dizer alguma coisa; e, na incontida espansão que a alma lhe estava a pedir, voltou-se para me dizer, a meia-voz:

— Sabe?... Eu tambem vou commungar...

Olhei-o pera lhe ver na physionomia um conjunto de linhas, de brilhos e de gosos, que todas as alegrias reunidas do Universo, áquella, não poderiam egualar nesse momento.

— E como me sinto feliz! — accrescentou elle; e cruzando os braços sobre o peito, voltou-se novamente, deixando-me o clarão de um riso tão fundamente sincero, que me pareceu a luz phenomenal de uma aurora subita emergida das entranhas da terra.

A missa correu dentro do ritual com a votiva Ceremonia de oblações. As baforadas de incenso novelavam espiras de fumo, que se adensavam primeiro, para depois se desfazerem, deixando sobre o altar uma poeira de luz.

Chegára o momento da Communhão, e os detentos foram, um a um, receber o Pão da Eucaristhia, que o pontifice ía distribuindo a cada Commungante, repetindo: *Corpus Domine nostri Jesu Christi...*

Chegou então a vez desse que ali estava ao pé de mim. Olhou-me ainda antes de partir com esse mesmo riso, de ha pouco, que parecia repetir-me:—Ah! Como sou feliz!...— e caminhou para a grade e ao lado della ajoelhou, vergando a cabeça na contricção de um illuminado, que estivesse a receber do alto os chuviscos luminosos de uma sagração celestial. O prelado repetiu ainda: *Corpus Domini nostri Jesu Christi*..... e elle, o detento, absorveu a particula, encostando a seguir a cara quasi ao solo, e levantou-se depois, de braços cruzados sobre o peito, os olhos semi-cerrados, como se estivesse adormecido e a sonhar, e veio novamente postar-se junto a mim.

E, as Ceremonias acabadas, fez-se logo um sussurro, ao começo brando, depois, a crescer a mais, a mais, até que tomou sons claros, de risos que se orchestravam, de phrases, que se ouviam, aqui, ali, além, com o ruido de cadeiras arrastadas, e porfim, o vozear, como um tumulto. Os visitantes iam, uns, em filão, se escoando pelos corredores, percorrer as dependencias, outros desciam ao pavimento terreo em procura da sahida.

O ultimo dos Commungantes deixara-se ficar a meu lado, o olhar agora absorvido para os que sahiam. E, o salão quasi deserto, voltou-se para dizer-me:

— O senhor não quer visitar a casa?... Posso acompanhal-o... Venha commigo... Vamos ás officinas, á enfermaria; quero mostrar a bibliotheca...

E como eu hesitasse, elle accentuou de um modo particular:

— Ah! Eu o conheço... de nome, apenas. Disseram-me quem o senhor era... que escrevia...

Dei o primeiro passo comprazendo. Comprehendi que isso o satisfazia, alvoroçando-lhe uma alegria presorvida. E caminhamos ao lado um do outro, ao começo silenciosos, confundidos entre os visitantes; depois, elle a falar, a dar-me explicações, ás vezes ociosas, com uma volubilidade de creança; mas dispondo as phrases numa sintaxe sufficientemente castigada, cahindo-lhe, de quando em quando, um conceito seguro, uma observação justa, philosophicamente racional, colorida, sobre tudo, entre muitas imagens pittorescas, de um sabor novo, de uma belleza admiravel, essas que fazem a linguagem symbolica e figurada dos sertões cearenses com a sua terminologia peculiar.

De uma vez perguntei-lhe se sabia ler. Riu-se; e olhando-me com uma vaga expressão de desgosto, contrapoz:

— Se não soubesse como poderia ler o que o senhor tem escripto?!... — E proseguiu: — E' certo que esse pouco aprendi-o aqui dentro. Quando entrei, ha cinco annos, mal conhecia o alphabeto... Hoje sei grammatica... Conto. Leio muito á noite, porque de dia trabalho nas officinas... aprendi tambem um officio... sou marcineiro.

— E falta muito para?...

— Já tirei cinco...— E accentuou, com certo desalento, passando a mão pela fronte:— Quatorze annos!...

— Mas ainda é moço, nove annos passam depressa.

Meneou a cabeça para dizer:

— Sahirei aos quarenta! E' muito tarde para viver da luz do meu espirito, a nova, essa que me fizeram os livros e a reclusão.

Alisou com um movimento demorado a barba negra e basta, que lhe cahia sobre o peito, e, com a vista empannada por uma cogitação intima, continuou:

— O que me perseguia era esse peso... Hoje estou livre!... Nem sei como isso foi!... Sinto-me tão alegre!...

Tinhamos percorrido as dependencias do andar superior. Por uma das janellas entrecruzadas de ferros, via-se o mar numa amplitude mais desafogada. Ao longe uma mancha parda na ponta do Mucuripe lembrava o pharol. Por deante o mar tranquillo parecia dormir, preso tambem entre o céu e a terra.

Demorou-se a olhar para fora atravez das grades, e, voltando-se, a breve trecho:

— O senhor não acha que o céu e o mar são as duas coisas que mais lembram a liberdade?... Antes não vel-o! E' bem menor esse castigo!... Se voa um passaro naquelle campo azul, onde os astros parecem rebanhos, ou se passa um navio nessa estrada tão larga, por onde os povos se conhecem, é que a saudade me vem amofinar!... Nunca olho para essas janellas!... Emquanto estive na cellula, sem ver o céu e sem ver o mar, creia, vivia, apenas, do meu desespero, e era bem mais supportavel do que hoje, que vivo das minhas saudades.

Chegámos á enfermaria com meia duzia de leitos, dois, apenas, occupados. Apontou para um delles:

— Vê?... Aquelle que ali está falta pouco para acabar-se. Nunca sahiu da cellula, senão desta vez. Era um homem de mau coração; todos tinham medo delle, porque vivia para o mal, só para o mal, e... vae morrer!... Para onde irá aquelle espirito?... O senhor acredita na outra vida?... Que lhe estará reservado lá em cima?... A's vezes ponho-me a pensar que o homem, como a sua consciencia, é muito mais perverso do que qualquer outro animal. Já ouviu porventura dizer que o cavallo matasse o seu semelhante? Nunca!... E o homem?... Ah! Mas eu sempre fui bom, nunca fiz mal a ninguem... a ninguem!

Approximou-se da cama e sacudiu as moscas que cobriam a tez livida do moribundo. Chamou-o pelo nome; e, como me sentisse na physionomia a má impressão daquella scena, apressou-se em dizer:

— Vamos para baixo. Comprehendo... isto é muito triste, mas eu não o sinto. Estou habituado; o meu espirito se parece até com o de um coveiro. Depois... —morrer,—aqui, quer dizer—liberdade; mas, ainda assim, quem sahe para esta, ou para a outra vida, enterra-se sempre com essa mesma mortalha que se chama — o crime.

Descemos. No pateo raros visitantes restavam. Vibrava o sol a prumo, aloirando as coisas. As folhas dos arbustos, que faziam as alamedas do jardim, entre os altos muros e as pri-

sões, dobravam-se estarrecidas, como se estivessem por baixo de um brazido.

Levou-me então ás officinas. Corremos todas as dependencias dos trabalhos manuaes, elle, a dar-me sempre informações especiosas, ás vezes acaloradas, com desculpas, como se tudo aquillo lhe pertencesse.

— Isto não é uma penitenciaria, como as dos outros paizes; mas temos hygiene, temos trabalho e temos instrucção. Felizes os que daqui sahem, levam sempre mais do que trouxeram. — E, com a physionomia subitamente alvoroçada por uma alegria muito de dentro, continuou: — Agora vamos á bibliotheca. Sou eu o encarregado de cuidal-a. Limpo-a, espano-a duas vezes por dia. E' ali que eu passo os domingos, os dias de descanço. Já li quasi todos os livros que ella tem.

Entramos num pequeno compartimento onde havia algumas prateleiras com livros alinhados mostrando os dizeres nas lombadas. No centro uma mesa, rodeada de cadeiras, interceptava a passagem. Sentei-me, e elle veio mostrar me o catalogo dos seiscentos volumes existentes, colhidos por donativos.

Trouxe-me depois o livro dos visitantes, cheio de assignaturas e rabiscado de phrases. Pediu-me que eu tambem escrevesse o meu nome, que deixasse sob elle uma qualquer ideia.

Accedi. Leu em voz alta o que, sem preoccupação, me havia cahido da penna. Fez um movimento com a intenção de sentar-se, mas hesitou. Comprehendi-lhe o escrupulo, e insisti para que o fizesse. Sentou-se preoccupado, com o olhar descido para o chão. Depois de uma leve pausa, como se estivera a pensar primeiro no que havia de dizer, arriscou num tom de receio:

— O senhor tem razão: — Um livro aberto fecha mil prisões! — Mas tambem, penso commigo que o homem civilisado é mil vezes menos sincero do que o homem ignorante. Estes levam mais a serio os factos da vida, e encaram-n'os sob um modo de ver mais digno. Entre os homens da sociedade as coisas correm sempre bem; ha entre elles tantas tolerancias, que no meio dellas não se sabe muitas vezes onde fica isso que se chama — o caracter...

Susteve-se para explicar:

— Estas ideias não são minhas, que a tanto não chega a minha intelligencia, são de um livro, que eu li, e que está naquella estante, intitulado — Impressões de um pessimista. — E accrescenta — que a hypocrisia, a mentira, a falsidade são os elementos de que se valem para não pagarem ao crime o tributo que pagam os ignorantes. — Eu não sei se isto está direito porque emfim tudo depende da natureza de cada homem. A educação é como a estaca que endireita o pau que cresce torto. Eu, no entretanto, nunca precisei della para ser justo e para ser bom...

Passou a mão pela cabeça, e, fechando os olhos como quem procura accordar factos esquecidos, insistiu:

— Quer, o senhor, ver: Quando em pequeno, atirei-me á agua para salvar dois que se afogavam. Fiz isto por um impulso de vontade que, naquelle tempo, não saberia explicar. Hoje é que sei que a semelhante acto se chama generosidade; mas tambem não saberei dizer se praticaria o mesmo em circumstancias eguaes, neste momento!... De outra vez...

Deteve-se olhando-me com certo embaraço:

— Ao senhor pouco adeanta saber estas asneiras da bocca de quem gosta de falar, não é assim?... Mas vae ficar admirado quando me ouvir esta verdade: — No proprio crime ha uma certa escala de nobreza para quem o pratica. — Cheguei a ler em todos os corações dos que aqui vivem. Andei perguntando, de um a um: — Que fizeste? — E a maioria me respondeu: — Matei. — Nenhum me disse: — Matei para roubar, — ou simplesmente: — Roubei.

— Pois não ha nisso alguma differença? Ha por certo. E' por isso que o meu crime ás vezes me parece muito menor, apesar da minha consciencia me dizer, a todo o momento, — és um pavoroso monstro!... Ah! Como os homens seriam felizes, se não tivesssem dentro de si uma fera adormecida, assim como as lagôas mansas têm no fundo serpentes submersas!... Está espantado de me ouvir dizer isto?...

Quiz levantar-se. Detive-o com um gesto. O meu olhar deveria ter-se modificado numa expressão de benevolencia unindo-se ao interesse intimo, que me prendia, porque sentou-se, novamente, dizendo:

— Pensei que o incommodava, que se queria ir, que tinha escrupulo de estar aqui?... Mas a sua attenção me alegra tanto!... E se eu contasse ao senhor o meu crime?... Havia de fugir não é assim?... Mas não se levanta? Não tem medo?...

E depois de breve pausa, em que o seu olhar andou erradio, mas vago, sobre as coisas, tornou:

— Suppõe, porventura, que não tenho plena consciencia de meu delicto, apesar de me achar hoje com a alma tão clara, como aquelle pedaço de céu, que ali está, em frente áquella porta?... Pois, não senhor!.. Antes eu não tivesse nascido sob este mesmo céu, sertões a dentro, entre serrotes chamuscados e o verde crespo das catingas! Acredite! hoje é que estas recordações me fazem dentro do peito a maior magua. Olhe!... Ha occasiões em que a minha imaginação bem podia ser umas dessas maquinas com que se tiram retratos... Tenho-os aqui, todos .. desses logares, do tio Luiz,

da... Mas, o senhor quer saber?... Eramos até arranjados. Bôas terras de plantio com corrego e vasantes. Gados, ainda assim tambem tinhamos algumas vaccas ao pasto, afóra as cabeças de creação. O tio Luiz morava para o outro lado do Serrote mais a Rosa, a minha prima... Tinhamos crescido quasi juntos, eramos da mesma idade, e por isso andava o tio Luiz sempre a dizer:—A Rosa é que está mesmo famosa pr'a o Manoel! Mas porque não casam?... E tanto disse, e tanto disse que um dia perguntei á Rosa:—Queres mesmo casar commigo?—Ella disse-me que sim, e casámos... Veja o senhor.

Desde esse dia a minha vontade pelo trabalho tresdobrou. Atirei-me á lavoura como pé de boi, sem descançar nem dormir. E nesse labor o gado ia augmentando, ia augmentando, que o curral parecia já de uma fazenda. Os invernos, ora bons ora escassos, vinham sempre molhar os quinhentos passos em quadro de nossas terras. O milharal crescia como um prodigio,—embonecava e pendoava sem a gente sentir. O feijão era tanto, mesmo tanto, que o tempo nem dava para o apanhar. Nos baixios então o arroz era um castigo, — era aquelle campo verde, tão verde e tão claro, que o senhor talvez já tenha visto!... E deste modo correram os dias, que tem dois annos, sem a gente se lembrar do tempo que passava, nem do amanhã que viria, e que traz sempre escondido comsigo a sua traição.

Sacudiu a cabeça num gesto brusco, como se quizesse agora desviar da imaginação a corrente de ideias que se vinham enlaçando. Depois, proseguiu, a voz suavisada numa tonalidade sentimental:

— Mas o senhor me poderá dizer, por acaso, onde mora a felicidade? Quem a viu? Quem a conhece?

Sacudiu os hombros, e tornou:

— Para mim a unica felicidade desta vida está, apenas, no trabalho, e era o trabalho que me fazia feliz, porque sabia que todos viviam do meu suor. Mas, nem avalia o que se passava dentro em mim á hora em que voltava eu do roçado, ao sol posto, em rumo de casa, com dois animaes na frente a baterem orelhas e a tocarem os chocalhos, os cassuás bem calcados de legumes! Do alto já eu via o rancho, de taipa sim, mas coberto de telha, com tacaniça, portas de cedro e trancas de páu-d'arco. No terreiro, tão limpo como o chão da sala da capella, já estava a Rosa com a Ritinha ao collo, a minha filha, que eu ja tinha, de dez mezes... E chegava a rir, a camiza aberta sobre o peito, queimado pelo sol... não como hoje, vê? que está branco, tão branco que se parece até com o peito de qualquer mulher!... A Rosa abria sobre os meus os seus olhos negros, cheios dessa luz dos vagalumes em noite sem lua; entremeava com os meus os seus sorrisos o me dizia:—Pega a Titinha! Pega a Titinha!—E ella abria tambem os seus bracinhos, e se me agarrava ao pescoço, fazendo—ó ó ó—ó ó ó com um riso tão innocente, tão doce, mostrando as gengivas, onde os dois dentinhos de baixo, os primeiros, mostravam as pontasinhas brancas... tão brancas!...

— Mas... o senhor não vê?... A minha voz parece que está tremula!... A's vezes sou assim... tenho até vontade de... quando me lembro de tanta felicidade! E eu disse felicidade?... Eu?... O senhor é feliz? Duvido! Quem escreve nunca é feliz. Anda sempre a sonhar, a estudar as almas alheias... porque não estuda a minha? .

E fazendo um sorriso muito desolado, repassado de maguas, proseguiu:

— Sim, o senhor bem pode avaliar se eu era feliz ou não, no meio daquellas coisas do sertão, onde a gente vive, a cabeça vasia, sem preoccupações, a alma sem labutas, o espirito sem constrangimentos, sem peias, como adormecido. E tenho aqui, todas essas recordações que hoje me fazem triste, como eram tambem tristes as tardes, ao quebrar do sol, daquelles dias felizes! E veja agora, o senhor... Era mesmo a Rosa que ia abrir a porteira do curral ás vaccas mansas, que voltavam do pastorador, umas seguindo as outras, a passo morto, de focinhos levantados, a berrar saudosamente com lembrança dos bezerros. Vinham as noites claras, e ali estavamos no terreiro, sentados, eu e ella... o tio Luiz e a Ritinha; esta a babusar ou a correr para nós assustada, quando na estrada passavam os combois de animaes, seguidos dos cargueiros navegando pr'a os sertões. Depois, iamos para dentro. A bichinha dormia logo; e nós sentavamo-nos a mesa, onde a coalhada era tão dura que parecia queijo e a toalha era tão alva como aquella da Communhão, que está lá em cima!...

As noites passavam-se naquelle silencio dos campos, onde a natureza não dorme porque trabalha, os animaes que babujavam ao redor da casa, com os chocalhos trancados para não acordarem a Ritinha. Os gallos cantavam, e, ainda, para as barras do nascente, o sol não desdobrava a sua luz de ouro bem amarello por cima dos serrotes chamuscados, e ja eu estava de pé, no curral, a tirar leite ás vaccas, que era tanto... que era tanto!...

— E depois... ia logo pr'a o roçado. Uma alegria então na despedida: — *Adeus*, Rosa!— *Adeus*, Manuel! — E lá ficava ella a olhar-me na vereda do caminho, por onde eu ia com os dois animaes na frente, de chapéu de palha na cabeça, e a calça arregaçada até os joelhos.

— E depois!... Mas, o senhor não acha que esta palavra é tão triste?...

Um — depois, um — amanhã, encobrem tantas desditas, que eu ás vezes!... Mas desgraças eu não conto, que me ferem!... E foi assim: veio o primeiro anno máu, depois o segundo, com as primeiras sementes perdidas, as segundas, as terceiras, e por fim o desanimo, a descoragem nessa lucta desegual em que a gente vae... vae com a cabeça até o chão, aperreado como boi arisco amarrado pelos chifres, no moirão! Que desgraças eu não conto! Mas a coisa foi assim como um castigo! E veja, o senhor, muito peor agora para mim, que mais me enchia de uma vontade dessa como o ferro, esperando, esperando que os tempos bons voltassem para eu recomeçar.

— A Rosa via os meus desesperos porque iamos passando fome. O tio Luiz estava desadorado. Tinham lhe falhado as ultimas experiencias do sal no dia de Santa Luzia. A Ritinha, já crescida, vadiava, como um esqueleto no terreiro tão raspado, onde não se via uma cabeça sequer de creação. As vaccas foram morrendo, uma a uma, e veja o senhor, que nem o couro tambem approveitavamos. Os corregos tinham seccado que, para beber, nem agua havia; mas no alto, o céu lindo, tão lindo, parecia chacotear de nós, na alegria de seu azul tão lindo, tão lindo! as noites então, muito claras, muito cheias de estrellas, que brilhavam tanto, tanto! Como se outras estivessem a illuminal-as, por detraz.

— E foi por ahi, que em uma manhã ouvimos no terreiro o tropel de um animal e uma voz dizer:

— "O' de casa?!

— "O' de fora?!— respondemos nós, e corremos para a porta. Era um homem bem apessoado num quartáu de clinas aparadas.

— "Apeie-se capitão, disse-lhe eu.

— "A demora é pouca... já me vou, nos disse elle. E olhando-me de cima até em baixo, como se me estivesse a examinar, perguntou:

— "Não ha por aqui algum rapaz que queira ir para os seringaes do Amazonas?

— A Rosa, que estava pegada a mim, teve um estremeção, como se estivesse com maleitas. Agarrou-me no braço, e, cravando em mim um olhar assustado, respondeu logo:

— "Não ha, não, senhor!... — E eu confirmei com pena della:

— "Não ha, não, senhor.

— "Pois, se houver, que vá lá ao povoado falar commigo, que eu sou o engajador. — E dando de redeas, sahiu a galope reforçado.

— Nesse dia andei com o coração tão arrochado, numa tristeza tão grande, que metti-me pelo matto o dia inteiro. Só a noite é que se falou naquillo tudo... O tio Luiz pensava, sentado na sua rede, as pernas esticadas para fóra, e mão fincada no queixo, escondido no ninho das barbas brancas, tão brancas e tão longas, que lhe desciam até o peito, como estas que o senhor aqui'stá vendo!... Por derradeiro, fallou no Chico Felix, que fôra tambem para o Amazonas, e que de lá tornára com dinheiro; no Raymundo, da Maria do Corguinho, que tambem fôra... gente dali, dos arredores... que eu bem podia ir, talvez fosse feliz, porque, quando Deus queria, até agua fria era remedio!... Que a Rosa e a Ritinha, bem podiam ficar, não morreriam, porque a elle, ainda a pestana lhe batia.

— A filha, porém, oppunha-se, a chorar, a chorar, e a me dizer:— Não vae Manuel! não vae!... Que de lá ninguem logra aqui voltar!... Antes morrer assim mesmo, como estamos!. .

— Mas, o senhor, de certo, não poderá avaliar o que se passava por aqui dentro de mim! Jé não era o desespero da desgraça, era a ambição que me enchia de vexames e de muita impaciencia. No outro dia fui falar ao engajador, que me fez os campos muito verdes, com promessas de dinheiro, que era muito, ganho sem perigos, sem trabalho, e apontou-me um magote já arrebanhado, que ia descer pr'a capital no dia seguinte.

— Dei-lhe tambem o nome, e tornei para casa satisfeito, guardando a minha alegria ao lado da minha ambição... E, dois dias depois fugi, furtando o coração a essa despedida, que ainda hoje me dóe, aqui, como uma chaga que nunca sarará, que nunca sarará!...

— Ah! O senhor está admirado?... A minha historia está interessando a sua attenção?... Tanto melhor! Eu bem sabia disso. Ha coisas sempre assim... Quando me disseram quem o senhor era, pensei logo em a contar... Bem podia até escrever um livro bem volumoso!... Mas, o senhor mesmo foi ao Amazonas?... Nunca subiu por esses rios, que parecem a tecedora das veias de um corpo humano?... Ah! Então não sabe o que é a vida desses condemnados que para lá vão seduzidos pela agonia do trabalho, e que, por fim, encontram o captiveiro, traiçoeiramente encantoado em promessas mentirosas!

Bateu a cabeça lentamente, uma, duas, muitas vezes, como se estivesse a repassar nos sentidos recordações dolorosas:

— Daqui para lá, atulhados nos porões, uns por cima dos outros, como esses negros que vinham antigamente das outras terras; depois, o máu trato, o olhar vigilante do engajador para que ninguem fuja, o que lhe compromette os adiantamentos mesquinhos ou as passagens por barato, pagas sem nome, por cabeça, como se fossemos gado em pé. Rio acima, dias compridos, dentro de gaiolas, vapores de casco de papelão, que, a qualquer marrada, vão logo para o abysmo, levando pr'a elle as nossas

vidas. Dahi por deante a existencia tenebrosa dos barracões, como casas de maria-de-barros, fincadas sobre as estacas, e que as aguas lambem pelas cheias, e dentro dellas, o seringueiro, o dono, senhor absoluto, a dominar pelo terror, cercado de gente sua, sem olhar a lei, sem respeitar a justiça, e sobretudo sem sentimento algum de humanidade!...

— Ah! E, o senhor, suppõe que eu não esmoreci, como se fosse uma creança?... Mas, fechei os olhos para ficar cego, e cosi o coração para que delle não me sahisse um suspiro traiçoeiro. Quando ia para a estrada, cortar a seringueira, é que o soltava para que elle se espojasse, como um cavallo que chega de viagem e que se lhe tiram os arreios.

— Só dei'cordo de mim porque vi que era escravo de uma somma muito grande, que me havia de acorrentar por muito tempo. Era isso — debitavam-me por preços, que nem digo, o que eu pedia, e creditavam por muito menos o labor de minha safra. E veja mais, o senhor, que para qualquer lado estava a morte a nos atraiçoar com a sua maldade!... Era o carapanam, que faz a febre, o pium, que faz a ferida, a fraqueza, que faz o beriberi, e o ar, e o ar que se respira, que nos acaba!... E depois, as feras, e depois, os homens, peor do que ellas! E o isolamento que é peor do que tudo, e a saudade, que é uma molestia, que se traz aqui, aqui, sempre e sempre, como uma dor que cança, que se aborrece!...

— Foi só o desejo de voltar que fez a minha valentia. Estive quasi a morrer, mas curei-me porque bem quiz. Enfrentei os homens e as feras, escorando a minha covardia num rifle de doze tiros; e creia, o senhor, que não é mentira, — quando pensei que estava só, eu estava acompanhado!...

A sentinella do corpo da guarda deu um berro chamando ás armas. Deteve-se para dizer:

— E' meio-dia... O senhor deve estar cançado... a minha conversa é tão comprida, já pode ser aborrecida.

E, como eu meneasse a cabeça, levantou-se e foi cerrar um dos lados da janella, que dava para o pateo, vedando que uma restea de sol, que por ella vinha, me alcançasse os pés. Nas lages do pateo resoaram as passadas do quarto que passava, para render as sentinellas. Voltou então a sentar-se, e fazendo uma leve pausa, entre um gesto de reflexão, proseguiu, agora num tom mais demorado:

— Passou o primeiro anno, passou o segundo e passou o terceiro; e, durante esse tempo, se eu perguntasse ao senhor onde estava o meu juizo? Para onde navegavam as minhas recordações? O senhor naturalmente, diria — para a Rosa, para a sua filha!... — E era isso porque não me abandonavam um só momento, via-as todos os dias, tão claramente, tão claramente, como eu me posso ver no aço de uma faca!... Mas eu já não disse ao senhor que a minha cabeça tem dessas coisas, que bem podia ser até uma maquina de tirar retratos?...

— Se escrevi?... Escrevi. Mandei fazer cartas sem resultado, porque, só uma vez por anno é que havia communicações, e apenas nas grandes cheias.

— Foi um *brabo*, um novo, que chegára das minhas bandas, e que por eu lh'o perguntar, me deu noticias da minha gente. — Que ouvira dizer no povoado, que o velho Luiz do Serrote Negro, havia morrido, e que uma filha que elle tinha arribára pr'a capital.

— Desde esse dia tive um arrocho no coração, como se tivesse sido mordido de cobra cascavel. Uma noite até sonhei com a Rosa, muito branca, muito branca, que levantava as bandas do mosquiteiro, e que se deitava encolhidinha junto a mim... Dahi, veja, o senhor, que é que eu havia de fazer, senão approveitar a cheia de monção, e descer, custasse o que custasse! Mas foi trabalho de suar para sahir!... Uni-me a outro, que tambem tinha as mesmas intenções unidas ás minhas, e fomos pedir contas. Deram-nos aladroadas. Reclamamos, outra vez unidos, pensando em queimar a carga dos nossos rifles. Fizeram-nos, novas mas reclamamos ainda com a valentia dos desesperados. Contentamo-nos, afinal, com os saldos das terceiras, muito abaixo ainda do que ao certo nos deviam. Entregaram-nos ordens para recebel-os cá em baixo, as quaes, por precaução, só acceitamos á hora do nosso embarque.

Fez uma ligeira pausa para tomar respiração num hausto demorado, depois continuou:

— O que foi para mim essa viagem, de lá até aqui, o senhor mal pode avaliar!... Esse... o Joaquim, sempre fôra para mim bom camarada... e para que não dizer, se a verdade é essa!... Tinhamos até combinado procurar nossas familias, e irmos viver para o mesmo sitio...

Fechou os olhos como se quizesse curtir uma dor brusca. Abriu-os para me olhar fazendo um desolado riso de moribundo:

— E se eu contasse o meu crime?!...

Rapidamente mudou de inflexão, sacudindo a cabeça num gesto de desalento:

— Sim, eu e elle, fizemos sempre na vida do barração uma amizade egual. Meiavamos, como irmãos, as labutas do trabalho e as agonias da vida, só não podiamos meiar as alegrias, porque nem eu, nem elle as poderiamos ter; — como eu, elle era casado, e como eu deixara os seus para correr atraz das suas ambições!... E para que não dizer, se a verdade é esta, — elle sempre mais franco do que eu, pondo para fóra, com a bôa fé dos ignorantes e com a lisura dos que são sinceros por na-

tureza, tudo quanto sentia no coração. E depois, corajoso até ali!... Não pestanejava no meio do perigo, fosse qual fosse, e só levava a arma á cara quando tinha a certeza de ver a queda depois de ouvir o papôco!... E junto de tudo isso, — a bondade, que nelle se parecia com uma maquina, e sempre trabalhando, na mesma marcha, como uma bolandeira a rodar, a rodar, cega, sem ver, sem medir, a tulha de bagaço, nem a porção de canna por moer.

— Ah!... Mas, o senhor, não avalia como o amor me puxara para esse que... Eu, ás vezes ponho-me a pensar, e só me lembro do que o senhor disse num livro que ali 'stá, e disto, veja, nunca me esqueci e tomei nota!... Pois, o senhor não escreveu — que o soffrimento approxima os infelizes? — E só podia ter sido isso, só podia ter sido isso, porque eramos irmãos apertados, tão juntos, como se fossemos essas creanças, que nascem pegadas, barriga com barriga, e que morrem se as querem despegar, porque se Deus as fez assim é porque quiz, pedaço com pedaço, sangue com sangue, mas os espiritos separados, como se quizessem mostrar com este exemplo como os homens devem ser unidos sobre a terra.

Pausou a voz, para seguir, dominando o calor com que lhe haviam cahido as ultimas palavras:

— E foi num domingo... num domingo como este, que aqui chegamos, ao cambalear da tarde, e fundeámos ali, quasi defronte, cheios de tantas esperanças, com dinheiro em nossos bolsos e os corações repatriados!... Eu, sentia em mim uma alegria entristecida, a cabeça para um lado e o coração para o outro, como dois cavallos galopando por veredas differentes!... Pensa, o senhor?... Eram as duvidas, eram os receios, que me andavam a rodear a todo o instante; mas tinha decidido, houvesse o que houvesse, logo pela manhã, embrenhar-me no sertão em caça da minha gente!... E viemos para terra já para o anoitecer, que ainda me lembro desta impressão que me ficou guardada no juizo: — Pr'a'quelle lado, onde o sol cahira esmorecido, sujava o céu um listão vermelho, como se lá estivesse um coração aberto a escorrer sangue...

Meneou a cabeça desalentadamente:

— Mas que heide dizer, ao senhor, se por ventura nunca sentiu essa alegria, que nos vem, muito de dentro, muito de dentro, quando se pisa, depois de muito tempo, a terra em que nascemos?... E' um prazer tão grande, que nos sacode em tremores, como se tambem a terra estivesse a estremecer! Eu nunca havia sentido isso, mas senti-o; e, nesse momento, parecia-me estar dizendo mesmo commigo, cheio desse orgulho com que os poderosos contam seus cabedaes, para mostral-os com ostentação: — São minhas aquellas praias arenosas, onde se espojam as ondas, como cavallos de clinas brancas!... E' meu aquelle céu azul, cheio de tanta luz, e cheio de tanta estrella!... São minhas aquellas serras, que ao longe vão ficando, com sombras, na distancia!... São minhas... Mas, o senhor, bem sabe que tudo isso só é compação, porque essa riqueza não é nossa, pentence, sim, á nossa Patria; mas tambem é nossa, porque nascemos das suas entranhas, do mesmo modo que os bezerros só podem nascer das vaccas!... Mas este amor é tão grande que admira! Os proprios animaes até o sentem!... E, eu agora é que sei, veja, o senhor que, em outro tempo, nem disso eu dava fé, porque é que esses bichos, tão brutos e tão inconscientes, fogem de um pasto para outro, por muitas vezes, com distancias de leguas e leguas! Como nós, pois, o senhor, não vê? Sentem tambem essa saudade do logar onde nasceram, que lhes era conhecido, — picadas e veredas, corgos e riachos, e os campos, e o céu, sob o qual dormiam resmoendo, illuminados pelo mesmo sol e adormecidos pelas mesmas estrellas, que elles viram nos primeiros dias e que querem tambem ver nos derradeiros, como nós queremos... Como nós queremos!. .

— Mas avalie, o senhor, de que me servia essa riqueza, que eu via deante de meus olhos, se a fatalidade estava acuada na estrada a minha espreita?!...

— E eu disse fatalidade?!... O senhor, acredita por ventura nisso? Eu tambem não acredito, e, no entretanto, ás vezes parece-me que estava tudo escripto, que havia de ser assim, tão certo como tão certo!...

Sacudiu a cabeça desconsoladamente. Esteve por momentos silencioso, o olhar cahido para o chão, dentro da hesitação que o sustivera; mas, movido depois por uma resolução, fixou em mim o olhar com uma expressão de confiança, e, proseguiu, sacudindo os hombros:

— Já agora falta pouco...

Mas deteve-se outra vez, nessa longa reticencia. Passou a mão pela fronte como se quizesse acalmar:

— O senhor, vae finalmente saber a verdadeira causa do meu crime, desse crime tão hediondo para todos e tão hediondo para mim, porque nem a justiça e nem os proprios homens nunca a souberam... nunca a souberam!...

— A' noite, eu e elle, sahimos para a rua com as mesmas alegrias no coração e as mesmas risadas pela bocca. Ah! Mas, o senhor, bem avalia as loucuras de quem chega, a andar a andar, daqui para ali, e depois as mulheres que são o fim de tudo, de tudo, o senhor bem avalia. Sim, porque foi isso... já muito tarde fomos bater na mesma porta, ali pela rua da Misericordia, onde havia duas dessas mulheres

que se pagam, e a fatalidade levou-nos para cada uma, como para uma cova, que havia de sepultar as nossas alegrias para sempre... para sempre!...

— Mas, como isto aconteceu eu nunca poderia dizer... nunca! Foi talvez o acaso ou foi talvez a desgraça, porque estavamos no escuro, a sala sem luz, e creia que nem cheguei a approximar-me, nem sequer ouvir a voz, dessa que com elle foi lá para dentro, emquanto eu me deixava ir tambem na inconsciencia da minha infelicidade!... Só depois, muito depois, é que os vi tornar, quando voltavam abraçados, corredor a fóra, onde havia luz, que alumiava a feliz alegria dos dois, como se fossem noivos, a misturarem entre beijos, risadas, que me vieram aos ouvidos para me fazerem parar o coração num solavanco de punhalada!

— Sahi para a rua de braços extendidos, e as minhas mãos encontraram, apenas, as paredes, e nellas me agarrei para não cahir, porque aquellas risadas, que se repetiam, que se repetiam, entravam-me aqui, aqui no coração, como pontas de facas muito frias... muito frias!...

— E fui então caminhando quasi atôa, os olhos apagados, como cego, e os pés sem sentirem o chão, como paralytico. A cara ardia-me como se eu estivesse debruçado sobre uma coivára, ou como se me tivessem atirado pr'a dentro de uma queimada, onde os meus ouvidos sentiam o estalar dos páus como roqueiras, e os meus olhos viam os cipós torcerem-se entre as brazas, como cascaveis se espreguiçando ao sol do meio-dia!...

— E pouco adeante... e foi já pouco adeante, que eu senti a meu lado as passadas desse que... sem querer, tinha aberto fundo precipicio em meu caminho!... E, na ignorancia do meu silencio, elle falava-me, numa alegria tão feliz, a rir, sempre a rir, dessa mulher que acabára de ser sua... da Rosa!... da Rosa!... dessa mulher que fora minha!... E contava-me todo o feitio de seu corpo, todo o fogo de seus braços, desses braços que o sustiveram num demorado apertão... num demorado apertão!...

— Mas, o senhor, sabe porventura o que é o amor? O odio?... E sabe porventura o que é o ciume?!... Não! Não sabe! E nunca queira saber, que é a maior desventura que ha na terra!... E era tudo isso ao mesmo tempo, que batalhava dentro de mim com *desespero!*... Os dentes batiam-me, uns de encontro aos outros; dos olhos fumegavam lavaredas, que se apagavam, mas que voltavam, uma, muitas vezes, para me cegarem; na garganta apertava-me uma corda; sobre o peito tinha o peso de uma pedra; na cabeça a loucura, a confusão; no corpo essa frieza que é da morte e na pelle, unhas de onças a rasgarem... a rasgarem, fundamente!...

Tomou respiração para alentar-se e proseguiu:

— Mas então! Que pensa o senhor?... Eu bem queria salvar-me deste inferno, fechando os olhos deante deste mundo, que rodava assim... assim... mostrando-me coisas estupendas! Coisas pavorosas!... Fechava os olhos para não ver os abysmos, que se abriam, as trevas, que me abraçavam, os precipicios em que rolava; mas, a minha cabeça, a minha consciencia, ia, como um bicho feroz, como um animal damnado, sem ter vista e sem ter luz, açulado pelo odio, mordido pela raiva, latindo uivos de desespero, numa desfilada de raio, batendo de tronco em tronco, cahindo de valla em valla, mas sempre a correr... sempre a correr, como possesso!...

— Ah! Mas, o que pensa, o senhor?... Eu bem queria salvar-me, fazendo sobre mim um grande esforço!... Duas vezes levei a mão a ilharga, e duas vezes a tirei dominando a brutal consciencia!... Foi só na terceira... na terceira, quando elle me falou nos seios della, nesses seios que tinham amammentado a minha filha! .. a minha fiiha! o senhor bem comprehende!... é que lhe atravessei o coração com a minha faca!

Esteve um momento silencioso, a cabeça um pouco inclinada para o chão. Depois levantou-se para dizer-me:

— E' a sineta que está dando o signal que vão trancar as grades...

Levantei-me e lhe extendi a mão. Ia-m'a apertar com a direita, mas fez um visivel movimento sustendo o braço, para extender-me a mão esquerda.

Apertei-lh'a e sahi.

Ceará — Maio de 1907.

PAPI JUNIOR.

Peixes da Ribeira

RESULTADOS DE EXCURSÃO DO
SR. RICARDO KRONE, MEMBRO CORRESPONDENTE
DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

DOS rios paulistas que desaguam directamente no Attlantico, o rio da Ribeira é o mais importante. Depois de quasi metade de curso em curva continua pelo estado do Paraná, onde se origina, entra em São Paulo, e ahi, da indecisa e primeira direcção N. E. descamba para E. em busca de Iguape, sua fóz.

Na altura da villa de Iporanga recebe, vindo do Norte, da vertente sueste da Serra de Paranpiacába, o Iporanga, o mais notavel dos seus tributarios logo em seguida ao Bethary.

O seu systema é hoje completamente independente e da sua fauna, até bem pouco desconhecida, coube a Kósmos iniciar a divulgação, precisamente ha um anno, no numero de Janeiro de 1907.

Então foi descripto o primeiro peixe do Iporanga: *Typhlobagrus kronei*, curioso bagre peculiar ás cavernas perfuradas pelo Iporanga.

Em o numero 5, (anno XI) d'*A Lavoura* —Maio de 1907,—mais 14 especies de peixes foram trazidas ao numerario da fauna do systema da Ribeira.

D'esta vez accrescentamos 33 especies ao ultimo algarismo o que perfaz um total de 48.

*
* *

Ha certas creaturas privilegiadas pelo dom que possuem de se tornarem multiplamente uteis, por um desdobramento de seus prestimos —cumprem os deveres communs de vida social e ainda acham tempo para, içando-se á um plano mais elevado, trazerem o seu esforço expontaneo em prol da communidade humana, concorrendo para a illuminação do meio que os cerca. D'este numero é o Snr. Ricardo Krone, de Iguape. Chimico de profissão, ampliou os seus conhecimentos pelo terreno da Geographia e depois da Geologia, não com o lêr e repetir somnambulicamente os massudos tratados á respeito, mas com a applicação das suas leituras ao campo da acção, da theoria á pratica, realçando o que de notavel se offerecia á sua perspicacia e transmittindo utilmente ao publico o fructo do seu trabalho.

E por uma lealdade de cavalheiro que ainda mais o eleva, confirmando por actos a sinceridade com que abraçou a nacionalidade brasileira, é no Brasil que elle dissemina o que no Brasil observa e ao Brasil que elle procura para offertar esse fructo carinhosamente cultivado. O seu laboratorio é Iporanga.

Já na Revista do Museu Paulista, no Boletim Central de Sciencias e Artes de Campinas, são lidos os seus estudos—*em portuguez*.—Já o Museu de S. Paulo e o Museu Nacional possuem as provas materiaes desses estudos!

Que differença! Estamos tão habituados a ver o inverso, mesmo n'aquelles que por serem officialmente pagos pela nossa moeda estavam no dever religioso de proceder d'este modo, que não occultamos a impressão funda de tão rasgada nobreza.

N'um trabalho de Geologia diz o Sr. Krone: «Até hoje basea-se o nosso conhecimento da fauna de Mammiferos da epocha quaternaria do Brasil, nos resultados que obtiveram o Dr. Lund e Prof. Reinhardt nas suas investigações das cavernas calcareas do Rio das Velhas, de Minas Geraes, effectuadas de 1825 até 1854.

Não sendo menos de 55 generos que representam a fauna brasileira das cavernas, onde poderemos estudar este material precioso? *Acha-se tudo reunido no Museo Lundii, em Copenhague, na Dinamarca.* — Temos agora nas cavernas de Iporanga a probabilidade de alcançar outra collecção; vamos procurar conservar esta para a sua patria.

Santas palavras!—Santas... e raras. Se ellas fossem o lema de todos os Museus Brasileiros, de todos os naturalistas que fruem da generosidade desta terra!

*
* *

E emquanto estuda Paleontologia o Snr. Krone applica os seus intervallos na collecta de outros objectos de historia natural, cujas primicias são para o Brasil.

D'esta vez encarregado de estudar as cavernas do Iporanga, pelo Director do Museu Nacional, o Snr. Krone nos enviou em fins de Dezembro ultimo, nova collecção de que citaremos, apenas, as especies ainda não contidas nas publicações anteriores, acima citadas:

LORICARIIDAE

Kronichthys, gen. novo.

Corpo indistinctamente octogonal; lado inferior do corpo, do focinho á parte posterior da anal, nú; cintura sternal sub-cutanea; olhos supero-lateraes; interopérculo inerme; 2 placas sob o temporal; dorsal sobre as ventraes, com 7 raios; peitoraes (1, 6) e ventraes (1, 5) pequenas, com o aculeo forte e hispido; adiposa presente, posterior á anal quando reclinada. Anal posterior á dorsal reclinada; caudal truncada, com os raios externos não prolongados.

Kronichthys subteres, sp. nova.

Figs. 1 e 1 a

A. 1, 5; L. lat. 30 a 31

Cabeça 3 e 3/5 a 4; altura 6 e 1/3; largura 5 e 1/3 no total (sem a caudal) olhos 8 a 8 e 1/3 no comprimento da cabeça, 2 e 2/3 a 3 no espaço interorbital, dentes $\frac{21-35}{18 \text{ a } 31}$ em cada lado da bocca; ramo mandibular 2 e 1/3 a 2 e 2/3 no espaço interorbital; peitoraes attingindo mais ou menos a base das ventraes. Olivaceo com 4 fachas negras transversaes; 2 sob a dorsal, uma anterior e outra posterior a

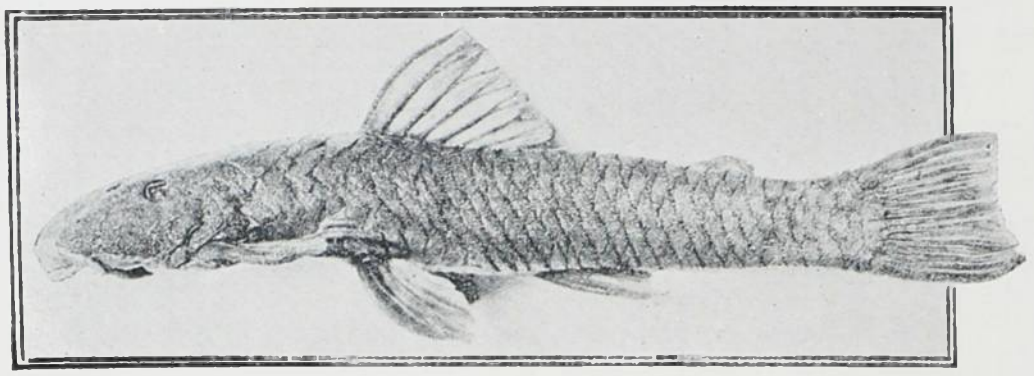


FIGURA 1

adiposa, duas estrias longitudinaes negras, nos flancos; nadadeiras mais ou menos distinctamente maculadas de preto; dorsal e caudal mais uniformemente denegridas, com uma tarja marginal branca — 12 centimetros.

Rios Bethary, Pardo e Iporanga, onde vive debaixo de pedras, segundo informa o Snr. Krone.

2 — *Parotocinclus maculicauda*, Steind.

E' o primeiro exemplar d'esta especie que o Museu Nacional inclue nas suas collecções.

3 — *Otocinclus leucofrenatus*, sp. nova.

D. 1, 7; A. 1, 5; L. lat. 26.

Muito parecido com *O. notatus*: Cabeça 3 e 1/8; altura 5 e 3/4; Olhos 2 e 1/2 no espaço interorbital, 6 vezes na cabeça. 15 dentes em cada lado da bocca; aculeos das peitoraes passando um pouco o meio das ventraes. Póro peitoral grande. Pardo denegrido, mais intensamente sobre a cabeça. Uma linha branca parte do focinho e passando pelas narinas e arcada supra-orbital, se befurca no extremo do escudo temporal em duas linhas, depois parallelas, das quaes a inferior segue a linha lateral. A's vezes, alem d'estas ha outra linha superior partindo do occipital e outra inferior partindo da região opercular que é clara. Raios caudaes externos e a ponta dos 6 immediatos superiores, brancos. Abdomen fina e irregularmente salpicado de negro — 6 centimetros. Rio das Pedras.

4 — *Otocinclus gibbosus*, sp. nova.

Figs. 2 e 2 a

D. 1, 7; A. 1, 5; L. lat. 25.

E' talvez o mais curioso dos *Otocinclus* por causa da reducção do comprimento do pequenino corpo. Cabeça 2 e 1/2 nesse comprimento; altura 3 e 3/5; focinho parabolico, muito regularmente dividido na orla pela sutura das placas; preorbitarios salientes, formaddo com a zona rostral mediana uma depressão longitudinal, em que ficam as narinas, em fossa ampla. Orbitas 3 vezes no espaço interorbital; este 2 e 3/4 na cabeça; occipital com o centro saliente, formando uma gibba no alto da cabeça. Dentes $\frac{21}{23}$ em cada lado; labios grandes, recobrindo todo o espaço que vae da bocca á cintura sternal. Ventre com duas placas grandes na axilla das peitoraes, após a cintura sternal e algumas placas esparsas sobre a linha mediana, entre as bases das ventraes. Caudal emarginada, com o raio inferior um pouco maior que o superior. Póro axillar grande, quasi do tamanho da orbita. Pardo até a dorsal, dalhi para traz cada vez mais escuro até a cauda; um triangulo amarello (de vertice anterior) atraz da dorsal, duas maculas oblongas da mesma cor de maior diametro transversalmente disposto, sobre o pedunculo (a posterior na base dos raios caudaes superiores) duas outras inferiores, oppostas ás primeiras. Dorsal preta com a orla amarella; caudal amarella com a base, a orla e os raios externos negros; peitoraes e ventraes transfasciadas de escuro. Comprimento 49 cm. Rio Bethary.

5 — *Loricaria anus*, Cuv. & Val.

Pito.

Um bello exemplar de Ribeira Baixa.

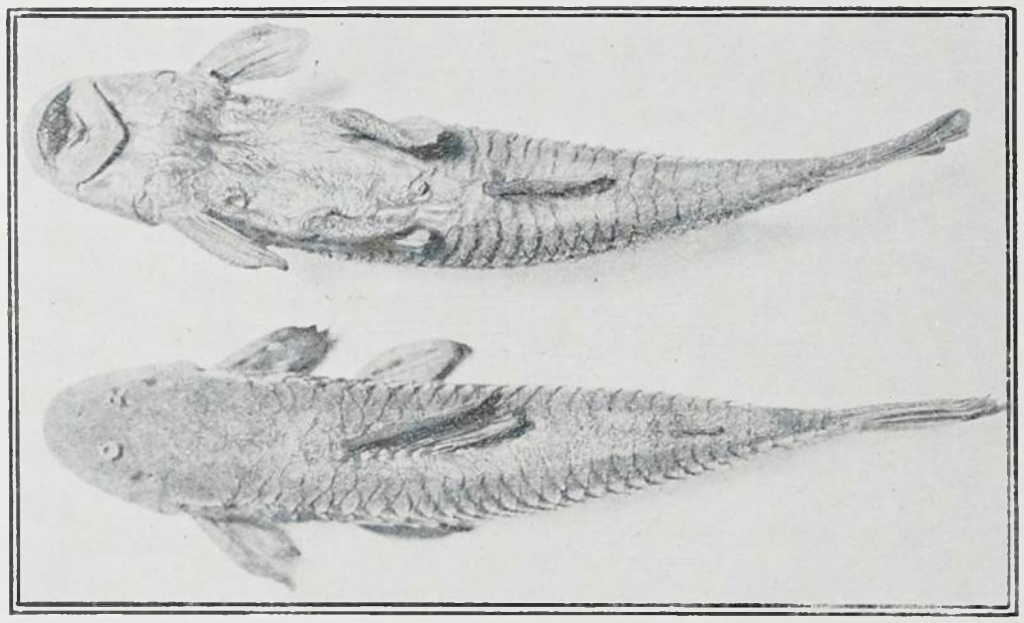


FIGURA 1 A

6 — *Harttia kronei*, sp. nova.

Bituva.

Figs. 3 e 3 a

D. 1, 7; A. 1, 5; L. lat. 30 a 31.

Cabeça 3 e 2/3 a 3 e 3/4 no comprimento, de largura egual ou pouco maior que o proprio comprimento. Olhos 7 a 8 e 1/3 na cabeça 2 a 2 e 1/3 no espaço interorbital; ramo mandibular egual ou ligeiramente menor que o espaço interorbital, este plano; dentes profundamente furcados $\frac{77}{57}$ em cada lado. Não ha placas anaes; caudal furcada com a ponta dos lobos redonda e o inferior ligeiramente maior que o superior. Olivacea, face abdominal alvadia. Nadadeiras indistinctamente transfasciadas de escuro, 12 cm. Rio Bethary.

FIGURA 2

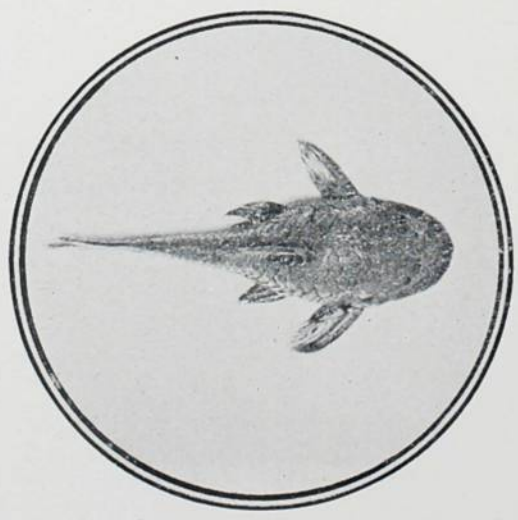


FIGURA 2 A

TRICHOMYCTERIDAE

7 — *Trichomycterus dispar*, Tschudi.

A existencia desta especie na Ribeira prova antiga dependencia do seu systema do Paraná, em outras éras. *T. dispar* é especie dos Andes do Perú, e do Rio do Paraná.

8 — *T. brasiliensis*, Lutken.

Algumas variedades d'esta especie, aliás a de mais ampla distribuição, dos Trichomycteri genuinamente brasileiros.

9 — *T. proops* sp. nova

Fig. 4

Cabeça contida 4 vezes no espaço que vae da orla labial á nadadeira dorsal; esta inteiramente posterior ás ventraes e quasi totalmente sobre a anal; caudal arredondada. Amarello, finamente aspergido de pardo violaceo. Olhos contiguos ás narinas posteriores.

SILURIDAE

10 — *Pseudopimelodus zungaro*, (Humboldt).

O exemplar é muito novo, por isso apresenta todo o vigor do colorido que se aproxima bastante do de *P. parahibae* (Steind.), do qual differe pelas proporções e por ter uma nodoa transversal, transparente na dorsal, uma facha negra na caudal e outra na anal. O Snr. Krone informa: "Alto da cabeça, costas e manchas das nadadeiras pretas. Listas transversaes pardas de havana; ventre prateado com pontuações pardas olivaceas. Barbilhões annellados. Mancha dorsal transparente. Olhos azulados. — Vive debaixo do capim, á margem do Ribeirão das Pedras. — Iporanga.

11 — *Pimelodus clarias*, (L.)

Madi - Pintadinho.

Ribeira. — Forma typica.

12 — *Rhamdioglanis transfasciatus*, sp. nova.

Maudi - Pintado.

. 6; A. 11.

Cabeça 4 e 1/2 (a 5, nos jovens) no corpo; olhos 6 a 9 no comprimento da cabeça 1 e 1/3 a 2 e 1/8 no espaço interorbital. Ventre obêso; parte posterior do corpo cylindrica, sómente comprimida para a cauda. Peitoraes redondas no adulto, pouco menores do que 1/2 do comprimento da cabeça; nos jovens ligeiramente pontudas. Ventraes do mesmo tamanho que as peitoraes. Dorsal com a ponta dos raios isoladada (o adulto); caudal com o lobo superior pontudo e mais longo do que o inferior

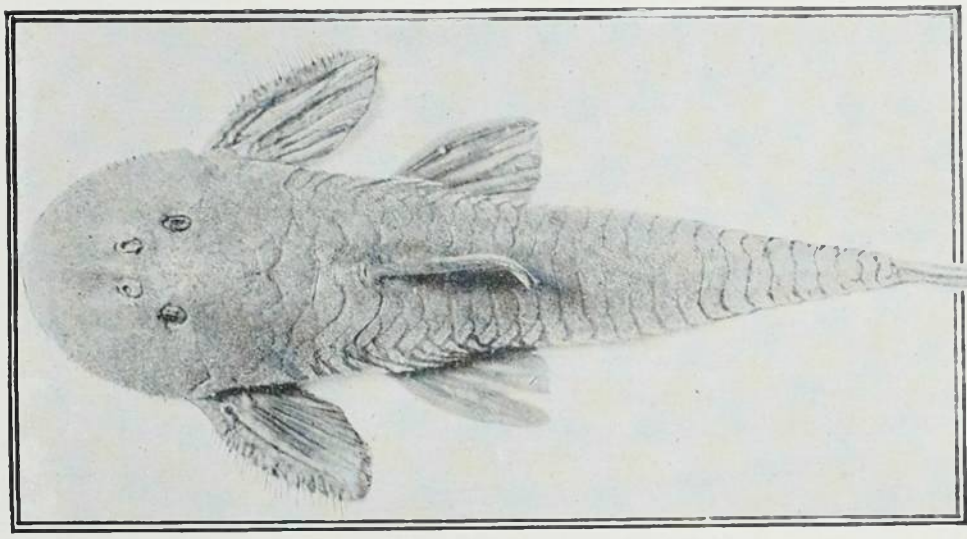


FIGURA 3 A

que é redondo. Translucido, amarellado, com laivos coeruleseentes; uma facha transversa, negra, sobre a nuca, uma mais estreita e menor no inicio e outra sobre o extremo posterior da base da dorsal; uma adiante da diposa outra sob o extremo posterior desta e outra sobre o pedunculo, adiante da base da caudal. Dorsal com a parte superior denegrida. Jovens com a cabeça mais escura. 34 cm. — Rio Bethary.

CYPRINODONTIDAE

13 — *Poecilia vivipura*, Bl. & chn.

2 Exemplares.

ERITHRINIDAE

14 — *Hoplias lacerdae*, sp. nova.

Trahiraçú (adulto) — Tariputanga joven)

D. 14; Ps. 14; Vs. 8; A. 11; C. 16; L. lat. 47.

Cabeça 4, 7 no total; olhos 8 na cabeça. Segundo o Snr. Krone, a côr é a seguinte; Lado superior quasi preto, flancos cinsentos, notando-se fachas transversaes escuras na frente e atraz da dorsal, atraz da anal e adiante da caudal. Nadadeiras pontuadas de escuro; a caudal com a orla côr de rosa. Ventre branco. Maior comprimento 1 m. 1, (sem a caudal). O exemplar enviado ao Museu mede 75 cm. Ainda segundo o Snr. Krone é este o maior peixe do Iporanga e o dedicamos ao Dr. J. B. de Lacerda, Director do Museu Nacional, em reconhecimento ao interesse que quiz tomar pelas explorações scientificas daquella região.

CHARACINIDAE

15 — *Curimatus gilberti*, Quoy de Gmd.

Saguairú

Rio Ribeira.

16 — *Characidium fasciatum*, Ruhdt.

Sardinha.

Rios Bethary e Ribeirão das Bombas.

17 — *Astyanax scabripinnis*, (Jenyns).

Lambary - Guaçu.

Rio Bethary.

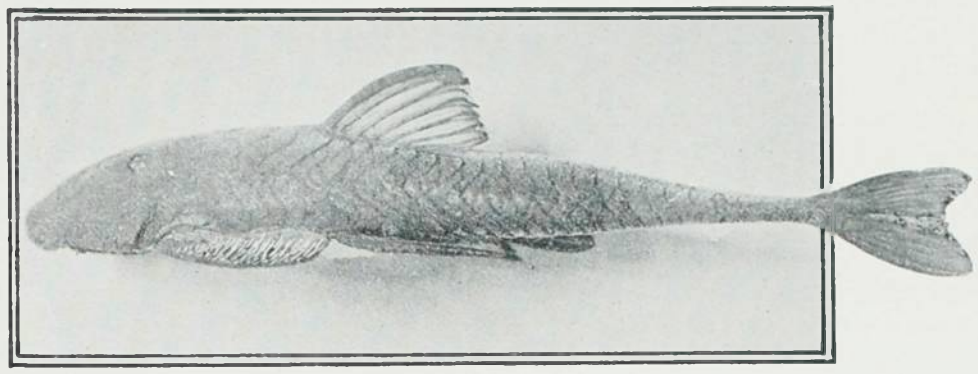


FIGURA 3

18 — *Astyanax rutilus*, (Jenyns).

Ribeira Baixa. Até agua salobra.

19 — *Astyanax microcephalus*, sp. nova.

D. 10; A. 17 a 19; L. lat. 39; L. tr. $\frac{4 \text{ e } 1/2}{5}$

Cabeça 4 e 1/2 no comprimento do corpo; olhos 3 a 3 e 1/2 no da cabeça, 1 no espaço interorbital; maxiliares mal chegando á vertical da margem orbital anterior. Altura 3 e 3 3/4. Dorsal um pouco mais proxima do focinho do que da raiz da caudal. Ventraes anteriores á dorsal, não attingindo a anal e não attingidas pelas peitoraes que terminam á 3 escamas da sua origem. Caudal furcada, com o lobo inferior maior. Uma facha escapular crescentiforme, o mento, o alto da cabeça e a linha mediana dorsal, uma facha lateral sobre os flancos do pedunculo (esta indistincta) de côr negra; o resto amarellado. Uma facha denegrida sobre a dorsal, as outras nadadeiras e orla das escamas mais ou menos enfumadas. Como se vê este peixe muito se parece com *A. jenynsii*, Steind, do qual, comtudo, differe pelos numeros das escamas; de *A. scabripinnis* elle differe pelo dos raios anaes. — Rio Bethary.

20 — *Astyanax depressirostris*, sp. nova.

Lambary.

D. 10; A. 22; L. lat. 39; L. tr. 7/7

Forma rhomboide. Cabeça 4 e 1/3; altura 2 e 2/3; olhos 3 e 1/3 na cabeça 1 e 1/3 no espaço interorbital e 1 no focinho; maxillares muito pequenos, attingindo porém, a virtical da orla orbital anterior. Peitoraes não attingindo a vertical levantada da origem das ventraes

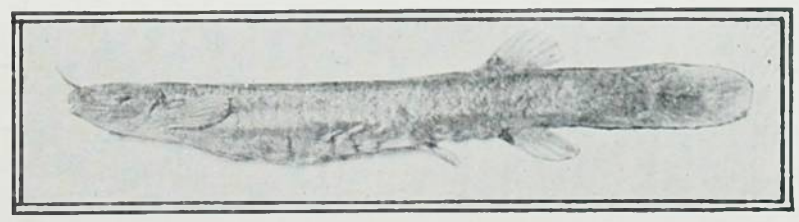


FIGURA 4

que é a mesma da dorsal. Anal terminando á alguma distancia da anal; caudal aequilobada. Colorido da especie precedente, sem a facha mediana denegrida da dorsal nem a marginal das escamas. Alto do focinho deprimido. Esta especie se assemelha muito á *A. rutilus*, mas tem os dentes muito maiores e mais fortes e o colorido muito mais intenso. Ribeira.

21 — *Pseudochalceus perstriatus*, sp. nova.
Lambary-Listado.
Fig. 5
D. 10; A. 31; L. lat. 36.

Corpo de altura 2 e 2/3 no comprimento; cabeça 3 e 3/4; dentes maxillares occupando esse osso até metade do seu comprimento. Olhos 3 vezes no comprimento da cabeça e 1 e 1/5 no espaço interorbital. Peitoraes attingindo a base das veu raes e tendo 15 raios; ventraes pequenas, com 7 raios, o primeiro ligeiramente prolongado, attingindo

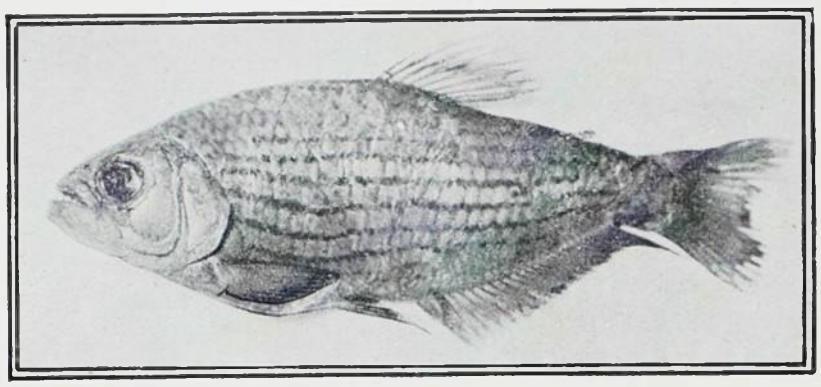


FIGURA 5

o inicio da anal; esta mediocremente elevada, de bordo sinuso e tendo os 5 ultimos raios mais longos do que os mais longos raios anteriores. Dorsal com o meio da base sobre a origem da anal. Caudal lobada (lobos quebrados). Linha lateral terminando sobre 8va. escama, após o operculo. Olivaceo, denegrido sobre o mento, o focinho, o alto da cabeça e a linha mediana dorsal; e prateado sobre os flancos, com perto de 9 estrias pretas longitudinalmete dispostas entre a cabeça e a cauda, marcando o limite lateral das filas das escamas. Afinal estas estrias tambem apparecem nos lados do dorso, porém indistinctamente, o que eleva a 11 ou 12 o seu numero. Nadadeiras ligeiramente denegridas a dorsal tem uma facha, transversalmente obliqua, sobre a ametade anterior; a anal tem a base mais clara que a orla. 9 cm. Corregos de Iporanga.

Coelurichthys, gen. novo.

Dentes lyriiformes em duas ordens sobre os intermaxillares e uma sobre os mandibulares; maxillares com poucos dentes na sua extremidade articular. Linha lateral interrompida. Dorsal originando-se por de traz do inicio da anal. Esta longa; caudal bilobada com o lobo inferior mais largo e mais curto que o superior. Os machos possuem nos lados do pedunculo, na base da caudal, uma bolsa glandular formada por duas grandes escamas differenciadas e recoberta por outra escama grande, tambem modificada.

22 — *Coalurichthys iporangae*, sp. nova.
Manjubinha.
Fig. 6
D. 10; A. 34; L. lat. 46.

Altura 3 e 1/2. Cabeça 4. Olhos maiores do que o focinho de 1/5 de seu diametro, o qual é contido 3 no comprimento da cabeça. Den-

FIGURA 7

tes deseguaes sobre a mandibula. Dorsal com os 4 ultimos raios prolongados. Carneo finamente pontuado de negro; linha mediana superior denegrida. Operculo com uma nodoa dessa côr e logo em seguida, sobre a região escapular ha outra macula; uma facha denegrida indistincta sob a linha mediana lateral do pedunculo a qual se projecta até o extremo dos saios candaes medianos. Dorsal com uma facha dessa côr que nasce á meia altura do segundo e vae á ponta do ultimo raio; anal fimbriada de escuro. Ribeirão das Pedras. Iporanga.

23 — *Acestrorhynchus hepsetus*, (Cuv.)

2 bonitos exemplares representam esta especie que tem o nome vulgar de Tajipucú, na Ribeira.

EUGRAULIDAE

24 — *Stolephorus pœyi*. (Kner e Steind.)

Sardinha.

Agua salobra, de Iguape; não seria de admirar encontral-a mais acima da foz, pois que esta maryuba gosta de subir o curso dos rios. O unico exemplar obtido differe do typo apenas por ter mais 2 raios na anal.

25 — *Stolephorus maryuba*, sp. nova.
D. 15; A. 24 a 25; L. lat. 38.

Exactamente do typo de *S. brownii*. Altura 4 e 1/2, egual ao comprimento da cabeça. Olhos 3 vezes na cabeça, eguaes ao espaço interobital e contendo o focinho 1 e 1/2 vezes. Dentes impercipitaveis á olho nú. Maxillares attingindo a articulação mandibular. Dorsal de origem equidistante entre a ponta do focinho e a base da caudal. Peitoraes terminando a 3/4 de orbita das ventraes, estas á pouco mais de um diametro da anal. Translucida; alto da cabeça e base da anal denegridas, face e uma larga facha de altura meis ou menos egual a 1 diametro ocular e que vai do operculo á cauda, côr de prata, brilhante. — Ribeira, até Xiririca.

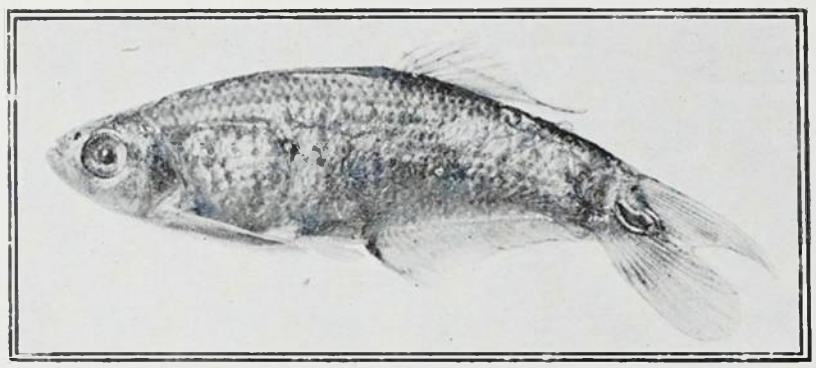


FIGURA 6

OPHISURIDAE

26 — *Myrophis iguapensis*.
Fig. 7

Cabeça pequena, olhos 4 e 1/2 vezes no seu comprimento e 1 vez no espaço interorbital. Dentes em duas series sobre o vomer, e nas duas maxillas. Peitoraes mais largas que 1/2 da abertura das guelras e contendo o diametro orbitario 1 e 1/2 vezes. Dorsal originando-se logo por traz do 3o quinto da distancia que vae do focinho á anal. Esta nadadeira occupando 3/5 do comprimento do corpo. Pardo uniforme com as nadadeiras mais claras.

CICHLIDAE

27 — *Geophagus brasiliensis*, Quoy & Gaimard.
Acará.

28 — *Cichlasoma autochton*, (Günther).
Acará-Péva.

29 — *Crenicichla lacustris*, Cast.
Lisbão.
Descendo até onde haja agua salobra.

SCIAENIDAE

30 — *Stellifer rastrifer*, Jord. & Eigenm.
Ribeira Baixa. — Não estava conhecida para o Sul senão até Santos.

CARANGIDAE

31 — *Trachynotus carolinus*, (L.)
Sabão.
Ribeira Baixa.

GOBIIDAE

32 — *Awaous tajacica*, (Licht.)
Méro.
Xiririca.

33 — *Gobioides broussonnetii*, Lacép.
Mussurungo-Grande.
Iguape.

Algumas considerações ressaltam do estudo da presente lista. A existencia de um tão elevado numero de especies novas em um systema fluvial, perfeitamente isolado, não só é explicada como é uma confirmação da proposição de Castelneau:

«Toda vez que individuos d'uma especie de animaes ficam privados de communicação com outros da mesma especie, elles tendem a se modificar, mesmo suppondo-os originarios descendentes de um typo unico.» D'ahi nenhuma admiração ha em ter o systema da Ribeira uma fauna caracteristica, com formas tão altamente notaveis como *Typhlobagrus Kronei*—*Coeluri-chthys iporangæ* e *Kronichthys subteres*. Está visto que o papel que Castelneau empresta ao «impedimento de communicação» deve ser traduzido por uma adapção ao meio, de accordo com as possibilidades de resistencia das especies.

Mas por ser hoje um systema fechado,—o que mais se salienta é a existencia de especies de outros systemas, ahi profusamente representadas.

Percorrendo as listas já publicadas vemos:

Rhamdia sebae.
Glanidium albescens.
Ancistrus stigmaticus.
Loricaria lima.
Loricaria latirostris.
Plecostomus commersoni.
Callichthys cælatus.
Leporinus frederici.
Carapus fasciatus.
Parotocinclus maculicauda.
Loricaria anus.
Trichomycterus dispar.
Trichomycterus brasiliensis.
Pseudopimelodus zungaro.
Pimelodus clarias.
Pœcilia vivipara.
Curimatus gilberti.
Characidium fasciatum.
Astyanax scabripinis.
Astyanax rutilus.
Acestrorhynchus hepsetus.
Geophagus brasiliensis.
Cichlasoma autochton.
Crenicicla lacustris.

Especies estas encontradas nos systemas Amazonico e Paranaense que, como mostrou o Professor Branner, têm communicação pelos banhados de origem do Tapajós; ou por intermedio dos tributarios do Araguaya e Paraná no Estado de Goyaz. (1)

Isso só poderia provar a depencia do systema do rio da Ribeira do systema do Paraná, em outras éras.

E sobre tudo confirmam tal facto *Trichomycterus dispar*, *Pseudopimelodus zungaro* e *Pseudochalceus perstriatus*, especies mui notaveis.

Com effeito os dous primeiros tem existencia constatada no systema platino e o ultimo é o representante de um genero da *vertente occidental dos Andes do Equador!*

Um tal facto, na apparencia desnorteador, só teria explicação por intermedio do systema do Amazonas, admittida outra causa que isolasse para oeste algum pequeno tributario do Napo. E prova é tambem o traço de união estabelecido por *Tetragonopterus multifasciatus*, de Eigenmann & Norris, descripto no IV volume da Revista do Museu Paulista, pg. 358.

Tetragonopterus multifasciatus não é um *Tetragonopterus (Astyanax)*, é um legitimo *Pseudochalceus*, como bem o mostra a meticulosa descripção d'aquelles autores.

A «*Linha lateral incompleta*, mais ou menos 7 escamas perfuradas; o maxillar *com* dentes em quasi toda a extensão» justificam de sobra o que dizemos.

Ora *Pseudochalceus multifasciatus* (Eigenm. & Norris) foi colligido no Cubatão, pequeno rio de systema isolado.

E se a maior parte das especies da fauna ichthyologica do systema da Ribeira, indica a sua antiga dependencia do systema do Paraná, o apparecimento de uma segunda especie do genero *Harttia*, confinado ao Parahyba, nos parece tambem difficil de explicar, se não admittimos a mesma hypothese. *Rhamdioglanis* é outro traço entre a fauna do Iporanga e o da Ilha de S. Sebastião.

Rio, 6-1-07.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.

---

(1) Muito provevelmente o Guaparé terá ligações com o Paraguay, attendendo as zonas charcosas existentes em as origens desses rios, e as grandes cheias communs aos estados centraes do Brasil.

RIO ARAGUAYA

OFFEREÇO aos assiduos leitores da *Kósmos* uma bella photographia de uma das innumeras e amenas praias desse magestoso e empolgante rio, que nasce no Morro Vermelho, Estado de Goyaz, contravertendo com o Corrente, tributario do Paraná.

E' o Araguaya o manadeiro mais meridional da immensa bacia do Amazonas, perdido nas ermas paragens, que jazem em meio de vertedoiros das bacias do Paraná e Paraguay.

Seu volume d'agua é enorme, prestando-se perfeitamente bem á navegação em respeitavel trecho, desde a foz do Diamantino grande até o travessão de Sant'Anna, a montante de Santa Maria Nova, com cerca de 250 leguas.

O Araguaya corre segundo o rumo geral, de sul a norte, até receber o Tocantins. Este rio, que tem o mesmo rumo e que mantem em seu longo curso uma situação de parallelismo com o do Araguaya, desde Imperatriz, attrahido pelos encantos do Araguaya, sobre este reflue as suas marulhosas aguas, em um estirão que obedece a linha éste-oéste. Suas aguas são tambem volumosas, de sorte que impellem as do Araguaya segundo esta orientação, até que, dominadas e contidas por aquellas em formidavel reacção, juntamente se lançam sobre o oceano, seguindo o rumo do meridiano de Belém.

E' um rio original o Araguaya, as suas cheias são extraordinarias, de sorte que elle, em muitos pontos, transborda para formar lagos bellissimos, que delle se isolão por occasião da estiagem. Então descobre extensas e alvadias praias de finissima areia, onde desovam milheiros de tartarugas e tracajás, e campeam impavidos temidos animaes, que habitam as mattas marginaes.

A impressão de quem observa o singular leito do Araguaya é que, primitivamente, as suas aguas se detinham em um leito mais superficial, sendo extraordinario o seu transbordamento. Com o perpassar diuturno dos tempos as suas descommunaes aguas cavaram no leito primitivo um segundo alveo, onde elle se conserva na estiagem. Esta erosão secular se fez paulatinamente, segundo a energia da corrente, mais profunda no centro do canal, menos efficaz nos bordos, de sorte que o seu leito total apresenta interminas praias que foram artisticamente lastradas pela areia das alluviões, formando esse colossal degráo alvadiço, que alegra a vista e embelleza o portentoso rio.

O seu leito está alcatifado de preciosidades varias, taes como o ouro, o diamante, as conchas perliferas e outros especimens dos reinos mineral e animal.

Ha pontos em que o rio, encontrando de nivel vasta camada sedimentar, expraia-se por longos kilometros, formando o que os seus ribeirinhos denominam expressivamente *seccos*. Nos *seccos* a sua profundidade diminue com a sua velocidade, formando um como que lago.

A suas margens ora são cobertas de densas mattas, em que se ostentam os cauchaes e castanhaes, de mistura com arvores preciosas; ora apresentam virentes e arrebatadoras campinas, semeadas de ligeiras depressões formando graciosas lagôas, bordadas por copados renques de burity (*Mauritia vinifera*), que despertam a impressão de forças de infantaria em formatura. Depois de Sant'Anna, o Araguaya luta arquejantemente contra as differenças de nivel.

Tendo de galgar a vasta planicie do Amazonas, elle que promana das colmadas planuras do planalto do Brasil, desce por degráos successivos e raivosamente a escadaria em que se precipita revolto e estonteante.

Suas aguas quietas no extenso estirão, onde têem um deslise suave e lerdo, sacodem-se em titanicos jactos de encontro aos rochedos, até baixarem áquella planicie alluvial, onde se estagnam e emudecem.

O seu leito é um pandemonio de difficuldades de toda casta, que suas aguas deparam e por sobre as quaes saltam espumantes e vaporosas, em nervoso cruzeiro. Ora os estrangulamentos em declive, que lhes exigem velocidades extraordinarias, ora recifes aqui e alli, que lhes desorientam o curso, multiplicando os canaes por onde se lançam celeres, baloiçantes e indecisas.

E' bello de ver-se os requebros, as contorsões, as flexões, os convulsos espasmos que ellas experimentam no seu tormentoso curso descencional, em uivantes arremeços.

Emfim vencem os multiplos obstaculos, os formidaveis obices que lhes oppõem os rochedos e escarpas, e se espreguiçam bonançosas no seu baixo curso, irmanadas com as do Tocantins.

Assim fundidas nesse doce connubio levam ao Amazonas, no momento em que este entrega ao Attlantico o producto da sua extraordinaria contribuição, a quota quantiosa do seu tributo de vassalo.

Estes varios accidentes do seu portentoso leito, todo cheio de curiosas peculiariedades, fazem do Araguaya um rio originalissimo, que se não parece com nenhum outro dos grandes rios do mundo. Elle é como que a ampliação desses pequenos rios de leitos pedregosos, praias alvissimas, agua crystallina, curso ora marulhoso, ora suave, onde o olhar curioso do

observador penetra até o alveo, para notar-lhe as caprichosas disposições, que a corrente lhe imprime a todo momento.

E' por isso que elle se differença dos outros e offerece aos *touristes* que o visitam essa impressão suave, impregnadora, que lhes empolga a alma, para inundal-a de extasi e mysticos effluvios.

As suas aguas são muito sadias, permittindo que lá se desenvolvam povoações florescentes como Santa Ritta do Araguaya, Registro (onde a linha telegraphica vadeou-o) Leopoldina (na confluencia do Vermelho), Santa Maria, Conceição, Chambioás, S. José, S. Vicente e outras.

Taes são as suas multiplas riquezas, que elle alimentaria por seculos gerações, que apenas desenvolvessem no seu leito e margens a industria extractiva.

As suas margens possuem pastagens varias, forragens de primeira ordem e salsos barreiros, que permittem uma intensa applicação da industria pecuaria.

Para não sair dos limites de um artigo de revista, detenho-me na discripção um tanto *à la diable* que venho fazendo do bello caudal goyano, convidando aos leitores da *Kósmos* que o visitem, pois se terão proporcionado momentos de gózos ineffaveis, incutindo no seu espirito sublimados surtos de altaneiras concepções.

Descer o Araguaya á *bubuia*, encaixado no estreito ambito de um bote, é talvez a mais encantadora excursão que um *touriste* póde desejar.

Em noite de luar, é de deslumbrador effeito a impressão que se recebe naquella muda solidão, ao contemplar o argenteo leito em que se deslisa a embarcação, á mercê da corrente e ao som monotono dos remos a impellirem o bote de quando em quando, no desejo de aligeirar o moroso trajecto á *bubuia*.

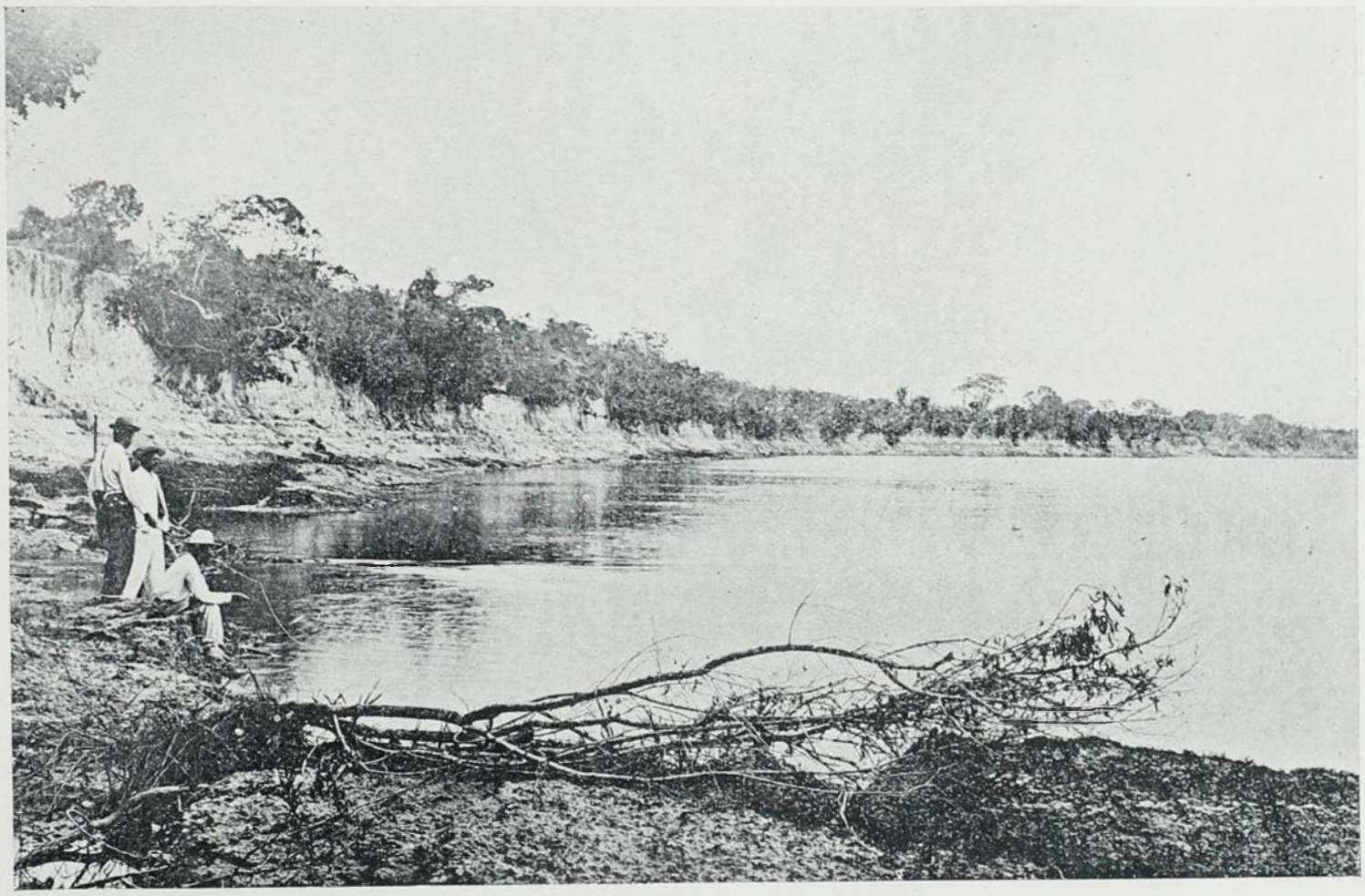
Em noite trevosa, nem sempre a viagem é aconselhada; e então o bote atraca á praia, cujas areias servem de leito aos viajantes.

Grandes labaredas se levantam das fogueiras improvisadas na intenção de afugentar as féras. Quando o sol nasce nas fimbrias do horisonte, o viajor audaz experimenta um grande alento, que lhe inunda a alma de coragem e conforto para o proseguimento da penosa jornada, para logo perigosa ao enfrentar as secções encachoeiradas.

Aqui a viagem é de uma indiscriptivel difficuldade, e a vida se sente ameaçada de instante a instante. As doces e intensas compensações que o excursionista corajoso recebe induzem-no a fazer a longa travessia até Cametá, onde substitue o bote pelo vapor confortavel.

Ao Araguaya, leitores da *Kósmos*.

EDUARDO SOCRATES.



RIO ARAGUAYA

A UMA SENHORA

Esse que a penna terça e lhe não treme o pulso
Nem lhe vacilla a mão se acaso uma arma esgrime,
Que é firme inda sentindo o cerebro convulso
Que é calmo inda expandindo a colera que o opprime;

Esse que hoje é o terror do anonymato avulso
E que, do poderoso, aponta a vilta e o crime,
Todo elle vem de vós, do vosso honesto impulso,
Do que ha, no Amor, de puro, e ha, no Lar, de sublime.

Quem quer que lhe conheça a fibra irresistivel
Vos deve conhecer e render homenagem
A quem, heroina sendo, o põe de heróes ao nivel!

Toda a força lhe vem da vossa propria imagem,
Pois vossa mão lhe forja a couraça invencivel
E o vosso Amor lhe accende a invencivel coragem!

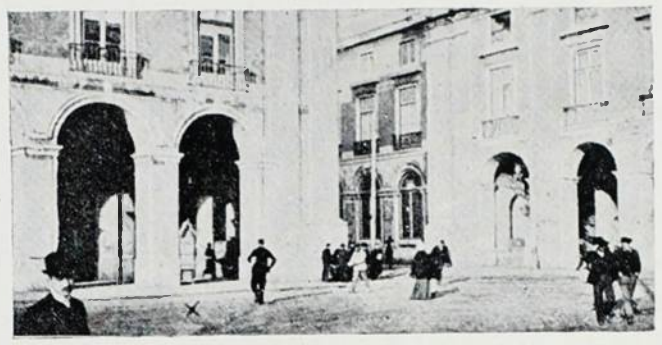
EMILIO DE MENEZES.

A Tragedia de Lisboa

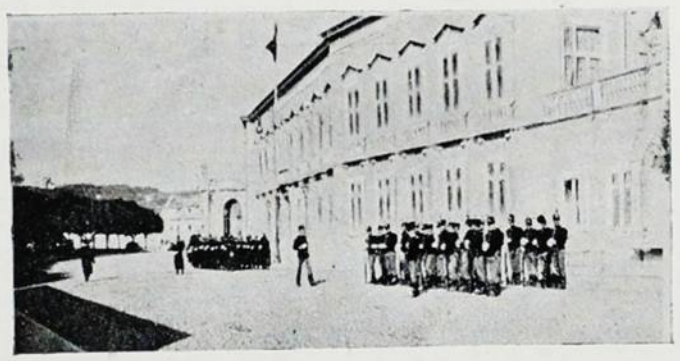
AGUARDANDO O COMBOIO REAL NA TARDE DO ATTENTADO

EM todo esse lutuoso drama que se desenrolou na mais bella de nossas praças, arrebatando o sceptro das mãos de um rei, matando-lhe o herdeiro presumptivo para o entregar porfim ás tão imbelles de um adolescente, em cujas ingenuas feições só agora um observador arguto poderá divisar algo de grave, pelo testemunho da sanguinosa scena que o tornou orphão e imperante, o que mais commoveu a alma popular sempre sincera e boa, accessivel a todas as dores como a todos os enthusiasmos, sempre prompta a commover-se ante os actos heroicos, foi aquella doce figura de mulher, rainha e mãe, vendo tombar seu throno em meio do sangue do seu esposo e do seu primogenito.

Por entre as balas que sibillavam sobre o coche real, erecta e firme, empunhando nas brancas mãos que tinham então o tremor da suprema loucura, um ramo de candidas camelias, dadiva mimosa da innocencia e fustigando com elle o rosto da fera que se encarniçava, agarrada ás cobertas, procurando verificar a certeza dos seus projectis ou talvez buscando alcançar o ultimo rebento ·-gio, dissimulando os corpos mal feridos dos seus com o *couvre pieds* e do seu bello corpo fazendo um escudo, fragil escudo de amor materno, para o infante já ferido, D. Amelia de Orleans, nessa hora lutuosa, no tragico instante em que o terror empolgára os mais fortes, atirando as ondas de populares em loucas correrias pelas ruas em tumulto, é bem a figura que se realça, que faz com que se curvem cheias de admi-



TERREIRO DO PAÇO – A CRUZ DETERMINA O LOCAL EM QUE SE DEU O REGICIDIO



O PAÇO DAS NECESSIDADES GUARDADO PELA POLICIA

MANOEL DOS REIS DA SILVA BUIÇA, QUE MATOU D. CARLOS

ALFREDO LUIZ DA COSTA, ASSASSINO DO PRINCIPE HERDEIRO, E JOÃO SABINO MORTO PELA POLICIA E MAIS TARDE RECONHECIDO COMO INNOCENTE

ração e de respeito as cabeças dos mais encarniçados adversarios da monarchia.

Correm os dias de lucto.

Um novo governo se apresenta ao paiz, trazendo em seu programma inaugural a condemnação de todos os actos que motivaram o regicidio.

A vontade ferrea de João Franco quebra-se ante o funesto resultado da reacção dictatorial e o ex-Presidente do Conselho corre a esconder bem longe, nas tranquillas montanhas da Helvecia — ninho da liberdade, — patria da Democracia — o convulsionado espirito, toda a sua obra afogada no sangue purpureo da Familia Real.

Correm os dias de luto.

Realizam-se os actos da Pragmatica — e o infante D. Manoel, trazendo ainda ao peito o braço que alcançaram as balas assassinas, solicitado pelos deveres de portador de um sceptro, sentindo o peso dessa coroa que cahiu-lhe sobre a fronte inesperadamente e em que os rubins sahidos das minas da India e do Brasil tem reflexos sanguineos como a recordar-lhe sempre o drama que o tornou rei, murmura dolorosamente:

— Nem tempo tenho para chorar!

Correm pelas ruas de Lisboa os carros funerarios em demanda de S. Vicente de Fóra

TROPAS EM FRENTE AO PAÇO DAS NECESSIDADES

— o Pantheon dos monarchas portuguezes.

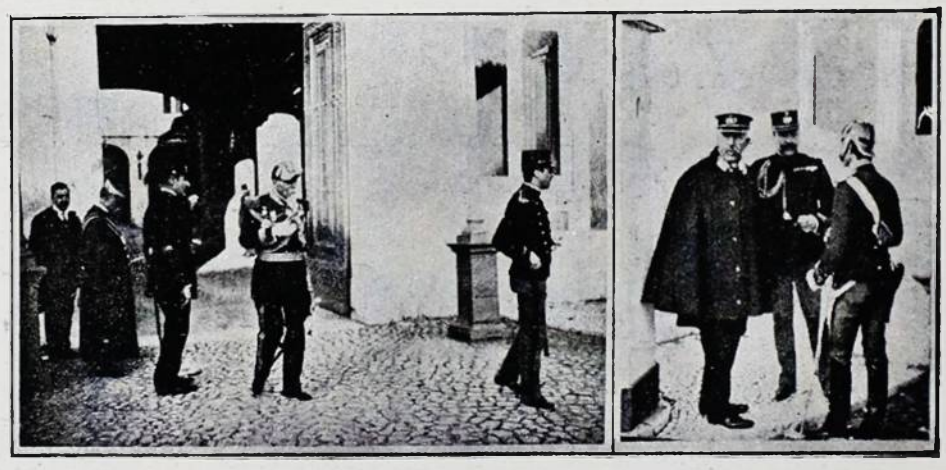
A plebe se amontoa pelas calçadas, curiosa e commovida.

Passam representantes de monarchas de outros paizes, passam principes e embaixadores, toda uma comitiva agaloada, crivados os peitos de fitas e medalhas chocalhantes. E' a dor official, é o luto ostentado, que pompea em galas pela via publica.

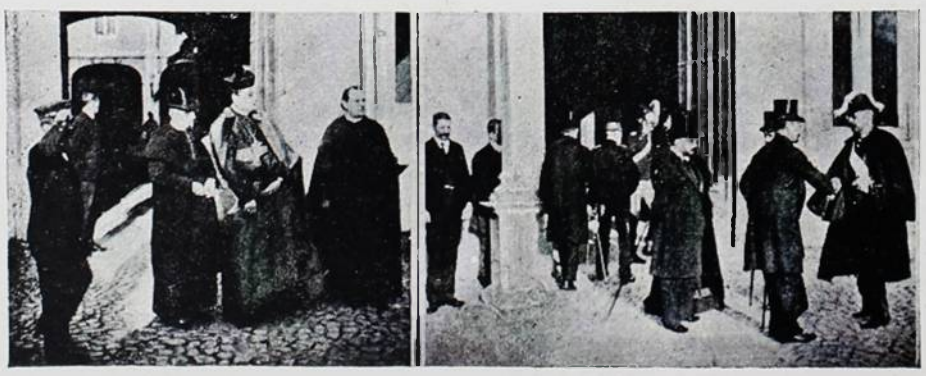
Mas a physionomia anciosa das mulheres do Povo, rudes mulheres de trabalho, não acompanha o prestito de principes e embaixadores que não as attrahem os doirados dos galões e o brilho das condecorações; buscam no cortejo com o olhar humido e compassivo a figura soberana da mulher-mãe que unica no seu heroismo, salvando o herdeiro do throno, salvou tambem o prestigio da Realeza; mas não a vêm os olhos anciosos, que nesta hora, princeza catholica, em seus aposentos, despedaçado o coração, implora aos pés da cruz pela vida do filho que lhe resta — do Rei de Portugal.

No coração aberto á todos os affectos, onde se aninhavam um mundo de ternura para todas as

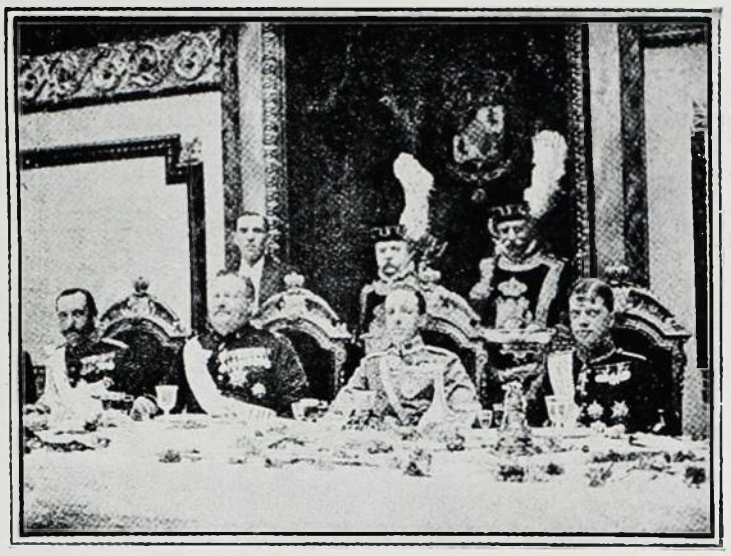
VISITAS DE PEZAMES
CONDES DE S. LOURENÇO — O NUNCIO APOSTOLICO



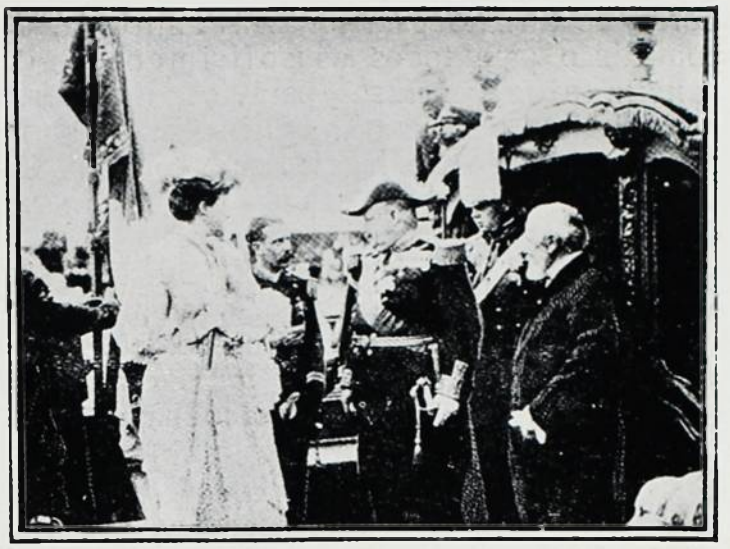
GENERAL CUNHA — MAJOR WADINGTON E ALMIRANTE CAPELLO



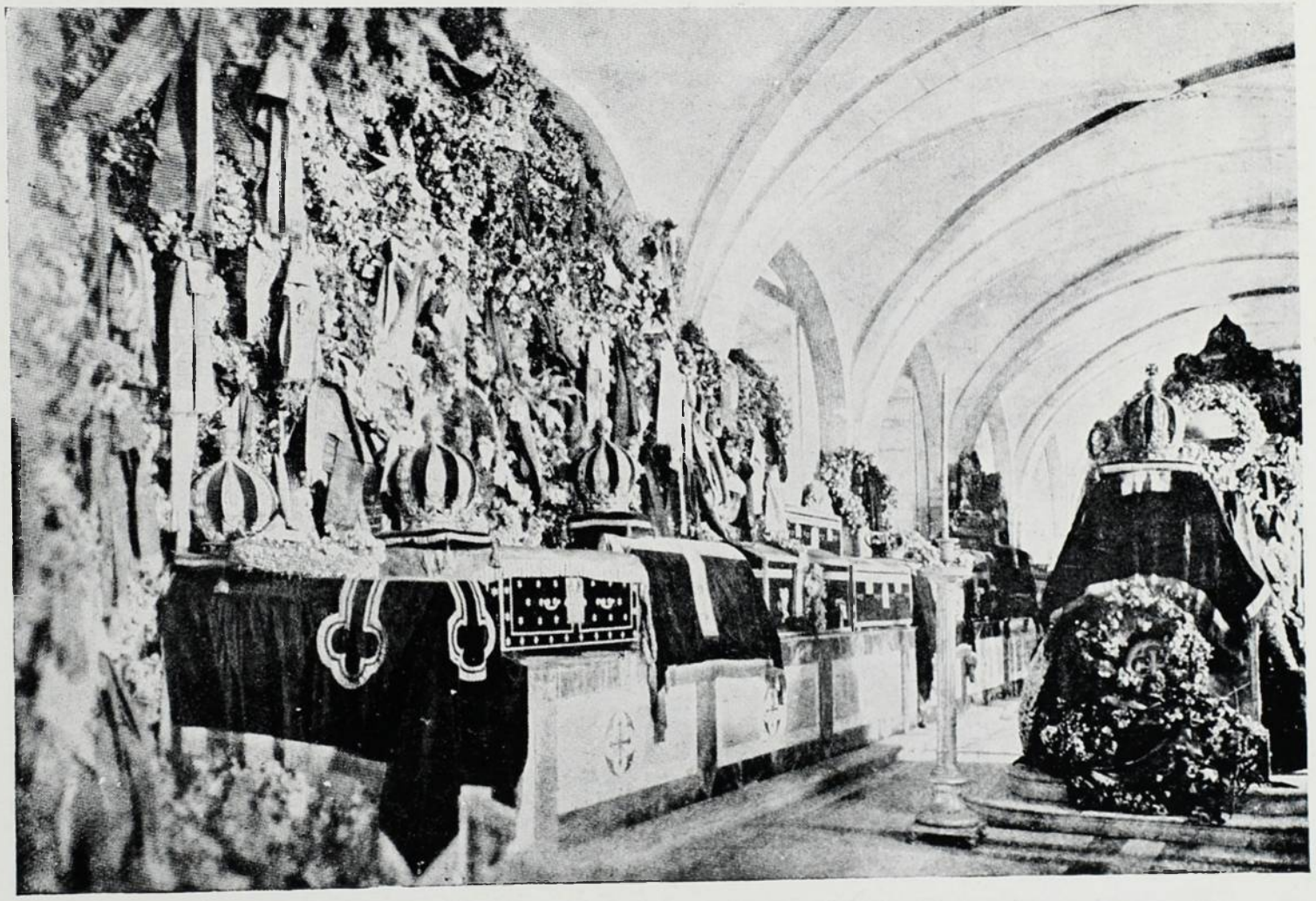
O CARDEAL PATRIARCHA — MARQUEZ DE GOUVEIA E MINISTRO DA ITALIA



O REI D. CARLOS EM MADRID



VISITA DO PRESIDENTE LOUBET AO REI D. CARLOS



PANTHEON DE S. VICENTE DE FORA

MEMBROS DO NOVO MINISTERIO

Almirante Ferreira do Amaral
Presidente do Conselho

M. Wenceslau de Lima
Exterior

Almirante Augusto de Castilhos
Marinha

M. Campos Henriques
Justiça

dores, de carinho para todas as afflicções, de compaixão para todos os soffrimentos, de sentimentos generosos para todos os seres desgraçados, o drama sanguinolento abriu fundo um sulco de lagrimas e torturas. Os olhos compassivos e e meigos da princeza d'Orleans, afogam-se em lagrymas.

Mas nessa dor immensa que abate e acabrunha o regio coração da rainha, acompanham-n'a commovidos outros corações.

Por todas as cidades e villas do Reino, nos villarejos do Minho como nas quintas do Algarve, ahi onde se encontre um coração de esposa e mãe, rude que seja a gente campesina, sceptica que seja a gente das cidades, não haverá um só que não pulse sympathicamente ante tanta grandeza heroica abatida pela mão da Fatalidade, ante uma dor tão grande em um coração tão magnanimo.

Salve heroina e martyr.

Lisboa — 1908.

SYLVIO DE SÁ.

O REI D. MANOEL II

EXEQUIAS NA CATHEDRAL — ASPECTO INTERIOR DA IGREJA

EXEQUIAS NA CATHEDRAL — O REGIMENTO DE ARTILHARIA QUE DEU AS SALVAS DE FUNERAL

EXEQUIAS NA CATHEDRAL — FORÇAS EM CONTINENCIA — TROPAS DE CAVALLARIA

Vindicta popular

O BARRACÃO hediondo e informe com que se atravancara momentaneamente a Avenida, em vesperas de Carnaval, desabou na sexta-feira, como desabam os imperios e as bastilhas, ao furioso embate de uma onda popular, que em cinco minutos o desfez e logo recahiu na sua quietude ou, melhor, no seu leito, pois já eram onze horas da noite e o Rio costuma dormir cedo, mesmo quando se agita e se abrasa em dias tumultuosos ou heroicos.

Se a voz do povo é a de Deus, o seu julgamento deve possuir tambem o cunho dessas origens sagradas. Ao menos o julgamento de sexta-feira, decisivo e fulminante como um raio de Jupiter, o pae de todo o saber e de toda a ordem, traduziu maravilhosamente a omnisciencia divina. E' que elle synthetisa o espirito das creações originaes e harmoniosas reagindo contra a espessa obtusidade de um mercantilismo que, na sua avidez e na sua pressa, nem sequer procurou amoldar-se á feição dos costumes dominantes, á impetuosa força renovadora da cidade por onde branquejam esculpturas academicas, se erigem cólumnas e se enfloram capiteis sob o azul desse formoso céo, joias architectonicas rebrilham numa subtil delicadeza de esmalte e de lavor.

Juiz inflexivel no litigio entre os espeques de um barracão improvisado para o Carnaval e as elegancias todas da Avenida, mais ou menos sumptuosas, o povo não se limitou a proferir a sentença final, como nos plebiscitos mais ou menos carnavalescos: executou-a com urgencia e com estrepito, demolindo, arrazando o trambolho, e no archivo dos nossos tribunaes nenhum outro aresto poderá invocar fundamentos mais solidos, razões mais vigorosas e persuasivas.

O sal não esterilisou o pedaço de terra que a sombra daquelle toldo havia maculado, nem o caso seria para tanto. Mas a chamma purificadora veiu incinerar, consumir numa longa procissão expiatoria, em que se brandiam os espeques á maneira de tochas, aquillo que tinha desafiado impudentemente, na sua armação de lona e de madeira, a colera dos homens e a colera dos deuses. A' passagem da turba resoavam acclamações, o fogo serpenteava em labaredas, e nessa allegoria do fogo idealisavamos a brancura e a belleza de uma Acropole no cimo de cada morro, triumphando sobre os pardieiros lobregos, os casebres infectos, a sordidez que ainda restasse, em pedra e cal, nos escombros da velha capital da febre amarella, cuja transfiguração prodigiosa attesta a nossa energia e constitue o nosso orgulho. Em torno á multidão, radiante na sua ira, manteve a Policia uma serenidade louvavel, respeitando esse acto collectivo de expontaneo desaggravo da nossa cultura e do nosso gosto offendido em plena Avenida Central, pelo arcabouço monstruoso que se reduziu a cinzas antes da quarta-feira inicial da Quaresma: *Laissez passer la justice du peuple.*

De resto, a iniciativa popular foi estrondosamente applaudida por gregos e troyanos: o sentimento do Bello não será o mesmo para uns e outros, mas o da fealdade provocou em todos a mesma revolta, e a propria austeridade do *Jornal do Commercio*, amigo da tradição e da ordem, teve duas palavras carinhosas para a turba vingadora: *bem feito.*

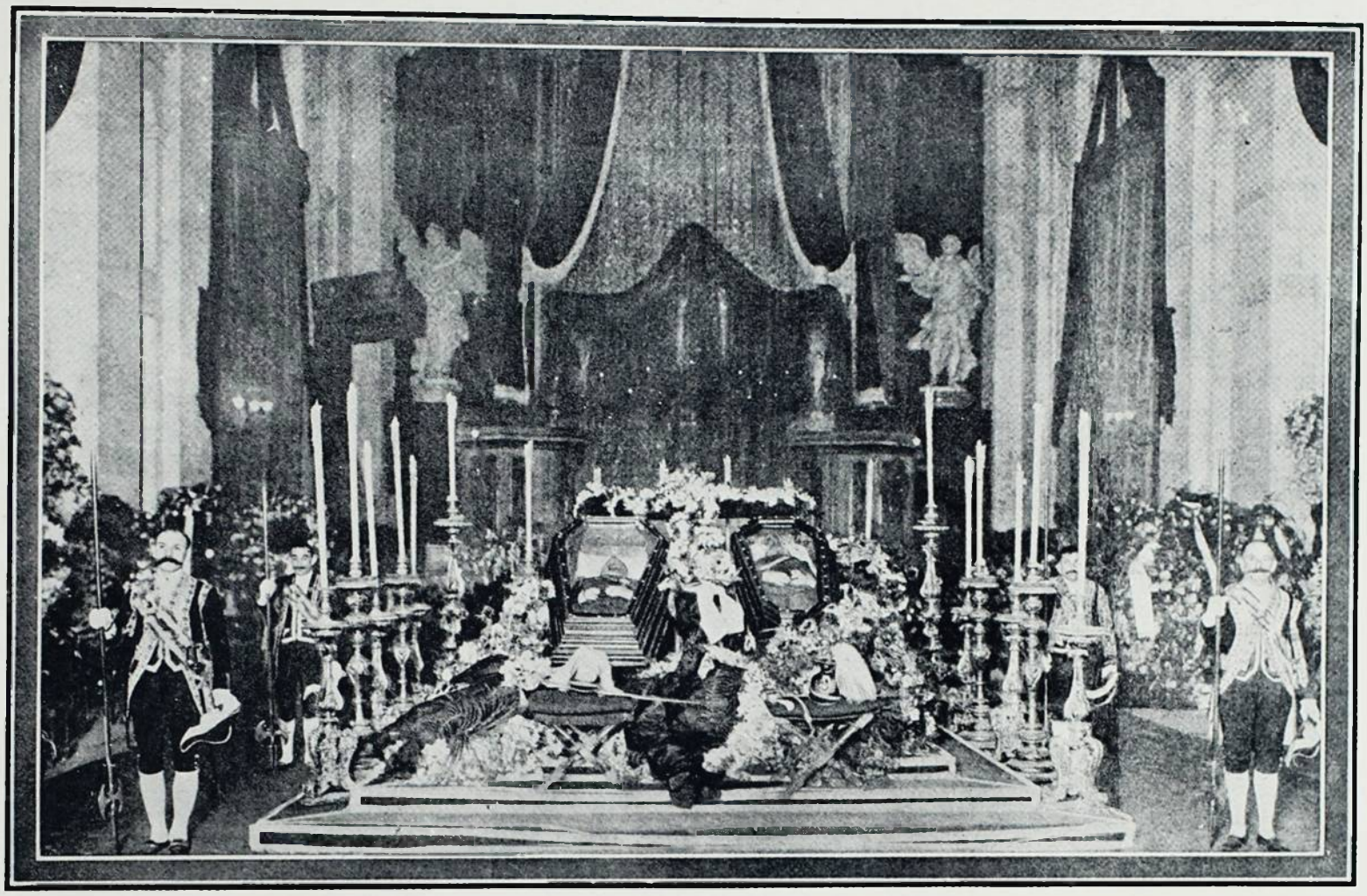
Kósmos, revista onde se multiplicam e perpassam, como num limpido espelho que a poeira das ruas nunca embaciou, as mais delicadas imagens de arte e os mais suggestivos aspectos de civilisação da nossa terra, exulta com a façanha em que se accusa desde logo a educação artistica do povo, interessado já pelo decoro, pela harmonia, pela inviolavel graça da linda cidade que elle possue e ama com o exclusivismo e o ciume das grandes paixões.

Quando os marinheiros americanos se rebolcavam na grama dos parques, havia em derredor um murmurio e uma agitação de franco descontentamento. Não era a hostilidade nativista irrompendo atravez de accordos internacionaes e gentilezas diplomaticas: era o sentimento de amor pela *urbs*, aformoseado em sua vida nova, resguardando-a de todos os contactos grosseiros, velando-lhe o somno á beira dos lagos por onde vagueiam os cysnes, e protegendo a estatua no seu plintho como a flor na sua haste. O mesmo impulso de violento ciume e de emoção esthetica supprimiu a nauseante excrescencia que afeiara por alguns momentos a physionomia regional da Avenida.

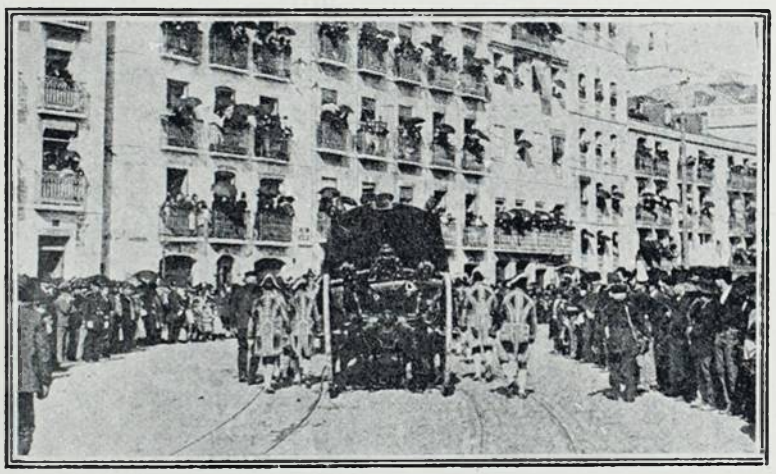
Por isso os prefeitos de amanhã—e mesmo os de hoje—devem attentar para a intuição do rythmo e da belleza que se vae generalisando nas camadas populares. Decididamente o culto do Bello conquistou as nossas almas depois das expropriações, da abertura do canal do Mangue, das avenidas e do Corso. E á municipalidade compete o sacerdocio dessa religião, que tem as posturas como dogmas e teve o Sr. Pereira Passos como pontifice. O fogo é o seu elemento, a sua divisa—*ignis ardens*... Que os prefeitos evitem cautelosamente as heresias e os sacrilegios, nos seus officios... rituaes, pois em materia religiosa a intolerancia é principio essencial e a nova fé não se desdobra num estandarte azul celeste, mas ondeia e flammeja numa labareda de incendio.

Z.

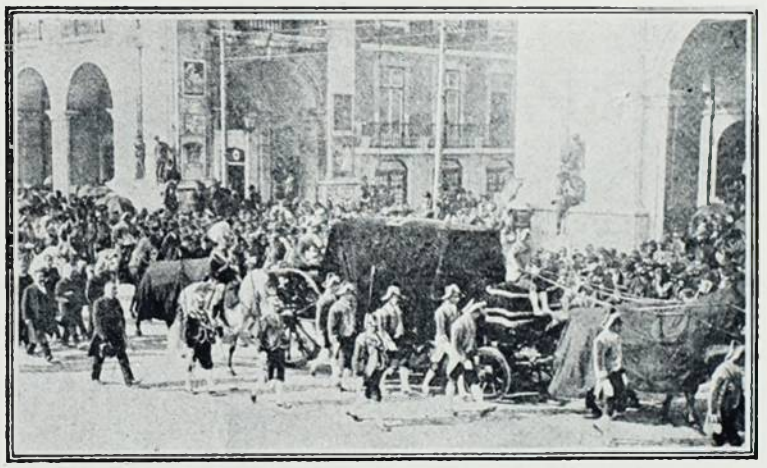
O ultimo acto da tragedia de Lisboa



OS CORPOS DO REI E DO PRINCIPE HERDEIRO DEPOSITADOS EM S. VICENTE DE FÓRA

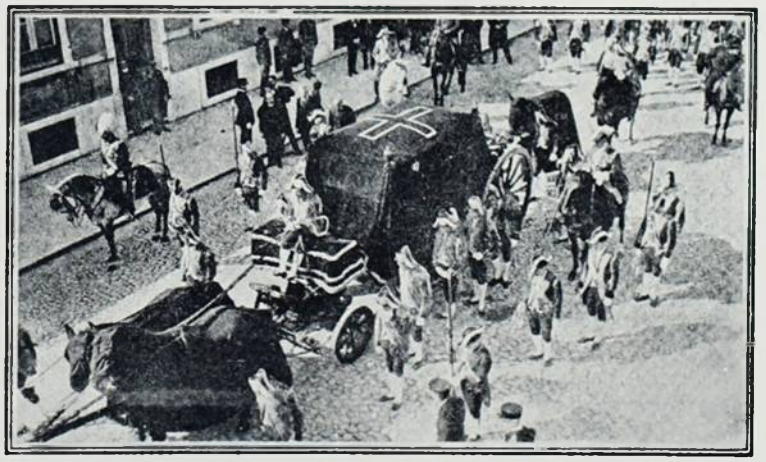


CARRO DE ESTADO QUE ABRIA O PRESTIDO FUNEBRE



CARRO TRANSPORTANDO O CORPO D'EL-REI D. CARLOS

PASSAGEM DO PRESTIDO FUNEBRE PELO LOCAL EM QUE SE DEU A TRAGEDIA



CARRO TRANSPORTANDO O CORPO DO PRINCIPE D. LUIZ

EM LISBOA — OS FUNERAES DO REI D. CARLOS E DO PRINCIPE D. LUIZ

A Torre de Marfim

QUE haveria de verdade naquelle pregão ruidoso levado, em marcha sem folga, pelos palmares de aldeias humildes, pelos alcandores e covancas de serras asperas, por entre os marmores sumptuosos de cidades ricas, com mais esplendor que a nova consoladora do apparecimento de um deus abundante e benigno ou do nascimento de um principe, predestinado por vacticinios, para força heroica e alegria pacifica dos povos?

Que haveria de verdade naquelle pregão que charamellas, gongs, sistros, frautas e atabales precediam com tão festivo e retumbante estrondo, tangidos por escravos que bailavam á frente de dromedarios cobertos de seda e de altos elephantes enxairelados de purpura, rutilantes de couraças imbricadas de escamas de prata, as longas, recurvas defesas encastoadas em ouro, por entre as quaes, molle, bambaleando, enrolava-se, desenrolava-se a tromba sarapintada como serpente monstruosa debatendo-se entalada nas arestas d'um fraguedo?

Quando o atrôo cessava no aperto abafado e ondulante da multidão curiosa um arauto, veneravel d'annos e d'aspecto, guindado á cabeça do mais robusto elephante, alargava os braços nas amplas e compridas mangas da tunica, dilatadas como azas fulgidas que se abrissem ao sol e, numa lenta e forte voz, proclamava:

«Entre as rochas de crystal que faiscam ao sol e fulgem diamantinas ao luar, no valle avelludado e cheiroso do Mekil, os genios trabalhando desde os dias fulgurantes do grande rei Salomão, edificaram vagarosamente uma torre de marfim, tão alta que a sua cuspide rebrilha na serenidade do azul radioso quando a tempestade a circumda pelo meio com uma cinta fuliginosa de negras, condensadas nuvens, afuzilando em raios, estrondando em trovões.

As aguias chegam cançadas ao seu pináculo de onde a terra não é mais que uma alfombra macia em que scintillam, em voltas finas, os rios mais largos.

Cem andares sobrepostos, cada qual de um marmore estupendo e de riqueza maior em metaes e em pedrarias, contêm todas as maravilhas da terra e das aguas.

Cem são os Jardins suspensos que os cercam em plataformas, cujos parapeitos são de pórphyro, jaspe, onix, coral, ouro, prata e outras pedras e outros metaes desconhecidos dos homens.

Nelles são largas e odoriferas as sombras do arvoredo, as flores não murcham, os fructos não apodrecem, a relva é sempre verde, as aves não cessam de cantar nem os regatos de correr.

Cada um desses andares, mais vastos do que cidadellas, comporta numerosa escravatura, milhares, entre homens, mulheres e crianças.

Uns mourejam nos trabalhos rudes da terra, outros no alinho dos aposentos, outros nos fórnos e nas cosinhas; ainda outros são tangedores de concertos, mimicos em bailados; e possantes vedetas, vestidos de linho candido, com lanças que flammejam, nas guaritas dos cunháes, olhos fitos no ceu, annunciam a marcha dos astros ou a passagem das aves que acertam o vôo pela primavera e pelo outono.

Os homens são os mais fortes e donosos, as mulheres são as mais bellas e senhorís da terra — e todas as raças ali se representam, desde a que afronta e desafia a neve com a pelle branca até a que disputa ao onix a pretidão que reluz.

Conselhos de sabios, profundos conhecedores d'alma humana, durante seculos, em cujas noites velaram sobre os livros lampadarios e cirios, arrolaram todos os desejos possiveis no coração insaciavel do homem e a todos proveram, desde os que o corpo incessantemente reclama até o mais subtil que possa nascer no espirito mais caprichoso.

Os quatro lados da torre olham grandezas diversas: o mar, a floresta, o monte, a cidade e todas estas partes prestarão obediencia e homenagem humilde á que fôr escolhida para habitar a torre, como senhora e dona. Será a rainha da cidade, a dominadora de floresta e monte e na sua galéra de téca, tauxiada de ouro, com esmalte de gemmas, ao som rythmico de tres ordens de remos longos e flexiveis, abrindo velas de purpura, percorrerá, n'um desferir de musicas serenas, arrastando estragulos pela espuma, o mar ceruleo até as ilhas remótas e apraziveis em que vivem os genios e onde não ha calor que abraze nem frio que regele, mas sempre uma temperatura igual e suave que dá viço ás rosas e não consente a velhice.

A torre espéra a sua dona e, no dia em que apparecer a mulher bem fadada que, por virtude, for digna de a possuir, gosando a saúde, a mocidade e o amor até a extincção do sol e da ultima estrella, as portas de ouro abrir-se-ão por si mesmas e, de todos os andares, clangorosamente, partirão para os quatro pontos do céu os sons vigorosos de centenares de tubas victoriando a eleita de tamanha ventura.

Calou-se. Romperam estrondosamente os instrumentos: charamellas, gongs, sistros, frautas e atabales; os elephantes fremiam. Recahindo o silencio o arauto continuou:

Para habitar, como senhora, a torre de marfim, não exige mais o principe dos genios da mulher que a tal daviva concorra senão que tenha atravessado as horas curtas de um dia limpidamente, sem manchar esse tempo com uma leve mentira.

Aquella que se apresentar satisfazendo a condição imposta, essa receberá a chave de diamante que abre todas as portas da torre de marfim. Ai! porem d'aquella que, depois de penetrar o vestibulo, submettida á prova da verdade, deixar transparecer a mácula mais subtil da mais ligeira mentira, seja embóra tão innocente como o sorriso que abre em rosto virgem o primeiro sonho de amor.

Ai! della... envelhecerá instantaneamente e ficará na terra encarquilhada, engelhada e mais tremula que um junco ao vento, com a alma sempre moça, ardendo em desejos de mocidade dentro da carne gelada da velhice, até que se extinga o sol, morra a ultima estrella e na tréva calada pereçam em pó as ruinas da torre.»

Era este o pregão. E andava o cortejo por cidades e póvoas, montes e villarejos, valles felizes e aridos carrascaes, sempre cercado de turbas densas e proseguindo melancolicamente com o elephante destinado a transportar a dama virtuosa balançando no dorso recoberto d'ouro e purpura o alto e resplandecente palanquim vasio.

No fundo de uma triste, esmarrida charnéca onde só havia, entre arrepiados coqueiros e hirtos, espalmados cactos, uma cabana de adobe coberta de palmas seccas e nella um casa de velhinhos resguardado a graça innocente de uma neta: Maura, noiva de Adur, pastor de antilopes, uma manhan, ao primeiro luzir do sol, soaram estrondosamente charamellas, gongs, sistros, frautas e atabales e logo o pregão atroou. Os lagartos fugiram léstos para as taliscas, os gypaetos abalaram com estrepitoso bater d'azas e as palavras do arauto echoaram entre as rochas, sonóras, pausadas e promettedoras,

Ouvindo-as Adur precipitou-se da escalvada penha e, a correr, chegou á porta da cabana. Os velhos haviam sahido: o homem para a horta ingrata, a mulher para o corveiro, a ordenhar a cabra e á porta, encostada ao umbral, Maura olhava enlevadamente as cores vivas d'aurora. Vendo-o disse a moça, a sorrir:

— Amur sol de minh'alma... E foram estas as primeiras palavras que pronunciou a filha do deserto, nessa manhan luminosa, e, como os velhinhos chegassem: elle com fructos na alcôfa, ella com o tarro de leite, adiantou-se e beijou-os envolvendo-os nos seus lindos e longos cabellos negros. E, entre os tres, disse o pastor o que ouvira no valle agreste, repetindo as palavras do arauto veneravel.

Os velhinhos sorriram enternecidos, d'olhos fitos em Maura, sempre contemplativa. E disse o velho:

— Mas é com ella que se entende o recado, e, se é verdadeiro o pregão, della será a torre. Ainda que a proposta fosse mais vasta alcançando toda a idade, Maura, em dezoito annos, só commosco tem vivido e falado e comtigo, que és seu noivo. Nunca mentiu nem sabe que a mentira póde romper em uma alma pura como em terra bem regada reponta a herva amarga.

E os velhinhos e o pastor quizeram logo partir levando Maura ao encontro do cortejo augusto.

Pensou a moça um momento, traçou a capa de pelles, calçou as abarcas de cortiça e já no limiar da cabana pondo os olhos em Adur subitamente estremeceu levando as mãos ambas ao peito num gesto afflicto, como para conter o coração e vivas lagrimas rebentaram-lhe dos olhos maravilhosos. Pasmaram os velhos e o pastor por verem-na indecisa:

— Porque hesitas, Maura?

— Em que pensas, filha? Subitamente afastou dos hombros o manto de pelles, descalçou as abarcas e tornou á cabana. Seguiram-na o pastor e os velhos e, vendo-a chorar, o primeiro falou:

— Porque choras? Iremos comtigo, em tua companhia. Na torre celebraremos as nossas bodas e elles regressando á mocidade, viverão commosco até o fim das éras. Ella estremeceu num soluço mais forte e refugindo á caricia do noivo.

— O'! Adur... tenho medo...

— Medo!? Mas ainda que, alguma vez, o que não creio, houvesses mentido, o pregão diz que será dona da torre aquella que passar um dia, um só dia, sem incorrer em tal falta. Sahiste do somno para olhar o ceu e eu vim pelo primeiro raio de sol e foram para mim as tuas primeiras palavras. E temes?

— O'! Adur... tenho medo... Fitaram-na o pastor e os velhos. E Adur insistiu:

— De que tens mêdo?

— Da velhice, Adur. Do castigo tremendo.

— Mas se não mentiste! Só ao meu amor falaste... Que verdade mais pura podia sahir de tua alma?

— Tenho medo! Tenho medo, Adur...

— Do que disseste? E ella d'olhos immensamente alargados, exclamou como em delirio:

— E' que não sei se é verdade e posso envelhecer na torre. E, dizendo palavras taes, atirou-se para a cabana deixando os velhos e o pastor attonitos.

Longe soaram estrondosamente charamellas, gongs, sistros, frautas e atabales. E o cortejo partiu e ainda percorre o mundo.

E a torre lá está entre as rochas de crystal que faiscam ao sol e fulgem diamantinas ao luar, no valle avelludado e cheiroso de Mehil, topetando com as nuvens altas, fechada no mysterio e sem dona.

COELHO NETTO.

Rumo do Oriente

I

Fulge, n'um resplendor d'aureas pompas, a gloria
Do sol que ardentemente os céus e as terras doira:
Vibra, espaços a fóra, um clangor de victoria,
Proclamando do amor a vida immorredoira.

Vejo agora de ideaes a ruina merencorea
Que, soberba e triumphal, de encantos se enthesoira:
Teu riso a transformou n'uma campina flórea,
E o teu olhar a encheu de uma alvorada loira.

Para te celebrar, nas balsamicas fraldas
Do monte vou colher as flores: o teu vulto
Surge por entre veus e cheirosas grinaldas.

Levam-te as illusões em branco altar florente
E, em glorificações de alto e supremo culto,
Vão marchando e cantando em rumo do oriente.

II

Não me vem dos rosaes, nas auroras d'outubro,
Este cheiro vernal, esta preciosa essencia
Cuja origem, tão pura e tão rara, descubro
Do teu corpo alvoral na doce lactescencia.

O teu beijo m'a offerta á flor do labio rubro,
Embalando-me a vida em profunda dormencia;
E, como o olor de incenso em divino delubro,
Aspiro-a em ti, em tua alcôva, em tua ausencia.

Trago-a por toda a parte e, em toda a parte, sinto
Que me enleva no amor, nos pezares me acalma,
Faz um sonho surgir de cada sonho extincto.

Sinto-a dentro em meu sêr, como na paz austera
Do deserto, o viajor sente florir-lhe n'alma
A radiosa visão de immensa primavera.

Rio — 1907.

CUNHA MENDES.

Domingo de Carnaval

JULIANO tentou inutilmente apagar os cyrios nos altares christãos e reaccender, com a tocha das bacchantes, as lampadas de prata do culto de Helios, quando as sombras vesperaes já se alongavam sobre o marmore das Propyléas e os homens voluveis não mais faziam a sua offerenda ritual aos deuses pagãos, quer nos dias claros de vindima, á orla dos golfos côr de esmeralda, quer nas tormentosas noites do oceano, entre a colera do vento e o bramido da vaga.

A um fecundo sopro de espiritualismo, vindo da Galiléa, abriam-se com as chagas dos primeiros martyres as primeiras açucenas mysticas, e tão anciosamente se enfloravam as almas, junto á peanha da cruz, para os noivados e gosos celestes, que a exaltação da Carne macerada pela renuncia tinha succedido á apotheose da Força heroica e da Graça perfeita,

Nem brandindo na Illyria o seu gladio, á frente das legiões imperiaes, nem alçando o thyrso de oiro sobre o carro de triumpho em Constantinopla, o antigo discipulo de Eutropio conseguiu desviar do caminho da nova fé o rebanho que um simples cajado de pastor levava aos jardins paradisiacos, atravez de outros jardins, como os de Nero, em que os fructos pendidos da arvore nova eram corpos mutilados... E emfim, varando-lhe o flanco a lança de um adolescente persa, com elle morreu nessa tarde remota e funesta de batalha o grande sonho helleno — todo um Olympo idealmente povoado de heróes, virgens, bardos, e onde os immortaes recitassem uns aos outros os versos modulados na terra aos sons da lyra grega.

Quem se lembraria de resuscitar agora, senão em capitulos a Merejkowsky e alexandrinos a Lecomte, ou num periodo harmonioso de João Grave, a pompa mythologica e esthetica do sonho irrealisavel de Juliano? Para sempre foram desthronados os deuses, que enterneciam com o seu calamo as rochas e governavam as ondas com o seu tridente. Jamais vibrará o alabastro dos templos ao roseo beijo de Eos e as sereias jamais impellirão as náos para os cachopos, sob o gelido ou faiscante olhar das estrellas. Olympicas frontes engrinaldadas de violetas ou de pampanos, marmoreas faces de augusta serenidade e excelsa belleza, todo o vosso relevo se apagou na brancura da pedra e na lembrança dos homens! Um deus, entretanto, revive ainda no calendario gregoriano e impera sobre o mundo por tres dias. E' o velho deus de horrenda carantonha e de eterna malicia que os egypans e as oreades abominavam, é o velho Momo apedrejado outr'ora nas selvas pelos faunos invejosos e ao qual se levanta hoje um arco de verdura e de flores á porta das cidades.

* * *

Que philosopho não fecha apressadamente o seu livro e não abre a sua janella de par em par, com alvoroço e estrepito, quando apparece o Carnaval pintalegrado, mephistophelico e resoante de guizos, *le Carnaval bariolé*, como dizia o joalheiro dos *Emaux et Camées*, nesse domingo em que a loucura humana gargalha e pinoteia nas ruas, sob os disfarces mais bizarros ou mais burlescos? E se até o velho Fausto, solitario e abstracto, deixa as retortas e os hieroglyphos á passagem da mascarada, com que avidez não corre o plumitivo á sua columna, ouvindo o estalido secco das castanholas, o argentino rufar dos pandeiros, o batuque atordoante dos cordões e a algazarra da plebe em delirio? Corre soffregamente para assistir ao jogo das serpentinas e dos *confetti* multicolores, para ver a opulencia das phantasias *a la diable* e a extravagancia allegorica dos carros triumphaes, ora semelhando conchas, grutas e rochas, numa evocação marinha dos deuses proscriptos, ora exhibindo em caricaturas audazes e criticas mordentes as formas grotescas do nosso tempo.

Lento seria o andar do Progresso, enredado nos seus fios de arame e nos seus tubos de borracha, se o Carnaval fosse apenas aquelle dominó aristocratico, elegante, flexuoso, cujo mysterio perpassa e nos conturba, ou aquelle Satan escarlate e negro, de chavelhos ponteagudos e cauda enrodilhada ao braço. Outro não é, com effeito, o dos salões e dos theatros, onde reina ainda o mesmo frascario insensato que, abandonando o guarda-roupa das cerimonias egypcias e gregas, subiu pela primeira vez, mascarado de urso, a escadaria do palacio de Carlos VI. Mas o Carnaval de hoje, o filho prodigo da civilisação moderna, o Gavroche diabolico e sardonico da actualidade, recebeu no baptismo o sal da ironia de Voltaire, imprimiu jornaes, organisou clubs, fez a critica subtil dos costumes e dos individuos para tormento da policia e escandalo do burguez.

Nas travessuras e nas cambalhotas do humorismo ninguem o excede, porque ninguem como elle, sob a diversidade dos aspectos, encarna os typos de Molière, sublinha as phrases causticas de Bruant. Os seus epigrammas circulam de grupo em grupo, as suas anedoctas vôam de bocca em bocca, e a tristeza dos que muito riem, e o cansaço dos que muito saltam, não o impediram nunca de saltar loucamente e loucamente rir.

Vêde-o: aqui toma ao capitalista a sua figura bojuda; além, despe ao juiz a sua toga de retalhos; mais longe, dá piparotes no ventre abbacial dos Pantagrueis, e tanto arremeda a corcova de um anão como se encarapita nos hombros de um gigante.

Ao cabo de tres dias, porém, desafivela a mascara, desabotôa o cinto, e do palhaço ou do ebrio surgirá por vezes um discipulo de Carneades, zombeteiro e amargo, com a face vincada pelo tedio, o olhar amortecido e o labio desdenhoso. Para esse o Carnaval não é somente uma batalha de flores, mas tambem de ironias esfusiantes e sarcasmos violentos.

Já o Carnaval dos typos a Hamlet, sem a mesma espada relumbrante e ameaçadora, mas fechando comsigo a mesma duvida angustiosa, devia assemelhar-se a uma sarabanda de espectros numa camara verde, allumiada a fogos fatuos. E o espirito das meninas romanticas idealisará uma côrte de paiz fabuloso e epocha distante, onde cavalleiros e damas rodopiam sobre os tacões vermelhos dos borzeguins, num tiroteio inoffensivo de *confetti mitrailleux* e pó de oiro em cartuchos. Pouco importa, pois, que a realidade se modifique, perdendo a nitidez ou aspereza dos contornos, sob a trama phantasiosa ligeiramente urdida pela nossa imaginação, e que eu prefira nesse inferno do Carnaval o demonio feroz da satyra, o demonio rubro, malicioso, aggressivo, de olhinhos redondos e luzidios, côr de brasa, todo elle purpura e lume por fóra, todo elle azougue e electricidade por dentro.

Bemdigamos, antes, esse momentaneo riso no qual se entreabre a humida flor dos labios de Julieta e se escancara a desdentada bocca de Falstaff. Um verá desfilar sob as mascaras de setim o prestito carnavalesco das suas alegaias, castanholando em festa; outro o cortejo dos seus odios com o mesmo retinir de guizos, na vertigem do mesmo pandemonio. Colombina ou Mascotte, anda a tentar-nos pelas ruas e pelos cafés o diabo amoroso que surdia antigamente do recanto de uma cella ou da penumbra de um confessionario, seduzindo noviços e monges, desafiando os anathemas e os hyssopes da Egreja. A carne victoriosa ostenta ao sol, numa hora de bohemia e loucura, todo o seu explendor e toda a sua impudicicia, como se a libertasse da tristeza crepuscular do nosso mundo catholico romano a velha alma pagã das saturnaes.

E agora, meu amigo Pierrot, desce trauteando a escada de vacillante e poeirento mainel, desce ao asphalto com o cynismo e a hilaridade de um *clown* descendo á arena, e belisca as moçoilas que te acotovellarem, chasqueia os moralistas que te reprehenderem. Sacia-te de vinho, de ar e de luz, bamboleia pesadamente como os ursos e cabriola á maneira dos simios, atropella no vasto salão dos Cassinos os pares gentis, leva a toda parte a insolencia dos teus dichotes e a resonancia das tuas gargalhadas.

Que a policia te não detenha no galope das phantasias mais doidas, Pierrot amigo, e sobretudo não encontres numa volta do teu caminho, ao descer da noite, aquelle pensativo e errante cavalleiro de quem dizia Verlaine:

Bon chevalier masqué, qui chevauche en silence,
Le Malheur a percé mon vieux cœur de sa lance.

CELSO VIEIRA.

O DIARIO

Folha noticiosa illustrada, matutina

IMPRESSA NAS OFFICINAS DE KÓSMOS

Propriedade de J. SCHMIDT

Redigida e collaborada por amestradas pennas do jornalismo carioca

---

REPORTAGEM ILLUSTRADA

Retratos, vistas, instantaneos de todos os acontecimentos dignos de nota, quer politicos quer mundanos.

CARICATURA — CHARGES DIARIAMENTE

Publicação diaria, impressa pelo mais moderno e aperfeiçoado processo. Inteira novidade jornalistica.

APPARECERÁ EM 1.º DE MAIO PROXIMO

ASSIGNATURAS

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1908 — 20$000

Redacção e Officinas:

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62 — RIO DE JANEIRO

O 1º RELOGIO DO MUNDO

Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

CASA STANDARD — **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER

Inscripções na

CASA STANDARD

Ouvidor 72

12$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL

Anno V Numero 3

MARÇO DE 1908

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac
O Pavilhão do Estado de Minas Geraes.	Gravura
A Exposição Nacional	X.
O Pavilhão do Estado da Bahia	Gravura
Fagundes Varella	Leoncio Corrêa
A Ponte de S. José do Rio Pardo	Y.
A Escola Militar	Lima Campos
Emboabas	Mario Behring
Ilha de Paquetá	Gravura
Helios Seelinger	Gonzaga Duque
Monumento a Floriano Peixoto	Gravura
Por Darwin	Fritz Müller
A Romã	Emilio de Menezes
Buenos Aires	Thomaz Lopes
A Exploração da Borracha na Amazonia.	Gravuras
Carta a um Bacharel	Celso Vieira

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 62

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896.

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs 200.000:000$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇAO EXCLUSIVA DA
♣ ♣ ♣ *EQUITATIVA* ♣ ♣ ♣

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos.

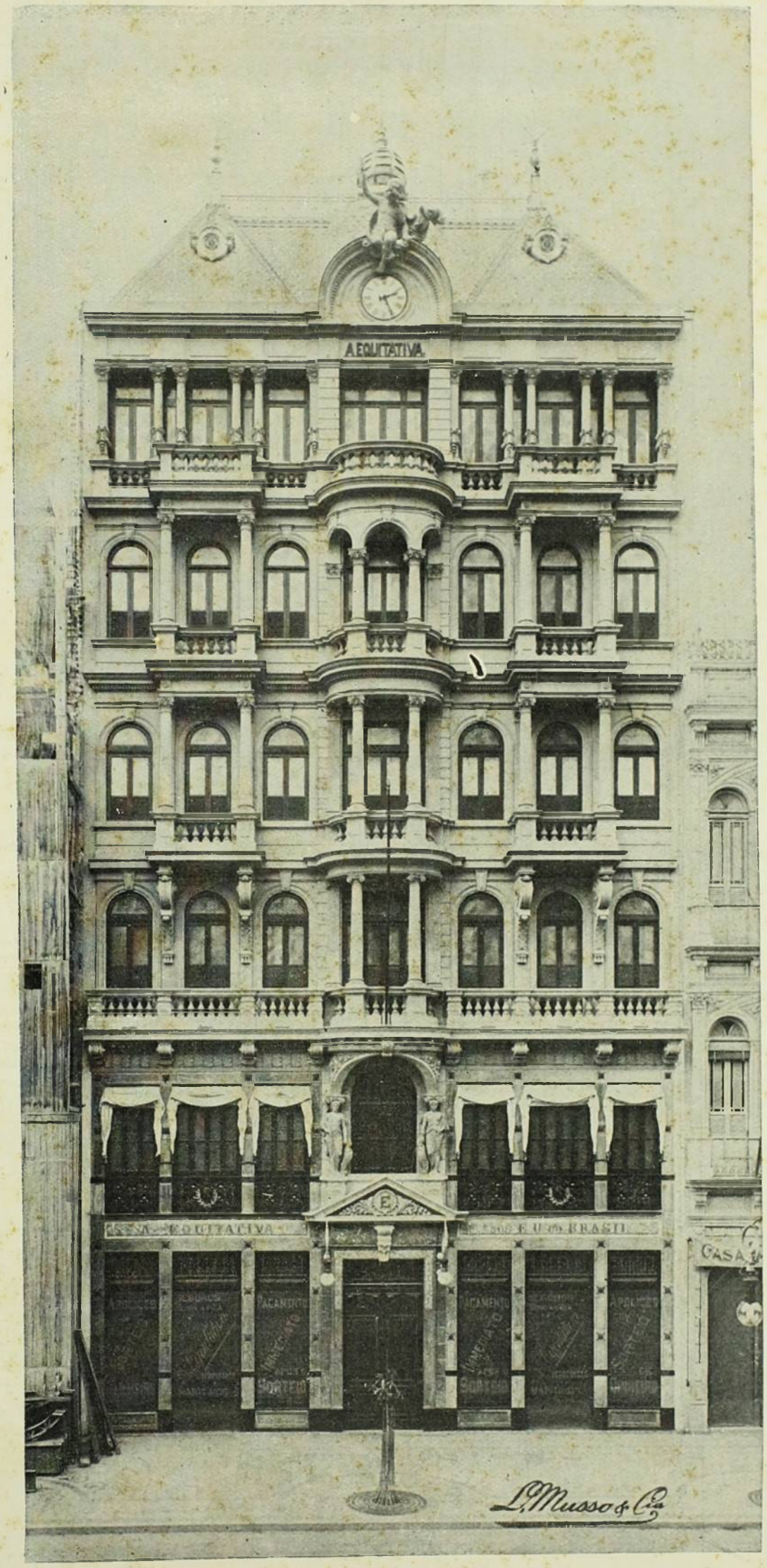
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



O DIARIO

Folha noticiosa illustrada, matutina

IMPRESSA NAS OFFICINAS DE KÓSMOS

Propriedade de J. SCHMIDT

Redigida e collaborada por amestradas pennas do jornalismo carioca

---

REPORTAGEM ILLUSTRADA

Retratos, vistas, instantaneos de todos os acontecimentos dignos de nota, quer politicos quer mundanos.

CARICATURA — CHARGES DIARIAMENTE

Publicação diaria, impressa pelo mais moderno e aperfeiçoado processo. Inteira novidade jornalistica.

APPARECERÁ EM 1.º DE MAIO PROXIMO

ASSIGNATURAS

ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1908 — 20$000

Redacção e Officinas:

62, RUA DA ASSEMBLÉA, 62 — RIO DE JANEIRO

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V — MARÇO 1908 — N. 3

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

RISONHA e amavel quaresma teem os cariócas este anno! quaresma de penitencias nullas e de regalados prazeres, quaresma que é um prolongamento do Carnaval...

Não trovejasse no pulpito da cathedral a voz iracunda do Sr. Padre Julio Maria, lançando os raios da ira divina sobre esta Babylonia sul-americana, — e ninguem acreditaria estar nesta época das mortificações da carne e do espirito, com que a Igreja pretende preparar-nos para as delicias do céo.

As conferencias do Sr. Padre Julio Maria são o unico signal revelador da quaresma. Naquelle pulpito, Sua Reverendissima é, ao mesmo tempo, Isaias e Ezequiel. As maldições chovem d'alli sobre a cidade peccadora, que commetteu o grande crime, o crime sem perdão de sanear-se, de dignificar-se, de civilisar-se. E a voz iracunda e tremenda brada ás quintas-feiras e domingos: «Cidade abominavel, cidade *smart* e *up-to-date!* o dia vem perto, em que o Senhor te ha-de tirar as avenidas, os automoveis, os corsos, os collares, as gargantilhas, os braceletes, os garavins, as arrecadas, as ligas das pernas, os colletes Pompadour, os anneis, os pingentes de pedras preciosas, as charpas de seda, os volantes de brocado, e os espelhos! E em lugar de suave cheiro, terás hediondez! e em lugar de cinta, — corda! e em lugar do corpinho de setim, — cilicio! E os teus mais galhardos varões cahirão mortos á espada, e se entristecerão e enlutarão as tuas portas; e desolada te assentarás em terra, com a cabeça coberta de cinzas!»

Pois, sim! Os frequentadores e as frequentadoras das conferencias da cathedral ouvem essas cousas com espanto e medo, — mas com espanto e medo que duram pouco. Ouvidas as ultimas palavras da imprecação do novo Isaias, — os fieis, ainda enxugando os olhos, sáem do templo pensando no proximo côrso ou na proxima batalha de confetti, e vão regalar-se nos cinematographos com a contemplação de scenas profanas. Já ninguem tem medo do inferno...

Risonha e amavel quaresma! Se houvesse por ahi lojas unicamente destinadas a vender cinzas de penitencia e cilicios de mortificação, — os donos dessas lojas ficariam arruinados este anno. A cinza hoje preferida é o pó-de-arroz; e o cilicio, actualmente predilecto, é o collete *devant-droit*.

E quem ha que jejúe? Não me consta que a matança do gado em Santa Cruz tenha diminuido depois da terça-feira gorda...

Tambem, é verdade que essa prescripção do jejum quaresmal nunca foi rigorosamente

cumprida em tempo algum e em parte alguma do mundo.

Na «Vida de São Godofredo, bispo de Amiens» ha uma interessante narração, na qual se vê que os homens do seculo 10º eram tão inimigos do jejum como os do seculo 20. No dia das cinzas, o Santo Bispo, descalço e coberto de cilicios, exhortou os fieis ao cumprimento do jejum, prohibindo-lhes o consumo da carne. Mas os fieis protestaram, e alli mesmo, á vista do Santo, comeram carne. E o Santo, diz o panegyrista, «fechou os olhos, esperando, para se mostrar rigoroso, que as circumstancias fossem mais favoraveis...»

Essa tolerancia da Igreja não foi desmentida até hoje. Em tróca de algumas missas, de algumas rezas, e de algumas esmolas, a Igreja sempre concedeu, ainda concede, e sempre ha de conceder dispensa da abstinencia.

Já houve tempo, no Rio de Janeiro, em que todas as familias jejuavam. Mas que jejum! Não appareciam nas mesas as carnes prohibidas. Em compensação, que bacalhoadas! que peixadas! que fritadas de camarões e lulas! e que infinita quantidade de travessas, de terrinas e de campoteiras, cheias de bolos, de doces, de compotas, de beijús, de podins, de pasteis, e de biscoutos! O nosso bom povo, querendo compensar a falta das carnes de boi e de porco, empanturrava-se com todas as outras boas cousas permittidas. E a quaresma acabava sendo, não uma quadra de abstinencia, mas uma quadra de formidaveis indigestões. Que modificação, heim?!

As carnes de boi e de porco, e algumas outras, que, como aquellas, pertencem á classe das carnes «escuras» teem hoje inimigos mais temerosos do que os padres: são as hygienistas. O medo da molestia e da morte é mais serio do que o medo do inferno. A condemnação ao arthritismo, á neurasthenia e á arteriorclerose atemorisa mais do que a condemnação ás chammas eternas. A abstenção das carnes escuras não é hoje uma imposição da fé: é uma imposição da medicina.

Dos fastos da Igreja constam innumeros exemplos de ascetas e cenobitas, que, em signal de humildade, viviam de rastros pelos campos, comendo as hervas rasteiras, como os animaes inferiores. Foram esses os precursores dos actuaes «vegetarianos.» Antigamente, o consumo exclusivo dos vegetaes visava impedir o accumulo dos peccados na alma; hoje, visa impedir o excesso dos uratos nos tecidos.

Mas, agora, como então, o sabor do fructo prohibido tenta as almas e os corpos: de quando em quando, um asceta, tentado pelo Demonio, devorava no deserto uma avestruz pegada a laço, — como actualmente, não podendo resistir ás exigencias da sensualidade, os arthriticos devoram criminosamente perdizes com tubaras e pasteis de figado hypertrophado de ganso.

Ai! a carne é fraca, e todos nós viemos ao mundo para peccar!

Mas, deixae lá! Não posso crer que seja peccado o não guardar a prescripção do jejum, nem o de intercalar um carnavalsinho supplementar entre a terça-feira de entrudo e o sabbado de alleluia.

O jejum! Mas lá está escripto, em São Matheus, que Jesus consultado sobre se era licito comer aos sabbados, disse: «Misericordia quero, e não sacrificio!» E lá está tambem attestado, em São Marcos, que o mesmo Jesus, fallando dos judeus jejuadores, exclamou: «Este povo honra-me com a bocca, mas o seu coração está longe de mim!»

E o Divino Mestre gostava de ver a gente humilde divertir-se e folgar. Nem sempre a tristeza anda alliada á bondade. São mais innocentes os passaros e as borboletas, que passam a vida ao sol, entre ramagens e sobre flores, cantando e revoando, de que os ratos, que vivem nas trévas, infestando os porões das casas, e armazenando no corpo os germens assassinos da peste.

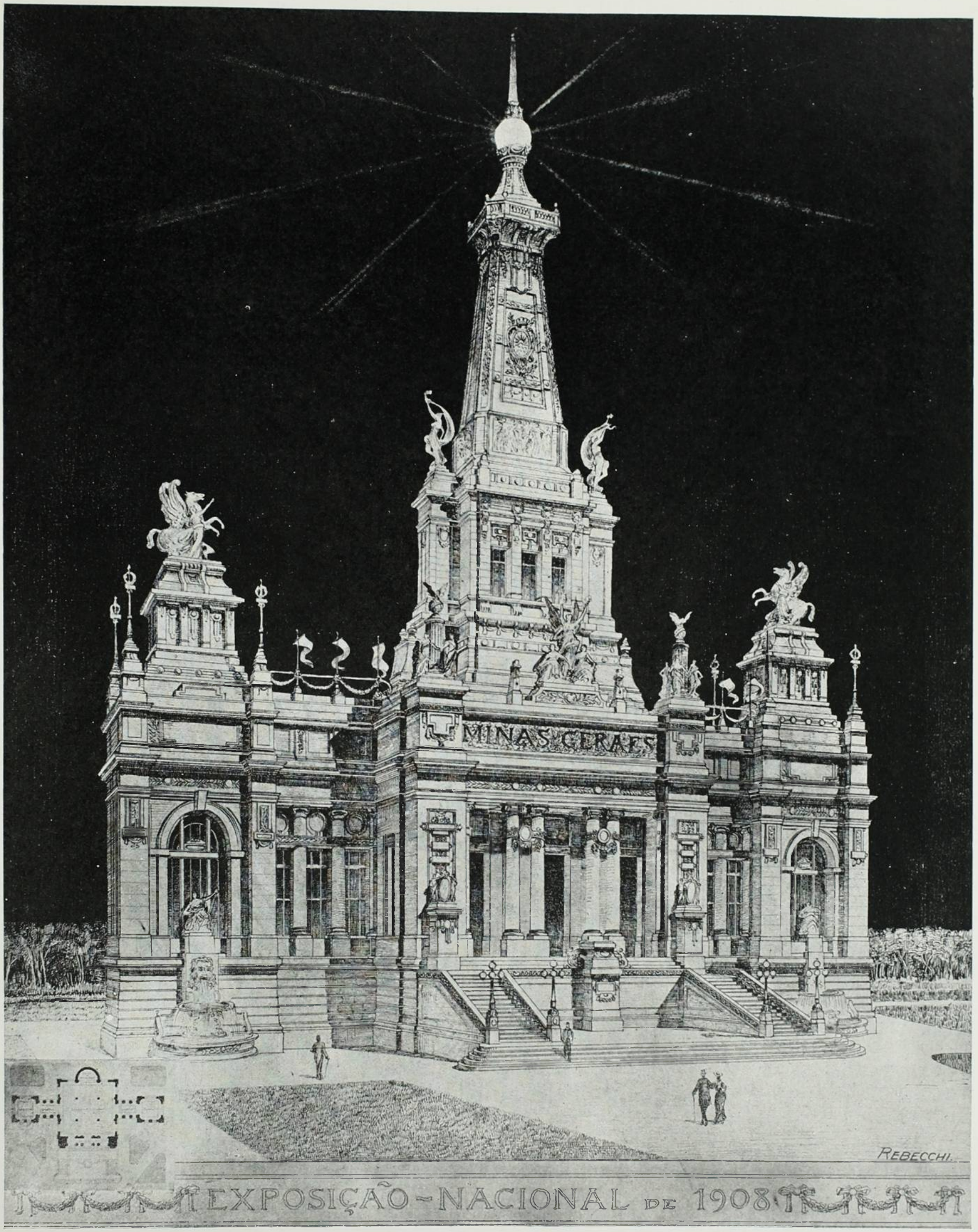
Esse pequeno carnaval complementar não ha-de levar uma só alma, ao Inferno. Que peccado commetteu essa multidão de creaturas pobres e modestas, indo amontoar-se nas alamedas da Avenida Beiramar, a ouvir musica, e a regalar-se com o espectaculo innócuo dos fogos de Bengala e dos foguetes de lagrimas, e a festejar, ao seu modo, sem velha e sem serra, a classica ceremonia da serração da velha.

Tenho para mim que paccado maior é o de estar, pela imprensa e pelo pulpito, a clamar que tudo vae mal, que a Republica é um regimen de falcatrueiros, e que a revolução contra os que governam é um direito e um dever.

Criminosos e máus não são os que dizem a um povo soffredor: «Todos os povos soffrem, porque o soffrimento é uma condição essencial da vida; tu não és mais infeliz do que os outros; toda a terra está cheia de descontentes, porque a perfeição é um ideal inattingivel; consola-te, e contenta-te com o que tens; e diverte-te!» Criminosos e maus são os que dizem: «Tudo está pôdre, e irremediavelmente perdido; todos os homens hão-de ir depois da morte para o Inferno, porque não basta, como castigo, o inferno em que todos elles vivem neste mundo; entristece-te, ó povo, e chora, e revolta-te, e procura ser mais infeliz do que és hoje!»

Isso é que é crime, isso é que é maldade, isso é que é peccado.

O. B.



O PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES

A Exposição Nacional

DE 1908

POR occasião do grandioso certamen norte-americano, commemorativo da incorporação dos vastos e fecundos territorios da Luiziania á grande União, ante os olhares maravilhados dos curiosos, idos de todas as partes do Mundo, desenharam-se as nossas forças economicas, dignas de hombrear com as dos velhos povos dos outros continentes, manifestando-se perfeitas em nossos artefactos industriaes, enormes na expansão de nossa agricultura, maravilhosas nos productos de nossa natureza, de sorte a collocar o Brasil em tal situação de avantajamento, que na gigantesca feira bem se póde affirmar — fomos nós os vencedores. Desde a vasta e incomparavel bacia amazonica até as verdejantes coxillas do Rio Grande do Sul, todos os Estados da Federação concorreram com os seus productos proprios, qual mais perfeito e attrahente, mostrando uma feição nova de nosso progresso aos povos concurrentes á Exposição de S. Luiz. E com justo e legitimo orgulho recebemos a innumeravel serie de premios, destinados a recompensa e estimulo do nosso trabalho, do nosso progresso, da nossa fecunda actividade.

Mas si maravilha foi para o estrangeiro esse attestado pujante de nossa vitalidade, força é confessarmos que talvez fossemos nós mesmos os mais maravilhados.

E' que nós vivemos nos desconhecendo. Mais nos interessa quasi sempre o que vai por alem mar do que o acontecido dentro das raias do nosso vastissimo territorio.

Os Estados se ignoram e muita vez o mesmo se dá com os municipios visinhos de um mesmo Estado.

Com extrema admiração chega-nos ao conhecimento que o objecto adquirido pelo mimoso da manufactura, pelo acabamento do todo em luxuoso *magasins* de modas, não é producto das afamadas fabricas d'alem mar e sim das mais modestas de um Estado qualquer. Porque na industria nós só comprehendiamos que o Brasil fizesse alem dos moringues da Bahia, das redes do Maranhão, do algodãozinho mineiro e dos rebenques de couro trançado do Rio Grande, mais uns curiosos berloques que uma hora arrancada á ociosidade malandra dos praieiros arabescava em cascas de coco que a natureza fornece em profusão pelos extensos areiaes do Norte.

A Exposição de S. Luiz veio perturbar-nos essa doce illusão, revelando-nos os progressos da industria nacional de que só falavamos com sorrisinhos de mofa e entretanto o Jury internacional galardoava admirado do nosso adeantamento.

D'ahi em deante e mercê desse movimento de progresso que fez com que em um lustro se tornasse o Brasil mais conhecido do que nos quatro seculos que tem de existencia e á força de ouvirmos louvores sobre esse progresso por nós desconhecido em seus multiplos detalhes a idéa do governo actual de reunir a producção de todos os Estados em um grandioso certamen que se abrirá em Junho proximo, de modo a attestar com brilho a verdade dos conceitos sobre nós emittidos em um concerto de louvores que nos anima e nos fortalece como nos enche de suave alegria patriotica.

Votada pelo Congresso Nacional a necessaria autorisação na lei do Orçamento, em 4 de Julho de 1907 e pelo Decreto n. 6544, o Dr. Affonso Penna, presidente da Republica, approvou as bases organizadas pelo Ministro da Industria Viação e Obras Publicas Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida.

Em 10 de Outubro foi nomeada a Commissão Superior composta de 41 membros sob a presidencia do Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, ex-ministro da Viação, provecto lente da Escola de Minas de Ouro Preto e nosso delegado em S. Luiz.

Tres vice-presidentes, os Drs. Luiz Raphael Vieira Souto, Arthur Getulio das Neves e Antonio de Padua Assis Rezende, o primeiro substituido pelo general Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e um secretario geral o Dr. Candido Mendes de Almeida constituem com o Presidente o Directorio Executivo da Exposição:

Constará ella de 4 Secções:

Agricultura;
Industria Pastoril;
Varias Industrias, e
Artes Liberaes.

Para promover o comparecimento de todos os Estados ao Certamen varios delegados percorrem o paiz inteiro em propaganda, facilitando o trabalho dos governos estadoaes.

Por conta do governo correrão as despezas com o transporte de todos os objectos destinados á Exposição.

O local escolhido foi a grande esplanada da Praia Vermelha onde ha bem pouco tempo se erguiam os edificios da Escola Superior de Guerra.

Confiados os trabalhos de construcção á competencia e actividade do Dr. José Mattoso Sampaio Correia, director das Obras Publicas,

quem hoje se dirigir aquelle local certamente não deixará de se admirar das transformações por elle soffridas.

Os velhos pavilhões da Escola tombaram, no mesmo local se erguendo outras construcções destinadas a abrigarem os objectos expostos.

Dos Estados da Federação sómente Minas, S. Paulo e Bahia estão construindo pavilhões independentes e fal-os-ão ainda o Paraná e Santa Catharina.

A Prefeitura do Districto Federal terá tambem pavilhão á parte.

Das Repartições Publicas terá um pavilhão isolado a Repartição Geral dos Telegraphos.

A Sociedade Nacional de Agricultura construirá tambem um pavilhão e bem assim a Companhia Progresso Industrial do Bangú.

Ainda concorrerão em pavilhões independentes a casa Herm. Stoltz com uma exposição de machinismos para a Lavoura e a Cervejaria do Estado do Pará.

Portugal, unica nação estrangeira a qual foi dada a concessão de concorrer a Exposição, já tem em obras o seu pavilhão, de estylo manoelino.

A Exposição abrir-se-á em 15 de Junho e encerrar-se-á em 7 de Setembro, funccionando diariamente das duas horas da tarde até ás oito quando se fecharão os pavilhões, continuando entretanto a funccionar as diversões até meia noite.

No recinto da Exposição funccionarão um theatro, um café concerto, varios cinematographos. Haverá ainda outras diversões variadas, montanhas russas, balões captivos, etc.

Funccionarão restaurantes e *bar* no grande terraço com vista para o mar.

O custo dos bilhetes de entrada variará conforme os dias de 500 rs. a 2$000.

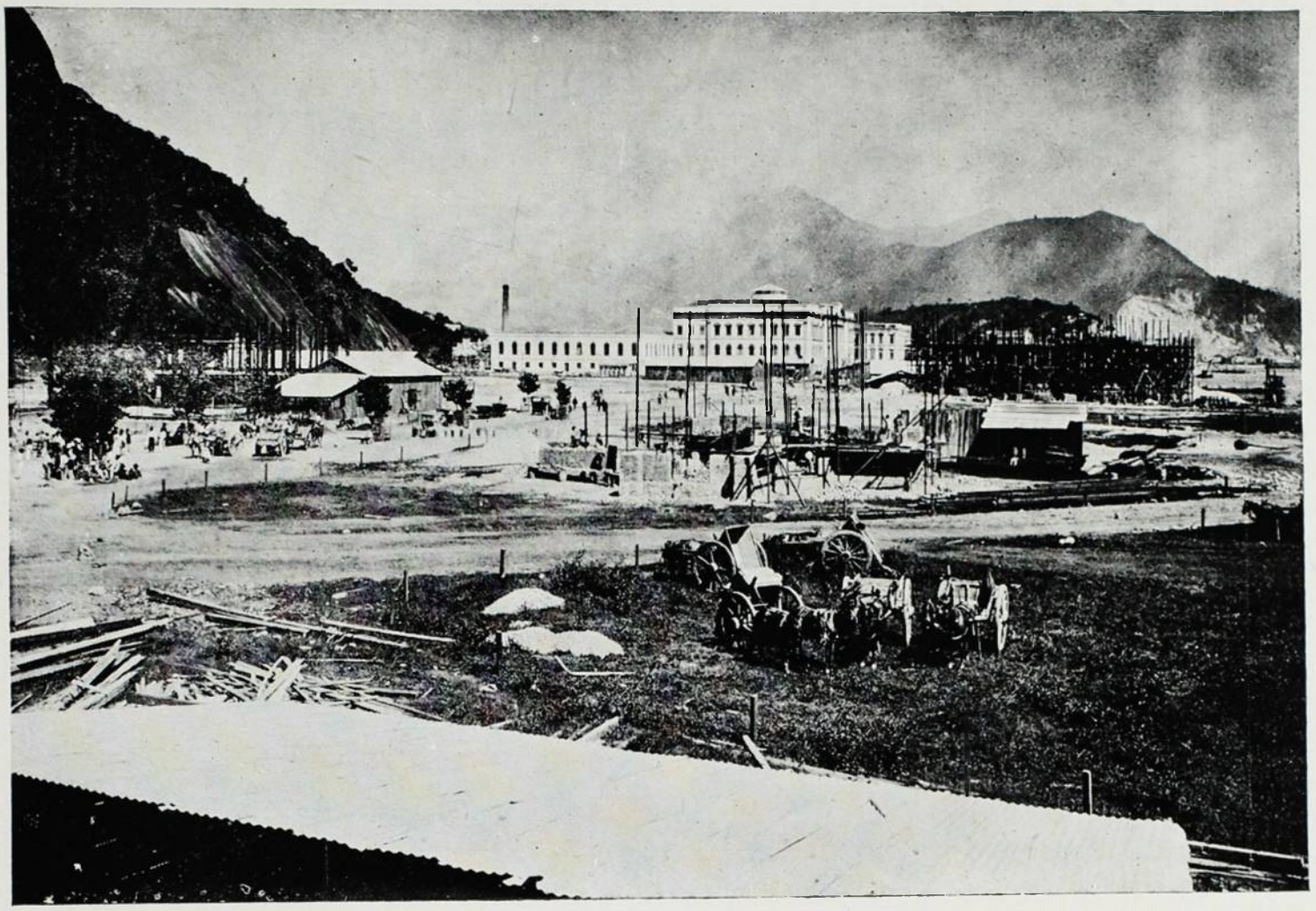
O transporte será dado pelos bonds da Companhia Jardim Botanico que prolongará os seus trilhos até o grande portão da Exposição e pela Companhia Cantareira cujas barcas atracarão em ponte para esse fim especialmente construida.

Um dos mais curiosos attractivos da Exposição será certamente a Secção Pastoril, o pavilhão construido para o gado contendo 300 cocheiras diversas.

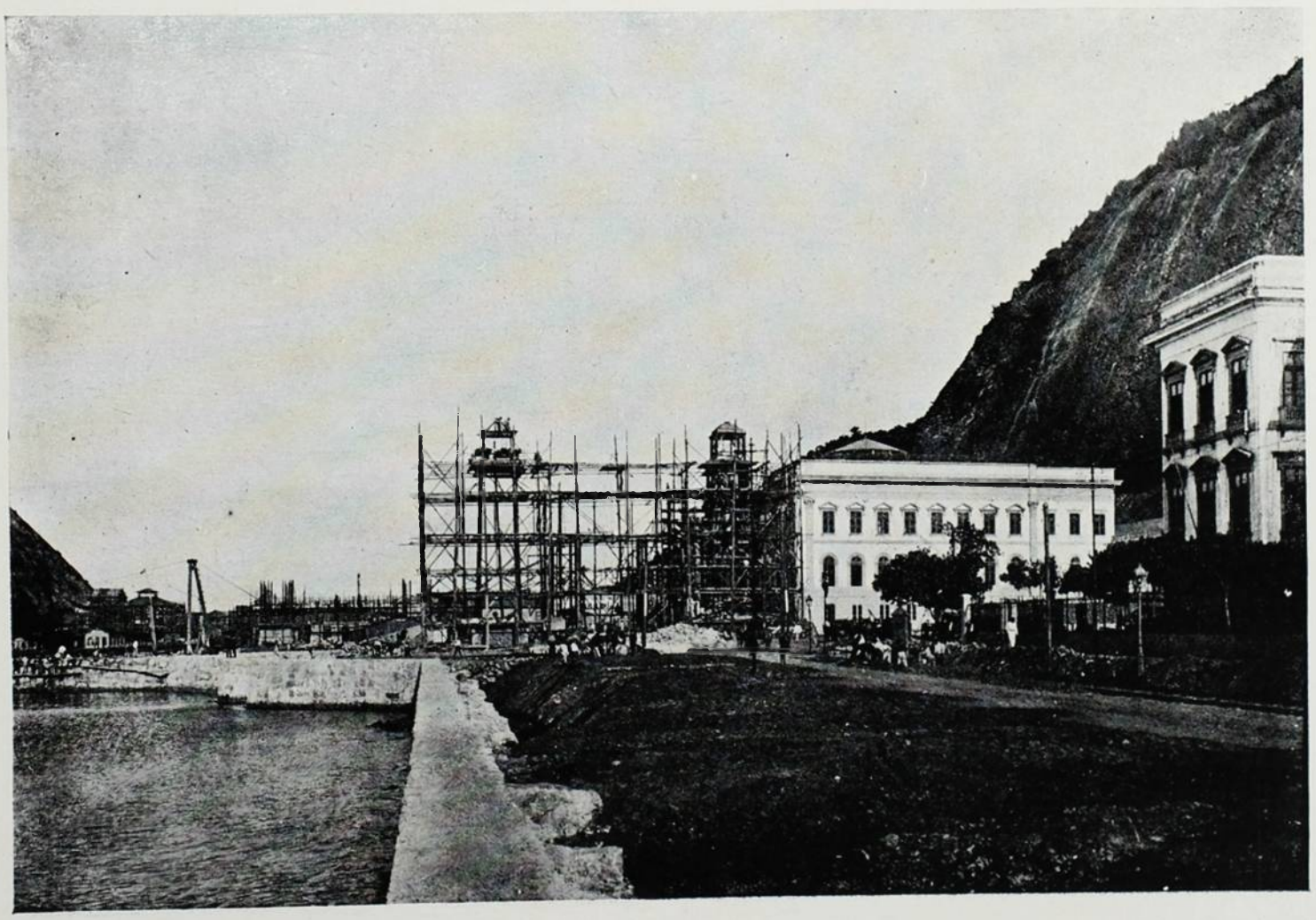
Dous pavilhões são destinados ás machinas.

Kósmos que acompanhará em todos seus numeros o movimento da Exposição, começa hoje a publicar photographias das obras, tomadas em diversas phases da construcção, de modo a dar a impressão perfeita do que vae ser o grandioso certamen.

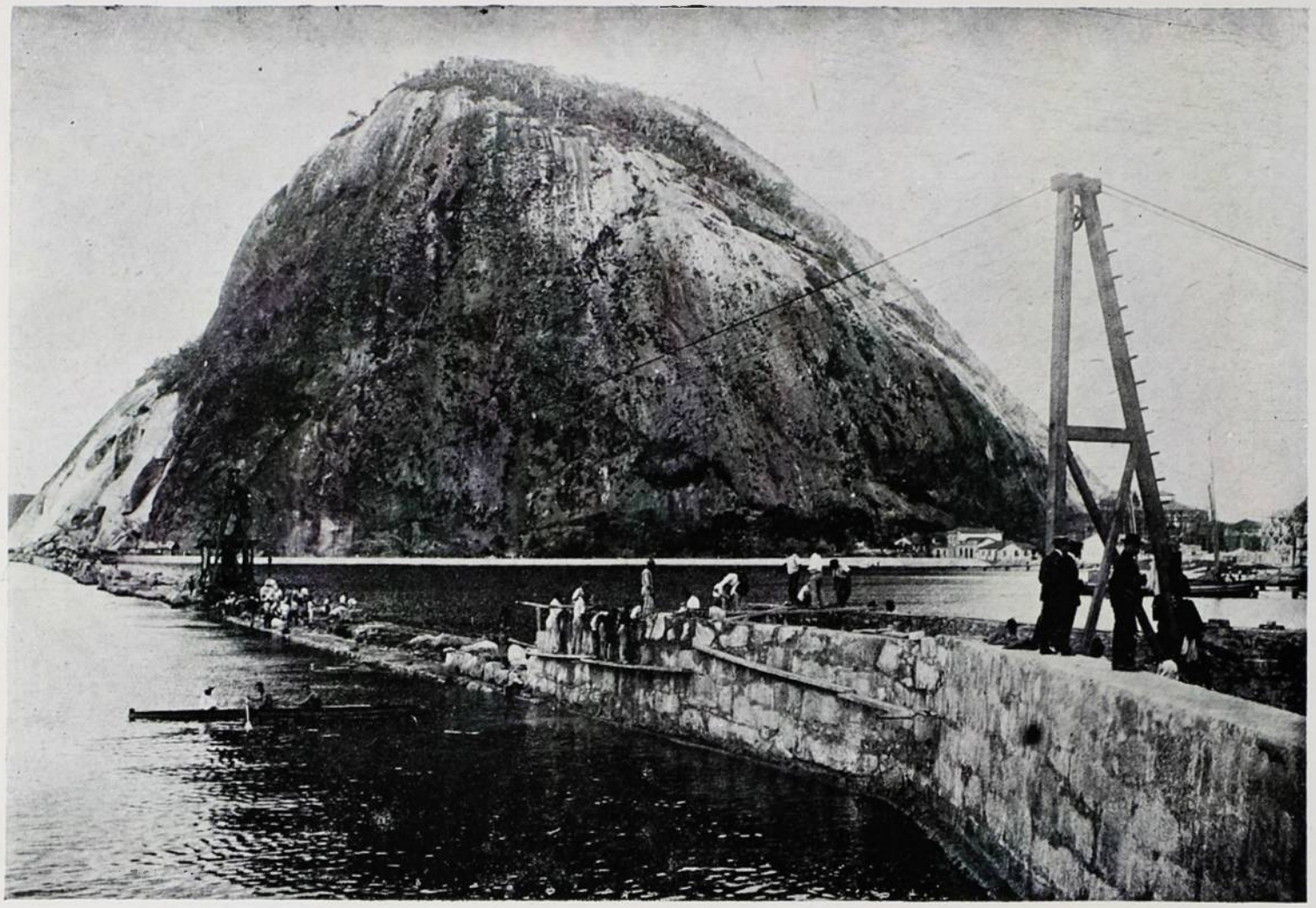
X.



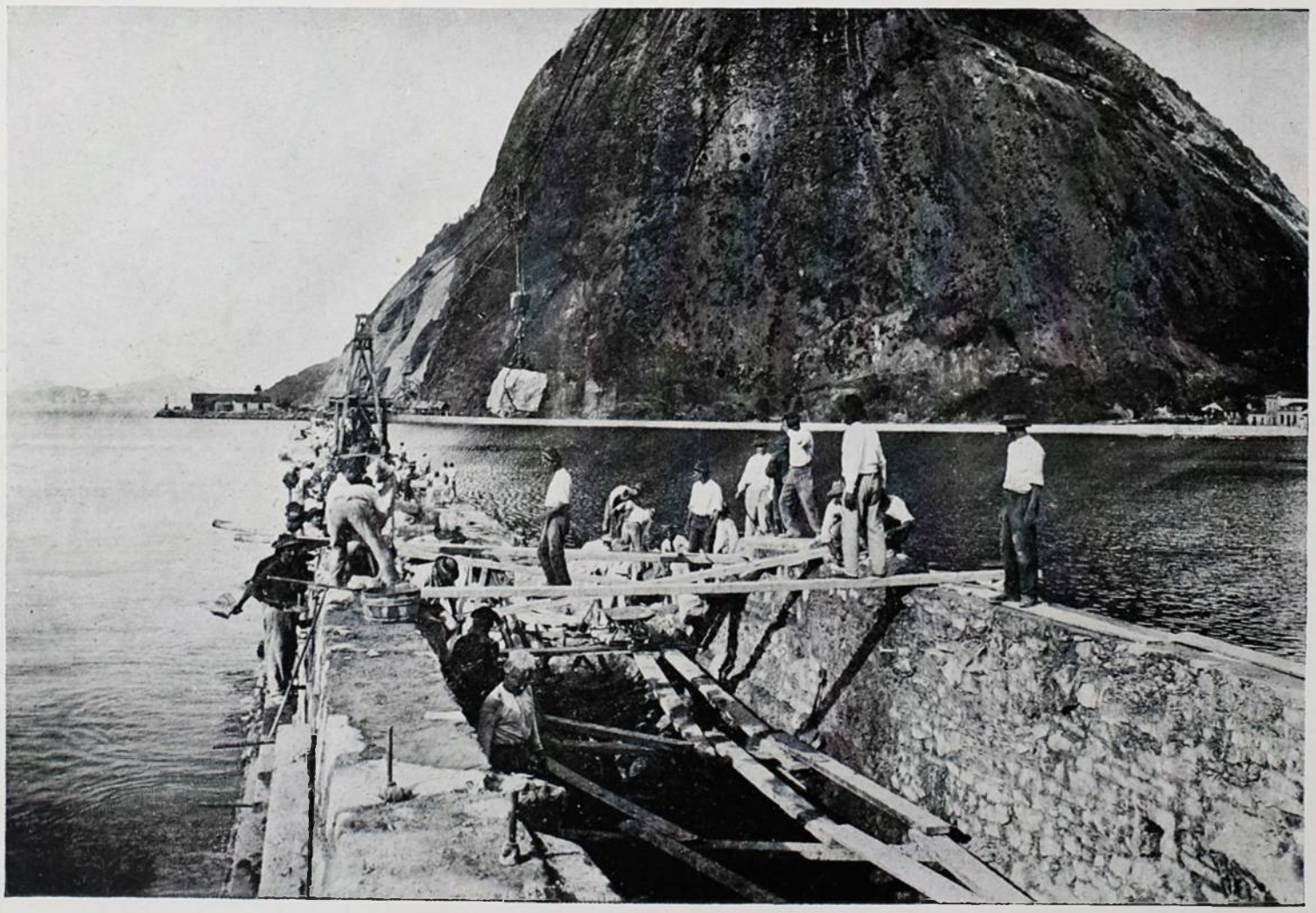
VISTAS DE ALGUMAS CONSTRUCÇÕES



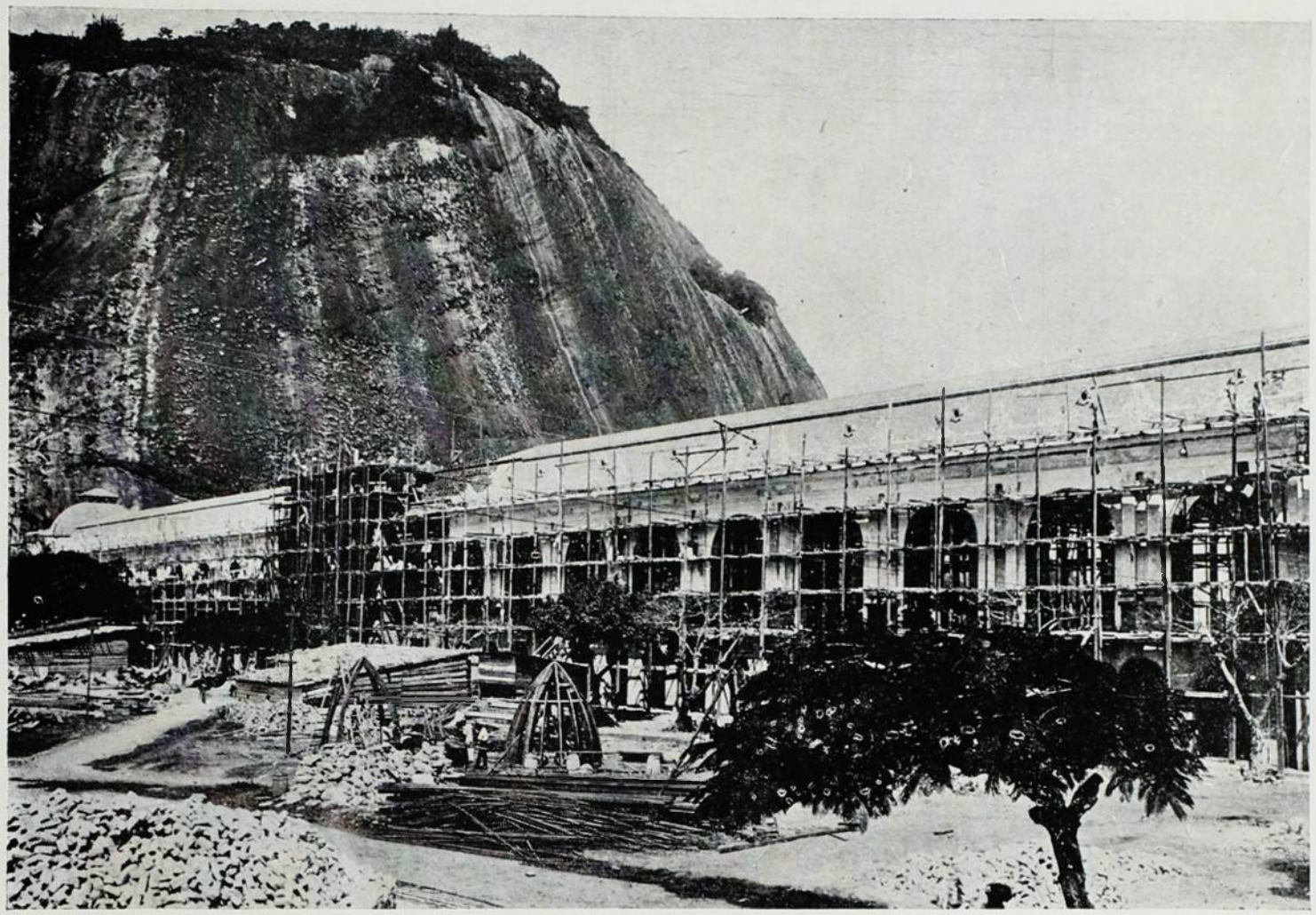
ARCO DA ENTRADA



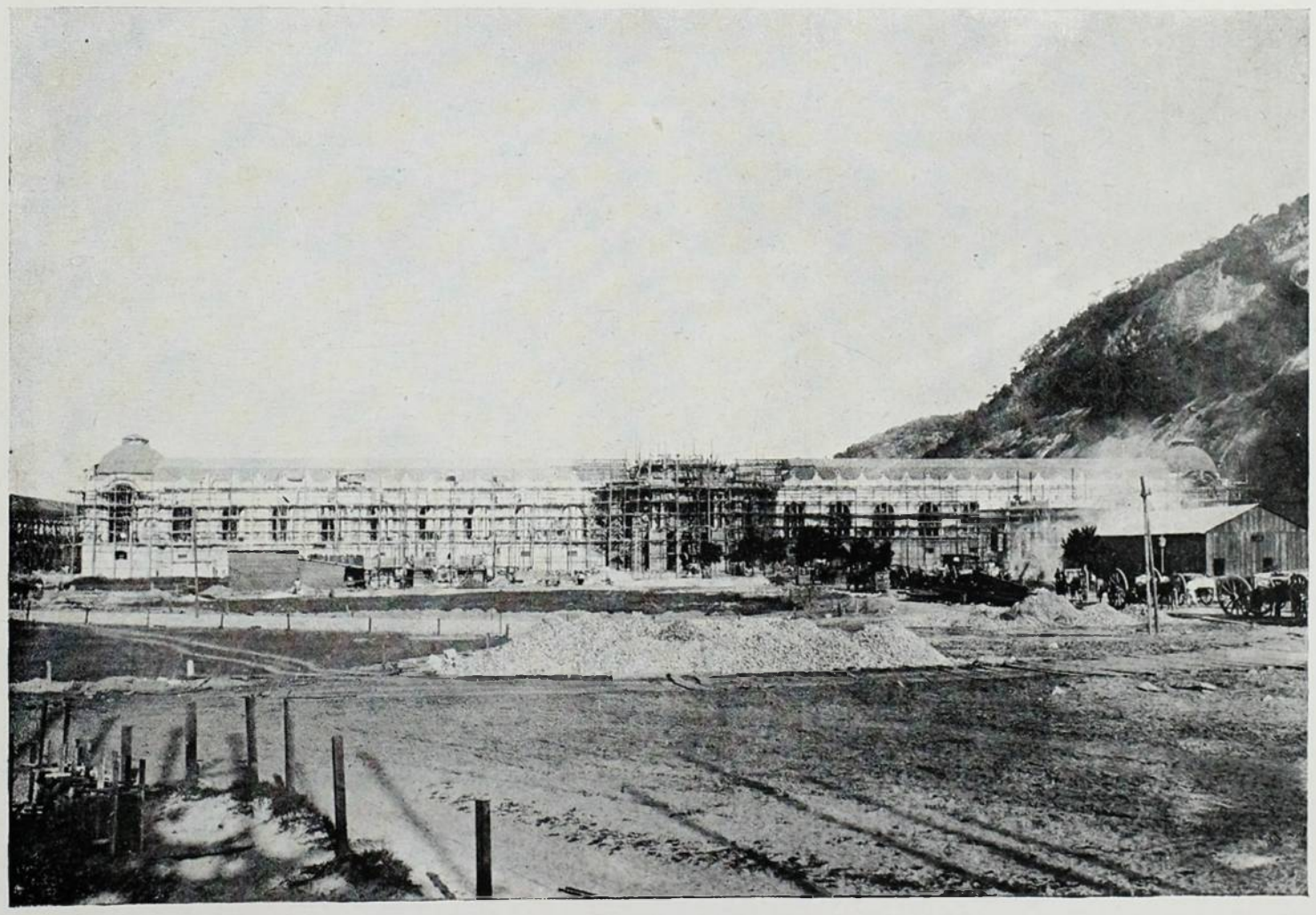
CAES EM CONSTRUCÇÃO



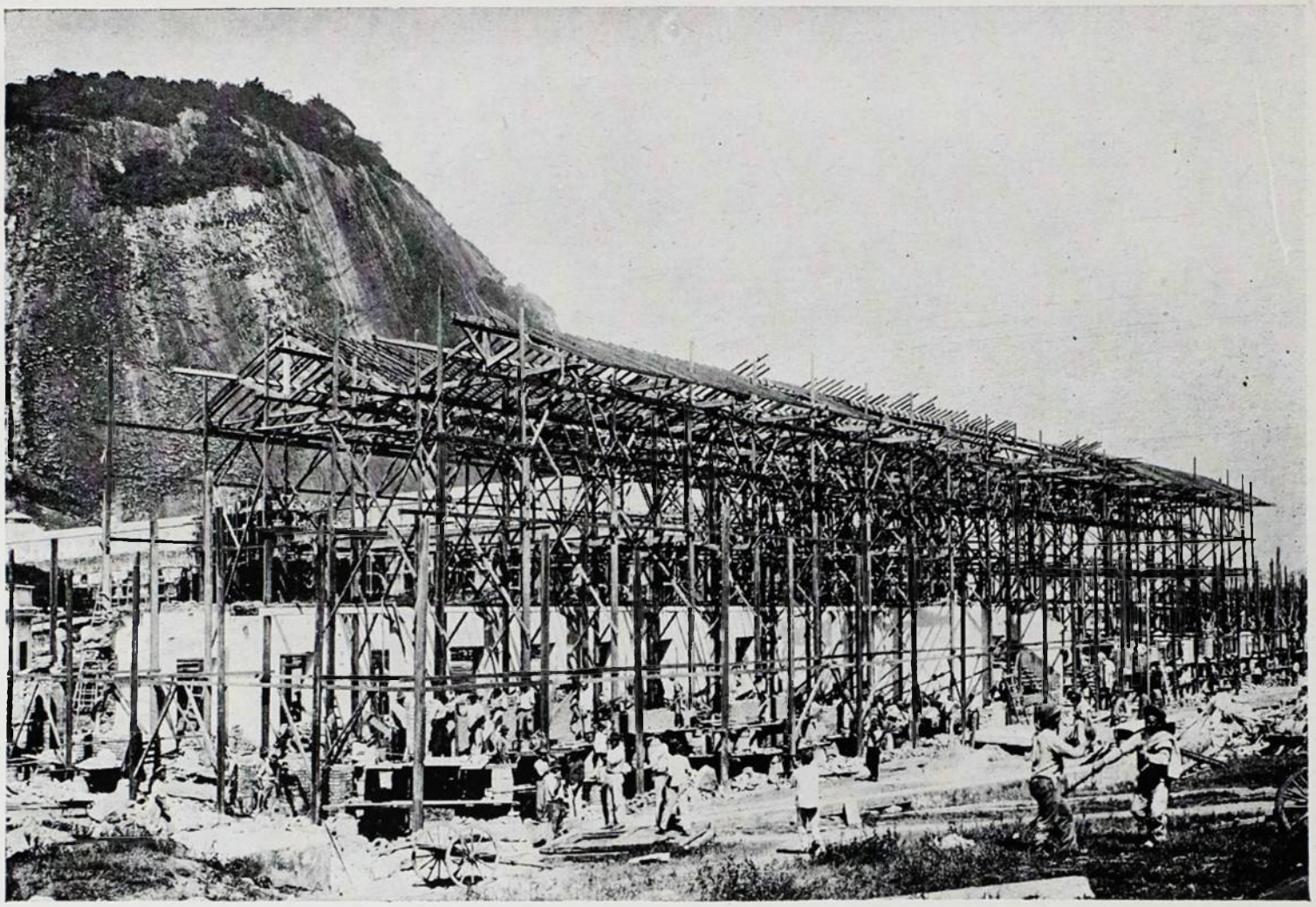
CAES EM CONSTRUCÇÃO



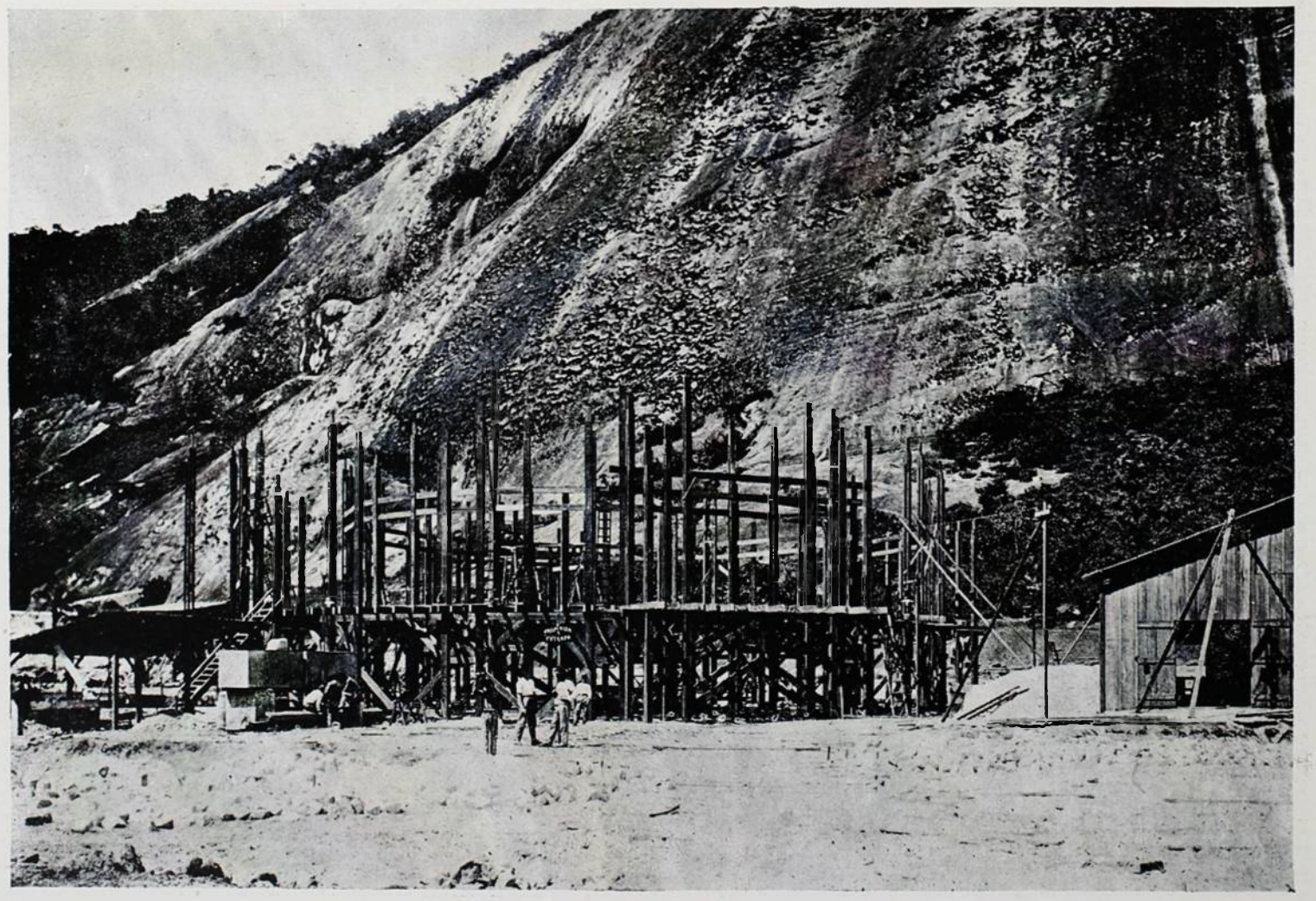
PAVILHÃO GERAL CONSTRUIDO ONDE FOI A ESCOLA MILITAR — LADO INTERNO



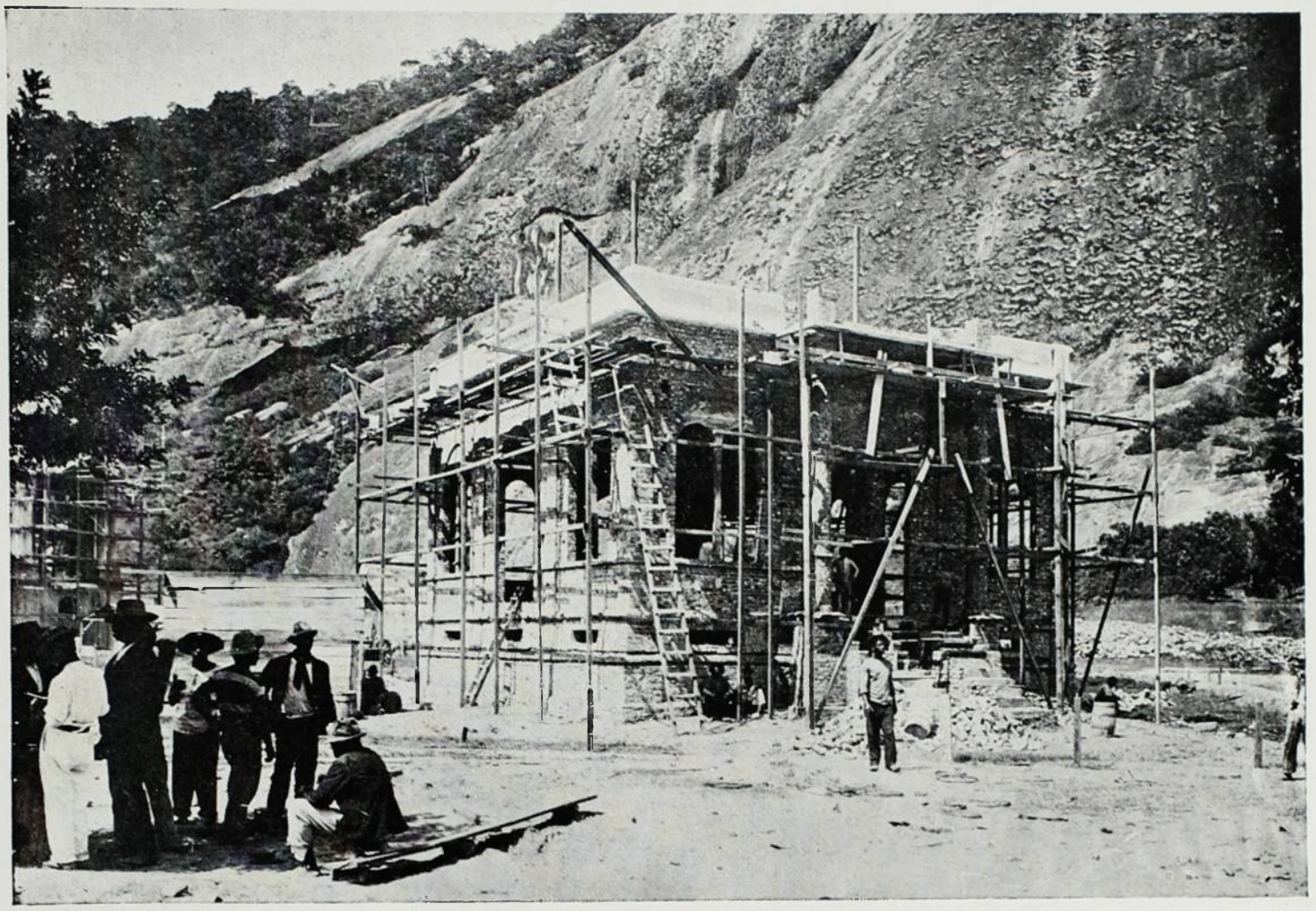
PAVILHÃO GERAL — LADO EXTERNO



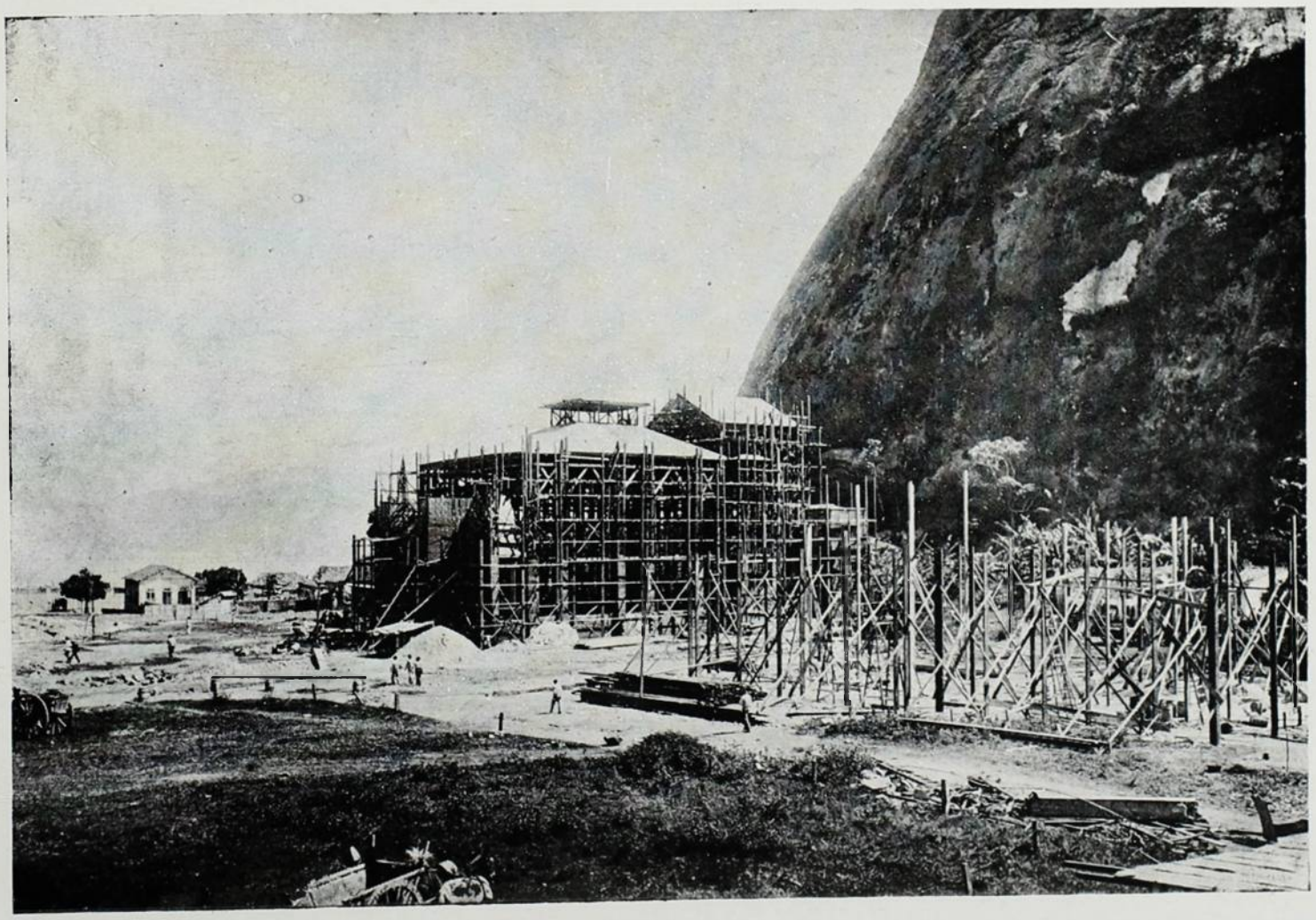
PAVILHÃO DE PORTUGAL



PAVILHÃO DO DISTRICTO FEDERAL

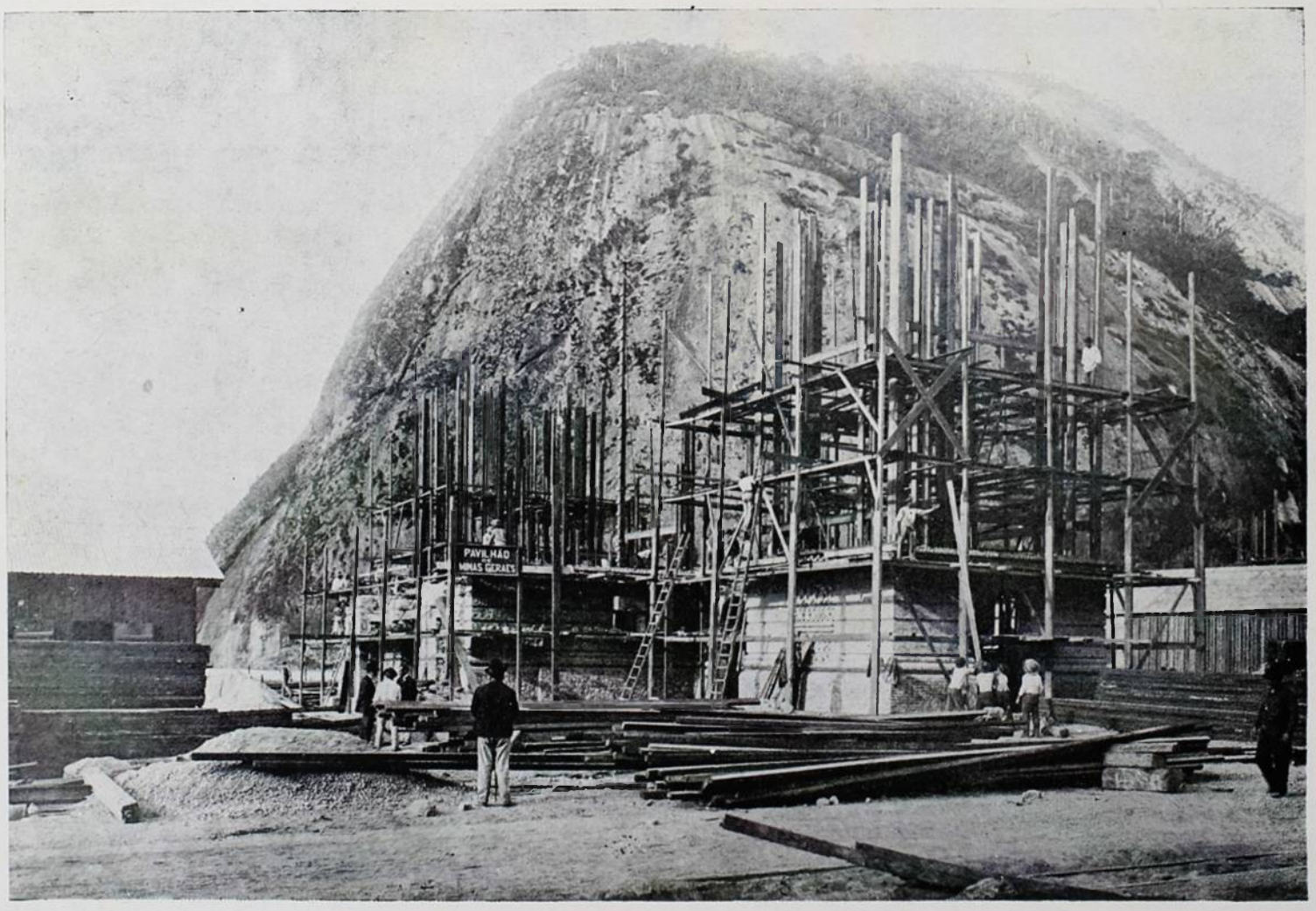


PAVILHÃO DA REPARTIÇÃO GERAL DOS TELEGRAPHOS

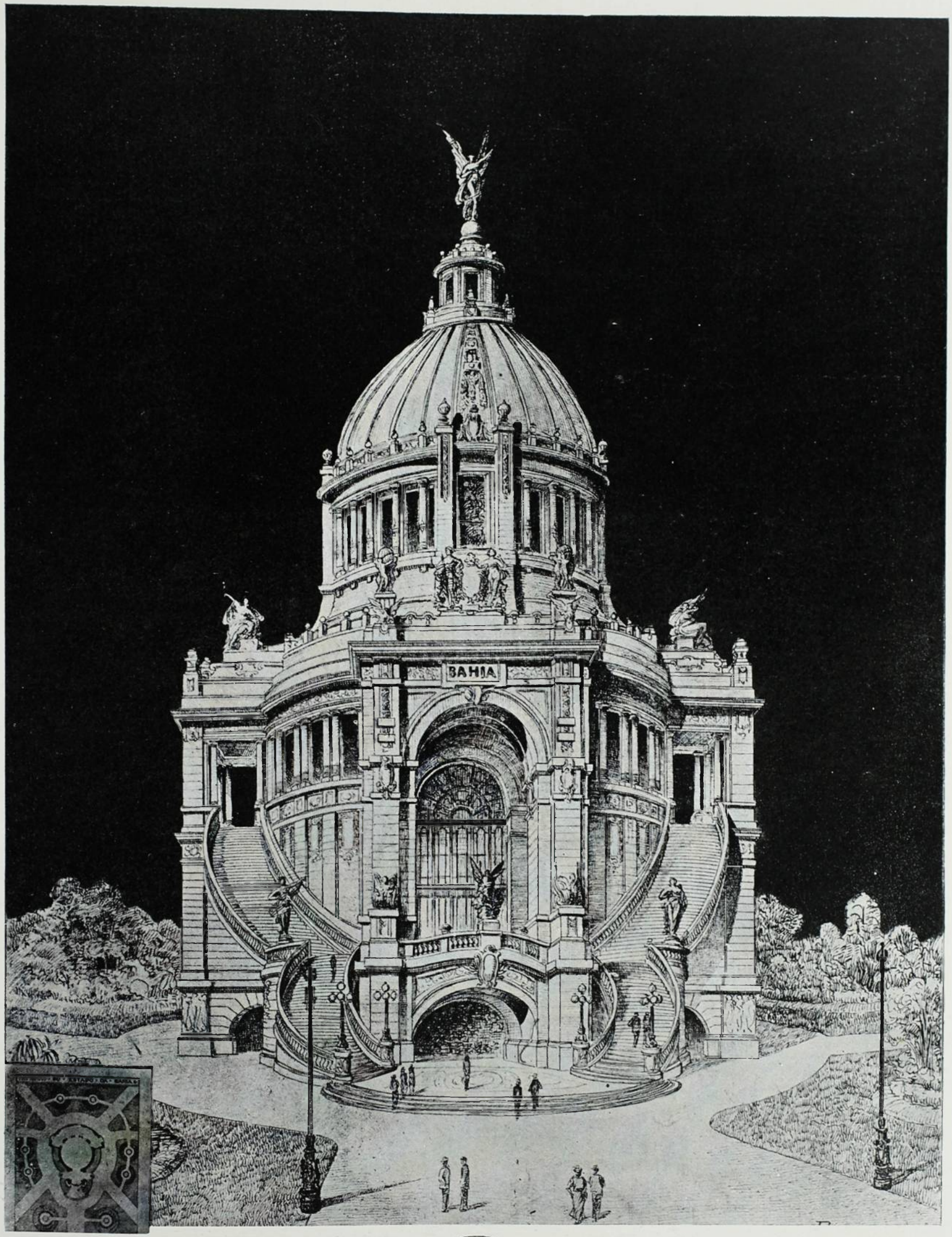


THEATRO

PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA



PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES



EXPOSIÇÃO NACIONAL DOS E. U. DO BRAZIL EM 1908

PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA

PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA

Fagundes Varella

EÇA DE QUEIROZ, naquelle alto, naquelle bizarro, naquelle fidalgo estylo que em tão vivo destaque o colloca entre os manejadores da lingua portugueza, conta-nos que «em Coimbra, uma noite, uma noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as *Sebentas* na algibeira o largo da Feira, avistára sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente varridas pela lua, que nesse tempo ainda era romantica, um homem de pé, que improvizava.

Parou seduzido, com a impressão que não era aquelle um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquissimo seculo XVIII — mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos, despertando almas, annunciando verdades. O homem, com effeito, cantava o Céo, o Infinito, os mundos que rodam carregados de humanidades, a luz suprema habitada pela ideia pura, e

> ... os transcendentes recantos
> Aonde o bom Deus se mette,
> Sem fazer caso dos santos,
> A conversar com Garrett!

Deus conversava com Garrett. Depois, se bem se lembra, conversava com Platão e com Marco Aurelio. Todo o céo era uma radiante academia. Os santos mais illustres, os Agostinhos, os Ambrosios, os Jeronymos permaneciam fóra, pelos pateos divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe impropria a penetrar no concilio dos Philosophos e dos Poetas. Mas o escravo Epicteto apparecia ainda coberto das cicatrizes do latego e dos ferros — e Deus extendia ao escravo Epicteto a sua vasta mão direita, de onde se esfarellava o barro com que elle fabrica os astros...

> Epicteto, meu amigo,
> Quero ouvir o teu dictame,
> E aconselhar-me comtigo.

Então — exclama o divino creador d'*A cidade e as serras* — perante este céo onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, tambem me sentei num degráo, quasi aos pés de Anthero, que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discipulo. E para sempre assim me conservei na vida.»

Ora, eu vou fallar de um outro genio, que não foi um santo como Anthero do Quenthal, mas que foi um Satan, Satan divino e estranho, cuja vida foi formada da argamassa amarga do soffrimento e da desdita; genio que teve a alma continuamente voltada para o sonho como o heliotropo voltado para a luz; genio que fez do estro a pyrausta ideal a roçar as azas diaphanas pelos astros rutilantes da Fantasia, e que, como um nababo prodigo, desperdiçava ás tontas, as lascas de ouro da mina opulenta que lhe atravessava o cerebro bem formado.

Estudemol-o:

Se quizessemos procurar, entre os nossos poetas, umas farta documentação positiva para estudar as influencias da natureza americana sobre o espirito occidental, certo não encontrariamos na nossa litteratura quem sobrelevasse a Varella. Em Gregorio de Mattos ha uma quasi absoluta despreoccupação pelo meio physico; é só a sociedade e o homem que impressionam e fazem vibrar a musa do primeiro dos nossos satyricos. Durão e Basilio da Gama, Porto Alegre e Magalhães, submissos ao grandioso da historia, não tiveram paixão para cantar a natureza. E nem a epopeia é o genero mais proprio para expansões pantheistas.

Gonçalves Dias, com o seu brilhante indianismo, revelou toda a alma indigena munida de instrucção sufficiente para por em relevo a vida, o drama, o heroismo das florestas mas não cantou as florestas do Novo Mundo como Varella — com alma de exul. Alvares de Azevedo é um grande culturista, fechado nas obsessões de amarguras quasi exclusivamente intellectuaes. Casimiro é quem mais se approximaria de Varella, se não fosse aquella especie de luminação de lyrismo, de que andou morrendo. Castro Alves é o espirito mais épico de toda a nossa historia litteraria, e, por isso mesmo, o menos proprio para ser simplesmente um lyrico.

Entre os contemporaneos talvez que eu pudesse citar nomes que têm mais affinidade e similitude com Varella; entre os mortos não encontro nenhum, não digo com o valor mas com a significação do poeta infortunado. Elle representa a alma adventicia, o espirito que veiu de além, a vibrar no novo meio, por todos os lados envolvido de payzagens, de phenomenos, de factos novos: e elle cantou esses factos, esses phenomenos, essas payzagens como um somnambulo, que accordasse em logar desconhecido, cercado de coisas e pessoas estranhas.

Indole profundamente lyrica, parece que tem no coração, a principio, uma fibra unica; depois, uma outra fibra nova, que dir-se-ia tangida então pelo soffrimento, pelas incriveis vicissitudes de sua vida: — é a fibra da fé. A fé e o amor são os dois grandes estimulos do seu genio.

Primeiro, o amor. Tudo que lhe sae do peito é oração anciosa aos anjos com que sonha, mas anjos que resplandecem sempre nos

grandes quadros da nossa natureza. Elle não canta as venturas de um extase sem fazer destacar uma noite magnifica, um firmamento estrellado, uma tarde serena, uma campina deliciosa, um riacho a deslisar madrigalesco nos seios da floresta.

O amor de seus anjos celestes não perde nunca a feição terrena.

Em pós, vai entrando em seu espirito um elemento novo, um desdobramento de qualidades apreciaveis, que o faz buscar outros threnos para centro de suas expansões poeticas. E, então, canta o escravo, o exilado, o carcere o proscripto, o foragido, o engeitado, a criança, a despedida com as notas santas que se afinam no infortunio e no soffrimento alheios.

Dahi por diante é a fé que domina todo o seu espirito, e é então que elle faz a sua obra, a que ha-de ficar, a que ha-de resistir como o bronze, e mais ainda do que elle, porque ha-de resistir victoriosa no espirito das gerações, emquanto nesta terra houver espirito.

No *Evangelho nas Selvas* a poesia do Christianismo se encontra com a poesia da natureza nova, e produz na alma um elance estranho para os incendimentos e os arroubos da fé. E' nesse bellissimo poema que a musa dos profundos mysticismos desperta meiga e carinhosa, solemne e augusta, nos seus deslumbramentos, nas suas aspirações, nas suas canduras celestes. Um vigor harmonico tece as alegrias dessa musa sagrada, musa dos santuarios, rediviva como aquella flor comburente da lenda, symbolo da immortalidade, a Flor da Resurreição.

> E tu, mimosa flor dos santuarios!
> Celeste Musa! Socia immaculada
> Dos prophetas hebreus!

invoca o poeta, ao iniciar, como um sacerdote, as cerimonias daquella immensa e gloriosa pontificação nas paragens onde abria os braços amplos a cruz triumphante.

E, então, se vos figura entrar num grande templo que estivesse deserto, perdido no infinito do continente, á espera do anthiste que traz nos labios a palavra da vida, o annuncio da éra nova, a promessa do Deus intangivel, que vem assombrando, enchendo de mysterios, de alegrias ineffaveis a alma virgem do barbaro deslumbrado. E entrais nesse templo com o poeta, tremendo de sorprezas, arrebatado de emoções estranhas... Ah! esse templo é o mais vasto que já construiu artista na terra; é o mais esplendoroso, é o mais admiravel, o mais cheio de maravilhas que se conheceu até aqui: Nelle se reuniram as magnificencias de Salomão, as sumptuosidades do templo pagão de Diana, a grandeza de S. Pedro, de Roma, a magestade de S. Paulo, de Londres. Nesse templo, aos esplendores da plastica suprema, não faltam harmonias mais edificantes que as da Palestina, nem eloquencias mais victoriosas que as de Massillon: esse templo, esse templo incomparavel é a incomparavel natureza americana!

Pelas proporções do theatro póde-se imaginar a grandeza da representação. O poeta nos pôe logo em presença de um altar dominado de alta cruz tosca e cercado de multidão de selvagens. Como é solemne esta abertura de scena!

E, agora, após a invocação á Musa, vem a invocação aos proprios manes do heróe:

> Alma inspirada de Anchieta illustre!
> Espirito do Apostolo das Selvas!
> Sabio e cantor, luzeiro do futuro!
> Tu, que nas solidões do Novo Mundo
> Sobre as alvas areias, borrifadas
> Das escumas do mar, traçaste os versos
> Do poema da virgem, e ensinaste
> Aos povos do deserto a lei sublime
> Que ao reino do Senhor conduz os seres;
> Ensina á minha Musa timorata
> A linguagem celeste que fallavas!

E, como se a coragem da fé precisasse de uma outra coragem que só os grandes artistas conhecem, o poeta não se desapercebe de sua funcção, e clama ainda para o irmão, que descança:

> E tu, ó desditoso, eximio bardo,
> Cujo leito frial buscam debalde
> As abelhas das verdes espessuras
> Para o seu mel depôr, como as do Hymetto
> Do divino Platão sobre o urdimento...
> E cada novo estio o mar procuram
> E zumbem sobre as agoas mugidoras
> Que furtaram teu corpo ao patrio sólo!
> Grande Gonçalves Dias! Desses páramos
> Onde viver sonhava, e vive agora
> Tua alma gloriosa, envia oh mestre,
> Envia-me o segredo da harmonia
> Que levaste comtigo!... Assim, apenas,
> Meu santo empenho vencerei contente.

E em seguida:

> Reina fundo silencio. Passo a passo
> O homem do Evangelho se encaminha
> Para o meio das gentes reunidas...

Começa, então, a cerimonia. O apostolo se ergue no meio da tribu alvoroçada. A sua figura impõe-se, e um grande recolhimento indica que aquellas almas rudes presentem coisas invisiveis e esperam prodigios nunca vistos. Por toda a parte onde o autor conduz o thaumaturgo vereis como as opulencias da floresta dão realce ás grandes scenas que se vão succe-

dendo. Dirieis a Musa antiga do Oriente aqui exilada, e consolando-se do seu exilio com o pensamento de que ha um grande Deus a amparal-a sempre.

O luar, os crepusculos, as manhãs, dir-se-ia que tem para Varella alguma coisa de terra santa no novo esplendor mystico em que tudo lhe vai surgindo em torno. E é assim, que o canto de Anchieta é a expressão mais pura da alma christã renascida nas magnificencias da America.

E, depois que acompanhastes o poeta através das florestas, das montanhas, das payzagens do Novo Mundo, como ao cabo de uma longa peregrinação, chegais á ultima pagina transido de commoção, como se entrasseis na propria camara mortuaria do heróe. E, ahi, o poema termina com uma solemnidade de Agonia.

O cantor como que aspira exhalar a vida com o seu heróe.

> Volve a teu negro exilio de amarguras,
> Oh! desgraçada Musa! A's turvas ondas
> Do temeroso mar, onde rebramam
> As furias das procellas populares!
> Entrega o pobre esquife, onde guardaste
> Teus mais formosos e adorados sonhos!...
> Adeus! Nossa missão está completa!

Adeus! nossa missão está completa! Grito amargo e commovente da Musa exilada, que anceia, como um precito, pelas consolações da patria distante!

Lêde, emfim, na ultima phase de sua vida de agonias e de lagrymas, esse dolorosissimo *Diario de Lazaro*, apavorante e terrivel como uma pagina dantesca!

A certos momentos, naquellas tremendas vicissitudes, a alma antiga, enthusiasta e forte lhe desperta no meio dos quebrantos, e o misero exalça-se para as alturas. Do alto da Paranápiacaba ainda tem fibras para cantar:

> Meu coração dilata se. Minha alma
> E' toda inspiração, júbilo, enlevo,
> Amor, enthusiasmo!

E, mais tarde, junto á mulher amada, sente todas as delicias da vida, e canta o amor:

> ... Só a morte agora
> Póde a teia rasgar dos nossos sonhos!

Mas, ai! bem sabia o desditoso bardo que a morte lhe andava á espreita, e tanto que é um presentimento este gemido:

> Meu Deus! Senhor meu Deus! eu tenho medo
> Desta dita ineffavel que derramas
> Sobre a minha existencia em almos dias.

E alguns versos adiante:

> Meu Deus! meu Deus! que dores me reservas!

Ah! misera creatura! cujo exilio é o mais pavoroso que na terra já se impoz a uma alma! Aquelle coração teve de morrer em vida para amor que o fazia viver. Seu espirito teve que se evolar para a unica morada que lhe era digna.

Esse poeta, cujo coração foi um perpetuo 2 de Novembro da melancolia e da saudade, e cuja alma foi um crepusculo perenne de todos os soffrimentos humanos, teve um dia, para a sua consagração, o *placet* da alma feminina.

Ainda bem, porque essa sagração é o mais bello, o mais commovente, o mais santo de todos os protestos contra a sentença de morte lavrado á poesia por corações egoistas ou almas infecundas. Morta a poesia! morto esse hymno ou esse poema, do qual a mulher é a primeira nota ou a primeira estrophe: — ou seja a donzella illuminando com a aurora da bondade choupanas e palacios, ou seja esse ente quasi mysterioso e divino que recebe de nós o primeiro choro e nos absolve com a derradeira benção!

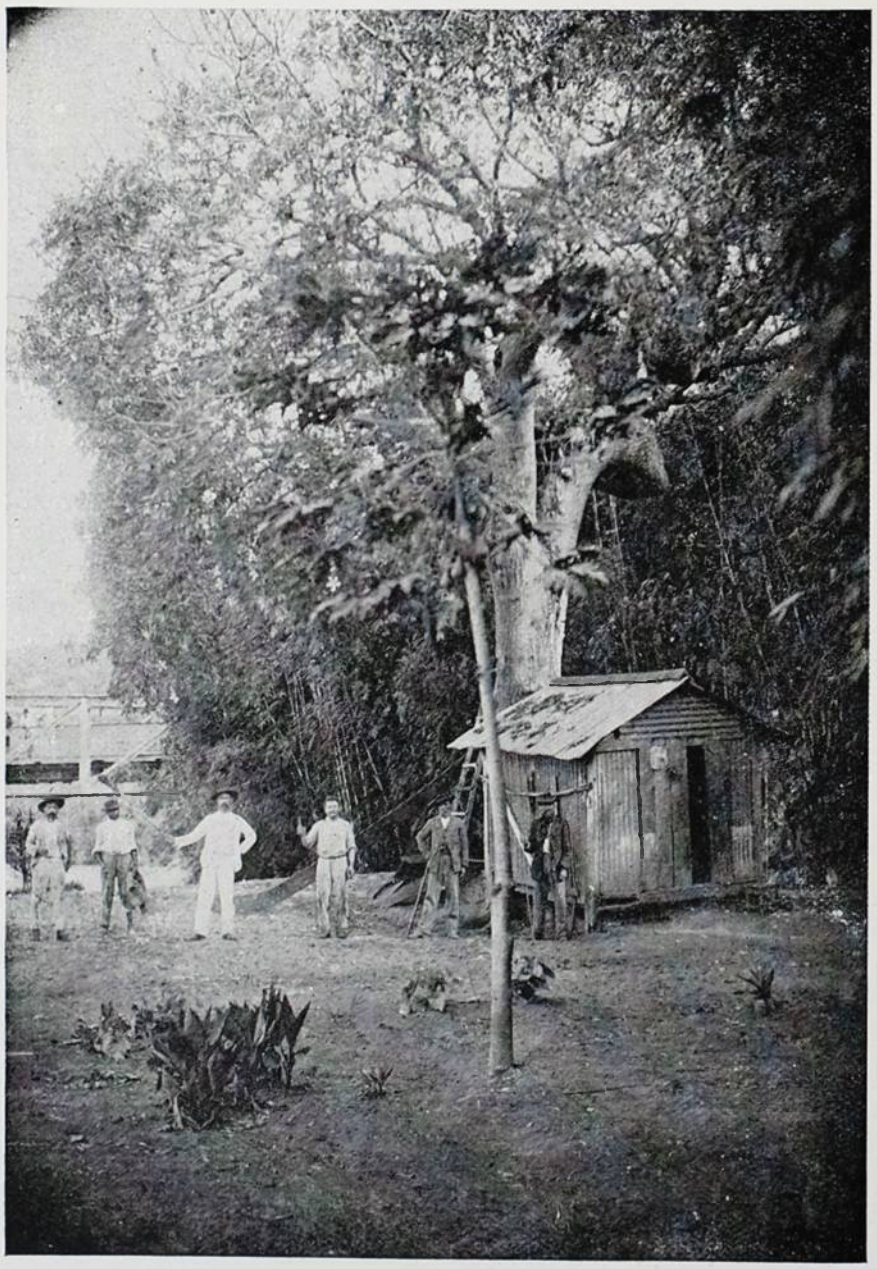
Não! não morrerá a poesia emquanto houver o amor e o soffrimento, que são as duas grandes eternidades sobre o mundo, emquanto houver uma lagryma e um riso, um berço e um tumulo; emquanto houver estrellas nos céos e flores na terra! Não! não morrerá a poesia num continente como o americano, que é um palpitante viveiro de cantores; não morrerá a poesia numa raça que ainda no seculo passado fallou a toda a eternidade dos tempos pela bocca de ouro de Victor Hugo; não morrerá a poesia numa patria que, tendo no Amazonas a lyra rugidora e catapultuosa de suas grandezas, é, ao mesmo tempo, Lethes para todas as lagrymas, céo para todos os sonhos e pallio para todas as almas!...

LEONCIO CORREIA.

A Ponte de S. José do Rio Pardo

FOI construida em 1897 na cidade de S. José do Rio Pardo; e desabou toda dezenove dias depois de inaugurada. Para reconstruil-a foi nomeado o então engenheiro de 1.ª classe das Obras Publicas de S. Paulo, Euclydes da Cunha. A reconstrucção exigia os seguintes e principaes trabalhos: desarticulação de todas as peças da ponte, cortando-se, a frio, mais de 8000 rebites; remoção para a margem esquerda; estudo de todo o material, classificando-se as peças intactas, excluindo-se as inutilisadas, separando-se as que poderiam ser concertadas. Restaurada a superstructura, proceder-se-ia á armação em terra, de toda a ponte. Como o desastre proviera essencialmente das más fundações do primitivo local, que determinara o desabamento de um dos pilares — houve que escolher-se outro, erigindo-se nelle, sessenta metros a montante do primitivo, novos pilares e encontros, sobre os quaes se acha hoje a ponte inteiramente renovada.

Este serviço durou tres annos e meio, reinaugurando-se aquella construcção em Maio de 1900 — e foi de principio a fim dirigido pelo precitado engenheiro. Nos Relatorios da Secretaria de Agricultura encontram-se interessantes informações technicas acerca de um trabalho onde se reuniram muitos problemas de engenharia. Infelizmente não podemos resumil-os em poucas linhas — satisfazendo-nos com o dar, mercê das photographias expressivas que reproduzimos, uma idéa bem clara da sua importancia, a partir da propria enormidade da catastrophe que os determinou. O facto é que aquella ponte — um primor da industria allemã — longa de 100 metros — foi toda reparada em terra, com os mais imperfeitos apparelhos, e lá se acha, vai para oito annos, restaurada, integra e segura. Num de seus arcos, uma placa de bronze eternisa a gratidão da cidade de S. José ao engenheiro reconstructor.



RANCHINHO DE ZINCO ONDE O DR. EUCLYDES DA CUNHA DIRIGINDO A CONSTRUCÇÃO DA GRANDE PONTE, ESCREVEU GRANDE PARTE D'OS SERTÕES

Ha, desta gratidão, porém, um attestado muito mais expressivo e mais modesto. Quem chega, hoje, á bellissima ponte, nota ao lado do aterro, á sombra de magestosa paineira, um vulgarissimo casebre de taboas, coberto de zinco, e não comprehende, a par de tão correcto trabalho de engenharia, habitação, tão primitiva e desgraciosa. Sobe-lhe de ponto a surpreza ao saber que ella é, carinhosamente, conservada pela camara de S. José.

E' o antigo escriptorio do engenheiro Euclydes da Cunha. Ali, num recinto estreito de pouco mais de 4 metros quadrados, elle atravessou todo o longo periodo dos trabalhos.

Ora, a photographia que hoje imprimimos, e nos foi gentilmente remettida de S. José do Rio Pardo, tem um titulo, que explica bem aquella veneração, ou aquelle carinho de uma cidade por um casebre. Diz:

Ranchinho de zinco, á beira do Rio Pardo, onde o Dr. Euclydes da Cunha, escreveu a maior parte d'*Os Sertões*.

De facto ali se escreveu aquelle livro, nos intervallos de folga da vida agitada do engenheiro, no tumulto das ordens de serviço, no estrepito dos malhos e das marretas e no vozear de cento e tantos trabalhadores.

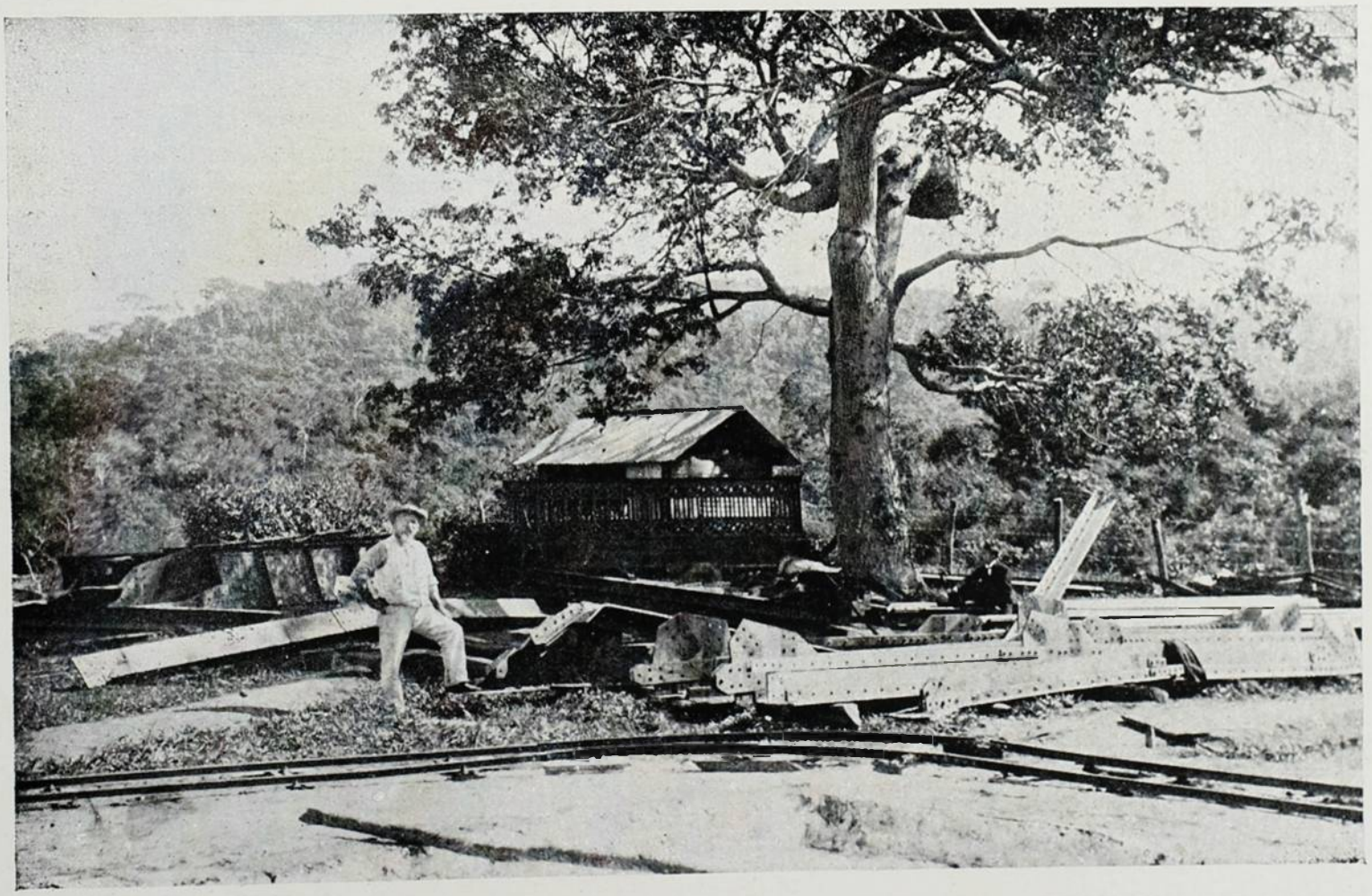
A' entrada da minuscula vivenda, escrevia-se, sinistramente, á zarcão:

What shall do a man, but to merry...

(Que ha de fazer um homem senão rir-se...) retratando esta desolada interrogativa de Hamleto, os desapontamentos do engenheiro a quem se removera para uma cidade do interior a braços com semelhante tarefa. Mas em contraposição com o distico adoptado surgiram, ao mesmo tempo, o severo trabalho de engenharia, e a tragedia-dos Sertões.

Y.

ASPECTO DA PONTE, DEPOIS DA CATASTROPHE



PEÇAS DESMONTADAS DA GRANDE PONTE DE S. JOSÉ DO RIO PARDO, SOBRE UMA DELLAS VÊNDO-SE, SENTADO, O DR. EUCLYDES DA CUNHA

A ESCOLA MILITAR

RUIO de todo, inteiramente desfeito, destelhado, coberta a coberta, demolido, parede a parede, soterrando a tradicção e acordando a saudade que dir-se-ia se evolar, pulverulenta e fina, na caligem elevada á queda de cada cimalha abatida, o velho, o extenso, o veneravel edificio que, ha meio seculo, murava toda uma area da primitividade historica da cidade, no extremo tranquillo e afastado de um bairro, entre a Urca e a Babylonia, junto á salsugem o ao espoucar continuo e plangente do mar.

Quem, sob aquellas altas, monasticas arcadas interiores, como as de um claustro, diariamente passou, pisando as lages largas, a caminho das aulas, do rancho, do lavatorio geral ou dos banheiros, vestindo a *tunica* de canhões azues com pequenos castellos symbolicos na gola e á cabeça o kepi de alumno; quem, através dos gradis d'aquellas largas janellas quadrangulares, muita vez, entristecido e saudoso, contemplou a vida attrahente do arrabalde que, lhe ficava fronteiro, á distancia, e o movimento dos tramways que lá se succediam, lembraria, de certo, vendo aos poucos cahir desmantelado o vetusto edificio, um velho marechal de antiga vida alegre e ruidosa que agonisava agora, levando para o olvido e para a paz eterna todo o alarido alacre de uma época, todo um romance doirado e glorioso de cincoenta annos.

Cada trecho desmoronado abatia em lápide, cobrindo uma recordação e quando a poeira espêssa, rarefeita pela aragem, abria, como um velario que se descerrasse, o rasgão feito na murada larga e fórte era uma chaga ampla sangrando a saudade...

No rumor surdo da demolição, ao bater do aço impiedoso das ferramentas, fallavam vozes mortas do passado pela bocca rememorativa da Tradicção, citando nomes, narrando factos, lembrando incidentes e ao ouvido attento e aos olhos immoveis da memoria os nomes cantavam e os vultos se esbatiam, já os dos mestres, já os dos condiscipulos das gerações que ali viveram, das gerações que ali passaram e que d'ali se foram... Por vezes a bocca sorria quando ao nome citado se unia um pittoresco anedoctico da existencia academica e, outras vezes, se confrangia em um rictus de dôr, velada em um crépe de magua, quando lembrava o nome de quem já se partira, pela sombria brecha estreita de um tumulo, para caminhos mais largos e para paragens mais tranquillas.

Desde Polydodo até Costallat e Travassos, os commandos passavam — aqui Severiano da Fonseca, ali Cantuaria e José Clarindo, Luz, Girard, Teixeira Junior...

Depois eram os lentes, desde os dos *prepas* aos dos cursos superiores e eram o Felisberto, o Lino de Andrade, o Malheiros, o Moreira Pinto, o Rabello, o Uflaker, o Licinio Cardoso, Benjamin Constant, Carneiro da Cunha, Amarante, Tromposwki, Alvaro Machado, Pego Junior, Serzedello e tantos e tantos... E, dentre elles, um se avolumava maior, crescia mais alto na tradicção: era o Mamouth, como o humor academico o appellidara — figura sympathicamente inapagavel, emmoldurada na memoria de quasi todas as gerações que ali cursaram.

O seu vulto se debuxava, em gouache tenue, na nuvem densa da caligem que o desmoronar de um velho muro erguia, com as suas curtas calças caricatas, com o frack justo e igualmente curto, com a sua phonia de flageolet, a phisionomia austera e a sua phrase penetrantemente ironica, finamente caustica, reunindo a satyra ao saber e á modestia, tornando gemeos o atticismo e o merito.

Ah! o Mamouth! Essa antonomasia, afinal inoffensiva, é bem um pequeno trecho risonho d'aquella trefega mocidade de todos nós...

Ex-alumnos de hoje que o acerado estylete da sua ironia em fina esgrima mordaz por vezes innumeras ferio, esses mesmos, guardam-o ainda, grata e amigamente, na recordação com a estimativa com que se conserva uma lembrança presada. E se a casualidade os reune e na palestre travada a reminiscencia escolar scintilla e faúlha, o seu nome e o seu vulto em pouco surgem enquadrados nas citações e assim como o ouvido infantil attende embalado ao preludio das narrativas ingenuas das *bás* e das avós velhinhas:—era uma vez um rei... assim elles se absorvem e risonhos ouvem quando um dos presentes narra e recorda: — uma vez o Mamouth...

Leonidio Galvão — esse nome nos fica na vida como uma marca de pagina no livro ingenuo e d'ouro da nossa primeira mocidade...

Em seguida vinham os instructores: Tamborim que a morte, ha muito, levou, fornido, obeso quasi, com o monoculo quadrado cravado eterno na orbita; Valladares, Marinho, Travassos, Servilio, Digno Freire e outros e outros e, logo, os da *tige* e da esgrima, desde o velho Mathieu e o velho Gama até Servilio Gonçalves com o olhar fito e allucinado e o golpe brusco e imprevisto e Luiz Furtado, o *d—y—*, mestre agil da destreza das ultimas gerações escolares.

Após, os funccionarios da administração: á frente o velho Pinto, especie de Sybilla academica por ser o autor dos pequenos e pavo-

rosos papeis que seriam tirados á sorte nas urnas negras e designativos dos *pontos* para os exames; o velho Zé Luiz, o patriarcha dos bedéis, integralisando a tradicção como se fôra, elle proprio, a tradicção; e o Borja, o espectro terrivel e muitissimas vezes bondoso, das *chamadas* nas aulas.

Tanta gente!... Tanto tempo!...

E desfilavam, em cortejo, os quadros, as scenas todas bulhentas da pilheria academica que a inventiva da escola creou e manteve através das decadas: os *trotes*, os impiedosos e gargalhantes *trotes* das epocas de matriculas; a *barca da habilitação*, o supplicio dos recem-matriculados, em Junho; os *carnavaes* ruidosos, rubros e terriveis, os selvagens e celebrisados *carnavaes* em que a escola era vista de Botafogo como um incendio fantastico e invencivel, emquanto, ao clarão vermelho dos archotes e dos fachos, os gritos em falsete, soltos por centenas de veteranos hybridamente mascarados, estrugiam nos alojamentos, nos corredores e no campo, ao tempo em que os clarins e cornetas vibravam forte e as caixas de guerra batiam, sem cessar, o alarme! O *carnaval* escolar, esse pesadêlo do calouro, esse terror do *bicho!*

E desfilavam, tambem, as diversões: o *gallo*, jogado a botões de fardas; a *petéca*, prima-irmã do *lawn-tennis* e do *foot-ball*, batida valentemente a pés que inchavam no esforço das pancadas e dos impulsos; o *pas-de-geant*, o grande circulo humano giratorio no campo interno da escola e os exercicios da *capoeira*, da *savata*, do *jiu-jitsu*, da *lucta romana*; as excursões, pelas *férias*, ao Pão de Assucar; os convescotes no barracão da Urca com as gallinhas e os cabritos roubados á noite e pela madrugada; as récitas da Dramatica Escolar em que as *ingenuas* e *soubrettes* dos dramas e das comedias se distinguiam pela grossura das cinturas e pelas vozes masculinas; os *caroços*, os afamados *caroços*, denominação dada pela tradicção aos *choros* em que cavalheiros e damas eram unicamente alumnos; as sessões de anniversario litterarias da Amor e Trabalho, cuja magnifica bibliotheca não se sabe ao certo que destino teve; as grandes festividades com baile da collação de gráo aos doutorandos; as ceias, as inesqueciveis ceias no *bodegão* e, finalmente, todos os dias, os *bonds*, os tradiccionaes *bonds* da escola que nada mais eram que os grupos formados para a palestra e em que a *trepação* dominava, a *trepação* mordaz que nada esquecia, que cousa alguma poupava. A *trepação* era uma verdadeira instituição na escola e não foram poucos os que ali se popularisaram como bons *trepadores*.

Desfilavam, ainda, os vocabulos academicos, todo um diccionario de gyria, todo um Larousse de argot, todo um idioma de creação da Escola Militar, desde o já hoje sanccionado *Bilontra*, incluido por Moraes, com fóros de vocabulo em uso, em seu repositorio portuguez, até o *coió*, o *estupefacciente*, o *circumscisflautico* e outros.

. . . . . .

. . . . . .

Havia ainda um resto de muralha resistindo tenaz ao ataque diario e persistente das turmas demolidoras; a lucta não cessava, desde o primeiro sol das 6 horas ás sombras cerradas da noite alta e mesmo, então, eram vistas ainda, á luz tremulante e exposta de candeias portateis, as silhuetas dos operarios cavalgando a lombada esboroada d'aquelle ultimo refugio invencivel, a continuarem o ataque raivoso da destruição final.

Tornou-se necessaria a colera esfaceladora da dynamite e quando o nuvedo compacto e negro, erguido pela explosão, se desfez, o que fôra solido, unido, firmado inabalavelmente, ao proprio peso, no terreno largo e campal, de montanha a montanha e junto ao espoucar continuo e plangente das aguas, era agora, apenas uma reminiscencia, uma recordação fugitiva do passado...

LIMA CAMPOS.

EMBOABAS

III

DESTERRADO Manoel Nunes Vianna para as suas fazendas do alto sertão, investido por procuração de d. Izabel Maria Guedes de Britto de plenos poderes sobre as suas terras, 160 leguas ás margens do S. Francisco, possuidor de enormes cabedaes nas Minas que administravam prepostos seus, parentes e apaniguados, cercado de escravos e indios a seu serviço, a sua influencia era ainda enorme, fazendo-se sentir entre os seus antigos commandados não deslembrados dos tempos em que eram senhores e dominadores do territorio riquissimo, conquistado ao selvicola pelos paulistas e a estes, após um periodo de lutas encarniçadas, pelos novos occupantes emboabas.

Em torno de Manoel Nunes Vianna se congregavam todos os reinóes que lhe eram gratos porque á sua firmeza fora devida a relativa tranquillidade de que gosavam, senhores agora de viver e prosperar nas Minas, vencido e humilhado o elemento paulista que se oppuzera á entrada dos emboabas nos territorios por elles desbravados e que continuando a mergulhar no sertão desconhecido descobriam agora as novas e riquissimas lavras de Goyaz e Matto Grosso.

Regiões extensas continuavam ainda sob o dominio e influencia dos paulistas. Mas em outras, importantes centros de povoação, o reinol predominava, inconteste a sua influencia com a occupação dos principaes postos nas Camaras.

E desde que se assenhoreavam assim de uma região, como que em revindicta, tratavam de expellir toda e qualquer influencia que não fosse dos filhos do reino.

Dahi as explosões de nativismo, constantes e sanguinolentas.

Antigos alliados dos reinóes contra os paulistas, os filhos do norte do paiz — *bahianos* — como eram indifferentemente appellidados, concentravam-se cautos e desconfiados sob a chefia dos seus antigos commandantes nas lutas dos emboabas.

E comprehendendo por fim que o portuguez era mais perigoso elemento do que os humilhados paulistas, voltavam-se contra aquelles, procurando principalmente abalar e prestigio dos seus chefes incontestados Paschoal da Silva Guimarães na região da Villa Rica Manoel Nunes Vianna no alto Sertão, e Manoel Rodrigues Soares, primo e socio do segundo em Villa Real do Sabará.

Bem comprehendeu o papel por Manoel Nunes desempenhado em defesa dos interesses da metropole o Marquez de Angeja, vice rey do Brasil. Mas foi elle o unico, tambem.

Em 1715 dirigindo-se á Côrte propunha a nomeação de Manoel Nunes Vianna para Capitão-Mór de um dos Districtos do Rio S. Francisco, e pedia fosse-lhe conferido o Habito de uma das Ordens militares e fôro de fidalguia em retribuição de serviços prestados á Corôa.

O marquez de Angeja era muito considerado pessoalmente pelo Secretario de Estado. E tal consideração merecia que sua correspondencia se fazia directamente com este, sem passar pelo Conselho Ultramarino o que era motivo para muitas queixas e aggravo da corporação incumbida de todos os negocios do Ultramar.

Grande fidalgo, politico de mais largo descortino do que os seus antecessores, foram innumeras as vezes que se achou em conflicto com o Conselho Ultramarino com cujas opiniões raras vezes concordava, governando conforme lhe aprazia, desrespeitando mesmo as leis estabelecidas e os regimentos dos governadores.

E mercê de sua influencia e apezar das queixas do Conselho, jamais a Coroa tomou qualquer providencia contra a Marquez.

Em 2 de Março de 1816 tendo de dizer sobre a proposta de Angeja com referencia a Vianna, opinava o Conselho Ultramarino:

« Pareceu ao Conselho que Vianna foi culpado nos motins e alterações que houve nas Minas, como cabeça principal delles e supposto no principio teve algum fundamento para entrar nellas e nisso se possa considerar algum serviço, comtudo não deixou no progresso de fazer alguns excessos de que foi arguido neste Conselho e por essa causa foi necessario mandal-o retirar das Minas e aproveitar-se elle do perdão que Vossa Magestade concedeu aos cumplices das taes alterações e que nestes termos que servirá de escandalo que dos delictos que commetteu não só consiga o perdão mas mercês tão relevantes como são o fôro de fidalgo e Habito de Christo quanto mais constando neste Conselho se acha culpado em outros crimes de que não consta estar livre ».

Vianna, no sertão, poderosissimo e temido, era uma especie de senhor feudal, de alta justiça. Alem do extremado affecto que lhe votavam os patricios que a elle recorriam constantemente, encontrando-o sempre benevolo ás suas necessidades, gosava da sympathia ardorosa do elemento clerical, valiosissima como em todos os tempos. Já se viu o papel repre-

sentado pelo celebre frade trino Fr. Francisco de Menezes, salvando-lhe o prestigio mais de uma vez no mais forte das lutas com os paulistas. Elles o defendiam perante os governadores, perante o Vice-Rei e mesmo na Corte de Lisboa. E' que prohibida sob severas penas o ingresso dos frades em territorio das Minas, e tentados apezar de tudo, somente pelas terras de Manoel Nunes Vianna, onde eram acolhidos com affecto, podiam burlar a vigilancia dos guardas e impunemente penetrar no territorio que lhes era defeso.

Em 26 de Outubro de 1715 o governador das Minas d. Braz Balthazar da Silveira que succedera a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, recebeu uma carta de Sebastião Pereira de Aguilar, Mestre de Campo de um Terço Auxiliar do Districto, bahiano e dos que tendo estado com Vianna no principio do seu governo o haviam abandonado desgostosos por verem os principaes postos do exercito confiados unicamente aos reinóes; servia a carta de apresentação de um certo padre portador de graves novas do que se passava no Rio das Velhas.

A noticia era de uma conspiração urdida por Manoel Nunes Vianna e seu primo Manoel Rodrigues Soares com o fim de depor as principaes autoridades da comarca. Vianna estava nos curraes da Bahia, mas os seus amigos andavam alerta, de modo que ao mesmo tempo quasi, o governador recebeu denuncias do Ouvidor da comarca Luiz Botelho de Queiroz, contra Luiz do Couto morador no Caethé e José de Seixas Borges, no seu entender organisadores do movimento. O Ouvidor era amicissimo de Vianna e Soares e encarniçado adversario de Couto e principalmente de Borges por ter este quando servira de Procurador da Coroa denunciado Soares como descaminhador de varias arrobas de ouro, fraudando o Fisco Regio, insinuando a cumplicidade da autoridade da comarca.

Embaraçado ante duas tão differentes versões, D. Braz resolveu enviar ao local o Tenente-General Felix de Azevedo. (*)

Na noite do dia em que partira no desempenho de sua commissão o official, chegaram a villa e pediram audiencia ao Governador, Luiz do Couto e Seixas Borges, offerecendo-lhe suas forças para reppellir a gente que Vianna e Soares congregavam para invadir a comarca.

Agradeceu a offerta D. Braz, despedindo-os affavelmente.

(*) Consulta do Conselho Ultramarino de 8 de Dezembro de 1716. (Bib. Nac.)

Voltando o official commissionado para estudar os acontecimentos *in-loco* trouxe a noticia de que os parciaes de Vianna e Soares de um lado e de Couto e Seixas Borges do outro estavam em armas para resistirem a possiveis violencias, accusando-se mutuamente da tentativa subversiva.

O Ouvidor Luiz Botelho de Queiroz em carta escripta a 10 de Dezembro do mesmo anno de 1715 accusa vehementemente como autores das perturbações ao Religioso mercenario Frei Iodoco de Seixas, seu irmão José de Seixas Borges, Luiz do Couto e José Corrêa Borges e Cêa.

D. Braz Balthazar da Silveira, espirito eminentemente conciliador coagiu em vista do inquerito feito Luiz do Couto e Borges a sahirem da comarca, julgando assim terminado o incidente. Isso porém não convinha ao Ouvidor que desejava o completo exterminio dos seus inimigos. Pelo que organizou um summario de testemunhas todas desfavoraveis aos dous bahianos. Ainda quiz D. Braz intervir para salvar os dous accusados. Mas a absoluta independencia dos magistrados naquella epocha mallogrou seus esforços. O Ouvidor officiou á Corte e reteve os dous adversarios de Vianna em prisão.

Por essa mesma época e em carta que capeava todos os documentos relativos a essa projectada sublevação, o Marquez de Angeja insistia com a Corte para recompensar Manoel Nunes Vianna, dizendo:

..... «tendo varias conferencias com elle sobre as Minas e socego dellas e do Rio S. Francisco em tudo o achara muito capaz e de se attender á sua conservação e que mostrara a experiencia que com a sua ausencia se experimentara logo a falta que fazia naquelle Districto e que lhe encarregara a guerra contra o gentio barbaro que tinha infestado aquelles contornos, e destruido muitos sitios de gados *para o que o nomeara por Mestre de Campo da dita guerra.*

..... e que com elle tambem conferira muitas vezes os meios de se cobrarem exactamente os Quintos e que muitos apontára pondo a todos grandes difficuldades que a todo o arbitrio havia de preferir sempre o pôr Vossa Magestade aquellas terras obedientes ás suas reaes ordens e se respeitassem a seus Ministros e que emquanto esta obediencia não estivesse firme todo o methodo que se escolhesse havia de ser inconstante ».

Insistia depois para que o Rey o honrasse, recompensando os seus serviços, propondo honras identicas para o famigerado Francisco Gurgel do Amaral facinoroso celebre entre os mais celebres.

O Conselho Ultramarino em consulta de 8 de Dezembro de 1716 disse:

«O terceiro (ponto) é sobre Manoel Nunes Vianna; quanto a elle dizia que não sabia quaes são os seus serviços com que elle requer; porque se não lembrava que respondesse a elle como Fiscal e que porem se lembrava por varias informações que hão de estar no Conselho que he elle um grande Regulo daquelles certões, poderoso para si e para fazer mal e se já estava trocado seria um grande milagre e que em outras occasiões respondera elle que seria muito conveniente tiral-o do Certão, para o Povoado ainda que fosse convidando-o com algum pretexto honesto para ficar desassombrado o Certão e não haver occasião para elle crescer mais e tanto que desse maior cuidado.

(Voto do Procurador da Coroa).

Que já havia conflicto aberto entre o Conselho Ultramarino e o Vice-Rey, prova-o o trecho seguinte:

«..... da carta do Vice-Rey se vê que elle solicita que Vossa Magestade honre e premeie dous homens criminosos o facinorosos e não pode o Conselho deixar de dizer a Vossa Magestade sem ser movido de alguma sombra de espirito contraditorio que seria de grande escandalo para com Deus e para com os homens que depois de Vossa Magestade perdoar muitos e atrozes delictos os haja de honrar e premiar sem haverem feito depois do perdão serviço algum a Vossa Magestade; mas esta contradição aos dictames do Marquez não obstante ser tão natural e evidente lhe desagrada de sorte que o faz romper em injurias tão atrozes contra o Conselho não advertindo que esta mesma impugnação resulta ao mesmo Conselho grande credito e mostra bem o zelo e incorruptibilidade pois se oppõe ás pretenções de dous homens mais ricos e poderosos daquella Conquista».

Não teve despacho essa consulta como a anterior a não tivera. Eram tão contraditorias as opiniões sobre o mesmo individuo manifestadas pelo Vice-Rey do Brasil de um lado e do outro pelo Conselho Ultramarino formado por magistrados altamente conceituados, que o Rey nada deliberou a respeito, dilatando a resolução.

O Marquez não se satisfez porem. Fez com que Vianna tirasse folha corrida e remetteu-a á Corte. Submettida ao parecer do Conselho (*) opinou o Procurador da Coroa: «que elle não se admira de nellas o ver sem culpa porque ninguem se havia de atrever a o culpar em devassas ou querellas e ainda que estivesse com culpa formada naquellas Villas não havião os Escrivães ter valor para falar a folha com culpa por ser homem muito poderoso e costumado a vingar-se como é opinião commum que delle se tem nem por devassas se hão de saber as suas culpas mas por informações secretas.»

Disse o Conselho: «que não póde deixar de se admirar que o Vice-Rey escolhesse dous homens dos mais escandalosos que tem o Brasil (Vianna e Francisco do Amaral) para os proteger com todo o empenho que Vossa Magestade lhes faça mercê por meios extraordinarios faltando-se á observancia do Regimento.»

Se no governo da Bahia tinha Manoel Nunes Vianna um grande amigo na pessoa do Vice-Rey Marquez de Angeja, era pelo contrario muito mal visto pelo governo de Minas.

D. Braz Balthazar da Silveira não o supportava conhecendo e sentindo o effeito de suas machinações. Demais Vianna com assento no sertão tornou-se o verdadeiro senhor das passagens entre as capitanias de Minas e Bahia, pelas suas terras passando todo o gado que descia do norte para o consumo dos mineiros e ainda do peixe salgado das pescarias do S. Francisco muito utilisado pela população pobre da Capitania.

Longe das justiças das Minas, poderoso e temido, Vianna embaraçava quanto podia a acção dos governadores. E sentindo-se mais forte ainda com a protecção do Vice-Rey, tornou-se audacioso chegando a prohibir a engorda do gado que para Minas descia nas pastagens das terras ribeirinhas de S. Francisco. Em suas propriedades reuniam-se os frades que o então Governador D. Pedro de Almeida Portugal, conde de Assumar expulsava em cumprimento ás ordens regias das terras do seu governo.

Com a ordem regia mandando estabelecer as casas de fundição, rebentaram conflictos de que Vianna foi evidentemente o instigador.

D. Pedro de Almeida, irritadissimo com a resistencia que sentia a todas as suas ordens queixou-se ao Rey descrevendo com as mais negras cores a situação das Minas e de Manoel Nunes Vianna dizendo «Regulo, tyranno cruel, matador, ladrão nunca visto, orgulhoso por se lhe não ter dado castigo quando usurpou a jurisdição real, pensava até que tinha feito um grande favor a S. Magestade por lhe devolver o governo de Minas e não se ter declarado independente numa republica absoluta.»

Terminava pedindo a S. Magestade que ordenasse ao governo da Bahia o ajudasse a lançar fora das Minas um tão insolente vassallo.

Succedera ao Marquez de Angeja no governo da Bahia, Vasco Fernandes Cesar de

(*) Consulta do Conselho Ultramarino de 24 de Janeiro de 1718. (Bib. Nac.)

Menezes. Elle por sua vez escrevia para a Côrte «que as crueldades tyranias e violencias continuam e se multiplicam de maneira em Manoel Nunes Vianna que se equivocam umas com outras e supposto receia que de sua diligencia lhe possa resultar algum damno á sua liberdade nem por isso deixará de passar pelos seus arrayaes com a comitiva que baste para a sua defeza e a falta de coacção faz com que este regulo viva á lei da natureza mas fie Vossa Magestade do meu cuidado que não perderei occasião em que consiga os desejos com que me acho de o ver castigado, á proporção dos seus delictos.»

O Conselho Ultramarino em consulta de 31 de Março de 1723 sobre esse assumpto disse: (*) «Pareceu ao Conselho no que respeita a Manoel Nunes Vianna que o mande processar citando por editos e resultando do seu processo ser condemnado á morte e banimento, se ponham editaes publicos para que a pessoa ou pessoas que o matarem ou trouxerem a sua cabeça á presença do Juizo que se lhe dará metade de todos os seus bens que lhe pertencerem por este serviço, por ser este o meio de afastar dos vassallos de V. Magestade um tão máo homem, tão pernicioso e prejudicial á republica»

Conforme promettera em sua carta o Vice-Rey fez sentir a Vianna o peso da justiça pois em carta de 2 de Novembro de 1723 communicava a El-Rey ter remettido preso para Lisboa a Francisco Gurgel do Amaral, e ter conservado preso na Bahia a Manoel Nunes Vianna em quanto mandava abrir inquerito no sertão sobre as suas culpas, tendo-o feito depositar a quantia de 6.000 cruzados que perderia em favor das obras da Ribeira das náus caso se retirasse da cidade antes de 5 mezes.

Na mesma data Manoel Nunes Vianna dirigia á Corte uma representação, demonstrando o seu zelo e fidelidade no serviço regio. Allegava que inimigos seus, creados pela exacção no comprimento dos seus deveres imputavam-lhe culpas levantando-lhe accusações de que requerera justificar-se ao Vice-Rey, dando uma fiança de 20.000 cruzados para não sahir da Bahia emquanto tal se fizesse Pedia a El-Rey em vista dos documentos justificativos que juntava, ordenasse a restituição dos 20.000 cruzados e lhe concedesse licença para ir para sua casa.

O Conselho discutiu longamente essa representação em 1 de Fevereiro de 1725. (*)

O Procurador da Coroa fazendo um historico da vida de Vianna e lembrando accusações contra elle levantadas opina «que Vossa Magestade lhe perdôe os crimes commettidos athé agora sem prejuizo dos interesses das partes offendidas com obrigação de morar na Bahia emquanto Vossa Magestade houver por bem ou no termo daquella cidade e não hir para o Certão salvo por breve e limitado tempo com licença dos governadores a qual não será por mais de 4 mezes e não todos os annos com condição que não fazendo assim não terá vigor o dito perdão e por esse mesmo feito incorrerá na pena de confiscação de todos os seus bens, privado de todos os postos e dignidade que tiver e será tratado como rebelde e por esse modo se conseguirá tiral-o do Certão que é o que sempre se pertendeo, pois é quasi impossivel averigoar judicialmente as suas culpas, para o castigar condignamente»

O Conselho mudara já de opinião a respeito do celebre reinol. Milagres da opulencia talvez, não sendo indifferentes os Conselheiros aos presentes que Vianna distribuia fartamente para ageitar a benevolencia dos poderosos na Corte.

' assim que decide por maioria de votos: «Pareceu ao Conselho que o Vice-Rey obrou bem no expediente que tomou de conceder a Vianna o induito a que podesse vir para a Bahia e que se deve louvar muito que elle mostrasse a sua sugeição em querer assistir naquella Praça onde a Relação conhece das culpas de que era arguido dando bem a entender por este meio a confiança que fazia das acções e innocencia da sua pessoa, e muito mais a sua confidencia; *pois certamente se elle não quizesse buscar este recurso não seria facil o ter-se contra elle coação alguma por ser um dos homens mais opulentos e de maior poder* que vive nos Certões daquelle Estado e mui respeitado nelles pelo grande sequito que tem ajudando-se a sua authoridade do grande numero de escravos e indios de que se compõe a sua casa, circumstancias todas que indicão *ser elle um fiel vassallo, desta Coroa, o que já se comprovou pelo que se vio no que fez nas Minas Geraes pois a elle se deve a quietação a que as reduziu e se apaziguarem as desordens que havia entre Paulistas com os do Reyno*, removendo a repugnancia que estes mostravam em acceitarem as justiças que hoje nellas estão estabelecidas fazendo os Ministros livremente a administração della áquelles Póvos.

Propõe o Conselho que o Vice-Rey lhe restitua a fiança, deixe-o ir para onde quizer e Vossa Magestade o premeie attendendo aos seus serviços quando elle requerer a remuneração delles.»

Apezar desses calorosos elogios o Rei achou mais prudente não seguir o conselho e despachou:

«Como aponta o Procurador da Coroa — 9 de Fevereiro de 1723 — Rey.»

(*) Consultas do Conselho Ultramarino. (Bib. Nac.)

(*) Consultas do Conselho Ultramarino. (Bib. Nac.)

Não descansou porém Manoel Nunes Vianna e movendo os maiores empenhos conseguiu que lhe fossem concedidas as recompensas que por tanto tempo reclamara.

Obteve com effeito «mercê de cem mil réis de tença effectiva em um dos Almoxarifados do Reyno em que couberem, sem prejuizo de terceiro e não houver prohibição com o vencimento na forma da ordem de S. Magestade dos quaes serão de sessenta mil reis para elle Manoel Nunes Vianna, tendo-se com o Habito de Christo que lhe tem mandado lançar e quarenta mil réis para o filho que dentro de um anno nomear dos quaes logrará tambem o titulo de Habito de Christo que lhe mandará lançar e para elle Manoel Nunes Vianna da Alcaidaria Mór da Villa de Maragogi e de propriedade do officio de Escrivão da Ouvidoria do Rio das Velhas...» Em 5 de Abril de 1727.

Por esse tempo já estava Manoel Nunes Vianna—no Reyno, de onde partira jovem e pobre.

Na sua vida accidentada, se colhera desgostos, se decepções soffrera, esse consolo supremo lhe coubera; voltar á sua terra, elle que fora perseguido pelo odio de poderosos inimigos, accusado e detratado e conseguir afinal mercê do prestigio dos seus largos cabedaes as honras por tão longo tempo almejara e sempre vira recusadas. Fim de vida aliás, pouco tendo sobrevivido a essas honrarias que repartiu com os filhos.

Mas como por uma ironia do destino, a esse vencedor dos fidalgos paulistas que lhe desprezavam o sangue plebeu, o ouro que conseguira arrancar da terra mineira vencendo-os em sanguinosos lances bellicosos serviu mais tarde para com elles hombrear, conquistando os foros de que elles se orgulhavam adquiridos no serviço d'El-Rey, devassando os enormes sertões mysteriosos do Brasil central.

1908.

MARIO BEHRING.

ILHA DE PAQUETÁ — RIO DE JANEIRO

Helios Seelinger

Na sua exposição de Janeiro de 1908, realisada no «Museu Commercial».

A ARTE forte, livre, impressionantemente pessoal de Helios Seelinger, de um intuito perscutante e symbolico, variada no seu conjuncto, já fixando pontos de paizagem, logo desenvolta com a fantasia, tem levado muita gente a desencontradas interpretações da sua esthética, uns filiando-o, desastradamente, aos rebuscamentos gozzolianos e orcagnescos dos P. R. B. *(pre raphaelite — brothers)*; outros, e com igual impropriedade, á maneira botticelista do *mythic painter* Burnes Jones, e mais alguns aos delirios fantasistas do germanico Franz Stuck.

Sem duvida que são esses os que ladeam o acerto, porque Franz Stuck foi mestre de Helios e numa edade em que se imita inconscientemente os professores queridos.

Ponha-se tambem na linha de conta a origem germanica de Helios, por ambas correntes consanguineas; e a influencia exercida na sua emotividade artistica por uma geração de habilissimos manejadores de lapis e pinceis, como os Julius Diez, Walther Georgi, Hans Rossmann, Max Bernuth, que, em Munich, espatifaram á força de talento e audacia os canons da grave Plastica Academica.

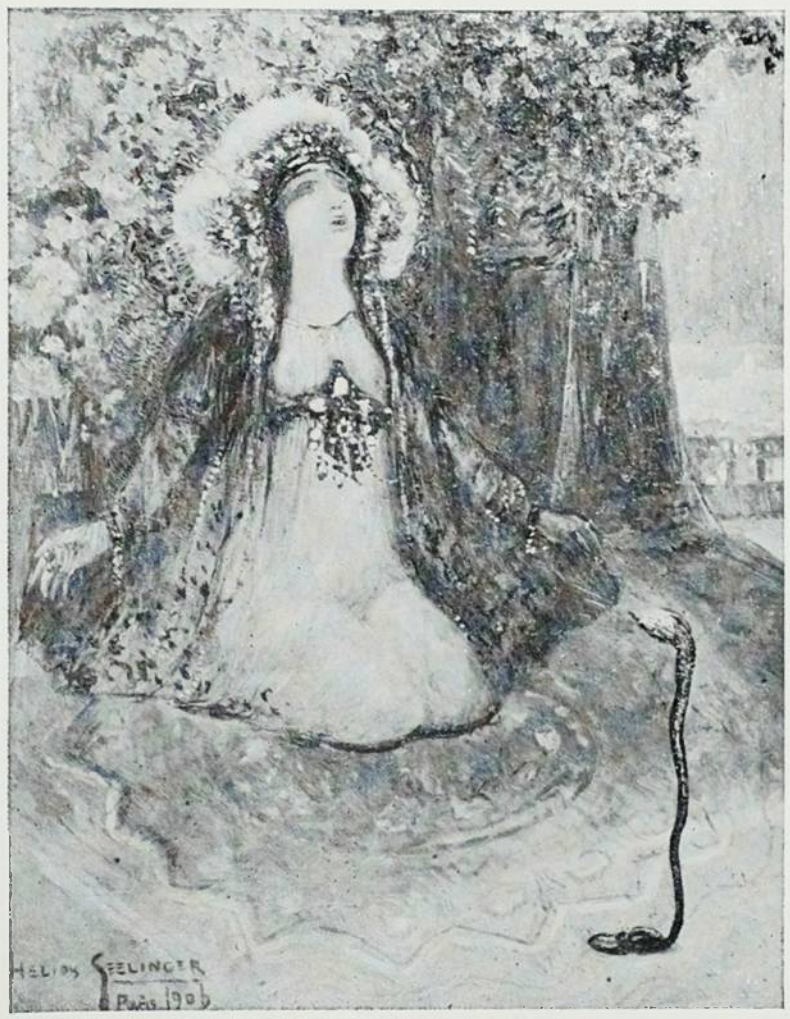
Mas, deixando de lado esta parte commum da critica ensobrecasacada, circumspecta, e doutoral, vejamos que é, de facto, essa obra que nos prende a contemplal-a e nos sacóde os nervos com a sua variedade eccletica de assumptos, e o ruido polychromo de suas côres.

Não é que ella se force nos ambáges d'exotismos pasmadores, que deliciam o *snob* nas bizarrices crêspas do seu guindado gosto a *des Esseintes* postiços, e estupidificam a mais, se é possivel o maximo, os farçantes do amadorismo que se empavesam e se repimpam com o xarel da nobiliarchia.

Não! Ella é sincera dentro da sua manifestação, e se realça pela originalidade do seu modo de ser em improvisos de concepção.

Porque é nessa intensa propriedade sua, de abaladora nota original, que está o chanfro da propria relevancia com que se alteia da superficie corriqueira dos contemporaneos, e, se nada mais tivesse para o seu destaque, bastar-lhe-ia a inconfundivel feição dos assumptos para sal-val-a da vassourada impiedosa do Tempo ao termo de uma geração exgotada.

A' alguns parece que a esthética desse novo artista se funda no vigorismo sadio da vida, que o impelle para a irradiação pagã dos campos onde cabriolam capripedes faunos e impudicas nymphas; mas, notada, em conjucto apurado, a sua obra de hontem e de hoje, ella me dá, a mim, differente comprehensão. Julgo vêl-a sob um amplo véo translucido, como tecido em fios irisados de madreperola, em que tudo tem reverberos estranhos conforme os momentos de claridade ou sombra percebidas em cada motivo isolado.



SALAMMBÔ E A COBRA

Assim, o que se me inculca mais caracteristicamente á visão é a tendencia para o corpo feminino, não na pureza linear da sua estructura bellenica, de que resultou a magestade eterna dos contornos da Venus de Milo; não na harmonia integral, se bem que impassivel, da procurada perfeição do Renascimento, nem mesmo na graça e leveza da embonecada arte do segundo imperio; mas, sim na representação multiplice da *faunesse*, seja em *maillot* de cantarina de café-concerto, seja no desnudamento do seu typo mythologico, na ronda guinchante e aphrodisiaca dos satyros.

A mulher que Helios pinta, e lhe é predilecta como assumpto, não tem a envergadura physica da procreadora, o tronco robusto, de

mammas turgidas, a bacia larga e as pernas musculosas das mulheres rubenescas; parece, antes, a terrivel *loupeuse*, envenenada pelo satanismo da luxuria, que arrancou ao lapis de Félicien Rops a serie magistral da sua obra erotica. E ainda que se lhe não possa applicar o verso de Paul Redonnel:

De son corps précieux fait un nid de péchés,

ella traz a inquietação da grande hysteria ou a immobilidade tragica das mordidas do sadismo.

Vejamos, por isso, as duas *Salammbôs*, "Salammbô e a lua", "Salammbô e a cobra". Deante desses dois quadros, que nos captivam, perguntamos, a nós mesmos, se ali está a extraordinaria virgem chananneana reconstruida pela microcosmica, fecunda imaginação de mestre Flaubert, a pallida e formosa carthagineza, filha do poderoso Hamilcar Barca? E procuramos, com certa afflicção pela tardança mnemonica, recordar as scenas em que a desejada de Narr'Havas e Mâtho, o libyo, se apresente tão perturbadoramente núa sobre coxins sombrios, envolta a virgindade calida do seu régio corpo numa preciosa rêde de largas tramas d'ouro, ou assim, repousada sobre os artelhos, em extase de prece nocturna, lubrica e asiaticamente bella sob o transparente tecido escuro de uma tunica que lhe pende da barbara ourivessaria de sob os seios...

CABARET AO AR LIVRE — PARIZ

Não é, ao certo, a carthagineza revivida pela fantasia estupenda do grande artista da prosa, esta que alí está! Porque Salammbô, quando a serpente, firmada a cauda no solo, se ergue retesada, e seus olhos, mais rutilantes do que escarbunculos, dardejavam sobre a virgem, tinha se desfeito dos seus brincos, do collar, dos bracelêtes, da sua longa samarra branca, e desnovellado os cabellos.

Mas, que importa isso? A Salammbô que Helios nos apresenta, nesses dois pequenos quadros, prende-nos pela singularidade do seu typo, pela *belleza moderna* de suas fórmas, pela lubricidade dessorante do seu corpo. E' uma Salammbô que criamos por associações anachronicas, não se contestará, mas satisfatorias á nossa fantasia morbida de homens do «seu tempo», ás nossas crueis extravagancias de egotismo, porque esse typo se confunde entre uma vaga imagem lendaria de um perdido passado e a figura inquietante, sinistramente suspeita, observada dia a dia no scenario costumeiro da irrequieta, agúda, absorvente e destruidora existencia contemporanea. E para o julgar collocado na sua época remóta, para nos dar a sensação de que é realmente como teria sido, contentámo-nos com o perceber-lhe a bocca escarlate, sangrando num desesperado desejo, e os olhos terrivelmente languorosos, a que o antimonio empresta o tom pisado de segredos ardentes, e a gomma, o musgo, o ébano, e o felpo velludoso das patas mutiladas ás moscas de Mégara, alongam e afilam as sobrancelhas como laminas negras de alfangens minusculos, curvas, em guarda de serralho, sobre a communicação silenciosa dos olhares...

Vejamos outros quadros, outras télas quaesquer em que a *fémina* se esboce levemente, seja uma sombra, um vaporoso esbatimento de sonho, apenas contorno recordativo, silhuêta, diluencia de visualidade, e ainda ahi teremos a carne tremente ao *frisson* da Volupia, que nos arrepia a epiderme pela apprehensão do pustulento peccado de que está saturado o seu sangue, de que está embebida a sua carne e lhe dá esse ar quasi indefinivel de louca e sécia, essa maneira serpentina e rebolante de andar, esse aspecto *faisandé* que provoca o instincto saciado de iguarias fastientas.

Será uma perversão?... Mas a vida é assim. Que a venha salvar a messianica philosophia de uma reforma lustral, e esperemos, a rir e folgar, emquanto os rheumatismos nos não entrevam e as congestões nos não abatem para

a bocarra das cóvas. Riamos, que a grande purificadora ha de vir! Talvez no dia em que soar a trompa fatal no valle de Josaphat...

O que é, porém, extraordinario é que essa natureza lavrada pela febre satyrisiaca da modernidade feminina, a vampirica modernidade

FRISA CARNAVALESCA *(Parte)*

que inventou o *devant droit* e descollou dos hombros o decóte em bórdos de vaso, a cantharidal modernidade que imaginou nas sobsaias a espumarada excitante das rendas em que a sêda das meias e o tom da epiderme se tornam deleitosamente estimulantes,... disia eu: é extraordinario que essa natureza surda intacta do visco epispático do mundanismo provocador e distrúa na sua obra, ou pelo menos dissimule, a licenciosidade que, por modos varios, a nudez hysterisada e velutinesca lhe pudesse acarretar.

E assim é porque essa obra não chega ao impudor. Ha nella um designio tão intenso, que se lhe attende mais ao intuito expressivista do que ás attitudes lascivas das figuras. D'ahi o symbolo que a reveste, e que a ardorosa imaginação do artista, transforma numa fascinante combinação de linhas não vulgares, e de ora vivo, ora escambrado colorido, mixto de natureza e fantasia, harmonisado em longes neutros e em toques luminosos de luz espectral.

Nisso está marcada a sua tendencia decorativa, mas decoração repassada dum pensamento symbolico, que, por vezes, disperta ineditismos chocantes, como o dessa *Victoria Régia*, em lago europêo, de aguas remançosas e com sentinellas extaticas de cyprestes geometricos.

E' extranho! Tambem eu o acho. Mas, dentro desse quadro, que poesia! que sonho! que idealismo! Victoria Régia é simplesmente um motivo para o encurvar de uma folha enorme, batida de luz apotheosica, na qual se corporifica, em intangibilidade de apparição, a fórma languida de uma mulher soberba levada na corrente mansa por genios cupedineos, como ella vagos, quasi delidos...

E ainda mesmo que cingido á realidade, pela força commovedora dum assumpto real, seu temperamento leva-o a exceder-se da vulgaridade. E por prova, temos o grande quadro — *O Fogo*, tão ferozmente vivo no impeto devastador do incendio, que não é mais do que uma representação dolorosa da vida, em que um operario pae, enlouquecido com a noticia, corre ao fóco das chammas de onde um bombeiro, cuja cabeça é uma belleza de força e bravura, arranca o corpo em deliquio de uma rapariguita doente... Ahi está a sua visão artistica. E temol-a assim em tudo que seus pinceis tocam e deixam a imagem.

Conclue-se do exposto, se é que me não transvio da observada verdade, que a natureza só o impressiona e attráe para o necessario estudo da fórma fundamental; o artista tem uma concepção propria e procura no real a transmutação do quanto idealisa. Nesse ponto approxima-se de Tyra Kleen, a singularissima pintora ingleza, que compôz as mais perturbadoras illustrações para o *Filho Prodigo*.

Ha, por tanto, na natureza artistica de Helios uma impulsiva tendencia para a decorativa. E assim deve ser, attendendo-se á sua ardente imaginação, porque não ha especialidade em que se póssa dar maior largueza á fantasia do que esta, sobre todas as applicações da plastica, livre, audaciosa, criadora e deslumbrante arte!

Já desde muito tempo, elle nos deu provas cabaes de sua habilidade decoradora. E não só

FRISA CARNAVALESCA *(Parte)*

no desenvolver e combinar de volutas e vegetaes de puro ornamento, como na difficil e suggestiva composição de assumptos animados, a sua dextra obedece passivamente, e com poder vivificante, o que lhe ferve e tumultúa no cerebro. Aqui temos a *frisa carnavalesca*, que

é bom exemplar, e onde a successão de posturas tem o clownismo das mais exdruxulas cabriolas, uma desenvoltura macabra de contorsões grutescas como numa epelepsia de prazeres.

Em geral nota-se que os decoradores possuem a fibra caricaturista, pela habilidede do exaggero. Essa feição, que é, como eu disse, commum aos fantasistas da fórma, expande-se na arte de Helios Seelinger por innumeros cartões, vinhêtas e paginas de album, que elle enche a lapis e aguarella; mas, como a caracteristica dominante da sua individualidade artistica, está numa intenção subjectiva, que a distingue pelo symbolo, a caricatura que lhe sáe das mãos não se estreita no hilare do deformado, attinge á generalidades sociaes, resume philosophias applicativas de *legendas* que prescindem da phrase escripta.

Repare-se, pois, no *Amae-vos*, nesse typo desgarrado de Christo, ingenuo e admirado, perdido num *boulevard* onde o vicio passeia a ironisar com a esterilidade das fraudes a grandeza benefica da sua ordem sacramental. E' acerba, esta ironia; mas é toda uma verdade colhida na *vie frènetique* das ruas

Como Steilen, como Forain, Helios Seelinger propende para os assumptos da vida contemporanea; a sua maneira, porém, arrasta-o para as composições synthéticas, generalisando as intenções. O seu burguez não é um typo, é uma instituição; a sua rameira não é uma desgraçada, é a desgraça. A visão do artista duplica-se com a visão do philosopho. E onde o facto se isola, com determinado meio, Helios percebe mais, penetra mais fundo, pormenorisa as almas.

O *Tribunal dos Barbaros*, dado em estampa num numero da *Atheneida*, que foi um pedaço da mocidade do Trajano Chacon, em 1903, esse *Tribunal dos Barbaros*, é um romance inteiro num triptyco:

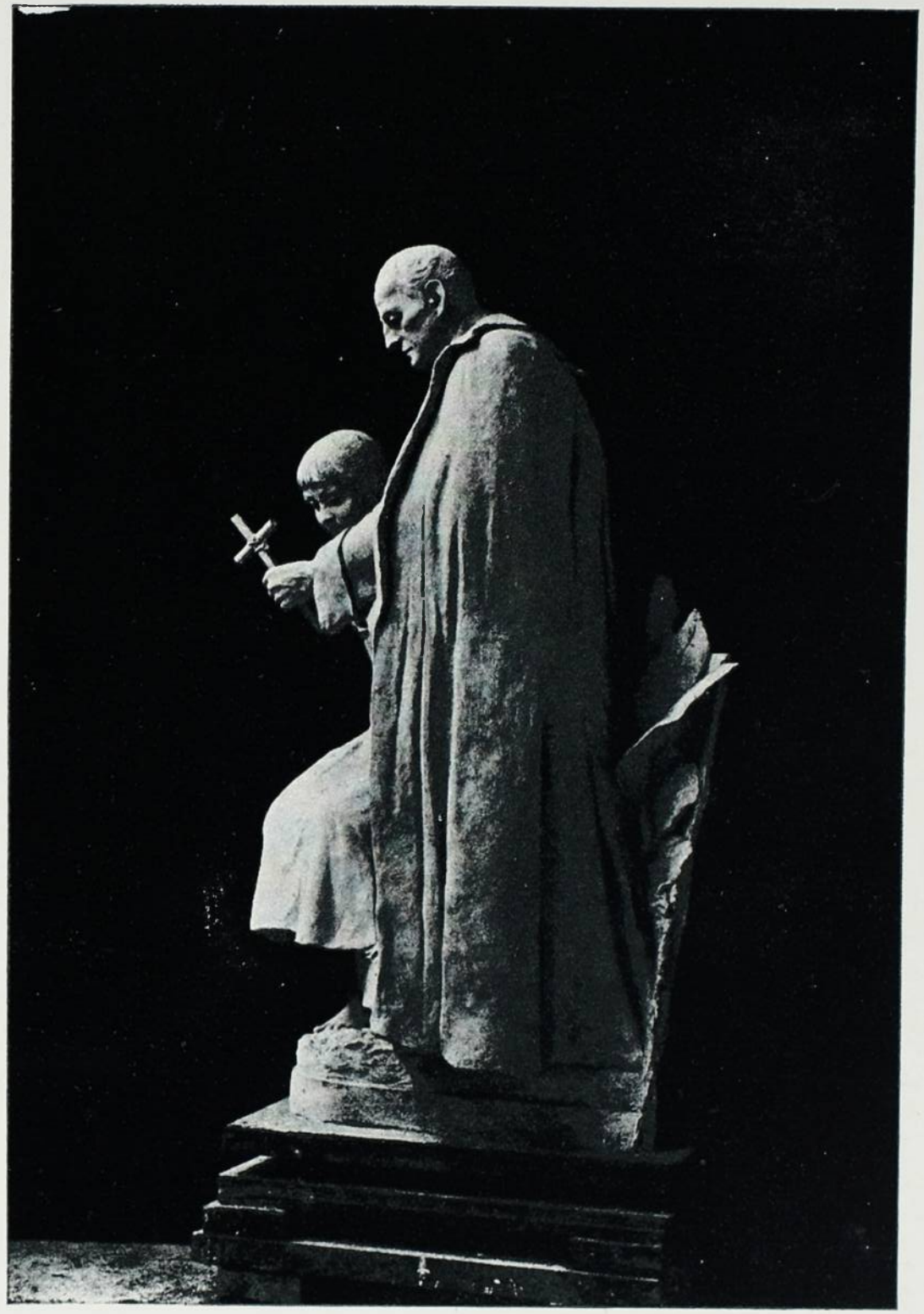
O artista, no trabalho exhaustivo da sua gloria, fica esmagado sob o pulso brutal de um corpo que não tem cabeça, porque não pensa, porque é «todo o mundo».

E esse immenso mundo é o burguez, que se banquetela animalmente, depravadamente, com pesadas mulheraças escalavradas de vicios; a arte serve-lhe de irrisão, elle a prende pelos pulsos, elle lhe dá por throno um caixote vazio, onde manda accender velas de sebo em gargallos de garrafas, e a entrega á bruteza dum boçal assalariado, que a insulta em meio do deboche estupido, donde sáem bebedos a cambalear e para onde entram barregãs cobertas de joias, ostentando sedas, rejuvenescidas a polvilhos, a tinturaria, e lustrosas de graxas perfumadas. Mas a lucta não pára. O artista não descança. Trabalha sempre. A febre o prosta, elle trabalha; a miseria o róe, arruina, e elle trabalha! Encarcera-o, com supplicios, a muralha do desespero. E lucta. Um dia a fome o assassina. Então, na sua mansarda entre o braço de «todo o mundo» a glorifical-o na morte...

E' um artista quem isso faz! E, posto que seja uma pagina de cinco annos passados, ainda do tempo em que o desenhista sabia objectivar a idéa, mas não lhe era dada a firmeza de hoje, ella ficará unida á sua obra mais recommendavel, porque Helios, progrediu nesses quatro annos de trabalho na Europa, mas não perdeu a sua individualidade. O Helios, que tanto fez vibrar os nossos nervos com o seu incontado talento de rapezelho carioca, vindo de Munich, é o mesmo Helios de agora na mocidade de espirito e na perseverança e fé do trabalhador.

Fevereiro de 1908.

GONZAGA DUQUE.



MONUMENTO A FLORIANO PEIXOTO

POR EDUARDO SÁ

As duas gravuras representam um dos grupos desse monumento que ornamentará a sua base. Este, que reproduzimos de face e de perfil, é inspirado no *Evangelho nas Selvas*, do poeta fluminense Fagundes Varella, e acha-se prompto para ser fundido em Paris.

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 10 DO ANNO IV)

CAPITULO IX

Historia evolutiva dos Entomostraca, Cirripedes e Rhizocephala

A SECÇÃO dos Branchiopodes encerra dous grupos differentes até no proprio desenvolvimento — os Phyllopoda e os Cladocera. Os ultimos animalculos, providos de seis pares de patas foliaceas e pertencentes principalmente á agua doce, estão diffundidos sob formas semelhantes por todo o mundo, deixam o ovo com o numero de membros completo. Os Phyllopoda, ao contrario, cujo numero de patas varia entre 10 e 60 pares, e entre os quaes alguns certamente vivem nos lagos de saturadas aguas salobras e de soda, só tendo um genero divergente *(Nebalia)* encontrado no mar (1), soffrem uma metamorphose.

Meczinicokow observou recentemente o desenvolvimento de *Nebalia;* e concluio de suas observações «que *Nebalia*, durante a vida embryonaria, passa pelos estados de Nauplius e Zoea que nos Decapodes occorrem parcialmente (em *Peneus*) no estado livre.» Por isso, diz elle, eu considero *Nebalia* como um Decapode Phyllopodiforme.»

As larvas mais novas (dos Phyllopoda) são Nauplius que nós já encontramos excepcionalmente n'alguns camarões e que, poderemos encontrar reproduzidos aqui, quasi sem excepção. Os segmentos somaticos e as patas que são, ás vezes, tão numerosas, se formam gradativamente de diante para traz, sem a indicação de quaesquer regiões do corpo, intimamente discriminadas, seja pelo tempo do seu apparecimento, seja pela sua forma. Todas as patas são construidas essencialmente do mesmo modo e, se assemelham ás maxillas dos mais elevados crustaceos. (1) Devemos considerar os Phyllopoda como Zoeas que não chegaram á formação de um abdomen ou thorax peculiarmente caracterisado e, em vez destes tem repetidamente reproduzidos os appendices que primeiro seguem os membros de Nauplius.

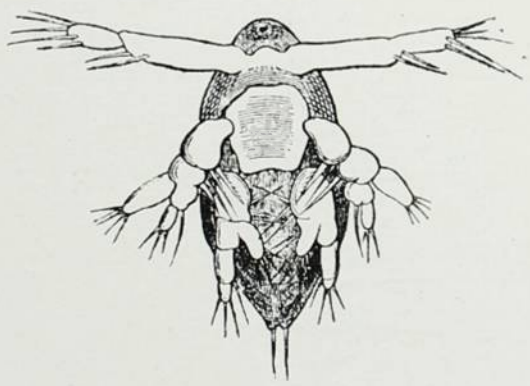


FIGURA 53
Nauplius de Copepode, 90 diametros

(1) Se os Phyllopoda podessem ser considerados como os mais proximos alliados dos Trilobitas, elles forneceriam, com *Lepidosteus* e *Polypterus*, *Lepidosiren* e *Protopterus*, um outro exemplo da preservação, n'agua doce, de formas de ha muito extinctas no mar. A occurrencia das *Artemiae* nas aguas supersalinas, ao mesmo tempo mostraria que ellas não fugiam á destruição por meio da agua doce, mas em consequencia da menor concurrencia que ahi encontravam.

Dos *Copepodes* — alguns dos quaes, vivendo em estado livre, povoam as aguas doces e em muitissimas e variadas formas o oceano, emquanto outras, como parasitas, infestam os animaes das mais diversas classes e, frequentemente, se tornam deformados de um modo admiravel, — a historia evolutiva, como toda a sua historia natural, esteve, até pouco, em um estado não satisfactorio.

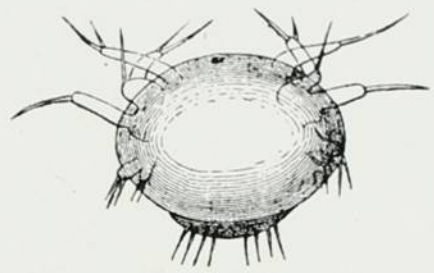


FIGURA 54
Nauplius de Copepode, augmento 180 diametros

E' verdade que, de ha muito nós sabemos que os *Cyclopes* das nossas aguas doces, foram excluidos da forma — Nauplius, e que travamos conhecimento com alguns outros dos seus estados jovens; nós aprendemos, em Nordmann, que a mesma forma primitiva pertencia a muitos crustaceos parasitas que haviam antes passado, quasi universalmente, por vermes; porém, as formas intermediarias de de ligação que, nos teriam permittido referir as regiões do corpo e dos membros da larva ás do animal adulto, estavam ausentes. As comprehensiveis e cuidadosas investigações de Claus preencheram essa lacuna do nosso conhecimento e tornaram a secção dos Copepodes, uma das melhores conhecidas em toda a classe. As seguintes constatações são derivadas dos trabalhos deste habil naturalista. Da abundancia de material valioso que elles contem, eu escolho só aquelles que são indispensaveis para a comprehensão do desenvolvimento dos Crustaceos em geral, porque, no que se refere aos Copepodes especialmente, os factos já foram collocados na devida luz, pela representação dos mais recentes investigadores e devem apparecer, á quemquer que tenha os olhos abertos, como importante evidencia em favor de Darwin. (2)

(1) As maxillas das larvas dos Decapodes são uma especie de pata de Phyllopode.

(2) Ainda não conheço a ultima e maior obra de Claus, mas certamente o mesmo deve ser itdo della

Todas as larvas dos Copepodes investigadas por Claus, tem, no periodo primitivo, tres pares de membros (as futuras antennas e mandibulas); a anterior com uma serie dupla de

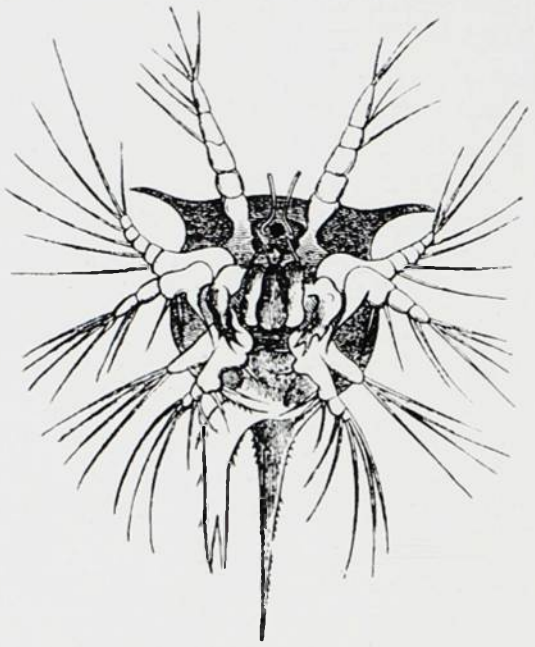


FIGURA 55

Nauplius de *Tetraclita parosa*, primeira muda, 90 diametros
Vê-se o cerebro em torno dos olhos donde se originam os filamentos olfactivos e posteriormente alguns delicados musculos da coifa oral.

juntas ou branchias. Os olhos impares, o labrum e a bocca, já occupam suas posições permanentes. A porção posterior que é commummente curta e destituida de membros, tem duas cerdas terminaes, entre as quaes fica o anus.

A forma embryão Nauplius é extremamente vária – ás vezes lateralmente comprimida, ás vezes chata, ás vezes alongada, ás vezes oval, ás vezes redonda ou mesmo mais larga do que longa e assim por diante. As mudanças que os primeiros estados larvares soffrem durante os processos de crescimento, consistem, essencialmente, em uma extensão do corpo e no brotamento de novos membros. «O estado seguinte já desdobra um quarto par de extremidades, as futuras maxillas.» Seguem-se, então, de uma vez, tres novos pares de membros (os maxillipedes e os dous pares anteriores de patas natatorias). A larva continúa ainda como um Nauplius, visto como os tres pares anteriores de patas, representam patas remadoras; na muda proxima, ella é convertida no mais novo estado *Cyclopiforme*, quando elle se assemelha ao animal adulto, na estructura das antennas e dos orgãos oraes, ainda que o numero de membros e segmentos somaticos seja muito menor, porque só os rudimentos do terceiro e quarto pares de patas natatorias fizeram a sua apparição, sob a forma de tuberculos franjados de cerdas; e o corpo consiste no cephalothorax oval, no segundo, terceiro e quarto segmento thoracico e, n'um longo articulo terminal. Nos *Cyclopidae*, as antennas anteriores perderam o seu ramo secundario e as mandibulas expelliram, completamente, as patas natatorias que existiam antes, emquanto que em outras familias, estes appendices persistem mais ou menos alterados. «Além d'este estado de desenvolvimento livre, não passam muitas formas dos *Copepodes* parasitas, taes como *Lernanthropus* e *Chondracanthus*, pois que ellas não adquirem o terceiro e quarto pares de membros, nem realizam a separação do quinto segmento thoracico do abdomen; outros (*Achtheres*), descem ainda á um gráo inferior pela perda subsequente dos dous pares de patas natatorias. Mas todos os *Copepodes* livres, e a maior parte dos Crustaceos parasitas, passam por uma serie mais ou menos longa de estados de desenvolvimento, em que os membros adquirem um mais alto gráo de divisão em articulos de sequencia continua, os pares de patas posteriores são desenvolvidos e os ullimos segmentos thoracicos e os diversos segmentos abdominaes, são, successivamente, separados da parte terminal commum.» Só há uma cousa mais á indicar, na historia evolutivo dos Crustaceos parasitas – á saber que alguns d'elles, taes como *Achtheres percarum*, deixam, com certeza, o ovo como o resto, n'um estado Naupliiforme, porquanto o gordo corpo oval e astomata, têm dous pares de simples

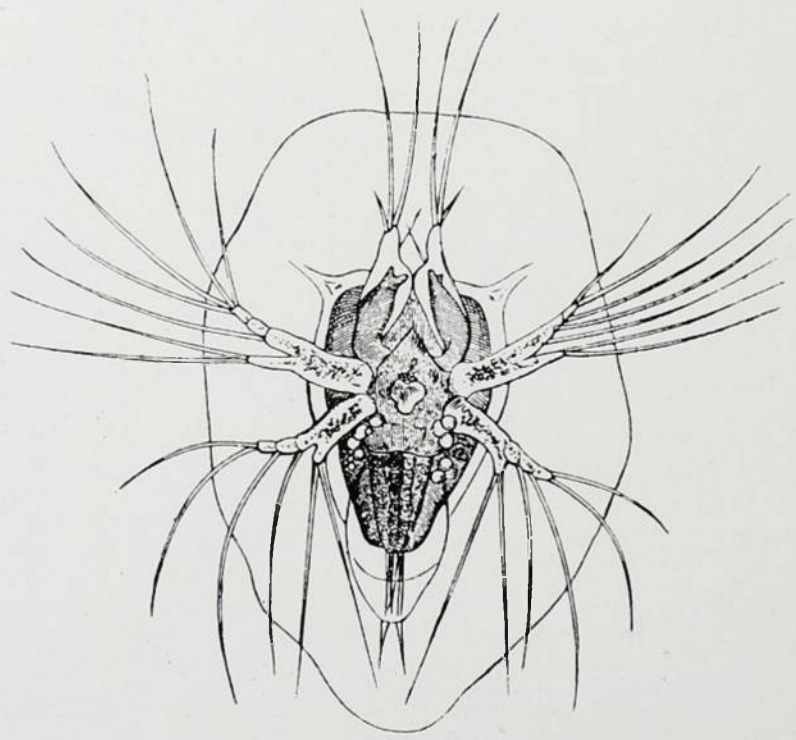


FIGURA 56

Nauplius de *Sacculina purpurea*,
pouco antes da segunda muda, 180 diametros.
No primeiro par de patas estão os futuros membros adherentes, na parte posterior do corpo 6 pares de as patas nadadoras providas de cerdas longas.

patas natatorias e atraz d'estes, como traços do terceiro par, duas dilatações providas de uma longa cerda; mas que, debaixo desta pelle Nau-

pliiforme ha uma larva muito differente, depressa prompta, em poucas horas rompendo o seu grosseiro envolucre e então, apparecendo n'uma forma «que se assemelha, na segmentação do corpo e no desenvolvimento das extremidades, com o primeiro *estado de Cyclops.*» (Claus). Toda a serie do estado de Nauplius porque passou o Copepode livre, é neste caso transposta d'um salto.

Uma secção final e muito peculiar dos crutaceos é formada pelas duas ordens de Cirripedes e Rhizocephalos. (1)

Nestes tambem o embryão nasce na forma de Nauplius e promptamente se despoja da sua pelle larvar primitiva, distincta pela ausencia de peculiaridades dignas de nota. Aqui, tambem, encontramos a mesma forma de pêra no corpo indiviso, o mesmo numero e a mesma estructura das patas, a mesma posição dos olhos medianos (que, comtudo, faltam em *Sacculina purpurea* e, segundo Darwin, em algumas especies de *Lepas*); e a mesma posição da «coifa oral», como nos Nauplius dos lagostins e Copepodes. Dos ultimos são distinctos os Nauplius dos Cirripedes e dos Rhizocephalos, pela posse de um escudo dorsal ou carapaça que, ás vezes *(Sacculina purpurea)* se projecta muito além de todo o contorno do corpo; e são distinctos não sómente dos outros Nauplius mas, tanto quanto eu saiba, de todos os outros Crustaceos, pela circumstancia de que as estructuras por toda a parte combinadas com os dous membros anteriores (antennas), occorrem aqui separadas d'elles.

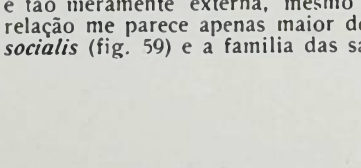


FIGURA 57

Pupa de um Baladideo (Chthalamus?) 50 diam. As patas adherentes estão encolhidas na parte anterior um pouco opaca da valva.

As antennas anteriores dos Copepodes, dos Cladoceros, dos Phyllopodes (Leydig, Claus), Ostracodes (ao menos as Cypridinas), Diastylideos, Edriophthalmos e Podophthalmos, com poucas excepções referentes á animaes terrestres ou parasitas, tem filamentos peculiares que eu já mencionei por diversas vezes, como «filamentos olfactivos.»

Um par de taes filamentos emerge, nas larvas dos Cirripedes e Rhizocephalos, directamente do cerebro.

Nos Decapodes, a chamada «glandula-verde» tem a sua abertura na base das antennas inferiores; nos Macruros, no extremo do processo conico. Semelhante processo conico, atravessado por um ducto efferente, é muito frisante na maioria dos Amphipodes.

Nos Ostracodes, Zenker descreve uma glandula, situada na base das antennas inferiores e se abrindo na extremidade um «espinho» extraordinariamente longo. Nos Nauplius de *Cyclops* e *Cyclopsina*, Claus encontrou «glandulas coquiligeras» que começam no par de membros intermediario (as antennas posteriores). Por outro lado, nos Nauplios dos Cirripedes e dos Rhizocephalos, a «glandula coquiligera» se abre no extremo processo conico, ás vezes do mais notavel comprimento, que emergem dos angulos da larga margem frontal e, foi interpretado ás vezes como antennas (Burmeister, Darwin), e ás vezes como simples «chifres da carapaça» (Krohn). A connexão das «glandulas coquiligeras» com os processos frontaes foi reconhecida de modo irrefutavel nas larvas de *Lepas* e, realmente, a semelhança dos processos frontaes com os processos conicos, nas antennas inferiores dos Amphipodes, é completa em tudo. (1)

Não obstante sua semelhança n'esta importante, peculiaridade, os Nauplius d'estas duas ordens apresentam differenças materiaes em muitos outros respeitos. O abdomen do joven Cirripede é prolongado sob o anus, em um longo appendice em forma de cauda que é furcada na extremidade; e sobre o anus ha um segundo processo longo e spiniforme. O abdomen, nos Rhizocephalos, termina em duas pontas curtas – em uma «bifurcação caudal movel, como nos Rotatorios» O. Schmidt). Os jovens Cirripedes têm bocca, estomago, intestino, e anus, e seus dous pares posteriores de membros, são cercados de multiplos dentes, cerdas, e ganchos que, com certeza auxiliam á acquisição do alimento. Tudo isto falta nos jovens Rhizocephalos. Os Nauplius dos Cirripedes soffrem muitas mudas emquanto n'esta forma; os dos Rhizocephalos, sendo astomatas, não podem, por consequencia, viver muito tempo n'essa forma; e no decurso de poucos dias se trans-

FIGURA 58

Pupa de *Sacculina purpurea*, 180 diam. Os filamentos dos membros adhesivas podem ser a origem das futuras raizes.

(1) As mais diversas opiniões prevalecem sobre a posição dos Cirripedes. Alguns attribuem-lhe um posto subordinado, entre os *Copepodes;* como Milne-Edwards (1852). Em opposição directa á esta noção paterna, Alph. Milne-Edwards colloca-os (como *Basinotas*) oppostos á todos os outros crutaceos (*Eleutheronotos*). Darwin encara-os como formando uma sub-classe peculiar equivalente aos Podophthalmos, Edriophthalmos, etc. o que me parece mais conveniente. Eu não combinaria os Rhizocephalos com os Cirripedes, como o fez Liljeborg, mas collocal-os-hia em opposição como equivalentes, como os Amphipodes e Schizopodes. A estreita relação entre os Cirripedes e Ostracodes, é tambem proclamada, mas a semelhança entre as ditas "larvas *Cypriformes*" ou pupas Cirripedes, como Darwin as denomina e *Cypris*, é tão meramente externa, mesmo no que se refere a concha, que a relação me parece apenas maior do que a que existe entre *Peltogaster socialis* (fig. 59) e a familia das salsichas.

(1) Em connexão com isso, deve ser mencionado que, nas femeas de *Brachyscelus*, em que as antennas posteriores faltam, os processos conicos com que os atravessa são com tudo retidos

formam em «pupas», como Darwin as chama, egualmente astomatas.

A carapaça se dobra, de modo que o animalculo adquire o aspecto de uma concha bivalva, os membros anteriores muito peculiares

FIGURA 59

FIGURA 60

Fig. 59. – Jovens de ***Peltogaster socialis***, sobre o abdomen de um pequeno ***Pagurus***; em um d'elles vê-se as raizes fasciculadas no figado do Crustaceo. Animal e raizes de côr amarella intensa.

Fig. 60. – Joven de ***Sacculina purpurea***, com as suas raizes; animal vermelho purpureo; reizes de côr verde-gramma escura. 5 diametros.

(antennas prehenseis — Darwin), e os dous pares seguintes se transformam em patas adherentes, são expellidos, como os processos frontaes.

No abdomen, seis pares de poderosas patas natatorias (1) com longas cerdas formadas sob a pelle de Nauplius; e por traz d'estas, ha dous curtos appendices caudaes, providos de cerdas. (Fig. 58).

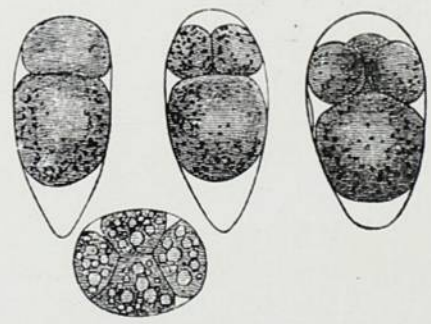
As pupas dos Cirripedes Fig. 57) que são egualmente astomatas, se parecem completamente, em todas estas partes, com as dos Rhizocephalos; mesmo nos menores detalhes da segmentação e provimento de cerdas das patas natotorias, tornam-se distinctos delles, especialmente pela posse de um par de olhos compostos. A's vezes, tambem parecem persistir os traços dos processos frontaes. (2)

Como então os Cirripedes e Rhizocephalos se assemelham muito mais entre si do que no seu estado de Nauplius, o mesmo se dá com os membros individuaes de cada uma das duas ordens.

Em ambas, as pupas se ligam por meio de patas adherentes, as dos Cirripedes ás rochas, ás conchas, ás tartarugas, ás estacas, aos navios, etc., — as dos Rhizocephalos ao abdomen dos Carangueijos, das *Porcellanas* e dos Paguros. A carapaça dos Cirripedes se converte, como é sabido, em uma casca peculiar por causa da qual elles foram a principio collocados entre os Molluscos; e as patas natatorias crescem em longos cirros que, conduzem a nutrição á bocca, então aberta. s Rhizocephalos ficam astomatas; perdem todos os seus membros completamente e tomam as formas de linguiças, de saccos ou de excrescencias discoidaes de seus portadores, cheias de ovos (Figs 59 e 60); do ponto de adherencia, tubos cegos, ramificados como raizes, mergulhão no interior de seu hospedeiro, trançando-se em torno do intestino deste ou, se diffundindo pelos tubos em sacco do seu figado. A unica manifestação da vida que persiste nestes *non plus ultra* da serie de Crustaceos, retrogradamente metamorphoseados, são as poderosas contracções das raizes e as expansões e contracções do corpo, em consequencia das quaes a agua flue na cavidade ovariana e é ainda expellida por um largo orificio. (1)

Alem de muitos Cirripedes que são anomalos, tanto na estructura como no desenvolvimento, deve ser aqui mecionado *Cryptophialus minutus*; Darwin encontrou-o em grande quantidade na ilha Chonos, nas conchas de *Concholepas peruviana*.

O ovo que é á principio elliptico, logo depois, segundo Darwin, se torna mais largo na extremidade anterior e ahi adquire as aspas claviformes, uma em cada angulo anterior e um posterior; nenhuma parte interna póde, ainda, ser percebida. Subsequentemente, os processos



FIGURAS 61 64 62 63

Figs. 61 á 63. – Ovos de ***Tetraclita porosa***, em segmentação 90 diams. A maior das duas espheras de segmentação primeiro formadas, está sempre virada para o extremo pontudo do ovo.

Fig. 64. – Ovo de ***Lerneodiscas porcellanae***, em segmentação. 90 diametros.

posteriores desapparecem e as patas adherentes se deixam reconhecer dentro das anteriores. D'esta «larva-ovo» (Darwin diz della. «Não sei

(1) Compare-se a figura dada por Darwin (Balanidae, Est. XXX, fig. 5) das primeiras patas de ***Lepas australis***, com a de ***Lernæodiscus porcellanae***, publicada no "Archif fur Naturgeschichte„ (1863, est. III, fig. 5). A unica differença é que, na ultima, só ha 3 cerdas no extremo do ramo externo, emquanto que nos Cirripades ha 4 no primeiro e 5 nas seguintes patas natatorias, o que bem póde ser devido á um erro de minha parte.

(2) Darwin descreve como "orificios acusticos„ pequenas aberturas na concha da pupa dos Cirripedes que, frequentemente cercadas por um rebordo, são situadas, em ***Lepas pectinatus***, sobre curtos processos ceratiformes. Tenho muito poucas duvidas em considerar as aberturas como as das "glandulas coquiliferas„ e os procesos ceratiformes como restos das aspas frontaes.

(1) As raizes de ***Sacculina purpurea*** (fig. 60), parasita de um pequeno Sacuritá, são utilisadas por dous Isopodes parasitas, á saber um ***Bopyrus*** e o já mencionado ***Cryptoniscus planarioides*** (fig. 42). Estes estabelecem sua morada debaixo da ***Sacculina*** e produzem-lhe a morte, interceptando a nutrição assimilada pelas raizes; estas, comtudo, continuam á crescer, mesmo sem a ***Saccuiina***; e attingem, não raro, extraordinarias extensões, especialmente quando é um ***Bopyrus*** que dellas aufere os proventos.

bem como a deva chamar») é directamente produzida a pupa. Sua carapaça é apenas ligeiramente comprimida sobre os lados e villosa como em *Sacculina purpurea*, as patas adherentes são de tamanho consideravel e as natatorias faltam, como, no adulto, os cirros correspondentes. Segundo aprendi de Spence Bate, o estado de Nauplius parece ter sido transposto e a larva abandona o ovo, em estado de pupa, no caso de um Rhizocephalo *(Peltogaster ?)* encontrado pelo Dr. Powel, em Mauricius.

Concluirei este escorso geral com algumas palavras sobre os primeiros processos no desenvolvimento dos Crustaceos. Até bem pouco, éra considerada regra geral a formação do disco germinativo pela segmentação parcial do vitellus e n'aquelle, corresponder a uma superficie ventral do embryão uma bandeleta primitiva. Sabemos agora que, nos Copepodes (Claus), nos Rhizocephalos (Fig. 64) e, posso addicionar nos Cirripedes (Figs. 61 e 63), a segmentação é completa e os embryões ficam esboçados na sua forma completa, sem bandeleta primitiva alguma. Provavelmente será sempre este ultimo o caso, quando os jovens sáhiam como verdadeiros Nauplius (e não providos de meia pelle de Nauplius, como em *Achtheres*). Os dous modos de desenvolvimento podem occorrer em animaes estreitamente alliados, como ficou provado por Achtheres entre os Copepodes. (1)

FRITZ MULLER.

(1) Não mencionei os *Pycnogonidæ* porque não os considero Crustaceos; nem os Xyphosurus e Trilobitas porque, jamais havendo eu proprio investigado sobre elles, sei muito pouco a seu respeito; e sobretudo porque não estou ao par dos detalhes explicativos, dados por Barrande, sobre o desenvolvimento dos ultimos. Segundo Spence Bate, "os jovens dos Trilobitas são da forma Nauplius."

A ROMÃ

Mal se confrange na haste a corolla sangrenta
E o puniceo vigor das petalas descóra,
Já no ovario fecundo e entumescido, augmenta
O escrinio em que retem, os seus thesouros, Flora!

E eil-a exsurge a Romã, fructa excelsa e opulenta
Que, de accesos rubis, os lóculos colora,
E á casca orbicular, aurea e erythrina, ostenta
O ouro do entardecer e o paunasio da aurora!

Fructa heraldica e real, em si, traz a corôa
Que o calice da flôr lhe pôz com o mesmo afago
Com que a Mãe Natureza os seres galardôa!

Porem na fórma hostil, de arremesso e de estrago,
Lembra um dardo mortal que o espaço crusa e atrôa
Nos prelios ancestraes de Roma e de Carthago!

EMILIO DE MENEZES.

BUENOS AIRES

NO RIO DA PRATA — O PRIMEIRO ASPECTO DA CIDADE — NO CORAÇÃO DA CAPITAL ARGENTINA

I

— Já esteve em Buenos Aires?
— Ainda não.
— h! é preciso vêr Buenos Aires.

Sim, é preciso vêr Buenos Aires, como é preciso vêr o Rio de Janeiro, porque uma das causas principaes de reprovaveis desintelligencias é o pouco conhecimento que nós Americanos temos uns dos outros. «E' preciso vêr Buenos Aires,» é uma fraze que os Argentinos dizem sempre aos Brasileiros durante as bôas relações e agradavel convivio que fazemos nas travessias do Atlantico. Elles conhecem o Rio de Janeiro, — porque desembarcam durante algumas horas e percorrem o centro da cidade ao acaso.

Os Brasileiros que viajam vão a Paris; só mesmo quem tem negocios vem ao Prata, de modo que temos uns dos outros uma vergonhosa ignorancia. Parece, porém, que agora os Portenhos pensam ter mais contacto com os Cariocas. Ha dias, durante o baile carnavalesco do Club Uruguay, um Argentino referia os projectos de compatriotas seus e fazia uma pergunta muito curiosa. Não ha nem uma indiscreção em reproduzir uma e outra coisa, pois hoje, com o forte partido de aproximação que felizmente se forma nas duas grandes capitaes seria uma hypocrisia querer esconder essa aparente desintelligencia fomentada pelos exploradores irresponsaveis de todas as aguas turvas. Dizia, pois o Argentino:

— Eu não posso explicar esses constantes beliscões (authentico) que as imprensas do Rio e de Buenos Aires mutuamente se dão! Nós não somos absolutamente dois paizes rivaes pela simples razão de que não temos rivalidade de interesses nem de limites. A producção argentina não é a producção brasileira; a nossa industria não é a dos senhores; os nossos mercados não são os seus. Porque, pois, essa irritante tolice? Que rivalidade pode haver por Buenos Aires ter mais de um milhão de habitantes e o Rio menos de um milhão, si o Brasil tem vinte e cinco milhões, e... — O Sr. conhece o livro de Mansilla, *Un pais sin ciudadanos?...*, e a nossa provincia apenas cinco milhões? Que importa que os hoteis de Buenos Aires sejam melhores do que os do Rio de Janeiro, si os senhores não vivem nos nossos hoteis nem nós nos seus? A natureza do Rio de Janeiro é estupenda? Melhor para o Rio de Janeiro! O corso de Palermo é comparavel ao do Bosque de Bolonha? Melhor para o corso de Palermo! Bom proveito! Eu não vou brigar com um amigo porque a gravata delle é mais bonita do que a minha nem elle commigo porque eu sou mais rico. De maneira, meu caro senhor, que nós andamos de ponta unicamente porque habitamos duas capitaes confortaveis e civilisadas. E chegamos assim á esta conclusão idiota: que os jornaes cariocas e os jornaes buonairenses viveriam na melhor paz do mundo si Buenos Aires fôsse uma tapera e o Rio de Janeiro uma aldeiola!...

— Realmente a sua deducção é clara.

— Logica, meu caro senhor, logica. E como eu, pensa toda a gente sensata da Republica Argentina. E' pena que a gente que assim pensa não tenha um jornal para dizer o que eu lhe estou dizendo. Ora, eu nunca encontrei um Brasileiro (e tenho encontrado muitos) com quem não fizesse as melhores relações. O senhor acaba de citar entre os seus conhecimentos de Buenos Aires e da provincia as mais distinctas familias do paiz. E assim somos todos. Ha excepções... Claro que ha! Em toda parte ha gente malcreada. Si individualmente somos amigos, porque não o seremos de paiz a paiz? Porque parte das duas imprensas não quer? Que importa a imprensa! E' um crime sujeitar dois grandes paizes, naturalmente e historicamente alliados, ao bom ou máo humor do jornalista que fez bem a digestão ou tem uma preocupação que lhe tira a calma e o discernimento. Pois não acha?

— Que duvida! Mas qual é o projecto?

— Ah! E' verdade! E' que no inverno proximo, em vez de irmos ao Paraguay como costumamos fazer, pretendemos ir ao Rio de Janeiro.

*
* *

Como tudo quanto ahi fica eu já tinha ouvido de muitos Argentinos, foi com inilludivel emoção que vi o navio se aproximar de Buenos Aires.

Eram seis horas da manhan de um lindo dia de Janeiro; o sol que nascia dava chispas prateadas á agua barrenta do rio, que de margem á margem, margens ainda invisiveis a olho nú, era uma infindavel esteira d'agua, cortada por dezenas e dezenas de vapores de todas as nacionalidades, já navegando com bandeira hasteada. Depois, com o sol que caminhava, as margens se foram aproximando, uma linha esfusiante e branca apareceu pela prôa, e sem transição de paizagem, começou a surgir a cidade de Buenos Aires. Eram ao principio cha-

minés e muralhas, torres, zimborios, campanarios, todos esses vistosos chapéos armados das cidades. Nem uma elevação do solo: uma vasta, uma extensa planicie admiravelmente aproveitada. Numa grande linha marginando o caes crescia uma interminavel floresta de mastros; e em breve o transatlantico tambem foi encerrado e amarrado em uma caixa do dique, como um doido dentro da sua camisa de força. Mas então da cidade todo panorama era invisivel, com o horizonte tapado pelos galpões da Alfandega e os elevadores hydraulicos.

As bellas cidades são como aquellas princezas vaidosas dos contos de Perrault que, vestidas com sumptuosidade regia, envolviam-se em velhos mantos que depois de despojados ainda mais realçavam a belleza e o luxo. Quem chega a Paris pela gare do Norte ou de Lyon, e por esta ultima principalmente, tem de atravessar bairros sujos e escabrosos antes de vêr as bellezas da Praça da Concordia e de toda a margem direita do Sena; o viajante que desembarca em Madrid pelas Delicias encontra-se num bairro afastado, cheio de mendigos e desoccupados; pela estação de França em Barcelona o aspecto é identico: e nós todos ainda nos lembramos do que era o desembarque no Rio de Janeiro, antes de ajardinada essa esplendida praça do caes Pharoux de que todo Carioca se deve orgulhar. Em Buenos Aires o contraste ainda é mais flagrante. Depois da Alfandega (oh! uma formalidade apenas!), entra-se numa especie de esplanada, povoada de carros, de carroças e de carregadores. Roda o carro, dá uma volta, duas voltas, entra no Paseo Colon extraordinariamente movimentado (movimento commercial), um dos poucos trechos de Buenos Aires onde ainda existem velhas construcções coloniaes. A curiosidade é grande; quanto mais o carro avança mais trabalha o espirito estudando, discernindo, anciando pelo que a cidade tem de soberbo. De subito uma ladeira, á uma esquina o grandioso edificio do Palace-Hotel, mais uma volta, mais uma rua, e abre-se deante dos olhos uma linda, vasta, arejada e ajardinada praça, que é a Plaza de Mayo. Ao fundo, dando costas ao rio, e olhando a estatua da Victoria, alinha-se de extremo a extremo o Palacio do Governo, geralmente chamado *Casa Rosada* como em Washington se chama *Casa Branca*. E' um dos edificios historicos de Buenos Aires, porque Juan de Garay quando fundou a cidade em 1580, fazendo a distribuição de terrenos destinou o da Casa Rosada á uma fortaleza. O governador Zabala começou a obra em 1595; essas muralhas de defeza foram demolidas em 1853; até 1894 o terreno foi ocupado pela alfandega velha. Os ladrilhos das paredes dão-lhe um aspecto alegre e gracioso, ainda mais avivado pelas persianas de côr que durante o dia guardam do sol as salas que deitam para a praça. E' realmente a *Casa de Gobierno:* o palacio do Presidente da Republica, os Ministerios e o Congresso, este ultimo provisoriamente, emquanto não se termina o sumptuoso edificio em construcção no fim da Avenida. Dos dois lados da praça erguem-se varios edificios notaveis, como a Bolsa, a Cathedral (uma bella reproducção da Magdalena), o Banco Italiano, o Banco da Nação Argentina, o Palacio Municipal e outras casas de menor importancia architectonica. E sahindo da praça é a Avenida de Mayo, longa e arborisada, fazendo um suave declive como os Campos Elseos, ostentando edificios magnificos como a *Prensa* e o *Club Progresso*, em estylo Luiz XVI. Vendo a, rodando no seu asfalto pensei nessa mania de comparações que tudo alinha e compara, mesmo as coisas heterogeneas. Quem foi que se lembrou de comparar a Avenida de Mayo á Avenida Central? Que disparate! Comparal-as entre si apenas porque ambas são duas vias de communicação urbana é tão insensato como comparar um padre italiano a um soldado turco, — porque ambos são homens. A Avenida de Mayo vae de uma praça á outra como a dos campos Elyseos em Paris, e a nossa vae de mar a mar como... como a de nem uma outra cidade. A construcção da Avenida de Buenos Aires segue a uniformidade das grandes vias européas, e a do Rio de Janeiro é variada, original, bizarra, com um caracter proprio e fisionomia sua. A Avenida de Mayo, após um longo trabalho, foi inaugurada em 1894, e como os seus terrenos são dois terços mais caros do que no Rio de Janeiro, ainda conserva vastos e repetidos claros habilmente disfarçados com annuncios artisticos. A Avenida Central tem uma historia: ella representa o primeiro susto da velha cidade colonial para a linda cidade moderna, a reacção do bom gosto contra o carrancismo que nos desmoralisava, uma onda purpurina de pudor nas nossas faces amarellecidas pelo respirar constante dos miasmas de todas as vielas da antiga S. Sebastião. Nós seguimos o louvavel exemplo que veiu de Buenos Aires, porque foram os Argentinos que inauguraram essa reacção, que abriram essa época de progresso, belleza, hygiene e conforto na America do Sul; e só assim se explica essa febre salutar de trabalho na capital do Brasil, só assim se explica esse nobre enthusiasmo que arcando contra a ironia dos impotentes, a raiva dos invejosos, a estupidez irritante dos scepticos, a critica dos desoccupados, produziu o milagre de fazer surgir de demolições e de escombros, em tres annos, uma esplendida avenida bordada de palacios, arborisada, incomparavelmente bem illuminada, com as suas lojas, os

seus cafés, os seus terraços ao ar livre, impondo-se ao amor dos Cariocas, á admiração dos estrangeiros, entrando pela vida nacional como um hausto de ar novo, educando o bom gosto, modificando os costumes.

Assim pensava, olhando a Avenida de Mayo de uma das janellas do hotel, pasmando para o extraordinario movimento de carruagens e de automoveis, á certas horas do dia comparavel ao dos grandes boulevards de Paris. E como Paris a esplendida capital argentina ia aos poucos, á proporção que o dia augmentava, assumindo esse caracter de cosmopolitismo no ruido da multidão nas ruas, na pressa do trabalho febril, na curiosidade vagarosa dos touristes, até nos annuncios ambulantes que mais do que todos os outros põem em evidencia o estrépito brutal da luta pela vida. Passavam carros, automoveis, bicycletas, peões, operarios, gente rica, negociantes, ociosos, e tirada por quatro cavallos ricamente ajaezados uma grande carroça conduzindo um bombo colossal que de minuto em minuto resoava annunciando uma nova marca de cigarros, e que era como o symbolo das industrias florescentes clamando por mercados, pondo em campo a concurrencia, — concurrencia, esse sangue novo de todas as organisações sociaes que cura e retempera os sulcos envenenados do monopolio.

Nesse instante volvi os olhos para o passado; e lembrando-me das descripções dos jornaes e dos amigos, vi a Avenida de Mayo toda florida e empavesada, com as bandeiras ao vento e a multidão abrindo alas, emquanto entre as alas e sob as bandeiras, passava um prestito triunfal aclamando em delirio no Presidente Campos Salles e no Presidente Roca os emissarios sinceros e expontaneos da paz e da confraternidade entre o Brasil e a Republica Argentina.

Montevidéo — Março — 1908.

THOMAZ LOPES.

CORTAR A SERINGUEIRA E COLLOCAR TIGELINHAS|

FAZENDO OS CORTES POR MEIO DE UM ANDAIME (MOITÁ)

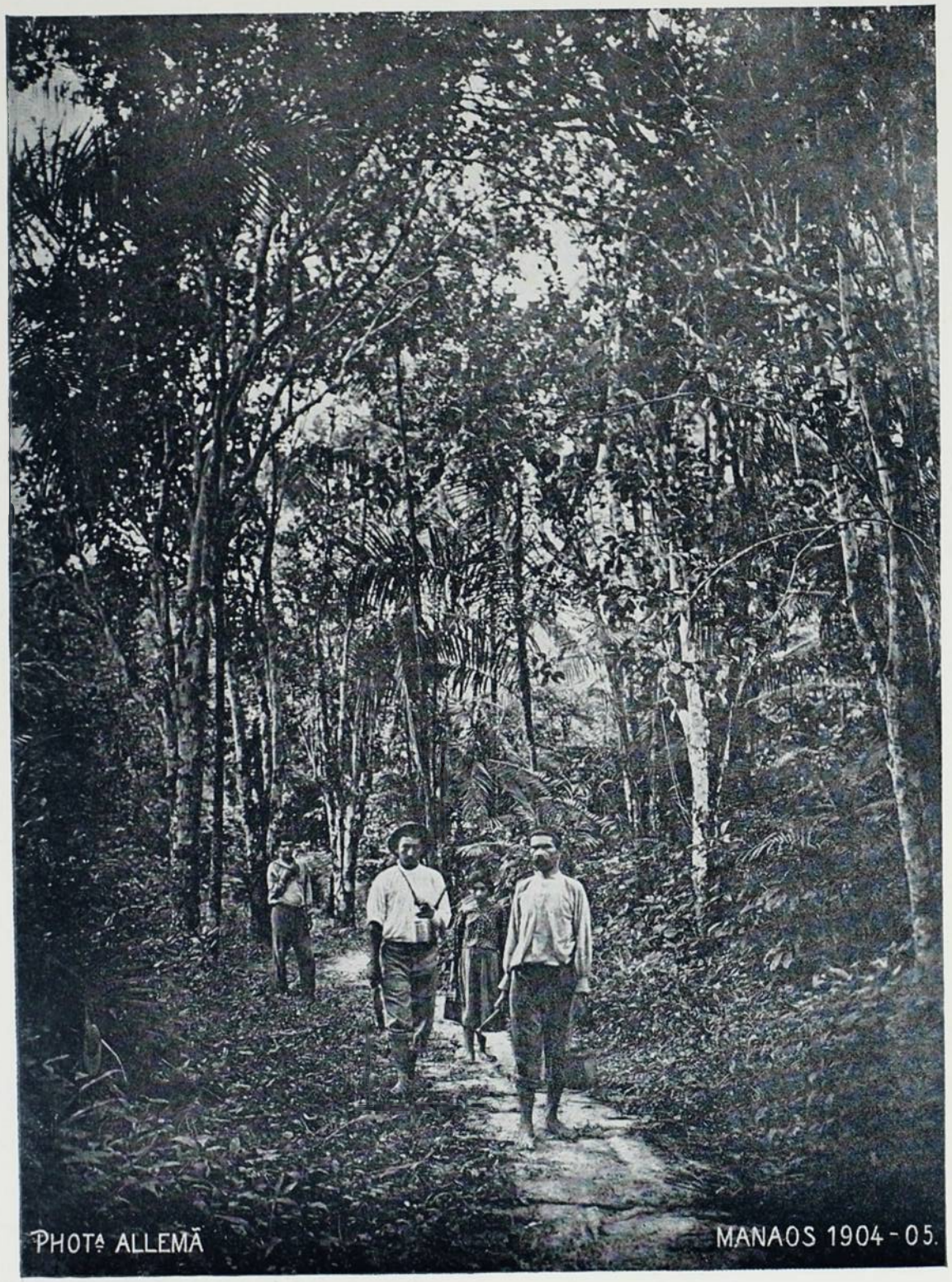
BENEFICIAMENTO DA BORRACHA EM MANÁOS

BENEFICIAMENTO DA BORRACHA EM MANÁOS

A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NA AMAZONIA

O DEFUMADOURO DO LEITE DA SERINGUEIRA

O DEFUMADOURO DO LEITE DA SERINGUEIRA



SIRINGUEIROS VOLTANDO DA ESTRADA

.. SIRINGUEIRA

Carta a um Bacharel

EMFIM, ao cabo do seu lustro de synopses fastidiosas e sabbatinas apavorantes, póde V. adornar-se com a laurea academica e esperar calmamente a evidencia de uma defesa na roça ou a delicia de uma promotoria no Acre. Dessa viagem ao redor do *Corpus Juris*, cuja extensão lhe evocava tantas vezes a desmedida grandeza do imperio romano, trouxe apenas V. uma abreviada noticia dos systemas infindaveis ou monumentaes, que gerações de pensadores andaram construindo sobre uma cousa tão simples na sua essencia, como seja o principio de associação humana. O lapis do reporter, noticiando, faz prodigios maiores de graça e de saber: cinco minutos de improvisação genial valem mais que cinco annos de furioso galope atravez do *jus publicum* e do *jus privatum*, os hemispherios desse obscuro planeta habitado pelas sombras anonymas e fatidicas dos glosadores da escola de Bolonha.

A' força de esmiuçar os direitos alheios, reconhecel-os e classifical-os na diversidade dos casos e dos typos, V. adquiriu, entretanto, o direito inalienavel de affirmar com Guerra Junqueiro que *é como toda a gente um bacharel formado*. Ineffavel compensação, tanto mais deleitosa e appetecida quanto o seu conceito excede o das pulverulentas Ordenações revalidadas pelo sr. duque de Bragança — o reles desconto de uma divida a outra... Para ser formado e, o que é mais, como toda a gente, nada fez na realidade o venturoso bipede que, durante cinco annos, despendeu a energia e a mocidade dos seus nervos sobre massiços compendios francezes ou italianos, e atravessou as mais tormentosas noites de insomnia e de pavor emquanto os seus semelhantes bebiam ou amavam sob a guarda tutelar das leis que o suppliciavam, a elle, e sentiu o calafrio das provas oraes gelar-lhe a espinha em face do Desconhecido de uma banca examinadora.

A fortuna, que para os outros homens lampeja instantaneamente no gyro de uma roda, prendeu-a V. num canudo! Bom catholico romano, adstricto aos dogmas e aferrado ás bullas, tremendo de justo medo (não vá confundir o *justus metus* que entre os romanos já viciava o consenso das partes com esse terror salutar das penas do inferno), quando o padre Julio Maria dardeja o seu raio, do pulpito da cathedral, recebe o meu amigo um sacramento novo, que o purifica sobre a terra e que o exalta na graça do Senhor. Pois não disse o Padre-Mestre José Maria Eça de Queiroz, o glorioso cabula da universidade de Coimbra, que o bacharelato é nos paizes latinos um complemento do baptismo? Dissociando-se embora da religião, desprendendo-se das cousas divinas para attentar melhor nas cousas humanas, o direito ainda lembra com orgulho a magestade sacra do seu berço. Ah, o collegio dos pontifices em Roma, quando a sciencia agora ultrajada pela nossa rabulice tinha o encanto e a aureola de um mysterio inviolado! Toda ella apparecia aos leigos sob o prestigio das formulas e dos symbolos. O acto subordinava-se á palavra, o interesse á forma, e de tal sorte que Ihering decifrou no portico da historia do direito essa legenda: IN PRINCIPIO ERAT VERBUM.

Seja um acto complementar do baptismo a sua formatura, e com elle rejubilará certamente o velho direito dos canones, que outr'ora legislava e codificava embrulhado na purpura cardinalicia. Daqui estou a vel-o, meu amigo, pallido e grave, recebendo a sagração bacharelatica entre flores e festas, nessa quaresma bipartida pelos neologistas carnavalescos, emquanto o abençôam como invisiveis paranymphos os 66 Bispos que, no 4º concilio de Toledo, compozeram o terribilissimo *Fuero Juzgo*, sob o qual muito gemeram e muito penaram os terribilissimos wisigodos.

Mas logo depois o imagino desalentado ou, melhor, succumbido, ao peso dos louros abundantes que lhe enramam e lhe esmagam a vida. Sim, eu comprehendo O seu bacharelato vae ser fulminado pela ironia dos grandes homens que desprezam o bacharel. Por seu mal, V. ainda não evoluiu até á sabedoria de Macaulay, para quem esses grandes homens, casualmente empoleirados numa bella altitude, gosam apenas mais cedo que os outros o calor e o brilho dos raios solares, que, sem elles, abrasariam da mesma sorte a planicie onde vagueia a especie. V. tem por esses individuos eminentes o culto reflectido de Stuart Mill, o culto apaixonado de Emerson, toda a sorte de cultos, mas, ou eu muito me engano, ou as figuras authenticamente representativas acodem pelos nomes de Shakespeare, Gœthe, Novalis, etc., quando não se chamem Newton ou Darwin. De que larangeira da Gavea cahirá sobre nós uma nova lei universal? Em que morro se delineia o perfil da nova tragedia? Ou pretenderá V. fazer-me acreditar que a todo o momento, de extremo a extremo da avenida, entre o *fon-fon* dos automoveis e o tilintar dos bonds electricos, nos derriba e nos aturde o possante bater das azas de uma aguia? De resto, as aguias não devem aterrar-nos: ellas não caçam moscas. E como nos falta uma debandada de glorias aquilinas sobre o relevo orographico da nossa bahia, contentemo-nos por emquanto com a indulgencia dos gaviões reaes que por ahi passeiam,

mais ou menos emplumados. Raramente um Gomes Leal (a quem poderiamos cognominar desde logo o *crù*, na dynastia litteraria dos portuguezes), se debruça á *Janella de Naná* e pede a sorrir o exterminio dos bachareis, depois de haver trucidado com fereza sanguinaria os deuses e as deusas no *Anti-Christo:*

"Passam vinte, cem, mil... Dizem doutrinas serias
Que reinam as bacterias
E os bacillos gentis, dos quaes somos o hotel...
Mas quando ha de um Koch, um Yersin, um portento,
Achar o grato invento
– De um *sôro*, que nos livre, a nós, do bacharel?

Não amaldiçoemos o gentillissimo bardo anarchista, cuja lyra tem repousado frequentemente á sombra do Limoeiro, na capital da sua patria, mesmo porque a satyra mais violenta consegue apenas escorchar a epiderme dos individuos e a carapaça das instituições. O throno de Napoleão III nunca esteve tão solido, como quando açoitado pelo vendaval das estrophes hugoanas.

Certo, o que lhe repugna é a insolencia dos peraltas, dos casquilhos, dos sécios educados na alta escola das elegancias cariocas, arremettendo e ganindo contra um honesto labor de cinco annos. Não ha pelintra que, em veia de chalaça ou em dia de camoéca, se abstenha de morder o bacharel, esticando o focinhito agudo de roedor ou estadeando a sua *pose* de summidade balofa. Ahi tem V. o diploma esfrangalhado, a formatura escarnecida, toda a sciencia juridica em farrapos, e a grande náo romana despedaçando-se de encontro a um banco de jardim publico, sobre o qual se repimpam dous ou tres patites insignes. Que recurso ministrará o direito contra as perturbações desse genero ao exercicio da sua posse? Que juiz nos ouvirá, quando articularmos timidamente o nosso libello deduzido de factos dessa natureza? Talvez o espectro de Papiniano, se algum dia reassumir a presidencia do tribunal de York. Mas, não cogitando a formalistica processual de appellação ou de aggravo para Deus, melhor é invocar desde logo o Diabo, num alexandrino phosphorescente de satanismo:

"Oh Satan, prends pitiè de ma longue mlsère!"

Este verso arrepiará talvez os seus nervos de bacharel catholico romano, mas não lhe dê o meu amigo maior attenção que aos versos de Gomes Leal ou ás heresias juridicas dos autos onde vae estrear a sua dialectica balbuciante: é apenas uma flor do Mal, colhida nas estufas d'el-rei Beaudelaire.

Os medicos, no tempo em que era grato aos poetas chacotear os doutores armados de seringa e lanceta, soffreram tanto quanto os frades a acção corrosiva dos epigrammas bocagianos. Medicos e frades prosperam, engordam, triumpham hoje no seu officio, aviando solicitamente grossas encommendas para o Outro Mundo. Bocage não resuscitou na litteratura portugueza, e os bachareis nem sequer podem gabar-se de haver dado materia a um epigramma genial.

Se alguma cousa deve acabrunhal-o, portanto, é a sobrecarga de tradições e responsabilidades da sua classe, a mais eminente e fulgurante neste miraculoso paiz da bananeira e do ipé. Todo o systema das nossas forças historicas, a datar de 1822, se desloca e se completa em volta do bacharel, que legisla, discursa, administra, ensina, commanda, e sobrepõe ainda ás outras manifestações intellectuaes da nacionalidade a sua cultura juridica, desbordando na obra imperecedoira de Teixeira de Freitas para a codificação argentina ou atravez da eloquencia de Ruy Barbosa para os novos moldes da vida internacional. Na orbita da sua classe é que se geram todas as nossas formas de liberdade, cultura e progresso; um bacharel consolida a nossa lei, outro reivindica a nossa terra, outro synthetisa no seu verbo as tendencias mais nobres da raça, e imagine V. agora o que seria o organismo nacional se lhe injectassem de repente uma bôa dose do sôro anti-bacharelatico.

Deixe crescer e viçar festivamente, pois, o seu melindroso bacharelato. Que elle aprofunde e avigore as delicadas raizes nas entranhas maternaes do Digesto; que os principios em flor desabotôem por entre as folhas amarellecidas, as folhas dos codices e dos tratados. Faça V. de todo o seu dia um litigio, de toda a sua existencia um archivo judiciario. Em vez do Padre Nosso, murmure ao despertar uma petição inicial, e á noite adormeça balbuciando candidamente uma treplica infantil. Quando lhe apertar o coração a saudade dos livros perturbadores, ouça com ternura e em silencio aquella voz que nos repete, aos trinta annos, o conselho da *Sagesse:*

"Homme, prudence! car c'est bon pour une fois..."

E, se a vida lhe é inconcebivel sem um bocado de poesia, medite sobre os escombros da Lei das XII Taboas, lendo Savigny ou Maynz, como Lamartine meditava sobre a ruinaria do circo, lendo Tacito, e possa emfim a sua alma embeber-se de toda a poesia virtual do direito, ao recordar que a evolução do *Kósmos* juridico possue – já um Mestre o ensinou – a magestade e o rythmo do sereno curso das estrellas. Deixa-o neste momento e neste recanto de *Kósmos* o seu collega

CELSO VIEIRA.

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO, 18 DO CORRENTE

1160—30

Por 3$200 **50:000$000** *Por 3$200*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10

NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Addido militar do Brazil no Japão

durante a guerra russo-japoneza

Acha-se á venda na Rua da Assembléa, 62

E em todas as Livrarias

RIO DE JANEIRO

O 1º RELOGIO DO MUNDO

Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

CASA STANDARD — **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER

Inscripções na

CASA STANDARD

Ouvidor 72

12$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL

Anno V Numero 4

ABRIL DE 1908

KÓSMOS

SUMMARIO

Chronica	L. de S.
A Florinda	Viriato Corrêa
Trecho de Alma	Gonzaga Duque
Estrada de Ferro de Goyaz	Gravuras
Diplomacia d'antanho	Mario Behring
Transporte dos corpos de Barrozo e Saldanha	Gravuras
A Terra e o Homem	Lima Campos
Na Fronteira	Dionisio Cerqueira
Estrada de Ferro Madeira e Mamoré	Gravuras
A Exposição Nacional á vol d'oiseau	Gravuras
A Exposição Nacional (aspectos das obras)	Gravuras
Os Crysanthemos	Luiz Guimarães Filho
Por Darwin	Fritz Müller
Tiahuanacu	Arminio de Mello Franco
Buenos Aires	Thomaz Lopes
A intellectualidade na Argentina e no Brazil	Leoncio Correia

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fuudos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Sememestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos

---

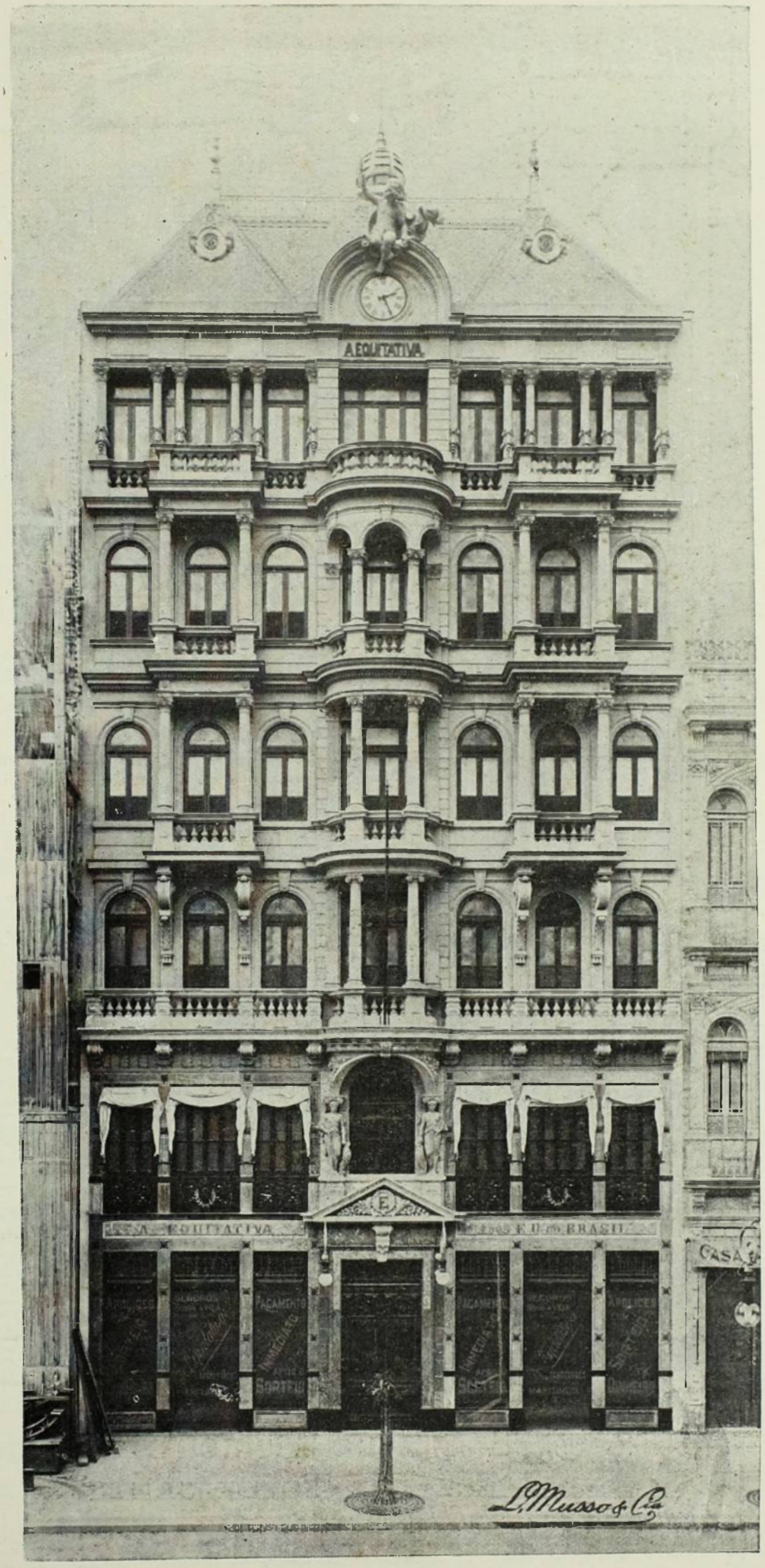
Agencia em todos os Estados da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias

SABBADO, 23 DO CORRENTE

172 — 4º

Por 4$000 **100:000$000** *Por 4$000*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V — ABRIL 1908 — N. 4

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

O SORRISO pagão de Flora, nunciando alegrias e luxurias, brilha na curva lasciva dos valles.

Já, das frescas cidades serranas, em bandos festivos, regressam á capital as aristocracias venturosas: a politica, escovando a velhice dos chavões rethoricos; a do dinheiro, ensobrecasacada, avidamente enfileirando cifras; a da belleza, estrelluzente de joias, arrastando o luxo macio das sedas.

Os politicos, tecendo as teias finas da astucia, vão procurar a salvação da patria em bastidores frustes; desapparecem os capitalistas na poeira dos escriptorios; e, nas ruas e nas praças, voluptuosamente alegrando-as, oscillam as lindas flores que Maio trouxe e passam as lindas mulheres que, á nevoa dos primeiros frios, deixaram as frescas cidades serranas.

* * *

Não póde *Kósmos*, do portico de Maio, saudar as mulheres que voltam e as flores que renascem, pela voz altissima de quem, entre nós, mais as ama e melhor as canta. Está enfermo Olavo Bilac, mas, carinhosamente evocado, o seu nome róla por estas paginas como um raio de sol á face ondeante das aguas.

* * *

Cheias, as mãos, de flores e os labios cheios de cantos, o Mestre, serenamente agradecendo á Natureza eterna o bem supremo da vida, estende sobre todos os seres, á feição protectora de um manto, a sua bondade amoravel.

Não o deshumanisou a divina poesia, e, como os antigos heroes que se fizeram deuses, o Mestre conservou, fechando-se nas aureas torres da Arte, as dubias qualidades humanas. O seu verso, por isso, repercute em maior numero de almas e, desferindo accentos correspondentes a mais varios sentimentos, conquistou a admiração fiel de um publico vasto.

Debruçados sobre o seu livro, como sobre a corrente espelhante de um rio, os que sabem sentir e não sabem dizer, assistem, rasos os olhos d'agua, á passagem evocativa das proprias e intimas emoções, reflectidas na vaga harmoniosa das estrophes.

A viva angustia dos seus gemidos, a vibração amorosa dos seus beijos, a loucura delirante das suas alegrias, accordam nos cora-

ções, avassallando-os, antigas paixões que se julgavam mortas, ou que, sempre latentes, jamais floriram.

Em toda a sua obra, a Natureza é sentida com tanto amor e interpretada com tal verdade, que o canto deste poeta pode ser comparado a uma voz que irrompesse, gloriosa, da Terra para celebrar as bondades da Terra.

* * *

Para o jornalismo, que em geral absorve e descaracterisa os artistas, Olavo Bilac trouxe, com heroismo espartano, as suas nobres intransigencias de poeta.

Nas lindas chronicas dominicaes, nos *registros* diarios, em todo o seu trabalho jornalistico, a prosa do Mestre, exaltando, exaltada, as formas varias da Belleza, desdobra-se em periodos esculpturados com Arte brilhante e forte.

E' dos que pensam que na litteratura ha espaço para todas as grandezas. A sua penna, como uma chave de ouro fino, abrindo portas para as justas ambições de artistas ineditos, abre-as com tanta generosidade, que por ellas, com os artistas, entram ás vezes os ingratos.

Gloria ao mestre!

L. DE S.

A FLORINDA

I

— O Bento? Vem nada. Elle foi para a pescaria no igarapé.

O Marcello approximou-se:

— Mas tu estás assim como que no ar...

— Não é nada.

A Florinda estava mesmo assim como que no ar. Já por duas vezes se havia levantado para espiar nas frinchas da janella; um rumor de folhas no bananal fel-a erguer-se assustada como uma corça.

— E que tens tu, rapariga?

— Nada.

La fóra a chuva esbordoava a escuridão da noite, noite toda de trevas e ventania, com uma zoada de galhos entrechocados e um zumbido do vento pela folhada. O céo estava de luto pesado e, quando o relampago pestanejava pela treva o seu clarão laranja, via-se a revolta das nuvens ennovelladas a desabar em cargas.

Aqui dentro, por uma gotteira aberta nas palhas do tecto, a agua cahia em gottas numa lata de kerosene, resoando, *tan-tan-tan*.

Havia longinquamente uns gaguejos roucos de trovão. Era Janeiro, a primeira carga d'agua que chegava depois de um dia quente de escaldar e de um céo toldado ao poente. Mal escurecera, a chuva cahira. Horas antes dois trovões, desabrochando em ribombos pelo espaço, deram avisos da chegada do inverno. E ás sete da noite a chuva cahira revoltamente em cachões, como si se estivesse vingando dos dias desabridos de sol, da canicula fuzilante do verão passado. Nem mais uma cigarra cantou no palmeiral e, entre os caibros dos tectos, um bando de grillos estridulou atordoadoramente. Na vespera, o rio dera signal de que o inverno repontara nas cabeceiras: a agua que descia vinha amarellada e barrenta, mais abundante e mais grossa, denunciando o «repiquete» nas nascentes.

Aquella noite assim encharcada e preta, o Bento esperava-a ha dias. A sua grande rede de pescar, desde a vespera que a tinha remendado dos rasgões das pescarias do outro inverno e, mal os dois trovões troaram no céo, sahira a chamar o rapazio visinho para a pesca no igarapé.

Naquella noite devia haver um não sei que diga de peixe. Era sempre nessas primeiras chuvaradas invernaes, com «repiquete» no rio e uma noite de trevas e relampagos, que o peixe entrava para desovar nos confins do igarapé

E áquellas horas o Bento estava na barra e lá devia passar a noite e o outro dia tambem, se a chuva não minguasse.

— Se não é medo do Bento, porque então estás assim como que aluada?

Ella não respondeu. Alli, á beira da meza de cedro despolido, o rosto pensativamente á mão direita, um suspiro voou-lhe do peito.

O Marcello pousou o cachimbo sobre a meza e approximou-se-lhe dos cabellos.

— Que é isso? Já tens uns cabellos brancos!

Ella teve um gesto de desconsolo. Os seus olhos ficaram alastrados d'agua.

— São os meus peccados...

Calou-se e, com um estremecer do seio entre o casaco, falou depois:

— O que me dóe é o Bento. O Bento que não sabe de nada. Elle que me quer tanto bem, coitado!

O amante levou o cachimbo á bocca, vagamente aturdido por aquellas palavras.

— Mas tu estás hoje, assim atoleimada. Que diabo te lembraste do Bento! Elle não sabe de nada.

— Sim, mas um dia...

— Ora, não penses nisso...

Não pensar nisso?! Era o seu sobresalto, o seu fremito constante de inquietação. Não havia um dia que não esperasse o marido a surprehendel-a nos braços do amante: o matto tinha olho, as paredes ouvidos, e principalmente os mattos d'aquella aldeia bisbilhoteira e intrusa, em que a vida de alcova de toda a gente era como um trecho de estrada que todo o mundo pisava.

— O que me dóe é o Bento ser tão bom...

— Ora, deixa-te disso!

A chuva, lá fora, zoava com a ventania. Num alagadiço, nos fundos do quintal, um aluvião de sapos rompeu numa cantiga tristonha. Pelas frinchas da janella varavam uns respingos d'agua.

Florinda sentia um sopro de frio entrar-lhe pelo seio e, voltando-se para o amante, pediu inquietamente:

— Vamos apagar a luz?

— O' xentes! Vamos.

Elle mesmo soprou a lamparina. O quarto cobriu-se de escuridão.

Ella sentou-o nas pernas, apertando-o nos braços bonitos de morena, quasi numa supplica:

— Tu gostas de mim?

— Gosto, sim!

— E se alguem me quizesse matar?

O amante cercou-lhe a cinta com o braço.

— Deixa de bobagem! Não fales em morte.

Um morcego esvoejou-lhes por cima da cabeça. Florinda num grito ergueu-se, tremendo na escuridão.

Tan, *tan*, *tan*, continuava da gotteira a agua a cahir na lata.

II

Ella bem sabia porque estava a falar em morte. O seu medo não era do Bento, mas do Pedro Trabuco, a sua primeira paixão de adultera.

A historia d'aquelle amor vinha de longe, dez annos a traz, quando ella tinha apenas dois de casada.

Fora numas patuscadas de colheita, na debulha do milho, pelo tempo morno das cigarras... Era num terreiro branco, muita gente debulhando e um cheiro bom de bogaris em toiças... O céo estava como que a cahir de tanta estrella: tudo quanto era constellação pulsava em cima, a via-lactea era como um grande filão de leite derramado...

Num cantinho do espaço, o leve rasgão da lua nova brilhava.

Era uma dessas noites allucinantes do norte, toda coberta de aromas na terra, toda constellada de estrellas no céo. Havia dois mezes que o Bento seguira para as brenhas do sertão, a tratar a compra de uma boiada. E ella já não resistia mais á solidão do seu quarto sem homem.

O Pedro Trabuco veiu como viria um outro qualquer, surprehendel-a nas ancias de mulher sensual e nova, nos frenezis de um temperamento esfogueado de esposa bonita de quem o marido viaja.

Começou a coisa por um nadinha. Ella estava no olho d'agua a lavar umas roupas, quando o Pedro por alli appareceu de espingarda ao hombro, como quem caçava.

— Desculpe.

— Está desculpado.

Mas o Pedro não se afastou. Sentou-se num tronco de palmeira e ficou despreoccupadamente a conversar.

Ella estava apenas com um cabeção passado sobre os seios, uma tanga á cinta e a metade do corpo mergulhado n'agua. Os cabellos haviam-lhe cahido pelos hombros macios de morena e, com os braços de fóra, aquelles lindos braços que no tempo de solteira o povoado inteiro cantou á viola, ensaboava uma camisa. O cabeção, molhado, grudava-se-lhe a carne, desenhando-lhe a tumescencia sadia dos peitos.

O Pedro, a dez passos, com a espingarda atravessada sobre as pernas, tagarellava sobre caça. Ella estava tremula, esquerda e confundida, sem responder áquelle homem que assim a surprehendera em trajes intimos.

Elle calou-se afinal. O sol cahia por entre as folhas, esmiuçalhado pelo chão. Havia a doce mornidão das fontes nos dias estivaes. E ella se foi acostumando á presença do Pedro; uma onda bravia de sangue que lhe latejou no seio fel-a lembrar as noites de tedio passadas sem o Bento, nos fremitos de rapariga de dezoito annos que desmaia á caricia quente dos beijos.

E levantou os olhos. O Pedro fitava embebidamente como se estivesse a mordel-a com o olhar. Baixou de novo a cabeça.

Elle, um pouco confuso, disse-lhe com um sorriso medroso:

— Você sabe?! Outro dia na festa eu tive vontade de cantar uns versos que arranjei quando

você era solteira. Mas a viola quebrou o bordão. Foi bom mesmo, o Bento podia brigar...

Ella teve uma chamma ardente nos olhos.

— Como é o verso?

— Não digo.

Florinda não disse palavra. Aquelle homem estava alli por causa della, no enlevo de sua paixão, na seducção de seu corpo moreno e moço de mulher. Fizera-lhe versos em solteira... E quem sabia se aquelle coração que alli estremecia, não estremeceria por ella, transbordejante de amor, numa dessas paixões surdas, que á noite nos abala o peito numa violencia formidavel de soluços. Elle amava-a e tanto era assim que d'alli não se levantava, com os olhos chumbados em sua carnadura rosada, que o sol, coado pelas folhas, respingava de brilho.

— Os versos são bonitos... arriscou de novo o Pedro.

— Então diga.

Houve rumores de passos, lá em cima, na barreira.

— Vá-se embora, gritou a Florinda.

O Pedro não deu palavra e sumiu-se na espessura do arvoredo.

Foi assim que começou. Um nadinha.

E, naquella noite estrellada, na debulha do milho, no tempo morno das cigarras, ella não resistiu. O Bento ainda não havia voltado... E foi por volta da meia noite, á sombra de uns tamarindos carregados de flor, que o Pedro lhe recitara aos ouvidos os versos que fizera para cantar á viola, no tempo em que os troveiros lhe cantavam os braços.

O Bento voltou. Ella já se havia arrastado ao peccado e deixou-se ficar. A vertigem passou logo nos primeiros mezes, mas os encontros continuaram por oito annos, n'aquella monotonia de obrigação, n'aquelles bocejos de carne enfarada de outra carne, já sem ardores e sem impetos, numa frieza semsaborona de officio.

Ha dois annos que haviam acabado com aquillo. Foram umas palavras duras do Pedro que a magoaram. Ella passou seis mezes fiel. Veiu o Marcello. Cahiu por bem dizer por habito, pela fraqueza de mulher casada que se deixa levar a segunda vez porque se deixou a primeira.

E ha mezes que o Pedro andava desconfiado, com ciumadas. Todo o seu amor antigo chammejou em colera; fez ameaças tremendas e, na vespera, encontrando-a no olho d'agua, jurou matal-a nos braços do amante.

E agora, por aquella noite de tempestade e trovões, elle que bem sabia do Bento no igarapé, era bem capaz de lhe vir bater á porta como nos outros tempos.

E ella tremia. O Pedro faria um estoiro qualquer e o Bento acabava por saber. Toda a sua vergonha era que o Bento soubesse. Ha doze annos que a erguera limpidamente na sua paixão tranquilla de boi de carro, na serenidade de um respeito todo feito de socego e bondade, respeito por aquelle rosto bonito que o inebriava, por aquelles braços cantados que lhe faziam affagos. Ella sentia que era para elle uma alegria e um orgulho: via-o na sua indolencia de homem gordo vibrar com o seu beijo, via-o com a vida cheia de repouso como quem já tinha alcançado na existencia a crystallisação de um ideal. Era todo della, para ella vivia, e morria de amor por ella... E tudo isso num culto paradisiaco, numa submissão respeitosa de idolatra.

E se viesse a saber!... Ella com dois amantes!... — E o que lhe magoava a alma era a dor que o pobre viria a sentir ante a surpreza de verdade, elle que sempre a tivera fiel e bôa como uma santa...

Na lata a agua continuava a cahir — *tan, tan, tan...*

O vento lá fóra esfarrapava a folhagem.

Florinda aconchegou-se mais ao peito do Marcello, soluçando.

— Se me quizessem matar, que tu farias?

O morcego esvoejava ainda na treva, tombando pelas paredes.

III

— Florinda! Florinda!

Ia alta a noite. A chuva havia amiudado. Lá fóra o vento continuava grunhindo tempestuosamente na folhagem. Pelas gretas da janella entravam largos filões de relampagos. Do alagadiço a ventania trazia o coaxado dos sapos.

— Florinda! Florinda!

Ella ergueu-se de um salto como uma cabra, o ouvido á escuta. Batiam de leve na janella, com os dedos:

— Florinda! Florinda!

E, em camisa, veiu até perto escutar. O seu rosto estava velho de susto.

A voz era do Pedro, aquella mesma voz de outr'ora, que lhe vinha chamar nas noites em que o Bento sahia.

E ficou aturdida no meio do quarto, extatica, os olhos fuzilando na escuridão. Como ia ser aquillo? Ella com o Marcello na cama!

— Florinda! Florinda!

Lá fóra a voz chamava-a mais insistente e mais alta. Que ia fazer, virgem Maria?! O Pedro a mataria, de certo, na explosão de sua colera, no delirio de seu ciume. E o Bento saberia...

E veiu metter-se na cama, silenciosamente. Faria que estava dormindo e talvez o Pedro se cançasse de bater e fosse embora. Ardia-lhe a cabeça em brasa e todo o corpo tremia gelado.

— Florinda! Abre.

Agora sentia o bengalão do Pedro bater na janella.

Entravam pelas frinchas uns bafos frios do vento a zoar. A cantiga dos sapos chegava tão clara como se elles estivessem cantando alli perto da cama. *Tan-tan-tan...*

— Abre! Abre!

O Marcello acordou sarapantado.

A janella de subito escancarou-se. Dentro do quarto um vulto saltou. Um relampago abria-se pela treva e poz o quarto numa aurora.

Florinda cahiu, num grito, redondamente ao chão.

Era o Bento.

VIRIATO CORRÊA.

Trecho de Alma

ERA de vel-os, agora, cada um na ruina dos setent'annos, nas suas carquilhas de mascaras macilentas, pupillas ciriaes, concentrações nostalgicas na melancholia morna das posturas... Era de vel-os, agora, os dois velhinhos cabeceando, cada qual para o seu canto, sem palavras, acarneirados e mansos.

Tinham vindo juntos da primeira idade, crescido pelo mesmo tempo sob os mesmos tectos de canelleiro envernizado do casarão rico do pai de Dona Emerenciana, desta silenciosa e tremula avósinha que ahi está na sua poltrona de marroquino verde-sombrio, n'um asseio digno de chitas modestas, a cabeça branca como um fructo de paina aberto ao sol.

A' distancia, no recosto da baloiçadora de faia, frente á varanda alpendrada de ladrilhos, onde bigoneas se mosquêam de prata n'uma sombra suave, o primo Luciano, mãos cruzadas sobre o ventre, persiste no seu cacoête senil de deglutir as gengivas desarmadas; e os dois velhinhos, por este languor de tarde d'oiro a descer, isolados n'este interior de habitação calma, amaciado por uma penumbra neutra de recolhimento, teem alguma cousa de recordativas figurinhas de uma téla burgueza de mestre flamengo.

Risadas francas de mocidade feliz, vozear de garrulice feminina, que se entrechoca no chromatismo alegre das futilidades, animam o luxo discreto de uma sala proxima; mas, subito, por entre o segredar de intermittentes pausas, o primo accorda sob os dedos de alguem, e, por fim, sonorisa revivendo a alma somnambula e ardente de Chopin.

Um momento as pupillas bruxoleantes de Dona Emerenciana sorriem velhinhas, procuram as pupillas baças e doloridas do primo Luciano e com uma voz abafada, de duende, ella murmura: — Recorda-se, primo, do tempo em que eu sabia esta walsa?... recorda-se?...

Ha um clarão de sangue na calva do velhinho tremulo, a estriga de seus cabellos scintilla, e, como outro phantasma, move-se no seu canto, mas não fala, accusa tristemente, n'um gesto de cabeça, que sim... E ambos se quêdam outra vez, nostalgicos e silenciosos, cabeceando com oscillações de esboroamentos ameaçantes, cada qual no seu canto.

«Ah! porque Dona Emerenciana veio despertar o écho desse velho orgão de sua alma?... (Elle pensa)... Porque veio reanimar esta ruina desamparada!...»

Então, emquanto o piano canta a morbidez sensual do pallido sonhador das walsas, destrellando, na serenidade d'este descer vagaroso de tarde d'ouro, a evocação dos beijos que perfumaram, cahidos e soluçantes, os longos bandós romanticos da George Sand, em noites estivaes de Valdemosa, em serenadas de Nohant, esboçava-se pelo crepusculo reminescente do velho Luciano esse passado de cincoent'annos áquem, n'uma leveza dulcissima de apparição esgrafiada, subtil e esvaida, em tons chloriticos de sépias seculares, restantes no retabulo esquecido de mosteiro desmantelado.

«Se elle se recordava!... Que era esta musica senão o despertar da sua alma emocionada á mais leve vibração? da sua alma styletilisada de recordações dolentes que a menor sensação fazia gemer como surdinas de uma escarvada, diluida placa phonographica?!... E não se recordaria!... Ora!... se elle neste instante, olhos absortos, estava revendo toda essa existencia, ia percebendo no esfuminhamento da visualidade a reconstrucção d'esse tempo!...

«...E era, lá longe, o corpo infantil da prima, e eram os salões silenciosos do casarão onde cresceram, a rispida figura azafamada e caseira da tia, a bonhomia rotunda do commendador Vargas, o pae de Dona Emerenciana... todos os personagens, todo o scenario dessa distancia!...

«Um dia... se se recordava!... Um dia, inesperadamente, os labios de Dona Emerenciana tremeram ao pronunciar o seu nome e elle tambem ficou n'um aturdimento ao fital-a.

«Que tinham elles, então?... Que mysteriosa bruxa viera, sorrateira, noite a dentro, fundindo-se com o silencio das alcovas, derramar-lhes o estranho philtro que os transformára? Certo era que, a cintura da prima se fizera mais delgada e a fazenda do corpête entumecera em dois pequenos desejos, certo era... e tão certo como, de vespera, elle estivera a contemplar a plastica suggestiva de uma Diana Caçadora que, até aquelle momento, vivera á sombra das murteiras, n'um retiro bucolico do jardim, na sua brancura amarellenta de marmore abandonado!...

«Dir-se-ia a resurreição de um cataléptico, o termo de uma lethargia de casulo, esta percepção de vida que se desencantava da fragilidade innocente da prima em esveltas redondezas de mulher, que se insinuava no seu entendimento de moço pelas fórmas desnudadas da estatua, havia tantos annos ali guardada no bem cheiroso nicho de ramarias verdes!... Foi n'esse tempo que partiram, trilhos oppostos, para os pensionatos. A elle enclausuraram-o n'um collegio de allemães, n'agrestidade tonica de uma serra por onde rolavam cascatas e nevoeiros adormeciam por toda a triste lentidão dos mezes hybernaes. De anno em anno volviam á existencia em commum, sob os téctos de canelleiro envernisado do casarão rico, mas por fugitivos, galopantes dias de ferias parcas, á guarda zeladora da tia severa. Mais tarde, muito mais tarde...»

E, o velho Luciano recosta-se á baloiçadora n'uma volupia de bem-estar, cerra as palpebras gosando desse vagaroso rememoriar, penetrado deliciosamente d'elle, como se melhor o sentisse n'esta indolencia de sésta, quasi a sorrir:

— «... Mais tarde... Por onde deixára elle os mysterios da bruxa sorrateira que, noite alta, lhe tinha derramado o estranho philtro?...

Suave ingenuidade! suave e consoladora... Mais tarde teve de partir para a conquista de um pergaminho. Fôra-lhe marcada uma terra longinqua, na torrida visinhança do Equador, onde vivia em abastança um parente de seu fallecido pae. A partida trazia-lhe a idéa de um apartamento longo, de uma distancia angustiosa, mas assim exigiam d'elle.

«No emtanto, nesse dever a comprir, nesta ordem imperiosa a respeitar, havia uma etherisação serena de horisonte, — a previdencia de uma recompensa — que se irradiava, se a prima punha sobre elle a clemencia dos seus lindos olhos azues.

«... E pelas meditativas vesperas da viagem, n'um inexperado descuido da vigilancia tutelar, elles se encontraram sós, no salão. Era por um descer sensualisante de tarde, quente de sol, toda aérisada d'uma limalha d'ouro de poente que se enriquecia de purpuras, tal o descer vagaroso da tarde de hoje... Dona Emerenciana, aos dezoito annos, possuia os mais incomparaveis olhos azues, uma cabelleira classica de castellã rhenana pendia em tranças sobre as cassas dos seus ricos vestidos decotados, á moda da época... e, a scismar, seus lindos dedos de moça ponteavam o teclado do piano, revivendo as doloras sensuaes de Chopin, esta mesma walsa que ondulava lá pela sala n'um revoltear de folhas outonaes, em alamêdas sombrias de um parque melancholisado.

... Elle a ouvia, religiosamente attento, a virar, de vez em vez, as folhas da partitura... E essas notas iam entrando em sua alma, enscenando á sua imaginação a melancholia outonal de um bosque por onde uivam as primeiras rajadas desalentadoras, levantando a ronda da folhagem secca que tomba dos troncos recurvos, que tomba dos gallhos taciturnos, minuto a minuto, tremulas e desamparadas, como lagrimas... E as rajadas soluçam, varrendo as aléas, batendo as varas das ramarias esqueleticas.

... E a ronda recomeça, sóbe pelo arrepio do ar finissimo, demora no espaço, incerta: as folhas resequidas se encontram em asperos estalidos d'azas hostis, prendem-se em grupos de borboletas noivando, dispersam-se depois, de novo revoluteando, de novo ondulando, passando, enchendo o isolamento com o murmurio confuso dos amores, com os sussurros morrentes dos beijos que ali espiritualisaram a florescencia das primaveras... das primaveras passadas... das primaveras extinctas...

«Houve um instante em que a prima levantou o sonho das suas pupillas para elle, enervada por esta musica que seus dedos iam tangendo... e tanta alma ellas tinham que elle, esquecido das laudas da partitura, balbuciou uma despedida sentimental, vaga e languida como as notas que o teclado feria... Que dissera? Nem se lembrava! mas fôra o quer que fosse de macio e terno, errante e tentador, que se fizera voz dessa walsa, que alma se tornára dos proprios sons, tanto se envolvia no chuveiro prateado de nocticulos despejado da vibração cantante das cordas instrumentaes! E, instinctivamente, seus labios bicaram attrahidos pelo mesmo encanto, unidos collaram-se ardentemente, e unidos gosaram deliciosamente de uma nupcia candida como duas corollas unidas... Logo ambos tremeram, rubros e criminosos. O piano soluçou sob os dedos de Dona Emerenciana... Oh! não; não foi um

soluço!... foi um écho de arrulo manso e tenue que subio, na entrecortada syllaba de uma promessa, por sua garganta de virgem á febre desejosa da sua bocca de anjo. E — para sempre? Para sempre. Disseram, em juramento.

«... Para sempre!» gemeu a alma do tremulo velhinho, a cabeça a oscillar, incredula e triste. Para sempre!...

E elle teve a prova dessa constancia, sellada por um beijo de adeus, na noticia do casamento da prima dois annos depois. Atravez cincoent'annos, inda sentia a dôr que o atordoou por uma radiante manhã de sol e de cigarras. Varára-o, inesperada, em quatro palavras do parente abastado, após a leitura de uma carta.

E o velho Luciano fica-se a pensar n'esse medonho desabar de ideal que o levou aos tropeços pela mocidade, escorraçado e infeliz, arrastado nos vortilhões phosphorejantes das orgias. «Que fizera de loucuras?!...» Medita, procurando com os olhos as sombras afflictivas d'essa tormenta infernal. Mas, tudo se fôra, esvaecêra nas brumas da longitude. E encolhe se dentro de si mesmo, n'uma desillusão

— «Que loucuras!... Para que?... e por que?...

Ah!... esta pergaminhenta velhinha que ahi está na sua poltrona de marroquino verde-sombrio, a cabeça branca como um fructo de paina, tremendo ao fremito das aragens por onde a Morte passa, possuira a empolgante belleza raphaelesca das Virgens, a que o aroma acre dos hysterismos exuberava em tentações de cenobita!... E annos decorridos, e annos escôados, quando elle voltava torturado como um zingaro sem patria, vincos de cansaço na bocca profanada e má, encanecido pela febre dessa paixão, celibatario e annullado, encontrou-a riscada d'engelhas, consummida, socegada no seu canto de mumia, a gaguejar caricias com os labios flacidos que babujavam a cabecinha infantil dos netos...

E o piano, subito, parou.

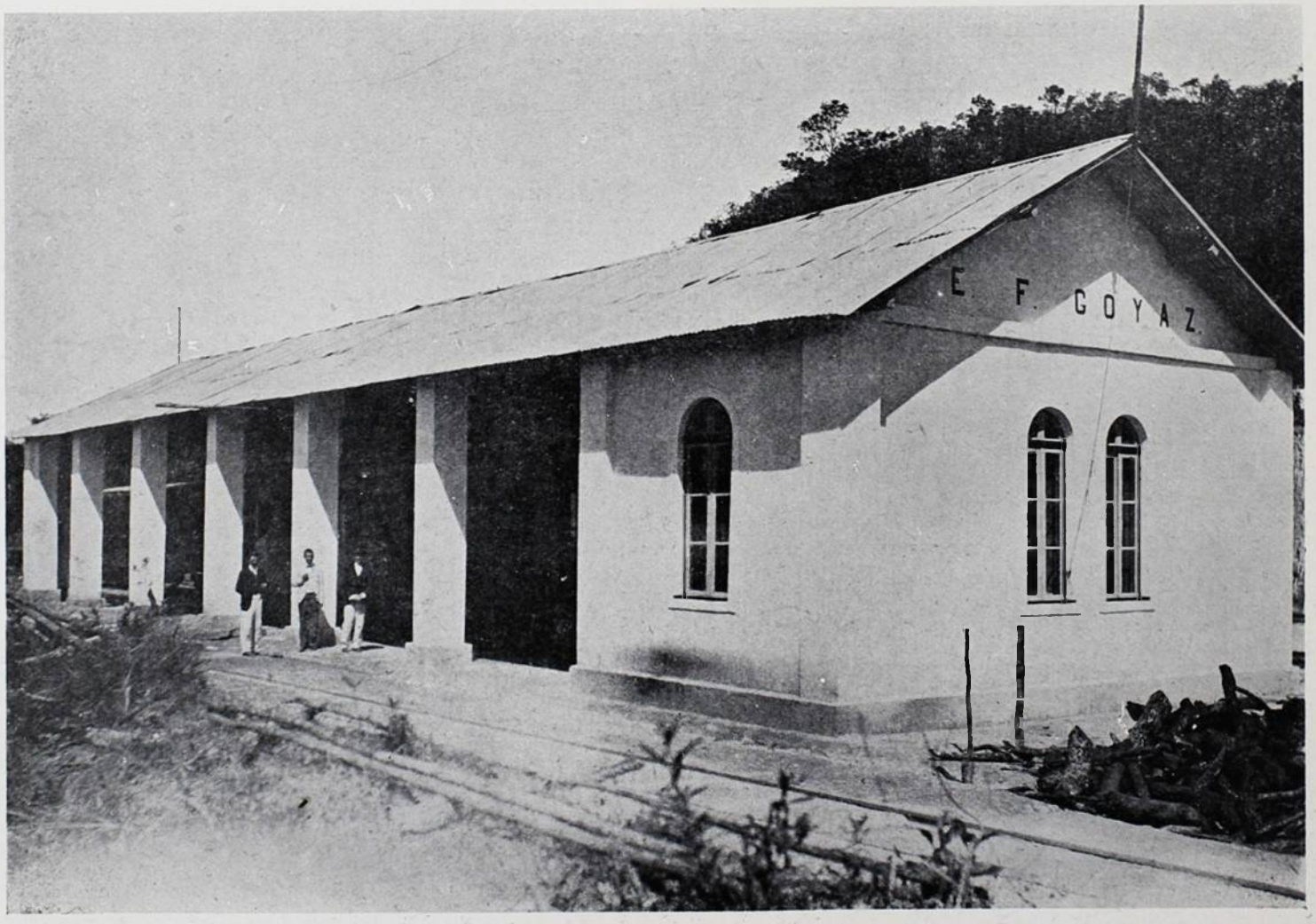
Treme, pelas salas, um repouso a desdobrar-se, d'onde gottejam ainda, por instantes, as notas irisadas d'esta musica, que se dilúe n'uma erradia nevoa de sonhos, sem que se saiba se foram prantos de gôso que sorriram, se foram doloras lagrimejantes que rolaram. E o silencio cáe. Mas, de repente, outra vez a palrice estala, lá dentro; as vozes crescem; tacões batem pelo corredor... E n'uma apparição de coloridos claros, assomam á porta duas raparigas ridentes e tagarellas. Um aroma enche o ambiente. E ellas correm para a avósinha, a indagar de uma ninharia em discussão, atracando-se, ás risadas, para colherem mais depressa a resposta que cada uma deseja, n'um alarido.

O velho Luciano volve, de vagar, as pupillas entardecidas para a velha prima: Ella sorri ás netas, bondosa e paciente, envolvida n'esta ruidosa alegria de mocidade, feliz por sentir-se querida destes dois seres que vieram d'ella, que serão a perpetuidade do seu sangue, alheiada do mundo pela completação do seu dever de mulher, esquecida do que se ficou para traz, nas quebradas do passado, sem mesmo guardar lembrança de que, talvez!... houvesse deixado um rasto de saudades desfolhadas, desfeitas nos esborôos de uma alma, como as grinaldas funebres que se desennastram e se confundem, sem jámais desapparecerem na terra santa das cóvas.

GONZAGA DUQUE.

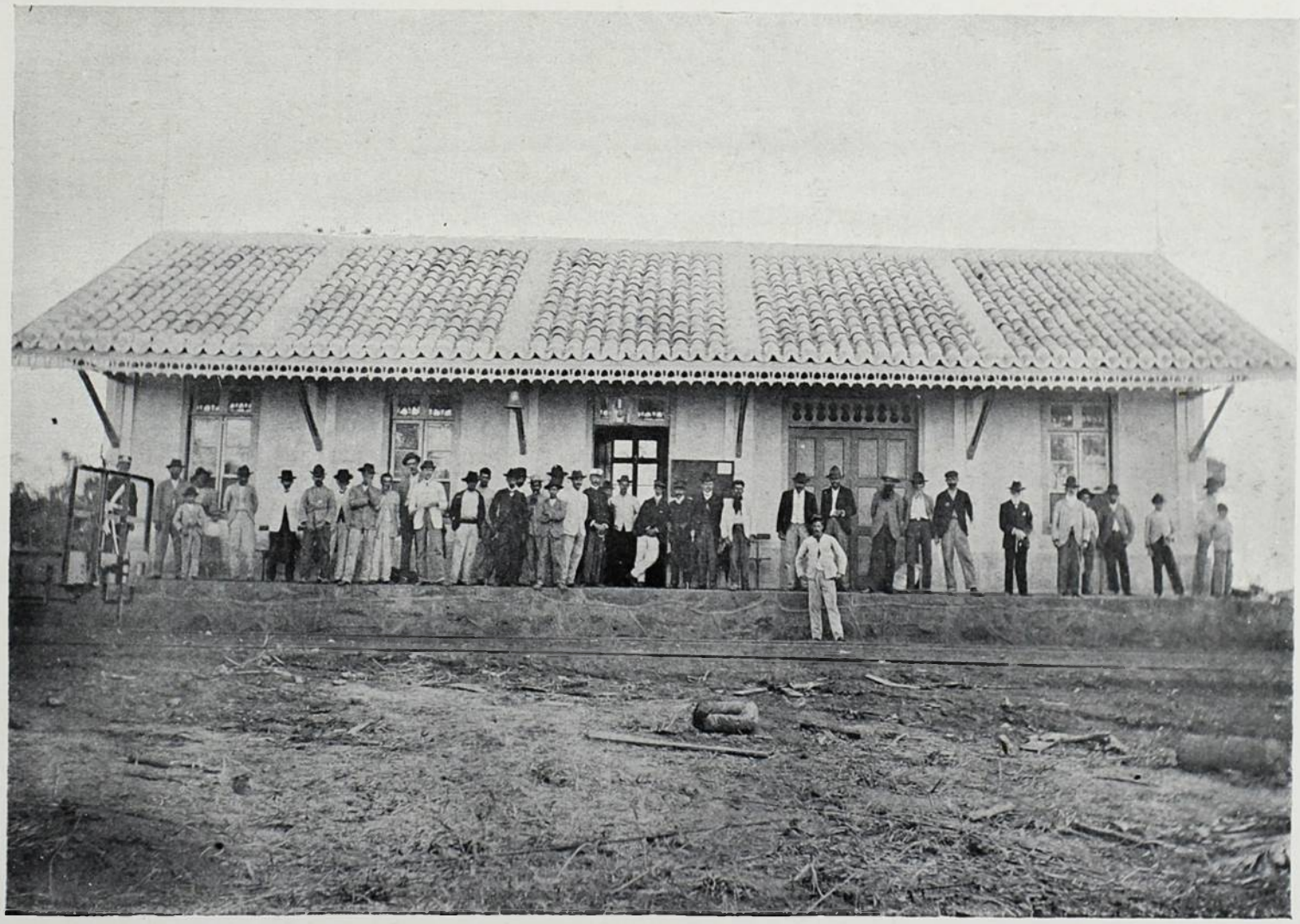
ESTRADA DE FERRO DE GOYAZ

PHOTOGRAPHIA TIRADA NO BARRACÃO POR OCCASIÃO DA LOCOMOTIVA N. 2



DEPOSITO DAS LOCOMOTIVAS — EM FORMIGA

ESTAÇÃO DE ARCOS



ESTAÇÃO DE ARCOS

Diplomacia d'antanho

AGORA que tanto se tem falado em D. João VI, a proposito do centenario da abertura de nossos portos ao commercio mundial, procurando seu vasto nucleo de admiradores, qual mais enthusiasta, descobrir-lhe novas qualidades, de modo a mais facilmente escorrerem das arcas do Thesouro as sommas destinadas á erecção do monumento que na Camara lhe promove o Dr. Eloy Chaves, cabe perfeitamene aqui um estudo sobre a sua diplomacia.

Não que seja nosso intuito relembrar os vultos dos representantes de Portugal nas diversas cortes européas, que a isso nos não abalançariamos, tanto mais quanto promettido como está o livro do Sr. Oliveira Lima sobre aquelle monarcha, é de esperar que não seja das menos perfeitas a parte consagrada aos Palmella, aos Linhares, aos Funchal, aos Conde da Barca e outros que com mais ou menos brilho formavam ao lado dos Metternich ou dos Talleyrand em congressos celebrados.

Se dos poetas se diz que por poetas devem ser lidos, com maior copia de razões se deve dizer que diplomatas por diplomatas sejam estudados. Só assim alcançaremos talvez a suprema ventura de comprehender como das subtilezas de delicadas *causeries* podem resultar soluções para os graves problemas que uns contra outros atiram povos que os interesses desunem.

Mais modestamente nós queremos mostrar como D. João, regente, ao tempo, de Portugal, Brasil e Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor da Guiné e da conquista, commercio e navegação da Ethiopia, India, Persia e Egypto, etc., etc., cuja fama se extendia de um a outro hemispherio, mesmo dos regulos africanos recebia missões especiaes, procurando, embaixadores de negociantes de escravos, avidos da aguardente do Brasil, disputar, a honra de em seus portos receber os navios destinados ao trafico do gado humano.

Em 1795 chegou á Bahia a corveta *Santissimo Sacramento e S. Francisco das Chagas* conduzindo dous embaixadores do rei do Dahomey, acompanhados de um interprete.

Não é que fosse pomposa, pois mais comitiva não trazia, porém apezar dos diplomatas dahomeyanos não trazerem vistosas fardões multicores recamados de oiro, antes um simples panno da Costa á guisa de vestuario, D. Fernando José de Portugal, mais tarde Conde de Aguiar, governador e capitão general daquella capitania, attendendo á qualidade dos hospedes illustres esmerou-se em cortezias; percorrendo os archivos da capitania lá achou dito que em 1756 outra embaixada semelhante fora hospedada em um convento; immediatamente installou os embaixadores e o seu interprete, depois de competentemente vestidos, naturalmente para evitar o escandalo a tão piedosos hospedes, no convento dos frades franciscanos, com a idéa por sem duvida de que em tão selecta companhia os pretinhos ganhassem em compostura o que em selvageria perdessem.

Não sei si foram contentes os frades com os illustres diplomatas que honravam o convento, não destinado á hospedagem de tão conspicuas pessoas, que nos documentos, que li, nada achei a respeito. Mas o certo é que no primeiro navio para a Côrte sahido, despachou o insoffrido D. Fernando a embaixada, consignando-a ao Conselho Ultramarino, que entre outras attribuições, parece, tambem tinha esta de introductor de embaixadas, africanas ao menos.

Levavam os embaixadores uma mensagem ao Principe; não direi que fosse autographa como é de uso entre gentes que se dizem civilisadas; os senhores reis pretos, em geral, não entendiam dessas cousas do alphabeto. Quando apanhavam algum branco desgarrado, mettiam-n'o a ferros e davam-lhe a honra de o nomear escrivão real, para quando fosse necessario. Elles assignavam de cruz o que aliás acontecia a muita gente boa, por aquelles arredados tempos e disso nenhum mal advinha ao Estado.

Nella o rei pedia uma porção de cousas, mas principalmente que o commercio fosse feito exclusivamente nos seus portos e não nos visinhos, de seus rivaes em commercio de carne humana.

Não teve exito a missão. Verdade é que D. João a recebeu como convinha a um principe com tantos titulos e a enviados de tão alto monarcha. Foi bem regular a sangria que soffreu com a estadia da embaixada a Fazenda Real, pois ao que parece não estava nos habitos diplomaticos das gentes do Dahomey ter verba de representação. Hospedados os embaixadores em uma casa de pasto de primeira ordem, como o affirmam os documentos, naturalmente pela rebeldia de estomagos nada habituados ás victualhas da mesa lusitana, um dos embaixadores enfermou e morreu. Morreu christãmente, pois teve á sua cabeceira senão o Patriarcha de Lisboa, como convinha á sua elevada categoria, ao menos um dos numerosos bispos *in partibus infidelium* que então havia. Foi baptisado; deram-lhe o nome nada pequeno de D. Manoel Constantino Carlos Luiz, indicativo de fidalguia de alta extirpe. Fizeram-lhe um enterro pomposo. E o seu companheiro, de mais solido estomago, indubitavelmente,

voltou á Bahia, da Corte trazendo, alem de gratas recordações, um grande numero de caixotes contendo presentes com que S. Magestade Fidelissima procurava entreter a amizade de S. Magestade dahomeyana.

Quem não ficou muito satisfeito foi D. Fernando, quando viu chegar outra vez a embaixada na corveta *Nossa Senhora da Gloria e Santa Anna*. O embaixador restante enchera-se de vaidosos fumos com as honrarias de que fôra alvo na Corte. E começou a tratar D. Fernando por cima do hombro.

Eram exigencias e mais exigencias.

Queria dinheiro «para todos os seus vicios» dizia o alarmado governador.

Da Côrte lhe haviam recommendado, promovesse o casamento do embaixador com alguma filha da Bahia.

Mas parece que as mestiças viraram tanto a cabeça da fragil diplomata que elle já não se contentava com uma só; queria todo um harem.

Debalde procuravam convertel-o á boa razão dous piedosos frades que de ordem d'El Rei o acompanhavam para o christianissimo fim de propagar a Fé no Dahomey.

O embaixador, muito convencido de que a gente como elle, é dado fazer o que bem lhe parece, fazia ouvidos de mercador e proseguia em sua vida peccaminosa.

Depois mettia-se no palacio do governo para entreter D. Fernando com sua honrosa palestra sobre assumptos varios. O governador escutava o diplomata com paciencia, mas *in petto* rogava aos ceus, impaciente, que chegasse a monção favoravel para despachal-o, barra fóra, de torna viagem. Chegou por fim o dia do embarque; procuraram o embaixador mas elle se havia ecclypsado. Pesquiza feita, foram achal-o afinal mettido a bordo de um navio que se destinava a Lisboa. E meio por vontade meio por força, usando D. Fernando dos ultimos argumentos diplomaticos, conseguiu por fim devolver o embaixador ao seu legitimo soberano.

Nada consta do modo porque foi feita a sua recepção no Dahomey; se por bons serviços prestados teve largas recompensas. E' provavel. Depois um preto viajado deve ser uma cousa preciosa naquelles adustos sertões. Por certo morreu serenamente, em honrada velhice, respeitado, narrando ainda aos seus os episodios da sua jornada ás terras d'alem mar as honrarias de Lisboa e o feitiço das bahianas.

Mas com a embaixada nada ganharam os mestres dos navios empregados no trafico do gentio, nem as feitorias portuguezas sempre expostas ás incursões dos regulos africanos.

Mas os presentes de D. João acabaram tambem. Um outro rei subira ao throno do Dahomey. E fosse que lhe tivessem contado a sorte da outra embaixada, fosse por se assegurar os proventos do trafico com os negociantes portuguezes, resolveu elle enviar tambem uma embaixada a Lisboa.

Partiu ella com destino a Bahia onde chegou em 1805. — Governava aquella Capitania D. Francisco da Cunha e Menezes que honrosamente recebeu os diplomatas dahomeyanos. Eram dous; traziam como interprete o Innocencio Marques de Sant'Anna que fora captivado na guerra entre o Dahomey e o reino de Ardrá, e mais um conductor. Chegou a embaixada em Lisboa e foi recebida pelo Conde de Anadia, ministro da Marinha e Ultramar.

A mensagem do rei de Dahomey, por curiosa, damol-a na integra:

«Ao Muito Alto e Poderoso Senhor D. João Carlos de Bragança.

Aboumé 20 de Novembro de 1804 an.s

Meu mano e Senhor.

Grande gosto terei eu Adandozam, Rei deste pequeno Dagomé se esta minha unica via for aceita assim como foi a do Defunto Senhor Meu Pae a quem os Deuzes Voropou tenham com todos os seus Estados para honra minha e de todo este meu Povo.

Meu Amavel Mano; ha muito tempo que fiz patente ao Meu Grade Deus Leba que pelos seus grandes poderes lá no logar, onde habita, que levasse em gosto, e louvasse a amizade, que eu desejo ter com os Portuguezes, e juntamente o offerecimento e trato que queria fazer sem faltar ao ponto da minha Religião, e assim como tudo me concedeu, faço eu saber a vós em como ha muito tempo que desejo eu enviar estes meus Embaixadores; e como não tenho tido pessoa capaz, em quem fizesse firme conceito quiz a minha fortuna que mandando eu no tempo *suim* a 7 de Setembro de 1804, pela conta dos Estrangeiros, mandasse eu uma guerra ás Praias de Porto Novo ou Arda, por causas que temos de varias palavras ao nosso costume; acharão os meus tres navios Portuguezes; e como he costume entre nossas Nações captivar e apanhar tudo quanto se achar no dito conflicto quiz a minha fortuna que eu apanhasse este, que agora digo por nome Inocencio Vacala, por assignatura e confissão que lhe fiz fazer soube por certo o ser Portuguez e como eu determinei acampar dez mil homens para ir outra vez sobre os meus contrarios; porem pela amizade, que desejo ter e os mais tratos foi requerido por este dito com razoens fortes, dizendo-me que elle hera hum humilde Vassallo de seu Senhor Principe de Portugal, e que por tanto queria debaixo da minha ordem ir fazer retirar os ditos; pois tornaria a recolher-se, como captivo meu até vir resgate de seu Soberano Senhor. Eu como tal soube e

queria experimentar as razoens que dava, sempre chamando pelo Amavel Nome do Senhor Meu Mano, quiz saber com certeza quem tanto se lembrava de seu Senhor; mandando eu fazer Junta de todos os meus Aquiqones para verem a constancia de hum pequeno Vassallo; e onde vim a louvar e conhecer com certeza quem são os bons Portuguezes; porque mandei vir toda a minha pequena Nobreza á Honrada Casa do meu Grande Deus Leba verem jurar hum Portuguez e onde mandei vir o dito para o meio de 300 soldados armados, fazer perguntas ao dito e dar firme juramento pelo meu grande Deus; e como o dito me requereu que não podia jurar daquella sorte, e que só juraria pela Real Coroa de seu Soberano, ou Retrato conhecido, e que não só jurava como tambem offerecia-se a morrer. Eu como me achava na dita occasião com quatro Rezes *(Reis)* Vassallos meus, e todos louvarão muito as ditas razoens, fiz trazer a estimada Bandeira Portugueza, que concervo com muito gosto para o dito dar tres juramentos sobre as verdadeiras Divisas ou Signaes, e como o dito assim que a viu prostrou-se de joelhos e jurou com muito contentamento, de que eu e os mais Rezes louvamos muito a boa acção, e portanto fiz matar onze Homens, em que fiz aviso ao Senhor Meu Pai da boa acção deste Vassallo e que portanto queria eu ter com o Senhor meu Mano todos os tratos que fossem possiveis, assim como abrir as minhas Minas de Oiro que ainda estão em segredo; e portanto como achei este bom conductor para ir com os meus e tambem cheguei a ver tres vias que paravão em poder do dito e como soube ser certo virem aquellas vindas da cidade de S. Thomé, para serem remettidas para Lisboa, e assim determinei eu a mandar esta minha feita pelo meu Escrivão e assignada por mim, entregue ao meu embaixador por nome Maoci Jurethe, juntamente com o seu Secretario Vangaca, onde trato o que agora faço patente ao Senhor Meu Mano. He costume Senhor, nestas nossas Nações depois de haver fallescido o Soberano do Reinado ao Successor que tocar, não governar sem não haver varios costumes passados, porem todos os casos que se fazem de justiça ou bem ou mal determinados, serem feitos pela Voz do Successor e agora como ja he completa a minha idade e os costumes do fallescido todos feitos e eu governar sobre mim, dando-se parte de todos os casos presentes e antepassados onde vim a saber que tinhão os meus Aquiqones feito prisão em meu Nome em dois Governadores da Nobre Fortaleza Portugueza de que deste caso tive notavel sentimento e por esta cauza peço a Meu Mano hum amavel Perdão. He certo Senhor que nós não temos guerras com Nação Estrangeira do que toca Navegantes, porem tenho eu guerras com huma Nação, onde foi este que vai com os meus, apanhado nas ditas Praias pois tambem tenho feito avizo a todos os Portuguezes, Inglezes e Francezes que se ausentem do dito Porto, os quaes me não querem ouvir, e assim como já hé de costume as nossas guerras de parte a parte, quebrar as canoas por onde fazem os Navios suas descargas, e cortar os cabos que estão botados em terra por onde vai Agoa para todos, e captivar tudo quanto achar:

Eu como me confesso por vosso Irmão e Amigo não desejo fazer o mais pequeno damno no seu commercio e portanto rogo-lhe e peço-lhe para que meu Mano queira determinar ao seu Commercio que consultem todos a virem neste Porto, pois todos os captivos a este Porto he que hão de vir, e assim rogo-lhe e peço-lhe pelos seus Grandes Dezes haja de determinar o que lhe peço, pois esta guerra que eu tenho com este Rei Vucanim he sobre huma traição que commigo obrou; e assim eu já jurei pelo meu Grande Deus Leba e mandei dizer ao Defunto Meu Pai que lhe mandava aquelle recado por 150 Homens que mandei matar, somente affirmando-lhe que eu me havia de despicar; e portanto não desejo fazer mal ao seu commercio, neste caso he o que tenho para fazer sciente ao Senhor Meu Mano.

Faço saber o meu Mano em como desejo abrir as minhas Minas e só com o seu adjutorio o poderei fazer; e tambem queria alguns preparos para as minhas guerras, assim como seja quem saiba fazer Peças, Espingardas, Polvora, e o mais que consta os preparos para o dito effeito; rogo mais ao Senhor meu Mano para que quando estes meus vierem me queira mandar fazer 8 Espingardas de Prata para caçar pois he com que mais me entretenho e tambem alguns Obuzes para metralha, e tambem 30 Xapéos finos, grandes de varias cores com suas plumas grandes e tambem 20 peças de seda dos antigos; eu tambem me offereço nesta minha Aldea para tudo quanto nella determinar; e assim tudo quanto me falta nesta, que mandei fazer pelo meu Escrivão adverti ao seu bom Vassallo que pelas suas honras e lialdade lhe remetto para que faça delle o que quizer. He o quanto se me offerece fazer neste aviso e onde todos os meus Aquiqones lhe rogão como quem desejão a sua fiel amizade.

Como nesta occasião estou acampado com 20 mil Homens não consta commigo senão apetrechos de Guerra; porem em signal de hum bom Irmão que tem lhe mando hum dos meus linhos para firmeza da nossa amizade.

Eu Escrivão deste cruel Rei que aqui me acho á 23 annos fora dos Portuguezes V. R. Magestade me queira perdoar o meu grande atrevimento: como me mandão fazer esta á

força a fiz por não ter outro remedio; pois quem poderá expressar o que viu he este que vai por nome Inocencio.

Como eu á 23 annos não achei outro christão como este, elle fará aviso do que vio e o que padecco, e como tratão os pobres Portuguezes nesta terra; eu faço este pequeno aviso porque todos quantos assistem na vista desta não sabem ler, e não me estendo mais por não causar desconfiança.

Meu Senhor Jesus Christo queira lembrar-se de todos quantos aqui estão penando. Deos dê todas as felicidades a V. Magestade como quem deseja, que he o humilde Vassallo João Fathe, Portuguez.

E com isto não enfado mais ao Senhor meu Mano.

De Vosso Mano Amigo.

† Adandozam Rei de Dagomé.

D. João, apezar de todos os seus titulos, ficára meio escarmentado com o nenhum proveito da primeira embaixada. E por isso não foram tão largas as despezas com esta, como da outra vez.

O visconde de Anadia em carta ao governador e capitão general da Bahia dizia os motivos dessa economia tão injustificada perante as praxes diplomaticas:

«A excessiva despeza que se fez pela Real Fazenda com os Embaixadores do Rei de Dagomé que aqui vierão no anno de 1795 e o nenhum fructo que della resultou, como se convence pelas vexaçoens e roubos praticados ultimamente pelo dito Rei no Porto de Ajudá deo motivo a que com os dous Embaixadores que agora voltão se resumisse a dita Despeza ao necessario sem faltar á Decencia; elles forão, alojados em hua muito boa Casa de Pasto, onde forão assistidos com tudo o de que precisavão e agora que estão proximos a se retirarem se deo a cada hu em dinheiro huma pequena Ajuda de custo e se lhes entregou hu caixote em que vão seis cortes de vinte a vinte e tres covados das melhores sedas da nossa Fabrica de Presente em nome de Sua Alteza Real para o Rei de Dagomé.

O que tudo com a despeza de sua passagem para a Bahia importou o que consta da Memoria junta que me pareceo conveniente remetter a V. S. para sua informação.

Palacio de Queluz em 31 de Julho de 1805.

Visconde de Anadia.

Senhor D. Manoel da Cunha e Menezes.»

Segue a relação das despezas:

«A' casa de pasto pelo sustento e alojamento dos dois Embaixadores e seu interprete e o Conductor e dois Pretos o razão de 8$000 por dia desde 15 de Maio até 31 de Julho de 1805. . . . . 616$000

Pelo valor de seis córtes de seda da nossa fabrica como consta da conta junta que se mandão de presente para o Rei de Dagomé. . . . . 238$757

Pelo que se deo aos dous Embaixadores em dinheiro. . . . . 96$000

Idem ao Interprete e ao Conductor. . . . . 96$000

Por alugueis de Seges para os dois Embaixadores, vestidos que se lhes fizerão e varias despezas miudas de que ainda faltão alguns restos para pagar, de que se não sabe a importancia, importando as que se tem feito em. . . . . 173$104

Pago ao Mestre do Navio pela Passagem, e sustento, até á Bahia dos ditos Embaixadores com o seu Interprete e Conductor. . . . . 400$000

Somma. . . . . Rs. 1:619$861

Secretaria do Estado em 31 de Julho de 1805.

João Filippe da Fonseca.»

O tal interprete, o Innocencio, com certeza não pintou com boas cores o real monarcha dahomeyano, porque ao passo que para si obtinha a nomeação para o posto de Capitão do 4º Regimento de Milicias dos Homens Pardos da Bahia, o Principe Regente, justamente offendido com os ataques ás suas feitorias e aprisionamento dos seus subditos por parte dos soldados do seu bom mano e amigo africano e querendo dar-lhe uma licção proveitosa, fugiu ás praxes diplomaticas não lhe enviando em resposta á missão uma mensagem autographa. Incumbiu disto ao Visconde de Anadia, que julgarão os diplomatas si se sahiu com gallhardia pelo documento junto:

«Nobre e Honrado Rei do Dagomé.

O Visconde de Anadia, Conselheiro d'Estado do Principe Regente de Portugal, seu ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos vos deseja Saude e accrescentamento de bons desejos. Levei á Real Presença do Principe Regente meu amo a Carta que vós lhe escrevestes pelos vossos

embaixadores aos quaes o mesmo Augusto Senhor fez a honra de admittir á sua Real Presença, tratando-os com as demonstrações de agrado que são proprias do seu Real Animo; e ordenando que elles fossem assistidos como tem sido durante o tempo da sua residencia nesta Corte com tudo o que lhes fosse preciso: E igualmente lhes mandou dar a sua passagem para a Bahia e ordenou ao governador daquella Capitania que lhes assistisse com tudo o necessario até chegarem aos vossos Dominios. Ao mesmo tempo que S. A. Real dava essas demonstraçoens sinceras de sua benignidade, não pôde deixar de se lembrar das justas queixas que tem do vosso comportamento pelos insultos e violencias praticadas contra o Commandante Portuguez do Forte de Ajudá, não só em offensa da boa correspondencia e amizade que de vós se devia esperar, mas até contra as leis da humanidade e da sociedade: sendo tambem inteiramente opposto á conservação da mesma reciproca amizade o conservardes como escravos varios portuguezes que tomastes violentamente nas terras de outro potentado.

Achando-se por este modo offendido o decóro e soberania da Coroa de Portugal não pode S. A. Real nem escrever-vos directamente, nem condescender no que vós lhe pedis sem que primeiro ponhaes em liberdade os Portuguezes que tendes captivos e restituaes ao Commandante de Ajudá os homens e Effeitos que lhe tomastes.

Emquanto estas condições não forem satisfeitas he incompativel que S. A. Real attenda ás vossas supplicas nem que vos possa mostrar os effeitos do seu generoso e Real Animo. Não quiz porem o mesmo Augusto Senhor deixar partir os vossos Embaixadores sem vos remetter por elles hum pequeno signal de sua Real Benevolencia para comvosco e da sua propensão a cultivar a antiga amizade e commercio que de tempos immemoriaes tem subsistido entre a Nação Portugueza e os vossos Vassallos e que continuará a subsistir logo que de vossa parte se reparem os damnos e offensas que a interrompem.

Nobre e Honrado Rei de Dagomé Deus vos alumie e Guarde e vos dê as prosperidades que mais convem.

Escripta no Palacio de Queluz em 30 de Julho de 1805. Visconde de Anadia.»

E bom saber-se que o Interprete da Embaixada fora portador tambem de outra carta do Rei de Ardra, de nome Hypo, o mesmo que com o de Dahomey andava em guerra. Esse outro regulo queria da mesma sorte, monopolisar a venda de escravos nos seus portos e para isso pedia a D. João que lhe remettesse um Engenheiro para melhorar as condições de navegabilidade dos mesmos.

Ao Governador da Bahia recommendava o Visconde de Anadia o estudo desse assumpto e que promovesse a liberdade dos captivos portuguezes. E para evitar que novas despezas fizesse a Fazenda Real com semelhantes missões, lembrava-lhe a conveniencia de as reter na Bahia, avisando a Corte que determinaria o que fosse conveniente.

Qual o resultado dessa missão não se sabe nem mesmo se o pobre escrivão do Rei de Dahomey voltou a Portugal, se continuou a desempenhar o seu honroso cargo, ou mesmo se foi encarregado de algum recado para um dos muitos deuses que povoavam o ceu Dahomeyano, os Voropou ou então o Grande Leba, missão esta muito mais espinhosa do que as de que vimos de tratar.

E' este um dos muitos mysterios da diplomacia do senhor D. João VI, de culinaria memoria.

Abril — 1908.

MARIO BEHRING.

TRANSPORTE DOS RESTOS DE BARROSO E SALDANHA

NA AVENIDA CENTRAL, ESQUINA DA RUA VISCONDE DE INHAUMA

NA AVENIDA CENTRAL, ESQUINA DA RUA VISCONDE DE INHAUMA

A TERRA

E

O HOMEM

Notas curiosas — As contradicções da Sciencia

A TERRA

"A terra é um planeta resfriado, um sol extincto.

LA PLACE."

"A terra era primitivamente incandescente, a temperatura era tão elevada que produsia todas as especies de materias em grandes massas.

A. MAURY."

"Ninguem vio a terra em estado igneo ou de liquido incandescente a theoria plutoniana não é se não uma hypothese.

BUCHNER."

"A terra era coberta de agua.

CHOYER."

"A theoria plutoniana tem um caracter evidente de probabilidade.

L. FIGUIER."

A terra não era nem um globo de fogo nem uma esphera de agua, "ella estava coberta de gelo, d'uma camada de gelo de dose a trese mil pés de espessura.

AGASSIZ."

Ao contrario! O globo terrestre se achava muito proximo do sol e "se aquecendo, as terras fiseram o frio ao redor.

CONTEJEAN."

"O grande Leibnitz, *divertia-se* a fazer, como Descartes, da terra um sol extincto.

A verdade é que ninguem sabe o que era antes do que é.

VIRCHOW."

"A terra é uma esphera ôca, como todo o corpo celeste.

VOLGER."

"A terra é um spheroide inteira e irrecusavelmente solido.

LIAIS."

"E' ôca e no seu interior deve haver agua, ar, luz e calor.

VOLGER."

"A terra tem uma crosta espêssa de cento e vinte a duzentos e oitenta kilometros.

CORDIER."

"A crosta da terra é de mil e trezentos e mesmo mil e seiscentos kilometros.

HOPKINS."

"Não conhecemos senão uma camada fina da terra, isto é, o exterior sómente.

BUCHNER."

"Calculando o que exigia a depressão do Paiz de Galles, achei duzentos e vinte e quatro mil annos.

RAMSAY."

"E' por milhares de seculos que se deve contar. Só a duração das grandes geleiras foi de cento e oitenta mil annos, pelo menos.

LOYELL."

"Mais de quinze mil annos.

KARL MAYER."

"Mil annos, no maximo.

GASTALDI."

"Só a planicie de Wealden necessitou de cento e cincoenta milhões de annos.

LOYELL."

"... todos esses calculos nada mais são que uma primeira, imperfeita e aventureira tentativa sem valor absoluto.

MORLOT."

"Uma perfeita geologia não as pode approvar.

LAVALLÉE-POUSSIN."

* * *

O HOMEM

Sumula da theoria de Darwin:

1.º — Todos os seres, sem excepção, as plantas como os animaes. sahiram, originariamente, de um ser *unico*, o mais simples possivel, cel-

lula, globulo, atomo vivente, producção da escuma das primeiras idades. Esse globulo (que se chama *progenitor*, *prototypo*, *protoptasma*, *mouera)* pouco a pouco se desenvolveu, pelo effeito de certas circumstancias. Aqui o terreno em que se achava era secco, ali humido, além plano, mais além escarpado e, então, aqui elle se revestio de patas, ali de azas, além de nadadeiras; aqui se fixou á terra, ali a deixou e se elevou aos ares, etc., se bem que, a um dado momento, não houvesse somente globulos, unicos seres viventes, mas, tambem plantas de todas as formas, animaes de todas as especies, insectos, reptis, aves, peixes, a vegetação rasteira e o carvalho, o leão e a serpente, a baleia e o beija-flor, tudo o que existe e que nós vemos se agitar, correr, gritar, arrastar-se, voar ou nadar.

2.º—Para que esses seres tão diversos, sahidos de uma cellula uniforme, pudessem viver e se perpetuar, era preciso que cada um conservasse os orgãos que tinha adquirido e os transmitisse a seus descendentes. Darwin imaginou, então, uma *força*. Essa *força* é dotada entre outras qualidades, de uma *intelligencia* verdadeiramente extraordinaria; ella dispõe os orgãos e os classifica, distingue e escolhe aquelles que são os mais proprios para a vida; e, melhor ainda, os modifica, os corrige, os augmenta, os adapta a determinadas funcções e, emfim, os põe em condições de nada haver a receiar e de resistir a todos os obstaculos que encontrem no curso de suas existencias. Os outros orgãos, que ella considera debeis, os deixa de lado ou, antes, os atrophia e, porfim, os elimina. Em uma palavra: ella se desembaraça dos fracos e auxilia os fortes a se desenvolverem. E' o que se chama a *lei de selecção*, do vocabulo latino *eligere:* escolher.

Eis, em sumula, a essencia, o principio basico do systema de Darwin que termina por affirmar que o homem é um mamifero descendente do macaco, provindo dos macacos *catarrhinos*, de narinas unidas.

Quando esse systema appareceu, as mais notaveis eminencias da geologia e, com ellas, quasi todas as summidades do saber, pasmaram e acclamaram a Darwin como o resolvedor genial do grande problema, os allemães principalmente. O segredo estava achado: um *globulo* formava-se na agua depositada e que era o primeiro deposito da terra, o *deposito primario*, e esse *globulo* já tinha vida, era vivente; ao fim de certe tempo, o sol o aquecia e elle augmentava de volume, apparecia-lhe uma pata, uma antena; a pata posterior batendo na agua, alargava e se fendia: era a nadadeira; as lateraes se agitavam no ar ambiente e, com o tempo se distendiam e se adelgaçavam e eram as azas e, assim, successivamente, insensivelmente, se forma o systema—a planta se transforma em insecto, o insecto em reptil, o reptil em mamifero, o mamifero em homem.

Os sabios applaudem, proclamam e, por fim, estudam a nova doutrina, o admiravel systema.

Feito o estudo, examinados os detalhes expositivos, começam as decepções. homem continua a ser o problema de origem indecifravel.

Eis o que os sabios disseram:

"A doutrina de Darwim repousa em premissas que não estão provadas pela experiencia.

HAECKEL."

"Essa doutrina é contraria aos verdadeiros methodos.

AGASSIZ."

"A famosa cellula primordial é enexplicavel e enexplicada.

QUATREFAGES."

"A sellecção natural é uma supposição desmentida pelos factos.

PICTET."

"A geração dos expontanea é uma hypothese muito commoda e absurda.

FLOURENS."

"A formação dos animaes, mesmo a dos mais simples infusorios, pela geração expontanea é impossivel; os esforços empregados sob este ponto de vista tem sido infructiferos.

LITTRÉ."

"Se os animaes se formaram modificando-se pouco a pouco, se mudaram, achar-se-ia signaes dessas modificações graduaes e, até hoje, não se chegou a isso.

CUVIER."

"O *Anableps*, que se encontra no Amazonas, tem quatro olhos e é assim chamado devido á singular structura do apparelho ocular que, segundo Agassiz, é revestido de uma placa membranosa que contorna o bulbo ocular, passando através da pupilla e dividindo o orgão da visão em duas partes iguaes, uma superior, outra inferior. Os *anableps* vivem em bandos na superficie da agua, parte da cabeça acima e parte á baixo do liquido, vivendo, assim, metade do corpo no ar e metade na agua; lhes sendo precisos, portanto, olhos capases de verem nos dois elementos.

Porque, todos os amphibios, desde a rã ao hippopotamo, não sentiram a necessidade, o

desejo de se munirem de ollios especiaes e apurados, semelhantes?

A *Sellecção* ou qualquer outro systema é impotente para o explicar.

EUGÉNE LOUDUN.»

«As theorias de Darwin são supposições gratuitas.

VALROGER.»

«O systema de Darwin é um romance scientifico.

LECOMTE.»

«Uma serie de milagres absurdos...

L. GIRAUD.»

«Quem présar a precisão scientifica, deve rejeitar essa theoria.

QUATREFAGES.»

«Ha ausencia absoluta de factos que provem ou mesmo expliquem a transformação do macaco em homem.

BISCHOF.»

* * *

Depois de todas essas linhas, já sobre a *Terra*, já sobre o *Homem e Sua Origem*, não vêm sem proposito, os conceitos que seguem:

«Conheço as leis da attração, mas, o que seja não saberei diser e ninguem o sabe nem nunca o saberá mais do que eu.

NEWTON.»

«Não nos cabe remontar ás causas primordiaes; ignoramol-as.

LE PLAY.»

«Nada podemos saber sobre a causa fundamental das cousas, nada tambem, sobre o seu *porque*, mas, sabemos o *como*.

BUCHNER.»

«Si se indaga como e porque tal agente produz tal modificação, respondemos francamente que nada sabemos. *Como* os planaltos da Abyssinia ennegressem de tal maneira que d'Abbadie vê o seu criado mudar de côr em um mez a ponto de não reconhecêl-o; *como* a America do Norte diminue e a Anglo-Saxonia augmenta; nada sabemos sobre a causa de tudo isto, não sabemos o que isto é.

QUATREFAGES.»

«Toda experiencia engana, *experientia fallax*.

HIPPOCRATE.»

«Nada podemos saber sobre a essencia das cousas.

BUCHNER.»

«Mais, talvez, hoje do que a oito mil annos, nos faltam dados exactos sobre a natureza intima das cousas.

BABINET.»

«O fogo queima, o ovo contêm a ave, o sol brilha, vemos com os olhos, ouvimos com os ouvidos, etc., aceitamos essas cousas como reaes. Quem, porém, as explica? Ninguem. São outros tantos artigos de fé que se impõem á nossa razão contra nossa razão.

BOURDIN.»

«Dá-se o mesmo com o *calor*, com a *contractibilidade*, com a *actividade* da medula da espinha.

VULPIAN.»

«Em physica, ha tres cousas: *o phenomeno* as *supposições* do physico e o *calculo* que resulta dessas supposições.

Querendo calcular a curva que faz um raio de luz atravessando a atmosphera, tem os *elementos essenciaes* que elle não faz entrar em conta porque *lhe são desconhecidos e dos quaes elle é obrigado á lançar mão*: a densidade das camadas de ar, a lei de refracção, a natureza dos corpusculos luminosos, os seus aspectos, etc. O calculo está exacto, o raio toma a curva determinada, d'onde se conclue que: ou as suas supposições se modificaram por si ou ellas estavão exactas. Qual dos dois casos, porém, se deu? Elle ignora e é esta a unica certeza a que elle póde chegar!

DIDEROT.»

«Nenhum philosopho pôde levantar, por suas proprias forças, o véo que a natureza estendeu sobre os principios das cousas.

Observo os effeitos da Natureza, mas, confesso que não concebo, mais do que vós, os principios primordiaes.

VOLTAIRE.»

Não se torna necessario recommendar nem commentar, á intelligencia dos leitores da *Kósmos*, o que contêm de interessante os curiosos apanhados que aqui ficam extrahidos e traduzidos desse robusto e excellente livro de Eugène Loudun intitulado *As ignorancias da sciencia moderna*.

LIMA CAMPOS.

NA FRONTEIRA

UM TEUTO-BRASILEIRO

ACAMPAVAMOS em aprasivel rincão dos campos do Coronel Juca d'Almeida, um dos esforçados descobridores de Palmas, cujo genio audaz e aventureiro não desmentia o quente sangue dos velhos paulistas, que lhe corria nas veias.

Estava quasi a findar o mez de Novembro do anno de 1889.

Perto de nós, a alguns passos, n'uma clareira espaçosa, alvejava o abarracamento dos argentinos, cujo chefe era o illustre senhor D. Valentim Virasoro.

As nossas tendas em pinturesca desordem aformoseavam a ourela de viçoso almargem, armadas á sombra de arvores baixas sobrepujadas por pinheiros gigantes.

O chão verde que pisavamos era alcatifado de macio relvêdo, marchetado de flores.

Nesse mez, as louçainhas da primavera enfeitam ainda os formosos campos do Paraná.

Batia-nos á porta o estio; mas os dias eram frescos, e as noites frias.

Si os astros scintillavam com brilho intenso no ceu azulado e sem nuvens, a terra amanhecia escarchada de geada. — Precisavamos de dormir bem abrigados.

E' que estavamos á 26 gráus de latitude austral e a mais de 1100 metros acima do nivel do mar.

Pela nossa frente, o Chapecó passava ligeiro, e torcia-se em meandros caprichosos; rolando as aguas claras, e frias sobre um leito de lages denegridas, onde brilham seixos de amethystas rôxas e agathas vermelhas.

Naquellas alturas é um pequeno — lageado, — cujos galhos ainda menores vêm serpeiando das proximas nascentes, que confrontam e ás vezes se confundem, no mesmo banhado, com as do rio Jangada, seu contravertente e visinho mais proximo, que vai engrossar, abaixo do Porto da União, as aguas acachoadas do grande Iguassú.

Betam essas formosas campinas onduladas, pequenas ilhas de pinheiros de alta coma sempre verde.

Alli, não raro, se escondem sussuaranas pardas e onças mosqueadas, espreitando com olhos de cubiça os rebanhos de vacas, que passem ladeados por touros de alto *cupim* e aspas aguçadas; e as numerosas manadas de egoas ariscas seladas por *pastore*s crinitos de cácho grosso e bem fornido e jarrêtes nervosos e delgados.

Uma noite, muito tarde, espertei á estrupida de cavallos á galope.

Ouvia-se o clamôr dos relinchos estridentes dos *baguaes* e os finos nitridos dos poldros assustados; — perturbando o magestoso silencio da solidão.

Os nossos cães ladravam sem cessar em torno do acampamento.

Sahi embuçado no ponche.

Fazia frio.

O luar era claro e as estrellas faiscavam no ceu de purissimo azul.

Dirigi-me á um grupo, que palestrava, tomando mate junto á um fogo alegre de nós de pinho. Entre soldados e peões, de cocoras uns, outros assentados nos calcanhares ou amezendrados em troncos, fumava grande cigarro de palha de milho o Xico Bose feitor da turma.

Ergueu-se logo e achegou-se de mim. Era um rapaz de vinte e sete annos, forte e de estatura elevada. Nos olhos azues se lhe não descobria a ferocidade que Tacito notou nos barbaros da Germania. O cabello louro e ondeado cahia-lhe quasi aos hombros.

As pontas do bigode dourado levantavam-se em arco nos cantos da boca. Era paranaense. Seus progenitores — o Professor Bôse e Frau Bose nasceram na Pomerania.

Não te canças em ficar tanto tempo acocorado junto ao fogão? Perguntei-lhe.

Senhor, não. Isso só faz mal aos *chirús* velhos, que tem o *caracú* duro.

Porque estão os animaes tão alvorotados?

E' tigre, senhor coronel, que anda perto. Vancê ouça como a perrada está alerta; e repare para a cavalhada *parando rodeio* lá em riba da cochilha.

Esguardei na massa escura no tezo da collina esplendidamente allumiada pelo luar.

O tigre está rondando, continuou o Xico, para pegar algum *matungo* ou *potranca* desgarrada.

A *egoada* e os *potrilhos* estão dentro do circulo. A gente d'aqui não os pode ver bem. Aquelles vultos, que andam por fóra, são os *pastores*, rinchando de vez em quando, para darem coragem a manada.

O tigre ronda e ronda toda a noite; e antes das barras do dia apontarem e a passarada principiar a cantar, mette-se na matta.

Tanto tem de forte, como de falso.

Tem medo do dia e foge da gente.

Ha muitos por cá?

Como não? Por via do gado. Nas picadas do Jangada andam uns bem criados. Tenho visto cada rasto do tamanho da minha mão.

E fechou a mão direita para mostrar-me as dimensões da trauta.

Agradava-me a conversa singela desse homem, em cujas veias corria puro e sem mancha o sangue germanico; e era entretanto um germano *caipira* brasileiro.

Fallas bem allemão?

Senhor sim, mas não tanto como o velho. Quando era *gury*, não se fallava em casa outra lingua. Mas depois que casei, já me vou esquecendo, porque a mulher não sabe.

De qual gosta mais — do allemão ou do portuguez?

Da nossa, coronel. E' mais doce, e é a minha, da minha terra.

Militão falla allemão?

Nunca aprendeu, porque a mãi não entende, e em casa é portuguez só, que se *corta*

Militão, o primogenito do Xico era o *madrinheiro* da nossa tropa.

Tinha oito annos. Mostrava pela idade que a *sera pubertas* dos germanos de Tacito falhára no feitor da minha turma, nascido em outra terra, vivendo em outro meio, e queimado pelos raios d'um sol mais quente.

Não tens desejo de caçar um tigre?

Deus me livre, coronel. Isto é bom para o Jéca Roberto do Jangada, que tem esfollado para mais de tresentos. E' o caçador mais *famanaz*, desde o Goyo-én até Guarapuava.

Vancê vê aquelle braço meio secco, que elle tem? Foi o *manotaço* d'uma *tigra lastimada*, que rollou com elle no fundo de um grotão. Quem o salvou foi o Amaro, que era ainda *gury* e acabou de matar o animal com uma azagaia feita d'uma faca atada na ponta d'uma taquara.

O Jéca ainda gosta de caçar?

Só caça quando não tem remedio. Hoje é um velho triste.

Passa as tardes assentado como um corvo no muro do cemiterio, que fez na frente da casa.

O Amaro é quem persegue agora os tigres que *carneiam* na estancia do pai. E' rapaz de dar e tomar e não é qualquer que lhe faz pé.

Tem boas armas o Amaro?

Qual o que, coronel!

Caça com uma garruchinha troxada, d'um cano só; não ha dinheiro que a compre.

E' grande temeridade desse homem, arriscar-se tanto.

Caça sempre com o cachorro de sua confiança, quando o tigre se vê perseguido, trepa n'uma arvore e espera o caçador.

O Amaro atira bem — e nunca erra a cabeça ou a volta da *palhêta*.

E si o tigre não trepar?

E' muito raro, mas acontece.

Então é mais perigoso.

O rapaz avança para elle sem lhe tirar os olhos de riba. O animal acuado agacha-se todo, assentado nas patas traseiras; firma-se nas mãos e encolhe-se para armar o pulo. Mas antes de pular abaixa a cabeça. Nesse momento elle aperra a garruchinha e quando a féra se levanda, vara-lhe o coração com uma bala.

E si falhar a garrucha?

Que esperança, Coronel! Não falha não. Nunca falhou, nem ha de falhar, porque Amaro tem muitos *patuás* e sabe resas muito fortes. Nunca sahe para caçar, sem primeiro resar o responso de Santo Antonio e a oração de São Marcos, que o velho Jéca lhe ensinou e elle traz dependurados no pescôço, dentro d'um bentinho *retovado* de couro de jáguatirica.

Mas... si o tigre não morrer do tiro?

Acaba na ponta da faca.

Continuei por algum tempo ainda á ouvir o meu interessante feitor.

Recolhi-me á tenda solitaria: Os cães continuaram á ladrar; ás vezes mais á miudo e correndo d'um ponto para outro.

Os echos dos relinchos dos *baguaes*, no teso da collina, chegavam de quando em vez aos meus ouvidos.

Dias depois, o Xico appareceu á tardinha, no acampamento com o peito e os braços alanhados e escorrendo sangue.

Trazia ao hombro duas peiles de onça pintada.

Correram todos para elle.

O que foi?

Quem matou?

Que *bichões?*

Como Vossê, seu Bôse, está todo *lastimado!*

Conta como foi.

Quando me viu, estugou o passo e achegou-se. Tinha o ar fatigado, mas brilhava no seu olhar intelligente e energico o bello orgulho da coragem. Estava sorridente.

Dous tigres d'uma vez, Bose? Foste tu, quem os matou?

Senhor sim, meu Coronel, com a ajuda de Deus.

Vi-me hoje pelas caronas.

Um destes dous diabos quasi deu cabo de mim.

Onde os encontraste?

Na picada, antes de chegar ao banhado, onde nasce o braço esquerdo do Jangada.

Que foste lá fazer?

Como é domingo, sahi atraz dos quatis.— Segui pela picada do tenente Montez. Só appareciam gralhas e pelinchos, que não valiam a polvora d'uma carga.

Já ia desanimado, quando ouvi perto os latidos compassados de Busca-vida. Era de certo algum animal acuado. Entrei no cerrado. O cão latia para riba. Era um tigrão de pintas graudas e cabeça grande — um cangussú. Estava trepado n'uma imbuia.

A testa muito lisa e arregaçada para traz, se enquadrava numa forquilha. Os olhos eram duas brazas. A cóla não parava de bolir; parecia uma «quatimra» assanhada.

Fiquei apavorado; mas tive vergonha.

Metti uma bala na espingarda, que só tinha chumbo grosso e apertei bem a bucha. Apontei á cabeça e dormi na pontaria.

Que tirão, Coronel!

O bruto deu um urro, despencou lá de riba como um ouriço de pinhão e cahiu redondo no chão.

Nunca pensei que fosse tão facil acabar com uma féra tão grande e tão bravosa como aquella.

Fiquei todo alvorotado e nem me lembrou carregar a arma, que é dum cano só.

Quando me cheguei para esfolal-o, senti mexer n'uma moita bem perto de mim. Era outro que estava agachado e parecia querer me devorar.

Que olhos esbraseados!

Mal tive tempo de dar de mão á adaga.

Pulou sobre mim; e eu saltei, que nem gato para traz. Má hora!

Os pés se enredaram n'um cipó e estendi-me á fio comprido.

A adaga saltou-me da mão. Gritei—valha-me Nossa Senhora. O diabo não me deixava; parecia que me queria sangrar no pescoço. Metti-lhe a mão esquerda na bocca e agarrei-lhe a lingua com toda a minha força.

Que bocca! Rescendia á carniça de muitos dias.

A lingua parecia uma groza de ferreiro; tinha escamas que nem peixe.

Que idea a tua de metter a mão na bôcca da onça!

Qual idéa, nem nada, seu Coronel. O diabo estava com ella aberta, e a mão entrou sem eu pensar no que fazia.

Felizmente não pode morder-me; a lingua estava presa.

Vi-me perdido e agarrei-me com a Virgem Maria.

«Babatei» no chão e achei a adaga. A Mãe de Deus me valeu.

Busca-vida me ajudava mordendo a féra no garrão. E o diabo era femea.

Dei-lhe uma facada no sangradouro, que foi de certo ao coração, porque ella deu um bramido, que parecia ronco de trovoada. Até a terra estremeceu.

Alanhou-me todo assim como vancê está vendo, braços, peito, pernas...

O que eu mais temia era um «manotaço». Si me péga um, não sei que seria de mim.

Dei-lhe mais duas facadas; só de raiva.

Acariciou o focinho do grande cão e disse:

Busca-vida fez hoje serviço de amigo fiel e valente. Si não fosse elle, o diabo da "tigra" me carneava.

Estendi-lhe a mão e congratulei-me com elle pello bello feito. Fil-o ir ao Capitão Aguiar, nosso pharmaceutico e medico adhoc para fazer-lhe os curativos.

Estes dois couros, Sr. Coronel, são para vancê se lembrar do seu feitor.

Trouxe-os para o Rio e os mandei preparar.

O da femea conserva debruadas de vermelho as grandes rasgaduras da adaga do Xico Bose.

Nessa noite, no retiro de minha tenda, passei longo tempo á scismar na figura desse mancebo, puro teuto no sangue, e tão brasileiro na linguagem, nos costumes, nos modos, no valor e no amor á terra onde nasceu.

Acudiu-me á mente a idéa do tão fallado —«perigo allemão»; e tive impetos de exclamar "expressão vã de infundados receios".

Oxalá aportem aos milhões, ás nossas plagas, os homens da raça do Xico e das outras fortes para trabalharem commosco pela gloria do Brazil.

DIONISIO CERQUEIRA.

ESTRADA DE FERRO MADEIRA E MAMORÉ

GRUPO DE ENGENHEIROS DO CONTRACTANTE

ACAMPAMENTO DE ENGENHEIROS

ESTRADA DE FERRO MADEIRA E MAMORÉ

PORTO VELHO E RIO MADEIRA — VISITA DO ENGENHEIRO FISCAL

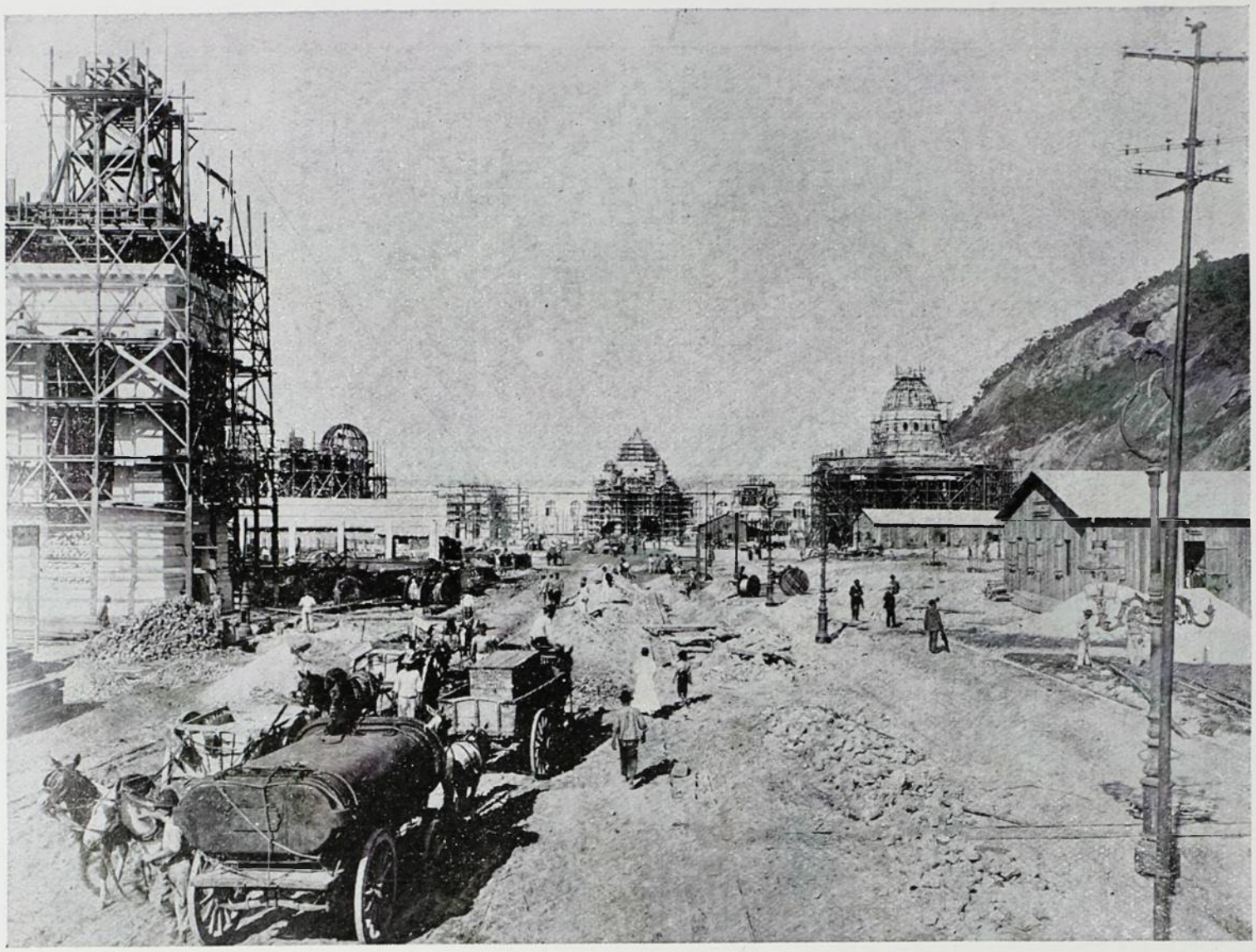
DERRUBADA EM PORTO VELHO — VISITA DO NEGENHEIRO FISCAL

ESTRADA DE FERRO MAMORÉ – DERRUBADA EM PORTO VELHO

GRUPO EM PORTO VELHO – VISITA DO ENGENHEIRO FISCAL

A EXPOSIÇÃO NACIONAL Á VOL D'OISEAU — VISTAS TIRADAS DO ALTO DO PÃO DE ASSUCAR

A EXPOSIÇÃO NACIONAL Á VOL D'OISEAU — VISTAS TIRADAS DO ALTO DO PÃO DE ASSUCAR



EXPOSIÇÃO NACIONAL — ASPECTO DAS OBRAS

EXPOSIÇÃO NACIONAL — ASPECTO DE DIVERSOS PAVILHÕES EM CONSTRUÇÃO

OS CRYSANTHEMOS

A José Verissimo

ERA o dia da festa dos crysanthemos...

Como por mercê dos deuses a chuva deixára de cahir, eu sentei-me japonezamente no meu *kuruma* de velludo e fiz-me transportar ao jardim do Imperador...

O céo, diaphano como um jade oriental, derramava sobre a terra sua abundante claridade; as *musumés* passavam á minha beira, agitando as azas dos *kimonos*, num alegre alarido de passaros assustados; as velhas avós sem cabello, essas chupadinhas creaturas que são as reliquias das ilhas Japôas, caminhavam silenciosamente no meio dos netos buliçosos; a lucidez da atmosphera alegrava as flôres e os semblantes, reflectia-se no espelho dos lagos, penetrava na alma das coisas como um sorriso da Natureza...

Só o meu coração entristecido era impenetravel áquella vaga felicidade do dia...

Eu caminhava ao acaso, topando aqui e ali com arvores *bébés* de dois palmos de altura e um affecto quasi piedoso, uma sorte de compassiva amizade como a que me inspiram os anões humanos, apoderava-se do meu espirito.

E' que a arvore *bébé* não cresce: a pobre arvore *bébé* permanece minuscula atravez dos seculos, olhando melancolicamente para a grandeza dos cryptomerias...

Mas sem embargo dos seus dois palmos de altura o equilibrio anatomico dos seus orgãos resiste aos tormentos que lhe inflingio o cirurgião: é o tronco mais pequeno, são mais delgados os ramos, ficam os ramusculos a perder de vista... O monstro, todavia, continúa a ser uma arvore, uma miniatura de arvore, esbelta e deliciosa...

Assim é o phenomeno que Master Johnson exhibe no Circo de Pariz...

Pois não vos faz pena essa creatura de saias compridas, falando, rindo, vestindo-se *chez* Doucet, e que qualquer pessoa pode metter no canto de uma gaveta?

Contemplae essa senhora de cinco palmos e dizei-me se não é uma perfeita mulherzinha sendo uma miniatura de mulher...

*
* *

Nos jardins do Imperador lobriguei muitas destas arvores que são cuidadas por mãos de jardineiros paternaes.

Outras, ao revez, são gigantescas. Outras são exquisitas, nervosas. Destas se torcem os ramos no ar como agitados pela colera.

Daquellas os troncos parecem velhos invalidos chorando a elegancia da juventude perdida... Alguns pinheiros, de uma immobilidade esculptural, deitam uma sombra que se assemelha a um luto...

Dirieis um florido jardim de supplicios este imperial jardim povoado de troncos que padecem silenciosamente... Dirieis uma enfermaria de paralyticos este parque cheio de plantas martyrisadas pelo capricho dos homens... Ha mesmo uma semelhança physionomica entre certas arvores do Japão e certos deuses que dos altares dos templos olham para a humanidade com caretas de palhaço...

*
* *

Foi em presença desta Natureza enfermiça que eu comprehendi com verdadeiro amor a saudavel Natureza dos jardins da minha terra!...

Foi á sombra desta ramagem quasi lugubre que eu pensei na diaphana e consoladora sombra das palmeiras do meu paiz!...

Foi olhando para estas despidas montanhas que eu evoquei as serras tropicaes eternamente cobertas de brocados de flôres!...

E o meu exilio pareceo-me mais doloroso...

E uma indizivel nostalgia apoderou-se da minha alma...

E as saudades dos morros amados puzeram-se a voltijar em torno do meu coração como as phalenas nocturnas á roda de uma luz bruxoleante...

*
* *

Para illudir o desencanto enfronhei-me por um atalho da alameda principal em busca dos crysanthemos.

Não sei que invisivel mão me guiou por aquelle caminho deserto...

Não sei quem me levou para as visinhanças de uma gruta cavada no flanco de uma das collinas do parque...

Uma vontade mysteriosa, superior á minha vontade, dirigia a bussola dos meus actos...

A gruta, cheia de sombra, olhava para mim como uma pupilla fascinadora...

Aproximei-me timidamente e estaquei perplexo ante o espectaculo que me esperava...

Um crysanthemo vivia ali, solitario como um eremita, no seio da treva e do silencio...

Senti não sei que de sobrenatural pairando sobre a planta...

Senti um enigma na vida dessa flôr...

E puz-me a tremer diante della como uma creança que a ideia dos phantasmas apavora...

Talvez que as suas petalas me recordassem os dedos de alguma princeza de legenda...

Talvez que a nervosa elegancia do seu caule me lembrasse a silhueta de alguma amante esquecida...

Tentei fugir ao quebranto que me penetrava...

Mas não pude dar um passo...

. . . . . .

De repente a corolla fez um gesto, a flôr toda estremeceu numa vibração de vida, e uma nuvem pallida e luminosa, pallida e luminosa como as perolas do Oriente, começou a formar-se e a condensar-se em torno do crysanthemo...

O mundo que me rodeava desappareceu por um instante da minha consciencia!

Os mais confusos pensamentos desencadearam-se no meu cerebro!

Deixei de luctar, deixei de querer, deixei de sentir...

Perdi a noção da realidade e entreguei a minha alma aos tentaculos da vertigem...

Entretanto, a flôr envolta na nuvem metamorphoseava-se como por milagre...

O caule adquiria formas humanas, as petalas criavam corpo, as folhas cosiam-se umas ás outras...

Um hombro nú, destacando-se da nevoa, appareceu, como um marmore vivo, á minha vista hallucinada...

E agitaram-se dois braços cobertos de pedras preciosas...

E brilhou um cabello ruivo qual um nascer-de-sol atravez das brumas da aurora...

Olhei para a visão que me apparecia e cahi de joelhos sobre a terra humida...

Era uma mulher a visão que me apparecia...

O violento esplendor da sua belleza provocava em todo o meu ser uma especie de idolatria sexual...

Os seus braços pareciam talhados para os enlaces da paixão como as lianas selvagens que no silencio da floresta se enroscam aos troncos languidos de felicidade...

A sua bocca exhalava um perfume calido de fructo dos tropicos...

E o seu cabello tumultuoso queimava-se como uma labareda...

Só os seus olhos eram graves, tragicos e tenebrosos...

Os seus olhos deixavam cahir sobre a minha alma uma sombra de cypreste...

Os seus olhos eram frios como um crepusculo polar...

Os seus olhos pareciam pensar em coisas do outro mundo...

Contemplei-a em extasis...

A divina creatura sahio da gruta encantada envolta num manto que tinha a côr das folhas do crysanthemo e falou-me numa voz que era um «murmurio liquido» como a voz da Musa de Shelley:

Eu sei que tu és filho do paiz das maravilhas! na tua patria gorgeiam as aves mais ditosas da terra e crescem as arvores mais elegantes do mundo! os teus olhos já decerto contemplaram todos os sorrisos da Natureza! tens montanhas banhadas por oceanos de jade e cidades em cima dessas montanhas! tens palmeiras que sobem até ao céo e adormecem sobre travesseiros de nuvens! tens corvos vestidos de luto e teus mariposas multicolores! és do paiz dos supremos contrastes: as fontes são a alegria dos teus jardins e as cascatas são o pranto das tuas serras! nos rincões dos teus bosques dorme o velho jaguar e rasteja a cobra traiçoeira emquanto os fugazes colibris feitos de faiscas de sol voltijam em torno das madresilvas amorosas! és feliz, ó! poeta! nasceste no Paraizo e desconheces a desolação dos desertos!...

E estas palavras que cahiam sobre a minha alma como uma chuva de petalas traziam-me á memoria o poema do escriptor:(*)

«Do novo mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules lybico com as suas columnas, nem Hercules thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brasil: vastissisma região, felicissimo terreno onde tudo são fructos, em cujo seio tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas; tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz a todas as luzes rico, onde, prodigamente profusa, a natureza se desentranha nas ferteis producções que em beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido nectar e dando as suas fructas sazonada ambrosia, de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos falsos deuses attribuio a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno nem madruga mais bella a aurora;

(*) S. da Rocha Pitta. *Historia da America Portugueza.*

o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos ou dentro de povoações nos aqueductos, são as mais puras; é, emfim, onde tem nascimento os maiores rios, influem benignos astros e respiram auras suavissimas que o fazem fertil e povoado de innumeros habitadores. — »

A dama dos olhos tenebrosos continuou:

— Já deves estar saciado das riquezas da terra! que panoramas ha para a tua retina, desconhecidos? que flores ha que não tenhas acariciado com os teus beijos? que rios existem onde não haja navegado a galera dos teus sonhos? que buscas, pois, aqui?

— Venho ver os crysanthemos, respondi num murmurio.

— Ah! os bellos crysanthemos deste paiz?

— Ver os crysanthemos... repeti machinalmente, sem me explicar a subita apparição daquella mulher.

— Vem comigo, accedeu ella. Eu te mostrarei as symbolicas flôres do paiz dos quinhentos outomnos!

Puzemo-nos a caminho...

Aproximamo-nos de uma enorme barraca de tecto de papel por onde a luz do meio-dia penetrava modestamente...

A barraca trasbordava de crysanthemos...

Havia-os de todas as côres, de todos os tons, dos mais variados matizes...

Eram uns completamente vermelhos, outros claros como uma neve perfumada, estes amarellos como o oiro das minas, aquelles dourados como as estrellas do céo, alguns de um rubro sanguineo como sangue coalhado...

Havia-os côr de cereja, havia-os de petalas brancas e roxas, havia-os escuros, prateados, lacteos...

Era uma ineffavel alegria para a vista...

Era um conjuncto de flôres que dava aos olhos encantos voluptuosos ..

A minha dama dizia-me:

— Olha! aquelle pé carrega 935 flôres!

Perguntei o nome do fertil vegetal chamava-se *hibarino-toko*...

Os crysanthemos formavam uma sorte de umbella, uma especie de pallio redondo tão gigantesco e frondoso, que os eixos da planta desappareciam sob a irradiação das petalas.

Era uma superficie convexa de corolas de todas as cores, á guiza de guarda-sol, sustentadas por um pé unico, por um fecundo pé de *hibarino*

A minha dama dizia-me:

— Eis a flor imperial, ó meu poeta! O crysanthemo de dezeseis petalas é o escudo do Mikado...

Tem quasi a idade do amor! Cinco seculos antes do teu Christo já os Chinezes e Japonezes lhe entoavam canticos sagrados... Vês como todas estas corolas se espreguiçam aos beijos do sol? E não sabes que umas alimentam, que outras curam a embriaguez, que outras matam os insectos, que outras absorvem as doenças?... Ah! dize! dize! conheces sobre a terra alguma flor mais tentadora?

— A tua bocca, rosa de duas petalas, respondi fitando-a apaixonadamente.

— Olha o *chiraga*, todo feito de sangue empastado, proseguio ella sem responder ao meu grito de amor... Olha aquelle que parece uma fructa madura... Não te dá vontade de o comer? E' o *kamijiyama*, o orgulhoso *kamijiyama* dos jardins imperiaes...

— Mas como é possivel obter tão grandes flores? inquirí estacando defronte de um ramo de crysanthemos que pareciam cabelleiras de Carnaval.

— Com paciencia e cuidado, respondeu a minha mysteriosa companheira. Colloca as plantas em estufas muito illuminadas, num solo fertil e sempre perto dos vidros para que não morram... Mas separa-as umas das outras de sorte que a luz e o ar circulem á vontade... Porque não ensaias? Não tens o culto dos jardins?

. . . . . .

O passeio continuava...

Ladeámos uma multidão de flores de todos os tamanhos.

Os crysanthemos appareciam nas suas infinitas combinações, nas suas indescriptiveis elegancias, provocando-me o appetite como carne feminina.

A minha dama falára certo: a flôr pedia os dentes. Era uma carne aromatica a seduzir labios refinados.

Descemos uma ampla alameda que desembocava num portão de ferro...

Entre duas arvores verdes lobriguei de longe uma trindade de poetas Chinezes que se inspiravam na paizagem do crepusculo...

Chegámos ao portão: o sol ia descambando por trás das escuras muralhas do palacio e na abobada do Céo o crescente pallido da lua fazia-me pensar numa adaga de *samurai*...

— Mas afinal quem és tu? perguntei de repente á mysteriosa dama, cravando o meu olhar

cheio de angustia na fulgurante sombra das suas pupillas... Porque vieste interromper o destino dos meus pensamentos? porque vieste perturbar o repouso do meu coração? que pensas fazer da minha vida e da minha alma com o mortal quebranto da tua belleza? quem és tu? quem és tu?

— Quem sou?... respondeu ella desfazendo-se outra vez em fumo como nas historias dos milagres... Olha-me bem! sou eu que te ensino a vêr as occultas virtudes dos objectos! sou eu que faço palpitar o teu coração como um relogio mysterioso! sou eu que faço voar o teu espirito emprestando lhe as minhas azas invisiveis! sou eu que te revelo e elegancia dos arbustos, os amôres das corolas e os enlaces voluptuosos dos troncos! E' á sombra da minha voz que dedilhas a lyra em louvor da tua Musa de olhos fatidicos! é ao luar da minha vista que se accendem as estrellas da tua inspiração! é commigo que descobres o relevo dos symbolos e a magia das imagens!...

Olha-me bem, poeta dos meus peccados! eu não sou a mulher fascinadora para cuja bocca vôam os beijos dos homens como um enxame de abelhas! eu não sou a Amante que apunhala nem a Amante que perdôa!... sou impalpavel, fugitiva, insexual!... sou feita de essencia divina, como a luz e como o radium, e desde tempos immemoriaes levo o pollen que vivifica as artes entre as petalas dos meus sorrisos!... eu sou a Fantasia!... adeus!

Tokio, 1908.

LUIZ GUIMARÃES FILHO.

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 3 DESTE ANNO)

CAPITULO X

Sobre os Principios de Classificação

TALVEZ haja alguem, mais feliz do que eu, capaz, mesmo sem Darwin, de encontrar o fio da meada pelo emaranhado das formas evolutivas, ora tão completamente diversas nos mais proximos alliados, ora tão surprehendentemente semelhantes, nos membros dos grupos os mais distantes que nós acabamos de examinar perfunctoriamente. Talvez que um olhar mais penetrante seja capaz, com Agassiz, de perceber «o plano estabelecido *ab initio* pelo Creador», (1) o qual poderia ter escripto aqui, tal como o diz um proverbio portuguez, «direito por linhas tortas.» (2)

Eu sou forçado á pensar que, difficilmente podemos fallar de um plano geral ou modo typico de desenvolvimento dos Crustaceos, differenciado segundo as Secções, Ordens e Familias separadas, quando, por exemplo, entre os Macruros, os Pitús deitam os ovos na forma permanente; a Lagosta, embryões com patas schyzopodas; *Palaemon*, com os Carangueijos, na de Zoéas e *Peneus*, com os Cirripedes, na de Nauplius; — e quando, ainda dentro d'esta mesma sub-ordem Macrura, *Palinurus*, *Mysis* e *Euphasia* apresentam formas jovens; — quando novos membros, ás vezes, emergem como rudimentos livres, na superficie ventral e são, ás vezes, formados debaixo da pelle que passa lisamente sobre elles; e ambos os modos de desenvolvimento são encontrados nos diversos membros do mesmo animal e no mesmo par de membros de differentes animaes; — quando nos Podophtalmos, os membros do thorax e do abdomen apparecem, ora simultaneamente, ora aquelles e, ás vezes estes em primeiro logar; e quando, alem disso, em cada um dos dous grupos os pares nascem juntos, ás vezes um atraz dos outros; — quando, entre as Hyperinas, uma simples pata se muda em chela, em *Phronima* e uma chela em simples pata, em *Brachyscelus*, etc.

E comtudo, segundo as licções da Escola, é precisamente na juventude, precisamente no decurso do desenvolvimento que o «Typo» está, pela maior parte, abertamente desdobrado.

Mas, ouçamos o que tem a Velha Escola á nos dizer como significado da historia evolutiva e, suas relações para com a anatomia comparada e zoologia systematica.

Que fallem dous dos seus mais acatados mestres.

«Ao passo que a anatomia comparada,» diz Johannes Muller, em 1844, nas suas leituras sobre esta sciencia (e as opiniões do meu memoravel mestre foram as minhas proprias, por muitos annos), «nos mostra a infinitamente variada formação do mesmo orgão no Reino Animal, nos fornece ao mesmo tempo os meios, pela comparação d'estas varias formas, de reconhecer o verdadeiramente essencial, o typo d'estes orgãos e, de separar d'ahi o não essencial. N'isto, a historia evolutiva á serve como um freio ou pedra de toque. Assim, desde que a idéa do desenvolvimento não é a de um méro augmento de tamanho, mas a do progresso do que ainda não foi differenciado mas que, potencialmente, contem a distincção de si mesmo para o essencialmente distincto, — é claro que, quando menos um orgão se desenvolva tanto mais adquira peculiaridades. O typo descoberto pela anatomia comparada e a historia evolutiva, devem por isso estar de accordo.»

D'ahi, depois de ter combatido a idea de uma escala gradativa de animaes e, a passagem por muitos gráos durante o desenvolvimento, continua Johannes Muller: — «O que é verdade n'esta idéa é que, cada embryão, no começo, traz sómente o typo de sua secção, do qual só ulteriormente se desenvolve o typo da Classe, o da Ordem, etc.»

Em 1856, n'uma obra elementar (1) em que é usual só se admittir o que for considerado como acquisição scientifica indubitavel, Agassiz se exprime do seguinte modo: — *Os ovos ovarianos de todos os animaes são perfeitamente identicos*, pequenas cellulas com um vitellus, vesicula germinativa e macula germinal.» (§ 278) «*Os orgãos do corpo são formados de accordo com a sua importancia; os mais essenciaes sempre apparecem primeiro*. Assim, os orgãos da vida vegetativa, o intestino, etc., apparecem mais tarde do que os da vida animal, o systema nervoso, esqueleto, etc.; e estes, por sua vez, são precedidos pelos phenomenos mais communs pertencentes, como taes, ao animal.» (§ 318) «Assim, nos Peixes, a primeira mudança consiste na segmentação do vitellus e formação de um germen, processos que são communs á todas as classes de animaes. Depois apparece a goteira dorsal, caracteristica dos

(1) «Um plano plenamente madurecido no começo e rigorosamente executado»; ou «No principio Seu plano foi formado e d'este plano Elle nunca se apartou em qualquer particular» (Agassiz e Gould, «Principios de Zoologia»)

(2) «Deus escreve direito por linhas tortas.» Para ler esta notavel proposição, carecemos dos oculos da Fé que raramente acompanham os olhos acostumados ao Microscopio.

(1) «Principios de Zoologia» — Parte I Physiologia Comparada — Por Louis Agassiz e A. A. Gould — Edição Revista. Boston, 1856.

vertebrados — o cerebro, os orgãos dos sentidos; n'um periodo ulterior se formam os intestinos, os membros e as formas permanentes dos orgãos respiratorios, pelos quaes a classe é reconhecida com certeza.

E' sómente depois da exclusão que as peculiaridades da estructura dos dentes e nadadeiras indicam o genero e as especies» (§ 319.)

«Por isso, os embryões dos diversos animaes se assemelhão entre si tanto mais quanto mais jovens elles são» (§ 320.)

«Consequentemente, a alta importancia da historia evolutiva é indubitavel. *Porque, se a formação dos orgãos, se da na ordem correspondente á sua importancia, esta sequencia deve ser, por si propria um criterio do seu valor comparativo, na classificação.* As peculiaridades que apparecem mais cedo, devem ser consideradas de mais alto valor, do que as que apparecem subsequentemente» (§ 321). «*Um systema, para que seja verdadeiro e natural, deve concordar com a sequencia dos orgãos, no desenvolvimento do embryão* (§ 322).

Não sei se alguem, hoje, quereria subscrever esta proposição *in totum* (1). E', comtudo, certo que, vistas essencialmente semelhantes, ainda são encontradas por ahi, em argumentos sobre classificação e que, mesmo ha poucos annos passados, foram repetidas tentativas, rarissimas vezes com successo, de empregar a historia evolutiva como a base da classificação.

Mas de que modo estas theses concordam com as nossas observações sobre a historia evolutiva dos Crustaceos?

O facto d'essas observações se referirem na maior parte, á sua «metamorphose livre», depois de abandonado o ovo, não póde prejudicar a sua applicação ás proposições enunciadas, especialmente no que toca «ao desenvolvimento embryonario» no ovo; porque o proprio Agassiz salienta (§ 391 que ambos os generos de muda são da mesma natureza e egual importancia e que, nenhuma «distincção radical» se produz pela circumstancia do primeiro se effectuar antes e o ultimo depois do nascimento.

«*Os ovos ovarianos de todos os animaes são identicos*, pequenas cellulas, com vitellus, vesicula germinativa e macula germinativa.» Sim, um tanto como os Insectos são identicos, pequenos animaes, com cabeça, thorax e abdomen; isto é, sómente fallando do que lhes é commum, deixamos fóra de consideração a differença do seu desenvolvimento, a presença ou ausencia e a variada estructura da membrana vitellina, a variavel composição do vitellus, o numero e a formação differentes da macula germinativa, etc. Numerosos exemplos que podem ser facilmente augmentados, de tão profundas differenças, são fornecidos pelo «Lehrbuch der Histologie» de Leydig.

Nos Crustaceus o ovo ovariano fornece, actualmente, excellentes caracteres para a descriminação das especies do mesmo genero; assim, por exemplo, em uma Porcellana d'esta terra elles são verdes denegridos, n'uma segunda intensamente rubros de sangue, e núma terceira amarrellos escuros; e dentro dos limites da mesma ordem elles apresentam differenças consideraveis no tamanho que, como Van Beneden e Claus mostraram, ficam em connexão intima com o modo de desenvolvimento subsequente.

«*Os orgãos do corpo são formados na sequencia da sua importancia organica; o mais essencial deve sempre apparecer primeiro.*» «Esta proposição devia ser caracterisada *á priori* como indemonstravel, desde que é impossivel, quer em geral, quer em particular n'um animal qualquer, estabelecer uma sequencia de importancia entre partes egualmente indispensaveis. O que é mais importante, o pulmão ou o coração? — o figado ou o rim? a arteria ou a veia? Em vez de dar preferencia, com Agassiz, aos orgãos da vida animal, podiamos, com egual justiça dar aos da vida vegetativa, pois que os ultimos são concebiveis sem os primeiros mas não os primeiros sem os ultimos. Podiamos accorrer dizendo que, segundo esta proposição, os orgãos provisionaes primeiramente produzidos devam exceder em importancia aos formados mais tarde.

Mas aferremo-nos aos Crnstaceos. Em *Polyphemus*, Leydig encontrou os primeiros traços do tubo intestinal, mesmo durante a segmentação. Em *Mysis*, uma cauda provisional se forma primeiro e, em *Ligia*, um tegumento dermico pupiforme. O olho simples mediano apparece primeiro e seria, por isso, mais importante do que o par de olhos compostos; a escama das antennas, nos lagostins, seria mais importante do que o flagellum; os maxillipedes dos Decapodes, seriam mais importantes do que as chelas e patas ambulatorias; e os seis pares de patas anteriores nos Isopodes, do que o setimo par, formado precisamente de modo semelhante; nos Amphipodes o mais importante de todos os orgãos seria o «apparelho micropylar» que, desapparece sem deixar traço, logo depois da eclosão; em *Cyclops*, as cerdas da cauda seriam mais importantes do que todas as patas natatorias; nos Cirripedes as antennas posteriores, a cujo respeito não sabemos em que se tornam, seriam mais importantes do que os cirros

(1) As proprias vistas de Agassiz estão hoje essencialmente mudadas, tanto quanto se pode deprehender da noticia de Rud. Wagner sobre o seu «Ensaio sobre a classificação». O proprio Agassiz, não faz critica alguma das velhas theorias acima citadas que, comtudo, se acham ainda largamente diffundidas. Só sei da sua ultima concepção, infelizmente, pela referencia algo confusa de R. Wagner e, por isso, pensei melhor não fazer observações criticas sobre ella.

e assim por diante. Os menos importantes de todos os orgãos seriam os sexuaes e, as peculiaridades essencenciaes por excellencia, consistiriam na côr referida anteriormente ao ovo ovariano.

"Os embryões, ou estado jovens dos differentes, animaes assemelham-se cada vez mais entre si, quanto mais jovens elles são" ou, como se exprime Johannes Muller, *"elles se aproximam, cada vez mais estreitamente, do typo commum.* Por mais diversas que sejam as ideas relativas á palavra «typo», ninguem negará que a forma typica do penultimo par de patas, nos Amphipodes, é a de uma simples pata ambulatoria e não a de uma chela; porque a altima não occorre em um unico Amphipode, nós a conhecemos só no joven do genero *Brachyscelus* que, por isso, a este respeito, se afasta sem duvida, mais amplamente do que os adultos, do typo de sua ordem. Isto tambem se applica aos machos jovens das *Orchestias* com referencia ao segundo par anterior de patas *(gnathopoda)*. De tal forma, ninguem hesitará em acceitar a posse de sete pares de patas como peculiaridade «typica» dos *Edriophtalmos* que Agassiz, á tal respeito chama Tetradecapoda; os jovens Isopodes que são Dodecapoda, tambem a este respeito se distanciam mais do «typo», do que os adultos.

E' certamente uma regra, e esta a theoria de Darwin nos conduzia á esperar, que no progresso do desenvolvimento, aquellas formas que são, á principio, semelhantes, se afastam gradativamente, depois, umas das outras; mas aqui, como nas outras classes, as excepções, para as quaes a Velha Escola não tem explicação, se mostram numerosas. Não raro poderiamos, na verdade, inverter directamente a proposição e, asseverar que as differenças augmentam, quanto mais retrocedemos no desenvolvimento; e isto não só n'aquelles cassos em que uma de duas especies quasi alliadas se desenvolva directamente e a outra passe por muitos estados larvares, tal como o Pitú commum e os Lagostins que são oriundos do estado Nauplius.

O mesmo pode ser dito, por exemplo, dos Isopodes e Amphipodes. Nos animaes adultos, o numero de membros é o mesmo; á primeira vista de um *Cyrtophium* ou de uma *Dulichia* e mesmo depois de cuidadoso exame de um *Tanais*, podemos ficar em duvida se temos um Isopode ou um Amphipode diante de nós; no recem-nascido, o numero dos membros é differente e, se retrogradamos á sua existencia no ovo, a mais simples inspecção percebendo a curvatura para cima ou para baixo, basta para que se distinga, até os mais jovens embryões das duas ordens.

Em outros exemplos, os caminhos que conduzem de um tal ponto de partida á uma tal méta, se separam amplamente no meio da evolução, como nos Camarões de estado Nauplius, já descriptos.

Finalmente, assim como mesmo as ultimas possibilidades podem ser esgotadas, succede, ás vezes, que a maior semelhança occorre em meio de desenvolvimento. O mais frisante exemplo de tal facto é fornecido pelos Cirripedes e Rhizocephalos, quer comparemos as duas ordens, quer ou os seus membros entre si; de uma segmentação toda differente no seu curso (veja-se as figs. 61-65) procedem diversas formas de Nauplius; estes se convertem em pupas, excessivamente semelhantes e das pupas, depois, procedem animaes sexualmente maduros, differentes entre si *toto cælo.*

«*Se a formação dos orgãos occorre na ordem correspondente á sua importancia, esta sequencia deve, por si propria, ser um criterium do seu valor comparativo em classificação*» ISTO É, SUPPONDO QUE OS VALORES PHYSIOLOGICOS E SYSTEMATICOS DE UM ORGÃO COINCIDAM!

Tal como nos povos Christãos ha uma moral de catechismo, que cada pessoa tem na ponta da lingua mas não se considera obrigava a seguir ou espera ver seguida, por quem quer que seja, assim tambem a zoologia tem seus dogmas, tão universalmente aprendidos, quanto desrespeitados na pratica. Dogma semelhante é esta supposição tacitamente feita por Agassiz. De um cento que se sinta compellido a fazer a sua profissão de fé, como introducção á um Manual ou Memoria Monographica, noventa e nove começarão dizendo que um systema natural não póde ser baseado sobre um unico caracter mas sim, sobre o conjuncto de caractéres e a estructura geral do animal; porém que não devemos sommar simplesmente estes caractéres como grandezas equivalentes, que não devemos contal-os mas pesal-os e, determinar a importancia á attribuir á cada um d'elles, de accordo com o seu significado physiologico. E isto provavelmente seguido de um pequeno repique de palavras, em geral, sobre a importancia comparativa dos orgãos animaes e vegetativos, circulação, respiração, etc. Mas quando entramos em obra, a discriminação e o arranjo das especies, dos generos, das familias etc., com toda a probabilidade, nem um, dos noventa e nove, prestará a minima attenção á estas bonitas regras ou, tomará a taréfa ingrata de desdobral-as detalhadamente. Agassiz, por exemplo, como Cuvier e em opposição á maioria dos zoologos allemães e inglezes, considera os Radiarios como uma das grandes divisões primarias do Reino Animal, comquanto não se saiba cousa alguma sobre o significado da disposição radiada, na vida desses animaes; e não obstante os Echinodermos radiados serem produzidos de larvas bilateraes.

Os «verdadeiros Peixes» são por elle divididos em Ctenoides e Cycloides, conformes o bordo posterior de suas escamas seja denticulado ou liso, circumstancia cujo valor para com o animal deve ser infinitamente pequena, em comparação com as peculiaridades da dentição, formação das nadadeiras, numero das vertebras, etc.

E, para voltar á nossa classe dos Crustaceos; prestou-se alguma attenção particular, na sua classificação, ás distincções prevalescendo nos «orgãos mais essenciaes?» Por exemplo, ao systema nervoso? Nos Coryceideos, Claus achou todos os ganglios ventraes fundidos n'uma unica larga massa, e nos Calamideos, uma longa cadeia ventral de ganglios, — os primeiros, por isso, n'este respeito se assemelham ás aranhas do mar e os ultimos, ás lagostas; mas ninguem sonharia em suppor que houvesse alguma relação entre os Coryceidae e os Carangueijos, ou entre os Calanidae e as Lagostas—Ou aos orgãos da circulação? Temos entre os Copepodes, os Cyclopidae e Coryceydae sem coração, ao lado dos Calanidae e Pontellidae com um coração. E do mesmo modo entre os Ostracodes, as *Cypridinas*, que eu verifiquei possuirem um coração, se collocam ao lado de *Cypris* e *Cythere* que não tem tal orgão.—Ou ao apparelho respiratorio? Milne-Edwards já o fez quando separou *Mysis* e *Leucifer* dos Decapoda, mas elle proprio, ulteriormente vio que isso era um erro. Em uma *Cypridina* encontrei branchias de tamanho consideravel, inteiramente ausentes em outra ospecie, mas isso não me parece uma razão para separal-as, nem mesmo genericamente. D'outro lado, o que é que nós sabemos do significado physiologico do numero de segmentos e todas as outras cousas que, estamos habituados á considerar como peculiaridades typicas dos differentes orgãos e ás quaes, usualmente, attribuimos o mais elevado valor systematico?

«*Aquellas peculiaridades que primeiro apparecem, seriam mais altamente consideradas do que as que apparecem subsequentemente. Um systema, para que seja verdadeiro e natural, deve concordar com a sequencia dos orgãos no desenvolvimento do embryão.*» Se as peculiaridades primeiro manifestadas, devem ser mais altamente consideradas do que as que appaulteriormente, então, nos casos em que a estructura do animal adulto exigir uma posição no systema e a da larva uma outra, esta ultima e não a outra, deve dicidir a partida. Como os *Lerneas* e Cirripedes, em relação ao estado Nauplio, foram separados de suas connexões prévias e referidos aos Crustaceos, devemos, pela mesma razão, separar *Peneus* dos Camarões e unil-os aos Copepodes e Cirripedes. Porém, o mais zeloso embryomaniaco fugiria, provavelmente, d'este caminho.

Um «systema verdadeiro e natural» dos Crustaceos, para estar de accordo com a sequencia dos phenomenos, teria de tomar em conta, primeiro, os varios modos de segmentação, depois a posição do embryão, em seguida, o numero de membros produzidos dentro do ovo e assim por diante; e poderia ser representado, de alguma forma, do seguinte modo:

CLASSIS CRUSTACEA

Sub-Classis I. Holoschista.—Segmentação completa. Sem bandeleta primitiva. Embryão Nauplius.

Ord. 1 *Ceratometopa.*—Nauplius com processos frontaes. (Cirripedes, Rhizocephalos).

Ord. 2 *Leiometopa.*—Nauplius com processos frontaes. (Copepodes, sem *Achteres*, etc., Phyllopoda, *Peneus*).

Sub-Classis II. Hemischista.—Segmentação incompleta.

A. Nototropa—Embryão curvo para cima.

Ord. 3 *Protura.* — A cauda formada em primeiro logar.

Ord. 4 *Saccomorpha.*—Pelle larvar pupiforme formada em primeiro logar. *(Isopodes).*

B. Gasterotropa — Embryão curvo para baixo.

Ord. 5 *Zoeogona.*—Numero completo de membros não produzido no ovo. Embryão Zoea (A maioria dos Podophthalmos).

Ord. 6 *Ametabola.*—Numero completo de membros produsido no ovo. *(Astacus, Gecarcinus, Amphipodes* menos *Hyperia ?)*

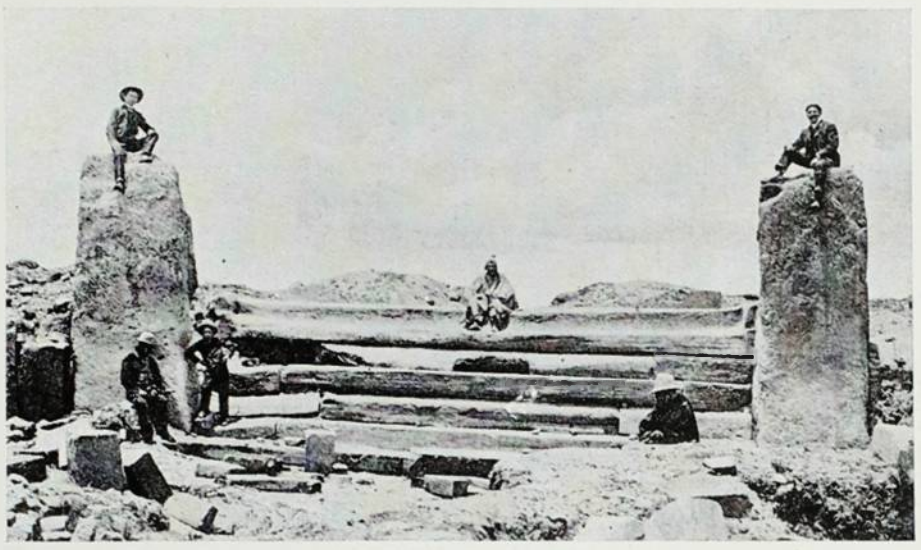
Esta amostra basta Quanto mais progredirmos em detalhes n'este sentido, tanto mais brilhantemente, como pode ser facilmente imaginado, resaltará a naturalidade de arranjos como este, mais evidentemente para nós.

Tudo bem pensado, podemos applicar o juizo que Agassiz emittio sobre a theoria de Darwin, com justiça muitissimo maior, ás proposições que acabamos de examinar:—"Theoria alguma" diz elle, "por mais plausivel que pareça, póde ser admittida em sciencia, sem que esteja baseada em factos."

Fritz Muller.

TIAHUANACU

A VINTE kilometros do porto boliviano de Guaqui, nas margens do lago Titicaca, a linha ferrea que liga esse porto á actual capital da Bolivia entra em uma vasta planicie que mede aproximadamente, de leste a oeste, quinze kilometros de extensão ao sul daquelle lago.



RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA

O olhar do viajor curioso que pela primeira vez atravessa essas regiões é surprehendido, ao entrar nessa planicie, por um panorama imprevisto, no meio daquellas paragens desertas. A uns 200 metros da linha ferrea e um pouco aquem da povoação, cujo modesto campanario se desenha finamente no azul do céo como um fundo de aquarella, ergue-se uma collina de forma pyramidal, ao redor de cuja base se alinha uma fileira de pedras talhadas como os *menhirs* de Carnac ou os *cremlechs* da Bretanha, formando um recinto quadrangular. A collina mede cincoenta metros mais ou menos de alto e é formada por terraplenos concentricos, sustentados por muros massiços. Ao norte dessa collina vê-se um grande parallelogrammo, rodeado de um atrio feito com enormes blócos de traquito e a oeste ha uma outra construcção tambem de forma parallelogrammica, formada de muralhas de consideravel tamanho. Ao lado o bem proximos da linha ferrea levantam-se dois monolithos enormes, que a mão de um esculptor ignoto revestiu de extranhas fórmas humanas, envoltas em largas vestes talares, recamadas de ornamentos phantasticos. Esses mysteriosos idolos de pedra plantados á margem da linha, em attitude hieratica, parecem maldizer a locomotiva que passa ruidosamente, despertando-os do seu somno millenario e em suas faces mysteriosas, carcomidas pelo tempo, ha como que uma ameaça perenne ás novas gentes, ao invasor descuidoso e irreverente, que veiu devassar aquellas regiões sagradas.

Esparsos ao acaso pela planicie jazem grandes blócos de pedra talhada, molduras, portaladas colossaes, como se alli existira, em épocas remotas, uma officina immensa, subitamente abandonada.

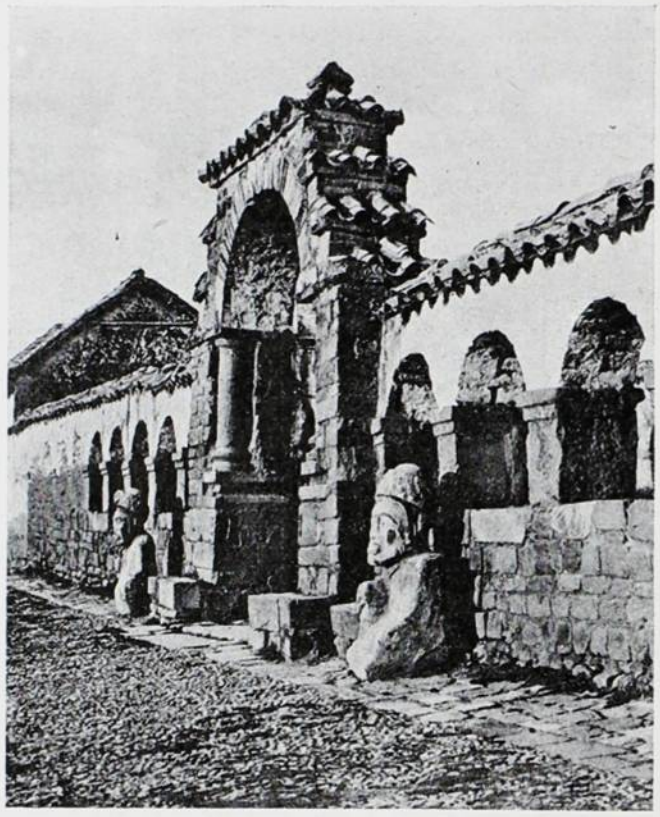
Que outra Ninive, não sabida da tradição, teria existido alli e cujos destroços mal se dissimulam debaixo da collina artificial que oscobre como os *tells* das ruinas chaldaicas?

Que segredos encerram essas testemunhas megalithicas de uma civilisação morta desde remotissimas éras?

Um escriptor que visitou essas paragens, pouco depois da conquista hispanica, colligiu a seguinte lenda, relatada pelos sacerdotes incaicos: «O Creador viveu em Tiahuanacu; dahi os formosos edificios que existem nesse logar. As trevas cobriam a terra, quando elle creou o Sol e a Lua, mandando-os para a ilha de Titicaca, para dalli subirem aos seus respectivos logares no céo. Tambem creou o primeiro Inca e, quando o Sol subiu ao céo, chamou o primeiro Inca e ordenou-lhe que fôra o dono do mundo. Ao mesmo tempo o Creador fez com que o primeiro Inca e sua mulher baixassem á terra e sahissem novamente da cova de Paccaritampo. Os antepassados das outras tribus

RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA

do Imperio foram egualmente creados em Tiahuanacu e, descendo á terra, dirigiram-se ás suas respectivas comarcas.»



PORTA DA IGREJA DE TIAHUANACU — BOLIVIA

Essa é a tradição incaica que colloca em Tiahuanacu a origem do seu Imperio.

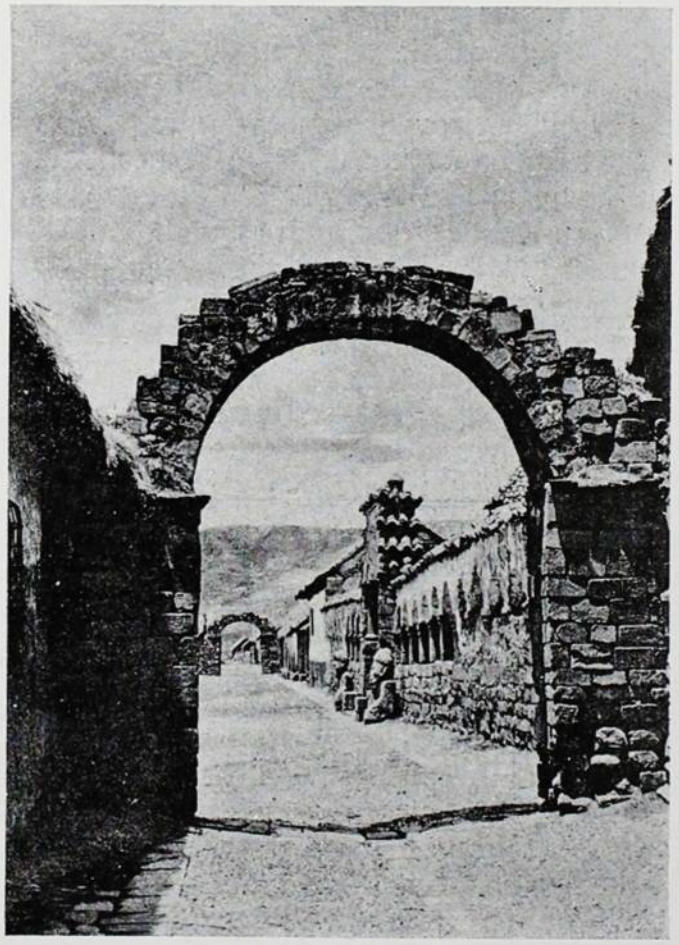
Estudos posteriores, porém, parecem comprovar que a metropole cujas ruinas cyclopeas tanto têm preoccupado os historiadores, desde Cieza de Leon até Bartolomé Mitre e outros mais recentes, ja existia quando Manco-Capac, o primeiro Inca e sua mulher Mama- cclo, sahiram da ilha de Titicaca para fundar o seu Imperio, tendo sido o primeiro passo da sua conquista essa cidade immemorial que guarda hoje na mudez dos seus vestigios majestosos o segredo de varios stagios do apparecimento do homem na Terra.

«Os escriptores hispanicos, diz um moderno historiador, dão uma origem incaica a tudo, quando a historia dessa época apenas começa no seculo XI, e desde essa data até a conquista ha deficiencia e nada dizem de muitas dessas obras. Dado como certo que o templo do Sol em Cuzco seja de origem incaica, devemos convir que elle representa o ultimo dos cinco estylos architectonicos visiveis nos Andes, representando cada um provavelmente uma época do progresso humano. Pode ter-se a certeza de que as imperiaes glorias dos Incas eram tão somente o ultimo fulgor de uma civilisação cujo berço datava de milhares de annos atrás; que muito antes de Manco-Capac os Andes foram a morada de raças cujas origens devem ter sido coetaneas dos barbaros do Occidente da Europa.

Essa architectura gigantesca é o vestigio de uma raça ou familia cyclopea, a mesma que fundou o templo de Babel e as pyramides do Egypto.»

Ha mesmo quem creia, hypothese audaciosa e phantasista, que as primeiras construcções megalithicas da metropole americana das margens do Titicaca são contemporaneas do periodo carnaccano da Europa e que os veneraveis picos do Illimani, do Illampu e do Huayna-Potosi contemplaram os movimentos do povo que habitou a velha Tiahuanacu muito antes que existissem Memphis, Ninive e Persepolis.

A Atlantida de Platão, o fabuloso continente que se occultava por detrás das columnas de Hercules, não é para os que crêm nessa hypothese imaginosa, uma lenda apenas creada pelos sacerdotes egypcios e divulgada pelo philosopho grego. A Atlantida existiu realmente, dizem os partidarios dessa hypothese, e era seu centro a região onde está Tiahuanacu. De modo que as narrações de Deodoro de Sicilia, de Teopompo, de Timageno, de Herodoto, de Dionisio de Mytilene, de Plutarco, etc., referentes a esse continente fabuloso, vieram ter a sua confirmação. Esse continente não podia deixar de encontrar-se na *meseta telegraphica* andina.



TIAGUANACU — BOLIVIA

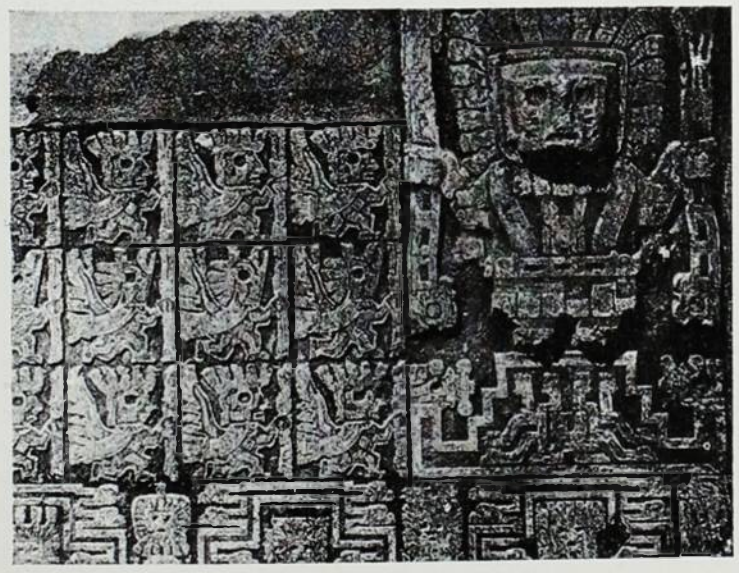
Deixemos de parte, porém, essa theoria, cuja probabilidade é muito duvidosa e vejamos o que nos revelam os actuaes vestigios da mysteriosa cidade americana.

Os grandes blócos de pedra talhada, que hoje se veem esparsos em criminoso abandono, são trabalhados com uma perfeição admiravel. As ferramentas que se têm encontrado nas ultimas excavações, são de bronze temperado, que mal poderia servir para lavrar a dura pedra de que são feitos alguns dos obeliscos, idolos, as columnas do Palacio e as pedras fundamentaes de Tunca-Punco. Essas pedras foram extrahidas de uma serrania que está a S. S. O. de Tialhuanacu.

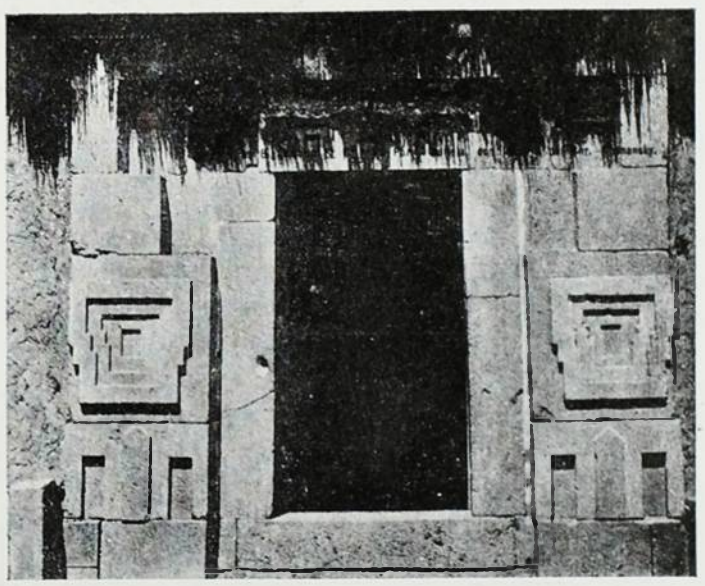
RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA

As portas do Pantheon e outras, assim como os monolithos que se encontram em Pumapunco, são trabalhados com tal perfeição que hoje mesmo o melhor canteiro, dispondo de ferramentas do melhor aço, não os faria mais perfeitos. Essas pedras são de origem vulcanica. e encontram-se, a uma distancia de oitenta kilometros, em um vulcão extincto do isthmo de Yuguyu, no lago Titicaca, vulcão a que os indios denominam Japia ou Khaya-ppiha.

Entre os differentes monolithos, o mais importantante é a Porta do Sol que mede dois metros e noventa centimetros de altura, por tres metros e oitenta centimetros de largura e quarenta centimentros de espessura. O peso aproximado desse monolitho é de dez toneladas. Essa porta está quebrada no angulo da esquerda, crê-se que por um raio. Collocada em uma posição que faz com que a sua frente esteja voltada para o Oriente, ella apresenta na parte superior uma serie de baixos relevos, adornos e figuras symbolicas cuja interpretação não foi descoberta até hoje. No centro e como chave vê-se uma figura maior que parece representar o sol com a cabeça circumdada de raios. Nas mãos elle tem dois sceptros tambem symbolicos. A primeira fila de figuras que se vêm aos dois lados da figura central representa reis alados, empunhando cada um o seu respectivo sceptro. A segunda fila representa condores e na terceira veem-se os mesmos reis alados da primeira. Na ultima fila ha como uma grega entremeada de cabeças rodeadas de raios.



UMA PARTE DA PORTA DO SOL – TIAHUANACU – BOLIVIA



PORTA DA DENOMINADA CASA DOS INCAS.
"TIAHUANACU" – BOLIVIA

Castelnau, referindo-se á perfeição dessas esculpturas em pedra, diz: «As gentes do paiz contam as historias mais maravilhosas a respeito dessas obras; segundo essas gentes os antigos povoadores tinham o segredo de amollecer a pedra com certas hervas; apezar dessa tradição é difficil explicar-se como puderam

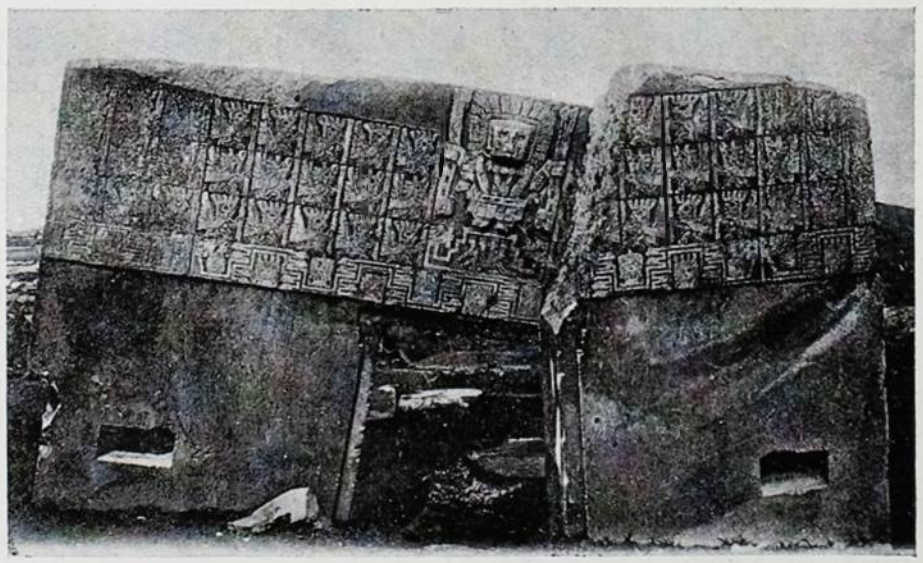
desprender e transportar a tão grandes distancias pedaços de pedra tão pesados.»

Um engenheiro que ultimamente estudou a petrographia de Tiahuanacu aventou a idéa de que essas esculpturas fossem feitas com lavas ardentes dos vulcões visinhos, vasadas em moldes préviamente talhados e, para comprovar

GRANDE MONOLITHO NO FORUM DE TIAHUANACU. BOLIVIA

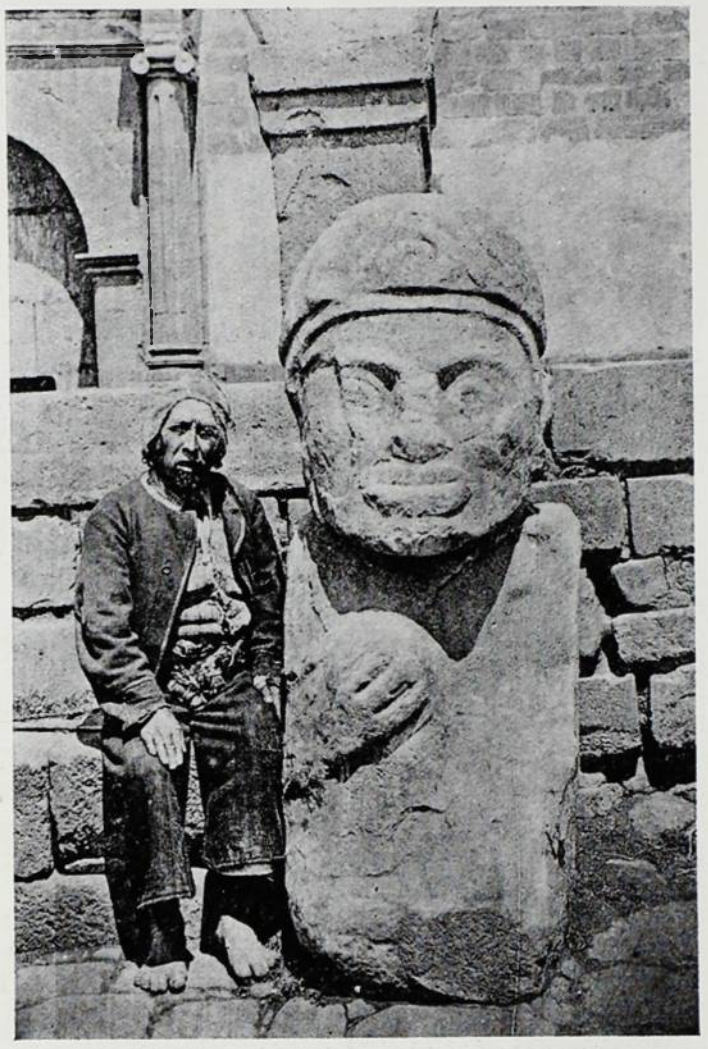
essa hypothese, cita o facto de se encontrarem nas ruinas fôrmas que indicam haverem servido para a fundição das estatuas e idolos.

E' notavel a semelhança dos adornos, das vestes e dos toucados desses idolos com as estatuas encontradas nas ruinas chaldaicas de Tello, nas ruinas assyrias de Korsabad, nas ruinas persas de Persepolis e em outros vestigios da archeologia oriental que se vêem hoje nos museus do Louvre e Britannico. Em todo o continente americano parece que só se vêem monumentos analogos nas ilhas do Pacifico e no resto do mundo só no Egypto e nas regiões outr'ora occupadas pelos imperios assyrio e chaldaico.



A PORTA DO SOL — TIAHUANACU — BOLIVIA

Nas excavações praticadas em 1903 pela missão franceza presidida por d'Orbigny e pela

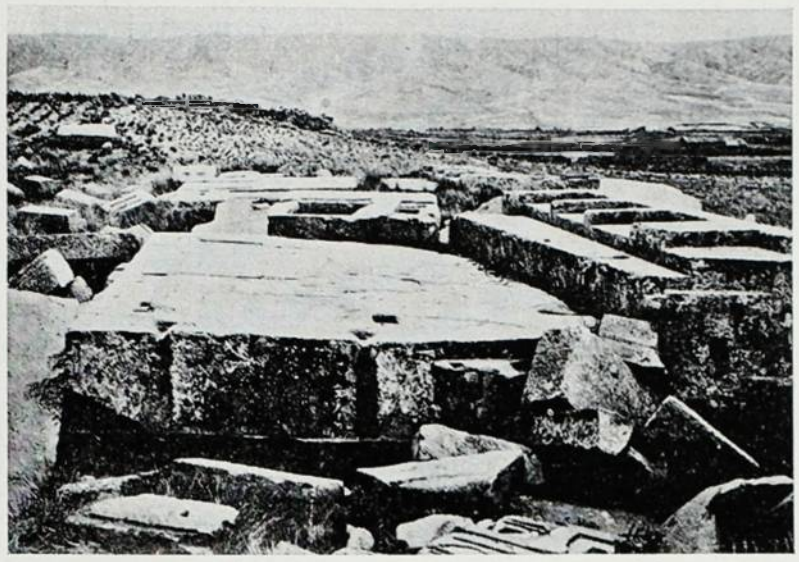


RUINAS DE TIAHUANACU. BOLIVIA

Sociedade Geographica de La Paz descobriram-se innumeros restos de edificios, monolithos soltos, pilares, escadarias, galerias, vestigios emfim de uma grande cidade e, o que é mais notavel, restos do molhe ou embarcadouro sobre o porto, o que parece provar que o lago Titicaca banhava a cidade, hypothese esta que têm a sua confirmação nos estudos feitos ultimamente sobre o abaixamento progressivo das aguas do lago. Com effeito, parece haver-se verificado que o rio Desaguadero é como um ladrão das aguas do Titicaca e que povoações que estavam outr'ora nas suas margens encontram-se hoje a varios kilometros dessas margens. Esse facto

tem sido corroborado pelas gerações contemporaneas. Quem sabe, pois, si esses colossaes blócos de pedra de Tiahuanacu não foram transportados por via lacustre?

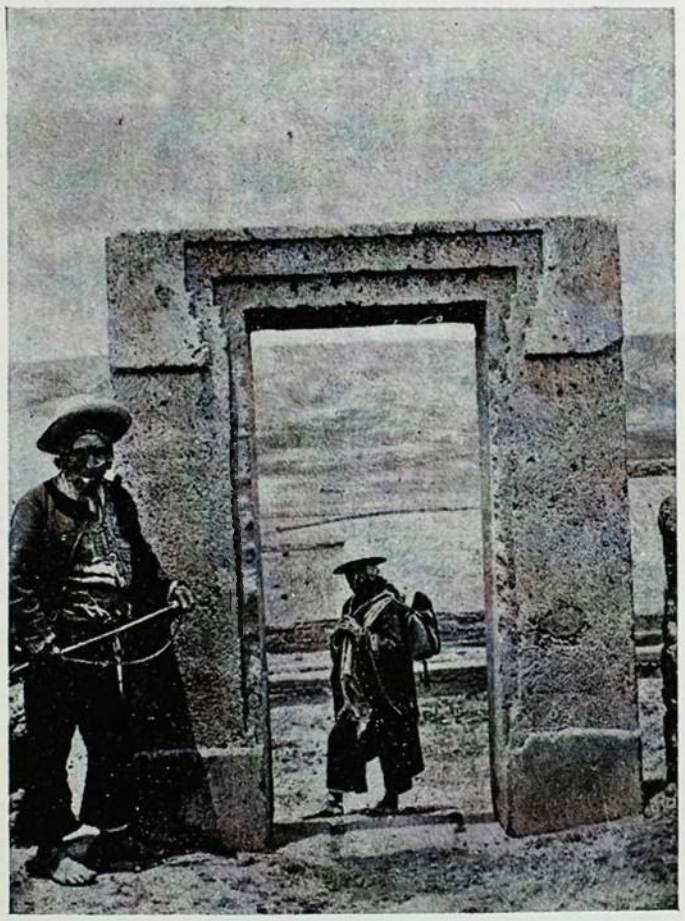
O mesmo Castelnau acima citado, notando que todas as construcções obedeciam a um sentimento religioso, assignalou o estreito parentesco e semelhança que tem com a arte creada pela civilisação asiatica e, especialmente, a civilisação egypcia.



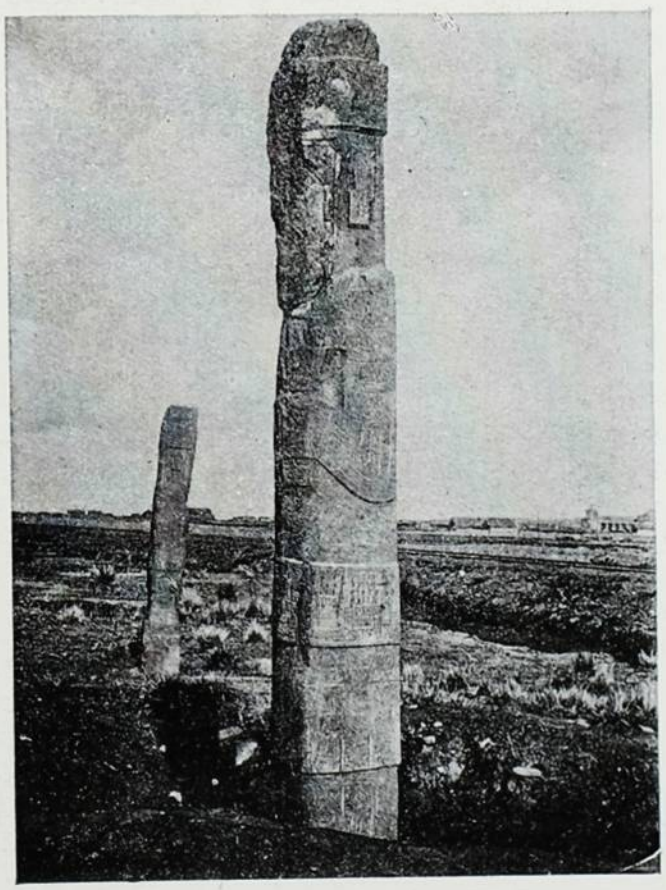
VISTA DE PUMAPUNKU — TIAHUANACU — BOLIVIA

O que desde logo, porém, chama a attenção do observador attento é que esses monumentos não podem ser todos de uma mesma época; muitas das pedras talhadas não estão concluidas, o que parece indicar que um advento qualquer obrigou os canteiros a abandonar o seu trabalho. Essas obras não concluidas devem pertencer á ultima phase da vida de Tiahuanacu. Não são tambem do mesmo material petreo as estatuas gigantescas, que ultimamente serviram de alvo para exercicios de tiro dos soldados bolivianos (!) E' facil, por exemplo, verificar-se que os baixos relevos da Porta do Sol e as estatuas de Akapana não obedecem ao mesmo ideal artistico que inspirou o esculptor dos dois gigantes que estão actualmente aos dois lados da porta da egreja da povoação.

Rasão tinha, pois, Mitre, quando disse: «Tudo indica que as estatuas e as obras congeneres das ruinas são mais antigas que os monolithos e os idolos. O primeiro indicio é o estado de maior deterioração em que se encontram aquellas pela acção do tempo, apezar de que se póde explicar essa deterioração pelo facto de serem feitas com material menos duro (grès arsenico) Essas obras, porém, constituem uma excepção no estylo esculptural de Tiahuanacu. Como negar-se, porém, quando é um facto attestado pelas mesmas pedras que eram as obras do Templo, da casa de Justiça e do Sanctuario as que occupa-



RUINAS DE TIAGUANACU — BOLIVIA



GRANDE MONOLITHO DE ASPERON COLORADO.
TIAHUANACU — BOLIVIA

vam os seus desconhecidos constructores quando, por uma causa historica ignorada, foram suspensas no estado em que as encontraram os Incas e como se acham hoje? Tudo indica, pois, que aquellas estatuas pertenceram a uma civilisação egualmente extincta, mais antiga, porém, que a que representam as ruinas de Tiahuanacu propriamente ditas.»

Sejam quaes forem finalmente as origens dessas ruinas que a tantas e tão variadas hypotheses têm dado thema e que ainda hoje, apezar de quasi consumidas pela acção destruidora dos tempos, attrahem a admiração dos que as visitam e provocam a curiosidade e os estudos dos sabios, a verdade é que ellas não decerraram ainda o veu do seu mysterioso passado e reservam, no seu imponente mutismo, novos e imprevistos problemas para as gerações vindouras, problemas esses cuja solução virá talvez alterar por completo as doutrinas hoje dominantes, relativas ao apparecimento do homem na terra.

La Paz — 1907.

ARMINIO DE MELLO FRANCO.

Inauguração da Estrada de Ferro de Goyaz

REPRESENTANTES DA IMPRENSA, MEMBROS DA DIRECTORIA E CONVIDADOS NA PLATAFORMA DA ESTAÇÃO DE RIBEIRÃO VERMELHO.

BUENOS AIRES

CALLE FLORIDA — RUE DE LA PAIX — POEMA DO LUXO — UM POUCO DE AR PURO! — CHÉ, COCHERO! — Á PALERMO!

II

COMO a rua das Palmeiras não tem uma palmeira, a calle Florida não tem uma flor. E' uma bella via de communicação que se extende desde a Avenida de Mayo até a praça de San Martin em cujo centro se ergue a estatua equestre do celebre general. Um pouco antes ha um pequeno largo com o monumento de Falucho. De um lado e outro da rua alinham-se incontaveis e deslumbrantes lojas do mais refinado luxo, joalherias comparaveis ás melhores de Londres e de Paris, riquissimas tendas de objectos de arte, casas de modas e novidades, atraentes como o iman, tentadoras como o pecado. De vez em quando surge um edificio notavel como o palacio da familia Guerrero, o Jockey-Club, que em nada fica a dever ao Cercle da rue Royale e o Grande Hotel; centenas de carruagens e de automoveis deslisam silenciosamente no pavimento macio; outras ruas atravessam-na em cada esquina, longas, immensas como fitas desenroladas. A calle Florida é talvez no aspecto cosmopolita de Buenos Aires o trecho mais caracteristico, de mais acentuada fisionomia nacional. O extrangeiro volta á avenida de Mayo para marcar mais fortemente uma impressão, para verificar um detalhe; mas volta á calle Florida sem nada ter que fazer, só para rever a calle Florida. Não admira, pois, que os Argentinos não pasmem maravilhados em Paris ante o esplendor das lojas da rue de la Paix. A calle Florida é a rue de la Paix, maior e mais bonita, ostentando o mesmo chamariz ao oiro dos millionarios. E o oiro dos millionarios parece infinito na visinha Republica; entre os Argentinos as fortunas se espalharam mais largamente do que entre nós, os nacionaes foram tanto ou mais aquinhoados do que os extrangeiros, de modo que no fim foi a cidade quem mais lucrou. Não se deu lá o espectaculo extravagante de outras cidades onde os cidadãos são pobres e as colonias ricas. Os donos da terra disseram: «O paiz é rico e nós não conhecemos as suas riquezas nem o modo de explo-ral-as. Vocês vão nos ensinar isso. Metade para vocês, metade nossa. Mas quem manda somos nós!» Dessa maneira um grão de areia póde ser uma moeda de oiro. Foi assim que se fez a fortuna de Buenos Aires, dessa immensa metropole, cujo desenvolvimento deve assombrar, pois della escrevia o padre Cattaneo em Abril de 1730, ha menos de dois seculos:

«Las casas son bajas, de un solo piso, la mayor parte fabricadas de tierra cruda; consisten, por lo generale, en cuatro paredes de formula rectangular, sin ventana alguna ó á lo sumo con una, tomando la luz de la puerta.»

Esse respeito pela cidade não é só dos extrangeiros que vivem em Buenos Aires, mas tambem daquelles que, residindo na Europa, teem negocios com o paiz. Uma vez o dono de uma livraria da calle Florida, sabendo-me Brasileiro, elogiou a nossa cultura intellectual, assombrou-se, deante de documentos que elle me mostrou, do lucro colossal de uma grande livraria do Rio de Janeiro. Eu ouvia e calava, folheando um volume das obras illustradas de Balzac, a tres francos e cincoenta, edição publicada por Ollendorf em 1902 e que ainda não chegou ao Brasil! E como eu olhasse apaixonadamente as lindas encadernações de luxo como só vira em Paris, o amavel Francez continuou:

— Nós recebemos tudo, absolutamente tudo quanto aparece na Europa. E temos as melhores machinas para fazer aqui edições de primeira ordem. Mas no Rio deve ser a mesma coisa.

— Ah! sim, com certeza... respondi eu, lembrando-me com melancolia de que os livros de Machado de Assis levam um anno imprimindo-se em Paris por typographos e compositores extrangeiros...

* * *

Na rua passava um fiacre vazio; então, para afugentar essa melancolia, mandei tocar para Palermo. Momentos depois o carro rodava na venida Alvear, de um lado e outro bordada das mais bellas e elegantes residencias de Buenos Aires. Actualmente existem muitos palacetes em construcção; deante dos andaimes tem-se uma explicação de todo o luxo da cidade e do bom gosto das vivendas particulares. No Rio, por exemplo, um millionario levanta um palacio, colloca ao acaso uns papeis carissimos nas paredes e compra *à la diable* uns moveis doirados e detestaveis de um gosto convencional, e adquire quadros como quem compra legumes. O resultado é um conjuncto carnavalesco e disparate que incommoda os olhos habituados á harmonia das coisas. Em Buenos Aires (como em S. Paulo) as casas nobres são decoradas pelos mais habeis e afamados decoradores de Paris e Londres. E assim como um artista que tem o amor cultual do livro não colloca na sua bibliotheca uma obra

que destôe do conjunto, um proprietario de gosto não extende na sua sala um tapete, apenas por ser bonito. E' um engano supôr que as installações que abedecem a determinados estylos custam mais caro. E' evidente que um homem sem fortuna não póde sonhar em fazer o seu salão a Luiz XV; mas entre Luiz XV e Renascença e a confusão horrorosa do luxo barato, ha uma escala infinita de meios termos e meios tons. E' como quem manda fazer uma roupa: não se paga mais por um terno espalhafatoso do que por um discreto. E quem não puder ter a sua casa arranjada de accordo com um estylo, tenha ao menos de accordo com um plano, sem pretenções mas tambem sem as barbaridades impingidas pelos negociantes. Mas esbatem-se na lembrança as idéas dos interiores elegantes ante a contemplação dos formosos jardins da Recoleta, relvados como um parque, sombrios como um bosque, com curtos despenhadeiros de grama verde e estatuas brancas entre a folhagem.

*
* *

Palermo é a joia mais brilhante de Buenos Aires, representa o mais nobre esfôrço da sua civilisação porque é um dos parques mais bonitos do mundo pelos seus jardins, os seus monumentos, os seus pavilhões, os seus lagos, a sua flora exhuberante, a sua extensão e o seu luxo. No local onde outr'ora se levantava a casa de Rozas é hoje o magnifico *roud-point;* e de todo o immenso charco surgiu como por encanto um vastissimo e delicioso parque onde se realisa diariamente, na avenida das Palmeiras, o sumptuoso corso da elegancia portenha. O que mais encanta, porém, em Palermo não é o alinhamento geometrico das avenidas varridas e irrigadas, não são as estatuas dos heróes patricios, não são os hypodromos nem os tiros, não é o festivo Pabellón de los Lagos que lembra o de Arminouville: o que mais encanta é o bosque, são os caminhos propositadamente silvestres, o ar e o aspecto da natureza, os immensos relvados onde as meninas, como borboletas irrequietas, divertem-se jogando o diavolo. E' em Palermo que se tem pela primeira vez em Buenos Aires a impressão da natureza, é lá que se está mais directamente em contacto com a terra; é lá que olhando as velhas arvores, vendo a sombra que fazem no caminho, a gente se lembra da sombra que ellas fizeram outr'ora, das dôres e das alegrias que cobriram, das lutas a que assistiram. E' só então que surge a idéa do passado, um passado que tambem foi como o nosso, que foi mesmo o vosso muitas vezes, glorioso e sinistro, e que por isso mesmo mais nos deve sinceramente, fraternamente unir como as raizes das velhas arvores de Palermo que crescem confundindo as cimeiras, sem ironia pelas folhas secas, sem ciume pelas folhas novas.

Montevidéo — Abril de 1908.

THOMAZ LOPES.

A Intellectualidade na Argentina e no Brazil

AOS olhos curiosos de viajantes illustres, já a Argentina se apresentou como um aspecto novo da civilisação do Occidente. Ao visitarem a America, homens como Ramalho Ortigão, sentiram que no seio daquelle povo ha uma grande alma que se agita e se affirma poderosamente, alma rejuvenescida, cheia de valor e de coragem que salvam na historia, incendida da grande fé que gera os nobres heroismos; alma de raça que se destacou em a corrente e cresce, vigorosa, para as expansões triumphaes da Vida.

E' — com certeza — que taes observadores notaram mais intensamente accentuados ás margens do Prata, phenomenos que são geraes ao continente, e até constituem a caracteristica da civilisação que se individualisa e se desenvolve no Novo Mundo.

Não duvido em attribuir essa intensidade vital á extraordinaria amplitude que ali se deu á acção da imprensa — o grande poder soberano incontrastavel — que, ligando por um nexo de luz as consciencias, instituiu os fundamentos da vida collectiva, pela communhão perfeita e universal dos corações e das intelligencias. De facto, na Republica Argentina é a imprensa, entre as manifestações de vitalidade daquelle povo, o que representa mais directamente o espirito americano

Em toda a America hespanhola, incontestavelmente, o povo argentino é, até agora, o que melhor comprehende e pratica a democracia na sua fórma nova, decorrente da moderna ordem social neste lado do Atlantico.

Quando medito na obra gigantesca em que se consagra o povo argentino, o meu espirito se remonta aos tempos épicos da sua historia, ao glorioso periodo da sua independencia — conquista immortal de uma geração, que alvoreceu, se revelando toda nos heroismos e assignalando logo a trajectoria immensa que a nacionalidade nascente tinha de seguir.

E, então, se me afigura que, no seu amor da Patria, na sua paixão da liberdade politica, nos alvoroços do seu liberalismo, nos seus ideaes de justiça, nas suas aspirações de progresso, — aquelle povo está vivendo de seus heroes, dos nomes da sua historia.

Quer me parecer que anda latente no peito daquella sociedade o espirito alevantado de Belgrano, insaciavel de justas contra o despotismo colonial, a espalhar em toda a antiga vice-realeza a semente fecunda da independencia, e a se compensar das capitulações inevitaveis da força pela victoria das idéas que lhe incendem a alma. Estou vendo como que a planar, sobre aquelle sólo, o vulto grandioso do soldado que se chamou San Martin, patriarcha dos povos, creador de Garibaldis futuros, cuja patria não tinha fronteiras, e que tanto nas savanas do Prata, como além dos Andes, em Maypóe, em Caláo, ia, com a espada flammejante, affirmando á face do Velho a existencia politica do Novo Mundo.

Ora, quero crer que a felicidade e a grandeza dos argentinos se filiam nas origens historicas da sua nacionalidade, formada por homens de semelhante estatura, em cuja consciencia só fulgurou o amor do direito e da justiça, e cuja acção em toda a sua vida, obedeceu cégamente a esses nobilissimos idéaes. Orientados assim, comprehendendo que no continente a liberdade politica e civil só é conciliavel com a verdadeira democracia, os argentinos tiveram a fortuna de crear — por assim dizer — uma força nova, um poder que se tornou como que um systema nervoso do seu organismo social e politico, dando á sua imprensa as proporções de uma instituição suprema, architrave de todo o edificio construido. Em paiz algum do continente, portanto, o espirito popular tem vitalidade mais larga, uma consciencia mais perfeita de si mesmo e uma fortaleza mais inquebrantavel. E é por isso que, entre as nacionalidades da America latina, a existencia dos nossos visinhos é um facto quasi excepcional: o regimen democratico ali é o producto immediato desse grande factor — a imprensa — no qual se consubstanciam todos os factores organicos da nacionalidade.

O Mexico tem os seus estadistas e os seus patriotas, os seus homens de governo e os seus historiadores: é uma terra dolorosa que o amor da liberdade constitue numa especie de Patria do Martyrio; a redempção politica já leva quasi um seculo a se fazer pelo sangue e pelo soffrimento de seus filhos, desde a figura incomparavel de Hidalgo, ou de Morellos, ou de Guerrero, até a de Juarez; Venezuela e Colombia crer-se-ia destinadas a transmittir aos vindouros pedaços de almas de raças extinctas, sonhadoras como orientaes, idéalistas como zingaros estatelados ante os espectaculos extranhos que vão desvendando: — ali a poesia floresce e é a nota solemne da vida; ali, onde aquelle grande genio que viveu das convulsões do seu grande peito de americano — o glorioso Bolivar tambem soubera sonhar, ha uma imagem que não se cancella da imaginação popular e que parece destinada a fundir eternamente nas almas que

amam a patria, as almas que amam a flor da vida: aquella pura e sublime Salavarrieta. O Chile tem os seus Lastarria na philosophia, os seus Balmaceda na politica, afóra os seus grandes capitães e seus incomparaveis marinheiros.

Mas em nenhuma dessas republicas ha uma face dominante no modo de ser da collectividade, um signo vivo das tendencias geraes e do vigor e excellencia da raça. Em nenhuma dellas se encontraria uma instituição matriz, um como reflector que nos désse o que nos dá na Republica Argentina a sua imprensa — a expressão exacta, concreta e tangivel do espirito nacional e, portanto, toda a vida politica fundada no culto da opinião.

E só quem observa é que póde explicar como, emquanto outros povos americanos têm os seus poetas como Venezuela e Colombia; os seus patriotas como o Mexico; os seus estadistas como o Chile; ou, como nós outros, os brazileiros, uma cultura mais geral, — os argentinos têm os seus jornaes.

Sem duvida, isto não quer dizer que a intellectualidade argentina se limite a semelhante esphera de manifestações; mas sim que a imprensa é a manifestação mais distincta e mais relevante de toda a sua cultura. Ali, onde Rivadavia, já em 1822, decretava a liberdade de imprensa, os homens publicos se fazem no jornal. Citar os Varela, Avellaneda, etc., seria fazer uma lista interminavel de nomes de que se gloria a Argentina. Basta dizer que lá, nos pampas, o homem de guerra é homem de imprensa, e que a mão que empunha a espada nos campos de batalha, maneja a penna e conquista loiros nas luctas da palavra: ahi está o vulto veneravel de Mitre, em cuja fronte não se sabe o que mais resplandeça — si o fulgor das victorias, si as claridades serenas do pensamento. E quasi que exclusivamente da imprensa surgiu essa galeria de homens superiores, que são o orgulho e o patrimonio moral da terra de Sarmiento.

Não assim entre nós, onde por mais de uma vez deante da honra da Patria, melindrada, os nossos jornaes têm semelhado uma dolorosa fileira de divindades algemadas. Raro um homem politico de hoje, cuja alma se tenha educado entre o arruido dos prélos e a agitação tumultuaria das luctas da palavra escripta.

De outra maneira, e bem differente, se têm relevado as manifestações da nossa pujança intellectual. Somos, ou por uma fatalidade ethnica, ou por motivo das caricias de um céo sem egual, ou pela participação da alma com esta natureza grandiosa e subjugadora, um povo antes de tudo de poetas. Assim, máo grado a existencia de chronistas deliciosos, de romancistas de amplas ecclosões e de tribunos e oradores parlamentares sem superiores nos tempos modernos, — é na poesia que o vigor e a excellencia do nosso espirito mais intensamente tem brilhado. D'ahi tambem o nosso alheiamento por essas formidaveis correntes de ambições que, como um fluxo irreprimivel, tem invadido a alma de quasi todos os povos do planeta. D'ahi a nossa superioridade affectiva e a nossa inferioridade sob todos os aspectos industriaes da vida.

Um povo de poetas deve ser estudado como um poeta; e, entre nós, até mesmo aquelle que mais gabos reclame para a positividade do seu espirito calculado e frio, edifica sobre sonhos o castello das suas especulações.

Mas não vem a molde o estudo da poesia anonyma, rapsodica, caracteristica das multidões. O que é reclamado é o estudo do poeta em si, a sua acção e a sua influencia no meio em que exercita suas faculdades creadoras.

O poeta é a expressão do sentimento humano, da sua fórma ethnica, nacional, regional, ou até mesmo morbida, em referencia á feição moral dominante em determinadas épocas. E' a harpa pendente e tangida pelos ventos anonymos das edades, ora encordoada de oiro fino e puro, ora de argentinas fibras delicadas, ora revestida de sonoras placas de bronze para cantar, respectivamente, as grandezas moraes da collectividade, as emoções suaves e ingenuas da emotividade lyrica e as sublimidades da religião, da Patria, da civilisação. Taine, sujeitando-o a um processo critico, define-o como o mais alto representante das épocas: — o homem synthese, por meio de cuja obra se reconstitue e se explica o modo de sentir e de pensar das differentes edades historicas, a origem, o desenvolvimento e a logica dos acontecimentos e factos humanos e sociaes. Assim, em qualquer tempo, realisada, embora, a idéa de Platão, que queria coroal-o ás portas da cidade, cumulal-o de honras excepcionaes, mas impedil-o de penetrar na cidade e de co-participar das coisas da Republica, o poeta é, foi e será, para toda a eternidade dos seculos, a imagem syncretica desses seculos e dessas republicas, no que elles têm de mais glorioso, de mais nobre, de mais elevado, de menos humano, de menos ephemero, e de mais divino, portanto, com a affirmação espiritual do homem sobre a terra.

De accordo com as leis modernas fixadas pelo mesmo Taine e os grandes criticos da sua escola, é hoje ponto fóra de duvida a acção subjectiva do poeta sobre o seu meio social.

Compare-se o ao pintor, ao musico, ao esculptor. O pintor é o imitador inspirado de uma parte da obra perfeita de Deus; o musico é o artista que surprehende o laço de harmonias que prende as almas, isto é, o mundo da idealidade ao Universo objectivo — que é o

mundo da realidade cosmica e social; o esculptor é o artista que toma da pedra tosca, informe e bruta, e a transforma na estatua, que é o homem perfeito, e talvez o santo que se póde pôr no altar; mas o poeta é, ao mesmo tempo, pintor, musico, estatuario, quer dizer, o interprete sublime no desempenho de um grande sacerdocio moral, decifra em rimas todas as subtilezas lyricas e apaixonadas das almas. Lyricas e apaixonadas, diz um venerando e santo pensador, — e divinas — se póde accrescentar. Divinas, porque são arrancadas do mysterio profundo e insondavel do espirito, da parte immaterial do organismo, do substractum invisivel e imponderavel, mas latente, activo e energico, que constitue o fluido luminoso da vida. Que perdôe, do esplendor da gloria em que fulgura, o ir em pouco além da sua opinião esse estupendo frade, que se chamou — Antonio Vieira — o insigne prégador sagrado que, si pontificasse em qualquer das lingas fundamentaes dos diversos cyclos da civilisação, teria, sem duvida, uma reputação universal, elle que falava a linguagem dos semi-deuses da palavra, desde Homero a Victor Hugo, e que seria reputado rival de S. João Chrysostomo, o bocca de ouro, por exemplo.

O que se póde affirmar, é que são inconfundiveis, entre si, os gigantes que formam a colossal cordilheira da nossa poesia. Qual immortalisa as nossas florestas, com os seus rios largos e seus ruidos mysteriosos; qual é a organisação vulcanica, o plectro de sonoro bronze temperado; qual tem a estrophe sentida e ungida de lagrimas; qual é a poesia em sua feição ingenua e quasi primitiva; — mas todos, ou cante este a natureza, ou celebre aquelle a pompa do céo, ou os arcanos da alma, tem a sua nota propria e a sua individuação destacada.

Assim, si a civilisação na sua marcha evolutiva não demudar a face do planeta e não obliterar as faculdades estheticas no fundo da consciencia humana, póde-se affirmar que, apezar da nossa indifferença por todos os reclamos e todas as exigencias do progresso e da civilisação, mesmo retalhados em pequenas porções territoriaes ou absorvidos por um forte, (e esta sombria previsão já anda a fazer móssa em muitos espiritos) embora um povo sem forças, sem energia, sem riquezas, sem ambições fortes, ou querer resoluto, — havemos de atravessar os tempos, vivendo e cantando na obra de nossos poetas como a Grecia antiga, que é um dos mais altos documentos do espirito humano, tem imposto até hoje, ás diversas civilisações da historia, o carinho cultual da grandeza artistica dessa Hellade fulgurante, sobre a qual, em vão, se sudarisam os annos e se amontôam os seculos.

LEONCIO CORREIA.

NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Addido militar do Brazil no Japão

durante a guerra russo-japoneza

Acha-se á venda na Rua da Assembléa, 62

E em todas as Livrarias

RIO DE JANEIRO

O 1º RELOGIO DO MUNDO

LA 1ère MONTRE DU MONDE

CHRONOMÈTRE ROYAL

Vacheron & Constantin - Genève

Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

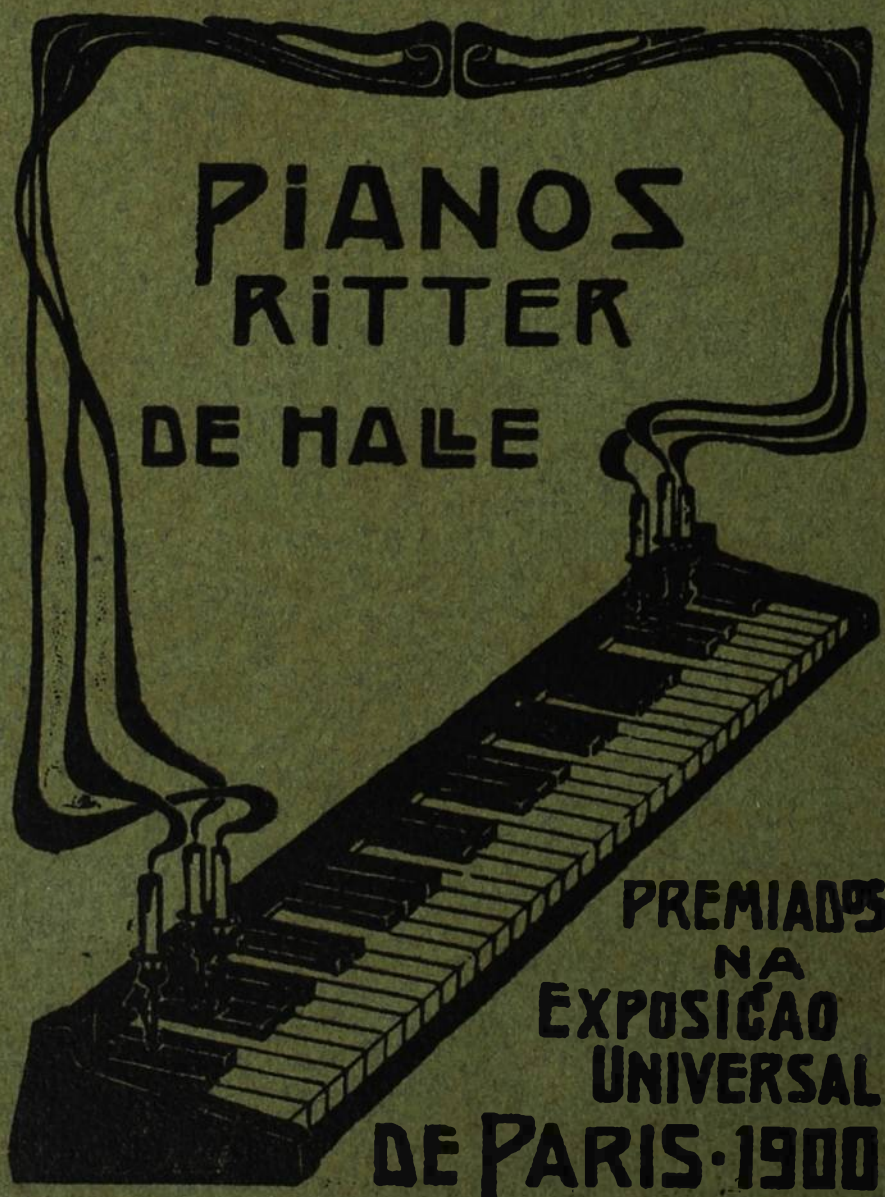
CASA STANDARD — **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER



Inscripções na

CASA STANDARD

Ouvidor 72

12$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL

Anno V

Numero 5

MAIO DE 1908

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	Olavo Bilac
Exposição Nacional	Gravura
O Veneno Ophidico	R. P.
A Vida de Hoje	Mario Pederneiras
Um Retratista Esquecido	André de Rezende
A Musa Anonyma	Mario Behring
O Paiz Carioca	Lima Campos
Matto Grosso	Juruna
O Rosario do Cabo de Ordens	Dionisio Cerqueira
Por Darwin	Fritz Müller
Cantigas	Cunha Mendes
Exposição Nacional	Gravura
Buenos Aires	Thomaz Lopes
As Obras Contra a Secca	V.
Pedra da Balisa	Eduardo Socrates

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos

---

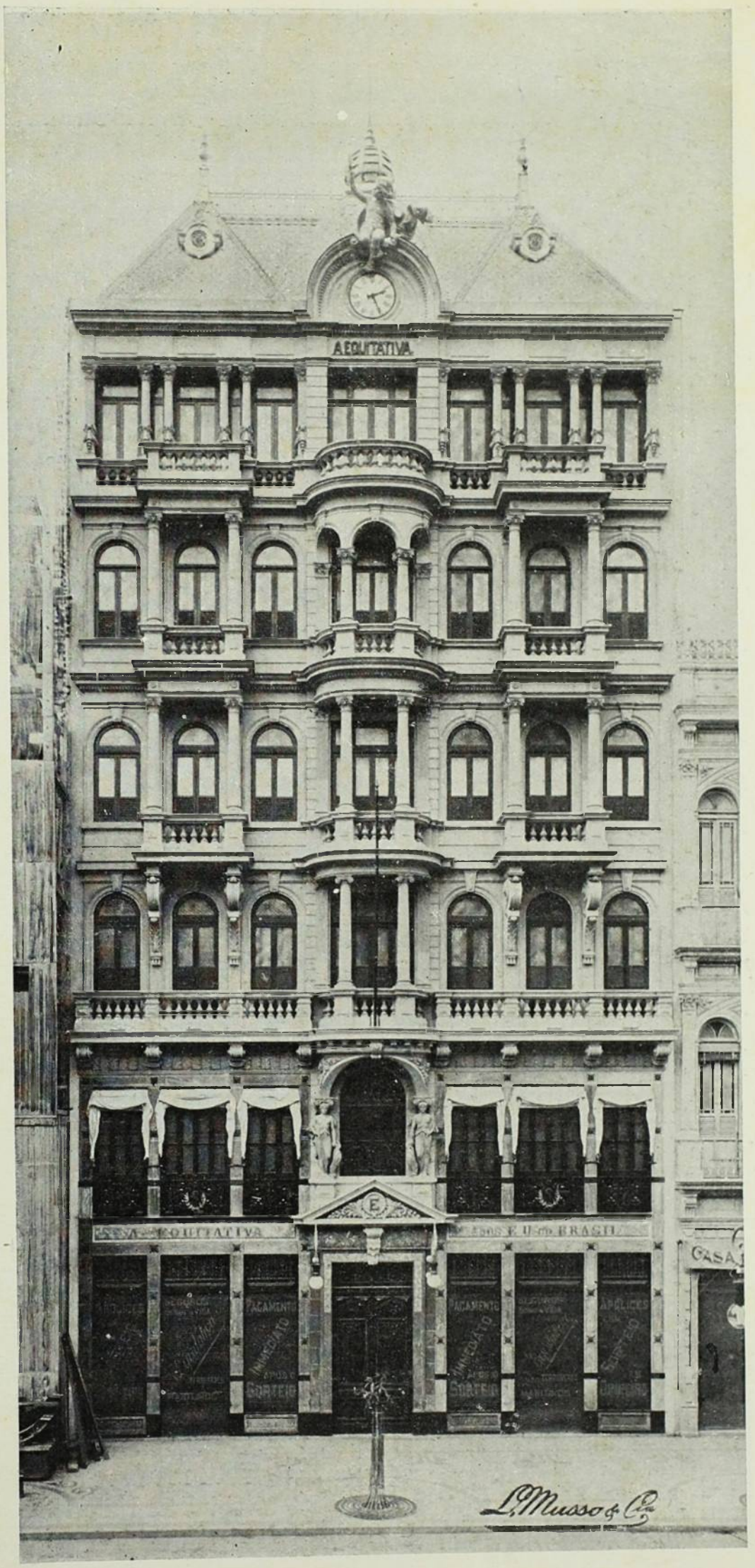
Agencia em todos os Estados da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO, 11 DO CORRENTE

187 — 1º

Por 7$900 **200:000$000** *Por 7$900*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V — MAIO 1908 — N. 5

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

A variola...

A variola? Pois neste lindo e suave começo de inverno, quando o ar é tão brando e o céo é tão azul, quando tantas flores enfeitam a terra, quando ha tantas festas e tanto riso, — ha quem venha lembrar tal cousa?

A variola? Já estou vendo o espanto dos leitores habituaes de *Kósmos*... Parece-lhes, sem duvida, que o assumpto é improprio e descabido, nesta revista de arte e elegancia. Hão de achar, a principio, que as sete lettras feias e sinistras dessa medonha palavra veem profanar e polluir a alvura deste papel asseti-nado, em que habitualmente se estampam finas gravuras, versos lyricos e trechos de prosa fidalga.

Mas o espanto não tem rasão de ser.

Em primeiro logar, *Kósmos* sempre quiz ser e sempre tem sido um registro de toda a vida nacional: foi para isso que ella foi creada, e é graças a isso que ella se tem mantido; seria imperdoavel que a revista, por um mal com-prehendido melindre de elegancia, agora se collocasse fóra da vida, calando o horror do perigo que a todos ameaça neste momento.

Depois, é preciso considerar que a variola não é molestia plebéa, que fira apenas a gente baixa, e apenas invada e enlute pardieiros e es-talagens: essa epidemia cruel tambem se dá bem entre as sedas e as alfaias dos paços. As suas dentadas assassinas, que deixam estigmas indeleveis, não escolhem apenas a pelle rude dos trabalhadores, tostada, ennegrecida e gre-tada pelo sol: tambem se comprazem em picar as faces de pelle de rosa e lyrio, — e é nestas que os seus estragos se exercem com maior brutalidade e se gravam com maior fereza.

Tanto basta para mostrar que o assumpto não é improprio destas paginas. Nem só nas habitações humildes se deve fazer a propa-ganda contra o mal hediondo: é preciso leval-a até os palacios.

Nem se diga que é de mau gosto e denun-ciadora de falta de patriotismo a ideia de vir lembrar a existencia de uma epidemia, quando o Rio de Janeiro se prepara para receber a visita de todo o Brazil, por occasião da sua grande e esplendida *Feira Nacional*. Não se trata de uma epidemia como as de febre ama-rella, que outr'ora (tempos abomináveis!) dizi-mavam periodicamente a população do Rio. Esta epidemia não desmoralisa a cidade, — por ora. Mas, tratando-se de uma calamidade que

volta todos os annos, — com a mesma pontualidade feroz com que o senhorio nos vem cobrar todos os mezes o aluguel da casa, — é facil prever que ella se irá de anno em anno aggravando, emquanto toda a população não se vaccinar. O adiamento deste é um crime.

Os adversarios sinceros e convencidos da vaccinação jenneriana são hoje em numero reduzidissimo: alguns medicos scepticos ou pyrrhonicos, — e o escasso batalhão dos positivistas orthodoxos. O nome de Jenner é hoje universalmente conhecido e amado. A gratidão dos homens a esse homem está perpetuada em monumentos que se levantam em todas as cidades cultas.

O que impede a vaccinação em massa do povo do Rio de Janeiro não é a descrença na efficacia da vaccina. E' uma preguiça moral, — e, ao mesmo tempo, este ironico scepticismo, este sereno desprezo do perigo, esta despreoccupação das cousas amedrontadoras que formam o fundo e essencia do nosso caracter nacional. Até certo ponto, isso não é vicio: é virtude. Não somos um povo de medrosos nem de supersticiosos... Mas é preciso não exagerar essas qualidades, que facilmente podem degenerar em defeitos gravissimos. Desprezar a morte é bello. Muito mais bello, porém, é amar a vida.

E, aqui, não se trata sómente de amar a vida. Trata-se tambem, para as creaturas bellas, de conservar a belleza. E a belleza humana é um presente divino, uma rara dadiva de valor inestimavel, que deve ser presada como o maior dos thesouros, — thesouro maior do que a riqueza e maior do que a gloria.

Afinal, pouco importa que uma creatura feia fique mais feia ainda, depois de picada por uma variola benigna.

Mas a variola não faz selecção de victimas. Tanto ataca Adonis, como ataca Quasimodo. Tanto fere Venus, como fere Atropos ou Lachesis.

E' horrivel pensar que qualquer destas lindas mulheres (tantas e tão lindas!) que são o orgulho e o encanto do Rio de Janeiro, está exposta, por falta da vaccina, a ficar com a face devastada pelas bexigas que se transformam depois da sécca em buracos arroxeados; e não é tudo: o exanthema voraz róe os labios, come as azas do nariz, fura e devora os olhos... E' horrivel!

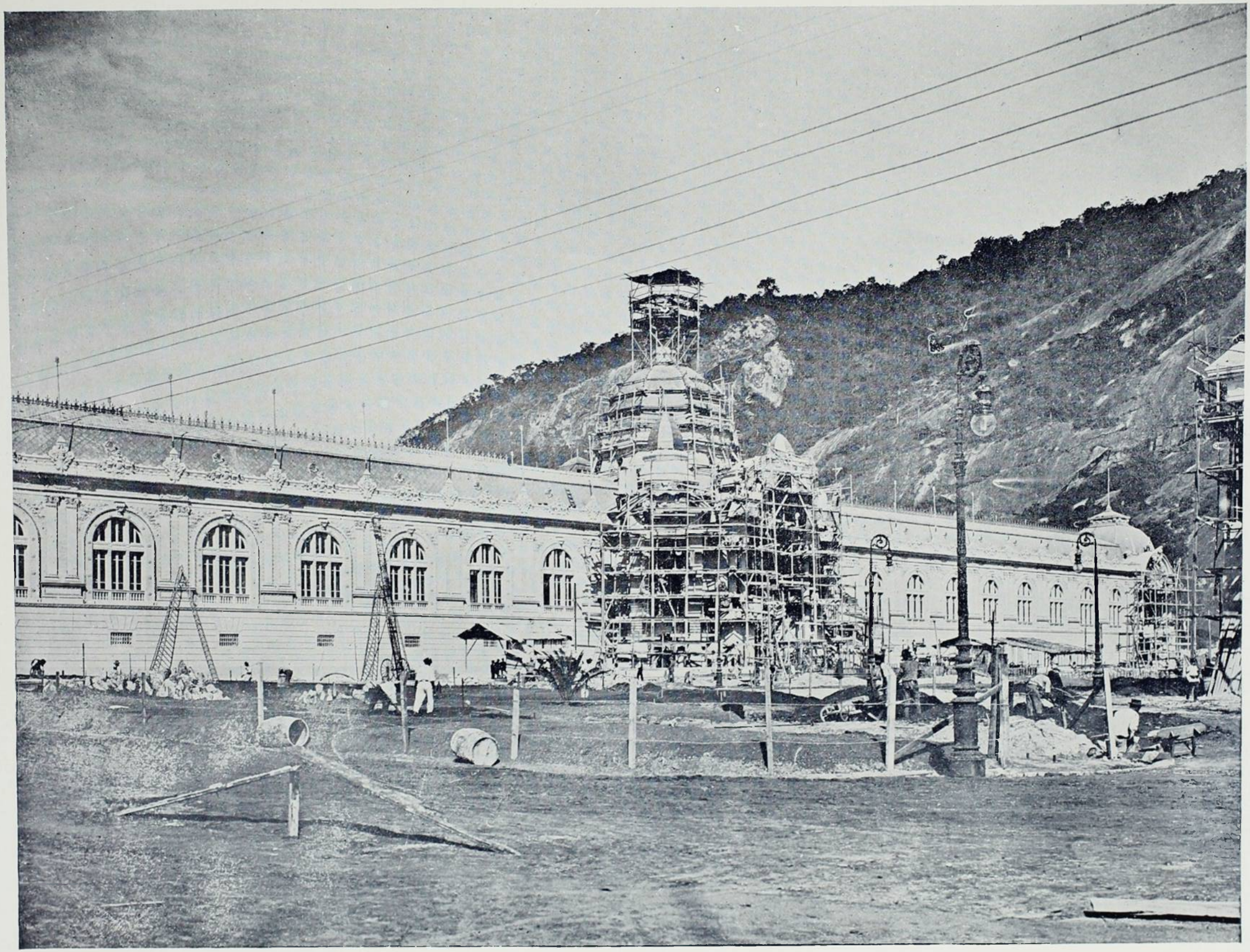
A melhor propaganda a favor da vaccina seria esta:

Collocar, em todas as praças e em todas as ruas, cartazes duplos, em que se representasse, de um lado, uma formosa mulher, em pleno viço da mocidade, da saúde e da bellesa, e, do outro lado, a mesma mulher afeiada e maltratada pelas bexigas, com a belleza destruida.

O effeito seria fulminante e decisivo. Todas as mulheres correriam a vaccinar-se; e, como as mulheres sempre impõem aos homens a sua vontade, passariam ellas a ser uma propaganda viva do methodo jenneriano, — e em pouco tempo toda a população estaria a coberto do assalto dessa perfida e perversa epidemia...

O. B.

Exposição Nacional



O PAVILHÃO DAS INDUSTRIAS FABRIS

O Veneno Ophidico

O PERIGO OPHIDICO — MEIOS DE COMBATEL-O — AS COBRAS DO BRAZIL — UMA HOSPEDARIA DE COBRAS EM SÃO PAULO — FABRICO DOS SERUNS ANTI-OPHIDICOS.

DE SUBITO, dentre a relva espessa, surge o horrendo reptil, arma o bote e, raivoso, morde o incauto que se aventura a perturbar-lhe o socego. A pobre victima, sentindo a aggressão, volta-se inquieta e descobre o perfido inimigo, que foge com rapidez, occultando-se no matto. Que fazer então? Se é religioso, o aggredido recita uma oração, ou pratica um benzimento. Se é um roceiro pratico em remedios populares, bebe alcool, ou amarra com um cordel o membro ferido! Se é um inexperiente e timorato, apavora-se, perde a calma e brada por soccorro, nem sempre possivel. Mas tudo isso de nada vale: os effeitos mortaes do veneno ophidico vão se fazendo sentir cada vez mais graves.

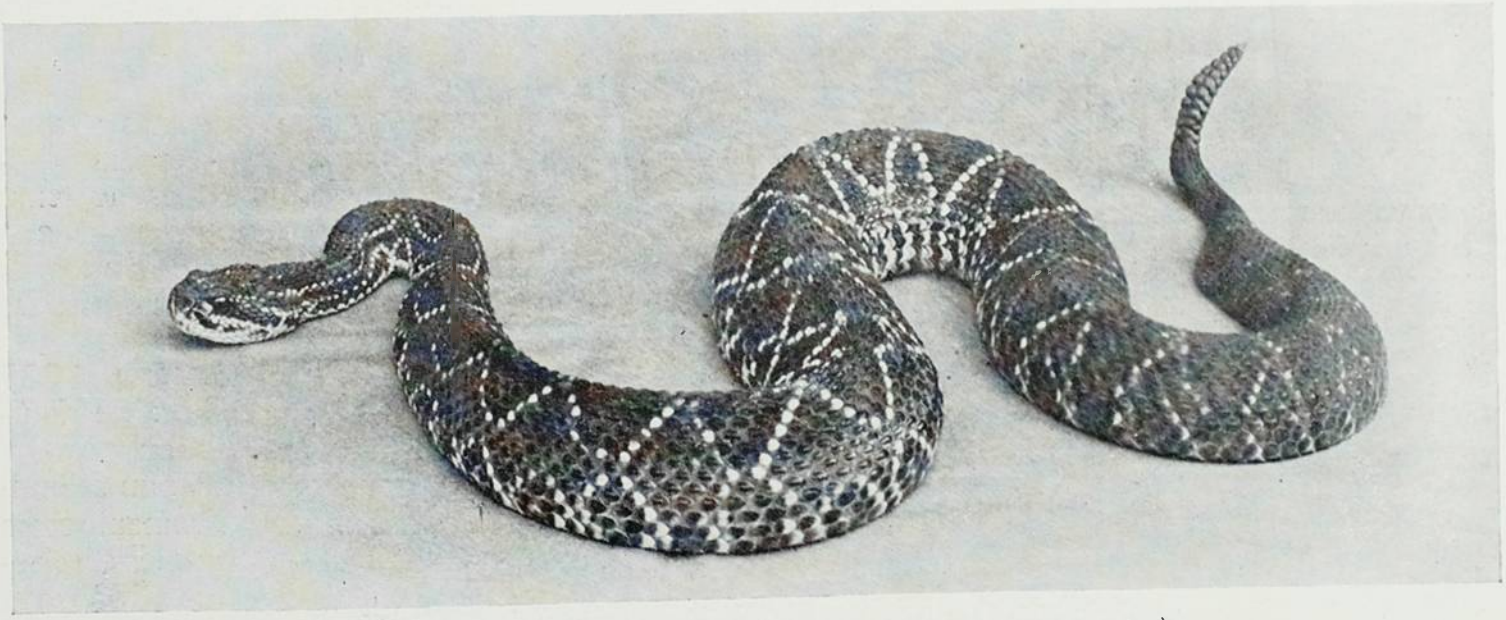
Após a mordedura, não vê a victima senão dois orificios pequenos no lugar onde as agudas prezas da cobra penetraram e algumas gottas de sangue que sahem. Minutos mais, porém, principia a sentir na região mordida uma forte dôr, que se vai estendendo por todo o membro. Começa este a inchar mais e mais. Depois apparece uma fraqueza geral, denunciando que o veneno toma conta do organismo. Vem logo a hemorrhagia pelo nariz e pela ferida. Um frio intenso sóbe das extremidades e se estende sobre todo o corpo, como que avisando que a morte se aproxima. Os vomitos não tardam a aggravar a tortura do doente. A garganta, resequida, fica como preza, não podendo engulir a saliva: é o principio da paralysia. Por fim, a vista se turva e as forças se abatem por completo, denunciando um desfecho fatal.

Qual o remedio que devemos empregar nesse caso, neutralisando a aggressão dos terriveis reptis, que tanto concorrem para que, no Exterior, nosso bello paiz seja considerado uma terra inhospita e terrivel?

* * *

Desde os tempos mais antigos, são recommendados muitos remedios contra mordeduras de cobras. Ficaram famosas as bruxarias ensinadas pelos Psyllas, que, alem de possuirem o dom de chamarem cobras, se consideravam immunes contra a peçonha dos reptis. Na flora quasi podemos contar as plantas que não foram indicadas para tal fim; porém todas ellas, como já havia provado Fontana na Italia, não tinham valor nenhum. Na chimica o permanganato de potassio e o chlorureto de ouro, os mais empregados, foram aconselhados como os melhores; mas, depois das experiencias feitas em laboratorio, se demonstrou que nenhum producto chimico tinha o poder de neutralisar o veneno, uma vez inoculado.

Como reconhecia o sabio Wucherer em 1867 (1) tampouco possuem valor certas pedras que gozam da immerecida fama de atrahir ou sorver rapidamente o veneno. Redi, com as suas experiencias, feitas diante do Gran Duque da Etruria, mostrou que as mencionadas pedras não tem essa maravilhosa virtude, assim como já havia feito Fontana a respeito

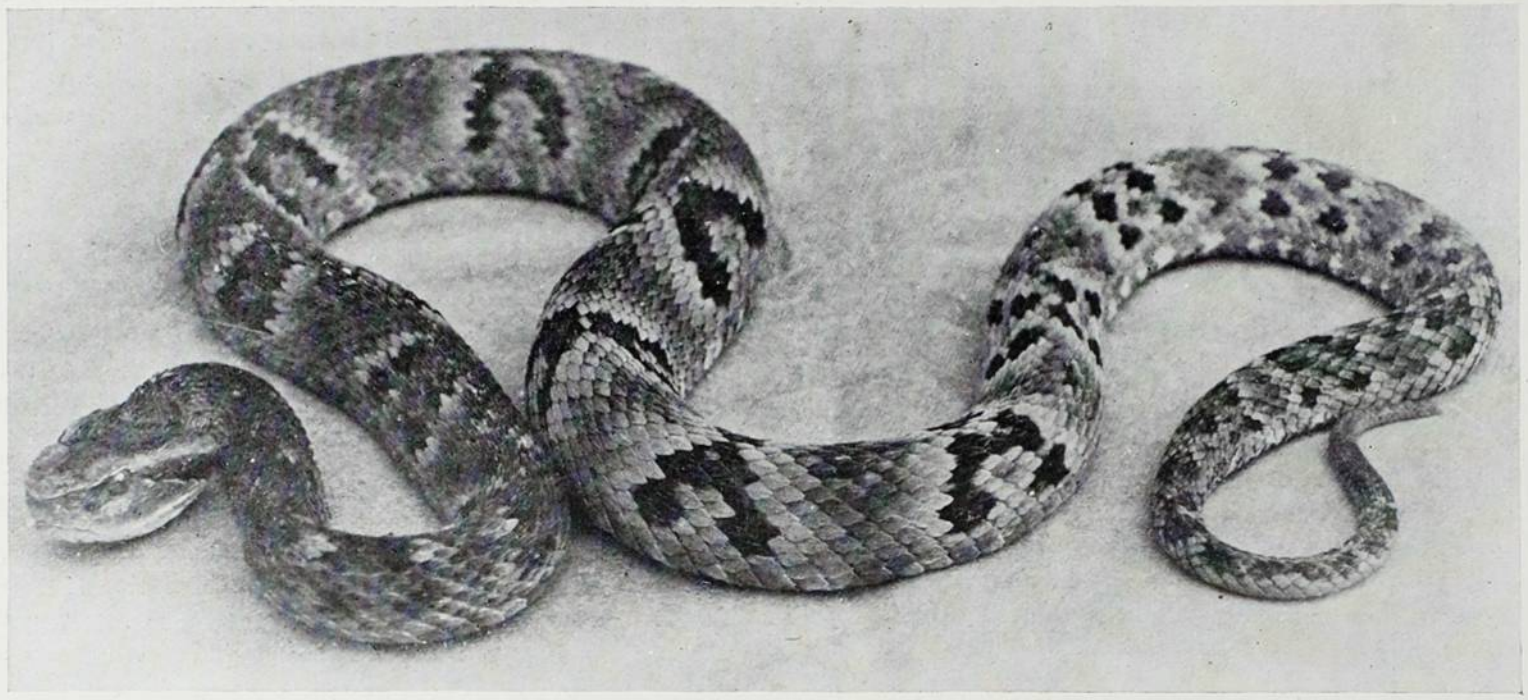


N. 1 — CROTALUS TERRIFICUS, (CASCAVEL, BRICININGA)

(1) Gazeta Medica da Bahia, 1867.

de ossos calcinados, empregados com identicos intuitos.

Tanto essa impotencia de bruxos, naturalistas e medicos, para combater o envenenamento ophidico, era verdade, que o padre Anchieta, canonisado por possuir como uma

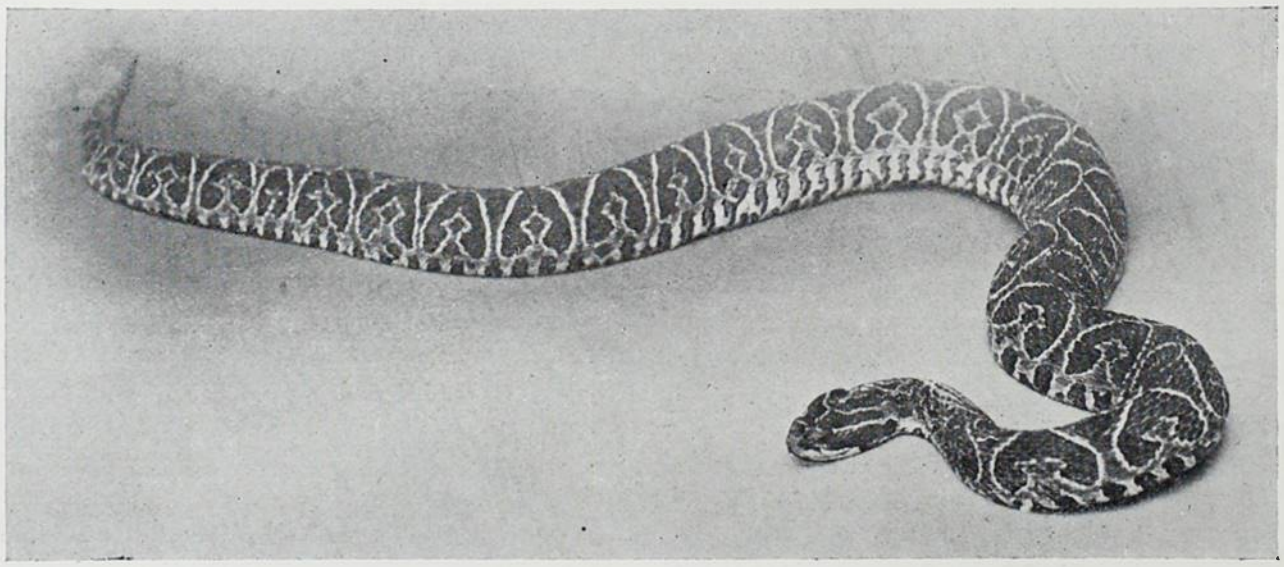


N. 2 — LACHESIS LANCEOLATUS, (JARARACA, JARARACUÇÚ)

das suas virtudes a de curar mordeduras de cobras, assim dizia: «No meio, porém, de tão grande e tão frequente multidão, o Senhor nos conserva sãos e salvos, tanto mais porque em nenhum contra-veneno ou remedio humano confiamos; porém só em Jesus Nosso Senhor, que é o unico que póde valer para que nenhum mal possamos soffrer, mesmo caminhando por cima dellas.» (1)

Sem embargo, o veneravel thaumaturgo já reconhecia que «entre os indios acontece que se algumas vezes escapam á mordedura de uma cobra, e sendo novamente atacados, não só não correm perigo, mas tambem soffrem muito menos dôres; o que mais de uma vez experimentámos.» (1)

No Mexico, na America Central e na Africa tambem é vulgar essa crença de que as pessoas mordidas por uma cobra se tornam resistentes ao veneno. E era costume mesmo, entre os selvagens d'essas regiões, inocularem-se com peçonha por meio de dentes de cobras, afim de adquirirem resistencia contra futuras picadas de serpentes venenosas



N. 3 — LACHESIS ALTERNATUS, (URUTÚ, CRUZEIRO, COTIÁRA)

Em 1887 Sewall e Kaufmann confirmaram scientificamente essas praticas, mostrando que, quando se injectavam pequenas doses de veneno em animaes muito sensiveis, capazes de provocarem accidentes graves, elles supportavam doses maiores e muitas vezes mortaes.

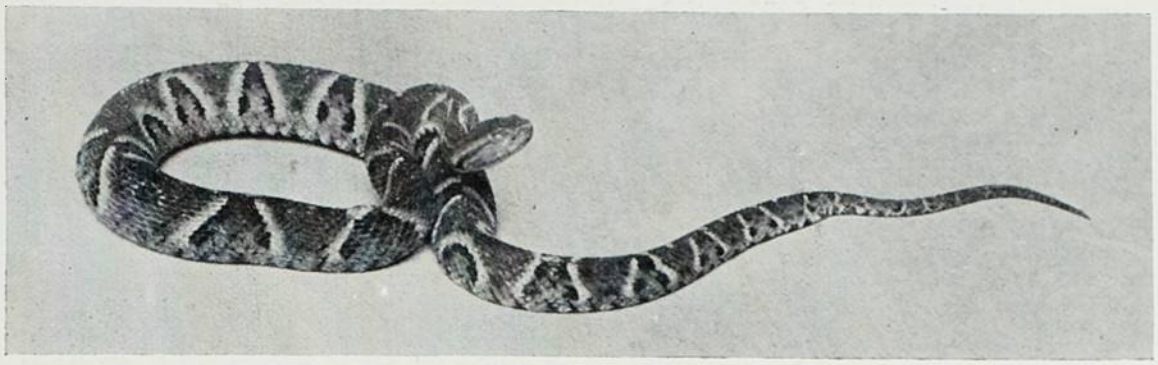
Em 1894 Phisalix e Bertrand e depois Calmette vieram confirmar as experiencias precedentes com factos positivos verificados em la-

(1) Cartas ineditas do Padre José de Anchieta traduzidas do latim por João Vieira de Almeida.

(1) Contos ineditos do Padre José de Anchieta.

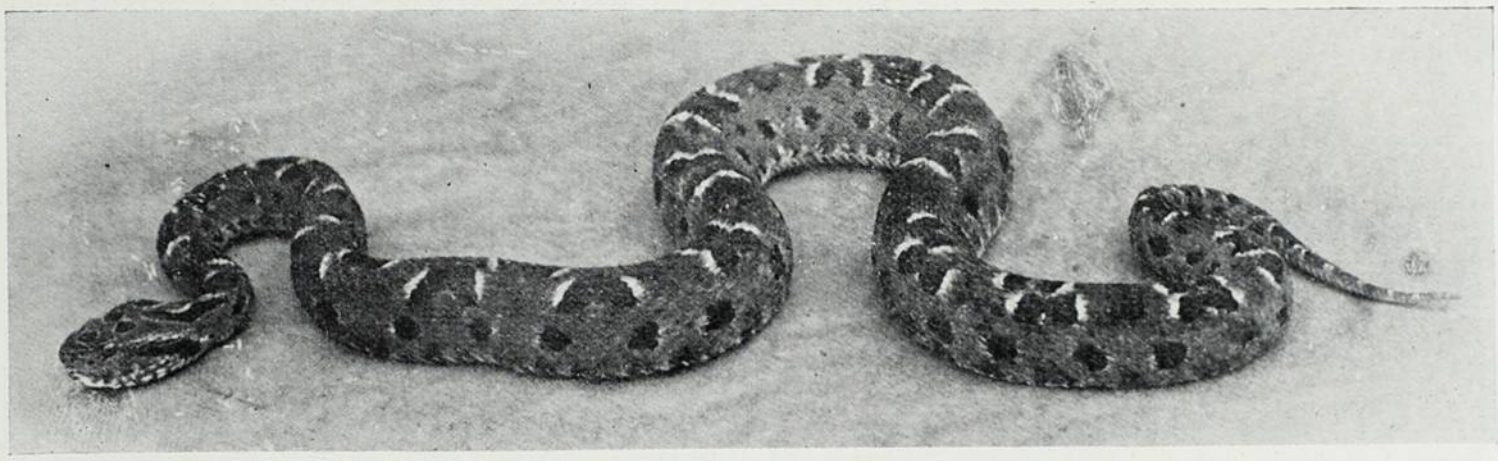
boratorio. Provaram então que se podiam tornar os animaes resistentes ao veneno e que o sôro d'esses animaes tinha poder curativo sobre o envenenamento ophidico.

No Brazil o Dr. Vital Brazil, que em Botucatú estudava tambem o ophidismo e as nossas cobras desde 1896, num relatorio apresentado em 1898, ao Director do Instituto Bacteriologico de São Paulo, dava os resultados obtidos em relação á especificidade dos seruns sobre os dois typos de veneno. Depois publicava sobre o assumpto varios artigos na *Revista Medica de São Paulo* (1) e realisava uma conferencia em 1.º de Dezembro de 1901, na Escola de Pharmacia da Capital Paulista. E em 28 de Junho de 1903, n'uma memoria, communicava ao Quinto Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurugia que o unico remedio capaz de curar uma mordedura de cobra era o serum especifico.

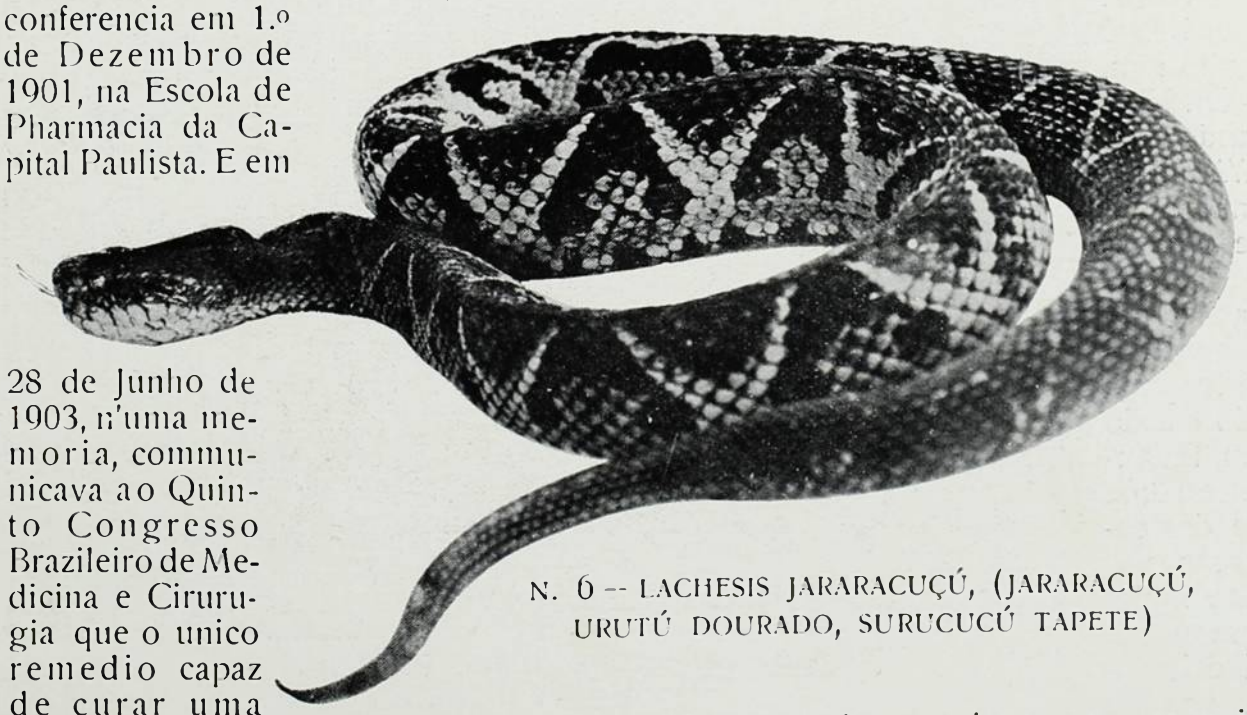


N. 4 – LACHESIS ATROX, (JARARACA, JARARACUÇÚ)

Desde então este conhecido scientista realisou grande numero de experiencias em tal sentido, de modo a deixar fóra de duvida a efficacia desse processo curativo. E em 1901 entregava os primeiros tubos de serum, que viria salvar milhares de vidas tão caras e que tantos serviços póde prestar á nossa patria, á medida que se fôr tornando conhecido.



N. 5 — LACHESIS NEUWIEDII, (JARARACA, URUTÚ)



N. 6 — LACHESIS JARARACUÇÚ, (JARARACUÇÚ, URUTÚ DOURADO, SURUCUCÚ TAPETE)

* * *

No nosso paiz é grande a quantidade de ophidios, havendo não pequeno numero de especies peçonhentas que determinam numerosos accidentes entre as pessoas que trabalham na lavoura.

As especies venenosas mais abundantes são as seguintes:

Lachesis mutus — surucucú, surucucú bico de jaca, surucutinga; *Lachesis bilineatus* — surucucú

(1) Revista Medica de S. Paulo: Anno IV, ns 15, 17 e 21; Anno V, n. 2; Anno VI, n. 13 e Anno VII, n. 2.

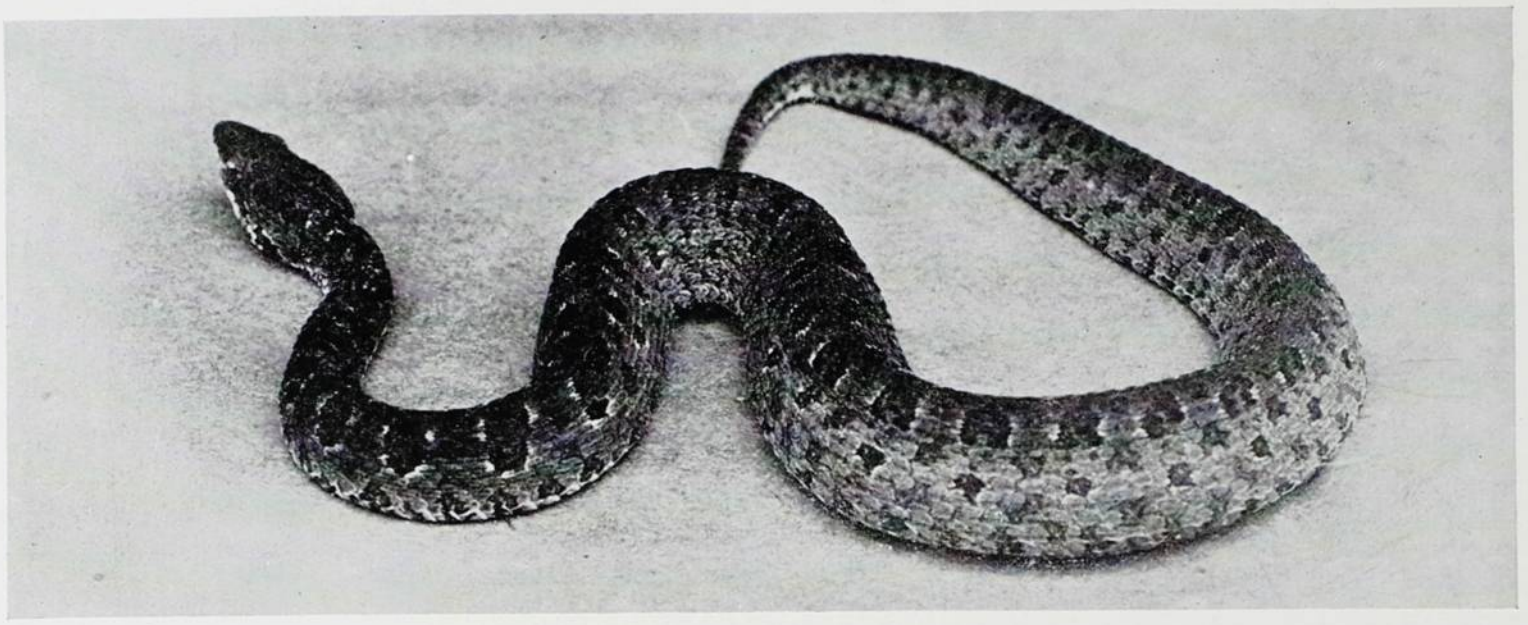
patioba, especie que, como a precedente, habita nos Estados do Norte, no Rio de Janeiro e de Minas Geraes; *Elaps corallinus* — cobra coral; *Elaps frontalis* — outra especie de coral; *Crotalus terrificus* — cascavel ou boicininga, do Norte ao Sul do Brazil; *Lachesis lanceolatus* — jararaca, jararaca preguiçosa, é a mais commum; *Lachesis jararacuçú* — jararacuçú, urutú dourado, surucucú-tapete, do Estado do Rio; *Lachesis alternatus* — urutú, cruzeiro, ou coatiára, habita do Norte ao Sul; *Lachesis neuwiedii* — tambem chamado urutú; *Lachesis atrox* — jararaca (uma especie mais rara(; *Lachesis Itapetininga* — coatiárinha, boipeva, encontrada no Estado de São Paulo.

Esta ultima cobra é uma especie muito rara, classificada pelo Dr. Vital Brazil, que a mandou depois para o *British Museum*, o qual confirmou a classificação e o nome dado.

Das especies acima nomeadas, as 7 ultimas foram estudadas no Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo, em Butantan. Ahi se verificou que a cascavel é uma das cobras mais perigosas, por possuir um veneno muito activo. Tambem se notou que a jararacuçú é igualmente temivel, por ter grande quantidade de veneno.

O veneno das *lachesis* é amarello, excepto o da *Lachesis Itapetininga*, que é branco leitoso, como da cascavel.

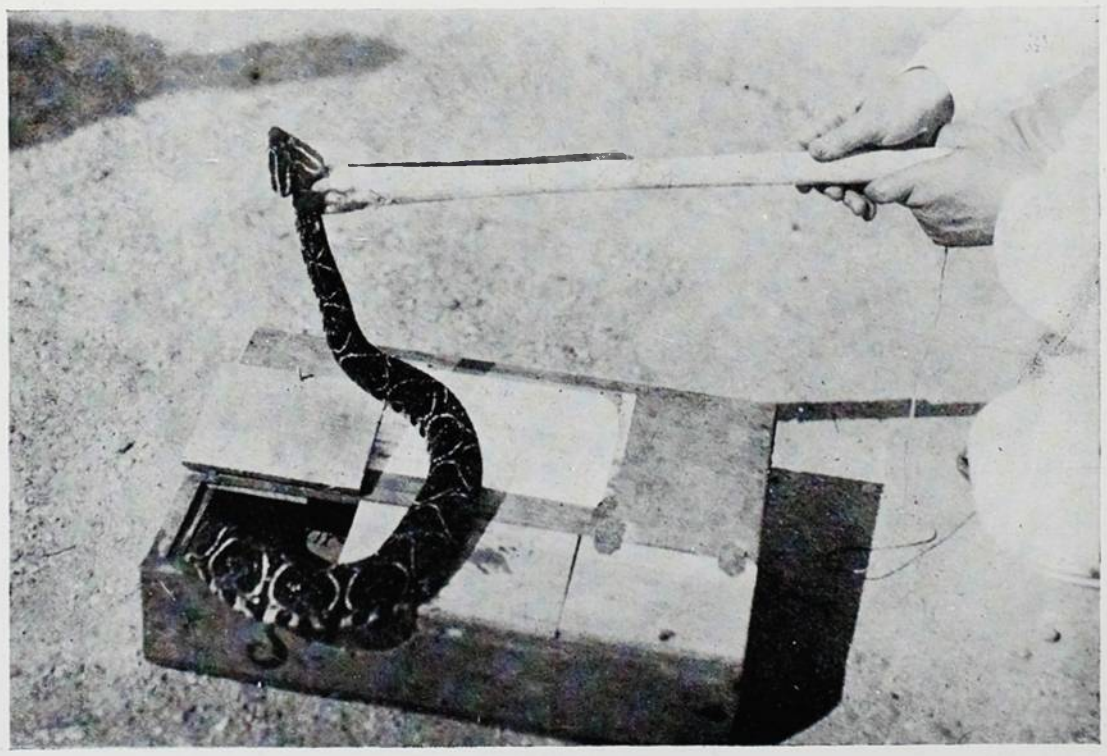
Estudando a peçonha das cobras brazileiras, o Dr. Vital Brazil, verificou que as propriedades toxicologicas variavam. Por isso, dividiu as



N. 7 — LACHESIS ITAPETININGA, (COATIÁRINHA, BOIPEVA)

principaes peçonhas brazileiras em dois typos: o crotalico e o bothropico.

Por experiencias numerosissimas, certificou-se de que o serum dos animaes immunisados contra um desses typos não revelava acção preventiva ou curativa contra o envenenamento por outro typo. E assim chegou á conclusão de que era necessario praparar as seguintes qualidades de serum:



N. 14 — CAIXA PARA TRANSPORTE DE COBRAS

Serum anti-crotalico, applicado nos casos de mordedura por cascavel.

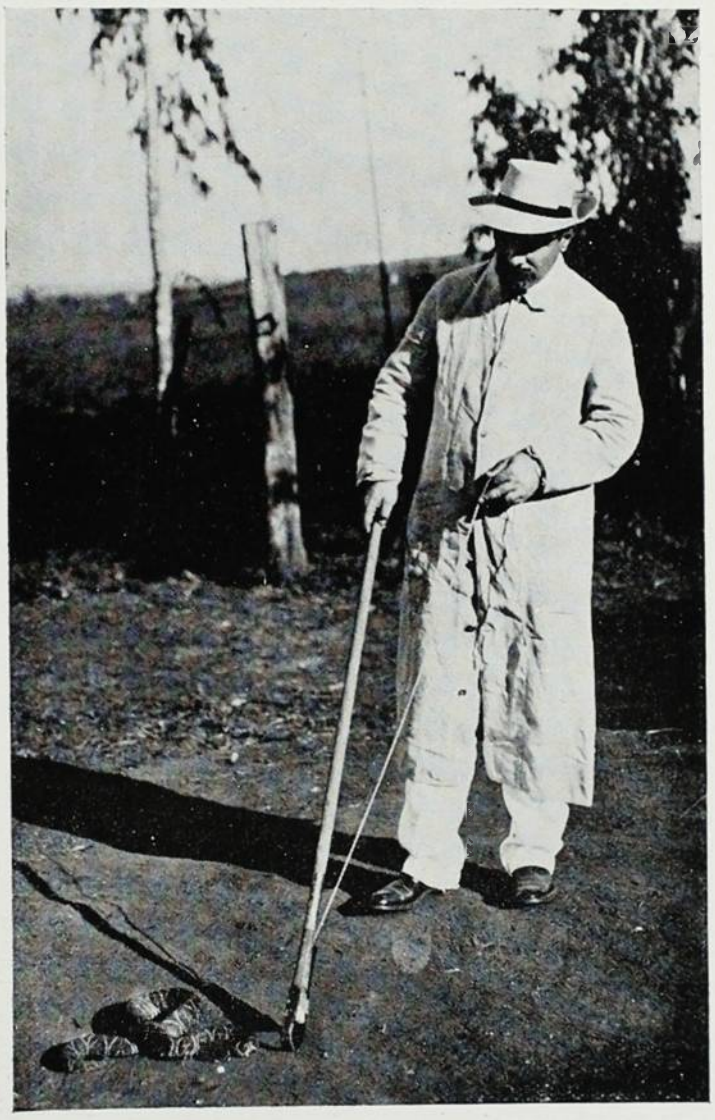
Serum anti-bothropico, aconselhado nos casos de mordedura por jararaca e urutú.

Serum anti-ophidico, fornecido por animaes immunisados com a mistura de todos os venenos, sendo indicado nos casos em que não for conhecida a cobra e especialmente nos accidentes determinados pelo jararacuçú.

* * *

Para o preparo dos seruns existe em São Paulo um instituto especial, sobre a direcção do Dr. Vital Brazil. Fica situado em uma bella chacara, acerca de 9 kilometros da Capital, denominada Butantan, á margem esquerda do Rio Pinheiros, occupando uma area de cerca de 4.250.000 metros quadrados. As velhas construcções que ahi existiam foram apropriadas aos fins do Instituto e acrescidas com outras novas, como uma explendida cocheira enfermaria.

Primitivamente creado para o fabrico do serum anti-pestoso, esse estabelecimento foi logo confiado, em 1899, ao Dr. Vital Brazil, que já exercera o logar de ajudante do Instituto Bacteriologico. Seu fim é preparar, além dos seruns anti-ophidico, o anti-diphterico, o anti-pestoso, a vaccina anti-pestosa, a tuberculina bruta e T. O. A., bem como realisar estudos scientificos sobre serumtherapia em geral e bacteriologia.



N. 15 — CAPTURA DE UMA COBRA

* * *

Para o fabrico do serum anti-peçonhento, o Instituto resolveu appellar para os sentimentos humanitarios dos fazendeiros paulistas. Pediu-lhes enviassem toda e qualquer cobra encontrada em suas fazendas. De tal arte conseguiu numerosos contribuintes, com os quaes mantem correspondencia.

O Instituto organisou um serviço em ordem a facilitar tudo ás pessoas que quizerem remetter-lhe cobras. Assim é que manda laços proprios para apanhar os ophidios e caixa para a remessa, sendo o frete gratis em todas as estradas de ferro.

Para pegar-se uma cobra, procede-se como o indica a figura ao lado e colloca-se o reptil na caixa. Põe-se então um papel impresso fornecido pelo Instituto, com o endereço. Feito o que só resta apresentar o volume a estação de qualquer estrada de ferro, para vir ter ao destino.

Em troca de cada cobra, o remettente recebe um tubo de serum, e por seis cobras uma seringa propria para injecção.

Chegadas as cobras ao Instituto, são postas em viveiros especiaes — uma verdadeira hospedaria de centenas de reptis. Ahi vivem muito tempo, embora no inverno morram ás porções.

O mais curioso, porém, é que estes ophidios, de digestão muito lenta, passam grandes espaços de tempo sem se alimentar. Alguns ha que pódem passar um anno sem terem comido e bebido. No captiveiro recusam mesmo tomar qualquer alimento, o que dispensa preoccupações com o seu sustento.

Facilmente se lida com as cobras, sem perigo. De movimentos vagarosos, só aggridem quando irritadas.

No Instituto fazem a extracção do veneno de 15 em 15 dias, que é o tempo necessario para que as cobras o elaborem outra vez. O modo de proceder-se a esta operação está bem claro na gravura que illustra este escripto.

Uma jararacuçú, a cobra que produz mais veneno, dá em media 1 c. c. Depois seguem-se: a urutú 0,5 c. c.; a *lachesis athrox* 0,3 c. c.; jararaca 0,2 e as outras 0,1 c. c. — inclusive a cascavel.

Uma vez extrahido o veneno, filtra-se-o e se o leva á estufa para seccar. Na media 1 c. c. de veneno liquido fornece 1/3 de veneno secco.

Quando se tem de empregar o veneno em animaes, faz-se uma solução em agua physiologica (sol. de sal de cosinha a a 7º/oo).

Para o preparo de seruns anti-peçonhentos tem o Instituto 7 animaes; 2 para o serum anti-bothropico, 3 para o serum anti-crotalico e 2 para o serum anti-ophidico. São elles indifferentemente, o burro ou o cavallo.

Para immunisarem-se os animaes que tem de fornecer serum, principia-se a injectar de-

baixo da pelle doses muito pequenas de veneno e vai-se augmentando progressivamente até chegar-se a doses grandes, sem que o animal sinta.

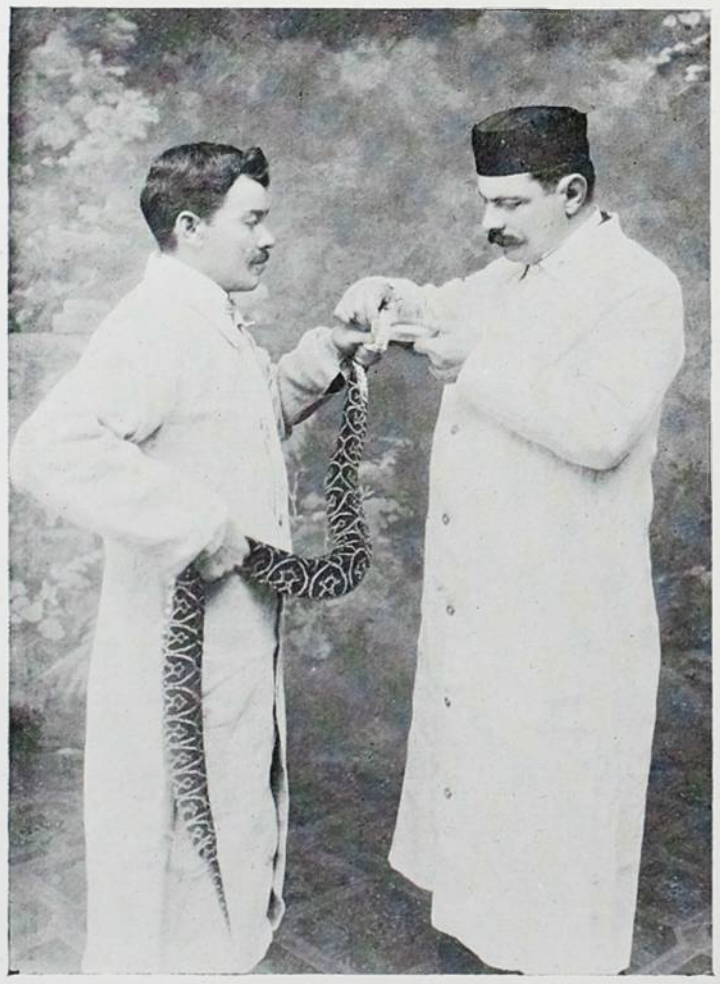
As cellulas do animal que recebe o veneno digerem-no e fabricam uma substancia que tem a propriedade de neutralisar o veneno; essa substancia é lançada na torrente circulatoria, onde se accumula.

Não se obtem sem alguma difficuldade a immunisação desses animaes, pois ás vezes succumbem durante a immunisação. Alem disso, por accasião de cada injecção, apparecem obcessos enormes, que precisam ser rasgados, drenados e curados.

Depois de um tratamento longo, cerca de um anno de repetidas injecções de veneno e quando se julga que no seu sangue ja tem uma grande quantidade de substancia fabricada pelas cellulas, capaz de neutralisar consideravel porção de veneno, retira-se um pouco de sangue para dozar. Se este mostra-se activo, sangra-se o animal. Depois de cada sangria o serum do animal baixa de um modo extraordinario; então fazem-se novas series de injecções de veneno, até que o serum adquira novamente a sua actividade.

A sangria é feita com todos os cuidados de asepsia. Retiram-se, em geral, 5 litros de sangue de cada animal. O sangue é colhido directamente em vasos proprios, onde fica durante 48 horas para coagular. Depois o serum é transvasado para as alongas, onde fica durante dez dias, findos os quaes é distribuido em tubos para ser entregue ao consumo. Antes de ser entregue ao consumo o serum é dosado. Quer dizer: verifica-se que elle na dose de 1 c. c. neutralisa a qantidade de veneno capaz de matar 200 pombos.

N. 16 — COBRIL, COBRAS EM LIBERDADE



N. 17 — EXTRACÇÃO DE VENENO

O movimento de serum tem augmentado de anno para anno. Em 1907 sahiram 2.251 tubos e este anno até esta data ja foram entregues ao consumo 2.184 tubos.

Não ha difficuldade na applicação do serum. Pode elle ser applicado por qualquer pessoa, bastando para isso que siga as instrucções que acompanham cada tubo.

Já são bem conhecidas as experiencias de laboratorio que provam a efficacia dos seruns anti-peçonhentos. Por outro lado, grande numero de communicações recebe o Instituto diariamente de clinicos e pessoas que tem applicado o serum com excellentes resultados não só em pessoas como em animaes montando a mais de duzentas o numero de communicações.

Na Venezuela, na Argentina, no Uruguay, já tem sido experimentado o serum Vital Brazil e agora o Governo do Ceará pediu grande partida para fazer applicação no seu Estado.

De maneira que não ha mais duvida sobre os beneficios que presta o serum anti-ophidico em nosso paiz, cuja população, dedicando-se especialmente a agricultura, é constantemente ameaçada por uma traiçoeira legião de reptis peçonhentos.

Trata-se effectivamente, de um especifico poderoso e certo que restitue á nossa patria milhares de vidas de valentes trabalhadores que nas mattas tenebrosas implantam o estandarte da civilisação.

S. Paulo, 20 de Maio de 1908.

R. P.

A VIDA DE HOJE

FAZIA frio; eu e Marcio, alçamos a gola avelludada do sobretudo, enfiamos as mãos nos bolsos das calças e partimos, sem rumo e sem destino.

Que iriamos fazer áquella hora?

Marcio, durante o jantar, estivera feroz na sua critica acerba contra a nossa terrivel civilisação.

— E' sempre um povo, dizia elle, que faz soirées da moda, das estopantes sessões dos cinematographos.

Durante o verão, encurrala-se nas salas quentes desses espectaculos suppliciosos e deixa vasias as Avenidas e os *bars*. Queres saber? No Inverno é bem capaz de estar em casa, encolhido nas cadeiras de balanço e de *cache-nez* ao pescoço.

Charutos accesos, regalado o estomago com a fartura daquelle jantar intimo, mais saboroso pela palestra do que pela perfeição dos acepipes, sahiramos do ar aconchegado da sala do hotel, para a friagem da rua, calma e vasia naquella hora da noite.

Somnolentos, á boléa, os cocheiros de fiacres aguardavam a chegada de uma freguezia muito problematica.

Que fazer do resto da noite, quando ainda vinham longe as horas do somno e do repouso?

Procurar a distração dos theatros? Mas são tão pouco commodos os nossos theatros e andam sempre tão vasios. Para ver o que? Revistas de Portugal, com toda a critica incomprehensivel para nós, de factos de interesse e de vida locaes? Ouvir traducções mais ou menos espirituosas do lindo espirito francez? Oh! não! Seria melhor andarmos por ahi, trocando pernas, batendo o asphalto das ruas; a não ser que preferissemos ir chorar as desventuras de *Edmundo Dantés*, do infallivel — *Conde de Monte Christo*, já ouvidas, já lastimadas nos primeiros annos da nossa primeira mocidade, Marcio tinha razão.

A cidade, a nossa linda cidade, á noite, assim pelas onze horas, é desoladora, é insupportavel.

Os que vão ao theatro, de lá saem anciosos para se verem de novo no aconchego das casas, onde os espera ainda o consôlo patriarchal do chá e do pão quente.

E se procurassemos a alegria nocturna dos Clubs? Oh! os nossos Clubs! Nós não pagavamos, portanto, era nova inutilidade a enfrentar, pois, por alli só se vê a ambição terrivel dos que amam o jogo, tanto que são as mesmas caras que enfrentamos em todos elles, as mesmas sempre. Não ha o desinteresse alegre da folgança e a prova está no isolamento em que ficam as outras salas e na enchente desabalada das da banca.

Um pianista somnolento e honesto, móe a noite inteira, sozinho, vergonhosamente sozinho, polkas e tangos. No restaurante contam-se os freguezes; e as mulheres que lá vão, pedem-nos, sordidamente, fichas ou cinco mil réis, para atentarem a sorte. Cá fora, na Rua, fecham todos os hoteis, apagam-setodas as vitrines. Dorme-se. E Marcio, na sua eterna indignação exclamava:

— Mas repara se é ou não o que te digo. Quanto mais largas são as nossas Ruas, quanto mais vastas e arborisadas são as nosas Avenidas, mas o nosso povo ás evita, mais procura a casa, mais volta aos seus habitos aldeãos.

Antigamente, deves estar lembrado, nos tempos em que a Praia de Botafogo era suja e escura, em que não se pensava na claridade civilisada da luz electrica e do Bico Auer; quando a nossa viacção contava apenas com as velhas e desengonçadas *caçambas de praça* puxadas por esses magros *pangarés* desolados, naquelle tempo, lembraste, ainda havia a troça

ruidosa e caixeiral das visitas ao *Sereia*, aquella popularissima bodega immunda, ao *Clef des Chamyss*, lá para as bandas da Rua da Passagem. Mas havia sempre uma troça, symptomas exactos da vida nocturna. O velho *Stadt Munch*, possuia uma linda sala *grenat*, para ceias nocturnas. Os gabinetes particulares da *Maison Moderne*, regorgitavam de pandegos e de raparigas alegres. Estropiavam-se canções em vogas, ouviam-se gargalhadas francas.

Depois dos espectaculos, encontravam-se pelas ruas carros descobertos e essa elegante confusão, de plumas e chapéos de palha, que eram, naquelle tempo, áquellas horas, a nota denunciadora da pandega e a criminosa denuncia do esbanjamento de uma legitima.

E hoje? Estamos aqui debaixo deste alpendre fartamente illuminado, numa linda Avenida, cheia de luz e de arvores, entretanto, repara, estamos aqui os dois; alli adiante, uma familia somnolenta á espera do bond e aquelle senhor de oculos e cartola, que veio naturalmente do Instituto Historico e tambem vae para casa.

Entretanto, ainda é meia noite.

Os fiacres formam uma fila somnolenta; e aquelle casal que alli vae, naquelle automovel, ella agitando o escandalo das suas grandes plumas brancas e elle expondo o *smartismo*, do seu vestuario, que te parece? Um jovem par recemcasado em passeio de desfastio e de idyllio, não é?

Pois enganas-te. Elle, afaga a esperança de uma grande legitima e frue, por emquanto, as gordas mezadas paternas e ella, se não me engano, é cancanista do *Moulin*. Repara como vão respeitosos e aprumados; é que nenhum deseja, talvez, amarrotar a roupa ou comprometter-se.

E' o aspecto exterior da vida de hoje aqui.

Não ha duvida, meu caro, o Rio civilisa-se, não vês?

. . . . . .

E tomamos o bond, rumo de casa, que o frio augmentava e já se fazia tarde.

MARIO PEDERNEIRAS.

Um Retratista Esquecido

O PINTOR DA CÔRTE DE LUIZ XV

NÃO sei porque motivo ou com que fundamento plausivel a maioria dos escriptores, que se occuparam da pintura no seculo XVIII, parece desprezar um dos artistas mais queridos, mais destacados no reinado de Luiz XV, tal foi Nattier, o retratista da familia Real.

E, no entanto, na sumptuosa obra de Jules Mansard, nesse vasto palacio de Versailles que é um attestado do esplendor do *roi soleil*, e onde Guilherme I da Prussia, imperador d'Allemanha, dormiu nas vesperas de invadir Paris em 1870, deixando nas cortinas do seu aposento um insulto grosseiro á França fulgurante, segundo nos contam os Goncourts, nesse rico palacio da famosa «galeria dos espelhos» nem um artista foi mais admirado e animado do que Nattier, hoje esquecido, e por quem os escriptores não se dignam de occupar as suas pennas!

E' estranho o silencio em que o sepultam.

Nattier viveu de 1685 a 1766, isto é, durante quasi todo o reinado de Luiz XV terminado como se sabe, 1774, e mais dois annos do que a marqueza de Pompadour, cujas graças não logrou conquistar.

Em principio da sua carreira artistica apresentou-se como pintor historico, expondo em 1718 um quadro que está, actualmente, no museu de Tours, tendo por titulo *Phinée et ses compagnons changés en pierre*, quadro que é realmente mediocre; em pouco tempo, porém, mudou de rumo na sua especialidade e fez-se retratista.

Os seus primeiros trabalhos, nesse genero, foram os retratos da princeza de Lambesc figurada em Minerva armando cavalleiro a seu irmão, o conde de Brionne; e de Mme. de Chateauroux representada em Aurora.

Essa novidade, aliás já usada por Nocret, causou grande successo na côrte imaginosa de Luiz XV, e logo pegou a moda dos retratos figurados. Não houve dama elegante e d'alta linhagem que não pretendesse guardar a recordação da sua mocidade em tão bellos disfarces.

Mme. de Flavacourt fez-se retratar em Silencio, Mlle. de Clermont em deusa das Aguas e da Saúde, e outras em nymphas, em genios bons ou maliciosos, que eram escolhidos por vontade propria, ás vezes contradictoria com o typo da retratada.

A grande habilidade, o *savoir faire* de Nattier encarregava-se de ageitar a presumpção das escolhas á vaidade de cada pretendente. E assim a sua arte conquistou rapida e ruidosa acceitação.

A rainha Maria Leczinska conservava, nesse tempo, ainda alguns traços da sua belleza septentrional, não era mais o modelo de Guillaume Costou, que a fizera em marmore, vestida á grega, com a perna esquerda descoberta até o alto da coxa; mas, não lhe faltava a distincção, a *alture*, a delicadeza da côr e do semblante para um excellente retrato. Nattier, ajudado por sua importante clientela, conseguiu fazer essa obra, que o preoccupava, que era a sua maior ambição e com a qual previa o successo garantidor dos seus almejos.

MARIE LECZINSKA

Desde então Nattier foi considerado o retratista da familia real. Estava feita a sua fortuna.

O bellissimo retrato da rainha, que é um corpo inteiro e sobre um largo fundo de magnificos pannejamentos, foi em verdade, uma obra feliz. A attitude, d'algum modo melancolica, a fineza do colorido, a harmonia dos tons, o asseio e segurança do desenho, fizeram desse retrato um dos quadros mais encantadores da sua época Elle prende e seduz. E' uma obra sentida, em que o artista pôz em evidencia toda a sua habilidade para uma victoria de que dependia o seu futuro.

E obteve-a francamente.

Vieram-lhe, por tanto, os retratos de *Mesdames*, das filhas de Luiz XV, que Nattier procurou tratar com o mesmo carinho do anterior, levando a vantagem dos recursos dados pela edade das princezas.

MADAME INFANTE, FILLE AINÉE DE LOUIS XV

No primeiro que lhe foi encommendado elle teve o ensejo de fazer uma obra fóra dos moldes do tempo. Foi o de *Madame Infante*, a filha mais velha do rei.

Nattier retratou-a em vestes de caça, em tricornio de feltro e arminhos admiravelmente posto sobre a cabelleira crêspa, luvas á mão, e é preciso dizer-se que suas mãos constituem, só por ellas, uma belleza no quadro; junte-se a isso, a esse bizarro costume que vestia caracteristicamente *Madame Infante*, um colorido sadío, um pouco grosso, espesso, mas, estranhamente de accordo com o seu caracter voluntarioso.

«Madame Infante» tem ahi o quer que seja de masculo, de audacioso, que era bem a sua natureza.

Apenas terminada essa obra, Nattier recebeu a encommenda do retrato de *Madame Henriette*, que se quiz vêr em typo de Flora, ao qual, não se póde contestar, se approximava a sua belleza leve e gracil.

Aqui temol-a nessa imagem e vendo-a, na leveza de suas gazes, que a envolvem indiscretamente como fólhos de nuvens do Olympo, cercada e coroada de flôres rusticas, toda fresca de mocidade, suppomos que ella não podia ser outra que a deusa da Primavera.

E que Primavera! Foi Madame Henriette que, n'ausencia da Infante, se transformou em verdadeira rainha de Versailles. Dizem os historiadores que esse curto reinado não teve os encantos da estação florida, Madame Henriette era uma tyrannasinha, mas, nem por isso o rei, o grande mulherengo que foi Luiz XV, queixou-se do seu dominio de senhora absoluta.

Luiz XV estimava tanto ás mulheres que até em suas proprias filhas via a mulher. O quanto elle embirrava com o filho se desfazia em meiguices com as filhas. Era da sua natureza.

Imitando a irmã, *Madame Adelaïde* escolheu tambem um typo de deusa, foi o de Diana.

Nattier fêl-a uma Diana Caçadora capaz de endoudecer todos os Acteons da França e do estrangeiro. Comprehende-se que *Madame Adelaïde*, ao escolher o typo da filha de Jupiter e de Latona, não teve em vista affirmar a sua castidade eterna...

Tambem foram retratadas Mmes. Victoire, Mlle. Luise, a caçula, e graciosissima Luiza, de cujo retrato dizia a rainha a duqueza de Luy-

nes: «Les ainées sont belle réellemente, mais je n'ai rien vu de si agreable que la petite; elle a la physionomie attendrissante... touchante, douce et spirituelle...» — e mais os retratos de *Madame Sophie* e da duqueza de Orleans.

Diante dessa galeria, que em parte *Kósmos* reproduz, na impossibilidade de reproduzir toda ella, que não é pequena, diz a gente aos seus botões: Realmente, esse voluptuoso Luiz XV tinha geito para as mulheres, até as filhas sahiram-lhe cada *peixão* de transformar em inferno a cabeça de um pobre homem!

E teriam sido assim, essas *Mesdames*, que reinaram, cada uma por sua vez, por tempo mais ou menos longo, em Versailles?

Aqui é que nos atrapalhamos.

Conta-nos um commentador da obra de Nattier: «Peintes à tous les âges, dans tous les costumes, avec une habilité qui dissimule la laideur des unes et met en relief le charme des outres, Mesdames apparaissent le plus souvent modèles aimables d'un art ingènieux.»

MADAME HENRIETTE (EN FLORE)

Seria, porém, fastidioso irmos procurar nas memorias do tempo, nem sempre confiaveis, qual a bonita ou feia entre essas bonitonas da collecção real pintada por Nattier. Conservemos esta illusão, que nos não prejudica, nem mesmo ao interesse historico.

O exacto é que Nattier sabia pintar com uma graça, que bem se distingue do meio dos celebrisados pintores da galantaria do seculo XVIII.

MADAME ADELAIDE, FILLE DE LOUIS XV (EN DIANE)

Do arranjado *déshabillé* dos corpos, em que a linha é sempre elegante e nobre, o artista tirava effeitos de carnação que, ao meu vêr, não são inferiores aos de Boucher, senão na seriedade da technica. Era nisso que estava a falha do pintor da familia de Luiz XV. Para elle não havia modelado; a anatomia em nada o estorvava, nem mesmo ligava attenção ás minucias da luz que fazem viver a carnação. Fazia bonito. A carne de seus retratos, alguns nos lembram pinturas do sr. Decio Villares, era sempre rosea, em sombras suavemente

azuladas, duma transparencia que parecevidr o e duma frescura que desafia a dos sorvetes. E ahi estava, em parte, o segredo do seu sucesso. Tão lindas pinturas deviam fascinar os proprios modelos. Por isso Gresset, que foi um *bon vivant* d'aquelle tempo, e tanto fazia versos com elegancia quanto sabia tirar partido do seu talento, exclamava deante dos seus quadros: *Nattier est l'élève des Graces et le peintre de la Beauté!*

MADAME SOPHIE, FILLE DE LOUIS XV

Nem todos assim pensavam. Havia quem o causticasse com o ridiculo e um critico da época affirmava que «a sua maneira só podia agradar ás damas, que não entendiam de arte», mas Diderot, tido como sevéro, confessava preferir o retrato de Madame Infante a alguns do seu favorito Greuze.

Seja como fôr; o silencio em que se tem envolvido a sua memoria é incomprehensivel, porque elle, se não foi um mestre nem mesmo póde se hombrear com os menos afamados pintores do seu tempo, teve, entretanto, um desenho fino e gracioso, uma palheta rica, com os quaes inventou decorações lindissimas, fazendo da Natureza eterna scenographia de um paraizo do chic, e contornou e aformoseou todos os corpos femininos que lhe serviram de modelo, dando-lhes uma graça rara, e se isso não bastasse, só o facto de se ter imposto á moda dessa côrte fulgurantemente frivola, seria a prova d'algum merito.

E é assim que o vejo.

ANDRÉ DE REZENDE.

A MUSA ANONYMA

I

COSTUMA-SE dizer por zombaria que o Brazil é uma terra de poetas. De facto. Se ser poeta é saber ajuntar algumas linhas rimadas, não ha duvida que vivemos em pleno Parnaso.

Não ha, no campo, um acontecimento que fortemente impressione a alma popular que não encontre logo o seu cantor.

Poetas analphabetos, gravam na memoria uma immensidade de quadras que ao som da viola passam de bocca em bocca, transmittindo a narrativa do facto que as motivou. E é necessario dizer que a reprovação poetica dos crimes do sertão produzem na ingenua alma do caipira maior effeito que as predicas de missionarios viajeiros.

A Musa anonyma do campo de que existem tão bellos traços nos trabalhos dos folkloristas patrios é em geral amorosa e terna.

A Musa anonyma das cidades affecta sempre a feição satyrica e em geral procura os assumptos politicos.

As lutas politicas de hoje não tem por mais que o contrario affirmem os que deploram a violencia, os desmandos de linguagem da imprensa partidaria, a intensidade daquellas que travavam os nossos avós.

A colonia viu surgir, nos tempos em que não havia esse vasadouro de odios que é o jornal o maior genio satyrico que já teve o Brazil — Gregorio de Mattos Guerra, que os seus coévos cognominavamo *Bocca do Inferno* — tão ferinos os versos com que ridicularisava a todos e a tudo, não lhe escapando a gentalha, como não poupava os poderosos.

O pasquim é uma instituição nacional por excellencia. Não ha recanto povoado deste territorio tão vasto que o não conheça, ou seja o papelucho dobrado em que a insinuação mortificante se alastra em versos mais ou menos bem feitos, introduzido noite alta sob a porta da pessoa alvejada pela vingança covarde, ou nos celebres testamentos do Judas, em que á irrisão de toda a gente que aguarda na hora da Alleluia a queda do boneco symbolico, se expõe as fraquezas, os defeitos physicos, os vicios, em commentarios mais ou menos gaiatos, da gente que desagradou a o autor da peça poetica.

Nas cidades ha os *a pedidos* dos jornaes, onde qualquer, mediante o pagamento do espaço que occupa pode dizer do proximo quanta coisa e imaginação lhe suggira em seu desabono.

Nos tempos do Brasil colonia, prohibida a imprensa como vehiculo de idéas perigosas, o pasquim era utilisado largamente e é graças a elle que conseguimos conservar muitos versos, que apezar do perigo dos agentes de governos despoticos, corriam em copias lagarmente feitas que assim se divulgavam, indo ter ao reino mesmo ás vezes quando produziam justificado successo.

Durante o primeiro imperio e no periodo regencial os jornaes proliferaram de um modo assombroso, e entretanto, da mesma sorte, em copias manuscriptas corriam as producções poeticas que apezar da extrema licença que se permittia como nunca a imprensa, verdadeiro pelourinho das reputações não achavam nelles guarida.

A politica era a inspiradora da maior parte dessas producções do estro popular.

Leia-se o seguinte soneto feito durante o primeiro reinado a eminente politico que occupou as mais altas posições na Corte, militar, diplomata, financeiro, de uma familia que varios servidores distinctos deu á Patria:

Escôria da ralé de seus patricios
D'escusa prole, estupido sargento,
Sem saber, experiencia, sem talento
Hum sordido montão de torpes vicios;

Porem pilhando os tempos bem propicios
Para os burros d'instincto turbulento
Do Brasil no Senado obteve assento
Onde sempre pugnou pelos flagicios.

Tambem foi financeiro! E reformado
No posto de Mar'chal, por abelhudo
Fallido o nosso Imperio ha declarado.

Alto, de pernas finas e pançudo
Tem hù murcho carão d'embriagado
He calvo, desdentado e tartamudo.

Este outro, evidentemente endereçado aos Andradas, que desde 1822 vinham occupando na politica nacional logares em destaque, é ao mesmo tempo tempo uma satyra ao predominio paulista, representado pelos tres vultos de José Bonifacio, Antonio Carlos e Martim Francisco:

Certo paulista vi, todo arrufado
Mettido em vasto papo reluzente
Que era a roncar zabumba, quando sente
Bater-lhe o forte braço do soldado:

Erão seus pés estranhos ao calçado
Camisa de algodão, jaqué pendente
E ceroulas trajava pobremente
So comia feijão, milho pisado.

Oh! Que dor me causou miseria tanta!
Mas que pensas sentia o grão papudo?
Dentro, o papo, me diz com voz que espanta:

« Paulista nobre sou, sou cabeçudo
Deste povo, o da Terra da Cruz Santa
Mais rico, mais potente, emfim mais tudo.

Mas não era unicamente o soneto que se utilisava na satyra demolidora e nem sempre esta representava uma vingança politica.

Ja naquelles arredados tempos o que é hoje Conselho Municipal e soffre tantas accusações intitulava-se Senado da Camara e o povo queixoso e desconfiado de sua administração vingava-se em versos.

Assim as seguintes decimas verberavam a desidia municipal, naquelles arredados tempos:

Queixas do Povo a respeito de tantos Editaes do Senado da Camara.

Ja se não pode soffrer
Tanto Edital do Senado!
Arre com tanto mandado
Faz o Povo aborrecer!
A carne que ha pr'a comer
Está a libra a meio tostão
As ruas q'indignas'stão
Ha de a pobreza limpar
Ou seis mil reis ha de dar
Pela tal condemnação!

Huma Camara a seis annos
Hum Almotacé a nove!
Aqui mysterio s'involve
Que causa ao Povo mil damnos.
Quiz dizer a huns fulanos
Fez-me isto admirar
Hir hum homem arrendar
A renda por quinze contos!
Oh! Meu Deus! Quantos descontos!
Ha de a pobreza pagar!

Arre com tanto furtar!
Arre com tal ladroeira!
Vão roubar á Mantiqueira!
Isto faz desesperar!
Ja se não póde aturar
A hum Cunha, a hum Tendeiro
Hum Barbosa, gatuneiro
Extendendo sempre a mão
E tambem seu Escrivão
A todos, paga o rendeiro.

Elles furtando do Povo
Furta tambem o Padeiro
Furta bem o Taverneiro
Isto não he nada novo;
No que digo nada innovo,
Falo o que verdade he
Estes homens de má fé
Não querem constituição,
Sim no Povo a quietação
Senhor Juiz Almotacé.

Sahiu um novo Edital
Pedindo cousas bem duras
Para o concerto das ruas
Dar o Povo o material.
Nunca em meus dias vi tal
Respondam aqui primeiro
O que se fez do dinheiro
Que pagam seges e carros
E outros muitos agarros
Que o roube o Thesoureiro?

Senhor Juiz Presidente
Deste Senado actual
Não passe tanto edital
Olhe pr'o tempo presente
O povo já descontente
He de V.ª S.ª
Trate-o com mais bizarria
Se quer ter estimação
Olhe pr'a Constituição
E lembre-se daquelle dia...

A's lutas entre exaltados e moderados nos primeiros tempos de nossa vida independente, parece que não eram indifferentes as mulheres.

Tal é pelo menos o que se colhe da seguinte versalhada, tendente com certeza a moderar as disposições politicas do sexo feminino com o qual naturalmente não concordava o poeta anonymo:

Fugida de minha mulher e vaticinio sobre ella.

A minha Esposa
Desorientada
Por huma sucia
Dita exaltada
Fugiu de noite
Com a veneta
De ser rusguenta
De ser poeta.

Ella que em tudo
He tartaruga
Agil veada
Foi para a fuga
E tanto nisto
Pouco pensou
Que nem comsigo
Trouxa levou.

O mesmo pente
Com que dormia
Que o travesseiro
Todo cobria
Ficou na cama
E mais huns pannos
Que dei de graça
A huns ciganos.

Eu d'alvorada
Accordo ao toque
Viro-me e acho-me
Como S. Roque
Com o meu cãosinho
Fiel ao lado
Que o logar della
Tinha tomado.

Vós já pensais
Que a magoa, a dor
O zelo, a raiva
O pundonor
Fazer-me havião
Dar altos urros
E sobre a cama
Tremendos murros;

Nada meus ricos:
As mãos aos Céos
Ergui depressa
Louvando a Deus
Que me livrara
De um tal *Bemzinho*
Menos amante
Que hum cachorrinho

Bem, que commigo
Não combinava
E que por páos
E pedras dava;
Que resingueira
Me consumia
Deixar saudades
Me não podia.

Desci da cama
E sem demora
Fui á costura
Da desertora
Estava como
Ella ficára
Quando a tres mezes
A começara.

A roupa della
Muito engommada
E ao mesmo tempo
Toda rasgada

Patenteava
Que aquella grulha
Não se cansava
Muito co'agulha.

As minhas meias
Com mil buracos
Minhas camisas
Cá nos sovacos
Melhor o mostram
A quem não crê
Jamais as cousas
Se não as vê.

Nas gavetinhas
Achei entulhos
De papeluchos
E mil embrulhos
Com bugigangas
E ninharias
Que os tolos chamam
Galantarias.

Jornaes sisudos
Ali nenhum
E dos *Simplicios*
Apenas hum
Romances tolos
Achei bastantes
E humas novellas
Ditas *galantes.*

Achei *saudades*
E *semprevivas*
C'humas *perpetuas*
Federativas
Beijos de Venus
Ditos de *Frade*
Nenhuns de *Freira*
Alguns de *Abbade.*

Achei escriptos
De segredinhos
Cheios de cifras
E tres pontinhos (*)
Feitos com tintas
De varias cores
Com ricas tarjas
De lindas flores.

Dizia hum destes:
«Meu Bem rusguento
Se tardas inda
Hum só momento
A vir commigo
Para o *zungú*
Vou ter a febre
De Macacú.

(*) Allusão clara á Maçonaria.

Deixa as ridiculas
Contemplações
Que impõe somente
Aos toleirões:
Se tens marido
Bom e sisudo
E' *moderado*
E digo tudo.

Nos pensamentos
De ti discrepa
Que o leve o Diabo
Mais a carepa;
Homem que sempre
Como eu não pensa,
De estar na terra
Não tem licença.

Vem pois ó cara
A's casas minhas
Aos farroupilhas
Cantar modinhas
Pois brevemente
Nós esperamos
Cantar o nosso
Te Deum laudamus.»

Então da fuga
Vi a razão
E ri-me tanto
Do toleirão
Que como aquelles
Que tem lombrigas
Ao chão dez vezes
Fui co'a barriga.

Eu fico agora
Sosinho em casa
Mas nem por isso
Estou sem aza;
Soffrivelmente
Vou me arranjando
E co'a fujona
Estou mangando.

Por elta espero
Em certo dia
Quando por premio
Da cantoria,
Seus machacazes
Apaixonados
Hão de massar-lhe
Ambos os lados.

Então a tola
A' minha porta
Desfigurada
E quasi morta
Virá pedir-me
Qu'eu a receba
Como se eu fosse
Hum Patoreba

Mas eu mangando
C'hum ar gaiato
Dir-lhe-ei: «Bravo!
Vindes do mato?
Algumas feras
Vos maltrataram?
Ou do quilombo
Vos despojaram?»

«Ah! meu Esposo
Ella dirá,
Perdão vos peço
Não'stive lá
Fiquei na Corte
Co'os Exaltados
Que parecião-me
Homens honrados.

Andei com elles
Por toda a parte
Com faca, estoque
E bacamarte,
Facão, sovela
E certo embrulho
Que tinha dóse
Para o bandulho

Em club, em rusgas
Em assuadas
Gritei com elles
Fiz papeladas
Compuz na lyra
Bellas cantigas
Chamando os povos
A loucas brigas.

Cantei as culpas
Dos *Moderados*
E as mil virtudes
Dos Exaltados
Do inferno aquelles
Assei, nos fornos
Estes, da lua
Botei vos cornos.

Applausos, festas,
Vivas, abraços
Caricias, mimos,
Dos taes devassos
Levei aos centos
Qual cantarina
Sobre o tablado
Feita heroina

Mas como hum dia
Discrepei delles
Juraram todos
Tirar-me as pelles;
Tudo esqueceram
Quanto eu fizéra
E me trataram
Como huma féra

De lama encherão-me
Esses masmarros
De mil insultos
E mil escarros,
E eis como ingratos
Emfim deixaram
A que mil vezes
Tanto louvaram.

Ah! Meu Simplicio
Perdão vos peço:
Sei que, culpada,
Não o mereço
Mas vós sois bom
Sois generoso
Sejais ainda
Meu terno Esposo!

Eu venho»..... «Basta
Ja podeis hir,
Dir-lhe-ei logo
Mas sem me rir
A minha porta
Não se abre mais
A toleironas
A Esposas taes.»

«Ah! dir-me-á ella
Fui illudida
Eu vos prometto
Mudar de vida
Foi má cegueira
De pouca idade
Foi desvario
Foi leviandade!»

Então chegando-me
Com um ar mais brando
Mas na sugeita
Sempre mangando
Dir-lhe-ei logo
Quasi na orelha
«Só tendes vista
Depois de velha?

Quando no viço
Da mocidade
Bradaveis louca
Pela cidade,

Não tinheis visto
Co'os olhos bellos
Feijós e Linos
E Vasconcellos?

Não tinheis visto
Enxovalhados
Indignamente
Por *Exaltados*
Taes patriotas
Que mil louvores
Ja receberam
Desses Senhores?

Não tinheis visto
Muitos dos taes
Puxarem seges
Como animaes
Levando os homens
Ora insultados
Por entre applausos
E alegres brados?

Se não os vistes
Foi culpa vossa
Agora amiga
Ide ao da *Roça*
Pois o Simplicio
Que he Poeta
Quer fazer vida
De Anachoreta.»

«Mas...» «Está dito
Ide com Deus
Ao mundo, á carne,
Ja disse adeus
Nada mais delles
Saber eu quero
La n'outro mundo
Por vós espero.»

Então a dama
Com uma tira
Da saia rota
Ou co'huma embira
Desesperada
Irá ligeira
Fazer de Judas
Numa mangueira.

Por occasião das lutas pela independencia, na Bahia appareceram versos que troçavam com chiste os inimigos portuguezes.

Por occasião do mallogro da expedição pelo general Madeira enviada á Ilha de Itaparica entre outros muitos improvisos indignos de publicação por excessivamente crús, appareceu o seguinte.

Mote:

Foi a tropa Lusitana
A' Ilha de Itaparica;
Porém ficaram vencidas
Por causa da Tia Chica.

logo glosado:

João Felix, Paula, Madeira,
Osorio, Costa, Serrão
Decidiram em sessão
Tirar do Burro a caveira:
Almeida, Marques, Pereira
Entram em nova chicana;
Acode logo o Vianna
E decide incontinente:
Marche tudo! E de repente
Foi a tropa lusitana.

Eis em preces o Madeira
O Deão e o bruxo Ignacio
Quando chega do Palacio
O Xinó Souza Vieira.
Que é isto (diz) temos asneira?
Temem empreza tão rica
Se alguem duvidoso fica
Do successo desta frota
Mandem do Serrão a bota
A' Ilha de Itaparica.

Não temam, acode o Pombo
De tão certo vencimento
Esperem mais um momento
Verão tudo levar tombo
Mas ah! que pasmo! que assombro!
Chegam áquelles ouvidos
Uns mortos, outros feridos
Apparecem de repente
E' mui forte a lusa gente
Porém ficaram vencidos.

Cae desmaiado o Madeira
Fica tudo espavorido
Grita o Maia, esmorecido
Eu já estou de . . . . . .
Diz o Faria, á carreira
Mandem-n'o já pr'a Botica
Senão algum morto fica;
Desengane-se, é feitiço,
Aconteceu tudo isso
Por causa da tia Chica.

Rio, 1908.

MARIO BEHRING.

O PAIZ CARIOCA

(FRAGMENTO

NASCEU, verdadeiramente, ali, na orla branca do mar, entre o Flamengo e o Russell, a mais linda terra de Deus sob a gloria do sol e sob a paz das estrellas...

Em frente, estava-lhe a agua revôlta, o mar espoucante e, para traz, terras a dentro, altas e penhascosas, como circuitos de abrigo, como carinhos erectos de defesa, a Guaratyba sylvestre, onde, présto e leve, o pé tapuyo subia, e essa mesma Gloria risonha e essa mesma Cintra empedrada, onde todo um palmar, por sobre o casario alegre da encosta, desgrenha, ao alto, as palmas verdes, ao vento do mar, na pompa da luz!

A' noite, quando fogueiras coloriam a praia, uminosamente sanguineas, para o aquecimento l para os serões, silhuetas esquivas passavam e se moviam, esbatidas na sombra, ao reverbéro dos fogaréos — vultos furtivos de contornos nervosos — um aqui, outro alli, nesse mesmo areial, olhando esse mesmo mar...

Por vezes, um grito partia e era o vocabulo tamoyo cantando um nome, um chamado, na paysagem quieta e na noite fria, taxeada, em cima, pelo Cruzeiro e pelo cardume das estrel las, e logo a agua espoucava, como um tiro surdo de salva, desdobrando, effervescente, um jaspe liquido e espumoso, phosphorecido de esmeraldas, nas areias claras porejadas de ouro.

Era a Uruçumirim do gentio, a malóca tamoya, na faixa extensa do areial, no debrum branco da agua, a mesma agua, a mesma vaga, o mesmo espumejo claro e a mesma queixa de amor que, hoje ainda, te molha os pés e te canta aos ouvidos, oh! filha doentia da civilisação!...

Foi alli o teu berço, o teu verdadeiro berço.

Nasceste em um dia de sol e de sangue — uma manhã de guerra! De um lado os teus: o bronze novo feito carne, a esculptura feita corpo, tenázes, tangados, os pequenos olhos luminosos e fitos, brandindo os tacápes, acurvando os arcos que fremiam a vida emprestada e nervosa dos seus braços e dos seus corpos de linhas nobres e finas, encordoados de musculos; e do outro: os de Mem de Sá e os de Estacio, colorindo o scenario, alegrando o odio, afestivando a catastrophe com a polychromia dos uniformes, o rebrilhar das alabardas d'aço e o acenar dos pendões, emquanto, ao largo, as caravellas e os galeões balouçantes — onde, no alvo ventre dos pannos bojados, a Cruz de Aviz dominava vermelha o massacre da ambição e da conquista, como se a colorisse a vergonha do ultraje — cuspiam a bombarda no ilhéo escarpado em que o francez infiel se batia, acordando o mysterio sombrio, longinquo, da Gavea inhospita e da Tijuca virgem.

Dias depois, subiste o outeiro verdejante em que te installaram acastellada e onde o primeiro fortim de muradas largas, como um cerbéro a te guardar a castidade, ria feróz para a baixada e para o mar, com longos e agudos dentes mortiferos de bronze. E Sebastião, o moço bemaventurado que a fé christã e o martyrio sagraram, dignificou-te com a purificação da sua benção e, engrandecendo-te com a gloria do seu nome, santificou os brazões da tua heraldica de cidade com as penetrantes settas que lhe deram, outr'ora, a morte para a carne e, para a alma, o Céo.

Em pouco, foste descendo o comoro alto e te espraiaste na baixada larga. Os primeiros tectos recuaram a matta, mondaram os caminhos, margearam os alagadiços, formaram as ruellas, abriram as clareiras que deviam ser, depois, as praças, e tu foste avançando, como uma branca luz, ampla e silenciosa, penetrando a sombra...

Um dia te vestiram os ouropéis do vicereinado. Começaste a ser grande e fórte. Fazias-te moça. Os teus nervos de mulher experimentaram as primeiras crises. Assististe os primeiros motins populares, as primeiras revoltas e, a quando e quando, por entre o vozerio da bocca rebelde, ouvias, attonita, o estrépito metallico dos mosquetes. A tua belleza e a tua pouca idade attrahiram o pirata, o corsario audaz, em busca da tua conquista e dos teus brocados. Viste os primeiros bispos e as primeiras côrtes e foi, então, que ao aceno da mão amiga, prodiga, robusta e constructora de Gomes Freire, o casario começou a ennobrecer e a se altear, os primeiros monumentos surgiram, as primeiras instituições se crearam e, pela cálha estreita do aqueducto collossal, veio ter á tua bocca sequiosa o refrigério da agua murmura e limpida, essa agua salutar e bemdita de Deus, chorada pelas pedras altas do teu collar de montanhas. Principiaste a ter o conforto, a ter o preciso para que a arte e a galanteria penetrassem, trazidas pela fidalga mão enluvada de Luiz de Vasconcellos, num gesto nobre e educado de minueto, sustendo o largo chapéo emplumado á outra mão apoiada na cruz lavrada do seu esguio espadim de côrte que, erguido atraz, lhe elevava a capa.

Civilisavas-te. Até já tinhas vicios e, talvez, para te penitenciares, te fizeste exageradamente catholica: as ordens pullulavam, os mosteiros e os conventos grimpavam as encóstas, mandaste elevar e acender nichos publicos nas esquinas, as procissões se cruzavam nas ruas, as tuas melhores festas eram nas igrejas e, nos

domingos e santificados, não te esquecias de ir, em cadeirinha ou em sége nobre, aos officios, occultando, mas, ás vezes, com maliciosas e pequenas abertas, deliciosamente indiscretas, de esquecimento ou de desazo fingidos, o encanto do teu rosto, a bregeirice dos teus olhos negros e o onix lustrino do teu cabello na escumilha fina e cheirosa de uma mantilha das Indias, como o ciume do céo, occulta, ás vezes zeloso, o perfil elevado da tua Tijuca e a belleza grimpante do teu Corcovado no espumilho leve e flocoso das nuvens brancas.

E assim foste. E um dia veio o rei, com a pompa dos sequitos, a refulgencia das pedrarias, a macia caricia colorida das sêdas e das cachemiras brancas e a fascinação dos coches reaes encastoados d'ouro e de prata antiga — elle proprio, pusillanime e bom, indeciso e justo, infeliz e calmo, foragido, cercado da côrte antagonica, aulica, frivola e devassa, banido da terra e do amor e apuado pela impudicicia que se coroava cynica com o seu proprio diadema e se rebolcava lasciva, insaciavel, no seu proprio leito.

Em meio do ruido, envolto pela frivolidade, se achegava aos filhos e era como uma sombra solitaria entre Barca e Linhares, os condes ministros.

E o solitario, então, te amou. Ungio-se com os teus carinhos e os compensou com os seus. Tu foste o balsamo da sua dôr, o consolo da sua tibiesa e a comprehensôra da sua bondade.

E os teus desvelos operaram o milagre: crearam-lhe o autonomia serena da vontade, o vigor tranquillo das resoluções. Banio do seu leito o ultraje, afastou-o e, depois, cuidou de ti que lhe foste mãe e amada do seu amor: prodigalisou-te os bens, firmou as cartas régias que te engrandeciam e te embellezavam, abrio-te as escolas na gamma toda do ensino, presenteou-te com as bibliothecas preciosas, ornamentou os logradouros, deu-te as artes novas entregando-te os artistas fulgentes do mundo gaulez vindos ao seu chamado, deixou cahir das suas proprias régias mãos, no bucolismo de um dos teus recantos risonhos, o germen dos teus palmares triumphaes de hoje e dos teus mangueiraes de agora, vetustos e umbrosos, que na paz dos teus sylvestres remansos, têm o sombrio, o indisivel, o magestoso mysterio dos bosques sagrados, e aspergio, porfim, a tua terra fecunda, ainda virgem, dessa sementeira do teu futuro d'ouro: o café aromado.

. . . . . .

. . . . . .

LIMA CAMPOS.

MATTO GROSSO

I

Governar um paiz é, em geral, a aspiração commum á todos os que militam na politica. E não ha quem, assim pensando, não se julgue o *nec plus ultra* da sabedoria. Cada politico, por si, seria capaz de levar á gloria a sua terra, tornal-a a primeira entre as primeiras, collocal-a nas nuvens, acima de toda e qualquer possibilidade de ser attingida na concurrencia mundial ou, para dizer a verdade, chãmente, na lucta pela vida — das nações.

Não prestam os Governos presentes; tudo mal feito, não há uma linha definida e segura, não ha um conjuncto de factos demonstrando um *plano* sábio, provando o homem necessario do momento.

"Analysae, pesae o que se fez, o que se faz, diz o grande homem, tudo mostra o descalabro, a ruina, a desorientação no caminho adoptado!" E é de ver as sommas de argumentos dispendidos nas discussões das pequenas rodas dos *five ó clock*; o brilho da exhibição feita das razões de estado, nas soirées dos *chefes*; as sensações, as grandes sensações dos discursos, nas assembléas em que se fabrica a LEI.

Ah! Os chefes, então os chefes?! Esses que escolhem a dedo o *candidato acceitavel*, esses que se arrogam a acuidade vulpina de conhecer o que *poderá fazer* Fulano ou Beltrano n'um certo *Futuro*, toda essa grey sabe como ninguem, póde como Jeovah e governa com a segurança do movimento universal...

Satisfaça-se, porém, o patriota desabalado, o politico astuto, a sumidade *remplie de soi même*; dentro de pouco reboa a vozeria denunciadôra do mesmo processo de sempre, ou do eterno *principio* que move toda essa engrenagem de aptidões e que se póde traduzir no « *ote toi de lá pour que je m'y mette* ».

Que espectaculo curioso nos offereceria o mundo se fosse constituido somente de politicos?

Algo de semelhante com que se dá na nossa terra. Na nossa terra?

Sim, escute um pouco, o leitor.

Já ha muito tempo eu li, se não me engano, nas columnas de um numero antigo do « Velho Orgão » alguma cousa sobre o Barão de Capanema. O caso éra o seguinte: O Barão concluira o seu curso de engenharia em Vienna e procurando o nosso consul ali, este lhe dissera em conversa que « não se admirasse se tivesse que occupar, no Brasil, outra funcção que não fosse a de engenheiro ». E isto que éra caracteristico no *modus dirigendi* do Brasil Imperio, foi adoptado pelo Brasil Republica.

Em referencia áquelle tempo, me contaram que um dos nossos mais illustres engenheiros de minas consultado, certa vez, por um politico influente, sobre uma vaga á preencher, sabendo haver tres vagas,

CANDIDO MARIANO UARINE, Chefe Supremo dos borôros

GUERREIRO BORORO

perguntara qual a mais rendosa; e como fossem todas ellas de parca remuneração, respondera com muita calma: «Senhor Marquez» (pschut, que já hia contando o Santo). «Senhor, para satisfazer á V. Ex., acceito todos os cargos».

Entre elles um éra o de parocho...

Ora, se isso foi no Imperio, na Republica temos o Ministerio da Agricultura segundo os moldes dictados pelo Dr. Christino Cruz; tão magistralmente analysado pelo Dr. Barbosa Lima.

É isto o que prova? Que a politica se fez para a nossa terra e a nossa terra para a politica.

Mas, ao contrario do que até agora se tem visto surgem novos processos; parece que os tempos estão mudados, que a Republica já vae deixando de ser monarchia mais cedo do que predisse Elisée Reclus e que já se vai fazendo selecção, de accordo com as verdadeiras necesssidades do paiz; já se liga menor importancia ao rotulo exterior do que ao valor intrinseco do individuo.

* * *

Mui felizmente nem todo o brasileiro é politico assim como nem a todo o politico se applica a regra geral de que acima se fallou.

Assim, quem durante o tempetuoso periodo de 1900 á 1904 lançasse as vistas para o longiquo Estado de Matto Grosso veria, atravéz dos abálos produzidos na Republica, quer pela tentativa Travassos, quer pelos acontecimentos que depois ensanguentaram o proprio Matto Grosso, um homem alheio á tudo isso, inteiramente estranho á toda a sorte de *combinações*, então em vóga, para só pensar no cumprimento do seu dever, no progresso exclusivo da sua Patria.

Quem éra esse homem? Um capitão de engenheiros. Fôra nomeado á 27 de Junho de 1900 para construir um ramal de linhas telegraphicas, partindo da colonia de S. Lourenço e já em Setembro (22) havia reaberto essa então abandonada estação telegraphica

S. Lourenço é uma colonia indigina de borôros que fica á margem direita do rio daquelle nome; de construcções regulares, deixa vêr que o gráo de cultura d'esses indios é já bastante elevado, não obstante os outros grupros d'essa tribu esparsos em aldeiamentos visinhos, um pouco mais livremente do que os de S. Lourenço.

Como se houve o capitão com os indios ?

INDIOS BORORÓS

Longe de desprezal-os, já de ha muito elle os procurára; e tal foi a influencia que a sua bondade e a sua intelligencia e coragem sempre exerceram no espirito dessa gente rude e simples que o seu chefe se baptisou com o nome Candido Marianno, pois Candido Marianno da Silva Rondon éra o capitão de engenheiros que dirigia o serviço.

Eil-o lá junto d'elles; e Candido Marianno á frente e circumdados ambos pela criançada e pelos bugres borôros, nas tabas onde a tradição repete, pela bocca das enrugadas velhas, as éras de gloria de vencedores ou as horas amargas das retiradas pelo matto bravo; os tempos de odio aos brancos de que foi o Anjo da Paz — Rosa, a borôro, como poeticamente nos contou a Sra. D. Carminda de Mello Rego.

Tempos máos, felizmente passados. Já hoje podem elles, alegres, preparar o apreciado Bacorôrô, saráo *d'élite*, dansado ao luar, ou ao clarão dos braseiros rubros, ao centro d'uma aléa de palmas, sob o rhythmo dolente das cantigas barbaras.

Até Coxim toda essa região do sul lhes pertence; quando fóra das festas, os seus corações afeitos ao perigo, se comprazem na caça do Jaguaretê, cujas garras aduncas constituem o cubiçado diadema d'um Nemrod borôro. A' pesca andam outros, partindo em dias escolhidos para as partidas longas, são pequenas as rêdes e longos os seus calões.

Com esse apparelho elles dão cerco á mais mitrada guenza. E plantam uns e outros os milharaes extensos, já prêsos ao solo pelas culturas feitas, já com amor ao tecto, inda que de folha de jussára.

E ora com *pousadas boas*, para refazer as forças gastas no afan de levar por diante o começado, as construcções das pontes, a restauração da ferramenta velha, ora descançando apenas nas barracas leves que mal impediam a humidade daquelles sertões bravios, sempre os dous Candidos se entenderam, sempre foram amigos. E, ao cahir do sol, depois que éra chegada a hora do descanso, quando cada um buscava a tenda e o gado a salga, nos couros sobre o sólo, não éra raro ver algum cacique em conversa com o capitão amigo dos borôrôs.

INDIOS TERENAS EM PREPARATIVOS PARA A MEDIÇÃO DE SUAS TERRAS. OS TERENAS FICAM A S. O. DOS BORORÓS.

BELLA VISTA, SOBRE A FRONTEIRA DO PARAGUAY; AO CENTRO DA GRAVURA VÊ-SE O RIO APA, CORTANDO A CIDADE.

« E' preciso ter visto a região para se fazer idéa do esforço exigido para que se mantenha uma trabalho constantemente productivo.»

Se morosa, comquanto simples, a elevação de um poste que exigia certo tempo á ser lavrado, e difficil a abertura de uma estrada nos paúes numerosos — verdadeiros mangaes de terra á dentro — e que não podem ser drenados, quando o pessoal já exhausto mal podia vencer a tarefa marcada, via-se confabularem os chefes: «Amigo, os brancos já não podem, não tem a força dos teus, ajuda-me com os fortes, presenteal-os-hei. E a resposta ahi vinha. — «Não é preciso o presente; você quer meus homens, elles te ajudarão.»

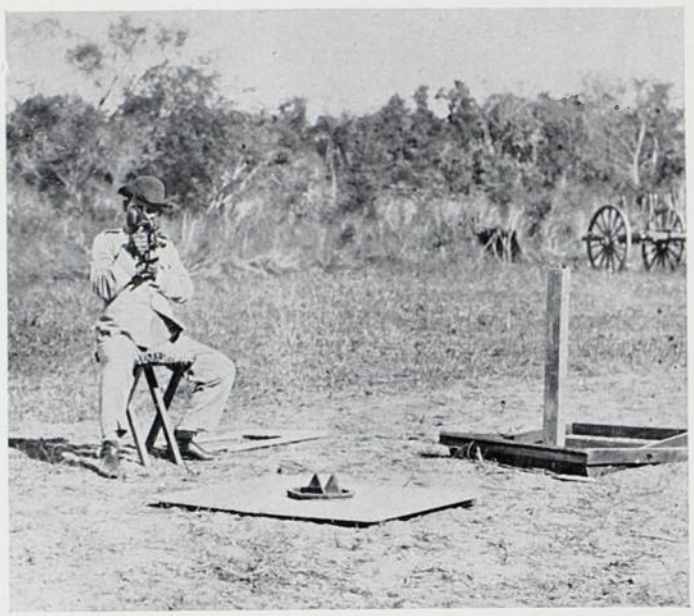
No dia seguinte, 50, 60 indios lá estavam entre os trabalhadores, ora na picada, ora no transporte de material, pegando, curvos, sobre os hombros bronzeados, cargas de 80 kilos; e balouçando rhythmadamente os braços pensos, sem segurar o volume que carregavam, lá hiam os bugres, calma, imperturbavelmente ávante.

A' 31 de Dezembro de 1900 ficaram concluidos 26 kilometros até a margem direita do Akiuabo,

com acampamento no logar que os borôros chamam Uaiáu; e no fim do anno de 1901 tinham os nossos o telegrapho em a margem do Rio Piquiri, no logar denominado Pêças, depois de ter deixado á retaguarda a estação de Itiquira.

a Serra de Maracajú, cujo espinhaço foi galgado pela picada, á 31 de Dembro, com uma producção de 184 kilometros.

Ahi, no rio Negro, deparou a Commissão com uma tribu de indios que já se julgava extincta.



O MAJOR RONDON VERIFICANDO AS COORDENADAS DE BELLA VISTA.

GUACHY – CONSTRUCÇÃO DA LINHA NA BIFURCAÇÃO DE CORUMBÁ.

Peças! Nome que nos lembra o passado!

Elle nos ensina que n'aquelle logarejo as nossas forças, em retirada do sul, não podendo transportar pelos banhados os seus canhões, ali os lançaram ao rio; e quando as aguas baixam, como um bando de caimans ao sol, elles reluzem, recordando os dias de provação de um punhado de bravos, nos transes heroicos da Retirada da Laguna.

* * *

Em 1902 continuaram os trabalhos com a inauguração de Coxim á 3 de Maio, sendo levada a construcção até a margem esquerda do Rio Negro, sobre

N'uma desssas tardes cálidas de Matto Grosso, subindo o rio, na faina de procurar um ponto apropriado para o repouso, foram os expedicionarios surprehendidos por um ruido extranho – dir-se-hia que um bando de grandes animaes assustados se affastava da barranca.

Em breve o latir de cães explicou que esses animaes eram indios.

Todos os dialectos foram empregados em saudadações amigas que nenhuma resposta recebiam, além do echo que se perdia longe.

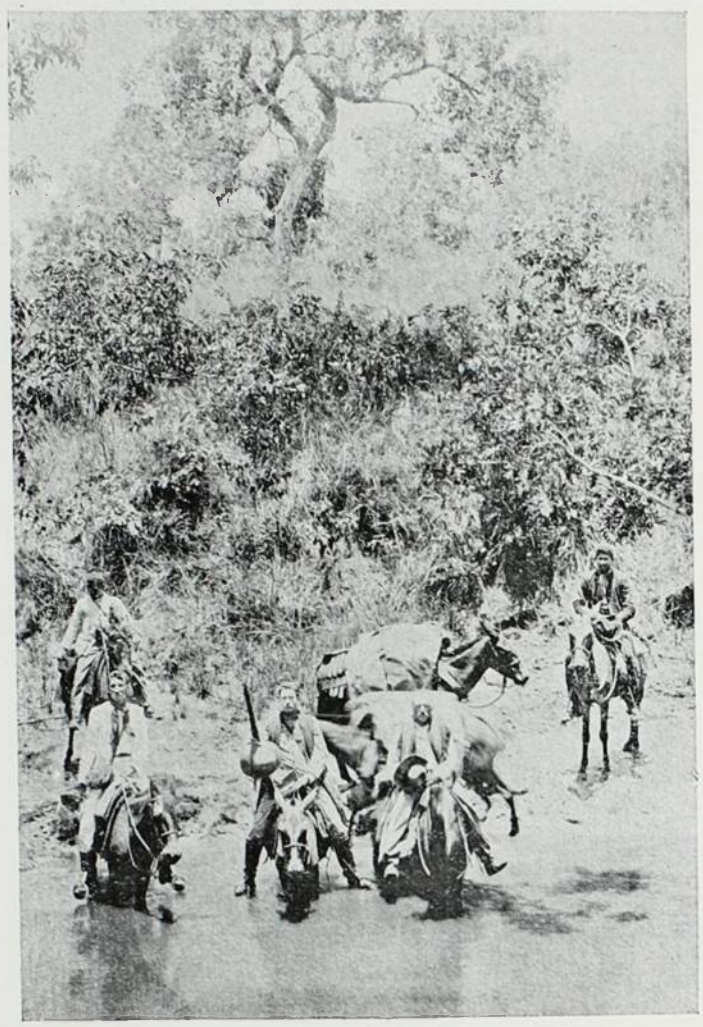
Afinal, só faltava o Uachiry, o capitão Rondon fallou-o clara, compassadamente, convidando os selvicolas á comunhão dos brancos; e mal a sua voz acabára de reboar, tres bugres appareceram – éram os Uachirys.

Passaram no acampamento durante todo o espaço de tempo em que este ahi existiu; não quizeram, porém, visitas á *Ocára*; presentia-se, ao contrario, no matto em torno, que alguem vigiava a pé firme as intenções dos brancos.

Em 1903 venceu a Commissão os mais fortes obstaculos, transpondo em distancia quasi o dobro do que até então fôra construido; e isso foi devido ao augmento de pessoal e de crédito que o Ministro da Guerra daquella época, o Marechal Argôllo, concedera. A producção subio á 469 kilometros com inauguração das estações de Campo Formoso, Aquidauana, Rio

NAS PROXIMIDADES DE AQUIDAUANA, UM VIAJANTE ATRAVESSANDO O CORREGO ACOGO EM PELOTA, EMBARCAÇÃO EMPROVISADA COM UM COURO DE BOI.

Negro, Fazenda Firme e Corumbá, lançando um cabo sub-fluvial de 500 metros para atravessar o Paraguay, no passo « Manga do Barão ».



TENENTES HERON KELLER, NICOLAU H. BARBOSA, AUXILIARES DO MAJOR RONDON E UM FAZENDEIRO ATRAVESSANDO A VÁO O CORREGO DAS AREIAS.

Fôra attingida a fronteira; mas só se parou ahi por ordem superior, durante tres mezes; nos tres trimestres restantes de 1904, mais duzentos e noventa e cinco kilometros de fio transportavam a palavra á Miranda, á Nioac e ao vetusto e celebre Forte de Coimbra.

Em 1905 a producção foi de 275 kilometros, sendo inaugurada as estações de Margarida, Porto Murtinho, Bella Vista e Livramento, subindo, nos sete primeiros mezes de 1906 a 213 kilometros, com os quaes ficou concluida a primeira parte do trabalho da Commissão, com redimento total de 1623 kilometros de linha entre postes e um desenvolvimento do conductor de 1703 kilometros.

Para as installações de Itiquira, Campo Formoso, Aquidauana, Rio Negro, Fazenda Firme, Corumbá, Forte de Coimbra, Margarida e Bella Vista, foram construidas casas no valor de mais de cento e cincoenta contos de réis, inclusive dous chalets de madeira para ligação dos fios aereos com o cabo subfluvial.

Não foi só esse o trabalho executado: Ao mesmo tempo que éra feita toda essa construcção excepcional, eram explorados os rios Itiquira, Correntes, Piquiri, Taquary, Negro, Aquidauana e Miranda, com um levantamento de 2144 kilometros e toda a série de reconhecimentos exigidos.

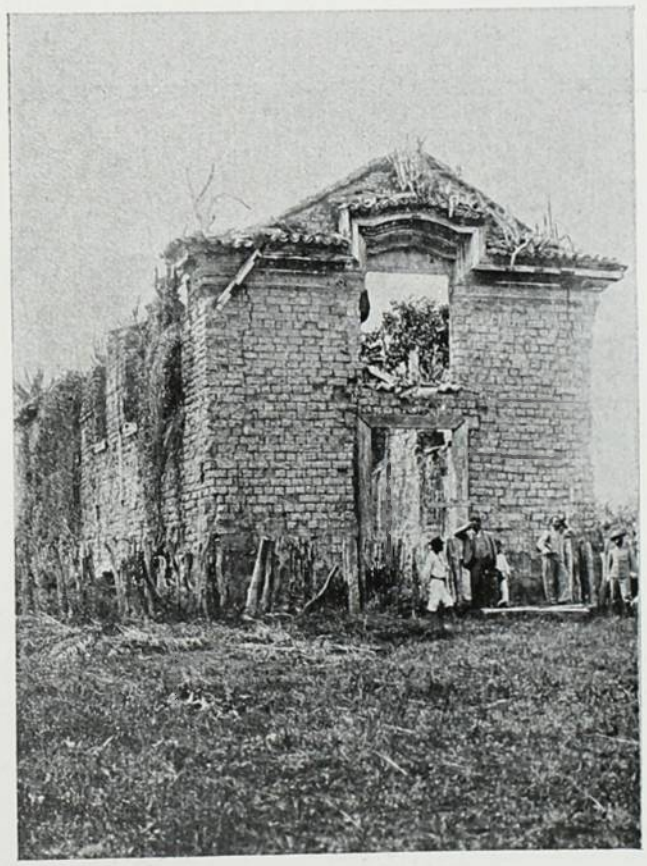
Observações astronomicas foram feitas para determinações de coordenadas geographicas, o que se realisou para Aquidauana, Rio Negro, Fazenda Firme, Miranda, Porto Murtinho, Nioac, Margarida, Coxim, Itiquira, S. Lorenço e S. Luiz de Caceres, Passo da Linha, (alto da Serra de Maracajú, R. Negro), Porto Canuto (Aquidauana), Fazendas da Boa Vista, do Jatobá, Porto Cyriaco, Barra do Miranda, Aterradinho, S. Thomaz, Entre Rios, Campo Grande e Mimoso.

Estava concluida a primeira parte do trabalho em que, o já agora Major Candido Marianno da Silva Rondon, secundado por um punhado de companheiros de valor, dentre os quaes se destacam o Capitão Marciano Avila, Tenentes Barbosa Rodrigues Pereira, Heron Keller, Nicolau Horta Barbosa, Boanerges Lopes de Souza, Inspector Francisco Xavier Junior e Telegraphista Germano José da Silva, conseguira fazer o dobro do que outras commissões, melhor localisadas, realisaram em egual periodo de tempo.

Eis o quanto bastava, na nossa terra, para que o illustre militar fosse encarregado de outros serviços alheios ás suas aptidões...

* * *

Em principios de 1907 o Major Rodon foi chamado á Palacio — O Sr. Dr. Affonso Penna o recebia n'uma conferencia intima, á que tambem assistiu, *cuidadosamente collocado*, um d'esses indiscretos da



RUINAS DA EGREJA DO CARMO, CIDADE DE MATTO GROSSO, ONDE ESTÃO SEPULTADOS ADRIANO TAUNAY E O ENGENHEIRO ESPERIDIÃO DA COSTA MARQUES.

imprensa que são o desespêro dos estadistas reservados...

Banal, á principio, a conversa descambou para assumptos telegraphicos, depois.

Discussões da imprensa, opiniões de mestres; emfim, de subito, o Presidente perguntou:

"Seria exequivel essa linha ligando Matto Grosso ao Acre?"

INDIOS TERENAS – SENTADO CACIQUE ALEXANDRE, CAPITÃO HONORARIO DO EXERCITO BRASILEIRO EM OPERAÇÕES CONTRA O DICTADOR LOPES, DO PARAGUAY. – DE PÉ CACIQUE TAVARES.

"Tudo depende de V. Ex." respondeu o Major. "A região exige muitos homens e dinheiro."

"Pois, respondeu o Presidente, eu digo que depende de nós dous; eu lhe darei os homens e o dinheiro e o Sr. executará o trabalho."

* * *

Na verdade, estavam mudados os tempos! O Presidente, mostrava que as suas cans significavam experiencia; o seu governo cuidava da escôlha dos

MARCO DA FRONTEIRA BRASIL E PARAGUAY.

homens antes de attender ao cartão das conveniencias politicas, por ventura na salva do empertigado continuo. Foi assim que se começou a segunda parte da construcção telegraphica do occidente brasileiro.

Juruna.

Trabalhos da Commissão Rondon

TRAÇADO DA LINHA TELEGRAPHICA, CONSTRUIDA PELO MAJOR CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, LIGANDO O ESTADO DE MATTO GROSSO Á PREFEITURA DO ALTO ACRE.

O ROSARIO DO CABO DE ORDENS

NASCEU na Bahia, num velho casebre colonial, que parecia saturado de azeite de dendê e garôpa salprêsa.

Molequinho, passava os dias nú na alfurja das Flôres, na Baixa dos Sapateiros, brincando na sargêta, leito de espurcicias, mais negro do que elle.

E crescia liso, nedio e forte.

Seu pai, cafre gigantesco das terras de Moçambique, fôra comprado a um tanganhão na Barra Falsa.

O senhor alforriou-o por lhe ter salvado a vida num levante de pretos.

A mãi era creoula, alta e robusta. Fôra escrava d'uma beata de capona, que lhe ensinou a resar e lhe incutiu habitos religiosos.

O filho nasceu livre, porque ella havia ja recebido a carta da alforria, comprada pelo Moçambique, que era — pai de canto — e ganhava bastante como carregador de cadeira de alquilé e fabricante, nas horas vagas, de chapéos de palha e balaios da costa.

Possuia tambem uma cadeira de arruar bem dourada para os dias de festas.

O moleque creou-se humildoso, bem ensinado e temente a Deus.

A beata, sem filhos, affeiçoou-se-lhe muito, ensinou-lhe muitas resas e levava-o sempre á missa. Metteu-o mais tarde na escola regia da Cruz do Paschoal, onde aprendeu bem a ler, escrever e contar.

Aos dose annos estava prompto. Alguns dos seus collegas matricularam-se no Lyceu.

Elle teve tambem desejos de seguir os estudos, mas o Moçambique pôl-o numa tenda de caldeireiro na rua do Julião.

Si o tivesse deixado proseguir, talvez houvesse ido parar ao seminario, tal o seu pendor religioso.

A sua diversão predilecta era fabricar pequenos oratorios de caixas de charutos e enfeital-os de papel dourado e castiçaesinhos de chumbo.

Os vintens, que o mestre lhe dava, gastava-os em veronicas e registros. A parede junto á taboa, em que dormia, no fundo de um corredor que parecia pintado á carvão, era coberta de santos e *medidas* de todas as côres e larguras, que lhe davam ou elle proprio *trocava* nos dias de festa.

O santo da sua devoção era Nosso Senhor do Bomfim:—Não fôra elle bahiano...

Nunca deixou de ir a uma lavagem, acompanhando a mãi, que era sempre uma das primeiras do rancho das lavadeiras, com as saias arregaçadas até aos joelhos e presas pelo panno da Costa, com a *penca* cheia de figas na cintura, e equilibrando na dansa sapateada, sobre o torso alvo de renda, o póte cheio d'agua e adornado de folhagem, fitas e flores.

Confessava-se mais de uma vez por anno e sempre na quaresma.

Todas as noites resava o terço no meio do povo, defronte do nicho da esquina da ladeira do Taboão.

Um dos melhores dias da sua vida foi a primeira quinta feira santa, em que conseguio licença da mãi para tocar matraca na procissão de fogaréos.

Aos dezoito annos era quasi do tamanho do pai.

Em 1863 houve forte recrutamento e foi colhido na tarrafa.

Já era maior e só por muito empenho do vigario da freguezia e do provincial do convento do Carmo fizeram-lhe o favor de assentar-lhe praça de voluntario no «Corpo Fixo». Devia ser bom soldado, porque era bahiano sadio e forte, tinha bons costumes e pertencia a uma raça de bravos e obedientes. Custou-lhe muito ao principio, habituar-se á vida especial do quartel. Aprendeu facilmente os exercicios de recruta e esmerava-se na limpeza do armamento, equipamento e fardamento que lhe deram.

Não precisava por sua boa indole, fazer esforço para bem cumprir o ultimo dos sabios vinte e nove artigos de guerra.

«Todo o militar deve regular os seus costumes pela regra da virtude, da candura e da probidade, deve temer a Deus,. . . . . .
. . . . . .
e executar exactamente as ordens que lhe forem prescriptas».

No fim do anno seguinte o Brasil inteiro estremeceu de indignação ao sentir a affronta que lhe fez Solano Lopez.

O Batalhão teve ordem de marcha para o Sul.

O soldado negro obteve licença do 1º sargento para ir ao Bomfim. Ouviu missa e fez uma promessa á milagrosa imagem.

Antes de embarcar, promoveram-no a anspeçada por saber ler e ser praça limpa, prompta e de bons costumes.

Na campanha—quer nas marchas, quer nos exercicios, ou nas faxinas e acções de guerra, ninguem lançava a barra mais longe do que o bom e bravo anspeçada da quarta.

Em Itapirú, quando o batalhão tomou dous canhões inimigos e uma bandeira, sob o commando do velho D. José Balthazar da Silveira

que soube honrar o nome dos seus heroicos avós, elle foi um dos mais intrepidos lidadores dando golpes terriveis de bayoneta.

No Passo da Patria, em Tuyuty, na Linha Negra, no Chaco, no Estabelecimento, no Pekiciry, em toda a parte onde o dezeseis se cobriu de gloria, o anspeçada negro salientou-se pela indomita bravura.

Dir-se-ia que elle era como aquelles Zulús de Cettiwaio que armados de azagaias e á pé, rompiam os quadrados dos soldados inglezes, desses mesmos soldados inabalaveis, que resistiram como rochedos, em Waterloo, as ondas furiosas dos couraceiros francezes commandados pelo *Bravo dos bravos*.

Quando o Tiburcio, em 1866, assumiu o commando do Dezeseis, notou logo o seu typo agigantado e sympathico.

Depois do Estabelecimento promoveu-o a cabo de esquadra por acto de bravura, e fel-o sua ordenança.

Nos combates, elle parecia querer antepor-se á todos os golpes, para nenhum attingir ao seu commandante.

Era a fidelidade do alão e a dedicação do africano.

Quando o inimigo, no chaco de Angustura, arrojou-se de chôfre sobre o batalhão, na emboscada de 25 de Outubro de 1868, um dos seus officiaes lançou-se contra o Tiburcio de espada recachada e olhos incendidos. O commandante recebeu-o em guarda e bradou que ninguem tocasse nesse homem.

Si não fosse esse brado, o cabo de ordens tel-o-ia traspassado com o sabre-bayonêta. E quando o official desappareceu na bastidão da matta, o negro sumiu-se com elle.

Poucos dias depois, o Tiburcio teve licença para tratar-se no Brasil.

Antes de partir ordenou ao cabo de ordens, por suggestão do Capitão Castello Branco, que lhe trouxesse o seu rosario.

— Aqui está o rosario, Sr. Commandante — e apresentou-lhe uma rodilha de cipó cheia de excrescencias impossiveis de definir, já pela raridade da forma, já pela extranhesa da côr, que lembrava a da carne amoxamada.

O Tiburcio olhou-o admirado e exclamou:

— O teu rosario? — Pois este cipó é um rosario?

Que significa isto?

E', Senhor sim. — Foi uma promesa que fiz á Nosso Senhor do Bomfim, antes de sahir da Bahia.

Que promessa foi essa? Mas... então isto o que é?

Sr. Commandante, eu prometti a Nosso Senhor se voltasse, pôr aos pés da sua santa imagem, um rosario das orelhas dos caboclos que elle me ajudasse a matar. Até agora só pude arranjar estes dois *Mysterios*

Eram, com effeito, cerca de vinte os pedaços de carne resequidos, encarquilhados, informes, e retorcidos, enfiados no cipó.

Calcule-se o nosso estupôr.

E's um barbaro, exclamou o Tiburcio, rubro de indignação.

Como ousaste tanta crueldade? Não te tremeu a mão ao mutilares o corpo d'um homem morto?

V. S.ª me perdôe, Sr. Commandante; mas eu só cortei as orelhas dos caboclos que matei. Eu não era capaz de fazer isto em quanto elles estivessem vivos, porque me dóe muito ver a gente padecer.

E's um monstro! Retira-te da minha presença e vai enterrar essas abominações que chamas o teu rosario. Commetteste um crime nefando, contra os homens e contra Deus.

O pobre cabo ficou estupefacto.

Não percebera, como nós, que a colera do commandante havia amainado diante da singeleza das suas respostas.

Acreditára, até essa hora, praticar um acto meritorio. A sua consciencia lhe não accusava de torpesa. Seu pai, o velho moçambique, quando lhe narrava as guerras da Cafraria, exaltava os valentes guerreiros da sua raça, que cortavam as cabeças aos inimigos e as espetavam na palissada do Kraal, votando-as a Mulungo, o sanguinario nume.

Aprendera na escola e com a beata de capona que o povo de Deus celebra como seus grandes heróes e santos:

David, que cortou a cabeça á Goliath e a bella Judith, que degolou, no leito e á traição, Holophernes, o general assyrio.

Ensinaram-lhe tambem que o grande São Pedro, o chefe da Igreja decepou a orelha de Malcho, serviçal de Caiphaz.

Ouvira nos templos a palavra inflammada de Frei Carneiro, o aristocratico pregador benedictino, pedindo a benção do Deus dos Exercitos para as armas brasileiras, que iam destruir o inimigo; e nos seus arroubos de eloquencia, vaticinando ao nosso glorioso pavilhão que se ia desdobrar nos campos de batalha, no meio da morte e da dor, grinaldas e corôas de louros.

Ouvira tambem nas capellinhas de palha dos nossos arraiaes da guerra, a geringonça singela e bôa de Frei Fidelis, exhortando na sua humildade de capuchinho, a elle e aos seus camaradas, a baterem-se como leões, para destruir os inimigos da patria.

Os seus superiores ensinaram-lhe a faser boas pontarias e dar grandes golpes de bayoneta.

Para que? Para matar certamente.

Si eu devo matar, porque não posso cortar a orelha do homem a quem tirei a vida? Perguntava a si proprio, na simplesa da sua alma.

Até aquelle dia estava convencido que era nobilissimo o seu papel de instrumento da destruição e da morte. Surgiu-lhe a duvida no espirito.

Atordoou-o a aspera reprimenda do Commandante, que era para elle um ser quasi divino, pois o julgava infallivel e omnipotente.

A ordem que acabara de receber, era terminante e clara. Não admittia delongas, nem reflexões.

Tratou de cumpril-a n'aquella mesma noite.

Depois da revista do recolher, encaminhou-se para a margem do arroio proximo ao acampamento do batalhão, levando o rosario e uma enchada.

Abriu uma cova e depôz nella o horrivel ex-voto que a sua alma simples e singularmente religiosa destinara ao Senhor do Bomfim e que lhe havia custado tantos actos de bravura e de abnegação.

Enterrou-o e bateu bem a terra.

Plantou na estranha sepultura uma pequena cruz de madeira tôsca.

Acendeu velas em cruz, tantas quantos os guerreiros, que matara.

Ajoelhou se cheio de humildade e de fé, e resou contricto um padrenosso pela alma de cada um delles. Acabou rogando ao Senhor do Bomfim, que lhe perdoasse, não cumprir a promessa, que lhe fiséra. Nunca mais cortaria uma orelha.

As ultimas foram as do bravo official que, no seu singelo diser, *teve o desaforo de querer brigar com o seu commandante.*

Por serem de quem eram foram os ultimos *padrenossos* do seu *rosario.*

Tempos depois, o Dezeseis arrojava-se heroicamente contra as trincheiras de Lomas Valentinas e o valente cabo de ordens cahia no campo da honra.

Na parte do combate o seu nome figura na relação dos estraviados, porque não lhe acharam o corpo.

Mais tarde encontraram-no muito na frente, com o largo peito esburacado, e coberto de cruzes e escapularios ensanguentados num montão de guerreiros brasileiros e paraguayos.

Todos foram enterrados juntos na mesma valla commum... da reconciliação e da gloria.

Os soldados não têm lapidas, nem epitaphios.

Quando muito uma cruz amparara-lhes a sepultura.

A esses... nem ella. Não havia tempo.

Entretanto é com o sangue de almagra desses anonymos que se tinge a purpura dos triumphadores.

Gloria aos heróes ignorados!

DIONISIO CERQUEIRA.

POR DARWIN

(CONTINUADO DO N. 4 DESTE ANNO)

CAPITULO XI

Sobre o progresso da evolução

DESTA digressão, tanto inevitavel quanto não satisfactoria, sobre a velha escola que olha de cima com tamanho ar de superioridade, o "sonho intellectual" de Darwin e, o "louco enthusiasmo" de seus amigos, eu volto á mais analoga tarefa de considerar a historia evolutiva dos Crustaceos sob o ponto de vista da theoria de Darwin.

Darwin mesmo, no decimo terceiro capitulo de seu livro, já discutio as conclusões derivadas da suas hypotheses, no dominio da historia evolutiva. Para uma applicação mais detalhada das mesmas, comtudo, é necessario primeiramente traçar essas conclusões geraes, um pouco mais tarde do que elle ahi o fez.

As mudanças pelas quaes o joven se afasta dos pais e, cujo accumulo gradativo causa a producção das especies novas, generos e familias, podem occorrer á um periodo prematuro ou tardio da vida—no estado joven ou no periodo da maturidade sexual. Pois que o ultimo não é de forma alguma, sempre, como nos Insectos, um periodo de repouso; a maior parte dos outros animaes, mesmo então, continúa a crescer e a soffrer mudanças. (Veja acima as notas sobre os machos dos Amphipodes). Na verdade, algumas variações da sua natureza real, só podem occorrer quando o joven attingio o estado adulto de desenvolvimento. Assim os Lagartas do Mar (*Polynõe*), á principio só possuem poucos segmentos somaticos que, durante o desenvolvimento, augmentam gradativamente em numero que é differente nas differentes especies mas constante na mesma especie; agora, antes que um joven póssa exceder o numero de segmentos de seus paes, deve naturalmente ter attingido esse numero. Podemos admittir um progresso semelhante, supplementar, quando o desvio dos descendentes consistir n'uma addicção de novos segmentos e membros.

Por isso os descendentes attingem nova méta, quer se afastando mais cedo ou mais tarde, quando ainda em via de adquirir a forma paterna, quer passando por ella sem desvio, mas então, em vez de ficar ahi, avançando ainda mais.

O primeiro modo taria uma acção predominante, onde a posteridade dos antepassados communs constituisse um grupo de formas permanecendo no mesmo nivel, nos traços principaes, como a totalidade dos Amphipodes, Caranguejos ou Aves. Por outro lado somos conduzidos á admittir o segundo modo de progresso, quando procuramos deduzir d'uma forma original commum, animaes d'entre os quaes alguns concordem com os estados jovens dos outros.

No primeiro caso, a historia evolutiva dos descendentes só póde concordar com a de seus antepassados, até um certo ponto, no qual, os caminhos se separam,—pelo que diz respeito á sua estructura no estado adulto, ella não nos ensinará cousa alguma.

No segundo caso, todo o desenvolvimento dos progenitores tambem passou pelos descendentes e por isso, tanto quanto a producção de uma especie dependa do segundo modo de progresso, o desenvolvimento historico das especies será reflectido na sua historia evolutiva. No curto periodo de poucas semanas ou mezes, as formas variantes dos embryões e larvas, passarão, ante nós, por uma representação mais ou menos completa e mais ou menos real das transformações pelas quaes as especies, no decurso de desconhecidos milhares de annos, luctaram para o seu estado presente.

Um dos exemplos mais simples, é fornecido pelo desenvolvimento dos Annelidos Tubicolas; mas, da sua verdadeira simplicidade, elle parece bem apropriado para abrir os olhos de muitos que, talvez, preferissem não ver; póde, por isso, ter aqui um logar. Ha tres annos, encontrei nas paredes de um dos meus aquarios alguns pequenos tubos de vermes (Fig. 65), cujos habitantes traziam tres pares de filamentos branchiaes providos de barbas e que não tinham operculo. De accordo com isso deveriamos ter sido obrigados á referil-os ao genero *Prótula*. Poucos dias mais tarde, um dos filamentos branchiaes se incorpou, na extremidade, em um operculo clavado (Fig. 66) quando os animaes me lembraram, pelo pedunculo opercular plumoso, o genero *Filograna*, com a unica differença de que este ultimo possuia dous operculos. Em mais tres dias, durante os quaes brotou um novo par de filamentos branchias, o pedunculo opercular perdeu os seus filamentos lateraes (Fig. 67) e os vermes se tornaram *Serpulas*.

Aqui se apresenta, de uma feita, a supposição de que os primitivos vermes tubicolas foram uma *Protula*,—que alguns dos seus descendentes, já desenvolvidos em perfeitas *Protulas*, se modificaram depois para melhor, pela formação de um operculo que, podia proteger

os seus tubos contra inimigos intrusos;—e que descendentes subsequentes d'estas ultimas formas, finalmente, perdiam os filamentos lateraes do pedunculo opercular que elles, como os seus antepassados, haviam desenvolvido.

O que dizem as escolas á este caso?

De que parte e para que fim, se as *Serpulas* foram produzidas ou creadas como especies pre-formadas, estes filamentos lateraes do pedunculo opercular?

Para admittir que elles brótem méramente por causa de um plano invariavel de estructura, mesmo quando devam ser immediatamente retrahidos depois como superfluxos, seria, certamente, antes uma evidencia de puerilidade frivola ou pedantismo dictatorial, do que deinfinita sabedoria.

Mas não, eu é que estou enganado; desde o principio de todas as cousas, o Creador já sabia que em certo dia, a infantil curiosidade do homem andaria ás apalpadellas sobre as analogias e homologias, e que os naturalistas christãos se occupariam em interpretar as suas Ideas Creadoras; sem duvida alguma, á fim de facilitar o discernimento pelas primeiras que o pedunculo opercular das *Serpulas* é homologo de um filamento branchial, elle permittio que aquelle fizesse um *détour* na sua evolução e passasse pela forma de um filamento branchial plumoso.

O registro historico, preservado na evolução, vae se APAGANDO *ao passo que o desenvolvimente se aproxima d'um caminho cada vez mais recto, á partir do ovo para o animal; e isto e frequentemente* SOPHISMADO *pela lucta pela vida que as larvas vivas têm de supportar.*

Assim como a lei da herança não é, de modo algum, estricta, visto como ella dá logar ás variações individuaes com respeito á forma dos paes, tal é o caso da successão na epocha do processo evolutivo. Todo o pae de familia que tenha noticia de um tal assumpto, sabe bem que, mesmo nos filhos dos mesmos paes, os dentes, por exemplo, não cahem ou mudam seja na mesma edade, seja na mesma ordem. Agora, em geral, será util á um animal obter tão cedo quanto possivel as vantagens pelas quaes elle se sustenta na lucta pela vida. Um apparecimento precoce de peculiaridades, originariamente adquiridas, em um periodo ulterior, será vantajoso e o seu apparecimento retardado, desvantajoso; o primeiro, quando accidental será preservado pela selecção natural.

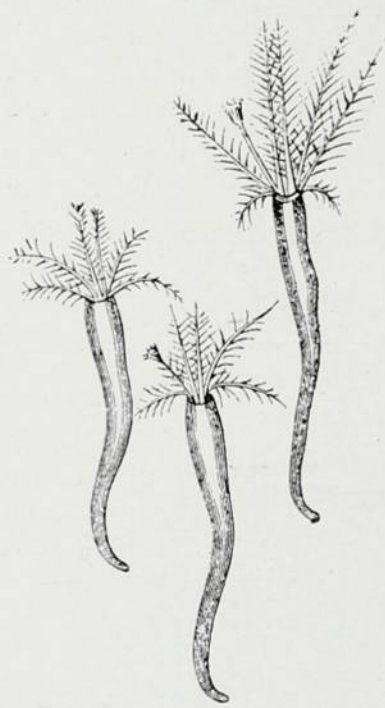


FIG. 65, FIG. 66, FIG. 67

Fig. 65. – Estado de um joven Tubicula, com tentaculos simples, (augmento 6 diametros), sem operculo; estado de Protula.

Fig 66. – O pedunculo opercular villoso; estado de Filograna

Fig 67. – Compedunculo opercular nú; estado de Serpula.

O mesmo se dá com as mudas realisadas nos estados larvares, tornados multiplos por caracteres transversos ou obliquos; uma direcção mais recta simplifica e abrevia os processos evolutivos e, fal-os retroceder para um periodo mais primitivo de vida e, finalmente, da propria vida do ovo.

Como esta conversão de um desenvolvimento, passando dos diversos estados jovens para outro mais directo, não é a consequencia de um impulso mysterioso inherente, mas depende dos progressos que se apresentam accidentalmente, ella póde se dar nos animaes os mais proximamente alliados, das maneiras as mais diversas e precisa de periodos de tempo muitissimo diversos para a sua conclusão. Ha, comtudo, uma cousa que não deve ser despresada aqui. O desenvolvimento historico de uma especie, mui ráro póde ter se dado n'um fluxo continuamente uniforme; periodos de stáse alternarão com periodos de progresso rapido. Mas as formas que, em periodos de rapido progresso, se derivaram d'outras em pouco tempo, devem ter se impressionado menos profundamente, na sua evolução phyllogenetica, do que as que se repetiram n'uma longa serie de gerações successivas, em periodos de stáse. Estas forma s mais fixas, menos inclinadas á variar, apresentarão resistencia mais tenaz na tranzição para o desenvolvimento directo e, manter-se-hão de um modo mais uniforme até ao ultimo; comtudo, diversos podem ser os cursos deste processo, em outros respeitos.

Em geral, como já foi verificado, seria vantajoso ao joven começar a luta pela vida na forma de seus paes e provido de todas as suas faculdades; — em geral, porém não sem excepções. E' perfeitamente claro que um producto capaz de locomoção seja quasi indispensavel á animaes prêsos e que as larvas de lentos molluscos, ou de vermes que se escondam no chão, etc., abundando desembarassadamente pelo mar, prestem serviços essenciaes, dispersando as especies sobre mais largas áreas.

N'outros casos se torna indispensavel uma metamorphose, pela circumstancia de se ter effectuado uma divisão de trabalho entre os diversos periodos de vida; por exemplo, que as larvas tenham tomado á si, exclusivamente a procura da nutrição. Uma circumstancia ulterior á ser considerada é o tamanho dos ovos: —Uma estructura mais simples póde ser pro-

duzida com menos material do que outra mais complexa;—quanto mais imperfeita a larva, tanto menor deve ser o ovo e tanto maior o numero d'estes fornecidos, com o mesmo dispendio de material. Como regra, eu creio realmente, esta vantagem de um producto mais numeroso, não subentende, de forma alguma, a de producto mais perfeito; porém, assim será naquelles casos em que a primeira difficuldade para o animal joven, consiste em achar um logar proprio ao seu desenvolvimento e que, por isso, é de importancia dispersar o maior numero de germens possivel, como em muitos parasitas.

Como a conversão do desenvolvimento directo está aqui em discussão, parece azado dizer uma palavra sobre a já indicada ausencia de metamorphose nos animaes d'agua doce e terrestres, ao passo que ella se effectua em os seus alliados marinhos. Esta circumstancia parece explicavel de dous modos. Ou as especies sem metamorphose emigraram sobretudo para a agua doce, ou a metamorphose desappareceu mais depressa nos emigrantes do que nos que ficaram no mar.

Os animaes sem metamorphose se transfeririam, naturalmente, com mais facilidade á um novo meio, pois que só tinham a si proprios e não, ao mesmo tempo, muitas formas jovens á adaptar ás novas condições. Mas nos casos de animaes com metamorphose, a mortalidade entre as larvas, sempre consideravel, deve ter se tornado ainda maior nas novas do que nas condições já usuaes; cada passo para simplificação do processo de desenvolvimento deve ter dado, por isso, uma preponderancia ainda maior aos seus pares e o apagagamento das metamorphoses ter se processado mais rapidamente. O que se deu em cada caso individual, se as especies emigraram ou se perderam a metamorphose depois da emigração, não será sempre facil decidir.

Quando haja alliados marinhos sem ou só com uma ligeira metamorphose, como as Lagostas, os primos dos carangueijos de rio, podemos considerar a primeira supposição; quando os alliados, com metamorphose, ainda vivam em terra ou n'agua doce, como no caso de *Gecarcinus*, podemos adoptar a ultima.

Que ao lado d'esta extincção gradual da historia primitiva, se dá uma *falsificação* do archivo preservado na historia evolutiva, por meio da lucta pela vida que os estados jovens livres tem á soffrer, não se precisa expor mais. Porque, é perfeitamente evidente que a lucta pela vida e a sellecção natural combinadas, devem agir do mesmo modo, em muda e desenvolvimento, sobre larvas que tenham de prover á si proprias, como animaes adultos. As mudas da larva, independentes do progresso do animal adulto, se tornarão tanto mais consideraveis, quanto mais longa a duração da vida da larva em comparação com a do animal adulto; quanto maior for a differença no seu modo de vida e tanto mais frisantemente definida será a divisão do trabalho entre os diversos estados de desenvolvimento. Estes processos tem, até certo ponto, uma acção opposta á extincção gradual da historia primitiva; elles augmentam as differenças entre os estados individuaes de desenvolvimento; e será facil de ver como um curso egual de desenvolvimento em linha recta, para a frente, pode ser ainda convertido por elles, em um desenvolvimento com metamorphose. Por esse meio muitos; e me parece que razões validas podem ser salientadas em favor da opinião de que os mais antigos Insectos se aproximam mais estreitamente dos Orthopteros actuaes e, talvez, das Blattideas apteras, do que de qualquer outra ordem; e a «metamorphose completa» dos escaravelhos, Lepidopteros, etc., seja d'esta ultima origem. Houve, eu creio, insectos perfeitos antes das larvas e pupas; porém, ao contrario Nauplios e Zoeas muito mais cedo do que perfeitos camarões. Em contradicção á metamorphose herdada dos camarões, podemos collocar a dos Coleopteros, Lepidopteros, etc., metamorphose *adquirida*. (1) Qual dos diversos modos de desenvolvimento, occorrendo no presente em uma classe de animaes, possa pretender aproximar mais estrictamente o modo original, é facil de julgar do acima estabelecido.

A historia primitiva de uma especie será preservada na sua historia evolutiva, tanto mais perfeitamente, quanto mais longa for a serie de estados jovens pelos quaes ella passe em secções uniformes; e tanto mais realmente, quanto menos o modo de vida do joven parta ao dos adultos e quanto menos as peculiaridades dos estados jovens individuaes, possam ser concebidos como transferidos para traz, desde os ultimos, em periodos prévios de vida, ou como adquiridos independentemente.

Appliquemos isso aos Crustaceos.

FIM FRITZ MULLER.

---

(1) Darei aqui, brevemente as minhas razões em prol da opinião de que a chamada "metamorphose completa" dos Insectos, em que estes animaes deixam o ovo como gorgulhos ou lagartas e depois se transformam em pupas quiescentes, incapazes de comer, não foi herdada de um antepassado primitivo de todos os Insectos, porém, adquirida em um periodo mais retardado.

A ordem dos Orthopteros, inclusive os Pseudonevropteros (*Ephemera*, *Libellula*, etc.) parece se aproximar mais estreitamente da forma primitiva dos Insectos. Em favor d'estas vistas temos:

1 — A estructura dos seus orgãos oraes, especialmente a formação do labio "que retem, quer perfeita, quer aproximadamente, a forma original de um segundo par de maxillas" (Gerstäcker).

2 — A segmentação do abdomen; "como o labio, o abdomen tambem, muito geralmente retem sua segmentação original que, é mostrada no desenvolvimento dos onze segmentos" (Gerstäcker). Os Orthopteros com onze segmentos no abdomen, se assemelham perfeitamente, no numero dos seus segmentos somaticos, com a larva lagostim representada na figura 33, ou, em verdade, nos mais altos Crustaceos (Podophthalmos e Edriophthalmos) em geral, em que larvas historicamente mais jovens sopportam um segmento thoracico (veja-se figura 123) que é, ás vezes, remotamente desenvolvido ou destituido de appendices ou mesmo deficiente ou, ainda, ausente.

3 — Que, como nos Crustaceos, o orificio sexual e o anus são situados sobre segmentos diversos; "emquanto o primeiro está no nono, o ultimo occorre no decimo segmento" (Gerstacker).

4 — Sua occurrencia paleontologica; em estado fossil os Orthopteros fazem sua apparição antes de todos os Insectos, a saber, pela mesma épocha que a formação carbonifera, em que elles excedem a todos os demais em numero. (Gerstäcker).

5 — A ausencia de uniformidade de habito actualmente em uma ordem tão restricta quando comparada com os Coleopteros, Hymenopteros, etc. Porque isto tambem é, na regra, um phenomeno caracteristico de grupos de formas muito antigos, que já transpuseram o climax do seu desenvolvimento; e é, explicavel pela extincção em massa. Um escaravelho ou uma borboleta são reconhecidos á primeira vista; porém, só por meio da investigação se póde demonstrar as relações mutuas entre *Termes*, *Blatta*, *Mantis*, *Forficula*, *Ephemera*, *Libelula*, etc. Posso referir a um notavel exemplo correspondente, do mundo vegetal; entre os Samambaias os generos *Aneimia*, *Schizæxa e Lygodium*, pertencentes ao grupo das *Schizaceas* que é muito pobre em especies, differem muito mais entre si do que das formas do grupo dos *Polypodios*, que contem milhares de especies.

Se de tudo isto, perece bem encarar os Orthopteros como a ordem de Insectos que se aproxima mais estreitamente a forma primitiva commum, devemos tambem esperar que o seu modo de desenvolvimento concorde melhor com o da forma primitiva, do que, por exemplo, da dos Lepidopteros, da mesma maneira que alguns dos *Peneus*, se aproximando mais estreitamente das primitivas formas de Decapodes, mais realmente preservaram o seu modo original de desenvolvimento. Então, a maioria dos Orthopteros deixa o ovo n'uma forma que se distingue da do Insecto adulto, quasi somente pela falta de azas; estas larvas então adquirem cedo os rudimentos de azas que apparecem mais fortemente desenvolvidos depois de cada muda.

Não obstante esta transição perfeitamente gradativa, desde a larva mais nova do Insecto sexualmente maduro, preserva em um gráo muitissimo mais alto, o diagrama de um modo original do desenvolvimento, do que faz a chamada metamorphose completa dos Coleopteros, Lepidopteros ou Dipteros, com os seccos estados abruptamente separados de larva, pupa e imago.

Os mais antigos insectos provavelmente seriam, na maioria, parecidos com essas larvas sem azas dos Orthopteros existentes. A circumstancia de que ainda ha numerosas especies sem azas entre os Orthopteros e que, algumas (*Blattidae*) são tão parecidas com certos Crustaceos Isopodes) no habitus que ambos são indicados sob mesmo nome (Baratta) pelo povo desta terra, difficilmente podará ser considerado como de alguma importancia.

A supposição contraria de que os mais velhos insectos possuiram uma "metamorphose completa" e de que a "metamorphose incompleta" dos Orthopteros e Hemipteros é sómente de origem ulterior, esbarra em serias difficuldades. Se todas as classes dos Artropodes Crustaceos, Insectos, Myriapodes e Arachnideos) são, na verdade, ramos de um caule commum (sobre o que difficilmente póde haver duvida), é evidente que os Crustaceos que vivem e os que respiram na agua, devem ser considerados como o eixo original de quel se ramificaram as outras classes terrestres, com a sua respiração tracheal. Mas em parte alguma, entre os Crustaceos, se encontra um modo de desenvolvimento comparavel á "metamorphose completa" dos Insectos, em parte alguma, entre os Crustaceos jovens ou adultos se encontra formas que possam ser semelhantes ás pupas dos Dipteros ou Hymonopteros, ás larvas dos Coleopteros ou ás lagartas dos Lepidopteros, nem mesmo qualquer traço d'uma semelhança longinqua á pupa quiescente d'esses animaes. Na verdade, as pupas não podem totalmente ser consideradas como membros de uma serie evolutiva geral; os estados individuaes que representam estados ancestraes permanentes para

um animal como as pupas astomatas e apodas do bicho da seda, enclausurada n'um casulo espesso, jamais poderá ter constituido o estado final, sexualmente maduro, de um Arthropode.

No desenvolvimento dos Insectos, jamais vimos novos segmentos addidos aos já presentes nas larvas mais novas; mas nós vemos segmentos que são distinctos na larva, fundirem-se ulteriormente ou desaparecerem. Considerando o parallelismo que prevalesce atravez da natureza organica, entre os estados paleontologicos e o desenvolvimento embryonario, è por isso, improvavel que os mais velhos Insectos tenham possuido menos segmentos do que alguns de seus descendentes. Mas as larvas dos Coleopteros, Lepidopteros, etc., jamais tiveram mais de nove segmentos abdominaes. Não é, por isso, provavel que elles representem a forma joven, original, dos Insectos mais velhos e que os Orthopteros, com um abdomen de onze segmentos, se tenham subsequentemente desenvolvido d'elles.

Tomando em consideração, de um lado essas dlfficuldades e de outro os argumentos que indicam os Orthopteros como a ordem mais estrictamente proxima da forma primitiva, é minha opinião que a "metamorphose incompleta" dos Orthopteros, é uma metamorphose primitiva, herdada dos parentes originaes de todos os insectos e a "metamorphose completa" dos Coleopteros, Dipteros, etc., uma metamorphose *adquirida* subsequentemente.

CANTIGAS

I

A noite do esquecimento
Não se fez para quem ama:
Vives no meu pensamento
Como no sol vive a chamma.

VOLTA

Si durmo, sonho comtigo;
Si vélo, jamais te esqueço:
Esquecer jamais consigo
Este amor de que padeço.
Possúe-te o meu pensamento
Como o sol possúe a chamma:
Na noite do esquecimento
Só se perde quem não ama.

II

Si te vejo a formosura
Si os teus encantos abranjo,
Fico a scismar que n'altura
Deus sente falta de um anjo.

VOLTA

Humana fôras, si fosses
De menos graça e bellesa,
Que fórmas assim tão doces
Ao mundo causam surpresa.
Um'outra igual formosura
Jamais com os olhos abranjo:
Igual a ti, só n'altura
Talvez exista algum anjo.

III

Tinta alguma se compara
A' tinta dos olhos teus,
Pois, sendo preta, é mais clara
Que o sol na gloria dos ceus.

VOLTA

Teus olhos são dois tinteiros,
Cheios de tinta de luz:
Si escrevo versos fagueiros,
N'elles tua alma transluz.
Tinta assim, preciosa e rara,
Somente nos olhos teus:
Nunca a vi, tão preta e clara,
No mar, na terra ou nos ceus.

IV

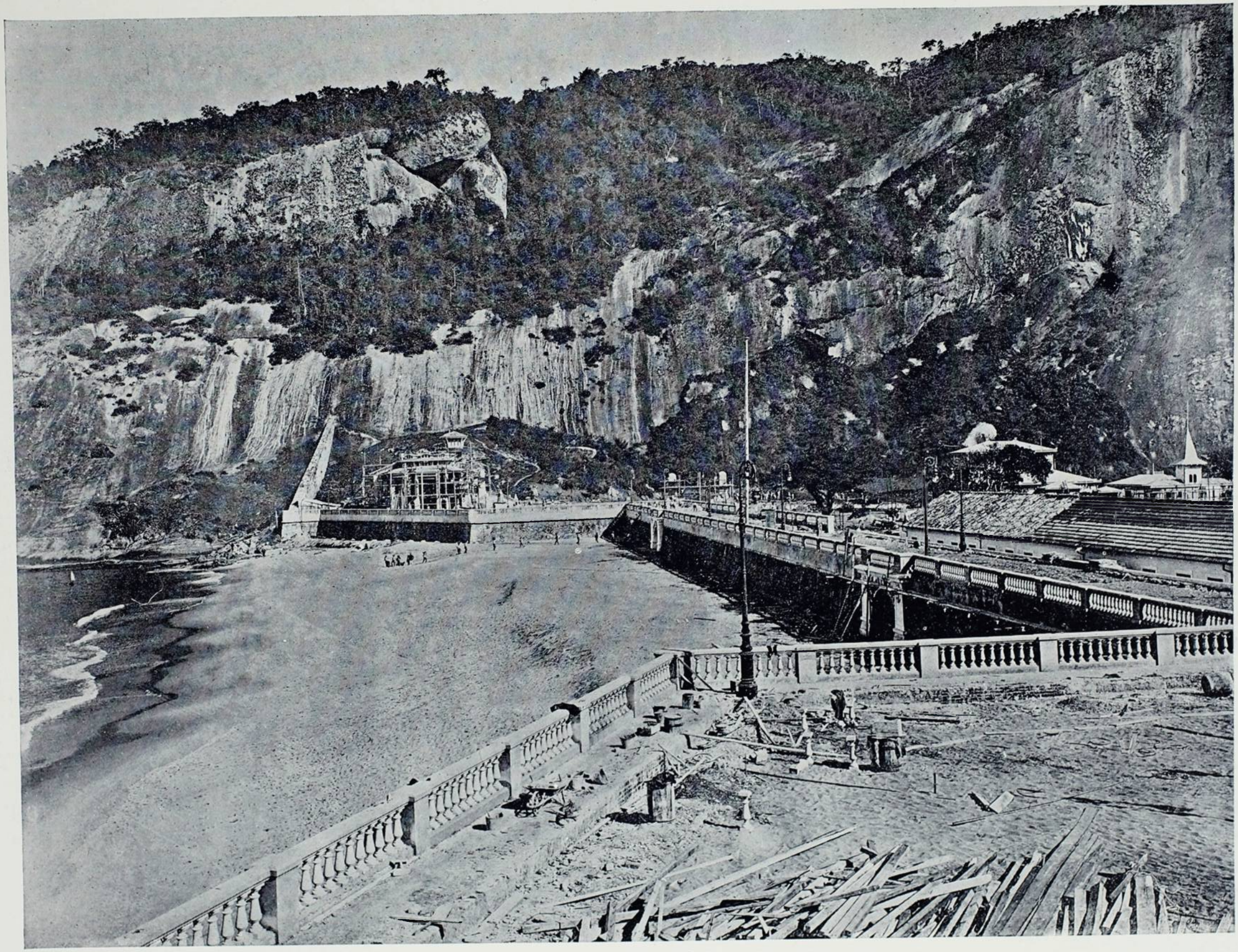
O mar profundo interrogo:
«Ella guarda o meu amor?»
E do mar escuto logo
Altos soluços de dor.

VOLTA

Passa do mar o gemido,
Passa a espuma á beira-mar;
Passa o clarão dolorido
Do sol que vae a expirar.
Tudo passa e então pergunto:
«Ha de passar meu amor?»
Como chorando a um defunto,
O mar soluça de dor.

CUNHA MENDES.

Exposição Nacional



O TERRAÇO DA EXPOSIÇÃO NACIONAL

BUENOS AIRES

O BRASIL NA CIDADE — UMA VISITA IMPRESSIONANTE — HUMANITARISMO E CARIDADE

III

QUEM tem a agradavel curiosidade de observar letreiros e disticos ha de notar em Buenos Aires a frequencia com que os nomes Brasil e Rio de Janeiro são repetidos nas taboletas dos bondes e nos annuncios de café; não ha uma casa de cartões postaes onde não se vejam as fotografias do Dr. Campos Salles e do General Roca, sob os respectivos escudos nacionaes, bem como as bandeiras argentina e brasileira unidas por um laço branco de paz e de confraternidade. Entre as novidades literarias que se ostentam nos escaparates dos livreiros chama a attenção, ao lado do livro do Sr. Turot, uma bella brochura «Gli Stati Uniti del Brasile», traducção italiana de artigos do Sr. Tobias Monteiro, editados pelos irmãos Treves, de Milão. Os bondes vão ás avenidas ou ruas Brasil e Rio de Janeiro; as varias sucursaes do *Café Paulista* estão repletas de gente o dia inteiro, tomando café e «delicia paulista», isto é, coalhada; vendem-se os postaes, vende-se o livro. Essa popularidade de rua, si não é uma prova de sympathia, não é tambem um desejo de agredir; a humanidade ainda é tão espalhafatosa que uma placa azul com letras brancas á esquina de uma rua agrada mais do que uma pagina retida na historia. Todas as coisas augmentam e se desvirtuam vistas atravez da distancia ou estudadas apenas pela superficie ou pela primeira impressão; é um grave erro de critica não saber contrabalançar, reparar num só aspecto, numa unica face das coisas; e para fazer pesar mais o mal ainda se sobrecarrega a concha da balança com o peso estupido do preconceito. Assim X. vae a Buenos Aires pela primeira vez; já tem ido á Europa e a bordo fez sempre as melhores relações com cidadãos da Republica Argentina; durante os oito dias que passa na capital platina encontra tres ou quatro desses conhecimentos, é cercado de amabilidades, volta ao Brasil. Vem encantado da viagem, mas cala a boca e não desmente o preconceito; ora, isso é uma covardia da opinião que ninguem deve commeter por ser indesculpavel e perigosa. Mas que! Ainda ha muita gente ingenua que vive pelas idéas dos outros e sob a tutella da imprensa; ha muito chefe de familia que não tem opinião sobre uma ocurrencia notavel emquanto não vir o que diz o seu jornal; ha muito «homem do mundo» que só sabe si um livro é bom ou máo depois da critica do seu critico predilecto.

Mas em duas vastissimas cidades como o Rio de Janeiro e Buenos Aires a população tem os seus deveres inadiaveis para com a vida, tem os seus interesses, as suas ocupações, a sua actividade; o jornal é lido no bonde, ás pressas, como uma informação e um guia; os louvores exagerados, as diatribes gratuitas ficam esquecidos como o cigarro fumado; é um engano supor que os leitores seguem uma polemica como seguem um folhetim ou as operações da bolsa, e que entre dois numeros do jornal a vida nacional fica suspensa. E que ficasse! E que toda a imprensa argentina sem excepção (o que não acontece) atacando o Brasil fosse o reflexo da opinião da grande maioria do paiz! Era um motivo para a gente sensata perder a cabeça? Depois da guerra de 1870 toda a literatura franceza, no theatro, no romance, no conto, na poesia tem atacado a Allemanha com uma violencia de furacão; Paris não perdôa a entrada dos Prussianos nos Campos Elyseos; a França não esquece Strasburgo; na conferencia de Algeciras houve graves interesses contrariados entre as duas nações; o dominio na Asia e o dominio na Africa são dois abysmos como Scylla e Charybdes; entretanto os dois governos procuram cada vez mais cimentar esse arduo trabalho de uma paz impopular. Que me importa a mim que um grosseirão qualquer me chame «macaquito» si encontro nos Argentinos bem educados de quem me aproximo a mais perfeita cordialidade, a mais cavalheirosa galanteria?

Querendo dar um exemplo da antipathia argentina contra o Brasil, contou-me um amigo que um certo Geraldo *calotin* do Rio de Janeiro teve de se dizer Portuguez para representar no Casino onde as suas cançonetas e os seus maxixes colheram grande exito. Creio que o Brasil não pode lamentar essa naturalisação á ultima hora; mas em compensação o nome de Olavo Bilac ainda corre de boca em boca cheio de louvor; e no Hospital Militar ouvi do director os maiores elogios ao talento e á competencia profissional do Conselheiro Nuno de Andrade; o Dr. Oswaldo Cruz é uma celebridade americana, e os Portenhos, quando se referem a Francisco Pereira Passos, dizem: «el Haussmann de ustedes.» Estamos compensados do Geraldo.

E aqui está a verdade que tanto intrigava a Pilatos.

* * *

D$_{***}$ accedeu gentilmente ao meu desejo, e ás duas horas da tarde de um lindo dia de

Janeiro desciamos de um bonde na avenida de las Heras n. 1310, em frente do vasto edificio da Penitenciaria Nacional, instituição de que os Argentinos podem ter o mais legitimo orgulho. As altas muralhas que cercam o presidio encontrando-se na frontaria do edificio, dão-lhe um aspecto solemne de fortaleza, impressão avivada pelas sentinellas que passeiam na amurada como esculcas das pontes levadiças dos castellos feudaes. Mas apenas passado o portão, a frescura de um jardim bem tratado alegra a alma, quasi lhe tira a tristeza de uma visita á mansão do crime. Apenas souberam na Administração que dois Brasileiros queriam visitar a Penitenciaria, fomos convidados a ir ao gabinete do administrador, que, lamentando não nos poder acompanhar pessoalmente, confiou essa missão a dois empregados.

Abriu-se uma pesada porta, e eu murmurei para D*** o terrivel e angustioso verso de Dante:

«Per me si va nella cittá dolente...»

— Não, disse elle, não ha nada de lugubre aqui. Vaes entrar em uma atmosfera de paz, de respeito e de esperança.

— De esperança?

— Positivamente.

Passâmos pelo corpo da guarda militar, atravessâmos um pateo e chegamos ao centro de observação, foco donde emanam todos os corredores das cellulas como um leque que se abre. Desse centro um só homem vigia todos os corredores. E entrâmos em uma longa, arejada, aceiada galeria, com todas as portas abertas, porque áquella hora os penados estavam trabalhando. Vimos algumas cellulas de aceio irreprehensivel e onde é evidente o humanitario intuito de adoçar a vida dos desgraçados. Ha uma janella gradeada para o pateo e uma outra menor para a galeria que o preso fecha e abre á sua vontade, luz electrica, cama com travesseiro, colchão e lençóes, uma mesa, um banco, uma estante com livros que passam pela administração. D*** bateu-me no hombro:

— Vês? Nada lugubre, nada triste.

— Sim, na verdade! Generosamente commodo tudo isso!

E reparei que á porta de algumas cellulas havia letreiros com estas indicações: «Buena, Muy buena, Ejemplar.»

— São as conductas dos presos? perguntei a um dos guias.

— Sim senhor.

— Quaes são as vantagens de uma conducta exemplar?

— São seis principaes: uso do nome e perda do numero; direito a usar bigode; visita quinzenal e áparte; correspondencia livre; passeio no pavilhão até o toque de silencio; e luz á vontade na sua cellula. A conducta exemplar só pode ser adquirida depois de um anno de prisão, com observancia á disciplina, ao trabalho e ao estudo. Não é facil como o senhor pode pensar. Ha pessôas que estão aqui ha quinze annos e que ainda não puderam passar de «buena.»

— Então é uma regeneração?

— Assim tem sido. Ha seis mezes sahiu d'aqui um penado por homicidio; elle entrou sem saber ler nem escrever; desde o primeiro anno teve uma conducta exemplar; e ao terminar a pena estava a tal ponto regenerado que hoje tem um emprego de duzentos pesos. Vem de vez em quando visitar o director.

— Dr. Ballvé

— Dr. Ballvé. Elle deseja depois receber a visita dos senhores.

Vimos depois uma solitaria; é uma cellula como as outras, apenas menor e mais escura; não ha livros, não ha cama; a ração é de pão e agua. O guia informou:

— O castigo afecta mais o moral porque impede uma bôa classificação, afasta o castigado do trabalho em commum e acarreta a conducta pessima.

— E ácima de pessima?

— Má e regular. Os de conducta má trabalham na propria cellula, e os de regular não têm direito á nem uma regalia. Os de bôa conducta podem fazer uso dos livros da bibliotheca, receber e dirigir uma carta por mez á familia, ter um calorifero na cellula e uma ração diaria de quatro cigarros. Os de optima todas essas vantagens e mais augmento de uma visita fora do regulamento e mais dois cigarros.

— Então os de conducta exemplar?

— Tudo isso e mais: visita da familia, recreio, uso de roupa particular, a porta do cubiculo aberta até o toque de silencio, chá, café, mate, assucar e cigarros para o seu uso exclusivo. O senhor não pode imaginar o incentivo dessas regalias!

D*** pessimista — alegre interveiu:

— Ha mesmo muito preso que se regenera para poder fumar.

— Comtanto que se regenere, pouco importa a causa.

— Não jogam? perguntou D***

— Que esperança! Nem em sonho. E' a falta mais grave que um penado pode commeter.

— Aqui não ha mulheres?

— Não senhor, nem menores.

— Entre toda essa gente, por melhor que seja o regimen, por grande que seja o estimulo, deve haver incorrigiveis...

— Como não! Estes são a lepra, são o contagio; não saem da cellula, e quando se veri-

fica que são de todo incorrigiveis, vão para o presidio da Terra do Fogo.

Os banheiros, a cosinha, a padaria, a farmacia, a sala de operações, a enfermaria, o gabinete do dentista são tudo quanto ha de mais perfeito e de mais hygienico. São os proprios reclusos que cosinham e fazem o pão, um excellente pão.

— Onde são as cellulas dos abastados?

— Não ha. Aqui não ha ricos nem pobres; todos estão sujeitos á disciplina. Os que entram nesta casa perdem o nome e a personalidade; depende exclusivamente delles readquiril-os. E' a vantagem do regimen: a inveja é substituida pela emulação. Creio que na Casa de Correcção do Rio de Janeiro é assim...

— Sim, é parecido... E castigos corporaes?

— Absolutamente!

— A que horas os presos se levantam?

— Conforme a estação; o mais cedo ás quatro e meia, o mais tarde ás cinco e meia; recolhem-se ás oito, depois das aulas. Em resumo elles têm: seis horas e meia distribuidas pela hygiene, comida e descanço; nove horas de trabalho, duas de aulas, sete e meia ou oito e meia de somno.

Mais do que tudo o que é admiravel na Penitenciaria Nacional é a organisação do trabalho. Só a secção de typografia editou em 1906 oitenta e oito obras de caracter oficial, variando de 300 a 2.000 paginas cada volume e edições de 1.000 a 2.000 exemplares; a de encadernação executou um trabalho correspondente a 69.033 volumes; a de sapataria produz diariamente 250 pares de sapatos destinados aos soldados e marinheiros nacionaes e a todos os presos dos diversos presidios da Republica. Nesse mesmo anno o valor total dos productos elaborados nas oficinas foi de pesos 692.765, o custo da materia prima empregada de 289.084, donde um lucro de 403.680, dos quaes 71.002 ingressaram na caixa do estabelecimento para a manutenção do trabalho, ficando um saldo de 332.677; dessa quantia foram liquidados em favor do peculio dos penados 36 761 e 28.744 ás familias desses e aos presos que terminaram as penas. Dir-se-á que ha nesse systema uma injusta concurrencia ao trabalho do operario livre. Não, a Penitenciaria não faz fornecimento a particulares senão em egualdade de preços; o seu trabalho não chega para abastecer a compacta população de Buenos Aires onde o operario livre impõe as suas condições como os colonos de S. Paulo.

Não ha pois nem uma injustiça; e ao contrario é muito justo que os presos, recebendo gratuitamente educação, alimentação e instrucção concorram com o seu trabalho para diminuir o onus que a sustentação das forças armadas acarreta ao orçamento nacional. Desse trabalho elles têm uma pequena porcentagem com que podem suportar os rigores da vida depois que saem do carcere. E' terrivel o preconceito da sociedade contra os homens que estiveram presos. E quantos homens estão na cadeia injustamente e innocentemente? O pobre Crainquebille, essa dôce e sofredora figura que Anatole France creou, não existe apenas em Paris, existe em todas as grandes cidades onde a immensa injustiça humana deixa de ser um acaso fatal para se transformar num abysmo voraz e incontentavel. A sociedade tem a obrigação de se defender, de se preservar; mas inutilisar um homem pela barbaridade do castigo é um crime. Que beneficio colhe a Russia com a selvageria da Siberia, com as suas terriveis prisões, — a «Casa dos Mortos» de que o genio de Dostoiewscky fez as mais bellas paginas de uma literatura? Qual é o beneficio do pavoroso regimen dos carceres de Portugal? Qual o dos da Italia e da França? — Qual o da Argentina? perguntará algum adepto da barbaridade? Apenas um exemplo de um crime muito vulgar nos grandes centros, moeda falsa:

Annos	Presos por falsificação de moeda	Presos por circulação de moeda falsa
1897	12	219
1898	15	226
1899	17	177
1900	18	118
1901	8	124
1902	8	99
1903	1	37
1904	3	23
1905	2	18
1906	0	11

Os presos da Penitenciaria de Buenos Aires são ao cabo de algum tempo e conforme a vocação adquirida ou que trouxeram de fora, typografos, encadernadores, litografos, fotografos, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, fundidores de bronze, ferreiros, funileiros, mecanicos, electricistas, desenhistas, cosinheiros, padeiros, cigarreiros, jardineiros, barbeiros, — empregam-se emfim em todos os serviços em que podem ser uteis; inaugurou-se ha pouco um curso de escreventes em machinas. As diversas oficinas são verdadeiramente modelares; tem-se a impressão de que se está em uma fabrica e não num carcere; os presos conversam livremente com os camaradas de uma tarefa e não como os forçados de um presidio, que inventam combinações para trocar pensamentos. O ar é puro, a luz é limpida, as portas estão abertas, não se vê um soldado, não se percebe um temor nas faces. Das paredes pendem gran-

des mapas mostrando em desenhos e coloridos os perigos do alcoolismo. Os galés empregados na horticultura e floricultura estão nas quintas e nos jardins numa completa liberdade — aparente. No salão de desenho e pintura, ao lado de uma linda aquarella, D*** e eu vimos um retrato do Dr. Campos Salles. Os penados conservam a saude não só pela admiravel hygiene do estabelecimento, mas como pela ocupação do espirito e pelos exercicios de gymnastica. De quinze em quinze dias assistem a um espectaculo de cynematografo onde as fitas contam historias instructivas, viagens interessantes, coisas comicas e ingenuas, e como estribilho, — os perigos do alcool. Como elles frequentam a bibliotheca da prisão, alguns adquirem conhecimentos que muito homem do mundo não possue. Guilherme Ferrero assistiu na Penitenciaria á uma interessante conferencia de um preso sobre a America anti-colombiana. Esse conferencista eu vi fazendo uma carta geografica da Republica Argentina; a sua conducta é exemplar.

— Quem é? perguntei a um dos guias.

— Um sujeito de vergonha; encontrou a irman em um prostibulo e matou-a.

* * *

Depois da visita o Dr. Ballvé, director da Penitenciaria, recebeu-nos no seu bello gabinete, mobiliado e ornamentado com o trabalho dos presos. Desde as primeiras palavras percebemos que estavamos deante de um homem de rara energia mas profundamente convencido do regimen da doçura. Com eloquente simplicidade esse homem, que com tanta nobreza aplica a sua bondade áquelles que a sociedade afasta de si, desenvolveu largamente as suas idéas, enumerou regenerações extraordinarias, defendeu e glorificou o trabalho dos carceres, «trabalho que mantem absorvidas em preocupações honestas e proveitosas todas as faculdades do penado e as suas actividades fisicas durante a maior parte de tempo possivel.» Eu declarei-me encantado, lamentei que no Rio não tivessemos uma instituição assim.

Tudo isso de certo o Dr. Ballvé está acostumado a ouvir; o que elle naturalmente ouviu pela primeira vez foi um elogio como o de D***, franco, sincero, expontaneo:

— Doutor, a Penitenciaria é tão bôa que, si algum dia eu tiver de commeter um crime, venho commetel-o em Buenos Aires...

Montevidéo — Maio de 1908.

THOMAZ LOPES.

As obras contra a secca

EM passado numero desta revista publicamos algumas notas acompanhando excellentes gravuras, representando os grandes açudes construidos no Ceará para a resolução do problema das seccas que periodicamente assolam varias regiões do norte do paiz. Essas obras iniciadas ha largos annos, em cada um consumindo milhares de contos desde os tempos do extincto regimen, pareciam, á falta de um plano resolutamente executado, destinadas a jamais terem fim, como nem uma utilidade traziam ás populações victimadas.

Na passada administração, mercê do coro de reclamações trazidas ao governo, echoando no seio da representação nacional, activaram-se os estudos e varias obras foram emprehendidos ao mesmo tempo em diversas regiões methodisaram-se os trabalhos e sendo creada uma Superintendencia que foi confiada á alta competencia do dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, auxiliado por profissionaes escolhidos.

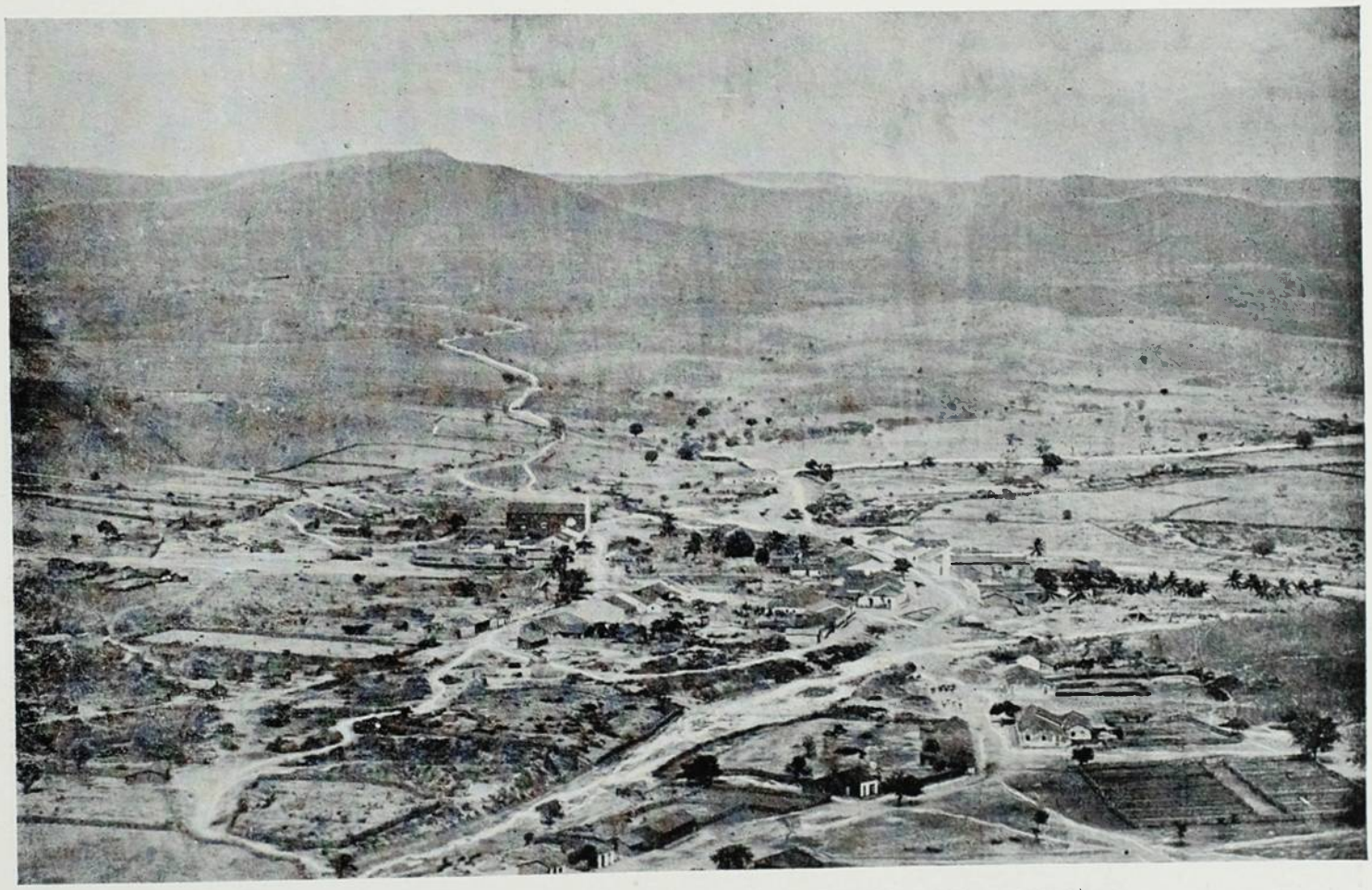
Com a chamada do dr. Miguel Calmon á pasta da Viação e Obras Publicas, esses serviços receberam novo alento.

Dos trabalhos até agora executados, nessa nova phase do combate ás seccas devastadoras de riquissimas regiões votadas ao abandono pelas inclemencias climatericas, publicamos hoje ligeira noticia, acompanhada de gravuras, que, melhor que as nossas palavras mostrarão a sua importancia, e os serviços prestados ás populações flagelladas de quatro grandes e futurosos Estados.

A perfuração de poços, o estudo de açudes e a drenagem do valle de Ceará Mirim occuparam a actividade da Seperintendencia durante todo o anno passado e proseguem urgentemente, prestando já extraordinarios serviços ás populações de vastos trechos dos territorios assollados.

Foi estudado o açude da Soledade, na Parahyba do Norte, a 300 kilometros da capital do Estado, para seis milhões e setecentos e cincoenta mil metros cubicos de agua, orçadas as despezas em 125:000$000.

Na villa de Ingá no mesmo Estado está sendo perfurado um poço que já attinge a 27 metros de profundidade, revestido de tubos de aço de 0m,125 de diametro, por meio de um apparelho Arrault, cujo transporte por sua simplicidade e prompta desmontagem, se torna mais facil naquellas longinquas regiões do alto sertão, desprovidas de todos os meios para esses serviços.



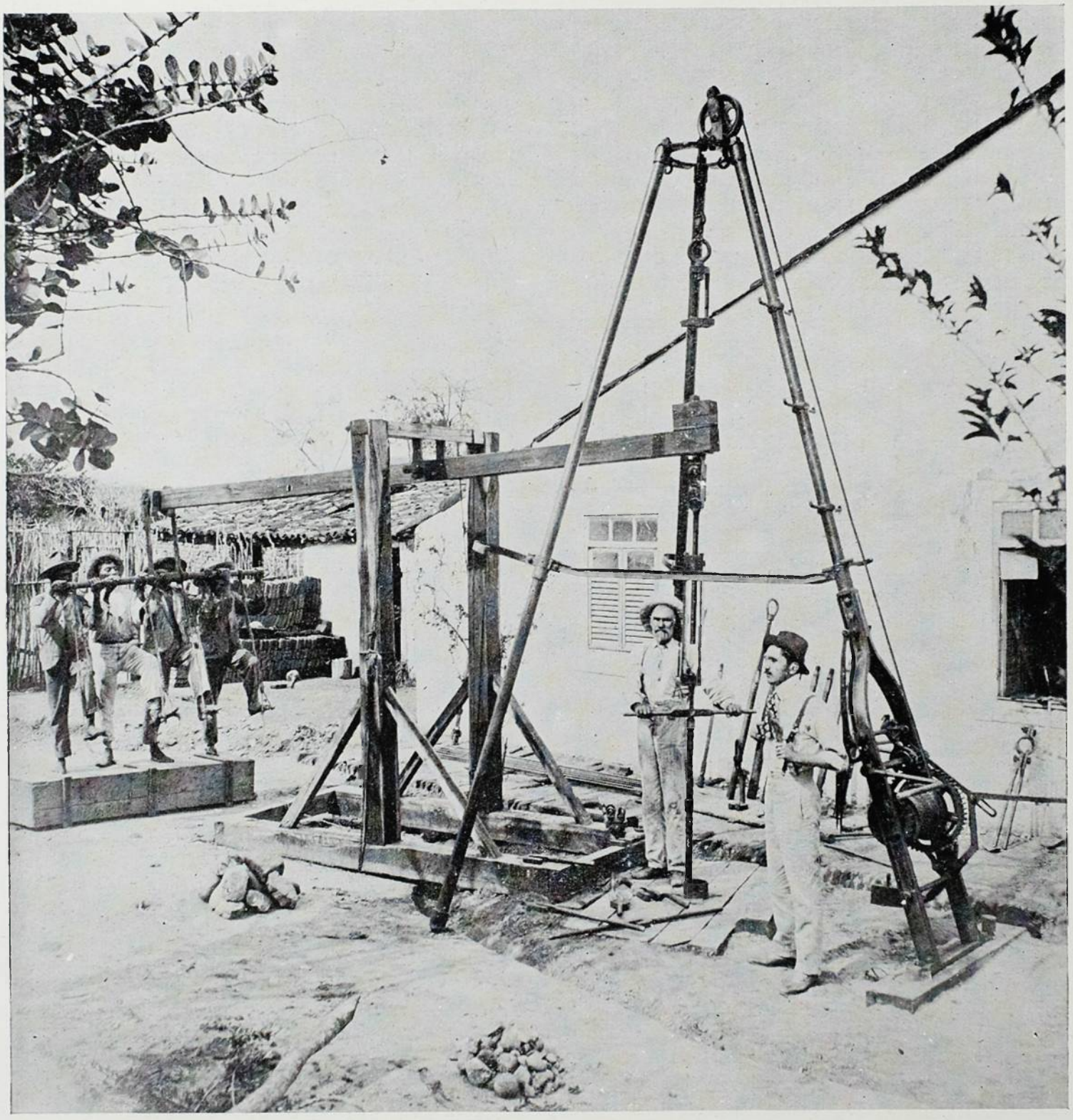
VISTA GERAL DA VILLA DO INGÁ (PARAHYBA DO NORTE)

No Rio Grande do Norte, mesmo na Capital foram perfurados seis poços; destes quatro já prestam relevantes serviços ao abastecimento de Natal.

O primeiro está em terrenos do *Natal Club*, e tem a profundidade de 40 metros; o nivel d'agua vem a 19 1/2 metros abaixo do solo, donde é sugada por uma bomba accionada por catavento e conduzida a um reservatorio com capacidade para 20 mil litros. A producção desse poço é de 3.000 litros por hora.

No bairo da Lagoa foi perfurado o segundo poço, de 37 metros de profundidade, e cedo inutilisado em parte pela areia, que diminuiu a vasão diaria do liquido.

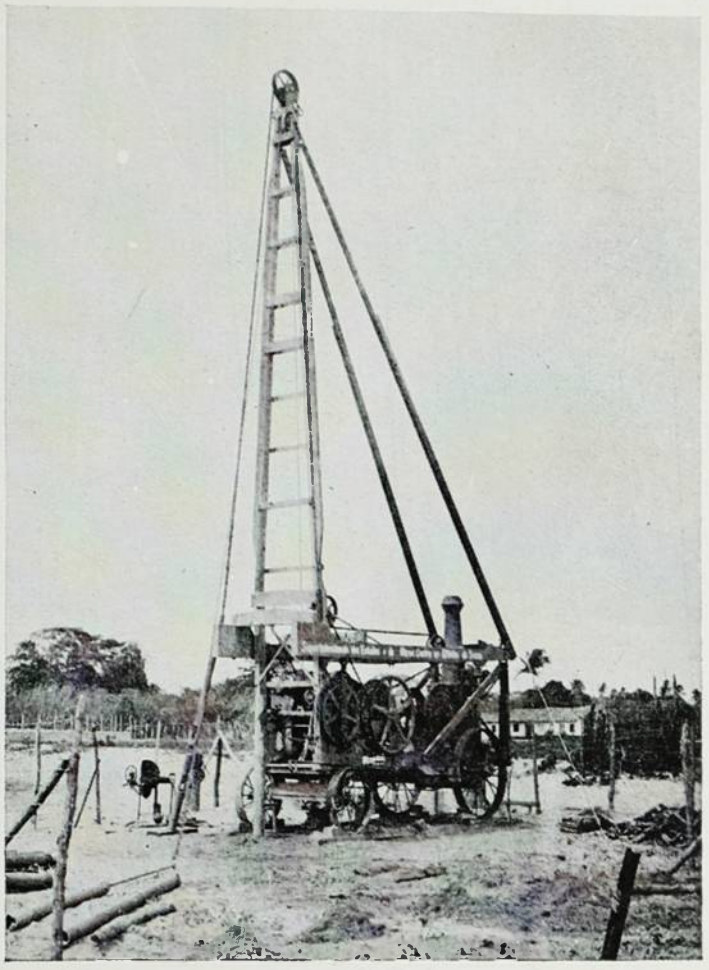
Ao lado deste foi perfurado um outro que funcciona perfeitamente; tem a profundidade de 26 1 2 metros e diametro de 0m,152, o nivel d'agua a 14m,5 abaixo do solo, bomba de sucção accionada por catavento e reservatorio para nove mil litros.



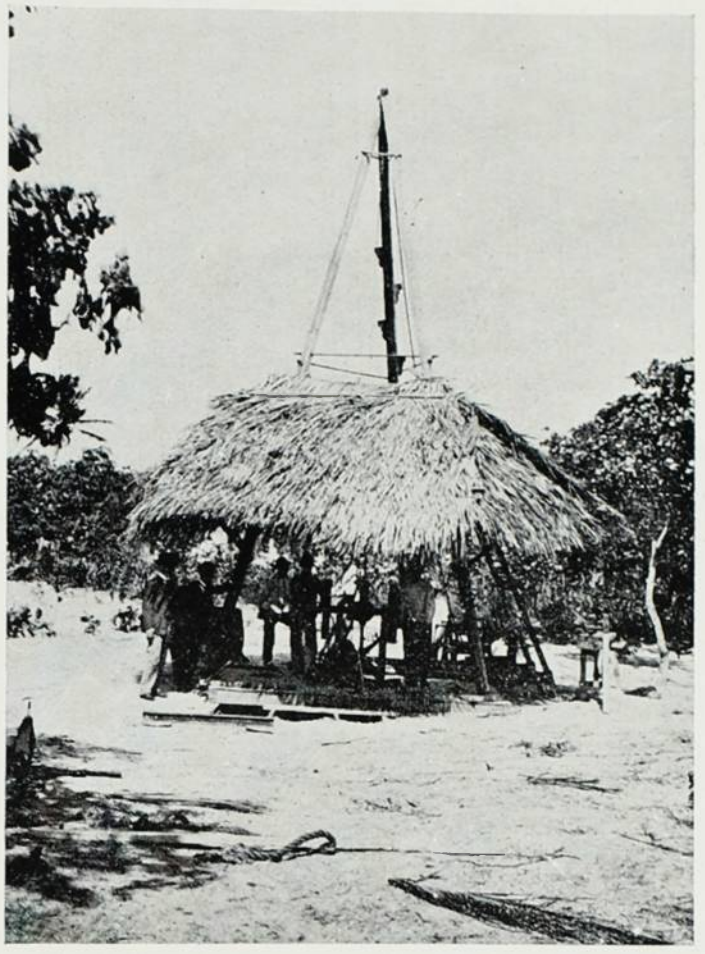
PERFURADOR A MÃO INSTALLADO NA VILLA DO INGÁ (PARAHYBA DO NORTE)

O poço do Lazareto, que abastece o bairro do Alecrim, tem 48 metros de profundidade, e o nivel d'agua fica a 23 metros abaixo do solo.

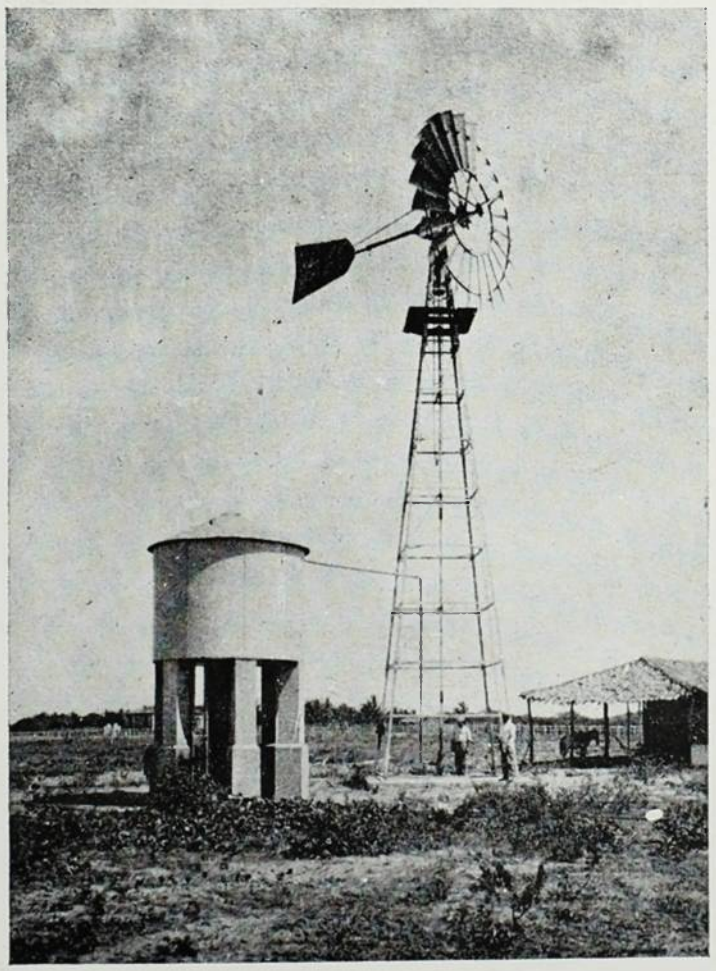
Uma bomba tocada por catavento conduz a agua, cuja vasão é de 50 mil litros em 24 horas, a um reservatorio de 24 mil litros, cons-



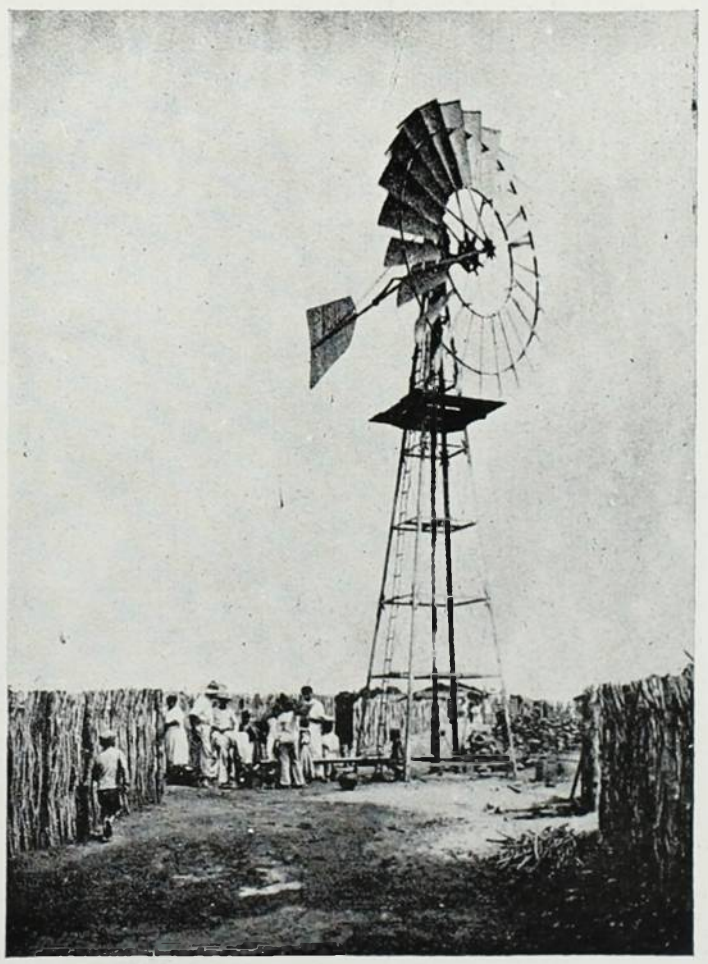
PEFURADOR KEYSTONE INSTALLADO NA ALDEIOTA ARRABALDE DE FORTALEZA (CEARÁ)



PERFURADORA A DIAMANTE E ACCIONADA A MÃO INSTALLADA EM BEMFICA, ARRABALDE DE FORTALEZA (CEARÁ)



PRIMEIRO PÔÇO DE NATAL. PRADO)



OBSERTATORIO DO LAZARETO

truido de alvenaria de tijollo, coberto com tampo de ferro.

Na Avenida Affonso Penna, foi perfurado um outro com 28 metros de aprofundamento, fornecendo 48 mil litros em 24 horas. Um reservatorio de 15 mil litros de capacidade serve de deposito á agua que por meio de um chafariz é distribuida ao publico.

Em Desterro de Potengy, municipio de S. Gonçalo a pequena distancia de Natal, está prestando relevantes serviços um outro poço que continua a ser aprofundado, visto a agua que produz não se prestar ainda sinão á irrigação e consumo do gado.

Estudos estão feitos tambem para a perfuração de um poço em Taipú.

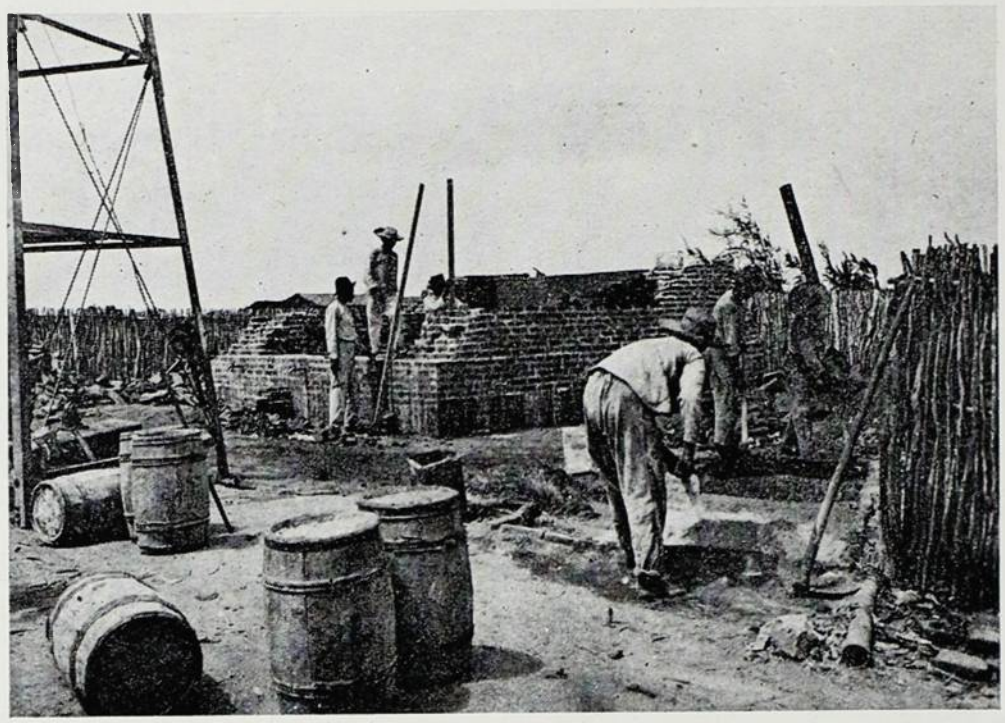
Em Macau a perfuração de um outro attingiu já a profundidade de 54 metros, proseguindo ainda.

Foi estudado ainda, no mesmo estado do Rio Grande do Norte, o valle do Assú, onde se projectam barragens submersas que façam aflorar ao solo as aguas que correm subterraneas na estação calida.

A drenagem do valle do Ceará Mirim, rio cujas aguas extravasando pela obstrucção da foz, torna pantanosos vastos terreno uberrimos, foi ainda objecto de detalhado estudo, já concluido, e que sendo executado entregará á lavoura mais de 4 mil hectares de terrenos excellentes e adubados pelas constantes inundações.

No Ceará tem sido feitas sondagens em pontos diversos, e perfurações de poços para o abastecimento d'agua á capital do Estado.

O poço de Bemfica, em Fortaleza, é o mais



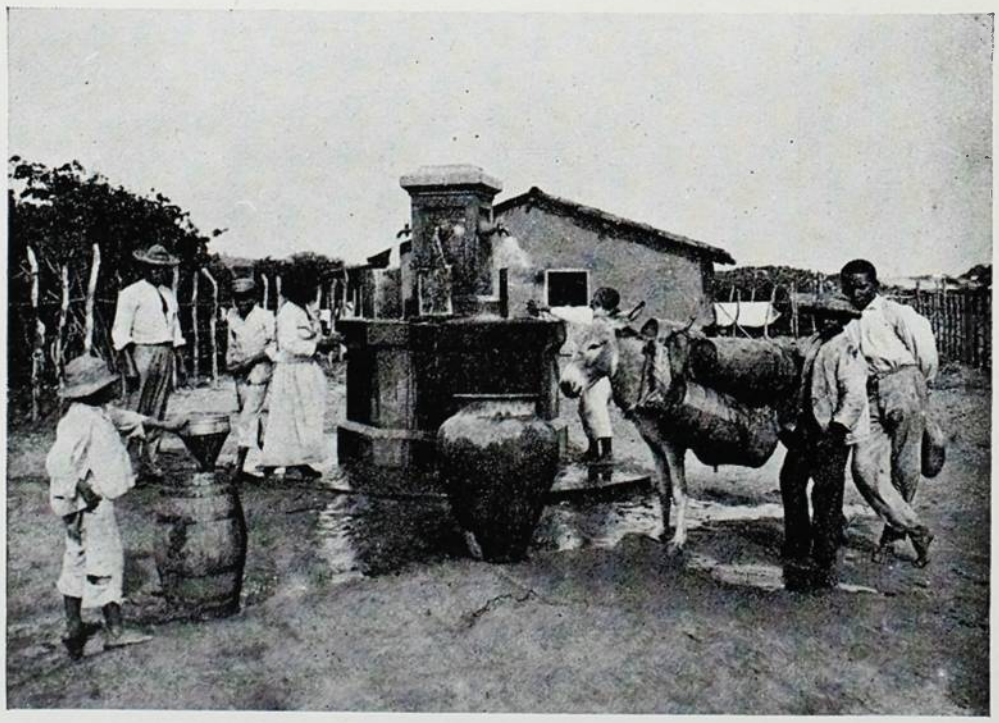
PÔÇO DO LAZARETO

profundo dos construidos pela Superintendencia. A perfuração parou ao attingir 84 metros de profundidade sendo necessario o emprego de uma sonda de diamante para romper mais de 25 metros de durissima rocha.

O nivel d'agua nesse poço, é de 6 metros abaixo do solo.

No bairros de Aldeiota e Praça dos Coelhos foi achada agua em abundancia a 40 metros de profundidade.

Esses dous poços foram já entregues á Municipalidade de Fortaleza para o supprimento á população da cidade.



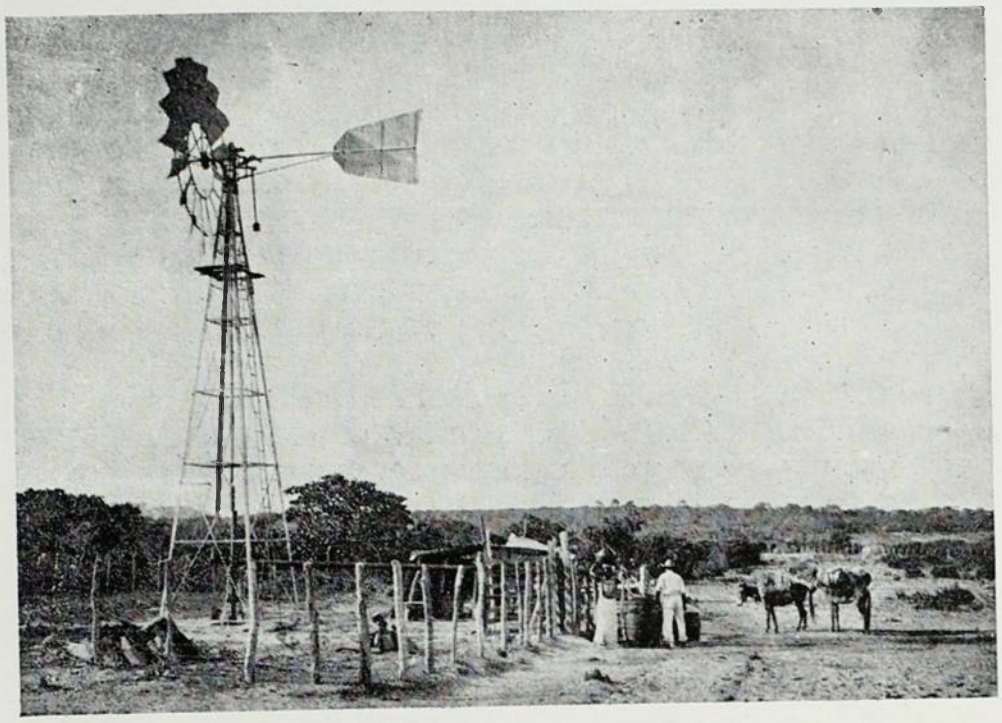
CHAFARIZ DA PRAÇA SENADOR P. VELHO

Em Soure, a 20 metros de profundidade foi encontrada excellente agua potavel. Alem desses, projecta a Superintendencia estabelecer poços de 20 em 20 kilometros na estrada que de Fortaleza e passando por Soure, demanda o sertão do Estado, de modo a que os viandantes não soffram, como até agora, absoluta falta d'agua em centenas de kilometros de caminho.

Ainda em S. Bento, ponto terminal da E. de F. Baturité está outro poço projectado.

Quatro açudes — o do Riachão, o do Sacco do Medico, o de Mocambinho e o de Caio Prado, foram igualmente estudados, sendo que o ultimo orçado em

150:000$000 ficará situado no alto sertão em terras de aridez absoluta.



SEGUNDO PÔÇO — NATAL (LAGÔA)

No Piauhy, auxiliares da Superintendencia tem realiazado varios estudos em diversas zonas.

Em Altos, povoação que fica a 60 kilometros de Therezina está sendo perfurado um poço que já tem 42 1/2 metros de profundidade, continuando as obras que beneficiarão uma grande zona de absoluta aridez.

Taes são em largos traços os resultados obtidos por esse departamento do Ministerio da Viação.

As gravuras que inserimos, darão melhor idéa do modo porque são feitos os trabalhos que beneficiando uma larga zona e a uma população já resignada por longos annos de soffrimentos, concorrerão para o desenvolvimento e progresso de quatro estados da Federação, que dentro em breve não mais verão esse horrendos exodos de creaturas famintas, relegadas para as tradições os horrores do presente.

V.

Pedra da Balisa

CONTRARIAMENTE ao que acreditavam os nossos primeiros cartographos, a linha do *divortium aquarum* entre as duas estupendas bacias do Tocantins e S. Francisco, não é constituida por uma cordilheira corrida, com fortes e alcantiladas escarpas de lado a lado, apresentando altitudes mais ou menos consideraveis; mas sim, em quasi sua generalidade, comprehende extensos e arenosos chapadões, descortinados, onde crescem preciosas grammineas e florescem plantas medicinaes, de agradavel fragrancia.

Postos entre as duas incomparaveis bacias, elles alli limitam posses territoriaes dos Estados de Goyaz, Piauhy, Bahia e Minas, e são o vertedoiro de indefinidas e marulhosas correntes, que procuram os referidos caudaes, directa ou indirectamente.

E' no dorso desse singular planalto, constituido de immensos espigões, que demora a celebre lagôa denominada «Vargem Bonita», cujas aguas, aquecidas pelos calidos raios solares, despenham em direcções oppostas, pagando seu modesto tributo áquellas duas bacias.

Os rios Novo, Diogo, sub-affluentes do Tocantins, e Sapão, tributario do Preto e S. Francisco, teem ali o seu manadeiro principal.

«Vargem Bonita» é o laço de união entre os dous grandes caudaes, ligando duas extensas linhas d'agua, que abrangem uma grande area pela sua juncção na lagoa do Capitão Agostinho, cabeceira do S. Lourenço e do rio das Mortes.

PEDRA DA BALISA

Escala 1.100

Aqui e alli, no dorso rugoso do extenso chapadão, se levantam bellos affloramentos de rocha arenitica, que tomam formas bizarras e esquisitas. Entre todas, destaca-se por suas dimensões e curiosa configuração a denominada «Pedra da Balisa», que os viajores daquellas longuinquas paragens affirmam approximar-se muito da linha divisoria entre Goyaz, Bahia e Piauhy.

E' um bloco de aspecto negro, com tons indefinidos, dados pela vegetação que lhe é peculiar.

Possue dous estrangulamentos, que redusem de muito o diametro de sua secção horisontal basica, apresentando na parte superior duas enormes expansões, que se assemelham a dous appendices corneos.

A altura total não excede de 20 metros, como não attinge esse numero a circumferencia da base.

Outros affloramentos existem semeados na grande chapada, com formas que se assemelham, ora a fortalezas abaluartadas, ora a figuras humanas.

Extensos e regulares renques de *buritys*, communs nessas paragens, lembram forças de infanteria, de bayoneta calada, em linha de parada.

James Wells diz que esses affloramentos parecem indicar o nivel primitivo do chapadão, hoje rebaixado em consequencia das erosões seculares, que se seguiram áquelle estado inicial e primévo.

O excursionista observador e curioso galgando o cume de taes elevações, extasia-se ao contemplar as depressões abruptas que formam as bacias dos dous volumosos caudaes.

A do Tocantins é mais profunda, sombria e longa.

A vista, ao perder-se nesse immenso panorama de virente aspecto, inunda a alma de mysticas impressões, ao mesmo tempo que o silencio profundo, imperturbavel e caracteristico dos desertos a afoga em um terror inexplicavel e indefinido, capaz de despertar-lhe as mais elevadas e inextricaveis cogitações.

Como é bello poisar a vista sobre essa paisagem natural, que se esbate n'uma tela immensa, onde as silhuetas irisantes dos alterosos pincaros se ostentam prenhes de graça e soberbia!

A temperatura ambiente, seria calida e insupportavel, se a brisa temperada, que alli açoita de continuo as campinas agrestes, produsindo nas grammineas o ciciar caracteristico, as não refrescasse.

Flores aromaticas, quasi sempre sarmentosas, de vergonteas espiraes, embalsamam o ambiente de um perfume suave e delicado, que embriaga o *touriste*, dando-lhe a illusão de que tem o lenço impregnado de finos e chics extractos.

Outr'ora corsas ariscas e veados espertos alli apascemtavam; hoje porém, grandes manadas de gado vaccum se criam, em escala de mais a mais ascendente.

O commercio dessa zona é rudimentar, mas já se vae desenvolvendo, graças ao serviço de navegação do rio Preto, hoje feito até S. Marcello, na foz do Sapão. Toda a producção dessa

rica e fecunda região se escôa pelo Tocantins, rumo de Belém do Pará, até que se construía a estrada de ferro ligando Formosa á Porto Franco do rio do Sonno.

Operada essa ligação, seguir-se-á o deslocamento desse escoadoiro, que se encaminhará para o porto da Bahia.

Quando uma linha directa ligar Formosa á S. Salvador, então terá cessado por completo o commercio com o porto de Belém.

Essa bella e encantadora planura de onde se avistam os profundos e sombrios vãos de S. Francisco e Tocantins, está destinada a ser, em futuro proximo, um grande campo de criação e séde promissora da industria do xarque.

Arvores de limitadas proporções, sobresaindo entre ellas a mangabeira, explorada pelos *seringueiros*, ensombram as nutritivas pastagens, dando guarida á criação nas horas de maior intensidade thermica.

Aguadas magnificas, de puro chrystal e sabor agradavel, abastecem tão encantadores sitios, que asssim se prestam a formação de nucleos de população.

A «Pedra da Balisa» não é o unico affloramento arenitico que alli irrompe do solo, como já disse; outros ha sob formas bellissimas, que tomam o aspecto magestatico de figuras humanas, perdidas na vastidão da chapada, impassiveis á acção depredadora das intemperies.

Ha um ponto em que os affloramentos se tornam mais frequentes, pelo que se lhe denominou – Figuras.

A «Pedra da Balisa», como os leitores veem no desenho aqui reproduzido, é de um porte bizarro e suggestivo, trabalho secular dos agentes atmospphericos sobre um bloco arenitico de desigual cohesão. Atacado normalmente, porem, resistindo heterogeneamente á acção erosiva dos elementos desaggregadores, ella tomou essa forma curiosa, que lhe dá apparencias de um monstro horrendo.

O viajante desapercebido, ao defrontal-a, experimenta um timido receio por sua vida.

O monstro como que está em posição erecta, aguardando a victima incauta para aprêsal-a e saciar os seus instinctos maos e vorazes.

Reconhecido que seja, se converte em objecto de sua curiosa observação, pela singularidade de sua forma, côr e rugosidades da superficie.

E eis como as nossas cartas se fazem, por meras presumpções, muito longe de representar o facies da zona que descrevem ou procuram espelhar.

Nem sempre a divisão de aguas das grandes bacias se faz por serras desenvolvidas; e eu mesmo conheço a que no centro do paiz limita as do Amazonas e Prata, que é feita por uma bonita chapada, onde tive opportunidade de vêr, em occasião de chuvas. as aguas pluviaes correram indecisas para uma ou outra dessas bacias.

Refiro-me a chapada dos Olhos d'Agua, de que contravertem o rio dos Bois e o Uruhú, este cabeceira do Tocantins, aquelle tributario do Paraná.

O visitante a quem a *Kósmos* deve as primicias do bello desenho que ora estampa, é o illustre Dr. Joaquim de Cerqueira Carvalho, engenheiro alli enviado para reconhecer a zona.

EDUARDO SOCRATES.

NO EXTREMO ORIENTE

PELO

Capitão Moreira Guimarães

Addido militar do Brazil no Japão

durante a guerra russo-japoneza

Acha-se á venda na Rua da Assembléa, 62

E em todas as Livrarias

RIO DE JANEIRO

O 1º RELOGIO DO MUNDO

LA 1ère MONTRE DU MONDE

CHRONOMÈTRE ROYAL

Vacheron & Constantin Genève

Unico representante para todo o Brazil: A. CAMPOS

CASA STANDARD — **OUVIDOR 72**

Venda sem accrescimo algum por meio de CLUBS

GRANDE NOVIDADE

CLUBS

DE PIANOS RITTER

PIANOS RITTER DE HALLE

PREMIADOS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS·1900

Inscripções na CASA STADDARD

Ouvidor 72

12$000 POR SEMANA

O melhor piano pelo menor preço

O PRIMEIRO CLUB DE PIANOS NO BRAZIL

Anno V

Numero 6

JUNHO DE 1908

KOSMOS

SUMMARIO

Exposição Nacional	Gravuras
A Invasão Amarella	Celso Vieira
Melancolicamente	Cunha Mendes
A Musa Anonyma	Mario Behring
Eugène Loudun	Dr. Cesar Vellozo
O Primo Basilio	Gonzaga Duque
Na Fronteira	Dionisio Cerqueira
Buenos Aires	Thomaz Lopes
Arredores de Manáos	Gravuras
Poços de Caldas (cachoeira grande)	Gravura
Recordações de Viagens	Eduardo Socrates
Pavilhão da Exposição Preparatoria de S. Paulo	Gravura

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos

---

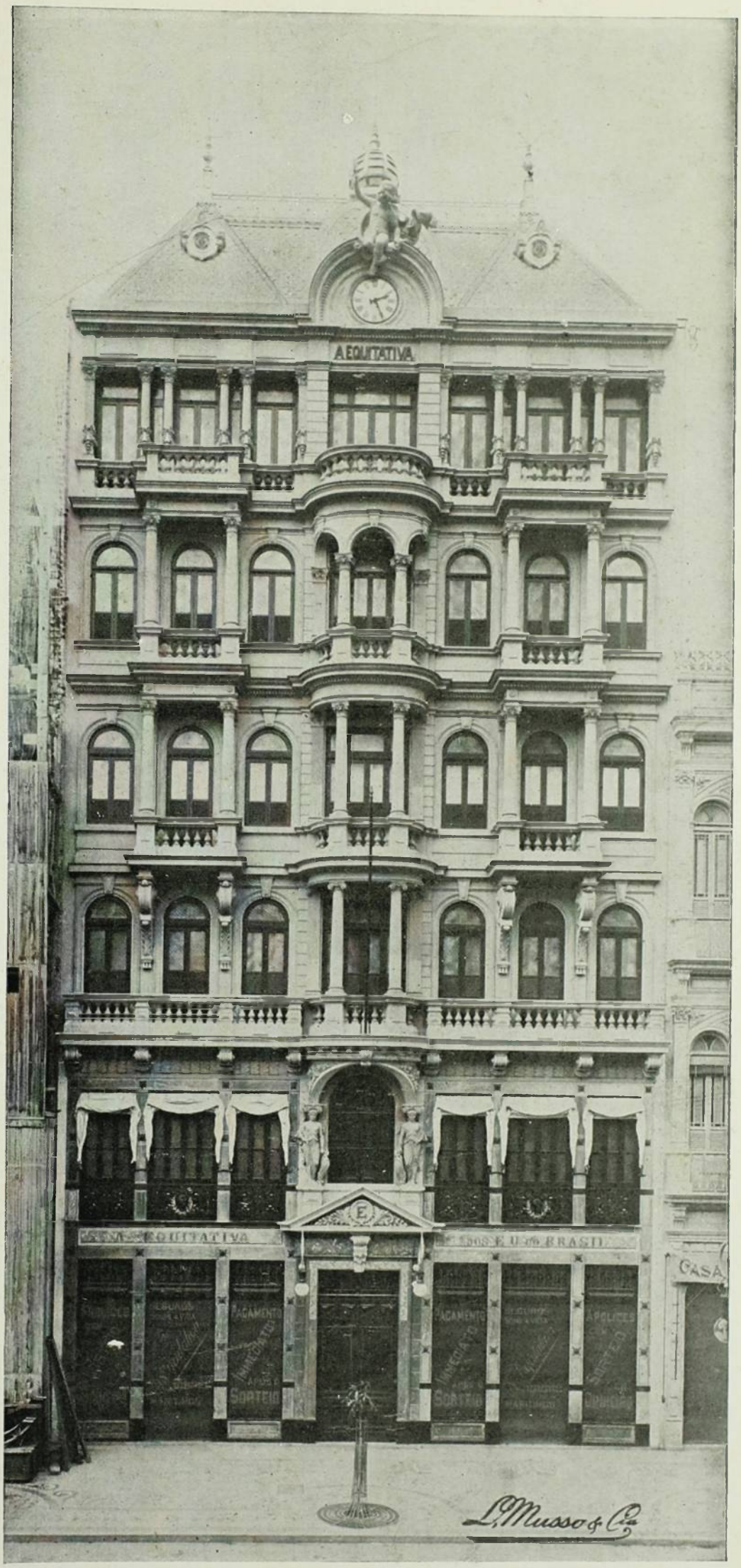
Agencia em todos os Estados da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 9, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO, 22 DO CORRENTE

181 — 2º

Por 6$300 **100:000$000** *Por 6$300*

CAIXA POSTAL N. 41

38 — Rua Primeiro de Março — 38

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 10

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO V | JUNHO 1908 | N. 6

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

AOS NOSSOS LEITORES

AOS nossos assignantes e leitores pedimos desculpas pela demora que tem havido na publicação dos ultimos numeros desta revista, devida a motivos alheios á nossa vontade e que julgamos agora desapparecidos.

Com o proximo numero de Julho regularizaremos de novo a sua publicação, de forma que possa *Kósmos*, como até agora, surgir com a pontualidade a que habituou os seus apreciadores.

Os numeros de Julho, Agosto, Setembro e Outubro trarão vistas completas da Exposição Nacional, photographias dos pavilhões e de seus mais interessantes aspectos, de sorte que os leitores dos Estados possam fazer idéa segura do que foi a nossa primeira grande feira.

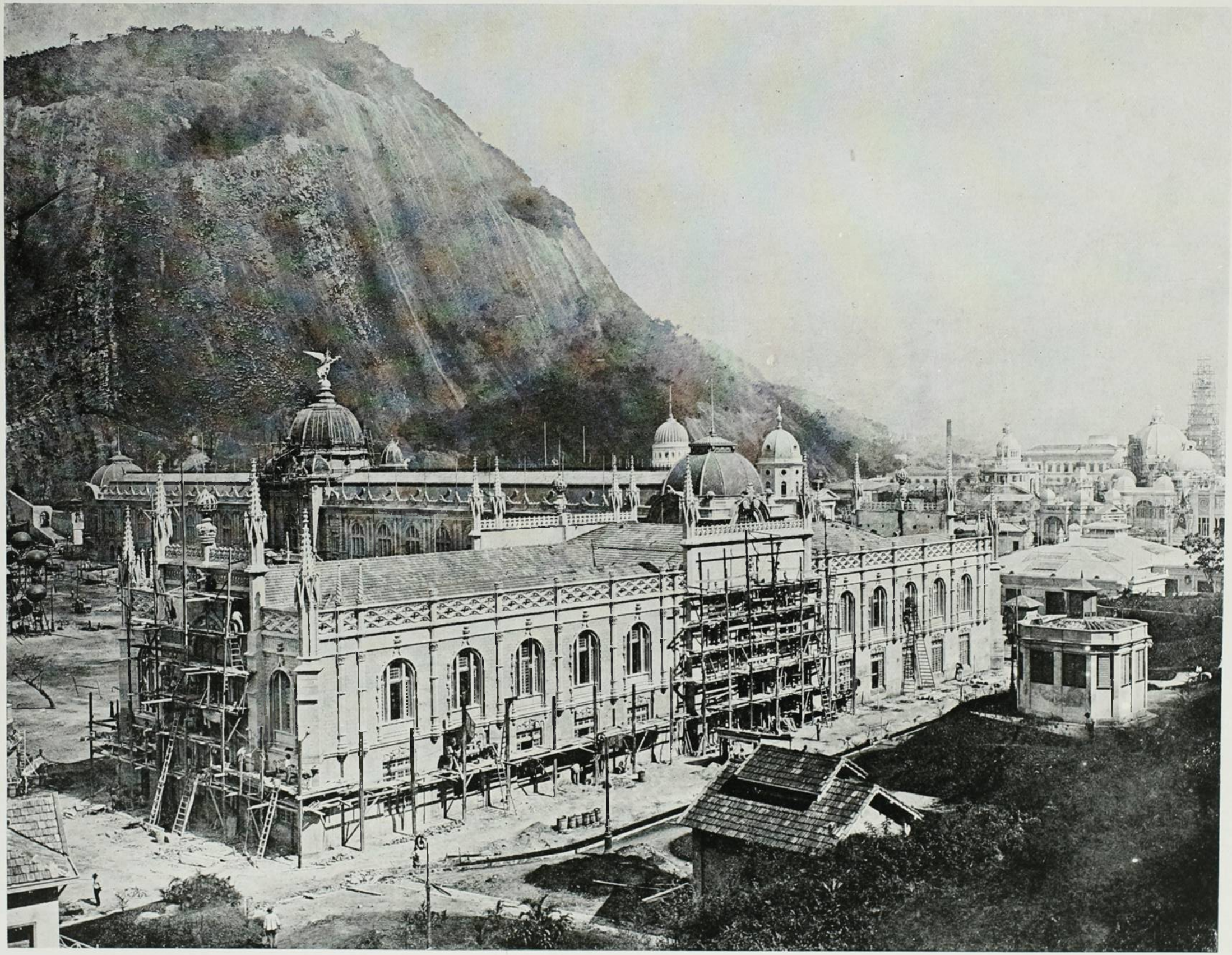
Os innumeros clichés que temos preparado e iremos executando emquanto a Exposição estiver aberta, formarão um verdadeiro album, á vista do qual far-se-á perfeita idéa do grandioso certamen, perpetuando nas paginas de *Kósmos* o resultado conseguido pelo esforço do actual governo na sua organização.

E com essa explicação, julgamos que nos seja relevada por nossos leitores a falta commettida.

Exposição Nacional

ASPECTO DAS OBRAS

Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS

A Invasão Amarella

OS primeiros mongoes encommendados ao sr. Rio Midzuno dispersaram-se nos cafezaes de S. Paulo, emquanto o silencioso vapor que os trouxe, demandando agora silenciosamente o porto donde largou com essa primeira carga de povoadores do solo, vae abarrotar-se de outros para os despejar, silenciosamente ainda, neste deserto Brasil. Tudo em silencio, na paz como na guerra... Aos centos, aos milhões, elles inundarão assim lentamente, pausadamente, as florestas, as villas, as cidades, multiplicando-se por toda a parte o homem de face glabra á medida que recuarem os limites da singular experiencia, e as familias aqui estabelecidas pelo contracto se reproduzirem, como entre os japonezes é de praxe, com a fecundidade assombrosa das cobayas, e accrescerem á tribu mongolica novas familias, innumeraveis, na plenitude alacre da mesma força reproductora...

Emfim, sob a influencia bizarra da cultura shintoista do Extremo Oriente, evoluiremos desta vez para um typo de absoluta pureza ethnica e de perfeita unidade nacional. Cruzamento nunca d'antes sonhado! Crystallisação radiosa nas entranhas da Terra Promettida! O carvão africano a converter-se e rutilar no diamante amarello...

Para nós, que medravamos sobre a ruinaria da cidade greco-romana, a velha cidade esboroada e morta, sem outro sonho que esse velho sonho de progresso e de belleza transfigurado no christianismo, um banho lustral de civilisação asiatica é um resurgimento á luz da aurora e ao vir da primavera. Nas turvas origens da nossa mestiçagem pesava a tremenda calamidade da raça branca e — porque não o diremos? — sempre nos affligiu esta aristocracia da especie mesclando-se á pelle negra e á pelle vermelha com que se resguarda e se ufana o arcabouço da nacionalidade. Que os Estados Unidos, seleccionando os factores da sua prole, tenham os seus destinos vinculados á irradiação planetaria dos brancos; que os rudes senhores do novo mundo contraponham, no orgulho da sua linhagem saxonia, a muralha de aço da frota Evans á tumultuosa corrente nipponica. A bandeira das listas e das estrellas immerge no crepusculo de povos decahidos, amortalha a tristeza das raças cuja vitalidade se exhauriu, cuja trajectoria se perfez. Mais previdentes e sabios, adstrictos ás leis do nosso heliotropismo, voltamo-nos para o imperio do Sol Nascente, para o japonez remoçado e impetuoso, a quem offerecemos as primicias da terra virgem e abrimos o coração hospitaleiro. Deslumbra-nos o shintoismo com as suas dansas, as suas mascaras, as suas pequeninas sacerdotisas movendo-se airosamente, na invocação dos genios tutelares; já o arroz propiciatorio fumega, do rio Paraná ao rio Negro, para as offerendas rituaes sobre o altar dos antepassados; e ao nosso enthusiasmo de conversos não bastariam os trezentos mil templos, santuarios e capellas em que André Bellessort viu florir o espirito religioso do Japão.

* * *

Direis que a pilheria é inopportuna, que esse contracto vale por uma grande promessa e uma grande esperança. Immobilisados sobre a enorme base territorial de uma riqueza illusoria, todo o nosso esforço ha de convergir para acquisição dos outros elementos em que se integra o conceito economico — trabalho e capital. Este, máo grado a usura do argentario semita e a perfidia incoercivel do *Financial News*, será obtido nas praças da Europa, cujo mealheiro transborda sobre o infinito campo de exploração dos paizes novos, e aquelle nas collinas da Asia, onde as reservas humanas se accumulam e extravasam. Com effeito, nada mais simples. A terra natal carece de braços, e a garra japoneza alonga-se para o seu cultivo, para semear, produzir e recolher. Quem desconhece as qualidades excepcionaes do immigrante japonez, a sua capacidade, a sua energia, a sua resistencia, o seu espirito disciplinado e laborioso? Se o isolamos como operario ou lavrador, elle ó typo ideal do homem que se explora desattentamente e que nunca se queixa, nem se rebella contra a mesquinhez do salario e o peso do fardo. Como povo, bem conhecemos o valor do japonez enroupado á moda européa, desde que ao feudalismo dos samoraes e daimios pomposos mas inuteis sobreveiu uma democracia ajoelhada aos pés do Mikado. Em vinte annos o Japão assimila destramente o que o genio aryano vem creando num doloroso trabalho de longos seculos. As suas virtudes heroicas desafiam a China — e abatem o imperio dos mandarins; desafiam a Russia — e levam á paz de Portsmouth o imperio dos cossacos. O culto da Patria e o culto da Morte retemperam a alma japoneza, fortalecem-na para as supremas façanhas da epopéa, e ante os seus milagres de pertinacia, impavidez, temeridade, mal comprehendemos que a pobre argila humana ainda tenha essa vibração gloriosa numa épocha de gente egoista e pacata. Façamos aos nippões as honras da casa: ha logar para todas as grandezas no despovoado seio da America latina.

Tudo isso direis a quem assignalar com azedume ou brandura as consequencias fataes desse acto inicial de occupação da nossa terra pelo mongol recem-vindo. Ora as qualidades nipponicas se me representam da mesma sorte apreciaveis, mas localisadas no Extremo Oriente, porque não poderei nunca dissocial-as do organismo nacional que as enfeixa e concentra. Alguem observou exactamente como o japonez só adquire personalidade após a morte, constituindo em vida um atomo dessa molecula social — a familia. Seria justo accrescentar que a sua tradição religiosa e heroica subordina o conceito de familia ao de patria e que, emigrando, a imperceptivel unidade nunca se desaggrega moralmente do originario e homogeneo systema de forças. Ella continua a gravitar para o mesmo destino, com os mesmos sentimentos, as mesmas idéas, os mesmos caracteres e prejuizos de raça, transmittidos inalteravelmente á sua descendencia. Irreductivel a todo o processo de assimilação, por toda a parte synthetisa o arrogante exclusivismo japonez; e onde os mais heterogeneos elementos se agrupam, se combinam, se identificam, a universal tendencia é para fechar a porta a essa indole avessa a qualquer solidariedade, a esse hospede incapaz de qualquer sympathia.

* * *

Ides agora ver como se approximam e se enlaçam os nossos reciprocos interesses.

Annualmente, no Japão, os nascimentos excedem os obitos numa estonteante cifra de 700.000 almas. E' um grupo de algarismos que desconcerta a judiciosa abstinencia dos malthusianos e faz sorrir o parisiense incredulo, mas na realidade é assim: taes cousas, em Yokoama e Kobé, não se passam como em Paris e Marselha. A estatistica desvaira, consignando o vertiginoso crescimento em que a seiva humana eguala o prodigio das seivas tropicaes. Inaudita fecundidade! Cada manhã, invariavelmente, ha 1900 ou 2000 japonezes a mais sobre a população da vespera, e como nas agoas de viveiro asiatico se revolve o furioso cardume, á procura de uma sahida, o japonez emigra sem cessar, prolifico e terrifico... Sob a propria bandeira do Japão agora se distende a Coréa, o tumultuoso reino peninsular da *Serenidade Matutina*, onde se esbordôam protectores e protegidos, mas na Coréa o processo de multiplicação amarella é tambem escandaloso. A Mandchuria, immensa, offereceria um bello pasto verdejante ás hordas famelicas se alli não estivesse o formigueiro chinez. Toda aquella zona, porém, se reduz a um grão de areia onde o chinez fervilha. E escorraçado o japonez da costa americana do acifico, repellido da Siberia, da Australia, do Canadá, onde a população vae tendo a respeito desse immigrante os mesmos sentimentos que explodiram em S. Francisco da California, apenas resta um desaguadoiro á enchente humana da Asia... Foi o que disse no seu curso da Sorbonne, um curso fundado para os americanos por J. Hyde, o douto professor Archibald Cary Coolidge, da universidade de Harward, cujas lições nos apparecem compendiadas e traduzidas em francez, sob o titulo de — *Les Etats Unis — Puissance mondiale* — com elucidativo prefacio do eminente Leroy Beaulieu: «Não resta aos japonezes senão a America latina, onde a perspectiva é melhor; ainda assim os Estados Unidos, comquanto só indirectamente se manifeste aqui o seu interesse, poderão ser levados mais tarde a *complicações desagradaveis.*»

* * *

Porque as terras da America latina convidam e seduzem os nippões, explica-o succintamente o douto Archibald, homem de vasta erudição e vasta experiencia, flôr do saber universitario dos Estados Unidos. Ellas são ferteis, amplas, mal povoadas. A excellencia do clima não é menos tentadora que a exuberancia das riquezas naturaes. E quem domina essas collinas suaves, as terras incultas desse maravilhoso continente? Archibald revela-o sem difficuldade aos japonezes, que lhe agradecem por certo a inestimavel revelação: «O que se lhes depara de onde em onde é uma população indolente, mistura de tres raças, a branca, a negra, a vermelha, incapaz de manter nessa ordem de relações a attitude sobranceira do anglo-saxonio.»

Extraordinaria a linguagem do sabio, mais amigo da verdade que nosso amigo... Ingenuos e vaidosos, affeitos á doçura e á caricia da phrase de Elihut Root, bem depressa olvidaes que mestre Archibald não está discursando no palacio Monroe, a serviço da causa pan-americana, mas leccionando na Sorbonne, onde não foi contractado para nos dizer cousas amaveis. Deixemos entretanto o commentario da vaidade ao Ecclesiastes e sigamos Archibald no rastro dos japonezes: «Elles começam a estabelecer-se no Chile e no Perú, sendo ahi bem acolhidos: ultimamente assignaram com o Brasil um tratado para introducção de colonos, mediante concessões de lotes agricolas. Uma linha japoneza manterá communicações directas entre o imperio do Mikado e os grandes portos da America do Sul. Em taes condições é provavel que, nesses paizes, a immigração nipponica se desenvolva em larga escala, e beneficio immediato de todos os interesses.»

Mas não rejubilemos apressadamente á vista dos beneficios immediatos, que logo se retrahem e se dissipam, com a superveniencia de males inevitaveis.

«A presença de um grande numero de japonezes, mesmo nos territorios de população escassa da America latina, poderá occasionar cedo ou tarde uma certa agitação. E ella sobrevirá tanto mais depressa quanto mais rapida fôr a prosperidade dos japonezes. A hypothese, aliás, nada tem de improvavel, pois que elles já se ergueram á altura de uma concorrencia muito mais seria que a do sul-americano. Desarrazoado é suppor que os japonezes previnam essa hostilidade, mercê da sua modestia, ou por uma assimilação a breve trecho. Com effeito, nos Estados Unidos, onde taes immigrantes se confessavam nossos discipulos, as recriminações mais frequentes visavam o seu orgulho insupportavel. Que succederá, então, nos paizes onde os japonezes vão entrar levando a certeza de uma superioridade incontrastavel sobre os indigenas? Quando á sua assimilação, se é difficil prefigurar a metamorphose dos japonezes em *bons americanos*, ainda se faz preciso um esforço maior de imaginação para os conceber transformados rapidamente em peruanos ou brasileiros. Por outro lado, elles não se deixariam tratar no Brasil como se fossem chims. Ora a experiencia nos demonstra que em certas republicas latinas os direitos dos estrangeiros nem sempre são respeitados. E uma certeza devemos ter: o governo de Tokio jamais deixará de proteger os seus nacionaes em qualquer parte do mundo, jamais permanecerá de braços cruzados quando se fecharem, uma por uma, todas as portas. Deante de um poder como o dos Estados Unidos é comprehensivel a sua moderação, e até mesmo a sua bôa vontade em ajudal-o a sahir de uma situação difficil, mas outro seria o caso, tratando-se, por exemplo, de qualquer medida affrontosa que partisse do Equador. E' crivel que o Mikado acceitasse uma lei de exclusão dirigida contra os seus subditos? Custa imaginal-o...»

Se os nossos agentes de propaganda rectificarem o erro ou a malicia de Coolidge, sobre o tratamento dispensado pelo Brasil aos chins pois imitámos apenas os Estados Unidos prohibindo a sua entrada e não nos accusa a consciencia de haver enforcado algum delles por estas paragens), nada mais temos a oppôr aos seus formidaveis assertos.

Eis o que a sabedoria e a experiencia nos annunciam, recolhendo os amargos fructos da immigração japoneza. Desse contacto surdirá necessariamente o conflicto.

Ainda mais irreductivel ao nosso typo que o allemão de Blumenau ou de Joinville, e ainda mais orgulhoso que este ao invocar o explendor e a solidez do seu poderio, o homunculo da Asia modernisada em vinte annos resiste á força absorvente de uma civilisação feita de vida intensa como a dos Estados Unidos, e quando se afasta da sobrehumana tarefa o proprio *yankee*, desilludido ou, melhor, desalentado, não extrahiremos por certo da raça amarella o brasileiro catholico ou positivista, fiel á bandeira auri-verde e ao pacto de 24 de Fevereiro. Deslocado o mongol da lavoura para a industria, ou mesmo naquella esphera, a immensa reducção dos salarios, correspondente á das suas necessidades materiaes, suscitará o protesto, o sobresalto, a revolta do trabalhador europeu e do trabalhador nacional, sem que possamos talvez remediar toda essa desorganisação economica, impondo ao Mikado as razoaveis clausulas de um accordo semelhante as que fez cessar o panico de S. Francisco da California. E não permittindo a severa doutrina de Monroe, aliás variavel com o espirito do tempo e as idéas do governo, como ensina o proprio Archibald, que os norte-americanos se conservem alheios a taes movimentos, já o tio Sam vae franzindo o sobr'olho e apercebendo-se para uma vigilancia mais obsequiosa em torno das republicas latinas do continente. De resto, se o japonez temerario e ambicioso chegou a idealisar sob o prestigio mundial das côres americanas o *Shin Nippon* (*Novo Japão*), porque não se entregaria aqui ao sonho de um Japão ainda mais novo e mais plausivel, dadas as nossas condições de inercia e de inferioridade, a juizo dos sabios professores de Harward, transplantados carinhosamente para a Sorbonne?

* * *

Algumas palavras de Leroy Beaulieu, no prefacio ás lições de Archibald Cary, ajustam-se maravilhosamente aos nossos ensaios de colonisação japoneza:

«Os Estados Unidos devem a sua grandeza, como a sua existencia, á immigração. Suspendel-a, é deter voluntariamente o prodigioso impulso da sua população e da sua riqueza. Os mais clarividentes e os mais ponderados não o ignoram: todos os americanos, porém, desejam que os Estados Unidos permaneçam (tanto quanto o permittem os negros do Sul) um povo da raça branca.»

«Não que elles considerem os «amarellos», sobretudo os japonezes, como productos de raça inferior: ao contrario, dos japonezes se arreceiam os operarios americanos, em geral, como de perigosos concurrentes. Mas operarios e politicos não divergem quando se trata de

evitar que os formigueiros humanos do Extremo Oriente façam da California e dos estados visinhos uma colonia asiatica.

E alli o perigo é real; neste sentido o «perigo amarello», vão espectro para a Europa, constitue para a America uma verdadeira ameaça.»

* * *

Ora o Japão deixou ha muito de ser um exotismo que se cultiva em romances frivolos ou se collecciona em fulgidas laccas. Nelle alvoreceu a consciencia de uma tremenda força obstinada e silenciosa, crescendo, alargando-se, expandindo-se á face da terra, com aspirações universaes de gloria e de poder, a exemplo dos grandes imperios planetarios a que a visão prophetica de Carlyle attribuiu a hegemonia do mundo. Se o conhecesse nesta hora de transformação, de accrescentamento, de perseverança inflexivel, de esforço e aventura, o rigido puritano do *Past and Present* addicionaria essa unidade temivel aos quatro povos *mudos e graves*, que um dia estabelecerão a conquista sobre o cháos, subjugando os amorphos, ociosos e tagarellas que enxameiam na sua nuvem de pó.

Mas não ouçamos Archibald Cary nem Leroy Beaulieu—e cultivemos delirantemente o japonez...

CELSO VIEIRA.

MELANCOLICAMENTE

I

CARLOS BRUNO, terminado o jantar, ficou de pé, debruçado da varanda, contemplando tôrres de egrejas, tectos de edificios, recantos de aguas e linhas de montanhas.

Do hotel, situado em Santa Thereza, era-lhe de costume admirar aquelle panorama e, porque a luz do crepusculo impregnava de melancolia a bellesa do scenario, elle permanecia em silencio, embebendo-se da tristesa, espalhada por céus terras e mares.

E foi ao morrer da tarde, avermelhada pela angustia do sol agonisante que Carlos, vendo um paquete sulcar as placidas ondas, teve um repentino estremecimento, projectando-se-lhe na téla da memoria a claridade de uma recordação esbatida por entre as sombras de um longe passado.

Acontece do mesmo modo a quem, escutando um trecho musical em momento de felizes amores e tendo-se afastado por successivos annos da mulher querida, vae descuidoso pelas ruas a fóra, quando de subito aquella musica, ouvida em tempos de alegria, lhe desperta o coração, accordando inesperadamente a saudade de remotos prazeres.

Recapitulando o livro dos extinctos idéaes, acompanhava com olhares melancolicos a marcha do navio que, demandando a barra, deixava atraz de si a esteira de espumas, embaladas pelas ondas e, em poucos minutos, desfeitas. Vão-se assim os humanos em busca da felicidade: poucos alcançam, por sob a cúpola de um céu radioso e por sobre a prateação de um mar tranquillo, o porto das venturas; muitos, condemnados desde a infancia a naufragios, desenrolam pelo sinistro percurso a esteira de lagrimas, luctam contra as tempestades, lançam ao pélago as bagagens de esperanças e, si não são tragados pelas furias dos vagalhões, encontram desfallecidamente o amparo em praias desertas. E, ferindo mais tarde os pés por inhóspitas e tortuosas estradas, arrastados por novos desesperos, tombam nos tumulos.

Dominado por esses pensamentos, evocava a hora em que partira de Santos em rumo do Paraná, investindo o «Aymoré» contra as ondas e ventanias. Lá repousavam, immoveis e enjoados, um conego, um official do exercito e diversos passageiros, destacando-se a senhora de olhos azues, cabellos louros e boca enflorada por leve sorriso.

Era Esther.

Ella, o seu filinho Gil e a sua progenitora, de cabeça ornada pelos fios de prata e de olhos profundamente meigos, dirigiam-se para Santa Catharina, evitando durante a viagem quaesquer diversões com os passageiros, passeando agora os olhares pelas visinhanças de Cananéa e contemplando em seguida os tons alvos da casaria, entresachados das côres verdes e escuras do arvoredo.

Houve a bordo um rapido movimento de manobra, descendo com violencia a ancora.

O «Aymoré», horas depois, deslisou, manso, muito manso, pelo rio da Ribeira cujas margens verdejantes, numa festividade primaveral, pareciam sorrir á bellesa diaphana do firmamento.

Surgiam, por ali e por além, humildes choupanas de pescadores; um brigue, de velas enfunadas, navegava ao longe; uma pedra, cercada pelas aguas, supportava desoladamente a soledão do captiveiro e da esterilidade; e as gaivotas, de pennas brancas e escuras, voavam por sobre as ilhotas, cobertas de frondosos vegetaes, pousavam no liquido elemento, atiravam-se aos espaços, aproximando-se e fugindo do paquete.

Esther, no tombadilho, estirada sobre a cadeira, scismava.

Ao vel-a naquella posição de indolencia, Carlos Bruno achegou-se, emmarando-a em teias de elogios e distrahindo-a com os commentarios de narrativas alegres. Ella permittia-lhe a liberdade, visto que o seu esposo e Carlos, unidos pela camaradagem de muitos annos, a haviam affeito ao jôgo de elegantes palavras, sem uma inconveniencia quebrar jamais a linha do respeito, ou accentuar uma intenção maliciosa.

Assim era que, entre Esther e Carlos, nunca a simples e passageira leviandade de gestos suggirira a hypothese de traição á honra de Eugenio Breves que, abrindo ao amigo as portas do lar, lhe conhecia a firmesa de caracter e sentimentos.

Convidado a advogar em Curityba os interesses de uma casa commercial, Bruno viajava por méro acaso com a familia de sua intimidade, procurando ser-lhe util nesses dias de convivencia e distinguindo-a com a jovialidade de suas phrases.

II

Não foi a curva dos seios — uma curva de epiderme clara e uns seios de encanto verginal; — não foi o torneado da perna, em flagrante insolencia de bellesa, vedada ao strabico olhar da concupiscencia; não foi aquelle abandono, dando-lhe ás fórmas uma vaga expressão de volupia; não foram esses encantos que, perfidos e avassalladores, accordaram na sensibililidade do advogado as primeiras vibrações passionaes, fasendo-o recriminar-se de enganar uma leal amisade e impellindo-o ao mesmo tempo a scismar nas consequencias da posse: era illogico, mas amoroso.

A ausencia de Breves, a alegria das palestras, o resplandor do sol nas margens verdejantes, a limpidez do firmamento, a vastidão do horisonte e a magnificencia dos panoramas, é que, sacudindo-lhe os nervos, perturbando-lhe os instinctos e agitando-lhe as ancias de amor e ventura, lhe transvasaram o violento desejo de viver na vida da mulher virtuosamente bella, viver um minuto e, deste minuto, gnardar uma recordação inextinguivel.

A obscura idéa que, rapida, o assaltara, sendo logo expulsa, voltara-lhe em seguida e, sendo ainda rechaçada, tornara a sedusil-o, animando-o a examinar as linhas, os contornos e as perfeições da loura senhora: extinguia-se-lhe pouco a pouco os melindres, substituidos lentamente pela esperança da conquista. E, si o contacto d'aquellas mãos graciosas, a doçura d'aquelles labios e a fragilidade d'aquelle corpo nunca lhe tinham perturbado o espirito, sentia agora que um gesto, uns longes de affecto e uns nadas de familiaridade lhe causavam impetos de aprisional-a em seus braços, vencendo-lhe os sobresaltos do pudor e incutindo-lhe na pureza dos sentimentos a cumplicidade criminosa.

A poesia, que transpira do amor vedado, ornava de inéditos primôres a mocidade de Esther, como si de sua voz cascateassem beijos, de seus sorrisos chovessem caricias e de sua pelle brotasse uma surprehendente floração de gosos,

Si a malicia da requestada não era extraordinaria, sobrava-lhe comtudo a argucia com que as mulheres, n'um rapido olhar, devassam o coração de um galanteador: ella comprehendeu a influencia das tentações, não fechou os ouvidos aos periodos de profunda intensidade e não se rebellou contra a superabundancia de gentilesas.

Aportando em Iguape, os passageiros tomaram rumo de terra e espalharam-se pelas ruas, ao passo que Bruno, sem coragem de abandonar o paquete, transformado em ilha de amor, apurava as suas delicadesas para com a linda viajante.

III

Elle nunca mais se esquecera do simples movimento — o rapido e leve impulso da fronte — com que Esther, sorrindo e fugindo, lhe correspondêra affirmativamente ao convite de desembarcar em Paranaguá. Parando neste porto, o «Aymoré» seguiria depois para o de Antonina e retornaria á tarde para aquelle, continuando então a viagem em rumo do sul. Restava-lhes fruir, entre a ida e a volta do navio, as horas de liberdade em Paranaguá, donde Carlos partiria pela estrada de ferro para Curityba, e Esther seria pelo paquete condusida para os climas catharinenses. Perdida a opportunidade, offerecida por um passeio em terra, ficaria o livro de suas existencias com um capitulo em branco, tarjado com o lucto da ausencia.

Bruno, immobilisado numa cadeira de lona, aguardava o passar dessa ultima noite, soffreando as anciedades, construindo castellos e afugentando a recordação do amigo ausente.

O luar, como um lençol macio e interminavel, cobria o dorso do velho oceano; a agua, chapinhando no costado da embarcação, derramava na tristeza da amplidade a dolencia de uma elegia; e os sons abafados do piano, na simplicidade de um trecho musical, pouco a pouco o arrastaram para as nevoentas regiões das scismas. Rememorou os pequeninos factos, que repassados de angustias ou illuminados de alegrias, se fechariam com a realisação de seus ardentes desejos e, tendo percorrido as alternativas de temores, duvidas, esperanças e promessas, podéra chegar ao cúme da felicidade, recebendo de Esther aquelle divino gesto affirmativo, equelle medroso sorriso, aquelle rapido movimento de acquiescencia. Desembarcando com ella e o Gil, visitariam as praças, as egrejas e os logares mais pittorescos e, depois de fatigados, procurariam no hotel as horas do descanso. Seria então propicio o momento para o ultimo appello sentimental, seguindo-se o almoço, regado com vinhos caros e poetisado pelos arroubos lyricos de juramentos amorosos. A victoria parecia-lhe segura, visto que a progenitora de Esther, victima de velhice e affeita á commodidade, não desistiria de sair do camarote, confiando-lhe com a maior satisfacção a filha e o netto.

Emquanto a espectativa dos praseres lhe exaltava as faculdades, sentia-se feliz por haver gosado as violentas e innumeraveis sensações, desde o primeiro olhar significativamente timido até á ultima palavra timidamente significativa. Que mais desejava? Aspirava o perfume da flor, entrecerrada de leve, em plena exhuberancia de côres e em plena magnificencia de graças: desde que a possuisse, vel-a-ia murcha e morta. Não disem que a pósse enfraquece e extingue o excesso dos desejos? E não são os desejos que, alimentados pela mulher amada, propinam infinita ventura, incomparavel felicidade e extases perennes? Para que tombar no esteril deserto da realidade, para que expulsar do coração a poesia de trechos irreprodusiveis, para que dar á historia sentimental desses dias o epilogo das conquistas vulgares? Si havia visto, sentido e gosado, as duvidas, as superexcitações, os impetos de praser, as torturas e a terna submissão da captiva; si saboreara, instante a instante, a harmonia desse poema cujas ideas, provocadas pelo combate travado entre a traição e a fidelidade, ficavam para sempre trancadas n'alma feminina; si guardava comsigo, como diamantes occultos no seio da terra, as joias mais preciosas e raras que são os sorrisos e as lagrimas, inspirados á mulher querida; si as asas do triumpho agora lhe cobriam a fronte, porque abandonar os dominios do ideal e rastejar nos sáfaros arêaes da realidade?

IV

Carlos Bruno, despertando cêdo, subiu para o tombadilho, fitando os multiplos aspectos de Paranaguá e aguardando a presença da loura viajante.

Após longa demora, elle, Esther e Gil entraram n'um escaler e, postos em terra, na glorificação do dia brandamente fresco e alagado de luz, perambularam com alacre jovialidade e, tomados de fadiga e appetite, caminharam em rumo do hotel cujo proprietario, pensando haver em suas pessôas os laços de familia, composta de pae, mãe e filho, os recebeu com desmedido apreço, offerecendo-lhes um excellente quarto e deixando-os em liberdade.

Bruno realisava o programma, traçado na noite anterior, tentando agora encobrir a sua exaltação dos sentidos, refreiando-se com extraordinario esforço e revelando apparencias de suave tranquilidade. Embora enfebrecido pelas ancias de pósse, estava sem coragem de encetar as investidas.

Ella, do lado de fóra, sentada numa grande sala, o esperava; elle, no quarto com as janellas abertas para o jardim e alegrecido pelos raios do sol, hesitava; e, entre ambos, palpitavam, risonhas e festivas, as risadas do Gil.

Permanecendo alguns minutos entre as quatro paredes e vendo tão perto a arvore da ventura, o advogado soffria entretanto a sensação de ter entre si e a mulher amada uma formidavel montanha cuja altura lhe roubasse o animo de dar o primeiro passo, motivando-lhe hesitações e forçando-o á immobilidade. Descerraram-se-lhe com extrema timidez os labios, murmurando brandamente o nome da fragil senhora. Ella que o escutou, lhe não correspondeu ao medroso appello.

Retirando-se, nervoso e frenetico, e encontrando-a com a criança, Bruno teve de prestar ouvido a um empregado que, pedindo-lhe determinar a hora do almoço, recebeu de Esther a resposta antecipada:

— Póde ser agora.

— Agora... repetiu o advogado machinalmente.

Marchando, lépida e risonha, ella entrou no quarto e deu volta á chave, ao passo que o seu galanteador, sentando-se, cruzando a perna direita sobre a esquerda, ficou a con-

templar, atravéz da janella, um trecho de céu, muito azul, muito puro, muito claro, muito distante.

V

Quando Esther appareceu, Carlos ainda persistia em sua quietude, aguardando melhor opportunidade para repetir o assalto e martyrisando-se com a hypothese de um desastre.

Sentaram-se em tôrno da mêsa: o advogado, ainda que levasse ao excesso a insistencia de offerecer vinhos caros á graciosa companheira, não lhe poude vencer as recusas dulcificadas por desculpas risonhas e sorrisos fascinadores.

Distrahiram-se largo tempo em animada palestra, sendo inesperadamente perturbados pelo hoteleiro, senhora e filhas. Os recemvindos entraram em conversa, sem que Bruno durante tres horas podesse livrar d'aquella prisão a sua dominadora.

— Que formidaveis intrusos! rugia elle, de si para si.

E, irritado, mordendo as pontas do bigode ouviu de subito, como um dóbre funebre de sino, a voz do empregado:

— O «Aymoré» já voltou de Antonina: d'aqui a meia hora, levantará ferro.

Houve em seu coração um soluço de desespero, uma agonia de moribundo, um derradeiro suspiro de esperança.

Logo que Esther se ergueu e, em busca do chapeu, da bolsa, da sombrinha e das luvas, se dirigiu ao quarto, elle com imperiosa resolução a acompanhou, approximou-se d'ella e, desesperadamente triste e amoroso, beijou-a na divina tepidez da nuca.

De subito repercutiu lá por fóra a voz do Gil, num chôro violento, alto e doloroso, chamando-a e arrancando-a do amante. Ella correu á procura do filho, e, retardada alguns minutos, voltou, pegou ás pressas de seus objectos e sahiu em direcção ao ponto de embarque.

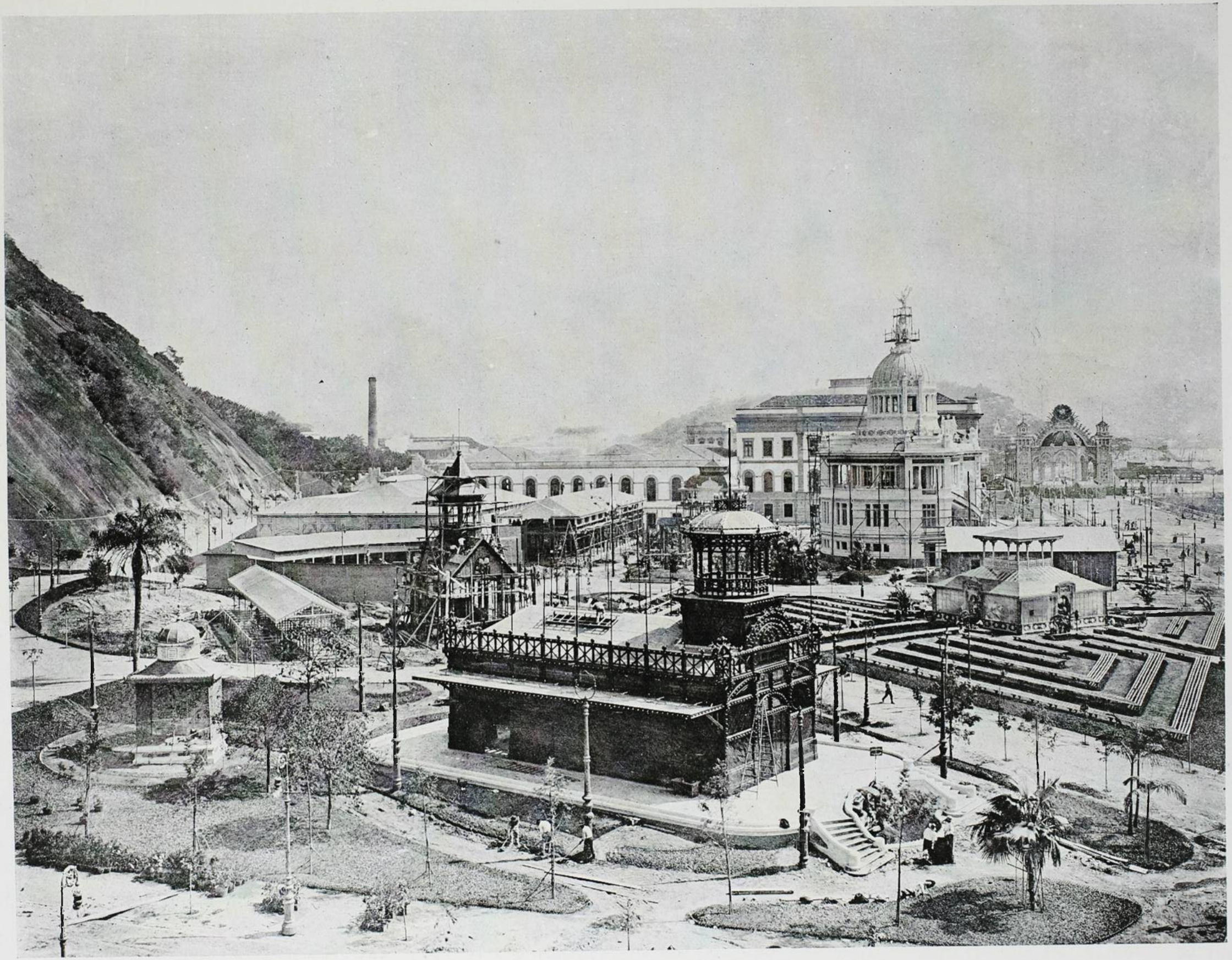
Navegaram e, momentos depois, emquanto o «Aymoré» se punha em movimento, demandando terras de Santa Catharina, Carlos Bruno retornou a Paranaguá, dirigiu-se a um recanto silencioso, e, longe de amigos e conhecidos, em cidade extranha, conservou-se n'uma immobilidade de pedra, vendo o paquete sulcar as aguas, afastar-se, sumir-se, desapparecer na linha do horisonte.

E, quando a luz crepuscular expirava dolorosa e suavemente, espalhando por toda a parte uma grande melancolia, uma profunda tristesa, uma infinita angustia, elle seguiu em passos lentos para o hotel, abriu a porta do quarto e descobrindo sobre a cadeira uma luva, esquecida por Esther, apertou-a com immenso affecto, cahindo no leito e exclamando febrilmente:

— Vivi o minuto de um beijo, e estou envelhecido por uma eternidade de saudades.

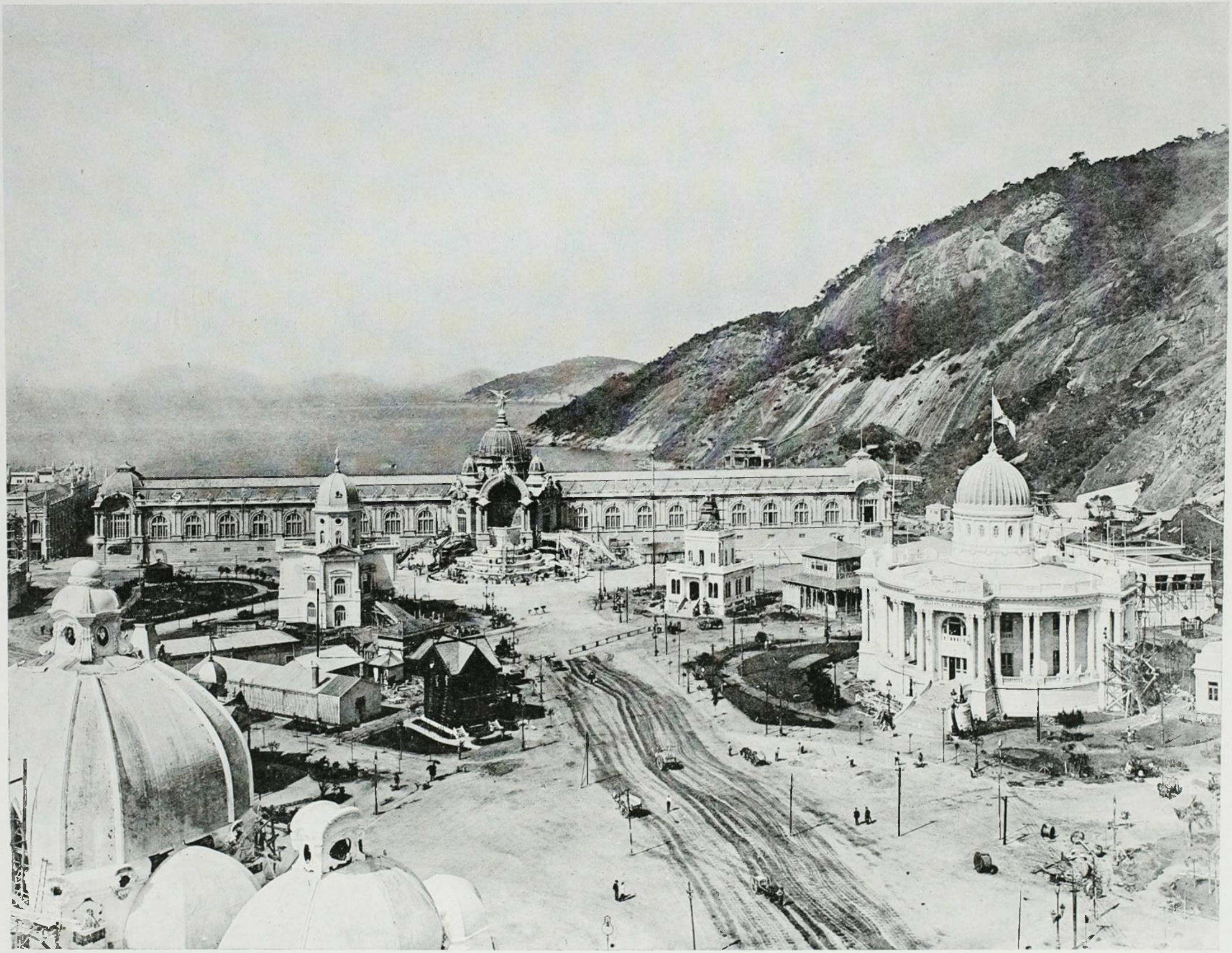
CUNHA MENDES.

Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS

Exposição Nacional



ASPECTO DAS OBRAS

A MUSA ANONYMA

II

OS filhos do Reino repontavam ás satyras que lhe atiravam os adeptos da independencia do Brasil por meio de versos tambem, que corriam manuscriptos como os outros, alvejando principalmente aquelles que mais se salientavam no movimento separatista.

Cypriano José Barata de Almeida um dos maiores agitadores dos tempos que precederam a independencia, varias vezes perseguido e preso, deputado ás cortes de Lisboa onde se fez logo notar por seu temperamento irritadiço que o levou mesmo a scenas de pugilato com os seus collegas partidarios da união com Portugal, era victima constante das diatribes rimadas dos seus adversarios.

O seguinte soneto a elle dirigido é tambem um cruel ataque ao immortal revolucionario pernambucano Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, martyr do absolutismo:

«Não quero Bispo que sagrado seja
Nem feito lá no Rio de Janeiro;
Não o póde fazer Pedro Primeiro
Bem que contra o meu gosto o povo seja:

Brasil Bispo *maroto* não, não veja
Fóra tambem qualquer rei estrangeiro
Escolha-se entre nós hum bom Pedreiro!» (*)
Assim Barata o diz, assim troveja.

«Eu quero hum Bispo cá da minha escola
Que não me fale em Deus, nem seca e Mecca
Que me vá destruir o jus da Estolla.

Quero hum frade casado, honra da beca
Rusguento, sem Moral, frade mingola
Quero emfim, seja Bispo Frei Caneca.

Ainda por occasião da guerra da independencia da Bahia e quando a cidade dominada pelo exercito de Madeira, era assediada pelas tropas libertadoras, corria entre o povo o seguinte dialogo, destinado indubitavelmente a açular contra os soldados portuguezes os naturaes mestiços, falando aos seus sentimentos religiosos:

Pergunta — Revelai-me meu Jesus
Vossa Sagrada Paixão
E tudo quanto soffrestes
Pela nossa Redempção.

Resposta — Filho meu ide apontando
Os Mysterios dolorosos,
Que delles podeis colher
Os fructos mais gloriosos.

P. — Senhor, desejo saber
Como foi vossa Paixão
E quem teve tal valor
Quem commetteu tal traição

R. — Já que tu queres saber
O como, e quem me prendeo
Sabe que foi um traidor,
Um ruivo d'um Europeu.

P. — Quem foi senhor Bom Jesus
Que com cordas vos atou?

R. — Foi aquelle que uma flecha
Hoje na perna levou,

P. — Quem foi que esbofeteou
Vossa face soberana?

R. — Foi o Tenente Coronel
Da Legião Lusitana.

P. — Quem foi que vos accusou
A Caiphaz e a Pilatos?

R. — Foram estes que desejam
Matar os tristes mulatos.

P. — Quem foi que vos arrastou
Por tão terriveis caminhos?

R. — Foram os negociantes
Juntos com seus caixeirinhos.

P. — Quem vos atou á columna
Quem forão estes falsarios?

R. — Foram esses malfeitores
A quem chamam voluntarios

P. — Quem de tão crueis espinhos
Vos teceu essa coroa?

R. — Para isto se ajuntou
Tudo o que é de Lisboa.

P. — Quem foi que mofou de Vos
Quem cuspiu na vossa Face?

R. — Foram os dous Engenheiros
De quem todo o mal nos nasce.

P. — Quem vos poz em parallelo
Com Barrabás, homem vil?

R. — O Pereira, este que intenta
A ruina do Brasil.

(*) Pedreiro - livre, maçon.

P.— Quem vos condemnou á morte
Quem seria esse tyranno?

R.— Filho meu, o coronel
Da Legião, Lusitano.

P.— Quem vos poz no Santo Lenho
Nesse madeiro da Cruz?

R.— Foi o Paula e elle é
Quem a rastos me conduz.

P.— E quem vos cruxificou
Quem abriu o vosso Lado?

R.— Isto me fez o Madeira
Por ver-me sacrificado.

P.— Quem vos deu fel e vinagre
Quem foi esse deshumano?

R.— Foi esse mesmo Madeira
Pois bem vês que é Lusitano.

P.— Quaes forão que no Sepulcro
Ficaram de sentinella?

R.— Foi toda a Cavallaria
Que fazem conceito nella.

P.— Quando vós ressuscitastes
Quem vos deu graças primeiro?

R.— Foi o Povo mais fiel
Do Congresso Brasileiro.

P.— Para quem está guardada
A vossa gloria, meu Deus?

R.— Para os queridos Bahianos
Pois lá não vão Europeus.

P.— Aonde existem as graças
Da Santa Virgem Maria?

R.— Todas estão reunidas
Na cidade da Bahia.

Mas nem o proprio clero, apezar dos sentimentos religiosos do povo, escapava aos ataques de poetas anonymos.

O seguinte soneto dirigido a um padre é claro exemplo disto:

Fofo paparrotão, calvo e vermelho
Com cara d'Irlandez, ebrio sacrista
Palrador trapalhão, porco sophista
Que em tudo quer metter o seu bedelho...

Tomando por exemplo e pes e pelho
Da excusa Ignez o conego chronista
Quer d'experto campar e de chupista,
Imitar sabe em tudo o amigo velho
Impôe de ser bom grego, e bom Latino
E que a cabeça tem de letras cheia
Mas é só para o mal que mostra tino.

Da intriga o fogo em toda parte atêa
Do que seu Mestre é só mais pequenino
Padre Pedro Bandeira de Gouveia.

Victima dos satyristas anonymos foi o grande Jequitinhonha, durante toda a sua vida:

O valor de sua palavra, caustica e vibrante provocava a reacção que se fazia, anonyma, ou em avulsos espalhados largamente por entre o publico, ou nos jornaes politicos que proliferavam então como nunca. Do tempo da Regencia são os seguintes;

Qual vibra Jove os raios de Vulcano
Castigando os mortaes do Ethereo Assento
Nocturno figurão cheio de vento
Decretos solta com furor immenso.

Muito grande, potente e soberano
Na Bahia nasceu por um portento
Neto de Salomão, seu nascimento
Vem deste e de um monarcha mexicano. (*)

Da rainha Sabá por linha recta
Entre os Minas Nagôs a mãe nascendo
Veio á Bahia ter dos Reis a neta.

E ali co'um Indio relações mantendo
Teve estes rival do Rei de Creta
Ao grande Frederico hoje excedendo.

Mas não somente pelo soneto era a aggressão ao eminente politico bahiano.

Esta outra versalhada em que Jequitinhonha e os Andradas são cruelmente satyrisados, pertence mais ou menos á mesma época:

Que ha de ser de hu Montezuma
Publicola farellorio
Se nem mesmo o Consistorio (*)
Lhe valeo nesta eleição
Já ninguem compra o Catão
O chumbismo já não pinga
Grama agora esta seringa
Perdendo a deputação
Vejão como poz-se em braza?
Fóra tolo! Não fez vasa!
Mamaverunt!

(*) Francisco Gê de Acayaba e Montezuma fôra o nome porque elle trocara o seu de Francisco Gomes Brandão, portuguez de mais por occasião da independencia.

(*) Allusão á Maçonaria de que Montezuma era Grande Commendador.

Irá de novo a Cabinda
Arvorado em matasana;
O Brasil já não engana
Ninguem o pode aturar
Irra! Com tal palavrorio!...
Mas seccou-se a chuchadeira
Olhem não he brincadeira
Seis por anno não filar!
Oh! Que logração famosa!
Choro o lamba, quer babosa?
Mamaverunt.

Eis o cynico letrado
Matador dos liberaes
Posto a hum canto e com signaes
De quem se quer enforcar
Badaró lhe tira o somno
Morde-se vesgo, exaspera
Rasga a careta... Que fera!
Ninguem o pode amansar.
Vejão como poz-se em braza!
Fora tolo! Não fez vasa!
Mamaverunt.

O ramelloso Pantoja
De luneta a luta observa
Em que a chumbeira caterva
Não pode, ouzada, primar;
A's columnas recostado
Disfarça os seus dissabores,
Não deixa os restauradores
Mas diz que lhe hão de pagar
Oh que logração famosa!
Choro o lamba quer babosa!
Mamaverunt.

Evaristo arranca berros
Dá pinchos, couces e murros
Chama aos do segredo burros
Nem mais os quer avistar
Vai abrir de novo escola
Armado de palmatoria
E não lhe sáe da memoria
O logro que o fez chiar.
Vejão como poz-se em braza
Fora tolo! Não fez vaza!
Mamaverunt.

Hum tal Barreto de pedra
Quiz ter parte na bezerra
Ajudou a crua guerra
Para Andradas levantar.
Sahiu-lhe o anno bissexto
Não medrou nesta eleição
Mamado por ambição
Não se póde restaurar
Oh que logração famosa
Choro o lamba, quer babosa!
Mamaverunt.

Mas oh! caso nunca visto!
Chorem Gregos e Troyanos!
Fluminenses deshumanos
Quem vos póde desculpar?
Dous altissimos gigantes
Por vos foram desprezados!
Andradas estão mamados
Não ficam sem se vingar
Vejão como estão em braza!
Fora tolos! Não tem vaza!
Mamaverunt.

O Mano Antonio, (*) de Santos
Veio a 20 agarrar votos
Mas os pingas seus devotos
Não puderam triumphar.
O mano Martim cuidava
Reduzir tudo a farellos
Respondendo a Vasconcellos
Mas não fez mais que mamar.
Oh que logração famoza!
Choro o lamba, quer babosa!
Mamaverunt.

Accumulam-se as desgraças
Pobre da legislatura!
O orelhudo Cascadura
Não pode agora primar
Vejam bem que fado adverso
Fez assim tantos mamados
Quem ha de dar apoiados
Faltando o tal Malabar?
Vejão como poz-se em braza!
Fora tolo! Não fez vaza!
Mamaverunt.

Inda resta hum bom remedio
Girão que faz Ministerios
Juntará 20 Gauderios
Para a eleição desmanchar.
Menezes jurou vingar-se
Lauente co'os seus se apinha
Gabriel e Camarinha
Porão tudo em bom andar.
Oh que logração famosa!
Choro o lamba, quer babosa!
Mamaverunt.

Anda mão, enfia dedo
Cala a bocca senão morres
Porque o tal Almeida Torres
A todos ha de soltar
Eis tambem M.a Lopes
No banco dos julgadores
Parabens, restauradores
Já podeis retrogradar.
Vejão como estão em braza
Fora tolos! Não tem vaza
Mamaverunt.

(*) Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Durante o primeiro imperio, Francisco Gomes da Silva, creado portuguez do Paço, soube tão bem insinuar-se no animo de Pedro 1º, que se tornou o seu principal valido. O imperador deu-lhe carta de Conselho, encheu-o de honras e favores. O publico alcunhou-o de – *Chalaça* – e abominava-o. Os seguintes versos mostram bem quanto era odiado a caricatural figura cuja ignorancia não o impediu de figurar em nosso corpo diplomatico, quando razões politicas coagiram Pedro 1º a afastal-o do Paço:

Quem vem com tanta excellencia
A seis num coche tirado?
A quem d'um e d'outro lado
O Povo com reverencia
Tira o chapéo apressado?

A tão soberba equipagem
Abre-se um grande terreiro
Em roda, o ar pregoeiro
De qual seja a personagem
Resoa sóeiro... eiro...

Conselheiro! e não qualquer
Deve de ser o Chalaça,
Homem de Corte e de praça
De valor e alto saber
De mimo, primor e graça.

Com que insignias vem armado!
Como traz alto o topete!
E logo em seu ar promette
Ser em Negocios d'Estado
Grande Homem de Gabinete.

Grande Homem! Só ante a vil
Caterva desses praguentos
De tuas honras sedentos
Não valerão hum ceitil
Teus innegaveis talentos.

Se alguem ha, que não te estime
E teus officios reprehende
Por excusos, não comprehende
Que tanto és tu mais sublime
Quanto elle menos te entende.

Cumpres do Cargo o segredo
Se as frazes tanto ennovellas
Que ninguem possa entendel-as,
Se o teu politico medo
Nos pôe ás apalpadellas.

De teus officios no estilo
Eis porque, matreiro velho,
Dás tão coberto o conselho
Que, quem quizer descobril-o
Ha de ter dente de coelho.

Tens mesmo por vituperio
Que elles sejam entendidos
Queres por isso que, lidos
Guardem occulto o mysterio
Mesmo a quem são dirigidos.

Vejam lá se mais que a lua
Não he perspicua a dicção
Dessa Obra da tua mão
Da grande Obra que he mui tua
Da Lusa Constituição!

Falaste, como cumpria
Hes claro quando convem
E se não te entende alguem
Quanto cumpre, todavia
Dás gosto, falas mui bem.

Por exemplo: quem não. acha
(Se nas palavras attenta)
Que Regente só assenta
Em tua pessoa macha
E na femea, só Regenta?

Se a cargo teu não'stivesse
Reger as Secretarias,
Que homem nellas acharias
Que assim corrigir soubesse
As antigas grosserias?

Mas é na verdade incrivel
Que huns poucos de maganões
Das tuas occupações
Concluam não ser possivel
Que faças Constituições.

Dizem que hes um mal criado
Que já teve seu proveito
Em ser á vassoura affeito
E em quem só se tem notado
D'Ourives e bobo o geito.

E a teu respeito se diz
Que a virtude ás plantas tem
De cheirarem mal ou bem
Quem sabe se pelo nariz
Tamanha esphera lhe vem

Se d'estrumes o vapor,
Do Estabulo Imperial,
Foi esse manancial
Donde lhe veio o primor
D'hum genio tão sem igual;

Donde te veio? do Céo!
Querem com alma vulgar
A de hum heroe comparar,
Quem com azas ja nasceo
Com azas ha de voar.

A cabeça em vão sacodem
A tão façanhoso salto
Porque de letras hes falto
E animaes falar não podem
E menos pensar tão alto

Não podem? Já houve hum dia
Que a burra de Balaão
Teve siso e locução;
E só comtigo seria
Mesquinha de Deus a mão?

Eu desejava saber
Desses vadios audazes
Quantos serão os capazes
De tantas cousas fazer
A hum tempo como tu fazes?

Tu de teu amo em recados,
Regendo Secretarias,
Tu regendo estrebarias,
Tu com Nações em tratados,
Tu nas alcoviterias!!!

Tu já cortezão no Paço,
Já na forja trabalhando,
Tu ordem aos lusos dando,
Correio d'amor palhaço,
Tu já tropas commandando!

Então como?! Em disciplina
Com preceito e tal valor
Que em qualquer acção que fôr
Facilmente se imagina
Que sahirás vencedor.

Essa grave catadura
Esse aspecto marcial
Dão logo claro signal
Da tua heroica bravura
E saber de general.

E tanto que se na frente
Da Guarda d'Honra estiveres
Inda que nada fizeres
Bate palma toda a gente
De S. Jorge ao digno Alferes.

Se pois em genio ordinario
Não cabe tanto saber
Com que pé se ha de dizer
Que obra alheia, plagiario
Impostor, foste escrever?

Que muito se em teus costumes
Affirmam, cravando o dente
Que te fizeste insolente
E mesmo tratar presumes
De resto á mais grada gente?

Que sendo hum homem casado
E's perigoso ás donzellas
E tens viveiro de bellas
Como se em tel-as achado
Esteja ter parte nellas?

Andar de moças á pilha
E' ser escravo d'amor?
Tu és delle vencedor
Não da tua barriguilha
Mas da alheia provedor.

Quem para outrem mulheres
E não para si procura
Não succumbe á formosura
E a seus sensuaes prazeres
Caridade só tem, pura.

Que faças n'hum beija — mão
Com garbosa symetria
A huns larga cortezia
A outros fria attenção
Pede-o a tua fidalguia.

Se deante da Magestade
Maltrataste figurões
Della em outras occasiões
Recebes com humildade
Ponta pés e pescoções.

Notão-te aquelle transporte
Tão proprio d'hua excellencia
Não reparão na paciencia
Com que ás leis d'andante forte
Cumpres nesta penitencia!

Que encargo sempre este foi
Dos heroes como tu hes
Por Lei antiga; bem vês
O que esse Manchego heroe
Na Serra Morena fez.

Agora a Serra Morena
Fez lembrar com que frescura
Té negão-te a formosura
E, figura tão amena
Dizem que he triste figura!

Os insensatos não vêm
Que o Céo, por dom singular
Te deo poderes brilhar
Naquillo com que ninguem
Em regra póde agradar.

Embora meu caro Chico
Tisnarão-te a face moira,
Para não poder ser loira,
Os fenos do maçarico
E as poeiras da vassoira.

E com tudo não hes bello
Essa tez fuliginosa
Tem tal graça, he tão formosa
Que mais não pudera sel-o
Se fosse de cor de rosa.

Eu não sei porque segredo
Teu negro cabello assenta
Bem na face ferrugenta
Em outro faria medo
O que em ti graça accrescenta.

Ou quando nas assembléas
Todo hes mimo, todo amor
Ou quando, com esplendor
Em gordo rabão passeias
Mais grave que o Grão Mogor.

Diga o Baile, onde tiveste
A tarefa de mestraço
Pois de regras não excasso
Pares, Musicos trouxeste
Ralhando, num furta — passo.

Entre alvissimas donzellas
Quando em continuo moto
Logravão primeiro voto
Tuas cores amarellas
Teus saltos de gafanhoto.

Oh! Que genio! Oh! Que portento
Quem assombro viu igual!
Sem estudos magistral
Por si mesmo o teu talento
Homem fez-te universal.

E póde causar surpreza
Que gozes d'hua Excellencia
Desse tom, dessa influencia
A que a mesma Alta Nobreza
Não póde oppor resistencia?

Metternich (o nosso amigo .
Com razão ser teu deseja;
Nem lhe importa que se veja
Quanto conta já comtigo
A sua alma bemfazeja.

Fez de ti alto conceito;
D'outras honras por esboço
Poz-te muito a gosto nosso
Cr'oa de ferro no peito
Que a outros orna o pescoço.

Esse teu collega ingente
Em seus calculos profundos
Fia dos teus mais fecundos
Que de hum mundo não contente
Reunir vaes os dous mundos.

Oh Cavalleiro sem par,
Teu saber e valentia
A andante Cavallaria
Vae no mundo renovar,
Que delle foi luz hum dia.

Mas ouve-me: a tua historia
Ha de achar mais prompta orelha
Mais erguida sobrancelha
Se guardares na memoria
O que hum velho te aconselha.

Não tomes os teus brazões
Por feitos da penna ou'spada
Que a tantos dão nomeada
Toma-os só dessas acções
Que aos outros grangeão nada.

No que estima geral tem
Ser grande é vulgar empreza
Mas ganhas alta nobreza
Com o que estima ninguem
E esta é que he a mor grandeza.

E' de ti e não d'estranho
Valias tirar fecundo
Um merito novo ao mundo
Mas maior é das emprezas
Ser primeiro sem segundo.

Pinta pois no teu escudo
Teu caducêo d'aurea côr
Vassoira e forja; ao redor
Se leia esta letra em tudo
Dos Cavalleiros a Flor.

Será na idade vindoura,
Com pasmo, teu nome ouvido
Se for o teu appellido
Cavalleiro da Vassoura
Ou da Forja, ou de Cupido.

Que importa que varios modos
A sanha da gente imbelle
Te queira morder na pelle!
Teu amo governa a todos
E tu governas a elle.

Tens gente da tua escolha
Rocha tens da tua igualha
Tens do bom chumbo a canalha
Penna e mão, no cinto a folha
Quem te ha de acceitar batalha.

Viva e Vassoira e a Forja!
Eia! leva a empreza ao cabo
Embora te volte o rabo
A fortuna e tua corja
Emfim te teve o Diabo!

Por occasião da primeira quebra do Banco do Brasil foram nomeados syndicos Manoel Joaquim de Oliveira Leão, Ignacio Ratton e Fulano de tal Lisboa que tinha a alcunha de *Piolho viajante*. E logo a Musa Anonyma, assim commentou a nomeação:

Decima

Lá vão no Banco opinar
Piolhos, ratos, leões;
Hão de talentos mostrar
Mas no fim das discussões
Morder, roer, devorar.
Não ha destinos prefixos!
Fui o foco da riqueza
Porém sujeito a caprichos
Depois de tanta grandeza
Vim a ser pateo de bichos!

Quando chegou ao Rio de Janeiro o corpo de Santa Presciliana, que se venera ainda hoje na Igreja de Sant'Anna, appareceu a seguinte mofina rimada:

Num trapiche alfandegado
Sem ordem, nem manifesto,
Descarregou sem protesto
Um contrabando sagrado;
E' um corpo encaixotado
Vindo da Corte romana
Que se diz ser Presciliana
Santa nova, nunca vista
De quem é contrabandista
O vigario de Sant'Anna.

Por occasião de uma visita do imperador á cidade da Bahia, no theatro, o celebre repentista Moniz Barreto recitou uma poesia que terminava com os seguintes versos:

Oh! Quanto não obraria
Um tal Rei do povo em pró
Se elle governasse só
Se outra fosse a Monarchia!
Hoje já ninguem duvida
Que os males de que opprimida
Se vê a Brazilia grey
Não vem do homem que eu louvo
Vem dos Eleitos do Povo
Dos delegados do Rei!

Appareceram logo em resposta os seguintes versos:

Oh! Chico dos meus peccados!
Lavra o tento: estou rendido
E vencido e convencido
Eis-me um dos teus soldados,
Puxando a farrusca em pró
Do monarcha, do rei só.
Monarchia temperada
E' meu caro, uma tolice,
Asneiras da modernice
Uma especie de anguzada.
Eu sou tal qual minha Avó
Que gostava do Rei só

. . . . . .
. . . . . .

Até parece indecente!
Não achas rico Chiquinho?
Obre o Rei do povo em pró
E' justo mas só por só.

E' por isso meu Moniz
Que esta Grey geme opprimida
Hoje já ninguem duvida
Como voc bem o diz.
Ah! Se a Grey tivesse em pró
A tosquial-a um Rei só!

Eis resurge a du Barry
E com ella os seus capachos
Oh! Que chover de despachos
Sobre mim e sobre ti!
Que não faria ella em pró
Dos cantores do Rei Só?

Mas mon cher de Barretó
Se tu pelo só e o pró
Tiveste um bom pão de ló
Eu por tanta rima em ó
Conto me faça o Rei só
O Barão de Mocotó.

Esta fiz, estando só
Eu, o poeta Bobó.

E' do tempo da Regencia ainda, o seguinte soneto politico:

Se ufano Pernambuco ha produzido
Grandes em tudo o Borges e o Rezende
Nitheroy tem Pilar, que tudo entende
Como elles em tudo tão sabido.

Foi nessas tres cabeças infundido
Do Santo Esp'rito o fogo que os accende
Por isso a elles o Saber se rende
Sendo por longo estudo adquirido.

São na coragem mais que os mesmos Fabios
Excedem Mirabeau num só arroto
Soltando idéas raras de seus labios;

Mas inda que ao Regente dêm no goto
Jamais deixão de ser estes tres sabios
Ruim Militar, ruim Padre e ruim Piloto.

Com o titulo *Enigmas* appareceram as duas decimas que se seguem, visivelmente dirigidas a primeira a Evaristo Ferreira da Veiga o redactor da *Aurora Fluminense* e a segunda ao conego Januario da Cunha Barbosa:

Sahe de um palacio doirado
Pela azul celeste esphera,
A deusa que o dia gera,
Em lindo carro esmaltado:
Mas este quadro emendado
(Como tudo) cá tem sido
Hum sapo em luto vestido
Que de hum antro só traz noite
Da Humanidade o açoite
Tem da Deusa o appellido.

Deriva de hum deus bifronte
O seu nome assás louvado,
Creio tambem ser coroado
D'Eguas pai, d'Aurora Ethonte.
E para que tudo conte
Commendas tem no seu peito
Mas inda não satisfeito
Hum gyra-sol tambem quer,
Divisa que deve ter
Porque mostra seu conceito.

O soneto que segue é sem duvida producto de rivalidades de official do mesmo officio:

Aos altos feitos da diplomacia brasileira nos annos de 1851 e 1852.

Emquanto João Manoel a França aterra
Com os golpes d'Estado que aconselha,
Marques prepara o mel (misera abelha!
Que -- Sergio vae chupar... na Inglaterra;
Emquanto os paios ameaçam guerra
E já Lysia a Drummond olha d'esguelha,
N'Haya o Caetano historias apparelha
Em Washington Sodré anda na berra.

Santo Amaro em Turim, Bernardo em Roma
E em Bruxellas Moraes, entram d'empate
Com Ribeiro na Russia, e emquanto assoma

Na Hespanha combatendo o chocolate
O Varnhagen com chá... a frente toma
Duarte a America dando xeque-matte.

Ainda um outro, este dirigido ao Regente Diogo Antonio Feijó, o mais elevado representante daquelle clero liberal que pregava a independencia da igreja brasileira, trabalhando por separal-a da de Roma:

P'ra que retractações? Estas não valem
Quando os protestos, as acções desmentem.
Com o Papa mangar debalde intentem
Submissos ao Fabrini em vão lhe falem.

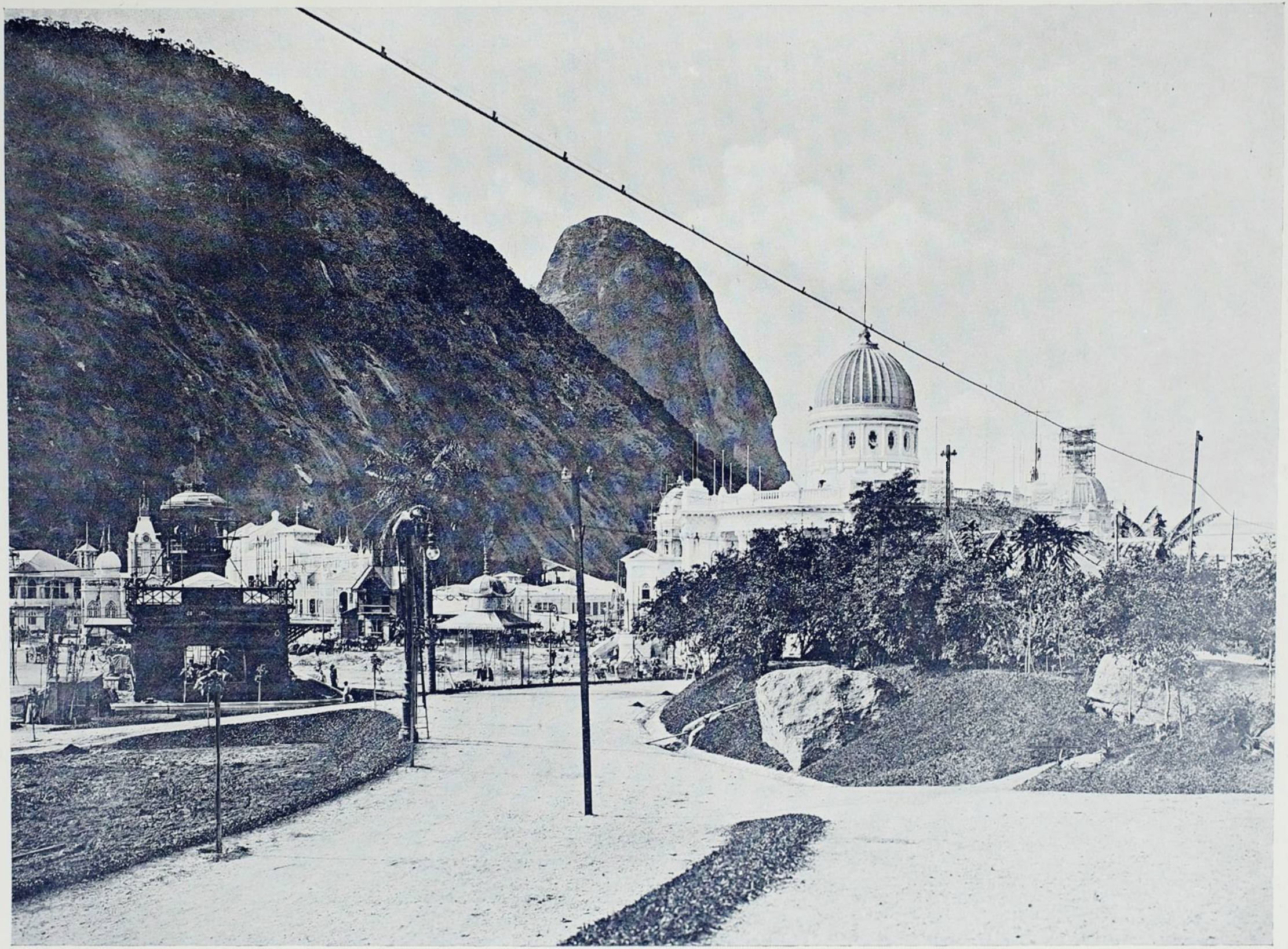
Querem que os homens vejão e se calem?
Nossos vicios já grandes não augmentem.
Os fieis da Igreja, não consentem
Bispos que as bases da moral abalem.

Que quer isto dizer? Que desaforo
A bailes, na Quaresma, ir hu prelado
Entreter-se com jogo e com namoro!

Sacrilego Ministro tendo ao lado
Que poz profanas mãos num Christo d'ouro
Que a ser certo o que dizem, foi roubado!

Junho, 1908.

MARIO BEHRING.



O PRIMEIRO TRECHO AJARDINADO

Eugène Loudun

E a theoria de Darwin

CASUALMENTE chegando-me ás mãos o numero de Abril da *Kósmos* e percorrendo-o, encontrei o artigo subscripto pelo Snr. Lima Campos e intitulado «A Terra e o Homem. Notas curiosas. Contradicções da Sciencia». A primeira parte composta de citações logicamente nada probantes, nenhum interesse offerece.

A segunda, pelo contrario, mereceu-me toda a attenção pela «Summula da theoria de Darwin.»

Li e pasmei. Pasmei e revoltei-me, porque jamais suppuz que a infidelidade de interpretação fosse ao extremo de adulterar as idéas e os pensamentos do autor genial, cujo nome collocado a par do de Newton não soffreria a menor sombra e que mesmo, como alguem o lembrou, poderia ser cognominado — o Newton da Biologia.

O Snr. Lima Campos diz haver extrahido do livro de Eugène Loudun, *As ignorancias da sciencia moderna* — os apanhados componentes do seu artigo. Neste supposto os nossos commentarios desafião os dous á contradicta: ao Snr. Lima Campos, porque, concedendo-lhe a verdadeira interpretação do livro de Loudun, a sua insciencia nos assumptos biologicos, o obrigaria a confiar de pessoa competente o acerto dos seus escriptos; a Eugène Loudun, porque escrevendo sobre as «Ignorancias» não preservou a sua da critica severa dos leitores que contas lhe pedem por expor tão dezassizadamente a respeitabilissima memoria de Darwin ás chufas dos pedantes, gerando crassa e miserrima theoria sua para illuminal-a sob o nome do genial inglez.

Nem o Snr. Lima Campos, nem Eugène Loudun leu a Darwin, e se leu não o comprehendeu, ou ainda, poude conhecel-o através os seus detractores. Provarei a primeira hypothese no decorrer deste.

Diz o articulista: «Todos os seres, sem excepção, as plantas como os animaes, sahiram, originariamente de um ser *unico*, o mais simples possivel, cellula, atomo vivente, producção da escuma das primeiras idades».

Em tão poucas linhas commette s. s. uma quantidade tão monstruosa de erros, que difficil é o escolher por onde comecemos a analysar.

Em «*L'origine des espèces*» por Carlos Darwin, trad. franc. de Ed. Barbier, editada por Schleicher Frères — 1896 —, livro do qual nos servimos para a presente refutação, não encontramos uma palavra em justificação do articulista.

Darwin sustentou que todas as variedades de uma mesma especie provierão de um genero unico, conforme se deduz de diversos topicos da citada obra. Assim lemos á pag. 356: «Toutes les espèces vivantes, d'après la theorie de la selection naturelle, se rattacheut à la souche mère de chaque genre, par des differences qui ne sont pas plus considerables que celles que nous constatons actuellement entre les varietés naturelles et domestiques d'une même espèce; chacune de ces souches mères elles — mêmes, maintenant généralement éteintes, se rattachait de la même manière à d'autres espèces plus anciennes; et, ainsi de suite, en remontant et en convergeant toujours vers le commun ancêtre de chaque graude classe». A' pag. 5 da introducção destacamos: «Je suis pleinement convaincu que les espèces ne ce sont pas immuables; je suis convaincu que les espèces qui appartiennent à ce que nous appelons *le même genre* descendent directement de quelque autre espèce ordinairement éteinte, de même que les variétés reconnues d'une espèce quelle qu'elle soit descendent directement de cette espèce». A' pag. 383 encontramos: «Tous les arguments que m'ont convaincu que toutes les espèces d'un même groupe descendent d'un ancêtre commun, s'appliquent également aux espèces les plus anciennes que nous connaissons». A' pag 545 achamos: «Tous les individus d'une même espèce et touts les espèces d'un même genre, même chez les groupes supérieurs, descendent des parents communs; en consequence, quelque distants et quelque isolés que soient actuellement les points du globe où on les rencontre, il faut que, dans le cours des generations successives, ces formes parties d'un seul point aient rayonné vers tous les autres».

Das transcripções acima se deduz que poderiamos considerar a descendencia representada schematicamente por uma arvore genealogica, em que as especies estivessem ligadas aos generos, estes ás sub-familias, estas as familias, etc., até chegarmos á especie mãe, ao ponto commum. Outro não é o pensamento de Darwin quando junta um diagramma á sua obra e o explica da pag. 125 até 132, e, mais adeante, da pag. 406 a 408. Disto a concluir que Darwin attribuio a uma especie *unica* a origem dos seres vae tão grande differença que só detractores inveterados o poderião conceber.

Mas a revolta de animo se manifesta em toda a sua intensidade, quando o articulista pretende impingir Darwin como adepto da geração espontanea (generatio æquivoca).

São as proprias palavras do genial inglez que o vão desmentir.

Darwin, da mesma forma que Lamarck, foi crente e attribuio a Deus a creação da forma primaria ou das formas elementares da vida.

Eis como Darwin se manifesta sobre a geração espontanea a pags. 134 e 135: «Lamarck, qui croyait a une tendance innée et fatale de tous les êtres organisés vers la perfection, semble avoir si bien pressenti cette difficulté, qu'il a été conduit supposer que des formes simples et nouvelles sont constamment produites par la génération spontanée. La science n'a pas encore prouvé le bien fondé de cette doctrine, quoi qu'elle puisse, d'ailleurs, nous révéler dans l'avenir.» E mais adiante á pag. 574 diz: «A mon avis, il me semble que ce que nous savons des lois imposées à la matière par le Créateur s'accorde mieux avec l'hypothese que la production et l'extinction des habitants passés et présents du globe sont le resultat de causes secondaires, telles que celles qui determinent la naissance et la mort de l'individu. Lorsque je considère tous les tres, non plus comme des créations spéciales, mais comme les descendants en ligne droite de quelques êtres qui ont vécu longtemps avant que les prémières couches du systeme cambrien aient été déposées, ils me paraissent anoblis.» Onde, porém, Darwin se revela cathegoricamente, é no penultimo trecho da sua obra, a pag. 576: «N'y-at'il pas une veritable grandeur dans cette manière d'envisager la vie, avec ses puissances diverses attribuées primitivement par le Créateur à un petit nombre de formes, ou meme à une seule?»

Onde, pois, encontra o articulista uma palavra de Darwin que confirme as suas primeiras linhas?

A leitura attenta das obras do immortal biologista nos illumina claramente a respeito da origem primaria dos seres. Não acreditando na geração espontanea, talvez á falta de dados scientificos, Darwin jamais se pronunciou francamente sobre a formação da vida no seio das aguas, preferindo attribuir ao Creador a geração primitiva. As conclusões logicas forão tiradas neste sentido, mas elle nunca as pronunciou, e todavia apresenta como possivel a descendencia de todas as especies de «pequenos numeros de formas ou mesmo de uma unica.» Duas são, pois, as hypotheses aventadas por Darwin sobre a origem dos seres, e não uma *unica*.

«Esse globulo (que se chama *progenitor, prototypo, protoplasma, monera*), pouco a pouco se desenvolveo, pelo effeito de certas circumstancias», é o trecho seguinte do articulista. O Sr. Lima Campos, dando como unica circumstancia do desenvolvimento do «globulo, a qualidade do terreno acrescenta:» Aqui o terreno em que se achava era secco, ali humido, alem plano, mais alem escarpado e, então, aqui elle se revestio de patas, ali de azas, alem de nadadeiras; aqui se fixou á terra, alli a deixou e se elevou aos ares, etc., se bem que, a um dado momento, não houvesse sómente globulos, unicos seres viventes, mas, tambem plantas de todas as formas, animaes de todas as especies, insectos, reptis, aves, peixes, a vegetação rasteira e o carvalho, o leão e a serpente, a baleia e o beija-flor, tudo o que existe e que nós vemos agitar, correr, gritar, arrastar-se, voar ou nadar.

Todos os nomes com que o articulista quiz baptisar a primeira manifestação da vida, são inexactos, se exceptuarmos — *monera*. Tambem jámais houve biologista que affirmasse ser o primeiro albuminoide vitalisado uma «produção da escuma das primeiras idades» e muito menos Dar in. Em primeiro logar as edades não têm escumas, e, em segundo, o movimento das aguas, que produz escuma, é improprio para manifestação da vida, que se formou no fundo dos mares, provavelmente. As questões attinentes á archigonia de Hæchel são de muito alta relevancia para se prenderem á «escuma», pertencem á bio-chimica e á bio-physica, que as resolverão n'um futuro mais ou menos proximo, se é que Leduc ainda não as resolveo.

Seria muito longo criticar um por um os nomes de baptismo do organismo elementar; baste-nos dizer que os naturalistas o descrevem como uma massa albuminoide, amorpha, sem estructura, tendo criado para elle o nome de — cytodo, reservando o de cellula ao sarcoda nucleado. Por esta simples explicação, que, se preciso fôr, desenvolverei amplamente, caem, por ineptos ou inadequados os nomes de baptismo dados pelo articulista ás moneras.

Dentre os diversos agentes do meio ambiente, capazes de provocar a variedade de caracteres, o Snr. Lima Campos contradizendo-se nos periodos immediatos julgou que Darwin somente encontrasse para explicar a formação de patas, azas, etc., a qualidade do terreno.

Seria ridiculo para o immortal creador da theoria do mais apto se os enormes cabedaes reunidos durante longos annos de estudo, fornecessem como unica causa da variação das especies a diversidade do solo.

O articulista confunde deploravelmente a theoria da selecção com a doutrina da descendencia exposta pelo grande Lamarck.

Lamarck, o portentoso philosopho e naturalista, que, com raro descortino, apontou ás gerações futuras o trilho a seguir nas pesquizas biologicas, Lamarck sim, apontou como causas capazes de provocar variações, agentes externos mas o glorioso francez jamais teve o pensa-

mento de ligar ás variações unicamente a causas accidentaes do terreno.

Ainda Lamarck, logico em suas deducções, tinha necessidade da geração espontanea e contínua, que mais tarde Darwin lhe censurou, para attingir a meta. A Darwin, porem, attribuir o pensamento de necessitar constantemente da archigonia, a despeito da existencia concomittante de animaes, arvores, insectos, etc., é mostrar crasso desconhecimento do que se pretendeu expor.

Para confirmar-me nas minhas asserções transcrevo trechos da obra citada. Lê-se á pagina 136: «On s'est demandé comment, lors de la première apparition de la vie, alors que tous les êtres organisés, pou vons—nous croire, présentaient la conformation la plus simple, les prémiers degrés du progrès ou de la differenciation des parties ont pu se produire. M. Herbert Spencer répondrait probablement que, des q'un organisme unicellulaire simple est devenu, par la croissance òu par la division, un composé de plusieurs cellules, ou qu' il s'est fixé a quelques surfaces d'appui, la loi qu' il a établie est entrée en action, et il exprime ainsi cette loi: «Les unités homologues de toute force se différencient à mesure que leurs rapports avec les forces incidents sout differents.» Mais, comme nous ne connaissons aucun fait qui puisse nous servir de point de comparaison, toute speculation sur ce sujet serait presque inutile.»

Vê-se o cuidado com que Darwin tratava tal assumpto; vê-se como evitava se explicar sobre a formação dos primeiros orgãos, quando não pode apresentar factos probantes. Sobre a sinceridade do sabio, o articulista architecta aleivosias, affirmando publicamente que o sabio disse haverem do «globulo» nascido patas, azas, etc. Seria deprimente para Darwin, seria chamar sobre si o eterno ridiculo, seria expor-se ás chufas dos naturalistas e nunca merecer as considerações mundiaes e as objecções de um Mirvart, se tivesse a infeliz idéa e apresentar ao mundo scientifico um «globulo» com «nadadeiras», por exemplo. Quem acreditaria? Quem se abalaria a responder a semelhante estulticie? O autor inglez condemna semelhante idéa, que só pode ser gerada no mytho religioso.

Está escripto á pag. 274: «Quiconque croit qu' une ancienne a été subitement transformée par une force ou une tendance interne en une autre forme e pourvue d'ailes, par exemple, est presque forcé d'admettre, contrairement á toute analogie, que beaucoup d'individus ont du varier simultanément. Or on ne peut nier que des modifications aussi subites et aussi considerables ne different completement de celles que la plupart des espèces paraissent avoir subi. On serait, en outre, forcé de croire, à la production subite de nombrenses conformations admirablement adaptées, aux autres parties du corps de l'individu et aux conditions ambiantes, sans pouvoir présenter l'ombre d'une explication relativement à ces coadaptations si compliquées et si merveilleuses. On serait, enfin, obligé d'admettre que ces grandes et brusques transformations n'ont laissé sur l'embryon aucune trace de leur action. Or, admettre tout cela, c'est, solou moi, quitter le domaine de la science pour entrer dans celui des miracles.»

Da leitura da «Origem das especies», se conclue que a monera se transformou em nova especie, esta em outra e assim successivamente. Após milhares de variedades, surgiu uma especie tendo, um grupo de cellulas de que se originou por exemplo uma aza rudimentar, que se desenvolveu até tomar o comprimento adquado á especie em milhares de gerações, graças aos factores: herança, adaptação, luta pela vida, selecção natural, uso, etc.

Si erro interpretando por esta forma o pensamento de Darwin, que se pronunciem os doutos.

Ainda pretende o articulista que Darwin escreveu na sua theoria que «globulos viventes», isto é, productos de geração espontanea, forão contemporaneos de leões, beija-flores, carvalhos, serpentes, etc. Ora o que affirmou foi que o Creador gerou algumas formas elementares, ou mesmo uma forma e que dellas provieram todas as especies.

Onde, pois, foi o articulista buscar a sexquipedal asserção de que Darwin adoptou a *generatio æquivoca* continuamente, a ponto de ainda subsistir nos tempos dos dromedarios, das pantheras e dos tigres?

Creadas as primeiras formas, Darwin, que combateu Agassiz e as creações successivas de Cuvier, que pugnou contra Lamarck e o evolucionismo, jamais pensou na creação de novas formas coevas de mastodontes, de baleias, ou mesmo de algas. Esta conclusão se tira da sua obra.

Demais quem medita sobre o livro, em que se acha traçada a theoria da selecção natural, sabe que todas as especies não coexistirão: a cada periodo geologico corresponde uma fauna e uma flora, pela adjuncção de especies novas descendentes das antigas, que se extinguiram, ou que se conservaram.

Darwin, grande admirador do seu extraordinario compatriota Carlos Lyell, estudando as especies extinctas nas diversas camadas geologicas, tão avaras desses elos intermediarios de que tanto precisamos para firmar nos factos as inducções dos naturalistas, escreveu empolgantes capitulos, em que se achão trechos, como este á pag. 389: «Les espèces nouvelles out apparu tres lentement, l'une apres l'autre, tant sur la terre que dans les eaux.»

Não se encontra, pois, na obra do sabio inglez, a justificativa da apparição abracadrabante de especies, que o articulista apresenta na sua «Summula da theoria de Darwin.»

«Para que esses seres tão diversos, sahidos de uma cellula uniforme, pudessem viver e se perpetuar, era preciso que cada um conservasse os orgãos que tinha adquerido e os transmittisse a seos descendentes. Darwin imaginou, então, uma *força*. Essa força é dotada entre outras qualidades, de uma *intelligencia* verdadeiramente extraordinaria; ella dispõe os orgãos e os classifica, distingue e escolhe aquelles que são os mais proprios para a vida; e, melhor ainda, os modifica, os corrige, os augmenta, os adapta a determinadas funcções e, emfim, os põe em condições de nada haver a receiar e de resistir a todos os obstaculos que encontrem no curso de suas existencias. Os outros orgãos, que ella considera debeis, os deixa de lado ou, antes os atrophia, e, porfim, os elimina. Em uma palavra: ella se desembaraça dos fracos e auxilia os fortes a se desenvolverem. E' o que se chama a *lei de selecção*, do vocabulo latino *eligere*: escolher.»

A presumpção de saber é a ulcera corrosiva da intelligencia. Quando perante a doutrina do sabio se apresenta a fatuidade do dillettante para interpretal-a, é ver como os dislates se succedem n'um diapasão impossivel de bem coordenar.

Loudun ou o articulista por elle, alem de uma inqualificavel «cellula uniforme», que não se justifica perante os naturalistas, que considerão sem forma e sem estructura o grumo primario vital, tenta impingir como conservadora, dos orgãos, perpetuadora da especie e transmissora dos caracteres uma *força intelligente*, por elle denominada *seleção*. A despeito de outros effeitos assignalados por Loudun, semelhante theoria é deste autor.

Que naturalista bastante ignorante não seria aquelle que atribuisse á *selecção* o papel representado pela herança?

A herança, sómente a herança conserva e transmitte caracteres. A selecção intervem quando uma variação, por menor que seja, torna o individuo mais apto na luta pela existencia. Assim escreve Darwin á pag. 4: «Comme il nait beaucoup plus d'individus de chaque espèce qu'il n'eu peut survivre; comme, en consequence, la lutte pour l'existence se renouvelle â chaque instant, il s'ensuit que tout être qui varie quelque peu que ce soit de façon qui lui est profitable, a une plus grande chance de survivre; cet être est ainsi l'objet d'une *sélection naturelle*. En vertu du principe si puissant de l'hérédité, toute varieté object de la selection tendra á propager sa nouvelle forme modifiée.» E mais adiante, á pag. 103: «La selection naturelle n'agit que par la conservation et l'accumulation de pétites modifications héréditaires, dont chacune est profitable à l'individu conservé.»

Darwin não imaginou uma *força intelligente*. Sua theoria é tão simples na sua verdade que unicamente espanta que alguem não a tenha exposto muito antes delle. E' uma consequencia da doutrina malthusiana e da observação methodica da acção exercida sobre os individuos pelos criadores ou cultivadores afim de obterem uma variedade mais forte e mais bella.

Diz elle á pag. 31: «La grande valeur de ce principe de selection n'est pas hypothétique. Il est certain que plusieurs de nos éleveurs les plus éminents ont, pendant le cours d'une seule vie d'homme, considérablement modifié leurs bestiaux et leurs moutons.»

Não satisfeito de adulterar, como vamos mostrando, em todos os pontos a doutrina de Darwin, ainda o articulista lhe assaca a injuria de suppor a selecção natural uma «*força*» com «intelligencia.» Loudun levou a petulancia até o extremo. Em contradição com Darwin se manifesta, expondo a doutrina deste. A intelligencia implica consciencia; todo o acto intelligente é, *ipso facto*, um acto consciente. O eminente biologista disse á pag. 34: «Mais il est une autre sorte de selection beaucoup plus important au e point de vue qui vous occupe, selection qu'on pourrait appelar *inconsciente*.» E mais adiante á pag. 86: «D'autres ont prétendu que le terme *selection* implique un choix consciente de la part des animaux qui se modifient, et on a même argué que, les plantes n'ayant aucune volonté, la selection naturelle ne leur est pas applicable.»

Tal objecção repousa sobre a significação de uma palavra, interpretada até aqui n'um sentido e por Darwin apresentada com significação diversa.

Ninguem criticou a *affinidade electiva* dos chimicos, e se a questão é de palavra o genial inglez concorda na sua expressão erronea e subscreve a de Herbert Spencer — a persistencia do mais apto. Demais a selecção natural não é uma força, é um principio, uma lei, ou se quizerem ainda uma theoria. Se encontramos na traducção franceza o termo *puissance*, é preciso tomal-o no sentido que indicamos, porque á pag. 87, se lê: «On a dit que je parle de la selection naturelle comme d'une puissance active ou divine; mais qui donc critique un auteur lorsqu'il parle de l'attraction ou de la gravitation, comme régissant les mouvements des planetes?» Para o espirito crente de Darwin, admittir uma força intelligente era negar a existencia do Creador; para elle, então, a selecção natural, da mesma forma que a gravitação era um principio, de

que o Creador dotou a materia, principio, porem, tão inconsciente, como o outro, porem, nunca intelligente, é preciso frisar. Pelo que expomos, não se pode suppor que a selecção natural seja força intelligente, porquanto na gravitação universal existe a lei e a força; ora o que rege o movimento dos astros é a lei, portanto o principio darwiniano é uma lei, regendo os corpos organisados, dependente, como a outra, de certas condições, como se lê neste trecho da pag. 146: «On peut dire que dans un certain sens non seulement les conditions d'existence déterminent, directement ou indirectement, les variations, mais qu'elles influencent aussi la selection naturelle; les conditions determinent, en effet, la persistance de telles ou telles varietés.»

Continuando, o articulista julga que a selecção natural unicamente «dispõe os orgãos e os classifica» etc. Ella não os dispõe, porquanto não provoca as variações em geral. No ponto em que se produzio uma variação, si esta é util, ella intervem, como se lê á pag. 182: «La selection naturelle n'agit que par la conservation des modifications avantageuses»; ou á pag. 133: «La selection naturelle agit exclusivement au moyen de la conservation et de l'accumulation des variations que sont utiles à chaque individu dans les conditions organiques et inorganiques où il peut se trouver placé à toutes les periodes de la vie.» Quanto ao tal «classifica» podemos-lhe garantir que a selecção natural nunca se preoccupou com isto, que pertence ao methodo scientifico.

Para resumir, já tendo nós occupado muito espaço contra nossa vontade, accrescentamos que o Snr. Lima Campos julga que sómente a persistencia do mais apto foi a causa de tudo quanto expõe. Isto nunca foi pensamento de Darwin e para proval-o, leião-se os paragraphos sobre o uso e desuso, as condições de vida, a selecção sexual, etc., e este topico da pag. 565 o affirma positivamente: «Mais, puis que mes conclusions ont été recemment fortement denaturées et puisque l'ou a affirmé que j'attribue les modifications des espèces exclusivement à la selection naturelle, on me permettra, sans doute, de faire remarquer que, daus la prémiere edition de cet ouvrage, ainsi que dans les editions subséquentes, j'ai reproduit dans une position tres évidente, c'est-à-dire à la fin de l'introduction, la phrase suivante: «Je suis convaincu que la selection naturelle a eté l'agent principal, des modifications, mais qu'elle n'a pas été exclusivement le seul.» Cela a été en vain, tant est grande la puissance d'une constante et fausse demonstration; toutefois, l'histoire de la science prouve heureusement qu'elle ne dure pas longtemps.»

Todavia, não podemos terminar sem dous reparos:

1.º Tendo o latim «*selectio*», provavelmente derivado de *seligere*, porque tomar *eligere* como origem de selecção?

2.º Darwin se expoz que o homem descende dos catarrhynios, tambem admittio a sua proveniencia de um tronco commum com elles, como se comprehende da leitura da «Descendencia do homem.» São duas hypotheses e não uma unica as conclusões de Darwin. E ainda uma vez o Snr. Lima Campos e Loudun faltaram com a verdade.

Que se pronunciem os entendidos.

Junho de 1908.

Dr. Cesar Vellozo.

O PRIMO BASILIO

Notas sobre um facto

FOI por horas de sésta d'um verão de 1879, que eu, imberbe rimador de amores, abri com mão tremula e o coração aos saltos, o desejado e precioso *Primo Basilio*.

Ainda me recordo bem. Habitava, por esse tempo, um casarão novo em frente d'uma feia egreja, no labyrintho da velha Sebastianopolis.

O meu quarto d'estudante era, na licenciosa cathegoria dos aposentos habitaveis, d'este bello paiz, uma pequena alcova, aliás lindamente forrada d'um rico papel francez, todo branco, imitando seda lavrada, mas detestavelmente localizada á visinhança da sala de visitas.

A'quella hora, o bruto movimento das carroças de carga enchia o meu aposento d'um ininterrupto rumor, com trepidação das paredes, o que me dava, ás vezes, a illusão de estar n'um *wagon* de via-ferrea, aos trancos e giga-joga por estas desleixadas e pittorescas estradas do interior do Brasil...

A unica *mansão* que se podia ter no primeiro andar d'essa enorme casa era a salêta de jantar, alegre quadrado de altas paredes, tecto côr de leite fresco, fôrro amarello outomniço e dois grandes reposteiros d'um tom claro de óca, listrados de vermelho inglez.

Uma comprida janella envidraçada abria para o Azul e para um estreito pateo, murado como um carcere; o chão de ladrilho encarnado não tinha manchas, e sobre o zinco da caixa d'agua, ao fundo, resplandecia a louça de pesado vaso de Santo Antonio do Porto, d'onde emergia a haste enfesada d'uma roseira ordinaria.

Ali, n'aquella recolhida sala, havia um antigo e largo sophá de jacarandá e palhinha, gravemente sério e excellentemente commodo.

Talvez procedesse dos bens d'algum abastado burguezão do tempo do Sr. D. Pedro I, porque, até hoje, jámais vi traste de aspecto tão estupido nem tão confortavel para a preguiça.

Foi n'um antigo sophá burguez, a essa hora de languor, n'um escaldante dia de sol e em annos de primeira mocidade, que travei relações com o encantador espirito de Eça de Queiroz, o romancista, pois eu já conhecia o critico na facetada ironia das *Farpas*

Lembro-me, tambem, que pairava por lá, n'essa occasião, um silencio de claustro e a ordem das coisas, o aceio hollandez dos utensilios,—ao demais, um tic-tac monotono, de pendula americana, na parede do sophá—davam-me a melhor das disposições para lêr o *escandaloso livro* que estava irritando, no dominio das lettras, a simplicidade roceira da Capital do Imperio.

Ora bem, deliciemo-nos!—murmurei. Abri o livro com mão tremula, refestelei-me a fio na fresca palhinha do venerando traste e... E, amigos, só me comprehendi senhor da minha vontade, só volvi á consciencia do meu Eu, no momento em que, posta a mesa para o repasto vespertino e accesos os bicos de gaz, o copeiro rompeu de campainha em punho, chamando-nos á sopa!

Por onde tinha andado eu? Não sei bem o que senti. Já se me diluia na memoria essa emoção extranha, para que eu a reproduza com nitidez. Sei, e com firmeza o digo, que me parecia recem-chegado d'uma viagem singular, só consentida ao meu espirito, pois, em quanto a fiz, meu corpo ficára inerte, adormecido e refestelado n'aquelle venerando *commendador* de jacarandá e palhinha, que alli estava, sob o tic-tac monotono da pendula, firmado nos quatro pés de sua realidade.

Por onde tinha andado eu?... Durante horas, durante muitas horas, estive n'uma sala de soalho esteirado, forrada de papel claro, de ramagens verdes. Fazia sol, mas as janellas cerradas deixavam entre as quatro paredes uma penumbra macia. Uma rapariga loura, em roupão de fazenda preta, bordada a *soutache*, estivera a pensar no tempo em que vivera em Cintra, sob os arvoredos escuros e murmurosos do Ramalhão, em companhia do primo Basilio...

De lá é que eu vinha. Trazia na visão essa rapariga loura, e aquelle rapaz de barba cerrada e negra, e os aposentos, os moveis daquella casa... Certo, eu lá estive! E um assombro se apoderou de mim, por me encontrar nessa pequena sala de jantar, em familia, sob os bicos de gaz, em frente d'um prato de cheiroso caldo fumegante... tão diversamente do logar onde passára horas e horas esquecidas, e d'onde tinha vindo sem saber como!

E esta foi a primeira sensação que me deu esse livro. Nunca, até aquelle dia, nenhum romance me fizera viver tão intimamente ligado á sua acção. Nem mesmo o meu querido Balzac, que eu lia, ávida e constantemente, conseguira pôr-me em presença dos seus personagens e dentro dos seus scenarios. Eugenie Grandet, pae Goriot, Luciano, o primo Pons, eram evocações, que a minha imaginativa despertava; era eu que os modelava, que os completava. Com os personagens de Eça succedia-me o contrario—elles vinham ao meu encontro, surgiam-me pela frente, falavam e se moviam deante de mim!

Sem ainda conhecer Flaubert e Zola, apenas sabendo de Daudet por um livro mediocre, e,

sem duvida, mal traduzido; sem critica para avaliar dos meritos d'um escriptor, sem pratica e saber para lhe comprehender os recursos d'expressão e as subtilezas da fórma, com tudo isso, senti, pela vez primeira e d'um modo decisivo, — a emoção duma poderosa obra de arte escripta porque o que em mim ficou, com a vibração d'esse drama, foi a certeza de o ter visto, em realidade, com os meus proprios olhos.

No entanto — eu me confesso publicamente e nem se irá carregar de negra culpa o irreflectido, se bem que naturalissimo procedimento d'um rapazóla, — procurei esse livro porque m'o pintaram como uma deliciosa leitura erotica!

O *Primo Basilio* forçou a preguiça mental do Rio de Janeiro precisamente por este calumnioso, mas arguto annuncio de immoral.

Em torno delle fazia-se um zonzonear de risinhos significativos e sibillos de segredos, a que se correspondia com piscos d'olho, d'entendimento bregeiro. Pintava-se esta e aquella phrase, recommendava-se a pagina duzentos e tantos... Dizia-se que, no bojo desse livro, se hauria um perfume acre entontecedor de saias desprendidas, e faiscavam fechos de ligas e se via a nudez irresistivel de coxas em arregaços de camisas... E eu o fui lendo, já esquecido dessas sublinhas de recommendação, todo envolvido no seu poder suggestivo, absorvido por elle. Quando o terminei, e quando pude me libertar da fórte emoção que me abalára os nervos, perguntei a mim mesmo onde teriam ficado o desbragado escandalo e a descabellada immoralidade que lhe eram attribuidos?

Suspeitaria da minha ignorancia, neste particular, se me quizesse inculcar á cohorte dos rubicundos anginhos de painel, porque o que lera de mais claro, no tocante ao caso, só homens sabedores do culto de Venus poderiam comprehender.

Mas, de toda a parte, grunhia o vozeirão rouquenho da critica nacional: Isto é immoral! — E como immoral ia correndo o livro de mão em mão.

A critica nacional não deixava de ter motivos para se alarmar. Mas não necessitava desse capcioso recurso da obscenidade da obra. Não era a viva representação das scenas domesticas, em todos os seus intimos detalhes, o que a indignava; o motivo principal e verdadeiro dessa opposição estava no processo d'escrever de Eça, processo contrario ao cabeçudo conservatorismo de moldes aprendidos, e inaccessivel á réles comprehensão da respeitavel critica.

Ao seu modo de vêr e de sentir esta maneira frisante de dizer, este novo interesse pelo colorido da phrase, pela expressão nitida do termo embora archaico, obsoleto, ou estrangeiro; esta construcção nervosa e vibrante d'uma original syntaxe, constituia um attentado ás regras estabelecidas, ao dogma do classicismo... se, realmente, os escriptores que se tornaram classicos pensaram dogmatisar em tão vario, mobil e vasto assumpto!

O portuguez modelado e cinzelado pelo auctor do *Primo Basilio* em nada se parecia com a lingua litteraria, amollentada, babosa e gemebunda, lingua mestiça de cantigas suspirosas, de improvisos sentimentaes, ora rhetorica e pretenciosa, com regressões ao quinhentismo, ora delambida e idiota para uso da pieguice feminina, a que ella, a illustre critica, se habituára. Não obstante a incompetencia da critica, a pécha de immoralidade que lhe foi assacada, o livro influiu vantajosamente na nossa litteratura de romance!

Estavamos n'um tempo *vasio*. O pieguismo e a graçola da nossa litteratura sobrecarregavam-nos o tédio. Abria-se um romance e lá vinham as marabás apaixonadas, e os tupis pernósticos como o Luiz Fernandes da *Morgadinha de Val Flor*, e os sombrios aventureiros tramando infamias.

Lançava-se mão d'outro livro e por lá andavam as yáyás papos de anjo, os Albertos imbecis, o *seu* Furtado pae honesto, com a caixa de rapé Paulo Cordeiro no bolso do rodaque, e uma embrulhada e sempre egual historia de heranças, de inimisades de familia, de amores mal correspondidos por uma Dona Amelia de bandós. Toda essa gente parecia almas do outro mundo, tal o vago, o esboçado em que se nos apresentava. E para completar o enfastiamento dessas sombrinhas de papel transparente, os auctores nol-as davam n'uma linguagem preguiçosa, balbuciada ou melliflua e estopante.

Mas, de repente, uma geração nova, educada na Analyse, melhorada na sua mentalidade pelo scienticismo que reconstruia a França e a Italia, e affirmava o dominio espiritual d'Allemanha, surdio da bancada das Academias, falando em Claude Bernard, Darwin, Hœckell, Littre, Spencer e Broca.

Nós todos, que começavamos a martyrisar o buço para lhe dar aspecto de bigodes, berravamos sarcasmos da *Morte de Dom João* ao Céo esburacado e á *Divindade* escalpellada.

Pobres blasphemos! Nos cafés deglutia-se *mãe-bentas* com philosophia de Augusto Comte e á noite, desprezando o Barbe, lia-se a *Força e Materia* de Buchner para cargas de argumentos fulminantes. A *Reforma* alborisava. Agitavam-se questões de arte, com predilecções por escolas.

Nós, moços, queriamos o Experimentalismo, pugnavamos pelo Documento. As creações romanticas tinham-nos cansado. A graçola nacional archivada nas folhinhas do Laemmert, transformava-se n'uma ironia subtil de civilisados, objectivada pelo lapis de Bordallo Pinheiro e

Borgomagnêro. Atacava-se o nome de Alencar, com uma acrimonia desaforada; Macedo agonisava ouvindo a vaia assobiar-lhe á sombra. Mas, olhavamos em derredor, de bugalhos afflictos, a procurar os *idolos* que satisfizessem ao nosso fétichismo. E não tinhamos idolos! Lançavamos-nos, então, a confraternisar com uma geração portugueza que já tinha passado, que era apenas uma tradição.

Resurgiamos a lucta coimbrã e, irreverentemente, apedrejavamos á memoria de Castilho que nos parecia o pae espiritual do caturrismo brasileiro.

Ao morrer Herculano, suavemente como um santo e dignificado pelo seu trabalho e pelo seu arraigado amor á obscuridade, as tendencias mundanas de Ramalho Ortigão fizeram-no feroz diante do justo que baixava á cova, puzeram na sua critica exprobações contra a fraqueza que o tinha reduzido a fabricante de azeite em Val de Lobos, contra o egoismo que o tinha retrahido á existencia pacifica e frugal d'aldeia. Isto bastou ao nosso ardor iconoclasta.

Herculano era um velho idolo, e logo em arremesso quixotesco, mettemos hombro ao seu pedestal de bronze, que resistirá aos seculos!...

O *Primo Basilio* chegou-nos nesse tempo. A' parte o rotulo escandaloso, que o divulgou rapidamente, como ainda não houve livro que alcançasse tão dilatado commercio, a sua influencia na litteratura brasileira foi sensivel.

Pouco depois do seu apparecimento, um narrador que se occultava no nome dum personagem de Edgard Poè, o Hop Frog, estreiou no rodapé da *Gazeta de Noticias* com uma série de contos á maneira naturalista. José do Patrocinio nos *Retirantes*, repudiava os moldes gastos em que vertera *Motta Coqueiro* para se approximar do processo descriptivo de Eça, e mais tarde, em São Luiz do Maranhão, Aluizio Azevedo dava ao prélo *O Mulato*, em que, definitivamente, firmava a victoria da nova escola, com applausos de nós todos, leitores enthusiastas, que deliravamos por um *idolo* e exigiamos, através do nosso desvairamento patriotico, do nosso irrisorio *chauvinismo* dos dezeseis annos, que houvesse no paiz um homem para se confrontar com o triumphante nome do escriptor portuguez.

Era isso uma necessidade, e tão séria, e tão palpitante, que, envergonhados da nossa miseria litteraria, desmereciamos, com um ingenuo ciume e ridicula pretenção, a victoria do auctor do *Primo Basilio*, correndo ás livrarias, á clamar por Zola por se nos afigurar ter sido Zola o mestre do grande Eça!...

D'ahi vem a data da entrada do naturalismo no Brasil, em que, muitos annos depois, vencendo a reacção systematica das mumias lettradas e a preguiça mental do povo, foram trabalhados: o *Atheneu* de Raul Pompeia, a *Normalista* de Adolpho Caminha, o *Simas* de Papi Junio e *Um escandalo* de Arthur Lobo, livros bastantemente dignos para representarem a litteratura de uma época.

Eis o que guardo, em memoria, sobre o apparecimento do *Primo Basilio* no meu tempo, porque fui desses ingenuos meninos que andavam com os compendios d'exames ao sovaco e laço rubro no collarinho, a endeosar nomes, entre os quaes de muita gente patricia que, á luz de hoje, não vale um dos quatro pés do velho sophá onde li o nosso amado artista, posto que, se o sophá se desengonçasse por falta de tres pés, essa mesma gente teria com que o equilibrar.

GONZAGA DUQUE.

EXPOSIÇÃO NACIONAL

O PALACIO DAS INDUSTRIAS EM CUJA FACHADA IRA O CHATEAU D'EAU

NA FRONTEIRA

O FRÓYLAZ

REMA certo, *moçada !*

Aguenta a prôa, Vicente!

Bradava o Fróylaz, de pé na pôpa da canôa, correndo as grandes cachoeiras do rio Santo Antonio, acima do arroio grande, que os primeiros demarcadores do seculo 18º appellidaram das Taquaras.

O rio, após longo estirão manso e tranquillo, onde attinge á sua maxima largura, embravecêra.

Saltava impetuoso, salvando penedias de basalto, cuja negrura realçava as espumas alvas dos escarcéos.

O sol ía bem alto e os seus raios irisavam-se, dando em cheio nos marouços azulados.

As margens de pedregaes, cobertas de bosques emmaranhados de *taquarembós* e *taquapys*, que subiam pelas collinas verdenegras em manchas de tons claros, eram desertas.

O homem civilisado não havia substituido ainda o selvagem, que alli vivêra.

Os moradores daquellas tristes agruras eram as antas e as onças, os *tajassús* e *jaguatiricas*, as *iráras* e os veados, em guerra sem treguas.

Estava proximo um salto: ouviamos-lhe o estrondo a poucos metros. O momento era critico.

A canôa, saltando na crista das vagas, bateu num rochedo submergido e ia atravessando.

O proeiro metteu o remo de encontro e ella ganhou o fio da corrente.

Rema, rema forte!

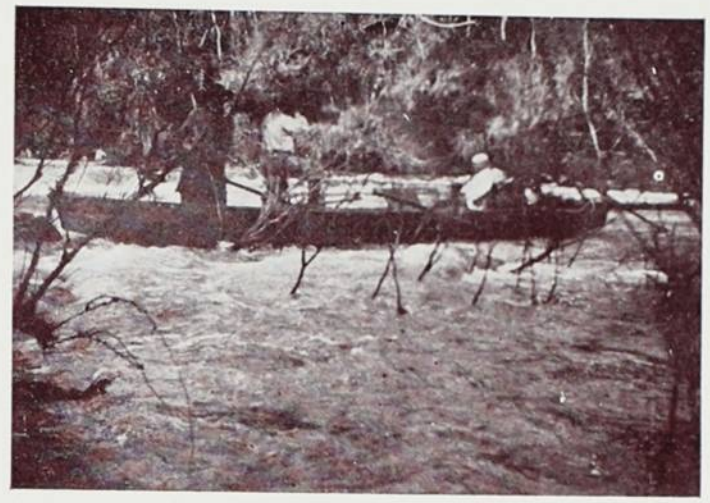
Bradou com energia o timoneiro.

CORRENDO UMA CACHOEIRA DO SANTO ANTONIO. (1903)

O fragil lenho descia veloz, equilibrando-es aos tombos no dorso espumante das ondas.

O abysmo escancarou-se adiante. Fróylaz, erecto e calmo, mediu-o num relance e pôz a espadilha á meio.

Os remos cavaram fundo nas aguas, a prôa suspendeu-se no ar e afocinhou abaixo nas marejadas do remanso.



NO REMANSO DUM SALTO DO SANTO ANTONIO. (1903)

A canôa deu ligeiro mergulho e sahiu adiante, balouçando-se airosa e escorreita.

O rio parecia fatigado; deslisava manso e liso. Deixámos á esquerda o bellissimo arroio da Cascata que conserva o nome dado pelos demarcadores de 1759, e se despenha, como um lençol de prata, do alto dum penhasco de basalto sobre a madre do rio.

Mais abaixo procurei a sepultura do velho Patricio, que alli ficára para sempre em o dia 6 de Janeiro de 1888.

Era de Minas Geraes, serviu mais de 20 annos como soldado de cavallaria e combateu nas fileiras do bravo 2º regimento de Osorio na batalha de Monte Caseros.

A cruz que mandei plantar havia desapparecido devorada pelo cupim ou sumida no meio da opulencia da matta, que parecia ter readquirido a perdida virgindade. Apagaram-se todos os vestigios.

Do esforçado veterano só restava a minha saudade.

O dia descambava rapido; e o Iguassú estava ainda longe.

Das bandas do sul levantou-se um negrume sobre o cimo da floresta, que mal a brisa agitava. Era o *olho de boi* precursor dos tufões.

Não alcançariamos a embocadura com dia.

Perguntei ao Froylaz: chegaremos antes da tormenta ?

Que esperança, General; ella não tarda.

Sentimos um arrepio no rio e na matta e as nuvens a galopar negras no espaço.

Sem demora escureceu e ouviu-se um ruido singular; parecia um gemido. Dir-se-ia que todas as arvores daquella floresta immensa implora-vam piedade á ventania que avançava rugindo e ameaçando arrancal-as pelas raizes. Tudo ficou em treva e a chuva açoutava-nos impiedosa.

Felizmente o Fróylaz tinha o instincto do homem da natureza e não se perderia naquella escuridão. Alumiavam-lhe a rota os relampagos e os raios, de vez em quando.

Desciamos velozes, sem um choque, sem um embate siquer nas pontas dos rochedos que emergiam do leito do rio ou nos galhos das arvores, que pendiam das barrancas.

Ninguem falava; — a unica voz era a da tempestade.

Chegamos tarde ao acampamento da foz, — onde a turma do Major Benjamin Barroso acabava de erigir na margem brasileira um bello marco monumental, fronteiro ao argentino da margem opposta.

E' preciso passar mezes e mezes em rios estreitos de margens barrancosas, cobertas de matta, onde as montanhas vão morrer, escondendo o céu, que só apparece em pequenas nesgas, para avaliar o prazer que senti, quando o dia raiou claro e sereno e o olhar se extendeu satisfeito sobre a vasta superficie tranquilla do Iguassú e della subiu ao céu ainda velado, perto do horisonte, pelas nevoas alvadias do inverno.

A alma desafogou-se e bebeu o espaço infinito á largos haustos.

Fronteiro ao nosso, do outro lado do Santo Antonio, a 80m,0 de distancia, via-se o acampamento argentino, com um grande mangrulho donde observavam os officiaes á noite os signaes luminosos do cerro Bandeira, para a determinação da differença de longitude com o cerro do Costa, no kilometro dez da linha do mais alto terreno entre as cabeceiras principaes do Pepiry-guassú e Santo Antonio.

O nosso acampamento era dos mais pinturescos: as canôas atracadas á bella escada do porto, o marco em forma de obelisco, de pedra e cimento, repintado em mosaico irregular com arestas vivas, sobre um pedestal de largos degraus, donde subia com cinco metros de altura, tendo numa face o escudo do Brasil, de bronze, caprichosamente fundido; as tendas esparsas harmonicamente; cerca de dous hectares roçados e limpos; e palmeiras diversas plantadas copiosamente no alto da barranca.

Demoramo-nos um dia apenas; e no outro, em madrugada alta, nos partimos Iguassú abaixo.

Estava frio e humido. Ainda ao lusco-fusco, enfrentámos a ilha do Pesqueiro, onde o marco brasileiro, com o escudo voltado para o canal argentino, surgia alvacento da semitreva do bosque.

A manhã era de brumas e dava-nos calefrios o vento cortante, que franzia levemente a face ampla do rio, que tem defronte do Santo Antonio, mais de meio kilometro de largo.

Abrigava-me um ponche forrado, e tapava-me as orelhas um lenço de seda.

O Fróylaz, em mangas de camisa e descalço, dirigia, de pé na pôpa, atravez os penedos, a canôa que corria ligeira pelos meandros das corredeiras e pequenos canaes, tornados mais numerosos pela vasante. Estava molhado da cabeça aos pés, porque mais de uma vez, lançou-se ás aguas, para desembaraçar das pedras a pequena embarcação.

Passámos em desfilada os arrecifes das Antas, na ponta da «Ilha Grande», os saltos da Canôa e do Leão, os rapidos dos sarandysaes das Quatro Irmãs, as cachoeiras do archipelago das Taquaras, e o salto Irene.

Ao meio dia paramos na margem brasileira para almoçar.

ALMOÇANDO NA MARGEM DO IGUASSÚ. (1903)

A' tardinha deixamos á esquerda a «Ilha Só» e abicamos ao porto de Santo Agostinho.

ACAMPAMENTO DE SANTO AGOSTINHO. (1903)

Tinhamos percorrido cem kilometros e estavamos a cinco acima das maravilhosas cataractas, que têm, na épocha da estiagem, força que avaliámos em um milhão e novecentos mil cavallos.

Do grande «Salto da União» pelo qual passa a linha divisoria até a embocadura, a distancia é de vinte e quatro kilometros.

Em Santo Agostinho foram encontrados cacos de louça antiga fundamente soterrados, cuja data talvez remonte á épocha dos jesuitas.

Foi alli provavelmente que os padres da Companhia — Diego Borôa e Claudio Ruyer fundaram em principios do seculo 17º a povoação de Iguassúa da Missão de Santa Maria la Mayor, que teve a duração ephemera de doze annos apenas, pelo medo que fizeram os mamelucos paulistas ao padre Contreras, perguntando-lhe com interesse pela gente do Iguassú e do Acaray.

Dois mil e duzentos iguassuanos emigraram para a margem do Uruguay e lá fundaram entre Concepcion e San Javier outra missão com o mesmo nome, da qual existem hoje as ruinas sem importancia.

Fróylaz voltou de Santo Agostinho. Fiz-lhe regalo do meu ponche e do lenço de seda; lembrando-me dos serviços que me prestára e do frio daquella manhã glacial, que elle supportou desabrigado, sem tiritar e alegre.

Era rio-grandense.

Alvo e corado, a sua cabelleira era negra e anellada e a barba fina e farta.

A estatura era mediana, o rosto bonito e o corpo elegante.

Na segunda viagem, que fez pelo Iguassú e Santo Antonio, conheceu-lhes os segredos e era o seu melhor pratico.

Nascêra nas Missões brasileiras e morava na margem do Uruguay, perto da bôca do Cumanday.

Nas bravas lides, em que os esquadrões se travavam baralhados a espada de Fróylaz coriscava, vermelha de sangue.

Depois da paz, ficou mais pobre do que era.

Fez-se lavrador naquelle feracissimo deserto, onde ninguem havia para lhe comprar os productos.

Caçava nas mattas magestosas, disputando a prêsa ao tigre, unico soberano dellas.

escava nas aguas do grande rio; e assim vivia sempre em dura e penosa lucta.

O violão e a mulher adoçavam-lhe a vida e a pobreza.

Quando a commissão subiu o alto Uruguay, conchavou-se como peão.

Recommendou-se logo pela intelligencia e pelo esforço do braço. — Ninguem era mais habil em solver as difficuldades, que surgem á cada momento nessas paragens solitarias e sem recursos.

Com a mesma galhardia arrojava-se ás coleras das cachoeiras e saltava no dôrso dos pôtros bravos: — tão dextro canoeiro, quão bizarro cavalleiro.

Nenhum *guasca* dava mais elegante um tiro de bòlas, nem laçava na disparada um touro bravio.

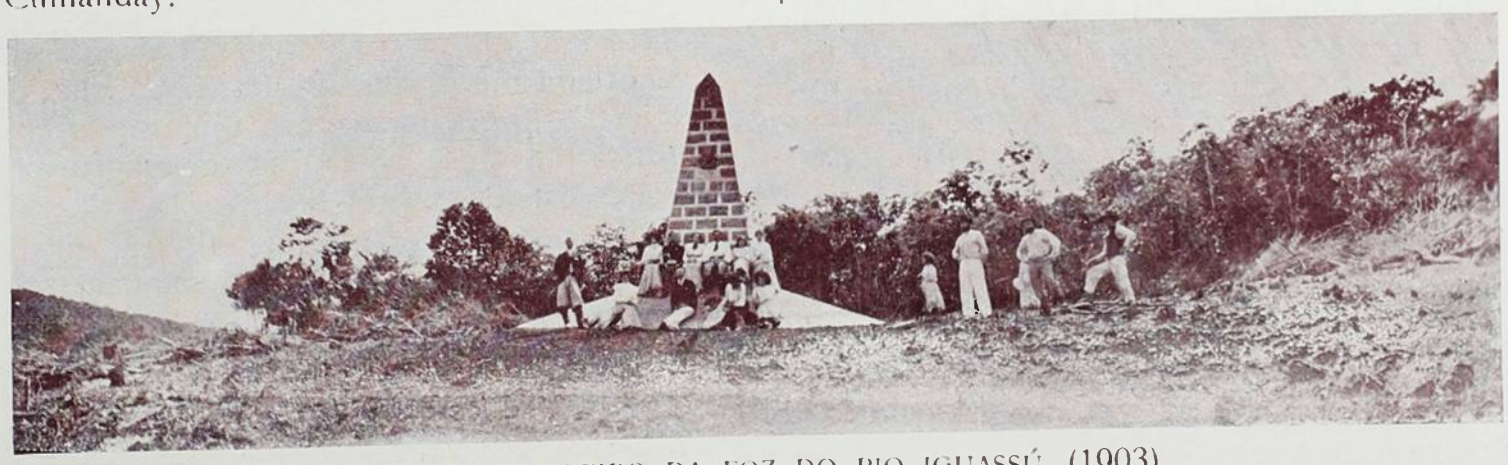
Não o fatigavam as marchas penosas por montes e valles, campos e selvas cerradas de taquaraes, com atascadeiros e pedregaes.

Si lhe faltavam as botas, não ficava depeado ao palmilhar as picadas cheias de tòcos e semeadas de espinhos.

Tão forte a cavallo, como á pé.

Era um bello typo do gaúcho da fronteira rio-grandense.

Terminada a demarcação do Uruguay, a maior parte dos peões despediram-se e voltaram para os seus sitios.



MARCO BRASILEIRO DA FOZ DO RIO IGUASSÚ. (1903)

Adquiriu fama de valente na revolução federalista, onde ganhou os galões de capitão.

Contavam que nas arrancadas bravias, a sua lança era a primeira que topava nas fileiras contrarias.

Fróylaz acompanhou-nos para o Paraná.

Quando parti de Posadas, rio acima, para escolher o lugar onde devia ser erigido o nosso marco da foz do Iguassú, levei-o commigo.

Armámos as nossas tendas de campanha em uma pequena praia, logo acima da confluencia, na margem do Paraná.

O grande rio do nosso planalto central corria veloz e redemoinhando pela nossa frente; separando-nos do Paraguay, cujas opulentas florestas viamos, á pouco mais de trezentos metros, emergindo das areias brancas e dos basaltos negros da margem.

Esse rio immenso, a que os guaranys deram o nome de — Parente do Mar — corre constringido, entre altas barrancas, num leito, que se vai apertando mais e mais, á medida que se avisinha do maravilhoso salto das «Sete quedas» ou de Guayra, abaixo do qual tem apenas 60 metros.

Os torvelinhos ou *funis*, como são denominados pelo povo, vão não raro de margem á margem.

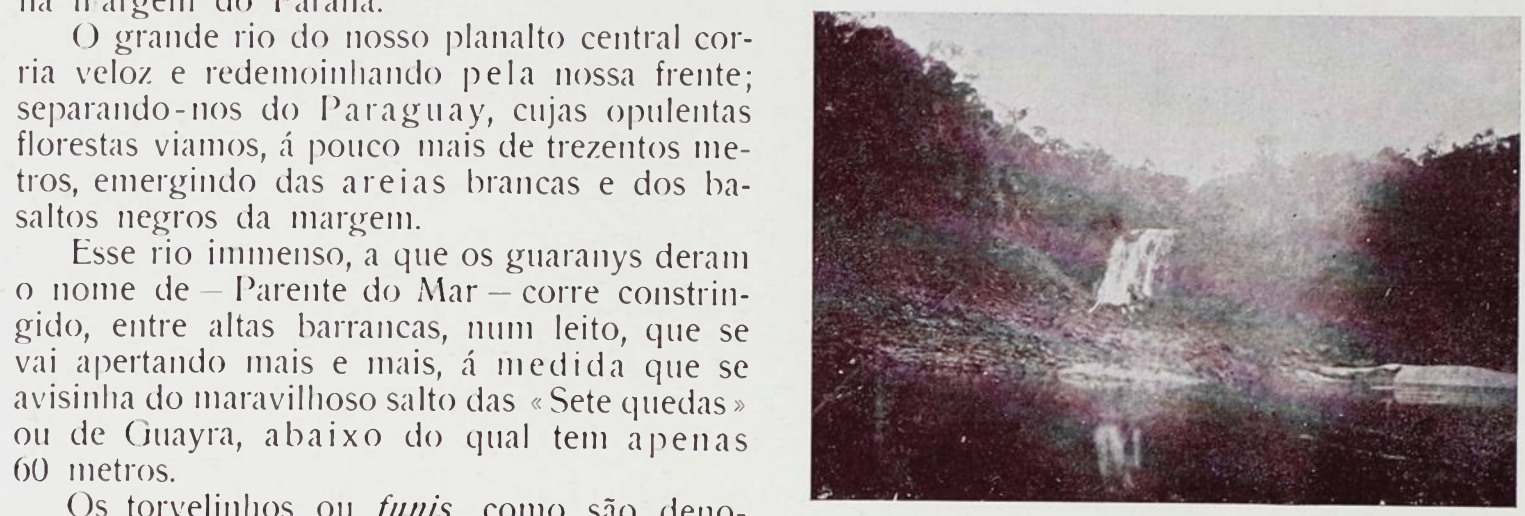
Quando o remontei até Pozuelos em 1903, a bordo dum excellente vapor da casa de Nunez y Gibaja de Posadas, via as aguas turbinosas girando com velocidade vertiginosa

PEQUENO AFFLUENTE DO PARANÁ

para o fundo do vortice, que se abria no meio do rio, e o Espana vibrando cortar rapido e offeguento as espiras que o envolviam e pareciam querer arrastal-o para o abysmo.

Desde a foz do Iguassú até ao Salto de Guayra, a distancia é de 190 kilometros. Nesse curto trecho, um dos mais bellos e apraziveis do mundo, affluem, do lado do Brasil, uns cento e vinte rios e arroios e outros tantos do lado do Paraguay.

Alguns são de consideravel cabedal como o Acaray, Iacanguassú, Santa Thereza, Itaembé, Pozuelos e Carapá ou Igurey, do Paraguay; e nossos — o Ocoy, Igovy, S. Francisco ou Jaguary, rico de hervaes, Jairy-mirim, Alvaro Nunez e Ipané. Todos esses duzentos e tantos affluentes despenham-se em cascatas mais ou menos proximas do leito do suzerano.



PEQUENO AFFLUENTE DO PARANÁ

O VAPOR ESPAÑA ENTRANDO NA FÓZ DO IGUASSÚ EM DEMANDA DO PORTO AGUIRRE.

Alguns ha que se precipitam directamente sobre as aguas do Paraná; são os menores.

Ambas as suas margens são povoadas de nobres florestas de preciosas madeiras de lei, que occupam a parte mais elevada da barranca. Na inferior, perto das aguas, vêem-se ás faxas verde-claras dos taquarassús, que attingem proporções collossaes.

Bem perto do nosso pequeno acampamento, a pouco mais de kilometro e á montante, viamos o porto do nossa colonia militar, onde então não existia uma só embarcação.

As canôas de cedro, que mandei construir para a turma do Major Benjamim Barroso, no Iguassú, já estavam amarradas acima das cataractas. Restava-nos sómente uma para o nosso serviço.

Mandei-a á colonia com dois peões. Amarraram-na no porto e subiram pelo estreito carreiro tortuoso, que se torce pela encosta da collina e vai ter á séde do estabelecimento.

Quando os homens voltaram, a canôa havia desapparecido: roubaram-na.

Pouco depois passava pela frente do nosso acampamento, navegando ao meio do rio, e tripolada por dois homens.

Fróylaz conheceu-a e chamou-os á falla. Não foi attendido e remaram mais forte.

O valente rapaz não hesitou um momento. Despiu-se e lançou-se as aguas profundas e velozes com a adaga nos dentes.

Nadou ás braçadas para a canôa fugitiva. Os ladrões remavam á voga arrancada e o tritão rio-grandense perseguia-os impavido, com os hombros largos e o peito fóra d'agua.

Singular perseguição!

Assistiamos attonitos áquella scena de epopêa.

Os proprios canoeiros espantaram-se. Distrairam-se e iam ser abordados.

O gaúcho levantou um braço para alcançar a canôa.

O piloto ergueu-se e acenou-lhe, com o remo, um golpe á cabeça.

A luta era de morte.

O temerario desappareceu no seio das aguas, que se fecharam sobre elle e a pequena embarcação descia mais rapida.

A nossa anciedade era indescriptivel.

Fróylaz surge de repente á flôr do rio com a mão esquerda agarrado á borda e com a adaga na direita ameaçando a garganta do timoneiro.

Saltou dentro encarranchado nas costas do bandido e apoderou-se da garrucha, que elle tinha á cintura.

Dominou-os a ambos. Fêl-os remar para o nosso porto e apresentou-m'os, sem alardo da sua extraordinaria proêza.

Um era paraguayo, foragido das justiças da sua terra; o outro, brasileiro, desertor da colonia.

Como esse bravo, o Brasil conta innumeros filhos espalhados pela vastidão das suas terras.

DIONISIO CERQUEIRA.

BUENOS AIRES

O SENTIMENTO DA UNIDADE NACIONAL — OS TRES VISINHOS DO SUL — OS VISINHOS LONGINQUOS — ASPIRAÇÕES.

IV

NÓS no Brasil, desde pequenos, começamos a conhecer a Europa e a nada saber da America, entrando na vida nacional, na vida intima, na vida privada do Velho-Mundo atravez da sua amavel e fecunda litteratura. Em geral um moço de certa educação que chega aos vinte annos principia a ser um familiar das coisas e dos costumes transatlanticos, principalmente dos da França. Os rapazes que nasceram depois de 1870, conhecem mais, quando estudam Historia, a guerra franco-prussiana do que a guerra do Paraguay; e descorrem com mais segurança sobre os episodios da Revolução franceza e da epopéa napoleonica do que sobre as nossas mais intimas paginas nacionaes, como a Independencia, a Abolição, a Republica, — para só citar os pontos culminantes. «Nós não temos historia», costumam dizer os moços. Como não temos? Então as lutas dos Portuguezes, dos Indios, dos Hollandezes e dos Francezes são fantasia? Não é por acaso historia a conservação d'esse immenso territorio? Não é historia esse milagre da unidade nacional que manteve a lingua e a tradição em um vasto paiz que se formava, que no seu verdadeiro macisso nacional jamais se desagregou, mesmo com o exemplo da Colombia? «Não é historia porque não tem passado», dizem. — Esquecem que averdadeira Historia de França começou na Revolução que baralhou todo o passado, que distruiu toda uma antiguidade e que se espalhou como um raio de luz em todo o mundo occidental. E que foi a Revolução franceza senão um poderoso reflexo da Independencia americana? Foi um subdito de uma colonia ingleza, foi Washington que ensinou a liberdade á Europa. O mais é effeito das bellas palavras: Roma, o Tibre, Romulo e Remo, a Soba, as Sabinas, Cesar, as Gallias... — Litteratura. A Italia nasceu em Garibaldi. — Mas é que a Historia, a historia que fica no coração e na imaginação, que commove, que inspira, é a historia dos romances, do theatro, das poesias, — das phrases. E nós temos poucas d'essas ultimas. Temos «o unico tumulo digno de um almirante battavo», temos «já se casaram esses bobos», «independencia ou morte», «de nós dois a magestade sois vós», «por mim não se derrama sangue», «á bala...» Creemos algumas phrazes como: «Tout est perdu, fors l'honneur», «Paris vaut bien une messe», «j'ai failli attendre», «tirez les premiers, Messieurs les Anglais», «du haut de ces pyramides...», «non, Monseigneur, je suis mort...» Creemos umas duas duzias de coisas *por el estilo*, e vereis, historiadores do meu paiz, como a mocidade apprenderá a Historia do Brasil. Emquanto os eruditos não dão o seu parecer, aqui vão uns exemplos que podem servir provisoriamente. Para Mem de Sá: «Aqui será o verdadeiro paraiso.» Para Tiradentes, na forca: «O meu ultimo suspiro é o primeiro vagido da liberdade.» Para o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão: «Meu Deus, restituo-vos as azas de Icaro.» Para Evaristo da Veiga: «Fiat lux.» Para Ozorio: «A vanguarda? A vanguarda sou eu.»

Todas as historias são parecidas e se resumem nas guerras e nas conquistas; são os historiadores e os poetas que as embellezam. Que seria do povo de Israel sem Renan, dos primeiros christãos sem Chateaubriand, dos Gregos e dos Romanos sem tantos seculos de litteratura? Embellezemos os episodios da nossa nacionalidade, façamos falar a fantasia, e a Historia do Brasil será uma das mais bonitas do mundo. Sejamos tambem menos indifferentes ás coisas de casa e ás dos visinhos, conservando sem embargo o mesmo ardente e justissimo culto á intellectualidade européa. Que a mocidade tenha um pouco de educação civica; façamos do menino um homem antes de fazel-o um super-homem. O resto vem por si.

Não sei quem foi que disse que os Brasileiros são os Parisienses da America. E' verdade, nós somos espirituosos de mais, e é este o nosso mal; os Francezes são muito engraçados mas fizeram a França; nós devemos acabar de fazer o Brasil. Devemos pôr no registro da pilheria um aviso como o da *Maison Tellier*: *fermé pour cause... de construction*. Não quer isto dizer que sejamos tristes; póde-se sêr alegre e levar a vida a serio.

*
* *

Assim me falava um amigo e patricio, durante um intervalo, n'um theatro em Buenos Aires, onde só representam peças genuinamente nacionaes.

Lêstes bem, escriptores brasileiros, peças genuinamente nacionaes? Isso é admiravel em um paiz como a Republica Argentina, onde, apesar das dezenas de casas editoras, do favor do publico, da animação da critica, a producção litteraria ainda é incomparavelmente menor do

que a do Brasil. Alli, como no Uruguay, quando apparece um verso bonito, empurra-se o autor para cima, em vez de empurral-o para baixo como se faz em outros paizes. E os Argentinos e os Orientaes adoram os poucos litteratos brasileiros que conhecem. Mas como os ha de conhecer o grande publico si os nossos jornaes, com raras excepções, desdenham o romance brasileiro e publicam nos seus folhetins velharias e banalidades? Como havemos de sahir dos nossos limites, si, esceptuando Lucinda Simões, as companhias dramaticas portuguezas que vão ao Rio e S. Paulo ganhar dinheiro não representam uma peça nacional? Dir-se-á que não ha escriptores dramaticos actualmente no Brasil, desde que se calou o illustre Arthur Azevedo. Ha sim. Ha muito homem de lettras que tem na sua gaveta comedias e dramas em prosa e verso, — á espera de que os Novelli e as Réjane do idioma de Camões cáiam do céo por descuido.

N'essa noite justamente representavam-se duas peças argentinas; uma, drama popular do genero *Ambigu Comique*, a outra, chistosa comedia, com acção em Buenos Aires e na provincia, chamada, si não me engano, *Silvino Abrojos*. — Theatro cheio, autores argentinos, actores argentinos, sotaque argentino, costumes argentinos. — Meu Deus, em que dia um viajante do Rio da Prata dirá isso em relação ao Brasil?

Despedindo-se de mim, o meu amigo lembrou:

— Não deixes de vir amanhan! Levam uma peça mais caracteristica, mais typica, com acção na fronteira, com danças nacionaes, com danças brasileiras... Eu venho sempre matar saudades; é uma peça argentina, mas é tambem brasileira: é a fronteira, é o Rio-Grande, é a minha terra.

— Então, até amanhan!

— Sem falta!

— Sem falta...

O meu amigo tinha razão: era uma peça typica, cheia de amor e de ciume, tirada do natural, — e durante uma hora de emoção, lembrei-me do *Gaúcho* de José de Alencar, d'essa bella e terrivel pagina da nossa litteratura, em que são tão formosas as paizagens, tão bem pintadas as personagens, hoje injustamente esqueciadas porque o Rio-Grande é muito longe, porque a futilidade se alastra como uma nodoa de anil, porque os gaúchos não são socios de cordões carnavalescos nem são moços «smarts» do corso de Botafogo.

Sim, estão limitando o conhecimento do Brasil á rua do Ouvidor, á Avenida Central, ao Pavilhão Mourisco, a Petropolis e ás estações de Agua de Caxambú e Lambary; os mais audazes chegam até S. Paulo e até Minas; o resto... só na carta geographica. O Rio está padecendo agora do mal de «elegancite aguda», seguida de todo um cortejo de symptomas graves pela frivolidade. Os livros passam despercebidos mas não as gravatas dos dandys; dos mostradores do Garnier, do Laemmert, do Alves fogem os grupos a procura das vidraças dos luveiros; e a vigorosa, elegante lingua dos *Luziadas*, dos sermões de Vieira, dos sonetos de Bocage, das paginas de Garret e de Herculano, dos romances de Eça de Queiroz, dos versos de Gonçalves Dias, deserta como uma esquadra vencida, sob os apupos dos «up to date», dos «smarts», dos «derniers bateaux.»

Ha de vir, porém, o grande movimento da reacção, porque «não se tapa o sol com uma peneira», como diz o povo. Na Russia hoje não se escreve uma novella que não seja logo conhecida em toda a Europa, em todo o mundo; passará entre nós essa crise mundana, passará a mania carnavalesca que tudo esquece, e prosperarão as puras lettras, haverá mais respeito pela obra d'arte, e o mesmo povo que fez a obra-prima do Rio de Janeiro, fará a gloria da sua intelligencia.

A Hespanha edita autologias dos poetas hispano-americanos. Ruben Dario, Zonilla de San Martin, Clemente Althans, Chocano, Valenzuela, Mitre, Ricardo Palma, Juan Carlos Gomez, Garcia Merou, Guido y Spano, Campusano ha muito que chegaram ao mundo intellectual hespanhol, levando á velha patria a gloria das patrias novas. E quantos são os litteratos brasileiros conhecidos em Portugal? — A culpa é nossa, é culpa da nossa apathia, da nossa indifferença. Não ha jornal do Rio que não tenha sobre Portugal as mais minuciosas informações; e em Lisboa, durante doze dias, procurei inutilmente um telegramma do Rio de Janeiro! Na sala de leitura dos transatlanticos tereis á escolha os principaes diarios de Buenos Aires, as principaes revistas; nem um, nem uma do Brasil.

* * *

Entretanto ha bôa vontade a nosso respeito; e Deus queira que em breve em toda a America nos conheçamos uns aos outros como se conhecem os tres mais proximos visinhos do continente: o Rio-Grande, o Uruguay e a Argentina. A vida d'esse glorioso Estado brasileiro, o seu progresso, o seu trabalho, os seus homens são aqui no Prata pelo menos tão conhecidos como no Brasil; e percebe-se claramente que esse conhecimento se vae extendendo ao Paraná, á Santa Catharina, ao Rio e

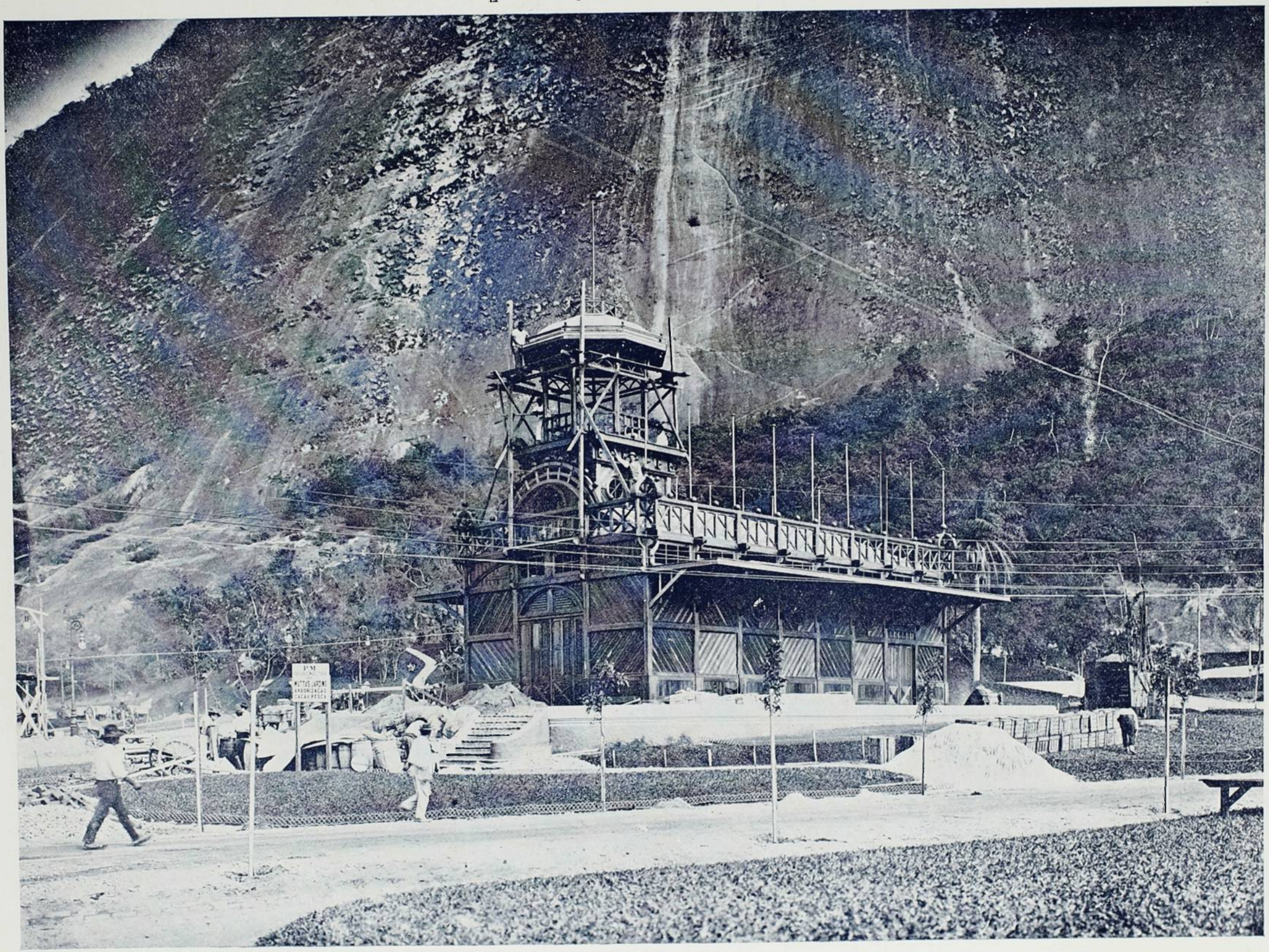
a S. Paulo. Para que essa feliz approximação seja mais rapida, dentro dos meios naturaes, basta que se faça a permuta dos diarios do Rio com os de Buenos Aires e de Montevidéo. Si essa permuta existisse, si ella fôsse regularmente feita, um jornal de Montevidéo, referindo-se ao centenario da nossa imprensa, não citaria entre os principaes periodicos do Rio de Janeiro nomes truncados como *Diario do Brasil*, *Diario do Commercio*, *Jornal da Manhã*, querendo falar no *Jornal do Brasil*, no *Jornal do Commercio* e no *Correio da Manhã*.

Mui legitimamente aspiramos entrar no convivio europeu, ter alli o nosso logar marcado, dar discretamente a nossa opinião, sêr attenciosamente ouvidos. Como politica levamos uma democracia modelar que se aperfeiçôa dia a dia, uma exemplar tolerancia religiosa e a maior conquista da diplomacia moderna: o arbitramento. Como força de trabalho levamos a obra grandiosa do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Como civilisação levamos o saneamento da nossa capital, esse nunca assaz louvado esforço de Oswaldo Cruz. Como capacidade administrativa, a unidade do nosso immenso territorio cujos longinquos sertões apenas despertam. Como superioridade, todo um seculo de arte e de litteratura. E para annunciar esse advento, um exercito occupado em manter a paz, uma esquadra para dizer que o paiz tem dono.

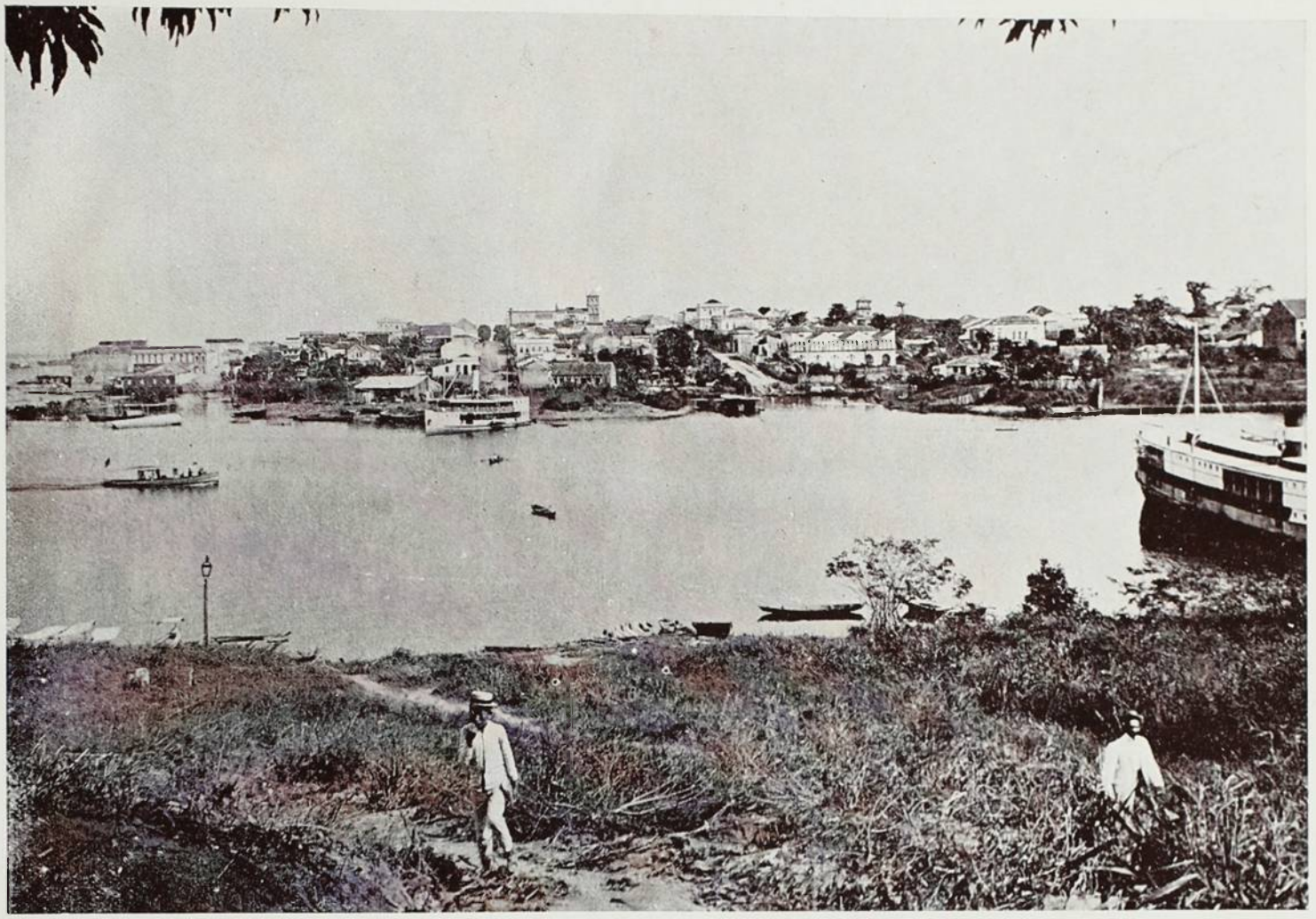
— Legitima aspiração. Mas antes virá o comicio entre os afastados visinhos, porque, sem inutil figura de rhetorica, n'este Continente nós todos nos devemos mutuamente uma grande fraternidade, e porque é ridiculo que os Americanos só se conheçam atravez da Europa. — E' a obra das estradas de ferro, n'uma época não remota em que se tome o expresso no Rio de Janeiro para ir a La Paz, — como como se vae de Paris a S. Petersburgo...

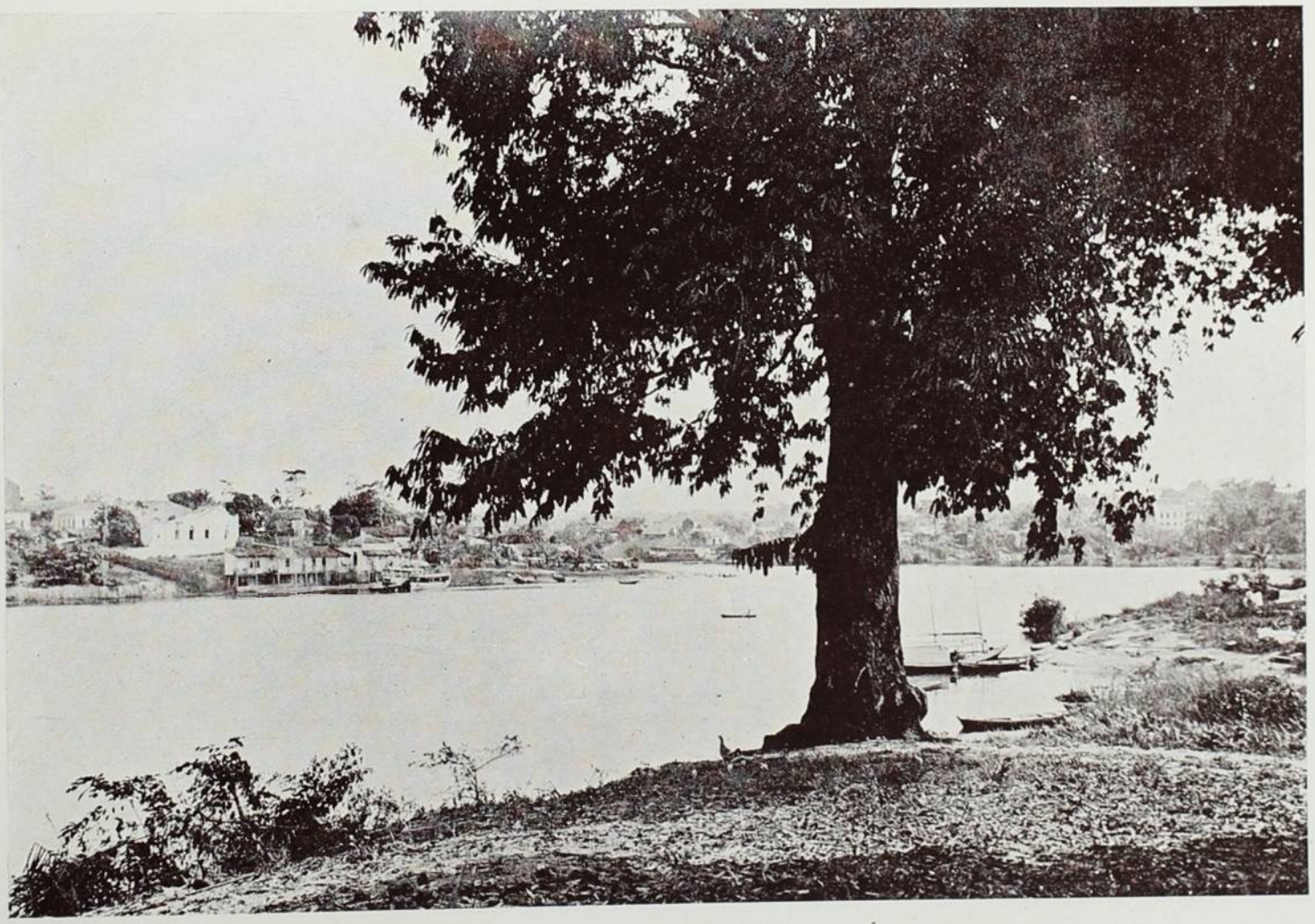
Montevidéo — Junho, 1908.

THOMAZ LOPES.



PAVILHÃO DA INSPECTORIA DAS MATTAS, ARBORISAÇÃO, JARDINS, CAÇA E PESCA
DA PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL





AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS

AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS

AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS

AMAZONAS — ARREDORES DE MANÁOS

CACHOEIRA GRANDE – POÇOS DE CALDAS

Recordações de Viagens

ERA uma destas bellas e limpidas manhãs de Maio, que extasiam a alma e a fartam das mais consoladoras e mysticas impressões.

Injuncções da afanosa profissão me retinham no sertão, onde fasia parte da commissão constructora da linha telegraphica para Matto-Grosso.

Depois de alguns dias de permanencia na Capital de Goyaz, tive de regressar ao acampamento, levando material da linha.

Iniciei a viagem sob os melhores auspicios, pois o mez de Maio se inclue no numero daquelles em que absolutamente não chove em Goyaz.

A viagem em semelhante estação, que contrasta com a das chuvas, abundantes e frequentes, se converteria em uma verdadeira delicia se não fossem os contratempos, que lhe são caracteristicos — a poeira infrene, os pertinases carrapatos e o frio intenso.

Seguido de algumas praças, que compunham o pessoal de minha comitiva, puz-me a caminho do acampamento, correndo a viagem sem incidentes. Estavamos no dia da chegada.

Após pesado e reparador somno, que me restaurára o organismo do cansaço do dia anterior, levantei-me quando ainda se ouviam no amago das mattas o piar da jaó e o canto soturno e lugubre do urutáu. A abobada celeste estava limpa de nuvens, pelo que a via-lactea e as estrellas se destacavam em nitido e saliente relevo. De mais a mais sulcado pelas luzes fugases dos meteoros celeres, o céu parecia uma alcatifa de pedras finas, que lhe davam todos os matizes.

Eu havia providenciado para que se *fizesse uma bôa madrugada*.

Durante a noite o cosinheiro alimentou attento o fogo crepitante da improvisada cosinha.

Quando o latir monotono e triste dos lobos me interrompia o somno, já prejudicado por uma dobra do leito, que era um *ligal* (couro crú de boi), ouvi bem distinctamente o crepitar do fogo, então atiçado pelo mestre *cook*, e o ruido caracteristico da fervura da feijoada, cujo cheiro chegou-me ás narinas, estimulando-me o appetite. A comida em viagem tem um aroma especifico, capaz de abrir o appetite ao maior dos dyspepticos.

A presença dos lobos influira para que a tropa apascentasse nas cercanias do poiso, que era um antigo rancho de beira no chão, coberto de folhas de *buritys*, abeirado de um modesto regato de aguas escassas.

Soou-me bem aos ouvidos o badalar isochrono do cincerro pendente do pescoço da *madrinha* da tropa. O ruido singular do corte da gramma, operado pela mandibula do animal, produz um somno delicioso, que o matraquear violento das suas orelhas interrompe aos que mal dormem.

O animal é de uma voracidade estupenda: mal apprehende com a mandibula um bocado de forragem, rapidamente a submette á mastigação e a deglute inopinado.

Tão de pressa o faz, colhe novo bocado. Só pela madrugada é que elle repoisa.

As vezes deita-se e distende os orgãos locomotores; outras conserva-se em pé, dormindo philosophicamente, pachorrentamente.

O seu somno é as vezes continuamente interrompido pela picada dos insectos. A mutuca irrita-o e obriga-o a fazer cabriolas, para se livrar de suas ferroadas.

Foi numa dessas alegres manhãs, quando a *madrinha* da tropa a retinha pelas immediações do rancho, que me levantei rapido, fazendo sem demora as abluções para tomar café, cujo aroma impregnava o ambiente.

Os camaradas não vão ao campo antes de tomal-o; e tão logo se servem delle, seguem para o campeio, arrostando o frio e a humidade.

Nesse dia a tropa não se fez demorada; e em pouco tempo estava nas estacas, a roêr o classico bornal de milho. O burro é egoista e guloso por indole. Quando mastiga a sua ração, não admitte que nada o apouquente; e não é raro vêr-se-o de orelhas murchas a escoicear os que lhe perturbam a refeição.

Ao mesmo tempo que devoram a sua ração, soffrem os animaes a raspagem, feita com raspadeiras de ferro; e são arreiados.

Terminada a merenda começa o carregamento.

Os costaes são collocados nos alções da cangalha, e só depois que estão todos os cargueiros carregados é que são sobrepostos os *dobros* e o ligal. Segue-se a sobrecarga, que é apertada até tornar a carga fixa. As vezes o esforço do camarada é tão exagerado que biparte a barriga do animal com forte sulco.

Tudo isso se fêz, ao mesmo tempo que eu e os camaradas engrolavamos o almoço, constante da feijoada e torresmos.

Estando tudo prompto, o arrieiro deu a voz de largar; e os cargueiros foram successivamente desprendidos das estacas e se puseram em marcha.

Momentos depois eu e o meu bagageiro seguimos esse movimento.

Ainda era cêdo, cerca de 5 horas. *A estrella d'alva* com o seu brilho suave, lá estava

no oriente a dardejar fracos raios de uma luz branda e meiga, que equivaliam por sorrisos capitosos de sua gracil homonyma.

Logo que deixamos o poiso embrenhamo-nos em espessa matta, que interceptava por completo a luz diffusa da abobada celeste. Os animaes andavam cautos e vigilantes.

Não era raro ouvir-se o choque de uns sobre outros ou sobre os troncos das arvores, pois as estradas, em via de regra, têm a largura de um eixo de carreta.

Um assovio adequado despertava o cargueiro do desvio que levara, e logo elle se mettia no ambito da estrada lesto e obediente.

Quando deixamos a matta, já se divisavam no horisonte os alvores da aurora: — era o dia que se aproximava risonho, a despejar luz por todos os angulos do hemipherio.

A nossa caravana marchava pacatamente por entre as campinas virentes, que substituiram a matta negra e suturna, de terreno escorregadio e grandemente dotado de forte poder de adherencia.

Depois de percorrermos doces e suaves taboleiros de fracas ondulações, descemos fortemente um vale profundo, em cujo apertado recinto espadanava suas aguas revoltas um crystallino ribeiro, de bordas ensombradas por delgada restinga de falho arvoredo.

Em um assentado da margem opposta notamos vestigios de poisada recente de carretas e tropas. Lá estavam ainda fincadas em grupos symetricos as estacas de tropeiros

Duas forquilhas ás quaes se sobrepunha horisontalmente uma vara de pindahyba, e as estaquinhas enterradas no solo, de lado a lado, indicavam que alli fôra armada uma tolda ou barraca.

Desde logo o aspecto do terreno se foi mudando: o cascalho grosso depositado no leito da estrada pelas alluviões, attestava a presença de uma serra, que se destacava em nossa frente.

Já não caminhavamos por sobre campinas e coxilhas alegres, mas por entre outeiros que se succediam a meudo, cobertos de cerrado carrasquento, entresachado de capim gordura.

A estrada seguia os vales até que trepou a serra, zigzagueando pelas lombas, que lhe pareciam auxiliar o equilibrio. Aqui e alli se viam affloramentos de uma rocha ennegrecida, que se esphacelava produsindo uma terra fortemente colorida.

Mal venceramos a serra, com descida mais ou menos abrupta, ouviramos o trinado ensurdecedor da siriema na planicie alluvial, que então atravessamos.

O cerrado se tornou menos espesso, até que foi succedido por um campo de relva adequada ás regiões humidas, de longe em longe protegido por isoladas arvores de porte erecto: eram *foveiras*, *sapucaias*, *vinhaticos*, *jacarés*, *piquis* e outras que lhe davam um aspecto menos enfadonho. As campinas desabrigadas, por isso mesmo mui castigadas pelo sol, tornam-se enfadonhas e intoleraveis.

Atravessamos algumas mattas viçosas até que deparamos a que borda as margens alagadiças de um rio silencioso, leito de fina e alva areia, com fraca declividade em seu alveo.

A vasante já era grande, de sorte que podemos vadeal-o facilmente.

Cerca de 2 leguas alem, á margem de um marulhoso regato, deparamos o acampamento da commissão, com a sua irreprehensivel fila de barracas, que obedeciam aos preceitos de campanha.

Fôra essa a derradeira marcha das que emprehendemos, a partir de Goyaz, para alcançar o acampamento.

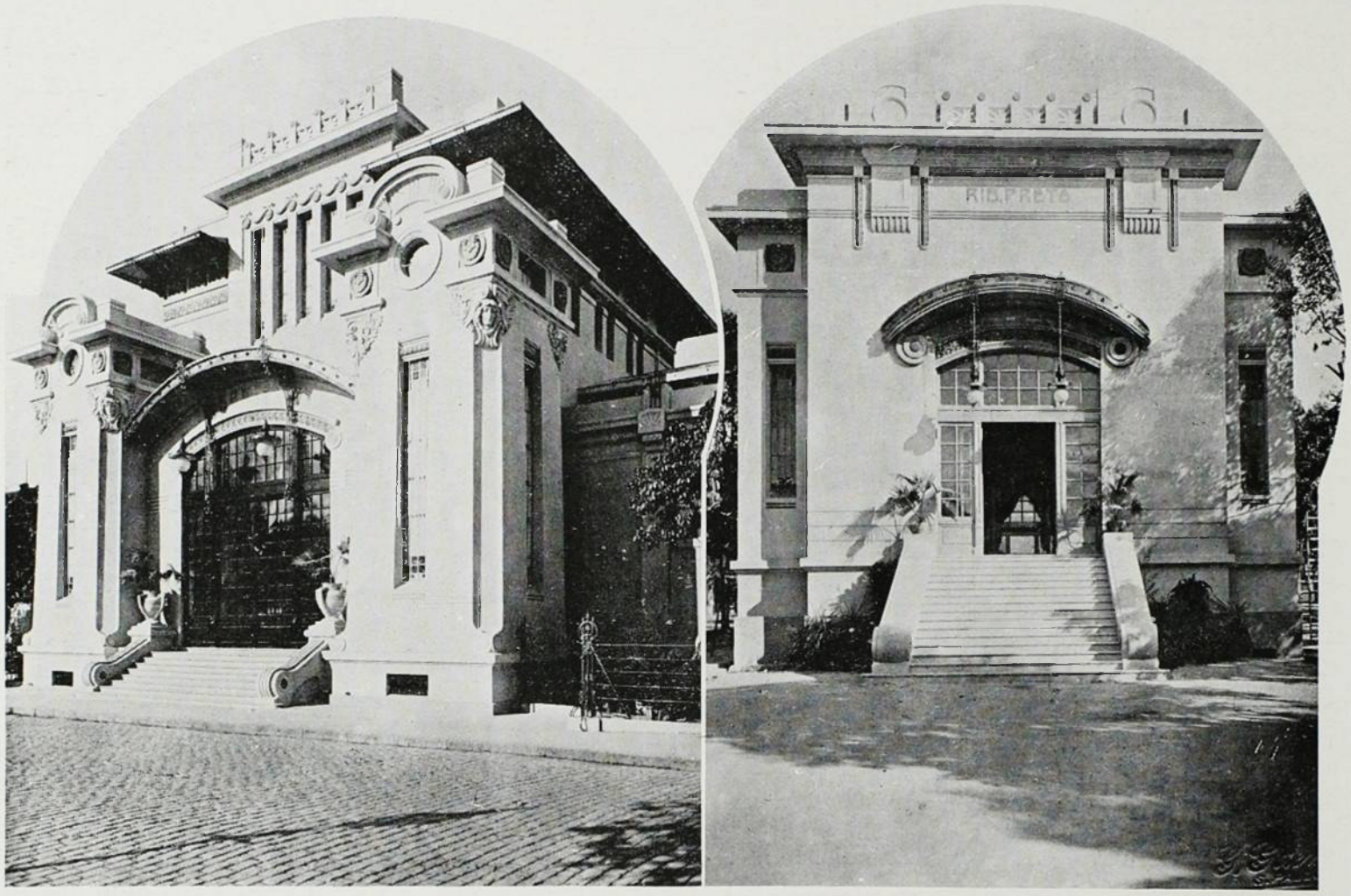
Era tarde: os soldados regressavam do serviço quando apeamos.

No rancho dos officiaes já se achava prompto o jantar.

Chegamos a tempo de obedecer o toque de avançar.

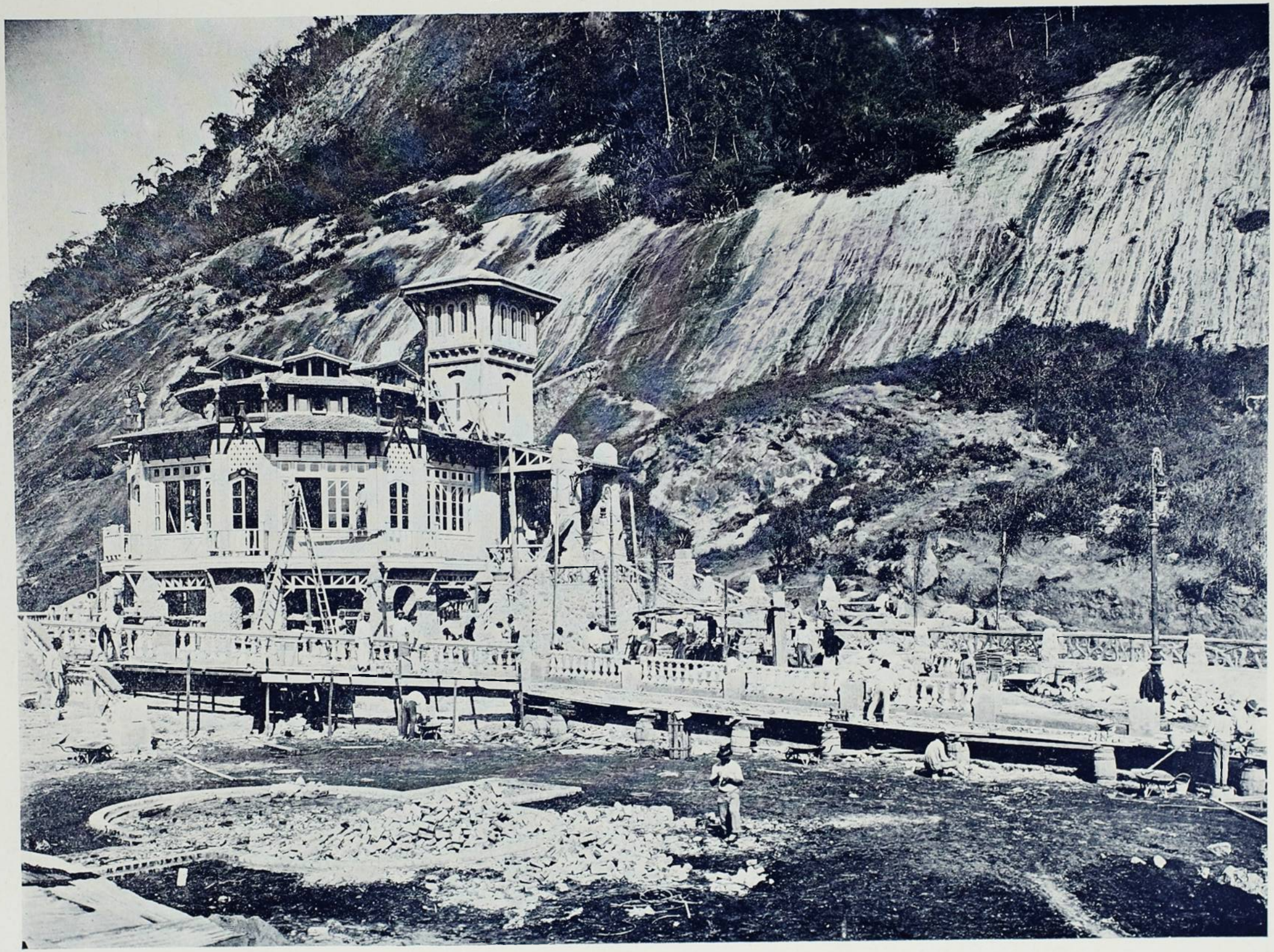
Foi uma bôa refeição a que então tivemos, pois os collegas haviam feito uma abundante pescaria naquelle rio, apanhando gordas ma trinchans.

EDUARDO SOCRATES.



PAVILHÃO DA EXPOSIÇÃO PREPARATORIA DE S. PAULO

Exposição Nacional



PAVILHÃO RUSTICO – RESTAURANT

Anno V

Numero 7

JULHO DE 1908

KÓSMOS

SUMMARIO

Exposição Nacional de 1908.....	
Babel.....	Leal de Souza
Palacio dos Estados.....	Gravura
Pavilhão Manuelino.....	Gravura
Theatro João Caetano.....	Gravura
Avenida dos Estados.....	Gravura
O Feriado Brazileiro de 14 de Julho.	Reis Carvalho
Pavilhão do Districto Federal.....	Gravura
João Quilombo.....	Viriato Correia
O Pavilhão da Bahia.....	(aspecto da illuminação)
Vae Victis.....	José Maria de A. Bello
Plenilunio.....	Lima Campos
A Illuminação do Pavilhão do Districto Federal.....	Gravura
Pavilhão do Estado de S. Paulo.....	Gravuras
Os Periodos ou Epocas da Literatura Brazileira.....	José Verissimo
O Rio.....	Oscar Lopes
A Sévigné do XIX Seculo.....	Gonzaga Duque
Recordações de Viagem.....	Eduardo Socrates

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A EQUITATIVA

DOS

Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

Auctorisada a funccionar pelo decreto n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistros pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

Apolices com Sorteio Semestral
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios teem logar em 15 de Abril e 15 de Outubro de todos os annos

---

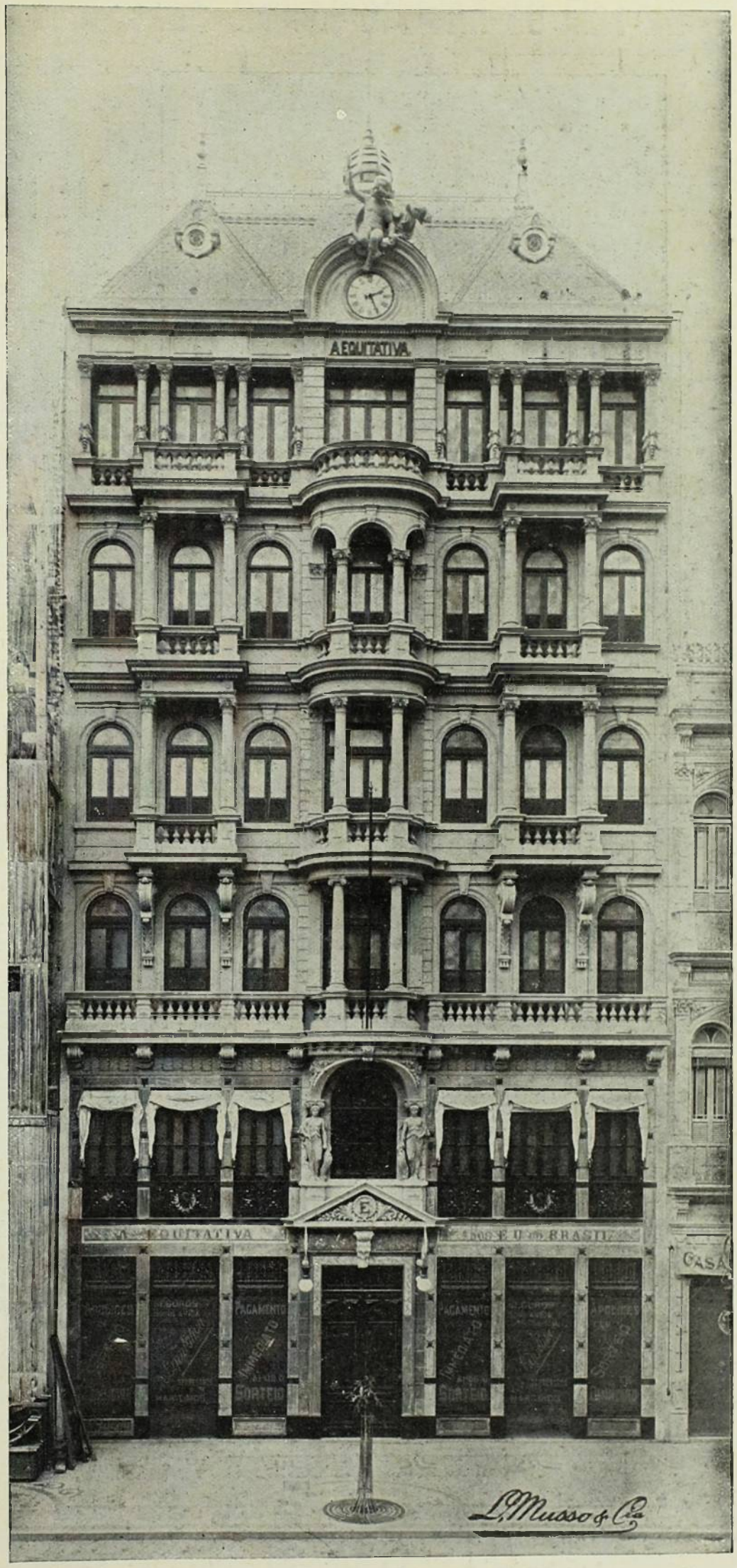
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

Pedir Prospectos

EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE

RIO DE JANEIRO

125, AVENIDA CENTRAL, 125



EVITEM OS ARTIFICIOS QUE ESTRAGAM A PELLE E O CABELLO

USEM SEMPRE O

Sabão Aristolino

de OLIVEIRA JUNIOR

O exito sempre crescente d'este precioso Sabão, em fórma liquida e agradavelmente perfumado, é uma prova exuberante de suas excellentes propriedades e vantagens.

Para o Banho
Para lavar a Cabeça
Para a Barba
Para o Rosto
Para a Caspa

DEVE-SE USAR SEMPRE O **SABÃO ARISTOLINO** DO PHARMACEUTICO OLIVEIRA JUNIOR

PIANO ANGELUS MELODANT

O ANGELUS collocado dentro do piano não impede de ser tocado á mão

Póde qualquer pessoa, sem saber musica, executar ao piano todo o vasto repertorio da literatura musical, com a perfeição do mais insigne artista, tal é a maravilha que permitte realisar em alguns minutos o ANGELUS.

E' UM INSTRUMENTO DE REAL VALOR ARTISTICO, QUE ABSOLUTAMENTE NADA DEIXA A DESEJAR, AINDA AOS MAIS EXIGENTES APRE IADORES DA BOA MUSICA, SENDO QUE, OUVIDO SEM SER VISTO, NÃO PERMITTE A NINGUEM DISTINGUIR SE É ELLE QUE TOCA OU UM INSIGNE VIRTUOSE.

Unicos depositarios no Brasil

A. GUIGON & COMP.

106, Rua Sete de Setembro, 106 — Rio de Janeiro

EXPOSIÇÃO NACIONAL

(PRODUCTOS PORTUGUEZES)

Mostruario dos vinhos VALENTE, COSTA & C. de que é representante, o Sr. A. R. SILVA, a quem felicitamos pela bôa disposição e gosto artistico de sua vitrine.

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias

SABBADO, 24 DO CORRENTE

179 — 4º

Por 1$600 **100:000$000** *Por 1$600*

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 14

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

ANNO V — JULHO 1908 — N. 7

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

A GRANDIOSA feira nacional, que o governo do presidente Affonso Penna organisou, sob o louvavel pretexto de commemorar o centenario d'abertura dos portos do Brasil ao commercio mundial, como um balanço da capacidade industrial, commercial e artistica do paiz, foi entregue á visita publica em 11 de Agosto de 1908 na facha de terra que liga o morro alcantilado da Babylonia com o alto bojo alamborado da Urca, e se limita, por banda do Atlantico, na breve curva da Praia Vermelha e, pelo interior, nas areias claras da Praia da Saudade, ultimo recosto das aguas da Guanabara no golfo de Botafogo.

Indicada a escolha do local tanto pelo pittoresco da circumvisinhança, que é, incontestavelmente, dos mais impressionantes, já pela soberbia dos pedregosos montes que o enfeixam, já pelo escampado da área cuja planicie se prestava á especialidade de construcções provisorias e variadas, quanto pelas tradicções que ali se apegaram, porque foi n'aquelle ponto que desembarcou a companha guerreira dos Sás, os fundadores da cidade do Rio de Janeiro conquistado aos francezes de Villegaignon e aos tamoyos adversos, essa grande obra de prova civilisadora, idéada, planejada e levada a effeito pela força de vontade do ministro da Industria e Viação, o Dr. Miguel Calmon, secundado pelo directorio executivo — Drs. Antonio Olyntho, ex-ministro da Industria e Viação, lente da Escola de Minas e chefe dos serviços contra a secca do Norte, Thaumaturgo de Azevedo, Padua Rezende, Getulio das Neves e Candido Mendes de Almeida — teve no Dr. Sampaio Correia, o seu director supremo na parte material, o mais extraordinario executor, tal a rapidez, a relativa perfeição, o enthusiasmo trabalhador, de noites e dias sem descanço, com que foi realisada!

Parece-nos, ainda, um sonho, esse inesperado apparecimento da pequenina cidade de palacêtes nos areiaes da Urca. Parece-nos um sonho esse alevantamento de pavilhões brancos, facêtados e rendilhados pela decorativa architéctonica, que são pequenos palacios eburneos na perlada diaphaneidade duma visão, e alí se firmaram alegre e triumphalmente sob o azul intenso do céo, deante do glauco suave das aguas, em contraste com o roxo carregado dos montes, o verde-escuro dos matos, e quasi sempre illuminados, num fundo de apotheose, pela limalha d'oiro do sol!

O sonho, porem, transmudou-se em realidade. Lá está a Exposição Nacional de 1908, no assombroso scenario das montanhas, a attra-

hir a curiosidade de todo o mundo que a vê, a distancia, como um encantado panorama das *Mil e uma noites*, o reino maravilhoso dum maravilhoso reisinho rozado e louro como um pagem dos rimances mediévos.

E não se cançam os olhos de admirarem-n'a!

Vêl-a, seja da confluencia das ruas que alcançam a linda avenida em curva da enseada de Botafogo, seja d'altura de mirantes ou de pantos altaneiros de adjacencias monticuladas, é sempre um goso, porque ha nella a esvelteza linear dum conjuncto de architectura raramente conseguido, o tom macio dos visionamentos suaves entre brumas levemente destendidas, o inedítismo de uma nova, minuscula cidade a continuar o agglomero quasi interminavel da cidade percorrida; e essa que, de improviso, se nos antolha, assim levantada alem d'aguas de um golfo formosissimo, assim no extremo curvilineo duma avenida arrebatadora, longe, a se debuxar apenas, desperta-nos o assombro, e nos faz sonhar. Que paiz de maravilhas é este?... Que capricho teve o Creador em fazel-o?... E a cidadesinha branca, rendilhada e facêtada, nos fascina. Anciamos por vencer a distancia que nos separa della. Corre a carruagem ao trote largo das parelhas, vôa o *auto* fon-foneando, róda vertiginosamente o carro electrico nos trilhos, o espaço é devorado, a extensão diminue, mas a ancia accelera-nos as artérias, entontece-nos o coração... Queremos vêl-a, queremos admiral-a. Até julgamos nunca mais alcançal-a tal o desejo fervososo de a penetrar ...

A curiosidade que nos assalta, nessa attracção irreprimivel, bem prova a admiravel obra que o governo do presidente Affonso Penna, conseguiu realisar.

E se a tenaz vontade do illustre Dr. Miguel Calmon resolveu o problema de publico inventario do adiantamento do paiz, com os documentos convincentes da sua capacidade de força productora nas industrias, no commercio, nas artes; si a superior competencia do Dr. Antonio Olyntho já comprovada em tantos serviços ao paiz, na direcção geral do certamen demonstrou as suas eximias qualidades de administrador ao qual cabe não pequena messe de glorias, não menos glorioso foi o esforço do Dr. Sampaio Correia em conter a quantiosa manifestação dessas actividades num espaço e local em que tudo se acondicionasse convenientemente, e se tornasse digno do fito com que o governo organisava essa Exposição. Ao pensamento dos administradores era preciso corresponder o apuro da execução. Felizmente e, digamos, ainda louvavelmente, o illustre secretario dos negocios da Industria e Viação soube escolher o seu excellente auxiliar.

O joven e habilissimo engenheiro, a quem foi entregue a execução do plano, tinha a seu favor o enthusiasmo e actividade da idade, a competencia profissional, a experiencia administrativa.

Acercou-se de ajudantes confiaveis, indo buscal-os na mocidade que as Escolas Superiores preparam de ha dez annos a esta parte, Lossio, Dobadella, Costa Rodrigues, Avila, Dodsworth; reuniu em torno de si esse grupo de moços competentes, chamou para auxilial-os o provado talento do architecto René Barba, entregou a parte decorativa de esculptura e pintura a Nicolina Vaz, Gastão Alves, Amoedo, Helios Seelinger, Fiuza Guimarães, Arnaldo de Carvalho, Calixto, Amaro, Chrispim do Amaral, Mario Costa, Macedo, Thimotheo; e no curto espaço de mezes a *Exposição Nacional de 1908* surgia como uma cidade de encantamento, levantando para o azul as agulhas dos seus torreões e os zimborios dos seus centros.

Ninguem contava com esse resultado. Aos menos pessimistas elle se afigurára um esforço *manqué*, uma obra apressada e imperfeitissima.

E, no em tanto, em 11 de Agosto ella alí estava confirmando o valor da engenharia brasileira representada na sua mocidade. Porque, deve-se dizer e com orgulho, a maioria dos homens que trabalharam nessa obra, quer engenheiros, quer architectos e artistas, era composta de moços.

Não fizeram trabalhos provisorios, como sóem ser os dessa natureza, construcções aligeiradas, facilmente demontaveis. O Palacio dos Estados, vasto edificio apenas começado ha mais de vinte annos e então destinado á Escola Superior de Guerra, foi concluido sob o plano primitivo, com pequenas modificações; o enorme e velho edificio da extincta Escola Militar foi demolido e sobre os seus alicerces, com aproveitamento de poucas paredes do pavimento terreo, erigiram a fachada vistosa do Palacio das Industrias, em cujo corpo central cascateia sobre cinco bacias succedaneas a quéda d'agua da cupula, o *chateau d'eaux;* n'uma ala dessa arruinada Escola, que a picarêta demolio até suas bases, levantaram o garboso pavilhão manuelino offerecido ás industrias portuguezas; ergueram o theatro, os pavilhões de machinas, de artes liberaes; da pesada muralha da cidadella, que fechava os fundos da Escola Militar pelo lado do Atlantico, fizeram um lindo terraço, largo e calçado, do qual se disfructa um dos mais encantadores "pontos de vista" que olhos humanos teem a ventura de contemplar; em os extremos abandonados dessa muralha foram levantados dois restaurantes de feitio e aspecto differentes, mas de solida construcção. Toda a extensa área que fica entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, da Babylonia á

Urca, foi demarcada, aplainada, macadamisada, dividida em avenidas, praças e ruas com os respectivos ajardinamentos; a cada pavilhão deram o seu logar, e a immensa área recebeu, em todos os seus detalhes, os cuidados da jardinagem ou a modificação necessaria ao bom exito do conjuncto. A Praia da Saudade teve um grande cáes em frente ás suas areias, de maneira a formar uma bacia em que ancoram pequenas embarcações e uma porta monumental, eminentemente decorativa, ergue-se ao fim da avenida que a Prefeitura construiu no tortuoso caminho que ligava as duas praias, as da Saudade e Botafogo.

E', attendida a exiguidade do tempo, a multiplicidade de serviços a desempenhar, uma obra colossal, exhaustiva; mas, vencida pelo esforço extraordinario da sua commissão executora, constitue para ella uma gloria inolvidavel.

Não se póde nem se deve negar que em seu apoio concorreram a boa vontade e o sentimento patriotico de alguns Estados. O de São Paulo, o de Minas Geraes, o da Bahia, o de Santa Chatharina, cada qual na proporção dos seus meios, deram a esse grandioso certamen o brilho necessario á sua fulguração. Os tres primeiros excederam á espectativa pela belleza e riqueza de seus pavilhões, sendo o de São aulo da auctoria do notovel architecto Ramos de Azevedo, e os dois ultimos do illustre Rebecchi.

Santa Catharina, que é dos Estados do sul, um dos que maior futuro promette, não pôde hombrear-se com os dois poderosos Estados cafeeiros, mas, na sua sympathica modestia, apresenta um gracioso, pequeno, e leve pavilhão todo feito de suas preciosas madeiras.

O Districto Federal concorreu tambem com um pavilhão de vastas proporções e de grande effeito architectonico, e uma elegante construcção em madeira envernisada, que avulta dentre a riqueza dos edificios pela esbelteza e simplicidade de suas linhas, destinada á Exposição da Inspectoria de Mattas maritimas, jardim, pesca e caça, auctoria do desenhista Archimedes Silva por encommenda do inspector daquella repartição, o Dr. Julio Furtado.

A Sociedade Nacional de Agricultura, a repartição dos Correios e Telegraphos, o governo portuguez, o corpo de bombeiros, a fabrica de tecidos do Bangú, fizeram construir pavilhões seus, que collaboram grandemente no aformoseamento dessa Exposição, que é a mais sumptuosa de quantas têm sido organisadas na America do Sul.

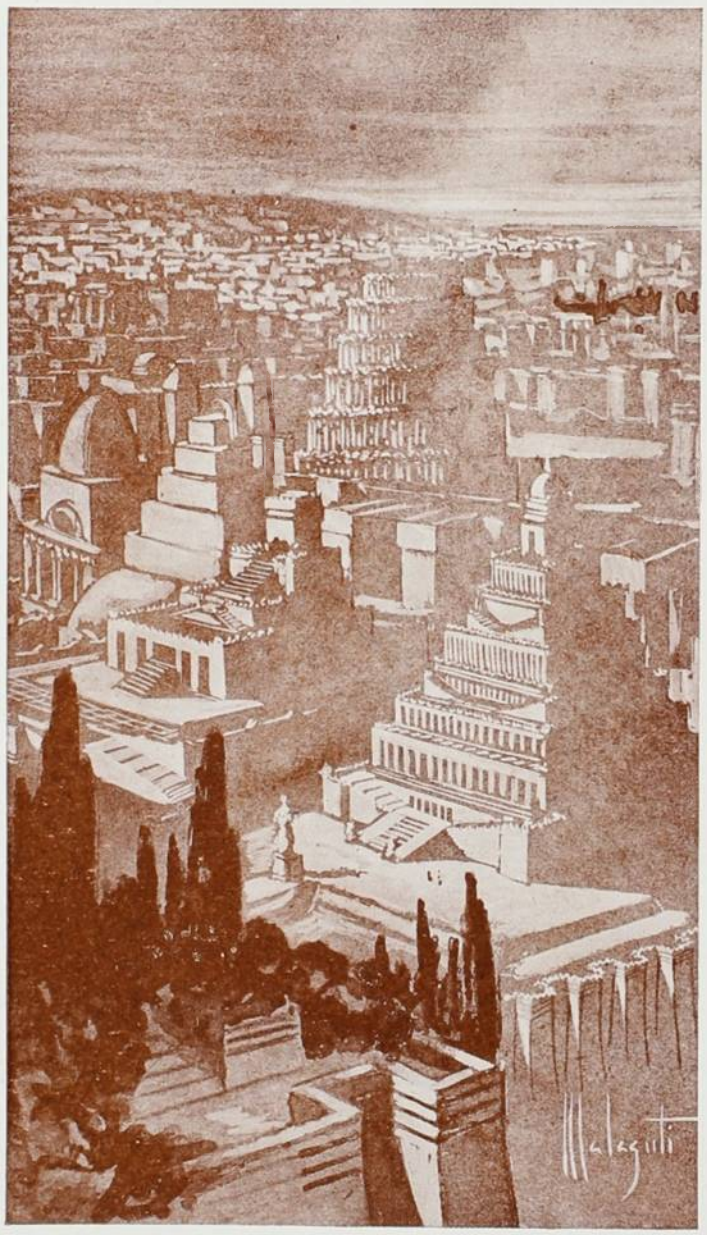
Mas, a valiosa concurrencia dos Estados e de outros expositores, que alí ergueram pavilhões, não desmerece de modo algum o arrojo, a persistencia, o inesperado resultado desse immenso trabalho da commissão executora.

Elle alí está na grandiosidade, belleza e segurança das suas construcções, na vastidão impressionante e attrahente do seu conjuncto, no cuidado de suas meticulosidades, como prova irrefutavel do seu inaudito esforço, da sua desmedida e firme dedicação, do elevado gráo da sua competencia profissional. E' uma gloria.

E vêr essa cidade branca, facêtada e rendilhada, brilhando ao sol, sob o azul do céo, em frente ao glauco dos mares, como um panorama imaginario, creado pelos sonhos de um grego rebelde á severidade geometrica das linhas; ou vêl-a, á noite, ardendo á luz de milhares de lampadas electricas, crivada de fócos luminosos e multicores, com o seu portico em fogo, num deslumbramento apotheósico, a lembrar fantasias d'Oriente escoadas n'ardente imaginação da infancia, é comprehender o trabalho victorioso dos que a idéaram, planejaram e realisaram num rapido espaço de tempo, o bastante para serem esboçados os delinêamentos dum projecto, nunca a obra definitiva, assente, completa, de uma vontade triumphadora!

E por maior que seja a gloria conquistada pela nossa aptidão para o trabalho, por mais relevancia que consigam as industrias fabris e extractivas, as confecções da pequena industria, o trabalho das lavouras, os resultados intelligentemente guiadas d'agricultura pastoril, o tino e saber das administrações privadas, a excellencia das artes liberaes, a magnificencia das bellas artes, a realisação desse grande certamen nacional avultará não só como um patriotico e nobre pensamento do governo Affonso Penna, mas tambem como a affirmação positiva do quanto são capazes a intelligencia, o saber, e a acção utilisavel do Brasil mental, representados nos executores de tão vasto quanto arrojado emprehendimento.

BABEL



Na ampla monotonia ondeante do arrebol,
Sobre os colles, dardando igneas flexas, mirifica,
Accesa á irradiação quente e clara do Sol,
Da cidade opulenta arde a gloria magnifica.

Dominando-a, Babel avulta, immensa, no ar;
Deslumbrados, de longe, olhando o espaço, vemol-a:
Formas pyramidaes pede ao raio solar
E eleva, torre a torre, as sette torres, tremula.

Branca a de Istar-Belit e negra a de Nergal,
Vermelha á de Nabú erguem nos petreos musculos;
Nesta a de Merodach, azul, assenta; a qual
A' amarella, de Adar, mostra a alvas e crepusculos.

A pratea, que as encima, é consagrada a Sin;
A de Samas—a phrase, ao descrevel-a, é estolida,
Pois os ares nenhuma escala esbelta assim—
Sobre as outras, dourada, aponta e fulge, solida.

Coroando o templo ousado esplende o zikurat;
Uma sacerdotisa, o seio arfando, tépido,
Junto a uma mesa d'oiro e a um leito regio, lá,
Guarda a chamma sagrada e espera o Deos intrepido.

Eila a antiga Babel dominando o arrebol,
Atrevida, a rasgar do céo a gaze flaccida,
—Columna onde descança o aureo globo do Sol,
Pyramide onde pousa o orbe da Lua placida.

(Bosque Sagrado)

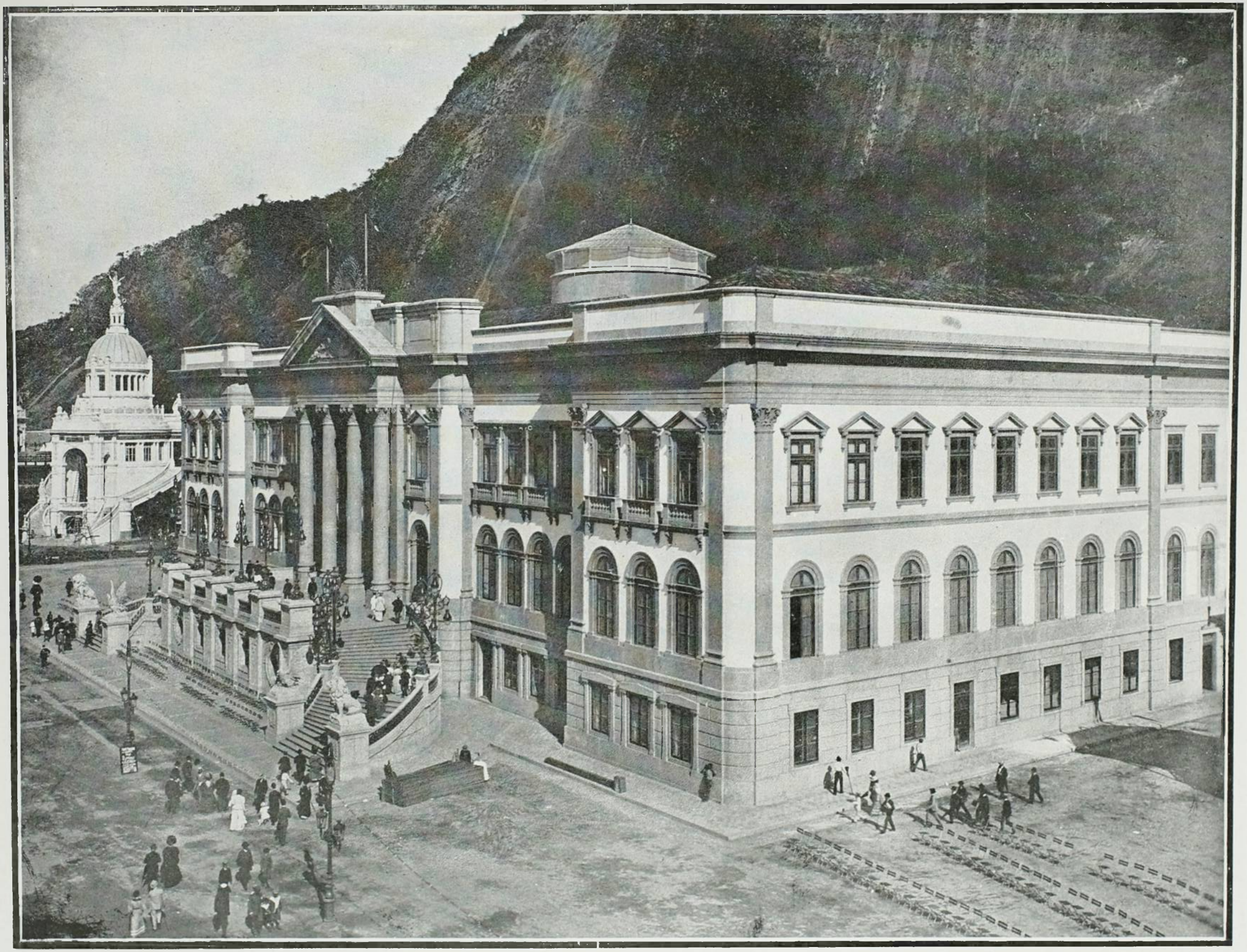
LEAL DE SOUZA.

O Ministro da Industria e o Directorio da Exposição Nacional de 1908

DR. ANTONIO OLYNTHO
CONDE CANDIDO MENDES

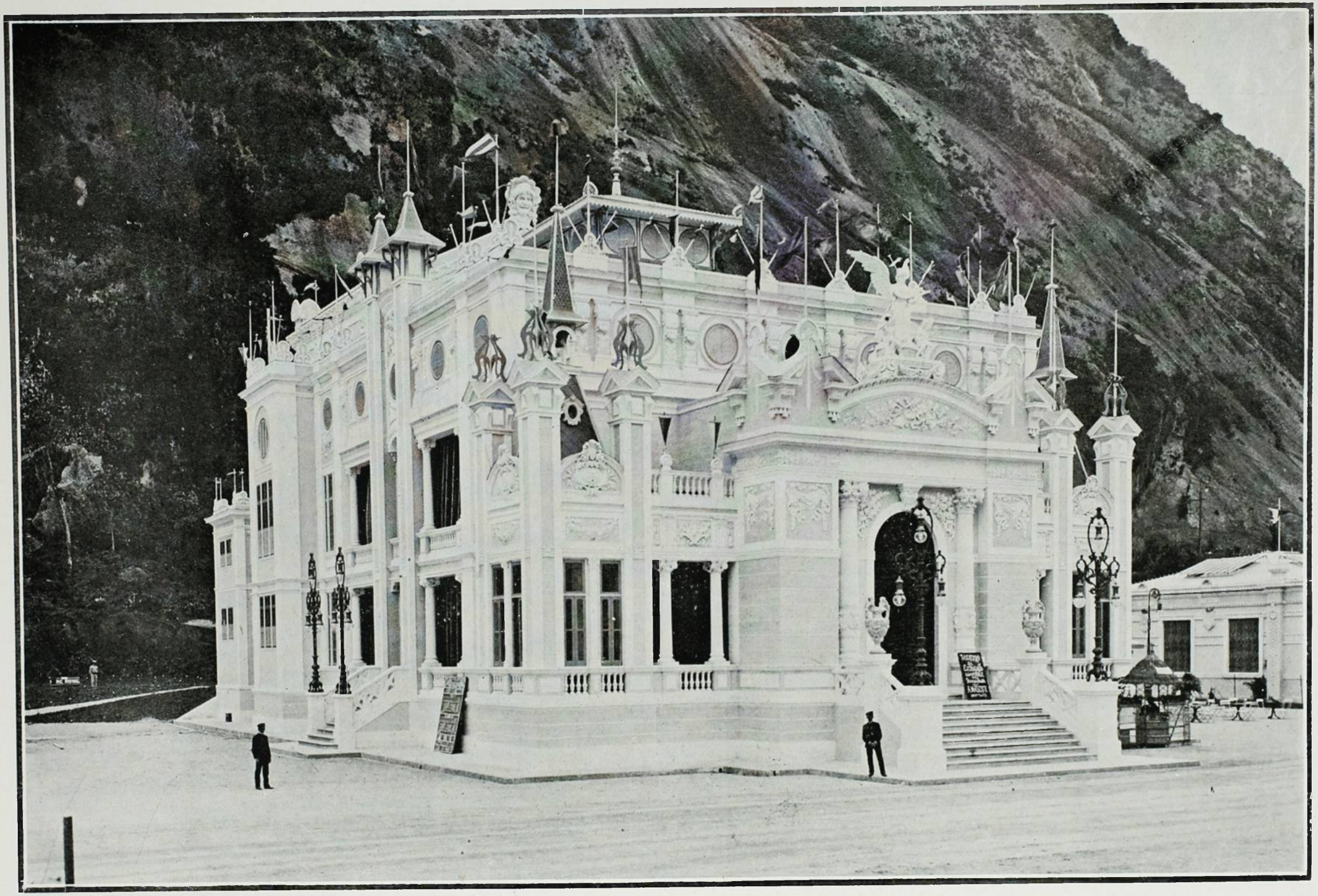
DR. MIGUEL CALMON
DR. SAMPAIO CORREIA
DR. PADUA REZENDE

GENERAL THAUMATURGO DE AZEVEDO
DR. GETULIO DAS NEVES



EXPOSIÇÃO NACIONAL — PALACIO DOS ESTADOS

EXPOSIÇÃO NACIONAL — PAVILHÃO ESTYLO MANUELINO OFFERECIDO PELO GOVERNO BRASILEIRO Á PORTUGAL



EXPOSIÇÃO NACIONAL — THEATRO JOÃO CAETANO

EXPOSIÇÃO NACIONAL — AVENIDA DOS ESTADOS — VISTA DO ALTO DO PORTÃO MONUMENTAL

O Feriado Brazileiro de 14 de Julho

CONFERENCIA LIDA NO CENTRO REPUBLICANO CONSERVADOR DA CAPITAL FEDERAL, EM 14 DE JULHO DE 1908

Concidadãos,

POR iniciativa de Demetrio Ribeiro, um dos fundadores e principal diretor do Centro Republicano Conservador, o Governo Provizorio, de que fazia parte, como Ministro da Agricultura, o eminente repúblico, espediu o decreto n. 155-B, de 14 de Janeiro de 1890, que instituiu oficialmente o culto cívico, declarando os dias de festa nacional.

Entre os memoraveis feriados, sobresai a data de hoje, o dia 14 de Julho, consagrado, como dis o proprio testo do decreto, á comemoração da República, da Liberdade e da Independencia dos povos americanos.

Ora, vós todos sabeis que o 14 de Julho é consagrado pela França a memorar a grande crize de 1789, a celebrar esse estupendo abalo político-religiozo que a historia denominou — Revolução Franceza.

¿ Que relação tem, pois, o 14 de Julho com a República, a Liberdade e a Independencia dos povos americanos? ¿ Porque motivo o Brazil adotou o mesmo feriado da França?

São estas as primeiras perguntas que ocorrem espontaneamente a todos os que ainda não refletírão bastante sobre a ligação dos fatos políticos, sobre a seriação dos acontecimentos históricos, que ainda se não libertárão das prevenções de um patriotismo estreito, tornando-se capazes de apreciar a marcha admiravel da evolução de todas as nações, de todos os povos, de todas as raças, como uma só nação, um só povo, uma só raça. Só depois dessa reflexão é que se podem compreender fatos á primeira vista antagônicos, doutrinas aparentemente contraditorias, revoluções a principio desconexas ou incoerentes.

O 14 de Julho não é uma data escluzivamente franceza, mas um dia de festa do Ocidente, um feriado mundial, porque a Revolução de 89 não foi uma crize peculiar sómente á França, mas uma esplozão que inflamou o mundo.

O 14 de Julho não reprezenta simplesmente o abalo material, iniciado com a tomada da Bastilha, mas rezume, mas recorda, toda a elaboração filozófica do seculo XVIII, preparando a demolição e esboçando a reconstrução, que os revolucionarios praticos da Grande Crize tentárão realizar durante a tremenda e inevitavel catástrofe.

Fôrão os adeptos dessa filozofia, os discipulos de Rousseau, Voltaire e Diderot que fizérão a Revolução; fôrão eles que pregárão e tentárão a transformação da sociedade. Uns, contraditoriamente, conservando o altar e destruíndo o trono, ou conservando o trono e destruíndo o altar, outros, coerentemente, destruíndo altar e trono. Robespierre, Brissot e Danton fôrão os reprezentantes politicos dessas escolas filozóficas. A Convenção reuniu-as nos tres célebres partidos: Montanhezes, Girondinos e Dantonistas.

Foi essa filozofia do seculo XVIII, rezumida nos famozos demolidores da monarquia e da teologia e nos grandes construtores da república, da siencia e da indústria, que, atravessando o Atlântico, fês a independencia dos Estados-Unidos, na America, e transformou, mais tarde, na Europa, o velho regimen absolutista em repúblicas, ou monarquias constitucionais que aínda hoje ezistem.

A celebre Declaração dos Direitos do Homem, o limite imposto á autoridade real, a instituição da República, emfim o pleno regimen de liberdade espiritual que, na sua faze progressista, a Revolução creou sob o ascendente político de Danton, fôrão o código novo em que haurírão ensinamentos todos os povos, submetidos ao jugo secular do Clero, da Nobreza e do Rei.

Não só a America Ingleza, mas aínda a America Espanhola e a America Portugueza, recebêrão todas o influxo da Revolução; em todas se operárão os movimentos libertadores donde surgírão as nações colombianas, desde os Estados-Unidos á Argentina, desde o Chile ao Brazil.

Embora a sociologia nos ensine que a independencia dos norte-americanos constitúi um preâmbulo da Revolução Franceza, ao lado da espulsão dos jezuitas e das refórmas de Turgot, não é menos certo que tal independencia, como a de todos os povos colombianos, só se tornou deciziva e fecunda, quando a filozofia do seculo XVIII, que a inspirou, teve o seu rezultado pratico na Grande Crize, inaugurada em 14 de Julho de 1789.

Assim a República, incompleta embora, foi o sistema politico que então dominou nos paizes americanos, salvo o Brazil, o qual só mais tarde, no gloriozo 15 de Novembro de 1889, aboliu a única monarquia da America.

A Declaração de Direitos promulgada em França, em 1791, foi incorporada á Constituição

dos Estados-Unidos de 1787, e, segundo os mesmos principios de 89, fizérão-se os códigos políticos das outras nações colombianas, aínda eivados, por isso, das doutrinas retrógradas, oriúndas da faze negativa do admiravel movimento revolucionario.

A República, a Liberdade, e a Independencia dos povos americanos, sucessivamente proclamadas: nos Estados-Unidos, no Haití, em Venezuela, em Nova Granada, no Rio da Prata, no Chile, no Perú, no Mexico, na America Central, no Brazil, graças á glorioza estirpe de heróis, onde avúltão as figuras imortais de Washington e Toussaint-Louverture, Sucre e San Martin, Bolivar e Tiradentes, José Bonifacio e Benjamin Constant, é filha da filozofia do seculo XVIII e do seu rezultado pratico, essa grande crize de 1789, cujos antecedentes e consequentes se comemórão no 14 de Julho, condensando na obra deciziva de Camilo Desmoulins, na célebre tomada da Bastilha, toda a Revolução.

Eis aí, concidadãos, porque o Brazil considera a data de 14 de Julho, um dia santo de guarda da Religião da Patria.

Direis ainda, a propozito desta solenidade, que o Centro Conservador parece contradizer-se comemorando uma revolução; quer conservar e aplaude a destruição; é pela persistencia da ordem e glorifica a dezordem.

Facil é, porém, esplicar esta nova especie de pretendida contradição, si porventura ha alguem capás de admití-la, quando o nosso gremio antes de ser conservador é republicano.

Os habitos do regimen monárquico costumárão o povo a vêr no partido chamado *conservador*, a origem da retrogradação, e no intitulado *liberal*, a fonte do progresso. Entretanto, nem sempre os conservadores érão os menos adiantados, e os liberais os mais progressistas. Ao contrario, o partido conservador prezidiu a refórmas liberais, como a da abolição da escravidão; e o partido liberal foi responsavel por medidas opressivas, como o célebre imposto do vintem.

A palavra conservador não é, portanto, mesmo no antigo uzo que dela fazia um partido monárquico, sinonimo de opressão ou de regresso.

Ora, o Centro Conservador chamando-se de republicano dá áquelle termo clara e completa significação progressista. República quer dizer progresso; conservação quer dizer ordem; conservar melhorando é o que significa republicano conservador; ordem e progresso é o seu lema, o belíssimo lema da nossa bandeira. O Centro Republicano Conservador é, pois, uma sociedade politica que pretende rezumir as aspirações nacionais; o partido que dele surgir deve ser o verdadeiro partido nacional.

Sendo defensor da ordem e do progresso, propondo-se a conservar melhorando, o Centro Republicano Conservador glorifica e aplaude as revoluções convergentes, as crizes políticas inevitaveis, provocadas pela tirania dos governantes e defensoras das liberdades públicas. E' por isso que ele aplaude e glorifica com a Patria a revolução de 14 de Julho e a revolução de 15 de Novembro; é por isso que ele bemdis o sacrificio dos heróis francezes de 1789, e abençôa tambem a dedicação civica dos patriotas do 89 brazileiro.

O Centro é pela conservação da ordem mas tambem pelo dezenvolvimento dela; desde que obstaculos insuperaveis se opõem a este dezenvolvimento, não ha mais ordem, ha sómente opressão e tirania; a revolução bôa ou má é a consequencia inevitavel; aproveite-se o bem que ela produzir, aplaudamo-la dignamente. Mas si, ao revés, querendo acelerar-se o progresso, apenas implanta-se a dezordem, aspirando-se á liberdade, faz-se anarquia, condene-se a revolução; aplaudamos a ordem constituida.

Em ambos os cazos, o Centro Republicano Conservador mantem a conduta do seu programa, formulada num distico que equivale á legenda do pavilhão nacional. *Conservar melhorando*, repetimos, significa *Ordem e Progresso*.

O 89 e o 93 da França definem concretamente a atitude dos republicanos conservadores.

Em 14 de Julho de 1789, os verdadeiros conservadores da época fizérão-se revolucionarios, quando a ordem se transformou em opressão. Em 1793, implantada a República, mas ameaçada pela demagogia anárquica, os verdadeiros conservadores batêrão a revolução mantendo a ordem. Camilo Desmoulins e Danton, ora á frente dos rebeldes, ora ao lado do governo, mantiveram nos dous cazos a atitude digna de republicanos conservadores.

Esta conduta é a que prega o Centro Republicano Conservador rezumindo-a na legenda — *Conservar melhorando*. Normalmente, nem retrógrado nem revolucionario, mas ordeiro e progresista; entretanto, ezaltado defensor da ordem quando o progresso fôr anárquico, e paladino da revolução, quando a ordem se fizer retrógrada.

Eis porque o Centro Republicano, apezar de conservador, glorifica a Revolução.

Assim dezaparecem as contradições aparentes; assim justifica-se o feriado brazileiro de 14 de Julho e a sua celebração por um partido conservador.

Agora rememoremos sumariamente, o acontecimento famozo, que vós todos sabeis e que esta data especialmente recorda.

* * *

O Clero, a Nobreza e o Rei se tinhão tornado verdadeiros algôzes da nação franceza desde que a ditadura de Luis XVI retrogradára, depois da morte de Colbert.

A revogação do édito de Nantes foi o início da opressão.

O reinado de Luiz XV consistiu no prolongamento da tirania, mesclada com o mesmo luxo, a mesma discipação da fortuna pública, que fôrão o apanagio do rei-sol.

Quando Luis XVI subiu ao trono, a 11 de Maio de 1774, a França estava na mais deploravel situação. O povo gemia sob o pezo dos impostos, das corvêias e dos dizimos, que os reis, os nobres e os padres lhe estorquião sem dó. As liberdade públicas, cada vês mais restritas, érão sufocadas nos carceres da Bastilha, da *Enciclopédia*. No emtanto, a massa popular assimilava as doutrinas revolucionarias pregadas pelos apostolos do *Contrato social* e pelos enciclopedistas. O povo aspirava á liberdade que lhe negávão; ezigia reformas. Luis XVI tentou fazê-las guiado pelo grande Turgot; mas a sua côrte, e a fraqueza do seu carater não n'o permitírão. Então, em vês da evolução, operou-se a revolução.

Convocados os Estados Gerais em 5 de Maio de 1789, as diversas ordens não se pudérão conciliar; o Terceiro Estado separou-se da Nobreza e do Clero. Só depois de muita relutancia e por influencia do proprio Luis XVI, reunírão-se afinal, declarando-se em Assembléia Constituinte.

Ao mesmo tempo, o povo, desconfiando da atitude do rei, quer significar por um fato decisivo que a situação politica vai mudar, que uma nova ordem deve estabelecer-se. E' então que marcha acelerado para o baluarte da tirania, a celebre prizão do Estado, a famoza Bastilha.

Dirigidos pelo joven e ardorozo Camilo Desmoulins, os patriotas atácão encarniçadamente a legendaria fortaleza pariziense, que por muito tempo não lhes reziste ao assalto. Esborôa-se a cidadéla da opressão, cai a Bastilha a 14 de Julho de 1789. Estava iniciada a Revolução.

A Grande Crize assim inaugurada compreende tres fazes.

Na primeira, dominada pela Constituinte e pela Legislativa, transforma-se a monarquia absoluta em realeza constitucional; na segunda, dirigida pela Convenção, proclama-se e organiza-se a República; na terceira, surgem as tira nias sucessivas de Robespierre e Bonaparte.

São vinte e seis anos que valem por séculos. A França, nesse curto periodo, operou transformações que parecem devidas á lenta evolução secular.

Mas destas tres fazes, só as duas primeiras são progressistas; a terceira é puramente retrógrada. E entre as duas primeiras, a segunda é a única orgânica. Foi durante este pequeno ciclo de dés mezes, em que Danton, de posse do governo, bateu a Europa, proclamou a Republica, esboçou uma ditadura liberal, mantendo a mais completa liberdade espiritual, que a Revolução produziu verdadeiros beneficios sociais.

E' certo que, antes, a Constituinte e a Legislativa tinhão formulado a celebre Declaração de Direitos, eliminado os tributos que pezávão sobre o povo, estinguido restos da organização feudal que ainda perdurávão, declarado a constituição civil do clero; mas foi a ditadura dantoniana que organizou a República, completou o regimen de liberdade de consiencia, eliminando as corporações teoricas como a Academia de Siencias de Paris; e acabou com todo o vestigio do teologismo oficial, instituindo o culto da deuza Razão, simbolo do valor intelectual da Humanidade, e o dos grandes homens, celebrado num verdadeiro templo civico, qual era o Panteon. Foi o herói do 10 de Agosto que se tornou o órgão pratico dos enciclopedistas; aquelle que tentou realizar nobre e sabiamente o programa de Diderot: *reorganizar sem Deus nem Rei.*

Emquanto os Montanhezes de Robespierre e os Girondinos de Brissot, punhão em pratica as doutrinas imorais e irracionais de Rousseau e Voltaire, os Dantonistas de Diderot compreendíão só a natureza do movimento revolucionario e tratávão de modificá-lo e dirigí-lo para melhor servirem a França e a Humanidade.

Eliminados os Girondinos, os Dantonistas tivérão de lutar com os Montanhezes. Estes, ao mando do genio perverso de Robespierre, o deísta retrógrado que praticava a nefanda doutrina de Rousseau sobre o ateísmo e a dezigualdade social, entregárão-se ao mais dezenfreado massacre dos superiores e dos ateus, procurando nivelar tudo e impôr o vão deísmo do seu asquerozo chefe.

Danton, o heroico fundador da República, cujo coração magnanimo proclamou que — *preferia ser guilhotinado do que guilhotinar* — deixou-se vitimar pelos fanaticos robespierristas, e a 4 de Abril de 1794 pagou com o martirio a sua dedicação á Patria, á Liberdade e á República, sintetizando nestas célebres palavras a sua grande vida: «Eu sou Danton, disse ele no tribunal, bem conhecido na revolução; tenho trinta e cinco anos. Minha caza será em breve o nada, e o meu nome viverá no panteon da historia.»

Morto o Estadista da Revolução, a última faze da grande crize, o seu periodo retrógrado, foi iniciado sob o ascendente de Robespierre.

O Terror multiplicou os morticícinios. Todos os Dantonistas fôrão sacrificados á sanha ferós do terrivel montanhês. Mas afinal o horripilante déspota foi decapitado, mostrando no patíbulo a covardia propria dos tiranos que só têm coragem para o crime. Era em 27 de Julho de 1794. Realizára-se a profecia de Danton: «Imólão-nos, dizia o grande convencional, á ambição de alguns covardes salteadores; mas não gozarão por muito tempo o fruto da sua criminoza vitoria. Eu arrasto Robespierre... Robespierre me segue.»

Anarquizada no interior, a França caminhava no esterior de vitoria em vitoria, conduzida pelo genio dos seus grandes generais.

Para fazer cessar a anarquia interna era precizo que um chefe militar, prestigiado pelos combates em defeza da patria, assumisse a direção politica.

Infelismente, o chefe a quem coube o supremo mando foi um aventureiro da Corsega, cuja capacidade guerreira era admiravel, mas cujo valor político não só era mediocre mas aínda nocivo e funesto.

Napoleão Bonaparte, sucessivamente membro do Diretorio, consul temporario, consul vitalício e por ultimo imperador, apossou-se do governo, restaurando a ordem antiga. Voltou a monarquia com o nome de imperio; ligou-se de novo a Igreja ao Estado na celebre *Concordata* — que só 103 anos mais tarde, agora em 1905, foi denunciada e estinta. Os privilegios teóricos, escolásticos e acadêmicos, voltárão; creou-se uma nobreza para acolitar a nova dinastia. A guerra tornou-se o móvel principal da política. A Europa levantou-se novamente contra a França. Triunfos efêmeros, conquistas tranzitorias e perniciozas acabárão por abater a patria da Revolução, até que emfim o bandido corôado é recolhido prezo a Santa Helena, justo castigo da sua desmedida e pernicioza ambição.

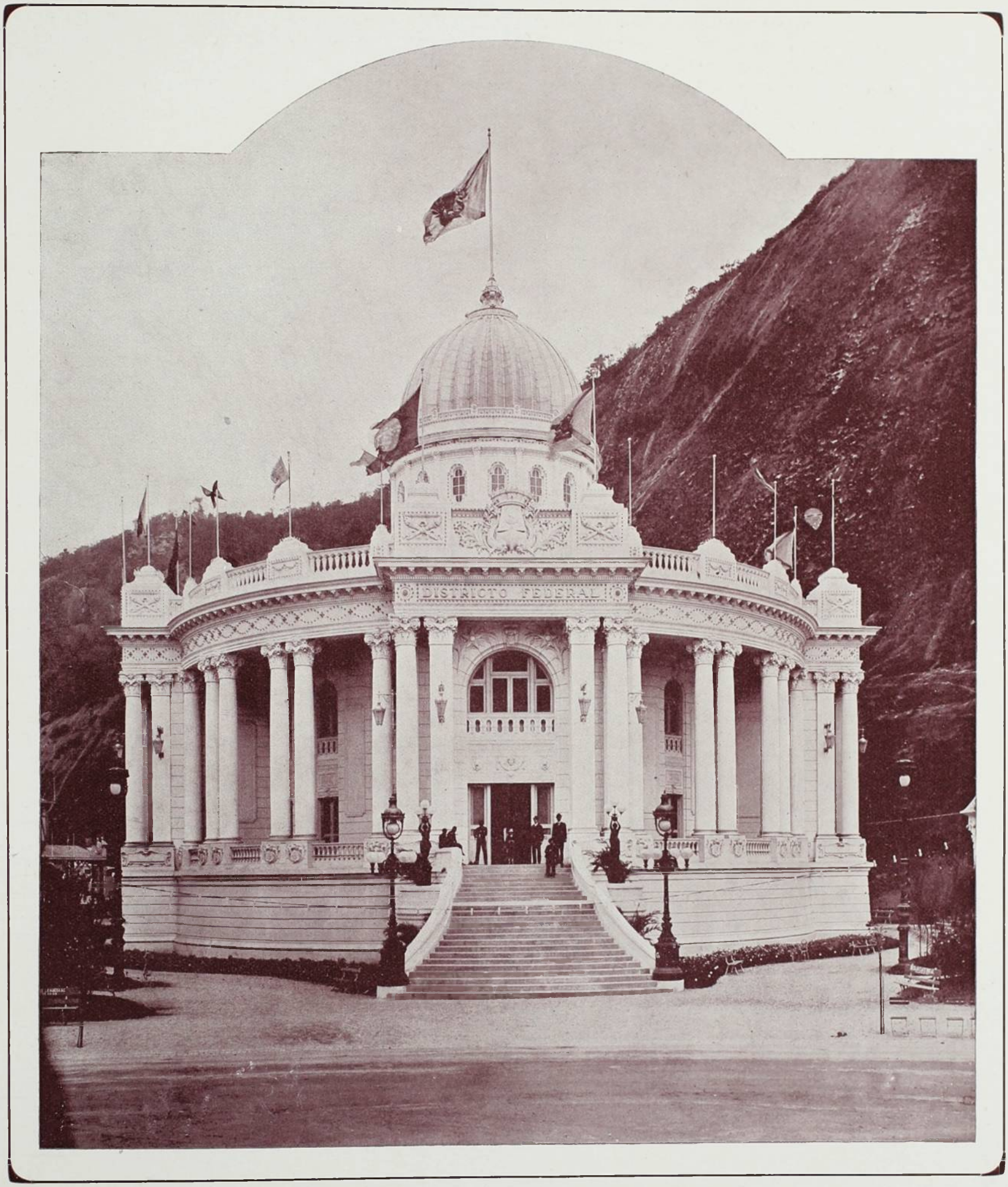
Estava terminada a crize. Era em 1815.

Da assombroza época rezultou que a Humanidade, num supremo esforço, esboçasse a solução definitiva do problema humano: a reorganização sintetica da vida social, a coordenação da ezistencia privada e pública mediante o religamento do homem com o proprio homem, sem deus nem rei, pela adoração dos heróis, dos sabios e dos santos, da própria Humanidade, que é o conjunto dos eleitos.

O culto da Razão e dos Grandes Homens, a adoração diaria da terra e dos astros pelo Calendario Republicano, a siencia pozitiva ensinada na Escola Politecnica, o serviço á Patria, considerado como o massimo dever do cidadão, toda a vida afetiva, intelectual e pratica transformada sob o ascendente da fraternidade, sem nenhuma influencia divina; eis o que a Revolução esboçou de grande e de util no meio dos desvarios que a cobrírão de luto e de sangue.

«Ela é, como dis o maior dos pensadores, não o desfêcho do Passado mas o início tempestuozo do Porvir». Num momento sublime rezumiu as aspirações humanas traçando empiricamente o programa do Futuro: um culto novo, um dogma novo, um regimen novo. A sua obra negativa dezaparecerá no inventario dos séculos, mas as suas conquistas orgânicas, já sistematizadas pela siencia social que a define e a esplica, adotadas, em parte, pelos povos do Ocidente, serão eternamente celebradas pela mais longinqua posteridade.

REIS CARVALHO.



PAVILHÃO DO DISTRICTO FEDERAL

João Quilombo

A Carmen Dolores

I

AO galgar os ultimos pincaros do morro, João Quilombo estendeu os olhos pelo horisonte.

Por aquellas noites calorentas da mormaceira de novembro ficavam as serras mais ermas e as solidões mais tôrvas. Não se sentia um tremulo de folha e, pela treva sem lua, piscavam as estrellas numa somnolencia calmosa.

Daquellas alturas, o valle aqui por baixo era uma outra cadeia de serras, ondulado aqui, grimpado alem, como um mar de vagalhões e covas que se petrificasse.

E elle demorou os olhos longamente pela calada da vastidão. Nada mais que trevas cobrindo os montes, estrellas palpitando preguiçosamente no céu. Apenas num cantinho do valle, entre dois combros, o clarão longinquo de umas chammas vermelhas, um penacho de fumo por cima das chammas.

João Quilombo pousou a coronha da espingarda nas pedras e ficou attento a olhar. Parecia que aquelle fogo vinha dos lados de sua choça, á beira do grotão.

Uma chamma mais larga esgarçou-se nos ares: escarpas, comoros e chapadas surgiram da treva subitamente e de subito ficaram de novo na treva.

João Quilombo acordou as solidões com um grito. Ao lampejo da labareda, vira cercada de fogo a sua palhoça de quilombóla.

Rangeram galhos pela descida do morro, a folhagem estremeceu e toda ella se foi arripiando serpeada, chapadas alem, cabeços acima a rumo do incendio. E ao clarão das chammas, numa altura ou numa esplanada, a figura do negro assomava de quando em quando, tumultuosa e terrivel, a subir e a descer numa vertigem feroz.

Afinal parou. Um turbilhão de fogo e fumo fel-o parar. A sua choça ficava a pouca distancia. Viu apenas uma onda de labaredas por cima da cumieira e um vulto de mulher repontar pela porta, vermelho de faiscas, brandindo numa agonia, as roupas esfumarando, o cabello a crepitar. Houve um baque de caibros e de palhas: um rolo de fagulhas subiu ondulando e luzindo para o céu que o incendio tingira de côr de rosa: a cumieira abatera-se sobre a mulher.

Nada mais a não ser a fumarada rolando para o espaço, o brazeiro coruscando pela treva das montanhas.

II

Foi pela florada dos algodoeiros, ha annos atraz, que o João Quilombo veiu viver á beira daquelle grotão com a Joanninha.

Nasceram os dois no mesmo captiveiro, na mesma fazenda ás cercanias da serra. O seu amor pela mulata bem não sabia o tempo em que nascera. Era já rapazote, ella menina. Vivendo no mesmo terreiro, na labuta dos serões e na mesma escravidão, ella era para elle uma creança apenas que como elle e desde creança tinha senhor e era escrava. Nunca demorava os seus olhos no brilho infantil dos olhos della e, se algum dia a beijou, o seu beijo tivera sempre a candura dos beijos que se dão em creanças. Uma menina!..

E como foi aquillo? Sabia lá!... Um dia (bem não sabia o tempo em que fôra) numa noite ou numa tarde (bem não sabia ao certo) o seu olhar descobriu um que de graça e tonteante no corpo della. Tinha a Joanninha já quatorze annos. Parece que foi só ahi que elle despertou: aquelle corpo já não era mais o da criança que vira nascer e choramingar no rancho materno, era outro agora, um corpo que tinha curvas e colleios, faceirice e tentações. A Joanninha ia acordando para mulher. Os seus olhos já não eram mais os olhos infantis de outr'ora: começavam a arder como se dentro uma nova flamma brilhasse; rebentavam-lhe as duas flores tumidas dos seios; iam-se-lhe os quadris arredondando como um fundo de bandolim; a carne foi tomando uns tons de velludo e um cheiro de flor; os dentes mais alvos ficaram; as unhas rosaram-se; o pescoço alongou-se torneado, como brunido em marmore; duas covinhas de cada lado vieram dar-lhe garridice ao riso. E ella foi ficando outra, outra Joanninha que não era em menina: assustava-se de tudo, tinha uma ancia de curiosidade no olhar, segredinhos aos ouvidos das companheiras, malicia no sorriso, uma outra tonalidade na voz, voz que era macia e era quente, com balbucios de creança e gorgeios de femea. Outra, outra: abria como um pomo, carnuda e fresca, com um aroma de polpa, um travo de fructa que amadurece; a carnadura de seda dava a gente a impressão de que já podia ser mordida; a bocca fremindo de risos já devia saber beijar; o collo, agora redondo como um papo, parecia estar ageitando os dois travesseiros dos seios para que alguma cabeça de homem pudesse alli dormir. Tinha-se perto della a impressão de frescura, de vitalidade e saude e, ao cheiro daquelle viço e ao calor daquelle cheiro que lhe andava em roda, era como uma flor que respingada de orvalho desabrocha e flammeja. Era a symphonia floral

da carne, a musica das formas, a harmonia dos contornos, nella acordando para o peccado!

João Quilombo, sem elle proprio sentir, não lhe sahia de roda. A principio, nem mesmo elle sabia se era por ella, mas aos poucos foi sentindo necessidade de aspirar constantemente aquelle aroma, de ver constantemente aquelles olhos, de sentir aquelle riso. E andava-lhe á procura nos riachos, nos paioes, nos ranchos para vel-a.

A Joanninha parecia não entender nada daquillo. Nem mesmo o João Quilombo sabia o que sentia.

Foi ao calor de um domingo que veiu descobrir o que lhe ia pelo coração. A fazenda estava no descanço dos sete dias de trabalheira. Os negros dormiam nas senzalas, á folga daquella tarde sem feitor. Elle estava no rancho da mãe de Joanninha. Fazia um sol de amollecer a gente. A Joanninha apontou dos fundos da fonte com uma trouxa de roupa molhada e, como o visse alli á porta sentado, chamou-o:

— Ajuda aqui, João.

Elle segurou a trouxa e ella foi tirando peça a peça e estendendo numa corda presa a duas varas.

— Segura direito, João. Ias deixando cahir a minha camisa.

Tomou-lh'a das mãos, abriu-a na corda e sahiu depois a correr para a «casa grande.»

João Quilombo veiu sentar-se de novo ao batente. Os seus olhos ficaram voltados para a camisinha que na corda tremia, pingando.

Passava um sopro morno de estio, bolindo no arvoredo. Pela extensão socegada da fazenda, uma ou outra ovelha balia, uma ou outra gallinha cacarejava á preguiça daquelle calor.

E elle poz-se a pensar. Quantas camisas tinha visto assim na corda seccando, mas aquella parecia ter uma outra graça que as outras camisas não tinham, pequenina e leve, alli, tremulando, á vibração do sol. Era della! Era o primeiro véo que lhe tocava a floração da carne, estava cheia de seu cheiro, aromada de seu calor, trescalando a primavera daquelle corpo. Era della! Alli estava o esboço de suas linhas, a curva de seus contornos, a faceirice de sua pubescencia e soprada pelo vento, estremecendo na corda, parecia estar imitando os donaires da dona, e, toda coberta de sol, fulgindo, tinha no brilho o setim do brilho do corpo que a vestia.

Soprava o vento, brandia o sol, e a camisa enfunada por um, illuminada por outro, desenhava o vago de umas formas que alli dentro estiveram. Ai, se elle fosse aquella camisinha!... Poder sentir como ella sentia a seda daquella epiderme olorada, colar-se-lhe ao corpo tumescencia a tumescencia, linha a linha, sentir o fogo daquelle sangue estuante, o perfume daquella mocidade a raiar, sentir a harmonia daquelles redondos que afloravam, poder estar bem unido a ella, sentindo-lhe a caricia dos cabellos e saboreando como a camisa, nas rendas, a geléa tremula daquelles seios... Ai se fosse aquella camisinha!...

Foi nesse dia que elle viu que já a amava e muito.

Desde esse tempo a fazenda começou a reparar na sua paixão. E não era para menos. Elle não lhe sahia de perto: nas roças pela apanha do algodão, era ella quem apanhava mais, porque o João Quilombo trabalhava por ella; pela colheita da mandioca ninguem fazia mais figura junto ao feitor que a Joanninha. Quando no quintal da «casa grande» a escravatura se juntava para pilar arroz, o João Quilombo tinha tempo de fazer todo o seu eito e vir ainda arrancar a mão de pilão das mãos da apaixonada.

No entanto, entre os dois, não se havia trocado ainda uma palavra de amor. Foi só mais tarde que aquella palavra veiu.

Era na manhã dos annos do senhor. Havia sempre festança grauda: na «casa grande» jantar e saudes, ronqueira de estrondo no terreiro, luminarias, a escravatura livre, nesse dia para dansar ao tambor.

Elle e a Joanninha pelavam um leitão no quintal. Ella, de cocoras, com a saia apanhada entre as pernas, punha agua a ferver no lombo do animal, enquanto elle ia rapando o pello com a faca. Houve um momento em que a faca ia ferindo os dedos della.

— João, tu queres me cortar, rapaz?

— Não faz caso, não.

— Se tu me cortares, eu te corto tambem.

— Não vê que eu me importo.

— Se eu te cortar, eu te corto direito e tu morres.

— Se eu morrer eu venho te buscar.

— Cruz, credo! P'ra que?

Elle corou, quiz calar-se, mas com os olhos cravados no chão, aventurou:

— P'ra nós dois vivermos juntos, lá no céu...

E segundos depois ergueu o olhar. A Joanninha tinha uma leve vermelhidão no rosto, mas havia nos seus olhos um que de alegre e ufano, como se ha muito esperasse aquillo.

Nessa noite, quando os negros vieram dansar ao tambor, no terreiro da «casa grande», a Joanninha só deu «pungas» nelle.

João Quilombo fechou-a no coração. Foi um amor profundo e immenso, um culto de cegueira por aquella belleza inebriante, por aquelle mixto de menina e mulher, o culto do negro pela mulata.

Mas naquelle tempo o escravo nem mesmo a alma tinha livre. O senhor começou a ron

dar a formosura da Joanninha. Uma noite, por traz do paiol de milho, no feijoal, tentou forçal-a. Para Joanninha começou uma vida de martyrio. A senhora rugia de odio por ella, enfurecida de ciume pelo marido, e não havia uma noite que a rapariga não se viesse deitar com o corpo moido de chicote. Emagrecia a mingua de ração, o rosto cavou-se de amargura, a sua mocidade perdeu aquelle tom de triumpho e tentação e nos seus olhos mais fundos, puzeram-se a brilhar, numa intensidade aguda, umas tonalidades commovedoras de tristeza.

João Quilombo ia com aquillo soffrendo mais do que ella. Vinham-lhe impetos destruidores, assassinos, resoluções bravias que elle a custo continha, subitos arrancos de estrangular o senhor, de estrangular a senhora e partir com a querida para uma terra que elle não sabia qual era, mas que era um lugar onde não havia escravos nem senhores.

Um dia explodiu. Era ao pôr do sol quando elle á frente dos negros voltava da capina da roça. Ia passando em frente a «casa grande», quando de uma porta a Joanninha desembocou tragicamente, gritando, o cabello amarfanhado, a lingua de fóra, as mãos nos olhos, coçando-os numa furia. A senhora tinha-lhe enchido de pimenta a bocca e os olhos. E a rapariga corria pelo terreiro sem ver ninguem, urrando, torcendo-se, como á procura de um allivio. A' varanda a senhora appareceu vermelha e feroz, brandindo o braço para o feitor:

— Pega! Dusentas chicotadas para que não seja atrevida!

O feitor ia agarrando o braço da Joanninha. Os seus dedos não chegaram a prendel-a. João Quilombo atirou-se-lhe ao pescoço, pol-o no chão e calcou-lhe os pés no peito. Pelo terreiro cheio de escravos houve o silencio de um susto. Ninguem se moveu ou murmurou palavra. Pela cancella da varanda assoma o senhor. No meio do silencio a sua voz ordena afflictamente a prisão do rebelde. Dois escravos avançam. João Quilombo arranca o facão da bainha e espera-os. Param no meio do caminho. Um tiro estronda pelo luscofusco do poente. O senhor acabava de disparar a garrucha. João Quilombo ferido no braço deixa cahir a arma. Os dois negros investem e prendem-n'o. O feitor comprime-lhe os musculos com algemas e cordas.

O castigo é guardado para o dia seguinte ao alvorescer; quinhentas chicotadas, um mez a ferros. O rebelde é guardado no quarto forte da prisão da fazenda.

Mas no outro dia (ninguem sabia como aquillo fôra) dentro do quarto havia apenas as algemas quebradas, pedaços de corda pelo chão. João Quilombo desapparecera.

Negros sahiram-lhe á caça pelos esconsos das serras. Parecia que a terra se cavara e que elle se mettera dentro da terra. Por mais de um mez ninguem lhe viu pisadas e signaes.

Um dia a fazenda teve uma nova surpreza: a Joanninha fugira. Guiados pelo feitor, captivos de novo subiram picos, armaram emboscadas pelas solidões das montanhas. Só depois de muitos dias é que deram com a pista. João Quilombo, ao lado da amante esperou-os. O primeiro que se chegou rolou por terra, ferido. Cercaram-n'o. Pela escuridão da noite lampejaram tiros. João Quilombo saltava infernalmente por entre o fogo, disparando a espingarda e derribando gente. O negro parecia curado de bala. Vieram reforços. Venceu a todos.

E, como um toiro que se aperreia, não sahiu mais daquelle lugar. Construiu a sua choça á beira daquelle grotão e alli ficou com a Joanninha.

Era uma vida de sustos e perigos. As emboscadas repetiam-se e elle para batel-as tornou-se selvagem e cruel. Em pouco era o pavor daquellas cercanias de serra. Para os senhores dos arredores, a sua vida de quilombóla, arrojadamente á beira daquelle grotão, desafiando surprezas e perigos, era a semente de rebeldia que mais tempo, menos tempo, vinha rebentar nas senzallas.

Era preciso destruil-o.

E, naquella noite, fizeram fogo em roda do arvoredo que cercava a choça. João Quilombo andava á pilhagem pela montanha. O incendio alastrou-se pelos comoros em redor.

E quando Joanninha despertou, ardia toda a choça em fogo e ella tambem crepitava em chammas, das saias aos cabellos.

III

João Quilombo, com o facho acceso na mão veiu ficar de vigia no pincaro do outeiro.

Em baixo, no valle, estirava-se a fazenda em que nascera. A «casa grande» muito alta e toda branca, destacava-se ao centro, com o seu avarandado antigo e as suas rotulas cerradas. Alem, a casaria dos negros, os tristes ranchos de palha, achaparrados, dormindo sombriamente pela escuridão da noite. Alem os paióes de milho, de algodão e arroz.

Havia a quietude sillenciosa das horas altas. Nem um mugido de toiro pelo campo adormecido, nem um cão ladrando pelo ermo da madrugada. Na relva, destinguia-se ao longe a sombra branca das ovelhas deitadas, pela extensão da planice um ou outro jumento batia apagadamente os chocalhos.

João Quilombo olhava a direita, olhava a esquerda a ver se já alguma chama brilhava pelas sombras.

Tinha acabado de lançar fogo em toda a fazenda. Naquellas horas mortas ninguem lhe vira descer. Dormiam os negros nos ranchos, os cães de guarda não lhe farejavam o cheiro. E, com aquelle facho, foi de paiol em paiol, acteando fogo, acteou-o depois a «casa grande» e pelos arvoredos em roda.

E agora, alli no pincaro do outeiro, esperava que o incendio clareasse pela treva do valle. Queria ver toda a grandeza de sua vingança, o seu odio e a sua dôr transformados em chammas destruindo e devastando a fazenda maldicta em que soffrera, os maldictos senhores que lhe mataram a amasia.

E espiando a direita, espiando a esquerda, os seus olhos demoravam-se fitando os ranchos dos negros. Sem querer, veiu-lhe uma saudade encher-lhe tristemente a alma e duas lagrimas magoadas desceram-lhe pelo rosto. La estava o rancho em que nascera e florira a Joanninha. Era a mesma palhoça de outros tempos, com dois esteios apenas, a corda de estender roupa á frente. Lembrava-se da ultima vez que alli estivera. Fora quando viera buscar a Joanninha para viverem a sós, no quilombo a beira do grotão. Era uma noite de estrellas, por signal. Abriam em flor por esse tempo os algodoeiros nas roças. Era para mais de meia noite e a fazenda dormia coberta de constellações. Chegou-se áquelle rancho. A Joanninha dormia tambem. Chamou-a. Ella acordou assustada pela sua voz: — Vae-te embora que elles te querem agarrar. — João Quilombo não a deixava, prendia-a ao peito, beijando-a: — Vamos, vem commigo. — Ella estava como doida, sem saber o que fizesse, tremula, entregando-se, quasi desmaiada aos seus braços. Tomou-a nos hombros e levou-a para a serra...

E agora? Um soluco despertou-o. Queria destruir e devastar, transformar em chamma, a immensidade de seu odio, a grandeza de sua dor, chamma que tudo devorasse e desfizesse tudo numa calamidade infernal! Mas quem sabia se as palhas que acteava junto aos paióes e a «casa grande» não se tinham apagado.

O clarão de uma labareda avermelhou-se na tréva. João Quilombo teve um sorriso de triumpho no rosto. Era o paiol de algodão que começava a arder.

Já se sentiam nas folhas o vento da manhã que ainda tardava a raiar.

João Quilombo levantou-se.

O pedaço de céu que cobria o incendio ia tomando uns tons violaceos, ao fumo que subia em rolos.

E novas labaredas espalhavam-se no ar e, ao clarão do fogo, via-se uma multidão de gente aturdida que se movia ás pressas, negros que corriam ao riacho com os cabaços d'agua ás costas, outros que se crusavam no caminho, como formigas.

Um outro clarão rebentou a esquerda. Ardia o paiol de arroz. La em baixo a confusão cresceu. Viam-se o feitor esbracejando, o senhor ordenando afflictamente, os negros, desnorteados, a correr como doidos.

Um novo clarão inundou o espaço, rompendo por entre o telhado da «casa grande» e, ao mesmo tempo, uma nova chamma rasgou-se dos fundos do paiol de milho.

João Quilombo teve um grito selvagem de alegria. La em baixo parecia que toda gente estava louca; passavam escravos a correrem sem saber que incendio apagasse; o senhor corria tambem com elles as tontas, as mãos aos cabellos, arrancando-os.

O céu estava como pintado a carmim, era como uma aurora estival enchendo o espaço de tintas. la-se destacando tudo: ovelhas que sahiam correndo pelo matto que começava a arder; ranchos que ficavam por traz de ranchos; outeiros que se não viam; toiros que olhavam o incendio embasbacados.

A fazenda inteira ardia numa apotheose.

João Quilombo desceu para o campo. Faltava ainda, queria que a sua vingança fosse completa, que não ficasse tronco sobre tronco, que não ficasse um cantinho em que não passasse a devastação de seu odio. Queria destruir tudo: casas e gente, animaes e terras.

E o seu facho tocou na relva secca do campo Soprava rijamente o vento. O fogo espalhou-se como se corresse sobre polvora. Em pouco em toda a extensão do campo tremulavam labaredas. Bezerros gemiam assados entre brasas; toiros urravam em disparadas pela planicie; vaccas, bandos de cavallos e jumentos rasgavam fantasticamente a vastidão do incendio. E o fogo cada vez mais se alastrava por mattas a fundo, por serras á riba, como numa hecatombe.

Estava vingado? Faltava ainda. O seu odio era mais alto, não ficava apenas naquelles senhores, circumscripto naquelles dominios, era um odio que vinha rugindo por seculos passados, o odio do negro pelo branco, do escravo pelo senhor, da raça que soffre pela raça que faz soffrer.

E la se foi sertões a dentro, como uma praga da Biblia, a fogo devastando. Por onde passava do seu facho lusia um incendio, gemiam senhores na miseria, fazendas e fazendas eram escombros e cinzas que não deixavam mais de ser.

E elle seguia para a frente destruindo e destroçando com aquelle facho sempre accezo, enorme e pavoroso como uma figura de lenda...

VIRIATO CORRÊA.

EXPOSIÇÃO NACIONAL
O PAVILHÃO DA BAHIA — ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO

VAE VICTIS!

LUIZ não resistiu mais; quando voltara do cemiterio, onde tinha deixado para sempre, a filhinha querida, cahira sobre o leito, sem a coragem de um movimento, extenuado e miseravel.

Não se lembrava quantas horas estivera assim, sobre os lençóes, numa agonia dolorosa e muda. Anoitecera; não consentira que se illuminasse o quarto, sentindo um extranho goso, na reviviscencia de suas maguas.

Presentia a mulher, rondando, como um phantasma, pela escuridão do aposento, num silencio amargurado, interrompido, de quando em vez pelos soluços altos, que lhe faziam jogar o pobre corpo.

Quando ella se lhe approximara, no desejo de confundirem as lagrimas, reppellira-a: «deixa-me, deixa-me...»

Deixara-o, sem uma queixa, um movimento de revolta siquer.

Na sua vigilia, toda a voz humana, por mais affectiva que fosse ser-lhe-ia intoleravel; quizera que sobre tudo pesasse um silencio absoluto de tumulo, esse silencio, em que a filha ficara a dormir eternamente.

Suppoz talvez que o excesso do soffrimento moral aniquilal-o-ia.

Ai delle! A propria dor tem um limite; a fadiga, que lhe tinham deixado os dias e as noites de luctas contra a morte, venceu-o. Tentara reagir, evocando o supremo martyrio da noite passada, quando a filha lhe expirara nos braços.

Em vão. As idéas se-lhe confundiam, redomoinhavam, sem ordem, um cançasso brutal lhe invadia todo corpo, fazendo-o adormecer emfim, num somno profundo, de que despertava então, onze horas batidas.

Fóra, da sala, vinha vindo um rumor de pratos e de talheres; depois, a porta do quarto se entreabriu e um vulto bonito e triste de mulher mostrou-se: «Luiz.»

O rapaz rolou sobre os cobertores, numa indolencia vaga e um pouco inconsciente e, afinal, numa resolução brusca, ergueu-se: «que queres, adormeci estupidamente...»

Maria entrara e, enquanto o marido se vestia, perambulava pelo quarto, arranjando; atravez da janella unica, que abria de par em par, a luz fina e primaveril do dia de Maio entrava, innundando tudo, afugentando as sombras, deixando mostrarem-se, na sua desolação, as paredes de tabique.

O papel do fôrro, um papel reles, de flores azues, em fundo cinzento, cahia aos pedaços aqui, alhures.

No ar, pairava um indefinido aroma de remedios.

Ella continuava, tristemente, a faina domestica, ordenando os lençóes do leito de ferro, espanando o pó das estantes, onde as brochuras se comprimiam, e da mesa de pinho, que servia de secretária.

O relogio, uma pendula antiga, cantou, pausadamente, as doze horas, num som fanhoso de molas gastas.

«Meio dia, como eu dormi!»

«Não queres almoçar, Luiz?» «Não.» «Mas tu não te alimentas, desde hontem!» «E tu tambem?» «Eu, que importa?»

Ficaram de frente, um instante, a se observarem as physionomias arrazadas pelas insomnias e pelos soffrimentos; de repente, ella rompeu, num choro convulsivo. Luiz teve receio de chorar; os seus olhos se orvalhavam, os seus labios se tornavam grossos, dominou-se, no entanto, e foi, num tom rispido, quasi, de colera, que lhe ordenou: «não chores.»

Ainda uma vez, Maria não fez um gesto de revolta, os olhos supplices se ergueram para o marido, os labios tremulos se agitaram, como a murmurarem um perdão humilde...

Vestira-se já, quasi mecanicamente, sem mais aquella especie de odio, que lhe causavam sempre as calças coçadas e o casaco de alpaca, muito batido, no fio...

Outróra, quando sahia á vida, todas as manhãs, mettia-se nelles, no desespero impotente de quem se visse obrigado a abraçar inimigos de morte.

Um desespero imbecil, veria então, se podesse reflectir nisso.

A sua extrema sensibilidade, morbida talvez, que todas as futilidades chocavam, tinha desaperecido, no imperio da dor maxima.

Que lhe importava tudo, agora?

Sua vida não tinha mais destino, não tinha mais um fim siquer.

Nitidamente, numa precisão cruel, a idéa do suicidio lhe occorreu; não era uma idéa nova, entretanto.

Ainda, na vespera, de volta do cemiterio, pensara nisso longamente; lembrou-se até que havia comprado um vidro de arsenico.

Maria appareceu, de novo: «mas tu te eternisas, ahi dentro, e o café a esfriar...

Elle teve um gesto brutal de recusa: «não o quero, deixa-me, preciso estar só.»

Vagava pelo quarto, a passos curtos, as mãos cruzadas sobre o peito, num habito, muito seu; debruçou-se, um momento, da janella alta, de terceiro andar.

Em baixo, na rua, a vida urbana palpitava; uma orchestra ambulante tocava Gounod. A aria sentimental enervou-o; de resto, a musica lhe causava sempre, uma impressão violenta e penosa. Bateu a janella.

O suicidio era um projecto definitivo, a realisar-se, em breve; admirava-se como não o executara, a mais tempo, e admirava-se tambem da calma, com que reflectia.

Estava em plena posse de si, raciocinava lucidamente.

Outróra, quando pensava no suicidio, uma indecisão pueril, uma cobardia bestial dominavam-n'o.

Tentava razões, que as justificassem e que o deixassem em paz, com a propria consciencia.

Recorria aos philosophos, lia a vida dos grandes homens; era sempre uma chronologia de martyrios, que o consolava. Depois, suppoz ter attingido a perfeição moral em aceitar a vida, como ella viesse, num estoicismo superior.

Não tinha o direito de matar-se, dizia; na vida universal, valia tanto como o mais humilde dos vegetaes, não era mais do que um atomo, mas, em todo o caso, um factor minimo, na colossal engrenagem.

Reconhecia que todo o seu mal originava-se, nesse formidavel orgulho humano, que quer reformar o mundo, á sua vontade e collocar-se alem da natureza.

Ria-se disso tudo agora, dessa philosophia commoda, em que não enxergava mais do que o desesperado amor á vida.

Na rua, a orchestra calara-se; um grande silencio envolvia toda a casa, apenas, no ar, moscas zuniam.

Luiz, cançado pelo longo passeio, ao redor do quarto, sentara-se junto á mesa; ia por os seus papeis em ordem e fazer os ultimos preparativos para a viagem eterna.

De mau grado, embora, evocava a vida, as maguas, os degostos passados.

Quando Clarinha adoeceu da meningite, que a levara emfim, naquelles dias crueis de luctas contra o phantasma adejante e ameaçador da morte, reconhecera claramente que se a filha morresse, elle teria que morrer tambem; faltar-lhe-ia a razão unica e suprema da vida.

A sua paixão pela filha fora sempre excessiva, obsecante, doentia mesmo; não era o affecto vulgar dos paes, era alguma coisa mais, um não sei que de adoração, de fanatismo.

Antes rispido e sceptico do que sentimental, aos 20 annos, Luiz era um vencido; olhava o mundo, como um deserto intermino, de uma esterilidade maldicta, sem o refugio de uma sombra ou a graça de uma collina, que lhe quebrasse a enervante, a desoladora monotonia.

Casara-se friamente, sem ter pela rapariga, cujo coração sentia seu, absolumente seu, nenhuma paixão feroz, que justificasse a loucura. Na crise de desanimo e de amargura, em que vivia então, o casamento lhe pareceu o derradeiro recurso, o remedio unico contra a neurasthenia ameaçadora.

Conhecia as altas virtudes, a ternura, a intelligencia clara e inculta da mulher e que elle amoldaria, a vontade, como cêra plastica.

Julgou-se capaz de lhe ser sempre um mestre e um companheiro dedicado e fraternal.

Fôra-o, embora os esforços, que, muitas vezes, lhe custava o dominar-se e não deixar transbordar a bilis que lhe ia n'alma. De resto, achava um certo prazer nessa lucta diaria contra os proprios nervos.

As vezes, rebentava, não se continha e fazia-a soffrer, num requinte perverso de lhe ver as lagrimas.

Julgava-se um infame depois; analysando-se, percebia claramente que se tinha casado pelo sentimento egoista e vil de prender alguem á cadeia atroz de sua vida.

Isolava-se comsigo mesmo, sem fallar á mulher; via-lhe o resentimento revelar-se mudamente nas olheiras e nos sulcos das faces.

Um fundo affectivo e doce se lhe despertava; tinha impetos de correr para ella e de penitenciar-se em carinhos das grosserias feitas, mas o orgulho dominava-o, um orgulho extranho e pervertido.

Ella se humilhava, pedia perdão das offensas recebidas e elle se revoltava contra a sua bondade excessiva; quizera vel-a orgulhosa e combativa, tinha ancias de luctas, enervava-o aquella fidelidade amorosa de cão, aquella placidez morrinhenta de lago.

Maria occnpara sempre um logar secundario na sua vida; sua alma complicada de doente, seus nervos de hysterico não podiam comprehender nunca a serenidade imperturbavel, quasi amorpha dos sentimentos da mulher. Agora mesmo, quando ia deixal-a para sempre, não tinha o mais ligeiro remorso da desgraça, que causaria, sentindo apenas uma piedade indefinida.

Ouvia-lhe os passos la dentro, no arranjo domestico; a lembrança de sua miseria fel-o soffrer, um instante.

Sorriu ironicamente; era uma pequena miseria, no entanto, uma miseria banal de burocrata.

Deixava o monte-pio e as contas do mez, pagas já. Que mais queria?

Recordava sua completa indegencia, quando solteiro, os longos mezes de vagabundagem forçada, em que os seus nervos superexcitaram-se, levando-o quasi á loucura, naquelles dias interminaveis, sobre o enxergão ordinario

de uma pensão de infima especie, numa inercia absoluta, deliciando-se, num odio destruidor de tudo.

Arranjara uma collocação publica depois. Não sabia bem se fôra melhor ou peior para a sua vida.

O trabalho material e reles da baixa burocracia, a acanalhal-o, a feril-o nos seus sentimentos requintados e artisticos, a convivencia sordida dos seus companheiros, mais ou menos imbecis, foram um calmante energico para os seus nervos

Percebia tambem que o seu destino falhara de vez; figurava a vida, como um occeano revolto, onde tinha naufragado bem cedo. Debatera-se penosamente para ganhar a terra querida e distante; um dia a perfidia de uma vaga o jogara numa ilha miseravel.

Era o refugio, o abrigo, a vida em todo o caso; mais ella valeria assim?

Devia valer, porque sempre lhe faltara a coragem para a santificação, o sacrificio heroico do suicidio.

Nos primeiros tempos, a lucta lhe parecia nobre e digna, tendo um certo orgulho na sua vontade de vencer. A esperança na Gloria bailava ante os seus olhos; era um convencido sincero do seu talento.

Os livros lhe serviam de lenitivo ás desillusões e ás injustiças; leu incançavelmente, desordenadamente, todas as philosophias e todas as litteraturas.

Fatigou-se depois, um aborrecimento, uma piedade vaga lhe veio pela eterna impotencia humana. Decorou Nietziche e Shopenhauer, Baudelaire e Verlaine foram os grandes genios então.

A sua fecundidade era espantosa; as idéas lhe turbilhonavam no cerebro, rebentavam em contos, versos, esboços de romances... Não os mostrava a ninguem, tendo um sincero prazer em relel-os e em burilal-os dia a dia.

Conheceu o martyrio novo da perfeição litteraria, a tortura cruel da Forma.

Malquistara-se com os seus, fugio de relações novas. O Odio e a Esperança sustentavam-n'o, lhe eram como um estimulo ás luctas.

Nos dias negros de fome, em que o seu desespero chegava ao paroxismo, lhe nasciam idéas infantis e loucas: correr ao Presidente da Republica, aos Ministros, proclamar aos berros o proprio valor.

Lentamente uma transformação se foi operando nelle; convenceu-se da inanidade de todos os esforços. A descrença substituiu a Esperança, julgou-se ingalvanisavel a tudo.

Via o mundo atravez de um scepticismo exagerado, chegou á dolorosa convicção de sua inferioridade intellectual, reconhecendo-se uma intelligencia vulgarissima e uma vontade indecisa.

Nem o antigo odio por tudo quanto achava pequeno e banal lhe restava.

Quando relia casualmente os seus artigos, onde palpitava a furia iconoclasta contra Deus e Patria, quo elle encarnava como os dois symbolos, as duas entidades maximas da Felicidade e da Ordem burgueza, um sorriso de ironica piedade se esboçava nos seus labios.

Agora, a imbecilidade e a tolice humanas lhe eram indifferentes.

Casou-se por este periodo de desanimo. A felicidade calma, que suppunha encontrar no lar, fugira-lhe por sua culpa mesmo, reconhecera.

Era um incontentavel.

A pobreza humilhava-o; attribuia-a á sua inercia, á sua inadaptação á vida.

As vezes, ficava a pensar onde os seus nervos o teriam levado, si não fora o nascimento da Clarinha.

Elle renascera tambem, rebentara para a vida, com uma energia desconhecida.

Trabalhou, sem descanço, conheceu aspectos novos da humilhação, nas corridas diarias pelos Ministerios, pelas Repartições, á caça de um osso, como um cão faminto.

O amor da filha alentava-o, fazendo-o esquecer as desillusões de fora; nella resumia todo o mundo.

Humanisava-se, tornava-se affectuoso e bom. Quando entrava em casa deixava na soleira da porta, as amarguras, as descrenças todas; vivia feliz, numa alegria ruidosa, que o fazia cantarolar pela casa com a filhinha nos braços. Maria irradiava.

Ai delle! Foram seis annos de ventura, apenas. Seis annos! Teve um grito inconsciente de dor: «minha filha!»

Fizera-se tarde; no relogio, as duas horas soaram.

Luiz erguera-se, abria as gavetas, numa pressa extranha, dilacerando papeis. Encontrou o frasco de arsenico, esteve a miral-o...

A physionomia se lhe contrahiu num rictus doloroso.

Fez um supremo esforço para dominar-se; sentio o pulso alto e o coração a bater com violencia.

Enojou-se de si, de sua cobardia indomavel; a cabeça lhe andava á roda, indefinido mal-estar o prostrava. Revolvia os papeis nervosamente; eram cartas de amor, cartas da familia, versos, prosa, toda uma litteratura anonyma...

De repente, descobriu um caderno de creança, o caderno, em que a filha aprendera a escrever. Estava cheio de traços longos e tremulos.

Volvia-lhe as paginas; no fim, a mão mais firme da Clarinha escrevera, de certo, guiado pela mãi, o nome doce de pae.

Ficou a olhal-o, a contemplal-o longamente; os olhos se lhe enchiam de lagrimas. Emfim, os seus nervos não resistiram mais; tremia convulsivamente.

As noites de insomnias, os martyrios da semana maldita abateram-no; não tentou conter-se e, pela primeira vez na vida, depois de homem, teve uma crise brutal de pranto.

Cahiu sobre o leito; os soluços lhe vinham altos e fortes e assim se deixou ficar longo tempo, a chorar sentimentalmente miseravelmente...

Na rua, a orchestra preludiava Offenbach, rompendo emfim, numa marcha triumphal para a Alegria, para a Vida!

Rio de Janeiro, Junho 1908.

José Maria de A. Bello.

PLENILUNIO!

Pagina d'album

NA prata diluida, gásea, transparente, da luz — luz fria, estatica, lembrando um derramado silencio luminoso pairando aberto sobre a terra — passou, rapida e alta, num cortar de ar, brusco e secco, a mancha larga de uma aza branca de aguia real, a fugir longe para as montanhas e para o mar, como um pedaço esgarçado de bandeira de Paz, que a aragem arrebatasse na poeira clara da noite enluarada...

— Um alcyone!... Um alcyone!...

— Uma aguia!...

— Aguia da morte!...

— Branca! E' a aguia branca da Paz!...

E quem assim fallou, quem assim disse foi a bocca sanguinea e fresca de um louro e, emquanto dizia, os seus claros e abertos olhos, de um azul quasi branco, voltados para a diaphaneidade do plenilunio e que o plenilunio tornava mais claros, reflectido na saphira das suas pupillas, seguiam o vôo da ave monstruosa que buscava, entontecida e tardia, o cimo alto das pedras altas ..

As tendas, os bivacs do acampamento armados em A A A, disseminados na planicie e mais alvos ainda ao luar, eram uma geada extensa, alvorescendo rastejante a paysagem, enlividecendo a campina...

Palmeiras solitarias emergiam, espaçadas, de sobre comoros, de sobre coxillas, na linha esmaecida do horisonte; ao fundo remóto da rasura, espreitanto, longinquas e immoveis o silencio duvidoso das distancias suspeitas — e na esguia flexa erectil e central de uma dellas, a pequenina estrella piscante de uma constellação baixa, tremeluzia o ouro acceso e claro da sua luzerna indecisa, como um minusculo insectosinho de luz debatendo-se, afflicto, no extremo agulhento da fisga...

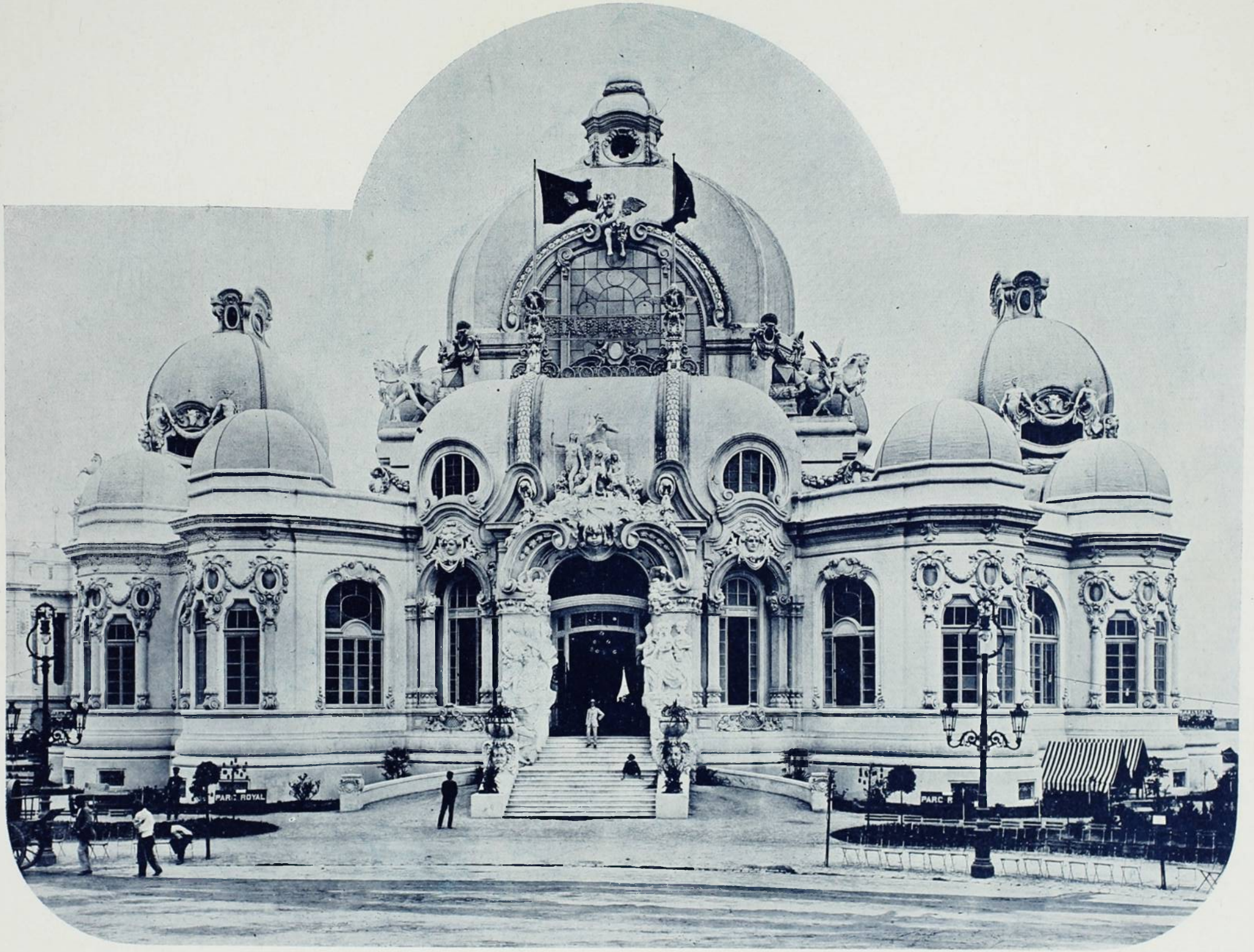
Os elmos, os pontealtos cascos metallicos das sentinellas, postadas, alertas, nos extremos das ruellas estreitas do acampamento e á entrada cerrada das tendas generaes, brilhavam fulgentes, como alfineteiros brunidos de prata, ouriçados de alfinetes de luz...

Eram as legiões de Cesar, o exercito augusto, em repouso, ao plenilunio de Apriles, o mez das seáras louras e das noites claras...

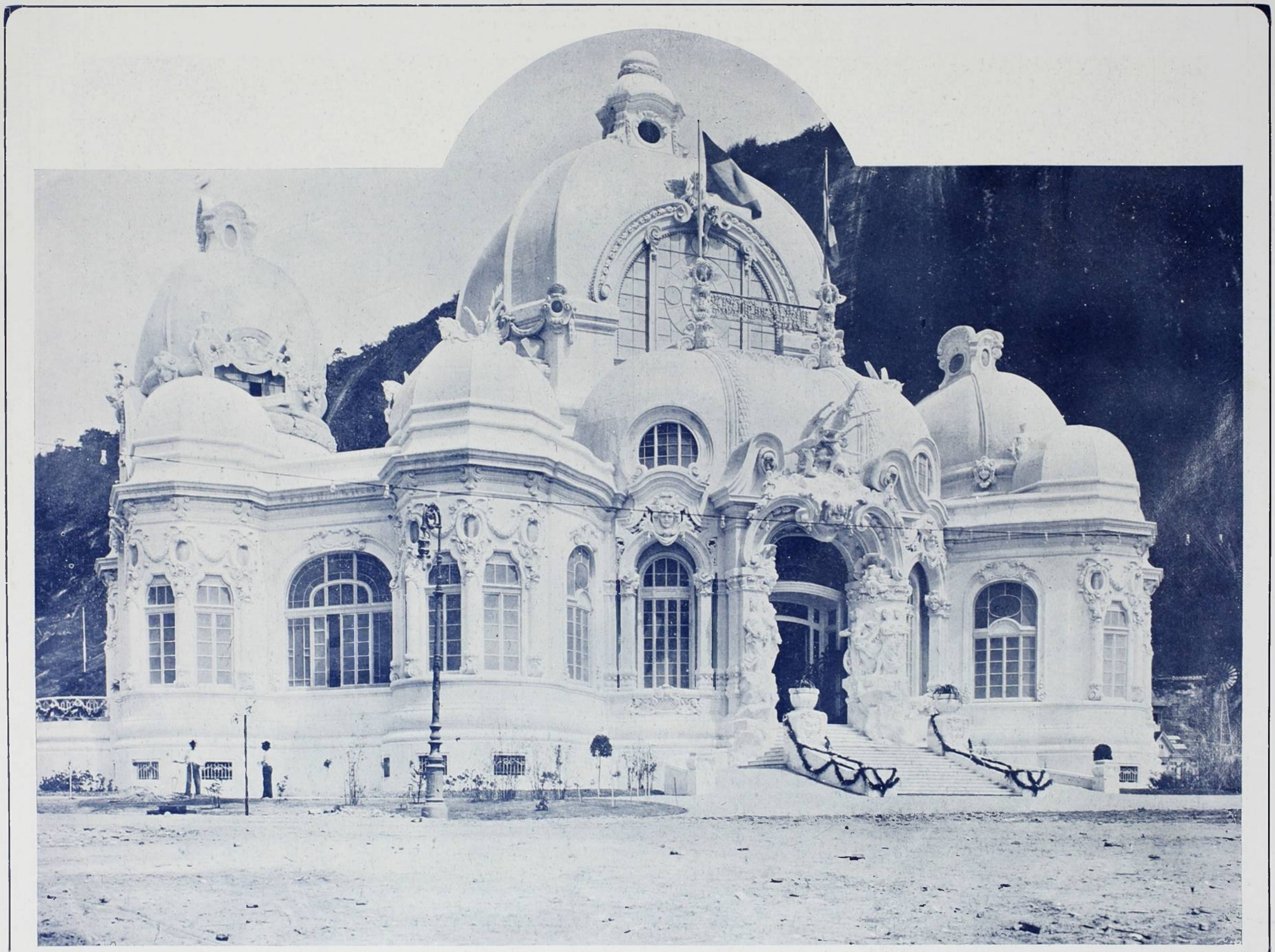
Lima Campos.

EXPOSIÇÃO NACIONAL — A ILLUMINAÇÃO DO PAVILHÃO DO DISTRICTO FEDERAL

Exposição Nacional



PAVILHÃO DO ESTADO DE S. PAULO



OUTRO ASPECTO DO PAVILHÃO DO ESTADO DE S. PAULO

SALA DE RECEPÇÕES DO PAVILHÃO DO ESTADO DE S. PAULO

PORTÃO DO PAVILHÃO DO ESTADO DE S. PAULO

OS PERIODOS OU EPOCAS DA LITERATURA BRAZILEIRA

É SEMPRE muito dificil por em categorias certas os factos da evolução de uma literatura, classificando-os em periodos no tempo ou compendiando-os sob uma rubrica que pretenda definil-os. Por via de regra são sempre por algum lado falhas taes tentativas, e o seu valor precario. Ou apenas satisfazem os espiritos superficiaes que se contentam de palavras, ou não são mais que uma das muitissimas presumpçosas syntheses e generalizações com que o nosso moderno prurido de facil philosophia ou van ostentação de pensamento anda temerariamente a inventar.

Redobra essa dificuldade nas literaturas que, como a nossa e todas as americanas, neste ponto semelhantes, não têm uma existencia autonoma, nem personalidade bastante distincta e não possuem as qualificações necessarias a uma literatura completa e independente.

O problema da divisão ou classificação do seu desenvolvimento em periodos ou epocas que não sejam uma material divisão chronologica sem correspondencia com os factos literarios, complica-se, pois, aqui, e dificulta-se pelas mesmas condições especiaes da sua evolução. Essas condições foram em summa as proprias em que ella aqui nasceu e se criou, de directa e imediata dependencia da literatura da mãi patria, da qual, como a nação aqui primeiro formada, foi apenas um prolongamento.

Os motivos, causas, estimulos que aqui determinaram taes e taes variações ou mudanças de pensamento, de forma, de estylo literario foram-nos todas extrinsecas e estranhos; não provieram de nós mesmos ou da nossa evolução nacional, foram repercussões do pensamento, da forma, do estylo europeu — já portuguez, já francez ou outro, de que até hoje temos literariamente vivido.

A literatura foi aqui inicialmente e sempre *art d'agrément*, um prazer de letrados, um desenfado de doutores, sem raizes profundas no sentimento, na opinião, no gosto nacional, sem sympathia e affinidade com elles, vindo, por assim dizer, a sua inspiração e estylo feitos de fóra. Não podiam pois, os seus aspectos, a sua physiognomia apresentar feições bastantes distinctas e caracteristicas, que bastassem para uma separação exacta das suas diversas feições em categorias bem definidas.

Um exemplo disso: mais de um critico ou historiador da literatura brazileira poz Gregorio de Mattos, poeta satyrico e popular da segunda metade do seculo XVII, como um marco abrindo um periodo ou epoca da nossa literatura colonial. Mas a verdade é que Gregorio de Mattos é apenas uma excepção singular, sem antecedentes e sem consequentes aqui. Depois delle e concomittantemente com elle, continuou e perdurou e pseudo classicismo portuguez, o aulicismo poetico, o gongorismo de raiz do genio literario portuguez, modos e modas a que elle proprio sacrificara. A sua unica distincção, insufficiente para fazer delle e da sua obra um março nas nossas letras, é a sua attitude, essa mesma incoherente, de indisciplinado e de desregrado na vida, o primeiro bohemio, na ordem dos tempos, de uma literatura onde a bohemia, por puro espirito de imitação aliás, teria um grande lugar. Elle ao menos foi um bohemio expontaneo, natural e talentoso.

Desta dificuldade intrinseca resulta a incoherencia e fragilidade das classificações da nossa historia literaria, não só no que concerne aos periodos em que é possivel dividil-a, mas no agrupamento systematico das varias feições literarias que por ventura aparente.

O Sr. Sylvio Roméro, apezar dos seus enormes defeitos e falhas o mais completo historiador da nossa literatura, não obstante o seu proposito ou presumpção de methodo scientifico no fazer-lhe a historia, não assentou ainda numa classificação que satisfaça, se quer a elle.

Na primeira edição do seu estimavel livro, havia o Sr. Sylvio Roméro, como já em outro estudo reparei, estabelecido uma divisão, que aliás manteve na segunda mas, como se não estivesse seguro da sua excellencia ou simples razão de ser, no prologo desta declara que «no que diz respeito á questão dos *periodos literarios* entre nós» não lhe «seria dificil substituir a divisão proposta no texto pela seguinte» — e enuncia-a. Mas logo acrescenta que «poderia ainda ajuntar que, tanto esta nova divisão e classificação, como a que se lê no livro, não perderiam nada em ser substituidas pela seguinte» — e expõe outra. Porém «não é tudo, escreve elle; seria ainda possivel simplificar a divisão e dal-a em duas grandes epocas — que tambem aponta. Temos, pois, um só historiador da literatura nacional, e de mais a mais scientificista, como a si mesmo barbaramente se chama, que acha possivel dividir indifferentemente em quatro classificações ou divisões diversas os seus periodos historicos, de nenhuma das quaes, declara-o elle francamente, «faz grande cabedal.»

De parte o que esta fluctuação e incoherencia de classificações póde revelar de uma erudição lacunosa do assumpto, a indifferença declarada por ellas é sem duvida pouco philosophica. Se a literatura brazileira é, um as-

pecto ou uma representação da sociedade brazileira, e este é, por ora, o seu unico merecimento, o seu desenvolvimento deve acompanhar o dessa sociedade. O desenvolvimento de toda a sociedade, e o da nossa não póde fazer excepção, por mais igual a si mesmo que seja, e por menos salientes que sejam as suas feições, não será jamais tão apagagado que escapem á observação. Essas feições, como quer que sejam caracteristicas, cumpre ao historiador assignalal-as. Vai nisso não só uma questão de exactidão, de verdade objectiva, de verificação de um facto indispensavel para entendermos a evolução da sociedade, mas de methodo, e, portanto, de logica. Se o historiador da literatura brazileira chegar a convencer-nos de que quatro divisões do seu desenvolvimento são igualmente boas ou igualmente ruins, principalmente quando são todas estabelecidas com o mesmo criterio doutrinal, somos levados a crer que essa literatura é alguma cousa amorpha, inconsistente, sem vida nem relação com a sociedade, não tendo por onde se lhe pegue e, portanto, o que nos deva interessar.

Antes do Sr. Sylvio Roméro, Fernando Wolf, no seu ainda hoje precioso livro *Le Brésil littéraire*, dividiu a literatura brazileira em cinco periodos chronologicos, referindo-os a phases da evolução historica da Brazil. Basta porém a simples leitura attenta da sua divisão para se lhe descobrir a inconsistencia, menos da intelligencia do autor que da materia em que trabalhava.

O seu primeiro periodo é o do descobrimento até o fim do seculo XVII. «Os jesuitas principalmente introduzem a cultura literaria trazida da Europa; os colonos portuguezes e seus descendentes imitam servilmente os modelos portuguezes e hespanhóes.» — O segundo periodo, segundo elle, é a primeira metade do seculo XVIII. «A cultura literaria se estende e enraiza; fundam-se sociedades literarias, mas mau grado certas velleidades de independencia (onde? em quem?) *a imitação pura* (gripho eu) *e simples dos modelos portuguezes persiste ainda*.»

Logo entre o primeiro e o segundo periodo não ha de facto nenhuma distincção notavel; a unica que se possa observar, e mais de aspecto cultural que propriamente literario, é a da maior expansão, (o enraizamento é duvidoso) da cultura literaria trazida pelos jesuitas, mas que se se reflecte na quantidade da producção literaria se não manifesta na sua qualidade e menos ainda numa inspiração e expressão, que não fosse a reproducção, amesquinhada aliás, da da metropole. E seria isso o essencial.

A poesia — e essa literatura só de poesia se compunha — da primeira metade do seculo XVIII é a coisa mais incaracteristica que se póde imaginar. Não deixou uma obra, um nome, um poema, que mereçam lembrados. E os que a erudição especial recorda, mais por patriotismo que por bom gosto literario, equiparam-se em tudo e por tudo aos poetas, todos mediocres, do periodo anterior.

E dos outros periodos de Wolf se poderia dizer a mesma cousa.

Igualmente me não parece bem fundada a theoria de uma primeira epoca ou periodo de formação que, segundo os nossos autores, iria do seculo do descobrimento ao meiado do nosso terceiro seculo.

Formação presupõe uma realidade posterior, um estado definitivo consequente a ella e della decorrente. A formação de uma literatura suppõe a existencia dessa literatura. Ora a literatura brazileira só de facto merece este nome no seculo XIX, com o romantismo e depois delle. Antes não era ella senão um ramo, muito preso e achegado ao tronco, da portugueza, e absolutamente em tudo e por tudo se confunde com ella. O romantismo, que foi por toda a parte um movimento de liberdade espiritual, literaria, artistica e até politica foi no Brazil essencialmente um movimento de emancipação intellectual da metropole, o feitio de manifestação, na ordem espiritual, da nossa independencia nacional.

Embora limitado nos seus impulsos e nos seus effeitos, esse movimento em todo caso sellou a nossa independencia, ou pelo menos autonomia, literaria. Tanto quanto póde existir uma literatura independente sem lingua propria, nós houvemos desde então uma literatura nossa.

Somente do romantismo para cá é possivel sem esforço nem fingimento descobrir na nossa literatura intenção, sentimento, emoção, expressão que manifestamente se distinguem da literatura portugueza.

Se isto é assim, como me persuado, o periodo da formação da literatura brazileira se estenderia desde as primeiras manifestações da nossa actividade e capacidade literaria, pelos fins do seculo XVI, até o advento aqui do romantismo.

Como este facto literario, para mim incontestavel, coincide com o de toda a nossa evolução social, em quasquer manifestações da nossa vida nacional, o unico meio de fugir, menos á difficuldade do problema, que ao risco quasi infallivel de erro, na divisão systematica das phases da nossa literatura, seria atermo-nos a esta divisão natural, já aliás aventada na nossa historia literaria:

a) Periodo colonial ou de formação.

b) Periodo nacional ou de constituição.

Aquelle viria desde as primeiras manifestações a que me referi até o fim do primeiro terço do seculo passado; este dessa epoca em diante.

O primeiro periodo naturalmente abrange a epoca colonial. Nesta, por todos os aspectos da nossa vida e actividade, estivemos na estreita dependencia da metropole. Quasi oxclusivamente com ella era o nosso commercio. Não é impossivel, com alguma boa vontade, ou attendo-nos a algum facto isolado, e como tal insignificativo (como o citado de Gregorio de Mattos) descobrir em algum tempo delle manifestações, se não já de desenvolvimento autonomico — e taes não as ha que autorizem as generalizações sobre ellas feitas — com certesa reveladoras de capasidades e talentos, que só por isso se constituiram factores de um progresso literario evidente. Esse progresso, que se resume aliás em alguns nomes e em algumas obras, muito pouco tudo (Basilio da Gama e o *Uraguay*, Durão e o *Caramurú*, os poetas do grupo mineiro), justamente por coincidir com um momento de marasmo e decadencia da literatura mãi, destacou no meio desta o seu ramo. Destaque, porém, meramente literario, dos aspectos exteriores dessa poesia — e só da poesia — da superioridode da sua forma e expressão, com a unica novidade da terra e do gentio americano introduzidos nella por Gama e Durão.

Nada effectivamente se não isso a distinguia da poesia portugueza de Portugal, que a fizesse differente della. Toda ella na inspiração, como na execução, era arcadica como a de lá, e arcades, apenas alguns (Basilio, Gonzaga e Claudio Manoel da Costa somente) com mais talento ou sentimento poetico, todos os nossos poetas do tempo.

O talento é, porém, um factor poderoso na evolução literaria. E o facto da existencia de tres ou quatro (não foram mais) poetas de talento na colonia nessa epoca, e de algumas obras suas que a mesma metropole admirou e encorporou na sua literatura, seria um estimulo a um progresso literario maior e, portanto, um factor do desenvolvimento ulterior da literatura a que regionalmente pertenciam. Quando acontecimentos que o promovessem ou favorecessem, como seria a independencia nacional com todas as suas causas e effeitos, se viessem a realizar, a acção daquelles poetas e da sua obra não seria perdida.

Esse progresso, porém, não foi consecutivo ao momento auspicioso do fim do seculo XVIII. Ao contrario, o periodo que immediatamente se lhe seguiu até o inicio do romantismo é de pobresa extrema, verdadeira miseria em materia de letras e poesia aqui.

Quando, despertado com a independencia e estimulado por ella, o espirito nacional buscou elevar-se e completar-se numa expressão literaria (e esta foi a principal inspiração da primeira phase do nosso romantismo), os seus arautos procuraram naquelles poetas do fim de seculo antecedente os seus antepassados, que lhes haviam de justificar a prosapia.

E entraram, e emtramos todos, a ver nelles como os progonos da nossa independencia literaria, esquecendo que todos elles, ainda os falsamente accusados de inconfidencia e propositos de independencia politica, eram, como poetas, eminente e essencialmente portuguezes.

Conclúo, portanto, sem presumir de incontestavel este juizo, que na historia da literatura brazileira, periodos definidos, bem determinados, distinctos, só ha dous: o colonial e o nacional.

Que nestes se possam descobrir e descriminar uma ou outra phase mais ou menos differente, em que os possamos subdividir, principalmente ao segundo, não o negarei. Mas para não cair nas divisões e classificações arbitrarias, illusorias ou falsas, como tantas ha ahi, o mais sabio é evital-as, ao menos no estado actual dos no conhecimentos da literatura nacional, muitissimo mais falada do que lida e estudada.

José Verissimo.

O RIO

— Tive um sonho cruel esta noite, meu filho...

— Sonhos de nada valem, minha mãe.

— Mas o meu foi horrivel. Acordei debulhada em pranto, o travesseiro ensopado de lagrymas.

— Um pesadello... Estavas em má posição, com certeza.

— Vê como estou fatigada. Pareço que sahi de um tresnoite sem fim... Tenho os olhos fundos e amortecidos, a garganta secca, um tremor convulsivo na pelle. Dóem-me os ossos da cabeça e o meu coração está pesado.

— Lêste alguma historia triste?

— Não.

— Contaram-te, então, alguma scena de desastre.

— Tambem não, meu filho. O sonho veiu expontaneamente, como um aviso. Não sei, não vejo relação da vida real para elle.

— Talvez tivesses uma antiga impressão adormecida no cerebro...

— Não, não. Meu sonho foi tão feio, tão negro, que nunca pude imaginar coisa parecida com elle.

— Esquece-te disso. Olha que lindo dia faz lá fóra, que luz ardente e que céo azul. Vem cá. Vem até a janella... Vê, lá ao longe, como o rio reflecte o céo.

— O rio... Filho, abandona a janella, vem para dentro.

— Porque, minha mãe?

— Foi o rio o meu pesadello. Sáe, vem, é horrivel!

— Conta o teu sonho.

— Não tenho coragem...

— Não te impressiones. Conta...

— Pois bem, conto. E' preciso contar para que não aconteça. Sorris? Achas-me ingenua... Não rias, filho. Escuta: sonhei que tinhas morrido afogado no rio...

— Ora, que idéa! Amanhan sonharás que morri de repente. E afinal, minha mãe, morrerei do que tiver de morrer. Não penses nisso, não acredites em sonho.

— Queria fazer-te um pedido.

— Porque não fazer?

— Só se jurares cumpril-o.

— Assim, não. Pódes pedir qualquer cousa que não esteja ao meu alcance.

— Está.

— Pede.

— Não vás mais ao rio...

— Ora, que pedido! Como não ir ao rio, se é elle que me dá trabalho?

— Arranja outro meio de vida. Em terra...

— Que tolice! Não vejo nenhum perigo no que faço: chega um vapor, atravesso o rio numa lancha segurissima e volto á terra. Onde está o perigo? Não penses no sonho que tiveste. Vê bem como é facil meu trabalho. Ganho o bastante para vivermos. Porque abandonar uma casa seria, segura, onde sou estimado, onde tenho futuro, por um emprego talvez inferior e ephemero? Seria recomeçar a vida. Uma superstição vale tão grande sacrificio?

— Se eu te arranjasse coisa equivalente?

— Não. E depois, se eu tiver de morrer afogado não haverá precaução que me furte a isso. Fica tranquilla, minha mãe.

— Deixa-me ver tua mão.

— Ahi tens. Que é isso? Vaes dar-me este annel?

— Toma. Fica com elle. Era de teu pae Está muito bem no annullar da mão esquerda. Este annel livrar-te-á dos males...

— Obrigado. E' um lindo presente. Agora, esquece o sonho.

* * *

Correm successivamente os dias. A vida ribeirinha é calma e doce. Entre as duas margens rasas, pelas quaes se extendem as povoações, rola, com preguiça, largo a perder de vista, o rio immenso. Terra a dentro, envolvendo as casarias, num cerco fantastico, alastra-se a prodigiosa floresta, cheia de belleza e mysterio, dadivosa e perfida, guardando mortes e thesoiros. Nas casas, escôa-se uma existencia pacata. A fita lustrosa d'agua serena, uma vez e outra é revolvida pela passagem de um navio que lança ferro em frente á cidade; ou as embarcações leves e ligeiras, em rapido surto, deixam no espelho liquido um rebojo manso que logo se desfaz em pequeninas vagas fugitivas. A cabeça de um reptil que emerge abre circulos que se vão alargando mais e mais. Com os dias, correm successivamente os mezes. E sobre as florestas, sobre as casas, sobre o rio, transluz a porcelana do céo tropical.

* * *

— Minha mãe, vou fazer hoje um delicioso passeio. Que pena não poderes vir tambem...

— Onde é o passeio?

— Perto.

— Na matta?

— Não, no rio.

— Ah! meu filho, no rio?

— Sim, que mal faz?

— Não, não vás.

— Porque?

— Meu filho, porque faz hoje exactamente um anno que tive aquelle sonho. Lembras-te?

— Ainda te lembras delle?

— Como não, meu filho, se nunca o esqueci um dia só...

— Esquece-te. Olha o rio como está manso e o tempo como está seguro. Vae ser um lindo passeio. Já viste o *cutter* novo?

— O de teu amigo? Sim, já vi. E' nelle o passeio?

— E'. O *cutter* é muito seguro.

— Tão pequeno...

— Tambem o passeio é pequeno. Em meia hora teremos ido e voltado.

— Até onde vão?

— Até aquella ponta, vês?

— Vejo. E' longe...

— Em dez minutos vae-se lá. Deixas?

— Tens realmente muita vontade?

— Muita. Não corro o minimo risco.

— Não tens medo?

— Nenhum. O barco é forte. O tempo é bom. Ambos nós sabemos nadar. E é um instante.

— Lembra-te que faz um anno...

— Tolices... Nada acontecerá. Até logo.

— Já?

— Já.

— Tem cuidado. Não vás muito longe.

— Vamos apenas a volta da ponta. Dá-me o meu chapéo desabado. O sol está ardente. Que lindo dia. Até logo, minha mãe.

— Meu filho, até logo.

— Como me beijas. Parece que vou para uma longa viagem.

— Até logo. Toma cuidado.

— Não haverá risco; o rio é meu amigo. Até já.

* * *

Uma aza de garça, leve, raspa a agua do rio. E' o *cutter*. Partiu nesse mesmo instante, para dobrar a ponta, ao longe. A véla inflada é como um seio tumido. O vento é bom e a agua, arrufada, lampeja á luz. O *cutter* vae á bolina e já está a alcançar a ponta de terra. Olhos indifferentes seguem a marcha graciosa da embarcação, que é uma aza de grande passaro branco esfrolando a prata liquida da torrente.

* * *

Calma, quente, cheia de astros, a noite caiu. Dentro das casas, a gente repousa, após o labor diario. Numa sala humilde, que uma lampada fumarenta illumina, ha alguem qne não descança, alguem que, de bruços na janella, os olhos penetrando a escuridão da rua, ha longas horas espera ver chegar alguem que tarda. No firmamento alto, remoto, continúa a ronda dos astros...

* * *

— Tenha coragem..,

— Meu filho morreu!

— . . . . . .

— Isso que é?

— São as joias, os botões de oiro dos punhos, o alfinete...

— Meu filho, meu pobre filho...

— Chore, minha senhora, chore...

— Bem eu lhe disse... Um a un justo!

— Aqui está a carteira...

— Como foi? Conte-me. Eu terei coragem...

— Foi ao dobrar a ponta. O barco virou...

— E o outro? Tambem?

— Tambem...

— Mas, falta aqui o botão de um punho...

— . . . . . .

— E o annel que eu lhe dera hontem mesmo...

— . . . . . .

— O annel que fôra do pae...

— Não sei... Só me deram isso...

— E o corpo?

— Já o enterraram.

— Meu pobre filho... Mas o annel? Hein?

— Não sei...

— O annel que estava na mão esquerda.. Este botão é o do punho direito. Vê? Falta o outro... O do esquerdo... Meu filho...

Tenha coragem... Venha para dentro... Eu lhe farei companhia...

Um grande chôro se desata, abundante, largo, ardente, choro que nunca mais devia cessar.

* * *

Longe da caza onde agora domina a tristeza sem consolo, rola, impassivel, o rio immenso. E nas horas de calor, a cabeça de um reptil que emerge d'agua, abre circulos que se vão alargando mais e mais.

OSCAR LOPES.

A SÉVIGNÉ DO XIX SECULO

ASSIM foi denominada mademoiselle Delphina Gay, depois madame Emilio de Girardin.

E' uma justa homenagem, essa que lhe deram os seus contemporaneos.

Delphina Gay teve como a Sévigné um espirito scintillante, uma nitida intelligencia litteraria; foi a mulher espiritual por excellencia. Lamartine, no seu *Cours familier de littérature*, nol-a descreve nestes termos: «On lui avait appris à sentir et à parler en vers; elle avait l'image dans les yeux, l'harmonie dans l'oreille, la passion en pressentiment dans le cœur, l'éclat dans l'esprit; ses strophes peignaient, chantaient, pleuraient, brillaient comme les gazouillements poétiques de l'oiseau qui s'essaye ao bord du nid à demi-voix..... Elle dépassait en charmes et en talent tout ce que le cœur d'une mère avait rêvé.»

Mas o que faltou á Sévigné — a belleza physica — Delphina Gay possuia na maior prodigalidade da natureza, que a fizera uma Hébe, deliciosamente fresca e inexcedivelmente graciosa. Ella propria reconhecia essa qualidade, que completava a extraordinaria formosura do seu espirito e alguns annos depois, ao lembrar os primeiros dias da sua feliz mocidade, escrevia:

Mon front était si fier de sa couronne blonde,
Anneaux d'or et d'argent tant de fois caressés!
Et j'avais tant d'espoir quand j'entrais dans le monde
Orgueilleuse et les yeux baissés.

Nesse tempo, a sua commovente belleza, duma brancura de camelia ao luar, a que o oiro dos seus cabellos dava o tom maravilhoso de uma illuminura de legenda, resplandecia nos salões de Mme. Recamier, em Abbaye-aux-Bois, no da duqueza de Duras, nas celebres *matinées* do castello do Lormois da duqueza de Maillé; era a attração mais irresistivel da sociedade litteraria e artistica da Restauração.

Delphina Gay já cultivava com ardor a poesia, de quem era uma das Musas, a *dixième muse*, segundo se dizia nos finos saraus do *faubourg Saint Germain*. E recitando seus versos, particularmente os do *dévouement des sœurs de Sainte Camille* encantava, seduzia, captivava os ouvintes, porque a sua vóz era uma melodia; vóz que, em modulações chromaticas da escala passional tinha o quer que fosse do canto fabuloso das sereias, e mais se insinuava nos corações, mais penetrava nas almas, pela incalculavel belleza da sua bocca em que as palavras tomavam o frescor matinal das primaveras e a doçura, a languidez, o suavissimo alquebramento das primeiras tardes do outomno.

E tão linda e espiritual ella foi que a bajulice cortezã, unida á perversidade do despeito, chegou a pensar em fazel-a uma Maintenon, atirando-a, morganaticamente, aos braços de Carlos X, rei da França.

Não se realisou esse crime porque a mãe de Delphina mantinha, em discreta pobreza, austeridades de uma honesta educação.

Foi nessa época, pouco mais ou menos, que Affonso de Lamartine a conheceu.

O auctor de *Jocelyn* era então secretario da representação diplomatica da França em Florença, mas entrava guiado pela Fortuna na

DELPHINA GAY (MME. DE GIRARDIN)

vida litteraria com as suas *Meditations Poétiques*. Paris referia-se ao seu nome em todas as palestras, um levissimo ambiente de rosas e violetas cercava-o, fazia-se em torno da sua linda cabeça de moço um halo de glorias. Era o poeta querido, o delicado rimador de sonóros versos em os quaes se embebia o sentimentalismo do tempo.

Diz Imbert de Saint-Amand referindo-se ao auctor de *Grazziella*, no seu livro *Madame de Girardin:* «O Sr. de Lamartine tornou-se o idolo dos salões parisienses, quando, por acaso, nelles apparecia.

«A inveja emmudecia ás suas plantas. Sua gloria, augmentada pelo afastamento — porque se achava commummente no seu posto diplomatico em Florença — não despertava protestos. Quando elle recitava algumas das suas poesias com aquella vóz doce e grave, que ainda não estava fatigada pelos debates politicos, era uma emoção, um enthusiasmo geral.»

Mademoiselle Delphina Gay, que havia impressionado o visconde de Chateaubriand, deixou no espirito de Lamartine uma viva faúlha rubra, ao principio, parecendo amor, mas bem de pressa demonstrando não se confundir com o desejo concupiscente da posse e ser, unicamente, uma deliciosa amisade que, d'algum modo, devia lisongear o feliz poeta de 1830.

Affonso de Lamartine em 1830

O visconde de Chateaubriand foi menos generoso e mais infeliz, porque não só os annos lhe não consentiam a velleidade de inspirar uma paixão em tão encantadora deuza virgem, como nunca se conformou com a pureza de sentimento que lhe votava mademoiselle Delphina. Saint-Amand nol-o descreve: «O auctor de *René* era uma dessas naturezas absolutas, dominadoras, que, habituadas ao successo, tendo consciencia do seu prestígio, só amargamente se resignam com a velhice, isto é, a renunciar a cousa a mais appetecida entre todas: o amor. Chateaubriand era um desses favorecidos da fortuna que, no em tanto, se indignam contra ella, e não contentes com o ser admirados, desejam ser amados e adorados. A esses homens que ambicionam todos os prazeres, como todas as glorias, o apparecimento de uma moça bella e poetica é causa de lamentações e quasi de colera.»

Lamartine, porém, ambicionando a riqueza pelo casamento, moço ainda, amado por muitas mulheres, e distrahindo seu espirito com frequentes viagens, não teve por Delphina outro sentimento senão o d'amisade. Pelo menos assim parece, postoquê, por vezes, trema e lucióle em suas cartas um vago calor que nos faça suspeitosos da sua sinceridade. Por nossa parte, tambem desconfiamos de que mademoiselle Delphina teve por elle mais do que simples amisade, e um termo final do seu testamento deixa-nos a vacillar nessa desconfiança. Ella escreveu: «Eu muito esperei outr'ora da amisade do Sr. de Lamartine. Eu sempre o encontrei gracioso e bom commigo; mas, nunca completamente devotado. *Esta frieza foi a primeira desillusão da minha vida*. Quando eu estiver morta, creio que elle não se recusará a executar o ultimo desejo do meu coração.»

Esse desejo foi o do poeta terminar o poema *Magdalena*, que ella deixava inacabado.

Seja como fôr! O destino de mademoiselle Delphina não era unil-a ao cantor de *Jocelyn*, e numa das suas rapidas passagens por Paris Lamartine encontrou em casa de madama Gay, no entresólo da rua Choiseul, por traz da cadeira da bella Delphina «um moço de pequeno porte, mas de aspecto encantador, que dir-se-ia apenas sahido da adolescencia. Elle falava pouco, não se pronunciava o seu nome; parecia viver em intima familiaridade com as duas senhoras, tal um irmão ou um parente chegado d'alguma

viagem longinqua e que retomava naturalmente o seu lugar na casa. Esse moço tinha, constantemente, os olhos fixados em mademoiselle Delphina; falava-lhe em vóz baixa; ella voltava negligentemente seu bello rosto para lhe responder e para lhe sorrir por cima do espaldar da sua cadeira.»

O Sr. de Lamartine perguntou — conta-nos Saint-Amand — á madame Gay quem era aquelle rapaz, cuja physionomia forte e fina inspirava attenção e curiosidade involuntarias? Madame Gay respondeu-lhe: E' o senhor Emilio de Girardin.»

Foi esse o marido de Delphina. *Il a fallu un grand mérite au mari d'une telle femme pour être autre chose qu'un prince-époux.*

Emilio de Girardin, filho de um esculptor chamado Girardon, em 1824 obtinha um lugar no gabinete do visconde de Senones, secretario de Luiz XVIII. D'ahi começou a sua vida publica. Procurando a carreira das lettras, a sua natureza irrequieta, o seu genio sarcastico, levaram-no para o pamphletismo, que começou com o *Hazard de la fourchette.*

Pouco tempo depois fundou um jornal intitulado *Le Voleur* e após esse a *Mode*, protegido pela duqueza de Berry. A indole inquieta, activa, emprehendedora de Girardin estava no seu meio favoravel, tinha o seu *habitat.*

Com a *Mode* Girardin inventou uma *litteraturerie á l'usage des campagnes* sob o titulo *Journal des connaissances utiles*, a 4 francos por anno. A paixão por Delphina Gay não o esmoreceu nessa actividade. Successivamente fundou o *Institut Agricole*, *Musée des Familles* e o *Almanach de France.*

A época mais brilhante desse aspero, aggressivo, desordenado jornalista, foi em 1836 com a publicação da *Presse.*

A sua vehemencia, melhor diremos, a sua virulencia combativa levara-o a um duelo com Degouve de Nuncques, como mais tarde ao duelo Armando Carrel, cuja morte foi um verdadeiro lucto publico, apesar dos ponderosos motivos que decidiram Girardin a esse encontro de honra.

Com o apparecimento da *Presse*, a então madame Emilio de Girardin, ex-mademoiselle Delphina Gay, revelou-se uma chronista magistral, respigando em todos os assumptos com notoria intelligencia, sem excluir delles a politica em que se armou adversaria temivel. A republica lamartiniana de 1848 teve nella e no seu marido resolutos opposicionistas, e Affonso de Lamartine devia ter sentido mais o ataque pela razão da sua procedencia do que, em realidade, pelo vigor dos argumentos contrariadores e combatentes.

Mas a bella Delphina que em 1830, ao apparecer num camarote do theatro *Français*, na primeira do *Hernani*, arrebatava a platéa arrancando-lhe triplice salva de palmas pelo esplendor da sua belleza, não esquecera a litteratura e, particularmente, a Poesia.

O theatro solicitava seu talento. Em 1839 elle fizera representar nesse mesmo *Français* em que Theophilo Gautier, Victor Hugo, Eugenio Sue, Gustavo Flaubert, Dumas, Gozlan, Maquet, Sandeau, acclamavam a irradiação do seu busto esculptural de nova Galatéa, os cinco actos de uma comedia em verso, a *E'cole des Journalistes*. Em 43, tinha ella trinta e nove annos, deu á scena uma tragedia biblica em tres actos, *Judith*, que foi a primeira creação

ULTIMO RETRATO DE RACHEL, (DE UM DAGUERREOTYPO)

de mademoiselle Rachel, a mais extraordinaria tragica d'aquelle tempo.

O immenso talento theatral de Rachel, a sua famosa interpretação da *Judith*, cujos versos foram recitados como nunca mais ouvidos

humanos poderão ouvil-os, fizeram madama de Girardin compôr a tragedia *Cléopatre*, em 1847.

Foi um extraordinario successo para a autora e a actriz. Lamartine escrevia á sua amiga: «... Ultrapassou (o successo) tudo o que se tem visto. A França, postoquê invejosa, parece unanime... Jamais nem uma mulher obteve semelhante triumpho, tão viril, depois de Vittoria Colonna, com quem pareceis pelos traços, pelo genio e, creio, pelo héroismo.»

Em maio de 1841 madame de Girardin voltava ao *Français* com um lindo *proverbio* em verso e n'um acto: *C'est la faute du mari;* dois annos depois produzia uma comedia em cinco actos de prosa, *Lady Tartuffe*, em que mademoiselle Rachel continuava a série dos seus estrondosos triumphos, em quanto a penna da comediographa, a elegante e ironica penna da chronista da *Lettre Parisienne* da *Presse*, a aurea, preciosa penna da poetisa da *Judith*, traçava romancetos e novellas como *Marguerite*, *Il ne faut pas jouer avec la douleur*...

Ainda em 1854 madama de Girardin volvia á scena do *Français* com a delicadissima *La joie fait peur* e entrava no Gymnasio com a hilariante comedia *Le chapeau d'un horloger*.

Tinha chegado o seu fim, sem o presentir, Meditava em novas obras, sonhava com maiores glorias, quando o mal que, secretamente, a vinha consumindo, manifestou-se brutal e franco. Um cancro no estomago!

Gautier, que nunca deixou de lhe prestar o culto da sua ardega admiração de artista, conta-nos como a viu nesse tristissimo momento: «Sua belleza tomou um caracter de grandeza e melancolia singulares. Seus traços idéaes, seu pallor transparente, a molleza languorosa das suas attitudes não trahiam a destruição surda duma molestia mortal. Meio deitada num divan e tendo os pés cobertos por uma capa vermelha e branca, ella se nos afigurava mais uma convalescente que uma enferma.»

E ainda assim, nas vesperas do eterno desapparecimento, conversava com o mesmo brilho, a mesma *verve*, a mesma inspiração de outros tempos. George Sand, que a escutava, não se pôde conter, por uma vez, e exclamou: *Qu'elle est belle et que d'esprit!*...

Em 29 de Junho de 1855 madama de Girardin fechava os olhos á luz da Terra, cercada do que a França tinha então de mais notavel nas lettras, nas artes, na politica.

E a lyra, eternamente fulgurante, de Victor Hugo, entoava nos rochêdos de Jersey o reponsorio das exequias dessa belleza morta:

. . . . . car la sainte nature,
La nature éternelle, et les champs, et les bois,
Parlent á ta grande âme avec leur grande voix!

1908.

GONZAGA DUQUE.

Recordações de Viagem

A LINHA telegraphica de Uberaba á Matto Grosso atravessou, até a Capital de Goyaz, zonas densamente povoadas, onde a mão do homem se faz sentir, quer na industria da criação, quer na agricola. Cerca de 9 leguas alem, o fio electrico penetrou nas *Geraes*.

A principio o governo vacillou sobre o melhor traçado a seguir, quando suggestões partidas de um interessado no serviço de navegação do *Vermelho* e *Araguaya*, induziram o governo a optar pelo que se orientasse na direcção do lago dos *Tigres*, em demanda do *Itocayusinho*, no *Araguaya*. Dessa extensa região desconhece-se informes, que lhe detalhem a natureza das terras e proclamem a sua feracidade. Rumores vagos, anonymos indicavam-na abundantissima em riquezas naturaes, possuindo ferteis terras cobertas de optimas pastagens, bastos e frescos mattos.

A lenda, porem, envolvia essa temida região em mysticas revelações, que vagamente alludem ao lago dos *Tigres*, com os monstros que lhe povoam as quietas aguas, e as frondosas mattos pejadas de feras, alem das *molocas* de indios bravios, immersos ainda na edade da pedra.

No acampamento esses temores eram repetidos de barraca em barraca e todos se sentiam dominados por presagos receios.

O chefe da commissão levou taes factos ao conhecimento do governo, que tomando em consideração as suas judiciosas ponderações, attendeu ás suas solicitações para modificar o traçado.

Acampavamos ainda nas immediações da Capital quando chegou a contra ordem, que foi recebida festivamente em todo o acampamento.

Proseguimos o serviço, sujeitando a linha a uma forte deflexão, orientada pela linha este-oeste.

Estavamos no encantador mez de Maio quando renunciamos o traçado do lago dos *Tigres*.

As noites eram frias, circumstancia que o nullo agasalho proporcionado pelas barracas muito aggravava.

Existia por todo o acampamento um tal ou qual receio dos indios.

Estavamos agora acampados á margem direita do *Uvá* quando, um dia, repetidos e lancinantes gritos partiram desse rio, onde se agglomeravam quotidianamente as lavadeiras.

Houve um certo alvoroço no acampamento, correndo todos os homens disponiveis, officiaes e praças, para vêr o que determinava tão estranhos e positivos signaes de que algo se passava de importante.

Quando lá chegamos as lavadeiras estavam todas juntas a se agitarem, a gesticularem, commentando assustadas a presença dos indios, que muitas viram em estado de completa nudez, a se coserem com o solo. Algumas lhes distinguiram as armas – flexas, arcos, tacapes, lanças, de que se achavam munidos. Chegamos e incontinente batemos a mattinha do rio e os campos que lhe entremeavam, sem que nada nos revelasse a presença dos *compadres*.

As mulheres, porem, garantiam que lhes haviam divulgado a caracteristica cabelleira, a côr acobreada da pelle e os instrumentos de ataque e defeza, que conduziam.

O selvagem é por demais cauto quando vadea uma região em que corre o risco de ser presentido. Apesar da mais attenta observação, nada encontramos que revelasse a sua presença.

As mulheres ficaram tidas por embusteiras.

Esse facto concorreu para augmentar o grande pavor que ellas tinham pelos indios e deu causa a uma nova scena, que se passou certo dia no acampamento. Então o alvoroço justificou-se, porque de facto appareceram indios pelas suas immediações; eram porem *Carajás*, que vinham do *Araguaya* e se dirigiam á Capital.

Estavam nús, trazendo as mulheres *chicununs* a tira-collo, onde conduziam os filhos pequenos.

Os homens carregavam suas armas, destinadas á caça, e *chicununs* com quinquilharias.

Foi um dia cheio este, desde logo se estabeleceu a calma e se fez o contacto com os filhos das selvas.

Os indios traziam varios objectos de sua rudimentar industria – collares de pennas coloridas, pelles, tangas, esteiras, rêdes, arcos, flexas, tacapes, cuias de diversas bitolas, pennas de avestruz, uma infinidade, emfim, de *bugigangas*.

Offereciam tudo isso a troco de aguardente, fumo, armas de fogo, missanga, machados, facões, etc.

Era de vêr a soffreguidão com que bebiam a cachaça, a largos haustos.

Momentos depois, muitos delles começaram a sentir os effeitos do alcool.

O indio é muito exigente; tudo que vê, cubiça; e de tudo que cubiça se apodera.

No dia seguinte puzeram-se em marcha para Goyaz.

A noite varios collegas se occuparam em tomar-lhes vocabulos á sua agglutinada lingua.

Os mais afoitos, pela simples observação da predominancia de certas syllabas na forma-

ção das palavras, subordinaram os *carajás* a um dado typo, que os agrupa na grande familia dos *tapuyos*. Os *carajás* não constituem um typo de execravel apparencia, apesar do circulo que se lhes encontra em cada face, gravado á fogo. São conformados e contam typos de porte e feições sympathicas. Como os demais indios, transudam um cheiro nauseabundo, producto da secrecção axilar. Conheci um *carajá* que, depois de se educar no collegio de Leopoldina e trabalhar muito tempo na empresa de navegação do *Araguaya*, como remador de botes, renunciou a sua nova vida para regressar ás selvas.

E' uma gente muito desconfiada e vingativa. Depois desse encontro nenhum outro tivemos até alcançar o *Registro Araguayra*, onde finalisamos a nossa tarefa, ligando a nossa linha á de Matto Grosso.

Registro do Araguaya é o ponto em que a estrada de rodagem corta o magestoso *Araguaya*, que ahi mede 400 metros de largura, com grande profundidade. O principal povoado é o que fica na margem matto-grossense, limitando-se a umas poucas habitações o da margem Goyana.

O leito deste curioso rio está cavado em uma grande planicie alluvial de fraca adherencia.

Quando a enchente augmenta a impetuosidade da corrente, o rio exerce certa acção erosiva sobre as margens, produsindo, na estiagem, alvissimas praias de fina areia, pelo retraimento das aguas.

O terreno circumvisinho, pela sua planura e horisontalidade, está coberto de infindas lagôas ornadas de portentosos burytisaes. Nas pastagens frescas e virentes abeiram-nos, apascentam os *cervos*, *galheiros*, *campeiros*, que lhes emprestam muita graça e vida.

Certo dia — eu e meu companheiro fomos apreciar-lhes as bellezas.

Elle era caçador emerito, e estando provido de arma de caça, procurou utilisal-a.

Mandou que eu seguisse uma *batida* e, tão logo ganhasse a margem opposta da lagôa, escolhida para os seus exercicios venatorios, sobre ella volvesse impetuosamente, dando gritos agudos.

Cumpri as suas recommendações e assim procedi.

Os *galheiros*, que pastavam descuidosos, assim que me presentiram o vulto, partiram celeres pela margem opposta, onde os esperava o meu companheiro.

Pati fez fogo, alvejando um d'elles. O veado apesar de ferido, correu muito ainda, mas para logo cair, esgotadas as suas forças. Approximamo-nos.

Quando o divisamos em furiosa luta contra os seus orgãos locomotores feridos, que lhe não permittiam a fuga; apeamos.

Alvejei-o com o meu revolver e elle, attingido na cabeça morreo. A besta que era cavalgada por meu collega, ao approximar-se do *galheiro*, que jazia inanimado, atirou-se sobre elle em um impeto, que não podemos evitar, segurando-o nos dentes e sacudindo-lhe o corpo, que depois calcou ás pátas, ao mesmo tempo que soltava uivos medonhos.

Ficamos perplexos e de revolver engatilhados, receiados de que volvesse contra nós a sua indomita furia.

Saciada a sua incontida raiva e cedendo aos nossos gritos, abandonou a sua presa e si contêve, tomada pelas redeas.

O *galheiro* é uma caça nauseabunda, devido ao cheiro insupportavel que tresanda de seu corpo, segregado por certas grandulas.

Todavia ajoujamol-o na garupa da minha montaria, e o levamos para o acampamento.

Os cães tiveram nessa tarde abundante refeição.

Emquanto estivemos acampados na barranca de soberbo rio, varias excursões fizemos para conhecer a zona.

Uma dellas foi á lagôa formada pelo ribeirão da *Ponte Alta*, que a tradição diz encerrar monstros perigosos, que disimam as rezes que se avisinham, incautas e desprevenidas de suas bordas.

Ha em diversos pontos jazidas de sal gemma (barreiras), que o gado visita com uma frequencia inacreditavel.

Pelos campos em fóra notam-se monticulos de terra vermelha, produzidos pelas dejeções do gado e das quaes se deu a eliminação da materia propriamente estercoral, levada pelas chuvas e comida pelos insectos.

A grande quantidade de terra ingerida pelo gado nos *barreiros* e assim eliminado de mistura com a substancia estercoral é que produz esses monticulos, que se contam aos mil.

Essas lagôas são frequentes nas proprias cabeceiras da *Araguaya*.

Desprovidos de petrechos, não pudemos verificar se esta era ou não piscosa.

Recordo-me que em um pequeno regato de aguas fortemente magnesianas, fizemos uma abundante pescaria, á rede.

Nos diversos lanços que fizemos, de margem á margem, nada conseguimos. Mudamos, então, de tactica: collocamos a rêde no sentido do eixo do regato e fechamos uma grande extensão de sua margem direita.

Então começamos a sondar as locas formadas nessa margem. Foi o quanto bastou

para as *voadeiras* atirarem-se de encontro ás malhas da rêde, que levantamos a altura necessaria para impedir que a transpuzessem. As *voadeiras* foram assim pegadas *á unha*.

Varios *cambados* se fizeram e nós entramos no acampamento sob as ovações dos companheiros.

Organisamos tambem uma excursão á uma fazenda abandonada em consequencia de assalto dos indios. Quando nos approximamos da tapéra fomos atacados por uma *vara de queixadas* (porcos do matto).

Disparamos os animaes e nos occultamos na tapéra de onde fizemos fogo contra os porcos.

Os *queixadas*, com o estampido dos tiros, fugiram desordenadamente Foi então que examinamos a casa, ainda coberta e com as paredes perfeitas

As portas tinham sido arrancadas dos gonzos e estes, bem como toda a ferragem tiveram igual sorte, mediante golpes profundos de machado.

Os indios, afugentando o fazendeiro, invadiram a casa e levaram o que puderam.

Vê-se bem que elles comprehendem a importancia que o ferro exerce nos usos da vida. procurando servir-se delle para os seus misteres. Estes não estão mais na edade da pedra, são os *borórós coroados* de Matto-Grosso, que estendem as suas excursões pelo sudoeste de Goyaz.

Constituem o terror dessa zona. São dados ao furto e não querem encontrar obices a essa tendencia, que reputam natural.

Os fazendeiros que lhes proporcionam presentes são poupados; os que lhes criam difficuldades, ou que com elles lutam, são perseguidos tenazmente até o extremo, ou de se mudarem, ou de morrer na primeira cilada.

Têm grande medo da arma de fogo; e assim, só atacam aos *christãos* quando estão seguros de que não se podem defender com esse recurso.

Atacam sempre á noite aos que dormem ao ar livre naquellas ermas regiões.

Dessa cilada foram victimas despercebidos garimpeiros, que trabalhavam no rio das *Garças*.

Eram 12 horas.

Dormiam despreoccupados quando foram inopidamente atacadas á toca pelos indios.

Morreram todos.

Conheci na commissão um heroe que lutou victoriosamente contra os indios, que lhe mataram toda a familia, Melgaço. Elle trabalhou no serviço de navegação do Araguaya, acompanhando Couto de Magalhães.

Estava na roça a capinar o viçoso milharal, quando os indios o surprehenderam com um ataque brutal. A sua arma de fogo havia ficado de parte, empunhando elle a enxada com que roteava a terra.

Com esta arma poude defender-se heroicamente; mas teve o corpo crivado de flexas.

Esta é a sina dos que se atrevem a penetrar nos sertões do Brasil.

EDUARDO SOCRATES.

Exposição Nacional

Mostruario da **FABRICA DE CERVEJA POLONIA** uma das que mais agradavelmente impressiona os visitantes no recinto da Exposição.

EXPOSIÇÃO NACIONAL

OS NOSSOS PRODUCTOS

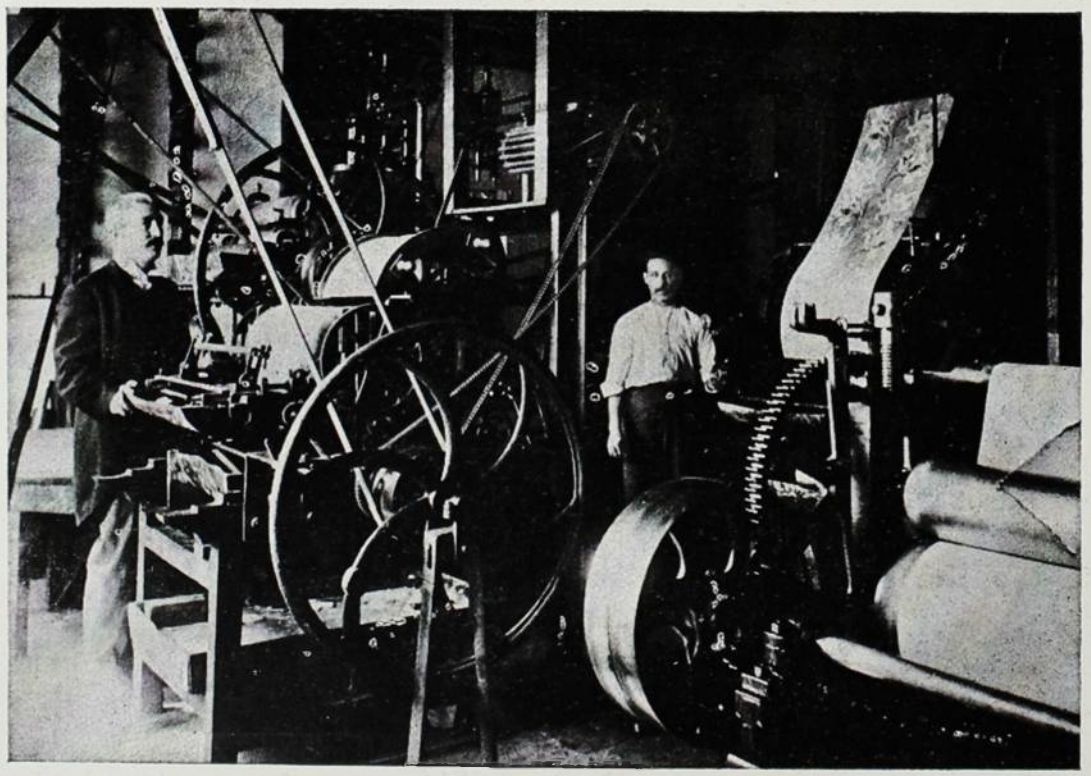
FABRICA DE CORDOALHA
MACHADO & SILVEIRA

Fundada em 1880 por Candido Cardoso Callado, hoje Conde de Monsanto, na Praia Vermelha, bem no logar onde se ergue hoje o Palacio dos Estados, com a industria de papeis pintados, incendiou-se poucos annos depois e por isso transferio-se para a rua de São Luiz Durão n. 6, onde addicionou em 1890 a secção de cordoalha no andar terreo, ficando a primitiva industria no sobrado e tendo deposito e escriptorio na rua da Carioca n. 37.

Durante 28 annos passou successivamente ás mãos de Frazão e Anachoreta, Anachoreta & Machado, e Machado & Silveira, que são os seus actuaes proprietarios; o seu capital que era na sua fundação de 60 contos de réis é actualmente de 800 contos.

A sua extensão que antigamente se limitava ao predio n. 6 da referida rua com 15,95 metros de frente e 58,26 de fundo, é actualmente com a annexação subsequente dos predios aos lados, de ns. 4 e 8, de 56,12 metros de frente e 108 metros de fundos por um lado e 73 metros por outro, com uma area de 3614 metros quadrados.

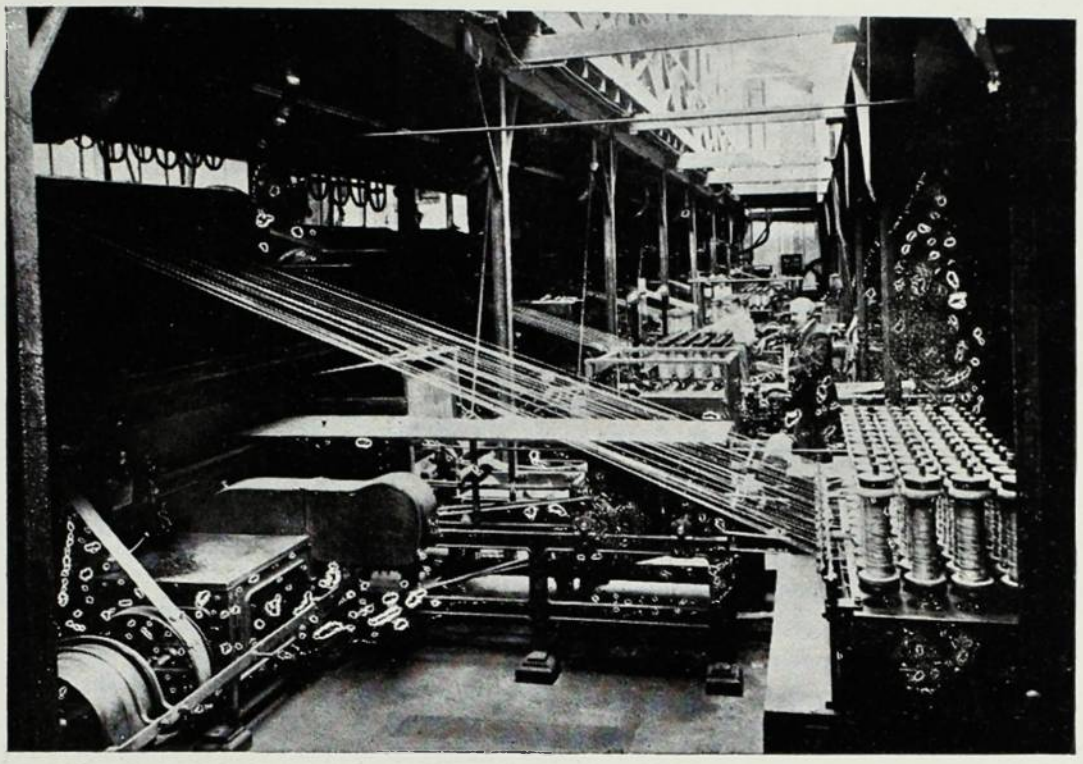
MOSTRUARIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL



Os seus machinismos constão na secção de papeis pintados, de 21 machinas para estampar, dourar, avelludar, cortar e enrolar papeis e 3500 cylindros de metal e madeira para compôr cerca de 600 desenhos; e na secção de cordoalha constão de 7 brunidores com 306 fusos, 8 torcedeiras com 756 fusos, 6 dobadouras com 184 fusos, 40 machinas de fazer novellos e chicotes, 6 machinas de fazer cordeis e cordas, 3 prensas hydraulicas e manuaes alem de 2 motores de 75 e 50 cavallos e 3 caldeiras de 50 e 100 cavallos, tudo no valor de 300 contos de réis.

Possue tambem um dynamo e a respectiva installação electrica para trabalhar de noite quando a affluencia de serviço assim o demandar.

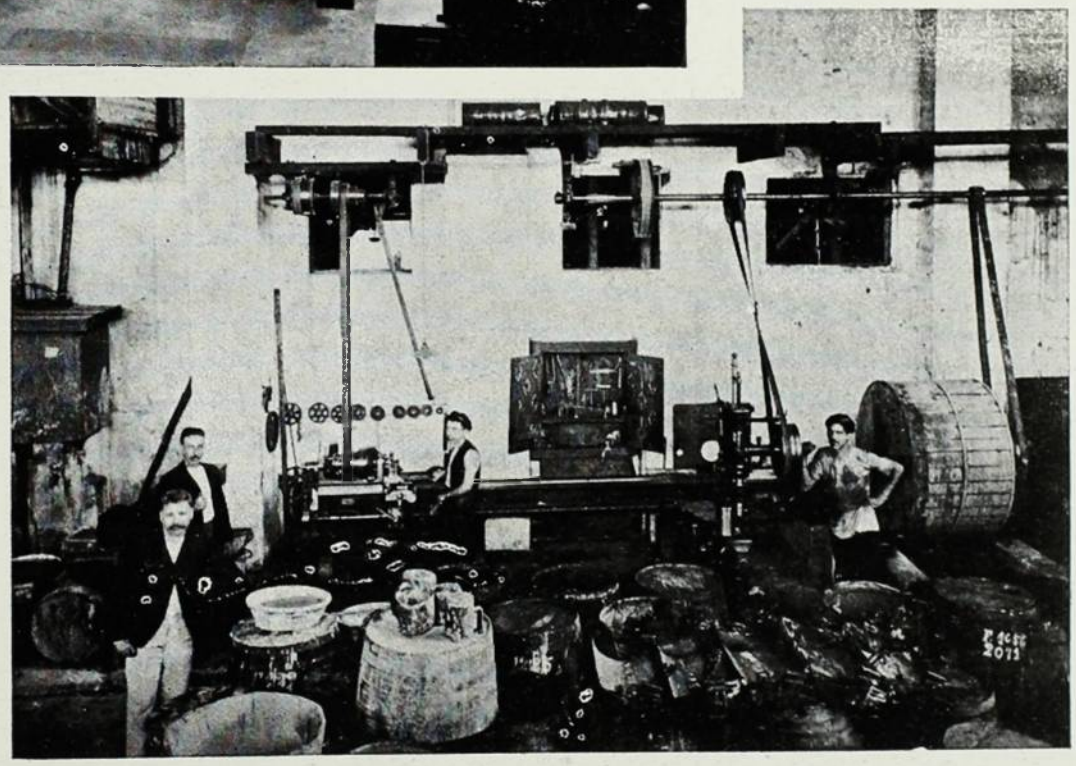
A fabrica com seus machinismos, materia prima e manufacturada está segura em 900 contos de réis em 13 companhias nacionaes e uma

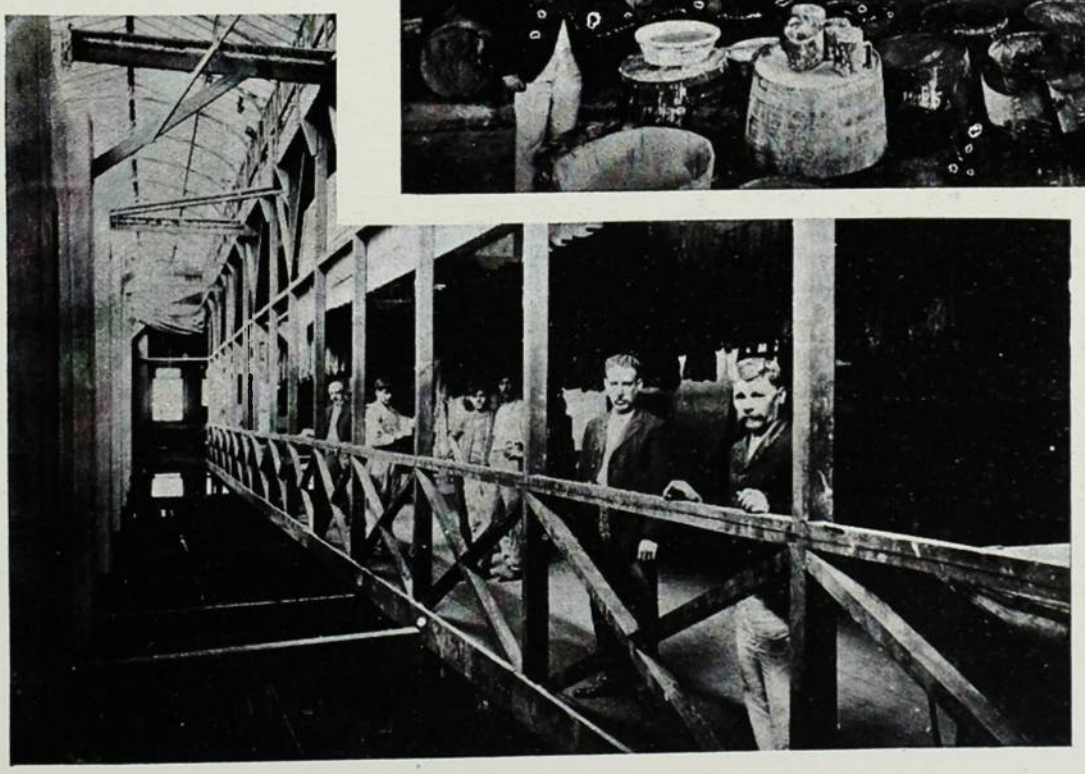


estrangeira, tendo por precaução agulhetas e mangeiras adoptadas a um registro d'agua para extinção de incendio.

O numero de seus operarios é de 87 na maior parte nacionaes sendo 31 homens, 41 mulheres e 15 rapazes, que trabalhão 9 horas por dia e cujos salarios varião de 2$000 os menores a 14$000 réis os mestres, elevando-se as férias a 7 contos de réis mensaes.

A sua producção orça díariamente por 1500 peças de papel pintado e 1300 kilos de cordoalha, podendo elevar-se ao dobro quando o consumo o exigir, sendo o seu valor médio de 800 contos annuaes e constando os seus productos, na secção de cordoalha, de chicotes, porretes, calabrotes e novellos de barbante, fio merlin, de rêde e arrastão para pésca, fio de vela em meadas, fio de côres, de fogueteiro e sapateiro, cordeis tráma, barriqueira e barquinha e cordas alça de 5 a 10 millimetros, e na secção



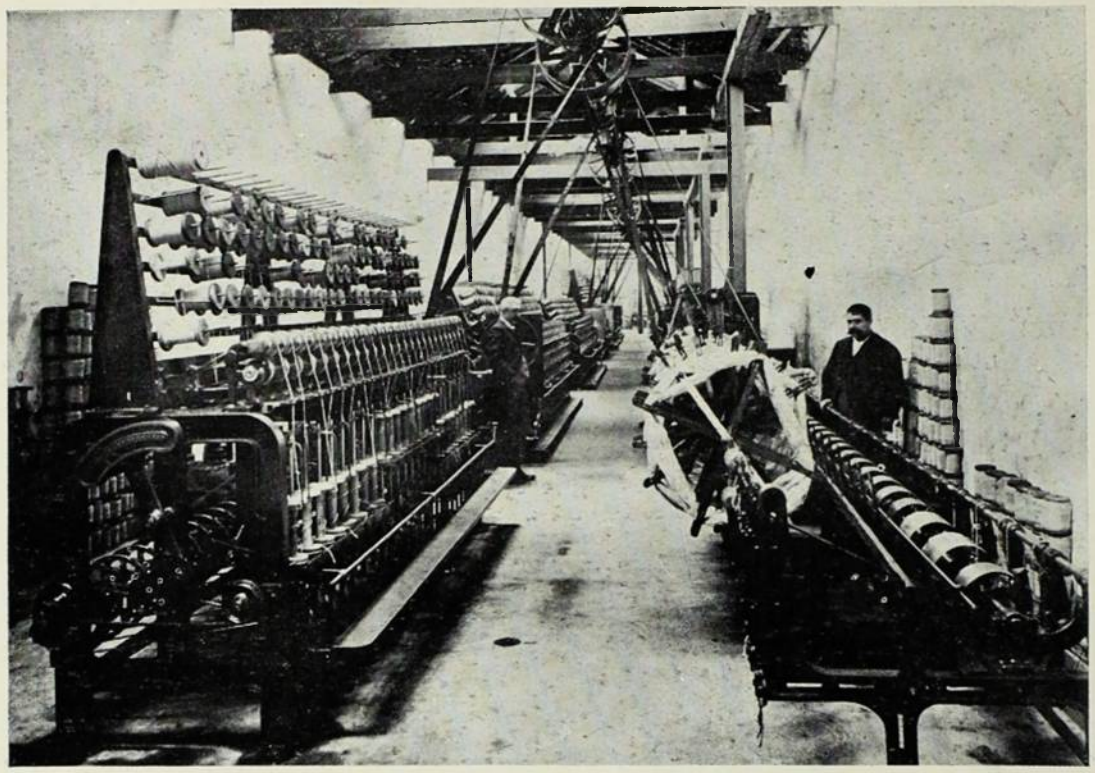


de estamparia consta de papeis e galões pintados, assetinados, dourados, prateados, envernisados e avelludados proprios para forrar salas e quartos.

O seu consumo está espalhado por todo o Brasil, tendo a fabrica 13 agentes locaes nas seguintes cidades: Manáos, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Maceió, Aracajú, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Curityba,

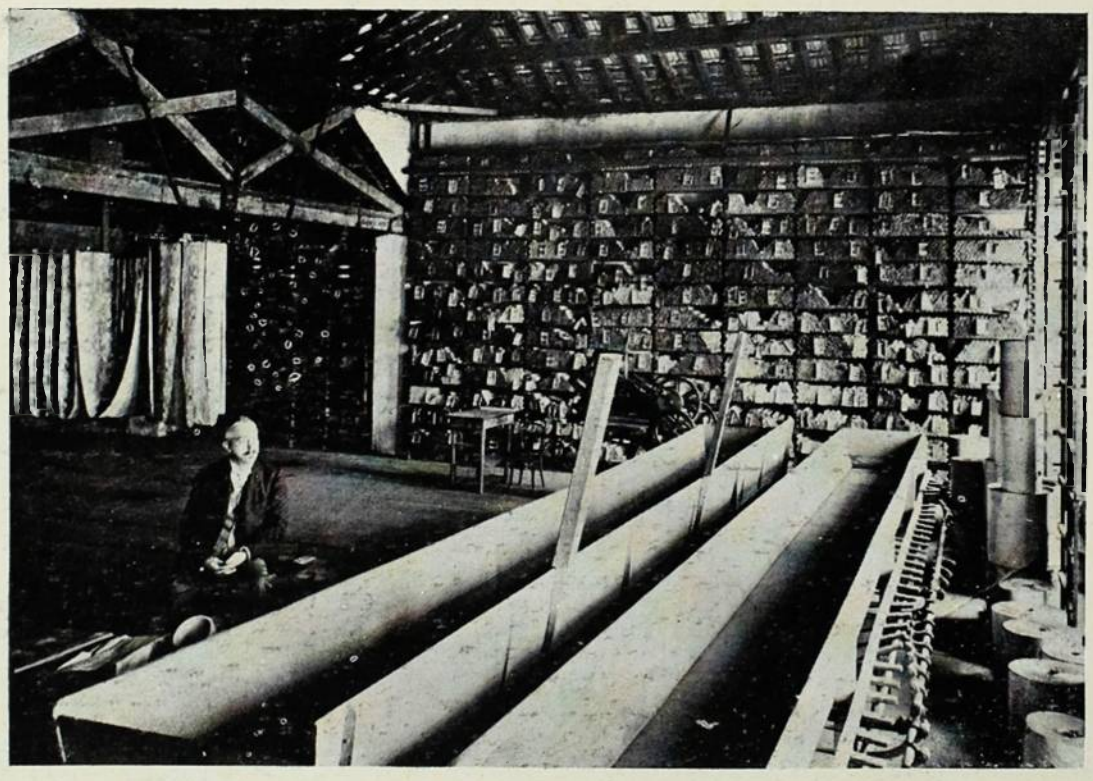
Rio Grande e Porto Alegre, alem de 3 viajantes que percorrem periodicamente todos os Estados do Norte e Sul do Brasil.

Os seus preços de venda varião, na cordoalha, de 1$500 a 3$000 réis o kilo e nos papeis pintados, de 300 a 3$000 réis a peça de 8 metros, sendo a materia prima importada do estrangeiro por ainda não haver infelizmente no paiz, á excepção do papel proprio para embrulhos.



O consumo de materia prima regula annualmente por 300 toneladas de juta e canhamo e 150 toneladas de papel para estamparia no valor de 400 contos, alem de 80 contos de direitos de importação; e o de combustivel excede a 600 toneladas de carvão no valor de 20 contos.

A propriedade dos immoveis e bemfeitorias da fabrica e annexos apesar de pertencer a seus socios e ex-socios, rende o aluguel de 15 contos de réis annuaes pago pela firma actual.



A verba despendida em ordenados, alugueis, impostos, seguros e varias despezas da fabrica e deposito orça por 100 contos de réis annuaes e a quantia levada á depreciação de machinas e utensilios eleva-se a 20 contos annuaes.

Tal é em ligeiros traços a fabrica dos srs. Machado & Silveira, cujos productos encontram em nosso mercado a mais franca sahida, mercê de sua excellencia, comprovada pelos innumeros premios que têm levantado em todas as Exposições a que concorreram, citando nós de memoria a Industrial do Rio de Janeiro em 1881, a de Buenos Aires em 1882 *(medalha de ouro)* e a de Chicago (U. S.) em 1893 onde os activos e adeantados industriaes viram reconhecida a bondade de seus artefactos pelos americanos que os premiaram com medalha de ouro tambem.

Esse é um dos estabelecimentos que honram esta Capital, demonstrando a pujança de nossa industria, como o espirito progressivo de seus proprietarios.

A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL

O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCHE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - DROGARIA PACHECO

Anno V Numero 8

AGOSTO DE 1908

KOSMOS

SUMMARIO

A Questão dos Balkans	Silva Marques
O Antigo Regimen	Ferreira Vianna
Recordações de Viagem	Eduardo Socrates
Um Domingo na Exposição Nacional	Gravura
Na Fronteira	Dionisio Cerqueira
Exposição Nacional—O portão monumental illuminado	Gravura
O Pavilhão do Estado de Minas	Gravura
O Pavilhão do Estado da Bahia	Gravura
O Palacio da Industria illuminado	Gravura
Matto Grosso	Jurema
O Ultimo Fauno	Gonzaga Duque
O Novo Material da Nossa Marinha Militar	
Buenos Aires	Thomaz Lopes
Rachel, a Tragica	André de Rezende
Mãe	José Vieira

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Auctorisada a funccionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:0 0$000

Sinistro pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios têem logar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

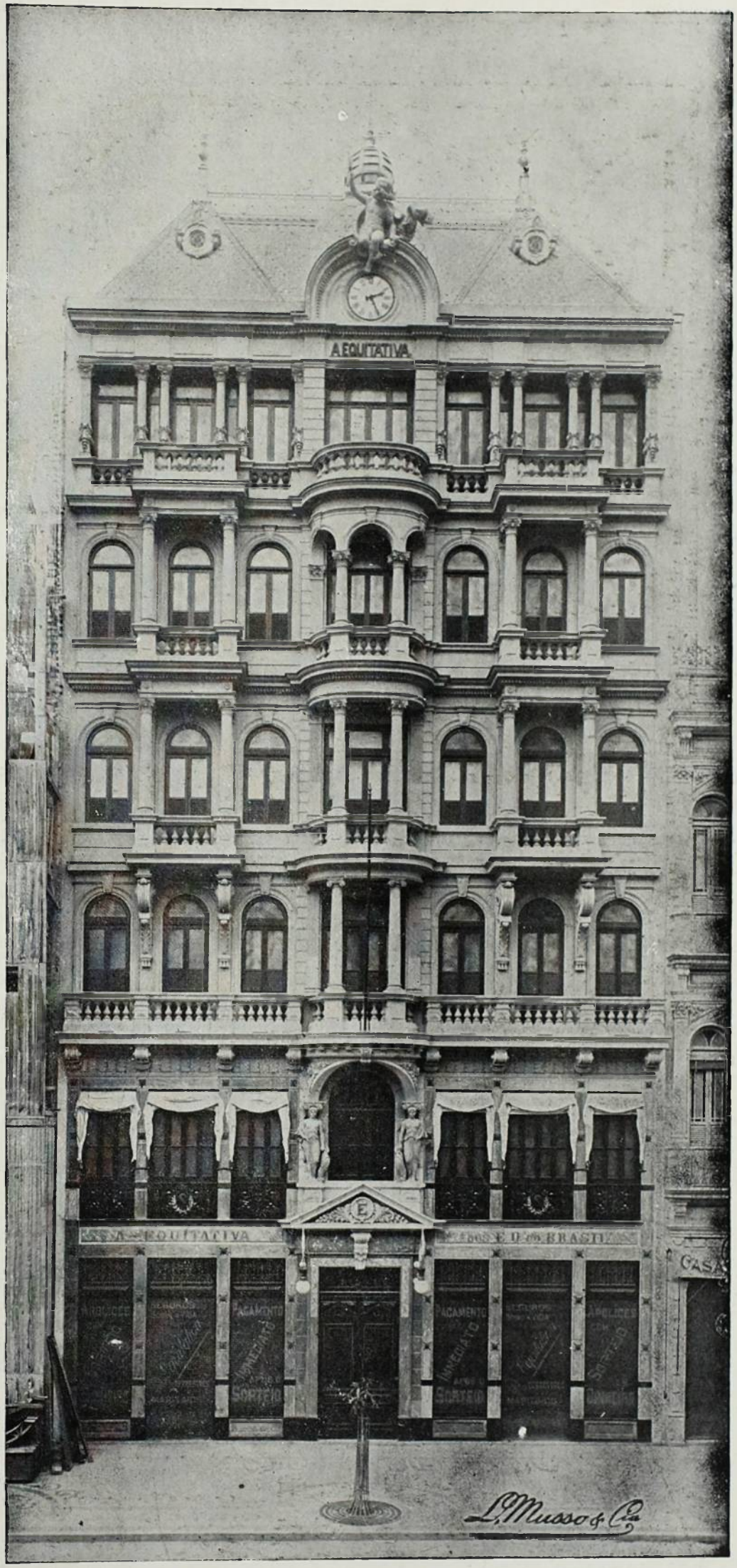
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

125, Avenida Central, 125

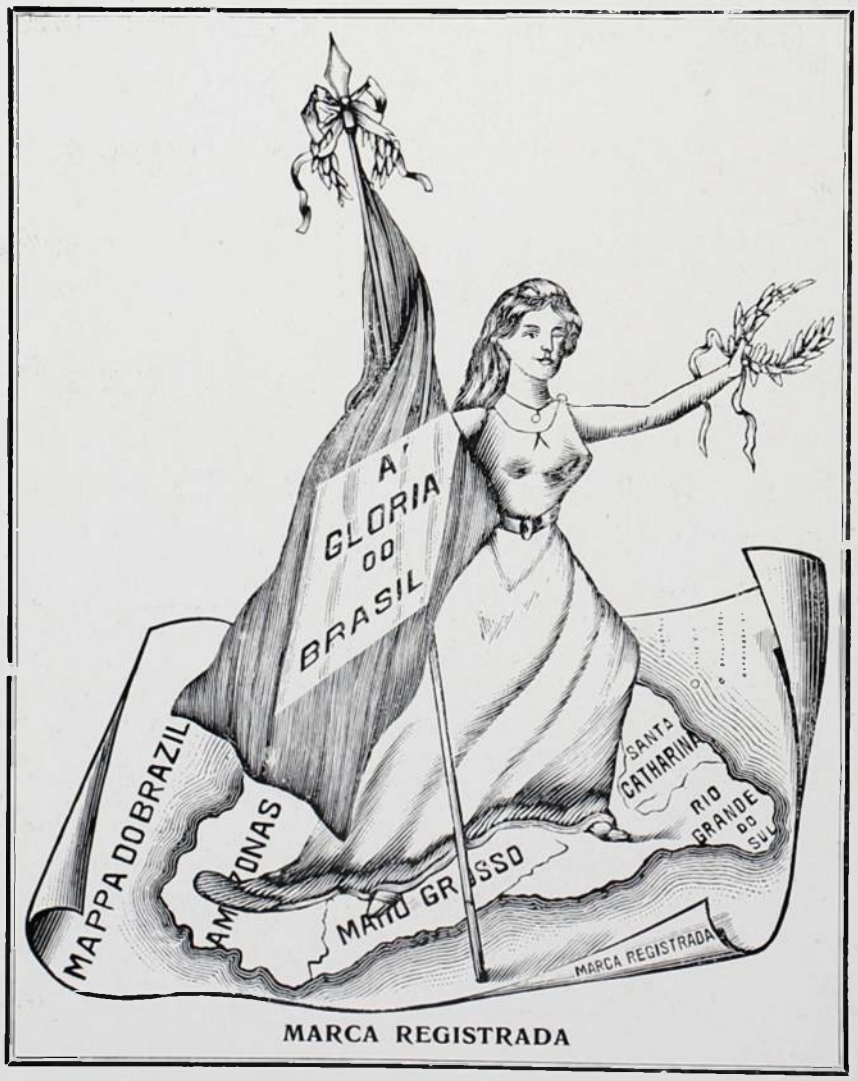
RIO DE JANEIRO



EXPOSIÇÃO NACIONAL

Pavilhão das Industrias Fabris — no centro desta vitrine destacam-se 3 manequins confeccionados na importante ALFAIATARIA DOS SRS. PIRES SALGDO & C.ª estabelecidos á RUA URUGUAYANA N. 113, (esquina da rua Theophilo Ottoni).
Esta importante firma é fornecedora da Casa do Exm. Sr. Presidente da Republica, e foi vencedora do grande Record de 1907.

A' GLORIA DO BRASIL



MARCA REGISTRADA

3, Rua da Carioca, 3

NUM DOS EDIFICIOS DA ORDEM

Fabrica nacional de camisas, collarinhos, ceroulas, costumes para meninos, colletes, gravatas, etc.

As vendas nesta casa são effectuadas com insignificantes lucros

PREÇOS DE ALGUNS ARTIGOS

Colchas grandes de côres a	4$000
Cobertores listrados a	2$000
Cobertores ratiné 150-2 m. a	6$000
Cobertores para casal 170-2, 20, a.	8$000
Cobertores avelludados a	3$500
3 collarinhos nossa marca por.	2$000
Collarinhos molles a 1$, 3 por.	2$500
Punhos, nossa marca, par.	1$000
Lenções para banho a 2$, 3$500, 4$ e	5$000
Lindos laços de seda a	1$000
Gravatas a $200, $300 e.	$500
Gravatas Coquelin a 2$, 3$ e	3$500
Gravatas sêda a 1$ e	1$500
Colletes para homem a	5$000
Cintos para senhora a $500, 1$ e	2$000
Camisas brancas a 2$500, 3$ e.	4$000
Camisas *novidade*, côr; a	4$000
Camisas de meia a 1$, 1$200, e	1$500
Camisas de meia para meninos, a $500 e	$700
Camisas de crépe santé a	4$000
Camisas de zephyr a 3$500, 4$ e	4$500
Camisas béje musseline a	5$000
Camisas de meia, finas a 1$500 e	2$000
Camisas para senhora a 1$500, 2$, e	3$000

Morins, cretones, atoalhados, lenções, fronhas, guardanapos e todos os demais artigos pertencentes á roupa branca para homens. Em summa: **A' Gloria do Brasil** é digna de ser constantemente visitada.

ESTA CASA NÃO TEM FILIAES

3, Rua da Carioca, 3

JUNTO AO LARGO DA CARIOCA

A. CUNHA & SILVA

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 ½ e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBBADO — **19 DE DEZEMBRO** — SABBADO

Grande e extraordinaria Loteria do Natal

173 — 2º

Por 31$500 **500:000$000** *Por 31$500*

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 14

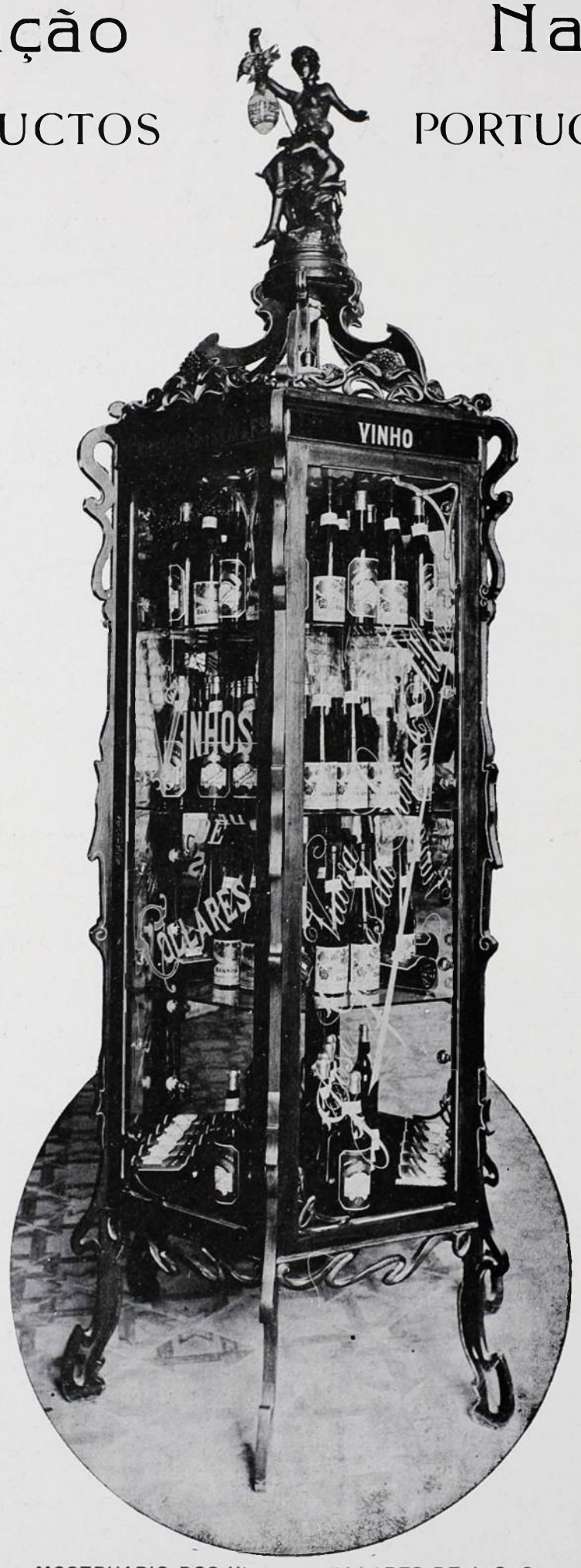
Exposição Nacional

PRODUCTOS PORTUGUEZES

Damos hoje aos nossos leitores a photographia da vitrine dos vinhos *Collares de J. G. S.* que estamos certos todos conhecem e apreciam.

E' tal o renome que estes vinhos alcançaram, que tem-se a certeza de

que são sobejamente conhecidos; de mais, os premios que lhe tem sido concedidos em todas as Exposições em que se tem apresentado constituem um seguro penhor das suas optimas qualidades.



MOSTRUARIO DOS VINHOS COLLARES DE J. G. S.

O seu mostruario é como os leitores vêem, de uma elegancia modesta e simples; não tem o *restaquerismo* de outras instalações que procuram salientar-se pela maneira como se apresentam aos olhos dos visitantes. O vinho *Collares* apresenta-se em todas as Exposições tal qual é. E em todas tem sido carinhosamente distinguido pela seu valor, o que equivale dizer, que tem sido reconhecido como uns dos *melhores vinhos portuguezes*. Aqui, dada a imparcialidade dos julgadores, afastadas as rivalidades, temos certeza que lhes continuará a ser feita a justiça que tem merecido dos «jurys de recompensa» das outras Exposições a que nos reportamos. Ao Sr. Alvaro de Barros, os nossos agradecimentos pela maneira gentil com que se houveram para com o nosso representante, acompanhando-o atravez dos enormes salões do *Pavilhão Manuelino* e dando-lhe as necessarias informações; aos agricultores e vinicultores Portuguezes Viuva José Gomes da Silva & Filhos os nossos parabens pela maneira como se fizeram representar na Exposição.

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

ANNO V — AGOSTO 1908 — N. 8

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

A QUESTÃO DOS BALKANS

A QUESTÃO DOS BALKANS que vem perturbar novamente o equilibrio europeu, com o inesperado acto da Bulgaria rompendo os vinculos que a prendiam á Turquia e proclamando a sua independencia politica, a despeito do tratado de Berlim, não é mais do que a velha questão do Oriente, com que se divertiam os nossos antepassados, com que nos temos divertido por varias vezes e com que se hão de divertir os nossos descendentes pelos seculos á fóra, emquanto existir o mundo ou emquanto a politica internacional européa girar em torno de interesses inconfessaveis. Com effeito, desde a queda do Imperio bysantino e o estabelecimento dos turcos na peninsula dos Balkans, que a Europa se preoccupa com uma questão do Oriente.

A principio o phantasma apparecia com uma certa simplicidade de maneiras, sem infundir grande terror, de modo que as principaes potencias podiam facilmente obrigal-o a refugiar-se de novo dentro dos muros de Bysancio. Houve primeiramente uma questão do Oriente porque os turcos eram considerados um perigo para a Europa, principalmente para os interesses austro-hungaros, depois, no seculo XVIII, surgiu de novo a terrivel apparição, não mais porque os turcos fossem um perigo permanente para os interesses occidentaes, mas porque os austriacos e em seguida os russos houvessem forçado os subditos do Sultão a confinarem-se na peninsula dos Balkans. Assignalada a decadencia do imperio musulmano, no decurso do seculo passado, com a independencia do Egypto, no continente negro, e dos diversos povos chritãos da peninsula balkanica, a questão do Oriente tornou-se extremamente complicada, produzindo a insurreição sérvia, e consequente fundação d'um principado vassalo, a insurreição grega e a guerra russo-turca cujas consequencias foram o tratado de Andrinopla e a fundação do reino da Grecia, a questão do Egypto e da Syria, a guerra da Criméa, a que poz fim o tratado de Paris, a insurreição da Bosnia e da Herzégovina e finalmente a guerra dos Balkans que terminou pelo tratado de Berlim, pela independencia da Sérvia e da Romania, emancipação da Bulgaria e occupação da Bosnia-Herzégovina pela Austria. Embora o dominio turco datasse de dous ou tres seculos, a situação dos povos conquistados continuou a ser a mesma, a obedecer á mesma falta de unidade de lingua e de legislação. Esses povos eram, nos Balkans, os romaicos, os bulgaros, os sérvios e os gregos, que tendo se rebellado contra o dominio turco,

conseguiram se organisar em estados independentes, depois de prolongadas lutas em que as grandes potencias se revelaram animadas dos interesses mais contradictorios. A Russia, desejando enfraquecer a Turquia, auxiliou quanto poude os povos revoltados, a Austria, interessada em extender o seu dominio até a embocadura do Danubio, esforçou-se por annullar a acção da Russia, e mostrou-se sempre hostil á revolta dos christãos; a Inglaterra e a França, movidas, ao contrario, por outros interesses, fizeram dupla politica, favoravel ao mesmo tempo aos turcos e aos christãos, impedindo assim que o velho conflicto tivesse uma solução definitiva.

PRINCIPE FERNANDO DA BULGARIA

A primeira sublevação contra o poder musulmano partiu dos sérvios, cuja situação era a mais miseravel, devido ao estado de indisciplina em que havia cahido o exercito turco. A principio, a revolta sérvia não visava sinão á tyrania dos soldados turcos. Dirigida pelo famoso Kara—Georges, não levou muito tempo que o chefe dos janisaros, bloqueado em Belgrado, fosse eliminado por ordem do governo musulmano, a pedido dos insurrectos. Mas tendo os sérvios pedido o direito de conservar as armas, como garantia contra a tyrannia, e a isso tendo se opposto o Sultão, a luta continuou, até que os sérvios, a despeito da bravura do seu chefe, tiveram que ceder deante do numero, para recomeçar a luta, em 1815, sob o commando do lendario Miloch Obrenovitch que conseguiu a independencia relativa da sua patria, sob a forma de principado vassalo.

A segunda revolta partiu da Grecia que conquistou a sua independencia em menos tempo do que a Sérvia.

A gloriosa mãe das artes e da civilisação occidental despertou o mais vivo enthusiasmo em todas as nações européas.

As atrocidades de Chio provocaram o concurso de numerosos voluntarios, como Byron, na Inglaterra, Fevier, na França, ao mesmo tempo que determinaram em toda a Europa, e até

ABDUL-HAMID, SULTÃO DA TURQUIA

NICOLAU, CZAR DA RUSSIA

nos Estados Unidos, a organisação de soccorros em favor dos gregos, quer em dinheiro, quer em armas e soldados

Mas ao mesmo tempo que os particulares se esforçavam pela victoria da Grecia, os governos europeus se mostravam hostis aos insurrectos, sob a pressão de Metternich que pregava a necessidade de refrear o movimento liberal alastrado por todo o Occidente. Coagidas entretanto pela opinião, as grandes potencias não tiveram remedio sinão intervir. A Inglaterra, a França e a Russia, após a victoria de Navarino, asseguraram a independencia do reino grego.

CARLOS, REI DA ROUMANIA

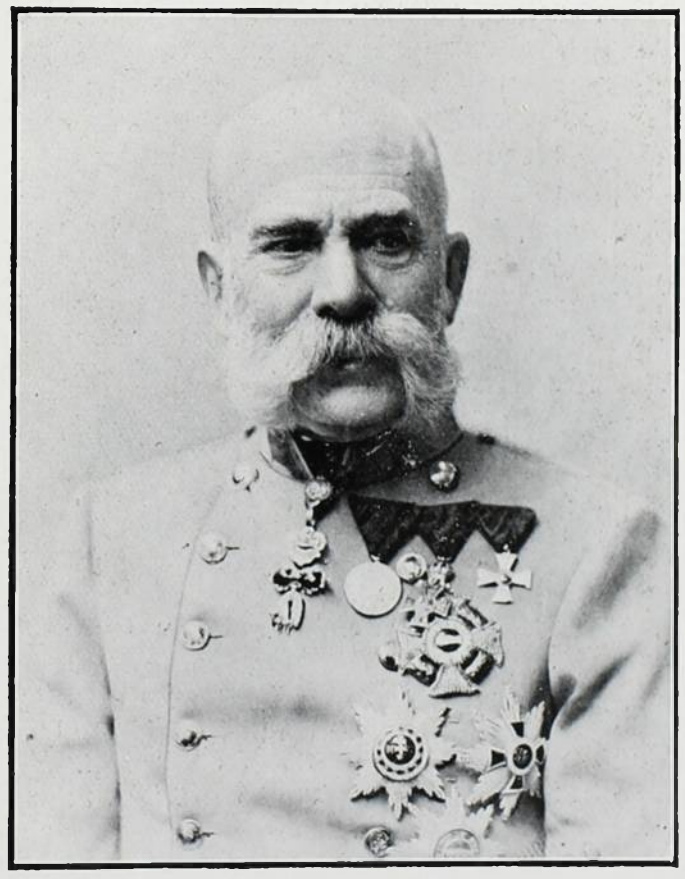
Mas os turcos, não se conformando com a destruição da sua esquadra em Navarino, provocaram a expedição de Moréa, contra os egypcios, dando isso logar a uma declaração de guerra por parte da Russia contra a Turquia, guerra

EDUARDO VII, DA INGLATERRA

que terminon com o tratado de Andrinopla.

Mal havia terminado o conflicto grego, as potencias tiveram de intervir novamente na Turquia, a proposito das questões egypcia e syria. O successo de Ibrahim levou o Sultão a pedir soccorro á Russia contra os egypcios que ameaçavam Constantinopla. As outras potencias receando o predominio russo, provocaram o tratado de Unkiar-Skelessi, que obrigou os russos a retirar suas tropas do territorio turco. Em 1839, cinco annos depois, estava novamente a Turquia em guerra com o Egypto, a proposito da Syria. Victorioso o Egypcio, as potencias se alarmaram e puzeram em movimento todas as ambições, pouco faltando para que se declarasse a guerra entre ellas. Resolvido o conflicto por uma acção commum, assignou-se o tratado de Londres, favoravel á Turquia, porque convinha á Europa o *statu-quo*.

Considerada a derrota do Egypto como affrontosa para a França, esta provocou a cha-



IMPERADOR FRANCISCO JOSÉ, DA AUSTRIA-HUNGRIA

mada *Convenção dos Estreitos*, em virtude da qual a passagem do Bosphoro e dos Dardanellos ficava interdicta a qualquer navio de

guerra. Desse modo annullava-se o tratado de Unkiar-Skelessi, e as esquadras russas ficavam prisioneiras no Mar-Negro. O governo russo exigiu então da Turquia que lhe reconhecesse o direito de protectorado sobre os christãos do imperio turco, sob pena de luta armada. A Turquia resistiu e foi declarada a guerra da Criméa, tendo a Russia, que suppunha lutar só com a Turquia, de bater-se tambem com a França, a Inglaterra e o Piemonte.

Mais uma vez vencera a Turquia com a assignatura do tratado de Paris, depois do cerco de Sebastopol. Os povos vassallos da Turquia que primeiro se aproveitaram do tratado de Paris foram os moldo-valaquios que passaram a constituir a nação romaica. Feita essa unidade os romaicos conseguiram facilmente a sua independencia, obrigando os turcos a retirarem as guarnições que mantinham no seu territorio. Veio depois a questão de Bosnia e de Herzégovina, que proclamaram a sua união com a Sérvia, dando logar á guerra dos Balkans, entre a Russia e a Turquia, começada pelos montenegrinos e os sérvios contra as brutalidades bulgaras. Vencidos os turcos, o imperador da Russia ditou a paz no tratado de Santo-Estephano. Tendo porém esse tratado levantado protestos por parte da Inglaterra, esta potencia, unida á Austria, exigiu que elle fosse revisto, assignando-se então o tratado de Berlim em virtude do qual foram modificadas as disposições do tratado de Santo-Estephano. A Bulgaria, transformada em principado vassalo da Turquia, adquiriu o direito de eleger o seu soberano, a Macedonia foi de novo submettida á Turquia, a Romelia Oriental constituida em provincia autonoma, com um governador nomeado pelo Sultão, a Bosnia e a Herzégovina, permanecendo possessões turcas, ficaram não obstante sendo administradas pela Austria. O Montenegro a Sérvia e a Roumania fóram os unicos Estados balkanicos que lograram completa independencia.

JORGE, REI DA GRECIA

GUILHERME II, DA ALLEMANHA

FALLIERES, PRESIDENTE DA FRANÇA

Ainda depois do tratado de Berlim, a Turquia soffreu novo desmembramento em 1897 com a perda da ilha de Creta, depois de sangrenta luta entre a Turquia e a Grecia, cujo esmagamento a Europa assistiu impassivel, só intervindo para dar aos cretenses um governo autonomo, quando a Grecia já se achava exhausta.

Tal tem sido até hoje a odysséa de sangue e de miserias provocada pela velha questão do Oriente, e a que a Europa devido ás proprias ambições não tem querido pôr um paradeiro.

Com o acto agora da Bulgaria, proclamando a sua independencia, e as consequentes annexações da Bosnia e da Heszégovina pela Austria e da ilha de Creta pela Grecia, vamos assistir a uma nova comedia das grandes potencias européas.

A diversidade de aspirações dos povos balkanicos, e os interesses contradictorios das grandes potencias européas na peninsula, promettem ainda espectaculo variado.

Ninguem póde prever quaes possam ser as resoluções a tomar pela projectada conferencia internacional provocada pelos ultimos successos dos Balkans.

Dum lado estão a Italia e a Austria, nações visinhas que não pódem desejar solução definitiva a não ser que ella venha ao encontro dos seus designios, do outro a Russia que deseja o protectorado exclusivo dos Christãos nos Balkans, a Inglaterra, a Allemanha e a França cujos interesses se chocam profundamente, fazendo prever mais um movimento favoravel á politica da Sublime Porta.

Hão de vêr que tudo ficará ainda desta vez como estava, dando logar a tantas novas questões do Oriente quantas são as aspirações differentes dos povos balkanicos e os interesses contradictorios das nações européas.

MAPPA DA BULGARIA ROUMELIA E DA TURQUIA

SILVA MARQUES.

O ANTIGO REGIMEN

UMA CRISE MINISTERIAL

AS praticas da politica ingleza introduzidas no Imperio estabeleceram entre nós o governo de gabinete contrariando a letra expressa da Constituição que dava ao chefe do Estado a livre escolha de seus ministros, o que, entretanto, contrastava com a irresponsabilidade do Imperador.

Os politicos comprehenderam e sentiram desde o inicio do primeiro reinado a directa intervenção do poder permanente nos negocios publicos; e procuraram tornar effectiva a fiscalisação por meio das interpellações aos ministros e livre exame de todos os actos politicos e de administração. D'ahi o systhema parlamentar, tornando necessaria a confiança das camaras para a vida dos ministerios.

Não bastava a da corôa, era tambem necessaria a da Nação, que se traduzia por meio de moções.

O gabinete tinha pois necessidade de maioria na Camara para governar; e, que, quando lhe faltava, estabelecia-se a crise, que se resolvia ou pela dissolução da Camara ou pela queda do gabinete.

A opposição levantava todos os obstaculos á marcha do governo, empregando os estratagemas parlamentares e travando longas e violentas discussões. Uma emenda a um projecto, a eleição do presidente da Camara ou uma moção directa de confiança era o terreno escolhido para o combate.

O chefe da opposição collocava a questão nos termos da confiança e o representante do ministerio a acceitava. Travava-se, então, a discussão, quasi sempre rapida, e procedia-se á votação da moção que era mais ou menos concebida nos seguintes termos: «A Camara, não tendo confiança no ministerio para gerir os negocios publicos, passa á ordem do dia.»

Approvada, estabelecia-se a crise e suspendião-se as sessões até que fosse resolvido.

O presidente do conselho dirigia-se immediatamente á S. Christovão, e pedia ao Imperador a demissão conjuncta do ministerio. Se não era acceita as camaras eram dissolvidas; precedendo quasi sempre a convocação do Conselho de Estado pleno.

Se era acceita, o Imperador consultava ao presidente do conselho demissionario sobre a indicação do seu successor encarregando-o de chamar o indicado a uma conferencia cuja hora era determinada.

Durante esse tempo era grande a agitação politica: os chefes mais cotados á successão tinhão a casa repleta de politicos e pretendentes que confabulavam, intrigavam, tramavam e multiplicavam-se as combinações possiveis. Os boatos ferviam nos corredores da Camara e principalmente na rua do Ouvidor em frente ás redacções dos jornaes que afixavam boletins noticiando o andamento das negociações, algumas vezes difficeis e demoradas.

A Nação se interessava vivamente pela solução da crise, não só na Côrte como nas Provincias, que acompanhavam, pelo telegrapho, todo o movimento politico.

Nos grupos da rua do Ouvidor formavam-se ministerios garantindo cada um de bôa fonte a informação; affirmavam que certo politico tinha sido convidado mas que não acceitara, outro impunha condições que não podiam ser acceitas pelo Imperador. Repentinamente corria um boato alarmante: que tinha sido chamado o chefe do partido em opposição; e, então, os situacionistas começavam os ataques ao poder pessoal; que era intoleravel a absorção do poder irresponsavel. Isto é um golpe de Estado, bradava um em desespero; é a unica solução, affirmava outro na espectativa da subida do seu partido.

Confirmado o boato, os que subiam levantavam vivas, o enthusiasmo rebentava, e em seguida organisavam prestitos com musica e foguetes, e partiam para a casa do organisador do gabinete e durante o trajecto a alegria se manifestava de todos os modos inclusive em pancadaria nos vencidos que tentavam protestar.

Isto denotava que o povo tomava interesse pela vida politica; sentia-se vibrar no cidadão o partidarismo que é um signal de vitalidade popular.

Quem assistio a estes factos é que póde avaliar do indifferentismo actual, da ausencia completa do elemento civico nas actuaes transformações politicas.

No dia da apresentação ás camaras do novo ministerio os populares enchiam as galerias, as cercanias do edificio ficavam intransitaveis, o recinto apinhado de curiosos mais distinctos, tribunas do corpo diplomatico e de senadores *au complet*.

Aberta a sessão o presidente annunciava a presença do ministerio e nomeava uma commissão para recebe-lo que o introduzia no recinto tendo a frente o presidente do conselho. Tomava assento na bancada ministerial. Era dada a palavra a um dos ministros demissonarios que dava as razões da retirada do gabinete e do que se havia passado na conferencia imperial.

Estas explicações nunca eram a expressão da verdade e sempre anodinas. Depois levantava-se o presidente do conselho e, com solemnidade, dava conta da organisação do gabinete, expunha o seu programma de governo e pedia o apoio da Camara se era do seu partido, ou annunciava a dissolução, se do adverso. Replicava um orador, de vespera designado pelo seu chefe, que fazia a critica do programma e do ministerio.

As mais notaveis dessas sessões foram a da apresentação do gabinete 16 de Julho de 1868, presidido pelo Visconde Itaborahy, que inaugurava a situação conservadora, e em que José Bonifacio produziu um dos seus mais eloquentes discursos; e o de 6 de Junho de 1889 sob a presidencia do Visconde de Ouro Preto, o ultimo da monarchia, que deu occasião ao prophetico discurso do Padre João Manoel terminando por um viva a Republica que foi correspondido com enthusiasmo indescriptivel, e que fez lembrar a D. Antonio, Bispo do Pará, que assistiu á sessão, a figura do Abbade Gregoire o annunciador da revolução franceza.

A geração que não assistiu estas scenas, que não vibrou com ellas e que vive na situação actual de indifferentismo pelas grandes idéas, e sob o peso de um brutal materialismo, não póde comprehende-las nem aprecia-las devidamente. Mas é preciso que ella saiba que foi com estas praticas que se resolveram as duas grandes questões: a libertação dos escravos e a proclamação da Republica sem derramar sangue. No momento, é mais agradavel recordar o passado, que pensar no presente ou cogitar do futuro.

FERREIRA VIANNA.

(Suetonio).

Recordações de Viagens

É BEM certo o que diz o velho proloquio: *quod volumus, facile credimus.*

Estavamos, nós os constructores da linha telegraphica de Uberaba ao Araguaya, acampados nas immediações do arroio *Fumal*, não longe de uma tapéra, que mal se revelava por uns velhos e esqualidos esteios de aroeira, algumas vetustas goiabeiras, bananeiras e laranjeiras, quando nos chegaram aos ouvidos, contados com phrases entrecortadas e timidas, os mysterios da matta do *Fumal*.

Ninguem a vadeava impune, em horas mortas da noite, sem presencear scenas horripilantes — fantasmas horrendos, que galgavam a garupa do animal, agarrados ás costas do cavalleiro, apertando-lhe convulsos o tronco do corpo, a ponto de suffocar-lhe a respiração.

O temor era de tal ordem, os boatos tornaram-se tão insistentes, com visos de tal ou qual verosimilhança, que os mais corajosos do acampamento evitavam fazer, á noite, essa travessia perigosa e apavorante. Não ha como evitar, diziam os prudentes.

Quiz o accaso que um companheiro fosse o primeiro a tentar á noite a passagem da matta, a contragosto seu.

Retardamento involuntario em sua viagem, impediu-lhe de alcançar com dia a matta do *Fumal*.

Regressava ao acampamento, acompanhado de um *camarada*, que era um bemaventurado surdo-mudo.

Em muitas occasiões ouvira as referencias á mal assombrada matta, mostrando-se sempre incredulo e escarninho.

Vinha elle cavalgando um animal, já cançado de uma longa marcha forçada.

Por mais que o fustigasse, não conseguiu alcançar a mal afamada matta, senão de noite. Eis que o faz.

Tinha o coração apertado, os cabellos a se lhe eriçarem na cabeça, a ponto de parecer que lhe arrebatavam o chapeu, que não mais sentia.

A saliva seccou-se-lhe á boca; a respiração tornou-se estertorosa; os olhos vagueavam na escuridão, esgaseados e perscrutadores.

Forte tremor nesvoso sacudia-lhe todo o corpo, como se fora presa de um formidavel circuito electrico a contorcer-lhe os nervos e a queimar-lhe as carnes.

Suores glociaes se lhe desprendiam do rosto em bategas.

Ensurdecedor zumbido vibrava-lhe as trompas auriculares.

Não tinha a sensação de que estava montado, mas que estranha força o impellia no espaço, sem que o seu organismo pudesse oppôr a menor resistencia.

A sua situação pareceu-lhe confrangente, mas era preciso proseguir, fossem quaes fossem as surpresas que lhe estivessem preparadas. A noite estava negra.

Os pyrilampos quaes pharóes minusculos, mostravam com intermitencias a sua luz phosphorescente e baça, que mais o intimidava.

Os insectos desprendiam alacres e estridulos zumbidos.

As cavalgaduras com as orellhas erectas, passos tropegos, tacteavam por sobre o pedregulho da estrada, receiosas dos buracos, que lhe crivavam o leito irregular.

Mudo, sob a impressão nervosa de uma subita apparição dos fantasmas, arrastava o viajor momentos de cruciante incertesa e de presagos receios.

A todo instantante afigurava-se-lhe a presença de vultos alvadios, de formas descommunaes, a se agitarem desordenadamente, caminhando ao seu encontro, de braços abertos em cruz, olhares flammejantes, face encaveirada.

Das macilentas mãos como que pendiam afiados alfanges.

A cabeça rodopiava-lhe sobre os hombros; e um fremito de horror invadia-lhe os tecidos medulares.

Os seus olhos desmesuradamente abertos, fixos nesses fantasmas macabros, que lhe tumultuavam a imaginação, nada distinguiam afinal. Parecia que essas sombras infernaes se desfaziam inopinadas para se reconstituir logo após. Era cruel a sua situação.

Atrás, ouvia os passos incertos da alimaria cavalgada pelo imbecil camarada, que o seguia maquinalmente.

Na sua feliz inconsciencia, o companheiro, recolhido á sua insensibilidade nervosa, tirava acres e quentes baforadas d'um desgracioso e nouseabundo cachimbo de argila grosseira.

De quando em quando o silencio da noite era quebrado pelo crepitar convulso desta chaminé em miniatura, alimentada por uma estertorante sucção, operada no canudo vegetal, que se lhe engastava.

O medroso viajor volvia então seu corpo sobre a sella, para certificar-se da procedencia de tão estranho arruido.

A presença do camarada como que lhe reanimava a alma, inundando-a de uma coragem momentanea, fugaz.

Para logo esta se desvanecia.

O roçagar da folhagem, ora no seu rosto e corpo, ora nas botas, trasia-lhe sobresaltos terriveis. Parecia-lhe que o agarravam.

Nesta pouco invejavel situação chegou elle a alcançar o regato, em cujas quietas aguas desalterou o sendeiro, que o condusia por sitios tão soturnos.

Este, sem se contentar, subia pelo leito pedregoso do arroio, a assustar o pobre cavalleiro, que temia vel-o cahir em algum *perau*, e assim proporcionar-lhe um banho nada recommendavel em tão critica situação.

Appeteceu-lhe fumar um cigarro; o que fez, accendendo-o no cachimbo do palerma que o acompanhava.

Emquanto saboreava a aromatica fumaça, o animal sugava a agua mansamente. Desde que este, satisfeito, levantou a cabeça, fustigou-o e fel-o galgar a ribanceira opposta.

Logo adiante reconheceu a proximidade da tapéra, e o seu coração pulsou celere. Era ali provavelmente que se lhe mostrariam os temidos fantasmas. Avançou resoluto, porém com a alma na mão. Um cheiro caracteristico de capim gordura denunciou-lhe a presença da tapéra.

Atravesou-a e penetrou em espessa matta. Terminada esta, entrava num *campestre*, quando deparou-se-lhe á distancia uma luz azulada e vagueante.

O acampamento da commissão tinha estado naquellas immediações, de sorte que antolhou-se-lhe a presença de algum viajante aboletado em um dos muitos ranchos abandonados. Deu de rédea para a luz.

Essa supposição criou-lhe alma nova; teria noticia segura da posição do acampamento, e ali poria fim á sua já penosa e cruciante etapa.

A sua decepção, porém, foi enorme; a luz era movediça e afastava-se á sua approximação.

Tentou surprehendel-a esporeando o animal e forçando-o a um galope; porém nada conseguiu, porque a luz fugia sempre, presurosa, estonteante. Falou, gritou; ninguem lhe respondeu.

Um frio gelido percorrou-lhe o systema nervoso; e elle sentio suas forças pereclitantes.

Num esforço supremo arrancou do revolver e fez fogo contra a luz. Esta, impassivel, indifferente aos tiros que visavam apagal-a, destruil-a, mantinha-se pertinaz, zombando dos gritos e das balas do alucinado viajor.

A coragem faltou-lhe por completo; e considerando-se só, porque o companheiro nada comprehendia da gravidade de sua situação, chegou as esporas á ilharga do animal e o *relhaço* na sua anca suarenta, em demanda de um morador, que sabia não se achar muito longe. A estrada, elle a perdera, de sorte que corria pelo campo em fóra dando gritos medonhos.

A luz perseguiu-o por muito tempo; e só deixou-o quando elle avistou um fogo não muito longe, que denunciava a morada salvadora.

Com os estampidos dos tiros, que disparou, e gritos que desferiu, a cansoada do fazendeiro lançou-se ao seu encontro, ladrando furiosamente, ensurdecedoramente.

A esse tempo o fazendeiro e companheiros da commissão que ali se hospedavam, sairam para fóra e corresponderam aos gritos.

Afinal chegam os dous cavalleiros. A' interrogação do que lhes havia succedido, o viajor, com a voz alterada, dominado por um terror profundo, que se lhe estampara na physionomia, mal poude explicar o occorrido.

Passado os primeiros momentos, em que todos se mostravam receiosos de que algo de extraordinario se tivesse passado, os companheiros, readquerindo a calma, ouviram e commentaram o caso no intuito de convencer o recem chegado de que elle fora victima de uma forte auto suggestão. Ademittida a presença material da luz, elles explicavam-na cabalmente, sem lhe convencer, que foi o pavor que lhe fez vêr aquillo, que só estava em sua imaginação.

Tratava-se de um companheiro destemido, que em diversas occasiões houvera dado provas sobejas de sua bravura.

Baqueou ante a perspectiva de seres tenues, imponderaveis, que se diluiam ante a sua melhor observação.

E' que o medo se prende á superstição, e esta nos vem dos tempos infantis.

Conheço homens valentes, que não recuam diante de balas a sybilarem no espaço, por sobre sua cabeça, mas que se temem de almas do outro mundo.

Não ha exemplo de pessôa alguma que se tenha deixado morrer em consequencia de ferimentos de qualquer especie, vibrados por espiritos errantes no espaço; no entretanto, o homem morre de gélido terror ante a sua perspectiva; quando se mostra de uma intrepidez temeraria ante os palpaveis agentes da morte.

Quantos se atiram resolutos á linha de fogo, mas que não se animam a penetrar as sós em um cemiterio, a horas furtivas da noite!

São cousas que se prendem á superstição, sentimento como que innato ao homem.

O meu companheiro fora victima, por certo, de uma auto-suggestão, que lhe permittio vêr essa luz fugaz.

O desejo de vencer incolume a matta, exerceu em seu espirito a suggestão dessa luz, que

elle quizera verdadeira, indicando a presença de pessôas do acampamento.

Seu systema nervoso soffrêra horrivelmente; e estava a exigir um prompto repouso, após uma tranquillidade de espirito, que lhe não veio.

Por mais que os companheiros se penalisassem delle, do seu estado de espirito, evidentemente alterado pelos effeitos do mêdo, entraram a troçar o caso até alta noite.

O Sr. Umbelino, que era o proprietario da fazenda, mantinha-se calado e crente em toda aquella historia.

Desde tenra idade ouvira referencias tetricas sobre a mal assombrada matta.

Os seus membros crispavam-se-lhe a medida que o recemvindo descrevia os horrores porque havia passado, sob a coacção moral daquella luz pertinaz, que tanto o perseguiu e causticou.

E dizer se que um homem valente, como este o era, corrêo a bom correr de uma luz azulada e fugaz, que o perseguia!

Effeitos da superstição.

Imagine-se como foi elle recebido no seguinte dia no acampamento.

Por mais que imprimisse ao rosto uma indecifravel expressão de quem curtira momentos dolorosos ante factos positivos, ninguem acreditou naquillo, affirmando todos que fora o medo o autor daquella obra.

Até os presentes dias, ninguem conseguiu apagar-lhe da imaginação a convicção inabalavel de que verdadeiros fantasmas e uma luz mysteriosa se lhe mostraram naquella memoravel noite, cuja lembrança lhe traz calefrios.

Este companheiro, que é um official distincto, cinge actualmente os galões de capitão.

Disciplinador, ousado, foi o official escolhido para conduzir ao acampamento uma leva de soldados insubordinados, dos que tomaram parte na revolta do 2º regimento de artilharia.

Por sua força moral e temeraria coragem conduziu-os pelos sertões, através cento e muitas leguas, sem temor, nem receios. Veio, porem, baquear ante a superstição, ante seres que só existiram em sua impressionante imaginação.

EDUARDO SOCRATES.

Exposição Nacional

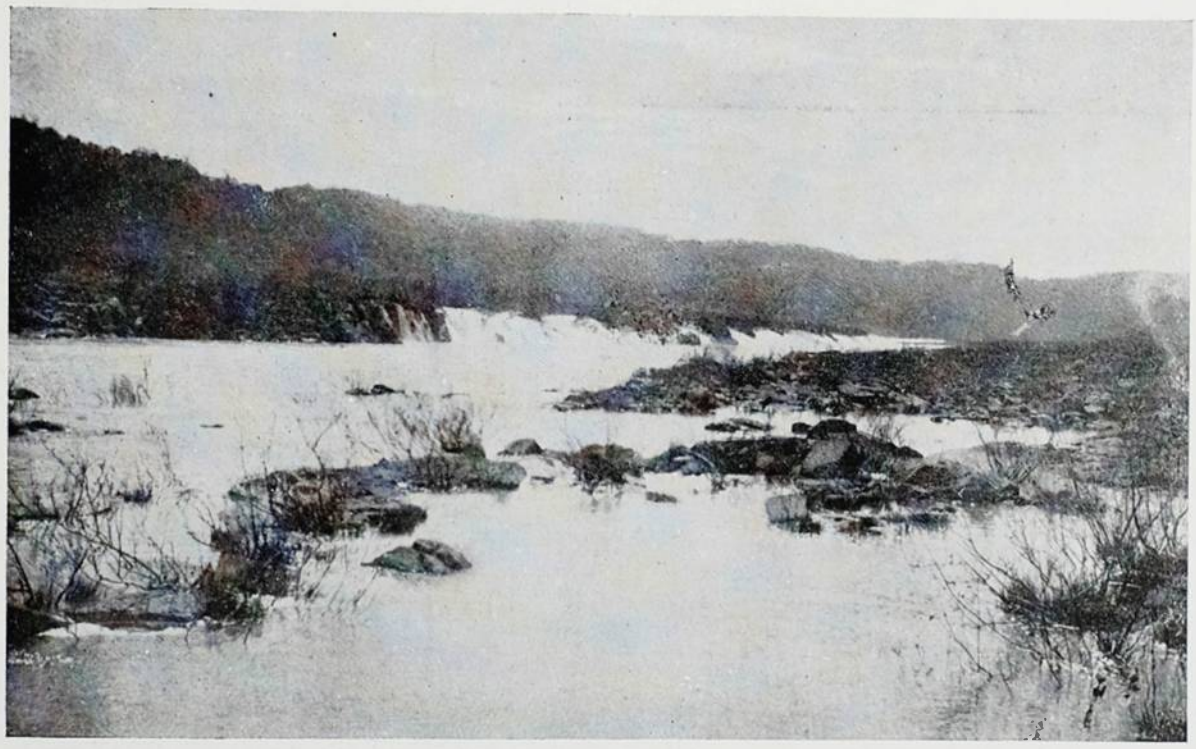
UM DOMINGO

NA FRONTEIRA

NA EMBOCADURA DO PEPIRY-GUASSÚ EM 1897. — O FEITOR DA MINHA TURMA. — O MEU COMPANHEIRO ARGENTINO, CAPITÃO PICASSO. — QUINZE ANNOS DEPOIS.

A OITO kilometros acima do formoso salto de Mocona, onde o Uruguay, se despenha bramindo do alto dum paredão de diorito com dez metros de altura na estiagem e quasi dois kilometros de comprimento, desemboca o famoso Pepiry-guassú, escondido por um ilhote de sarandyses, que vae ao fundo nas cheias.

O curso desse pequeno affluente historico, com as suas innumeras voltas caprichosas, mal



SALTO DE MOCOÑA

attinge a quarenta e quatro leguas geographicas.

A largura da sua foz é de cento e vinte metros apenas.

As suas principaes nascentes brotam copiosas de vasto tremedal onde borbulham grandes olheirões d'agua fria e crystallina, á sombra de magestosos pinheiros e airosos *xaxys*, que tem o porte de palmeiras e basta fronde erriçada.

Bem proximo, á poucos metros desse brejal, vê-se num restricto planalto uma lagoinha de forma ellyptica singularmente regular, que o naturalista Burmeister acredita, não sei com que fundamento, ser a cratera dum extincto vulcão. Nessa chapada erigimos, brasileiros e argentinos, em 1903, um dos marcos principaes da nossa fronteira, que assignala o termo da linha fluvial do lado do Uruguay e o começo da terrestre que vai pelo divisor de aguas acabar na nascente principal do rio Santo Antonio, a vinte e quatro kilometros de distancia, no rumo geral de noroeste.

O Pepiry-guassú desce aos saltos, espumante e ruidoso, precipitando-se de penhasco em penhasco e rasgando as serranias, que o apertam nos duros flancos de basalto.

As suas margens, desde as altas nascentes escondidas em pinheiraes emmaranhados de *taquarembós* e *taquapys*, até á sua entrada no Uruguay, são cobertas de densas mattas.

A zona dos pinheiros e arvores de matte que termina no salto grande, tem quinze metros de altura. D'ahi para baixo a floresta é mais magestosa e mais rica de madeiras preciosas.

A altitude da sua cabeceira principal é de oitocentos metros e a da embocadura de cento e cincoenta.

A declividade de 2.m68 por kilometro indica bem que o Pepiry-guassú é uma torrrente impetuosa.

Da sua excepcional tortuosidade adveio-lhe certamente o nome, porque o verbo guarany — *pepy* - significa — torcer e o substantivo - *y* - agua; — donde — Pepiry — que quer dizer — *rio tortuoso*.

Alem desse, o mais antigo, deram-lhe tambem o de — *Pequiry* — que significa — rio das piabas. — E' notavel, com effeito, a quantidade enorme desses peixes, na sua embocadura.

O nome actual foi-lhe dado pelos primeiros demarcadores do seculo 18.º

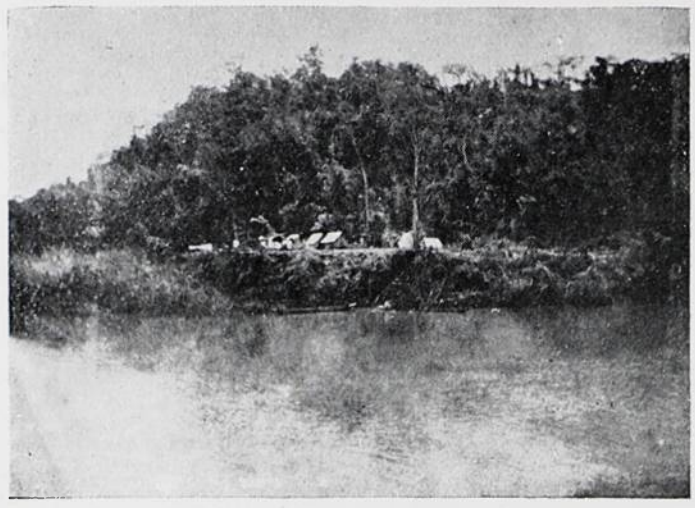
Com o primitivo de *Pepiry* figura na tradição oral do seculo 17º e no livro do capitão Ruy Diaz de Guzman — *Argentina*.

Consideravam-no então um emulo do rico Pactólo, depois que Midas, o auritissimo rei, se banhou nas suas aguas.

Gosava, não sei porque, da fama de arrastar muito oiro com as suas areias e bellos seixos de variegadas côres.

Os Padres da Companhia de Jesus attribuiram-lhe a origem da calumnia de profanos cavadores do precioso metal.

A sua notoriedade avolumou-se nos fins do seculo 18º, depois das acrimoniosas discussões travadas entre os commissarios portugue-



ACAMPAMENTO NA BOCA DO PEPIRY-GUASSÚ

zes e hespanhóes, que foram mandados executar o tratado preliminar de Santo Ildefonso de 1º de Outubro de 1777; discussões impertinentes e não raro harto descortezes, em que representaram papel saliente D. Diégo de Alvear e o coronel João Roscio.

Quizeram os commissarios de Castella dar o seu nome de — Pepiry ou Pequery — a outro rio mais oriental; lhes não convindo conformar-se com a demarcação de Alpoim, e Arguêdas em 1759, nem respeitar as instrucções positivas e claras do Vice-rei de Buenos-Aires. D. Juan de Vertiz.

Um dos officiaes castelhanos, dos mais conspicuos não só pelo saber como pela prosapia, pois brasonava o seu escudo com cabra de sable saltante em campo de ouro, acoimou-o de ladrão de alheio nome, gravando em uma das suas nascentes a seguinte inscripção injuriosa:

«Pepiri, prodato Nomine vocor».

Renovaram-se no seculo 19º as discussões do anterior até que brazileiros e argentinos resolveram sabiamente recorrer á arbitragem para deslindar o velho pleito.

Em Fevereiro de 1895. O Presidente Cleveland dos Estados Unidos decidiu que o Pepiry-guassú pretendido por nós é o rio em cuja bôca os commissarios Alpoim e Arguêdas deixaram num pau de 13 metros de altura a seguinte inscripção: — R. F 1759.

Era alli que estavamos reunidos em Junho de 1887 com a partida argentina, á qual tocou a tarefa de explorar commosco os rios occidentaes do territorio então litigioso. Acampamos perto, elles na bôca do rio, na margem argentina, nós, um kilometro para dentro, na margem esquerda.

Haviamos concluido os trabalhos de sondagem, e planteamento circumstanciado da fóz e seus arredores, assim como do rio Uruguay desde o Jaboty-guassú.

Esperavamos, para subir e iniciar a nossa exploração, que chegasse da Colonia Militar do Alto-Uruguay, o commissario argentino D. Artur Seelstrang, ex-tenente da guarda real Prussiana e professor de geodesia na Universidade de Cordova.

Detinha-o alli a demora — *del provedor Santos Bergareche,* — varconso de Guipuzcôa, que lhe faltava não só com o bastimento, como tambem com os meios de transporte para o seu pessoal, forçando-o a protrahir á partida da expedição. Tanto a turma brasileira como a argentina tinham pessoal bastante reduzido.

A nossa escolta compunha-se de um cabo de esquadra e seis soldados escolhidos, e a peonagem de seis teuto-brasileiro e allemães de Blumenau e Itajahy, capitaneados por Friedrich Kuhlmann, velho marinheiro de longo curso que diziam haver nascido no valle do Wupper, perto de Elberfeld, na Prussia Rhenana, duma familia de tecelões.

Depois de muito viajar, o marinheiro achou bom porto em Santa Catharina e deitou ferro. Casara-se alli havia mais de vinte annos.

Jamais me approuve andar com grande comitiva pelas solidões da fronteira. O deserto pede pouca gente.

Aquelle em que estavamos é excepcional, porque tem ameno clima, aguas perennes e

MARCO ARGENTINO DA BOCA DO PEPIRY-GUASSÚ

boas, terras prodigiosamente ubertosas e mattas opulentas.

Infelizmente infestam-no, até chegar o homem civilisador, legiões incommodas de pra-

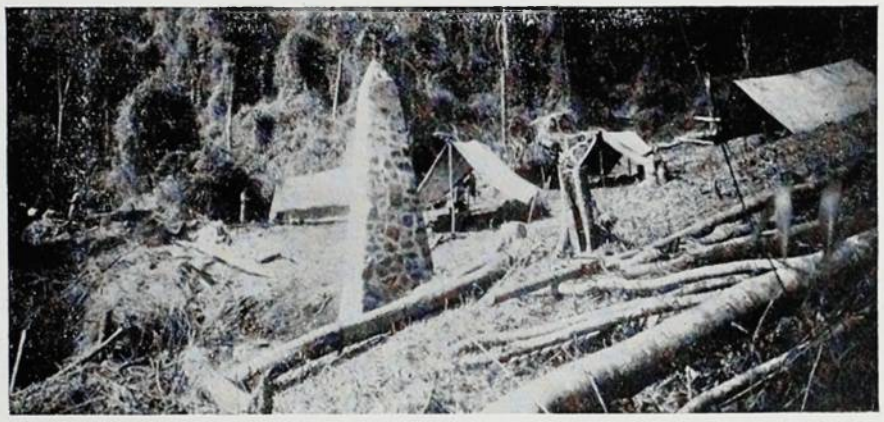
gas do mundo inteiro: borrachudos insaciaveis, moscas de berne asquerosas, morissócas cantoras e transmissoras da malaria, mutucas sedentas de sangue, mucuins avermelhados, carrapatos pertinazes, mosquitos polvora...

Kuhlmann não fallava, nem comprehendia o portuguez. Tinha um filho, o Fritz, que era o nosso trugimão e portamira.

O velho, de alta estatura, trazia o cabello á escovinha. O bigode cahia-lhe em longas guias aos lados da bôca. Muitos fios prateados entremeavam-se nos seus cabellos de oiro fulvo. O azul dos olhos tinha mais do tom esbranquiçado do aço do que do ceruleo celeste.

No acampamento e nas picadas andava de bótas ferradas, que lhe subiam até aos joelhos. Quando embarcava, trocava-as por alpargatas de sóla de corda.

Seu trajo costumeiro era uma blusa de baêta azul, que lhe dava aspecto militar; calças de ganga da mesma côr e chapeu de feltro negro. Levava á cinta um facão de larga lamina de



MARCO DA CABECEIRA DE SANTO ANTONIO

Solingen, com punho de chifre e bainha de coiro.

Timbrava no cumprimento do dever. Dava gosto vel-o de pé na pôpa da canôa, quando a lançava pelas cachoeiras á baixo.

Sabia orientar bem uma picada e escolher bons acampamentos.

Destro atirador, matava á bala as jacutingas ariscas.

Soldados e peões, brasileiros e argentinos, tratavam-no com respeito e estima.

Sobrio e abstemio como um trappista, podia servir de modêlo a outros feitores.

Quando se achegava de um superior, perfilava-se á distancia, batendo forte com os calcanhares e levando a mão direira á aba do chapeu.

Aproveitei a demora do commandante Seelstrang, e mandei construir duas canôas para substituirem outras que pouco nos poderiam servir, por estarem com os fundos arrombados de tanto roçarem nas pedras dos saltos e das cachoeiras do Goyo-en para baixo.

O Kuhlmann foi o constructor.

Entrou na reboleira proxima e achou dous cedros colossaes.

Derrubou-os, desmanchou-lhes a galharia, torou-lher os troncos a serra, falquejou-os a machado, afeiçoou-os a enxó, covou-os a fogo e arredondou-os a goiva.

Em poucos dias surgiram dos troncos aromaticos duas formosas embarcações vermelhas e acepilhadas, com bancos e xadrezes em seus lugares. Estavam providas de remos e de tudo, até de bastidouros para esgotar as aguas das marejadas.

Marquei o seu lançamento para o dia 23 de julho, por ser para mim uma grande data, o anniversario natalicio de minha mulher.

A noite da vespera foi escura. As nuvens densas não deixavam ver uma estrella. Só os pyrilampos volteavam em ziguezagues com scintillações de esmeralda.

Não se ouvia no acampamento o crepitar alegre dos fogões; nem o allumiava a luz vermelha e viva das labarêdas.

Os brasidos amortecidos não conseguiam romper o negrume daquellas trevas de inverno.

Palestrava com o João do Rego Barros e o Leite Ribeiro na porta da minha tenda onde bruxoleava na ponta d-uma vara uma lanterna enfumaçada e coberta de milheiros de bruxas e mariposas nocturnas, que mal deixavam passar a luz.

Ouvia-se o forte resonnar dos homens nos giráus e a fanhosa coaxação dos sapos no banhado proximo.

Ja nos haviamos habituado ao bramido das cachoeiras que sóbe de intensidade nas noites frias e o não sentiamos mais.

A cainçalha do acampamento pôz-se a ladrar e correu para a barranca. Ouvimos forte estampido.

Quem deu este tiro?

Perguntei.

Um vulto estranho rompeu da escuridão. Era-lhe a Estatura agigantada.

Longa barba revolta cobria-lhe o largo peito. Basta grenha hirsuta descia-lhe até á cintura. Embuçava-se em amplo manto vermelho.

Pousava-lhe na cabeça enorme e leonina uma corôa denticulada, e a mão direita empunhava longo tridente de pontas agudas.

Avançou para nós lento e solemne; e á poucos passos parou. Fitou-nos hirto por momentos e levantando o tridente fallou.

A voz lhe era cava, e retumbava como se sahisse gemendo de profunda caverna. Longo tempo discorreu em lingua estranha, apontando de quando em quando com o tridente para o norte.

Retirou-se, como veio; lento e solemne.

Ouvia-se-lhe o toar pesado dos passos vagarosos.

Ao sumir-se nas trevas, reboou outro tiro; e sinistro clarão avermelhado tingiu a face negra do rio.

Corremos á barranca e um barquinho em chamas afastava-se ao som da corrente em rapidos gyros.

Quando voltamos, o velho Knlhmann accendia tranquillo n'um tição seu grande cachimbo de porcelana.

Pedi ao Fritz a explicação d'aquella scena singular.

Disse-nos sorrindo que o pai se disfarçára em Neptuno com barba e cabelleira de samambaia, para celebrar a ceremonia ritual do lançamento das canôas, no dia seguinte. Viera como soberano das aguas declarar-nos que consentia com prazer, por bem conhecer os nossos designios, que as novas embarcações remontassem incolumes as grandes cachoeiras, trepassem victoriosas as escarpas dos saltos e superando todos os obstaculos chegassem com felicidade até ás nascentes remotas do Pepiry-guassú.

Concluio, que assim como aportára ao nosso acampamento com agua; voltava ao seu palacio nas profundezas do oceano, com fogo. O fogo foi o lenho inflammado, que vimos deslizando rio abaixo.

Agradeci ao velho a sua affectuosa manifestação e, caso raro, vimol-o sorrir.

Offereci-lhe um trago de aguardente; apenas pousou os labios no calice. Entretanto a noite era fria e humida.

Na madrugada de 23 despertei aos sons alegres d'um canto entoado pela voz de barytono do Kuhlmann acompanhada pelos homens de Blumenau e pelo accordéon do Karl Eichemberg, nosso cosinheiro.

Em quanto me vestia, cessou o canto e os ares estrugiram com vivas á festejada.

Quando abri a barraca, ja o sol banhava de luz dourada o cimo verdenegro da floresta da outra margem

Senti o coração expandir-se ao contacto da alegria de tudo, que me cercava.

Era suave o espinho da saudade que o pungia n'aquelle momento.

O acampamento estava em festa, soalheiro e empavesado: as miras novas ao alto e ornadas de festões; as grandes bandeiras de signaes, as bandeirolas das balisas, e os pequenos pavilhões das nossas canoas fluctuando ás brisas matutinas nos tópes de taquáras enfeitadas; os stampfers e theodolitos armados nas tripodes com os bronzes reluzindo aos raios carinhosos do sol.

Os officiaes, a escolta e a peonagem no mais franco regosijo festejavam o feliz anniversario natalicio.

Um dos mais influidos era o velho allemão. Pescára na vespera dois dourados alentados no remanso da ilheta de sarandyses da embocadura; e o Karl Eichemberg assava-os em longos espêtos, frigia-os em enorme caçarola e cosia-os com toucinho no caldeirão da feijoada, por ser bastante escassa a nossa frasca de campanha.

A's oito horas, mais ou menos um soldado bradou — ás armas — do topo da escada do porto, esborcinada pelo perpassar da gente e pelas enxurradas.

Subia o Pepiry-guassú pela margem opposta uma flotilha salvando. Eram as canoas da commissão argentina com o capitão Picasso no commando e o tenente Dousset na manobra, que vinham associar-se á nossa festa.

Vinte e um tiros das Comblains da nossa escolta responderam á saudação das Remingtons dos nossos amigos; as bandeiras verde e ouro e azul e prata desceram e subiram tres vezes aos topes dos mastros; e vivas retumbantes ao Brasil e á Republica Argentina irromperam das duas turmas.

INAUGURAÇÃO DO MARCO DA CABECEIRA DO PEPIRY-GUASSÚ — 2 DE JULHO DE 1903

Abicaram ao porto e foram recebidos com o carinho, que bem mereciam. Cooperavam commosco, esforçados e leaes, para o esclarecimento de duvidas geographicas, que ainda se oppunham á boa intelligencia e cordialidade, que devem existir entre dois visinhos grandes e prosperos.

Passaram commosco o dia inteiro.

Soldados e peões com o velho Kuhlmann, mestre de cerimonias, fizeram o melhor gazalhado á gente do capitão Picasso.

Levavamos para os dias extraordinarios como aquelle, algumas *bruáas* cheias de conservas, doces finos, vinhos, licores, cerveja...

Dei ordem franca ao cabo Juvenal, e no fim do dia nada deixaram em údo nem miúdo. Tudo se sumiu na voragem d'aquelles quarenta appetites estimulados pela novidade das guloserias, pelo prazer da companhia e pelo frio tonificador.

Desse dia ao diante não houve senão uma cosinha na nossa turma. Officiaes, soldados e peões comiam do mesmo caldeirão e bebiam da mesma cafeteira.

Foi bom assim, porque nos dias tristes da penuria os officiaes deram o exemplo da resignação, aquinhoando-se com os soldados igualmente das rações minguadas da fome.

O capitão Picasso (Juan Capurro) era um dos officiaes mais illustres da marinha da sua nobre patria, não só pelo seu caracter austero, como tambem pelo talento e capacidade profissional.

Pouco expansivo, não inspirava, logo á primeira vista, sympathias. Conquistava, porem, a amisade e o respeito dos que tiveram, como eu, a felicidade de privar com elle.

Foi o nosso mais forte e dedicado companheiro na ardua e laboriosa exploração.

O commissario Seelstrang não podia, por motivos de má saude, tomar parte activa nos trabalhos topographicos; pagou com a vida, logo após a retirada da commissão, os maus dias d'aquella penosa epocha.

Trabalhamos sempre com o capitão Picasso. Subimos juntos o Pepiry-guassú, levantando a planta dos seus meandros interminaveis e vencendo as coleras das suas quatrocentas cachoeiras até ás nascentes empantanadas.

Palmeamos a picada tortuosa do divisor de aguas até ao porto das canôas no rio Santo Antonio, onde uma velha onça cangussú arrancou com os dentes um pedaço de craneo do valente Manoel dos Santos e quasi o devorou.

Descemos este rio, luctando com os seus milheiros de obstaculos até a embocadura no Iguassú; passando morosamente de estação á estação, ao sol e á chuva, acampando juntos, juntos soffrendo e confiando um ao outro as nossas saudade e os nossos sonhos e esperanças.

Jamais pairou entre nós a mais tenue sombra de desconfiança. E' que não davamos abrigo a ideias preconcebidas. Guiava-nos o mesmo amor da patria.

Eramos estimulados pelo mesmo respeito á nossa probidade profissional e desprezavamos a mentira e a falsidade.

Sobre ser marinheiro, o capitão Picasso era filho de italianos de Genova; por isso muito supersticioso.

Tinha ogerisa ao numero *13*.

INAUGURAÇÃO DO MARCO DA CABECEIRA DO PAPIRY-GUASSÚ
2 DE JULHO DE 1903

Numero fatidico, dizia elle, que nos persegue desde eras remotas n'esses trabalhos de limites. Augúro mal delles.

O primeiro tratado celebrado entre Portugal e Hespanha foi a *13* de Janeiro de 1750 — 1 + 7 + 5 + 0 = *13*.

13 pés de altura tinha a arvore onde os primeiros demarcadores, Alpoim e Arguêdas, gravaram na bôca do Pepiry-guassú a inscripção — R. F. 1759.

A *13* de Julho do mesmo anno partiu uma turma de paulistas para examinar o salto grande de Iguassú e procurar um varadouro para as embarcações dos demarcadores.

Os nomes dos geographos *Pacheco e Millau,* que descobriram o rio Santo Antonio têm

13 letras. *13* dias elles gastaram nessa primeira exploração em 1759.

O dia onomastico de Santo Antonio é *13* de Junho.

A *13* de Dezembro d'aquelle anno, os commissarios Alpoim e Arguêdas receberam carta de Millau communicando as arduas difficuldades que lhe surgiam a cada passo na busca do Pepiry.

N'esse mesmo dia *13*, celebraram uma conferencia sobre o assumpto.

A *13* de Janeiro de 1760 os commissarios puzeram um marco na foz do Iguassú.

A 13 de Setembro de 1788 Oyarvide começou a exploração de Santo Antonio, sem o concurso de Chagas Santos, que chegou no dia 15.

13 annos depois do tratado preliminar de Santo Ildefonso, começou em 1790 a exploração em commum do rio Pepiry-guassú.

A *13* de Julho de 1887 foram inaugurados os nossos trabalhos topographicos na boca do Jaboty-guassú.

A *13* de Setembro chegamos ao barracão argentino da picada de S. Pedro.

A *13* de Outubro ao barracão brasileiro da picada das cabeceiras.

A *13* de Novembro começou o levantamento da planta do *divortium aquarum*.

A *13* de Janeiro de 1888 chegou a nossa turma á embocadura do Santo Antonio.

13 homens, inclusive o chefe, compunham a turma brasileira n'esse rio.

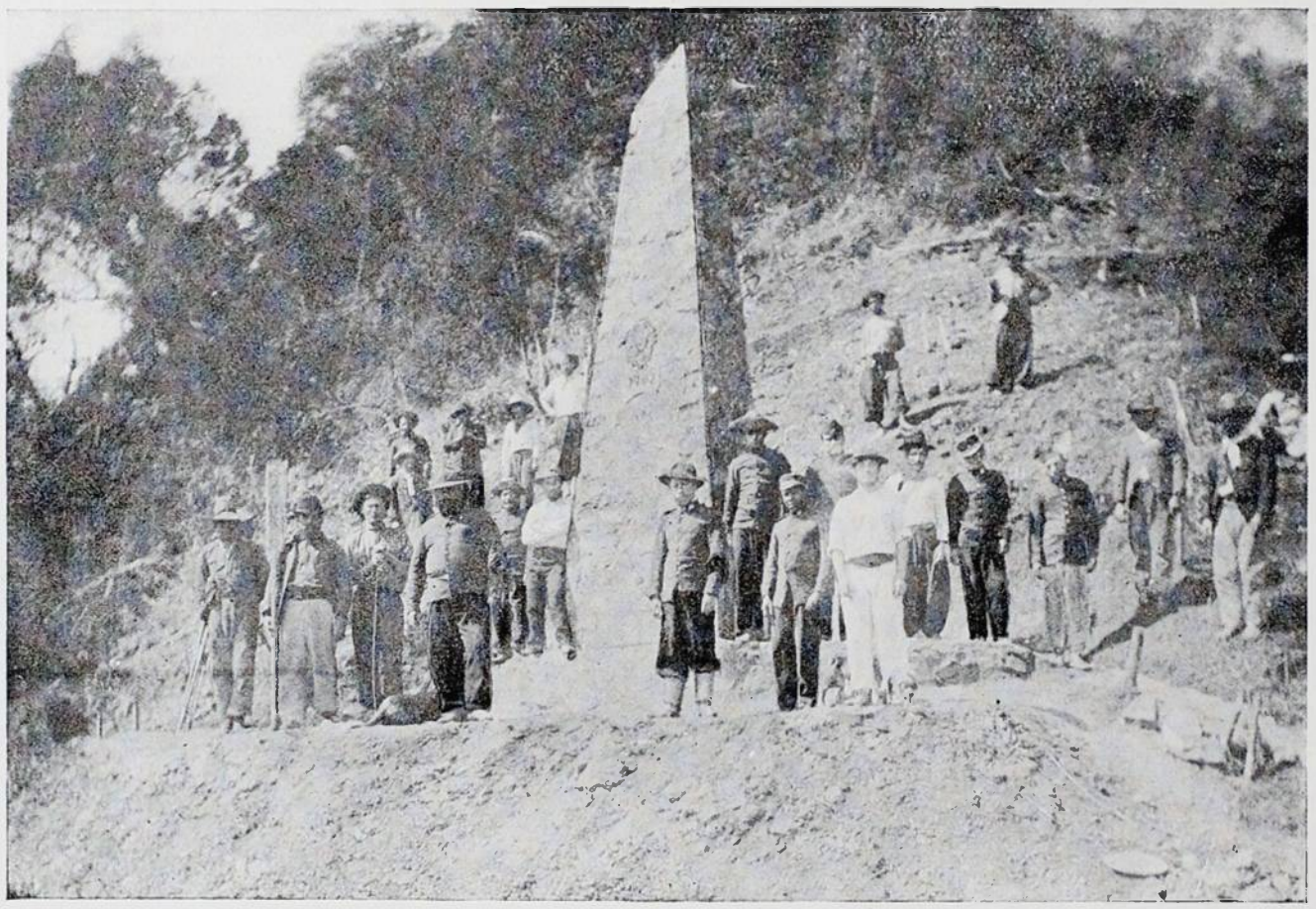
Na estação *13* do divortium aquarum, o nosso stampfer foi por um grotão abaixo.

Ia muito alem a curiosa estatistica.

Quando, depois de concluida a exploração, partimos da porta do Peray no Paraná para Palmas, perguntei ao tropeiro Ferreira, quantos animaes levavamos. *13*, respondeu.

E' de mais, murmurou o Picasso.

Um dia, ao pardejar da tarde, n'um longo estirão tranquillo, do rio Santo Antonio, passava serena pelo fio da corrente uma grande flór amarella formando uma cruz com a imagem refracta na agua mansa. Fitou-a longo tempo, e ella á descer vagarosa para o remanso, onde estava a nossa estação.



ESCOLTA E PEONAGEM NO MARCO DO BRASIL

Mau agouro, exclamou: aquella cruz é prenuncio de morte;—e espedaçou-a com a ponta dum varejão de taquára.

Poucos dias depois o velho Patricio era picado por uma jararaca e morria no dia seguinte, ligando o seu nome obscuro aos ultimos saltos do rio

O triste acontecimento arraigou mais funda a superstição no grande espirito do meu querido amigo.

Pobre Picasso! Pouco sobreviveu á sua volta á Buenos Aires.

A nossa exploração durou oito mezes, longos como a eternidade e cheios de penas como o purgatorio.

Discutiu-se muito entre sabios e diplomatas que lá não foram a navegabilidade do Pepiry guassú e do Santo Antonio. Nós demonstramos ser possivel navegar por elles, arriba e abaixo, levando as nossas canoas pelos seus saltos e cachoeiras infindas. Entretanto é mais navegavel do que elles, qualquer vereda tortuosa e accidentada ou azinhaga no recosto das montanhas. Ao menos não tem as torrentes impetuosas, que tudo levam por diante.

O velho Kuhlmann levou á remos, á sirga, á varejão, á mão e de rastos as nossas embarcações no Pepiry-guassú até ao sopé das escarpas dos altos *itaimbés* do salto Cabrer, á *13* kilometros das nascentes do galho São Pedrito.

No Santo Antonio, era frequente, na parte alta do seu curso, não haver bastante agua para a fluctuação, das pequenas canoas.

O Kuhlmann abriu e afundou canaes na madre argillosa ou de pedregaes.

Dias inteiros, argentinos e brasileiros arredaram pedras e esmoucharam arvores no matto ensilveirado dos sarandysaes.

A faina era sempre no leito do rio; já nos remansos, já nas aguas encachoeiradas. Gastaram-se as solas do calçado. Recorreram aos trapos dos saccos de mantimentos e das barracas mofadas para substituirem os sapatos. Desfizeram-se como as solas. Macerados da manhã á noite, aquelles pés sem protecção não puderam mais resistir — apodreceram tambem, abrindo-se em chagas dolorosas, que as pedras cavavam e afundavam ainda mais.

Toda aquella gente estropiada e empedernida do frio da agua e das sezões, soffria estoica, sem um queixume, aquelle tormento atroz. Entretanto nenhuma esperança de recompensa, nem ambição de gloria a estimulavam. Admiro o rude filho do povo, porque conhece quanto vale.

E o feitor allemão e todos os outros, subiam cada dia um degrau na minha gratidão.

Uma tarde chuvosa, cheguei ao acampamonto moido e fatigado, depois de um trabalho de sol a sol.

Desconheci o velho Kuhlmann. Não era o mesmo homem respeitoso e grave. Tinha perdido a compustura. Fallava, dando gargalhadas estridentes.

Achegou-se de mim, n'uma expansão de ternura, com os braços bem abertos para abraçar-me.

Pobre velho! Pagava o tributo da hereditariedade. Era um phenomeno atavico, que não me sorprehendia.

Os seus barbaros antepassados deixaram as sombrias florestas e os páues onde nasceram, para invadir as terras onde o clima era mais doce e a vinha dava uvas sumarentas e vinhos capitosos.

Não poude o velho sobrio e abstemio resistir á fascinação de uma botelha de whiskey, confiada á sua guarda.

Vivia sempre tão molhado e com tanto frio... Demais, a beberronia nunca foi vergonha entre germanos de Tacito.

O Fritz pedio-me para perdoar ao pai aquella fraqueza.

Assumi ares de exaggerada gravidade e disse-lhe, que a falta era das mais pesadas e eu estava profundamente contrariado, porque nunca o julgaria capaz de commettel-a.

Na manhã seguinte o bom velho, cabisbaixo e envergonhado acercou-se de mim estorcegando o chapeu nas mãos tremulas e murmurou algumas phrases, que não entendi.

Comprehendi, porém, a sua dôr e dei-lhe uma ordem, qualquer, para tiral-o d'aquelle enleio.

Dos homens de Blumenau, dous somente não eram nascidos no Brasil.

Os outros, quando os soldados por gallhofa os tratavam de allemães batiam com as mãos fechadas no peito, do lado do coração e exclamavam de cabeça levantada: brazileiro.

No fim dos trabalhos, só o Kuhlmann não fallava a nossa lingua. Era refractario talvez por velho.

Dez annos depois, em 1898, sahia com a familia, de uma novena da igrejinha da Gavea, e ouvi uma voz minha conhecida saudar-me: — boa noite, Sr. Ministro.

Voltei-me — era o meu velho feitor.

Estendi-lhe a mão, que apertou affectuosamente.

Tu por aqui?

Sim, senhor.

Apresentei-o á minha mulher, que já o conhecia muito de nome.

E' o Neptuno do Pepiry-guassú?

Elle sorrindo: — Sim, senhora, o que festejou o seu anniversario no dia 23 de Julho.

Onde estás? perguntei-lhe.

Aqui perto, n'uma fabrica de tecidos.

Como aprendeste o portuguez?

A necessidade, general. Na fabrica é a lingua que se falla.

E Fritz

Morreu de cholerina em Juiz Fóra. Agora estou só... e sahiu-lhe do peito um suspiro, que mais parecia um gemido.

Em fins de Agosto de 1902, deixei a commissão de Limites em Campo Novo e embrenhei-me com um guia e as minhas ordenanças pelas matas fechadas do Turvo e do Pary e

fui sahir na embocadura do Guarita, o Uruguay-pitá dos primeiros demarcadores do seculo dezoito.

Tomei uma canoa ao Domingos Beriba e desci o Uruguay com o meu cabo de ordens.

Por precaução descalcei-me e puz-me em mangas de camisa para, em caso de naufragio, poder melhor resistir aos marouços e redomoinhos da famosa cachoeira dos «Macacos brancos», acima do Apitereby.

A manhã era fria e neblinas alvacentas velavam a face do rio e a canoinha saltava veloz na espumarada dos cachoeiras.

Em menos de duas horas cheguei, á bôca do Pepiry-guassú, que deixára, havia 15 annos.

Ia construir com o meu illustre collega e amigo o 1.º commissario argentino Sr. Pedro Ezcurra, actual Ministro de Agricultura do seu paiz, dous dos marcos principaes da nossa fronteira.

Depois de mudar a roupa molhada e almoçar, fui visitar o meu velho acampamento de 1887.

Não o teria conhecido, si não fosse o arroiosinho que desemboca ao lado.

A escada cavada na alta ribanceira, havia, desapparecido com os degráus de madeira faceados pelo Kuhlmann.

As enchentes violentas de quinze annos arrebataram-na.

A clareira, que os machados abriram e onde estiveram armadas as nossas tendas, era mato cerrado.

Nada mais restava da nossa passagem, absolutamente nada.

Os velhos troncos decepados esfarelaram-se devorados pelo cupim.

As forquilhas das nossas barracas, as cumieiras e as estacas transformaram-se em terra.

As enxurradas levaram o carvão e as cinzas das fogueiras.

Até as nossas pegadas e os sulcos que o perpassar continuo dos homens abriu naquelle chão humido, apagaram-se ou foram substituidos por trautas de onças e capivaras e trilhas batidas, com piugadas de antas e queixadas brancas.

Sosinho naquelle ermo, evoquei as alegrias do passado: a festa de 23, os cantos teutonicos da peonagem de Blumenau, as canôas novas de cedro aromatico, as miras afestoadas de sarmentos floridos, as bandeiras fluctuando ao sopro da viração, as salvas da flotilha argentina, os vivas retumbantes da minha gente.

Nada... só a solidão e a tristeza.

Vi passarem-me pela memoria, involtos em longos sudarios Picasso, Leite Ribeiro, Seelstrang, Rhode, Dousset, Aguiar, Fritz, Manoel dos Santos, Patricio, mallogrados amigos e esforçados companheiros de tantas provações.

Era muito amarga a minha saudade n'aquelle momento, sem um laivo siquer de doçura.

A primavera vinha perto. A mata que desmontamos, renascera emmaranhada e pujante. Na espessura das copas um sabiá cantava mavioso.

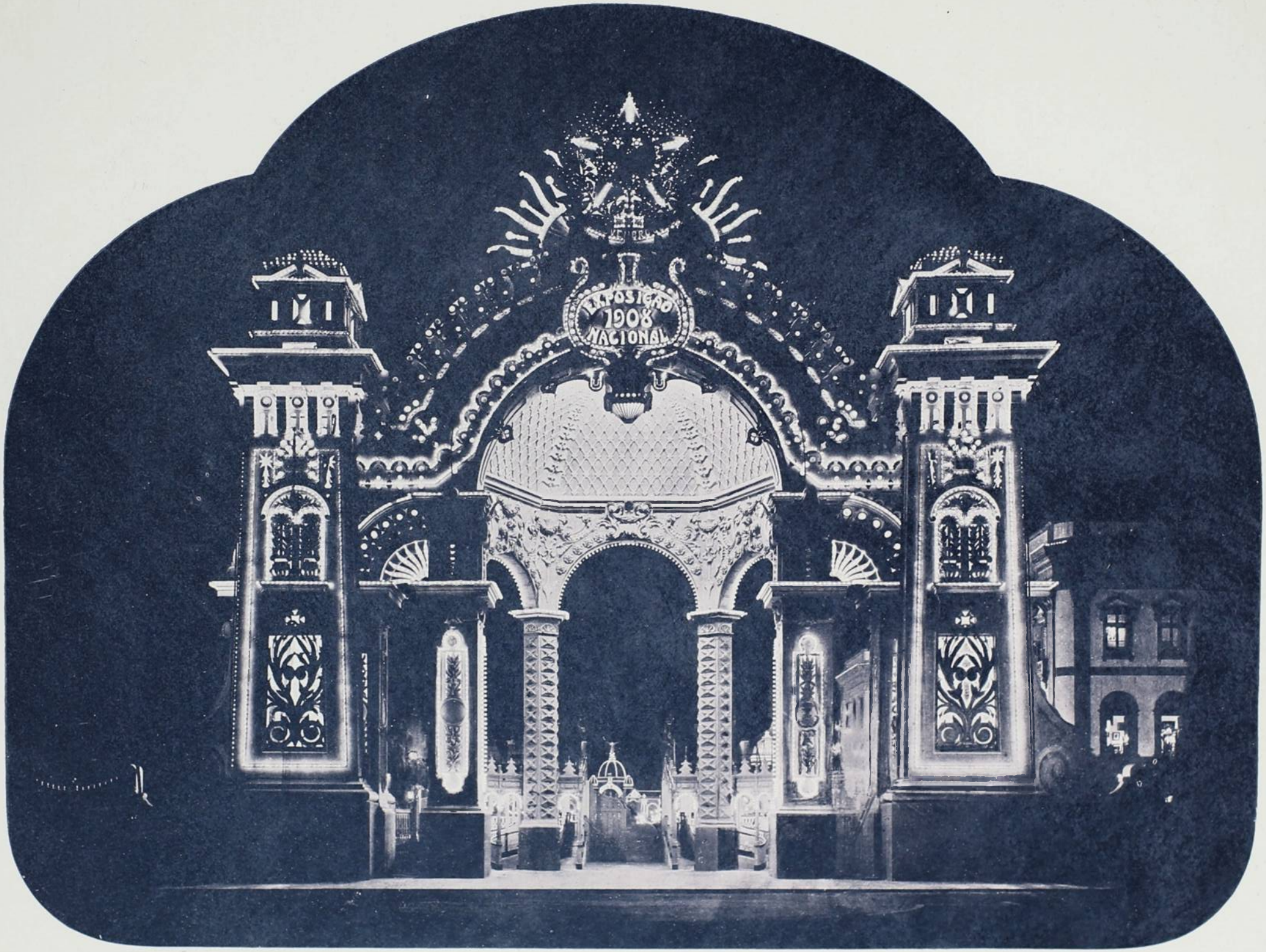
Abelhas zumbiam em torno de mim e volteavam de flôr em flôr.

N'um galho brincava um feixe de raios do sol e duas rolas rulavam se beijando.

Era o triumpho eterno da vida e do amor.

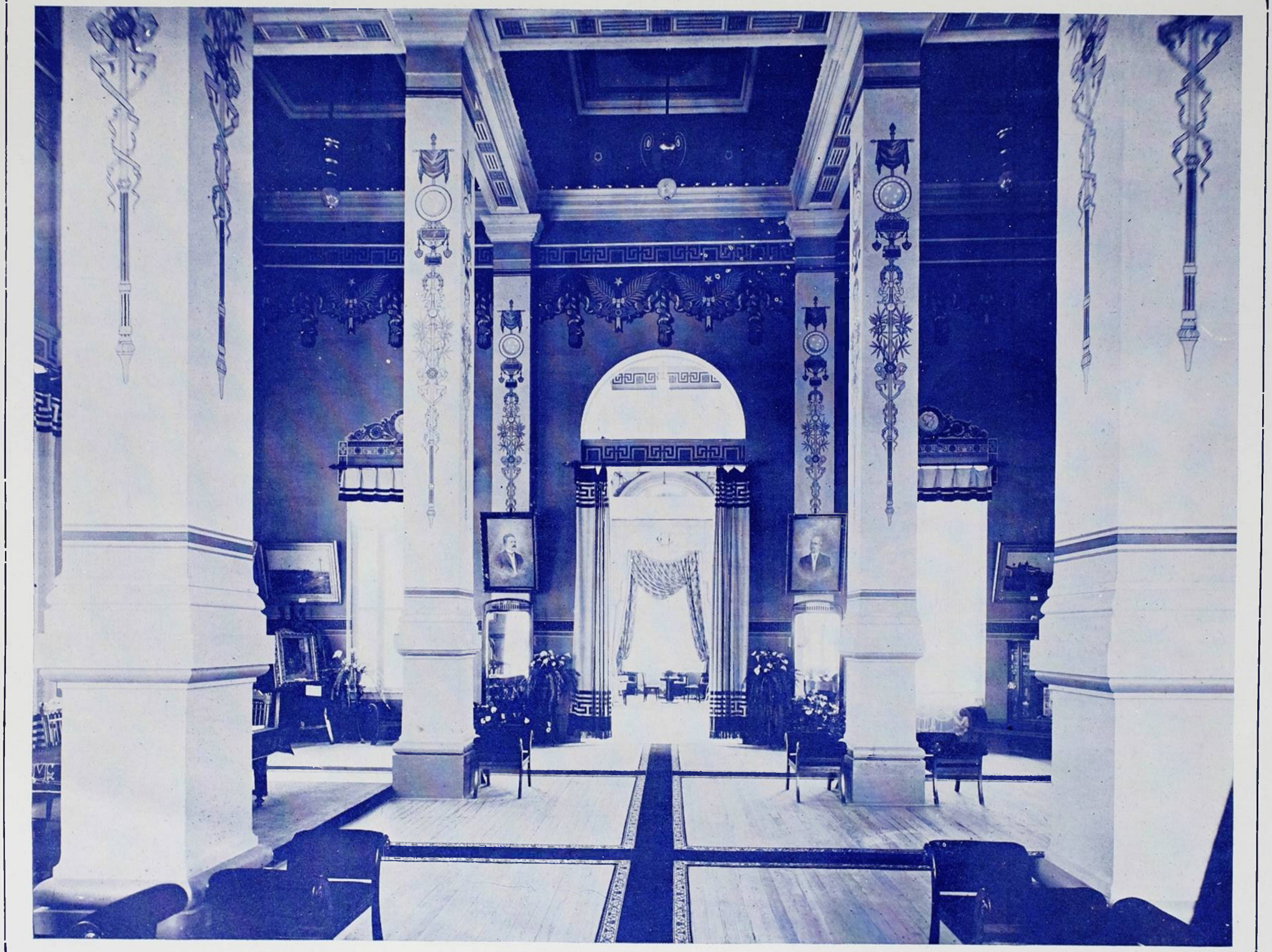
Quando tornei á bôca do rio, soldados e peões cantavam alegres, acompanhando o toar dos machados no desmonte, e os ipês colossaes desabavam esmagando flores que começavam a desabrochar.

DIONISIO CERQUEIRA.



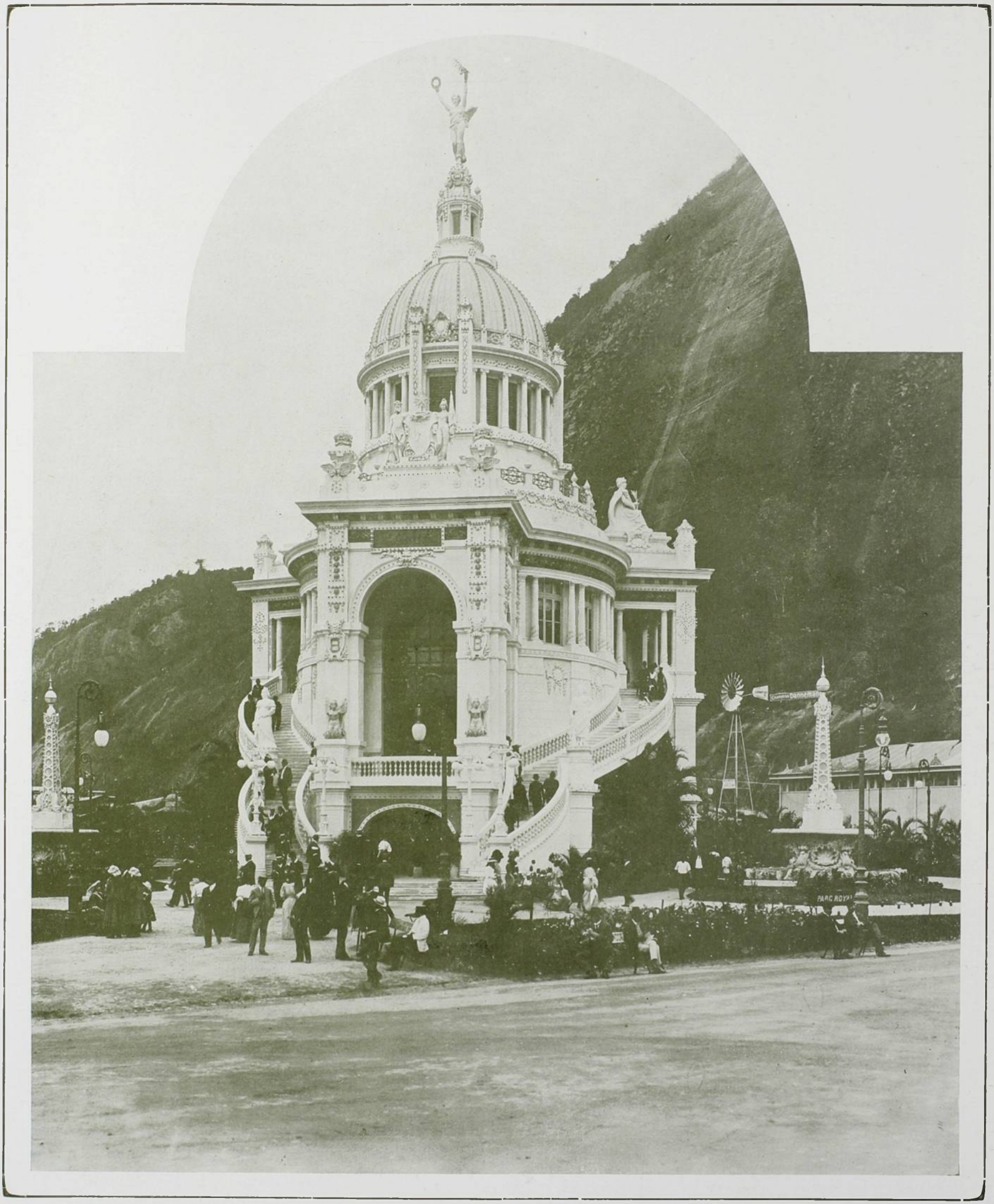
ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO DO PORTÃO MONUMENTAL

PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES



INTERIOR DO PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES

INTERIOR DO PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS GERAES



PAVILHÃO DO ESTADO DA BAHIA

Exposição Nacional

ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO DO PALACIO DAS INDUSTRIAS

MATTO-GROSSO

II

A viagem de Cuyabá ao Jurema

(SEGUNDO AS NOTAS DE LE DUC)

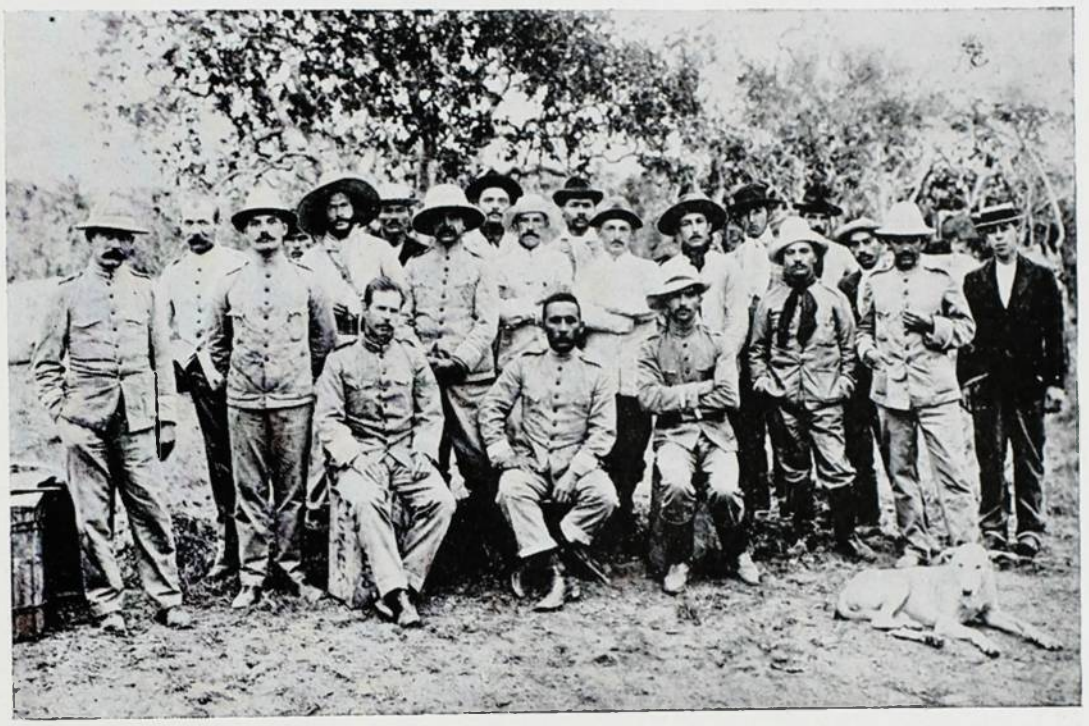
NA passada noticia que demos dos inestimaveis serviços prestados pelo Major Rondon, na construcção das linhas telegraphicas do Sul de Matto-Grosso, dissemos como se originou o que está agora em andamento para o Norte do mesmo Estado.

Poderiamos parar ahi; e n'este proposito estavamos Porém, as nossas relações no Rio, nos proporcionaram o conhecimento de um photographo que fôra escolhido pelo Major Rondon para acompanhal-o na expedição começada em 1907; e não nos poderia occorrer encontral-o justamente ao terminar o nosso primeiro artigo.

Foi isso, entretanto, o que succedeu, vindo logo á nossa mente utilisar as suas informações em proveito d'aquelles a quem interessa o nosso progresso e melhor conhecimento dos nossos homens.

Vamos assim dar a palavra ao Sr. Luiz Le Duc (é este o seu nome) e d'elle saber o que foi feito em 1907 pela commissão Rondon:

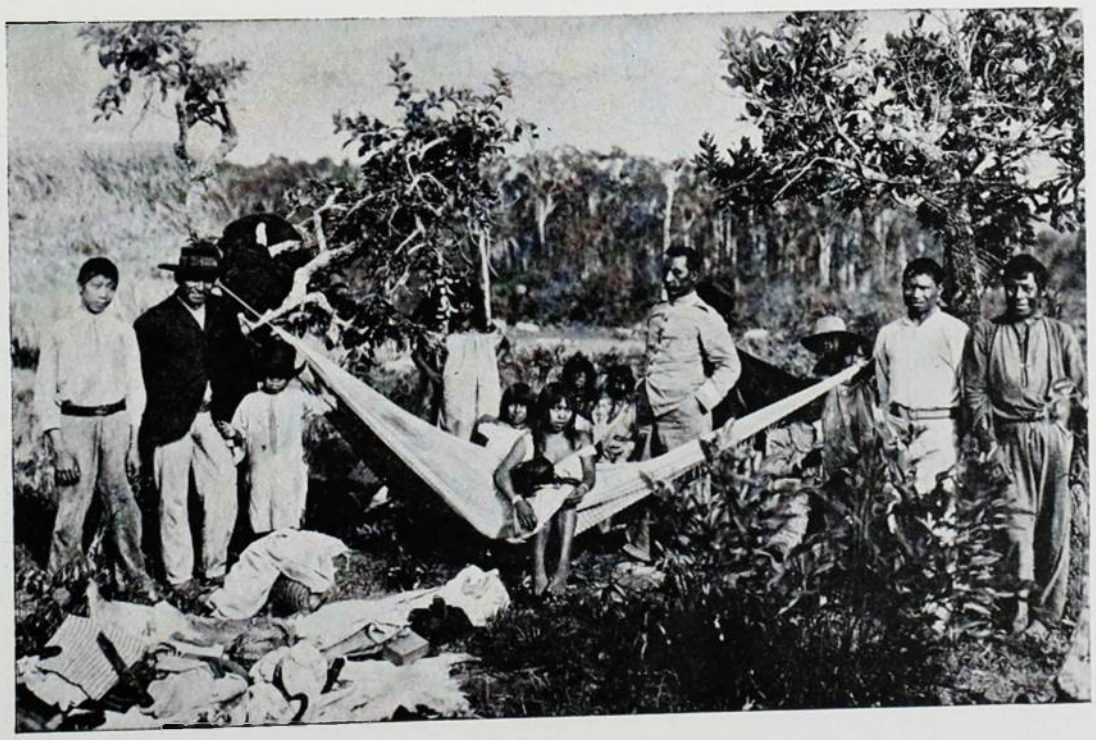
«No dia 23 de Julho de 1907 estavamos em S. Luiz de Caceres promptos para seguir viagem partindo á meia-noite dessa data o Major Rondon, o 2º tenente de engenheiros Salustiano Lyra, eu, 7 cargueiros, 4 camaradas e os nossos inseparaveis cães—matilha de cerca de 11 cães.



GRUPO DOS OFFICIAES NO ACAMPAMENTO CHAVES PROXIMO AO ROZARIO

A 20 de Agosto deixavamos Cuyabá, passavamos Guia e chegamos a Brotas, onde de novo encontramos o Major que se havia separado de nós para adiantar os preparativos da expedição.

A' 24 sahimos, passando Rozario a 26 e chegando a 28 á villa de Diamantino, ultima povoação e logar onde deviamos completar o pessoal da expedição e a tropa—o que a 2 de Setembro estava feito. Então dissemos adeus a essa ultima cidade de civilisados e nos embrenhamos pelo sertão do norte, para fazer a exploração de 100 leguas, metade das quaes deviam ser feitas sem estradas, fóra do contacto dos civilisados e só encontrando selvagens bravios que nos haviam dito existirem em grande



INDIOS PARECIS

numero. Seguiamos para o Norte. A expedição compunha-se de 20 pessoas, 19 cargueiros com instrumentos, roupas e viveres para 60 dias, e os já citados cães. A 3 estavamos em Arroz-sem-Sal — meio da serra dos Parecis, a 4 em Lagoinha, alto da Serra e á 5 em Kagados onde encontramos localisado um seringueiro. Esse homem nos prometteu guia — mandaria chamar um indio parecis n'uma aldeia proxima.

No outro dia, effectivamente, apparecia-nos um grupo de 6 desses indios — 3 homens, 1 mulher e 2 creanças. Aproximaram-se á custo porque são maltratados pelos seringueiros que os fazem trabalhar sem pagamento, ou lhes roubam a borracha penosamente extrahida. A seu ver todo o civilisado é seringueiro e todo seringueiro cuyabano; d'ahi o seu horror aos cuyabanos. Só depois de muita promessa chegaram á falla. Elles então, sabendo de quem se tratava, fizeram suas queixas ao Major que lhes prometteu protecção, distribuiu-lhes roupas, ferramenta e bugigangas de que se mostraram satisfeitissimos.

DISTRIBUIÇÃO DE BRINDES AS INDIAS PARECIS

MALOCA DE PARECIS

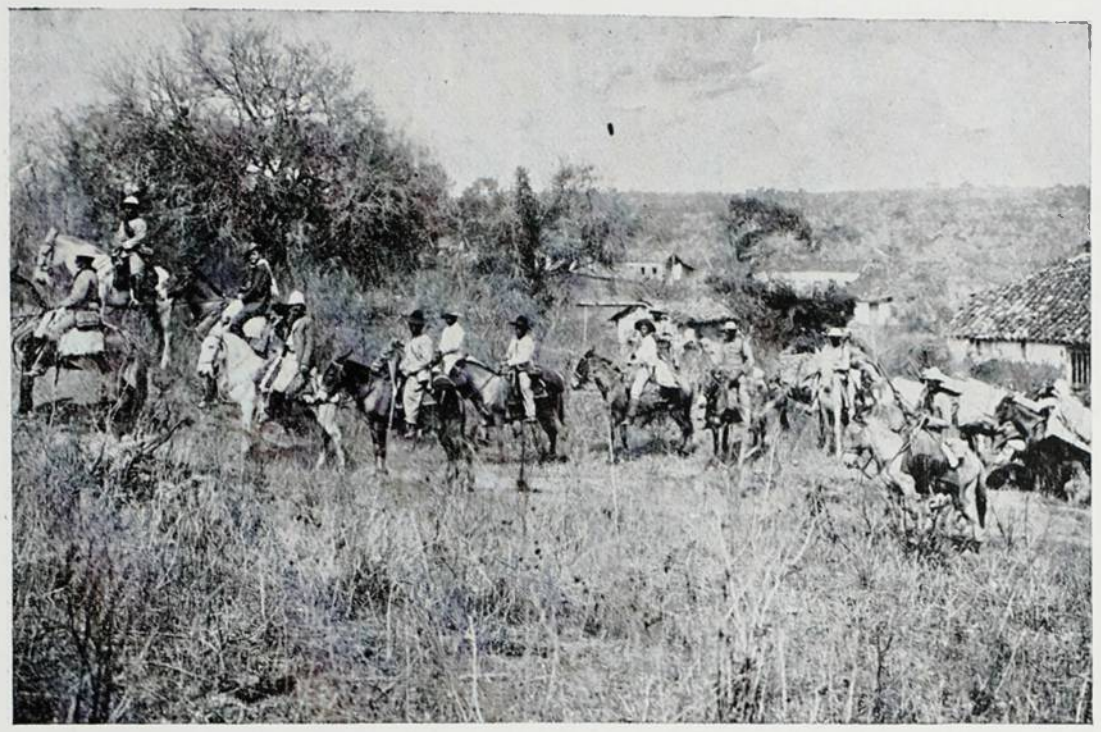
Caçadores eximios, sabem servir-se á maravilha, das nossas armas. O seu orgulho pelo manejo da espingarda se traduzia sempre na phrase que arranhavam em portuguez barbaro «Parecis sacudido memo, parecis não perde chumbo», o que provaram por diversas vezes.

A' 7 de Setembro commemoravamos do melhor mudo possivel a nossa Independencia. O Major fez o chefe dos Parecis içar a bandeira da Republica n'um grande forte á frente do Rancho e o nosso menú foi melhorado com appetitosas peças de caça que os indios nos arranjaram.

A chuva torrencial que cahio a 8, e a fuga dos animaes da tropa nos impediram de proseguir a marcha o que só effectuamos a 11. Verificamos o que nos haviam dito, que os animaes não queriam ficar n'esses desertos. Chegamos á cabeceira do rio dos Veados, onde nos visitou « Uzuariry » chefe parecis, chamado Fauchet pelos civilisados, por ter Uzuariry servido de creado em casa de um coronel d'este nome ali perto de Diamantino. Queria ver o *"Amuri"* (chefe) — o Major Rondon — Trazia um sequito de 15 companheiros. Aproveitei a permanencia d'esses indigenas no acampamento para organisar uma lista de palavras parecis.

A 13 o Major, o tenente Lyra e eu fomos ver uma ponte natural sobre o *Chacuruy-inará*, rio que ficava á 12 leguas do ponto em que

nos achavamos. Gastamos n'isso 2 dias, pernoitando n'um rancho de seringueiros á margem do rio dos Tres Jacús, para podermos attingir o Chacuruy. Este, no logar da ponte, mede de largura 15 metros sobre 5 de altura de margem, acima da tona d'agua. A ponte é formada por uma unica pedra de 4 metros de largo que pousa sobre os dous bordos do rio. Ha sob essa pedra, disfarçada pela vegetação, uma bellissima queda d'agua. A' volta encontramos novo magote de parecis que vinham trazer ao «Amuri» as suas queixas contra os seringueiros da região, que os transformam em escravos. No dia 17 fizemos alto n'uma aldeia indigena denominada do «Buracão». D'ahi passamos a outra sobre a margem esquerda do Chacuruy-inará (perto das cabeceiras). Esses pobres parecis, devido á pressão dos seringueiros e dos ferozes nhambicuaras, assim como pela aridez da região foram obrigados a separarem-se em grupos, com as aldeias isoladas. Assim, aos magotes pouco numerosos, é-lhes mais facil a locomoção e a procura do alimento. Calculamos aproximadamente em 500, o numero de pessoas constituintes de toda a tribu. As suas habitações reproduzidas na estampa junta, medem de 8 a 10 metros de comprido tendo uma pequena porta em ambas as extremidades; não tem divisões internas, morando ahi, em promiscuidade todos os habitantes da aldeia. Perto da habitação ha outra destinada exclusivamente á deusa de sua adoração — a cobra *Jararáca* — protectora dos homens (sómente). N'esse templo só entram homens. A's mulheres é prohibida a entrada sob a pena de morte. Vimos ahi alguns instrumentos de festas uma flauta de bambú, um canudo de tacuara em cuja ponta havia uma cabeça, especie de trombeta com que acompanham as melopéas religiosas, pulseiras de guisos feitas de casca da fructa do piquy. Tudo isso só é usado em epocha propria — tempo de festa. São polygamos, sob a condição de poderem sustentar as suas mulheres — Zuluixaré; o nosso guia tinha duas mulheres; naturalmente as saudades do seu lar fizeram com que elle nos abandonasse no dia 18, em «Agua-Limpa», não obstante com isso perder a perspectiva de possuir uma mula arreada — tal era o preço combinado pelos seus serviços.



PARTIDA DA SECÇÃO DE RECONHECIMENTO DO DIAMANTINO A 2 DE SETEMBRO DE 1907

MALOCA DE PARECIS

Sem guia caminhamos até a mais proxima taba — Aldeia-Queimada — assim chamada por

ter sido incendiada por um seringueiro. João Ferreira, um dos habitantes da Aldeia-Queimada nos prometteu um guia que só se reunio á nós já além do rio Verde, pela madrugada de 22. Era um homem velho, «o mais sabido de todos os parecis, conhecia todos os rios e cabeceiras e as informações de que por ventura poderiamos precisar». Continuamos avançando. A caça rareava cada vez mais; raros tambem os peixes; o campo, porém, nos offerecia o seu melhor fructo em abundancia — o *cajui;* o fructo é muito menor do que o nosso conhecido cajú, do Rio, porém, superior em gosto; a planta é verdadeiramente anã medindo apenas 1 palmo ou menos, de altura.

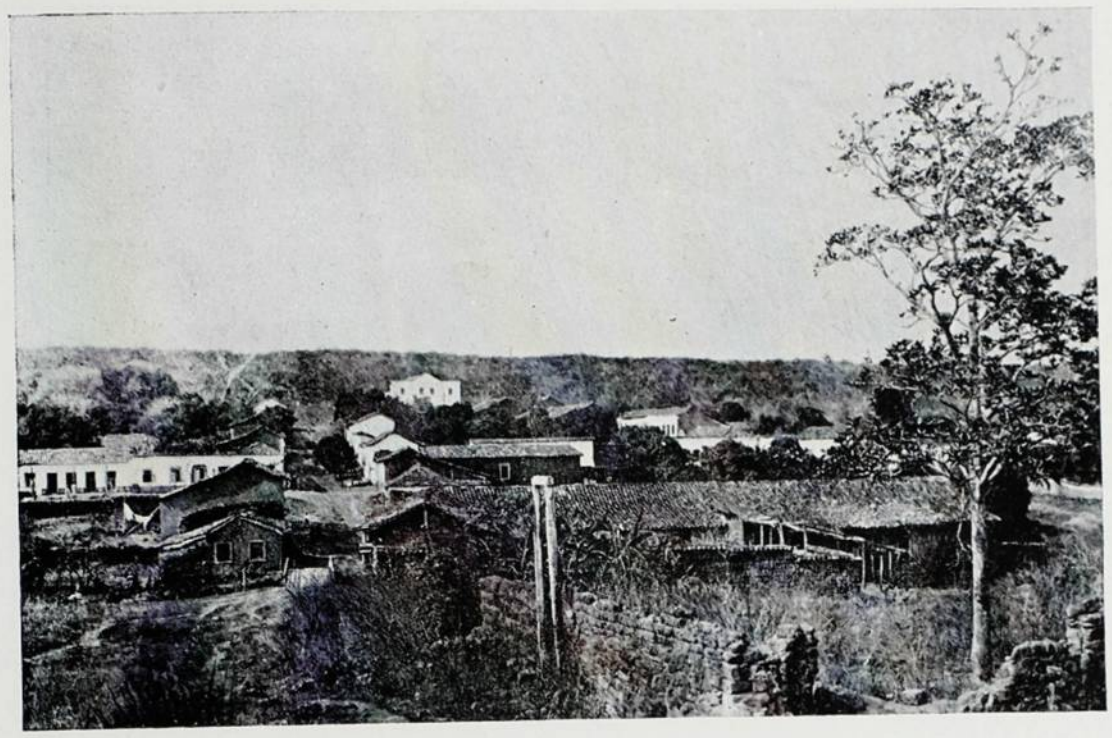
Desde Aldeia-Queimada que haviamos abandonado o *divortium aquarum* das bacias do Paraná (Prata) e do Amazonas. O Major queria ver o Juruema — «Anau-Iná» no idioma parecis. Elles o diziam um rio immenso — éra o «Amuri-Iná» — rio-chefe. Deviamos subir ás suas cabeceiras e voltar á Aldeia-Queimada, voltando á Diamantina. A' 26 pousamos no «Maria» uma das cabeceiras do Papagaio cuja margem esquerda attingiamos a 29. Ahi o nosso guia nos incitou á ver o grande alto do Papagaio. Não havia caminho até lá — mas elle calculava em 4 dias — apesar de qualquer contratempo, a viagem de ida e volta. A 1 de Outubro, deixando o acampamento com Pharmaceutico Canavarros, o Major, o tenente Lyra, e eu e o velho parecis, nos embrenhamos em direcção ao grando Salto. O primeiro dia passamos no chapadão — sem jantar — visto não haver agua e não querermos provocar a sede comendo. No outro dia começaram as difficuldades maiores pelo espessamento do matto. As 8 horas da manhã chegamos á um alto de onde se descortinava uma baixada immensa; ahi o velho bugre estendendo o braço para uma fumaça branca que se elevava verticalmente do verde escuro da matta bradou: Lá, o salto! 13 leguas nos separavam do ambicionado salto! E sem caminho, pelo matto denso! O bugre exultava; o seu velho, reforçado thorax arfava haurindo forte o ar; e a sua voz affeita a dominar o clangor do boré quebrava a monotonia daquelles ermos em exclamações de jubilo. Era de ver o orgulho daquelle brasileiro pela grandeza da sua terra!

Por meu lado, confesso, não tinha mais enthusiasmo algum em ver o Salto — desde a ves-

GRUPO DOS 8 QUE CHEGARAM ATÉ O RIO JURUEMA

SERRA DOS PARECIS — ACAMPAMENTO DA SECÇÃO DE RECONHECIMENTO NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1907 — UM INDIO IÇANDO A BANDEIRA

pera que não comiamos nem bebiamos... Mas, proseguimos. Ora a cavallo, ora a pé, de facão em punho fazendo o caminho para passarmos, guiados pelo velho parecis que, de vez em-quando subia ao tope d'alguma arvore para



VILLA DIAMANTINO

dar o rumo, chegamos a final á 1 1/2 da tarde ao rio. De que lado estava o salto? Não o sabiamos; o que importava primeiro éra o beber — tinhamos agua, podiamos finalmente comer a nossa reduzida passoca. Depois da refeição com sobremesa de fructas de Jatobá subimos o Papagaio para depois descermos visto termos encontrado um pequeno affluente que nos embargou o passo; depois de quinze minutos de marcha distinguimos o fragor das aguas do Salto; voltou-nos a coragem e em breve nos debruçavamos á beira do tremendo precipicio que os nossos olhos não se fartavam de admirar; estavamos pagos dos nossos esforços!

N'uma largura aproximada de 40, as aguas se precipitavam verticalmente d'uma altura de 80 metros continuando em baixo o seu curso, depois d'um canal de predra, com 10 metros de largura; não nos ouviamos tal o ruido das aguas; nuvens espessas se elevavam n'uma area de 200 metros em cumulos de um effeito admiravel. Fizemos algumas chapas photographicas que infelizmente nunca serão a copia fiel do que vimos.

* * *

Não sem difficuldades nos reunimos aos nossos; fuga de animaes, fome e sede não estiveram ausentes. No pouso alguns animaes haviam fugido e esperamos até 7 quando o Major resolveu seguir deixando homens encarregados de procural-os. Atravessamos o «Uarissa-Sué» onde encontramos bom rancho á que nos acolhemos; depois continuamos sempre á vante em busca do Juruema. A 10 atravessamos o Agua-Quente em cujos charcos a tropa muito luctou para passar; o rio é muito fundo e correntozo e passamol-o por meio de uma ponte improvisada com uma grande arvore abatida da margem; retardamos o passo por haver adoecido um camarada com febre. Então nos encontraram os homens que haviam ficado atraz em procura dos animaes perdidos. Por nosso turno começavamos a encontrar vestigios dos «Nhambicuaras». Ranchos de palhas de folha de burity, arvores abatidas com machado de pedra — signaes velhos desses indios que

RIO SACURUINA — PONTE DE PEDRA

não são moradores destes sitios mas caçadores ou viandantes que procuram fructos que ahi existem em quantidade — taes como a mangaba, a jaboticaba, abacabas, etc.

Em marcha lenta ganhamos o *Saneina* onde pousamos e descendo este por de cerca meia legua deparamos roças de Nhambicuaras já abandonadas. Restos de ranchos, cestos, cuias, etc., porém tudo velho. Havia ahi tambem uma estrada de seu uso, uma ponte que o Major mandou reforçar para a passagem do rio

PONTILHÃO NO RIO AGUA VERDE

A' 18 seguiamos com rumo de 10 gráos á procura do Juruema. Augmentavam os casos de paludismo, felizmente brando; os homens começavam a enfraquecer já pela falta de alimentação que não podia ser a necessaria pela reducção das rações, já pela extensão das marchas. Todos os dias manifestava o Major esperança de encontrar o Juruema; de quando em vez trepava elle numa arvore para sondar o horisonte; afinal mudou de rumo de 10 para o de 80 gráos — com aquelle rumo encontrariamos o rio muito para o Norte — talvez caminhassemos parallelamente a elle que tambem corria para o Norte. Com o novo rumo na manhã de 20 o Major depois de ter subido á uma arvore assegurou que um grande valle da direcção Norte éra o valle de Juruema. Reappareceu a animação perdida. Ao meio dia, um caminho velho foi por nos descoberto, seguimol-o; e meia hora depois chegavamos ás margens do Juruema!

Não se descreve a nossa alegria; vivas, salvas, gritos e porfim prolongado baptismo nas sonhadas aguas do Juruema!

POUSO NA MARGEM ESQUERDA DO RIO SANEINA

* * *

A nova não foi acceita sem grande contentamento pelos do acampamento; o enthusiasmo foi geral. Só o nosso velho guia ficou sentido — de não ter ido comnosco, por estar o seu filho doente. Deviamos comtudo, ganhar o Juruema no dia seguinte. Havia o Major dado ordens para que o pharmaceutico e os doentes seguissem na frente aproveitando o crepusculo matutino; em seguida devia seguir a tropa vindo o Major com pequeno grupo, depois, procurar a aldeia dos «Nhambicuaras».

Na volta do Juruema, para o acampamento haviamos encontrado n'uma estrada nova pegadas de uma familia inteira e com ellas a de um cão grande — o que logo pensamos ser o

nosso cão mestre que havia desapparecido, provavelmente seguro pelos Nhambicuaras. O Major queria procural-os, presenteal-os e travar conhecimento com elles, inteiramente confiante na indole pacifica dos indios, posto que essa tribu ainda fosse desconhecida de todo o mundo.

Soou a hora da partida. Succedeu, porem, por felicidade nossa, que os doentes não se apromptaram á tempo. E o Major modificou o seu plano, seguindo nós á frente. Eramos: elle, o tenente Lyra, eu e um camarada, Domingos.

Este e o Major rompiam a marcha, eu cerrava a fila. Despreoccupados, cabisbaixos pelo cansaço e pelas privações, pensando talvez nas bellas confeitarias do Rio — o nosso constante sonho, seguimos uns trezentes metros quando uma formidavel gritaria nos fez despertar. Uma legião de demonios nús nos alvejava com uma nuvem de flechas.

O Major, tendo o animal atravessado tirara a espingarda de caça do hombro em movimento de defeza; ao pé de mim uma especie de gigante nú, com immensa cabelleira, cara larga e hombros herculeos, distendia o arco ameaçadoramente. Tudo isso durou o tempo de um relampago!

A reacção nos apagou a fraqueza e o cansaço, e galhardamente fizemos reviver os tempos prehistoricos de toda a velha cavallaria andante, pondo em fuga, nós quatro, toda aquella multidão de phantasmas vermelhos...

Um uivo de dor, ao longe, na selva, nos revelou uma victima... o nosso bom cão perdigueiro, que na furia da perseguição aos fugitivos se expoz demasiado para ser varado por uma flexa.

* * *

Quando nos encontramos no ponto do ataque, já os outros companheiros haviam chegado. Rodeavam o major. E elle lhes mostrava cravada na bandoleira da espingarda, a ponta farpada d'uma flecha Nhambicuara. Se não fôra o aço dos canos elle estaria fatalmente morto.

E talvez, quem sabe, aniquilada toda a expedição!

* * *

Cumpre-nos agora agradecer ao Sr. Le Duc a gentileza e promptidão com que accudio ao nosso pedido, com a sua narrativa da viagem á terra dos terriveis Nhambicuaras.

Rio — Maio de 1908.

JUREMA.

O ULTIMO FAUNO

Notas de leitura

HA mais de um anno recebi no escriptorio da *Kósmos* um pequeno volume postal, que alí aguardava longamente a minha incerta, arisca presença

Abri-o. Era um livro de João Grave, lindamente impresso com esse incomparavel cuidado de arte que os Srs. Lello & Irmão sóem pôr nas edições da secular e conceituada *Livraria Chardron*, do Porto. Tinha por titulo: *O Ultimo Fauno*.

João Grave que, ao principio, quando se revelou á minha curiosidade de leitor—gastronomo, me pareceu nome de disfarce, pseudonymo arremedado de francezismos litteraturantes, assim á guisa doutro *Jéan Grave* do jornalismo parisiense, já me não era estranho. Eu o conhecia atravez de dois romances: *Os Famintos*, que meu amigo Costa Macedo — esse firme e original entalhador dos baixos relevos beirões em paginas de historiêtas—me dêra a lêr, e a *Eterna Mentira* que, apóz essa leitura, ávidamente mandei buscar á Portugal.

Desses dois livros ficára-me grande admiração pelo romancista, cujas paginas me commoveram, por vezes, até a lagrima, tal a sinceridade da narrativa e perfeita urdidura do seu enrêdo; mas, com franqueza, dir-vos-ei amigos meus: não contava ter em mãos a valiosa obra de arte que me chegava d'alem-mar com uma dedicatoria simples e chocantemente fraternal.

Li-o arrebatado pelo assumpto, li-o duma assentada, fascinado pela belleza clara dos seus magnificos periodos. Reli-o duas vezes, e sempre com essa recondita calentura, que é meia volupia e, accrescentarei, (que custa a sinceridade a quem não tem direito a parecer vaidoso?) que é tambem meia inveja, naturalissima nos que lidam, por pendor, na mesma profissão.

O artista que fizera resaltar, tão vivamente, a figura da infeliz Luiza do meio desgraçado das *ilhas* operarias; que nos déra, em admiravel painelamento, o singelo idyllio do ingenuo e bom Antonio com a filha do desventurado Manoel, idyllio que aflóra na miseria como um foliculo esmeraldino perlado de orvalho do negro, incrustado, resequido monturo dos recantos em abandono; e nos levou aos abalos, em ancias emotivas, pelo desdobrar cinematographico de violentos claros-escuros d'agua forte rembrandtnesca do drama dessa vida, em que passa como uma cadella faminta, gafada e esgrouviada, a *Maria Homem* batida, apupada, injuriada pela garotagem cruel, e donde surge inesperadamente, a piedade commovedora do bom, do perfeito Antonio na mais humana das expansões passionaes, com o perdão para o contumelioso passado da sua desditosa bemquerida; o artista que a frio, como a desenhar scenarios á sépia e branco, nos descreve esse commum episodio de vida burgueza da *Eterna Mentira*, sem um tremor de pulso, sem desfallecer um minimo traço de conjuncto tramado, e nos sacóde os filamentos nervosos, nos tóca nas cellulas emocionaes pela integra verdade da fórma, do modo de ser, da desentranhada psychologia de Pedro Antunes, da tresloucada Clara, do casto casal Luiz e Candida, da sensual D. Emma, do cynico Carlos, da ardente Isabelinha Graça, «resplandecendo na sua elegancia svelta de Diana»; é aqui, neste livro, n'*O Ultimo Fauno*, que demonstra toda a maestria da sua maneira de estylisar, de expressar e dar côr e densidade aos seres e ás cousas, com a segurança, a largueza, a arditez de um eximio colorista que possuisse a penetração de um finissimo psychologo.

Não se trata de um livro de enrêdo. O *Ultimo Fauno* é, antes de tudo, um livro de arte para quem a sabe sentir e amar. A sua historia começa por uma ampla visão das éras decaídas, «na primeira manhã radiosa em que a Grecia escutou as doutrinas christãs na voz eloquente e sonora de S. Paulo»,—tal está escripto no introito do capitulo primeiro, tão clara e fulgurante como se fôra em letras d'ouro polído no friso de marmore branco de um branco parthenon. E vem atravez da gloria da Hellade, rompendo solidões de bosques em que as aguas cantam églogas em torno ás thermas de capricornios bustos, cheirosos ainda da nudez de oreadas; atravez da grandeza sensualista da Mythologia, com seus deuses magestosos e suas soberbas deuzas em cujas carnes, harmonicamente perfeitas, palpitava o Amor em torneiados de seios, em redondezas de flancos, em roseos alvacentos de membros mais frescos de tons que os vergeis de Flóra, e mais quentes ao contacto que o fogo das pyras, até o tempo penitente do Christianismo, quando «o verbo omnipotente desse moreno Jesus, que então fazia milagres e evangelisava pelas terras tristes da Galiléa, seguido das multidões escravisadas e miseraveis» vinha modificar a marcha cabriolante da douda humanidade em serena aspiral sonhadora e caminheira para as alturas dos vastos céos tranquillos, de onde o grande Deus reinava.

E, então, a recordar esse maravilhoso passado, um personagem sem nome, que é quem nos narra o assumpto, personagem contemporaneo nosso, homem como nós outros o somos, meio bachareis quando não temos *pergaminho;*

catholico, apostolico, romano por educação e péga tradicional, epicurista á maneira vulgar, ou mais em carregado traço — conformista, mas lido em Santo Agostinho, em Luthero, nos livros de Renan, encontra um Fauno de pedra, «um forte e lindo Fauno adolescente, que certamente pertencera ao prestito victorioso de Dyonisos», exilado no fundo umbroso dum parque, circumdado de folhagens bastas e de verduras crespas, de desmoronado castello senhorial.

«Ha quantos annos immemoriaes jazia alí, olvidado, o marmore sobrenatural? — pergunta a si proprio o homem meditativo, que vae nos conduzir pelo mysterio destas paginas já abertas em nossas mãos e já attrahindo o nosso espirito. E é elle quem nol-o descreve.

«Parecia morto, indifferente e feliz no seu olvido, e apenas em sua fronte se reflectia um clarão de saudade.

«O crepusculo extinguia-se serenamente, vinham dos campos, que á roda se espraiavam, as cantigas bucolicas das ceifeiras e o balar triste do gado: e já sob as tintas fluidas de sanguinea e perola do ceu, se esbatia a brancura da lua ascendente; e eu contemplava o Fauno, sempre curvado sobre o tanque, que relembrava ao meu espirito os tempos victoriosos em que o homem foi triumphador, astuto, poeta, amoroso, emprehendedor e subtil.

«De repente, por um mysterio inexplicavel, arvores, folhagens e flôres começaram a fallar, na pacificação da noite ditosa, sob o fulgor das constellações: o Fauno accordou da sua meditação, olhou-me, bocejou como quem desperta d'um somno de seculos, e contou-me a sua historia luminosa e triste.»

Essa historia, porem, não é o tardo, ronceiro, somnolento relembrar dum fastigio perdido. E', antes um dulçoroso rememoriar dos doirados tempos alacres do paganismo, destendidos em rapidos mas impressionantes scenarios de luz, de colorações vivas e scintillar de pedrarias, de aromas, de risos e todo o deslumbramento da éra classica da Belleza Humana. São paginas e paginas que se accumulam, e que se succedem, retendo-nos a attentiva, electrisando-nos o trabalho mnémonico em actividade de relances retrospectivos, vibrando-nos, obrigando-nos a viver duplamente pela sensação da belleza descripta e pela associação das idéas recebidas com as idéas conservadas, que nos deixaram as proveitosas leituras das civilisações extinctas.

E o marmoreo Fauno, umbratico deus do velho tempo das Venus e das Junos, entra, chasqueador e petulante, a commentar os séculos. A ironia chispa como farfalhas. Dir-se-ia vêr, de quando em quando, deflagrações dessa exotica pyrotéchnica japoneza que não rebôa, mas estala surdamente faiscando myriades de estrellas cambiantes que se transmudam, ao amortecer, em hyalinas casquilhas, cujos fragmentos se fundem, de manso, na negridão da noite.

A mão do artista põe a graça dos sorrisos e a sublinha das intenções na proporção graphica dos periodos. Vamo-nos, fascinadados, levados pelo encanto das phrases em que a musica das palavras arredonda trechos de um exquisito, estranho rythmo de avenas e de lyras, rompido, de onde em onde, por estridulos apupantes de syringes.

E como se enflorece a satyra neste magnifico livro!... Ella nos surprehende pela gracilidade da sua fórma, pelo tom alegre do seu modo, pela finura e miudeza de seus espinhos. Não é má nem perversa. Chega, ás vezes, a ser subtil. Não sabemos em que escriptor moderno dessa fórte e formosa litteratura do Portugal de hoje, ella ressumbre da penna de tal modo delicada, risonha e apenas excitante como em João Grave. Lembra, vagamente, em comparação forçada e com vantagens para seu merito, os chistes de Pherecrato na scena atheniense.

As discussões que o Fauno trava, por longas noites, com o seu timido e convencional contradictor, são deliciosamente rideiras sob um leve caustico que não empola. E para exemplo, entre quantiosos que eu podia dar, abro, ao acaso, uma pagina marcada. Amigos, leiamol-a:

..... «Na debil e macia meia-tinta do lusco-fusco, voltava dos campos, em ranchos contentes, a gente do trabalho; e eu, fruindo pacatamente o meu modesto rendimento de proprietario, fallava com o Fauno e admirava a harmonia corporea das aldeans.

«— Bellas estatuas, hein? — exclamei com orgulho. Estas sim! São as mães dos homens simples e das almas ingenuas e crentes!

«A rigida figura de pedra seguiu o meu olhar com indolencia, em quanto um piano, ao longe, tocava uma romanza sentimental e alguem liricamente cantava a melancolia d'um devaneio campestre de pastores, sob as faias, á beira d'um lago azul.

«— Estatuas! — murmurou o Fauno. Disse bem! A mulher foi na Grecia a origem inspiradora da estatuaria. Era ao calôr do seu perfeito corpo, que o gelo dos marmores se descongelava e a fria pedra se transformava em carnes setinosas e quentes. O seio de Phryné, meu amigo, inflammou de genio Praxiteles que vislumbrou a linha pura e sobria da belleza hellenica. Mas a perfeição plastica do classismo corrompeu-se tambem nas mulheres, archanjos femininos d'olhos tristes e enygmaticos. D'aqui deste canto isolado, entre as heras, os troncos e os musgos, tenho-as visto passar, pezadas e rotundas, sem ligeireza nem graça

alada no andar. Em certos domingos de tarde enchem estas solidões de risos, vêm para aqui gosar a sombra, e eu posso observal-as minuciosamente, com um interesse pela realidade que a Grecia idealista não desconheceu. E, cavalheiro, que tremendas barrigas as d'algumas d'essas creaturas que, segundo os Evangelhos e segundo o Genesis, o Creador dos mundos fabricou com uma costella d'Adão, Pae dos homens, n'uma das primitivas manhãs do universo. Oh! certamente que eu venero esse abdomen feminino d'onde brotam, nos turbilhões da fecundidade, os sêres novos, os que vencem pelo vigor e pelo genio e os que vencem pela fragilidade e pela belleza. Mas na Hellade da minha saudade não havia d'estas monstruosidades corporaes. Bem sei! Os senhores queixam-se das aguas, dos alimentos falsificados, de tumores malignos, de kystos. A humanidade apodrece em vida!...»

Creio que basta este exemplo para se comprehender até que ponto de leveza e graça attinge a satyra do artista admiravel. Todo o livro está neste lavor. O Fauno discute com o protogonista a civilisação hodierna, o catholicismo, a theodicéa, a poesia, a musica, a esculptura, o diabo, os ritos, a transmigração das almas, o amor, as religiões, a sociedade, comparando-os com a civilisação grega dos grandiosos tempos de Péricles, Praxiteles, Dyonisos...

O pobre homem percebia-se achatado deante dessa tremenda erudição argumentadora e sempre triumfante. Dia veiu em que o inverno o retirou dessas amenas solidões do desmoronado castello senhorial. Quando, passados lentos mezes, voltou ao bosque onde jazia o Fauno, cançado e enfastiado das pretenções rèles da cidade, pensou logo no seu velho amigo de pedra, que tanto o fizera amar e gosar o êrmo daquelles sitios. Mas... ai! o marmoreo Fauno não lhe falou mais. Nem rógos, nem mandos, nem bengaladas e injurias o abalaram. A pedra era impassivel. Então, de repente, houve uma immensa claridade nesse cerebro que conhecia Santo Agostinho, Luthero e Renan, que lia os sociologos, os reformadores e scientistas. Fôra a sua propria emoção que déra vida e pensamento á pedra; fôra o seu proprio espirito que se lhe communicára, levando a frieza bruta dessa figura banal e de arte ingenua os recônditos da sua consciencia que as convenções e o medo não tentavam revelar! Esse Fauno afinal, não fôra mais que um estado de sua alma, liberta das mentiras da sociedade e no isolamento purificador dos campos.

Até ahi o assumpto. A mais do que isso vae a arte perfeita do escriptor inspirado. Porque, no fundo dessas paginas, de um jacto escriptas em Leça, do começo de agosto aos primeiros dias de setembro de 1905, entrou sem ambages ou á esconsa toda a sua alma; nellas está a sua individualidade artistica. E o livro se nos communica atravez dessa alma de artista agitada pela recordação da Hellade, regressada á belleza perdida do clarão fecundante da civilisação occidental quando, sob o albor da mocidade, os homens tiveram o nobre orgulho da sua força, do garbo das suas formas, e quando do seu cerebro moço sahiram as creações inexcediveis do jamais reproduzivel fasto do grandioso Olympo.

Lendo-o, comprehende-se que é a sua saudade que fala, a «Hellade da minha saudade», diz-nos elle, pelo Fauno, numa carinhosa phrase de meiga tristeza. Sim, a Hellade da sua saudade, veiu lhe encher recordativamente as meditações em Leça, e dessa «dôr que tem prazeres», em que melhor se trabalha porque, com o allivial-a, mais se lhe tóca o intimo e se lhe revolve o acerbo espinho do delicioso pungir, no dizer de Garrett, resultaram estas paginas de erudita recomposição, de quente descriptiva, de gracil ironia e alegre satyra, que é *O Ultimo Fauno*, um livro encantador para quem não busca na litteratura senão complicações de teciduras ou desenhos hilares de typos.

E' este o ultimo romance de João Grave, até o actual momento, publicado.

Li-o com amor, li-o com toda a minha alma embebecida em admiração porque nessa obra excellente, de um alto e culto espirito, ha o calôr de um temperamento de artista que se sobreleva do communidade dos contemporaneos; e, sem pretenções á critica litteraria, assim falo e assim declaro no sincero intento de inculcar esse soberbo livro a quem se digne reparar nestas linhas para que tenha, como eu tive, a satisfação de um grande, dum profundo, dum raro goso espiritual.

Agosto de 1908.

GONZAGA DUQUE.

O NOVO MATERIAL DA NOSSA MARINHA MILITAR

O destroyer "Pará"

NO dia 16 de Julho, a uma hora da tarde foi lançado ao mar dos estaleiros Yarrow, em Scotstown West, no Clyde, o primeiro dos destroyers brazileiros encommendados para a nossa marinha de guerra pelo actual governo.

A cerimonia do lançamento que nada teve de extraordinaria foi presidida pelo chefe da Commissão Naval Brazileira na Europa, o Ex. Sr. Contra-Almirante Duarte Huet de Bacellar, acompanhado de seus directores technicos e diversos dos nossos officiaes de marinha. O «Pará» é um elegante navio, de finas linhas. Desloca em seu carregamento normal 650 toneladas e tem as seguintes dimensões: — comprimento, 73 metros, bocca, 7 metros e meio.

Sua velocidade horaria será de 27 nós, fornecida por 2 machinas alternativas de triplice expansão com 4 cylindros, provindo o vapor de 2 caldeiras duplas typo Yarrow.

Seu armamento de artilharia consiste em 2 canhões de 4 pollegadas (100 m/m), Armstrong, de 5 calibres atirando um projectil de 14 kilos com uma carga de 5 kilos, polvora cordite M. D., montados em rodizios á vante e á ré, com grande arco de fogo, podendo ter uma rapidez de 12 tiros por minuto, — e, 4 canhões de 47 m/m, semi-automaticos Hotckiss, ultimo modelo, dous por bordo, com uma rapidez de 25 tiros por minuto.

O armamento torpedico compõe-se de dous tubos Armstrong, de 18 pollegadas de diametro, collocados á meia-náo.

Os torpedos são do ultimo modelo Whitehead, regulamentar na marinha, com o novo apparelho de aquecimento de ar e o Obry.

O casco é de aço, alta tensão, extremamente resistente para esse genero de navios, e dividido em compartimentos estanques que não se communicam, offerecendo desta forma maior fluctuabilidade ao navio em caso de avaria. As linhas do navio, com elevado castello de proa, garantem-lhe boas qualidades marinheiras, e a manutenção de sua velocidade, em condições de mar grosso.

O navio tem um poderoso holophote. Os paióes de munições de 4 pollegadas são ventilados pelos thermos tanques, que ainda asseguram ao navio uma perfeita ventilação, e permittem manter nos paióes a temperatura conveniente.

O navio tem um mastro de signaes e duas chaminés.

As accomodações do commandante e officiaes são á ré. Os inferiores e machinistas tem os alojamentos embaixo do castello, onde tambem fica a enfermaria e a primeira coberta de marinheiros. Ainda a guarnição tem mais duas cobertas, uma á meia náo, para os foguistas e outra á vante para marinheiros.

Para o combate singular o commando tem o abrigo de uma torre.

No passadiço existe um camarim para a navegação e uma installação para signaes electricos, systema Couz. A telegraphia sem fio, systema Marconi, está installada tambem no passadiço em um compartimento especial.

Esta rapida descripção permitte conhecer-se o valor do «Pará» como arma de guerra e como typo de navio.

Elle é um aperfeiçoamento do typo inglez «River», com melhor armamento, maior raio de acção, casco mais resistente e maior velocidade, tendo por isso um accrescimo na tonelagem.

E' um verdadeiro destroyer de oceano, destinado a acompanhar a esquadra de combate em seus planos offensivos.

Seus principaes caracteristicos denunciam tanto a sua explendida concepção tactica como a sua verdadeira utilisação estrategica. Aquella definida pelo armamento de artilharia que é o mais poderoso dos existentes em navios desta classe e esta pela resistencia do casco, que lhe dão a supremacia nos combates singulares tão communs entre esses navios. Para o ataque aos grandes navios e elevação dos tubos de torpedos, é uma vantagem.

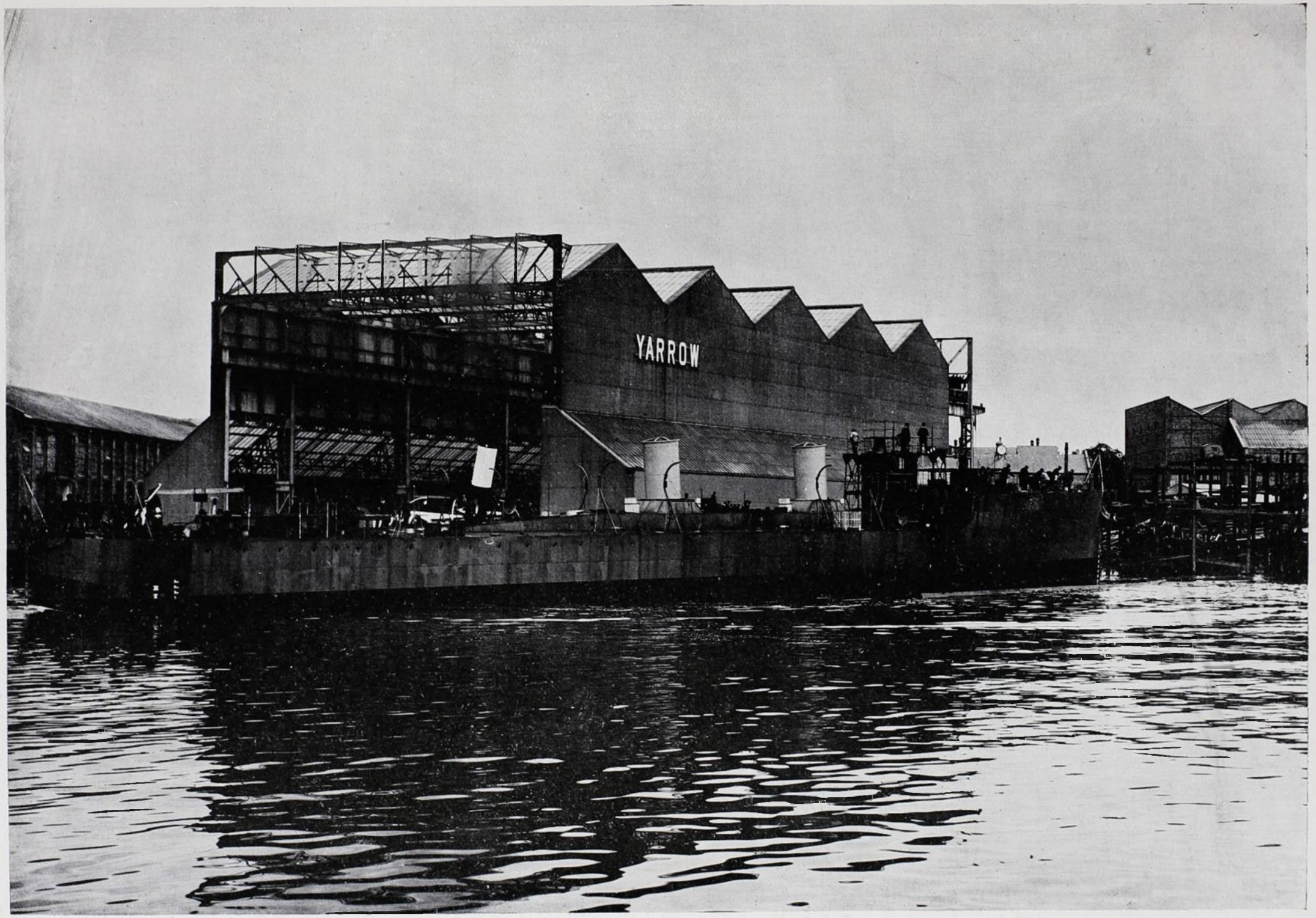
A utilisação estrategica é mostrada pelo seu grande raio de acção, facilitando independencia de movimentos.

Como o «Pará», acham-se em construcção ainda nove, dos quaes o «Piauhy» em adiantado estado, devendo ir ao Clyde ainda este mez, não sendo de admirar que fique prompto em condições de seguir com o «Pará».

O segundo grupo composto do «Amazonas» e «Matto Grosso» seguirá o primeiro com um intervallo de 4 mezes. Os restantes já teem iniciada a construcção, sendo que o 3º grupo prosegue com actividade.

O «Pará» é commandado pelo capitão de corveta Filinto Perry, que tem para immediato o capitão-tenente A. Durão Coelho e para officiaes os capitães-tenentes Hyppolito Areas e Raul Tavares e 2º tenente Pereira das Neves. O chefe de machinas é o engenheiro machinista 1º tenente Henrique Felix dos Santos, com tres segundos tenentes e tres sub-machinistas.

A guarnição do navio será de 110 praças de marinha e machinas, em tempo de paz, e de 130 em tempo de guerra.



O NOVO MATERIAL DA NOSSA MARINHA MILITAR — O DESTROYER «PARÁ»

BUENOS AIRES

O DIA DOS SACRIFICADOS — TODO O BOSQUE UMBROSO, TODA A FLORESTA, TODO O DESERTO

V

UM jardim zoologico, sim, é o perfeito resumo do universo, do mundo selvagem onde viveu Adão, da natureza cheia de bellezas virgens que só floresceram, só fructificaram quando Eva recebeu da serpente a inspiração inicial do amor. Andar sob as arvores de um jardim zoologico, sentir o fremito das azas no espaço, ouvir o rugido assustador das féras sem ainda lhes distinguir as moradas, vêr um veado que foge, uma cobra que se arrasta, uma girafa que estira o pescoço, um moroso elephante que sacode a tromba, é fugir aos complicados dias de hoje, embrenhar-se por alguns instantes na primitiva singeleza das coisas. O homem caminha n'um intrincado paradoxo: depois de ter aprendido com os outros animaes tudo quanto os outros animaes puderam e souberam ensinar, — a coragem com o leão, a teima com o burro, com o macaco a imitação, com o elephante, a paciencia, a manha com a raposa, a docilidade com o carneiro, a oratoria com o papagaio, a construcção com o castor, com o cão a fidelidade (?), com o bode a audacia para subir, com a hyena a ferocidade e a discussão com o gato, quiz por seu turno repagar na mesma moeda as lições recebidas, adeantando assim um principio diplomatico que Bismarck poz em moda: « *Do ut des.* » Foi uma balburdia: todos os bichos começaram a aprender as lições que haviam ensinado, e como essas eram já muito usadas e em segunda mão, o homem teve de se servir do chicote, como o professor já se servira da palmatoria. Aos quadrupedes elle ensinou a fazer como bipedes, e aos bipedes como quadrupedes, coisa de que são exemplo os animaes sabios e amestrados, e as orelhas de burro, em papelão, tão de rigor em certos collegios e em certas escolas, — ainda ha bem pouco tempo. Mas o chicote operou prodigios: todos os palhaços da vida tiveram desde então a côdea e tecto garantidos com o esforço de quatro patas alheias. A natureza perdeu o encanto desde que os ursos começaram a tocar pandeiro, os leões a furar vistosos arcos de papel, os cães a dar saltos mortaes e os elephantes a abrir com a tromba as garrafas de vinho. *Enfoncés*, os macacos! Por isso temos tanto prazer quando nos embrenhamos por alguns instantes na primitiva singeleza das coisas. Mas ai! a illusão dura pouco, — que as féras não estão em florestas virgens, as serpentes não passam entre barrancos, os veados não correm atravez do bosque abatido, os condores não vôam para as grimpas dos Andes. Já começam a apparecer as gaiolas e as jaulas, ricas ou modestas, conforme as posses da municipalidade.

O Jardim Zoologico de Buenos Aires, luxuosissimo, *ça va sans dire*, é uma derivação de Palermo, e está situado nas antigas propriedades de Rosas, — sem proposito ironico. Para a meninada e para o publico os attractivos são innumeros, — bandas de musica, photographos ambulantes, bondes Decauville, trem liliputiano, dromedarios e poneys ensilhados, botes no lago, Guignol, bar e confeitaria. A alimentação das féras, os seus rugidos, a voracidade com que os tigres se atiram contra as gordas postas de carne são sempre um chamariz; e ante as gaiolas dos macacos a pasmaceira ainda é maior. Quando tudo isso não fosse, sempre seria agradavel o passeio porque em si o jardim é bellissimo, as arvores espalham ao longe a sombra copada das frondes altas, espelham regatos e aguas immoveis de lagos, reclina-se uma ponte bucólica, e entre os massiços de verdura surge a branca plumagem das cegonhas, immoveis sobre as finas gambias de coral.

* * *

A mais dolorosa impressão que o mundo reserva aos homens é certamente a do carcere, porque o cercere é a morte progressiva em plena consciencia e tem sobre a propria morte o peso doloroso da vergonha.

De um cemiterio vos afastaes melancholicamente, mas força é confessar que por vezes, em manhan de sol e céo azul, com os tumulos brancos alvejando á luz, os passaros cantando nas arvores em flor, os campos-santos têm uma alegria incontida onde se sente o trabalho obscuro da univeral transformação. Fitando um carcere, porém, parece-nos que um peso brutal abate sobre os nossos hombros, que o lagedo frio, que as paredes frias são o fim do fim, que toda esperança é van, pois a propria liberdade é uma fórma disfarçada do captiveiro. A morte é sempre vista como o termo das miserias, o carcere é a congregação de todas as desgraças.

— A grande perversidade do homem nos jardins zoologicos é plantar florestas deante das jaulas e das gaiolas.

* * *

Cada animal está sumptuosamente installado no seu palacio; assim os dos leões e dos

tigres é um bello pavilhão renascença, amplo e commodo, onde só faltam reposteiros e tapeçarias. *Mogo*, *Menelik* e *Bruto* são os tres principaes representantes da raça dos senhores do deserto. Imponentes, solemnes, magestosos, miram o publico com esse sabido olhar de despreso, já corriqueiro desde a aventura de Don Quixote.

Depois são os tigres réaes de Bengala e de Sião, com o corpo listado e macio como velludo, e os jaguares das nossas selvas e do Chaco do Paraguay e da Argentina. Vão e veem na jaula, de um lado para outro, rugindo baixo, ameaçando apenas, o pello batido de luz, os olhos ameaçadores e sombrios, os movimentos curvos de voluptuosa faceirice; vêl-os é ter logo deante dos olhos o lindo conto de Balzac. Junto á uma lagoa habitada por gansos, patos e cegonhas, ergue-se o immenso edificio em puro estylo indiano, copia exacta de um velho templo, e que é o palacio dos dois velhos elephantes e da filha Phua Victoria Portenha, nascida em Buenos Aires. Tristes, pesados, carrancudos, agitando as curtas orelhas, movendo as longas trombas, lá se arrastam elles, os pobres pachidermes, como galés da vida. Bôa razão tem o celebre calembour francez:

— Qual é o animal mais infeliz do mundo?

— ?!...

— O elephante.

— Porque?

— «Parce qu'il naît trompé avec défenses d'ivoire (défense d'y voir.)»

Mas na sua pacatez ha revoltas; ha pouco menos de um anno houve um drama no Jardim: o velho *Sayan* teve um accesso de cólera. A sua alma de bruto revoltou-se contra o captiveiro, a raiva ferveu-lhe o sangue, a memoria lhe disse que era animal sagrado, e a rebellião irrompeu tumultuosa, em uivos, em patadas, que em torno passaram como as furias de uma tempestade. Os resignados olhos nesse dia despediram faiscas, agitou-se-lhe o corpo como uma cidade sobre um terremoto, derrubou paredes, partiu grilhetas, e, ameaçador e sombrio, desafiou,—e ninguem acceitou o desafio.—Nobre *Sayan*, outra vez captivo e agora algemado. tu fazes lembrar aquelle elephante de *Salammbô*, que toda uma noite gemeu com uma flexa encravada no ôlho...

N'uma gaiola muito alta (alta para papagaios) empoleiram-se as aguias impassiveis; em outra os condores dos Andes ensaiam curtos vôos, procurando os Andes e as neves eternas. De todas as ironias do Jardim Zoologico é esta de certo a mais audaciosa.

Sinistra, o curvo bico aberto, abertas as grandes azas, uma harpja amedronta e impressiona; é o unico exemplar conservado em jardins, e foi apanhada na fronteira do Brasil com a Bolivia. E' a horrivel feiticeira da Mythologia, é a cara das tres filhas de Thaumas e de Electra, dos tres monstros,—Celœno (a *Obscuridade)*, Aello (a *Tempestade*), Ocythoe ou Ocypete (a *Rapida*), os tres demonios que Virgilio descreve a Dante:

«Ale ánno late, e cólli e visi umani,
Piè con artigli, e pennuto il grán véntre...»

O resto é tudo mais: são os javalis, os veados, os ursos, as girafas, os zebús, as llamas, as alpacas, os dromedarios, as cabras, as hyenas, os lobos, as zebras, e todos os reptis e todas as aves dos bosques. Todos os animaes tem um ar triste: só os macacos se habituam facilmente aos trapezios.

No Inferno de Dante ha as arvores que se queixam; mas a dôr mais triste é aquella que não tem expressões para o lamento: a dos innocentes e a dos brutos. O pobre urso branco, branco como a neve, offegante e cançado, jaz entre as grades da prisão, sob uma temperatura de janeiro, o janeiro que em sua terra é o mez dos gelos. Ante esse humilde soffrimento vem á lembrança as dores de todos os outros, porque cada animal tem a sua historia, mais ou menos a *Odysséa de um cavallo de tilbury*, de João Luso, de *l'Ane*, de Maupassant, de *Mãe* e da *Choca*, de Trindade Coelho.

— Aguias captivas, leões prisioneiros, espera o novo Eden, onde as florestas sejam mais amplas e o coração dos homens mais humilde, menos feroz, mais parecido com o vosso...

Montevidéo — Agosto, 1908.

THOMAZ LOPES.

RACHEL, A TRAGICA

UM artigo aqui publicado, assignado pelo Sr. Gonzaga Duque, sob o titulo *Sévigné do XIX seculo*, referindo-se ligeiramente á tragica Rachel, despertou-me o interesse de recordar a vida artistica e intima dessa extraordinaria mulher que, durante vinte annos, ou pouco mais, foi a divina actriz da scena franceza e um dos nomes mais commentados, discutidos e, por isso, amados da culta Europa.

Quem hoje ouvir fallar nesse nome, o que ás vezes succede, não póde fazer idéa do que elle foi em Paris, em Londres, em São Petersburgo, em Nova-York. Ha cincoenta a tres annos, em pleno florescimento do seculo dezenove, este simples nome: Mlle. Rachel, era uma vibração electrisante, fazia estremecer os *romanticos* intellectuaes, accelerava o sangue na rêde veiosa dos amadores da arte de Melpomene, a grave musa da tragedia. E' que elle por si só, valia o theatro francez; nenhum o excedia, então, em gloria.

E no entanto essa deusa da scena classica, essa mulher que parecia conservar no andar, na largueza dos movimentos, na escolha natural das attitudes, o rythmo das esculpturas gregas, segundo Theophile Gautier, e que, sem ser bonita, sem mesmo possuir uma plastica soffrivel, encarnava a belleza antiga das grandes figuras theatraes, vinha do baixo povo. Seu pae, Jacques Felix, nascido em Metz, era vendilhão ou bufarinheiro; sua mãe, Esther Haya, uma pobre mulher de trabalho, tendo visto a luz em Guere, no Baixo-Rheno, accumulando junto do marido todas as funcções domesticas. Ambos eram de origem israelita, e andavam a fazer pela vida de provincia em provincia, por cidades e villas.

Em 1820, no dia 28 de Fevereiro, Esther Haya, que, com o marido, se achava em Munf, cantão de Argovia (Suissa) deu á luz uma menina, á qual pôz o nome de Rachel Elisa. Era a segunda filha do seu matrimonio. A primeira chamava-se Sophia, viera um anno antes.

Desde muito cedo as duas irmãs entraram a ajudar os paes e como, uma vez n'Alsacia, a mãe fosse recolhida a um hospital, ellas aproveitaram da ausencia do pae para imitar uns pequenos cantores italianos que, a poder dos seus garganteios, apanhavam vintens aos transeuntes enternecidos. A experiencia, por um lado, teve bom exito, porque as duas judiasinhas fizeram a sua collecta de esportulas; por outro lado foi um desastre, o pae, apezar do sangue judeu que lhe rolava nas artérias, indignou-se com o procedimento dellas e castigou-as.

Mas, continuando a mãe doente e tornando-se difficil a vida ao incansavel Jacques, que se via obrigado a pagar o tratamento da boa Esther e a sustentar as pequenas, a sua indignação teve de ceder á força da contingencia e consentir que as meninas cantassem nas ruas.

Restabelecida a saude de Esther, continuou a pequena familia israelita a sua existencia nomade por terras da França.

Em 1832 estava ella em Lião, quando Alexandre Choron, que tambem se achava por esse tempo n'aquella cidade, ouvindo as duas irmãsitas cantarem, propoz a Jacques conduzil-as a Paris, onde as faria entrar no Instituto de Musica, do qual era director. Jacques resolveu acceitar o convite e partiu com as filhas. De facto as duas meninas foram recebidas no Instituto.

Em pouco tempo porem, Rachel decidiu abandonar o canto pela arte dramatica e, em 1834, com a idade de treze annos, estreava no *Theatro de Molière*, tomando a seu cargo diversos papeis de *soubrette*.

Foi alí que Vedel, caixa da administração do *Theatre des Français*, ouviu-a, mas, dessa vez, numa tragedia. Rachel representava *Hermonione*. O enthusiasmo que se apoderou de Vedel levou-o a contar ao grande actor Samson e Mlle. Mars a descoberta que o acaso lhe proporcionára, e fez de tal modo calorosamente que os dois societarios do *Français*, como o director do theatro, o Sr. Justin de La Salle, resolveram assistir a uma representação da menina Rachel.

O resultado dessa audição foi excellente, posto que a joven actriz fosse magra, pequena e trigueira e tivesse uma voz dura e vellada, opinião em que collaboraram outras autoridades, entre ellas Cherubini que dizia: Elle a contre elle la voix et la taille; mais elle a infiniment d'intelligence.»

Joseph Sanson, que estava no apogeu dos seus triumphos theatraes, offereceu-se para completar a educação artistica de Rachel, o que de bom grado, ella aceitou. E taes foram os seus progressos que, em 1837, rompendo ingratamente com o seu mestre, passou-se para a scena do *Gymnasio*. Mas ahi não colheu o exito que esperava, e um anno depois, antes de terminar o seu contracto, voltava para o *Français* onde, em 12 de Junho, segundo as chronicas, estréava no papel de Camilla, do *Horace*.

Desta vez sim, o successo teve a intensidade que ella pretendia, talvez excedesse á sua espectativa. A collaborar nesse successo havia uma ontra estréa, a de Mlle. Rabut, tambem discipula de Sanson e afagada esperança de Vedel.

Mlle. Rabut, desempenhava o papel de Sabina, e cada estréante, como facilmente se comprehende, procurava destacar-se mais no favor da platéa. Mlle. Rabut tinha a vantagem de um physico insinuante, mas a essa vantagem contrapunha Rachel a incomparavel belleza dos seus olhos, nos quaes se reflectiam todas as emoções de uma alma d'eleição. E os terminar o espectaculo, uma das melhores récitas do *Français* n'aquella época, os assistentes dividiram-se em dois partidos, sendo mais numeroso o que elevava a tragica trigueira, ex-cantora das ruas.

Logo dias depois Jules Janin, num dos seus muito lidos folhetins do *Journal des Debats*, proclamava-a, no enthusiasmo do seu estylo pomposo, a primeira actriz da scena franceza. A' voz de Janin vieram se ajuntar os reclamos de Arséne Houssaye, Theophilo Gautier e toda a banda dessa encantadora *jeunesse* do romanticismo, unica até hoje, que então fazia a vanguarda do jornalismo parisiense.

Ah! naquelle tempo o jornalismo era, de facto, uma força enorme.

D'ahi começou a gloriosa carreira de Rachel. Arséne Houssaye, o bello moço loiro de 1830, e o

famoso Dr. Veron celebraram enthusiasticamente o talento da *maigre et mince*, mas genial artista. Os mais notaveis poetas da França dedicam-lhe versos. Desfolham-se-lhe aos pés as ovações. Transformado pela chamma divina da arte, o seu apoucado physico excita paixões. Já não são os homens de lettras que a requestram, seduzidos, maravilhados pelo seu talento, são os principes. Rachel está em plena gloria. A artista e a mulher triumpham ao mesmo tempo.

O esculptor Paul Gayard retrata-a em *Harmione*, Dantan ainé em *Phedra*, dois magnificos bustos; tambem lhe copiam o busto Dantan jeune e Pollet, de Bruxellas.

Barre lança-lhe a estatua nesse celebre papel de *Harmione*, Clesinger fal-a representando a tragedia, quente, arrebatado marmore que foi para o *foyer d'artistes do Français*.

O desenho, traçado pelos mais habilidosos desenhistas do tempo, e o daguerreotypo vulgarisam, popularisam a sua effigie, ao que não foi estranha a caricatura.

Charpentier, Conder e Muller pintam-lhe o retrato, e Mme. O' Connel faz a sua melhor obra representando a grande tragica numa inspirada téla, que mereceu o lugar de honra na galeria do theatro.

E é ainda o *Français* que lhe presta a mais alta homenagem daquella época. Os artistas desse gloriosa casa presenteiam-n'a com um riquissimo diadema, em que mandam gravar a dedicatoria: A' *Rachel o theatro Francez*.

Em 1840 Rachel parte para Londres. O successo alí obtido é tal que a rainha dos inglezes offerece-lhe, como recordação, um bracelete de ouro com a seguinte inscripção em pedras preciosas; *Victoire, reine, à Rachel.*

Mas, não se julgue que essa extraordinaria mulher fosse um anjo amoravel, uma doce alma fascinando por suas virtudes os pobres mortaes. Delicadissima de coração, sensibilissima e particularmente para a sua familia, possuia, entretanto, um genio irritavel, um certo estouvamento de proceder que se unia, de modo desagradavel, ao fundo avarento ou, sem pretender dar a este termo um significado que não tem, ambicioso de ganhos.

Indisciplinada e ingovernavel fazia edesfazia contractos, modificava programmas annunciados, desobedecia á compromissos, com uma facilidade aterrorisante. Por mais de uma vez levou a direcção do *Français* a processos onerosos, entre os quaes o da retirada da tragedia *Medéa*, pelo que o theatro foi condemnado a pagar a Legouvé, o auctor da tragedia, a somma de 6.000 francos de indemnisação, só pelo capricho de Rachel não querer represental-a, após todos os ensaios, sob o pretexto de que se não sentia bem num papel de mãe! Em 49, tambem, tem uma violenta questão judiciaria com o *Français* por ter ella rompido o seu contracto, e poucos dias depois voltava a representar nesse theatro, que lhe dava 42.000 francos por anno, com direitos especiaes e do qual era societaria!

E só citamos esses dois casos, para não alongarmos a lista.

Quanto ao seu interesse pecuniario, á sua muito commentada cubiça do dinheiro, que lhe valeu acerbas criticas, correm anedoctas realmente engraçadas.

Uma dessas, que nos chegou contada pelo anonymo auctor de um ruidoso livro — *Un anglais á Paris*, traducção do *An Englishman in Paris*, que foi attribuido a sir Richard Wallace, é adoravelmente caricatural, postoquê finamente perversa. Conta-nos o auctor:

"Ella (Rachel) jantava, uma noite, em casa do conde Duchâtel, ministro de Luiz Felippe. A mesa estava coberta de flôres, mas com as flôres pouco se importava Rachel, o que excitava sua attenção era o esplendido *centro* de prata que occupava o meio da mesa. Habilissima para se não trahir, a grande actriz começou por elogiar as flôres, mas logo passou ao seu principal objectivo.

Ao ouvil-a, o conde, que estava de humor generoso nessa noite, offereceu-lhe delicado *centro* com a maior gentileza. Rachel rejubilou, mas não se esquecendo que, mesmo tratando com um grande senhor como o conde Duchâtel, "o enthusiasmo de vespera bem cedo se arrefece," verdade tanto mais a temer num homem casado, cuja mulher não veria com bons olhos sua casa despojada dos seus thesouros artisticos. A tragica viera num fiacre; o conde propôz-lhe rezonduzil-a na sua propria carruagem. Ella aceitou, e para "aproveitar o fôrno em quanto quente" disse: "Sim, será ouro sobre azul não poderei temer que me roubem o presente que me fizestes, eu mesma o conduzirei. — Perfeitamente, mademoiselle, replicou o conde... mas, reenviar-me-eis minha carruagem, não é assim?

E' ainda esse *inglez em Paris* que nos conta a seguinte: "O conhecido barão de Taylor, ex-director da *Comedia franceza*, foi solicitar da Rachel o seu concurso para uma festa de caridade. Rachel excusou-se com um motivo apparentemente plausivel. O barão, porém, insistiu e como não fosse mais feliz do que fôra com o primeiro rôgo, pediu-lhe consentisse, ao menos, collocar o seu nome no programma por méra attracção. A isso Rachel acquiesceu, concordando em que, á ultima hora, desculpar-se-ia com os assistentes. Ao retirar-se, disse ella; julgo que o meu nome vale bem dez ou vinte bilhetes.

Taylor, que a conhecia, não se surprehendeu, e entregou-lhe os dez bilhetes.

No mesmo dia o barão encontrando-se com o conde de Walewski pediu-lhe o favor de ficar com alguns bilhetes. "Impossivel, meu caro barão; eu já tenho dez. A pobre Rachel não sabendo como se desfazer de duzentos bilhetes a que se obrigou como dama protectora, pediu-me para ficar com vinte, aceitei dez. E isto me custa mil francos."

Taylor não disse uma palavra, admirado da presteza com que Rachel transformava em dinheiro os bilhetes. Mas, o que ainda mais o intrigava é que ella, possuindo apenas dez lugares, offerecesse vinte a Walewski. Era admissivel o estratagema de duplicar a offerta para obter o resultado da metade. E assim pensando ia o barão quando se esbarra com o conde de Le Hon, marido da celebre Mlle. Mosselmann, antigo embaixador da Belgica na côrte de Luiz Felippe, o mesmo que, seja dito entre parenthesis, confessava francamente que era pae de familia sem jamais ter tido filhos.

Taylor fez nova tentativa, mas ás suas primeiras palavras respondeu-lhe o conde: "Meu caro barão, é com pesar que lhe digo: já tomei cinco logares a

Mlle. Rachel. Parece-me que ella, na qualidade de dama protectora, tem a seu cargo duzentos bilhetes a passar.»

O barão estava assombrado. A verdade era que Rachel tendo passado dez bilhetes a Walewski e recebendo a importancia pedira-lhe cinco para a sua familia; com esses cinco abordára Le Hon e, ao receber o valor delles, pedira-lhe um, de que, realmente, se servira.

A essas anedoctas, em curso constante, respondiam os seus idolatras que a grande tragica assim procedia para beneficiar outros pobres. Esse espirito de caridade era sempre apontado. E quando, depois da morte de Rachel, se descobriu que a guitarra que ella vendêra ao financeiro Achille Fould por *mil luizes*, nunca lhe pertencera nem com tal instrumento ella cantára nas ruas de Pariz, e sim provinha do gabinete de um dos seus intimos, a quem a actriz a pedira, todos os seus adoradores affirmaram que, com esse dinheiro, a inolvidavel artista tinha salvo da miseria algumas familias desgraçadas.

O que é certo é que sua familia e segundo se dizia, particularmente seu irmão Raphael, viviam das glorias de Rachel, tão utilmente aproveitadas. A' sua irmã Rebecca, que estréou auspiciosamente no palco do *Français*, num papel do *Angelo*, de Victor Hugo, Rachel fez presente de uma casa mobiliada. A grande artista residia com os seus parentes num palacete da rua Trudon. Outras generosidades são apontadas em abono da sua philantropia, e nós, por nossa vez, julgamol-as veridicas porque, sendo Rachel uma artista nata, não podia ser insensivel á miseria e ás vicissitudes dos seus semelhantes.

Passemos, porem, sobre taes factos, que vieram á penna para que o typo proeminente da tragica não se esbatésse no vago das legendas; elles são a sua roupagem humana.

Depois que a gloria a envolveu no seu ambiente luminoso, arredando-a da vulgaridade, a sua natureza pareceu criar uma resistencia que faz pasmar. Rachel *encarnou* em si quasi todas as personagens principaes do theatro classico e do drama, algumas vezes da comedia do seu tempo. E sempre com igual successo! E', realmente, para admirar que esse organismo proximo do franzino, que esse corpo debil, resistisse á vida multiplice de tão exhaustivos papeis. Porque devemos comprehender que o trabalho mental de um actor não está unicamente na justa comprehensão do seu papel, está muitissimo na vida que lhe deve dar, isto é, na *encarnação* a que se submette reproduzindo ao vivo o personagem criado pelo auctor.

E, por isso, a jornada que ella fez á Russia ficou celebre nas chronicas theatraes. Durante o longo decurso dessa jornada, feita para satisfazer um bellissimo capricho do czar Nicolau I, que a desejava ouvir, Rachel representou seguidamente, pelas cidades nas quaes a *posta* parava, perto de *cem papeis!*

Mas, era impossivel que essa fragilidade organica se não abalasse com semelhantes exaggeros!

Em pouco tempo o cansaço lhe appareceu. Era o principio do fim, de que ella se não apercebia. Ainda assim, em 1855, emprehendeu uma viagem aos Estados Unidos da America e á Havana, tendo por emprezario seu irmão Raphael.

O resultado dessa viagem foi magnifico em lucros, mas não só a indole insubmissa da actriz levou-a, por motivo nunca bem esclarecido, a romper com seu irmão e a abandonar a *tournée*, como o orgulho da proclamada tragica sem par sentiu-se ferido. Em sua ausencia, Pariz acclamava a italiana Ristori, que se lhe tinha revelado.

Rachel voltou á França, desejosa por se enfrentar com a rival... Infeliz, porem, porque a sua saúde lhe atraiçoava o ardente desejo. Estava minada pela tysica. Os medicos exigiram que ella partisse para o Cairo. Teve de se subordinar a essa ordem. Depressa o Egypto enfastiou-a, faltava-lhe a athmosphera de Pariz, esse ambiente de arte, de vida, de gloria, que só a cidade luz possue. A nostalgia mortificava a pobre alma da enferma. Demais, a morte de sua amiga madame de Girardin impressionou-a. E, sem cuidar do corpo, deixou o Cairo.

Outra vez em Pariz, mas outra vez impossibilitada de vencer a sua rival! A vida se lhe escapava e, pensando então no que ia perder, partiu para Cannes, aboletando-se numa casa dos arredores daquella cidade, chamado Caunet. Foi ahi, num quarto, cuja janella se perfumava com as flôres de uma laranjeira, que Rachel, isolada, mas não esquecida dos seus ruidosos triumphos, sempre a sonhar com a *volta*, com ao noites de ovações e delirios, exhalou o seu ultimo suspiro, em 29 de Janeiro de 1858.

O maior desejo da sua vida estava satisfeito: deixou sua familia amparada; e um dos seus filhos fôra perfilhado pelo conde de Walewski, ministro de estado de Napoleão III, a quem ella, por lembrança do amor que tivera por esse principe em Londres, deixou em testamento um dos seus bustos. Morreu longe de Pariz, mas Pariz prestou-lhe honras posthumas como nenhuma actriz ainda teve depois della.

E assim terminou a existencia esta extraordinaria mulher.

ANDRÉ DE REZENDE.

MÃE

DEPOIS das chuvas reverdecera toda a serra. Uma tarde, o extrangeiro, recostado aos velhos bambús, á beira do valle, accendeu o cachimbo e, após o primeiro trago, poz os olhos no ceu azul. A' sua frente erguiam-se os picos altos da montanha, nessa hora, levemente violaceos. Fitou-os pensativo; evocou a cidade e o mar, e absorveu-se numa grande saudade indefinida. Lá estavam os motivos por que se aventurára á fortuna duvidosa. O amor e a alegria na sua expressão complexa, o encanto immortal da belleza feminina, os prazeres multiplos creados pelo progresso e requintados pelo luxo, attrahiam-no dezenhando-se á distancia em visões miraculosamente seductoras. Porém elle, por irresistivel fatalidade, se considerava perdido para tudo. Havia tres annos prendera-se aquella terra quasi deshabitada, ligado a uma cabloca, vivendo entre gente barbara. E porque alí ficára, se, chegando, o seu desejo unico foi voltar? Não se sabia responder. Aportando ao Rio de Janeiro, falaram-lhe de centenas de leguas de floresta virgem e de um sertão immenso, inexplorado, cheio de ouro e pedras preciosas, donde os portuguezes voltavam fabulosamente ricos. Fora insensivelmente attrahido para esses thesouros, qual se uma fada propicia lhe apontasse, ao pé de troncos asperos, entre raizes humidas, a morada milenar de enormes diamantes. A idéa, embalada pela promessa de decenios afortunados, empolgara-lhe totalmente o genio aventuroso.

Um dia amanhecera na Serra do Mar. A seus pés succediam-se os valles cheios de bruma desfazendo-se ao sol. De toda parte vinha-lhe uma impressão de paz, apenas perturbada pelo gorgeio dos passaros. Mas dum morro distante, vencendo o mattagal, desceu o som dum instrumento extranho. Essa musica, a principio pareceu-lhe hostil. Devia representar a ameaça constante duma tribu guerreira a quem pretendesse demorar na região. Mas, depois, abrandando-se na ramaria, suavisando-se pelas quebradas, o seu temor serenou e elle acreditou ter-lhe a Providencia indicado acolá o apoio de que seu sonho carecia. Caminhou timido, entretanto, assediado de pensamentos confusos. Afinal, sorpreso como se despertasse prisioneiro num paiz desconhecido, achou-se á entrada duma palhoça, exotica e em face dum homem de cabellos negros e compridos, exquisitamente pintado, com a cintura adornada de pennas. Esse homem, sorrindo, acolheu-o. Não comprehendeu a phrase por elle articulada. Confiou, porém, cegamente nas suas palavras espontaneas e simples Tamanha confiança levou-o immediatamente a conceber aproveitar as concessões da amisade proxima para descobrir as riquezas ignoradas. E ficou. Passaram-se tres annos sem que um diamante, um traço de ouro divulgassem seus olhos cubiçosos. Notou-se cançado, saciado da mulher, malquerendo a tribu, abominando o chefe, que, estimasse-o embora, não comprehendia a mais commum das noções trazidas de sua patria. Nunca mais conversara na sua lingua, tão formosa em Calderon e Cervantes. Por cumulo de infelicidade, quando accaso conseguia ficar só, no terreiro ao luar, ou á matta nos meiodias de verão, voluptuosamente refugiado nas recordações preferidas, sempre o indio impertinente surgia, esgueirando-se como um felino, o arco tendido sob a pontaria fatal, ou então, os braços indolentes cahidos, o cheiro revoltante da nudez suja e os labios frouxos transbordantes de caçadas. Por existencia assim solitaria e miseravel, trocara o conchego da familia, os amigos, as cidades festivas, a formosura e seducção das mulheres, cujo olhar penetrante apontava e promettia os gozos extremos da especie. Tivera noiva, que morrera. Porém, moço e sadio, destinado pela natureza a variar o amor, quantas noivas poderia ainda esquecer no curso e insaciedade das paixões! Partira para as conquistas inspirado no espirito fogoso e libertino do *Estudante de Salamanca*. Radiante de mocidade, imaginava não o attingisse o epilogo do poema — ser enterrado vivo pelos duendes das suas victimas. Pois o amor, em Hespanha, era uma capa bem traçada, o punhal á cinta, a guitarra, uma ballada, inda o balcão coberto de trepadeiras floridas, uma trança negra brilhando á lua, e, por fim, a muro escalado sob a indiscreção dos cães, e um beijo de fogo.

Estas imagens, compunha-as elle exaltando-se na claridade final do occaso, quando duas mãos tocaram-lhe os hombros levemente:

— Que tens?...

— Nada... — respondeu Fernando voltando-se espantado. — Viste alguma coisa?

— Que olhavas tu?... Eu estava aqui perto... Vamos subir?...

Para elle emergia dessa inconcebida apparição uma como imprudencia trahidora, e, sem reflectir, desejou bater á ingenua cabocla, Mas conteve-se:

— Vamos. Anda. Vai na frente...

Acompanhou-a calado, analysando-lhe com repugnancia os contornos grosseiros, a gordura, balôfa, projectando vingar-se de ter-lhe ella importunado na hora espiritual da solidão e

da saudade. E a femea tão feia por um fim de tarde como aquelle, no trecho mais lyrico da Serra, entre flores sylvestres e aguas cantantes, dignificára com o nome da rainha de Castella...

No terreiro da palhoça, numa pôça de sangue duas pacas luzidias mortas á fléxa esfriavam. Fernando olhou-as e, vendo-se alvo da curiosidade enfadonha dos incolas, considerou-se extranho a tudo aquillo, como se alí chegasse pela primeira vez.

Passou a noite com os olhos nas brazas da fogueira extincta, logrando dormir apenas pela madrugada. O choro do filhinho, cortando-lhe divagações, accendia-lhe a vontade criminosa de tapar-lhe a bocca, tomar-lhe o folego, espetar-lhe o indicador á moleira. Reprehendia-se, porém, embora almejasse então ir pernoitar só em qualquer parte, onde nem as azas dum insecto lhe quebrassem o silencio.

Muito cedo levantou-se. Só, julgou-se um escravo, naquelle rincão tedioso, e, ganhando á vereda proxima, toda a serra, as quedas d'agua, a floresta em baixo farfalhando, rica de madeiras sobre cuja utilidade calculára negocios fabulosos, tudo se lhe accussou inutil e sem belleza. Para sua crescente saciedade nunca se alcançaria o meio facil e barato de transportar producto algum para o littoral. Seria preciso deslocar os rochedos atravessar a montanha, e o homem indolente do paiz, costumado e contentado dos recursos naturaes, não comprehenderia outro esforço além dos communs, ensinados pela tradição. Devia ter assim raciocinado ao chegar. No entanto, insensivelmente, alí ficára, submisso, dependendo da tal terra e de tal gente. Mas não era elle homem, não concervava intacto o sentimento da independencia? Urgia, portanto, reagir, libertar-se, partir...

A lembrança de partir encheu-lhe o cerebro, empolgou-o e, pelos dias seguintes, animando-se da força impulsiva predominante no seu temperamento, Fernando, armou-se e defendeu-se com o aborrecimento progressivo que lhe produzia todo o meio ambiente. Pouco a pouco, deixou de descer as grotas, percorrer as vertentes, enveredar pelo meio dos troncos grossos, sem destino indagar da medicina e costumes dos indios. Ja não ia alem da area roçada em torno da taba, como se uma legião de manes implacaveis, apertasse dia a dia, o circulo que se traçara, outr'ora tão amplo, afim de, prescrutando e revolvendo a terra virgem, tirar-lhe do seio pedras preciosas e ouro. Ao cahir da noite, sosinho, contemplava scismativos as curvas da serrania desenhando-se no ceu triste. Ao contrario do palrador que fora, escassamente se dirigia a outrem, e quando o fazia, por necessidade, seu aspecto denunciava-o supplicando não o demorassem a falar.

A tribu colligia desse retrahimento repentino muita preguiça, que, ao certo, procedia do intuito premeditado de explora-a, pagando ingratamente a hospitalidade que a sua solicitude lhe prodigalisára. A mulher, ao envez, observando-o calada, seguindo-lhe doridamente os passos, estudando-o recostado ás arvores com o olhar perdido na luz mortiça dos crepusculos, repetindo gestos extranhos; confessando a repulsa de qualquer coisa importuna, concluia disso o amortecimento do amor que elle lhe jurara logo que aprendeu sua lingua. Desconfiança a principio, essa conclusão solidificou-se e dominou-a como uma irrecusavel realidade.

Fernando sentiu envolvel-o a hostilidade da tribu,—hostilidade que a final um simples movimento protector dos olhos de Isabel desfaria. Mas justamente Isabel agora se tornava o objecto exclusivo de sua revolta. O despeito produzido pela retrospecção de tres annos de exploração improficua recahia nella unicamente. Por isso, exitou um dia inteiro deparar de frente a Isabel, temendo trahir-se e tudo escapar num relance incontido.

Ella se conhecia a causa dos seus silencios, notando claramente que elle a amava muito menos, e não queria augmentar o desamor no homem que para sua vida significava um mundo e um Deus. Demais na sua affectuosa credulidade, Fernando era mais poderoso que Tupan, senhor da trovoada e do raio. Por Fernando sujeitar-se-ia a todo sacrificio, comtanto que elle nunca lhe faltasse.

O amante percebeu-lhe a timidez, percebendo melhor a profundeza de sua paixão, e, ás vezes, do tumulto de pensamentos insidiosos que o impelliam para longe serra, sentia elevar-se toda a intrinseca piedade do seu ser em favor daquella creatura infortunada. Immediamente, porem, uma vida diversa, donde a ventura tentadoramente lhe accenava, ateava-lhe o desejo de partir. Entrou a architectar o plano da evasão. Fugiria na embriaguez dum festim. A noticia do que porventura acontecesse após a fuga, não lhe chegaria. Assim, nem o remorso tinha o temer. Poz-se então a aguardar o festim ou a opportunidade imprevista que lhe abrisse o caminho do mar, fora do cuidado e do ciume da mulher.

Isabel, aos poucos, apprehendeu a resolução recondita de Fernando. Comtudo, por vezes, cançada de imaginar-se em abandono, reconfortava-se na esperança enganadora de que elle não teria a alma para semelhante despreso. Era ella a sua companheira, amante, serva, mãe de seu filho, e tantas occasiões o defendera, que só vivendo sempre á sombra do seu carinho pagaria elle a sua dedicação. Nesses instantes consoladores perpassavam-lhe na mente doces reminiscencias, em que Fernando e ella em

pleno dia, ouvindo o rumor da folhagem agitada entremeado do gorgeios, aspirando o aroma sadio da selva, nem falavam, enlevados num sonho de amor que promettia prolongar-se á eternidade. Seguira-o muito, pacientemente indicando-lhe logares, cavando com elle o chão, erguendo pedras... Que procurava elle? Nunca o soube explicar. Mas Fernando isso queria, isso se fazia. Tempos e tempos gastaram nessas pesquizas loucas, e nada mais descobriram senão urnas funerarias espedaçadas e ossos humanos carcomidos. Inda o pavor desses achados mortuarios arrepiava-lhe os cabellos, mas, subito, tocava-se da lembrança da separação, que o affligia mais que as apparições sinistras do caepora. E se elle dissesse: «Isabel, vou-me embora... Quero outra mulher... Adeus?...» Morreria. Isabel! Chamavam-lhe o nome de uma ave de olhos limpidos, e elle, uma tarde, depois de beijal-a soffregamente, lhe dera o nome da rainha de sua tribu...

Uma manhã, encontraram-se sob a mesma toiça de bambús, onde nelle, nascera a aspiração á volta. Quando Fernando a viu, qual se ella visse testemunhar-lhe um delicto, quiz esconder-se, tentando, num gesto logo contido, furtar-se á sua angustiada curiosidade. Nesse gesto, a sensibilidade requintada no soffrimento silencioso dos nltimos dias, tudo revelou a Isabel! Essa revelação flagrante feriu-a fundamente e de olhos muito abertos curvou-se para elle com os braços supplices:

— Fernando!

Fernando parou tremulo, emquanto, por entre as folhas, as aves de em redor fugiam espavoridas. Isabel fitou-o calada, e tendo perdido, na comprehensão daquelle momento tragico, toda a resistencia moral, cahiu-lhe aos pés, soluçando nervosamente, implorando-lhe misericordia e compaixão:

— Ias embora... Porque?... Não me deixes... Onde ias?...

Fernando afastou-se esforçando-se em resistir, não se commover áquellas amarguradas lagrimas. Isabel aproximou-se:

— Anda cá... Não te vas... Tem pena de mim... Teu filho... Espera... Eu vou buscar teu filho... — E, voltando-se ligeira, ganhou á rampa, demandando á palhoça, encorajada pela convicção de que a presença do filho misturada a seu pranto deteria o pai. Elle ergueu os olhos sobre seus passos e, vendo-a subir, pensou, instantaneamente, que seria impossivel ligar-se de novo aquella mulher, illudido na antiga paixão. Mesmo se ficasse, vencido pela piedade, uma semana depois seria assaltodo pela fatalidade de sua idéa fixa. Por isso, antes que a creancinha, acabando de commovel-o, decidisse-o a ficar, devia partir, fugir para sempre. E sem mais pensar entrou pelo matto correndo.

Não o encontrando mais junto aos bambús, Isabel olhou em torno, e, apenas ouvindo-o a um lado pizar, na carreira, a folharada secca, correu tambem para lá, precipitadamente, aos gritos. Fernando viu-se perseguido. Avançou, aos encontrões pelos troncos empurrado subitamente pelo instincto de conservação superescitado. Isabel, egualmente a bater pelas arvores, acossando-o como para appreheuder o elemento unico de defeza numa pugna decisiva, afigurou-se-lhe o echo dos seus movimentos envolvendo a maldicção de toda a tribu contra a sua fuga. Teve medo. Seu nome repetido atravez as ramagens numa intonação violenta de loucura, apavorou-o. Desejou voar, desapparecer, e appellando para toda a sua energia nervosa, atirou-se, aos impetos, contra os galhos cahidos, pulando-os como um ganso furioso. Respirou. Lançou um olhar brusco ao valle, e proseguiu reconhecendo-se a salvo. A mulher, já ferida, agarrada á creança, parou no mesmo logar. Reparou no rasto. Guiou-se por esse rasto, detestando-o, mas correndo.

Do meio da encosta viu o amante. Tremeu toda:

— Fernando!...

O accento imprecativo que vibrava no seu nome, abalou-o, e, dominado pelo temor já não sabia de que, absorveu-se inteiramente na idéa da fuga, correu mais ainda.

Vendo-o a sumir-se distante, Isabel teve a noção absoluta de sua desgraça. E agitada pelo sentimento de vingança selvagem de sua raça, transfigurada num odio supremo, apertou os pés do filho, e, desesperada, sacudindo os braços fortemente no espaço, rasgou-o.

José Vieira.

A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL

O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCHE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro — DROGARIA PACHECO

Anno V

Numero 9

SETEMBRO DE 1908

KÓSMOS

SUMMARIO

O Conflicto Franco-Allemão	Silva Marques
Expedições ao Polo Sul	Karlos Váls
Na Fronteira	Dionisio Cerqueira
Flora Epiphyta do Rio Grande do Sul	Octacilio Barbedo
No Tempo da Gazetinha	Gonzaga Duque
Theatro João Caetano	Gravura
Aspecto da illuminação do Pavilhão do Estado de Minas	Gravura
A Campanha Eleitoral nos Estados Unidos	Mario Brant
Em guarda	Trichromia
Começos Literarios do Brazil	José Verissimo
Um caso de Analogia Anatomo—Physiologica entre Animal e Vegetal	Felix Armando de M. Frazão
Curraleiros de Amaro Leite	Henrique Silva
Ao redor e atravez do Brazil	Jurema
Recordações de Viagens	Eduardo Socrates
Exposição Nacional	Gravura

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Auctorisada a funccionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:0 0$000

Sinistro pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA
EQUITATIVA

Os sorteios têem logar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO

L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO — 19 DE DEZEMBRO — SABBADO

Grande e extraordinaria Loteria do Natal

173 — 2º

Por 31$500 **500:000$000** *Por 31$500*

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 14

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

ANNO V | SETEMBRO 1908 | N. 9

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

O CONFLICTO FRANCO-ALLEMÃO

A EXCUMUNHÃO lançada por Max Nordau sobre a raça latina, no seu famoso crepusculo dos povos parece condemnada, como todas as excumunhões, a proclamar na propria impotencia a vitalidade crescente da grande excumungada.

Mesmo o touro gaulez, cujo cansaço, adquirido nas correrias napoleonicas e nas aventuras do segundo imperio, determinou a ousada sentença do melancolico propheta da degenerescencia, já não justifica o desejado anniquillamento dos povos neo-latinos em beneficio da raça saxonia.

O tempo vae demonstrando que não ha predominio possivel duma raça sobre a outra.

Ainda agora, a proposito do conflicto entre a França e a Allemanha sobre o incidente de Marrocos, o recúo do governo de Berlim, em contraste com a primeira attitude, é caracteristico.

Si é facto que as nacionalidades neo-latinas só existem em aggremiações desvinculadas, annunciando a propria dissolução, a Allemanha perdeu sem duvida uma excellente opportunidade de cimentar para sempre, com pequeno sacrificio, as conquistas territoriaes com que alongou os seus dominios, após a obra de unificação nacional.

O interesse com que ella procurou um pretexto para esmagar a França sob o reinado infeliz de Napoleão III, a ponto de levar Bismarck a falsificar o celebre despacho de Ems que motivou a guerra, ainda subsiste, e agora mais do que nunca, interessando os seus altos destinos.

Tratava-se então de ultimar a obra de unificação, e como a situação de esgotamente em que se achava a França era uma garantia de facil victoria, o famoso chanceller não esperou que os acontecimentos offerecessem na sua marcha natural um motivo plausivel para a guerra, e tramou a celebre emboscada, deturpando o despacho de Guilherme I sobre a questão suscitada entre os dous governos a proposito da successão ao throno de Hespanha.

Agora, o interesse da Allemanha em acabar de vez com as veleidades de revanche que possam justamente animar a França, é ainda mais patente.

Alem da necessidade para ella de consolidar a obra de unificação politica, de que depende a sua importancia como potencia de primeira ordem existe tambem o interesse de maxima significação, de conservar sem receio de eventualidades futuras, a extensa facha de terreno arrebatado a sua rival, em momento de crise perfeitamente explicavel.

Si fosse verdadeira a affirmação do propheta Nordau, si, com effeito tivesse soado para as nações latinas a derradeira hora, é bem claro que a poderosa Allemanha não teria perdido a opportunidade que lhe offereceu o incidente de Casa Branca para oppor o seu predominio sobre a raça condemnada, esmagando-lhe a cabeça com pequeno e definitivo esforço.

Mas não chegou ainda a hora fatidica do annunciado crepusculo que deve derramar as primeiras sombras sobre os generosos descendentes da Loba fecunda, e a prova de que é falsa a famosa prophecia, está na propria attitude da Allemanha, deixando passar o momento azado para transformar o crepusculo em completa obscuridade.

E porque razão não quiz o ambicioso imperio saxonio justificar a audaciosa affirmação do seu propheta? Por generosidade? Desgraçados dos povos fracos si tivessem de confiar em razão de tão fraca consistencia! A Allemanha recuou porque não confiava na victoria e porque sabia que a França de hoje não é mais a França de ha trinta e oito annos.

E não é só a França que neste momento attesta á virilidade da raça latina, após um curto periodo de abatimento. Ha um exemplo mais frisante dessa pujança negada pelo espirito saxonio: E' a Italia que resurge. E de que modo resurgiu eesse povo emaranhado na politica clerical, na politica do goso e do jesuitismo? Por uma serie de heroismos de que não são capazes as nacionalidades condemnadas ao eclypse da historia.

Logo que é possivel oppor a impassibilidade do marasmo o espirito nobilitante da reacção, não ha mais principes, nem nobres, nem padres, nem burguezees, nem camponezes, nem piemontezes, nem lombardos, nem toscanos.

Todas as antigas divisões, todas as antigas desputas cáem por si mesmas ao sopro da revolução, para dar logar a um unico pensamento, o pensamento da nacionalidade, a um unico povo, o povo italiano. O appello ao patriotismo vae a todos os cantos da Italia fragmentada, e a Italia de pé, da Calabria até a Saboia, marcha de carabina ao hombro contra o exercito austriaco abroquelado nas montanhas do Tyrol. O rei de Napoles, não obstante a sympathia que mostra pela Austria, envia um exercito á Lombardia. O grão-duque da Toscana faz calar o grito do sangue nas proprias veias, e estende os seus regimentos sobre as margens do Adige.

O papa, apezar das responsabilidades que pezam sobre o chefe da christandade, intíma o gabinete austriaco á evacuar a Italia. E' um movimento de alma latina que o espirito de seita paralysa pouco depois, forçando-o a parar diante da revolução que elle mesmo havia desencadeado. O chefe da egreja treme diante da liberdade; lança a encyclica de 26 de Abril, porque tem horror ao sangue derramado, faz voltar o seu exercito no momento em que a Austria se volta contra o Piemonte, e despede Mammiani, ministro liberal, para substituil-o pelo Conde Rossi.

Pio IX escolhe assim, em plena effervescencia dum movimento nacional, justamente o homem menos nacional da peninsula.

Napolitano na Calabria, Suisso em Genebra, francez em Paris, toscano na primeira assembléa de Florença, romano nos salões do Vaticano, o Conde Rossi não representava aos olhos dos italianos sinão um novo genero de patria, a patria do salario. Cidadão viajante de todos os Estados, servia indefferentemente, conforme as circumstancias, á republica ou a monarchia; republicano de passagem em Genebra, realista de occasião em Paris.

Foi esse o ministro que que Pio IX chamou para seu guia nessa hora funebre, nessa hora perturbada pela derrota, em que a alma popular vê fluctuar por toda parte a sombra da traição; era denunciar de ante-mão o conde Rossi ao furor do partido revolucionario, como um desafio vivo a ideia de independencia.

Por sua vez o ministro nada faz para desarmar a colera da população romana; affecta a physionomia impassivel do absolutismo e paga com a morte o gesto de resistencia.

No dia seguinte a população romana proclama a repubiica e o papa deixa a cidade eterna. Mas apenas a repnblica franceza, entregue aos reaccionarios, sabe da existencia da republica romana, envia uma esquadra a Civita — Vecchia, para destruil-a. Roma é invadida, atacada, bonbardeada, redusida a fome, e resiste com heroismo, até que se vê forçada a ceder diante do numero. O exercito francez penetra na cidade, expulsa a constituinte do Capitolio, anniquilla a republica, e envia ao papa as chaves da capital. Doloroso epilogo para um movimento nacional! Si o povo que o experimentou depois duma resistencia heroica, não possue mais o espirito de nacionalidade, só lhe resta cruzar os braços e esperar a morte como o selvagem fatalista diante do perigo irresistivel.

Mas não. As nações para serem fortes só têm necessidade de fé, fé religiosa ou fé civica. A Italia acreditava na grandeza dos seus destinos, e, derrotada na primeira envestida, lança-se de novo á luta para conquistar a sua independencia. Desta vez não ha quem se opponha. Ella consegue a unidade nacional sem o papa e apezar do papa. A Italia existe emfim, una e grande, a despeito do espirito de reacção. Apenas o reino pontifical recusa-se a entrar na unidade da patria.

Mais um gesto e tudo estará feito. Perusa dá o exemplo, e Pio IX, que tinha horror ao sangue, quando se tratava do sangue austriaco envia o seu exercito contra Perusa. Esforço inutil. A Italia tinha chegado ao termo da luta, e a unidade nacional era uma realidade.

Apenas Roma permanecia fora da Communhão. Que valia porem uma cidade contra um povo unido? Ou teria que viver humilhada pelas baionetas estrangeiras ou seria forçada á ceder á razão tornando-se a capital livre de muitos Estados fundidos num Estado. Foi o que succedeu. E para provar que a raça latina não é uma raça condemnada a desapparecer, a Italia tem sabido honrar o esforço empregado para realisar a sua unidade nacional. O seu progresso em trinta e poucos annos de liberdade vale por um completo resurgimento. Forte como potencia militar, não se conserva estacionaria em nenhum dos multiplos departamentos da actividade humana. Na ordem material como no dominio do pensamento, elle pode hombrear desde já, guardadas as proporções, com as nações de origem saxonia que pretendem a hegemonia do globo.

Os seus artistas, os seus pensadores, os seus poetas não são em nada inferiores aos maiores artistas, aos maiores pensadores e aos maiores poetas da raça apontada como dominadora do universo.

Em pouco mais de quarto de seculo ella improvisou uma brilhante geração de estadistas e oradores, dominados pelo sentimento de democracia que tem de ser o ultimo credo dos povos de origem semelhante. A asse resurgimento é que convem o nome de renascença, impropriamente dando ao brilhante episodio da historia, caracterisando pela florescencia das letras e das artes, no começo do seculo XVI.

Uma raça que consegue fazer um tal milagre é uma raça que ainda tem muito a dizer sobre os destinos da humanidade.

E' loucura portanto formular theorias absolutas sobre a acção dos povos no concerto das civilisações.

Os que parecem vencidos para sempre, resurgem inesperamente ao sopro duma ideia nova, como se deu com o Italia, redusida durante seculos a escravidão e a impotencia.

Os que tombam num momento de crise, esmagados pela força, como a França do segundo imperio, reerguem-se de novo, cheios de brilho e de vitalidade.

A ideia de oppor uma raça a outra e fazer della o arbitro do mundo não é em substancia mais do que uma derivante do choque de duas tendencias que se repellem, a tendencia libertaria que se impõe a todos os espiritos do occidente, e a que se esforça para voltar ao regimen politico que considera a autoridade como uma delegação divina.

Antes que Max. Nordau, o propheta allemão, se lembrasse da erigir o «crepusculo dos povos» em principio politico, já Thomaz Carlyle havia defendido o imperialismo, e pedido a Bismarck, numa famosa carta publicada no *Times* que aproveitasse a situação de inferioridade em que se achava a França para acabar de vez com a raça dos sonhadores. Carlyle e Nordau não pertenciam a raça latina, pregavam uma simples tendencia, e *pro domo*.

A historia contenporanea vae mostrando que elles não se firmavam sinão num simples desejo de impossivel realisação.

No conflicto das duas tendencias quem vae perdendo terreno não é a liberdade, é o imperialismo.

Si ainda vivesse o autor do «Culto dos heróes», é provavel que aconselhasse agora a Allemanha a approveitar o incidente de Marrocos para realisar a sua theoria, annullando a acção da França no concerto europeu.

Mas acceitaria ella o conselho, fiada no crepusculo de Nordau e na theoria de Carlyle?

Provavelmente, não. E' melhor recuar do que desmoralisar uma doutrina politica.

A vantagem do incidente ainda assim foi grande. Elle veio provar que a raça latina, representada pela França não precisa tão cedo da tutella saxonia.

SILVA MARQUES.

EXPEDIÇÕES AO POLO SUL

FOI a notavel viagem feita pelo *Belgica* á terra de Danco e ilhas visinhas que abriu a era actual das expedições sul-polares. O navio de Mr. de Gerlache foi o primeiro que destinado a um fim exclusivamente scientifico, invernou nos gelos austraes, trazendo um farto cabedal de observações de magna importancia.

Pequeno, não deslocando mais de 244 toneladas, todas as despezas tendo de ser cobertas com a quantia de 345 000 francos que a tanto montaram os auxilios fornecidos ao corajoso explorador belga, modesta a expedição que não podia ser comparada por exemplo as do *Discovery*, ingleza e *Gauss*, allemã, esta ultima com

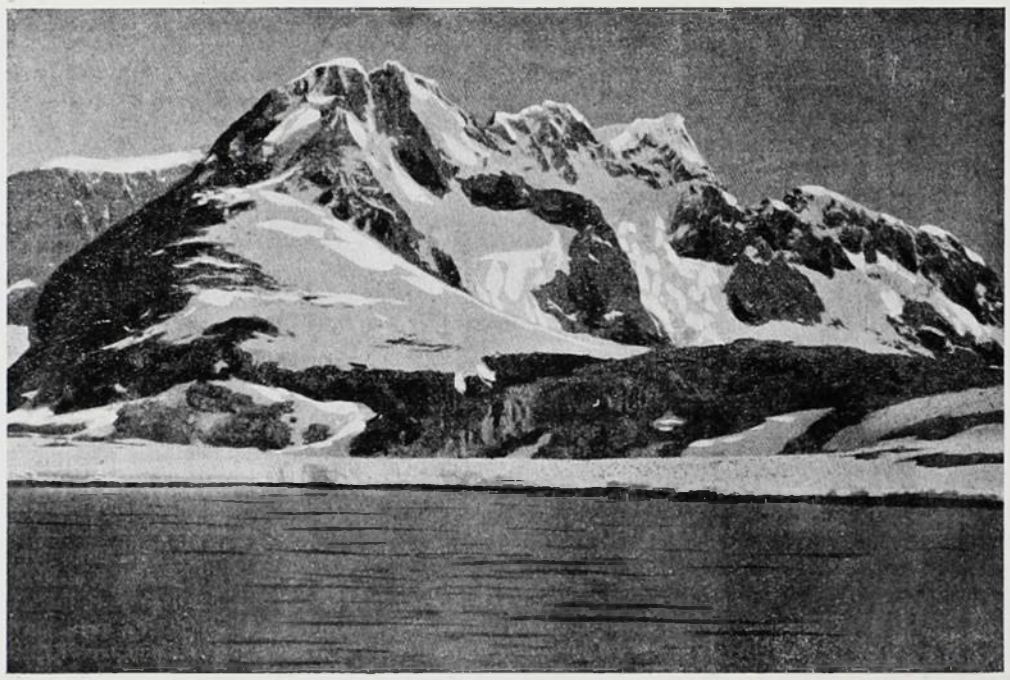


FIG. 1. — ILHA WANDEK

um auxilio pecuniario de 1.100.000 marcos, foi entretanto o navio belga o que mais fructos colheu de sua viagem ás desconhecidas regiões austraes.

Mr. de Gerlache em 1898, no *Belgica* fez a exploração detalhada do complexo de terras e ilhas situadas ao sul do cabo de Horn, alem das Shetland do sul, já visitadas outr'ora por Bellinghausen, Dumont d'Urville e Dallmann. Descobriu o estreito que tem hoje o seu nome entre a *Terra de Danco* e o archipelago chamado então de Dirck Gherritz; levantou a planta de suas duas margens tirando dellas muitas photographias; entrou depois a estudar a Terra de Alexandre 1º pelo lado sudoéste e ahi prezo o seu navio aos bancos de gelo, com elles derivou de 28 de Fevereiro de 1898 a 13 de Março de 1899, attingindo em 31 de Maio de 1898 o ponto extremo sul de sua viagem, 70º 40'. O resultado dessa longa invernagem nos mares austraes foi de extraordinarios beneficios para a sciencia, como facilmente verificará quem compulsar o *Bulletin de la Societe royale belge de Géographie*, de 1900, onde se encontram as conferencias feitas pelos differentes membros da expedição, como Arctowsky — Geographia Physica da região visitada pela expedição; Racowitsa — Resultados geraes da expedição antartica belga, e as obras especiaes sobre a viagem, de Cook-*Trough the first antartic night* e Gerlache — *Quinze mois dans l'Antartique*.

A curiosidade provocada por essas observações levou varios exploradores ás regiões antarcticas.

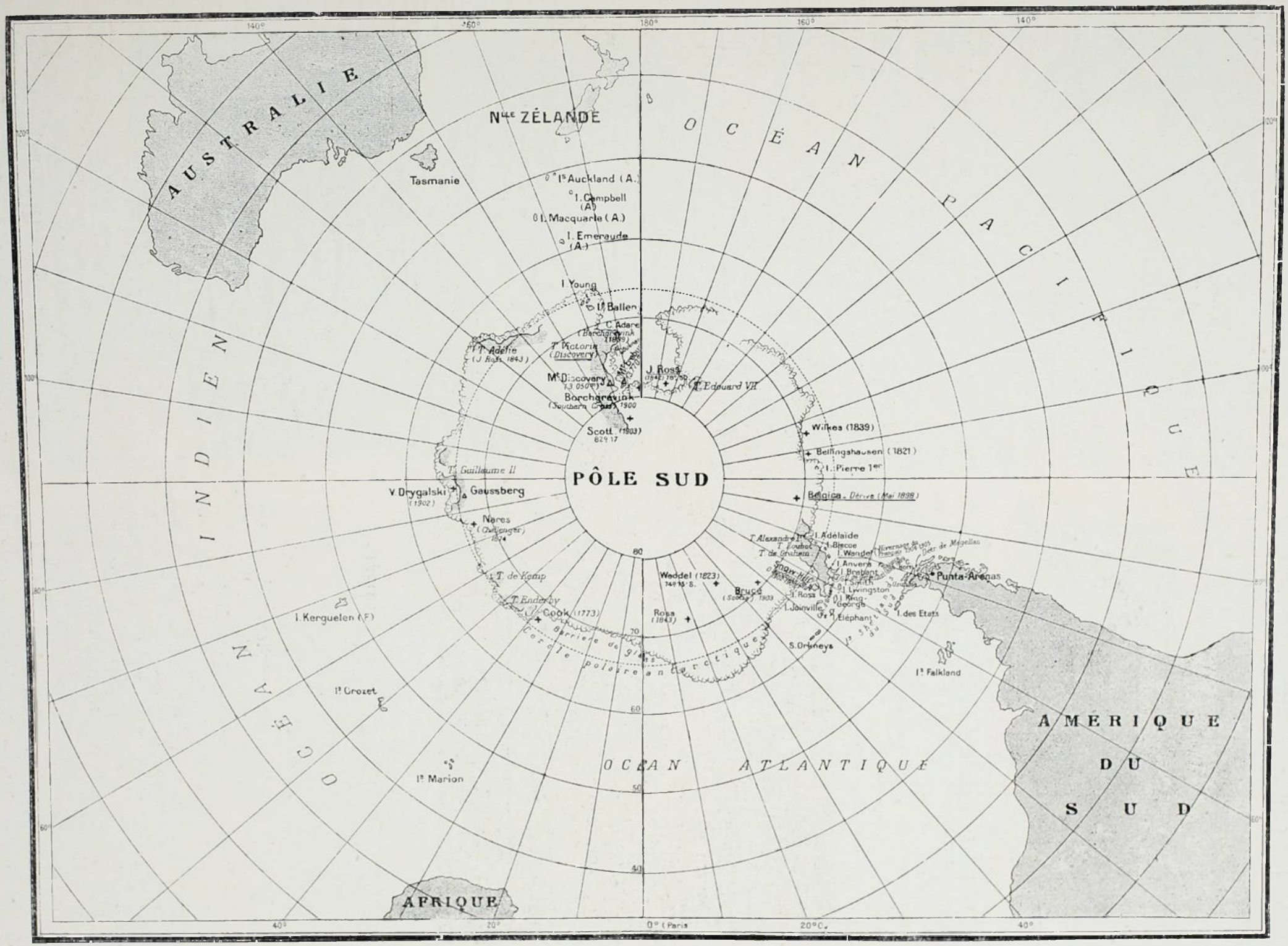
Em 1902 — 1903 Mr. Otto Nordenskjold, a bordo do *Antartik* completou as descobertas de Gerlache, explorando as paragens de Este e Nordeste da Terra de Graham, individualisando desta maneira todo um grupo de terras austraes para as quaes propoz a denominação de *Antarctida de Oeste*. Levantou, detalhando-as, as plantas da margem sul do estreito de *Bransfield* no qual desemboca pelo canal de *Orléans* o estreito de *Gerlache*, e as costas leste das *Terras de Luiz Phelippe* e *do Rei Oscar*, bem como as visinhas ilhas de *Ross*, *Joinville*, etc. Mr. Nordenskjold demorou-se em Snow Hill, ilha Seymour em 64º 22' S. de Fevereiro de 1902 a Novembro de 1903; ahi se lhe juntou uma parte dos seus companheiros que deixara na bahia da *Esperança*, e pouco depois o restante da equipagem do *Antartik*, despedaçado pelos gelos e que se refugiara na ilha *Paulet*.

Mr. Nordenskjold preso nos gelos, sem uma embarcação em que pudesse demandar terras habitadas, continuou não obstante suas observações fazendo successivos *raids* sobre os gelos da Terra do Rei Oscar.

Grande parte das observações desappareceram com a perda do navio. Os naufragos foram repatriados pela canhoneira argentina *Uruguay* ao fim de 22 mezes de demora nos gelos.

Durante permanencia em Buenos Aires de Mr. Otto Nordenskjold, aportou aquella cidade o *Français*, navio em que fazia a sua primeira expedição Mrs. Jéan Baptiste Charcot, filho do celebre medico francez de universal reputação.

Expedição organisada um pouco apressadamente com os recursos proprios do chefe e alguns donativos particulares, ascendendo o total



TERRAS E ILHAS ANTARCTICAS ATÉ HOIE EXPLORADAS

a 450.000 francos, Mr. Charcot em dous cruzeiros levantou a planta do archipelago *Palmer* do lado do Grande Oceano, terminou a exploração da parte sul do estreito de Gerlache, do archipelago de *Biscöe* e da *Terra Loubet*.

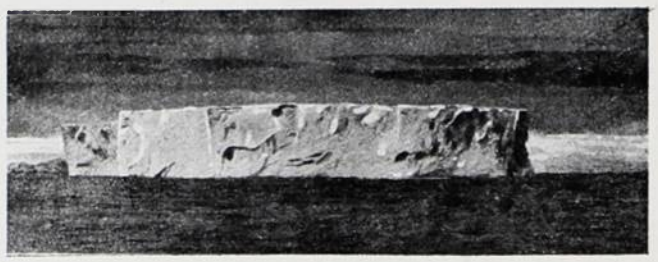


FIG. 2. — ICEBERG EM FORMA DE MESA

A invernagem de 1904 se fez no Porto Charcot, ilha Wandel, e deu logar a uma serie de observações preciosas e variadas que se completaram com a demora em PortoLoc-Kroy, ilha Wiencke. A narrativa da expedição Charcot está hoje compendiada em volume publicado em 1906 sob o titulo — *Le Francais au Pole Sud*.

Estas as principaes expedições ao polo sul entre os meridianos 55º e 70º O. Gr., ao sul do cabo de Horn, feitas por belgas, suecos e francezes.

Os allemães e escocezes pela mesma epoca buscavam penetrar o mysterio das regiões antarcticas, penetrando nos mares já explorados por Cook, Bellinghausen, Weddel, Ross e mais recentemente, em 1874, pelo *Challenger*, ao sul da Australia.

A expedição allemã do *Gauss* a que nos referimos acima, e para cujo preparo, sob o patronato de Guilherme 2º em pessoa, não foram poupadas despezas, invernou em 1902 — 1903 na ilha de *Kerguelen*, em 66º, 2' S. estudando os bancos de gelo das costas. Os expedicionarios sob o commando de M. von Drygalski fizeram diversos e perigosissimos raids em terra firme, levantando plantas e photographando o cone vulcanico do *Gaussberg*.

Preciosas observações sobre Physiographia e Historia Natural tornadas possiveis pelos instrumentos que a expedição possuia com fartura, não lhe faltando mesmo um globo aerostatico varias vezes utilisado, formam o stock de serviços prestados á sciencia pela expedição do *Gauss*.

Mr. Bruce no *Scotia*, em 1903 — 19 4 atirou-se á exploração do mar de Weddel, esbarrando em bancos de gelo de altura de 30 a 40 metros por espaço de 150 milhas percorridas ao longo da *Terra de Coats*.

Ao sul da Nova Zelandia, justamente nos logares em que J. Ross esbarrara em 1842, depois da descoberta do monte Erebus, outras duas expedições fizeram farta messe de observações scientificas.

O navio *Southern Cross*, partido ao mesmo tempo que o *Belgica*, sob o commando de Mr. Borchgrevinck, fez nas terras austraes uma invernagem desde 17 de Fevereiro de 1899 a 28 de Janeiro de 1900, levantando as plantas das terras ao sul das ilhas *Balleny*, á extremidade N. O. da Terra Victoria sendo na ponta *Adare* estabelecido um posto meteorologico; a ilha Coulman, a ilha Erebus, todas essas terras foram percorridas e exploradas.

Um cruzeiro em direcção a S. E. ao longo da grande barreira de *Ross* e excursões em terra até 78º 50' alem do ponto extremo attingido por este ultimo, permittiram fixar a natureza dessas formações entre o Erebus e a Terra Eduardo VII.

As colheitas scientificas primorosas, as photographias de pontos inteiramente desconhecidos, constituem documentos do resultado dessa magnifica expedição.

Aquella porém de mais extraordinarios resultados para a sciencia, foi incontestavelmente a do *Discovery* em 1902 — 1904 organisada com os maiores cuidados pelos inglezes.

Nella se fizeram os reconhecimentos das costas da Terra Victoria, e ilhas da visinhança,

FIG. 3. — O FRANÇAIS, NAVIO DA PRIMEIRA EXPEDIÇÃO CHARCOT

desde as paragens da Ponta *Adare* e monte Sabina, até alem de 80º de latitude sul, no estreito de Mac Murdo; o estudo das partes descobertas e do relevo do litoral (monte Melbourne, monte Discovery, etc.); um *raid* audacioso de mais de 300 kilometros executado em

trenó sobre a terra Victoria, facto unico nessas expedições austraes; uma invernagem na latitude de 78º, indo o capitão Scott pelo 160º meridiano E. Paris até 82º, 17' batendo o *record* das viagens ao Sul; o exame da grande barreira de *Ross* e suas relações com as terras visinhas; uma recolta extraordinaria de observações, taes os principaes resultados dessa expedição de excepcional importancia.

FIG. 4. — CANAL DE LEMAIRE

O *Discovery* levava tambem um balão como o *Gauss*, com o qual poude fazer varias observações directas, tendo ao mesmo tempo estudado os mares austraes que Dumont d'Urioslle outr'ora visitara.

O *Pourquoi Pas?* novo navio em que Mr. Jéan Baptiste Charcot pretende continuar as suas explorações nas terras austraes e que tanta curiosidade provocou quando entre nós esteve, destina-se a penetrar a vasta região que vae do meridiano 60º ao 140º O. Paris, num ponto quasi desconhecido, alem da terra de Alexandre 1º e da ilha de Pedro 1º, apenas conhecidas pelas referencias de Bellinghausen e Wilkes.

A expedição explorará as jazidas fossiliferas do monte Bransfield e da ilha Seymour, guardando a colheita em segurança em Ushuaia ou Porto Charcot; tentará depois fazer um reconhecimento de conjuncto nas terras Loubet e Eduardo VII.

FIG. 6. — PICO CLÉRY, (N. O. DA ILHA WANDEL)

Conta fazer Mr. Charcot, pelo menos uma invernagem em terra, realizando o maior numero possivel de *raids* nos bancos de gelos. Para esse effeito pela primeira vez serão empregados os trenós antomoveis nos quaes o ousado explorador deposita a maior confiança.

A expedição Charcot foi organizada sob o patronato da Academia de Sciencias, Museu, Liga Maritima e Instituto Oceanographico de França.

Preparada com mais cuidado do que a primeira, provido o *Pourquoi Pas*, de recursos que faltavam ao *Français*, poderá Mr. Jean Charcot ser mais feliz, resolvendo varios dos problemas que nas regiões desertas das terras austraes estão até hoje á espera de solução por parte desses abnegados exploradores que a tudo se expõem por amor á sciencia.

Ao mesmo tempo que a expedição Charcot, outras se dirigem como ella para os mares do sul: dous navios inglezes sob o commando de

FIG. 5. — SERRANDO O GELO, (PAIZAGEM DE VERÃO)

M. M. Scott e Shackleton; outro sob o de Mr. Bruce; um belga chefiado por Mr. Arctowski, ex-official do *Belgica* procuram como elle resolver esses problemas, explorando as terras circumpolares.

FIG. 7. — UMA PAIZAGEM SUL POLAR. BANDO DE PINGUINS SOBRE O GELO

Pode ser que baldados se tornem todos esses sacrificios; os gelos, as correntes maritimas, o tempo inclemente e aquella traiçoeira molestia, a anemia dos gelos que tantas victimas tem feito nas differentes expedições, opporão a mais tenaz resistencia a todos os esforços para desvendar o segredo que guardam as enormes barreiras de gelos eternos. Mas não tem conta os recursos da sciencia; e sobre os gelos, nos velozes automoveis, — pelos ares nos dirigiveis ou aeroplanos a data não está longe em que um mais ousado ou mais feliz diga a ultima palavra sobre o Polo Sul.

KARLOS VAIS.

NA FRONTEIRA

O VALENTE

NAS cartas geographicas modernas do estado do Paraná, vê-se na fronteira da Argentina, a poucos kilometros da embocadura do rio Pepiry-guassú, o Salto do Valente.

Quem foi esse Valente?

Porque os commissarios brasileiros e argentinos deram seu nome desconhecido á primeira quéda do famoso rio?

Quando, ao começar o anno de 1887, a escolta da Commissão de Limites com a Republica Argentina passou por Curytiba, seguio com ella o Valente.

Não eram raros esses *voluntarios*, assim denominados pelos soldados.

Era branco e bem novo.

No olhar intelligente e de notavel vivacidade, transparecia tal meiguice, que attrahiu logo a nossa sympathia. Brincão, agradava a todos.

A dentadura brilhava alva e rija entre os labios rosados e humidos.

Seria um bello typo si não tivesse as pernas curtas e zambras.

Todos sem excepção, officiaes, praças e paisanos, se lhe affeiçoaram.

Arranchava e dormia com os soldados.

Nas noites frias do formoso Estado, aprasia-lhe muito dormir junto ao borralho, conforme a usança da terra.

Gosava saude de ferro. Dir-se-ia febril a sua actividade, pois estava sempre em movimento.

Quando começaram as marchas fatigantes pelos caminhos accidentados e penosos do sertão paranaense; e os soldados, de mochila ás costas, subiam offegantes os recostos resvaladios das serras empinadas ou patinhavam enlameiados nos atascadeiros e caldeirões interminaveis; dava gosto vel-o caminhar lesto e agil, sem se atolar, sobre os barrocaes insidiosos, escondidos pelos musgos avelludados côr de esmeralda.

Nos passos fundos dos arroios é que o Valente sentia a contingencia da sua estatura apoucada. A curteza das pernas lhe não permittia vadeal-os.

Nesses momentos difficeis, surgia sempre um amigo que o carregava e o depunha enxuto na outra margem.

Entretanto ninguem nadava melhor do que elle.

Lhe não agradavam, porem, as aguas frias dos lageados.

Esses e outros serviços que lhe prestavam, o *voluntario* pagava sobejamente, sendo o nosso melhor vigia nas noites escuras e tormentosas.

Quantas vezes ouvimos a sua voz amiga dar o brado de alerta, quando sorrateiras e cautelosas as onças mosqueadas se acercavam do nosso bivaque!

Punha ao nosso serviço toda a sua intelligencia e coragem.

Nenhum era mais ousado e destemido do que elle; entretanto viram-no mais de uma vez estremecer ao leve farfalhar das folhas sèccas, quando soprava a brisa ou um reptil inoffensivo passava.

Quando a escolta chegou á villa de Palmas, Valente desforrou-se das marchas penosas, dos dias chuvosos e das noites glaciaes. Passou vida folgada na triste Capua.

Pouco depois dispersou-se a commissão mixta: as turmas exploradoras se partiram, cada uma com seu rumo, aos seus destinos.

Elle seguio com a minha, acompanhando o seu melhor amigo o anspeçada Firmino.

Esteve commosco na malóca da Formiga dos indios Camés, atravessou a colonia militar do Chapecó toda garrida e florescente graças á dedicação de Bormann, subiu as serras do Tigre e do Gregorio e chegou ao posto das Chalanas, na margem do Uruguay, abaixo do passo do Goyo-en.

Desceu as cachoeiras espumantes do grande rio acachoado e ruidoso.

Abaixo da embocadura do Chapecó, na altura das aguas sulfurosas, a canôa em que navegava arrombou o fundo na ponta d'uma pedra.

Abicamos á margem, sem perda de tempo, porque a agua entrava em borbulhões.

Ao redor das fontes thermaes as aves e a caça do pello se reuniam. O Valente ao saltar, dirigiu-se para lá e deu-nos um bello veado mateiro que o Karl Eichemberg, nosso cosinheiro, lardeou com toucinho comprado ao Moura Gavião, na engenhóca do Passo Reúno.

No salto da Fortaleza, donde voltaram os demarcadores Alpoim e Arguêdas em 7 de Março de 1759, e na famosa cachoeira dos Macacos Brancos, que tem mais d'uma legua de marouços e ondas bravias agitadas por violentissima corrente; elle tremelicava dando curtos gemidos.

Quem o não conhecesse supporia ser de medo; mas era de frio das marejadas que entravam pelas bordas.

Valente era um caso raro de harmonia entre o caracter e o nome.

A sua fidelidade revelou-se em alto grau na colonia militar do Alto Uruguay, onde resistiu a todas as seducções, preferindo seguir-nos para

o deserto, onde o esperava uma vida trabalhosa e cheia de privações, demasiado ardua e prenhe de perigos

Quando iniciamos a exploração do Pepiry-guassú em Julho de 1887, embarcou na canôa do velho Kuhlmann, nosso feitor.

Mais de uma vez deu-nos o *extraordinario* de alguma caça. Era sempre o primeiro a saltar em terra; e acto continuo penetrava nas brenhas, que margeiam o rio.

No principio do mez seguinte, Agosto, levado pelo ardor venatorio, foi muito longe, pela floresta adeante, na abalada d'um veado e causou-nos serias apprehensões.

Demorou-se demasiado e lhe mandamos no encalço os nossos melhores rastejadores; suspendendo por isso o serviço.

Brasileiros e argentinos, todos seus amigos, encheram-se de cuidado pela sua sorte.

O anspeçada Firmino, porém, animava á todos, disendo: — Qual! Valente é muito *vaqueano* do matto e não se perde.

Assim foi. Seguio por uma batida de antas até chegar a um vasto enxurdeiro, cujas cercanias bem pareciam uma fazenda de gado, tão numerosos eram os estrabos, os rastos e outros vestigios do nosso grande pachydermo. Os animaes fugiram por uma sellada da serra para as bandas do Apitereby, e elle tornou á tardinha, offeguento e cheio de arranhaduras.

Nesse ponto onde parámos para esperal-o, o rio offerece aos que o remontam o primeiro obstaculo serio á navegação.

Devoto fervoroso de Santo Huberto, Valente parecia incorregivel na sua paixão de montear.

Esse deporte, tão perigoso e cheio de penas no seio das nossas florestas emmaranhadas e densas, nunca o fatigava.

Quem o julgasse pela estatura, o não consideraria tal; mas suppria a pequenhez pela solercia e agilidade.

Ao chegarmos á confluencia do Pepiry-mini o maior dos tributarios do rio, appareceu no alto do paredão dioritico da sua margem direita, por entre os troncos da matta magestosa, uma grande onça pintada, que nos fitou espantada um instante e sumiu-se na bastidão, sem dar tempo de aperrar as espingardas.

Tinhamos por certo que voltaria á noite; e causava-nos temores a temeridade do Valente.

Estavamos ainda no inverno e as noites, apezar do abrigo da floresta, eram muito frias.

Acendemos grandes fogueiras de bôa lenha em roda do bivaque.

Os cães ladraram toda a noite sem cessar. Valente passou-a em claro e rondando.

De vez em quando ouviamos-lhe a voz dando o alarma alem dos fogos; e dormiamos confiando na sua vigilancia e dedicação.

Quando começou o calor, no meiado de Outubro, estavamos já perto das cabeceiras, palmeando a picada aberta ao longo do São Pedrito, um dos galhos orientaes e mais volumosos do Pepiry-guassú, — tomado pelo principal por Fonseca e Cabres, quando o remontaram nos fins do seculo 18º.

Fomos invadidos então por nuvens de insectos, qual mais incommodo: — borrachudos, mutucas, maruins, mosquitos polvora, morissócas, pequenas abelhas negras...

De todos, porém, o peior inimigo era a *mosca do berne*.

Atacava indistinctamente — homens e animaes.

Era muito arriscado acarrar-se sob a copa das arvores e dormir á sésta.

A mosca inexoravel á ninguem poupava.

Negra, avelludada, pelluda depunha os ovulos nas anfractuosidades da epiderma. A pelle tumefasia-se, avermelhava-se e ficava quente e dolorida.

Esfregavam no ponto inflammado sarro de cachimbo e esprimiam o asqueroso *bicho de berne* que sahia fusiforme, grande, lardaceo, repugnante.

Animaes, soldados e peões foram atacados.

No seculo 18º, o geographo hespanhol Don Andrés de Oyarvide, quando se retirava das cabeceiras do Santo Antonio, pagou tambem o seu tributo, com um na panturrilha.

O Valente abusava e dormia á sombra.

Parecia privilegiado: escapou incolume e sempre liso e nedio.

No salto Cabrer, a treze kilometros da nascente, o São Pedrito despenha-se do alto d'um penhasco de dez metros de altura sobre uma formosa bacia elliptica, de forma quasi regular. As margens são altas *itaimbés* alcantilados. Demorei alli um dia o serviço topographico para fazer algumas observações hypsometricas.

Sobre a pequena mesa de campanha colloquei com todo o cuidado o meu hypsometro de Casella.

Acendi a lampada de alcool e observava attento a columna do thermometro ao entrar a agua do reservatorio em ebulição. O Valente levado pela curiosidade, mas com estouvamento foi de encontro á fragil mesa. O hypsometro cahiu; o alcool inflammado derramou-se e incendiou a caderneta das observações; e quebrou-se o thermometro, unico que tinhamos para tal mister.

Não me pude conter.

Tive impetos de estrafegal-o e dei-lhe um murro formidavel.

Olhou-me cheio de dôr e afastou-se gemendo.

Parecia mais sentido do mau tracto, do que da dor do golpe.

Arrependi-me logo. Havia sido demasiado brutal, esquecendo n'um momento de raiva os bons serviços e a dedicação á toda prova do pobre Valente.

Chamei-o e elle achegou-se timorato.

Passei-lhe a mão pela cabeça e sorri-lhe. Transformou-se: parecia não guardar da minha grosseria o menor vislumbre de resentimento, e ficou muito tempo junto a mim, sorrindo como elle sabia fazel-o — franca e carinhosamente.

Um mez depois percorriamos, de estação em estação, a accidentada picada do mais alto terreno entre as cabeceiras principaes de Pepiry-guassú e do Santo Antonio, cruzando de vez em quando lageados ruidosos, que correm para a direita e para esquerda, precioitando-se espumantes pelas quebradas sombrias e profundas.

Os da direita são affluentes do rio da America, contravertente e visinho mais proximo do Pepiry-guassú. Os da esquerda vão ao Urugua-hy tributario do grande Paraná.

A picada, tortuosa fôra aberta entre pinheiraes opulentos e bastos, cerrados por taquaraes quasi impenetraveis.

A caça abunda nessa região alpestre. Por toda a parte, alli e acolá, encontravamos piugadas de veados, trautas enormes de onças, batidas fundas de antas, e trilhas de *tajassûs*, que andavam em busca dos pinhões.

O Valente sentio-se feliz n'aquelle meio onde podia dar largas á sua paixão.

Acampámos, uma tarde, perto da cabeceira do braço Oriental do Santo Antonio, por onde subiram os antigos demarcadores no seculo 18º, tomando-o pelo galho principal.

Pela frente do nosso pitoresco acampamento passava correndo o braço do rio Urugua-hy, que naquelle seculo os paulistas *vaqueanos* do tenente hespanhol D. Francisco Millau y Maraval disseram bem poder ser, pela côr das aguas, o Pepiry que buscavam. Muito teria que andar o illustre official para lá chegar.

Antes de anoitecer, chegou-nos o Clemente, nosso estafêta, rapaz de seus vinte annos, mestiço de indio e morador no Campo Erê.

Vinha de Palmas e trouxe com a correspondencia uma pelle fresca e ainda sangrenta de onça pintada.

Matara-a com a sua garrucha de dois canos, ao passar a grande lagôa do kilometro 13º.

Si não fosse o susto da mula, disse elle, o tigre tel-o-ia preado pelas costas, tão proximo chegára.

A noite foi bem alumiada pelas fogueiras perfumadas com lenha de pinheiro e louro sassafraz.

O luar coava-se pela ramagem singularmente rala d'aquelles bosques serranos.

Os nossos poucos animaes dormiram á soga, comendo folhas de pindoba. Era perigoso mandal-os para o *recosto*, por terem sido vistos na proximidade rastos recentes de onça.

Estavamos em fins de Novembro e apezar da humidade dessas paragens altas cobertas de florestas, onde abundam as cabeceiras de arroios, a temperatura era elevada e dispensava cobertores e barracas fechadas.

Soldados e peões tomavam matte ao redor do grande fogão, onde a feijoada dava pulos no caldeirão do Eichemberg, cujo — accordeón — casava a toada fanhosa com a vós plangente do Valente, enlevado na poesia do esplendido luar brilhande no puro azul do céu. Alta noite o bivaque estremeceu ao bramido proximo do tigre e os echos da floresta mysteriosa rebramaram pelas quebradas.

Os cavallos assustados rincharam de terror e esticaram, bufando, os maneadores á estourar,

Alguns caçadores, dos mais afoitos, tomaram das armas e penetraram na treva phantasticamente alumiada por algumas têdas, que logo se extinguiram.

Valente ia na frente, silencioso e cauto na escuridão mais intensa para os que deixavam o acampamento alumiado. Buscava reconhecer e sorprehender o inimigo.

Ouvimos tiros e gritos.

A sua voz distinguia-se bem na celeuma.

O tigre sumiu-se na reboleira.

Poucos dias depois, o peão Manoel dos Santos, do Campo Erê, mestiço de branco e indio, dessa raça admiravel da mamelucos, que dilataram para o Oeste o nosso territorio nos tempos coloniaes, seguio com dous rapazes e alguns cargueiros de viveres para o porto do Santo Antonio, onde mandamos fazer um rancho para deposito.

Era caçador afamado e tinha reputação de destemido e forte. Possuia um grande cão, alão de pello rajado, seu companheiro fiel naquelles montes e valles.

Na noite em que chegaram ao deposito, uma das mulas foi morta por um tigre.

Na seguinte os rapazes insistiram com o Manoel dos Santos para dormir com elles no rancho. O bravo caipira escarneceu de medo dos *gurys* e estendeu os arreios debaixo d'uma arvore á beira do rio, perto da confluencia d'um arroio, onde um pinheiro cahido servia de ponte.

Fez ao lado uma grande fogueira de grossos troncos e adormeceu tranquillo, confiado na guarda do seu fiel amigo.

Alta noite, quando a fogueira ardia já sem a luz viva das labarêdas e os grossos tições cobriam-se de cinza alvacenta, um tigre approximou-se sem ser presentido e matou o sentinella que não poude dar nem um uivo de dôr.

Arrastou cauteloso para a autra margem do arroio sobre a ponte do pinheiro derribado o corpo inanimado da sua victima, deixou-o e voltou.

A escuridão era intensa e o silencio da noite perturbado apenas pelo marulho da corrente do Santo Antonio.

O valoroso mestiço dormia á somno solto, involto no ponche,

A féra achegou-se sorrateira; ferrou-lhe uma das presas no ouvido direito e arrancou-lhe um pedaço do craneo.

Reboou na solidão um grito de agonia e os rapazes do rancho tremeram de pavor. O tigre assustou-se tambem e fugiu.

Acudiram ao moribundo e encerraram-se com elle. A vida se lhe apagou poucos minutos após. O terrivel animal tornou sem demora em busca da prêsa preferida. Dava urros formidaveis, rondando o pequeno rancho.

Os rapazes contaram-me, que parecia louco; tal o seu furor. Espalhou pelo chão arreios, cabrestos, ligaes e cangalhas.

Ao despontar do dia, retirou-se para a matta.

Os moços montaram a cavallo; e correram á participar-me a horrorosa occurrencia.

Mandei immediatamente alguns dos melhores caçadores—Valente não podia faltar; seguiu tambem.

Acharam o tigre muito perto do rancho; do outro lado do arroio do pinheiro cahido, que tomou o nome de «Arroio do Tigre.»

Mataram no sem difficuldade, porque estava trepado. Era muito velho:—tinha dentes cariados e falhas no pello mosqueado. Cada caçador, conforme a usança da terra, descarregou no homicida a espingarda, para vingar o companheiro morto.

Trouxeram-me a pelle toda esburacada. O Valente estava radiante. A felicidade brilhava no seu olhar intelligente e vivo.

Tinha a paixão do deporte da caça; e dava gosto vel-o rodear a pelle espichada parecendo aspirar com delicia o cheiro acre, que exhalava.

O lugar da scena tragica recebeu o nome de «Porto do Manoel dos Santos», em honra ao nosso mallogrado companheiro de fadigas.

Poucos dias depois de começarmos á descer em canôa o Santo Antonio; o nosso portamira de ré—João Rowe—tento de Blumenau, escapou milagrosamente de ser victima de uma onça, que quiz prêal-o de pulo, quando batia uma estaca de prégo.

Ao passarmos o arroio das Antas, o Santo Antonio tinha tão pouca agua, que mal permittia a fluctuação das nossas pequenas embarcações sem quilha. Acampámos logo abaixo.

Choveu a noite inteira copiosamente; e o rio ao amanhecer galgava as barrancas, mettendo no fundo as nossas ultimas estações; não obstante o cuidado, que sempre tivemos de fazel-as em lugar alto.

Foi forçoso parar até que as aguas baixassem. Felizmente essas enchentes não são duradoras nos arroios proximos das serras.

No segundo dia pela manhã, atravessou á nado para a nossa margem, um bello veado capoeiro e desappareceu na espessura. O Valente seguio-lhe no encalço Alguns soldados foram tambem atraz.

A' tarde voltaram todos, menos elle.

Mais de uma vez isto aconteêra, mas tornara sempre. Anoiteceu e nada.

No dia seguinte o rio corria manso na sua madre natural. Era preciso descel-o, continuando o arduo serviço.

O tempo urgia, porque a saude dos homens peiorava cada dia e escasseavam os viveres, já bastante reduzidos e deteriorados.

A nossa rôta era pelo deserto e os recursos iam ficando cada vez mais longe.

Quem teria porem, a crueldade de abandonar naquellas agruras o nosso bom e carinhoso amigo? Açorava nos, á todos sem excepção, a incerteza da sua sorte.

Dei ordem para não desarmar o abarracamento. Toda aquella gente rude e boa ficou satisfeita. Sahiram soldados e peões, brasileiros e argentinos, em busca do transviado.

Um presentimento de desgraça pairava no nosso bivaque. Todos estavam apprehensivos pela vida daquella creatura brava e boa.

Ao cair da tarde, os rastejadores voltaram. Um véo de tristeza cobria-lhes a physionomia.

Então? Perguntei.

Respondeu-me o anspeçada Firmino, seu maior amigo, com uma lagrima tremendo nos olhos avermelhados: Nada, seu Coronel. Valente foi comido por um tigre.

Achámos o rasto e seguimos muito longe. la pela batida do veado, passou a serra para a outra banda e sumiu-se de repente. Mais adiante achámos manchas de sangue e rastos da malvada féra.

Pobre Valente! Calcule-se o nosso pesar.

Demos seu nome ao primeiro salto do Pepiry-guassú, onde se transviou pela primeira vez, para lhe guardar a memoria.

Humilde de condição, nada poupou na conquista da nossa estima.

Soffreu commosco no deserto o frio, a fome e a nostalgia, peior ainda. Em seu olhar suave brilhava a intelligencia.

Parecia adivinhar o nosso pensamento.

Ia ao encontro dos nossos desejos e procurava satisfazel-os n'um trambordamento de bons sentimentos.

Bravo, fiel e dedicado, conquistou a nossa gratidão.

DIONISIO CERQUEIRA.

Flora Epiphyta do Rio Grande do Sul

NOSSAS ORCHIDEAS

É INCOMPARAVEL e extraordinariamente bello o que possuimos em nossas ricas e densas mattas, nos concavos dos valles em *Orchideas*, essas formosas flores eminentemente indigenas e da flora epiphyta.

Essa vegetação aeria impropriamente chamada de *parasita*, a par dos cravos do matto (Tillandsia bicolor, T. dianthoidea) ornão sobremaneira as nossas florestas, tornando esta parte do Brasil austral luxuriante e imponente. Já o celebre historiador inglez Robert Southey qualificou o Brasil de região mais formosa de toda a terra habitada. Não é o Rio Grande conhecido no que se refere ás suas condições eminentemente favoraveis á Floricultura e especialmente em relação á sua opulenta flora epiphyta.

São tão numerosas as variedades dos milhares de orchideas conhecidas, tão frequentes nas regiões sombrias de nossas florestas, que ousamos acreditar na existencia de verdadeiras maravilhas no interior das mattas verdadeiramente virgens que o Rio Grande possue ainda.

As orchideas extasiam-nos a um tempo pelo seu aspecto original, suas côres em geral alacremente vivas, a sua forma incomparavel e os seus brilhantes matizes.

Quem não teve ainda a ventura de admirar em nossos cerrados e umbrosos mattos essas delicadas e caprichosas flores?

A Cattleya intermedia grak, uma das mais vulgares, cobre as vezes vetustos troncos, tem os sepalos e os petalos violaceo-vermelhos; um pouco de cuidado em sua installação em um tronco com um pouco de musgo do genero Sphagnum, e com o auxilio de fibras textis de grita, de saphia ou de Dicksonia Sellowiana, o maior dos fetos que florescem no Rio Grande do Sul, é o sufficiente para que esta Cattley floresça admiravelmente.

Outras orchideas, porem, proprias nos lugares muito sombrios, exigem o abrigo de estufas, regas chimicas e esmerada observação afim de preserval-as do ataque dos insectos e dos cr ptogamos parasitas.

Fazem-se algumas installações com a *Tillandsia usneoides* que é a nossa conhecida e muitissimo popular *barba de velho ou de páu* que em nossas mattas forma verdadeiras cortinas.

No Rio Grande floresce um bom numero de orchideas formosas; em quasi todos os sitios, desde esses morros paleozoicos coroados de vegetação asperrima em que salienta-se a *Collitia cruciata* dos arredores de Porto Alegre, até o extremo norte, onde encontra-se a bella e util orchidea de subtil perfume, a Vanilla aromatica, orchideas apresentam-se sempre soberbas, de forma caprichosa, quer se trate das robustas quer das orchideas anãs, taes como as Sophronites e a Habeneria dos campos de areia movediça.

Estas ultimas, plantasinhas de alguns centimetros, tem mimosas flores e vegetam em geral ao lado ds algumas Bromeliaceas.

Parte da flora do Rio Grande é *psammophila*, encontrando-se caracteres de formação *bralophila*, segundo o naturalista sueco Dr. C. A. M. Lindmann, em seu importante trabalho «A vegetação do Rio Grande do Sul».

CATTLEYA AQUINU — HYBRIDA NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

Algumas orchideas petrophytas vivem modestamente sobre rochas musgosas; têm folhas espinhosas como as das Bromeliaceas, haste erecta e flores vermelho-amarelladas.

As especies de real merecimento são em geral, as muito justamente denominadas *elegans*, *purpuratas*, *intermedias*, albas, etc.; algumas, como por ex., o *Oncidium crispum*, são muitissimo raras.

Cattleyas, Loelias, Zygopetalims Oncidiuns, Doudrobiums são muito abundantes.

Um negociante de Porto Alegre, orchidophilo extremado, o Sr. Antonio da Silva Val-

ladares, já fallecido, encontrou um dia em seu orchidario, um hybrido de Cattleya inteiramente extranho que hoje é conhecido por Cattleya Aquinu, designação dada pelo venerando e sabio botanico brasileiro, Dr. Barbosa Rodri-

CATTLEYA AQUINU—HYBRIDA NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

gues que a recebeu do seu correspondente scientifico no Rio Grande, o Sr. Francisco Aquino.

Nós damol-a em um formoso conjuncto com o *Dendrobincunobile* em plena florescencia.

Este ultimo, porém, é da India.

A planta tem folhas coreaceas, ligeiramente acuminadas e vigorosamente verdes, bulbos robustos e flor elegantissima, de labello purpura-arroxeado, coloração esta que tambem embelleza as extremidades de dois sepalos, ao passo que os dois petalos tem o apise uma pequenina macula verde-musgo.

A flor, afora estes pontos, é de cór purpurina muito desmaiado; em conjuncto é de incomparavel belleza.

Em uma concorridissima exposição realizada pela Royal Horticultural Society, em fins de Março de 1892, a *Cattleya Aquinu* obteve um julgamento de merito. «Award of merit» e foi descripta no «Gardenerlis Chronicle» de 31 de Maio do mesmo anno.

Como preciosidade, verdadeira joia da flora epiphyta possuimos a *Cattleya purpurata, alba-plena*, planta rarissima, ainda não descripta no «Dictionnaire Iconographique des Orchidées, nem em nenhum dos catalogos belgas, inglezes ou allemães, sendo, no emtanto, uma preciosidade.

Segundo affirma o Sr. Dr. José Pinheiro M. da Silva, o Estado do Espirito Santo é um dos mais ricos do Brasil, na flora epiphyta, devido talvez ás condições climatericas, pois em uma lombada de serra e em um pequeno perimetro, encontrou de dez a vinte variedades dessas lindissimas e preciosas flores que extasião e encantam.

As flores das Orchideas são umas inodoras e outras de perfume inebriante.

As Orchideas rebentam seus primeiros bulbos na estação primaveril; desenvolvem-se então seus rhigoneas e formam-se os seus botões que vão desabrochar em plena estação de estio, matisando de côres variegadas as densas ramarias de verde glauco, as franças de nossas sombrias e seculares mattas.

Respira-se então ahi a largos haustos as exhalações sadias dessas flores, perfume entontecedor; admira-se-lhe a belleza da forma, emoldurada pelos matizes raros e como não ser assim se são ellas de uma formusura sugestiva e impresionante!

Essas flores da selva brasileira contão hoje milhares de admiradores que as cultivão com real carinho.

A nossa soberba flora foi sempre digna da maior admiração.

Alem disso, podemos gabar-nos da facili-

CATTLEYA AQUINU—HYBRIDA NATURAL DO RIO GRANDE DO SUL

dade de acclimatação que encontram no Brasil as plantas de outras regiões; basta-nos, por ex.,

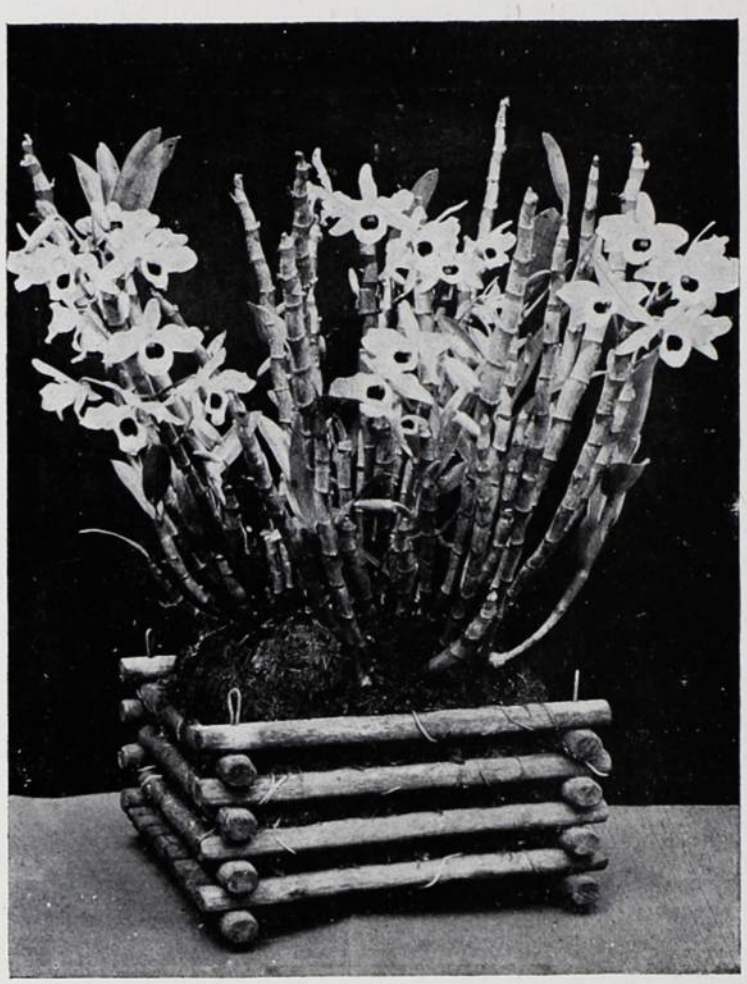
citar as conhecidas e formosissimas palmeiras imperiaes, Orcodoxa oleracea, que mereceu do sabio botanico sueco, o Grande Linneu o epitheto de

Principes vegetabilium! No que se refere á technica dos orchidarios, occorre-nos lembrar principalmente a pratica da hybridação artificial, operação delicadissima que em sua essencia consiste no casamento de especies differentes. São precisas thezouras delicadas, com as quaes retiram-se as pollinias da flor que deve receber a fecundação artificial e cobre-se a flor com um capucho de gase, bem justo ao pedunculo, afim de impedir que o vento, os insectos ou os beija-flores transportem para a flor o pollen de outra orchidea já por elles visitada. Após alguns dias retira-se este accessorio e com au-

DENDROBIUM NOBILE—NATURAL DA INDIA

xilio de um pincel fino ou de um fino estylete leva-se ao stigma da flor um pouco de pollen ou toda a pollinia (pollen em massa) de outra flor, á escolha do operador.

Assim consegue-se artificialmente hybridos



DENDROBIUM NOBILE—NATURAL DA INDIA

de origem conhecida, por um processo que é a imitação das hybridações naturaes, feita por intermedio dos insectos, dos passaros e mesmo do vento, conductores inconscientes de pollinias.

Terminando, diremos: assim como a França possue a sua flor symbolica, o Liz, a Italia suas Margaridas e Violetas de Parma, Luxemburgo as suas incomparaveis Rosas, a Hespanha seus encantadores e perfumados Cravos, o Japão as Azaléas e os Chrysanthemos, façamos nós das flores das Orchideas de nossas mattas, a flôr symbolica brasileira.

(Porto Alegre)

OCTACILIO BARBEDO.

NO TEMPO DA "GAZETINHA"

NÃO me refiro á época em que a *Gazetinha* se deu ao luxo de um escriptorio na rua d'Ouvidor, o famoso becco da velha elegancia carioca. Esse escriptorio, convem esclarecer o caso, não passava dum corredorzinho, cafúa ou cacifo, com uma portinha no passeio tôsco, espremida entre a então frequentadissima Confeitaria Cailtau (onde hoje mercadeja em porcelanas a firma Leonardos) e uma loja qualquer ao lado do vasto armazem de Mme. Josephine Lambert, costureira da imperatriz D. Thereza Christina, predio em que se localisou actualmente a Livraria Alves. Na soleira dessa portinha, que o novo edificio da redacção da *Tribuna* absorveu na sua construcção, o poeta Fontoura Xavier, muito longe de pensar nas facturas do consulado de Baltimore e menos nas rutilações de uma farda de ministro plenipotenciario, mas, meio bohemio, meio dandy, intrigando o burguez *conselheiral* com a petulancia do seu monóculo e a irreverencia casquilha dos seus sapatos d'entrada baixa com meias de seda preta, dardejava a ironia do commentario e a troça do *triolet* sobre a fileira processional da tafularia ouvidoreana. Cousas d'aquelle tempo, em que a ironia aflorava aos labios risonhos de um poeta de talento... Agora, a dar credito nas chronicas petulantes do mundanismo, ella cicia ambiguidades pretenciosamente requintadas na bocca duns individuos que ninguem sabe porque se lhes attribuem meritos. E, para me aproveitar da opportunidade, devo lembrar que, no minusculo balcão desse escriptorio, o Miguel Fortes, que é no presente emprezario viajante de companhias theatraes, e ainda não abiscotára o applauso unanime aos seus dotes de barytono de salas, dizia-nos, a mim e outros, num gesto esthético de eloquencia, a sua admiração por Eça de Qneiroz nesta phrase rutilante: «Nem Miguel Angelo com todos os seus pinceis seria capaz de escrever o *Primo Bazilio!*» — que eu, menináte, ouvia concordantemente, achando o Fortes um grande pandego.

Mas, não é desse tempo que eu falo, é doutro, menos afastado, quando os meus dezenove annos me davam as primeiras pennugens da barba e eu me ia abeirando das Academias, das quaes me afastei em má hora... porque, pelo menos, podia ser hoje um rico e afamado clinico á maneira hodierna, tendo para tanto a ventura de não ouvir a lamuria estopante dos neurasthénicos nem vêr a miseria dos esbandalhados no soffrimento, pelo simples facto de ser surdo e cégo na opinião dominante de dois incomparabilissimos amigos meus, o professor R. Bernardelli e o Dr. Mello Moraes Filho. Mas, por Jupiter! meus senhores, não confundam na mesma plaina o eminente esculptor do Christo e Adultera com o mavioso bardo do *Bem-te-vi*, que não é este o meu intento.

Ambos incondicionaes admiradores meus, mas ambos diametralmente oppostos... nos seus respectivos valores.

O tempo, a que me refiro, é o da *Gazetinha* na rua do Rosario, quasi em frente á rua Gonçalves Dias. Foi isso em 1882 ou 83. A *Gazetinha* era um jornalzinho de dois palmos, quasi todo impresso em corpo 6 ou 7. Naquella jocunda éra remota, a ardega mocidade, não sei se por deficiencia educativa ou apoucada de intellecto, mas, sem duvida, modesta e ainda transviada pela tolice da Arte Pura, expressão em evidente desaccordo com o que se fazia na litteratura, ambicionava unicamente a gloria da publicidade. Depois, por ser mais pratica e, julgo eu, por esmeros da sua intellectualidade, ella comprehendeu que o «util reunido ao agradavel» é o solido principio da vida contemporanea, e abalou corajosamente pelo engrossamento para pescar empregos...

Retomando, porem, o fio com que eu ia serzindo estas recordações, no intuito de me fingir de velho para o gaudio dos perfumados mocinhos geniaes que ás lettras estão dando a radiação solar das suas obras-primas, cuja incomparavel belleza esplicam pela facunda edade dos cueiros, volto ao caso da *Gazetinha*. Era esse jornalzinho a fascinação dos meninos do meu tempo. Ali se reunia a mocidade da época, o que havia de mais precioso na geração que surgira pouco depois dos nomes consagrados de Lopes Trovão, José do Patrocinio, Dermeval da Fonseca, Carvalho Junior, Arthur de Oliveira, Lucio de Mendonça, Alfredo Bastos, *Hop-Frog* Arthur Barreiros. A nova geração, da qual alguns representantes já velejavam ao largo dos vinte annos, surgia mais ardente e afouta. Valentim de Magalhães iniciava a lucta litteraria pelo lugar em evidencia com uma soffreguidão combativa que arrastava timidos e animava inertes. Nunca se vira, na aldeia imperial, a que chamavam metaphoricamente — côrte —, um movimento intellectual tão barulhento como esse. Até então as gerações tinham-se succedido sem luctas, fazia-se um passo de quadrilha e os que vinham atraz davam braço aos que iam adiante. Era tudo. Mas o Valentim entrou derrubando o que topava, pelos violentos processos sarcasticos do Camillo e Silva Pinto. Isso deliciou a meninada de que eu fazia parte. Tinhamos o sangue quente, amavamos a gymnastica e os

exercicios da força; os *sports* começavam a completar a educação dos rapazes e, lidos nas basofias physicas do sr. Ramalho Ortigão, parecia-nos imprescindivel ao triumfo das idéas o murro esborcinante do rixento. Nem sempre a fortaleza do pulso correspondia aos arreganhos valentões da parvulez. Mas, contava-se com a agilidade sauria da capoeira, em qne eramos mais ou menos exercitados, sem desmerecer a fama da dextreza do illustre dr. Luiz Murat, e como os sanhúdos conflictos litterarios poucas vezes terminavam em pugilato, recorria-se ao terrivel expediente da vaia, lapidação moral que escorcha e molesta mais temivelmente que a pancada. Alguns, dos desse tempo, ficaram conhecendo o ardor inesquecivel dos arranhões da troça publica...

No emtanto, esse jornalzinho, em que a mocidade de 1880 fizera a sua citadella bulhenta, era chefiada por um homem amabilissimo e incapaz de arremangar os braços para as con-

ARTHUR AZEVEDO

tas á mão fechada em questões litterarias. Esse homem chamava-se Arthur Azevedo.

O Arthur..... não sei bem que idade teria nesse tempo, mas não devia passar dos trinta, possuia, já de alguns annos, um nome em relevo, animado e corrente, divida a sua excellente veia de comediographo; e nós todos quariamol-o bem porque a sua expontanea farça nol-o affeiçoára á singeleza do nosso gosto, nada inferior a exigencia das platéas da época actual.

E, na realidade, as suas populares parodias da *Mme. Angot* e da *Belle Helene* faziam o summo prazer dos nossos sabbados d'estudantes quando, n'antiga e demolida *Phenix Dramatica*, nos agrupavamos nas cadeiras da primeira fila para sentirmos mais perturbadoramente o arrepio medular da paixonite excitada pela terna figurinha loura da graciosa Rose Villiot, exemplarmente séria no mundo equivoco das caixas de theatro.

E como conheci o Arthur? como travei relações com elle?... Vou contar-vos.

De uma feita, mandei á *Gazetinha*, em carta fechada, uma das minhas litteratices. No dia seguinte, com o coração a endoudecer de jubilo vi que a minha litteratura merecera acolhimento no desejado jornal, porque na sua secção de recebidos vinha referencia ao meu *artigo* com a promessa de ser publicado.

Dois ou tres dias de anciedade. Em fim chegou a hora feliz. Não foi preciso catar o *artigo* nas tres paginas de texto porque, logo na primeira pagina, se o deparava no rodapé. O triumfo não podia ser maior. Lá estava o meu *artigo*, em lugar de honra, e com o meu nome por inteiro: L. Gonzaga Duque Estrada. Não guardo em memoria o que fiz nesse dia glorioso, recordo-me, porem, que a *Gazetinha* devia ter percebido augmento na féria da sua edição com uns vinte numeros a mais.

Pouco tempo depois mandei outro artigo que, se me não illude a mnémonica, foi uma apreciação sobre um quadro historico de Fermino Monteiro. Segundo rodapé. Não havia duvida, eu estava talhado á gloria litteraria (pensaram commigo os meus dezenove annos) e se n'aquella época tivessemos Academia de Lettras, é provavel que eu estivesse com as calças mais proximas de uma cadeira de immortal do que hoje estou da possibilidade dum só voto dos immortaes do Cáes da Lapa.

Animei-me a ir á redacção apresentar-me e cumprir o dever do agradecimento; mas, chegado lá, o coração se me resfriou. O que fôra animo passou a ser fraqueza. Empalledeci. Felizmente eu conhecia o «homem do balcão», creio que gerente, um barrigudo bohemio regenerado, de soiças esbranquiçadas, que fazia versos lyricos e gemia seus flatos dyspépticos entre recordações das noitadas sardanapalescas do Alcazar. Expuz ao Guimarães (era este o seu nome o meu indeciso estado, e em quanto palestravamos, appareceu no escriptorio um grosso homem novo, de estatura meã, accusando incipiciencia obesa no farto abdomen.

Guimarães apresentou-me: sr. Arthur Azevedo... Sem a menor cerimonia, Arthur, com uma simplicidade encantadora, apertou-me a mão tremula, elogiou os meus artigos e, affabilissimo, fez-me entrar na redacção, que era uma loja aos fundos, abrindo duas portas, transformadas em provisorias janellas, para o estreito becco do Fisco.

Eu estava maravilhado. Arthur deslumbrava-me com a sua gentileza e bondade. Nunca o vira em pessoa. Olhava-o, tinha a cabeça redonda, bochechuda, de pelle muito clara, ao de leve tingida de rubro moço; a barba escanhoáda punha-lhe um ligeiro tom azul na cheia curva do rosto, apanhava-lhe o queixo maciço mas arredondado, em que havia uma fossêta. Sobre o nariz breve, quasi nada arrebitado, o curto bigode enfartava-se, negro, a resguardar a bocca pequena, polpuda e escarlate. Usava *pincenez*, e atravez dos vidros claros seus olhos de myope scintillavam o negrume de humidas pupillas, tão negras como os seus fartos cabellos crespos.

Quando entramos na redacção, lá estava vergado a uma unica mesa de pinho, comprida e coberta por oleado, um magricella caturra, cabeçudo, de cabello rapado a descer pela testa ampla uma larga pasta que se encurvava nas boças extremes do frontal. Aos nossos passos levantou a cabeça — notei-lhe o rosto osseo, o olhar doentio e um escasso bigode cahido sobre os labios pallidos.

— Adelino, disse-lhe o Arthur, aqui tens o nosso collaborador...

E deu o meu nome com intimidade. O Adelino ergueu-se, estendeu-me a mão nervosa e dura, acolhedoramente. Era o Adelino Fontoura, o impeccavel fazedor de sonetos camoneanos, que nós todos liamos e decoravamos.

Conversamos. O meu acanhamento, que apezar dos annos, ainda hoje me atrapalha, se entrepôz a todos os esforços para me inculcar desembaraçado e amavel. Não obstante voltei. Sentia grande prazer em ir ali, áquella salinha mal illuminada, cujo adorno consistia numa famosa collecção de caricaturas feitas pelo Raul Pompeia, Belmiro de Almeida, Aluizio Azevedo, França Junior, e o artista Valle, collecção que foi descripta pelo Elysio Mendes, o gordo e trigueiro Elysio da *Gazeta de Noticias*, já viajadissimo pelo mundo inteiro e em metade duma solida fortuna commendadoresca, se a bisbilhotice não mentia.

A sala da *Gazetinha* constituia o ponto de reunião dos *novos* d'aquelle tempo.

Era ali que se reuniam o nosso primeiro naturalista Aluizio Azevedo, o popular comediographo e humorista França Junior, unicamente novo pelo espirito; Silvestre de Lima, o infeliz poeta mineiro que a scena fataldum drama de familia arrebatou da alegre bohemia do Rio; Theophilo Dias, sobrinho de Gonçalves Dias e poeta finissimo; Filinto d'Almeida, Urbano Duarte, tenente de artilharia aspirando os galões de major, apesar de ser coronel na litteratura; Rodolpho da Paixão, transformado em politico, felizmente com proveito para a patria; Rodolpho Páo Brasil, o grande poeta Raymundo Correia, que é hoje magistrado; o inexcedivel parnasiano Alberto de Oliveira, Antonio Lopes Cardoso, o então notavel estreiante Olavo Bilac, Hugo Leal, já agarrado pela tuberculose que o matou; Correia de Menezes, Affonso Celso Junior, o gordo Sebrão, o Salustiano Sebrão, que serviu de modelo ao professor Bernardelli para a estatua do General Osorio; o dr. Cardoso de Menezes, um musico de talento que a burocracia roubou á gloria, e outros, e mais outros que firmaram nomes ou se perderam no utilitarismo da burguezia se não no esquecimento da morte.

Faziam-se deliciosas palestras, esfusiante de *verve*, pontilhadas de ironias que brilhavam fluvamente como areia de rubis em camérulas de pepitas d'ouro; travavam-se discussões, sem gritar, a scintillar paradoxos ou enfestoadas de pilhótas gracejantes que terminavam em escarcalhada geral. Era a mocidade sadia e alegre duma época em que a bohemia ainda vivia nas ultimas tradições amadas do espirito insubstituivel da Pariz d'outr'ora..... E que *charges* faziam aos velhos lyricos, aos entanguidos romanticos! Adelino e Silvestre manejavam a penna ao modo das *Farpas*, a que enalteciam com desmedido enthusiasmo e cahiam em golpes bruscos de sabre contra os adversarios. Aluizio, sociavel e *gentiluómo*, sorria em phrases que alfinetavam; Raymundo, magriço e hypernervoso, cinzelava sonêtos que pareciam medalhas de Langry, mas de applicação causticante como as *mouches de Milan*... *E* a *Gazetinha* compunha-se nesse risonho colmeiar de palestras e de trabalho. Em quanto eu, obscuro,

sem directriz determinada, na suave vadiação de máo estudante rebelde, assistia, sorrindo, á ruidosa alegria desse alegre tempo, que venho contar como uma ventura.

Hoje, porem, que o homem, em torno do qual toda essa gente se moveu na franca camaradagem da vida começada, se desfaz no anniquilamento da terra; hoje, que do Arthur só nos resta a lembrança amiga, e a graça das suas comedias, e os versos da sua musa galhofeira, eu me recordo desse tempo, em retrospectividade saudosa, porque foi nelle que senti as primeiras dulcissimas illusões desta caminhada fatigante e inutil, que muitos annos depois resolvi fazer, enganadamente, em busca do loctus branco da gloria. Que illusão!... mas que doce mentira!...

1908.

GONZAGA DUQUE.

EXPOSIÇÃO NACIONAL

A ULTIMA MATINÉE NO THEATRO JOÃO CAETANO

ASPECTO DA ILLUMINAÇÃO DO PAVILHÃO DO ESTADO DE MINAS

A CAMPANHA ELEITORAL NOS ESTADOS UNIDOS

A ELEIÇÃO presidencial nos Estados Unidos da America do Norte provoca periodicamente, uma agitação civica de que não ha exemplo nos povos modernos. Naquella grande nação a escolha do supremo magistrado é uma questão eminentemente popular e desperta interesse tão intenso, que monopolisa, por alguns mezes, a attenção publica. E' facil calcular o espectaculo que offerece o movimento de oitenta milhões de homens, divididos em dous partidos que se contrabalançam e disputando, com a pertinacia e actividade que só sabem desenvolver os *yankees*, a victoria para os seus candidatos.

O PRESIDENTE ROOSEVELT SE INTERESSA PELA CAMPANHA ELEITORAL

Só em um paiz onde existem, praticamente, apenas dous partidos, e no qual o povo tem uma comprehensão elevada das suas prerogativas politicas, se pode travar semelhante lucta que assume, nas vesperas do pleito, as proporções de gigantesco duello. As transacções camararias, o caudilhismo, as combinações de buffet que constituem normalmente a alta politica nas outras republicas americanas, não lograriam prevalecer nos Estados Unidos, paiz de opiniãio alerta pelos mil orgãos da imprensa e da tribuna e consciente da sua força.

O PORCO ENTHRONADO "GOVERNARÁ O POVO?" WILLIAM JENNINGS BRYAN

A MAIOR PEDRA DO LOTE — TIO SAM: QUEM A MOVERÁ PARA O SEU LADO

A eleição presidencial é alli uma campanha de dialectica e de propaganda perante o formidavel corpo eleitoral que transtorna e contrafirma, frequentemente, as resoluções dos chefes dos partidos.

A opinião americana atravessa, actualmente um desses periodos de ebulição. O presidente

NORMAN E. MACK, DIRECTOR DA CAMPANHA, PELO PARTIDO DEMOCRATICO, EM CONFERENCIA COM CHEFES DO PARTIDO

Roosevelt, resistindo ás solicitações dos seus amigos, recusou, de conformidade com uma antiga tradição da politica americana, apresentar sua candidatura á terceira reeleição.

Esse estadista, cujo prestigio, pela primeira vez na historia americana, ultrapassou as fronteiras do seu paiz para se impor, descisivo, a outros continentes, gosa na America do Norte de popularidade tão incontrastada, que, com

O DIRECTOR DA CAMPANHA PELO PARTIDO REPUBLICANO, HITCHCOCK, EM TRABALHO

um simples aceno ao eleitorado, se poderia reeleger contra quaesquer combinações previsiveis.

Recusando-o, deixou o campo á competição dos dous partidos, — republicano e democrata, os quaes arregimentando as fileiras, já iniciaram a lucta.

Por um impulso perfeitamente justificavel no regimen dos partidos, o presidente participa ostensivamente da lucta, influenciando com o seu apoio moral, o candidato republicano

William Taft. O candidato democrata é ainda pela terceira vez, Mr. Bryan, que o seu partido espera agora ver alçado á cadeira presidencial.

O eixo, o *pivot* da campanha eleitoral é o Estado de Nova York que representa, na federação america, o papel que coube a S. Paulo nas tres primeiras presidencias civis, deslocando-se depois para Minas. Não tanto pela sua

O CANDIDATO DEMOCRATA MR. BRYAN, EM CAMPANHA ELEITORAL

influencia sobre os outros Estados de Leste, como pelo grande numero de suffragios que leva ás urnas, o Estado de Nova York é o fiel da balança politica que decide do resultado do pleito. Nesta campanha, porem, o partido republicano estendeu tanto os tentaculos do seu prestigio que, mesmo perdendo Nova York, a sua victoria se considera segura. Essa hypothese,

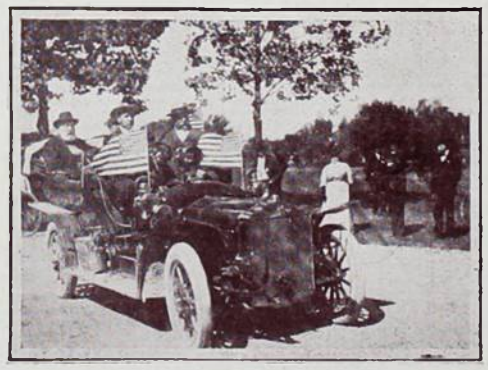
A DISPUTA DO VOTO NEGRO

demais, está arredada e Mr. Bryan, salvo caso imprevisto e pouco provavel, terá ainda esta vez de ceder o passo a seu antagonista e adiar por quatro annos o seu patriotico anhelo de que «o povo governe».

«Governará o povo?» E' o estribilho suggestivo do *speech* eleitoral que Brayan tem repetido em todos os recantos da União Americana. Porque elle é um orador infatigavel e,

O CANDIDATO REPUBLICANO TAFT E FRANK HITCHCOCK, DIRECTOR DA CAMPANHA PELA SUA CANDIDATURA

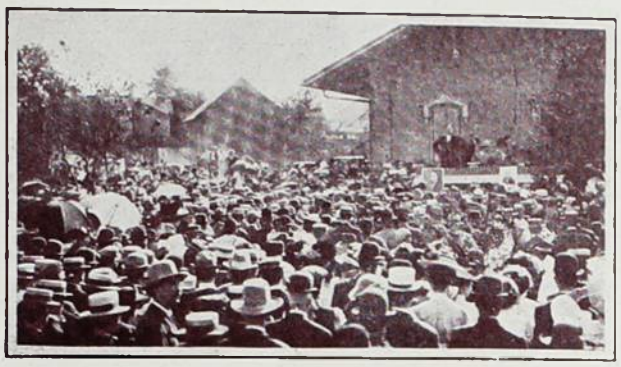
como bom democrata, é na praça publica que solicita os suffragios dos votantes, convencendo-os das suas qualidades pessoaes para chefe de estado e provando a incompetencia do seu adversario. Taft, impressionado pela actividade do candidato democrata e pelo terreno ganho por este nos Estados de Oeste, d-es ceu tambem a campo com a sua oratoria.



EM CAMPANHA, DE AUTOMOVEL MR. TAFT E O GENERAL KEIFER

O trabalho pessoal dos candidatos, apesar da sua intensidade, nada é, comparado ao que desenvolvem os dous partidos. A campanha é systematica e habilmente organisada, concentrada nos quarteis generaes de Chicago e Nova York e dirigida por chefes competentes, que adquirem, se já não a gozam,

uma celebridade nacional. A grande difficuldade é o levantamento de capitaes; e é facil imaginar as sommas que requer essa luta sem treguas.



TAFT DISCURSANDO

Os republicanos, lamentavam ter recolhido apenas um milhão de dollars, ao passo que os democratas activavam a percepção das contribuições, extendendo esse serviço por todo o paiz.

Os escandalos da Tammany Hall e das subvenções eleitoraes por parte das companhias e sociedades, motivaram a recente lei prohibindo esse auxilio immoral. Os partidos a braços com

DEVERES DE UM CANDIDATO

a crise que a lei determinou, foram forçados a organisar a collecta de fundos em bases novas. Os democratas publicam todas as contribuições recebidas, solicitam pequenas quantias dos proprios eleitores e não acceitam quotas individuaes superiores a dez mil dollars. Essa medida tende a emprestar origem popular ao cofre eleitoral, mas, na realidade, obriga apenas os contribuintes generosos ou enthusiastas, a multiplicar os cheques sob nomes variados. A collecta é tão meticulosa e cuidadosamente organisada como o lançamento de um imposto. De facto, é um verdadeiro imposto de patriotismo, quando o não é da corrupção, como no caso ruidoso do ultimo pleito. Só para a campanha democrata, mais de cem jornaes estão recolhendo subscripções.

Os republicanos organisaram a collecta de modo semelhante, mas devido á repugnancia de muitos contribuintes, decidiram publicar as listas só depois da eleição.

Outra difficuldade, e talvez a maior, que apresenta a actual campanha eleitoral, é o numero cada anno crescente de votos livres, de

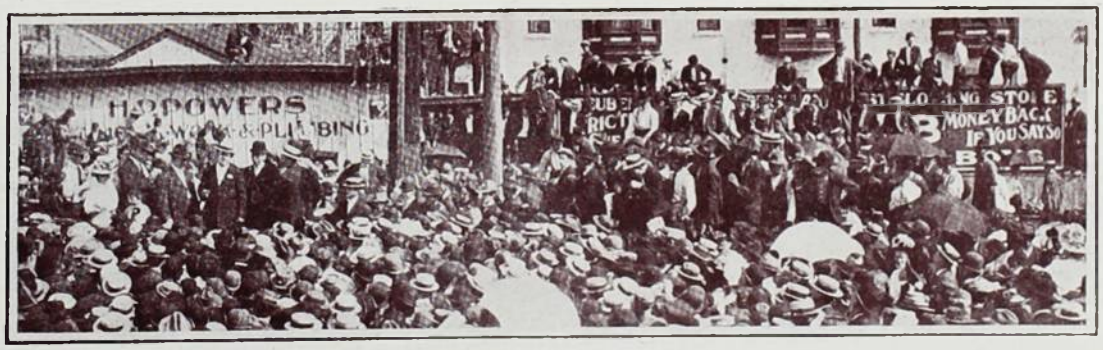
BRYAN EM ATTITUDE DE BENÇÃO POLITICA

franco — atiradores, refractarios á disciplina e que, escapando á arregimentação dos partidos, concorrem todavia ás urnas.

Para chamar ás fileiras esses eleitores e aos tibios e duvidosos, a campanha precisa se intensificar, e redobrar de estrategia, sob a direcção sem hesitações de generaes experimentados.

BRYAN DISCURSANDO EM CUMBERLAND

Os chefes da actual campanha são, Hitchcock, pelo partido republicano e Norman Mack pelo democrata. Frank H. Hitchcock, moço ainda, celebrisou-se pela rapidez da decisão, pela energia calma e sobretudo pelo systema de



EM CAMPO INIMIGO — BRYAN PROFERINDO UM SPEECH ELEITORAL EM OHIO, ESTADO DE TAFT

cartões numerados com que dirige, de seu gabinete, como em um taboleiro de xadrez, as

alternativas da campanha, levando prompto reforço onde seja necessario. O chefe democrata, Norman E. Mack, allia á actividade de *yankee* uma solida experiencia. Esses dous homens concentram, no momento, toda a attenção e esperança dos seus partidos. Dos seus gabinetes, onde permanecem todo o dia, desde as 9.30 até alta noite e a madrugada, partem ao mesmo tempo ordens para todas as direcções do paiz. Centenas de oradores, todos habeis na arte de convencer e muitos delles assalariados, percorrem todas as cidades e aldêas, estimulando o sentimento partidario e promettendo a felicidade ao paiz se eleger os seus candidatos. O serviço de propaganda é feito febrilmente pela distribuição de milhões de brochuras, contendo discursos e promessas, pelos jornaes, que estampam, em supplemento especial o ultimo *speech* do candidato, lido com avidez em todos os pontos do paiz, por caricaturas, livros especiaes de cada partido, reclames em periodicos e magazines, grandes annuncios e muraes pelo... phonographo. Clubs e *sub-comités* pullulam em todos os cantos, festas, conferencias, todos os meios attrahentes e ruidosos de trazer sempre desperto o enthusiasmo do eleitorado. Nem sempre a luta se mantem no terreno elevado dos principios. Os candidatos, que acompanham, em dia, os progressos do adversario, vão se appropriando mutuamente das idéas e dos items do programma contrario que provaram maior efficacia na opinião, interassimilando e extendendo as plataformas, até que se assemelhem uma á outra, salvo dous ou tres pontos irreductiveis. Então resvalam á injuria: Bryan accusa Taft de ser candidato da *Steel Corporation*, os republicanos revidam, accusando, com mais verosimilhança a Bryan de o ser da *Standard Oil Co.*, e a disputa, nesse terreno, vai até a promessa de revelações sensacionaes, insultos e escandalos.

PRESIDENTE THEODORO ROOSEVELT

Com a corrupção eleitoral ou sem ella, com ou sem pequenas fraudes, cada vez aliás mais difficultadas pela fiscalisação mutua dos partidos, é facto que a eleição nos Estados Unidos é uma realidade e o presidente da grande nação entra na Casa Branca representando a vontade consciente e incontestada da maioria dos seus concidadãos.

MARIO BRANT

EM GUARDA

COMEÇOS LITERARIOS DO BRAZIL

I

NOS primeiros tempos da sua existencia historica, o seculo do descobrimento e reconhecimento da nova terra, e primeiro estabelecimento dos Portuguezes nella (1534-1600) não havia no Brazil senão um embryão de sociedade.

Os proprios elementos ethnicos que viriam dentro em pouco, sob a acção de causas diversas e do meio geographico, a fundir-se e combinar-se na constituição da futura nação brazileira, o Portuguez, o indio e o negro, apenas começavam a unir-se. Nesta primitiva «cidade» mais do Brazil que brazileira, o Portuguez para aqui transplantado, mas ainda enraizado na patria, não chegava a formar uma sociedade. Esta não existe sem familia e portanto sem mulheres, e mulheres portuguezas foram aqui naquelle tempo tão raras que era como se não as houvesse. Desde 1549 o padre Manoel da Nobrega, lastimando a absoluta falta de mulheres portuguezas, o que levava os seus patricios a se amancebaram com as suas negras, como chamava ás indias, e viverem assim com escandalo em peccado mortal, escrevia para o Reino, ao seu superior, padre-mestre Simão Rodrigues, pedindo mandassem dali mulheres, «ainda que fossem erradas porque casarão todas muito bem.»

E ao proprio rei D. João III, em 1552, pedia: «mande Vossa Alteza muitas orphans, e se não houver muitas, venham de mistura dellas e quaes quer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem á terra, e ellas se ganharão, e os homens de cá apartar-se-ão do peccado.» (1)

E como não viessem em quantidade sufficiente, metteram-se os Portuguezes com as indias e negras e constituiram, irregularmente sob o aspecto da Religião e da Lei, mas normalmente segundo as exigencia e dictames da Natureza, a familia, primeiro nucleo da sociedade que iam aqui, com o concurso daquellas outras raças, fundar. Mas, ainda no seio dessa familia irregular ou grosseira, a rudeza de um dos conjuges se iria attenuando ao contacto do outro mais civilizado e, pelo amor, se iriam ambos apurando e afinando. Tanto, que essa familia não destoaria consideravelmente da de igual condição do Reino. Variavam, porem, levando-a a uma vida mais elementar e primitiva do que a dali, as condições economicas, moraes, sociaes e ainda physicas do meio, todos os aspectos semi selvagem e inculto.

Não era possivel que nesse apenas indistincto embryão de sociedade se começasse logo a formar e surgisse uma literatura que espiritualmente a definisse e representasse.

Nesse periodo não se encontram, portanto, outros escriptos brazileiros, quero dizer de naturaes do Brazil ou aqui compostos, ainda por alienigenas, que não fossem documentos officiaes ou officiosos de noticia e informação da terra, propaganda religiosa, edificação christan. Eram esses certamente importantes para a historia e conhecimento geral do paiz, mas de nenhum valor como literatura. Careciam todos das caracteristicas essenciaes desta, o desinteresse, a emoção, e com o sentimento ou a intenção de belleza, a generalidade.

A vida intellectual da primitiva e diminuta collectividade luso-brazileira, pois de brazileira só se lhe não poderia chamar sem impropriedade, mesmo nos seus centros principaes Olinda, Salvador, S. Vicente (o Rio de Janeiro apenas começa em 1567) sómente se applicaria ás mais urgentes necessidades da conquista e primeiro estabelecimento e do viver quotidiano. Começada sob a acção dos jesuitas com os seus collegios, a instrucção com que se creasse, desenvolvesse e fortificasse essa vida resumiu-se no primeiro seculo nas lições desses padres. Alem do ler e escrever e a taboada, entravam nellas os estudos do latim e por este da mythologia, historia e literatura antiga, a rhetorica, com a parte literaria conjuncta, lições de casos de consciencia e alguma theologia que aguçaria o espirito dos alumnos, e lhes daria algumas noções philosophicas. As predicas e sermões dos mesmos padres, dos quaes lucraria algo a instrucção geral, completavam este curso de estudos. A taes meios communs e elementares de ensino juntaram os jesuitas as representações theatraes, de feição mais religiosa e edificativa do que propriamente pedagogica, mas não sem influencia naquelle primeiro ensino por elles dado á nascente sociedade.

Desde os seus começos aqui parece inauguraram os jesuitas nos seus collegios as festividades escolares cujos inventores foram na Europa, sempre com o mesmo fim de seduzirem o publico e angariarem clientela, com a pompa theatral das suas solenidades meio religiosas, meio profanas. Augmentava-se-lhe aqui este proposito da necessidade de se propiciarem os colonos, privados de todo o divertimento e desde logo com elles desconfiados, e de impressionarem o indigena seu principal cliente e materia prima da safra que vinham cá fazer.

Ainda se não poude descobrir, que eu saiba, onde achou Varnhagen (*Florilegio*, I, XXI) que

(1) Cartas de Nobrega, *Materiaes e achegas para a historia e geographia do Brazil*, por Capistrano de Abreu e Valle Cabral, Rio, 1886; 1, pags. 54 e 98.

os jesuitas fizeram representar em Pernambuco, em 1575, um auto, *Rico Avarento e Lazaro pobre* que, diz elle, produziu o effeito de darem os ricos muitas esmolas. Não ha, porem, razão de duvidar desta noticia.

Com as suas festas e espectaculos não só serviam os jesuitas ao seu fim de propaganda, reclamo e catequese, porem mantinham entre os seus proprios consocios e a incipiente sociedade colonial uma communhão de idéas e sentimentos favoravel ao fomento da cultura de todos. Essa cultura, de que foram os principaes fautores, salvo casos rarissimos, e aliás desconhecidos, se o de Bento Teixeira com a sua *Prosopopéa* não foi isolado, nada produziu nas letras que chegasse até nós.

A primeira literatura, «literatura para quem não sabia ler» (e analphabeta seria a maxima parte da mesma gente portugueza) e «literatura identificada com a religião» cifrou-se no auto sacro e na comedia dos jesuitas. (1)

O auto cuja representação noticía Varnhagen seria talvez uma «moralidade» dialogada, parodia ou imitação dos «autos de devoção» ainda em voga no Reino, se não um desses mesmos autos com que ali, engenhos de segunda ordem, arremedando desageitadamente Gil Vicente, punham em scena casos de religião e piedade e episodios da historia sagrada ou mythologica. E' infinito por essa epoca o numero de taes peças, cujos titulos e sub titulos sobejamente lhes denunciam a inspiração não só religiosa e devota mas parenetica. Representando-as nos seus collegios e missões, originaes ou simplesmente arranjadas de originaes da metropole, não fizeram os jesuitas senão seguir o uso dali, onde nas suas casas as representações theatraes eram um recurso da sua pedagogia, muito ajustado ao seu radical gosto de espectaculo e reclamo.

Tal uso generalizou-se nos collegios jesuiticos do Brazil desde o primeiro seculo, acaso desde a sua fundação. Esses autos, ou cousa que o valha, a julgar pelo pouco que delles sabemos, eram frequentemente misturados de prosa e verso, ambos de pauperrima inspiração e mofino estylo, em portuguez e castelhano, tudo como no Reino. Apontando ao ensino e edificação soffreram aqui modificações de ordem puramente exterior. Os destinados aos indios cathecumenos eram escriptos em portuguez e tupi ou lingua geral do Brazil.

O seu inventor ou introductor aqui foi talvez o padre José de Anchieta, o suave jesuita, que a todas as virtudes do seu ministerio, juntava éstro poetico e porventura tambem vocação literaria. São documentos de ambos, não só as suas obras metricas, conhecidas ou tradicionaes, mas as suas cartas, papeis, informações e noticias do Brazil. Ainda independentemente do merito da ingenuidade e simplicidade, revêem essas obras, no gosto com que manifestamente as escreveu e de recontar as cousas da terra, aquella vocação. Um seu confrade e biographo, o Padre Simão de Vasconcellos, informa-nos que Anchieta «compoz não só aqui (Bahia) mas em varias partes do Brazil, com vivo e raro engenho, muitas obras poeticas, em toda a sorte de metro, em que era mui facil, todos ao divino, e afim de evitar abusos e entretenimentos menos honestos.» (1) E na sua *Chronica da Companhia de Jesus* diz mais de Anchieta: «destro em quatro linguas portuguesa, castelhana, latina e brazilica, em todas ellas traduziu em romances pios, com muita graça e delicadeza, as cantigas profanas que então andavam em uso.» (2)

E' com este fundamento que se tem querido fazer de Anchieta o fundador da literatura brazileira, como se elle fosse um literato e não apenas um admiravel missionario christão. Do seu éstro e das suas letras apenas se servia para utilidade da sua cathequese e prégação, sem por na sua pobre e escassa literatura, a maior parte della oral e secreta, nenhuma intenção ou emoção d'arte, nenhum requisito de obra literaria. Quando muito o podemos considerar um precursor, como foram aliás todos os seus confrades, ou antes a sua sociedade, criando e promovendo aqui a cultura de que a literatura seria a expressão.

A obra de Anchieta, e talvez de outros jesuitas, como as noticias, as informações, as cartas, as annuas, os roteiros, as relações, as narrativas e quejandas escripturas jesuiticas, fradescas ou civis produzidas no Brazil, com um fim de interesse, e sem nenhum proposito ou merito especial de forma, ou intenção literaria, numa lingua geralmente menos polida que a escripta na metropole, não é literatura, e menos literatura brazileira; porem, já é, pode dizer-se, a cellula de que esta se vai desenvolver. Criando aqui, na grosseira colonia incipiente e na sua sociedade rudimentar o gosto e o costume de pôr por escripto os aspectos da terra e das suas cousas, os seus fastos e grandezas, ou servindo-se da escripta como um meio de communicação de noções entre os seus habitantes e mais de impressional-os e commovel-os para os educar e edificar, lançavam os primeiros escriptores dessa sociedade o fundamento do que seria mais tarde a sua expressão mais consciente e definida.

---

(1) Cp. Capistrano de Abreu, *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no seculo XVI*, Rio de Janeiro, 1883.

(1) *Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta* pelo padre Simão de Vasconcellos, Lisboa, 1672.

(2) *Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil* pelo padre Simão de Vasconcellos, 2ª ed. Rio de Janeiro, Liv. I, 84.

De como essa primitiva e elementar literatura, de edificação ou de simples noticia da terra, nada tinha com esta e desta, e nem sequer saira da limitada esphera de intereses immediatos, que basta para desautorizal-a como literatura, parece-me prova a não existencia no Brazil da producção poetica que, copiosa em Portugal, ainda nessa epoca, formou os seus numerosos cancioneiros. E' notavel que o velho e arreigado costume portuguez dos versos e trovas, vigente desde a idade media entre a fidalguia e os homens de engenho do Reino; costume do qual resultou um dos mais ricos e preciosos cancioneiros da Europa, não passasse ao Brazil, como passaram outras feições literarias da metropole, os autos e logo depois o verso épico. E tanto mais de notar que neste primeiro seculo da nossa existencia, se havia publicado em Lisboa, em 1516, o celebre *Cancioneiro Geral*, no qual Garcia de Resende recolhera obras de mais de duzentos e oitenta poetas.

Não consta até hoje a existencia de identico poetar no Brazil do seculo XVI, e se o nosso cancioneiro se não fez é porque não havia com que fazel-o. Este facto parece-me, pois, indicar que neste primeiro periodo não houve aqui estimulo e inspiração para alguma manifestação desinteressada e geral da mente brazileira, a que pudessemos com propriedade chamar de literatura.

Ao passo, porém, como era natural, que a primeira sociedade se vai desenvolvendo e ganhando o conforto e commodidade da vida, em cidades maiores, em centros de população e de convivio social, á roda de uma autoridade cujos representantes, fidalgos, prelados, homens de corte e do mundo, dariam um tom de boas maneiras e gentileza; que a existencia, favorecida pelo desenvolvimento economico do paiz, assenta numa base mais segura, diminuidos os sobresaltos do primeiro estabelecimento, começam a aparecer os representantes espontaneos dos seus sentimentos ou instinctos obscuros: os poetas, em toda a parte sempre as primeiras vozes de toda a sociedade em principio.

Dos primeiras de todos que acaso versejaram, descuidados de uma publicidade duradoura, e que haveriam porventura continuado aqui os trovadores portuguezes, por não guardarem ou não terem quem lhes guardasse as canções, ignoramos até se existiram. Nada delles, nem nome nem obra, chegou até nós.

As literaturas começam sempre por um livro, que frequentemente não tem outro merito que o da prioridade. Literatura oral, como foi primeiramente a nossa, é apenas uma accepção particular, larga de mais e abusiva dsse vocabulo. Não importa que esse livro seja uma obra prima ou sequer estimavel; basta que tenha a intenção, o feitio e o caracter de obra literaria. E que se lhe possa descobrir, ou mesmo emprestar, uma representação da sociedade ou definição da vida, que o produziu. « Pois se não deve deixar dizer que toda a obra escripta é uma obra literaria. Onde pararíamos? A maré crescente dos documentos officiaes nos inundaria o dominio. Só é obra literaria a dos escriptores que tiveram um sentimento, ao menos instinctivo, do merito da forma, e que procuraram agradar aos seus leitores pela forma. Frequentemente o seu gosto é mau gosto, mas é em summa um gosto qualquer. Os que o não tem de especie alguma, esses devem ser banidos da literatura.» (1)

Não será outro o nosso criterio no estudo da evolução literaria do Brazil.

José Verissimo.

(1) *La civilisation française au XIV et au XV siècle, Les Lettres* por Petit de Julleville, na *Histoire générale* de Lavisse et Rambaud, Paris, 1894, III, 233.

UM CASO DE ANALOGIA ANATOMO-PHYSIOLOGICA ENTRE ANIMAL E VEGETAL

Homenagem ao professor Carlos Ernesto Hæckel.

ESTIMULADOS que fomos aos transcendentes problemas da biologia transformista, pelo inolvidavel mestre e Protector — João Joaquim Pizarro — que perlustrava com profunda e scintillante erudição a escola Hæckel-Darwiniana como outras provincias do saber humano, apresentamos á meditação dos estudiosos esse caso, patente se nos parece, de analogia morphica e funccional entre um Phanerogamo e os Marsupiaes.

Não tivessemos em vista os moldes de um jornal, onde os assumptos devem ser precisos e concisos, e para logo teria nossa these a desinvoltura que desperta para abstracção d'analyse.

Antes, porém, de entrarmos na parte descriptiva, vamos integrar nosso estudo á predicta escola da concepção monistica do Universo.

Não vae de nosso espirito a insania da infallibilidade; comprehendeu já de ha muito a humanidade que o «livre arbitrio» era a negação absoluta e antipathica dessa harmonia entre a materia e as leis physico-chimicas do Cosmos a determinar sem percepção nervosa.

Nem outra fôra a maior gloria de Claude Bernard quando fundava o methodo experimental, esse abantesma destruidor da interferencia miraculosa, intangivel, que circumscreve o espaço pelo céu...

A sediça formula «errare humanum est» bem o sabemos, é o escudo de rechaça ás hostes absolutas, que não assimilaram a contingencia scientifica no seu todo relativo.

Se entre os inumeros sabios que entre nos pontificam em materia de — Sciencias Naturaes — um houver á contestação de nosso asserto, que venha leal e sincero á luz meridiana da contra prova *experimental* donde nos veio juiso ao presupposto.

Remontar áquellas cosmogonias da idade antiga seria penetrar o scenario classico da poesia, onde mil veredas conduzam ao erro que a phantasia perdôa e incensa.

E' pela idade moderna e contemporanea que vamos ouvir os mestres e falar na sciencia.

Ahi mesmo, insurgindo-se ás correntes da epocha, se nos depara um grande vulto que, ou por desalento ou por dispepsia cerebral escrevera: aqui tens o Astronomono o Physico o Biologo o Chimico o Naturalista o Mathematico o Poeta... procura attingir o que fizeram elles e «positivamente só.»

Mas desse Astro que chammejou intenso, hoje restam delicadas lamparinas que a brisa vae extinguindo.

* * *

Na unidade da materia, essa monstruosa hecatombe d'alchimia que Gustavo Lebon vem de solevar, hesitamos por ensinamentos hauridos nos principios de biologia de H. Spencer: «des quatre éléments principaux qui par la va-«rieté des combinaisons ou ils prennent place, «composent les corps vivants, trois sont gazeux.

«Nous ne connaissons le carbone qu'a l'etat «solide, mais l'oxygéne l'hydrogéne et l'azot «ne nous sont connus qu'a l'etat gazeux. Même «soumis á des pressions assez fortes pour les «ramener á peu prés a la densité des corps li-«quides, ces elements ont jusqu'ici défié les «efforts tentés pour les liquéfier.

«Ce fait a une certaine e valeur. Rappelons-«nous combien les redistributions de matiére «et de mouvement qui constituent l'Evolutionu, «des structures comme des fonctions, supposent «de mouvements dans les unités á redistribuer, «et nous apercevrons la signification probable «du fait que les corps organiques qui nous pré-«sentent á un si haut degré les phonemènes de «l'évolution, sont composés principalement «d'unités elementaires possedant une extreme «mobilité. Les propriétés des substances, bien «que détruites pour nos sens par l'effect de «lé combinaison, ne sont pas detruites en rea-«lite; il resulte du principe de la persistense «de la force, que les propriétés d'un composé «sont chacune pleinement en action, bien qu'elles «se masquent mutuellement.»

Em poucas palavras o laureado pensador, ainda pelos tempos que correm sem maior, cimentou a lei da conservação da substancia, integralmente como sahira das mãos do grande espirito com que a França cedendo ao imperio das circumstancias, houvera de macular-se.

No transformismo, porém, das multiplas e complexas combinações das unidades chimicas, é facto que se infere mesmo fóra do methodo experimental.

Do equilibrio estavel na forma crystalina á instabilidade mollecular do protoplasma, medeia uma incognita que a mechanica não longe resolverá como Wæller pela synthese da uréa feriu de morte a «vis vitalis» de Barthez.

* * *

Cada vez mais a sciencia hodierna confirma que o substractum material nas duas series é o mesmo protoplasma a despeito de um coefficiente mollecular especifico para cada individuo, e que a subjectividade da observação não logra empanar, a objectividade do facto.

As manifestações dos phenomenos biologicos nas duas séries se indentificam se continuam: Nutrição — Reproducção — Sensibilidade — Locomoção.

* * *

A complexidade organica foi durante muito tempo motivo de afastamento entre a Monera e o Vertebrado — é que imperava a miragem Anthropocentrica como patriarcha filho da mesma argilla que se não animou á supplica de Miguel Angelo!!...

Fundada, porém, a theoria cellular, comprehendida a divisão do trabalho physiologico, viu-se então que as funcções basicas da monera como do Vertebrado são as mesmas proporcionalmente especialisadas segundo o typo anatomico da especie considerada.

Por muito tempo praticaram-se as definições do sabio naturalista Carlos de Linneo:

Mineralia sunt.

FIG. 1 — DIDELPHYS CANCRIVORA, VULGARMENTE — GAMBÁ OU SARIGUEA

Vegetalia sunt crescunt et vivunt.

Animalia sunt crescunt vivunt et sentiut, até que Claude Bernard anesthesiando a mimosa pudica, Pelletan observando a motilidade ex-

pontanea das Diastomaceas, Charles De Roy provocando a locomoção do Fuligo septica e Carlos Ernesto Hæckel demonstrando a vida mineral, proclamaram a una voce a unidade biologica dos tres reinos.

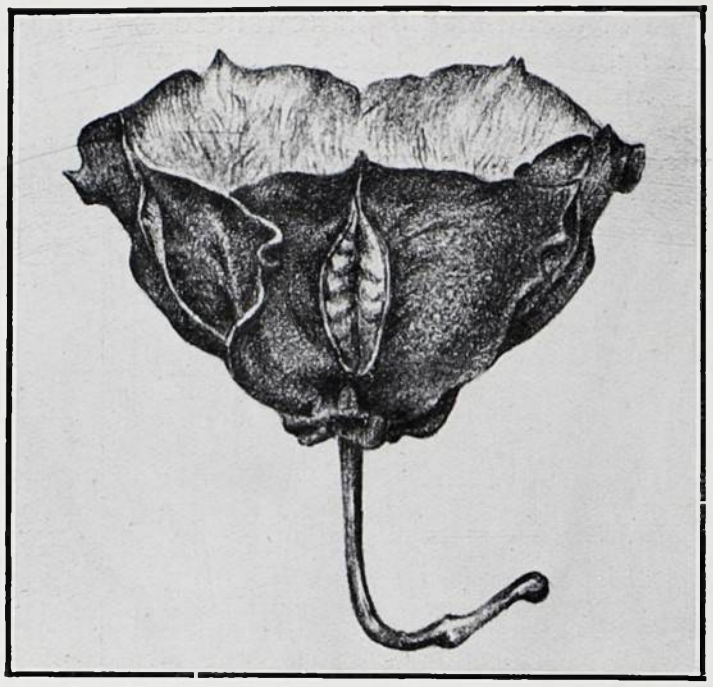


FIG. 2 — FRUCTO DA ABROMA FAUSTOSA VISTO LATERALMENTE

*
* *

Carlos de Linneu — ainda na sua finalidade theologica, sobre a «magna questão» assertava:

«Species tot sunt diversæ quot diversas formas ab initio creavit infinitum est; e assoberbado pelos ensaios transformistas seu contemporaneo acrescentava: «natura nou facit saltus.»

Sobre a origem dos especies toda gente sabe do que foi theatro o memoravel anno de 1859 em que Carlos Darwin (por uma traquinada ouvira do Avô: és a vergonha da familia) legava á sciencia essa luminosa verdade: A Origem das Especies, pelo transformismo com suas causas efficientes: herança e adaptação.

D'essa épocha em diante a Zoologia emancipou-se da aridez taxonomica em que fôra amortalhada pelo Barão de Cuvier, que dizia:

«Pour nous qui dès longtemps faisons «profession de nous en tenir a l'exposé de faits «positifs nous nous bornerons au jourd'hui á «faire connaitre aussi exactement qu'il nous será «possible l'exterieur et l'interieur de notre ani«mal. Cuvier nessa profissão de fé de positivista a seu modo, zelava pela fixidez morphologica do grande Ser intransigentemente, deixando para as horas de lazer o mystico transporte para o supremo osculo ao Infinito Creado que só podia concluir e generalisar.

*
* *

Quanto ao — natura non facit saltus — se subsiste aos ataques da paleontologia, se esborôa ante os estudos de anatomia e embryologia comparadas do professor Carlos Ernesto Hæckel, que lhe deram a lei fundamental da biogenia: a ontogenia é uma recapitulação abreviada da philogenia.

A mesma anatomia comparada tinha fornecido a Huxley um dos classicos theoremas da anthropologia:

«Entre l'homme et les singes supérieurs la «différence est moindre que celle qui existe «entre ces même singes supérieurs et les sin«ges inférieurs.»

*
* *

Ainda na persistencia de um marco limitante, physiologistas ha que ditam:

O vegetal é um apparelho de synthese.

O Animal é um apparelho de analyse; se assim fosse perguntariamos nós: como a propria physiologia havia de explicar a assimilação que faz o vegetal das polysaccharides e mesmo albuminoides (aleurona) que tinha em reserva como explicar a necessidade das zymases dos vegetaes: saponase — amylase — inulase —, etc.? Como explicar a assimilação dos albuminoides nas plantas carnivoras? no proprio Homem como explicar o apparecimento do glycogeno na glandula hepatica senão por synthese?-

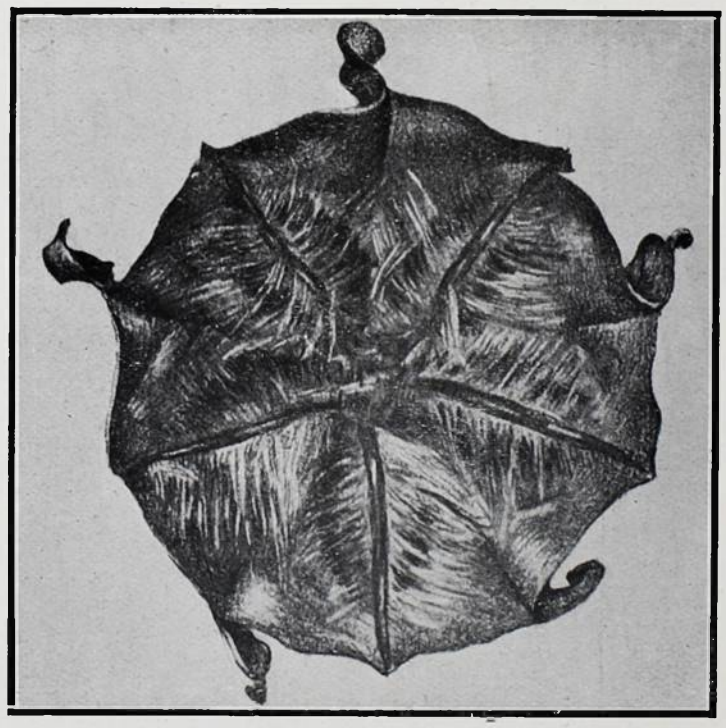


FIG. 3 — O MESMO FRUCTO, DE FRENTE

*
* *

Bichat ainda pretendeu afastar o Animal do Vegetal por um processo de vida animal e vegetativa. porém, hoje taes ideias pelo tempo em que viveram imprecam a complacencia da posteridade.

* * *

Das mãos do naturalista Byspen recebeu a biologia um isomero da cellulose — a tunicina — que por muito tempo se pensou fosse uma producção peculiar da cellula vegetal.

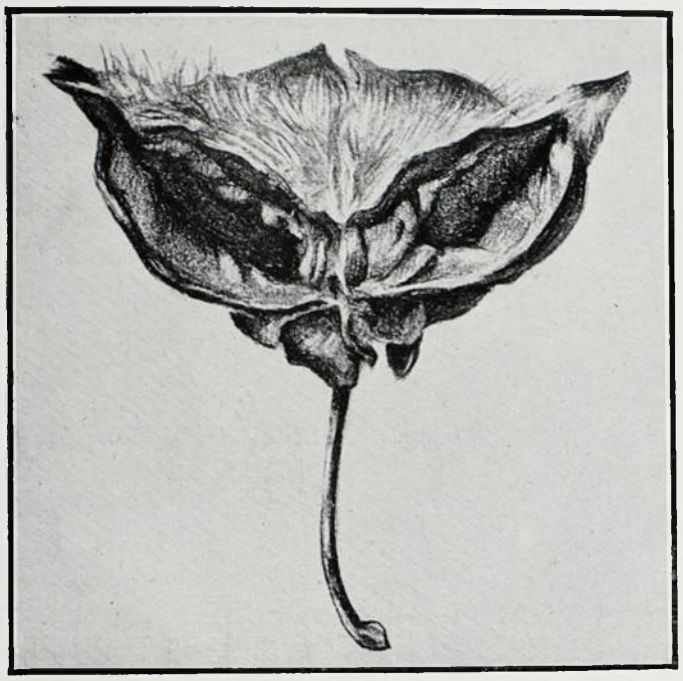


FIG. 4 — CÓRTE TRANSVERSAL DO FRUCTO DA ABROMA FAUSTOSA MOSTRANDO AS BOLSAS JÁ SEM SEMENTES

* * *

Por tudo isso se comprehende que só e relativamente pelo criterio da forma a priori convencionada, pode o naturalista separar os representantes dos dois reinos de que o Bathy bius Hæckeli constitue ponto commum de partida. Mesmo em presença de um grande grupo de animaes, achou-se o naturalista embaraçado, para decidir de sua systematica, sómente pelo criterio da forma, e como a metamerisação d'aquelles é analoga a cladotaxia vegetal, foram classificados de phytozoarios.

* * *

E pois que vimos arder á luz dos factos, tantos principios gerados por interminas vigilias, sabido que muitos não recuaram ante as convicções do proprio holocausto ás aras de Minerva — uma verdade pairou mais alto: existem seres vivos — que a convenção scientifica por didactica circunscreveu em dois termos: Animaes e Vegetaes.

* * *

Vae para quatro annos quando em excursão de herborisação inter Paineiras e Tijuca encontramos um Arbusto cujo *Fructo* desde logo nos prendera a attenção. A esse tempo já nossa collecção carpologica montava por mil e tantos espécimens (de que metade temos no laboratorio de Historia Natural da Faculdade de Medicina) porém nenhum delles possue a textura e estructura d'aquelle sobre que tanto tempo meditamos procurando intescretar o seu «porque» da morphologia e physiologia.

Tres annos depois encontramos o referido especimen no Jardim Botanico (que por seu eminente Director nosso mestre Dr. J. Barbosa Rodrigues nos tem sido carinhosamente confiado para estudos tantas vezes ellucidados por seu sabio conselho).

No Jardim Botanico dois annos acompanhamos a floração do mesmo Arbusto com o seguinte resultado:

Na primeira florescencia verificamos que houve auto-fecundação por cleistogamia porque forçamos a anthese separando as antheras, continuando o ovario a se desenvolver, dando o fructo cuja dehiscencia se fez plena um mez depois; na segunda fructificação logo após a dehiscencia retiramos as sementes: em virtude da pouca permeabilidade do perisperma perfuramol-as emergindo-as desde logo no alcool absoluto por 48 horas, em seguida incluimol-as na parafina onde por cortes seriados observamos:

Que a nucella se conservava distincta sem o menor vestigio de amyloleucites mesmo em presença do iodo; que o embryão se não havia formado de todo, o que se tornou patente co'as innumeras sementes que n'aquella mesma occasião haviamos plantado e que não germinaram.

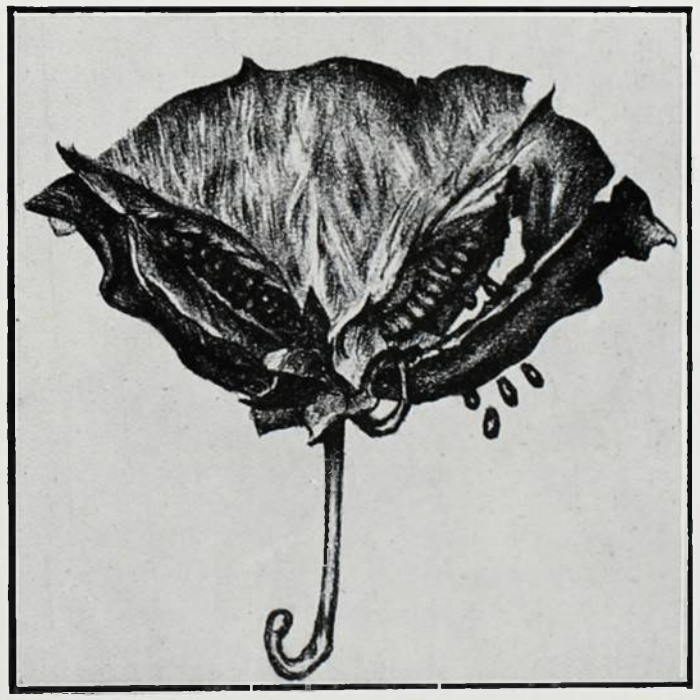


FIG. 5 — O MESMO CÓRTE COM AS SEMENTES AINDA EM PLACENTAÇÃO E JÁ DISSEMINANDO-AS PELA ABERTURA DA BOLSA

Um mez depois retiramos da mesma fructificação sementes outras que plantadas germinaram (de que temos dois individuos aqui á rua S. Miguel n. 1, estrada nova da Tijuca).

D'est'arte passamos agora a descripção anatomica do referido *fructo:*

E' uma capsula membranacea de pericarpo pardo-pubescente, angulo—sub-alada, semi-espherica penta-carpellar de dehiscencia loculicida e cujos loculos correspondem ás *bolsas marsupiaes.*

Dada a dehiscencia, sobre cada septo divisor, superior e parallelamente á placentação das sementes existe cerrada pubescencia correspondente a cada loculo que ao modo das bolsas marsupiaes ao mesmo tempo que abrigam as sementes até completo desenvolvimento, logo depois abrem-se disseminando-as.

CONCLUSÃO:

Se physiologicamente a dehiscencia dos fructos natural ou por putrefação se opera quando as sementes tenham attingido poder germinativo sufficiente — *neste Fructo* — a dehiscencia naturalmente se opera muito antes das sementes a termo, ficando desde logo ao abrigo do loculo (bolsa) onde se dá como nos marsupiaes o desenvolvimento ultimo.

*
* *

Os marsupiaes são mammiferos carnivoros aplacentalianos nos didelphos, que tiram seu nome de um sacco em forma de bolsa que a femea possue na região abdominal onde aloja os filhos logo depois de nascidos e onde permanecem longo tempo até completo desenvolvimento.

Este que illustra nosso estudo é o Didelphys cancrivora (vulgo gambá ou seriguea).

*
* *

O Fructo pertence ao Phanerogamo—Abroma faustosa — assim classificado por De-Candolle em seu Produmus systematis naturalis regni vegetalis:

Ramis muricatis, foliis adultis pube stellari et simplici spassa scabris, capsulæ alis apice sub-truncalis, angulo exteriore elongato acuminato.

5 in Timor et Nova Hollanda.

*
* *

Confirmando a Classificação do nosso Jardim Botanico, encontramos ao dissecar a flôr, no genera Plantaruna de Bentham & Heocker: Calyæ—5. Petala—5, ungue dilatato—concavo basi intus late glandulifero, lamina stipitata ovota patente. Staminum urceoli lobi—5, apice anantheri, petalis alternis, obcordati, basi utriunque antheriferi; antheræ in siunbus—2—4 substipitata, locus divaricatis.

Ovarium sessile—5—loculare loculis ∞—ovutatis; styli—5 breves conniventes.

Semina ∞, albuminosa; embryo rectus cotyledonibus planis, cordatis radicula hilo proxima. Corolla sordide purpurea.

FELIX ARMANDO DE M. FRAZÃO.
(Conservador do Herbario da Faculdade de Medicina).

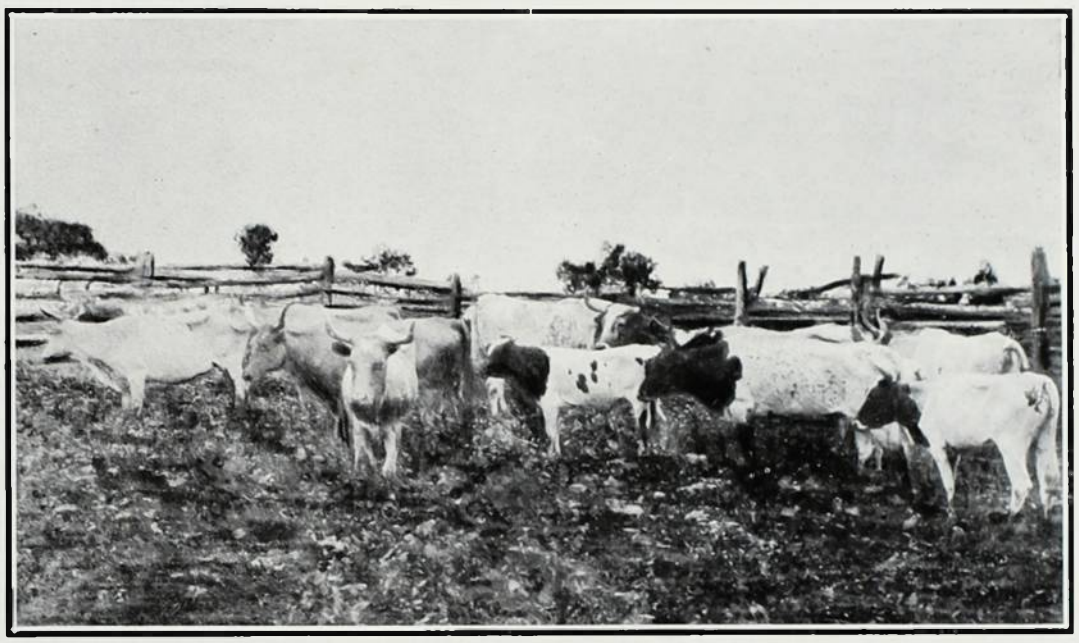
CURRALEIROS DE AMARO LEITE

CONTA-SE por mais de seculo a existencia em Goyaz dos vaccuns conhecidos por «Curraleiros» dos sertões de Amaro Leite, lugarejo assim chamado em memoria do seu descobridor, o famoso bandeirante desse nome.

Por muitos annos sua distribuição geographica fôra tão sómente as zonas pastoris comprehendidas entre a margem direita do Araguaia, desde a foz de Crixá-assú, e o arraial de Amaro Leite, celebre pelas suas jazidas auriferas e, riquezas das pastagens nativas. Referindo-se ao descobrimento desses campos, já então povoados de vaccuns e cavallares, provavelmente trasmalhados das fazendas mais proximas devastadas pelos indios «Canoeiros», diz o Marechal RAYMUNDO DA CUNHA MATTOS, «Um estreito boqueirão serve de entrada para aquelles immensos pastos, a que deram o nome de Pintados, e nos quaes se vão estabelecendo alguns moradores de Amaro Leite e Piedade: outros chamam-lhe -- Terra Nova.»

Pelos seus caracteres fixos, e mais qualidades distinctos, inconfundineis, o Curraleiro de Amaro Leite constitue desde muitos annos uma raça bovina tal como as assim consideradas na Inglaterra, com a differença, porém, de, ao envez destas, de formação artificial, ter sido a nossa formada á lei da natureza, mercê do clima e magnificencia dos campos nativos onde predomina o incomparavel capim de raiz — por ventura a mais rica graminea forrageira mundial.

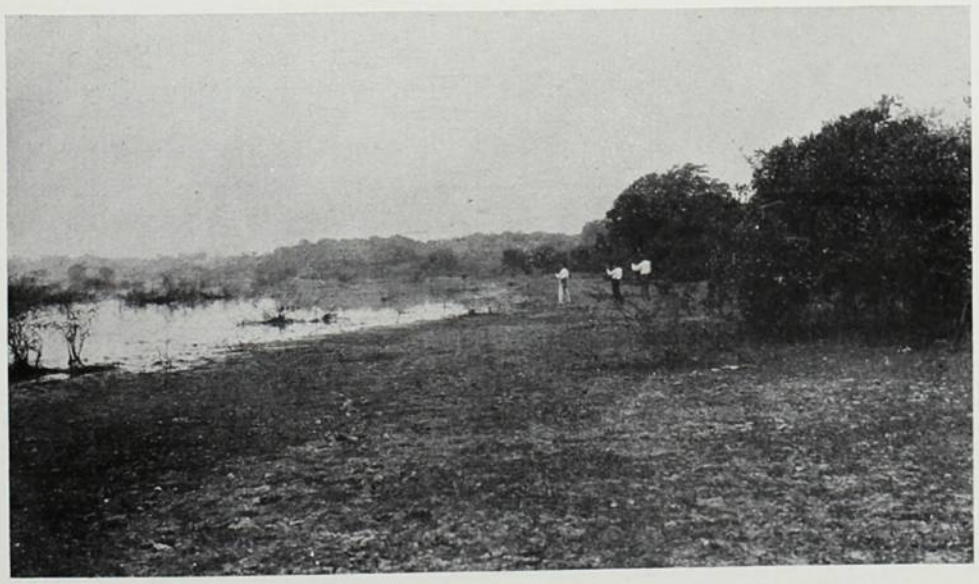
A raça bovina de Amaro Leite lembra a variedade chilena de côr alazan-tigrada, proveniente da raça andaluza introduzida em 1548 por ALVARADO na região trans-andina. (*) Tambem poder-se-á consideral-a um dos mais decisivos factores ethnicos da excellente «Caracú», outra variedade bonina de origem indeterminada, de formação espontanea, ou melhor, uma variação desordenada, como a raça nhata do Chile (*ñata-oxen* de Darwin) (**) e os estimaveis mochos de Goyaz e Paraguai.



CURRALEIROS DE AMARO LEITE — GOYAZ

Caracteristicos do nosso Curraleiro: estatura média, porte bem conformado, barbella nascendo do meio do pescoço para baixo; pello fino, sedoso, geralmente amarello, e ás vezes todo branco, ou alvação, neste o pescoço preto como se vê de uma das nossas gravuras) e na testa dezenha-se um triangulo branco; chifres não mui desenvolvidos, a partir da inserção ligeiramente inclinados para a frente, depois se curvando para dentro até terminarem com as pontas voltadas para traz.

A vacca é quasi sempre bôa leiteira e mui prolifica. O boi Curraleiro é excellente para carro e todo serviço rural, sujeitando-se



CAPIM DE RAIZ, Á MARGEM DE UM LAGO NOS BAIXÕES DO ARAGUAIA

(*) Daniel Monfallet — *Les Races Bovines.*

(**) Este vocabulo usual no Chile, tambem occorre no Brasil Central, e significa animal cuja mandibula inferior é mais saliente do que a superior. Os diccionaristas da nossa lingua não o registram e Candido de Figueiredo confessa desconhecel-o.

com resignação ao trabalho que lhe dá o homem; distingue-se tambem pela força e agilidade. Nenhum bovino nacional possue carne mais saborosa, principalmente quando apascentado nesses campos do norte goyano, que uma das gravuras representa.

A ultima gravura mostra-nos uma rez curraleira mettida até ao peito na cavidade de um

MOITA DE BURITIRANA OU CARANÁ, NOS SERTÕES NORTE DE GOYAZ

barreiro que o gado sertanejo avidamente procura; á distancia. de pé no leito do rio, vê-se uma vacca já saciada ou por outra, impanzinada do barro salino que constitue a ribanceira.

Em conclusão—é por certo no gado curraleiro que devemos procurar de preferencia essa base ou materia prima tão preciosa, de que necessitamos para, com reproductores de raças

VACCA CURRALEIRA

melhoradas, darmos ao gado indigena as qualidades especificas de que outro dia nos fallava

BARREIRO NOS SERTÕES NORTE GOYANOS—A VACCA ESTÁ COMENDO O BARRO SALINO E Á DISTANCIA OUTRA VACCA JÁ IMPANZINADA

Manoel Bernardez na sua conferencia sobre a organização da industria pecuaria no Brasil.

HENRIQUE SILVA.

AO REDOR E ATRAVEZ DO BRASIL

AO LEITOR

O QUE aqui se encontra, é a narração da viagem que ora realiso, na qualidade de zoologo da Commissão Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas, confiada á direcção do Major d'Engenheiros Candido Mariano da Silva Rondon, pelo governo do Dr. Affonso Augusto Moreira Penna. Vejamos quaes foram os antecedentes da viagem:

Atravessar o Brasil fôra sempre aspiração minha; eu o preferiria, mesmo a qualquer digressão por terras mais antigas, em geral tão apreciadas pelos meus patricios. Ver de perto as extensões enormes da minha patria, estudar a sua Natureza, eis ahi o que eu considerava uma necessidade para mim que, abracei o estudo da zoologia applicado ao Brazil.

Assim, em principios de 1907, li no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, a noticia de que se preparava uma commissão com o fim de construir uma linha telegraphica ligando Cuyabá no estado de Matto-Grosso, a Santo Antonio do Madeira, no estado do Amazonas; pensei na minha sonhada viagem; éra o ensejo que se apresentava.

Comtudo, tinha então no prélo os dous primeiros tomos da «FAUNA BRASILIENSE», cuja impressão precisava acompanhar. Afastei, por isso, do espirito esse sonho que me fascinava mas que, me parecia não ter ainda o seu momento chegado.

Não mais pensei no assumpto. O trabalho da secretaria do Museu Nacional, aggrega, além das fastidiosas funcções burocraticas a de satisfazer informações diversas, muitas vezes resolvidas pelo expedito e intelligente meio do telephone. Poucos dias depois d'aquelle em que eu lêra a noticia do «Jornal» acima referida, estando na Secretaria, fui chamado ao telephone: Era o Sr. Gustavo Peckolt. Queria saber o nome scientifico da Jaçanã. Dei-o, recommendando cuidado, visto como o nome «Jaçanã» tem duplo emprego na *systematica* vulgar.

Repetio-me o Sr. Gustavo que alguem desejava ter commigo uma entrevista, para obter diversos esclarecimentos zoologicos. Essa entrevista se realisou na redacção da «Kósmos», onde verifiquei ser o consultante o prestimoso amigo, Sr. Carlos José Xavier, Director de uma das secções da Secretaria da Camara dos Deputados do Rio. Ouvia elle de mim o que queria e declarou-me conveniente a minha ida á casa do Major Rondon que, precisava fallar-me. E no dia seguinte mandou-me ainda a seguinte carta:

Compareci á conferencia na qual resolveu, o Major Rondou, que a Commissão levasse comsigo um zoologo, um botanico e um geologo para estudarem a região por ella percorrida. O geologo seria fornecido pelo Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil, a que se faria requisição no momento opportuno. O zoologo seria eu que, ficava encarregado, tambem, de procurar um botanico. N'esse sentido foram convidados os Drs. Pedro Carlos Djalmar Durén e Erust Hemmendorff, da Suecia, que não puderam acceitar a commissão, sendo então proposto o Sr. Carlos Frederico Hoehne que iria na qualidade de botanico auxiliar.

Ulteriormente o Sr. Gustav Edwall empenhou-se para seguir como botanico, o que se dizia realisado em contracto, quando sahi do Rio de Janeiro. Tambem o Sr. Derby se empenhou para que fizesse parte da mesma commissão o Sr. Carl Carnier, geologo allemão. E visto como o Serviço Geologico, solicitado pelo Ministerio da Viação já havia indicado o engenheiro Cicero de Campos que acceitou o encargo, foi o Sr. Carnier encumbido da parte ethnographica da expedição.

Mas, tudo isso se fez já em 1908, de Março á Junho, justamente um anno depois de ter sido combinada a realisação do serviço de sciencias naturaes junto á Commissão Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas.

A' 30 de Março recebia o Sr. Dr. J. B. de Lacerda, Director do Museu Nacional, uma carta official do Ministerio do Interior, acompanhando um officio do Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação, requisitando os meus serviços para a commissão.

Com quanto esse officio tivesse a nota de urgente, só a 27 de Julho pude partir do Rio, pois só á 23 d'esse mez me deram na Direcção dos Telegraphos, os meios necessarios para a viagem. Não obstante, o intervallo de tempo foi aproveitado para a sua organisação, no que foi muito auxiliado pelo Sr. Inspector Francisco José Xavier Junior, verdadeiro braço direito do Major Rondon. Explicados, em resumo, os antecedentes, entremos no assumpto.

* * *

O processo mais seguro para o desenvolvimento de uma narrativa da natureza da que estou fazendo, é o que observa a ordem natural dos factos atravez dos tempo. Recolhidas as notas durante o dia são depois passadas para aqui; trata-se, portanto, de um verdadeiro — *Diario* — que além de evitar as falhas da memoria, incapaz de registrar e reproduzir chronologicamente, depois de um periodo tão longo quanto o que exige a travessia do Brasil, todos os acontecimentos e todas as observações feitas

no trajecto, ainda tem a vantagem de revelar a natureza do trabalho executado por epochas certas e a de fornecer a viajantes futuros uma fonte segura de informações.

Passemos pois ao

DIARIO

A' 23 de Julho fui levar ao Exm. Sr. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação, ao minhas despedidas. S. Ex. que, pela anterior apresentação me havia recebido de modo verdadeiramente captivante, não havia chegado ao Ministerio até ás 7 da noite. A' 27 deviam partir e para uma tão longa viagem nunca o tempo exigido pelos preparativos é demasiado. Solicitei do Sr. Capitão de Fragata Jovino Ayres, Bibliothecario do Ministerio, o obsequio de me representar junto ao Sr. Ministro pedindo ordens e me retirei a fim de arrumar as minhas malas.

27 de Junho — E' sempre triste o afastamento do lar. Por isso, ainda que o enthusiasmo que despertam os emprehendimentos aventurosos, a promessa de novidades de uma viagem por zonas inexploradas e o conforto do acompanhamento dos amigos, me trouxessem a força necessaria para que marchasse avante, cheguei a ter inveja dos que ficavam.

— Meu pae, porque te vaes embora?

Me perguntava o meu filho Paulo, um menino de 4 annos de edade.

No apuro de responder a um tão joven interlocutor, de modo a fazer-me comprehender com clareza, procurei resumir:

— *Caçar todos os bichos* de Matto-Grosso, guardal-os e trazel-os, para saber o que elles são e para que servem. Quer dizer que vou sahir para trabalhar muito, meu filho:

O menino olhou-me n'um sorriso em que havia pranto e replicou-me:

— Oh! Não vás: pois *isso é trabalho?*

Tive que ser mais extenso. Mas, quanta gente não terá nos labios a mesma interrogação?

Que iria fazer um zoologo na Commissão Telegraphica?

Que irião fazer um botanico e um geologo? Qual a utilidade d'esse pessoal? Compensaria o seu serviço as despezas do Estado?

A minha terra, o Brasil, existe ha 400 annos; dispondo de uma extensão territorial verdadeiramente phantastica, das florestas mais bellas da superficie da terra, de uma multiplicidade espantosa de formas vivas, ignora quasi completamente o que possue!

Onde os livros didacticos *escriptos* na *nossa lingua?* Os que são encontrados nas escolas, póde-se dizer, reproduzem a natureza da *França* com especialidade.

Entretanto já a velha Europa está farta de saber o que nós temos.

As principaes obras sobre a natureza brasilica estão nas revistas das academias e sociedades scientificas da Inglaterra, da Allemanha, da Austria, da America do Norte e, porfim da França. E porque isso succede? Por que é que os europeos e os norte-americanos conhecem a nossa natureza melhor do que nós?

Porque elles já aprenderam que o conhecimento exacto de todas as cousas é o melhor meio de tirar d'ellas *todas as vantagens* possiveis para a *nossa vida* na terra.

Vivemos na Natureza e da Natureza; precisamos, portanto, conhecel-a.

E como chegaram os estrangeiros ao melhor conhecimento do Brasil do que os brasileiros?

Muito simplesmente por meio de expedições que se succedem, seja qual fôr o custo em que importem e ás quaes nem sempre estão alheios os governos das nações á que pertencem os excursionistas.

Assim foi que tivemos as viagens de Natterer (18 annos no Brasil!), de Pohl, Mikau, Spix e Martius, D'Orbigny, St. Hilaire, Lalande, Langsdorff, Burmeister, Darwin, Castelnau, Regnel, Poeppig, Wallace, Thereza da Baviera, Spruce, Weddel, Kuntze, Lindman, Malme, Pilgel, Trail, Wettstein, Steindachner, Agassiz, e outros. Quantas foram as expedições brasileiras? Da natureza, isto é, com um tão largo raio de acção qual a d'agora uma só; a celebre «Expedição das Borboletas» de que foi chefe o Dr. Freire Allemão e cujos resultados infelizmente foram por aguas abaixo. (1)

Não obstante ter o nosso Governo concorrido (2) para auxiliar excursões de estrangeiros — pelo lado material nada tem adiantado, pois que tudo quanto os excursionistas colligem é remettido para fóra do paiz, onde vão servir de base aos trabalhos que acima fallei.

Esse processo evidentemente não serve, devemos guardar religiosamente as provas materiaes das asseverações dos livros!

E uma vez que possuimos Museus, é para esses que deve convergir todo o auxilio dos poderes publicos, á par de uma fiscalisação mais severa dos respectivos serviços. Com as verbas de que são dotados, torna-se impossivel exigir-se d'elles um bom serviço de exploração; e é a taes estabelecimentos que incumbe eliminar os disticos de — DESCONHECIDO — do mappa da Republica.

Com o pouco que possuem, o que elles tem feito é bem pallido em relação ao que de-

(1) No tempo colonial, Alexandre Rodrigues Ferreira realisou uma expedição scientifica por conta da Metropole, mandando muito material para o Museu de Lisboa, material esse que em parte se perdeu e em parte foi arrecadado por um dos St. Hilaire, durante a invasão dos francezes. Os trabalhos de Ferreira, na maior parte ainda ineditos, perderam, em muitas cousas, a opportunidade.

(2) Neste particular temos sido até criminosos, alienando collecções que não mais obteremos e que são motivo de mofa, entre nós, dos actuaes possuidores.

vem produzir. E parece que mesmo esse parco trabalho que apparece, é o fructo de sacrificios que pézam sómente sobre o desventurado que se arrojou a executal-o.

Os museus são outras tantas bibliothecas onde, em vez de palavras e estampas, são encontrados — *os factos e as suas provas.* E se as bibliothecas propriamente ditas são importantes porque encerram os livros que, disseminando o saber, são a base de todo o progresso humano, essas *bibliothecas concretas* não o são menos, por encerrarem a expressão exacta da Natureza ou as licções materiaes do proprio saber humano.

E' por isso que os europeos e americanos do norte, scientes do valor de taes repositorios não poupam esforços nem sacrificios para possuil-os e enriquecel-os.

Nos museus aprendem os mestres. Na Europa e na America do Norte as academias são-lhes sempre aggregadas. E é para constituir bons museus, capazes de utilidade que se viaja colleccionando os *factos com as respectivas provas.* Se para aprender o que já se encontra nos livros, o estado gasta annualmente sommas avultadas, recompensados estarão os sacrificios feitos em prol do adiantamento da sciencia pela qual labora toda a humanidade.

* * *

Eis o que me fizera pensar a ingenua phrase do pequeno Paulo! Era preciso deixal-o; deixar ainda o inconsciente Victor, recem-nascido, deixar a companheira dos meus dias — a minha Esposa, deixar minha extremosa Mãe, meus irmãos, e amigos em busca de novos documentos para illustração da nossa querida Patria! Os meus filhinhos, todos os meus lucrarão, tambem, com isso. Demais, a separação será por pouco tempo.

* * *

Tambem o dia entristeceu e se nublou; e pelas 4 horas «Jupiter» o navio do Lloyd que nos transportava, rouquejou o adeus de despedida á «Bahia de todas as Bellezas» Estavamos

NO ATLANTICO SUL

28 de Junho — A tarde e a noite de 27 foram realmente desagradaveis. Houve muito mar e, por isso, algum soffrimento. Entramos em Santos pela manhã. A impressão da cidade é desfavoravel quanto á esthetica. Vê-se, porém que ali ha trabalho. Região baixa, com a serra de Cubatão ao fundo, grandes mangaes marginando o canal que dá accesso ás docas da cidade e tambem o litoral. Visitei o mercado onde comprei 29 especies de peixes, em diversos exemplares; ás mãos de mercadores havia alguns do marrecão — *Metopiana peposaca* (Vieill.), cujo habitat não está ainda assignalado para o estado de S. Paulo.

29 de Junho — PARANAGUÁ. — Impressiona bem a cidade. Já de longe se vê o edificio vermelho da futura Alfandega, qual um castello em valle encantado; as casas brancas entremeiadas de arvores fructiferas, a aguda torre da matriz catholica, sobresahindo do plano sub egual das demais construcções, a serra da Prata, azul, acuminada, formando terceiro plano e aos lados as serras de mediocre elevação que servem de moldura á bahia, raza e caprichosa. Desembarquei, obtendo do meu cunhado Tenente Commissario da Armada, Jorge M. Pereira, alguns animaes bons. Na bahia vimos *Larus dominicanus*, Licht o Gaivotão, companheiro de viagem desde o Rio e incansavel voador. E' tambem um bom farcista, preparando péças aos geologos. Na viagem ao Polo do Sul que, a bordo do «Belgica» realisou o naturalista Racowitza, observou este que o Gaivotão, apanhando conchas com molluscos, vae abril-as n'um logar certo, a fim de devorar estes ultimos; passado tempo, construio elle um pequeno *Sambaqui*, no vertice d'uma rocha elevada. Vem um geologo descuidado, encontra o monte de ostras já unidas pelo musgo ou limo, em taes alturas e, da sorpreza do achado cahe na esparrella de toda uma theoria de revoluções e movimentos geoligocos... E tudo foi trabalho do Gaivotão...

Em Paranaguá ouvi chamal-o por outro nome — «Maria-Velha» nome, talvez de guerra, adoptado em consequencia d'alguma tropelia. Uma outra ave me prendeu a attenção. Ouvi chamal-o Trinta-Reis-dos-Grandes, designação provavelmente erronea e devida á má comprehensão do meu informante, um catraieiro do logar. Eu a vi solitaria, nadando sobre as ondas um tanto revoltas ou, voando em perseguição de outras gaivotas, para lhes tomar alguma prêsa. Pareceu-me ser *Ossifraga gigantea* Oml.

30 de Junho — Em S. Francisco menos ainda obtive. Realisei, em companhia do Sr. C. Hoehne uma excursão á ilha dos Coriscos. Haviam me informado ser ella um ninhal; e lá fui na esperança de encontrar alguma cousa, não obstante a épocha impropria. Só encontrei tres ninhos, um dos quaes me pareceu novo. Era de *Larus dominicanus*, não tendo ainda ovos. Constituido de um trançado mal feito de pequenos gallhos, em posição abrigada do vento e do sol, pelas folhas das arvores, em cujos ramos entrelaçados elles estavam. A sua distancia do sólo não excedia a 1 e 1/2 metros; debaixo de cada ninho, havia um vasto deposito de restos de crustaceos e molluscos, o que

prova que elles foram utilisados por mais de uma vez. A ilha dos Coriscos, situada n'um dos pontos de maior profundidade da bahia de S. Francisco, é baixa, formada de rochedos e recoberta, no centro, de Bromelias muito espinhosas e de uma especie de arbusto que me pareceu da familia das Myrtaceas. Uma Estrella-do-Mar, um crustaceo (*Aratus*) e um molusco pequeno, foi tudo quanto collecionei n'essa ilha. Em compensação ao chegar a bordo pude verificar quanto são uteis as perneiras para quem tenha de atravessar logares espinhosos — e eu fôra á ilha dos Coriscos inteiramente desprevenido.

Uma Tamburutaca (*Lysusquilla*) offerecida pelo illustre Deputado Federal, Dr. Luiz Gualberto, completou a série obtida em S. Francisco.

As 10 horas da noite estavamos ancorados na Barra do Itajahy um dos portos brasileiros de mais difficil ingresso. Na manhã do dia seguinte entrou o Jupiter, no porto, atravessando por um canal em forma de V que só muita pericia permitte navegar. O navio, no vertice do angulo, quasi toca com os extremos os dous bordos do canal. Itajahy é plana, alegre e bem construida. A sua população, em grande parte allemã, é quasi toda industrial sendo a industria dos lacticinios a mais explorada. O seu povo bom e ordeiro, deixou-me uma impressão muito agradavel. O Sr. Hoehne chegou a declarar-se inclinado a transferir para ahi a sua residencia. Parece estar situada n'uma zona bem rica de animaes. Chamou a minha attenção um macaco que me pareceu *Cebus niger* Geoff. Senti bastante não encontrar o proprietario d'este animal que deixou, por isso, de ser adquirido.

A's 4 da tarde chegamos á Florianopolis. Que linda bahia! E que bonita cidade! Em quanto o Jupiter procurava o porto, gosei do espectaculo que ella offerece á vista de forasteiro, na sua posição sobre o declive suave de uma grande montanha, no littoral da ilha de Santa Catharina, fronteiro ao continente. E bôa foi ainda a minha impressão quando desci á terra. Não só á perspectiva é bonita como as construcções são bôas, havendo edificios de gosto. As ruas largas e bem cuidadas, com illuminação regular.

De perto, Florianopolis fez-me lembrar um pouco Petropolis; do mar, me recordára uma gravura que ha tempos eu vira, e representava Napoles. Só lhe faltava a cratéra caracteristica de um Vesuvio.

A bahia é soberba, tendo duas entradas — uma ao Norte e outra ao Sul; e me informaram que, quando o tempo ahi se altera, a tormenta não se dá em toda ella — fica sempre calma uma de suas ametades — a de Norte ou a de Sul. As menores embarcações em uso nos transporte de passageiros para bordo dos navios em transito, são bem maiores que o dobro dos bótes usados no Rio de Janeiro — por causa — disse-me um catraieiro — da furia do mar, quando ha borrasca. Voltei de terra á noite; quanto á zoologia — nada pude obter.

2 de Julho — As 10 horas zarpamos para o Rio Grande do Sul. O vento forte e o tempo nublado ameaçavam uma travessia trabalhosa. Conservei-me no tombadilho observando o mar, escuro, revolto e deserto até o cabo de Santa Martha onde um jacto de vapor me denunciou uma baleia. O animal não fugio com a aproximação do navio, me permittindo, assim, que o reconhecesse, n'uma das suas emersões: Era *Megaptera boops* (J. Mull), a baleia commum das nossas costas e facil de reconhecer pelas grandes nadadeiras peitoraes. Era um individuo novo. Nadava para o Norte, certamente em busca do estado da Bahia. Pouco adeante uma enorme ave appareceu; da mesma côr que o Gaivotão, com a differença de ter o urop gio branco e a cauda negra. A forma aguda das longas azas, caracteristicamente curvas em arco regular, taes como as de um andorinhão, mostrava logo um valente voador. Que será ella? Um Albatroz?

Caracteristicamente, acompanha o movimento das vagas, azas immoveis — é o conjuncto que se desloca, firmes as peças de todo o aeroplano; apenas o *leme* — a pequenina cauda — deverá traçar o caminho. E planando em curvas mais ou menos largas, aflorando as aguas com as pontas das remiges, ella mostra, ora todo o lado inferior, alvo de neve, que a denuncia contra o verde-negro do mar, ora o manto negro de ebano que se confunde com o pélago; a cabeça branca, ainda que volumosa, e o forte bico amarello, e a macula branca do uropygio, então se disfarçam por entre as cristas brancas das ondas espumosas.

Assim, ora apparente, ora invisivel, eil-a que se aproxima, vindo cortar a proa do «Jupiter», á pequena distancia. Era *Diomedea melanophrys* Teum., o Albatroz pequeno — relativamente á outra especie do genero, *D. exulans* que ainda não foi constatada em nossos mares.

Poucas foram as formas vivas qus então vi, desde o Cabo de Santa Martha até o Pharol de Mostardas; mas nem a todas pude reconhecer. Assim succedeu com um pequeno Trinta-Réis de bico curto e preto, rectrizes externas longas e dorso cinereo, graciosa andorinha do mar, eternamente oscillante no azul, donde de tempos á tempos se desprende sobre os incautos peixes que só vista especial pode perceber á tona d'agua. Outra ave negra, feitio de *Uria*, nadava aos pares, á respeitosa distancia. Puffinos negros, pequenos, aos bandos celeres na

fuga, e finalmente, *Aestrelata macroptera* (Smith.) eis as aves dessa zona.

Curioso o vôo d'esta ultima. E' um Puffino todo negro, com uma nodoa alva em baixo do bico, na garganta; e poderá representar talvez, em corpulencia, o dobro do pombo domestico. Repousa muito sobre as ondas, nadando horas inteiras, mas, se vê alguma gaivota com alguma prêsa, eleva-se nos ares e a persegue até tomar conta do achado; nos movimentos bruscos de seu vóo curva as azas longas e estreitas de modo a tornal-as angulosas — juntando-se a isso a côr preta da plumagem, ter-se-ha a figura de um morcego; é o que parece, de longe *Aestrelata*, quando vôa.

O vento rijo e constante estriava o mar de espuma em direcção de Nord'Este. O Jupiter arfando muito, estava por assim dizer, quasi deserto, pois os passageiros se haviam reco lhido aos camarotes. Cahio a noite. De cima da coberta o olhar abrangia a prôa, illuminada pelo pharol de vante, o mar negro, o céo fusco e as cristas fulgurantes dos vagalhões que estouravam no costado do navio. Cortada pela quilha enorme, gemia a agua revolta, rangião as juntas dos madeiros e zunia o vento nos cabos. Vestido á urso, o velho Souza velava no commando, insensivel ao frio de 15 gráos.

Oh! costas bravias do Rio Grande! A Natureza, «essa Biblia» enorme que, infelizmente, nem todos lêem, dá feição ás cousas, aos animaes e aos homens! Apezar de planas as tuas terras como em lago, sobre ellas se desenfreiam os pampeiros; apezar de baixo e sem rochedos, o teu mar é altaneiro e temeroso; e quer em terra e quer n'agua — ou calma absoluta ou tempestade furiosa! Assim é o teu povo — bondoso na paz, terrivel na refrega — sem meios termos.

A *4 de Julho* — Pela manhã, estavamos fundeados á vista da barra de Rio Grande onde entramos ás 9 horas. Tudo plano n'essas terras de horisontes limpos, illimitados. Muitos bôtos sulcavam o canal até bem proximo do porto. Não me pareceram da mesma especie que os do Rio de Janeiro. Infelizmente éra apenas permittido vel-os... emquanto emergiam d'agua para respirar.

Por sobre o navio passavam bandos de Quero-Queros, annunciando-se com o repetido e plangente brado.

Percorri a cidade que não me agradou. Os melhores edificios que vi foram o da Alfandega, mandado construir pelo Visconde do Rio Branco e o de um banco nacional.

Ao contrario gostei muito do modo lhano e agradavel de seu povo.

Na manhã de 5, correndo o risco de perder a viagem, fui ao mercado onde, na vespera eu conseguira algumas aves (1), para comprar peixes. D'elles obtive representantes de 9 especies, todas as que encontrei. (2)

A's 7 horas suspendemos ferro em demanda de Montevidéo. Deixavamos portanto, as Terras Patrias.

O dia 5 foi todo consumido no preparo do material colligido em Rio Grande. Tudo corria bem sendo calmo o oceano. De noite houve, mesmo, animação, á ceia. De subito, entrou o «Jupiter» á apitar, subi á coberta. O commandante estava irado, era a cerração: «Este era o peior inimigo que nós temos» disse-me elle e chamou os marujos para fazer sondagens. A nevoa densa nos envolvia completamente; mas assim mesmo eu percebia na superficie do mar, em torno, as fulgurações produzidas pelos movimentos de animaes que nadavam perto. Que seriam elles? Desenhavam grandes SS phosphorescentes n'aquella escuridão, á esquerda ou a direita, rapidamente, da base para o vertice da lettra. Talvez fossem os Lobos-Marinhos, estavamos perto da ilha que os abriga e certamente andavam á pesca, aproveitando a mansidão do mar.

Na manhã de 6 entramos no porto de Montevidéo, o mais bello do Atlantico Sul, depois do Rio de Janeiro. E' circular tendo a direita de quem entra o magestoso edificio da Universidade e á esquerda o pequeno monte chamado Cerrito em cujo cimo ha o forte desse nome. Há em construcção uma extensa muralha em certa altura, formando uma dóca; fóra estavam os grandes transatlanticos de forte calado e, dentro uma multidão de navios pouco menores; pelo meio destes entrou o «Jupiter» indo parar junto de dous outros navios brasileiros, o Javary a o Oyapoc, da frota do Lloyd Brasileiro. Na meia lua de uma colina suave, entre os extremos já citados fica Montevidéo. Com um amplo cáes para atracação dos navios, feito de blocos que me pareceram ser de cimento armado, é ella cortada por amplas ruas onde transitam bondes de tracção electrica e animada. Os seus edificios são bellos, havendo muitos de fino gosto artistico. Descemos á terra visitando os principaes pontos da cidade, o Jardim Zoologico o Museu.

Apesar de ahi termos ficado de 6 á 9, nem todos os dias foram gastos em passeios.

O dia 7 foi todo de trabalho pois tendo encontrado no Mercado um bôto interessante, que em Montevidéo chamam «Franciscano» precisei preparal-o para poder transportal-o commigo.

JUREMA.

---

(1) Nunca vi tanto marreco selvagem. Havia em duas bandas 200 exemplares de *Metopiana peposada*. Outra ave commum no mercado é a perdiz *Rhinchotus rufescens* (Teum).

(2) Em grande quantidade,

RECORDAÇÕES DE VIAGENS

OH! de casa?

Oh! de fora pode chegar e apear. Bons dias. Deus lhe dê os mesmos. *Vancê* por aqui, que ha de novidades pela *Côrte?* Nada, a não ser a victoria do partido de meu compadre doutor, que por signal queimou um foguetorio damnado, e abrio muitas garrafas da estrangeira.

Então o coronel perdeu a *manjuba* das pontes, dos concertos de estradas, que nunca se acabavam? *Entonces?* Um dia tudo isso *havera* de acabar-se. Coitado; agora vae vêr a força do doutor.

Seu Jeronymo, *vancê* bem viu que eu acompanhava o coronel, por acompanhar, eu não gostei nunca daquella bisca. Vendia tudo caro p'ra gente, e nunca se acabava de pagar; era conta sobre conta.

Agora vou deixar de lhe comprar; e nem lhe pago mais nada, pois elle é que me tinha de passar os cobres, se nós foramos ajustar as contas com escrupulo.

Aquillo é que era um homem de *genio;* não admittia que a gente comprasse um vintem de agulha na loja do doutor, nem que alli se apeasse, ao menos para *matar o bicho.* O doutor não é dessas imposturas. Eu cá é que não procurarei mais aquella casa, que p'ra mim damnou duma vez.

Não diga isso seu Antonio, as cousas podem mudar, e nós termos de voltar á porta do Coronel. *Vancê* bem sabe como elle é zangado; a gente ou faz o que elle quer, ou então tem de *caçar caminho.*

Pois eu não desdigo o que digo, com perdão da palavra e que Deus me não castigue.

Emfim deixemos de falar de bobagens. Como está a *obrigação?*

Nós *tudo* vamos bem, menos as criações, porque entrou uma laseira no curral, que já me matou uma bezerrada sem conta. E' inchar o quarto traseiro, o bezerro deixa de mamar; no outro dia está *esticado.*

Vancê por que não fumenta com banha de jacaré é muito bom; ou então mande benzer, que não perde um só.

Mande chamar *sia* Monica, que é quem benze melhor por estas bandas.

E o tal *marruá* que *Vancê* encommendou, seu *Jeronymo,* veio bom? tem bastante cupim?

Qual que! seu Antonio, veio um *mal de cuia* na espinha e custou-me os olhos da cara. Tenho de dar por elle dez novilhas de 2 annos.

Em que ficou a demanda do major Chico do Curral Queimado? Ah! não fala, *seu* Jeronymo, o juiz não estêve pelos autos e mandou o visinho do major despejar as terras, coitado, que elle comprou e pagou. Não se pode ser pobre neste mundo! Tambem quem mandou elle se metter c'os grandes?

E' verdade, seu Antonio, o casamento da filha mais moça do major com o filho do homem do *Roncador?*

A falar verdade, não sei bem se essa casamento sairá, porque ouço dizer tanta cousa...

Sim; eu tambem já ouvi falar até em mortes, por causa disso.

Mas que diabo de complicação é essa?

São ciumadas.

O noivo é da *pá virada, vancê* bem sabe.

Já mandou p'ra outra vida aquelle camarada capenga, que lhe respondeu mal e bateu a mão na *branca.*

Dizem que a moça gosta de um moço da *Côrte,* tocador de violão e contador de lerias.

Ella está toda a vida a chorar por causa delle, mas o pae mais a mãe não querem saber de nada, querem que ella se case pelo gosto delles; mas a moça não quer. E' um bom partido que ella regeita *pra-mode* o amor.

Não sei como acabará tudo isso! O noivo anda muito desconfiado e diz que não conta com desgraça. Eu cá p'ra mim digo que isso tudo vae acabar numa maçada feia, porque o moço tambem é bom no *pinguelo.*

Emfim elles são brancos, lá se entendem.

Olha o café, seu *Jeronymo,* segure a caneca, para eu botar.

Oh! menina, serve aqui a *seu Jeronymo* de bolos.

Obrigado seu Antonio, não posso comer esses bolos fritos; estão com muito aroma, mas me fazem uma revolução no estomago, *a mode* a gordura. E' eu comer, e fico arrotando toda a vida.

O Sr. não janta co'a gente?

Não, vou hoje ainda cobrar uma conta; tirei o dia p'ra ajustar um *camarada* e cobrar essa conta. E' uma divida velha, que com os juros, bem me pode render 3 vaccas paridas e um cavallo de campeio.

O cabra é duro de pagar, mas eu vou disposto a tocar as rezes, ainda que as tenha de pegar no campo.

Como vae de roça? Fez feliz o seu *muchirão?*

Fiz sim; matando uma vacca maninha, um *cevado* e um monte de frangos.

Da *branquinha,* gastei 2 barris, alambicados no engenho do compadre Olympio.

A derrubada foi grande, uns dous alqueires de planta.

No dia de S. Bartholomeu lasquei fogo na coivára.

Foi um fogo bonito: estava tudo sêcco que nem gravêto.

Mandei fazer um acêro mantena, de sorte que o fogo não passou para o jaraguá mais o catingueiro.

Plantei uma quarta de arroz, um alqueire de milho, meio alqueire de canna, e o resto enchi de bugigangas.

O arrozal está na varzea e promette cachear muito, pois a terra é preta e humida. Lá tambem está o cannavial.

Appareceram já os boiadeiros seu Antonio?

Ainda não aqui; mas já tive noticias delles nos visinhos.

Estão pagando bem?

A mode que sim, porque o compadre Pedro vendêo 20 bois erados, a razão de 60$000 ao José Rosa.

Disseram-me, porem que este tem uma *balisa* muito alta.

Eu tenho uma boa *ponta*, talvez superior á *balisa* delle, portanto quero que elle me pague de 65$000 p'ra riba.

A sua *balisa* é boa, regula vinte arrobas, não? Sim, regula.

Seu Jeronymo, já chegaram seus carros?

Ainda não, seu Antonio, tive noticias delles no corrego da Maria Paula, onde estavam de falha, em concertos de um eixo, que se quebrára n'um atoleiro. Os carreiros não encontrando nem *garapa*, nem *balsamo*, arranjaram um eixo provisorio de *sucupira* do campo.

A boiada vem muito magra, devido á sêcca.

Já ficaram atráz dous *guias* e um boi de canga.

E o sal, foi comprado em conta? Sim, lá isso foi, 5$000 o alqueire, sal grosso. Comprei tambem um pouco de arame de cerca, uns 30 rolos, de 28 kilos.

E' do bom? Sim, de farpas unidas. Posso ceder algum se precisar, porque não gastarei todo elle.

Eu acceito uns 5 rolos para inteirar uma conta.

Olha, seu Jeronymo, estão botando a mesa; janta co'a gente? Faço gosto nisso seu Antonio, já que está prompto.

Em pratos esmaltados, sobre alvissima toalha de algodão, com franja de côr, serve-se o jantar, constante de feijão com carne secca e toucinho, lombo de porco assado, arroz alvissimo com folhas de couve, ovos fritos com torresmo e farinha de milho. Um vidro de bocca larga estava atopetado de pimenta malagueta madura, conservada em succo de limão.

Desprendia-se um aroma appetitoso de tão rubra conserva. Os homens acercam-se da mesa, benzem-se e começam a se servir.

Ao meio della estava uma garrafa branca com um liquido incolôr—era a boa pinga, que fazia *seu* Jeronymo dar estalidos com a lingua, sempre que sorvia um *trago*, arregalando os olhos. Terminado o jantar, cuja sobremesa foi cará com melado, seu Jeronymo saboreou uma boa caneca do excellente café com rapadura, accendeu um longo cigarro de palha, feito na occasião, e se despedio. Para humedecer a palha, elle amergulhava na boca, passando-lhe a faca repetidas vezes.

Cavalgou o seu vistoso alazão e partio ligeiro.

Seu Antonio, logo após, tomou o seu calção de couro, cobrio-se com um respeitavel chapeu de sola cortida, com enorme barbicacho de carneira, e montou.

Partio a galope. Algum tempo depois ouvia-se ao longe a sua bella voz a cantarolar espirituosas trovas, entremeando o canto de gritos estridentes, que elle soltava no interesse de tocar a *ponta* de gado, que reunira no campo. Eram vaccas paridas, que elle trazia para o curral, afim de prender os bezerros, pois a mulher lhe recommendára, que precisava de leite para fazer uns queijos e requeijões. Tinha recebido um coalho de encommenda e desejava experimental-o.

O requeijão que ella faz é uma delicia, pois deixa queimar um tanto a massa, na occasião de frital-a na manteiga. O requeijão fica com uma côr de havana caracteristica, e com um sabor como poucos.

Logo após a fritura, e quando ainda está mole a massa, é uma delicia comel-a ao sorver de pausados goles de chá de gengibre.

Em via de regra os homens do campo não se dedicam á industria de lacticinios, senão pela contingencia de adquirir o sal necessario ao gado. E' esta conveniencia que faz de cada um delles productor de queijos, manteiga e requeijões, em quantidade sufficiente para apurar o quantum necessario á acquisição do sal.

Este é indispensavel ao gado, que definha e degenera quando elle lhe falta. A influencia do precioso regenerador é tão decisiva que se manifesta nas proprias funcções procreadoras

O gado bem tratado, que tem 4 salgas annuaes, produz mais precocemente que qualquer outro tratado menos carinhosamente.

O berne e o carrapato são dous factores que concorrem em forte escala para o seu empobrecimento organico.

O sal, porém, dado com regularidade e por aquelle numero de vezes ou mais, immunisa o gado e cura-o desse mal, quando já atacado.

E' curiosa a operação da salga, que obriga o criador a ter filas de côchos de tomboril, em terreno de declive, de modo que a agua os

enche successiva e paulatinamente, a partir do mais elevado. Lançado o sal, os côchos são inundados. Depois de completa a diluição, o gado é impellido para os côchos. onde abebecra soffregamente.

Os bezerros aprendem a tomar sal em palha de milho, onde se o colloca previamente.

Abre-se-lhe a boca e nella deita-se o envolucro, devidamente amarrado com atilhos da mesma palha, prendendo-se-lhe a boca com a mão, para que elle o não repilla.

A salga, além de exercer acção tão benefica sobre a economia do gado, é o melhor processo de custeio. O gado assim tratado torna-se manso e avigora-se extraordinariamente.

Em varias occasiões de minha estadia nos sertões presenciei destas scenas e colhi as conclusões que a observação me suggerio.

Muita vez tive opportunidade de vêr a influencia do sal na regeneração de animaes inteiramete pesteados, quasi esqueleticos, que em pouco tempo readquiriam o vigor primitivo.

Em via de regra o sertanejo tem sempre algumas vaccas *dando leite.*

Quantas vezes, após longas e exhaustivas marchas, encontrei *boiões* de excellente coalhada, que eu devorava com raspagem de rapadura e farinha de milho torrada!

No sertão a rapadura e a farinha exercem um papel benefico em favor do viajante, que os conduz invariavelmente para o preparo da *jacuba.*

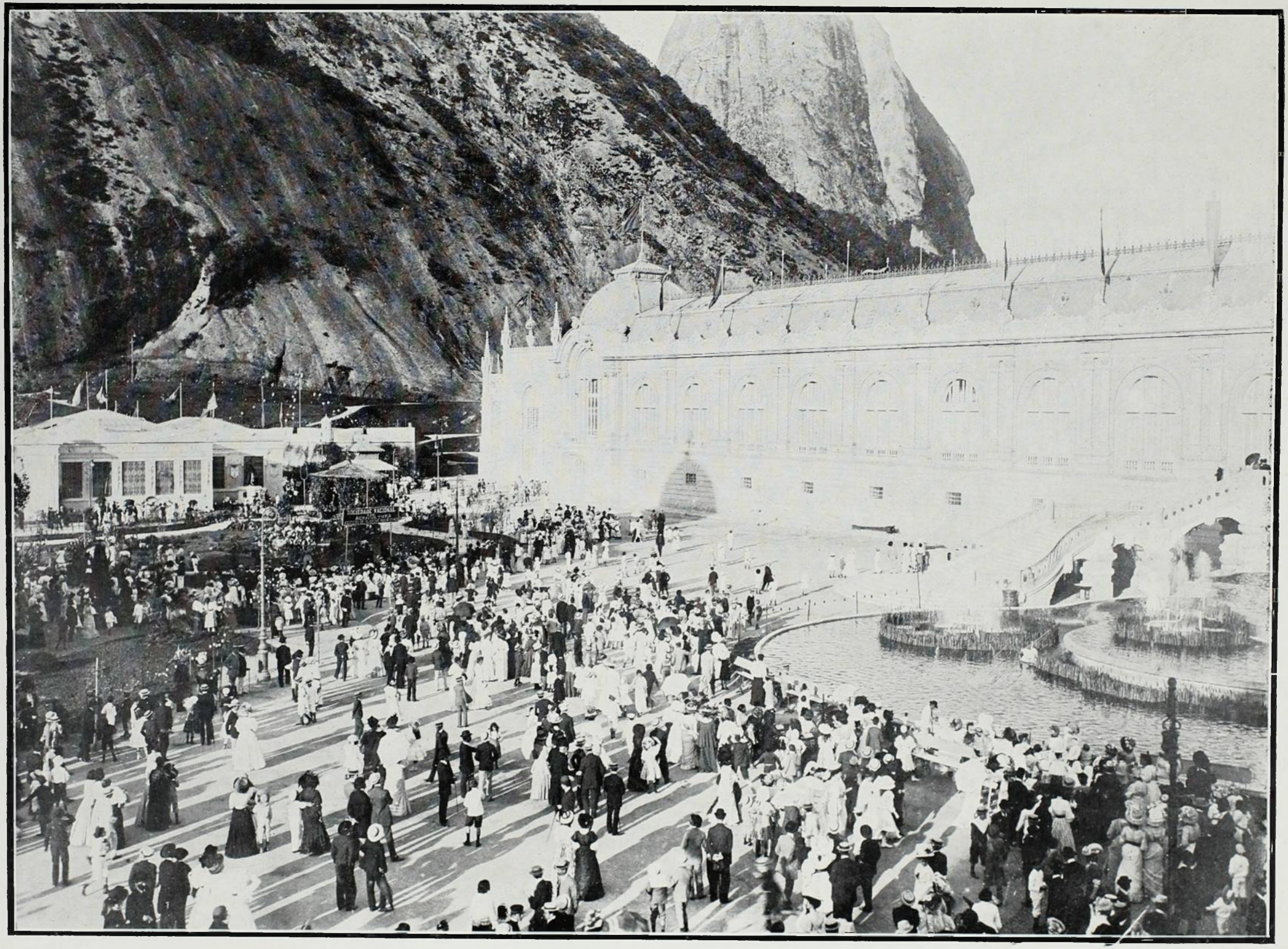
Quando o sol está a pino e que se encontra um ribeiro de aguas crystallinas sobre leito de cascalho ou arêa fina, não ha quem resista ao desejo de *jacubar.*

E' cousa simples o preparo da jacuba: rapadura raspada, farinha de milho, gottas de succo de limão e agua, tudo bem mexido.

E' um refrigerante por excellencia.

EDUARDO SOCRATES.

Exposição Nacional



UM DOMINGO

A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL

O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCHE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - DROGARIA PACHECO

Anno V

Numero 10

OUTUBRO DE 1908

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	G. D.
Copacabana	Gravura
Sensações	William Shaw
O Rio Paranahyba	
Na Fronteira	Dionisio Cerqueira
Monumento ao Marechal Floriano	Gravuras
Uma Volta do Passado	Euclides da Cunha
Honorio Mello	G.
Paisagens do Amazonas	Gravura
Noticia da Actual Litteratura Brazileira	Machado de Assis
Exposição Nacional o pavilhão da Companhia Progresso Indutrial do Brasil	Gravura
Chronica da Saudade	Gonzaga Duque
Quadro Formozas Damas	André de Rezende
Começos Literarios do Brazil	José Verissimo
Enrico Ferri e o Clericalismo	Silva Marques
Recordações de Viagens	Eduardo Socrates

OFFICINAS E REDACÇAO
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Auctorisada a funccionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistro pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

EQUITATIVA

Os sorteios têem logar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

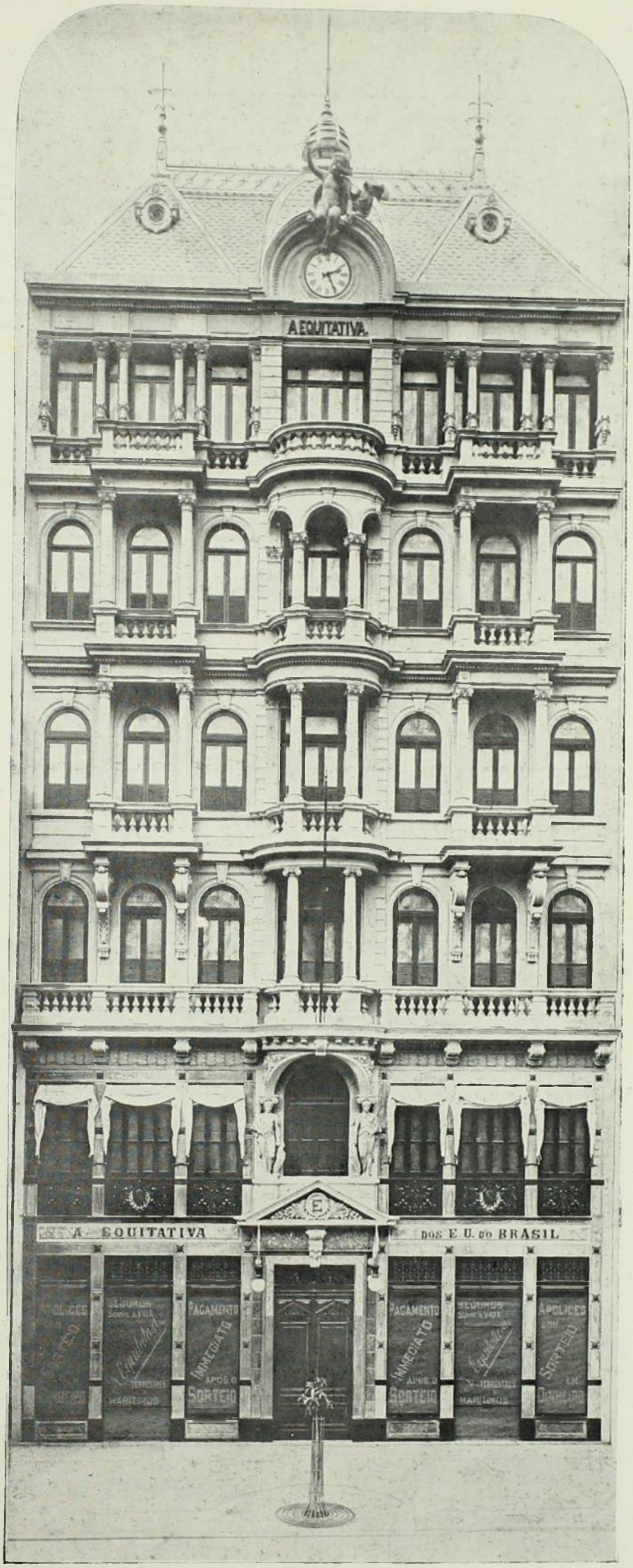
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 $^{1}/_{2}$ e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO — **19 DE DEZEMBRO** — SABBADO

Grande e extraordinaria Loteria do Natal

173 — 2º

Por 31$500 **500:000$000** *Por 31$500*

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 14

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

ANNO V | OUTUBRO 1908 | N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

ESTE MEZ de Outubro do decadente mil novecentos e oito péde uma tarja negra.

Seria o grifo necrologico do sentimento republicano, porque a morte de João Pinheiro foi o inesperado desmoronar das aspirações dos que ainda sonham com a regeneração de um regimen que devia ser puramente democratico.

E postoquê seja uma verdade proclamada a affirmação de que não ha homens indispensaveis, ninguem póde dizer que, num dado momento, certos desapparecimentos estejam em concordancia com essa fria mas exacta affirmativa. Assim, se não ha homens indispensaveis, ha-os que, prematuramente levados pela Morte, deixam vasios difficilmente prehenchiveis.

João Pinheiro estava neste caso. Era o homem com quem os democratas contavam.

Numa republica aristocratisada, convindo mesmo que artificial e ridiculamente aristocrata, o cargo de presidente não exige as condições especiaes que são imprescindiveis á Democracia Basta-lhe, áquelle, o aspecto decorativo sobre uma intelligencia commum e uma cultura mental de segunda ordem.

E' facil, portanto, é facilimo mesmo, encontrarem homens a contento geral.

Mas, para servir á Democracia, para lhe dar força e engrandecel-a, é preciso uma integridade moral a toda a prova, é preciso o conhecimento profundo dos principios em que ella se estabelece e ter por elles devotamento sincero, que não resulta de circumstancias de occasião, sim dum verdadeiro amor e profunda crença.

Taes predicados eram apontados no homem que a 25 de Outubro, fechou os olhos á luz da vida com a tranquillidade de um justo.

A quéda dum meteorolitho em plena Avedida Central não aturdiria tanto os cariocas como esse passamento perturbou as aspirações dos democratas.

Esse facto vem ennobrecer ainda mais a memoria do illustre brasileiro.

Quando se chega a personificar o idéal de uma causa, seja ella qual fôr, tem-se realisado uma missão na Terra; mas quando esse idéal consubstancía virtudes civicas de tal fórma raras, a missão attingiu á aureola das consagrações.

E ninguem mais do que João Pinheiro melhor a mereceu.

A sua vida, desde o ponto inicial da educação primaria com o prestigio da sympathia que a pobreza dá, foi uma marcha segura para a fé republicana.

Vemol-o, ao principio, estudando num Seminario da sua terra, por protecção de um seu irmão padre, e logo passando-se de Marianna para Ouro-Preto, onde se matriculou na Escola de Minas. Já por essa época o moço estudante não fazia mysterio de suas ideias politicas. Foram essas mesmas que se accumulavam em torno da sua pobreza oppondo-lhe obstaculos de ordem economica.

A resistencia, porem, do seu altivo caracter, que a adversidade fundia numa crystalisação forte, contrapunha aos obstaculos com a iniciativa e a intelligencia de emprehendimentos. Assim é que elle, na velha Ouro-Preto abria um curso particular de sciencias propedeuticas para os exames publicos.

Mas, ou porque na sua clara intelligencia se projectasse a chamma alborente da reforma dos estudos juridicos, ou porque a profissão d'engenheiro não se accordasse com a sua indole, João Pinheiro após tres annos de frequencia da Escola de Minas, partiu para S. Paulo com o firme proposito de se formar em sciencias juridicas e sociaes.

O curso particular, iniciado em Ouro-Preto, foi continuado em S. Paulo. Não obstante o seu saber e probidade no ensino, os proventos que d'ali lhe advinham não eram sufficientes para a vida cára da Paulicéa, e por isso teve de conciliar os seus trabalhos de professorado com as fadigas da revisão de um jornal. Era o *fatalismo das circumstancias*, os casos accidentaes da vida que levam, incontradamente, os individuos para o seu destino. Começou então a sua phase de escriptor. E dois annos depois um magnifico artigo sobre philosophia religiosa despertava para o seu nome a attenção do lente Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, reputado profundo conhecedor de theologia. D'essa admiração veiu-lhe a amisade auxiliadora do conceituado Benevides, que o collocou num lugar vago de preparador da physica e chimica da Escola Normal de S. Paulo.

Vemol-o, depois, no seu regresso a Ouro-Preto, em 1887, advogando com notavel conhecimento profissional e impondo o seu merito á clientela mineira em concurrencia franca e leal com os mais celebres advogados da provincia. E logo ali a cuidar do seu idéal politico fundando um club e publicando o *Movimento* que se tornou, nos tempos da propaganda, a folha radicalmente republicana.

Em 15 de Novembro de 89 o Dr. Cesario Alvim, primeiro governador do novo Estado de Minas Geraes, chamava-o para seu secretario, e em 1890 João Pinheiro passava a exercer o cargo de governador effectivo.

Eleito para a Constituinte, trabalhou ao lado dos melhores republicanos para dar á sua patria uma Constituição liberrima, e recusando a reeleição voltou para Caethé onde fundára uma fabrica de productos ceramicos, aos quaes se consagrou com verdadeiro enthusiasmo, sonhando em os melhorar até fazel-os rivaes dos mais aperfeiçoados productos da Europa. E no Caethé viveu dez annos absorvido por sua industria, a ponto de parecer esquecido das luctas politicas do seu Estado e alquebrado da sua energia combativa.

Não, se lhe esmorecera o animo nem se lhe apagára o ardor republicano.

Chamado ás urnas a pleteiar a eleição de senador, triumfou dellas e veiu tomar assento na Camara Alta, para, pouco tempo depois, ser investido pela segunda vez, do cargo de governador de Minas.

Que foi essa phase da administração mineira não é preciso recordar. Minas sentiu-se revigorada. Um bafejo de mocidade, de força, de existencia nova, sacudiu e fortaleceu-lhe o organismo amornado. Foi um curto mas prodigioso governo.

Não ha memoria de outro egual, que se exercesse dentro dos principios rigorosamente republicanos, e tão fructiferos, tão fecundos em tão breve espaço de tempo!

O homem, que até esse dia, merecêra a confiança dos seus compatricios, por ser exemplarmente honrado, por seu grave saber, por seus principios inquebrantaveis, demonstrou-se o apto, o necessario á administração geral da Republica. Ali estava o seu genuino Estadista, não ao molde classico dos Mazarinos ou dos Bismarks, mas ao feitio exigido pelo regimem.

Não o mareavam suspeitas de vinculos frouxamente desembaraçados, nem de tergiversações ou simples fraquezas condescendentes. Era um forte.

Eis o que fazia de João Pinheiro o homem da occasião, cujo desapparecimento abriu um immenso vazio nas aspirações democratas.

A penna despretenciosa e obscura que traça estas linhas, não é guiada por um republicano, mas, sendo a Democracia culta uma das fórmas de transição para o seu ideal politico-social, e tendo sido o illustre extincto o homem de Estado que entre os contemporaneos em evidencia, melhor incarnava os principios dessa Democracia, ella aqui deixa estas frases com a firmeza de uma convição, que se não acovarda, e como uma homenagem sincera á memoria de quem teve a envergadura moral e a mentalidade grandemente elevada para ser, entre os que melhor têem sido, em tudo e por tudo, um Homem!

G. D.

COPACABANA — MÁO TEMPO

SENSAÇÕES

I

SPENCER E COMTE; Aristoteles e tantos outros que se abalançaram no compendiar as sciencias; se tivessem, apos o criterio da complexidade e da generalidade, espreitado para fóra, á verem como o populacho saborea as relações formuladas, por certo agrupariam em dois grandes dominios todos os conhecimentos sujeitos ás peias scientificas. Sim; existem sciencias nobres, de elite, aristocraticas, assim como sciencias baratas, modestas, burguezas. A psichologia entra pobremente no segundo grupo, é uma sciencia burgueza.

Um escriptor scintilante da França contemporanea traçou num gesto largo o levante d'uma sciencia. Nos tempos presentes diz o nosso pensador, quando uma sciencia vem ao mundo, ou se annuncia, existe sempre um certo numero de philosophos que a cercam, apresentando cada qual um methodo a seguir, com segurança do maior sucesso, si não discrepa as regras indicadas. Como si d'um methodo, d'um programma de descobertas dependesse o progresso de qualquer sciencia!

A psichologia sofreu esse tormento, e teve a mais, um nascedoiro malfadado: o mysterio, o além, a incognita da eternidade.

Tenhamol-a em idade adulta. Depois que a experiencia acalentou este ramo de conhecimentos, pode-se dizer, as mais bellas culturas deram-se aos seus trabalhos. A Inglaterra fez a psichologia pela associação, a França pela dissociação e a Allemanha manteve-se no terreno puramente da experimentação.

A psichologia, porem, tocando proxima ao sentimento, devia descer das regiões bem cotadas da gente sabia, do linguajar corriqueiro da gentalha. E foi o sentimento, o coração, a alma, que rolaram a psichologia pela multidão. D'ahi p'ra cá tornou-se uma sciencia barata, pobre, burgueza.

Quando um rapaz bonito e litterato, quer dizer cousas agradaveis aos auditorios voluptuosos, como sejam, contar o bond, descrever a toilete, interpretar os sonhos, fallar das modas; faz psichologia do bond, vê a psichologia atravez a toilete e assim por diante...

Si a meridional arredonda a phrase engulindo os *r r*; amolece nos *l l* e quebra a linguagem num sentimentalismo sestrozo, salta sem delongas um empinado sabedor de altas couzas e pedanteia a psichologia da meridional. Por outro lado um Hecklitsa quer deitar sciencia; uma dama de estima quer mostrar ao bem amado ser *intellectual;* empurra o primeiro o sentimento humano nos grunhidos dos cães e diz a segunda: o homem vem do macaco, meu cachorrinho tem alma...

Presentemente, ainda nos aparecece a psichologia sob uma nova applicação: o *touristismo* psichologico.

Os paizes novos e sequiosos de engrandecimento, prendem aos orçamentos das suas propagandas, gordas verbas destinadas á importação de sciencia pitoresca.

Por desgraça não nos ensinam os que vem de lá, a arte de *interpretar os sonhos* que fluctuam por cá, nem o modo de levar a cabo os fakirismos dministrativos prometem os nossos. Valha-nos o creador que os *psichologadores*, de torna viagem, não buzinem nos torrões maternos, certos quadros de psichologia edificante, taes como: o *avança*, o *não póde*, o *bolina*, o *bicho* e quejandos. A psichologia bate na tecla sensivel; toca a eterna comedia e tem muita applicação ás mulheres. Nasceu sem sorte; por isso afina n'um tom menor. Esse trato porém, barateia a psichologia, mas é innocente e não a prejudica. De cousa maior foi victima a desherdada sciencia, não muito atraz dos nossos dias.

Quando a experimentação tomou corpo nos campos scientificos, se quiz fazer da sciencia, não só unico prisma por onde a verdade deveria ser vista, como o alimento exclusivo de todo o genero humano. As religiões professadas então, passaram aos quadros pathologicos e a arte deixou de ser uma das formas da verdade. D'ahi por diante tudo devia carregar o sobrenome *scientifico*: as artes, as religiões, a litteratura e até o amor... passou a ser uma alta intoxicação sanavel com um bom purgativo.

A sciencia que mais se prende á arte em geral e em particular á litteratura é a psichologia; d'outro lado embrulhavam a psichologia com a phisiologia e biologia e se começou a vestir toda a litteratura de sciencia. A resultante da mania da epocha positiva foi essa litteratura desgracioza, sem encanto e sem verdade; feita de preconcebidos; desvirtuadora da arte sã e profanadora da exactidão scientifica.

Raros foram os escriptores que apanharam a lufada da experimentação e se não deixaram levar. O psichologico, o extra-natural, o biologico o descrevem sem bellezas, ao contrario, forcejar pela dureza da realidade, apanhar do quadro natural, do jacto que nos fere unicamente o que se pode catalogar nos armazens scientificos, era a unica porfia de quantos pretendiam chamar de seu lado os festejos dos presentes e a admiração dos vindoiros.

D'esta molestia resultaram todas as mizerias do — naturalismo e as indigestas construcções da poesia scientifica.

O que seria o inimitavel descriptor do instincto se espugasse a sua obra de todas os encaixes a martello da dureza scientifica?! O quanto valeria Renan, á analyse dos nossos dias, se jogasse para o lado os calculos de chegada com que procurou interpretar as phantasias biblicas?

Tornar Jesus um problema de psichologia humana era o suficiente! Veio artista e se atirou á sabio da maneira a mais infeliz possivel. Bourget, só tropeçou na verdade de sua obra quando a quiz submeter á metrica scientifica. Não se conclua d'ahi o exagero.

Eça, na sua musica eterna, do adjectivo disse de aproveitavel muitissimo á psichologia Flambert, no traço exacto e inimitavel das suas paginas, ergueu o quanto se pode alevantar nos dominios reaes da observação corrente da vida. Maudsley com a franqueza propria da sua raça, lançou num dos seus livros, essa profunda confissão: fiz mais nas obras de Shakespeare que em muitos annos de laboratorio!

Quando num tom verdadeiro e dolorozo se quizer buscar a psichologia do crime e a evolução das esplosões epilepticas, que melhor fonte que este «Crime e castigo de Dostoiewsky.»

As pinturas litterarias d'um Guy de Maupassant, são fontes crystalinas onde se irá buscar a trama da vida, o quanto é dado saber ao ser humano. A torrente hereditaria, o pezo do passado que nos agacha, dito em variações sublimes da arte, sem o enfado da formula scientifica e o risco de nos prendermos a leis mal seguras e proclamadas prematuramente, não pode ser melhor agarrado que nesse monumento estupendo — Les Revenants — do imortal norueguez. Ha psichologia que melhor diga das illuzões de a cada passo, que esta pagina doloroza de Bourget-Mensonges? E este esquisito pintor da melancolia, — Machado de Assis — podernos-ia ter legado melhor psichologia que o hymno de sua obra? A sciencia não viu de mais perto o coração, que Bourget.

Agradeçamos, pois, ao mestre divinal das perfeições, esse cabedal dadivozo de eternas verdades; não troquemos porém a arte por sciencia.

O methodo em psichologia é motivo por egual de grande rebate. Um desavisado topa com um catalogo e lê: psichologia ingleza, psichologia allemã, psichologia franceza; tira logicamente a conclusão de que em cada uma destas partes se faz sciencia diversa, empregando-se methodos varios, tiram-se conclusões diferentes. Não ha tal.

O criterio da psichologia é o criterio das demais sciencias, a experiencia. O methodo logico será o compativel com o grau de complexidade desta sciencia, nunca porém, elevando o exagero da escola a aniquilar os dotes proprios de observação que cada qual possue.

A introspecção sabia entra em grande somma nessa investigação; devendo porem ser cautelozo o seu uzo, como a experiencia. Nas mãos d'um fraco pouco vale a introspecção como de nada adiantaria a experiencia manejada baixamente.

E' preciso olhar o cháos psichologico, cuidadozamente. Militam a psichologia sciencia os que forcejam no laboratorio e no vasto tendal da natureza formular relações que nos permitam guiar na trama das emoções e da seiencia.

A arte, em geral, sendo uma das formas sãs da verdade, é um recurso inestimavel da psichologia. No cabedal imenso dos que sentiram verdadeiramente, devem ser buscadas sem temores as linhas exactas onde se enquadra a propria vida.

Quando, porem, pondo de lado a poesia, o lustre do sentimento que nos encanta, a forma lapidar que nos deleita, alguem procura no volver do ser humano unicamente o que poderá interessar a formulação relacional do phenomeno, será visto por dogmatico, enfadonho e não raro por empinado á couzas certas. Chamo este resguardo da despretenção, para o meu lado. Não direi couzas novas, no estudo das *sensações*, mas o que todos vemos e sentimos, e muitos, num passo mais seguro já o disseram essas mesmas em melhor diapasão. O sabio tem despeito de confessar a ignorancia da natureza interna das sensações, como tantas outras.

Esta sciencia, que marca o compasso dos astros, nos concavos infinitos, desconhecer o fundo das sensações que explodem do nosso lado!

Não se resignam á ironia natural, os escriptores de nota.

Quando se dão ao trato das sensações, embrulham de modo tal, o phenomeno em si, com os apparelhos de sua propagação, que o aprendiz alcança o fim, tendo lucrado apenas vasto conhecimento do funccionamento dos orgãos por onde se espalham as sensações sem terem entanto clareado um espaço sobre o facto que lhes quer mostrar. Talvez este pequeno valor tenham as modestas linhas que se vão seguir.

Reproduzirei a sensação sem o complicado apparelho por onde se perdem as suas acções.

Permita-me o leitor um avizo pedante, por findar.

Quando topar psichologia do bond, psichologia atravez a toilette, psichologia do fogo do amor, psichologia do sonho: é sonho é brin-

quedo; dirige-se o cartaz ás damas histericas, ás *diseuses* de élite e aos moços elegantes dos centros voluptuosos. Quando, porém, sob o rotulo — psichologia — encontrarem a relação do pensar ao sentir, entende-se o cazo com essa meia duzia de fortes, que envelhece antes da hora, no desbastar afanozo da sciencia e muita vez ajoelha, sem ter dobrado uma linha da phisionomia ironica da gigantesca incognita da vida.

II

De reducção em reducção chega-se das imagens e idéas as sensações. Antes porém, de as definir será conveniente separal-as e reconhecel-as no montão de factos onde se acham comprehendidas.

— Quando um instrumento perfura nossa carne, soffremos, e esta dor, tomada em si mesma e isoladamente, é uma sensação propriamente dita. Um grande numero de factos semelhantes existem, si bem que differentes com especie e gráo.

Taes são as sensações de contacto, pressão, cocegas, etc., que ordinariamente são despertadas em nós quando um corpo exterior toca de certa maneira em determinadas partes do corpo. Taes ainda, as sensações de quando um certo gráo de calor faz variar a nossa temperatura normal, as sensações da actividade muscular; as excitações pelas particulas liquidas de um objecto que saboreamos; pelas particulas volateis de um objecto que cheiramos; pelas vibrações do ar que ferem nosso apparelho acustico; as vibrações da luz que ferem nosso orgão da visão; e que ordinariamente se chamam sensações de sabôr, odôr, som e de côr.

Esses nomes porém, são ambiguos, porquanto ora indicam propriedades mal conhecidas dos corpos, ora as sensações que elles despertam em nós.

A distincção é facil de fazer, o porque a propriedade pertence ao objecto, emquanto que a sensação nos pertence.

O summo da laranja, por exemplo, tem um sabor acido; isto significa que possue uma propriedade desconhecida capaz de despertar uma sensação bem conhecida, a de sabor acido.

Deixemos de parte a situação que a experiencia nos ensina a darmos á sensação, bem como o estado dos nervos e dos centros nervosos, que por sua vibração fazem-n'a nascer.

Assim circumscripta, « a sensação é o primeiro phenomeno interior, sem intermediarios, acompanhado de imagens associadas que o localizam, excitado por certo estado de nervos e centros nervosos, estado desconhecido e que de ordinario é provocado em nós pelo choque dos objectos exteriores. »

— Desde longo tempo se tem distribuido as sensações em classes sub-classes, mais ou menos felizmente; primeiramente, segundo o genero de serviço que nos prestam, em seguida, segundo as circumstancias particulares de seu nascimento e a localidade onde as imagens associadas as situam; classificam-se ainda segundo as semelhanças grosseiras que a observação interior percebe.

Fez-se uma primeira familia com as que denotam os diversos estados do corpo, são ou doente; foram denominadas sensações da vida organica.

Ao lado desta familia constituiuse uma segunda, que são menos estimulantes de acção que elementos de conhecimento; foram baptizadas por sensações da vida intellectual. Cada um destes generos è subdividido em especies.

Estas differenças e divisões, porém, pouco importam porquanto das sensações em si nada sabemos.

Mantemos a classificação como necessaria e commoda. Não podemos precizar seus elementos como nas especies mineraes e vegetaes; capazes de se addicionarem ou de se orientarem, uns em relação aos outros, como a grandeza, a forma, a posição e o numero. As qualidades mathematicas e geometricas que servem de fundamento ás sciencias physicas não existem aqui. As sensações são os elementos que nos servem para formarmos as imagens representações, idéas geraes, etc.; como se formam e em que consistem não o sabemos.

A despeito porém, de nossa ignorancia, quando á sua natureza intima podemos affirmar que as sensações têm elementos.

Todos sabemos que num accorde ha dous sons; que em uma côr existem algumas côres; é necessario portanto saber si a sensação de som, côr, e todas as outras que nos parecem simples, não serão compostas de sensações mais simples.

A observação primeira seja interior ou exterior, percebe apenas o composto; após essa primeira consideração o nosso trabalho é de decompor em elementos, mostrar diversas combinações de que estes elementos são capazes e de construir em seguida o composto. Desse modo procede a chimica.

A psichologia deve procurar, si, juntando tal sensação elementar com uma, duas, tres, outras sensações elementares, approximando-as em tempo, dando-lhes uma duração mais longa ou mais curta, communicando uma intensidade maior com outra menor, não se poderá construir estes blocos de sensação que chegam á consciencia bruta e que irreductiveis para ella, não differem entretanto, senão pela duração, proximidade, grandesa e numero de seus elementos.

Existe um grupo de sensações onde as reducções são completas; a sensação do ouvido. O meio empregado para a reducção applica-se a todas as outras sensações. A solução parcial attingida, indica a solução geral á attingir.

Dous sons podem differir de muitas maneiras; é o que nos diz a experiencia diaria. Neste grande accumulo de differenciação, podemos destinguir duas qualidades capazes de graduações; a intensidade e a agudeza. Debaixo deste ponto de vista, os diversos sons formam uma escala; em todos os outros casos elles serão justapostos, vagamente approximados uns dos outros, porém, sem que possamos dizer em que consiste esta approximação Por exemplo, o timbre e o ruido são cousas indefiniveis.

Os adjectivos de que nos servimos para indicar a sensação produzida em nós pela mesma nota tocada por varios instrumentos, indicam unicamente uma analogia longinqua entre nossa impressão total e a impressão d'outra natureza.

Nada nos dizem sobre as sensações elementares de que é constituida a sensação.

Os phisicos e phisiologistas, porém, em investigações continuas sobre as ondulações e os nervos, nos condusiram a resultados satisfatorios.

O que provoca a sensação do som é a vibração do nervo acustico ordinariamente excitado pelas vibrações do ar exterior. Nota-se ainda que vibrações eguaes produzem sons eguaes. E' o que nos demonstra experimentalmente a roda de Savart. Segundo que a sua velocidade é lenta ou rapida, as sensações são continuas ou descontinuas e teremos então o ruido ou o som musical.

Cercando a experiencia de extremo cuidado, podemos chegar por processos bastante difficeis, á decomposição da sensação a um gráo sufficiente.

Cada sensação elementar para chegar do som minimo ao som maximo, passa na curta duração que occupa, por uma infinidade de gráos, invisiveis á consciencia; de sorte que, num som rapido, a sensação elementar indistincta comprehende, alem dos dous estados extremos indistinctos, uma infinidade de estados intermediarios indistinctos.

Isso nos deixa entrever por uma nesga o mundo obscuro e infinito que se extende sob nossas sensações distinctas. Ellas são compostas e totaes.

Para que seus elementos sejam perceptiveis á consciencia é necessario que, ajuntando-se uns aos outros, assumam uma certa grandeza e occupem uma certa duração. Si a sua reunião fica abaixo destas condições, não poderemos percebel-os.

As sensações elementares que compõem directamente nossas sensações ordinarias são em si mesmas compostas de sensações menores em intensidade e duração. Faz-se portanto em nós, um trabalho subterraneo infinito, d'onde o producto unicamente nos é conhecido e assim mesmo em grosso. Quanto aos elementos, a consciencia não os attinge, o raciocinio os conclue; estão para as sensações, como as molleculas e os atomos primitivos estão para os corpos; não temos senão uma concepção abstracta e o que nos representam é uma notação e não uma imagem.

WILLIAM SHAW.

O RIO PARANAHYBA

ESTE caudaloso rio, que nasce na serra da Canastra, em Minas Geraes, dirige-se para o Sul, formando com o Rio Grande, que corre em parte entre S. Paulo e Minas, o grande rio Paraná. As suas nascentes contravertem com as do S. Francisco.

Desque recebe, pela margem direita, o ribeirão Jacaré, divide Goyaz de Minas até a confluencia do Pardo.

E' um rio interessante, porque sendo bastante volumoso, não é commumente largo.

E' por isso extraordinariamente profundo.

No porto de Santa Rita, essa profundidade excede de 30 metros.

O commercio de Goyaz e do triangulo mineiro resente-se da grande difficuldade da travessia do imponente rio, porque as balsas usadas nos seus portos não offerecem garantias de segurança, mormente nas cheias.

Em muitas occasiões as aguas revoltas do rio têm arrebatado balsas, canôas e igarités.

As boiadas se disimam em sua penosa travessia, na estação das chuvas.

De sorte que se impunha a construcção de uma ponte que viesse dar as necessarias facilidades ás communicações entre os dous ricos Estados centraes.

Para consultar esses interesses os deputados da maioria da bancada goyana e os do triangulo mineiro, apresentaram o anno atrazado uma emenda ao orçamento da viação consignando a verba de 300 contos para a construcção de uma ponte metallica no profundo rio, que consultasse os interesses do commercio do sul de Goyaz e do triangulo mineiro. Essa emenda foi aceita e incorporada ao orçamento.

O governo comprehendendo a indeclinavel necessidade dessa ponte, abrio o necessario credito e a mandou construir.

Coube ao illustre e operoso engenheiro civil, Dr. Mendes Diniz, a direcção da commissão constructora da ponte.

TRANSPORTE DE PEDRAS DA PEDREIRA DO RIO SANTA MARIA — GOYAZ

Organisado o respectivo projecto foi elle approvado, tendo antes o distincto engenheiro seguido para Goyaz, onde foi estudar o problema *in situ*, escolhendo o local mais conveniente á construcção.

Depois de criteriosos estudos, foi escolhido o *Cahidor*, porto que fica cerca de 3 kilometros acima de Santa Rita do Paranahyba.

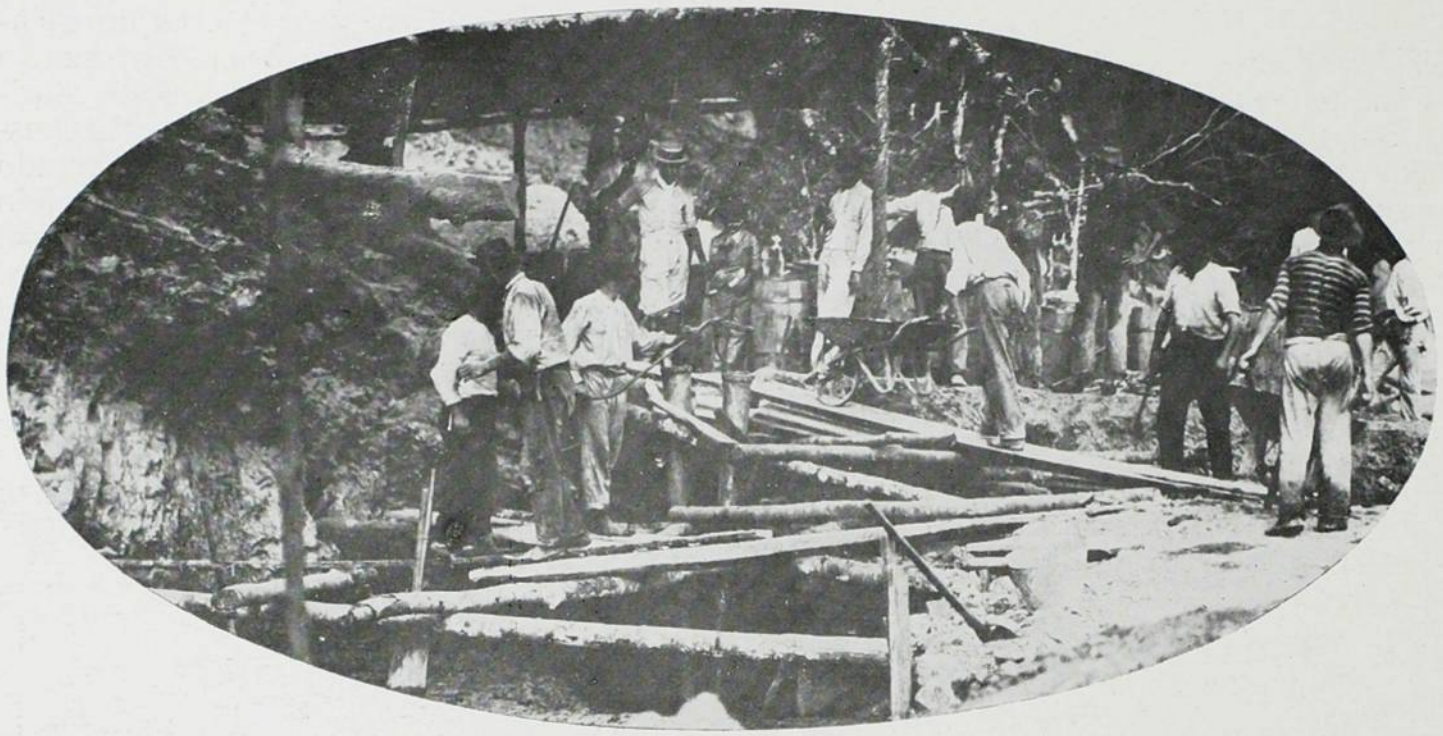
As photographias que hoje são aqui reproduzidas mostram a marcha da construcção. Uma

dellas apresenta o perfil longitudinal da grande ponte, que é pensil, e tem um vão central de 124 metros.

O rio Paranahyba, corre por terrenos ferteis, cujas mattas já vão sendo devastadas pelo machado iconoclasta dos lavradores.

Seguem-se as photographias que devemos á gentileza do illustre chefe da commissão constructora, Dr. Mendes Diniz, precedidas de uma descripção technica da importante obra.

O Dr. Diniz não tem poupado esforços para concluir com brevidade a recommendavel obra, confiada á sua reconhecida competencia de technico distincto.



LANÇAMENTO DO CONCRETO NO PILAR DE GOYAZ

TURMA OCCUPADA NA EXTRACÇÃO DE AREIA DEFRONTE AO PORTO DE SANTA RITA

PEDREIRA DO RIO SANTA MARIA A 4.800 METROS DO CAHIDOR — GOYAZ

Prometteu-nos S. S. mandar-nos novas photographias do andamento da obra até sua final conclusão.

Não ha muito tempo estampamos em nossas columnas bellissimas photographias da magestosa *Cachoeira Dourada*, que fica no Paranahyba, interceptando a sua livre navegação superior, nas immediações do porto do *Sumidouro*.

PONTE SOBRE O RIO PARANAHYBA

A ponte projectada e que está sendo construida é do systema Pensil.

Ella compõe-se de 3 vãos, dois lateraes de 14,^{m}5 cada um e um central de 124 metros de eixo a eixo das torres.

A parte central fica suspensa em 14 cabos, sendo 7 por banda.

Os pilares têm em media a altura de 11^{m} cada um, a contar da sapata ao estrado da ponte.

As torres que são em treliça de aço, têm a altura de 17.

A ponte é toda de aço em treliça, tendo a largura de 4,^{m}80, sendo o estrado revestido das melhores madeiras da região.

As alvenarias da ponte cubão cerca de 3.000 metros cubicos. O local escolhido foi o ponto denominado Cahidor, onde o rio apresenta um notavel apertado entre dois espigões.

Esse ponto fica a cerca de 2.000 metros do porto de Santa Rita, por onde se faz o maior transito no Rio.

TRABALHOS NO PILAR DE GOYAZ POR OCCASIÃO DE UMA PEQUENA ENCHENTE DO RIO PARANAHYBA

Num trecho de 150 kilometros estudado pela commissão, nenhum outro apresentou melhores vantagens não só pelas condições technicas como de transito.

NA FRONTEIRA

O SONHO DA REPUBLICA

NO meiado de Novembro do anno de 1889, marchavamos em direcção á então villa de Palmas, elevada mais tarde á cathegoria de cidade.

A' 17 pousamos no rancho do velho Jeremias, mestiço ladino, que nos havia servido de peão.

Era pobre, apesar de possuir quatorze leguas quadradas de terras feracissimas, povoadas de mattas opulentas, com boas pastagens e regadas por arroios de copioso cabedal.

Maninhas herdou-as e maninhas deixal-as-ia aos descendentes. Era analphabeto, indolente como todo caboclo, e resumia em muito pouco as suas necessidades.

Na manhã seguinte, 18, o Rego Barros, que cavalgava ao lado do José Jardim, ambos ajudantes da minha partida, disse em tom de gracejo: — Devemos receber noticias de grande sensação — morte do imperador, queda da monarchia ou coisa equivalente.

Terás por ventura a segredar-te nestas agruras a camena Egeria de Numa? Ou a — Corça branca — de Sertorio, respondeu sorrindo.

Ha tres noites consecutivas, que sonho com movimento de tropas na Côrte e o povo alvorotado dando vivas á republica. Os factos passam-me confusamente na memoria e debalde tentaria descrevel-os.

Sonhos de tres noites á fio não mentem, diz o povo; mas o teu se não realisará desta vez, — tão extraordinario é, disse o José Jardim.

Os raros que são confirmados não passam de meras coincidencias; — ajuntei.

Nenhum de nós acreditava nelles, e por isso pouca importancia ligamos ao do nosso companheiro.

Marchamos todo o dia por maus caminhos, traçados sem arte pelas encostas dos cerros cobertos de bosques. Nessa epocha estava ainda atrazada a construcção da estrada de rodagem do Porto da União a Palmas.

Nossos animaes ora enterravam-se em borraçaes, ora trepavam ladeiras empinadas, patinhando penosamente por caldeiros, cujos cocurutos ás vezes roçavam-lhes as barrigas.

Desciam ou melhor resvalavam por longos escorregadouros e salvavam a custo fundos algares rasgados pelas enxurradas na ilharga avermelhada da montanha.

Transpunham lentamente grotões e valles apertados, onde serpeiam ligeiros lageados, que vão aos despenhos lançar-se no Iguassú.

Enlameavam-nos os salpicos copiosos dos lamaçaes, liquefeitos pela chuva e amaçados pelo transito das tropas de cargueiros e boiadas.

Nossas capas de borracha mal abrigavam-nos das burziguiadas tão frequentes nas terras altas do Paraná.

Ao cahir da tarde paramos em Antagorda, sitio do Paulino Nabão.

Fomos recebidos alegremente. Compravamos-lhe sempre o milho para a tropa e cavalhada e mais alguma coisa.

Era um caipira mazorral e achaparrado, trabalhador e extremamente economico. Tinha grande roça de feijão e milho, que guardava em espiga n'um paiol proximo, e criava porcos, cuja maior parte andava pelo matto quasi montados. Cevava uns dois canastrões empossilgados em chiqueiros immundos, cobertos de troncos por medo das onças.

Negociava com os passageiros n'uma vendinha com prateleiras e balcão de pinho por elle affeiçoado, onde se viam muitas garrafas, a mór parte vasias, latas de sardinha de Nantes, caixas de phosphoros e alguns garrafões de cachaça. Colgados de tornos de madeira mettidos na parede de taipa, reçumavam graxa metros e metros de linguiça.

A mulher cultivava em pequeno quintal, atraz da morada, mangericão, losna, herva cidreira, arruda, cravos de defunto e alguns pés de couve.

Aboletei-me com o Major José Jardim e o tenente João do Rego Barros, n'um pequeno rancho de rachões de pinho, onde mal cabiam os nossos catres de campanha

No sertão são curtos os serões e convidava-nos ao somno a fadiga da viagem. Durou pouco a palestra. O Jardim, em longo bocejo disse em tom de burla:

Durma socegado, Sr. João de Rego. Seu sonho não passa de phantasia e não se me dá de apostar que não se repetirá esta noite.

Em pouco resomnavamos profundamente.

Ja muito pela noite dentro, despertei ao ladrar da numerosa cainçalha do Paulino e senti perto o tropel d'um animal que se acercava e parava na porta do rancho.

Senhor coronel! — bradou meio rouca uma voz de caipira.

Que ha? Perguntei.

Uma carta muito urgente para vancê.

Saltei da cama, risquei um phosphoro, accendi o marrôxo da lanterna e abri a porta.

Dominado por sentimento indefinivel, disse commigo:

«Muito urgente... a esta hora... que será?

Tomei soffrego da carta e approximei-a da luz. A lettra era de meu sobrinho Luiz Nogueira, que ficára no Porto da União, encarregado do material da Commissão.

No alto da sobre carta escrevera á tinta vermelha: – Si o positivo chegar antes de amanhecer, terá cincoenta mil réis de gratificação.»

Não podia, á vista disto, deixar de ser muito importante o assumpto.

Abrí a carta, e depois de ter percorrido avidamente e attonito as primeiras linhas, li em voz alta aos dois amigos que anceiavam de curiosidade: – Acaba de chegar pela estrada de Guarapuava um proprio com o seguinte telegramma do Sr. Quintino Bocayuva ao major Belarmino de Mendonça: – Revolução no Rio – Republica proclamada – Deodoro Chefe Governo – Ladario morto, etc.»

Perguntava-me no fim o rapaz: – Que fazer

Arranquei d'uma pagina em branco e escrevi á lapis:

Derrame uma lagrima pelo amigo mallogrado e dê um viva á Republica!

Luiz era afilhado do barão de Ladario, muito amigo de seu pai.

O proprio voltou sobre o rasto.

Passado o momento de estupôr, congratulamos-nos com o Rego Barros pela realisação do seu sonho, aspiração de quasi todos os camaradas do exercito.

E' impossivel descrever o que se passou depois, nessa noite memoravel. Foi-se o somno. A noticia alastrou-se pelo acampamento como um rastilho de polvora, produzindo de instante á instante explosões de enthusiasmo.

Estrugiam os ares – vivas á Republica – que iam reboando pelas quebradas alem, rompendo o silencio augusto do sertão.

E' que a maior parte dos officiaes alimentavam, como as vestaes antigas, o fogo sagrado da ideia accêso desde 1870 na Escola Militar pelo Instructor de infantaria – o bravo capitão José Napoles Telles de Menezes e ateado nos mysterios da H* D* S* e no sigillo do G* do P*.

Seguimos a marchas forçadas para Palmas, mais proxima estação telegraphica.

A lentidão da viagem, por força dos pessimos caminhos, tornava cada hora mais intensa a nossa anciedade por noticias.

Quando galgavamos o viso dos cerros e o olhar se dilatava sobre o cimo ondeante da floresta immensa semelhante a mar encapellado pelos vagalhões das serranias, esbatendo-se no azul violaceo do longissimo horisonte; a alma expandia-se na liberdade da amplidão; e vivas á Republica irrompiam enthusiasticos e todos respondiam – soldados e peões

Era uma alegria franca e ruidosa; – parecia não ter limites.

Ao terceiro dia, depois da noite de Antagorda, sahimos da matta cheia naquella epocha de atascadeiros e carcomida de barrocaes e caldeirões interminaveis, e hoje atravessada pela boa estrada de rodagem construida pelos nossos engenheiros militares e por onde disem que transitam diligencias automoveis.

Entrámos nos campos de Palmas, extensas e formosas pradarias ondeadas. Matisavam-nos naquelle meio de primavera, boninas e malmequeres de côres variegadas. Nas baixadas dos lageados e, a beira dos banhados, alvos lyrios floresciam ao lado das flôres róxas dos aguapés, e os quero-queros dando gritos esvoaçavam assustados em torno dos ninhos, quando passava a nossa cavalgada. Bellos campos aquelles, que se estendem por leguas e leguas e vão morrer para as bandas do oeste, nas faldas da serra da Fartura.

Passámos á vau o caudaloso Chopim. Ali e acolá capões de pinheiros e matto baixo. Mais adiante, no alto de uma cochilha a velha casa, sem rebôco, da estancia de São Christovão, onde a ventania zune e brame nas tristes noites do inverno, e o thermometro centigrado desce, não raro, a dez graus abaixo de zero. Passa pelo lugar mais frio d'aquellas paragens. Não eram muitos os rebanhos que pasciam nos seus campos.

A' tardinha parámos na estancia do Vicente Camargo, o Vicentinho, ancião paulista, que para lá se mudára com a familia numerosa.

Cuidava muito bem o gado, e cultivava, com arte e esmêro, vasto pomar de fructeiras da Europa, cercado por extensa albarrada. Nesses campos de terreno pedregoso e madeira escassa vêem-se grandes muros de pedra sêcca alinhados e rompendo a monotonia do verde das pastagens. São preferiveis aos tapigos e sebes de páu a pique usados em outros lugares.

A vasta morada era de *material*, como lá se diz. As paredes de pedra ensôssa e muito espessas, as janellas sem vidraças, as portas grossas e fortes e o tecto de taboinhas de pinho; tudo bem acabado.

O gasalhado não podia ser mais carinhoso. O velho paulista deu-nos o que tinha de melhor; mas o seu agrado e requintada cortezia valiam mais do que as iguarias da farta meza. Elle proprio arriou da padieira duma porta que dava para o pomar, um cortiço de abelhas indigenas e distribuiu-nos saborosos favos. Singelo e serio, o bom Vicentinho sabia conquistar e captivar os seus hospedes.

Na manhã seguinte antes da partida, dois dos seus filhos ordenharam algumas vaccas anafadas, de pello setinoso, e serviram-nos em *guampas* pulidas leite excellente que esguichava espumando dos ubres amojados.

Nessa occasião o Rego Barros annunciou-nos outro sonho: a morte da sobrinha Julieta.

Apesar do seu espirito libertado da superstição, notavam-se na sua voz laivos de pesar. Tranquillisa-te, amigo, disse o Jardim; por ter sahido certo o sonho da republica, não deves crer que este outro seja verdadeiro.

Está doente a menina? Perguntei.

Não sei — sonhei-a morta.

A' tarde iamos subindo a collina onde está edificada a casa da estancia do Coronel Vivida, então presidente da Camara Municipal de Palmas; quando vimos approximar-se de nós ao trote largo d'uma mula ruana um caipira de chapeu de feltro negro e ponche-pala amarello de listras escuras. Era o estafêta da estação telegraphica da villa, muito nosso conhecido. Acercou-se do Rego Barros e entregou-lhe um telegramma.

O companheiro leu-o agitado e passou-m'o, exclamando: — Veja.

Estava escripto: — « Acaba fallecer sobrinha Julieta. »

Ficamos attonitos. Repetia-se a extraordinaria coincidencia dentro de poucos dias.

Offerecemos-lhe as nossas sentidas condolencias.

O facto não deixou de impressionar a todos.

E esta! Esclamou um; dir-se-ia magico o Rego Barros. E' pena não termos aqui á mão Artemidoro Daldiano para destrinçar e explicar factos tão curiosos.

Teus sonhos, acudiu o Jardim, que se aprasia em respigar nos campos philosophicos, sendo a expressão de acontecimentos reaes, são verdadeiros *oneiros*.

Por mais desprendidos que sejamos do sobrenatural pela natureza dos nossos estudos positivos, atalhou outro, o espirito vôa sempre-mau grado ás suas convicções, á emmaranhar-se na theoria religiosa do sonho, cedendo não só á influencia da hereditariedade, como tambem da educação biblica das mãis da nossa raça.

Eu prefiro, disse outro, a explicação scientifica de Descartes, porque a ideia é uma secreção do cerebro, que trabalha sem cessar, quer acordado ou dormindo.

Pois eu não acceito nenhuma dessas doutrinas metaphysicas, chame-se seu autor Descastes, Leibnitz ou Kant; e muito menos a geometrica de Schopenhauer, o pessimista.

Nenhuma dellas tem o verdadeiro cunho scientifico, concluiu um positivista.

Iamos chegando ao terreiro da vivenda.

O Vivida levantou-se do paiol ao lado esquerdo da entrada e com ar prasenteiro convidou-nos, na sympathica toada daquellas bandas: Cheguem-se, amigos, apeiem-se.

Era um bom typo de camponez: alto, forte, tostado pelo sol, grisalho e jovial.

Um visinho da villa, um *exaltadão*, proclamára a republica e depusera-o, tomando conta da municipalidade.

O Vivida, conforme nos confessou, via-se no ar, embaraçado sem saber o que fazer.

Estimou muito hospedar-nos, porque lhe dariamos conselhos e esclareceriamos algumas duvidas, que lhe trabalhavam o cerebro de *politicão*.

Mandou logo vir matte; e patorneámos alegremente em torno d'uma grande meza rustica de imbuia.

Não tardou muito em interpelar-me:

Esta historia de republica, Coronel, será para bem ou para mal?

Hade ser para bem certamente, respondi-lhe.

Sempre ouvi diser que republicano era o mesmo que desordeiro. Haja vista esse sujeito que me depoz.

Não creia nisto, Sr. Vivida, são coisas inventadas pelos monarchistas.

Mas então faça-me o favor de explicar o que é republica.

E' o governo do povo pelo povo.

Estamos bem aviado com isso. O que será a nossa villa governada por essa caipirada que nem ler sabe e vive brigando uns com os outros.

Não é isso — o povo elegerá aquelles que o devem governar. Na monarchia era differente. O chefe da nação pertencia á uma familia previlegiada. Morrendo, succedia-lhe o descendente, bom ou mau, intelligente ou não, digno ou incapaz.

Assim, com effeito, parece melhor; mas eu tenho muito medo da escolha e da eleição.

Não tenha, não, Sr. Vivida; somente subirão ao poder os que tiverem capacidade, patriotismo comprovado e grandes serviços á patria.

E' o que os senhores pensam; mas será assim?

O senhor verá — a republica escolherá sempre o mais digno — é o seu interesse; e interesse de todos.

Qual! Os homens não mudam assim do pé p'ra a mão e as posições não passarão daquelles que forem designados pelos chefes politicos.

Sr. Vivida, disse o Jardim, vai começar para o Brazil uma nova éra — a éra da verdade, da honra e da justiça. A Republica não admitte dous pesos nem duas medidas. Os homens serão julgados pelo que valerem realmente.

Não creia, Major; a politica ha de ser sempre na maçonaria — muitos entram, mas os que mais sobem são os mais espertos.

E como ha de se fazer a eleição? Será como até hoje ou mudará?

O Vivida era chefe politico e lhe interessava muito saber á respeito.

Na republica, a eleição será a expressão pura da vontade do povo, que é o soberano; será um acto revestido da maior solemnidade. Todos concorrerão ás urnas, porque ninguem quererá abdicar do seu grande poder.

Pelo que vejo, os senhores pensam que se acabou por uma vez o *bico de penna*.

Certamente; — serão punidos severamente os que delinquirem, falsificando.

Deus queira que assim seja; mas eu tenho muito medo. — A gente está muito viciada.

Virá outra, purificada na lucta contra as velhas instituições; respondeu um jovem official, ardente enthusiasta da revolução.

O que eu acho, meus senhores, é que o homem de bem continuará a ser homem de bem e o velhaco não passará á honrado com esta sua republica, disse o estancieiro, ainda aferrado ás *velhas ideias*.

De vez em quando fazia-nos alguma objecção ditada pelo seu bom senso e concluiu com esta, que não teve resposta:

Tudo isso que os senhores dizem póde ser muito bem; mas ha uma coisa com que me não conformo.

Qual é?

Ficar a gente pertencendo aos Estados Unidos.

Que ideia!...

Andam ahi dizendo que o Brazil vai ser republica dos Estados Unidos...

Rimos-nos da simplicidade do homem e suspendeu-se a sessão politica

Era curta a distancia a Palmas e vencemol-a em pouco tempo.

No telegrapho, o Wadekeri que lia de cór, sem olhar para a fita, deu-nos noticias circumstanciadas do grande acontecimento.

Todos nós passamos telegrammas ás nossas familias e aos proceres e personagens culminantes da actualidade.

Deodoro, Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Glycerio, Ruy Barbosa e outros homens illustres tiveram nesse dia opportunidade de conhecer o ardor de alguns republicanos historicos.

Mais tarde, quanto a serenidade voltou á politica, um substituiu sempre a *republica* pela *patria*, e nas suas profissões de fé, affirmava serem bôas todas as fórmas de governo. Ainda suppunha possivel a realisação das profecias da Bandarra

Esperava-nos na villa o commissario argentino Don Valentim Virasoro, que foi mais tarde governador de Corrientes, sua provincia natal, Ministro de Estado das Relações Exteriores, Senador da republica e um dos cidadãos mais conspicuos e respeitaveis do seu paiz.

Sua turma ia trabalhar concurrentemente com a minha e seguira, dois dias antes para os campos do Coronel Juca de Almeida, nas cabeceiras do Chapecó.

Foi curta nossa demora em Palmas — dois dias apenas.

Chegavam-nos do Rio noticias auspiciosas e animadoras.

O Brazil inteiro adheria com applausos ao novo regimen e, recebia satisfeito e confiante os actos patrioticos do Governo Provisorio, que ia realisando, com seus decretos magistraes, as aspirações nacionaes, o que difficilmente um congresso por mais esclarecido que fosse, poderia fazer. Bellos tempos, dos primeiros passos da Republica, em que se revellaram o mais acendrado amor á liberdade e a sciencia do direito no mais alto grau.

Fomos recebidos em festas pelos collegas argentinos.

Seu acampamento era na ouréla d'um bosque.

Na frente, no tope d'um mastro muito alto tremulava, fluctuando ao vento das campinas, como symbolo da paz, uma bandeira branca com gorro phrygio pintado pelo Capitão Montez, onde se lia:

«Viva la Republica del Brasil.»

Chegamos á tardinha.

Assentamos-nos ao redor de extensa meza, onde nos foi servido um banquete de finas iguarias e vinhos excellentes.

Ao champagne levantou-se meu illustre e presadissimo collega senhor Valentin Virasoro e em phrases repassadas de affecto e bellas de eloquencia brindou:

«por la Republica del Brasil.»

Eu era o chefe brasileiro; tocava-me responder.

Bebi pela prosperidade da Republica Argentina. Fil-o sinceramente, porque desejo ver grandes e felizes os paizes deste continente.

Depois do banquête fumavamos, palestrando em grupos.

O chefe argentino, immerso em scismadora quietude parecia meditar profundamente.

Eu, pensando na republica nascente, mergulhava o olhar vago nas alvuras do Carreiro de Santiago, rio de mundos correndo a ignoto destino.

O Sr. Virasoro mirou-me com um olhar intelligente e bom e exclamou em voz pausada e grave:

«Pero, amigo, que grande republica!»

Assim será, respondi, si lhe tivermos muito amor.

DIONISIO CERQUEIRA.

MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO

GRUPO DA BASE — CARAMURÚ — POEMA DE SANTA RITA DURÃO

BAIXOS RELEVOS DO MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO

JULIO DE CASTILHOS

GENERAL FONSECA RAMOS

GENERAL GOMES CARNEIRO

ALMIRANTE JERONYMO GONÇALVES

NUMA VOLTA DO PASSADO

TALVEZ ainda assista em seu decahido sitio perto de Silveiras, o capitão Antonio Pinto da Silveira, que se sobrenomeia como aquella villa paulista fundada pelos seus maiores. Vi-o e converse-o em 1903, num dos lances desta minha engenharia andeira que acertara de varar naquelles lugares.

Cheguei á estancia solitaria ao cahir da noite, exhausto de fadiga, ao cabo de dez horas a fio de marcha, aos boléos pelos borocotós de um desvairado atalho do mais antigo e esquecido caminho de rodagem do Brazil. E, certo, a não faltar ainda longo estirão de tres leguas para ir-se até Areias, ou a não serem de todo impraticaveis á noite aquellas veredas que os tabocaes cegavam, invadindo-as, — eu teria proseguido supplantando o cansaço, fugindo á espora fita do mal assombrado pouso que se me offerecera. Na verdade, era preferivel qualquer rancho aberto de tropeiros, varado das chuvas e dos ventos, áquella tapera desgostante. Como tantas outras, que se topam de longe em longe ao longo das trilhas multivias daquelle tracto de S. Paulo, ella me apparecia como um espantalho de grandeza decahida: desgracioso casarão antigo, de paredes esborcinadas e pensas, sob telhado levadio de beiraes sahidos, bojando no recosto de um morro no breve claro de um carrascal bravio. A' frente da porta principal, sobre um monte de seixos, um cruzeiro alto, sacudindo aos ventos o estropalho de um sudario em tiras. A uma banda, á esquerda, uma tiguera pobre de mandiocal rachitico, onde fôra vasto pomar aprazivel. A outra, advinhavam-se os restos de um jardim invadido das samambaias. Ao fundo, desmoronando, um terreiro de pedra, feito enorme muradal de lageas disjungidas. Mais longe, por todos os lados, cobrindo a morraria até ao pino, os gallhos cahoticos e sem folhas de um vasto cafesal secco, de cem annos. Nada mais. Pelo menos nada mais vi relanceando o scenario que o crepusculo entristecedoramente empastara...

Transpuz estreito pontilhão sem guardas sobre um corrego entupido de tabúas, ao compasso martellante de um monjolo, que se não via, muito embaixo no grotão mascarado de inhames bravos e sororocas.

Desapiei no terreiro deserto. O camarada bradou o «ó de casa!» tradicional, batendo as palmas; e logo desmontando, amarrou a um moirão de cabiuna as nossas cavalgaduras abombadas.

A acolhida, como sempre acontece entre os nossos patricios sertanejos, foi carinhosa e simples.

Mas ao penetrar o repartimento principal da vivenda mal attentei no hospedeiro que me acolhera, rodeado de tres ou quatros netos ou bisnetos.

Estropiara-me demasiado a sobrecarga muscular da travessia exhaustiva, sob o rescaldo das soalheiras. Renui, por isto, a tudo, a começar pelo offerecimento de um jantar «que se arranjaria num instantinho»; e atalhando logo as costumeiras desculpas antecipadas, que aquellas gentes bôas com tantos requintes de gentileza sempre apresentam ao forasteiro que agazalham, expuz para logo um empenho unico, improrogavel, urgentissimo: dormir. Mas que se não encommodassem: eu me recostaria por alli em qualquer banco com o travesseiro de lombilho retovado, e dormiria de botas e esporas — montado heroicamente nas fadigas — para acordar cedo e proseguir, reaviando-me á rota escoteira e rapida para frente. E assim dei as bôas noites ao nonagenario tranquillo que me contemplava, complacentemente, sorrindo.

Felizmente elle se não picara de tamanha incivilidade. Arcado, como se o dobrasse o peso da candeia de azeite suspensa a uma das mãos, foi até á porta; considerou um momento o céo já todo estrellado; e trancou-a. Voltou-se; retribuio-me a saudação; e foi dirigindo-se para o interior da casa.

A meio caminho, porém, estacou; e como em irreprimivel desabafo ouvi-lhe, que resmoneava:

— Moços de hoje... já nascem velhos...

Depois, em tom mais alto, levemente ironico:

— Olhe, meu senhor, aqui onde me vê já vi muito graúdo, que anda hoje na memoria do mundo. Sou mais velho do que a Independencia... e digo lhe que ficaria passado se depois de torar por essas bibocas brabas ficasse tão mofino e sem talento...

Disse; e as fadigas, o somno pesadissimo que me chumbava os olhos, as irritações da viagem, foram-se-me, por verdadeiro encanto. Vi-me, de golpe, de pé, ao lado do velho surprehendido e desorientado por não sei quantas perguntas anciosissimas que me accorriam desconnexas e varias; e minutos depois achei-me, de improviso, alli, naquella beira de caminho desfrequentado, á margem da nossa historia. E lá me fui numa viagem maior e mais indefinida, pelos tempos em fóra, sem notar a tardeza das horas a escoarem-se vagarosamente, ao compasso das pancadas tristonhas do monjolo batendo, fóra, ao longe, á surdina, na noite...

Fôra uma invocação. Na estrada que passava cerca — naquellas mesmas trilhas quasi impraticaveis, balisadas de *santas cruzes* agoireiras e onde disparam em pinchos desabalados as mulas-sem-cabeça da bronca mythologia sertaneja — começaram a derivar então, indistinctos nos seus traços dubios, a diluirem-se em formas vagas, a apparecerem para logo depois ralearem diluindo-se em neblinas, e a reaparecerem e a decomporem-se, entrelaçando-se, confundindo-se ou desatando-se em longas filas silenciosas, os vultos singularissimos de uma cavalgata de ridivivos. Imagens esfumando-se vagamente no escuro a recordarem as figuras destingidas de antiquissimos quadros descoloridos, — sem contornos, sem gradações, sem relevos, imperfeitamente esbatidos na memoria desbotada do narrador, ou embruscando-se no esquecimento completo, mal pude restaural-as a todo poder da phantasia, attonito e commovido deante de antiga e maravilhosa realidade...

*
* *

Disfilaram-me fugitivas e breves.

Foi numa noite qualquer de meiados de Setembro de 1822. O meu interlocutor era «dest'amaninho» — esclareceu-me espalmando a mão á pequena altura do assoalho — quando o sobresalteou e a toda familia havia muito recolhida, o inopinado estrupido de uma cavallaria estranha a tropear pelos caminhos e avançando num crescendo vertiginoso: á principio surdo rumor distante; logo depois o estrepito accentuado de centenares de cascos sobre pedras; por fim, o estrondo de um trovão repentino denunciando que o esquadrão phantastico rolava ruidosamente sobre o taboleiro reboante da ponte. Sobreveio o silencio; uma parada; um esbarro violentissimo de dezenas de ginetes desensofridos. A patrulha misteriosa estacara, de golpe, no terreiro.

Calcule-se o assombro da obscura familia sertaneja.

Mas o seu chefe, paulista de peito largo e coração firme, mediu-se galhardamente pela conjunctura: pulou do leito; correu ás armas; furtou-se de arremesso aos braços da esposa e dos filhos pequeninos, que o enleavam retranzidos de espanto; aperrou o bacamarte, e arremetteu, resolutamente, com a porta da entrada mal garantida por uma tranca insegura. Predispuzera-se num relance para o que desse e viesse.

Fóra, no relativo silencio que se formara, ouviam-se estalidos de loros e cabeçadas entrebatidos, resfolegos e manotaços de cavallos irrequietos, palavras precipites, breves, entrecruzando-se, e risos — inexplicaveis risos em tão temerosa conjunctura! Por fim tres aldravadas intimativas e rijas.

E o sitiante destemeroso não titubeou: depoz o candieiro em terra; fez o «pelo signal»; correu as vistas pela fecharia prateada do trabuco; abeirou-se da porta; destrancou-a. Escancarou-a toda, temerariamente... e quedou estuporado, com a arma inutil quasi a escapar-se-lhe dos dedos tremulos, tolhido de surpreza indescriptivel: estavam-lhe adeante vinte, ou cem, talvez mil cavalleiros garbosos e magnificos. Não havia contal-os. A luz escassa dos quatro bicos da candeia morrendo num raio de dez passos, parecia extinguir-se mais depressa, subdividida num espadanar de lampejos doirados, joeirando-se num circulo coruscante de jaezes de prata e nos alamares de um sem numero de fardas refulgentes. Ao fundo, aos lados, por toda a cercadura do terreiro, até á ponte, e pela ponte em fora, desbordando della para a estrada, e estirando-se talvez pela estrada, enchendo-a, n'ua massa compacta e informe, onde se riscavam a subitas repentinos brilhos de dragonas e talins metallicos — advinhava-se uma legião ao parecer innumeravel toda afogada na treva.

A' frente, num redomão lavado de suor e freios brancos de espuma, destacava-se envolta nas dobras de amplo poncho de viagem uma figura varonil, de moço. Inclinava-se-lhe á nuca o sombreiro de molles abas derrubadas, deixando-lhe completamente escampa a fronte bombeada e larga irradiando no fulgor dos olhos dominadores, muito negros e vivos. As largas botas russilhonas collavam-se-lhe firmes ás espendas do sellim, denunciando nos respingos de lama que as salpintavam desde o alto do cano ás rosetas das esporas, o dilatado da viagem. A' mão esquerda, preso de uma corrente de prata, um rebenque de couro crú.

Nada mais notou, ou departiu, a creança amedrontada, naquella figura extranha, cuja lembrança a acompanharia pela existencia em fóra. Ficou-lhe apenas aquelle vulto de estatua mutilada, meio delida, entre o sonho e a realidade, na noite.

Tambem não reteve uma só palavra do rapido dialogo para logo entretido entre o extranho recemvindo á testa de tão formidavel escolta e o seu progenitor surprezo.

Apenas considerou que, ao se trocarem as primeiras palavras, este ultimo — que elle até então vira sempre altivo e quasi um rei naquella redondeza, imperando sobre a escravatura numerosa e os aggregados submissos — que o seu pai tão altaneiro e bravo se desbarretou numa attitude a bem dizer humilde, que nunca lhe notara, e se acercou timidamente do garboso adventicio fazendo menção de beijar-

lhe a dextra, o que este impediu, furtando-lh'a; ao mesmo passo que inclinando-se agilmente nos arções colheu o sertanejo nos braços vigoros, so-erguendo-o por momentos num grande abraço gentilissimo e amigo.

A scena foi instantanea. Logo depois com um gesto rapido, de despedida, o cavalleiro deu de rédeas, voltando-se, com uma palavra breve, de mando, para o sequito numeroso, que se abriu logo em extensa ala respeitosa; e correu as chilenas no bojo do cavallo, transpondo em dous galões impetuosos a ponte, encalçado de prompto pelos conducticios.

Depois: uma immensa confusão de corpos obscurecidos sarjados dos reflexos vivos das espadas; o trovejar estrepitante de centenares de cascos entaloados rufando no taboleiro resoante da ponte transposta num disparo; e o estrupido do esquadrão phantastico esfarelando os calhaos esparsos dos caminhos — cada vez menor, amortecendo, lento e lento em resoar a mais e mais imperceptivel e surdo, até desapparecer de todo ao longe, perdendo-se entre os rumores indefinidos da noite — desapparecendo ao longe, para sempre, o imperador Pedro 1.º e a sua comitiva romantica, na volta gloriosa do Yprianga..

* * *

Fóra as pancadas monotonas do monjolo soavam entristecedoramente; e figuraram-se-me as de um pendulo invertido, que marcasse um recuo mysterioso do tempo, batendo todos os segundos atrazados de um seculo desapparecido.

EUCLYDES DA CUNHA.

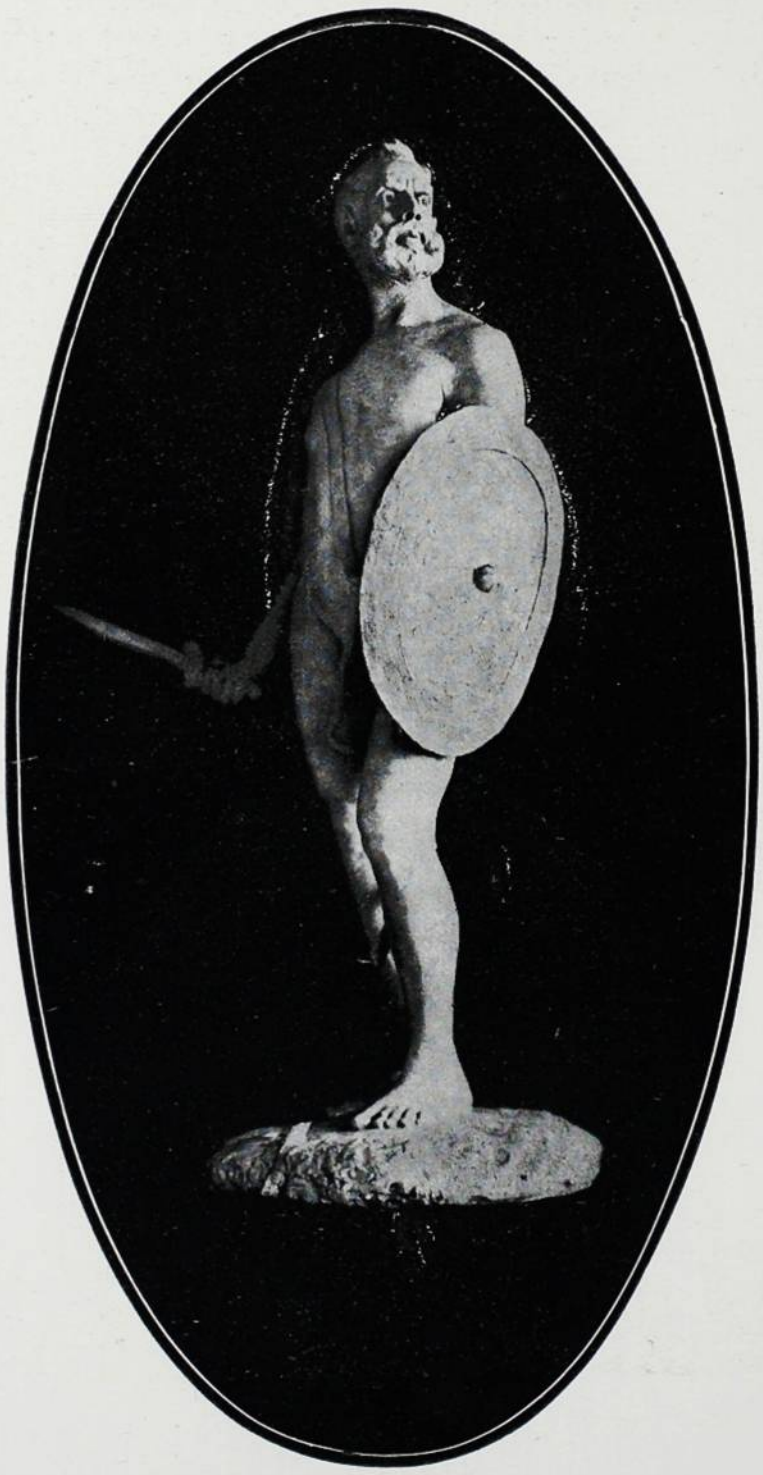
HONORIO MELLO

(PREMIO D'ESCULPTURA)

AHI temos mais um artista d'amanhã. Honorio Mello obteve o premio de estudos na Europa com o seu ultimo trabalho, especialmente feito para esse fim, cahindo-lhe por assumpto a figura rebelde e brava de *Spartacus*.

Não é possivel fazer critica severa desse trabalho, porque o alumno laureado não se apresenta como um artista completo; todos os seus esforços tenderam a uma prova de competencia para esse ultimo curso em que as suas qualidades se vão apurar com a observação dos grandes mestres que não encontraria aqui, o convivio e estimulo dos que se preparam para a conquista do renome, e os ensinamentos dos professores.

O mais que se póde dizer do seu trabalho é que elle bem mereceu a recompensa obtida. Isso já é muito, porque confirma as aptidões artisticas do seu auctor, demonstra o adiantamento dos seus estudos e deixa-nos a esperança de mais um nome querido na nossa arte de esculpir, que não é das mais ricas.



SPARTACUS — PREMIO DE VIAGEM

E *Spartacus*, apezar de não ser obra de quem esteja perfeitamente senhor dos *esboçadores*, impressiona d'algum modo a quem o observa, especialmente pela expressão physionomica, em que ha vigor e afouteza.

Antes dessa obra definitiva já o Sr. Honorio Mello nos habituára á sympathisar com o seu talento de joven artista, porque a *Juventude*, exposta em 1907, e mais outros trabalhos seus, inculcavam uma habilidade sempre crescente no manejo do material d'esculptura e um firme, decidido interesse no acabamento dos assumptos postos no barro dos tamborêtes. Via-se nisso quanto o commovia a especialidade artistica que escolhera, e quando um alumno consegue prender a attenção de quem olha, por acaso ou de passagem, seus trabalhos; quando faz sentir nos seus *gessos* o quer que seja da suas emotividade, é porque ali está um artista a se formar, uma organisação fóra do commum, que se ha de impôr um dia, que terá o seu inconstestavel amanhã de triumfo.

E'-nos prazeroso escrever assim, confortanos a alma a expontaneidada destas phrases que nos cáem simples e sinceras da penna affeita ao combate e á acrimonia. Com este proceder fica-nos a satisfação intima de que, com o recurso ao nosso alcance, concorremos para rosear os horisontes de quem ainda tem os olhos empanados pelas nevoas dos sonhos. E para os que começam nada ha mais suave e animador do que as boas palavras de camaradagem e promessas.

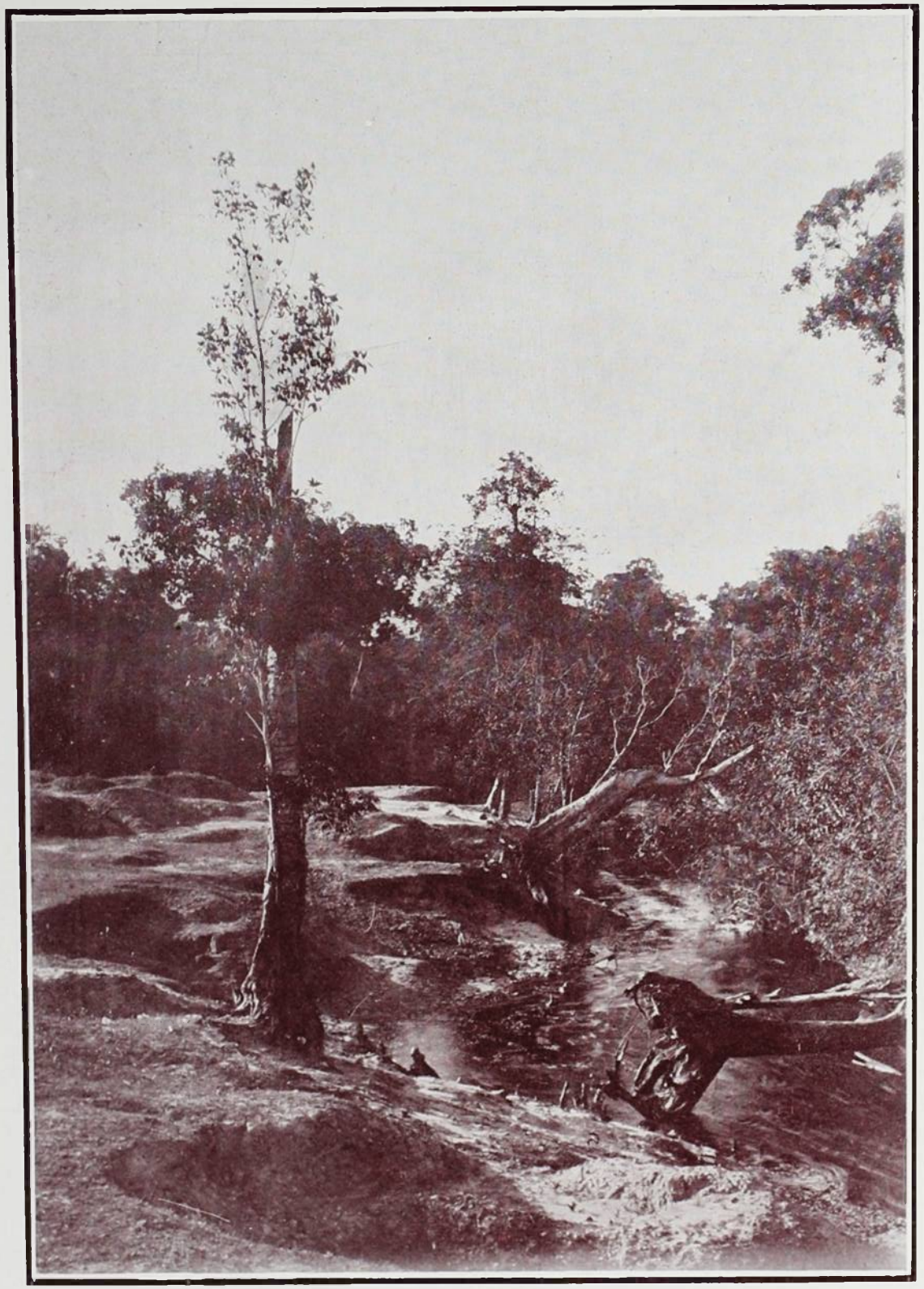
Que o joven artista nol-as ouça e as tome no seu justo valor; não são de lisonja, não

illudem; são simplesmente sinceras e envolvem os nossos mais ardentes desejos de vêl-o na maturidade do seu talento, attingindo á suprema compensação dos seus esforços, porque, com tanto, não só nos desvanecerá a confirmação das nossas esperanças, como tambem se orgulhará a nossa patria de mais um nome illustre entre os dos seus filhos que a ennobrecem.

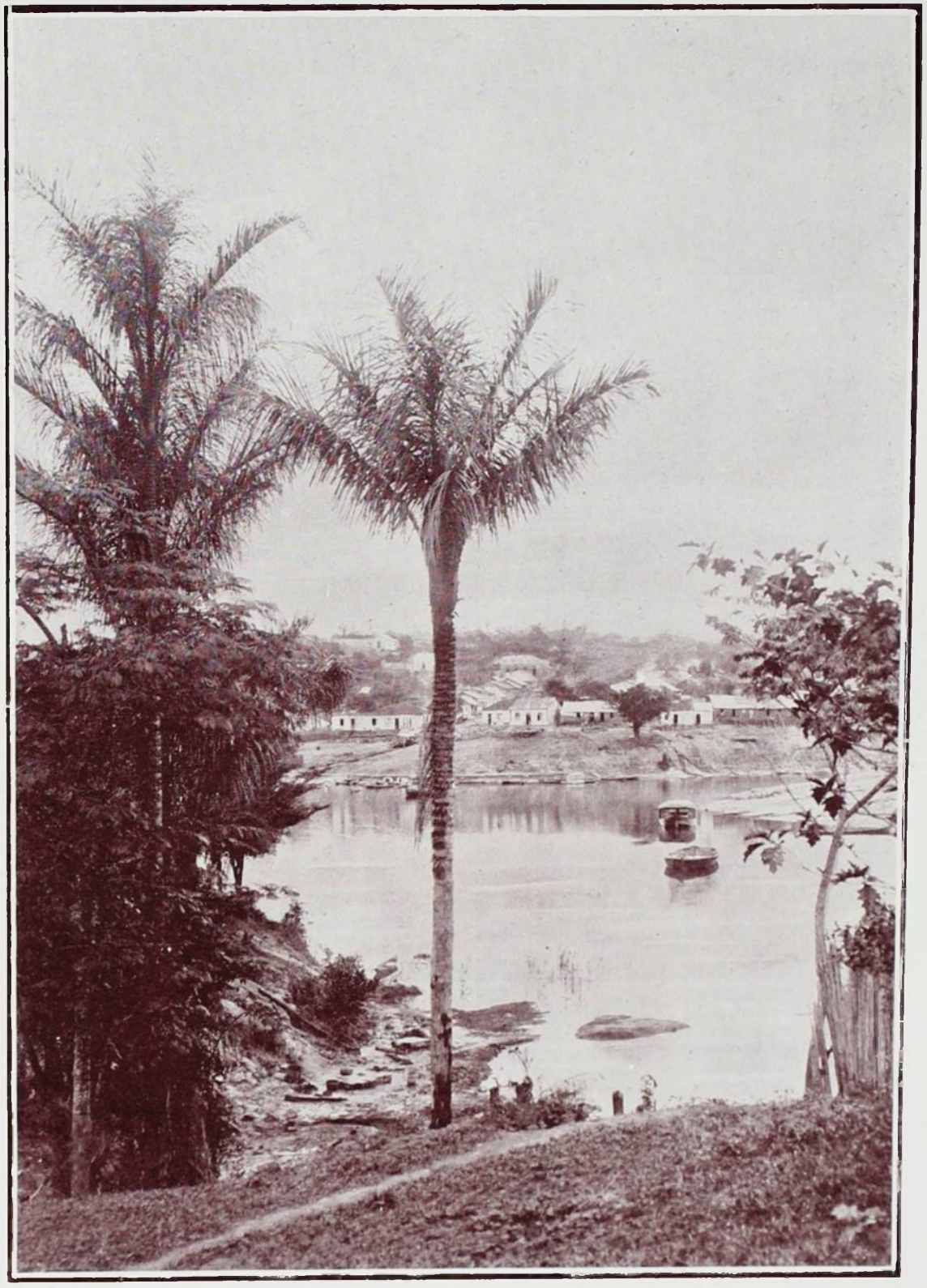
G.

TRABALHO DE HONORIO MELLO
QUE OBTEVE MEDALHA DE PRATA EM 1906

SUZANA SURPREHENDIDA — TRABALHO DE
HONORIO MELLO QUE OBTEVE MEDALHA DE OURO



IGARAPÉ DA CACHOEIRA GRANDE — MANÁOS — AMAZONAS
Cliché de Arthur Pinheiro (Amador)



MANÁOS — SUBURBIOS — (BAIRRO DE S. RAYMUNDO)
Cliché de Arthur Pinheiro (Amador)

MACHADO DE ASSIS

CRITICO

NOTICIA DA ACTUAL LITTERATURA BRAZILEIRA

Machado de Assis não foi só o extraordinario escriptor de ficção que ficará na literatura de lingua portugueza como um dos primeiros. Com uma cultura literaria extensa e variada, um apurado bom gosto, uma fina sensibilidade esthetica e uma alta e original visão das cousas da vida e da arte, só lhe faltou para ser um grande critico, o querer sel-o, isto é, a vocação de ser critico. Mas alem da critica da vida que elle, como poeta, fez superiormente na sua obra de imaginação, outra, a literaria, apenas a fez occasionalmente e de espaço, sem nada da sequencia e methodo que poz naquella obra.

Nada obstante, os seus prefacios a livros alheios, algumas noticias que de outros deu, raros estudos criticos que muito de espaço publicou, revelam no poderoso escriptor peregrinas qualidades de critico, realçadas pelos seus muito raros e muito pessoaes dotes de expressão.

Dentre essas suas paginas esparsas, muitas geralmente esquecidas e até desconhecidas, offerecemos hoje aos leitores do *Kósmos* as seguintes, tiradas do *Novo Mundo* de Março de 1873.

O *Novo Mundo* foi um periodico mensal illustrado publicado de 1870 a 1879 em Nova York pelo Dr. José Carlos Rodrigues, hoje o eminente Director do *Jornal do Commercio*. Restam delle 9 volumes, preciosos como repositorio de noticias, informações e artigos sobre os mais variados e interessantes assumptos de ordem geral, ou particular do Brazil. Com outros grandes escriptores brazileiros e portuguezes, Machado de Assis foi um dos seus collaboradores.

Com serem sabiamente pensadas e formosamente escriptas, estas paginas do grande escriptor, tem, não obstante os seus 35 annos ainda toda a opportunidade e cabimento, e plenamente revelam que em Machado de Assis as capacidades de criador pediam meças ás de critico.

INSTINCTO DE NACIONALIDADE

QUEM examina a actual litteratura brazileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instincto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as fórmas litterarias do pensamento buscam vestir-se com as côres do paiz, e não ha negar que similhante preoccupação é symptoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de GONÇALVES DIAS, PORTO ALEGRE, e MAGALHÃES são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madruga, como aquelles continuaram as de JOSÉ BAZILIO DA GAMA e SANCTA RITA DURÃO. Escusado é dizer a vantagem deste universal accordo. Interrogando a vida brazileira americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando physionomia propria o pensamento nacional. Esta outra independencia não tem Sete de Septembro nem campo de Ypiranga; não se fará n'um dia, mas pausadamente, para sahir mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ella até perfazel-a de todo.

Sente-se aquelle instincto até nas manifestações da opinião, aliás mal formada ainda, restricta em extremo, pouco solicita, e ainda menos apaixonada nestas questões de poesia e litteratura. Ha nella um instincto que leva a applaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionaes. A juventude litteraria, sobretudo, faz deste poncto uma questão de legitimo amor-proprio. Nem toda ella terá meditado os poemas de URUGUAY e CARAMURÚ com aquella attenção que taes obras estão pedindo; mas os nomes de BASILIO DE GAMA e DURÃO são citados e amados, como precursores da poesia brazileira. A razão é que elles buscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova, e deram os primeiros traços de nossa physionomia litteraria, emquanto que outros, GONZAGA por exemplo, respirando aliás os ares da patria, não souberam desligar-se das faixas da Arcadia nem dos preceitos do tempo. Admira-se-lhes o talento, mas não se lhes perdôa o cajado e a pastora, e nisto ha mais erro que acerto.

Dado que as condições deste escripto o permittissem, não tomaria eu sobre mim a defeza do mau gosto dos poetas arcadicos nem o fatal estrago que essa eschola produziu nas litteraturas portugueza e brazileira. Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniaes, iscados daquelle mal; nem egualmente justa a de não haverem trabalhado para a independencia litteraria, quando a independencia politica jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo, quando entre a metropole a a colonia creára a historia a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de BASILIE DA GAMA e DURÃO quizeram antes ostentar certa côr local do que tornar independente a litteratura brazileira, litteratura que não existia ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instincto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes ultimos tempos, conviria examinar si possuimos todas as condições e motivos historicos de uma nacionalidade litteraria; esta investigação, (poncto de divergencia entre litteratos) além de superior ás minhas forças, daria em resultado levar-me em longe dos limites deste escripto. Meu principal objecto é attestar o facto actual; ora, o facto é o instincto de que fallei, o geral desejo de crear uma litteratura mais independente.

A apparição de GONÇALVES DIAS chamou a attenção das musas brazileiras para a historia e os costumes indianos. Os *Tymbiras*, *Y-Juca-Pyrama*, *Tabira* e outros poemas do egregio poeta accenderam as imaginações; a vida das tribus, vencidas ha muito pela civilização, foi estudada nas memorias que nos deixaram os chronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes

todos alguma cousa, qual um idyllio, qual um canto epico.

Houve depois uma especie de reacção. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semi-barbaros anteriores á nossa civilização, o que era verdade, — e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existencia da raça extincta, tão differente da raça triumphante, — o que parece um erro.

E' certo que a civilização brazileira não está ligada ao elemento indiano, nem delle recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribus vencidas os titulos da nossa personalidade litteraria. Mas si isto é verdade, não é menos certo que tudo é materia de poesia, uma vez que traga as condições do bello ou os elementos de que elle se compõe. Os que, como o Sr. VARNHAGEN, negam tudo aos primeiros povos deste paiz, esses podem logicamente excluil-os da poesia contemporanea. Parece-me, entretanto, que, depois das memorias que a este respeito escreveram os Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS, não é licito arredar o elemento indiano da nossa applicação intellectual. Erro seria constituil-o um exclusivo patrimonio da litteratura brazileira; erro egual fôra certamente a sua absoluta exclusão. As tribus indigenas, cujos usos e costumes JOÃO FRANCISCO LISBOA cotejava com o livro de TACITO, e os achava tão similhantes aos dos antigos Germanos, desappareceram, é certo, da região que por tanto tempo fôra sua; mas a raça minadora que as frequentou, colheu informações preciosas e nol-as transmittiu como verdadeiros elementos poeticos. A piedade, a minguarem outros argumentos de maior valia, devêra ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares destas regiões, consorciando na litteratura os que a fatalidade da historia divorciou.

Esta é hoje a opinião triumphante. Ou já nos costumes puramente indianos, taes quaes os vemos nos *Tymbiras*, de GONÇALVES DIAS, ou já na lucta do elemento barbaro com o civilisado, tem a imaginação litteraria do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular effeito, dos quaes citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. DE ALENCAR, uma das primeiras obras desse fecundo e brilhante escriptor.

Comprehendendo que não está na vida indiana todo o patrimonio da litteratura brazileira, mas apenas um legado, tão brazileiro como universal, não se limitam os nossos escriptores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, egualmente offerecem á imaginação bôa e larga materia de estudo. Não menos que elles, os convida a natureza americana, cuja magnificencia e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance sobretudo apoderou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. BERNARDO GUIMARÃES, que brilhante e ingenuamente nos pincta os costumes da região em que nasceu, J. DE ALENCAR, MACEDO, SILVIO DINARTE (Escragnolle Taunay), FRANKLIN TAVORA, e alguns mais.

Devo accrescentar que neste ponto manifesta-se ás vezes uma opinião, que tenho por erronea; é a que só reconhece espirito nacional nas obras que tractam de assumpto local, doctrina que, a ser exacta, limitaria muito os cabedaes da nossa litteratura. GONÇALVES DIAS, por exemplo, com poesias proprias seria admittido no pantheon nacional; se exceptuarmos os *Tymbiras*, os outros poemas americanos, e certo numero de composições, pertencem os seus versos pelo assumpto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, enthusiasmo, fraquesas e dores geralmente cantam; e e cluo dahi as bellas *Sextilhas de Frei Antão*, que essas pertencem unicamente á litteratura portugueza, não só pelo assumpto que o poeta extrahiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estylo que elle habilmente fez antiguando. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quaes tem por theatro o Brazil. Iria longe si tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria si fosse necessario recorrer aos estranhos. Mas, pois que isto vae ser impresso em terra americana e ingleza, perguntarei simplesmente si o auctor do *Song of Hiawatha*, não é o mesmo auctor da *Golden Legend*, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admiravel é? e perguntarei mais si o *Hamlet*, o *Othello*, o *Julio Cesar*, a *Julieta e Romeo*, têem alguma cousa com a historia ingleza ou com o territorio britannico, e si entretanto SHAKESPEARE não é, além de um genio universal, um poeta essencialmente inglez?

Não ha duvida que uma litteratura, sobretudo uma litteratura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assumptos que lhe offerece a sua região; mas não estabeleçamos doctrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escriptor, antes de tudo, é certo sentimento intimo, que o torne homem do seu tempo e do seu paiz, ainda quando tracte de assumptos remotos no tempo e no espaço. Um notavel critico da França analysando ha tempos um escriptor escossez, MASSON, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser Bretão sem fallar sempre do tojo, assim MASSON era bom Escossez, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dicto accrescentando que havia nelle um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que si fôra apenas superficial.

Estes e outros ponctos cumpria á critica estabelecel-os, si tivessemos uma critica doctrinaria, ampla, elevada, correspondente ao que ella é em outros paizes. Não a temos Ha e tem havido escriptos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influencia quotidiana e profunda que devêram exercer. A falta de uma critica assim é um dos maiores males de que padece a nossa litteratura, é mister que a analyse corrija ou anime a invenção, que os ponctos de doctrina e de historia se investiguem, que as bellezas se estudem, que os sinões se aponctem, que o gosto se apure e eduque, para que a litteratura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.

O ROMANCE

De todas as fórmas varias as mais cultivadas actualmente no Brazil são o romance e a poesia lyrica; a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte, creio eu. São faceis de perceber as causas desta preferencia da opinião, e por isso não me demoro em aponctal-as. Não se fazem aqui (fallo sempre genericamente) livros de philosophia, de linguistica, de critica historica e de alta politica, e outros assim, que em alheios paizes achem facil acolhimento e boa extracção; raras são aqui essas obras e escasso o mercado dellas. O romance póde-se dizer que domina quasi exclusivamente. Não ha nisto motivo de admiração nem de censura, tractando-se de um paiz que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda nutrida de solidos estudos. Isto não é desmerecer o romance, obra d'arte como qualquer outra, e exige da parte do escriptor qualidades de bôa nota.

Aqui o romance, como tive occasião de dizer, busca sempre a côr local. A substancia, não menos que os accessorios, reproduzem geralmente a vida brazileira em seus differentes aspecto e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os da capital do paiz, e em parte os de algumas cidades, muito mais chegados á influencia europea, trazem já uma feição mixta e ademães differentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade differente, e dos livros em que ella é tractada alguns ha de merito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de analyse, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita pagina instructiva. Do romance puramente de analyse rarissimo exemplar temos, ou porque a nossa indole não nos chame para ahi, ou porque seja esta casta de obras ainda incompativel com a nossa adolescencia litteraria.

O romance brazileiro rccommenda-se especialmente pelos toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estylo mui adequada ao espirito do nosso povo. Ha em verdade occasiões em que essas qualidades parecem sahir da sua medida natural, mas em regra conservam-se estremes de censura, vindo a sahir muita cousa interessante, muita realmente bella. O espectaculo da natureza, quando o assumpto o pede, occupa notavel logar no romance, e dá paginas animadas e pictorescas, e não as cito por me não divertir do objecto exclusivo deste escripto, que é indicar as excellencias e os defeitos do conjuncto, sem me demorar em pormenores. Ha boas paginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descripção, excellenle, sem duvida, mas (como dizem os mestres) de mediano effeito, si não avultam no escriptor outras qualidades essencias.

Pelo que respeita á analyse de paixões e characteres são muito menos communs os exemplos que podem satisfazer a critica; alguns ha porém de merecimento incontestavel. Esta é, na verdade, uma das partes mais difficeis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escriptor dotes não vulgares de observação, que, ainda em litteraturas mais adiantadas, não andam á rodo nem são a partilha do maior numero.

As tendencias moraes do romance brazileiro são geralmente bôas. Nem todos elles serão de principio a fim irreprehensiveis; alguma cousa haverão que uma critica austera poderia aponctar e corrigir. Mas o tom geral geral é bom. Os livros de certa eschola franceza, ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a litteratura brazileira, nem sinto nella tendencias para adoptar as suas doctrinas, o que é já notavel merito. As obras de que fallo foram aqui bem vindas e festejadas, como hospedes, mas não se alliaram á familia nem tomaram o governo da casa. Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do periodo romantico; os escriptores que se vão buscar para fazer comparações, — são ainda aquelles com que o nosso espirito se educou, os VICTOR HUGOS, os GAUTIERS, os MUSSETS, os GOZLANS, os NERVALS.

Isento por esse lado o romance brazileiro, não menos o está de tendencias politicas, e geralmente de todas as questões sociaes, — o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para attestar o facto. Esta casta de obras conserva-se aqui no puro dominio da imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do seculo, alheia ás crises sociaes e phi-

losophicas. Seus principaes elementos são, como disse, a pinctura dos costumes, a lucta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo dos sentimentos e dos characteres; com esses elementos, que são fecundissimos, possuimos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notavel.

No genero dos contos, á maneira de HENRI MURGER, ou á de TRUEBA, ou á de CH. DICKENS, que tão diversos são entre si, teem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, egualmente folhetinista elegante e jovial. E' genero difficil, a despeito da sua apparente facilidade, e creio que essa mesma apparencia lhe faz mal, affastando-se delle os escriptores, e não lhe dando, penso eu, o publico toda a attenção de que elle é muitas vezes credor.

Em resumo, o romance, fórma extremamente apreciada é já cultivada com alguma extensão, é um dos titulos da presente geração litteraria. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma critica minuciosa e severa, e si a houvessemos em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam, e as boas qualidades adquiririam maior realce. Ha geralmente viva imaginação, instincto do bello, ingenua admiração da natureza, amor ás cousas patrias, e além de tudo isto agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu fructos excellentes, e os ha de dar em muito maior escala.

A POESIA

A acção da critica seria sobretudo efficaz em relação á poesia. Dos poetas que appareceram no decennio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos annos, como ALVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASEMIRO DE ABREU, cujos nomes excitam na nossa mocidade legitimo e sincero enthusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. O que sobreviveram calaram as lyras, e se uns voltaram as suas attenções par outro genero litterario, como BERNARDO GUIMARÃES, outros vivem dos louros colhidos, si é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de VARELLA, poeta que já pertence ao decennio de 1860 a 1870. Neste ultimo prazo outras vocações appareceram e numerosas, e basta citar um CRESPO um SERRA, um TRAJANO, um CENTIL-HOMEM DE ALMEIDA BRAGA, um CASTRO ALVES, um LUIZ GUIMARÃES, um ROZENDO MONIZ, um CARLOS FERREIRA, um LUCIO DE MENDONÇA, e tantos mais, para mostrar que a poesia contemporanea póde dar muita cousa; e si algum destes como CASTRO ALVES, pertence á eternidade, seus versos podem servir e servem de incentivo ás vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acho da actual poesia atenho-mo só aos poetas de recentissima data, melhor direi a uma eschola agora dominante, cujos defeitos me parecem graves, cujos dotes — valiosos, e que poderá dar muito de si, no caso de adoptar a necessaria emenda.

Não faltam á nossa actual poesia fogo nem estro. Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na côr local; como acima disse, todas ás fórmas a revelam com mais ou menos brilhante resultado, bastando-me citar neste caso, a outras duas recentes obras, as *Miniaturas* de GONÇALVES CRESPO e os *Quadros* de J. SERRA, versos extremados dos defeitos que vou assignalar. Accrescentarei que tambem não falta á poesia actual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ella então? Em que pecca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correcção e gosto; pecca na intrepidez ás vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento. A imaginação, que a ha deveras, não raro desvaira e se perde chegando á obscuridade e á hyperbole, quando apenas buscava a novidade e a grandeza. Isto na alta poesia lyrica, — na ode, diria eu, si ainda subsistisse a antiga poetica; na poesia intima e elegiaca encontram-se os mesmos defeitos, e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporanea grave doença que é força combater.

Bem sei que as scenas magestosas da natureza americana exigem do poeta imagens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampeiro que varre os campos do sul, os grandes rios, a matta virgem com todas as suas magnificencias de vegetação, — não ha duvida que são paneis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser trazidos com opportunidade, e expressos com simplicidade. Ambas essas condições faltam á poesia contemporanea, e não é que escassêem modelos, que ahi estão, para só citar tres nomes, os versos de BERNARDO GUIMARÃES, VARELLA e ALVARES DE AZEVEDO. Um unico exemplo bastará para mostrar que a opportunidade e a simplicidade são cabaes para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande idéa. Nos *Tymbiras* ha uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, porque se affasta dos outros guerreiros e vive só. A falla do ancião começa com estes primorosos versos:

> " São torpes os anúns, que em bandos folgam,
> São máos os caitetús que em varas pascem :

Nada mais opportuno nem mais singelo do que isto. A eschola a que alludo não exprimiria

a idéa com tão simples meios, e faria mal, por que o sublime é simples. Fôra para desejar que ella versasse e meditasse longamente estes e outros modelos que a litteratura brazileira lhe offerece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação: mais esta tem suas regras, o estro leis, e si ha casos em que elles rompem as leis e as regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam SHAKESPEARE, DANTE, GOETHE, CAMÕES.

Indiquei os traços geraes. Ha alguns defeitos peculiares a alguns livros, como por exemplo, a antithese, creio que por imitação de VICTOR HUGO. Nem por isso acho menos condemnavel o abuso de uma figura que, si nas mãos do grande poeta produz grandes effeitos, não póde constituir objecto de imitação, nem sobretudo elemento de escola.

Ha tambem uma parte da poesia, que justamente preoccupada com a côr local, cahe muitas vezes n'uma funesta illusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do paiz, o que póde dar uma nacionalidade de vocabulario e nada mais. Aprecia-se a côr local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturaes, não de acarreto. Os defeitos que resumidamente aponcto não os tenho por incorrigiveis; a critica os emendaria; na falta della, o tempo se incumbirá de trazer ás vocações as melhores leis.

O THEATRO

Esta parte pode reduzir-se uma linha de reticencias. Não ha actualmente theatro brazileiro; nenhuma peça nacional se representa. As scenas theatraes deste paiz viveram sempre de traducções, o que não quer dizer que não admittissem alguma obra nacional quando apparecia. Hoje que o gosto publico tocou o ultimo grau da decadencia e perversão, enhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor obras severas de arte. Quem lh'as receberia, si o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o cancan, a magica apparatosa, tudo o que falla aos sentidos e aos instinctos inferiores?

E todavia a continuar o theatro, teriam as vocações novas alguns exemplos, não remotos, que muito os haviam de animar. Não fallo das comedias do PENNA, talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeiçoar-se e emprehender obras de maior vulto; nem tambem das tragedias de MAGALHÃES e dos dramas de GONÇALVES DIAS, PORTO ALEGRE e AGRARIO. Mais recentemente, nestes ultimos doze ou quatorze annos, houve tal ou qual movimento. Appareceram então os dramas e comedias do Sr. J. DE ALENCAR, que occupou o primeiro logar na nossa eschola realista, e cujas obras *Demonio Familiar* e *Mãe* são de notavel merecimento. Logo em seguida appareceram varias outras composições dignas do applauso que tiveram, taes como os dramas dos Srs. PINHEIRO GUIMARÃES, QUINTINO BOCAYUVA e algum mais; mas nada disso foi adiante. Os auctores cêdo se enfastiaram da scena, que a pouco e pouco foi decahindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Provincia ainda não foi de todo invadida pelos espectaculos de feira; ainda lá se representa o drama e a comedia, — mas não apparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este poncto.

A LINGUA

Entre os muitos meritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da lingua. Não é raro vêr intercallado em bom estylo os solecismos da linguagem commum, defeito grave, a que se juncta o da excessiva influencia da lingua franceza. Este poncto é objecto da divergencia entre os nossos escriptores. Divergencia digo, porque, se alguns cahem naquelles defeitos por ignorancia ou preguiça, outros ha que os adoptam por principio, ou antes por uma exaggeração de principio.

Não ha duvida que as linguas se augmentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no seculo de quinhentos é um erro egual ao de affirmar que a sua transplantação para America não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influencia do povo é decisiva. Ha por tanto certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no dominio do estylo e ganham o direito de cidade.

Mas si isto é um facto incontestavel, e si é verdadeiro o principio que delle se deduz, não me parece acceitavel a opinião que admitte todas as alterações da linguagem, ainda aquelles que destroem as leis da syntaxe e a essencial da pureza do idioma. A influencia popular tem um limite; e o escriptor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrario, elle exerce tambem uma grande parte de influencia e este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Feitas as excpções devidas, não se leem muito os classicos no Brazil. Entre as excepções poderia eu citar até alguns escriptores, cuja opi-

nião é diversa da minha neste poncto, mas que sabem perfeitamente os classicos. Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como AZURÁRA ou FERNÃO MENDES seria hoje um anachronismo insupportavel. Cada tempo tem o seu estylo. Mas estudar-lhes as fórmas mais apuradas da linguagem, desentranhar delles mil riquezas que, á força de velhas, se fazem novas,—não me parece que se deva despresar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o peculio commum.

Outra cousa de que eu quizera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe affiança muita vida aos seus escriptos. Ha um prurido de escrever muito e depressa; tira-se disso gloria, e não posso negar que é caminho de applausos. Ha intenção de egualar as creações do espirito com as da materia, como se ellas não fossem neste caso inconciliaveis. Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espirito são precisos alguns mais.

Aqui termino esta noticia. Viva imaginação, delicadesa e força de sentimento, graças de estylo, dotes de observação e analyse, ausencia ás vezes de gosto, carencia ás vezes de reflexão e pausa, lingua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita côr local, eis aqui por alto os defeitos e as excellencias da actual litteratura brazileira, que ha dado bastante e tem certissimo futuro.

MACHADO DE ASSIS.

(Do Vol. III do Novo Mundo — pags. 107 e 108.)

O Pavilhão da Fabrica de Tecidos COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL estabelecida no Bangú.

CHRONICA DE SAUDADE

NOS ultimos mezes de 1902, por uma pesada noite de verão, Trajano Chacon bateu á porta da minha casa. Vinha me convidar para a redacção da sua revista. Chacon planejára uma revista de Arte, collaborada por todos os escriptores e artistas brasileiros, sem distincção de idade e de escolas, mas modelada por processos novos que destôassem da fôrma sediça das congeneres.

Esse Trajano Chacon, que hoje vive no Recife advogando, creio, e não sei se politicando, era um bello sonhador, de imaginação tropical e resoluções mantidas á força de uma vontade resistente. Senhor de grande talento e com uma comprehensão de arte excedente á da trivialidade dos que se limitam aos dictames das escolas ou do sectarismo, o que podia manter com o brilho da opinião propria devido á sua boa e copiosa cultura mental, facilmente attrahia sympathias e fazia amigos. Nós nos affeiçoamos ao termo de duas ou trez vezes de palestras. Até hoje só conheço um homem que tenha esse poder de fascinação — é o Dr. Fabio Luz, postoquê esse não possúa o gesto forte e o exterior rebellado de Chacon. Fabio Luz é meigo e acariciador; ninguem dirá que sob aquella modesta e insinuante apparencia está o socialista convicto, o pensador independente dos *Emancipados* e do *Idéologo*.

Que foi essa generosa illusão do meu caro Chacon todos nós sabemos, eu, que me vou envelhecendo sem poder repetir com o verso de Valentim de Magalhães — proveitosamente, — e os moços que ahi estão, rutilantes e felizes.

Chamava-se *Atheneida* a formosa revista, e appareceu em Janeiro de 1903, trazendo na capa a photogravura da herma do Passeio Publico com o busto de Gonçalves Dias, e um lindo soneto do Bilac celebrando a gloriosa memoria daquelle a quem diz o poeta:

> Celebraste o dominio soberano
> Das grandes tribus, o tropel fremente
> Da guerra bruta, o entrechocar insano
> Dos tacapes vibrados rijamente...

Foi um numero promettedor, mas, nem por isso, meu amigo Chacon deixou de sentir a responsabilidade dum director de publicação que se obriga a dar doze numeros annuaes sob assignaturas pagas.

A *Atheneida* tem para mim a doçura duma saudade. Foi alí que eu me liguei estreitamente a um dos mais ricos e, repitirei com a *chapa*, dos mais fulgurantes talentos que tenho conhecido — o Camerino Rocha.

Camerino era um feixe de nervos com uma cabeça estranhamente adoravel. Ainda a estou a vêr na minha memoria. Tinha essa pallidez morena peculiar a algumas moças do norte, pallidez caracteristicamente feminina e, por assim ser, delicada, como feita duma velutina de ocre e pó de arroz. Era-lhe o nariz fino e comprido, de narinas soffregas; o bigode farto, negro, em arrogancia cavalleiresca no arriçado das pontas, e a bocca tumida, a conter ardencias sensuaes que pareciam espumar nas duas filas nitidas e claras dos dentes. Negros e fundos, quasi sempre tornados melancolicos, com vago luzir dos ponentes, eram-lhe os olhos, em que se trahia a inquietação do seu grande espirito analytico e atormentado, e sobre a sua vasta fronte cahiam em madeixas rebeldes os cabellos azevichados, a que a luz dava reflexos d'azulacre e os cuidados tafues da mocidade enchiam do aroma cálido, sensualisante, da baunilha aphrodisiaca.

Uma linda cabeça!

Se os nervos não o atormentassem, Camerino Rocha seria um formoso mancebo, no aplomb esculptural dum *gentilhomme du Midi*. Até a estatura, menos para a baixa do que para a alta, até o esguio do corpo, preparavam-n'o para o desenho dum namorado senhor de capellina e espadim!

Mas, os nervos... ai, os seus malditos nervos não lhe consentiam repouso, nem mesmo quando parado á porta dum café, ou ás esquinas da Ouvidor em palestra com os grupos da camaradagem, elle parecia quieto um momento; dava posições extravagantes ao busto, torcicollos inesperados de acrobata, descambos deselegantes de cansaço, e sempre, continuamente, fazia uma das pernas tremer, estivesse de pé ou sentado, ou meneiava a cabeça como num exercicio frenetico de desarticulação.

Esse exaggero nervoso transparecia-lhe na vóz, que, apesar de franca e sonóra, tinha um timbre metalico, agúdo, aspero, sem com tudo attingir á paraphonia.

Unimo-nos sympathicamente na *Atheneida*, por uma razão concordante de ideias e gostos.

Camerino veiu do Pará para cursar uma das Academias do Rio, mas, aqui, em um meio intellectual e novo para o seu provincianismo, esqueceu os deveres de academico para se reduzir a litterato.

Na natureza humana ha accumulos physiologicos que fazem inclinar o cerebro para essa ou aquella predilecção.

Ninguem é pintor ou poeta porque o quer ser, mas porque tem de o ser, fatalmente. Taes e taes particularidades do organismo, o elemento componente de umas tantas cellulas que

fazem o individuo mais ou menos sensivel a esses aspectos de preferencia áquelles, que mais apurado tornam um determinado sentido, e de um modo singular actuam na sua vida emotiva, é que estabelecem o pendor de cada homem para uma funcção especial ou seja a sua aptidão. Miguel Angelo, apesar do seu genio, e de ter começado pintor, foi mais notavelmente esculptor; outro tanto pode se dizer de Cánova, que é um esquecido diplomata e sempre lembrado esculptor.

O ambiente encarrega-se de melhorar ou peiorar essa disposição.

Assim Camerino que veiu ao Rio, para ser doutor, parou na bohemia, que é, attendida a applicação particular dada a esta palavra, o inicio ou noviciado litterario.

Desde que me referi a applicação particular dada a bohemia, devo me explicar. Ha muita gente boa e de gravata lavada, como diziam os nossos avós, que restringe o termo ao seu valor representativo. Não é uma temosia, é, antes, uma falha de latitude na comprehensão.

Julgam por bohemios todos os vadios, malandrões, exploradores da generosidade dos bons, parasitas dos alegres e gastadores, e que sem officio ou profissão enchem o bandulho á custa alheia. E' uma lamentavel confusão.

A palavra *bohemia*, acclimada em nosso meio, envolve uma risonha ironia com que se qualificam, a si proprios, os refractarios ao gregarismo, ao consenso passivo das multidões guiadas pela vara zagalesca de uma moral falsamente estabelecida e de uma ordem supinamente hypocrita.

Sem disciplina apparente, sem obediencia a mandões e a preceitos, formando grupos isolados, e vivendo num sopposto descuido que mais não é do que liberalismo, affecto desinteressado senão abnegação, e affinidade selectiva, trabalham honestamente e honradamente se mantem, porque não lhes póde macular uma ou outra rapaziada apontada. Não se levam á conta moral de um medico respeitado, dum advogado illustre, dum engenheiro notavel, as *partidas* gaiatas e ladinas que qualquer delles tenha pregado aos «homens serios» na temporada dos estudos.

E foi assim que o Camerino parou na *Bohemia* com um vasto cabedal de leitura, desde os romanticos gregos e latinos até os decadentes de Pariz e de Lisboa

E que elegante bohemio soube ser o meu infeliz amigo!

Era de vêl-o nas calçadas da Ouvidor com o seu chapéo alto de pello de seda, correcto nos seus vestuarios escuros, o collarinho reluzente, a sedosa gravata caprichosamente atada, os botins brilhantes! E depois de ter feito a *causerie* litteraria do dia, aqui, ali, com politicos litteraturantes, com os *sanccionados* ainda não unidos pela consagração duma Academia, que começou por ser de lettras e ameaça acabar em gremio da alta roda, provavelmente dansante, como continuação do *Club dos Diarios* com a competente rolêta dos cavallinhos, elle travava o braço com o dum amigo, a sorrir das necedades ouvidas, e subia as escadas dum restaurante de alto preço, onde escolhia vinhos caros e iguarias ao sabor da diplomacia ornamental. Por esse motivo contaram cousas fantasticas a seu respeito. Attribuiram-lhe pantagruelismos de arrancar gargalhadas a uma botina cambada, e ainda tenho a admiração em riste por não ouvir referencias ás suas noites helliogabalescas! Desta escapou elle, e não sei como.

Uma vez um senhor me perguntava, anciando de curiosidade: Mas... é verdade que esse nobre Camerino ceiava em porcelánas de Sévres?

— Ceiava — respondi, pacientemente.

— E ao fim da ceia quebrava a porcelána?

— Não, isso não fazia o meu amigo, pelo simples motivo de se não achar embriagado; deixava esse doce trabalho ao seu creado inglez...

— Hein!... creado inglez!... Pois elle se dava a esse luxo?...

— Tinha-o... e pelo signal que era o filho desherdado dum lord cruel.

— Extraordinario!... E dizem que bebia os melhores vinhos...

— Sim, senhor; os melhores não, os unicos bons vinhos que vieram ao Brasil. Chypre, Cós, Tockay...

— Então... esse fidalgo gastou uma fortuna

— Nunca tive a incivilidade de verificar a *lista civil* do meu amigo; mas, pelo que dizem, em dois annos foram por ahi assim uns quatrocentos contos... ha quem diga mil.

— E' extraordinario!... Mil contos gastos no Rio de Janeiro... em dois annos... E' extraordinario!

Bem se vê que o mais extraordinario no caso era o incommensuravel idiota que me inquiria.

Mas, até certo ponto, até o ponto que se não avisinha da tolice, havia razão para semelhante legenda. Camerino Rocha sabia «guardar a linha» do seu viver elegante e isso não era uma affectação das suas pretenções mundanas, era uma das facêtas do seu fascinante espirito. Attrahido pelo multimpressionismo da rua, o seu maior cuidado estava em se não deixar confundir com o vulgo, para contentar as predilecções do seu fino gosto. Ipsocrata por temperamento e por cultura litteraria, á sua individualidade repugnava a promiscuidade e o

vulgarismo. Elle conservava o preceito inglez de tudo ser feito sem accusar a menor baixeza. E mais pela cultura do que, propriamente, por inclinação natural, mantinha esse principio com admiravel respeito, porque as curiosidades do seu espirito o afastavam das cousas corriqueiras e da esterilidade dos futeis para o reterem nos *ateliers*, nas bibliothécas, nos museus ou, em escapádas a miude, no isolamento das montanhas e das praias em que se tem de fórma absoluta o goso da meditação. E elle, que recitava de cór Beaudelaire, Verlaine, Mallarmé; que falava em modas e fazia madrigaes ás meninas casadeiras, tinha em mais alto respeito Nervicow e lêra todo o Kropotkine. Elisée Reclus merecia-lhe culto e do socialismo italiano não havia um só auctor que lhe não houvesse passado attentamente pelos olhos como passaram Spencer, Suart Mill e tambem a velha phalange dos espiritualistas, sem esquecer a philosophia grega, cujos auctores gostava de citar a proposito de questões modernas.

Entretanto esse lucido espirito nada ou quasi nada deixou de si, que o salve do nebuloso esquecimento dos annos. Foi um improductivo occasional, porque, ao sentir o prurido da producção, no momento em que se viu apparelhado para os combates da intelligencia e os arrancos demolidores da opinião pessoal, a tuberculose, que lhe vinha insidiosamente minando o corpo sem repouso, se declarou irremediavel, anniquiladora, fatal.

Camerino quiz oppôr-se-lhe á marcha vertiginosa. Correu ao Pará. Aquelle clima, porém, era-lhe hostil. Talvez não fosse só o clima que o hostilizasse... Que sei?

Ai!... tambem eu, por esse tempo, sentia-me alquebrado. Appareceram-me os primeiros cabellos brancos, mais pela lucta constante contra as infelicidades que se apostaram em destruir-me os idéaes e crenças, do que pela edade. Minguára-se-me a luz dos olhos, embaciada por uma enfermidade hereditaria; a audição se me tornava cada vez mais difficil; o corpo, escarvado pela irregularidade e por esperdiços de uma existencia afanosa e desventurada, exigia tratamento e calma. Recolhi-me a esta meio remançosa solidão, que por ahi suppoem orgulho, e que afinal não passa, em verdade, de vexada pobreza physica e economica que, honestamente, se arreceia de parecer curiosidade a modo de phenomeno pathologico ou monstrengo de feira.

Não tive novas do Camerino. Creio que elle nunca me escreveu para me furtar ao dissabôr de sabel-o peior. Um dia, em 1906, fui surprehendido pela noticia do seu fallecimento. Li-a numa gazeta. Camerino morrera aqui, num lugarejo obscuro desta cidade, sem que eu o soubesse de volta da sua provincia!

Foi uma surpreza dolorosa, que me deixou n'alma uma interrogativa eterna, e que hoje, não sei se por presagio do meu termo propinquo, se por saudade apenas, não sei bem porquê, me faz traçar estas paginas de recordação.

Seja porque fôr! de qualquer maneira é uma suave lembrança desse bello rapaz que foi, numa época d'esmorecimentos moraes e num meio em que se apagava o fulgor de individualidades soberanas, a personificação de um Sonho.

1908.

GONZAGA DUQUE.

QUATRO FORMOSAS DAMAS

A DIZER com propriedade foi no tempo do Rei-Sol que as mulheres tiveram a sua Renascença, dellas proveiu grande parte do luzimento dessa côrte magnificente e, devido aos seus talentos, a posteridade chegou a conhecer a vida intima, galante e espiritual da época em que appareceram Mmes. de Sèvigné, La Fayette, Valliéres, Longueville, Maintenon e tantas outras, que formam a constellação mais brilhante da alta espiritualidade franceza, senão da européa.

A titulo de curiosidade vamos dar aqui os retratos e notas biographicas de quatro formosas e notaveis damas dessa época, que não escaparam á galeria das mulheres celebres de Sainte Beuve, mas que muita gente não as conhece.

São quatro typos altamente interessantes, que tiveram o seu periodo de intenso brilho e ficaram entre as suas contemporaneas como estrellas de primeira grandeza daquella constellação.

Desde já previnimos que, genuinamente mulheres daquelle tempo, não se lhes poderá exigir o rigorismo das virtudes que conjecturamos existir nos conventos.

PRINCEZA DES URSINS

A princeza des Ursins foi uma dessas mulheres de que o cardeal de Mazarino dizia serem capazes de *renvenser dix Etats*.

Anna-Maria de La Trimouille, tal era o nome da princeza, nasceu em 1642, em Paris. Descendia, por parte de pae, dos La Tremouilles, e por parte materna de uma burgueza da capital da França. Em 1659 casou com o principe de Chalais, da casa Talleyrand. Um duelo obrigou seu marido a partir para a Hespanha, Anna-Maria acompanhou-o, mas pouco tempo depois, seguiram para Roma, onde o principe de Chalais falleceu, deixando a mulher ás portas da miseria.

Mme. viuva estava então em pleno florescimento de seus encantos. Saint'Simon pintou-a nestes termos: «... de um talhe perfeito, um bello busto, e um rosto que, sem ter belleza, era encantador; possuindo a distincção da nobreza, o quer que fosse de magestoso no seu porte, e tanta graça natural em tudo, até nas cousas as mais insignificantes ou indifferentes, que eu nunca vi quem se lhe pudesse comparar, quer no corpo, quer no espirito, com que a natureza a dotou prodigamente; lisonjeira, cariciosa, insinuante, commedida, desejando agradar pelo simples facto de agradar, e com attractivos de que ninguem se puderia deffender quando ella queria conquistar e seduzir.»

Os encantos de Mme. viuva de Chalais tocaram o coração do principe de *Orsini*, duque de Bracciano, e a aristocracia romana, um dia, teve de assistir o casamento do principe com a encantadora franceza, que a mantinha em constante agitação divida a numerosa côrte de adoradores que se genuflexavam ao menor gesto mandatario da soberana mulher.

Esse casamento, que devia contentar á sua indole ambiciosa, não lhe trouxe grande felicidade. Saint-Simon conta-nos que o *ménage* foi «pouco concordante, sem rompimentos declarados, mas pensando ambos os esposos, algumas vezes, em se separem». E pelo que rezam as chronicas o duque de Bracciano teve razões de sobra para assim pensar.

Mas, se o talento e a belleza desculpam muitas faltas, senão todas como querem alguns, deve-se perdoar á encantadora princeza os erros que lhe apontam, mesmo porque é esse o principio christão. Jesus perdoou a Magdalena pelo muito que ella amára...

O que é exacto é que, a par de sua fraca conducta domestica, e princeza de Orsini soube se aproveitar da sua nova situação para praticar com immenso proveito a carreira diplomatica. E isso a salvou da miseria pela segunda vez, porque fallecendo o duque em 1698, e tendo a viuva verificado que nada lhe restava depois de pagar as dividas, conseguiu de Luiz XIV uma pensão para continuar na Italia a sua missão de «agente secreto» da diplomacia. E taes foram os seus serviços, tão ladinamente se houve

a princeza nesse cargo difficil, que o rei lhe deu a posição de *camarera mayor* juncto á joven rainha da Hespanha casada com o duque de Aujou.

A influencia da princeza de Orsini, que mudára seu titulo para *des Ursins*, tornou-se de tal modo poderosa na côrte da Hespanha que em torno della choveram as intrigas e calumnias. Algumas dessas conseguiram calar no espirito do rei-sol que a fez vir á Paris.

A princeza, porem, venceu a indisposição do rei, secundada pela Maintenon, e admirada do seu enorme successo alimentou, por instantes, a idéa de substituir a esposa morganatica do grande rei.

Esse pensamento, porém, não perdurou. Mme. des Ursins desistiu delle bem a tempo de não despertar roncores a Mme. de Meintenon.

A sua volta á Hespanha devia ser o seu desastre. E o foi tremendo, assumiu ás proporções de um drama.

Em Fevereiro de 1714 a encantadora rainha morreu. Tinha vinte e seis annos. Filippe V mostrou desejos de contrahir segundas nupcias, encarregando á astucia altamente intelligente da princeza des Ursins de escolher-lhe uma esposa.

Mme. des Ursins voltou seus olhos para a Italia, onde contava o maior numero de seus amigos, e sem que se saiba o motivo principal da sua predilecção escolheu a princeza Elisabeth de Parma. A escolha não lhe podia ser mais fatal.

Aos 23 dias de Dezembro de 1714 a nova rainha da Hespanha chegava á cidade Xadraca, onde a fôra receber Mme. des Ursins, que se adiantara desse modo á Filippe V. Ao entrarem no palacio houve alguma séria desintelligencia entre as duas princezas, que os chronistas e historiadores têem descripto ao sabor de suas respectivas fantasias. O certo, porém, é que a princeza Elisabeth fez chamar o lugar tenente dos guardas, o Sr. de Amezaga, e ordenou-o expulsar do territorio hespanhol Mme. des Ursins, isso *incontinenti*, sem mesmo consentir-lhe mudar o vestido de gala com que se trajava. A ordem foi cumprida.

Mme, des Ursins, então na idade de setenta e dois annos, partiu immediatamente para a fronteira em uma carruagem, apesar do rigoroso inverno que gelava os campos. A jornada foi longa e triste. Durante dois dias a poderosa senhora teve por alimento ovos frios e chegou a dormir em leitos de palha... Luiz XIV apiedou-se della. Deu-lhe uma pensão, com a qual Mme. partiu para a Italia, e a tempo porque, apenas alí chegada, o grande rei expirava, deixando a França entregue ao duque de Orleans, declarado inimigo da princeza.

E só, quasi desemparada, ella fechou os olhos ao mundo, em que tanto brilhou, em Dezembro de 1722. Contava oitenta annos.

Diz-nos Sainte-Beuve que ainda na sua quéda, quando exilada na Italia, para não esquecer o habito de governar alguma cousa, metteu-se a governar a casa dos reis da Inglaterra.

E' possivel. Mas, em que condições...

MME. DACIER

Esta notavel franceza, nasceu em Saumur, no anno 1654.

Era seu nome Anna Le Fèvre, filha de um sabio, Tannoguy Le Fèvre, nascido em Caen. Aos dezoito annos perdeu o pae, mas, protegida pelas boas dedicações do illustre homem, vêem para Pariz, onde Huet, sub-perceptor do Delfim, lhe arranjou meio honroso de manter a existencia; deu-lhe a incumbencia de copilar os autores que eram resumidos convenientemente expurgados *ad usunm Delphini*.

Pouco tempo depois Melle. Le Fèvre dava ao prélo uma edição grega e latina dos *Hymnos*, *Epigrammas e Fragmentos* de Callimaco.

Já senhora de larga reputação litteraria Mlle. Anna casou com Mr. Dacier, bibliothecario do gabinete real do Louvre.

A vida da bella Mme. Dacier foi largamente partilhada entre o estudo e a fina sociedade do tempo de Luiz XIV.

A ella deve a litteratura daquella brilhante época as traducções de Homero, e uma grande parte da preoccupação pelas questões littera-

rias, que Mme. Dacier tratou com elevado criterio, postoquê soffrese violentos ataques dos seus contradictores nem sempre generosos e não raro comettendo a incivilidade de esgaravatarem a sua vida privada com intenções calumniosas.

Mme. Dacier morreu de apoplexia em 17 de Agosto de 1720.

MME. STAAL-DELAUNAY

Com Mmes. Staal-Delaunay e Dacier começa a galeria, jamais inexcedida, das mulheres-escriptoras da França.

Mme. nasceu em Pariz, em 30 de Agosto de 1684.

Seu pae era pintor, não tendo outros recursos senão os que lhe davam os pinceis. Obrigado a fugir de França, abandonou a familia que, graças á protecção d'almas caridosas, foi amparada pelas irmãs do convento de S. Luiz de Ruão, onde a pequena Delaunay recebeu a sua educação.

Por fallecimento da superiora do convento e não pretendendo tomar o véo monastico retirou-se para Paris, obtendo o modesto lugar de *creada de quarto* da duqueza de Maine, na famosa *court de Sceaux.*

A sua intelligencia, os seus cuidados, o seu *arzinho* agradavel, commoveram de tal maneira a duqueza que, em breve tempo, Mlle. Delaunay gosava de completa liberdade naquella côrte, não só no seu grave papel de confidente da cunhada de Luiz XIV, de quem era dado fazer a correspondencia intima, como tambem na sua funcção de dama galante, a qual incumbia participação directa nos entretenimentos do bello palacio construido por Le Nôtre.

Mlle. Delaunay nunca se esqueceu desse bondoso tratamento da sua poderosa *senhora*, votou-lhe imperecivel fidelidade, e quando a duqueza foi encarcerada na Bastilha, ella a acompanhou desveladamente. Foi nessa prisão do Estado que Mlle. Delaunay conheceu o cavalleiro de Mesnil, seu visinho de quarto. A paixão que a envolveu, ao vêr esse prisioneiro moço e formoso, ella a contou ao mundo nas suas celebres *Memorias.*

Mas, não foi só o cavalleiro de Mesnil que occupou um lugar no seu coração; Mlle. Delaunay teve doces ligações amorosas com Silly, d'Héricourt, com Dacier, que esposou Anna Le Févre e pretendeu ser o marido da *femme de chambre* da duqueza, com Chalieu que o amou profundamente.

Mais tarde, o barão de Staal, lugar tenente das guardas suissas, depois capitão, e por fim marechal de campo, casou com ella.

Apesar da sua nova e alta posição social, Mme. de Staal-Delaunay não quiz abandonar a duqueza; unicamente a sua figura fez-se mais evidente nos salões do seculo XVIII.

Em 1750 Mme. de Staal terminava seus dias cinco annos depois morria a duqueza de Maine. E nesse momento foram dadas ao prélo as *Memorias* de Mme. Staal cujo successo excedeu, naquelle tempo, a tudo quanto se conhecia. Nem se podia esperar outra cousa. As *Memorias*, sobre o encanto da sua forma correntia e graciosa, eram o flagrante de uma sociedade que todo o mundo desejava conhecer, e na qual a propria Staal se destacava sem rebuços, apesar de que louvada por uma amiga, que conhecia esse manuscripto, por se ter desenhado com sinceridade, ella lhe respondeu: *Je ne me suis peinte qu'en buste.*

Entre 1699 e 1710, o embaixador francez em Constantinopla, M. de Ferriol, notou num grupo de escravos que ia ao mercado uma pequena extraordinariamente sympathica que, pela fineza de seus traços, pelo garbo natural de todo o seu typo, chamou a sua attenção, postoquê habituada com esse triste espectaculo.

Procurando conversar com os turcos que conduziam o grupo de escravos soube que havia pouco tempo, uma horda islamica invadira uma cidade da Circassia e escravisára os habitantes que não tinham sido trucidaosd. Essa pequena era uma das victimas. Todos os seus parentes, principes circassianos, tinham perecido.

M. de Ferriol condoido da sua sorte propoz-se resgatal-a, o que foi acceito pela somma carissima de 1.500 libras.

Quando veio á França M. de Ferriol trouxe a pequena circassiana em sua companhia, e

uma vez em Pariz entregou-a aos cuidados de uma sua cunhada com a condição de a educar com todo o esmero dispensado ás moças das mais altas familias daquelle tempo.

Mademoiselle Aissé (ou *Haydée* com tambem a chamavam) fez-se moça, a sua belleza desabrochou em todo o esplendor dos vinte annos. Desde então não faltaram admiradores

MADEMOISELLE AISSÉ

em torno da formosa circassiana e de tal modo que M. de Ferriol, informado pela cunhada, escreiva á sua ex-escrava.

«Quando eu vos arranquei das mãos dos infieis, comprando-vos, não era meu pensamento fazer-me desgraçado nem preparar-me desgostos; ao contrario, pretendia prevalecer-me do destino sobre o designio dos homens para dispôr de vós á minha vontade e fazer-vos, um dia, minha filha ou minha amante.

... Poderieis ser hoje a amante de um turco que partilharia a sua ternura com mais vinte mulheres; em quanto eu vos amo unicamente e de maneira a desejar que tudo nos seja commum dispondo vós do que é meu como de mim proprio... Tomae tento, observae as cousas com cautela e procurae impedir que as más linguas tenham o menor motivo contra vós; recommendo-vos tambem a necessaria circumspecção na escolha das vossas amizades, ás quaes não vos deveis unir cégamente; e com esse proceder só dar-me-eis contentamento, dando-vos tambem a opportunidade de encontrar em mim o que não encontrareis em ninguem mais, sem falar nos laços que nos unem indissoluvelmente. E com todo o coração eu te abraço minha cara Aissé.»

Infelizmente o coração da formosa circassiana não podia obedecer a taes conselhos, porque se votára a um elegante e bravo mancebo, o cavalleiro de Aydie, com quem tivera uma filha que foi baptisada occultamente com o nome de Celina Leblond. Dois annos depois do apparecimento desse fructo de amores immoderados, em 1722, M. de Ferriol morria, deixando-lhe, alem de uma renda vitalicia de quatro mil libras, mais um *vale* de importante somma que seus herdeiros lhe deviam entregar.

Mme. de Ferriol exasperou-se com esse compromisso, e tanto falou, tanto disputou, que a bella princeza circassiana, num rasgo de altivez, reduziu o compromisso a cinzas deante da terrivel cunhada do seu fallecido ex-senhor e devotado protector.

Mademoiselle Aissé manteve estreitos laços de amizade com a aristocracia franceza; seu palacio era frequentado pela fina flôr do luxo, da bravura e da intellectualidade. Voltaire, sempre lisonjeiro, participava da sua intimidade, e Hénault, Montesquieu, e d'Alembert visitavam-na.

Mademoiselle Aissé falleceu em 13 de Março de 1733, deixando á posteridade as suas *Memorias*, avidamente lidas, pela graça da sua narrativa, pela fidelidade dos retratos dos que foram seus contemporaneos e pelo ardor da sua paixão pelo elegante e bello cavalleiro d'Aydie que morreu em 1761, á volta de uma caçada. Celina Leblond transmittiu aos seus descendentes, alguns dos quaes se tornaram illustres, os finos traços da raça materna.

Rio — Setembro de 1908.

ANDRÉ DE REZENDE.

COMEÇOS LITERARIOS DO BRAZIL

II

HA vagas e incertas noticias de uma chronica escripta em pernambuco talvez antes do meio do seculo de 500. Seria por ventura o primeiro escripto feito no Brazil. Sobre se não saber nada a seu respeito, nem do seu autor, se quer se era brazileiro, é duvidoso tivesse tal escripto alguma importancia para a historia da nossa literatura. Mas independentemente da sua existencia e qualificação literaria «foi Pernambuco o lugar em que abrolhou a flor literaria em nossa patria. (1)

«Para este resultado, explana o insigne sabedor que o verificou, concorreu mais de um factor. Pernambuco desenvolveu-se regularmente: Duarte Coelho desde o desembarque e empossamento da terra domou os indios, que nunca mais fizeram-lhe frente com bom exito; os colonos viram logo remunerados os seus labores; o solo era fertil; a vida facil; a sociabilidade e o luxo consideraveis; a população branca em geral de origem commum (Vianna apresentando menos elementos desparatados, mais de presa tendia á unificação; o sentimento caracteristico do nosso seculo XVI — o despreso e desgosto pela terra brazileira, o transoceanismo... ali primeiro arrefeceu. Acrescente-se a facilidade e frequencia de viagens á Europa, a consequente abundancia de commodidades, cuja ausencia alhures tornava o paiz detestado e detestavel; o natural versar de livros historicos, como os de João de Barros, em que fulgiam os nomes de Albuquerque e Duarte Coelho, a tendencia literaria dos capitães mores da terra... que escreveram livros.» (2)

Em 1601 saia em Lisboa da imprensa de Antonio Alvarez um opusculo de dezoito paginas, in-4º, trazendo no alto da primeira do texto este titulo *Prosopopea dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão, e Governador de Pernambuco, nova Lusitania, etc.* O nome do autor, Bento Teyxeyra, vinha, assim escripto, em baixo do Prologo, no qual fazia ao seu heróe o offerecimento da obra.

E' um poema, de noventa e quatro oitavas, em verso endecassyllabo rimado, sem divisão de cantos, nem numeração de estrophes, cheio de reminiscencias, imitações, arremedos e parodias dos *Lusiadas*. Não tem propriamente acção, e a prosopopéa donte tira o nome está numa fala de Prothen, prophetizando *post facto* os feitos e a fortuna, exageradamente idealizados, dos Albuquerque, particularmente de Jorge, o terceiro donatario de Pernambuco, ao qual é consagrado.

Não tem merito algum de inspiração, poesia ou forma. Afóra a sua importancia chronologica, de primeira producção literaria publicada de um brazileiro, pouquissimo valor tem. No meio da propria ruim literatura poetica portugueza do tempo — aliás, a só attender a data em que possivelmente foi este poema escripto, a melhor epoca dessa literatura — não se elevaria este acima da multidão dos maus poemas Iguaes.

O poeta ou era de si mediocre, ou bem novo e inexperiente quando o escreveu. Confessa aliás no seu Prologo já gongorico antes do gongorismo (tanto o vicio é da nossa raça) que eram as suas «primeira primicias.» Não se sabe se veio a dar fructos mais sazonados. Nos seus setecentos e cincoenta e dous versos apenas haverá algum, notavel pela idéa ou pela forma, e são na maioria prosaicos, como são banaes os seus conceitos. A lingua não tem distincção ou relevo, e o estylo traz já todos os defeitos que maculam o peior estylo poetico do tempo, e seriam os distinctivos da má poesia portugueza do seculo seguinte, o vasio ou o affectado da idéa e a penuria do sentimento poetico, cujo realce se procurava com afeites mythologicos e reminiscenctas classicas, improprios e incongruentes, sem sombra do genio com que Camões, com successo unico, restaurára esses recursos na poesia do seu tempo.

Conforme a regra classica, começa o poema pela invocação. E' de justiça reparar que o começa com uma novidade, a invocação é desta vez dirigida ao Deus dos christãos:

Alem de Deus, invoca a Jorge de Albuquerque «o sublime Jorge em quem se esmalta a estirpe de Albuquerques excellente» com versos directamente imitados dos *Lusiadas*.

A memoria fresca do poema de Camões está por todo o poema do nosso patricio, em que não ha só reminiscencias, influencias, mas versos imitados, parodiados, alguns quasi integralmente transcriptos, e ainda allusões á grande epopéa portugueza. Nada, porém, comparavel ao genio criador com que Camões soube imitar e superar os seus modelos.

Depois da invocação preceitual segue-se no poema de Bento Teixeira, como tambem era de regra, a «Narração» expressamente designada no livro.

A acção do poema é falada ou narrada. Prothez a diz de sobre o recife de Pernam-

(1) Capistrano de Abreu, Introducção á *Historia do Brazil* por Frez Vicente do Salvador, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, do Rio de Janeiro, XIII, II.

(2) Mesmo autor *obr. e lug. cit.*

buco. Seis estrophes o descrevem, de um modo insipido, pura e seccamente topographico:

Pera a parte do Sul, onde a pequena
Ursa, se vê de guardas rodeada,
Onde o Ceo luminoso mais serena,
Tem sua influição, e temperada.
Junto da nova Lusitania ordena,
A natureza, mãy bem atentada,
Hum porto tam quieto, e tam seguro,
Que pera as curvas Naus serve de muro.

E assim por diante sem nada que lhe eleve o tom até a poesia.

Dali, por ordem de Neptuno, prophetiza Protheu, num largo canto em louvor dos Albuquerques e nomeadamente de Jorge, a quem se endereça esta prosopopéa. Vê Protheu

a opulenta Olinda florescente
Chegar ao cume do supremo estado
Será de fera, e bellicosa gente
O seu largo districto povoado,
Por nome terá, Nova Lusitania,
Das Leys isenta da fatal insania.

Esta Lusitania será governada por Duarte Pacheco «o grão Duarte» que o poeta, pela voz de Protheu, compara a Eneas, o Publio Scipião, a Nestor e a Fabio. E tudo o que até então tinha passado com os Pachecos e Albuquerques, já celebrados por Camões, occorre a Protheu, que o prophetiza posteriormente, desmedindo-se no louvor e encarecimento. Acaba o poema, pouco originalmente, com as despedidas do poeta, repetindo a promessa de voltar com um novo canto

Por tal modo que cause ao mundo espanto.

Jorge de Albuquerque Coelho, o motivo senão e heroé deste poema, era filho de Duarte Coelho, primeiro donatario de Pernambuco, onde Jorge nasceu, em Olinda, em 1539. O emphatico padre Loreto Coutto (1) falando delle como de sujeito verdadeiramente extraordinario, assevera que «ainda que Pernambuco não tivera produzido outro filho bastaria este para sua immortal gloria.» E mais, que «foi este insigne pernambucano um daquelles espiritos raros para cuja producção tarda seculos inteiros a natureza, pois á sua rara virtude e insigne valor, acrescentou uma erudição rara, e conhecimento das letras humanas.»

Uma e outros não teriam sido adquiridos no Brazil. Se são exactas, como parece, as noticias de Jaboatão, (2) Jorge de Albuquerque criou-se em Portugal, onde aos 14 annos se achava. Com 20 voltou a Pernambuco, donde tornou ao Reino, em 1565, aos 26 annos, após a sua brilhante campanha contra os indios da capitanea.

Nesta viagem para Portugal soffreu o naufragio celebre da nau *Santo Antonio* que o levava, cuja Relação, escripta pelo piloto Affonso Luiz e reformada por Antonio de Castro, foi attribuida a Bento Teixeira. (1)

Em Portugal «foi de todos applaudido de cortesão, generoso, discreto, liberal affavel e modesto.» (2) Em summa, se havemos de crer os seus panegristas mais proximos delle, e os que os copiaram, teria sido um portento de gentilezas guerreiras e de virtudes civis.

Poemas com a *Prosopopéa* do nosso patricio, que este heróe motivou, em tudo medíocres, endereçados a potentados e magnates, armando-lhes á benevolencia e proteção, eram frequentissimos e superabundavam na bibliographia da epoca.

Em todos os tempos poetas e literatos foram inclinadissimos á bajulação dos poderosos. Casando-se geralmente pouco o seu genio com o arduo de uma existencia de trabalho e esforço proprio, e amando sobretudo os lazeres da vida ociosa, propicios ás suas invenções e imaginações, para os haverem sacrificam de boa mente á vaidade dos grandes dos quaes, sem mais fadiga que a de cantal-os e louval-os, esperam lucrar taes ocios, muito seus queridos. Igualmente caroaveis da grandeza, pompa e luxo do seu viver, com o que facilmente se embevecem esses entes de imaginação e fantasia, á satisfação desse gosto immolam brios e melindres.

Em Portugal taes poetas e literatos faziam até parte da domesticidadade da corte ou das grandes casas fidalgas e ricas, que os aposentavam e pensionavam, em troca dos poemas e escripturas com que infallivelmente celebravam a familia em cada um dos successos domesticos, nascimentos, casamentos, mortes, façanhas guerreiras, vantagens sociaes obtidas, anniversarios.

Como havia destes poetas effectivos, privados, caseiros, os havia tambem occasionaes, mas não menos promptos ao louvar hyperbolico, á lisonja emphatica, á bajulação rasteira, em cambio da protecção solicitada ou em paga de alguma graça obtida.

Na sociedade de então, o homem de letras, ainda sem publico que o pudesse manter, e até forçado a apenas muito limitadamente exercer a sua actividade, quasi só dos principaes pelo

(1) *Desagravos da Brazil e glorias de Pernambuco* nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, Rio, 1904, vol. XXIV, 325.

(2) *Novo Orbe Serafico*, Rio de Janeiro, 1858, II, 181.

(1) Pode-se ler essa narração no tomo 2º da *Historia tragico maritima* e no XIII da *Revista do Instituto Historico*.

(2) Loreto Cuntto, *obr. cit.*, 326.

poderio e riqueza, que acaso lhes estimassem as prendas sem os estimar a elles, podia viver. Frequentemente eram estes que lhes mandavam imprimir as obras, que sem taes patronos difficilmente achariam editores. Taes costumes, explicaveis e por ventura desculpaveis pelas condições do tempo, passaram naturalmente do Reino á sua colonia da America, onde os vicereis, governadores e capitães generaes e mòres faziam de reis pequenos, e os fazendeiros e senhores de engenho, e outros magnates locaes, substituiam ou arremedavam os grãos senhores do Reino. Tanto passaram que desde as suas primeiras manifestações, a poesia, e depois toda a especie de literatura, foi aqui por muito inspirada daquelles motivos e consideravelmente aulica. Aulicismo, arcadismo, gongorismo, foram sempre aliás traços caracteristicos das letras portuguezas.

Quer em Portugal, quer no Brazil, duraram estes costumes, quando já não eram tão justificados, até o seculo passado. Não sei aliás se é possivel dizer estejam de todo extinctos. Mais certo será que tenham antes variado e se transformado do que desaparecido por completo as formas e modos com que poetas e literatos sempre atiraram ao patrocinio dos poderosos, adulando-os em prosa e verso. Seja por que ainda pésa sobre elles essa herança, seja porque continuem a preferir alcançarem por taes meios o que só com fadiga e difficuldade lhes daria trabalho mais honesto, é certo que o costume não desapareceu de todo.

Bento Teixeira fica, pois, sendo não só o primeiro, em data, dos poetas brazileiros, mas o patriarcha dos nossos «engrossadores» literarios. E de ambos os modos, progenitor fecundissimo de incontavel prole.

E' muito provavel que simultaneamente com elle, se não antes, houvesse o Brazil produzido outros poetas aulicos, isto é, cujo principal motivo de inspiração fosse conseguir o patronato de algum poderoso da terra.

O mundo se dividiu sempre entre patronos e clientes. Todavia não sabemos de nenhum que o antecedesse ou vivesse ao seu tempo. Conjectura-se com bons fundamentos houvesse composto o seu poema nos ultimos annos do seculo, com certesa depois do desastre de Dom Sebastião em Africa, em 1578, a que já o poema se refere. Talvez nos arredores de 1596, que neste anno ainda vivia Jorge de Albuquerque e o poema foi composto quando elle vivo.

De Bento Teixeira, como elle o assignou, ou Bento Teixeira Pinto, como tambem lhe escreveram o nome, nada mais se sabe alem da noticia do bibliographo Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, publicada em 1741: que nasceu em Pernambuco e era «igualmente perito na Poetica e na Historia.» Não diz nem o lugar, nem a data do nascimento. Um chronista pernambucano, posterior a Barbosa Machado, o citado padre Coutto, noticiador geralmente de segunda mão, apenas acrescenta era de Olinda. (1) Delle não ha nenhuma noticia contemporanea, e estas mesmas vagas informações, de mais de um seculo posteriores, não foram jamais verificadas ou ampliadas por quaesquer investigações ulteriores. Outras noticias que delle ha em escriptores mais modernos são de pura inventiva dos seus autores.

Chama-lhe de «perito na historia», o bibliographo Machado, e com este o padre Coutto, que simplesmente o repete, por lhe attribuirem ambos a obra em prosa *Dialogo das grandezas do Brazil*.

Como começou a provar Varnhagen em 1872 (2), e pode-se hoje ter por incontestavel, essa obra, a mais interessante da primitiva literatura do Brazil, não é de Bento Teixeira. (3) E é pena, pois vale muito mais do que a sua trivial e insipida *Prosopopéa*.

Como quer que seja marca esta o primeiro passo dos Brazileiros na vida literaria, é o primeiro documento da sua vontade e capacidade de continuarem na America a actividade espiritual da metropole.

Publicada ali, ali mesmo se teria sumido confundida na massa enorme de quejandas producções. Talvez ficasse até desconhecida do Brazil. Não só não ha mais menção ou memoria della que as duas indicadas, ambas em summa de origem portugueza, mas outro poeta brazileiro, Manoel Botelho de Oliveira, dando á luz um livro de versos um seculo depois, gabava-se de ser o primeiro brazileiro que os publicava. E dos dous unicos exemplares originaes que se lhe conhecem, o unico existente no Brazil, na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, veiu de Portugal (onde está o outro na Bibliotheca Nacional de Lisboa) na collecção do citado Barbosa Machado. (4)

Não se sabe de outra obra poetica brazileira publicada ou somente escripta no seculo XVI, a não ser um «Soneto por eccos» ou consoantes feito pelo proprio Bento Teixeira ao mesmo Jorge de Albuquerque, que occorre na pagina final do opusculo do *Prosopopéa*. Escripto em casthelhano, dá ainda peior idéa do poeta do que este poema.

---

(1) *Obr. cit.*, XXV, 7.

(2) Carta ao Ministro do Exterior no *Diario Official* de 6 de Novembro de 1872. Cp. José Verissimo, *Estudos de Literatura Brazileira*, IV, 25.

(3) Sobre a questão da autoria desta obra ver, alem das citadas, Capistrano de Abreu, *Os dialogos das Grandezas do Brazil* na *Rev. do Inst. Archeol. e Geog.* pernambucano, XI, 1904, 559.

O sciente escriptor não conseguiu, como é o primeiro a declarar, senão apontar "dous rastros novos„.

(4) A nossa Bibliotheca Nacional o reimprimiu em edição *fac scimile* em 1873, com este titulo *Prosopopéa* por Bento Teixeira, Reproducção fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro.

O portuguez de origem flamenga Pero de Magalhães de Gandavo, autor de uma estimada *Historia da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil*, publicada ainda naquelle seculo, diz no *Prologo ao leitor* que não faltavam nesta terra pessoas de engenho e curiosas que por melhor estylo e mais copiosamente pudessem escrever essa historia. A sua modesta e graciosa insinuação argúe a existencia no Brazil, em meio do seculo XVI, de sujeitos capazes de por em escriptura as cousas da historia da terra e outras. Não sei até que ponto devemos aceitar-lhe a lisongeira opinião. O futuro Fr. Vicente do Salvador, primeiro historiador brazileiro do Brazil, e unico que lh'a justificaria, era então um rapazinho e só viria a escrever no seculo seguinte. As pessoas a quem se refere o singelo e excellente Gandavo é natural fossem antes portuguezes educados em Portugal do que brazileiros aqui instruidos. Nem a instrucção iniciada no Brazil pelos Jesuitas nos seus collegios de 1549 em diante poderia ter dado fructos apenas passados poucos lustras. As licenças para a impressão do livro de Gandavo são de 1575. Tambem não é provavel houvesse já por esse tempo brazileiros de cultura européa, capazes do empre-

dimento para que os supunha aptos.

Aquelle tempo, a sociedade que se aqui formava lenta e difficultosamente não tinha, nem podia ter mais preoccupações que as da vida material, apenas temperadas das suas praticas tradicionaes e corriqueiras de religião e devoção. A lucta com a terra e com o indigena primeiro, e depois com os interlopos, não lhes deixava os lazeres e o conforto que o trato das letras exige. O heróe e patrono de Bento Teixeira, Jorge de Albuquerque, tinha levado cinco annos a debellar o gentio revoltado e hostil do litoral do S. Francisco e seu sertão. (1)

O citado minucioso chronista dos *Desagravos do Brazil e glorias de Pernambuco*, fazendo «memorias de alguns naturaes desta provincia que compuzeram e imprimiram no seculo XVI,» apenas nomeia dous, o proprio Bento Teixeira e o seu patrono, o mesmo Jorge de Albuquerque.

As obras que lhe attribue o chronista, papeis politicos, um escripto de devoção e até requerimentos de serviços, tudo nunca impresso, certamente não teriam algum valor literario.

De tudo quanto com certeza sabemos da sociedade brazileira do XVI seculo, podemos com toda a verosimilhança concluir que o unico documento literario memoravel dessa epoca é justamente este insignificante poema da *Prosopopéa*.

José Verissimo.

(1) Jaboatão, *Obr. cit.*, II, 181.

ENRICO FERRI E O CLERICALISMO

NÃO foram as ideias pregadas sobre o proletariado, sobre a condição da mulher na sociedade, sobre os delictos e os delinquentes e outras questões interessando a civilisação moderna, que motivaram essa symptomatica serie de contradictas ao illustre sociologo italiano.

E' bastante ver de onde partiu a reacção para que não haja duvida quanto ás intenções dos reaccionarios.

O Brazil estava positivamente abandonado ás garras do clericalismo ultramontano, mercê da conducta inpatriotica sinão criminosa dos governos da Republica.

A palavra de Enrico Ferri veio quebrar o silencio, para não dizer o somno cataleptico da nossa jovem nacionalidade, em contraste com a obra de solapa a que se entregaram os emissarios de Roma, expulsos dos centros europeus. Dahi essa reacção em nome dos suppostos sentimentos religiosos do povo brazileiro, reacção a que vão se prestando conscientemente, mas tambem impatrioticamente os que se cobrem com a bandeira da religião para atacar o regimen politico que é justamente a garantia da liberdade espiritual de que gosam e abusam.

Ninguem acredita que o movimento socialista nas suas diversas modalidades possa incommodar o espirito ultramontano, sempre disposto ás mais illogicas accomodações no terreno dos factos. A famosa incyclica *Rerum novarum*, de Leão XIII, é uma prova disso. Ninguem comprehende tambem que a Igreja romana se apressasse em combater por intermedio dos seus servidores uma theoria scientifica sobre a constituição biologica da mulher ou um systema sociologico de delictos e penas, só pelo prazer de oppór doutrina contra doutrina.

Não é isso que preoccupa o Catholicismo.

O papado, que elle seja representado por Alexandre Borgia com o nome de Alexandre VI, ou por José Sarto, com o nome de Pio X, teria preferido sem duvida que a mulher se conservasse um pouco mais ignorante dos seus destinos e por isso mesmo mais apegada á mentira theocratica.

Quanto á questão da criminalidade pouco se importa elle que prevaleça o livre arbitrio ou o determinismo scientifico, uma vez que já não lhe é permittido entreter a terrivel fogueira em cujas chammas devoradoras costumava purificar de heresia os que ousavam pensar por si mesmos, como os Servet e os Jordano Bruno.

O que incommodou as associações religiosas representadas pelos condes romanos e os aspirantes a essa especie de nobresa bastarda de que a nossa lei não cogita, foi simplesmente o facto da haver o notavel pensador italiano chamado a attenção dos poderes publicos para o perigo a que nos expomos si nos deixarmos dominar pelas confrarias expulsas da França e aqui protegidas pela liberdade de consciencia.

Não foi certamente uma novidade o que disse Ferri porque isso mesmo que affirmou o illustre sociologo está na consciencia de todos os homens cultos, que vêm justamente nessa invasão de padres e frades estrangeiros uma tremenda ameaça aos destinos da democracia brasileira. E tanto ha nessa affirmação uma profunda verdade, que o sentimento de seita se manifestou immediatamente, a pretexto de combater as theorias do scientista, mas de facto para ter uma opportunidade de chamar a postos os velhos reaccionarios de sacristia, e repetir mais uma vez o sediço chavão tão caro a hyprocrisia, que a maioria dos brasileiros é exclusivamente catholica! Si o espirito clerical não tivesse comprehendido que nessa affirmação estava o grito de alarma do livre pensamento contra a obra do obscurantismo que elle encarna e perpetúa como meio de triumpho, teria certamente sacudido os hombros e deixado passar o relampago, embora o clarão lhe perturbasse um momento a tranquillidade do antro.

Que disse afinal o professor italiano que pudesse provocar a furia ultramontana? Affirmou uma verdade e foi quanto bastou para que se infumasse de colera a vela da reacção.

Talvez se justificasse essa attitude dos servidores do vaticano, si Ferri para provar que não exaggerava, chamando a attenção dos brasileiros para o perigo que os ameaça, passasse em revista a historia do papado afim de rememorar as scenas de orgia, os crimes monstruosos, os actos de simonia, a vergonha das indulgencias e outras abjecções que assignalaram o abysmo entre a suave e consoladora doutrina de Jesus, e a secular parodia do paganismo representada pelos successores de S. Pedro.

Ao ver relembradas as torturas inquisitoriaes que precediam as fogueiras dos autos de fé, as ferozes perseguições movidas deshumana e friamente aos sectarios de outras religiões, as sangrentas crusadas que se desdobraram de espaço á espaço em horriveis morticinios, a perversidade com que certos pontifices, celebres na historia, procuraram, escudados na força que lhes dava o fanatismo, humilhar imperadores e reis, comprehende-se que o ultramontanismo, amarrado de chofre ao pelourinho da verdade, usasse do direito de espernear, direito que ninguem contesta aos que são feridos de morte.

Os espectros de Alexandre Borgia e de Gregorio VII, o primeiro envenenando na luxuria, no incesto e no assassinato o annel do pescador, o segundo, monstro de orgulho, inflingindo a tortura da humilhação a Henrique IV, no Castello fortificado de Canossa, são realmente duas patentes negações do christianismo!

Mas Enrico Ferri não mergulhou tão fundo na historia. Limitou-se a invocar a conducta dos papas mais recentes, que, sitiados pela tendencia moderna dos povos, já não podiam ser máus como foram alguns dos seus antecessores protegidos pela ignorancia e pelo fanatismo. Recordou a acção do papado representado nos tres ultimos pontifices, Pio IX, Leão XIII e Pio X, e isso bastou para demonstrar que entre a Igreja romana e a civilisação não ha conciliação possivel.

E' o proprio chefe da Igreja quem o diz em pleno seculo XIX; é Pio IX, um papa de hontem, quem confirma, apoiado em documento de alta importancia para a christandade, que considera uma heresia sustentar a possibilidade duma conciliação entre a Igreja Catholica Romana e a civilisação moderna; é esse mesmo pontifice, tido por um dos soes da religião, quem proclama um acto de demencia pensar que o homem possa ter liberdade de consciencia e direito de manifestal-a pela tribuna e pela imprensa.

Precisava Enrico Ferri de outros factos para sustentar o perigo do clericalismo, quando é a propria Igreja Catholica quem declara que só concede á humanidade o direito de estagnação na ignorancia?

E era preciso que o papado o dissesse? Os factos ahi estão antecedendo a affirmativa. A Hespanha é um exemplo da politica tenebrosa do clericalismo que lhe fez perder não só as energias como todos os territorios situados fóra do continente europeu. O gigante que se estendia sobre tres continentes, acabou redusido ao territorio primitivo graças á politica do obscurantismo e da perseguição movida pelas ordens religiosas, politica que teve as suas ultimas consequencias nas Philippinas, onde os indigenas não podendo supportar a oppressão dos conventos, preferiram se entregar ao protectorado duma nação protestante.

Portugal ainda soffre as consequencias do analphabetismo romano. A Italia vegetou até 1870, fragmentada e abatida sob o guante secular do papado retrogrado, só começando a reviver depois da obra de unificação que a libertou da acção nefasta do clericalismo.

A França para não ter a mesma sorte da Hespanha sinão talvez peor, viu-se obrigada a tomar uma resolução suprema, expulsando do seu territorio os inimigos systematicos da civilisação e do progresso.

Diante desses exemplos Ferri não tinha necessidade de se entregar a fundas escavações historicas para assignalar o perigo que nos ameaça. E não era preciso que o sabio italiano viesse abrir os olhos ao governo brazileiro porque a conducta da Igreja para com a Republica, já o devia ter posto no bom caminho. Por uma deferencia ao chefe da Igreja, mantemos uma legação junto ao Vaticano, forçando assim os principios de direito internacional que não autorisam representação diplomatica sinão de soberano a soberano, e violando abertamente a nossa constituição politica, que não cogita de seitas religiosas, nem faz distincção entre ellas, por isso que garante a todas a mais ampla liberdade espiritual de accordo com a lei, isto é, conforme o principio de direito publico moderno que proclama a igreja livre no Estado soberano. Ainda, por um desvio das normas republicanas e para satisfação de vaidades diplomaticas, fomos até ao Vaticano negociar a nomeação d'um Cardeal brazileiro, cuja investidura nos custou consideraveis sacrificios pecuniarios. E, como um erro conduz a outro erro, tivemos de fazer novos sacrificios para auxiliar o Cardeal a manter a dignidade da purpura.

Agora o modo porque se correspondeu a tanta generosidade é que é realmente original.

O proprio Cardeal, que não tem patria por isso mesmo que é Cardeal, encarregou a um dos seus subordinados de insultar diariamente do pulpito, numa serie de conferencias não só o governo republicano como todos os homens da Republica, e não contente com isso mandou que se desrespeitasse a bandeira nacional dentro duma igreja, numa solemnidade em que tomavam parte em caracter particular, representantes das forças armadas.

Como porém, o papa junto de quem temos uma legação, é solidario com a conducta do seu representante no Brazil, não deixou tambem de desconsiderar o nosso pavilhão numa festividade em que tomavam parte as republicas sul-americanas, mandando que elle fosse retirado do meio das outras bandeiras.

Taes factos são caracteristicos. Ferri não fez mais do que constatar uma verdade porque, ninguem se illuda: libertamos-nos da escravidão e da monarchia sem derramar uma gotta de sangue, mas não conseguiremos nos libertar por esse preço do clericalismo que ameaça reduzir-nos á situação da Hespanha! O proprio clero brasileiro, cujas tradições de liberalismo são conhecidas, está sendo grandemente prejudicado pelo actual movimento ultramontano que vae avassalando tudo com enorme perigo para a Republica e para os destinos da nossa nacionalidade.

SILVA MARQUES.

RECORDAÇÕES DE VIAGENS

TENUES e fugases raios solares se reflectiam em gigantescos *cummulus*, que se assemelhavam a montanhas ambulantes, a errar no espaço infindo; já se ouviam o balido das ovelhas, o grunhido dos porcos, o berro altitroante da bezerrada, o relinchar da cavalhada a reclamarem todos, em unisono e ensurdecedor appello, a sua racção vespertina, quando apeei em uma pittoresca e confortavel morada de paredes alvadias.

O frio caracteristico dos altos sertões, soprado por uma brisa embalsamada, suave, aromatisada pelo perfume esquisito das flores e das grammineas, já se fazia notado. Eu viajava escoteiro, de sorte que me tive de dirigir ao morador, para lhe solicitar uma pousada.

Annunciei-me, e em seguida apeei, a solicitações suas.

Um movimento desusado, que notei na sala, denunciou-me a existencia de facto anormal e lugubre, que se passára, revelado pelo facies contricto, pelas exclamações e suspiros langorosos dos que se viam pelas immediações da porta, tristes, cabisbaixos.

Alem, para os lados do engenho e ao pé do paiol, erguiam-se algumas *barracas*, avermelhadas pela tinta das estradas.

Cavallos esqueleticos, cachorros na espinha, crianças esqualidas e sujas, com o corpo em plena nudez; mulheres com nauseabundos andrajos pendurados ao corpo; homens de pelle acoberada, cobertos de enormes chapéos de grosseira palha, calças em frangalhos, camisas em tiras, tudo isto alli se via indic ndo o estado de inclemente miseria daquella pobre gente, em promiscuo convivio.

Lia-se-lhes no semblante a expressão caracteristica de uma dôr acerba a torturar-lhes o coração.

Eram ciganos, gente nomade, que vagueia pelos sertões, como impellida por uma força psychica a que obedece cegamente.

Vivem do furto e de transacções illicitas, que fazem sobre o producto de seu crime.

Mal se aproximam de uma pessôa, propõem-lhe uma *barganha*.

Dormem aqui e amanhecem kilometros além, conformes ás injuncções da indecorosa e arriscada profissão adoptada.

Quando semelhante horda se avisinha de um morador, este se alarma e se previne para impedir a delapidação de sua propriedade.

As transacções do cigano se fazem de preferencia sobre animaes; porém se estendem tambem a todo e qualquer objecto, que puder adquirir pelo furto. Não é raro se os vêr propondo *barganha* de facas com bainha de prata, armas de fogo, joias, etc.

A pessôa que com elles negocia póde ter a convicção de que não pratica um acto licito — a origem de sua propriedade é invariavelmente o roubo ou o furto.

Como se vê, têm noção positiva de um socialismo exagerado, em que o direito de propriedade se reduz á mera presumpção da posse disputavel pelo mais audaz e astuto.

Em regra não apoiam os seus direitos nas armas; mas não são raros os exemplos de reacções armadas, oppostas por elles contra os que lhes pretendem turbar a illicita propriedade.

Arguto, o cigano permuta um bom animal de sella, de valôr, por um sendeiro qualquer. Quando o faz é porque tem a certeza de que o legitimo dono lhe vem ao encalço. O facto é que elle encontra sempre individuos de *bôa fé* com quem fazer as suas trasacções.

O povo no geral teme os ciganos, porque tem a certeza de que no seu arrastão alguma cousa lhe levará.

Quando chegam em um morador, as mulheres invadem a casa a solicitar recursos para a sua cosinha.

Mais pelo temor, que pelo espirito de caridade, os moradores lhes fornecem o necessario.

Elles se submettem a um determinado regimen. Ha um chefe a que todos obedecem cegamente.

Falam uma *algaravia* incomprehensivel.

Tão logo me vi em meio destes perigosos larapios, recommendei a meus camaradas que collocassem os animaes em pasto fechado (potreiro), e ercendo a maxima vigilancia, para que me não deixassem a pé no seguinte dia.

Com certo constrangimento penetrei na sala da casa, ampla, tendo alguns catres encostados á parede, uma pesada mesa de balsamo, collocada ao meio, e sobre esta o cadaver ainda quente de uma linda rapariga de corridos e negros cabellos, que em voluptuosas madeixas lhe ornavam a bella cabeça.

Constringiu-se-me o coração ao deparar aquelle piedoso quadro.

Sobre 4 palmatorias de latão se ardiam esguias e esfumacentas velinhas de cêra a illuminar aquella sala, que a noite escurecia.

A morte não fora o effeito de uma chronica enfermidade, nem a obra inopinada de uma invasão morbida de marcha accelerada.

As suas mãos, alvadias como o seu rosto de alabastro, tinham a base das unhas enegrecidas.

Igual symptoma se manifestava no rosto, por baixo das palpebras.

Um subito ataque a matára, disseram-me.

Vestia singelamente, porem as suas roupas eram limpas e bem feitas.

Trasia uma camisa de rendas e bordados, que lhe occultava imperfeitamente os entumecidos seios. Comprehendi sem esforço que se não tratava de uma cigana.

Aquelle collo voluptuoso, roliço, alvo, coberto de finos e tenues pellos não mais arfava. Mostrava-se-lhe gracil o sulco de linhas delicadas, formado pela elevação das mamas, ainda erectas.

A sua physionomia era serena. Parecia que dormia um somno delicioso, tal a ponta de sorriso que se lhe delineava na comessura dos labios, ora arroxeados.

Descançava a gracil cabeça sobre um travesseiro roliço de palha de milho.

Seus pés núS, revelavam certo cuidado. As unhas eram limpas e cortadas rentes.

Era um pé fino, bem talhado, pequeno, possuindo covas graciosas. Cingia-lhe a cintura uma saia de cretone vermelho-listrado.

Suppuz a principio tratar-se de uma pessoa da familia do morador, mas essa falsa supposição se desfez, quando vi que os ciganos iam e vinham, debulhados em profundo pranto.

Perguntei ao dono da casa quem era; e elle respondeu-me: é a mulher do chefe dos ciganos.

Indicou-me então um homem espadaúdo, que se achava sentado em um môcho, a um canto, com o olhar fincado no cadaver.

O seu mutismo era absoluto; parecia uma estatua.

Li-lhe no semblante a dôr immensa que lhe lacerava a alma.

As mãos, tinha-as sobre os joelhos, em attitude de um vencido.

Uma grande tigela com agua benta, na qual imergiram um ramo de alecrim, foi collocada ao lado do cadaver.

De um em um, os presentes tomavam do improvisado hyssôpe, mergulhavam-no na tigela e orvalhavam o cadaver com a agua, que as folhas glaucas do alecrim trasiam adherentes.

Eu havia chegado em momento angustioso para toda aquella gente. O meu coração se me constringia ante tão triste espectaculo; mas a renovação do organismo exigia alimento: e assim tive de solicitar do Sr. Fidencio (era este o nome do dono da casa) a bondade de me mandar preparar um jantar, que sem grande demora foi servido na *varanda* (sala de jantar) de sua casa.

Commumente os hospedes são servidos na sala de visita, porque o homem do matto, muito judiciosamente, só acolhe no seio de sua familia pessoas do seu intimo conhecimento.

Havia eu voltado á sala mortuaria, depois de obter do Sr. Fidencio permissão para me aboletar em seu paiol, quando presenciei uma scena estranha e dolorosa.

O homem que eu vira estatelado a um canto e que se me informou ser chefe dos ciganos, marido presumptivo da morta, levanta-se cauto. Caminha para a meza onde estava o cadaver, contempla-lhe o angelico e já desfigurado rosto, arfa estertorosamente o peito oppresso pela dôr, que o acabrunha, e curva-se.

Toma-lhe a dextra, acaricia-a entre as suas, orvalha-a com as suas lagrimas, que se lhe desprendiam em grossos bategas e beija-a soffregamente.

Deixa-a, olha para o rosto que lhe parecia sorrir, reclina a cabeça sobre elle e beija-o impetuosamente.

Comtempla os seios, toca-lhes a mão em doce e meiga caricia, e debruçando-se, beija-os longamente.

Um convulso choro faz-lhe erguer o busto por momentos.

Reclina-se novamente sobre o cadaver e, cousa estranha, manifestação esquisita, expressiva e vehemente de um lascivo affecto, lambe-o cadenciadamente!

Fiquei perplexo ante aquella scena de dôr intensa, aquella manifestação incontida e immoderada de uma paixão, que o infortunio levou ao seu auge.

Tive a impressão de que o homem perdera o uso da razão.

Sim; é admissivel que se beije respeitosamente a um cadaver de pessôa cara; mas é inconcebivel que haja um sentimento tão indomavel, que impilla um homem a lambel-o.

Haviam se passado algumas horas; o frio cadaverico já se manifestava, a decomposição se começara, o perigo de uma infecção se patenteara, como pois se explicar essa scena repulsiva?

Era a obra de um amor louco, indomito, que transtornou por momento aquelle cerebro francamente avassalado por um sentimento profundo, intenso, que lhe perturbou momentaneamente o equilibrio normal.

Foi então que comprehendi porque aquelle homem se expunha a uma grave infecção, lambendo um cadaver, e assim se expondo a um grande perigo, pela deglutição de micro-organismos, que naquelle instante pullulavam por certo sobre a superficie externa do corpo. Toxinas violentas se formavam externamente sob a infuencia desses mesmos infinitamente pequenos, desses *dx* da vida; e no entretanto elle zombava de tudo, expondo se n'uma inconsciencia lastimavel.

Como, de que modo pudera esse homem apoderar-se de uma tão linda e gracil rapariga?

Foi a interrogação que assaltou-me o cerebro.

Indagando de uma velha cigana, que me pareceu sua mãe, e que effectivamente o era, consegui saber a historia dessa posse extranha que só a violencia poderia explicar.

Sim; não era crivel que uma rapariga fina. como ella parecia ser, se houvesse deixado conquistar por um cigano, muito embora fosse elle um bonito typo de homem.

Em resumo, narrou-me o modo pelo qual elle se tornou o amante da infeliz moça.

Vivia ella em companhia de sua mãe viuva, em uma fazenda.

Seu unico irmão se transviara e abandonara o tecto materno.

Seu pae perseguira violentamente os ciganos, atacando-os em differentes occasiões.

Um odio mortal se levantou entre estes e aquelle.

Certo dia o fazendeiro foi encontrado morto a beira de um regato, perdido dentro de densa matta. Tinha o peito varado por bala.

Homem perseguidor e máo, ninguem poude precisar com segurança donde lhe teria vindo a morte. Falou-se nos ciganos, porém não havia noticia delles.

O crime ficou impune.

A propriedade entrou em decadencia.

A moça, certo dia, com permissão de sua mãe, fora visitar uma aggregada, que morava distante meia legua.

Não mais regressou á casa.

Mil commentarios se fiseram sobre sua desapparição.

O chefe dos ciganos jurára vingar-se do fazendeiro.

Nem mesmo após a sua morte tragica, esse odio se arrefecera.

Astuto, rondava á casa no intuito de praticar uma vingança qualquer. Fora elle que raptára a infeliz moça.

Não é raro encontrar-se pelos sertões typos de belleza peregrina, creados pelas influencias de um clima delicioso e ameno.

A natureza exhuberante dos planaltos centraes, as pompas da sua luxuriante vegetação, a multiplicidade de panoramas arrebatadores, a pureza das fontes, a brandura dos raios solares, a suavidade e esplendor da luz m stica da lua, o echo do trovão a ribombar pelas quebradas, esmaecendo de intensidade; a caricia enternecedora da brisa dos campos empregnada do aroma das flores, o balido das ovelhas, o berro do gado, tudo isto concorre para que a mulher se forme sob essas influencias e lhes copie os encantos.

O odiento cigano apoderou-se da desapercebida rapariga, amordaçou-a e içou-a ao seu veloz corcel.

Galopou pelos campos em fora até muito longe.

Quando já não tinha que temer, deu-lhe liberdade aos movimentos. Era tarde para que lhe pudesse oppor qualquer resistencia.

O medo que se apoderou della foi de tal ordem, que poude saciar seus lubricos desejos sem maiores resistencias.

Estava vingado: tinha feito áquella desventurada familia a maxima vingança.

A belleza da rapariga impressionou-o de tal forma, que uma paixão inenarravel dominou-lhe o coração.

Rodeou-a de caricias, de attenções, proporcionando-lhe compensações á sua desventura.

Não quiz a natureza que, das relações de semelhante natureza entre dous individuos, que se encontraram aproximados pelo odio, surgisse um ser, que fatalmente seria o orgam de uma reconciliação futura.

De natureza pouco expansiva, a rapariga correspondia ás caricias automaticamente. Uma dôr latente minava-lhe o organismo.

Pouco dormia. O somno lhe era interrompido por dyspnéas horriveis, que ella occultava do amante.

Um dia, após penosa jornada, mal chegára ao pouso e se apeara, sentio uma forte dôr no coração; mas nem teve tempo de deixar fugir uma exclamação: caio inerte na gramma verde, entremeada de minusculos arbustos em florescencia.

Eis a historia dessa pobre moça, como me foi referida pela velha mãe do chefe dos ciganos. Soube por ella que no instante preciso em que se deu o seu fallecimento, tivera o filho identica e extranha crise, beijando e lambendo nervosamente a rapariga.

Pela manhã emprehendi a marcha do dia, sem comtudo ter dormido tranquillamente. Durante á noite ouvi por vezes canticos lugubres, rezas monotonas, que me faziam perder o somno. Até tarde velei o cadaver. Depois retirei-me para o paiol.

Ignoro o que se passou depois que me puz a caminho.

Ha bastantes annos que esta triste scena se passou, mas foi tão profunda a impressão deixada em meu espirito, que até hoje della me recordo em seus menores detalhes, com o coração contricto.

EDUARDO SOCRATES.

A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL

O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCHE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - DROGARIA PACHECO

Anno V

Numero 11

NOVEMBRO DE 1908

KOSMOS

SUMMARIO

Chronica	G. D.
Trecho de um romance inedito	Thomaz Lopes
Quatro feições Femininas	André de Rezende
Typos e Symbolos	João Luzo
O Talisman	Coelho Netto
Uma Tourada em Madrid	Ferreira da Rosa
Na Bacia do Prata	Jurema
Começos Literarios do Brazil	José Verissimo
O Cabaret de Yvonne	Gonzaga Duque
O Socialismo Atravez da Historia	Silva Marques
Um Mysterioso Mediterraneo da America	Arminio de Mello Franco
Lagrimas de Sangue	Rodolpho Theophilo

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Auctorisada a funccionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistro pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

EQUITATIVA

Os sorteios têem logar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

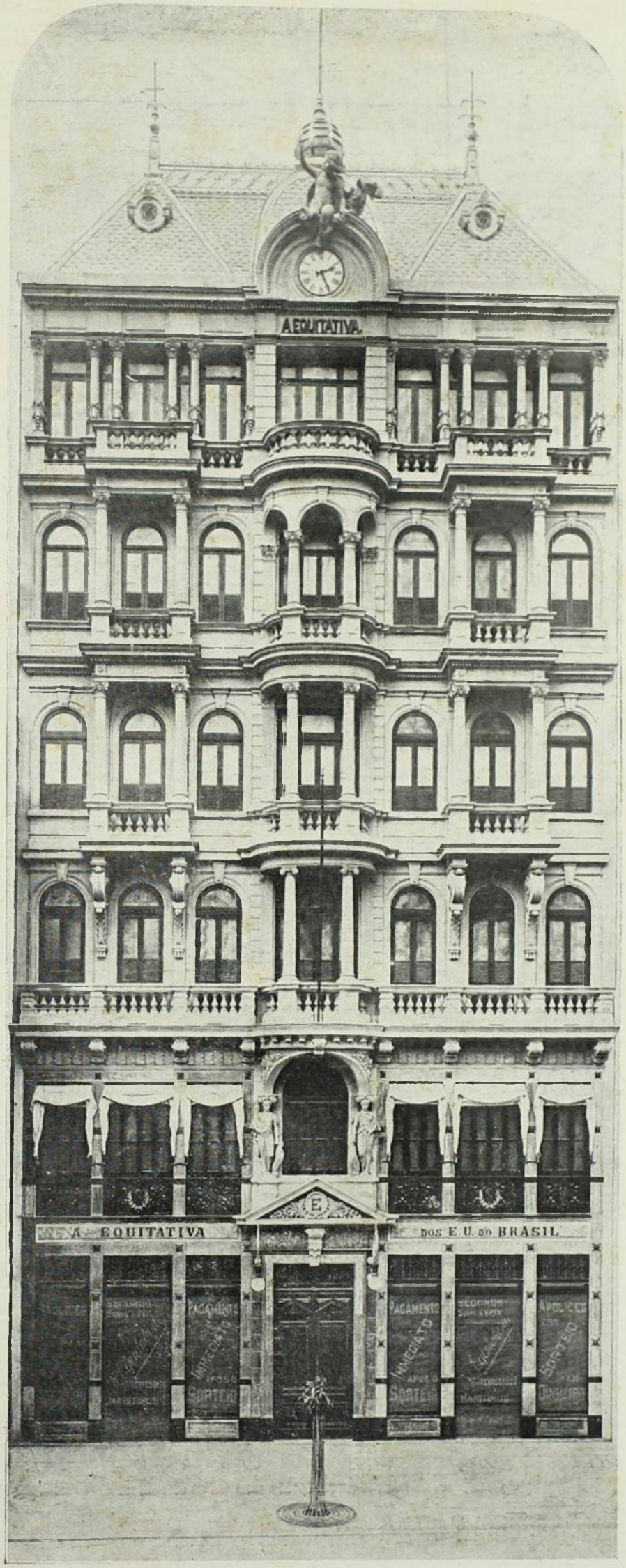
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

SABBADO — 23 DE JANEIRO — SABBADO

Grande e extraordinaria Loteria Federal

179 — 5º

Por 1$600 **100:000$000** *Por 1$600*

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 14

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . 20$000 EXTERIOR. . . . 25$000
NUMERO AVULSO 2$000 — ATRAZADO 3$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

ANNO V — NOVEMBRO 1908 — N. 11

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

FERRI foi o homem do mez. E o flammigero novembro, sobre o impetuoso Sagitario, parece ter se apressado em o acolher. Assim o revel, o revolto e inflammado Enrico Ferri teve o seu scenario proprio. Por que, Srs., não se podia comprehender a oratoria chammejante, a palavra arrebatada do illustre socialista do *Avanti!* em pardacentos dias de chuva e quando os rheumatismos impedem a largueza dos gestos e o calor das ovações.

Por esse lado, o grande sociologo e criminologista italiano entrou nesta Capital com o pé direito. O mez esteve magnifico em ardores veranicos, o céo manteve-se dum azul de porcelana nova, o sol queimou á larga.

Bem lhe valeu a entrada, que dizemos feita com o pé direito por uma simples figura de rhetorica familiar, porquanto tão claro espirito não baixa á toleima das superstições, mas, assim e doutro modo, bem lhe valeu chegar aqui no momento em que, terminada a Exposição Nacional, prestes a encerrarem as sessões do Congresso, ameaçavamos cahir na pasmaceira de todos os annos, que medeia entre os novembros sem *bernardas* e os maios renovadores.

Ainda nos restava algum calorzinho e... porque não falar a verdade quando se trata de espirito tão emancipado?... digamos — alguns cobres para a conquista dos logares d'onde podiamos admirar o eminente orador, ouvir a sua vóz de fulminante Jupiter tribunicio, aprender no seu magno saber de scienticista.

E que foi essa vóz, e para quanto servia esse saber, ahi ficará memoravel o incendio que ateáram, quer o do enthusiasmo concordante, quer o da contradição insoffrida.

Se, para gloria sua, ao pisar terra carioca, vio-se cercado de eminencias sociaes, tambem lhe não faltou á evidencia dessa gloria o arranhão dos contradictores, que mais a elevaram pelo renhido da pugna

E postoquê o illustre homem não se medisse com adversarios, não nos désse, á nós, o goso das luctas oratorias, que julgamos muito a contento da nossa indole verbosa de latinos e mestiçados, todavia tantas verdades proclamou, ou tantas audaciosas proposições teve a opportunidade de levantar, que desde logo, pressurosamente, se arregimentaram contradictores e refutadores a anteporem á sonóra e forte palavra delle a massa disforme dos seus argumentos e doutrinas.

Esses argumentos, porem, limitaram-se quasi exclusivamente a combater o que Enrico Ferri disse sobre o catholicismo.

Comprehendam, antes de tudo, que não censuramos os contradictores. Nada ha mais louvavel do que a defesa duma crença.

O facto que apontamos encerra a estranheza de que não houvesse calorosos protestos contra a sua prelecção sobre a Mulher, especialmente por parte das senhoras que de quando em quando, se aventuram á exibição publica na tribuna das conferencias da moda. Em defesa da mulher, que o illustre socialista não atacou, como desastradamente foi dito, mas a cujo respeito lançou affirmações contrarias ao julgamento commum, apenas ergueu-se o Sr. Teixeira Mendes, em nome do Apostolado Positivista.

Verdade é que alguns oradores, que o combateram, fizeram de passagem referencia a esse assumpto, e um houve que com o desageitamento do reproche attribuiu ao professor Ferri sentimento muitissimo diverso ao que elle procurou externar com o nascimento da sua filha. Mas, na totalidade quasi absoluta, os protestos tiveram um fundo, um impulso clerical.

Deixemos, porem, de parte este delicado ponto, que não é essencial a uma ligeira chronica dos acontecimentos do mez, e por ser descutivel merece a fortaleza e proficiencia de uma penna como a do Dr. Silva Marques, cavalleiro de escudo e cóta do jornalismo combativo.

O protesto dos catholicos teve, para nós todos, o merito de provar ao mundo civilisado que este ambicionado presunto geographico, conhecido pelo nome controvertido de Brasil com s ou com z, é a terra mais bem fadada do mundo. Dizemos terra, o que não é a mesma cousa que nação.

E assim concluimos, mais convencidos do que nunca, porque a revelação de sabios, que se descobriram no ardor das refutações, foi em tal numero que nos deixou boquiabertos.

Não sabiamos, palavra d'honra! que o vasto Brasil, tão restrictamente civilisado, e, relativamente, mais analphabéto do que a Russia, contivesse no seu seio, isto é, na sua Capital, tantos sabios!

Não os conheciamos em numero tão vasto, nem mesmo seriamos capazes de fantasiar a sua existencia.

E foi só na Capital... Imaginemos quantos não ha por esses Estados todos, do Norte e do Sul!

Nunca, em nossos dias, que não são poucos, ouvimos questionar-se sciencia como nessa occasião. A biologia, a anatomia, a physiologia, em summa, o immenso arsenal da sabedoria humana desabou sobre o audictorio das conferencias, sem accidentes lamentaveis.

E o mais embasbaqueador não era, propriamente, o profundo conhecimento scientifico demonstrado pelos conferencistas; era, sem duvida, as conclusões a que alguns chegaram de que a Sciencia, assim escripta com maiscula, e endeusada por acatholicos e atheus, é falsa, nada sabe. A luz está com elles, os refutadores. Elles são a *Ligith and Power* monopolisadora dos conhecimentos humanos. Transformano-nos num feixe gordo de admirativas perplexas. E olhem que, diante do estupendo caso, essa transformação pouco foi, podiamos ter ficado reduzidos a zero.

Realmente, a descoberta não é tanto uma gloria para a nossa patria como uma garantia para o nosso salvamento futuro.

Porque, Srs., com tantos sabios, duvidamos que haja crise capaz de dar o homerico empurrão, ha muitos séculos esperado, que hade projectar o Brasil no abysmo, a cuja beira parece ter ficado pachorrentamente.

Sim, não haverá crise alguma, nem mesmo a esperada crise do café, provocada por outros paizes productores que se apresentam para a terrivel concurrencia, nem mesmo essa, apesar do fructo da preciosa rubiacea não ser imprescindivel á economia humana, conseguirá arruinar a nossa estabilidade, porque ahi temos sabios ás duzias (não leiam das duzias), aos centos, talvez aos milheiros, capazes de, com suas bitaculas sapientes, resolverem os mais intricados problemas da existencia nacional.

Louvados sejam os céos!

Agora sim, agora é que podemos falar grosso e roncar fórte. Estamos garantidos, bem estribados na sabedoria dos nossos sapientissimos doutores, formados ou não formados, mas de tal modo forrados de saber que não ha mais no mundo inteiro, virado do direito para o avesso, e revirado, uma só migalha de sabedoria que lhes não pertença. *Caramba!*

E essa descoberta, que vale todo o ouro do Morro Velho, levando por quebra o que São João V nos apanhou para a sua feroz beatice, devemol-a ao professor Ferri.

Ciciaram por ahi, á sorrelfa, que o nosso illustre visitante veiu á America do Sul em conchavo com um emprezario. Não vemos razão para o segredinho, que é offensivo. Póde-se declarar o caso em vóz alta, porque elle não attinge á honorabilidade do digno homem, que é pobre, e que vive do seu talento. E o que seu talento produz alveja um bem para a humanidade.

Tambem para cuidar do bem da humanidade, soprando para o céo as almas peccadoras, vive o santo padre em Roma com os milhões esterlinos que lhe envia a christandade.

Pois que o fosse! O professor Ferri ganhou honesta, dignamente o seu dinheiro, e nós brazileiros mais, muito mais lhe devemos, porque só a revelação que tivemos de tantos sabios

encapuchados na sua sizuda modestia, não se paga com uns magros contos de réis.

Foi um inestimavel serviço prestado pelo eminente italiano, involuntario embora! Porque se não fosse a coragem das suas convicções, o ardor communicativo das suas palavras, a belleza revolucionaria das suas ideias, esses sabios estariam agachadinhos no seu canto e indifferentes á sorte, já não diremos do resto da humanidade, mas da sua, da nossa estremecida patria, porque acima do immenso cabedal scientifico que os impazina, elles poem a sua fé que os enfronha de mansuetude.

Bemaventurados, não ha duvida, mas pouco humanos.

G. D.

TRECHO DE UM ROMANCE INÉDITO

(A VIDA — Final do Capitulo V)

. . . . . .

De subito as conversas ficaram suspensas, todos emmudeceram. O bonde sahia do tunnel, e rasgava-se deante dos olhos um horizonte maravilhoso. Para a direita o terreno resvalava num curto despenhadeiro, formando em baixo a ligeira ondulação de um valle, onde duas ou tres casinhas tiravam o caracter silvestre da paizagem; dois immensos rochedos aprumavam-se como atalaias; para traz se percebiam as grimpas das montanhas da Gavea e do Corcovado. Para o lado esquerdo grandes penedos abruptos cercavam a estrada que subia o outeiro, em cujas entranhas se rasgara o tunnel. Em frente era o mar espumante e revolto, limitado aos flancos pelo Leme e pela ponta da Egrejinha. E toda essa paizagem fantastica de sonho se accentuava no brilho incerto e tenue do luar, que a todas as coisas empresta linhas bizarras, que a tudo envolve sob as suas azas, de onde parece soltar-se e fluctuar um polvilhamento de oiro.

Maravilhado Luiz exclamou:

— Bravos! Bravos! Viva quem tal grandeza creou!

Maria disse surprehendida:

— Foi Deus!

Mas Luiz queria que ella se iniciasse na mysteriosa belleza da noite enluarada:

— Procure ver o que está escondido ou o que brilha apenas no conjunto. As côres fundamentaes já não têem o antigo encanto aos olhos de um artista; o que maravilha é a nuance, são as côres indefinidas, que participam de todas as outras, mas que não procedem directamente de nem uma. A nuance das côres é, — como que direi? — é como uma flor que se formasse da belleza perfeita de uma rosa e de uma camelia, e que rescendesse como um cravo ou como um uma magnolia... A nuance é a mais subtil expressão da arte... Veja aquellas duas palmeiras.

Maria olhou e viu erguidas sobre uma encosta duas palmeiras muito altas, esguias, eguaes. Parecia que ellas tinham nascido e crescido naquella noite de luar, unicamente para espiritualisar a paizagem. Eram incomparavelmente bellas e donairosas, subindo no espaço como dois novellos de incenso, abrindo no alto em dois leques de esmeralda, donde o luar escorria como uma chuva de oiro liquido.

Enthusiasmado Domicio Velloso exclamou:

— Que noite estupenda, caramba!

E Mendes Barbosa, accendendo um longo charuto:

— O que falta aqui é um bom restaurante onde se jante bem...

Na Egrejinha os dois grupos desceram e se encaminharam para o rochedo, onde se accentuava a brancura do templosinho. Em baixo o mar rugia, entrava muito escuro, numa só massa, pelas boccas abertas das cavernas, pelas anfractuosidades dos rochedos, pelos arcos irregulares formados pelas pedras, avançando como um tigre, mais luzidio do que o dorso de uma serpente, e explodindo em convulsões violentas, fazia-se em mil pedaços, abrindo-se, espadanando em leque, — logo enfocado pelo luar, — brilhando nas cambiantes do azul, do verde e do branco, desfazendo-se numa chuva miuda de espumas e de orvalhos.

Luiz, inebriado de poesia, envolto pela extranha belleza da noite, começou a dizer um

soneto de Stecchetti, em voz alta, porque então preferia ser ouvido:

«*Il mar lambendo instancabile, lento*
La sabbia fina dell'umida sponda,
Con ritmo uguale mandava un lamento,
Quasi un singhiozzo, alla notte profonda.»

— Bellos versos! murmurou o barão amavelmente, — interrompendo o soneto.

— Lindos! echoou a voz da baroneza.

— Luiz proseguiu:

«*Occhi benigni, le stelle d'argento*
Guardavan fisse la terra feconda.
Amor vagava nel ciel sonnolento
Ed io sperai la fortuna seconda.»

Maria numa attitude, que bem propriamente se poderia chamar de abstracção concentrada, contemplava o mar e o embate das vagas nos rochedos; Constantina, com os olhos fitos em Luiz, acompanhava o movimento dos seus labios murmurando os versos. Gustavo naquelle momento estava esquecido... Oh! o poder maravilhoso da poesia sobre as almas femininas, principalmente em noite de luar!... E Luiz comparou as suas duas ouvintes ao *Amor Casto* e ao *Amor Profano*, de Tiziano. Proseguiu:

«*Il cor t'apersi con timido accento,*
Sfiorai col lobbro la chioma tua bionda
Ed al trionfo credetti un momento...»

Na verdade uma brisa muito leve agitava os cabellos de oiro de Constantina, que os afastava dos olhos e da face com o reverso da mão, num movimento elegante. Luiz, como falando á lua terminou:

«*Addio, fantasmi d'un'ora gioconda,*
Sogni d'amore dispersi dal vento,
Care speranze cadute nell'onda!»

— Bravissimo! applaudiu Velloso.

— Muito bem! Muito bem! exclamou o barão Mendes Barbosa, batendo palmas.

O maior elogio foi de Constantina:

— Com que alma o senhor diz!...

Alguns instantes, em silencio, todos contemplaram o pharol da Raza, com intermitencias de luz colorida; e ao longe, quasi na linha do horizonte, destacou-se nitidamente o perfil de um grande navio enluarado. Luiz achou que devia ser o *Navio Fantasma*, de Wagner; o barão informou que devia ser um paquete da *Mala Real*.

— Eu não lhe disse que o mar é triste? segredou Luiz a Maria.

— Mas eu tambem lhe disse que *á noite* elle é triste, respondeu ella.

Calaram-se agitados, sentindo que algo grande e solemne como o mar e como a noite se levantava entre elles.

— Si a senhora quizesse eu acharia alegre até a morte, quanto mais o mar...

— Si eu quizesse?... Mas porque eu e não outra pessôa?

Elle sorriu:

— Porque?! Então não sabe? Será preciso que eu lhe diga?

Maria tinha apenas um fio de voz:

— De certo! Eu não posso adivinhar...

Luiz ingenuamente entristeceu por ella não adivinhar o seu segredo, sem se lembrar de que toda mulher, mesmo quando não ame, gosta de se saber amada, — porque o amor é uma das fórmas da glorificação.

— Pois então não sabe?

Ella insistiu:

— O que?

Quatro palavras chegaram a seus ouvidos, num rumor que lhe pareceu uma tempestade, mais cantantes do que as ondas que rolavam na praia:

— Que eu a amo!

— Maria, vamos minha filha!...

Ella estremeceu, olhou para Luiz profundamente, sorriu-lhe, — e respondeu:

— Vamos, Mamãe.

Foi tudo; deixou-lhe no coração uma certeza toda embrulhada em duvidas. Luiz appellou para a viagem no bonde; mas no bonde Constantina apoderou-se de Maria, de modo que elle não poude quasi trocar uma palavra com ella. Mas tantas vezes Maria irresistivelmente o olhou, com um olhar que sorria e entrava pela alma, que elle subitamente se sentiu mais feliz do que Romeu no primeiro acto. Na estação duas raparigas, com os cabellos pintados de loiro, entraram no bonde, falando francez. Sem se explicar como, Luiz desviou dellas os olhos, pousando-os sobre a baroneza que conversou animadamente com Maria, e pensou, mao grado seu, que toda a tarde Constantina estivera num leito prohibido. Varreu da lembrança esse pensamento descortez, nascido da comparação com as duas raparigas, e achou que Gustavo não fôra nada tolo em escolher uma amante chic como a baroneza... Gustavo justamente estava pensando que Luiz devia sentir-se muito feliz em amar uma creatura tão discreta como Maria...

— Quando é o baile do Club dos Diarios? perguntou Luiz ao amigo, com uma idéa subita.

— Sabbado, respondeu Gustavo, que se entretinha conversando com D. Yayá.

As duas trefegas Francezinhas falavam, riam alto, chamando a attenção dos passageiros. A baroneza pensou comsigo que mulheres assim não deviam poder viajar no mesmo bonde em que viajam as familias...

THOMAZ LOPES.

QUATRO FEIÇÕES FEMININAS

DEPOIS que o professor Enrico Ferri fez a sua conferencia sobre a *Mulher*, levantou-se uma verdadeira celeuma a este respeito.

Foi grande o numero de defensores do chamado sexo fraco, todos o elogiaram, cobriram-n'o de admirações e respeitos e o Sr. Teixeira Mendes, do Apostolado Positivista, chegou a affirmar que o homem tem o dever absoluto de sustentar a mulher, o que pôz calefrios nos que andam a pensar no modo mais pratico de conciliar a deprimente carestia da vida carioca com a exiguidade dos vencimentos e salarios.

Assim, como o assumpto do mez é este, consintam os leitores da *Kósmos* que eu lhes dê, por minha vez, este artigo, curioso por varios modos e no proposito de os divertir.

Tomemos a mulher sobre quatro feições interessantes e vejamos o que dizem os *notaveis* a tal respeito.

Em primeiro logar, devo escolher a feição da belleza, que é sempre agradavel e pela qual a nossa companheira consegue sempre ser nossa soberana, apesar da reconhecida fraqueza do seu sexo. Não repitamos, porem, cousas sabidas e descripções massúdas, demos preferencia, no caso, a uma espirituosa fantasia de Leon Gozlan, o grande amigo de Balsac, sobre a belleza da parisiense que é, por varios titulos, a mulher modelo.

Dou-lhe a palavra:

«A parisiense é bella? porque é bella? desde quando o é?

Um dia a fada Azul desceu á terra com a gentil intenção de distribuir por todas as suas filhas, habitantes de diversos paizes, os thesouros das graças que possuia.

O seu anão Amarante soprou na buzina e logo uma mulher moça de cada nação se apresentou aos pés do throno da fada Azul. Essas unidades, como é facil de imaginar-se, acabaram por uma multidão consideravel. Isso passou-se antes da revolução de Julho de 1830.

A boa fada Azul disse ás suas amigas: Desejo que nenhuma de vós se queixe do dom que eu vos der. Não está nas minhas forças dar-vos, a cada uma, a mesma cousa, e supponho que, por isso mesmo, maior merito existirá nessa generosa distribuição.

Como o tempo é precioso para as fadas, ellas falam pouco. A fada Azul limitou-se a essas palavras e começou a entrega dos seus presentes. Nenhuma se mostrou contrariada.

Ella deu á joven que representava as filhas de Castella cabellos tão negros e tão longos que, com elles poderia fazer uma espessa mantilha.

A' italiana deu olhos vivos e ardentes como uma erupção do Visuvio em meio da noite.

A' turca o contorno redondo como a lua e macio como a penna do ganso septentrional.

A' ingleza uma aurora boreal para tingir as faces, os labios e as espaduas.

A' allemã dentes que nem a propria fada os tinha tão lindos! e o que mais vale do que os dentes, um coração sensivel e profundamente disposto a amar. (1)

A' russa a distincção de uma rainha.

Depois, passando ás minuciosidades, ella collocou a alegria na bocca duma napolitana, o espirito numa irlandeza, o bom-senso n'uma flamenga, e quando nada mais tinha para dar levantou-se disposta a erguer o vôo.

— E eu? perguntou-lhe uma parisiense, retendo-a pela fimbria da sua tunica azul.

— Eu vos esqueci?

— Completamente, senhora.

— Estaveis muito perto de mim, não vos vi. Mas, que dar-vos-ei agora? O sacco dos dons está exgotado.

A fada reflectiu durante segundos, depois fazendo um signal chamou as presenteadas: Sois boas porque sois bellas. Compete-vos reparar um erro que cometti. Assim rogar-vos-ei

A BELLEZA

destacar uma parte dos presentes que vos dei, e gratificar com ella a nossa parisiense. Perdereis pouco e dareis muito. Como recusar a uma fada, e demais a mais á fada Azul?

---

(1) Isso foi escripto em 1853. Depois de 1870, Leon Gozlan, se ainda existisse, seria incapaz de reeditar semelhante conceito. *Nota do Copista.*

Com a graça que não falta ás pessoas felizes, as jovens se approximaram da parisiense e, cada uma por seu turno, lançou-lhe um pouco dos seus bellos cabellos, do roseo da sua côr, dos raios da sua alegria, uma parte da sua sensibilidade... E assim foi que a parisiense, ao principio muito pobre, muito obscura, muito esquecida, se achou, de um instante para outro, mais rica e melhor dotada do que qualquer das suas companheiras.»

Leon Gozlan foi gentil com as suas patricias, não ha duvida, mas ninguem poderá negar que a parisiense seja uma privilegiada dos dotes da Natureza ou da fada Azul.

Ouvindo esta chistosa historiêta sobre a belleza feminina, ouçamos o que dizem sobre o amor da mulher.

O que se vae lêr é de Descuret:

«Se o amor exerce grande influencia no destino do homem, elle governa inteiramente o da mulher. E' bem conhecida a phrase de Madame de Staël: «O amor é a historia da vida das mulheres; é um episodio na dos homens.» Sim, porque na mulher amar e ser amada, eis a sua felicidade suprema. Retirae o amor tudo se descolorirá, tudo se entristecerá em torno della. E' só por elle, unicamente por elle que a mulher deseja agradar; a belleza, o espirito, as graças, a mocidade não têm valor aos seus olhos senão porque taes dótes inspiram o amor!

«Entretanto, todas as mulheres não experimentam a necessidade de amar por um mesmo modo. Algumas, tão voluveis em seus sentimentos quanto em suas idéas, entregam-se desde os mais tenros annos á *coquetterie*, aos vãos prazeres do mundo, e envelhecem prematuramente, em meio do turbilhão de que fazem a sua vida. Outras, mais estimaveis, não comprehendem o amor senão quando elle se liga aos principios de honra e de virtudes em que ellas foram educadas.»

Drouineau pensa: «As mulheres poem a vida no amor. Umas se consomem no amor a seus parentes, seus maridos, seus filhos; como anjos da terra ellas vélam quando elles soffrem, entristecem com as suas tristezas, alegram-se com as suas alegrias; vivem todas nelles; vida de devotamento e de esquecimento de si proprias. Outras, amantes exaltadas, o sangue ardente, dispendem em paixões desordenadas essa energia de sentimentos que deviam honrar com o cumprimento dos seus deveres.»

Neste particular a opinião de lord Byron bem merece ser lida.

«Ai! o amor das mulheres, diz o poeta inglez, é para ellas uma cousa ao mesmo tempo deliciosa e terrivel, porque ellas poem tudo o que possuem neste jogo: si elle lhes é contrario, a vida nada mais lhes póde offerecer do que uma sombra do passado. A sua vingança é como a do tigre, prompta, mortal, inexoravel, elles, porem, sentem uma tortura moral e partilham da dôr dos golpes que dão.»

Byron parece-me exaggerado, como sempre. Falou em amor, e vio logo a vingança. De resto, o assumpto depende de cada temperamento. Assim é que Virey affirma que «a mulher póde começar por amar o seu amante,

O AMOR

mas pouco depois amará o amor por si proprio, isto é, pelo prazer.»

E Ninon de Lenclos dizia: *Le besoin d'aimer fait dans une femme une partie d'elle-même; sa vertu n'est qu'une pièce de rapport.*

A opinião das mulheres neste caso é mais interessante do que a dos homens, descobre sempre uma novidade.

Leiamos algumas notas:

— O verdeiro amor torna desageitados os que parecem menos suceptiveis de serem. (Madame de Choiseul.)

— Nunca ceder ao amor! que sciencia é preciso ter para se garantir contra erro tão seductor! *(id.)*

— O amor é agitação da vida; a amisade o repouso (Madame Cottin.)

— O amor é um habil optico, sabe approximar as distancias e embellezar as perspectivas (Madame Dussillet.)

— O amor é o unico principio que contem a nossa liberdade moral sem a destruir (Madame Agénor de Gasparini.)

— O amor tem singulares terrores e penosos caprichos. Que estranha paixão é esta cujo primeiro movimento é de fugir ao que ella procura, e o segundo o de lamentar-se por ter fugido! (Madame de Girardin.)

— Pouca gente sabe o que é o amor; e entre a que o sabe ha muito pouca gente que o diz (Madame Guizot.)

— Se Satan pudesse amar elle deixaria de ser máo — (Santa Thereza.)

— O amor é como a fé nos milagres: é um trabalho da imaginação para excitar o coração e paralysar o raciocinio (George Sand.)

Para descrever o amor isto é nada, a humanidade continuará a dizer o que lhe vier á cabeça e ao bico da penna e nunca terá dito cousa certa.

O pudor, que sempre serviu de assumpto a muitos escriptores, não tem como o amor o mesmo numero de panegyristas, talvez porque nunca tivesse muitos contradictores.

Entre os que melhor disseram sobre elle cita-se Rousseau com o seu *Elogio:*

«Doce pudor, suprema volupia do Amor! que encantos perde uma mulher no momento em que te renuncia! Ai! se ella conhecesse o teu imperio, quanto cuidado não poria em te conservar, senão por honestidade, ao menos por *coquetterie!* Mas... não se representa o pudor. Não haveria artificio mais ridiculo do que aquelle que o pretendesse imitar.

«A audacia de uma mulher é a confirmação da sua falta: é por muito ter se envergonhado que ella não mais enrubesce, e se algumas vezes o pudor sobrevive á castidade que se deve pensar da castidade quando o proprio pudor está extincto?

O PUDOR

«Contrariando os desejos, o pudor os inflamma; suas apprehensões, seus subterfugios, suas reservas, e suas timidas promessas, sua

A COQUETTERIE

tenra e ingenua delicadeza, dizem o que elle se não animaria dizer e o quanto a paixão não poderia falar se elle lhe faltasse. E' que o pudor engrandece os favores e dulcifica as recusas. O verdadeiro amor possúe, de facto, o que só o pudor lhe disputa; essa mistura de fraqueza e modestia o torna mais penetrante e mais terno: menos elle obtem mais o valor do obtido augmenta, e é assim que elle gosa ao mesmo tempo de suas privações e dos seus prazeres.»

Pensei em substituir este francezismo pela nossa palavra faceirice, mas recuei.

Julgo que o fiz em boa hora porque a equivalencia me pareceu grandemente duvidosa. Assim, com acerto ou desazo, conservo o termo tal qual nos veiu do povo em que, se me não engano, mais se accentúa esta qualidade feminina.

Em que consiste ella?

E' em artificio, mas para o qual se torna necessario talento, ou pelo menos alguma intelligencia. A mulher *coquette* póde não ser bella, mas deve saber agradar pelo partido tirado d'algum dóte physico, o que nunca falta a uma mulher digna deste nome. Afinal, a *coquetterie* é a arte de agradar, de attrahir, de fazer-se amada sem amar. O diabo tem assim me parece, grande parte nessa obra feminina. E como tudo o que o diabo faz, sendo máo, é tentador.

Um escriptor francez de seculo XVIII, descreveu a *coquetterie* por estes termos: «... confunde-se-a erradamente com a galanteria. E' uma palavra de origem franceza pela qual se designa toda a astucia do amor, ou da vaidade, procurando despertar desejos por uma provocação indirecta e mesmo por uma simulação. E', em fim, na natureza feminina, um trabalho perpetuo da arte de agradar, do qual se encontra vestigio na femea de todos os animaes.»

Outro escriptor dizia que «uma *coquette* conhece perfeitamente a arte de illudir num só tempo a quatro ou cinco amantes; todos se acreditam favorecidos e cada um ri-se do seu rival considerando-o parvo.»

C'est trop fort! mas póde ser verdadeiro.

Ouçamos outras opiniões:

— Muitas vezes as mulheres creem amar, ainda que não amem. A occupação duma intriga, a sensação espiritual da galanteria, a inclinação natural para o prazer de ser amadas, o pezar das recusas, persuadem-n'as duma paixão que não é mais do que *coquetterie* (La Rochefoucauld.

— Eu me não surprehendo com o serem as mulheres *coquettes*, porque é este o meio mais seguro de agradar os homens. Elles affirmam vãmente que só o pudor e a innocencia téem o direito de os agradar; o coração, porém, desmente a cada instante essas palavras. Elles admiram a virtude, mas é a *coquetterie* que os subjuga (Madame d'Arconville).

— A *coquette* que se deixa vencer é uma soberana que abdica (Madame de Coigny).

— As mulheres compromettem-se pela sensibilidade, porém salvam-se pela *coquetterie* (Madame Azaïs).

— A elevada *coquetterie* das francezas, especialmente das parienses, é que lhes dá esse typo ditferentes das outras e as torna sempre novas (Anonymo),

Tem o assumpto accusadores e deffensores. Não quero tomar nenhum dos partidos, mas sempre direi que, perante esta formosa rapariga que aqui está, de olhos levantados para o céo, e tão expressiva de sentimento, seja isso uma

coquetterie cousa que a valha, eu, de bom grado, me deixaria *embaçar* por seus ardis.

Creio que commigo pensa a maioria dos leitores, isto é, os que ainda não estam cahindo aos pedaços, de velhice.

Portanto, o Sr. Ferri, de muito alto conceito; o Sr. Teixeira Mendes, respeitabilissimo por mais de um titulo; e outro qualque illustre sociólogo, que continuem a dizer da mulher o que entenderem, porque ella é e ha de ser quer queiram, quer não, eternamente a Mulher, com todos os seus defeitos e todas as suas virtudes.

Bella, amorosa, casta, pundorosa, *coquette*, far-se-á amada... conforme os paladares dos homens.

Os gostos são relativos.

Novembro de 1908.

ANDRÉ DE RESENDE.

TYPOS E SYMBOLOS

A SUBLIME PORTA

É a porta do Garnier...

Atravessal-a, representa já um primeiro exito, qualquer coisa como transpor, dum passo resoluto e heroico, o marco da estrada symbolica, para aquem do qual tudo é obscuridade, para além do qual tudo é consagração. Como geralmente se sabe e a todo momento se repete, o grande publico da rua do Ouvidor adopta um systema especialissimo de satisfazer as suas necessidades de arte e de ideal. Foi elle que o descobriu, pertence-lhe, nenhum outro publico do mundo teria coragem de lh'o disputar. E, aliás, nada mais facil, é o ovo de Colombo; cumpria, porém, tel-o achado, num momento de ditosa e radiosa inspiração. Consiste esse magnifico systema em avançar, lentamente, despreoccupadamente, para os mostradores do Garnier; relancear pelos *vient de paraître*, duramente apertados na sua capa amarella e amontoados em columnas de inabalavel solidez, um olhar de quem apenas se distrahe e não acha que para outra cousa possam servir os livros e os autores; esbarrondar contra a vidraça duas ou tres fumaças energicas do cigarro que se ia apagar; e passar adeante, a considerar, com o mesmo desfastio recreativo, a *vitrine* dum ourives, duma modista ou dum merceeiro.

Succede, porém, ás vezes, uma cousa que, embora ha annos se repita, é sempre extranha e sensacional. Succede que do grupo annonymo, cuja curiosidade incessantemente formiga dum lado e outro daquella porta, sem jamais a penetrar, um vulto humano se destaca, de homem ou mulher, animado duma intenção prodigiosa e como se de repente houvesse tomado uma suprema decisão. Dum lado e outro, borborinho, agitação de assombro; todos os olhos se voltam para a creatura excentrica e sublime, todas as attenções se dependuram do seu gesto imminente, da acção que ella se mostra prestes a realizar. O vulto — que, de homem ou mulher, começa desde logo a ser, em todos os sentidos, um vulto — arrisca a primeira passada, ainda incerta, a segunda já meio triumphante; como vê que produziu alvoroço aquelle seu impeto, enfrenta a turba estupefacta, num desafio de superioridade e desprezo; depois, encolhe os hombros, fulminando a turba dos despeitados, dos invejosos; e num arranco definitivo e illuminado — qual devia ter sido o de Napoleão, ao abraçar a carreira militar, ou o de Shakespeare, ao tomar a penna para escrever a sua peça de estreia — entra. Entra. Entrou. A significação augusta, o maravilhoso alcance dessa palavra! Entrou; franqueou, como um conquistador, um heroe, um predestinado, a sublime porta que abre para a celebridade. Um minuto antes, não se dava coisa alguma pelo seu futuro; nada, na sua pessoa, indicava a faculdade, tão ambicionada e nunca por astuto calculo ou pacientemente esforço obtida, de se guindar acima dos contemporaneos, salientar-se e brilhar na notoriedade duma epocha; passava despercebida, invisivelmente, nos seus jubilos e maguas vulgares, nas suas esperanças semelhantes ás de todos os illudidos, nos seus desesperos eguaes aos de todos os vencidos; era como qualquer de nós; não era, emfim, ninguem.

Mas, entrou; e desde esse momento, não deixa apenas de ser ninguem; fica sendo muito mais que alguem. Torna-se um super-homem, a menos que se não torne uma ultra-mulher. E uma vez lá dentro, terá que operar algum feito espantoso, emprehender alguma tarefa mais ou menos phenomenal? Oh, sim! Feito e tarefa, deante dos quaes succumbem diariamente centenares de mediocres creaturas. Mas, que importa? O grande passo está dado, a vida foi arremessada ao seu destino. *Alea jacta est!* Depois disso, tudo se torna relativamente simples e suave. A tremenda jornada ao redor do balcão central, leva-se a effeito, sem quasi se sentir a approximação dos seus perigos tradicionaes; a seducção infernal do livro que se vae definitivamente preferir, é doce, tão doce como o olhar da mulher que se offerece e entrega; os caixeiros, façanhudos algozes a quem attribuiriamos a funcção de nos despenhar, á menor distracção, no negro vortice, limitam-se a acompanhar, a auxiliar o neophyto na travessia formidavel; e para quem lá de fóra olhara com tão supersticioso terror — dizem que na Maçonaria é a mesma coisa — as rumas caballisticas de brochuras e a figura tenebrosa do Caixa, Primeiro Vigilante da contabilidade do Templo, não poderia haver mais jubilosa, mais deleitosa surpreza do que essa conjugação harmonica de todos os elementos favoraveis, beneficos, protectores...

Atravessar a Porta, a Sublime Porta, eis o principal. A' sahida, já se não encontra a mesma multidão attonita e escandalisada; encontra-se o povo extasiado, dominado, prompto a admirar incondiccionalmente e para sempre glorificar. Aquelle que voltou com um livro debaixo do braço, nem calcula, no primeiro momento, a força, o poder milagroso do talisman que alli leva e lhe custou a insignificancia de 3 fr. 50 c. com ligeiros addicionaes. Tem, com effeito, tal objecto a forma exterior e o recheio invariavel, com maiusculas e minusculas, de todos os livros; mas é, para os seus effeitos futuros, o que

o dono bemfadado quizer que seja: a pasta do ministro, a espada do general, a lyra do poeta, a bolsa do milionario. Elle que escolha; o povo alli está para o guindar, á força de admiração e dedicação, a qualquer dessas culminancias da politica. das armas, da literatura ou da finança... E tudo quanto uma epocha pode offerecer, em gloria e proveito, entrará, contra o mais rigoroso dos axiomas, para o seu sacco e ficará absolutamente á sua disposição.

Ha, porém, alguma coisa superior aos favores maximos duma épocha: é o prestigio e o dominio através dos tempos, pelas épochas além; é aquillo a que mais vulgar e facilmente se dá o nome de immortalidade. Assim, ha mais alguma coisa a fazer, para os verdadeiramente ambiciosos e verdadeiramente dotados, do que atravessar aquella porta: é ficar entre as suas ombreiras resplandecentes. Ficar ali, de perna traçada, o hombro contra o batente, as duas mãos solidamente apoiadas no castão da bengala, eis a decisiva demonstração de talento ou de valor que a historia exige, para conscientemente se pronunciar. Parar áquella soleira illustre, é indicar aos seculos vindouros a attitude da propria estatua; é *posar* para a posteridade. A Academia, por ser exclusivamente de letras, não póde dar, no seu seio restricto, logar a todos os immortalizaveis; além disso, dispõe apenas de quarenta cadeiras, em cada uma das quaes se póde sentar apenas um genio; ao passo que á porta do Garnier, onde os vultos se podem continuamente revezar, corresponde um espaço illimitado, independente de eleições, sem poltronas embaraçosas, sem as insignias do Sr. Rodrigo Octavio atravancando a apotheose dos eleitos. A porta do Garnier amplia a Academia, do mesmo tempo que repara as injustiça devidas á sua insufficiencla. Se a Porta desapparecesse, a Academia succumbiria no dia seguinte, pela lei ph sica de que nunca o conteudo póde ser maior que o continente. Rebentaria como uma bexiga, na qual se sopra demasiadamente, ou afundaria como um navio, no qual se mette excessiva carga: em todo o caso, era uma vez uma Academia... Por isso a Academia estima e respeita a Porta.

Faz realmente mais do que isso: frequenta-a. Naquella moldura triumphal constantemente, no correr do dia — e sobretudo, depois de fechadas as repartições publicas — se vém encaixilhar academicos. Alli vemos infallivelmente o Sr. José Verissimo, com o seu nariz de critico, agudo e pesquisante, nariz cuja natural tendencia é metter-se na obra olheia; o Sr. João Ribeiro, applicando eternamente á arte da pintura os seus processos transcendentes de analyse grammatical; o Sr. Alberto de Oliveira, solemne, nobre e teso como um dos seus alexandrinos... E até aquelles, cuja modestia repelle toda a demonstração exterior em que possa transparecer o menor sentimento de philaucia, para alli são chamados e alli se sentem retidos, como por um dever sagrado e inilludivel. Assim, por exemplo, o Sr. Mario de Alencar que todas as tardes, á volta do ministerio, se vae encostar um momento á ombreira obrigatoria, de olhos baixos, guarda-chuva na mão, timido e enfiado, como quem diz aos transeuntes da ex-grande arteria: «Desculpem, isto é uma obrigação como outra qualquer. Na verdade, faço versos, e dizem que bons — mas sem querer. Se entrei para a Academia, foi tambem sem querer. Longe de mim o proposito de offender, vexar alguem com a minha immortalidade... Foram os amigos, bem contra a minha vontade, que me fizeram immortal. Desculpem, desculpem!»

Assim, a Porta, a Sublime Porta, tão gene rosamente acolhedora, se torna ao mesmo tempo irresistivel. Não a conquista quem quer — oh, não! — mas todos os que a merecem, por ella são invencivelmente attrahidos. Ao contrario dos abysmos que fascinam para devorar e dar sumiço, a Porta, essa, exerce o seu poder magnetico, para abençoar e dar uma evidencia ás vezes immorredoura. A uns, deixa-os passar para a admiração dos contemporaneos; a outros, prende-os, para a homenagem dos seculos sem fim. Transpor-lhe os umbraes é alcançar a notoriedade da epocha; ficar entre elles é conquistar uma gloria que nunca morre e se não altera nunca; é avassalar as gerações e mantel-as boquiabertas e rendidas, emquanto o mundo for mundo e delle houver memoria; é obter a victoria suprema, attingir os direitos divinos; é, numa palavra, ficar. Oh, a Sublime Porta!

E' a porta do Garnier...

João Luso.

O TALISMAN

(CONTO INEDITO DA SULTANA SCHEHERAZADA)

EM todo o reino, annos e annos, os homens, descuidando a terra, que degenerou em maninho, abandonando os barcos, que apodreceram nas aguas, esquecendo os rebanhos, que embraveceram abalsados, entregaram-se, com ancia sofrega, á procura do talisman cuja historia o penitente Aribasa escrevera em caracteres indeleveis, num pergaminho, preciosamente conservado no Thesouro real, entre as joias da corôa:

«Era uma pinha de crystal azul que cahira da mão do genio Arizuna quando, incendido em furor, arremettendo, com soberba ousada, contra as estrellas altas, rolou do espaço fulminado por um raio vibrado pelo Omnipotente.»

E o chronista da révora do reino explicava, incitando a cubiça: «Quem o encontrar e, subindo com elle á Montanha Branca, verá apparecer, em letras luminosas, nas rutilas paredes da caverna de neve, a palavra que invocará o prestigio da pinha e, senhor do segredo, não só avassalará o mundo como poderá reter o sol no pino do ceu ou resfriar, em subito regêlo, o mais cálido verão e todas as riquezas occultas da terra e das aguas confluirão a seus pés, só com o prenuncio do seu desejo.»

Mas como não se soubesse em que ponto do reino cahira o precioso objecto terras e aguas eram exploradas e muito homem válido succumbiu sob barreiras socavadas, que desmoronavam com estrondo, ou pereceu nas aguas profundas revolvendo desesperadamente as humidas areias.

Começando, porem, com o deleixo dos homens, a minguar o pão, a escassear a lan e crescendo a fome em todo o fertil paiz, lançou o rei um decreto condemnando á morte quantos fossem encontrados revolvendo o sólo ou mergulhando nas aguas com o intuito vão de procurar o talisman. Ainda assim por longos e longos annos o sangue escachoou no cêpo e a mortualha repastou fartamente os abutres.

Por fim o terror dominou a ambição e os homens voltaram ao trabalho. E as leiras seccas reviçaram, abriram-se, de novo, ao vento as velas concavas e nas officinas silenciosas recomeçou a faina dos teares.

* * *

Numa póvoa inhospita, sobre alcantis, á cavalleiro da escabrosa praia onde o mar quebrava com furor, sobre pedregal esteril, porque a terra toda rolava nas enxurradas do inverno, estancêava um homem, tão miseravel na sua pobreza que nem candeia possuia e, mal o sol ia dobrando o cabeço do monte, corria a alapardar-se no palhal e, ferindo lume, alimentava-se de hervas cosidas deitando-se sobre folhas como besta féra em fojo.

Ao amanhecer, com o chilro dos passarinhos, levantava-se e, levando uma funda e pedras, sahia a caçar pelos penhascos. Tinham-no os pescadores por feiticeiro e como não era da terra, porque apparecera, uma manhan, na praia, entre destroços de um barco, depois de uma tempestade, nem a lingua lhe entemdiam e, isolado no seu tugurio, vivia o misero, quasi nú, evitando todo commercio com os da póvoa, que o desprezavam e temiam.

Viam-n'o, ás vezes, na hora dourada do occaso, sentado no viso das penhas, immovel, como a mesma pedra, os olhos longos no mar, seguindo contemplativo as velas brancas.

Certa manhan—a noite fôra d'aguaceiro torrencial—ia o merencoreo caminhando por um trilho pedrento quando, topando numa saliencia do terreno aspero, viu saltar e luzir e rolar tinindo sobre os calhaus agúdos uma pinha de crystal azul.

Tomou-a do chão, lavou-a no fio do corrego e ficou-se a admiral-a e, como um raio de sol a ferisse, foi tão intenso o seu brilho que o homem sentiu nos olhos um ardor vivo, de chamma.

Que seria? Desconhecendo a tradição da terra, tomou o seu mysterioso achado á conta de ornato de pangaio ou gelba, trazido áquella altura agreste por alguma ave marinha. E, sem dar-lhe maior importancia, guardou-o no sacco prolongando o seu caminhar taciturno, olhos no espaço luminoso e vasio, á espera de passaro a ferir.

A' tarde, recolhendo ao seu colmo, lembrou-se da pinha e, imaginando que os pescadores lhe dariam por ella algum valor, decidiu offerecel-a em troca do que fosse.

Ao primeiro que viu, um velho que reparava redes, com a onda a rosnar-lhe aos pés, mostrou-a propondo-a, não por palavras, senão por mimica, pelo capote que lhe cobria os hombros.

O pescador, observando attentamente a pinha, teve palpite de que era talisman do genio e logo, alvoroçadamente, despindo o capote, entregou-o ao solitario que se retirou contente e agasalhado.

E o velho, deixando as redes, foi-se, em passos ligeiros, communicar á sua gente a fortuna d'aquelle dia.

A mulher e a filha do pescador, de posse do talisman, logo entenderam de pôr á prova o seu prestigio e desejaram uma casa de bôa pedra, coberta de telhas, ampla e clara e bem rija aos embates do vento, uma vacca a mugir na cerca, a ucha atulhada de pão... mas a miseria permanecia triste. Entreolharam-se e disse, então, o pescador lembrado:

— E' que falta a palavra mágica.

— E como sabel-a?

— Só indo á caverna de neve na Montanha Branca.

— E onde é?

— No fim do reino. Olharam-se combalidos. Como haviam de lá chegar, ao fim do reino! E, á noite, diante da terrina de caldo chilro, cortando a brôa negra, como o vento zunisse varejando a casa, o pescador teve frio. Instinctivamente levou a mão ao hombro para arrepanhar o capóte... Ai! d'elle, o capóte lá o tinha comsigo o solitario, a elle ficára a pinha de crystal que valia por todas as riquezas da terra. Mas de que lhe servia? E o pescador deu d'hombros, arrependido. Entraram as duas mulheres a accusal-o de imprudencia.

— Ora! um mau negocio... Isso acontece aos mais avisados. Mas descancem que alguem me ha de pagar o capóte. A pínha ha de ir. Vale um mundo, como lá diz o escripto antigo, a questão é saber a gente a palavra que lhe abre a virtude. Ella ha de ir e por bom preço. Disse e não levou tempo a esperar. Sahindo á praia, ao alvorecer do dia, viu o pescador ao largo um junco sobre ancora e, vogando em rumo á terra, um baixel de bom pórte. Era gente que vinha por agua e logo o pescador fez tenção de negociar o seu thesouro. Tanto que a equipagem saltou nas pedras demandou-a sorrindo, com palavras de bôa avença e, conversando, chegou ao assumpto que lhe convinha, narrando-o com fiel verdade e, tirando a pinha do bolso, mostrou-a a um dos tripolantes, propondo cedel-a por dez moedas. O marujo, a quem foi feita a offerta, mirou-o desconfiado:

— Se, em verdade, é este o talisman de Arizuna é bem pouco o que pedes, camarada.

— Ouve-me, matalóte. Sou, como vês, um velho, já não me atrevo a sahir ao mar e vivo miseravelmente dos concertos que faço — ora calafetando barcos, ora refazendo as malhas rôtas das redes. O talisman, bem sabes, só terá virtude ao som da palavra mysteriosa que se mostrará, em letras de fogo, ao que entrar na caverna de neve que fica no cimo da Montanha Branca. Eu, ai! de mim, mal posso subir a rampa que me leva á casa. Tu sim, és moço, e pódes, da capital do reino, em quinze ligeiros dias de formosa jornada, chegar á Montanha e subindo pobre mareante de barco descerás mais rico do que o principe que nos governa.

Deu o marujo as moedas e o velho pescador, guardando-as no fundo da bolsa, recolheu alegre e cantando ao lar de onde sahira melancolico.

* * *

Velejando em mar bonança, na monção propicia, depressa chegou o junco ao porto tumultuoso da capital do reino. Eis em terra o marujo. Pensa, a principio, em aventurar-se á montanha longinqua, mas são tantos os attractivos na cidade! mômos e danças, mulheres e trebelhos, todas as seducções da volupia que tanto influem em sangue moço. E' tão longe a montanha! são tão revoltos os caminhos e rios a vadear, selvas a transpor, combros de areias torridas e matagaes em que fervilham viboras, aguas podres de pantanos, tigres á espreita nos juncaes...

E ali, no torvelinho da vida, tudo á mão e tão facil — o vinho, o amor... Que importa!

Sobra-lhe mocidade e faltam-lhe recursos — a bolsa é escassa e o coração tranborda.

Sente um dôce aroma de rosas volta-se e dá de rosto com uma ramilheteira a offerecer-lhe flores. E' linda! Ardem-lhe os olhos negros cheios de promessas, os labios são côr de purpura, os cabellos são negros e o sorriso é um philtro. «Ali, diz ella, estendendo o roliço braço nú em que reluzem e tinem argollas d'ouro, á beira das aguas azues, uma choupana que mal se vê, tantas são em torno as rosas. E' ali...» E, sorrindo, excita-o.

Resolve-se o marujo e, tomando na mão o talisman, caminha direito ao mercado, a falar a um homem que negoceia em perolas.

Entra na loja, expõe o seu segredo. Reluzem ambiciosamente os olhos finos do mercador fitos na pinha, toma-a nas mãos, sopesa-a e, recolhendo com ella, conta ao marinheiro moço quinhentas peças de ouro.

Oh! a fortuna, a casinha verde á beira d'agua, entre rosas, a ramilheteira morena... o amor...!

* * *

E lá vai, em caravana armada, o mercador de perolas.

Quinze longos dias caminha atravez do deserto. O sol calcina-o, a sêde abraza-o. De instante a instante, nas gargantas, travam-se os homens em lucta com os tigres.

Cahem ginetes sangrando, tremem feras feridas, rolam cavalleiros lacerados ou são silvos e botes de serpentes, atropello de elephantes monstruosos, e corredeiras a vencer, acclives a vingar; por fim o friul da Montanha, a neve lubrica sobre a qual resvallam as patas dos cavallos retransidos, o vento a zunir e, á noite, a branca e funebre tristeza da neve e os uivos dos lobos esfomeados seguindo, em alcateias, no rastro da caravana.

Mas o mercador não repousa e, affrontando-se com todos os perigos, vencendo todos os entraves, ao fim do decimo quinto dia, alcança a caverna de neve. Vai por ella afoito e, tanto que a penetra, levando na mão a pinha de Arizúna, instantaneamente rebrilha a palavra mysteriosa que elle apenas vê e logo perde de vista.

Repete-a sobre o seu desejo e, ás subitas, a montanha resplandece dourada e cheia de mineiros em faina e o que era de neve faz-se como de sol tanto é o ouro em filões, amontoado em comoros de poeira, em pepitas e em lascas, engastado nas pedras como o musgo e areando o leito dos ribeiros rasos.

E foi assim que Ali-Ben-Abbab, simples mercador de perolas, tornou-se, numa só manhan, mais poderoso que o rei.

* * *

Quando se propalou a nova da fortuna de de Ali-Ben-Abbab de todos os imperios e reinos da terra foram mensageiros com presentes requestar-lhe a amizade e, á tarde, o povo ajuntava-se nas praças para o ver passar num garboso cavallo negro, ajaezado d'ouro, precedido de escravos que iam aspergindo essencias e proclamando a grandeza e a magnanimidade do senhor todo poderoso.

E um arauto, vestido de purpura, apregoando as largas munificencias do amo, dizia, a espaços, em tom arrogante, acenando com uma vara de marfim ao povo:

«Passagem ao glorioso Ali-Ben-Abbab, senhor da Montanha d'ouro e de toda a riqueza dos mares, que achou na terra o talisman de Arizuna!» E o povo, zumbrido, acclamava o predestinado.

* * *

E tiritava de frio no palhegal do penhasco o solitario que achára a pinha maravilhosa e a trocara com o pescador por um velho capóte e o pescador que a vendera por dez moedas reparava redes e alcatroava tarrádas, e o marujo que a negoceiara por quinhentas peças lá andava sobre as ondas crespas marinhando aos mastros e Ali-Ben-Abbab, mercador de perolas, por ser ousado, jogando a vida em aventura audaz, chegára á Montanha e vira relampejar na caverna a palavra mysteriosa da qual dependia a virtude do talisman de Arizúna. Assim só elle merecera a gloria e a fortuna.

* * *

E assim, disse Scheherazada ao sultão, quantas vezes o que acha o thesouro acaba em miseria por ignorancia, inercia ou desatino deixando a outrem aproveitar a sua riqueza ou gloria. Quantos ha como o solitario das penhas, como o velho pescador ou como o matalóte e quantos tambem existem como Ali-Ben-Abbab, o esperto e atrevido mercador de perolas. Talismans possuem-nos muitos, raros, porém, são os que têm animo de subir á montanha, vencendo trabalhos, em busca da palavra necessaria ao prodigio.

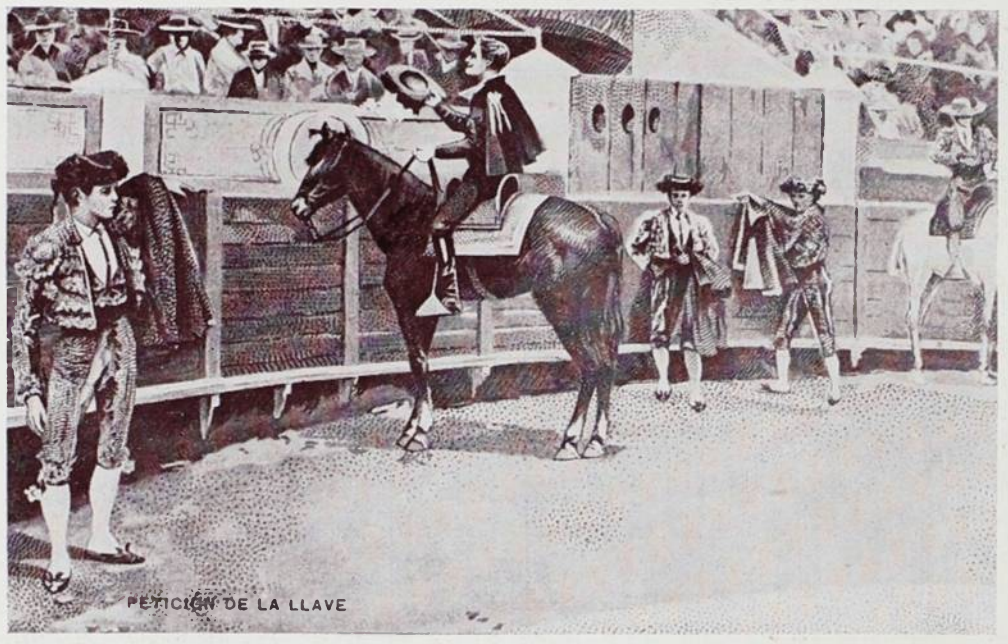
* * *

— E' tarde, minha irman, disse Dinazarda. Já ahi vem o sol precedido pelos passarinhos. E a sultana, inclinando-se graciosamente ante Schariar, ainda uma vez, com engenho, argúto, differiu a sentença que pairava sobre a sua cabeça.

COELHO NETTO.

UMA TOURADA EM MADRID

COMPREHENDO que muitos dos leitores saibam o que é uma corrida de touros na Hespanha; comprehendo que para esses nada valerá a minha informação. Resigno-me ao trabalho de repetidor, sempre util para as gerações modernas. Os que vivem ha muito sabem tudo; mas os que nascem ignoram tudo. E' para estes a seguinte noticia:



PETICIÓN DE LA LLAVE

O AGNASIL PEDINDO A CHAVE DO CURRO

Achava-me em Madrid, e vi annunciada uma tourada. Podia, lá, perdel-a? Nem sei, já quanto custou o bilhete, mas lembro-me bem que foidisputado porque era dia de *Corpus-Christi*, e, depois da procissão, toda gente se encaminhava para a *Plaza*.

Esplendido o aspecto do amphytheatro: solido, elegante, e recamado de povo.

Entrou o immenso pessoal da arena. Ah! Que me falha a memoria de quantos eram, e que funcções tinham; era um exercito de homens e rapazes, cavalleiros e peões, distinctos uns dos outros pelo vestuario, mas confundindo-se todos na variedade infinita das côres. Após a continencia solemne á Autoridade, distribuiram-se por differentes pontos do Circo.

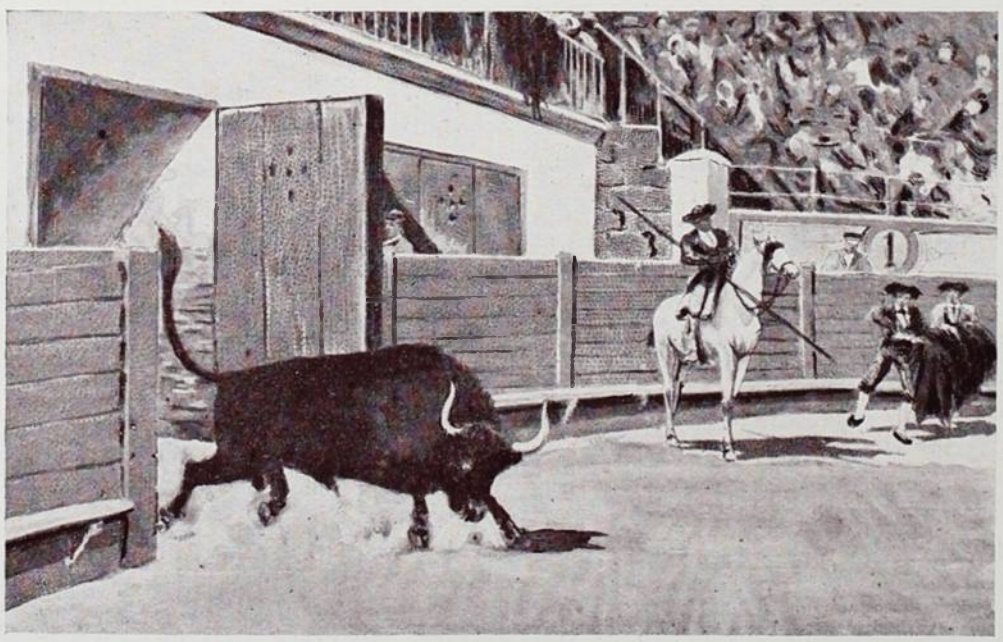
O programma era de oito touros, *de la antigua y acreditada ganaderia de don Esteban Hernandez*.

O primeiro, *carapelo negro, mulato, girón lucero,* foi esperado á porta do curro por um bandarilheiro sentado. Veio de hastes nuas. Truculento, nervoso, «de muito pé», como se diz em technica tauromachica. Espantou o bandarilheiro, jogou longe a cadeira, e voltou-se immediatamente para o *picador* que, montando um escanifrado bucefalo, achava-se de promptidão á esquerda do curro.

Com o ferrão do grande vara-páo que é a sua arma o *picador* manteve á distancia a cabeça da féra. O magro bucephalo escapou-se, galopando em volta da arena, em quanto o *picador* era applaudido, e o touro, com o cachaço sangrando, chamado e entretido pelos manejadores das capas.

— Livrou-se o cavallo da morte — considerava eu, pobre ignorante das exigencias da tourada hespanhola. Julguei tambem, o *picador* desobrigado. Foi, portanto, com surpreza que o vi instigar o cavallo outra vez para junto do touro; e, porque não fosse logo obedecido, entraram de serviço dois rapazes munidos de longas e grossas varas com que açoutaram o trazeiro do rossinante, fazendo-o caminhar ao encontro do inimigo!

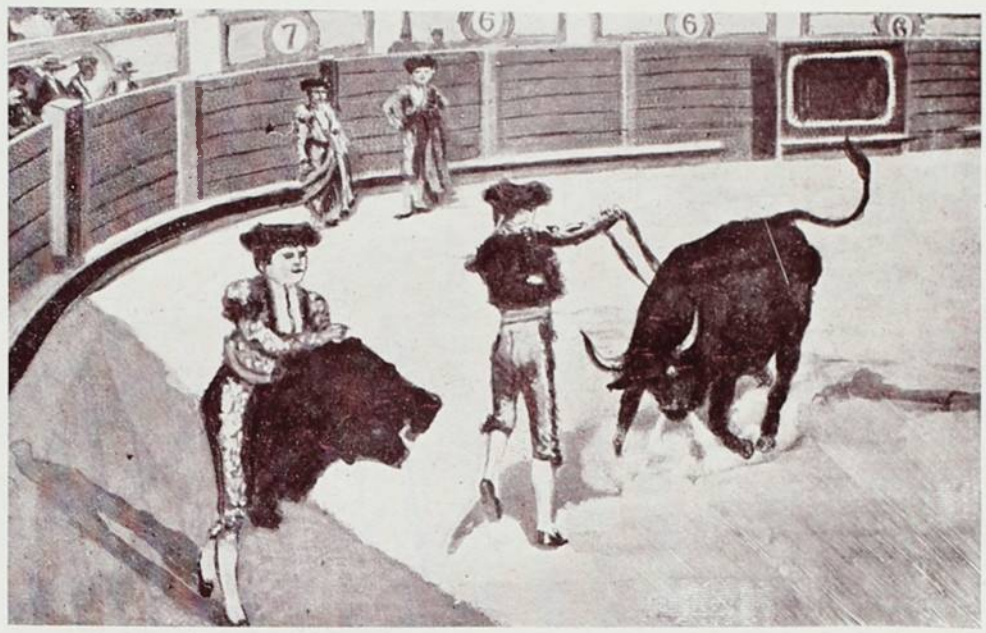
O touro, assim que o deixaram as capas, investio de novo sobre o indefeso quadrupede que nem vê o agressor, pois tapam-lhe o olho direito, e nessa investida embainhou-lhe os chifres no abdomen, suspendendo cavallo e cavalleiro. Este cahio pesadamente no chão; o qua-



SAHIDA DO TOURO

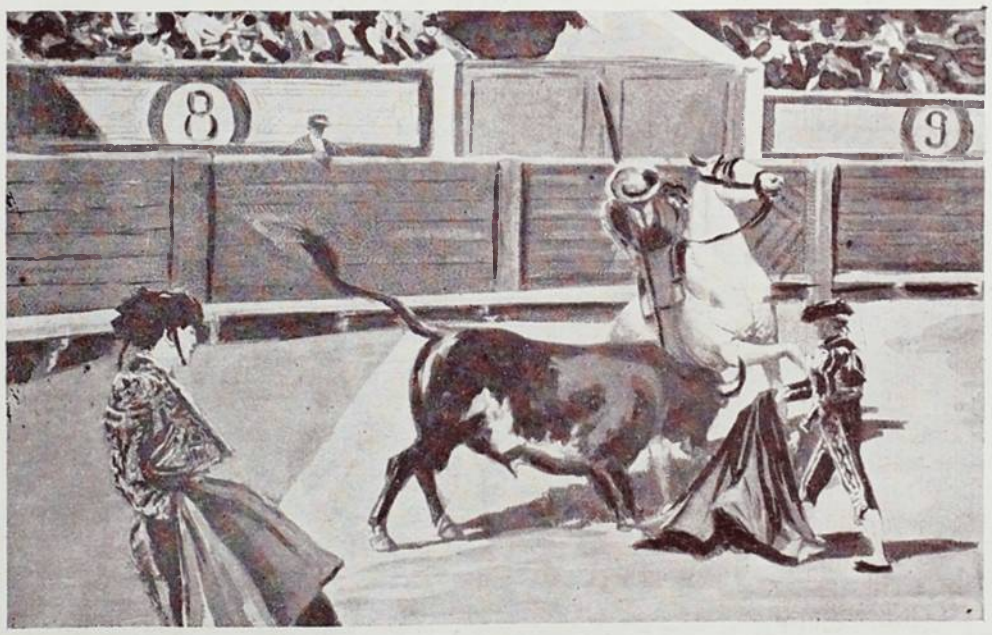
drupede tombou com elle, a espernear; e o touro, curvado, preso pelos chavelhos á carcassa da sua victima, recebia uma chuva de couces na caraça encarapinhada.

Uma grande parte daquelle pessoal que formara na cerimonia da continencia teve, então, que fazer. De todos os pontos veio gente prestar serviços: os das capas chamavam o touro para o meio da arena; outros homens levantavam o *picador*, que não póde erguer-se sósinho por causa do revestimento de ferro da perna direita; outros, ainda, libertavam dos arreios o cavallo ferido. E, livre do touro, do cavalleiro, do sellim e do bridão, o misero solipede levantou-se de crinas eriçadas.



PASSANDO AS BANDARILHAS

Levantou-se, e disparou em volta da praça. Aos primeiros galões os intestinos desceram, logo, em hernia, hernia que crescia de volume á maneira que o animal golopava. Já uma bolsa enorme se ia assim formando quando o touro, vendo-o, traçou um raio na arena, e foi apertal-o contra a trincheira, renovando os golpes. Os espectadores deliravam de contentamento. O cavallo retrocedeu, allucinado, galopando em sentido contrario. Agora com as patas trazeiras pisava os proprios intestinos que se desenrola vam e se despedaçavam,



UMA BOA VARA

sangrentos. Mais uma volta, e cahio numa horrivel convulsão. Acudio-lhe um homem com a morte num estylete que empalmava e que lhe insinuou no cerebello. Ficou o touro sósinho na praça. E, aturdido pelas palmas, só então verificou que estava sósinho no camarote: A minha familia tinha se afastado, horrorisada.

Eu, porém, fôra ali para ver. E vi.

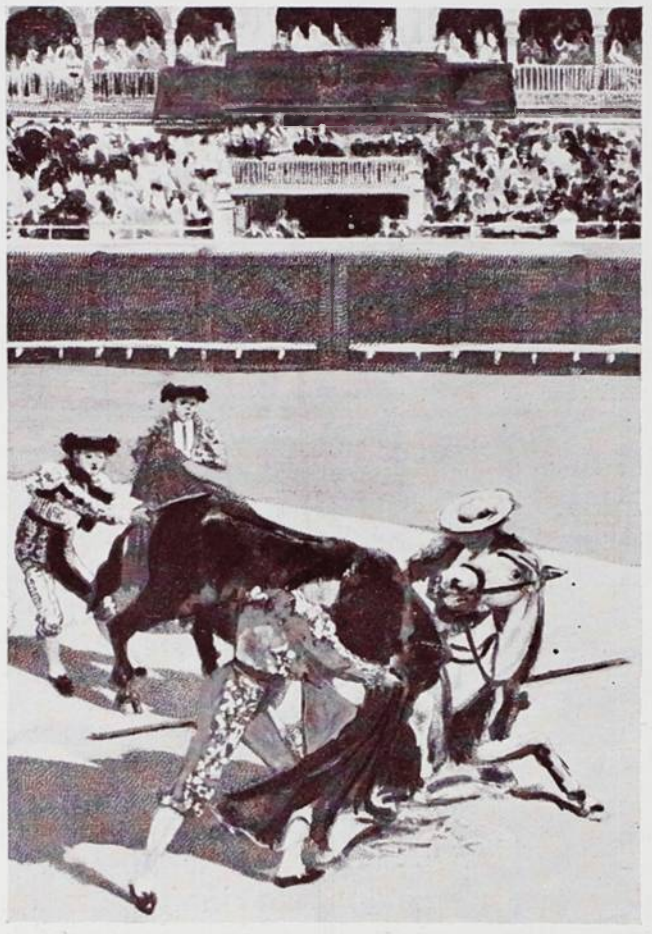
Vi matarem o touro com a frieza de quem pratica um acto sem risco algum: O animal, completamente tonto pelo jogo do *capote*, era um inoffensivo quando recebeu a comprida lamina da espada embebida até aos copos. E cahio, e... não disse mais nada.

A multidão applaudia freneticamente o cavallo destripado e a rez abatida; os *artistas*, de braços para o alto, em movimentos cadenciados, agradeciam todo o barulho que no amphytheatro se ouvia em homenagem aos seus feitos.

Procurei a minha gente. Admiravam a vista que se gosava das janellas da Praça para o exterior. Ninguem queria mais tornar a ver semelhante carnificina. Voltei eu. Os cadaveres tinham sido removidos, de rastros, por parelhas de azemulas cobertas de guizos. Com rôdos de madeira alguns homens puxavam terra sobre as poças de sangue que restavam. Outro *picador* entrou. Outro touro appareceu, *Baldomero, cardeno bragao*, por entre cujas hastes finissimas agil bandarilheiro metteu os braços fixando-lhe, a preceito, um par de ferros. O trabalho das capas, intelligentemente combinado, guia o touro no sentido que convem. Enfeitado com as bandarilhas, foi enviado para o *picador* que se deslocou do ponto onde se detivera, á esquerda do curro, montando escanifrado bucephalo.

Fez-se o silencio. O enorme touro partio com a rapidez de uma azagaia para o grupo equestre, e escondeu uma das hastes toda inteira no peito do cavallo que dobrou mãos e pés. O bruto humano de perna chapeada tombou para o lado. As capas acudiram; vieramos que suspedem o *picador;* vieram os que desarreiam o quadrupede; instantaneamente estavam as tres unidades separadas; e a que mostrou mais energias foi a moribunda!

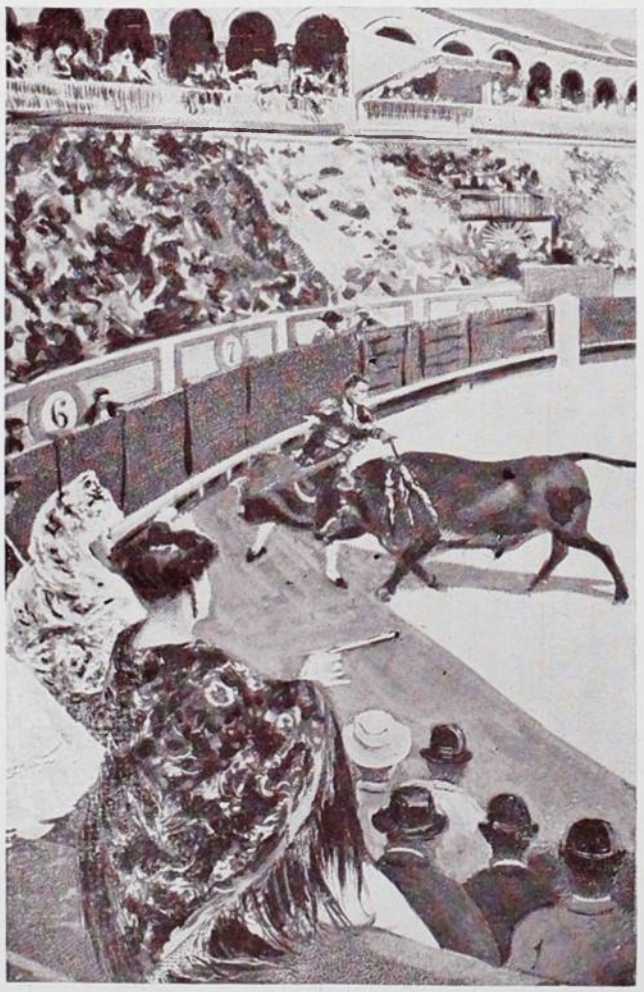
Espectaculo barbaro! O cavallo, com as narinas para o ar, desembestou em volta, rente á trincheira, como em festa hyppica outros correm no Circo; mas, a cada galão, um formidavel jorro de sangue irrompia da inorme abertura do peito. Deu duas voltas á arena e cahio, agitando electricamente os magros membros locomotores. Morreu exangue em menos de dois minutos.



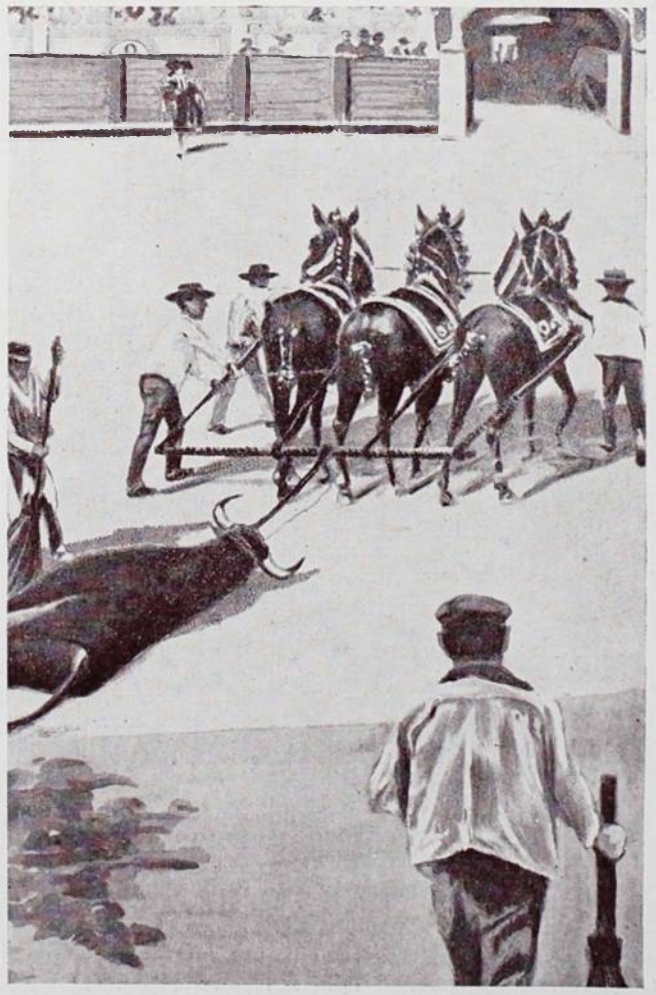
UM QUITE SORTE DESTINADA A LIVRAR O PICADOR

Uma vozeria ensurdecedora atordoava a minha admiração, quando entrou na praça novamente, o *picador* montando já outro magro rossinante. E' que não podia passar o touro sem ser offendido pelo cavalleiro, o que não se tornara possivel no primeiro encontro pela rapidez com que fôra inutilisado o cavallo. O regresso do *picador* acalmou, pois, a furia reclamatoria. A *carniceria* recomeçou. Outro cavallo cahiu com as entranhas rasgadas, outro touro foi morto por um *diestro* de fama.

Oito touros e dez cavallos foram nessa tarde sacrificados, assim, diante de vinte mil enthusiasmados espectadores, em que



A MORTE DO TOURO COM ESTOCADA A VOLAPIÉ



O ARRASTE DO TOURO PELAS MULAS

avultavam as delicadas, formosas e muito meigas reproductoras de feroz especie humana.

E não se contentam com pouco estas heroinas de Campoamor e de Escrich. Se morrem poucos cavallos á sua vista, se não é completo o sacrificio dos cornudos, pedem *mas sangre! mas sangre!* como as nossas patricias pediriam mais palmas para os poetas ou os nossos poetas mais flores para as suas namoradas.

Que *carniceria !*

No dia seguinte fui visitar o Matadouro de Madrid, não podendo deixar de ver a matriz quando tinha passado duas horas na succursal.

FERREIRA DA ROSA.

NA BACIA DO PRATA

II

9 de Julho. — Montevidéo foi o ponto terminal da nossa viagem do Atlantico. Ahi passamos para o «Javary» navio do Lloyd recem vindo da Europa com destino á linha de Matto Grosso.

O serviço com esse navio inaugurado pelo Dr. Buarque de Macedo, salvo pequenas modificações de detalhes só póde ter uma classificação — inexcedivel.

Com effeito, com um pouco mais de aeração e luz, em certas dependencias, a substituição das côres escuras (predilectas dos mosquitos) eliminação dos beliches superpostos e dos ventiladores, hoje condemnados pelas regras da hygiene moderna e sobretudo melhor funccionamento dos apparelhos de abastecimento de agua, em parte alguma do mundo se terá melhor serviço de navegação.

Acho mesmo superfluo o emprego de navios tamanhos em navegação de rios não tratados pelos governos locaes como sejam o Paraná e o Paraguay; navios para taes rios, quando não tivessem outras modificações deveriam, no maximo calar 5 pés e não 10, como o Javary.

Por allivio de carga estavamos com um calado de 9 e 1/2 pés, em Montevidéo e sabiamos por *informações de alguns dias* que os peiores «passes» deviam andar por 12 pés. Quem poderia garantir uma permanencia de nivel n'essas condições, permittindo a passagem do navio? E no peior caso, como descarregar a carga em meio da viagem? Sou leigo no assumpto mas eu não arriscaria um navio de tal ordem, que fosse de minha propriedade, ás aventuras d'essa natureza.

Vê-se d'ahi que o Dr. Buarque que é um moço de aspirações limpas, tem feito mais que o seu dever na direcção do Lloyd; assim encontre elle quem o auxilie, correspondendo ao seu esforço.

Porque é que o nosso governo, principal interessado, não combina com as republicas visinhas um *modus agendi* na eliminação dos «passes» perigosos do Paraná e do Paraguay e não balisa convenientemente o curso desses rios ?

Eis aqui uma *engrenagem* muito importante para a nossa vida economica que cumpre «*azeitar*» quanto antes de modo efficaz.

* * *

O Javary esteve exposto á visita publica atracado ao caes de Mentevidéo; ás 4 horas recebeu a honrosa visita do Ministro da Guerra do Uruguay, dos nossos representantes officiaes na cidade e de muitas outras pessoas gradas da sociedade montevideana. A's 6 horas soaram os seus adeuses e pela noite escura e fria (7 gráos centigrados) deixamos o porto e passamos a navegar na bacia do Prata.

O navio nem sequer trepidava sob o impulso das helices vigorosas.

10 de Julho. — Vista do mar, Buenos Aires não diz o que é. O que se vê de longe é uma fila de casas de altura equivalente sobre base parallela ao mar. Mas nota-se logo o trabalho. Toda a bocca do Prata, perto da cidade é perfeitamente balisada, com boias illuminativas e um bom serviço de dragagem, constantemente em acção. E essa conjectura se firma e se transforma em applauso quando se entra no porto. Os argentinos não o tinham, fizeram-n'o cons-

truindo docas magnificas onde se amontoam centenas de navios de todo o mundo. Ao transpor o primeiro dique se depara com uma installação de telegrapho Marconi cujas ondas teem um raio de 800 kilometros. Em seguida se atraca, inteiramente ao abrigo do furor das vagas, adiante da cidade, ás portas da alfandega.

Desembarcando vê, então, o forasteiro que a cidade se eleva um pouco, para se desenvolver n'um plano superior ao do caes; e ruas no litoral, com jardins e alamedas (passeo Colon) e outras a estas transversaes, levam o viandante ao coração da cidade, á avenida 25 de Maio, em motu continuo de innumeras carruagens.

A sumptuosidade dos edificios e a animação da cidade, augmentam, por sua vez, o conceito favoravel que desde as docas se vae formando do povo portenho e por simples equidade se o considera e admira.

Infelizmente só dispuzemos de algumas horas para visitar Buenos Aires. Pensamos em ver o Museu e Palermo, logradouro onde nos informaram haver um jardim zoologico de primeira ordem. A falta de tempo só nos permittio vêr o Museu. Antes, porém, fomos ao mercado, donde trouxemos 12 especies de peixes, entre os quaes um bello exemplar de «Peixe-Elephante» — *Callorhynchus antarcticus* Luc., que provavelmente visitará tambem as aguas do Brasil (S. E.) mas que até agora ahi não foi constatado.

A's 12 e 1/2 estavamos no Museu, hoje sob a direcção do mais eminente naturalista sul americano — Florentino Ameghino. O Museu de Buenos Ayres é ainda pequeno; entretanto suas collecções são valiosas; e foram estudadas por homens de valor scientifico mundial como Burmeister. Por isso mesmo os trabalhos sahidos desse Museu já o recommendaram ao conceito das associações scientificas de toda a terra. Vê-se que não se lhe deturpa o fim, que as collecções não sahem nem são requisitadas para exposições de especie alguma, sendo tudo cuidadosamente etiquetado, com as procedencias certas e os nomes dos respectivos doadores.

Vi sómente um animal não etiquetado e este me pareceu ser novo. — E' um Tamanduá *(Myrmecophaga)* inteiramente amarello com uma estria preta sobre cada lado do dorso, partindo da região supra clavicular e se estendendo sobre a escapular.

E' de tamanho inferior ao Tamanduá Collete *(M. tridactyla)* e foi doado ao Museu de Buenos Ayres pelo Jardim Zoologico de Palermo, suppondo-se seja procedente de Matto Grosso.

Até ulteriores estudos dar-lhe-hei o nome de *Myrmecophaga ameghinos*.

A melhor collecção do Museu é a Paleontologixa. Entre outras péças vimos notabilissimos *Toxodontes*, *Glyptodons* com cabeça e pés de tartaruga e couraça de tatu; um bonito craneo e magnificas defesas de *Mastodon andium* e um craneo de *Machaerodus neogalus*, o maior felino que existio sobre a terra (segundos os dados até hoje conhecidos) e possuidor de um valente par de caninos superiores que excedem um palmo em comprimento.

Na collecção dos peixes, hoje sob os cuidados do Dr. Fernando Lahille, vimos *Geotria chilensis* e *Exomegas macrostome* as duas lampreias da America do Sul.

Procedente de Matto Grosso, segundo fui informado, vimos tambem um lindo exemplar de *Pterygoplichthys spinosus* (Perugia) o que é mais uma indicação á favor do que eu expuz em a parte A do IV tomo da «Fauna Brasiliense.»

Foi nosso guia o Sr. Pedro Serie, funccionario do Museu; tanto a esse cavalheiro como ao Sr. J. Figueira que foi o nosso guia no Museu de Montevidéo, ficamos presos por laços de verdadeira sympathia e gratidão pelas gentilezas dispensadas ás nossas pessoas durante todo o tempo em que estivemos nos ditos estabelecimentos.

A's 4 horas deixavamos Buenos Ayres, assistindo da coberta ás despedidas dos que ficavam em terra e nos enviavam os tradicionaes votos de bôa-viagem. E ao mesmo tempo eu observava os pardaes da terra que, na verdade muito se assemelham pelo colorido aos da Europa.

Que saudade do nosso gracioso Tico-Tico.

11 de Julho. — Uma das cousas que mais me impressionáram em Montevidéo fôra a saúde, a belleza de quasi todas as moças e creanças. A robustez e a belleza ali andam sempre juntas; e me quedava muitas vezes olhando para aquella pujança toda, comparando-a ao nosso typo geralmente feio e amarellado pelo excessivo trabalho do figado ou por traços de um cruzamento mal guiado que cumpre modificar para melhor.

Que lindas creanças! Que bellas faces rosadas quaes cerejas amadurecendo!

Só nas nossas cidades de clima frio ou temperado temos essas côres e essas formas. No Rio de Janeiro as tijucanas ou as ricas moradôras de Bota-Fogo ou Santa Thereza são assim; tudo o mais, não nos illudamos, é chlorotico, nervoso, irascivel.

Oh! Sim! Precisamos nos modificar. E porque não havemos de cuidar n'isso?

Ah! E ainda nos fallam em immigração Japoneza! Nunca! Eu sou um fervoroso admirador das virtudes do Japão, fui seu partidario na guerra Russo-Japoneza; estimo-o, quero-o,

mas... no Japão. E' que o japonez é feio e feio... só eu.

Precisamos da immigração italiana, franceza, ingleza, allemã, hespanhola, russa ou grega — outra, não!

Ligando á esthetica da nossa raça o interesse que cada patriota verdadeiro tem em grande escála, por isso mesmo a comparo com aquellas estrangeiras que me cahem sob os olhos.

Na cidade portenha não vi gente bonita — deve-se levar em conta d'essa observação que estive na cidade apenas de passagem e em poucas horas, talvez improprias do passeio das familias. Succedeu porém que um feliz acaso trouxe á bordo algumas d'ellas pertencentes á *high-life* argentina e das quaes uma se destinava a Corumbá, n'um passeio de ida e volta, em viagem redonda do «Javary.»

Esta se compunha de uma senhora, duas jovens e um rapaz; em companhia d'este (estudante de medicina) um seu amigo (estudante de agronomia); — ao todo 5 pessoas.

Logo se deprehende tratar-se de gente abastada, cujas posses permittam recreios de alto preço. Mais tarde vim a saber que essa familia pertencia ao principal constructor de Buenos Ayres, o architecto Marques de Morra. O estudante de agronomia se chamava José Maria Bustilho e com o seu amigo, o joven Morra deveriam orçar pelos 22 ou, no maximo, 25 annos.

A vida de bordo facilitando-me ensejo, proporcionou-me conhecel-os melhor. Se as familias que ficaram em terra tinham representantes bonitas e elegantes, o que posso dizer das tres viajantes de bordo é que éram todas realmente bellas, tendo não as formas rigorosas das orientaes mas alliando á belleza uma elegancia distincta que as realçava de prompto. As jovens éram muito bem educadas, fallando correntemente o francez, o inglez e o italiano; de uma dellas ouvi trechos de Mendelsohm alguns dos quaes executados com sentimento; a mesma artista, comquanto prohibida de cantar por seu professor, teve a gentileza de se fazer ouvir, e comquanto cantasse á meia voz impressionou-me muito favoravelmente, revelando muita graça de expressão. Nas horas vagas, eu as via lendo romances de escriptores francezes ou manejando «detectivas»; e a sua conversação, sempre que trocavamos idéas, se revelava intelligente e cheia de espirito e nobreza. Os rapazes revelavam tambem esmero de educação; e muito gosto pelo manejo das armas.

Não se póde d'ahi concluir muito com relação ao povo argentino pois trata-se aqui de um dado apenas — não se póde estabelecer a média mesmo porque o exemplo estudado, representava uma familia abastada, alem de tudo o Marquez de Morra é italiano, o que muito influe no julgamento imparcial; comtudo, não se póde julgar senão pelo que se vê e o que eu vi foi o que acima ficou dito.

Todos os dias que se seguiram, de 11 á 16 seriam monotonos á bordo de outro navio que não o «Javary»; e depois, estando a bordo o Dr. Buarque de Macedo e sua Exma. Familia, não se passava um momento em que elle não proporcionasse gentilezas aos passageiros, o que ainda mais nos enchia de gratidão para com esse illustre brazileiro. Com as alternativas da passagem de Martim Garcia — pouso de discordia, transformado em fortaleza, ao que se diz; do desembarque em Rosario cidade feia e triste bem comparavel a Santos, tivemos á 14 de Julho Corrientes e Humaitá, já no Paraguay.

Na barranca esquerda do rio, um pouco ao fundo, carcomida e triste se eleva a ametade esquerda da cathedral de Humaytá; por milagres de equilibrio os pilares da torre se conservam, no meio d'aquellas casas baixas e pobres da visinhança, á face de enorme praça recoberta de relva verde-escura, como que se mostrando ao viandante n'um protesto mudo, solemne, perante a razão humana, contra a selvageria das guerras. Já se vão acabando os que lá pelejaram; já o tempo distancia as datas d'essa idade da morte e ainda as ruinas clamam, altivas, na severa exhibição das negras cicatrizes.

Que cousa estupida que são as guerras! E dizer-se ainda impossivel acabar com essa peste, onde campeia o mais deshumano de todos os instinctos — o de matar!

* * *

A' 15, Assumpção Seria uma cidade explendida se continuasse no progresso em que marchava, pelo tempo de Lopes. O tufão da guerra interrompeu-lhe a marcha; ainda não restituida a si propria do abálo que lhe derrocára as bases, olha estupefacta e indiferente as aguas do Paraguay.

Esplendidamente situada estende-se em meia lua numa colina suave, por alguns kilometros ainda á esquerda do rio. Ahi se vê o resultado da passada lucta! Pode-se dizer que o Paraguay é hoje o reino das mulheres — os homens são aqui os zangões d'essa colmeia humana e só muito tarde poderão ter preponderancia em numero sobre o do sexo contrario.

Entretanto, apesar de poucos, ainda se matam em revoluções. O effeito da que acaba de terminar póde ser considerado com alguma justeza visto estar ainda fresco. Ali, n'uma distancia

de poucas jardas de nós está um navio destinado á transportar 2 ministros deportados; informaram-me ter subido á 300 o numero de mortes; e um dos companheiros de viagem que visitou o hospital me disse estar esse estabelecimento, aliás grande, repleto de feridos.

De manhã visitei o mercado; curioso espectaculo. Cerca de 2.000 mulheres, trajando saia branca ou vermelha, um grande chale preto que tambem lhes envolve a cabeça, todas descalças, fallando um *argot* de guarany e hespanhol e geralmente fumando um valente charuto, vendem manteiga, ovos, codornas vivas, carne fresca, peixes e fructas; fazem tal algazarra que mais parecem meninos em recreio. Quasi todas essas mulheres vêm ao mercado montadas em jumentos. Fóra ha uma praça para onde o jumento carrega a sua proprietaria, conjunctamente ás verduras e outros generos que vão acondicionando em dous cestos quasi maiores que o pobre solipede; chegada ao mercado, a mulhersita salta lépida de cima da cangalha e amarra com a ponta livre do cabresto as mãos do jumento, encurtando tanto o cabresto que o animal fica immovel de pescoço curvo e queixo sobre o peito—e passa logo de jumento a balcão, pois a sua dona como tal se serve d'elle.

Os peixes que mais se consomem são do rio Paraguay, sendo principaes — o dourado *Salminus brevideus* (Cuv.), bello peixe côr de ouro com as escamas maculadas de negro o que o torna longitudinalmente estriado. Attinge mais de 1 metro de comprimento; o Pacú, *Colossoma brachypo mus* (Cuv.) especie de piranha grande e escura, porém com os dentes obtusos; o Sorubi — *Pseudoplatystoma coruscans* (Agassiz), verdoengo, maculado de preto; o Armão — *Doras maculatus* Val., etc.

Não nos foi possivel adquirir nenhum, por causa do costume que tem os pescadores de cortar as nadadeiras dos peixes, o que os torna improprios para collecções.

Durante o dia veio á bordo, visitar o navio o Major Jarra, Ministro da Guerra, acompanhado do seu estado maior. A 16 zarpamos para o Norte.

O aspecto da região era sempre o mesmo — grandes planicies recobertas de uma vegetação baixa, egual; quando o Javary, ao meio dia de 14 entrou no Paraguay, a vegetação se mostrou mais densa; já appareciam arvores frondosas, já se distinguia o gorgeio alegre das aves nesses bosques baixos e densos, de vez em quando interrompidos por carandasáes enormes que de longe se apresentavam como renques eguaes, symetricamente distribuidos, como se fossem plantações de jardins ou alamedas enormes. O carandá é uma palmeira esvelta e pouco elevada; a sua fronde se assemelha á da carnaúba e a sua estype é tão rica de fibras lenhosas que o empregam para construcção. Carandá e quebracho são as duas plantas typicas de toda a zona que vem do Prata ao Apa. O quebracho é uma dicotyledonea de que os industriaes se aproveitam para preparo de couros. Nos logares baixos apenas as garças cinzentas. — *Ardea cocoi* maculava de claro, com o seu porte grave de sentinella perfilada o verde negro das margens. Os mergulhões. — *Phalacrocorax viguá* (Vieill.) e a Anhinga, ou Bigua-Tinga *Plotus anhinga* (L.) eram os habitantes mais communs de todos os pontos do Paraguay que percoreramos. Poucos os patos que conseguimos vêr: Apenas *Cygnus melanocoryphus* (Mol.), o pato-Arminho ou cysne de pescoço negro. Depois de Assumpção, porém as cousas mudaram. Guarnecendo as praias la estavam os jacarés e começamos então um exercicio de tiro ao alvo em que tomaram parte saliente as jovens argentinas.

A fim de experimentar-lhes a coragem, apresentei á uma d'ellas uma Winchester cujo estampido desagradava á todos e a moça, como se estivesse manejando uma arma familiar, fez comprehender aos medonhos bichos que era tempo de se porém fóra do alcance d'aquellas candidas mãos...

17 de Julho. — Chegamos em fim ao Apa. Toda a travessia de Montevidéo á Assumpção nos enchera a alma de um sentimento de vida que só foi entristecido por esta ultima cidade. E' que a revolução ahi deixava os seus signaes terriveis, na derrocada dos edificios publicos e particulares e na ceifa de mais de 300 vidas. Entretanto, apesar de tudo, a sympathia que se nota no povo Paraguayo pelo brasileiro, a posição pitoresca da cidade, o dia alegre e a temperatura amena de então nos dispuseram para o sonho da terra patria, para a qual seguiamos, no mais bello, no melhor paquete que singrara o magestoso rio, causando orgulho e contentamento a todos os passageiros. O vento refrescára; não obstante deixamos os divans macios de marroquim verde, os custoso tapetes dos salões dourados e espelhos refulgentes pelo cambiante scenario da coberta; lá nos divertiriamos ao ar livre, á luz d'esse sol que seria em breve brasileiro, vendo mudar os melancholicos carandás, os monotonos pirizaes em as florestas densas, pujantes da terra da patria!

Já na alegria da folga, nos *sports* de bordo, vimos declinar o astro rei, apezar da marcha celere do navio, sem que apparecesse o Apa!

Oh! Rio vedeta das terras de Moema; porque te fazes tão requestado? Porque não nos ajudas correndo ao nosso encontro e esperas impavido, quasi féro, o elegante navio que ja-

mais sonhaste vêr e que foi feito mais para transportar as N mphas do Olympo do que nós, homens rudes e toscos, de nodosos corpos a quem bastavam os simples e primitivos lenhos em que nossos avós vieram descobrir a potente a generosa terra de Poty.

Ai! E não creias que aqui vamos sós! Escuta. Aqui nos amenizam as saudades da Patria distinctas Familias brasileiras; temos entre nós, commungando do nosso enthusiasmo dansas argentinas, dansas de Buenos Aires, a orgulhosa cidade do Prata cujos edificios formosos foram delineados por architectos celebres, d'alem mar; cujas ruas symetricas, artisticamente construidas se animam de um movimento verdadeiramente extraordinario; cuja cultura moral paira n'um plano tão elevado quanto o poderia desejar a mais civilisada das cidades humanas e cuja vida commercial é uma prova irrefutavel de trabalho incessante, de progresso actual e futuro brilhante. Buenos Aires, escoadouro de todas as producções da Republica Argentina, é uma cidade que produz no estrangeiro o sentimento da admiração; e se reconhece que os portenhos tem rasão de estarem satisfeitos d'ella como se o está de uma linda mulher amada, para quem são todos os carinhos, todos os transbordamentos de um coração doidamente apaixonado.

E, querido Apa, estas damas pertencem á élite argentina, ellas irão contar, nas noites quentes, de saráos de luxo da sociedade portenha, a impressão que de ti, rio brasileiro, receberem; ellas vão em viagem de recreio; e illustres e moças e bellas têm as exigencias das creaturas feitas para impressões delicadas; são os lyrios do Prata que precisarás enfeitiçar e aos quaes deverás mostrar tão puras aguas que os lyrios se transformem em Narcisos!

Assim pensava eu; e fui me preparar para entrar em minha terra.

Cinco e meia. Em fim, lá surge o Apa! Mas, já o sol se escondera e nuvens se elevam toldando o horisonte.

Camalotes verdes encobriam as margens do rio limite cujas aguas já não espelhavam o céo. A tarde era triste e lugubre como as de um d'esses dias de inverno em que se ouve ao longe o dóbre dos sinos a finados. Nem mesmo os jacarés enchem as praias, de seus corpos denegridos, nem as magoarys albi-negras marcam as distancias com o seu porte erecto e grave de sentinella perdida; tudo fallece e cahe n'essa monotoria e o meu espirito fóge para os meus que deixei longe e dos quaes ha 21 dias nada sei!

Reboante e sonoro clama o «Javary» e me desperta. E' o posto adaneiro; vamos para receber o guarda alfandegario. Mas, que é do posto? Onde está?

Ali, me mostram, é aquella choça de carandá e palha, mal escorada sobre um charco immundo e podre, com um páo de esguelha á guisa de mastro de pharoes do qual pende uma lamparina miseravel; dous botes cujos, tripolantes modestos, dous, cabisbaixos, como que envergonhados da sua miseria propria, representantes officiaes do governo brasileiro, ás portas das republicas do Sul!!

Oh! Que vergonha! Caros patricios; nos passamos, quer no Paraná quer no Paraguay por logares perigosos em que se diminuia a marcha por cuidado que, em faltando, nos acarretaria desastres e quiçá a morte; esses logares eram os «Passes» do perigo. Eu não os receiei não temi; mas no Apa, diante do porto aduaneiro eu me curvei e senti calor no rosto — e pensei commigo este é o «Passe» da vergonha!...

Oh! Vós, politicos; vós que dispondes dos dinheiros publicos, vós que fazeis as leis e creditaes as verbas; vós que sois pagos para cuidar do bem publico, olhai para as fronteiras e abri um credito que nos livre dos passes como este! .. Foi uma entrada triste em minha terra!

18 de Julho.—Apesar de termos chegado a Porto Murtinho ás nove horas da noite, illuminando o Javary com o seu holophote esse primeiro porto brazileiro em aguas do Paraguay, só ás 8 horas do dia seguinte desembarquei. Pisei então pela primeira vez o sólo Matto Grossense. Vê-se que este porto está fadado a futuro prospero pela sua posição especial; seu desenvolvimente, porém, nasce ainda. E fóra algumas construcções da Companhia Matte-Larangeira, poucas casas ha dignas de nota; não ha architectura mas, ao contrario ainda o uso do páo-a-pique. O dia claro, a animação relativa de Porto-Murtinho, o rebojar frequente dos peixes no Paraguay, a apparição de maior numero de aves na barranca, me fizeram esquecer um pouco a magoa da vespera.

Telegraphei aos meus e ás autoridaddes e quem precisava de ordens. Na vespear me haviam assegurado os Srs. Dr. Antonio Correia da Costa e Salvador Teixeira a existencia de grandes ossadas em uma localidade chamada morro do Cambamba, proxima de Agua-Limpa; e como o Sr. Dr. Cicero de Campos, geologo da Commissão dissera ser conveniente visitar Cuyabá para exame dos terrenos da região dessa cidade e, haver tambem eu recebido informações do Sr. Teixeira, de abundancia de animaes nas proximidades de Agua-Limpa, propuz ao Sr. Capitão Senna Braga uma digressão áquelle morro. Não obstante um outro problema carece de ser resolvido: O material que eu consegui nos portos em que toquei, já me dá que pensar e até hoje não pude receber as instru-

cções que solicitei do Major Rondon, n'esse sentido. Esperemol-as em Corumbá.

O que em porto Murtinho mais me chamou a attenção foi um Tyrannideo parecido com o Sibiriri e que sorprehendi pousando, calmo e confiante sobre o dorso dos cavallos e dos bois. Será aqui um concurrente do Anú-Preto *Crotophaga ani* (L.) ou do Carácará-Pequeno *Milvago chimachuma* Vieill . Não o deixarei de vista á primeira opportunidade.

A's 10 horas deixamos Porto Murtinho para fazermos uma pequena parada um pouco mais acima, na estancia Miranda Leal. Ahi, n'essa magnifica fazenda de 42 leguas quadradas segundo me informaram, quiz o Dr. Buarque de Macedo que nos photographassemos em grupo. No terreiro ao lado, um viveiro encerrava diversas aves, entre as quaes a Curicaca, *Theristicus caudatus*, (Bodd.) tão communs no Rio Grande. Outras formas Riograndenses eram a Caturrita *Myopsitta monacha* (Bodd.) e o Dorminhoco — *Podager nacunda* (Vieill). Emquanto os demais bacuráos são crepusculares ou nocturnos, o Dorminhoco é diurno. E plana ao sol, aos bandos, calma, compassadamente, como se fôra ave de rapina.

E' hoje o dia da independencia do Uruguay; houve festa á bordo, a qual nós, brasileiros nos associamos com sinceridade. E' tambem o ultimo dia de nossa estada no «Javary». Vamos começar a segunda parte de uma jornada amanhã — em Corumbá. Já vimos hoje os *Anopheles*, porta-malaria e em pleno dia.

O «Javary» corre ao Norte; a sua possante prôa rasga, as aguas do Paraguay, hoje tranquillas, mansas, como as de lago sem brisas; o sol descamba por sobre as planicies charcosas, intensamente verdes, de Oeste e semeia as suas caprichosas côres em cambiantes phantasticas; as margens correm, correm as moitas, as arvores ao longe, n'essas terras interminavelmente planas e alagadas.

JUREMA.

COMEÇOS LITERARIOS DO BRAZIL

III

OS PRIMEIROS PROSADORES

NÃO se conhece nenhuma obra em prosa de brazileiro contemporanea da obra poetica de Bento Teixeira (1), isto é, ainda do seculo XVI. Pelo menos nenhuma obra impressa ou divulgada de algum merito literario ou outro que a fizesse valiosa.

O que ha, o que as bibliographias e noticias mais antigas e minuciosas e ainda nossas contemporaneas registram é, ou obras de méra informação e noticia do paiz, especies de relatorios como as *Annuas* e cartas jesuiticas e documentos de caracter official, ou inedito e apenas sabido daquellas fontes, ou só publicado muitissimo depois. Alguns desses escriptores somente vieram á luz em nossos dias, e nenhum possue qualificação literaria, segundo comprehendemos o que é literatura, que lhe dê lugar na historia da nossa.

Entram nessas diversas categorias, no primeiro seculo, aquelles documentos jesuiticos e as suas grammaticas das linguas indigenas, e, posteriormente, alguns escriptos, de facto desconhecidos, de Bernardo Ravasco, Padre Antonio de Sá, Padre Francisco de Souza, Eusebio de Mattos e os socios da *Academia dos Esquecidos*, nomes insignificativos que a erudição apenas consegue descobrir nas paginas indigestas e escusas dos repertorios especiaes. Quanto ás suas obras, ineditas ou publicadas, tudo ficou no mesmo merecido esquecimento. Como quer que seja, foram elles que primeiro escreveram prosa no Brazil. E, pelo que della conhecemos, nenhum de maneira a merecer nome de escriptor.

Comtemporaneo de todos esses foi o Padre Nuno Marques Pereira, natural da villa de Cayrú na Bahia, que parece, viveu de 1652 a 1728. Escreveu o *Compendio narrativo do peregrino da America*, publicado em Lisboa em 1728, livro que será opportunamente estudado.

Escriptas no Brazil ainda no seculo do descobrimento e no começo do seguinte, sobre cousas brazileiras e por amor do paiz ha duas obras que, sem forçar a significação commum de literatura, poderiamos chamar de literarias, e attendendo ao commovido espirito de bem querença da terra onde foram escriptas, e ao sentimento desta já manifesto em ambas, naturalizal-as e incluil-as na literatura brazileira. São o *Tratado descriptivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza, escripto em 1587 e os *Dialogos das grandezas do Brasil*, de autor até agora incognito, mas parece, compostos em 1618.

Destas duas obras, ambas consideraveis e estimaveis, a segunda tem melhores predicados literarios de essencia, lingua e estylo, do que a primeira, embora lhe seja esta muito superior como informação geral do Brazil e documento historico. Nem uma dellas, porém, é de brazileiro, mas ambas de portuguezes. O *Tratado* de Gabriel Soares, ainda mais que os *Dialogos*, não tem o desinteresse e generalidade que se requerem em obras literarias. Foi feito, ou pelo menos teve a ultima demão, como um memorial justificativo dos requerimentos que á Côrte hespanhola, então senhora do Brazil, fazia Gabriel Soares afim de obter concessões com que novamente emprehendesse o descobrimento das suppostas minas das cabeceiras do S. Francisco, empresa iniciada por um mallogrado irmão seu. Elle proprio, no offerecimento da obra ao ministro Christovão de Moura, declarava que a sua intenção «não foi escrever historia que deleitasse com estylo e boa linguagem.»

Ora como sem esta intenção, em proposito ou realizada, não ha obra literaria, e demais o autor, escriptor occasional, era portuguez, a sua obra escapa á historia da nossa literatura ou apenas caberia nella na qualidade de subsidiaria, como documento da cultura que já aqui se encontrava no seculo XVI. Acresce, para excluil-a dessa historia, que só foi conhecida e divulgada, (sem falar na impressão parcial, e não publicada, feita por Frei Conceição Velloso, na Typographia do Arco do Cego (1800?), em 1825. (1)

Com melhores razões caberiam nesta historia os *Dialogos das grandezas do Brasil*, se o seu autor fosse brazileiro. De todas as obras escriptas por portuguezes no Brazil nos dous primeiros seculos deste, é sem duvida esta a que melhores titulos literarios tem. Mas tal é a sorte dos que escrevem fóra da sua terra, a de lhes ficarem estranhos, sem os naturalizar a alheia na qual e talvez para a qual escreveram, as vezes excellentemente, nem os reconhecer a sua.

---

(1) Veja *Kósmos* de Outubro de 1908.

(1) *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações extramarinas* publicadas pela Academia real das Sciencias de Lisboa, Tomo III, Lisboa, 1825. O laborioso e facundo Varuhagen publicou, no tomo V da mesma collecção, em 1839, umas interessantes *Reflexões criticas* sobre este apreciado escripto, nas quaes lhe restitue o nome do verdadeiro autor, e em 1851, uma nova e mais correcta edição no Tomo XIV da *Rev. do Inst. Hist.*, tirada tambem em separado e acompanhada de *Breves Commentarios*.

Na historia da nossa literatura, que é apenas um aspecto da historia da nossa cultura, estas obras e outras que [illegible] penas serão mencionadas e estudadas [illegible] documentos aqui, na segunda metade do seculo XVI e principios do XVII, de tal ou qual actividade intellectual, se bem ainda muito parcial e limitada.

Desta actividade, e tambem da primitiva literatura brazileira em prosa, é notavel e principal testemunho a *Historia do Brasil* de Fr. Vicente do Salvador. Terminado em 1627, este livro teria na prosa brazileira a importancia historica da *Prosopopéa* de Bento Teixeira na poesia se, como esta, houvera sido publicado. Infelizmente só veio á luz no ultimo terço do seculo XIX (1), e como ficou não só inedito mas desconhecido aos seus contemporaneos tambem ficou absolutamente sem acção ou repercussão nelles e no meio.

Para a historia da literatura, a obra literaria, que é um facto, não existe senão pela publicidade. Salvo no dominio da consciencia, nenhum facto conhecemos se não quando elle se objectiva para nós. Para que o facto literario caiba e tenha lugar na historia é preciso que se divulgue e influa; não basta que exista escondido e desconhecido. E ha sempre alguma cousa de arbitrario e artificial em collocal-o retrospectivamente no seu lugar proprio.

Relativamente ao tempo e ao meio (1564 e talvez 1639, são as datas extremas da vida de Frei Vicente do Salvador) a *Historia do Brasil* do frade bahiano é, não só a primeira obra em prosa, de merecimento, escripta por brazileiro, mas a mais bem escripta. E', em todo o nosso periodo colonial, uma das raras que, pela sua espontaneidade e naturalidade, pela ingenuidade da sua inspiração e sentimento, pela graça nativa e fina intelligencia objectiva, menos cedem aos vicios e senões daquella epoca literaria. Ha nella alguma cousa de simplicidade e singeleza encantadora dos primitivos.

Com a unica excepção desta singular *Historia* de Fr. Vicente, a nossa actividade literaria por todo o seculo XVII cifrou-se na poesia. Só ao cabo do primeiro terço do XVIII, em 1730, saiu á luz em Lisboa a *Historia da America Portugueza* de Rocha Pitta.

E' um acontecimento literario muito mais importante que os versos até ahi feitos e publicados. A prosa é a linguagem da madureza e da razão. Entrando a exprimir-se tambem em prosa, e não somente na linguagem primitiva da poesia, mostra um povo capacidades de reflexão, de analyse, que a prosa mais do que a poesia requer.

A *Historia* de Rocha Pitta, que hoje nos parece a todos os respeitos obsoleta, e perluxa, emphatica e desaborida, justamente pelo muito floreio de estylo com que foi intencionalmente escripta, era para o seu tempo um livro muito estimavel, e foi com razão muito estimado. Pode dizer-se que, escripto em estylo e prosa poetica, quasi como um poema epico em louvor do Brazil, com mais enthusiasmo e arroubo de sentimento patriotico do que com a serenidade e a critica da historia, marca justamente a transição da poesia a que exclusivamente se reduzia a nossa manifestação literaria para a prosa em que iamos começar a mais frequentemente manifestarmo-nos.

Então o que nol-o torna desagradavel, era aquilatado pelo contrario. Um dos seus censores officiaes, Frei Manoel Guilherme, qualificador do Santo Officio, examinador das tres ordens militares, sujeito douto, declara no seu parecer ter nelle admirado «a phrase verdadeiramente portugueza, desaffectada, pura, concisa e conceituosa.» Afóra o casticismo, aliás de máu cunho, a critica hoje não lhe pode achar se não as qualidades oppostas, a prolixidade, a affectação, o inchado e o abuso de conceitos banaes ou rebuscados. Mas outro censor, igualmente qualificado, academico da Real Academia de historia portugueza e chronista da casa de Bragança, D. José Barbosa, disse no seu longo bem feito parecer, o merito essencial, o valor proprio, da obra do nosso patricio. Depois de verificar que «esta grande porção do mundo», o Brazil, «descoberta no anno de mil e quinhentos, esteve até agora (1727) como incognito por falta de historiador que desse a conhecer com exacção as portentosas maravilhas de que a dotou a natureza», referir-se ás insufficientes obras de Gandavo e de Simão de Vasconcellos, e a outras semelhantes que enumera, e assentar que «nenhum destes autoresé chronista geral de toda a America portugueza», razoavelmente pondera.

«Mas ainda que nestes livros (citára particularmente as historias derivadas das guerras hollandezas) se veja o brio militar dos Americanos portuguezes, tudo o que nelles se escreve é uma pequena parte a respeito de tão grande todo. Sabiamos o valor com que poucos soldados mal armados e peor disciplinados, animando-os o zelo da fé e o amor da liberdade das suas patrias, souberam vencer e triumphar de uma gente tão valorosa como a hollandeza, em que não é facil examinar qual seja nella maior, se o esforço, se a industria

(1) A *Historia do Brazil* de Fr. Vicente do Salvador foi pela primeira vez publicada (livros 1 e 2 somente) na 1ª parte do n. 5 dos *Materiaes e achegas para a historia e geographia do Brazil* por Capistrano de Abreu e Valle Cabral, ambos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, nesta cidade, Imprensa Nacional, 1887, com introducção e notas dos editores, 115 pgs. in-8º. No anno seguinte, de 1888, saiu a mesma *Historia*, então já mais completa, mas ainda com falta de alguns capitulos, talvez perdidos, publicada pelos mesmos editores, com uma mais estensa introducção do primeiro e sem as notas, no vol. XIII dos citados *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

militar. Sabiamos em commum os nomes dos governadores de muitas capitanias em que se dividiu o agigantado corpo daquella conquista, mas não lhes sabiamos a continuação até os nossos tempos, porque estas noticias até agora eram filhas do acaso. Sabiamos que em alguns daquelles bispados floresceram prelados santissimos, que com generoso e apostolico trabalho acrescentaram o rebanho de Christo, mas a sua serie era ignorada pelos escriptores. Sabiamos os milagres que pelo espaço de tantos seculos escondeu a natureza a todo o resto do mundo; e sabiamos que aquelles sertões mais eram povoados de oiro e de pedraria que de homens, mas tudo isto sabiamos com tanta confusão, que não seria grande erro affirmar que era o mesmo que se o ignorassemos, porque esta costuma a ser a pena do que se sabe em confuso.

« Para que tudo se soubesse com distincção escreveu o Coronel Sebastião da Rocha Pitta esta *Historia da America Portugueza*, que comprehende duzentos e vinte e quatro annos de tempo, em que se praticaram todos aquelles acontecimentos, em que mostra a fortuna a firme variedade da sua inconstancia. Com a devida proporção verão os leitores nesta historia todos aquelles casos que fizeram famosas a muitas monarchias, porque aqui se verão povos mal contentes, e logo satisfeitos; ver-se-ão promessas de thesouros, umas vezes mal cumpridas, e outras descobertas, achar-se o oiro em tanta abundancia como se fôra terra; e uns governadores descuidados da humanidade por culpa da distancia, e outros sempre os mesmos, ainda que tão distantes da Côrte, porque os homens verdadeiramente christãos adoram em toda a parte a presença de Deus; de sorte que attendendo ao que este autor escreveu, entendo que se lhe deve dar o titulo de novo Colombo, porque com o seu trabalho e com o seu estudo nos soube descobrir outro mundo novo no mesmo mundo descoberto.

« Esta historia está escripta com tanta elegancia, que só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os leitores se podessem divertir com maior torrente de eloquencia. Todos os successos estão escriptos com tão artificiosa brevidade, que se percebem sem defeito das noticias necessarias, porque de outra sorte occupariam muitos volumes os negocios politicos e as acções militares de tão grande numero de nações, como são as que habitam o dilatadissimo sertão da nossa America.» (1)

Descontado o hyperbolico do estylo do tempo—que no caso o mesmo livro sob censura incitava, tudo isto era então exacto e justo dizer da obra do historiador brazileiro.

(1) *Historia da America Portugueza* por Sebastião da Rocha Pitta, 2ª edição, (aliás 3ª) Lisboa, 1880, XXV e seg.

E o seu valor incontestavel, assim proclamado, não o era só para os Portuguezes, mas principalmente para nós Brazileiros a quem o livro de Rocha Pitta, num estylo que naquella epoca seria muito grato e lhe conquistaria muitos leitores, ensinava a historia da sua terrra, engrandecendo-a e sublimando-a por tal forma que forçosamente os faria ufanarem-se de serem seus filhos.

A velha tendencia do apreço e gabo da terra, primeiro vagido do nosso brazileirismo, gosto e louvor não artificial e de estudo, mas natural e espontaneo, por o inspirar realmente a grandeza e opulencia della, tendencia desde Botelho de Oliveira manifestada nos representantes espirituaes do povo que aqui se formava, e continuada sem interrupção nos seus successores, aparecia agora, como que raciocinada, sistematizada na prosa inchada e florida do seu primeiro historiador. E desde então esse feitio hyperbolico de dizer da nossa patria seria uma feição predominante do nosso sentimento nacional manifestando-se literariamente. Apenas haverá d'ora avante poeta ou prosador que a não celebre e cante com os arroubos lyricos do seu historiador Rocha Pitta. Graças á sua influencia será ella magnificada ao excesso, a exacta noção da sua natureza deturpada por amor de engrandecel-a até lhe tirar a realidade, a sua geographia falsificada, a sua verdadeira feição escondida ou desfigurada sob postiços e arrebiques do patriotismo convencional ou simplorio. Das nossas mofinas montanhas, as mais altas apenas collinas comparadas com as do antigo Continente e ainda com as da America Occidental, não teve Rocha Pitta, pudor de escrever que «umas parecem ter aos hombros o céo, outras penetral-o com a cabeça.» E todos os aspectos naturaes do Brazil são assim por elle engrandecidos. Ufana-se e embevece-se na enumeração hyperbolica da nossa fauna e da nossa flora e no seu ingenuo enthusiasmo aceita e propala as noções erroneas que ainda hoje falseam a nossa historia natural, como a existencia de féras, gados que se alimentam de terra, cobras que trituram «o maior touro» e o devoram. Muitas das nossas abusões e enganos da opulencia e feracidade da nossa terra, illusões umas porventua auspiciosas, outras com certeza funestas, vieram de Rocha Pitta e de sua influencia.

O exagero e descomedimento com que elle descreveu as mesmas feições physicas da sua patria dão a medida do hyperbolico estylo com que em todo o seu livro fala della e lhe reconta os feitos, magnificando-a como para justificar a sua empreza de historial-a. Esse estylo ficaria para sempre o do nosso patriotismo ou antes vaidade nacional.

Este, porém, como o sentimento que traduzia, não era invenção nossa, nem original da nossa terra. Quem ler os historiadores chronistas e outros autores portuguezes desde o seculo de 500 até o do nosso patricio não terá de Portugal outra idéa se não de que era uma das primeiras e mais poderosas, e mais illustres, talvez a primeira, a mais poderosa, a mais illustre nação do mundo.

Filho de João Velho Gondim e de D. Brites da Rocha Pitta, nasceu Sebastião da Rocha Pitta na cidade da Bahia em 3 de Maio de 1660. Naturalmente preferiu o nome da mãi ao do pai por ser esta de melhor prosapia. Era sua mãi filha de Sebastião da Rocha Pitta, no dizer do seu neto, «das primeiras e mais poderosas pessoas de Pernambuco, o qual no serviço do rei e da patria juntava aomerecimento do valor a despesa do cabedal.» Não é talvez ocioso reparar que este primeiro historiador brazileiro e enthusiasta até o excesso do Brazil, era não só de nascimento mas de filiação brazileiro.

Segundo o aqui e então costumado nas familias abastadas, fez os primeiros estudos, até os 16 annos, no collegio dos jesuitas da Bahia e os completou em Portugal, na Universidade de Coimbra, onde se bacharelou em canones. De volta á patria teve o posto e cargo de Coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças da sua cidade natal. Casou com D. Brites de Almeida e retirou-se para uma fazenda que tinha perto da cidade de Cachoeira, no Paraguassú. Ali viveu a vida invejavel de estudo e trabalhos ruraes, vida de fazendeiro ou senhor de engenho letrado, de que mais de um exemplo houve sempre no Brazil, sendo talvez o primeiro o de Gabriel Soares, no seu engenho de Jequiriçá, na mesma Bahia, pelos meiados do seculo XVI. Acolá, de parceria com a canna de assucar, cultivou a poesia que, parece, lhe não veiu tão bem. Escreveu em castelhano um romance em verso, á moda e no gosto do tempo, e publicou em 1709 e 1721 duas obras panegiricas, consoante o mesmo gosto e voga, por occasião da morte do rei D. Pedro II e de uma senhora bahiana. (1)

Após estes mofinos e malogrados ensaios metteu Rocha Pitta mãos a obra da historia do Brazil, movido do patriotico desejo de lhe expor «ao publico juizo e attenção do mundo as grandezas e excellencias,» e lastimado de que «tendo creado o Brazil talentos por eminencia grandes, nenhum compuzesse a historia desta região com maior gloria da patria» do que poderia lograr nos seus escriptos, accresCenta elle com modestia convencional. Alem destes motivos pessoaes, incitou-o a escrevel-a a Academia dos Esquecidos, fundada na Bahia em 1724 de que foi membro conspicuo, a qual se se criára com o particular objecto de escrever justamente a historia da America portugueza.

Para a escrever deixou Rocha Pitta o socego do seu engenho, rebuscou documentos, pesquisou em archivos e se passou a Portugal onde em Lisboa, em 1730, publicou a sua obra. (1)

Mereceu-lhe esta os applausos dos doutos, mercês de el-rei D. João V a cuja «augusta magestade» era no mesmo titulo offerecido, o diploma de socio da Academia Real da Historia, lugar que elle chamou de «preclarissimo» e do qual muito se desvaneceu.

Em tempo e em paiz em que a historia era apenas um thema literario e até rhetorico, sem nenhuma disciplina scientifica ou algum rigoroso methodo de investigação e critica, a obra do escriptor brazileiro tinha realmente um grande merecimento. Compendiava e ordenava, não sem talento de escriptor e num estylo ao sabor do tempo as dispersas e desconcertadas noções da historia do paiz e vulgarizava-o numa forma accessivel e simpatica. E' sob este aspecto que se pode ver em Rocha Pitta o criador da nossa historia. Elle a estudou com amor, e escreveu mais completamente do que ninguem antes delle e, de parte os inevitaveis sacrificios ao sentimento, criterio e estylo da sua epoca, aos quaes só os genios logram escapar, com intelligencia e relativa discrição. Maior, porem, que este seu merecimento, foi a sua influencia. Esta foi grande, e má, na nossa concepção da historia nacional e na maneira de escrevel-a, e ainda no nosso estylo de tratar as cousas patrias. Pela divulgação larga e incondicional apreço que parece ter tido, e influxo que a sua maneira e estylo vieram a exercer no Brazil, ella infeccionou até hoje a linguagem literaria brazileira do seu virus de emphase e hyperbole. Ainda em meiados do seculo passado, um discipulo de Rocha Pitta, o nosso contemporaneo Conego Doutor Fernandes Pinheiro, que escrevia: «parece-me acertado ir buscar alem do Attlantico a extremidade do fio electrico que na séde da colonia luso americana vibrava as fibras da intellectualidade» e quejandas bellezas, qualificava Rocha

(1) V. *Noticia biographica* posta por J. G. Góes á sua excellente edição da *Historia da America Portugueza* de Rocha Pitta, Lisboa, 1880. Enganado por esta denominação de romance, aliás vulgarissima, dada a uma producção poetica de Rocha Pitta, pol-o tolamente um critico nosso entre os nossos romancistas, autores de ficção em prosa, um seculo antes que esta aparecesse no Brazil.

(1) *Historia da America Portugueza desde o anno de 1500 do seu descobrimento até o de 1724*, Lisboa, na officina de Antonio José da Silva, 1730, fol. XXX-716 pgs.

Deste livro ha mais as seguintes edições:

Bahia, Imprensa Economica, 1878, in-8º, 7 pgs. imun. e 513 num. que é realmente a 2ª edição;—a citada de Lisboa de 1880, que é a 3ª;—a 4ª do editor Garnier, Rio de Janeiro, s. d. (1907) H. Garnier, impressa em Paris, a mais imperfeita de todas, sem as licenças nem os indices.

Pitta de «eloquente historiador.» No Pará, Baena, um seu admirador confesso, no Sul o proprio Varnhagen, são seus alumnos, como o são geralmente quasi todos os autores da *Revista do Instituto Historico* até ha bem pouco tempo e, não raro, até ainda agora.

E' que os feios vicios do estylo de Rocha Pitta não são apenas do seu tempo, epoca e escola literaria, se não o mal organico, defeito de raiz, do genio literario portuguez, ainda do iberico, passado á America.

JOSÉ VERISSIMO.

O CABARET DA YVONNE

(RECORDAÇÃO DE UM TEMPO)

HOUVE um tempo em que essa mocidade estroina, que formou a banda dessidente e ruidosa da bohemia litteraria de 1890 á 900, de que eu fiz parte, pretendeu transformar numa Pariz espiritual a nossa então sujissima, fétida, estreita, pestilenta, desengonçada cidade, cujo padròm foi o martyr S. Sebastião que, depois de assassinado, o feroz imperador Diocleciano mandou arremessar a um esgôto publico. Relembro o humilhante fim do martyr christão para, estabelecendo a corrente das affinidades, explicar a prazerosa persistencia na immundicie em que por longos annos passou a Sebastianopolis dos Sás.

A nossa pretenção não era, bem se vê, empreza de curto folego.

Mas, não nos sendo possivel dar a esta cidade palacios de Mansard e jardins de Le Nostre, nem boulevards a Hausmann, nem fontes publicas como as de Jean Goujon ou de Bouchardon, contentavamo-nos com um arremedo de vida á maneira do Montmartre ou do *Quartier latin*.

Para que a verdade se não vexe e reclame, esclareço pressurosamente que a fina flôr espiritual montmartreana, que pretendiamos, era uma das nossas frequentes e floreteadas fantasias de imaginosos. Nada conheciamos desse viver privado de artistas e estudantes, se não o superficial das descriptivas em alguns livros, o que nos não impedia de assignalar a alta espiritualidade dos intellectuaes nos incidentes opportunos das palestras e emprestar-lhe fôro de caso observado.

E entre as externações dessa decantada espiritualidade, supposta superfina, o *cabaret* parecia-nos a mais completa realisação dos modos parisienses em que a graça e a intelligencia põem o cunho exelsior da superioridade, que é inaccessivel aos simples mortaes.

O *cabaret!*... Não te admires leitor condescendente. Escuta. Eu sei que te não sobra tempo para a curiosa pesquiza de umas tantas cousas, e por ouvires imputações terriveis a este termo, que reeditam a inexorabilidade com que o anathematisou o archaico e venerando Sr. Le Play, avô ou pae espiritual do famoso moralista Sr. Beranger, do nosso tempo, tu te preveniste contra elle.

Não deixas de ter um poucochinho de razão; no fundo todas as cousas comportam a sua justificativa, té mesmo os absurdos e as tolices. Mas, nem por isso, o *cabaret* merece a guerrilha ferina que os sizudos lhe movem.

Afinal de contas, esses senhores sizudos são mais solidos que os jumentos andaluzes... E' melhor, se te apraz commungar opiniões alheias, nas quaes acreditas pela convencional respeitabilidade da procedencia, repetir num sorriso com o sarcastico Batru definindo o *cabaret:* «E' um logar onde se vende a loucura em garrafas.»

Não se recommenda por seu rigorismo esta definição, pecca por exaggero; com tudo, dê-se-lhe preferencia a qualquer outra mais acrimoniosa ou virulenta, porque esta, ao menos, tem espirito.

E se queres saber por minha penna rômba o que é o *cabaret*, se isso te não enfara, dado que me estás lendo sem displicencia ou com alguma sympathia, de bom grado folhearei o monumental e fecundo Larousse para te encharcar de erudição. Vamos lá. O Larousse é volumoso e demais composto num typo miudo, sobremodo massante. Eu me incumbo de o resumir o mais possivel, e accrescentar-lhe-ei o que conheço de mais recente. Olha, que me não pavoneio pedantocratamente com a sabença

dessas minucias historicas, pois já te indiquei a fonte a que recorro para a prelecção substanciosa.

Affirmam pesquizadores que a existencia dos *cabarets* attinge a épocas remotissimas. Sabem que elles existiram, sob um nome qualquer, no Pnix de Athenas, onde o bravo e severo Socrates, e o chamado divino Platão commumente appareciam. Roma tambem os teve e Horacio, Tibullo, Propercio, Ovidio os frequentaram. Virgilio conheceu Lycoris, por quem se apaixonou, servindo num *cabaret* campestre.

Frequentados por philosophos, grammaticos, guerreiros e poetas, os *cabarets* passaram a outras edades com as suas tradições. Assim foi que Shakspeare compoz a *Vida e historia de Henrique IV* num *cabaret* de Londres intitulado *The swan*, o cysne; e ainda nessa mesma cidade celebrisou-se o *Red lion*, o leão vermelho, onde Cromwell tinha entrevistas com Price e Harisson.

Teniers perpetuou com a sua pintura os familiares *cabarets* flamengos, como Van Ostade os hollandezes. Mas os de Pariz, os que nos serviram de modelo, esses téem uma origem

BRUANT NO SEU CABARET
(Desenho de Steinlen)

obscura, de tão immersos que se acham no esbatimento do passado!

O *cabaret* parisiense mais antigo, do qual se guarda memoria nitida, é o da *Pomme de Pin*, no tempo de Henrique II. Esse *cabaret* estava localisado na rua Juiverie, a pequena distancia de *Notre Dame*, e foi lá que Rabelais escreveu grande parte do seu *Gargantua*, e Villon, o auctor sempre lembrado das *Belles femmes du temps jadis*, se emborrachava sordidamente.

Com a *Pomme de Pin* rivalisavam o *Cormier*, da rua Fossés-Saint-Germain — l'Auxerrois, e o *Petit-More*, em Saint Cloud.

Depois desses, só no reinado de Luiz XVI foi que criaram fama dois *cabarets*, o *Epée royale* e o *Fosse aux lions*.

Na éra de odio e sangue da Revolução o nome de *cabaret* passou a ser templo! quando não era simplesmente taverna. Neste genero houve o *templo* de Juno, de Momo, de Baccho.

Mas a éra de ferro e fogo do Imperio, apesar dos rufos de tambores, estrepido de marchas e canglores de cornêtas, enchia de risos e canções o *Sabot*, no faubourg Saint Marcel, o *L'eau d'argent*, o *Cave de la Morelliere*, o *Tambour royal*.

Em 1830, porém, os *cabarets* multiplicaram-se, e começaram a ser ponto obrigatorio das gerações intellectuaes. O *Mère Saget*, na barreira de Maine, notabilisou-se por seus frequentadores, que foram Victor Hugo, o pintor e desenhista Raffet, Romieu, Alexandre Dumas, Tony Johannot, o esculptor David d'Angers, o infeliz jornalista Armand Carrel. O segundo imperio, a época em que a França mais se divertiu na opinião de um general napoleonico, o *Petit Rocher*, da rua Breda, no faubourg Montmartre, oppôz-se á fama do *Mere Saget* com os seus *habitués* Charles Monselet, o celebre humorista do *Figaro*, Henry Muger immortalisado por suas «Scenas da vida da Bohemia», Nadar, o photographo das celebridades e que tambem começou novellista, Beaudelaire, Alphonse Daudet... em resumo, toda a geração dos ultimos dias do romantismo e grande parte da que vinha rompendo o anonymato com os novos processos de arte, de que surdiu o naturalismo.

Os tempos modernos da Republica tambem deram *cabarets* notaveis, destacando-se delles o *Chat Noir*, do gôrado poeta Sallis, que obteve um successo extraordinario, creio que o maior de todos.

Bosquejada como aqui fica a historia dos *cabarets*, que se não devem confundir com as tavernas, tascas e bodégas, continúo a minha narrativa. O *cabaret* foi a nossa grande aspiração. Se o não tivessemos estariamos desmoralisados, porque sujeitar-nos-iamos á vulgaridade do burguezismo. Mas, como obtêl-o? de que modo?... Estendemos o olhar sobre a multidão no intuito de descobrir, por entre a turba dos especuladores, um ambicioso de fortuna rapida que se aventurasse tental-a com esse negocio. Ninguem accudiu ao nosso gesto, nem se commoveu com as nossas labias.

Em quanto a sorte nos não favorecia, iamos fingindo a vida alegre dos *cabarets* nas cervejarias, de preferencia aos Cafés que nos insultavam com o seu constante ruido de louças e

mais a sua palestra politica. Eramos anti-politicos, porque admittindo um só principio ou crédo — o republicano — excluiamos das nossas occupações mentaes qualquer outro ideal. Por isso as luctas partidarias nada nos interessavam. E diziamos, num gesto de soberana resolução: «quando a Republica perigar aqui estamos, deem-nos armas.» E nada mais. As nossas palestras pairavam nas regiões empyreas da arte, litteratura, sociologia...

Um dia, não sei como, alguem nos trouxe uma noticia flammante: Havia um *cabaret*, inauguravam-n'o á noite!

Exultamos. Num impulso uniforme e tacito erguemo-nos, aos brados, berrando hips! hurrahs! com enorme escandalo dos pacatos bebedores de chopps do prestativo e camarada Roberto Knop. E á noite a banda rebelde invadia a casa n. 12 da rua Lavradio, para onde nos tinha levado o nosso informante, bem digno das alviçaras que lhe demos em *boxes* de uma detestavel cerveja «marca barbante». Mas ali tinhamos o *cabaret* desejado. Não era precisamente esse o que sonharámos, assim como dizem os *historicos* com a republica que o exercito nos deu; em todo o caso, era um *cabaret* de verdade. Nos muros da sala réles viam-se cartazes, alguns dos cotados *maitres d'affiches*, como Jules Cheret; caricaturas ingenuas com pretenções apavorantes; mesas de botequim compradas n'alguma fallencia e regularmente sujas para ostentar rebeldia, pelo menos contra a limpeza; ao fundo um trophéo de bandeiras francesas e brasileiras, obedecendo á decorativa chula das barracas de saltimbancos, e sobre um estrado um piano meio armario.

YVONNE NUMA CANCONET DE CAFÉ CANTANTE

Veiu nos receber a cabaretista, em *travestti* de Aristide Bruant, o que mantinha no boulevard Rochechouart uma salêta de bem feitas cançonêtas torpes, maior parte obscenas, e onde, uma vez por semana, a grande roda chic de Pariz, a *haute* exarelada de riquezas de teares e de modistas, ia se *acanailler*, segundo a expressão corrente nessas oleosas boccas de carmim.

Esse Aristide Bruant falsificado era uma francezita do sul, chamada Yvonne. Parece que imitava bem o auctor do *dans la rue*, porque entre a copia, que se nos apresentava, e o original, que conheciamos por desenhos e photographias, a semelhança, não accusa nenhuma differença, a não ser nos traços caracteristicos dos sexos. E como a Yvonne tinha um typosinho interessantemente moreno, o *travestti* dava-lhe uma seducção irresistivel, garantia estimavel do bom exito do negocio.

Yvonne acolheu-nos á maneira de Bruant, com exclamações *d'argot*, o calão troante e escabroso do populacho das tavernas de Pariz. Escolhia, porém, a giria para não chafurdar na porneia, que devia ser horrivelmente nojenta na sua pequena bocca sem tinta e com uns magnificos dentes. O moreno baço da sua visagem, orlada de escuros abundantes cabellos falsos cortados á altura das clavículas, e sob o largo chapéo de feltro negro, de cópa raza e duras abas ao formato dos toureiros e dos *faias* de Lisboa, empallidecia a mais, penetrando-se do tom singular e diabolico dos vicios supremos, a que o vivo nocturno dos olhos emprestava as tentações criminosos do sadismo.

E quando ella cantava,

Moi je n'sais pas si j'suis d'Grenelle
De Montmartre ou de la Chapelle,
D'ici, d'ailleurs ou de lá—bas;
Mais j'sais ben qu'la foule accourue
Un matin, m'a trouvé su'l'tas
Dans la rue

ao som do piano, a sua figurinha feminina, enfronhada no preto casacão aberto, camisa de foulard branco, e pantalonas tambem pretas, perdendo-se no cano baixo e estreito das botas, suggestionava a ideia de uma desgraça que rasteja pelas abjecções com o lirio branco de um idéal escondido no seio.

Yvonne não occultava esse lirio; é de crêr que nunca o possuira. Em todo o caso, ouvindo-a cantar *A Batignolles* ou *Craneuse*, e

vendo-a depois e ouvindo-lhe a *Berceuse Bleu*, perguntavamo-nos, aos nossos botões, se aquella indemissa rapariga era, em verdade, um producto bizarro da sanie que forma o fundo das grandes civilisações, igual áquellas flores de neve, pontilhadas de fragmentos de carne humana putrefacta, que nos descreve Octave Mirbeau no *Jardin des Supplices?*

Não soubemos nunca. O *cabaret* da Yvonne foi um pretexto para fingirmos a vida alegre de Pariz, e era o quanto nos bastava. Entretanto a falta de bom gosto desse meio irritava-nos. Uma vez, um dos nossos, o Luiz Gaston, uma irrefreavel inclinação para a arte decorativa, não se pôde conter, propoz a Yvonne e ao seu socio a remodelação do *cabaret;* acceitaram-n'a porque a frequencia era desanimadora e attribuiam-n'a, impensadamente, ao nenhum attractivo do interior. Fizeram a transformação. Foi melhor para elle e peior para nós. Mais pelo reclame que tamborilhavamos, do que pelo apelintramento soffrido, o *cabaret* começou a attrahir espectadores. A gente que veio, porem, dava-se á intemperança e quando se excedia nas libações ficava ás voltas com o demonio destruidor. De tanto resultaram barulhos, rixas, um horror! A policia interveio, o *cabaret* desmoralisou-se. Logo ao principio debandamos, a lamentar que nesta sujissima Sebastianopolis nem ao menos nos fosse dado o goso de um quieto logar, onde nos divertissemos sem risco de ficar com as tripas bolsadas ou com o nariz esborrachado. As *brasseries* (como denominavamos as casas de chopps) eram preferiveis, não punham em perigo a integridade dos nossos arcabouços e offereciam um sereno recolhimento para a meditação ou as palestras de arte. Voltamos a ellas, e quanto á Yvonne soubemos que, fechado o *cabaret*, tentada sem resultado uma exibição em café-cantante, ella se déra a estudos da lyrica nacional, cuja sedução a amollecia e deliciava, principalmente a das poesias do meu amigo Guimarães Passos, auctor da popular e suave *Casa branca da serra*, que Yvonne decorou com predilecção e amor.

Depois ..... que sei mais? Ouvi dizer que a desenvolta cabaretista partira para S. Paulo, e foi só isso, porque a falta de interesse pelo seu destino e a falta de noticias da sua piogada estenderam sobre essa ausencia a impenetrabilidade duma escuridão antarctica.

1908.

GONZAGA DUQUE.

O Socialismo Através da Historia

A QUESTÃO social que constitue, por assim dizer, o pesadello dos governos europeus e que já começa a preoccupar a sociedade politica nos paizes do novo continente, não é como se poderia imaginar, um producto dos tempos modernos. Sua origem remonta á mais alta antiguidade. A historia antiga, grega e romana, mostra-nos as suas primeiras manifestações theoricamente na Republica utopista de Platão, e praticamente no Communismo de Sparta e de Creta e na primitiva organisação da propriedade em Roma. Vem em seguida, como procursores do socialismo contemporaneo as differentes seitas religiosas e philosophicas, antes da destruição do imperio romano, as heresias dos Fraticelli, Dulcinistas, Begghards e Apostolicos, entre outras, todas inimigas da propriedade individual, na Idade Media; o Anabaptismo na Hollanda e na Suissa, e emfim os utopistas modernos Thomaz Morus, Campanella, Morelli e outros.

As seitas religiosas e philosophicas dignas de nota, antes da destruição do imperio romano foram as dos Gnosticos Carpocracianos, Nicolaistas e Pelagianistas, todos adeptos do Communismo. Das seitas hereticas a mais notavel é a dos begghards, estabelecida na Allemanha em fins do seculo XIII, e cuja doutrina se resume nestes principios: O homem pode adquirir nesta vida um tal grau de perfeição que o torna impeccavel. Os que chegam a essa perfeição podem permittir ao corpo todos os prazeres materiaes, porque nesse estado os sentidos são de tal modo sujeitos ao espirito que a alma se conserva sempre pura; podem egualmente deixar de obedecer aos magistrados e de praticar os mandamentos da Igreja. A pratica das virtudes é para os imperfeitos; o individuo chegado ao ultimo grau de perfeição pode deixar de as praticar.

As ideias communistas de Thomaz Morus foram desenvolvidas no seu famoso romance socialista: *Utopia*. No numero dos seus continuadores figuram principalmente Thomaz Campanella, monge dominicano, autor do livro — *Cidade do Sol* (Civitas Solis) cujas theorias communistas foram reproduzidas por Saint-Simon, e Morellí, autor de dous livros socialistas — *Code de la Nature* e *Basiliade*.

Todo cidadão será homem publico, diz Morelli, e será sustentado pelo Estado, unico proprietario de todos os bens. Todos contribuirão para a utilidade publica segundo sua força, seu talento, e sua idade; é tomando por base esses tres elementos que serão prescriptos os seus deveres conforme as leis distribuitivas. Como precursores do socialismo convem ainda citar Spence, autor dum romance *Spensonia*, e Harrington, dum outro com o titulo de *Oceana*. Ambas essas obras pregam o communismo como Morus, na Utopia.

Entre os ultimos reformadores o primeiro logar cabe a Carlos Fourier, o inventor da *Harmonia Universal*. Este, como todos os utopistas que o precederam, propõe-se a mudar inteiramente os actuaes alicerces da sociedade, dando-lhe novas bases de organisação. Segundo Fourier, a desordem em que se acham os homens, abandonados á oppressão, ao crime e a todas as miserias, vem do facto de terem elles despresado a lei da attracção que rege naturalmente a ordem no Universo para obedecer a caprichos phiiosophicos e theologicos que lhes são impostos como deveres imprescriptives. O despreso absoluto desse erro seria o caminho mais seguro para a felicidade do homem sobre a terra. Sendo a attracção a lei suprema da ordem e da harmonia, o unico poder que retem as espheras superiores nas suas orbitas, deve ella tambem reger no nosso planeta o destino dos homens, mais facilmente movidos pela vontade.

Para elles, seguir a lei da attracção equivale a abandonar-se á tendencia das paixões que são outras tantas impulsões divinas.

Desde que a humanidade se submetta unica e definitivamente ás leis da attracção apaixonada, terão desapparecido todos os obstaculos que impedem a unidade e a harmonia entre os homens.

E' partindo desse principio que o autor da *Theoria dos quatro movimentos* formula o seu systema de reformas, abraçando ao mesmo tempo a familia, a religião e o governo. Estabelecida a influencia das paixões na conducta do homem, cumpre antes de tudo modificar os costumes e as instituições sociaes, de modo a facilitar o livre desenvolvimento de cada uma. Fourier admitte no homem doze paixões radicaes, quatro affectivas, tres rectrises e cinco sensitivas que dão logar a tres ordens de attracção: necessidade de luxo, propensão á formação de grupos e tendencia á unidade. Para obter o resultado desejado é bastante reunir os homens em phalanges ou combinações de series. Uma serie é uma liga de diversos homens reunidos pela identidade de gostos por certa funcção determinada, como seja a cultura dum fructo, e affectando um grupo especial a cada variedade de trabalho. Esses grupos de cultivadores, apezar da rivalidade pois cada um defende a superioridade da sua especie favorita,

são forçados a união para defesa collectiva dos interesses da serie e com o fim de rivalisar com as phalanges visinhas que naturalmente pretendem a supremacia no mesmo genero de cultura.

Sendo a organisação por grupos e series a base da vida phalansteriana, a phalange deve necessariamente participar da hierarchia politica estabelecida n'aquelles dous componentes. Assim, no interior das phalanges as funcções superiores dependem do suffragio universal que designa directamente os chefes dos grupos e das series, do mesmo modo que o Conselho de regencia, encarregado da direcção geral. Todo o funccionario de qualquer ordem que seja, continúa a fazer parte de outros grupos e series, e permanece sempre sujeito como inferior ao regulamento do grupo a que pertence.

Segue-se naturalmente d'ahi que o chefe dum grupo ou duma serie pode passar a outro grupo ou serie differentes e achar-se assim dependente das ordens do respectivo chefe que pouco antes era seu subalteno.

Desse modo o poder, passageiro e transmissivel de mão em mão, fica completamente livre de todos os inconvenientes, como abusos e prevaricações que acompanham presentemente a autoridade.

Tudo isso applica-se porem á direcção interna da sociedade! No exterior, as numerosas phalanges, levadas por sympathia ou interesse commum, formarão outros grupos mais consideraveis, constituindo provincias e reinos. Estes ultimos, reunidos egualmente pelos mesmos motivos, formarão o imperio unitario do globo, tendo Constantinopla por Capital e o Omniarcha por chefe supremo!

Eis ahi, em traços largos, o systema de Fourier.

A difficuldade em toda essa embrulhada está em conciliar a ideia dum imperio unitario com a livre administração das phalanges.

Ao mesmo tempo que Fourier estabelecia nas proximidades de Condé sur Vosges o seu primeiro phalansterio, que desappareceu antes de concluido, Roberto Owen, na Inglaterra, formulava tambem o seu systema de reformas por meio da educação racional.

Tomando por ponto de partido o principio de irresponsabilidade, o reformador inglez sustenta que o homem não é bom nem máo, é apenas um joguete das circumstancias que o cercam. As noções de crime e justiça, castigo e recompensa são falsas e contrarias á lei da natureza. Os actos humanos sendo fatalmente o resultado de crenças, erros e preconceitos inculcados ao homem pela sociedade, são por isso mesmo contrarios á ideia de louvor e censura, porque o merito e o desmerito não se comprehendem sem a noção da responsabilidade.

Admittindo assim que a intelligencia humana é um simples producto de circumstancias exteriores, forçoso é concluir pela abolição das instituições politicas, civis e religiosas, como repousando sobre bases falsas, e o estabelecimento dum regimen de communismo fundado na identidade de capacidades.

O systema racional destinado a crear um novo espirito e uma nova vontade em todo o genero humano, pode ser applicado immediatamente, por meio de sociedades cooperativas dividindo-se os habitantes duma região em cinco classes, sem outra consideração que a differença de idade. A primeira classe, de cinco a quinze annos, comprehende os aprendizes dispensados de qualquer trabalho emquanto se educam segundo o methodo racional; a segunda de quinze a vinte e cinco comprehende os productores; a terceira de vinte e cinco a trinta os conservadores e distribuidores; a quarta de trinta a quarenta os administradores; a quinta de quarenta a sessenta, os diplomatas, encarregados de estudar as relações com as comunidades estrangeiras. A partir dos sessenta começa a epoca do repouso; o sexagenario é apenas um pensionista do Estado.

A sociedade assim organisada dispensa a moeda como meio de approximação entre productores e consumidores; todos trabalham para a communidade e esta se encarrega de supprir as necessidades dos seus membros. Alem dessa hierarchia de funccionarios a sociedade communista admitte ainda um Conselho superior encarregado de dirigir a applicação da sciencia social, comprehendendo as leis naturaes e o aperfeiçoamento do caracter, e da sciencia politica que fixa sobre bases racionaes a natureza do homem e a conducta da sua felicidade na terra.

Ao systema de Owen succede o Communismo de Cabet. Etienne Cabet representou em França papel quasi identico ao do reformador precedente na Inglaterra. O processo de reformas sociaes imaginado pelo communista francez está condensado em forma de romance, no seu livro *Viagem á Icaria*. A differença entre este systema e o de Owen é que no communismo Cooperativo a familia confunde-se com o Estado, emquanto que na Republica icariana são mantidos o casamento e a familia. Adoptando a maneira de Thomaz Morus, na *Utopia*, Cabet descreve um paiz e traordinario onde reinam a riqueza, a concordia a virtude e a fraternidade O territorio icariano divide-se em cem provincias, subdivididas em dez commarcas cada uma, com uma cidade commercial e

oito povoações inferiores. A capital, Icára acha-se collocada no centro e directamente ligada ás outras povoações por estradas de ferro e canaes navegaveis, constituindo o mais perfeito systema de communicações que se conhece. O principal poder na republica de Icaria é confiado a uma assembléa de representantes eleitos pelo suffragio universal. A assembléa nacional encarrega-se de mandar colher os productos da terra e da industria, e fal-os depositar em grandes armazens para serem divididos entre os productores. E' ella quem determina os productos a cultivar ou fabricar. A republica não admitte moeda nem propriedade individual. Nas commarcas e provincias o poder é confiado a um conselho composto de dezeseis membros, chamados executores nacionaes eleitos pelo povo dentre quarenta e oito candidatos designados pela assembléa nacional.

O systema de Cabet, pagiado da Republica, de Plutão, como os que o antecederam, desde Morus e Campanella até Doni, o autor do «I mondi celesti, terrestri e infernali», tem sobre os outros á vantagem de propor o regimen transitorio ou de preparação ás reformas radicaes, no que foi imitado por Luiz Blanc, cujo programma justamente com o de Pequeur, constitue a base do socialismo moderno.

Luiz Blanc, com o seu systema de atelier nacional, conduzindo no fim de certo tempo ao atelier social, não é mais do que um convencido partidario do Communismo realisado com o auxilio do mais odiento dispotismo.

Emquanto subsistir a antiga sociedade ao lado dos *ateliers* nacionaes, o Estado póde ser concebido fóra da communidade, mas desde que ella seja destinada e absorvida, o Estado fica sendo a propria associação dos *ateliers* e o governo um simples administrador da communidade. Todos os cidadãos são membros do grande *atelier* social, e como taes sujeitos á igualdade de salarios e á vida em commum. A terra e outros capitaes serão explorados collectivamente pela communidade, e nesta ficará concentrado o poder de dirigir os trabalhos e de dispôr soberanamente das cousas e das pessoas!

Resta-nos ainda, para fechar o cyclo citar o systema de Saint'Simon e a theoria de Augusto Conte ou politica positiva.

Esta, considerada como reforma social deve evidentemente figurar entre as escolas socialistas, pois as suas tendencias são as mesmas, não obstante os maios serem outros.

A organisação social de Saint'Simon e deduzida desse systema de metaph sica pantheista, e consiste numa especie de tyrannia theocratica, abraçando ao mesmo tempo os poderes temporal e espiritual. Ha manifesta analogia entre o systema de Saint'Simon e o de Campanella, desenvolvido no romance – *Cidade do Sol.* – Em ambos o chefe supremo dos dous poderes é uma entidade methaphysica.

Na *Civitas Sollis* o chefe temporal e espiritual é um sacerdote chamado Sol, de cujas decisões dependem todos os actos da vida publica e privada. Abaixo do grande sacerdote ha tres chefes, Pon, Sin e Mor, nomes que significam poder, sabedoria e amor.

Nas attribuições de Pon entram as declarações de guerra, os tratados de paz, a direcção do exercito e da armada e tudo que tem relação com a defesa do territorio. A Sin ou sabedoria estão confiadas a direcção das artes e sciencias e a disciplina das escolas. O magistrado Mor ou amor tem por funcção fiscalisar a união dos sexos para que della possa resultar a mais bella raça possivel.

A doutrina de Saint-Simon, imitação da de Campanella, pode ser resumida neste principio fundamental: A familia humana é uma vasta sociedade de productores, governada por uma hierarchia sacerdotal. D'ahi a organisação social baseada theoricamente na mais completa igualdade, mas reduzida na pratica a um verdadeiro despotismo theocratico.

O homem e a mulher unem-se livremente e separam-se quando bem entendem; emquanto porem estiverem unidos formam uma unidade collectiva, um androgyno, composto de dous elementos associados.

A carne deve ser rehabilitada pois o paganismo foi puramente sensual, e o christianismo, reacção exaggerada contra os excessos d'aquelle cahiu precisamente no excesso contrario. Os prazeres sensuaes são tão santos como os do espirito, e por isso deve cessar o antagonismo entre o corpo e alma.

E' indispensavel á vida social, a organisação dum poder religioso supremo, devendo ser proclamado sacerdote o mais velho, o mais habil e o mais amoroso. As terras e outros instrumentos da producção devem ser entregues aos sacerdotes que os confiarão aos mais laboriosos, mais habeis e mais dignos. Aos sacerdotes compete a repartição dos productos, segundo o trabalho e o merito de cada um, realisando assim o principio economico do systema:—a cada um segundo a sua capacidade, a cada capacidade segundo as suas obras.

Depois de repetidas polemicas com o seu collega Basard, Enfantin proclamou-se chefe ou sacerdote supremo, e transformou Saint-Simon em Messias da nova religião. Imaginou em seguida uma especie de sacerdote social—homem-mulher, destinado a manter a paz entre os esposos desenvolvendo e regularisando os

appetites carnaes e as tendencias intellectuaes. Essa monstruosa concepção abriu immediatamente dissedencias na igreja e Olindo Rodrigues, chefe do culto, abraçando a causa dos dissidentes foi por Enfantin declarado immoral e indigno, e como tal destituido das suas funcções. Por sua vez, Olindo, prevalecendo-se do titulo de herdeiro, e primeiro discipulo de Saint Simon, depoz Enfantin e proclamou-se chefe supremo da seita. Perseguido e condemnado o chefe, por ultrage á moral, foi a igreja saint-simonista dissolvida; Augusto Comte reformou a doutrina do antigo mestre, dando-lhe o nome de positivismo, cujos principios fundamentaes são conhecidos no Brazil.

Actualmente os socialistas, comquanto representantes de seitas diversas, e tendo por inspiradores Karl Max, Lassalle, Engel, Bakounine e dezenas de doutrinadores *minores*, estão todos mais ou menos de accordo quanto á forma definitiva que deve substituir a sociedade actual — o Socialismo de Estado.

SILVA MARQUES.

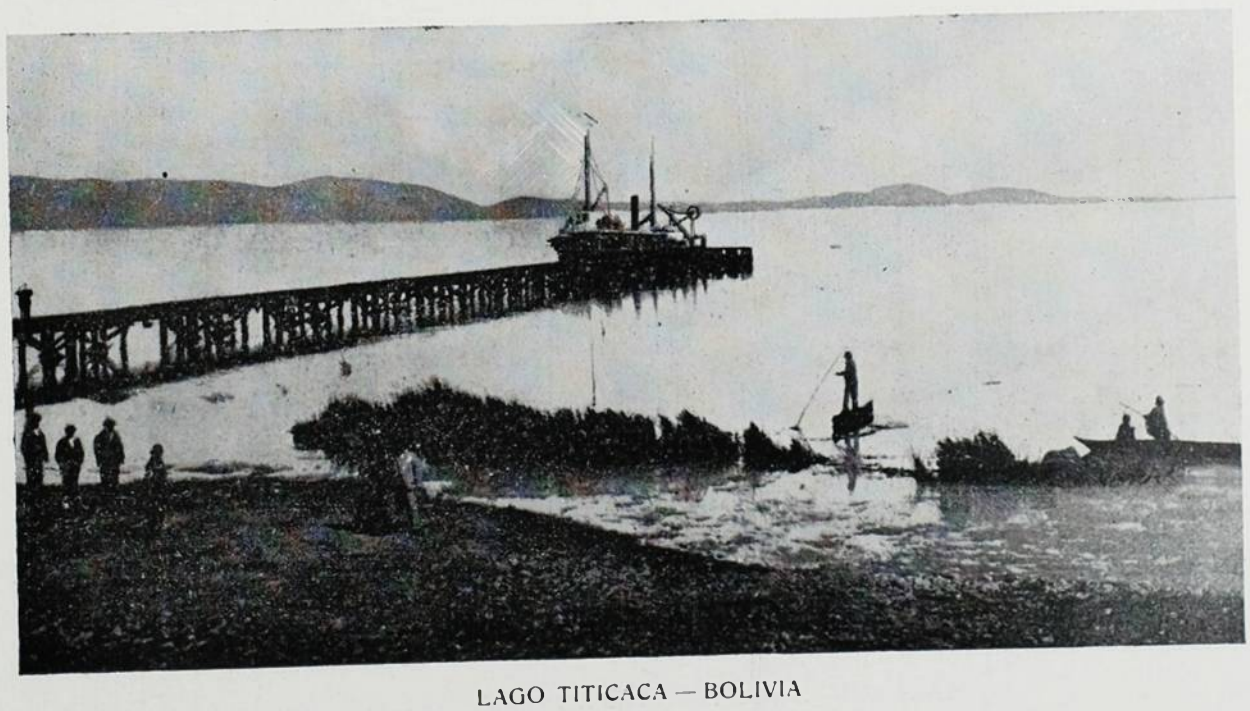
UM MYSTERIOSO MEDITERRANEO DA AMERICA

EM meio dos altos cumes da cordilheira andina, no planalto formado pelas cordilheiras real e exterior, entre os 16º e 20º de latitude sul e 60º e 71º de longitude oeste de Paris, a uma altura de 3.914 metros sobre o nivel do mar, encontra-se um vasto lago, verdadeiro mediterraneo perdido na *meseta* central da America do Sul e que guarda, como uma amphora sagrada, debaixo da superficie azulada das suas aguas, no seu fundo mysterioso, nas ilhas que elle encerra e nas terras que elle banha, a tradição de uma época lendaria da historia da humanidade, de uma civilisação anterior de muitos seculos á descoberta da America. E' o lago Titicaca.

LAGO TITICACA — BOLIVIA

A sua superficie abrange uma extensão de 8.340 kilometros quadrados, o seu fundo médio alcança a mais de cem braças, sendo de sabor desagradavel as suas aguas. A sua extremidade Norte acha-se aos 15º, 59', 57" de latitude e 71º, 35', 12" de longitude e sua extremidade Sul aos 16º, 30', 40" de latitude e 71º 29' 33" de longitude. As suas aguas no inverno teem uma temperatura de 9º, (44 a 12.22 vezes mais elevada que a da atmosphera). A 16º 22' 53" de latitude e 71º, 12', 22" de longitude ha um estreito formado pelas peninsulas de Copacabana e Huarina e que se chama de Tiquina que mede 666 metros. Sua profundidade é de 150 metros.

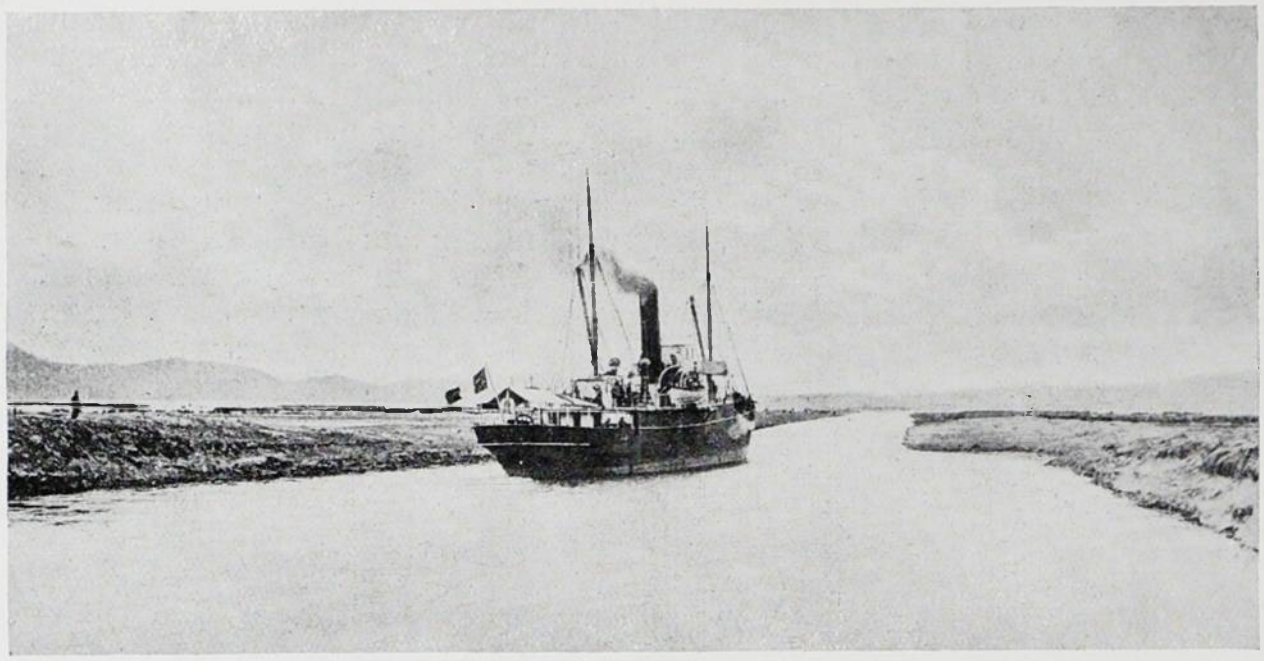
Este estreito divide o Titicaca em dois lagos: o superior chamado propriamente Titicaca e o inferior Vinamarca. O Titicaca encerra 25 ilhas e as peninsulas de Copachica, Chucuito, Copacabana e Huarina. A ilha principal é a de Titicaca que tem 10 kilometros de comprimento por 7 de largura, estando rodeada de sete outras pequenas ilhas que formam o archipelago de Titicaca. Depois dessa vem a de Coati ou da Lua.



LAGO TITICACA — BOLIVIA

Toda essa região que se estende ao redor do lago Titicaca era, antes da conquista dos Incas, o centro de um grande imperio fundado pela nação aymará, que por um complicado systema de federações e conquistas havia dilatado os seus dominios sobre uma vasta parte do continente sul-americano. Essa nação alcan-

çou um gráo de cultura notavel que se revela pelos monumentos ainda hoje subsistentes, como as ruinas de Tiahuanacu, de que já demos uma rapida descripção no *Kósmos* (numero 4 de Abril de 1908). O outro attestado da cultura dessa raça, hoje degradada e em vias de desdas crenças dos povos por elles conquistados, os Incas, conquistadores dos aymarás, conservaram e transplantaram para a capital do seu imperio, Cuzco, muitas das divindades e idéas religiosas encontradas por elles nas margens do Titicaca. As tres principaes dessas divindades eram *Pachacamaj* (o que anima tudo), *Khunu* (ser que personifica o frio) o *Viracocha* (espuma do lago).



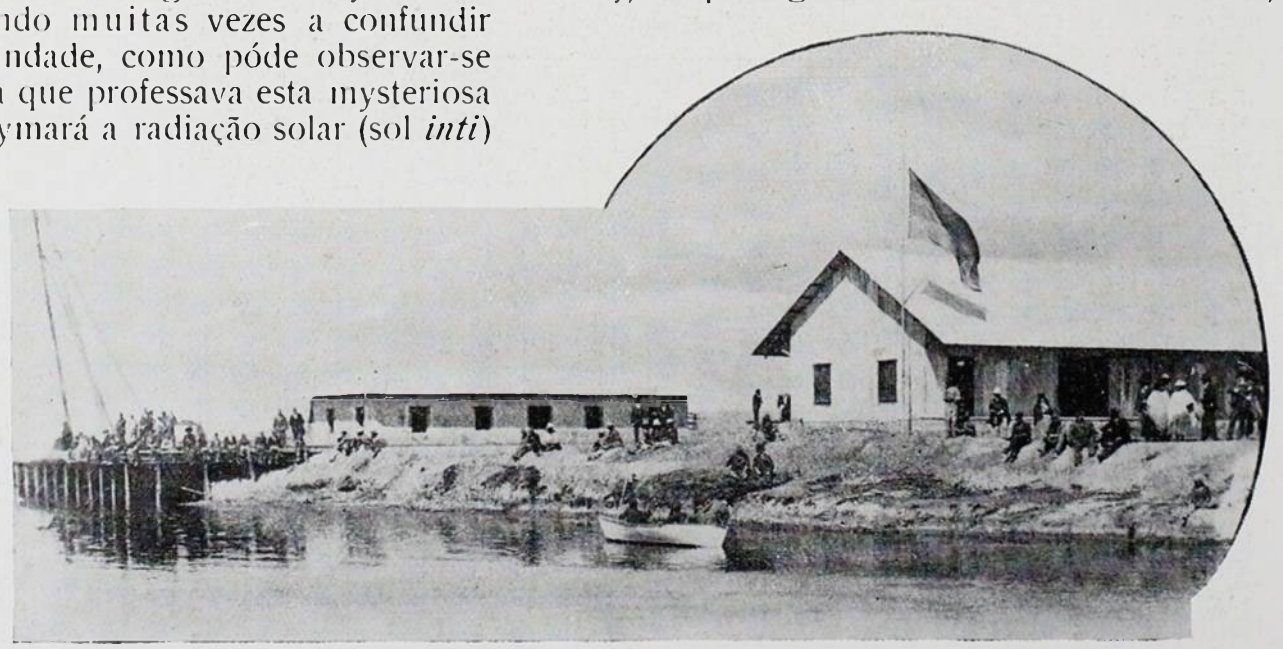
NAVEGAÇÃO NO LAGO TITICACA — BOLIVIA

Pachacamaj era o genio do bem, que semeava o germen da vida. Khunu, porém, destruiu a sua obra, creou a nova raça de homens, restaurou o que havia destruido e infundiu no universo o seu espirito regulador e harmonico. Irritado com os vicios dos primeiros homens, elle cobriu a terra com um branco manto de neve, depois de haver transformado a sua superficie.

Viracocha fez nascer das fontes e dos rios os animaes que povoaram a terra, cobriu-a de vegetação, fazendo desapparecer a neve que Khunu creára. Nesta trindade a mythologia aymará personificou o principio da vida em Pachacamaj; a época glacial em Khunu e a terciaria, com as suas revoluções geologicas, em Viracocha.

Havendo os homens, reza a crença aymará, olvidado com o tempo os beneficios de Vira-

apparecimento, é o seu idioma considerado como um dos mais ricos do continente americano. «O idioma aymará, diz um escriptor, é o sanscrito da America do Sul; delle tomaram a maior parte das suas vozes o quéchua e os dialectos dos povos da raça andina e alguns da pampeana. Esse idioma possúe a necessaria ductilidade de expressão para transformar todo nome em acção multipla, dar vitalidade e personificação a todos os agentes e objectos da natureza, chegando muitas vezes a confundir esta com a divindade, como póde observar-se na idéa religiosa que professava esta mysteriosa nação. Para o aymará a radiação solar (sol *inti*) é *lupi;* o brilho do sol é *lupina;* a difinição da sua luz, *lupitatanha;* secar com o seu calor, *lupiranha;* distribuil-o, *lupirpayanha;* idéas abstractas de expansão, de penetração, de envolvimento, de consumação, de extensão e distribuição, annexas á inanimada acção solar.



CÁES E OFFICINAS PUBLICAS EM GUAQUI — BOLIVIA

Como succedeu com os Romanos que assimilaram em suas crenças religiosas grande parte

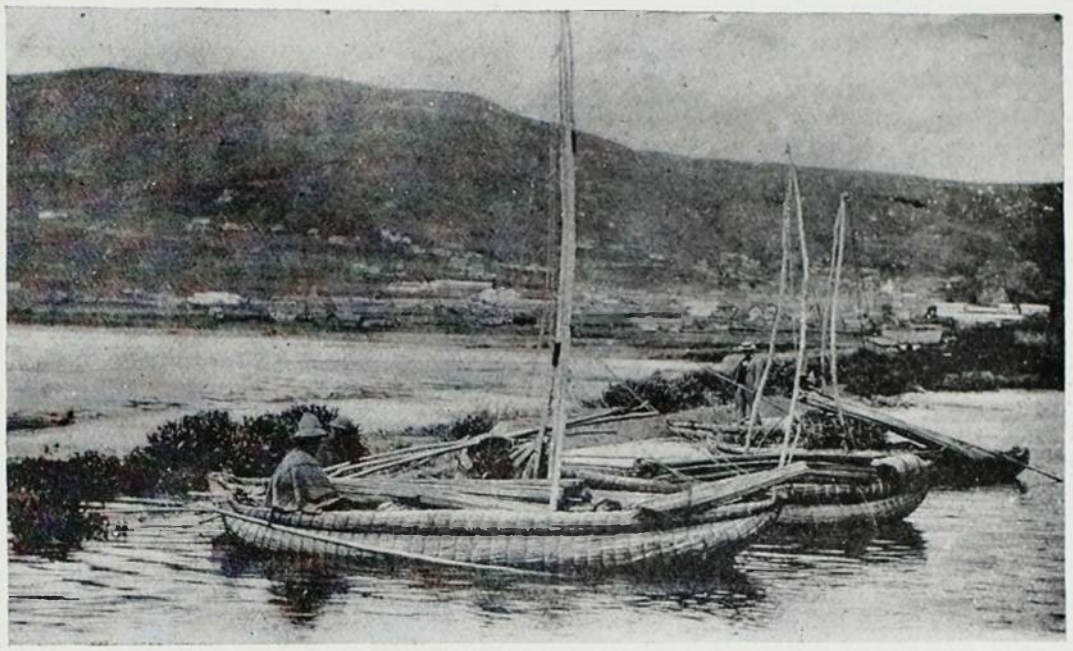
cocha, mandou este a Taapaj ou Tumpa que reconstituisse, como Christo, a sociedade corrompida. Os seus esforços, porém, foram inuteis, acabando por ser arrojado ao lago em uma bolsa, a qual foi chocar contra a costa que se abriu, formando o Desaguadero.

Está, pois, tambem ligado á mythologia aymará, esse rio, que é o principal que sahe do lago Titicaca e que tem uma extensão de 297 kilometros de curso.

* * *

Quando o imperio aymará entrou no seu periodo de dissolução, um chefe ou sacerdote, Manco Kapaj e sua irmã e esposa Mama-Ocllo, dotados de grande talento e de conhecimentos superiores, sahiram da ilha Titicaca, onde haviam residido e navegando em balsas de palha, como as que ainda hoje existem, foram internar-se entre as tribus quéchuas que os receberam com respeito e carinho, reconhecendo a sua superioridade.

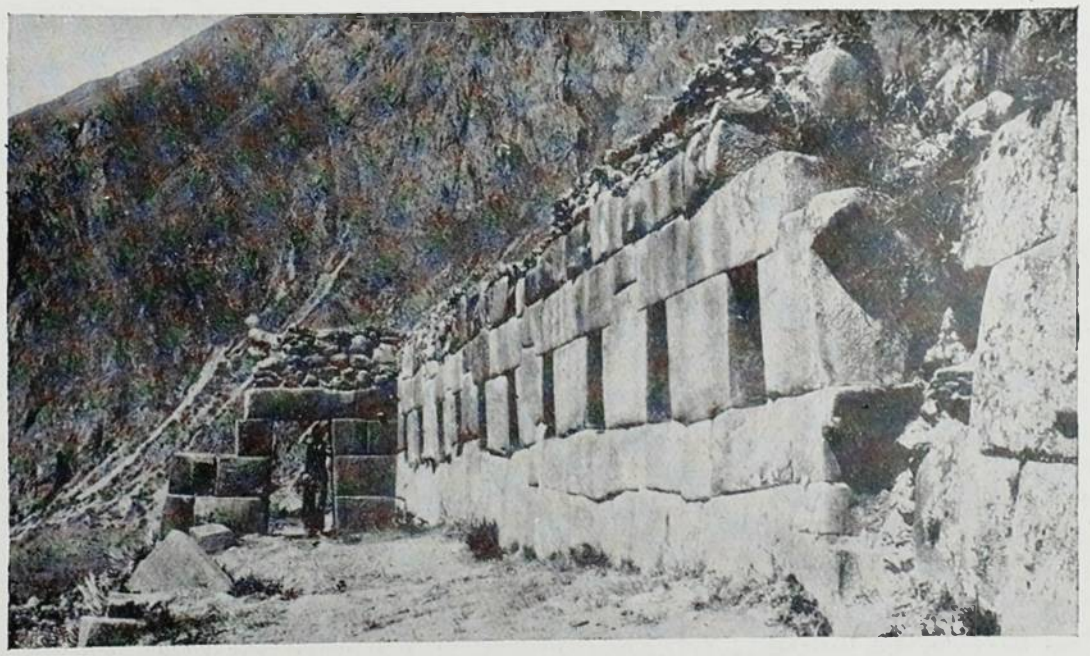
Os dous peregrinos lançaram então entre os quéchuas os fundamentos do grande imperio de Tahuantinsuyo, de que foi Manco Kapaj o primeiro imperador ou Inca, e que estava destinado a completar a obra de destruição do imperio dos aymarás ou do Collao com a sua conquista definitiva pelo 4.º Inca Maita Kapaj.



BALSAS NO LAGO TITICACA — PUNO Á 12.000 PÉS DE ALTURA

* * *

Durante o dominio incaico, Tupac-Yupanqui, 11.º Inca, que morreu em 1440, mandou construir na ilha Titicaca (*Inti-kaka*, penha do Sol) um grandioso templo que foi um dos mais notaveis de todo o imperio. Levantava-se sobre um promontorio de forma rectangular e media 30 metros de comprimento por 9 de largura. As paredes eram de pedra sem lavrar unidas com argamassa. A penha sagrada foi revestida de decorações de ouro e prata e de ricas cortinas (*kompl*). Esse templo era dedicado ao sol e junto delle fundaram-se outros dedicados ao trovão, ao relampago e uma *ajlla huasi* ou casa das sacerdotisas virgens, instituição que existia na religião dos Incas, como entre os druidas e entre os romanos.

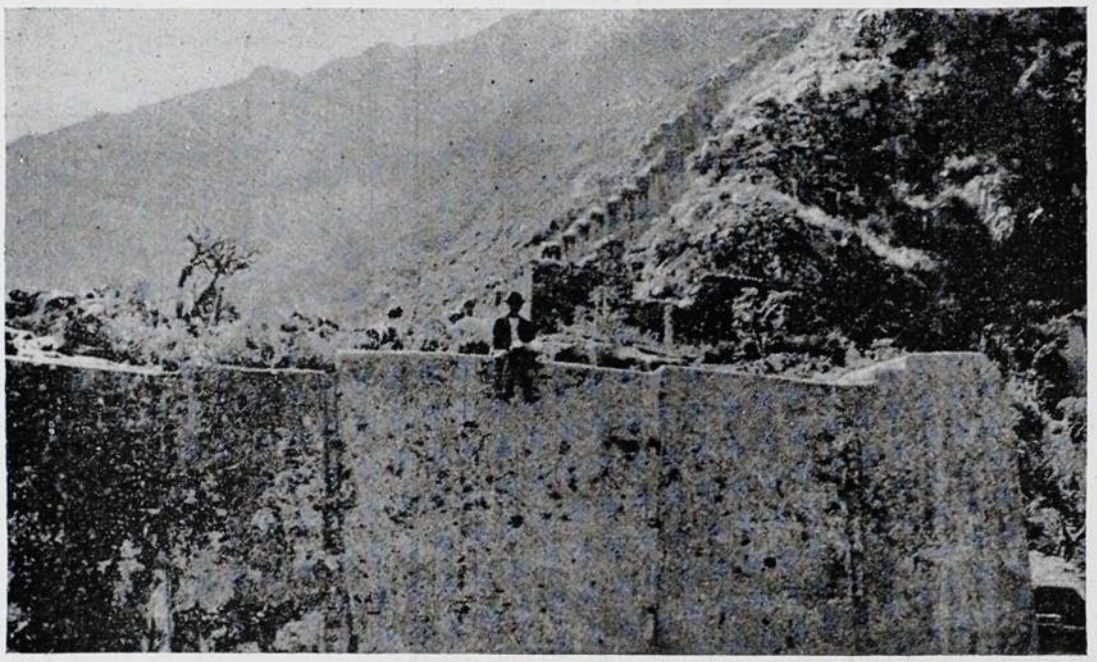


RUINAS DA FORTALEZA INCAICA DE OLLANTAYTAMBO — CUZCO

Como as vestaes, estas virgens estavam encarregadas de velar pelo fogo sagrado que o grande sacerdote *Villac-Huma* acendia na época do *Kapajh-Raimi* (a primeira das grandes festas religiosas que se celebravam no principio de cada estação do anno), refractando os raios solares sobre um espelho de metal. Dedicadas desde tenra edade ao serviço do Sol e encerradas no ajlla-huasi, debaixo da direcção das *mamacunas*, estas virgens viviam completamente afastadas do mundo, e

se alguma dellas era surprehendida em intrigas amorosas, a lei ordenava que fosse enterrada viva, enforcado o amante e arrazada a povoação onde havia nascido.

Um dos poemas dos incas, *Ollantay*, descreve o romance de uma dessas virgens, a formosa Cuisi-Coillur (*Estrella da alegria*), que se enamorou do valoroso chefe Ollantay. Cuisi-Coillur era filha do inca Pachacutec, que a mandou encerrar em uma ajlla-huasi. Ollantay perseguiu-a até no seu refugio sagrado, mas, tendo sido descoberto pelos espias do imperador, teve de fugir e de encerrar-se no castello de Ollantay-Tambo, onde por muito tempo sustentou encarniçada luta contra as forças imperiaes, até que, por uma traição, cahiu em poder do successor de Pachacutec, que foi o 11.º Inca, Jupanqui (o piedoso), o qual não só lhe perdoou a vida, como permittiu que se unisse a Cuisi-Coillur.



"PEDRA CANSADA" OLLANTAYTAMBO — CUZCO

* * *

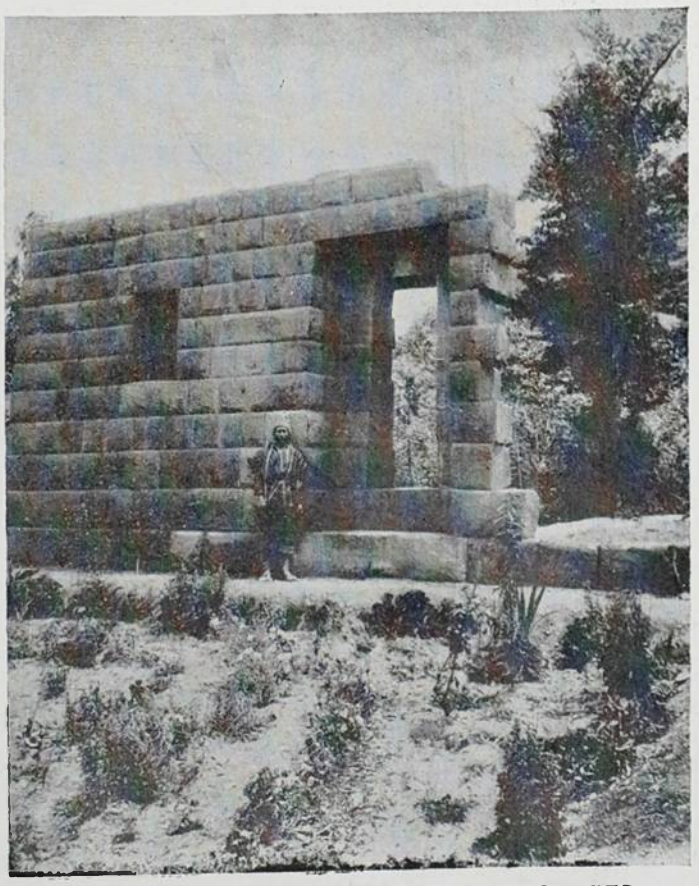
Na noite de 26 de abril de 1907 embarcámos em Puno, porto peruano do lago Titicaca, a bordo do pequeno vapor *Coya* que nos devia transportar ao porto boliviano de Guaquí, no outro extremo do lago. Após algumas horas de marcha e quando já nos sentiamos invadir pelo somno no estreito beliche a que nos haviamos recolhido momentos antes, fomos despertados bruscamente pelos movimentos insolitos que agitavam o *Coya*, como se este se deixára possuir de repente por uma raiva louca. Levantámo-nos sobresaltados e, através dos grossos vidros das escotilhas, vimos que as aguas do lago se levantavam furiosamente, açoitando o minusculo vapor como as ondas de um oceano encapellado. Ráfagas de um vento gélido penetravam pelas gretas da porta com um zumbido sinistro que se juntava ao ruido estrepitoso do granizo que cahia violentamente, martellando contra o soalho do convés.

Toda a noite durou o temporal, tão forte como se estiveramos em alto mar e pela manhan o tombadilho do *Coya* achava-se coberto de uma capa de gêlo que a custo foi desbastada a pás pelo pessoal de bordo, já habituado a esse phenomeno muito frequente no lago Titicaca. Quando nos levantamos a atmosphera estava limpida e no ceu viam-se apenas tenues nuvens roseas que se esgarçavam aos primeiros beijos do sol nascente. O panorama que se apresentava aos nossos olhos deslumbrados era estupendo. As aguas do lago, de um azul intenso, tinham irisações de aço. Do lado do oriente o céu, ardendo em purpura, fazia um fundo magnifico ao perfil caprichoso da cordilheira, cujos picos nevados reflectiam todos os matizes do prisma, faiscando no horizonte como as ameias de um phantastico palacio de crystal. O *Coya* navegava, lentamente, beirando a costa do occidente do lago e deixando ver as collinas que alteiam em formas arredondadas, como um rebanho de ovelhas. Nas encostas estendem-se os campos de cevada em taboleiros superpostos que resaltam á claridade da manhan com um desenho geometrico, cuja regularidade é interrompida de espaço a espaço pela silhueta pardacenta de um campanario rustico projectada no fundo azul do céu. Nas ilhotas que surgem á flôr d'agua elegantes pernaltas de plumas roseas reunem-se como numa assembléa. Bandos de patos fogem á approximação do vapor correndo sobre a superficie do lago qual sobre uma planicie as vicunhas ariscas.

Ao atravessarmos o estreito comprehendido entre as ilhas Titicaca e Coati e a peninsula de Copacabana encontrámos uma flotilha de balsas indigenas, as mesmas de que se serviram Manco-Kapajh e sua esposa e irmã Mama-Occllo, quando, partindo da ilha de Titicaca, atravessaram o lago para ir lançar os fundamentos do grande imperio por elles creado e que devia dominar pelo espaço de tempo comprehendido entre os annos de 1107 a 1528 toda essa vasta região que iamos percorrer. São muito curiosas essas balsas feitas de palha trançada como um *bibelot* japonez. A véla, tambem de

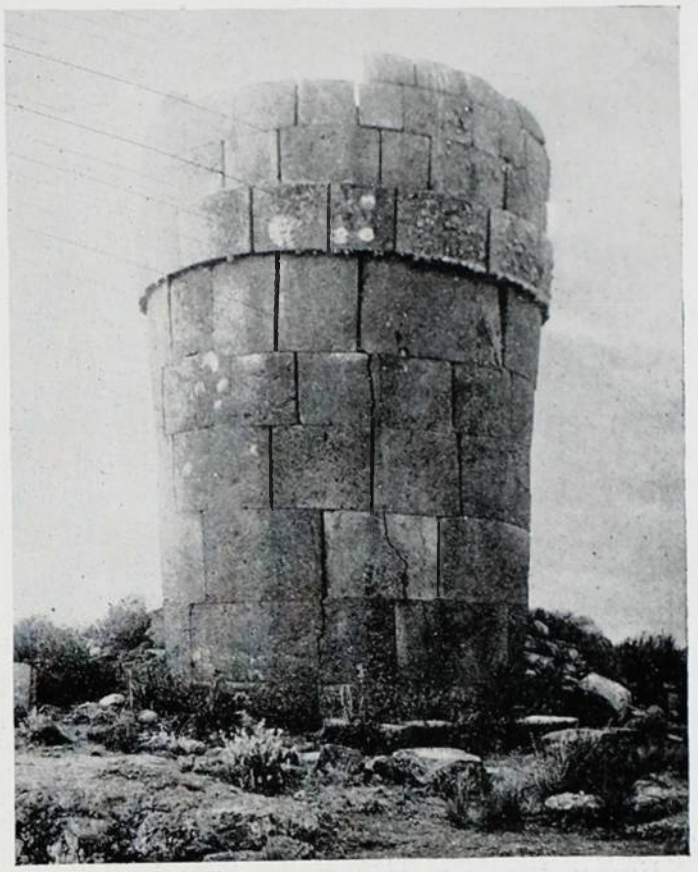
palha, assemelha-se a uma ventaróla ou a um abano de cosinha.

A peninsula de Copacabana, cuja costa norte beirava o *Coya*, antes de entrar no estreito de Tiquina, que o devia introduzir no lago de Vinamarca, é celebre não só pelas suas ruinas do tempo dos Incas, como pela romaria que annualmente ahi se celebra, como em Congonhas, em Minas, ou em Apparecida, em S. Paulo. A romaria de Copacabana verifica-se no mez de Agosto e, como no Brasil não é mais, sob a capa de render homenagem á Virgem, do que um pretexto para regabofes, jogo, etc., durante uma semana. Quasi todos os romeiros são indios aymarás ou cholos (mestiços de indio e branco) e se chamam *morenos*. Vão em caravanas vestidos de trajes curiosos: na cabeça chapéos de plumas immensas, verdes, azúes, amarellas; no rosto mascaras e no corpo casacas de velludo de varias côres bordadas a ouro. A caravana é precedida de uma orchestra de instrumentos indigenas (*sicuri*), que executam o *huainu* sapateado monotono e triste das canções aymarás. Durante a romaria o sanctuario da Virgem se transforma em uma especie de feira, onde as indias vendem objectos curiosos fabricadas por ellas, taes como bonecos de panno (*chutas*), talismans os mais variados, vistosos mantos de lã tecidos por ellas, etc. A caravana é como um cortejo real que



PALACIO DE MANCO KAPAJH, EM CUZCO — PER

acompanha ao Inca, o qual, como distinctivo da sua alta hierarchia, leva na cabeça tres plumas e nos hombros o manto real onde se ostenta o sol bordado a ouro. Chegada ao sanctuario toda a caravana se entrega a um consummo immoderado de *guachuchu* (aguardente



CHULPA — TUMULO INCAICO — SILLUSTANI — PUNO

de uvas), de *chicha* (aguardente de milho) e de *guaicanis* (picantes). As *chôlas*, (mestiças de indio e branco), com pequenos chapéos de palha redondos na cabeça, luxosos chales de lã de variegadas côres nos hombros e saias curtas de pellucia de côres vivas, deixando ver as pernas gordas e as botas de cano alto atacadas, servem com sorrisos amaveis e olhares convidativos immensos copos de *guiñapu* ou de dourado *tejti* ou de ardente *tujsillo*.

* * *

Pelas 9 horas da manhã passamos o estreito de Tiquina e entrámos no lago de Vinamarca, beirando as peninsulas de Hachacache e Copacabana, e aproximamo-nos do fim da nossa travessia do lago Titicaca.

A' proporção que se desenrolava deante dos nossos olhos a paisagem que acabavamos de ver, romantisada pelas lendas que a poetisam como um conto de fadas, iamos evocando todo o drama mysterioso, a vida, o desenvolvimento das duas nações que povoaram esta parte da terra, uma que conquista a outra, deixando, porém, ambas vestigios indeleveis da sua cultura e da sua civilisação, mas conservando sempre o segredo da sua origem como os cavalheiros do Santo Graal das lendas medievaes.

ARMINIO DE MELLO FRANCO.

LAGRIMAS DE SANGUE

Ao R.mo Padre José de Arimathea Cysne

ESTAVA no campo gosando os perfumes das flores de Maio.

Fazia a estação annual, vinha arejar-me, matar o tedio de que tinha a alma saturada pelo viver da cidade.

Bemdizia a Deus por me haver dado sentidos para apreciar as maravilhas da creação; por ter creado o olphato e o perfume, o ouvido e o som. E eu gosava o aroma subtil dos manacás deleitava-me o perfil das montanhas esbatido na tela azulina do céo, embriagava-me a muzica da briza ciceando nostalgimente nos leques das carnaúbeiras.

Assim louvava a Deus admirando-o na grandeza e perfeição de sua obra.

Minha mulher louvava-o tambem, porém de modo differente, mais util talvez.

Eu louvava a Deus no meu pantheismo, ella no seu mysticismo.

Emquanto o meu espirito entoava hymnos ao Verbo Creador, vendo o amor das flores, ouvindo o gorgeio das aves, ella procurava os ignorantes, reunia em torno de si os meninos pobres e ensinava-lhes a doutrina dos filhos de Deus.

Quantas vezes do meu gabinete de estudo a ouvi doutrinar aos pequeninos. Falava como verdadeira crente, dos mysterios da Fé.

Ouvindo-a, embrenhava-me em profundas meditações sobre os mysterios da sciencia e concluia que mysterio por mysterio todos são insondaveis.

Um dia estudava uma pagina de biologia — *a origem do homem e a hereditariedade*.

Meditava em tão intrincado labyrintho, quando me chegaram aos ouvidos as palavras della aos discipulos sobre a Santissima Trindade.

Até então o meu espirito não comparava os mysterios da Fé e os da Sciencia.

Ella, sem saber, aproveitava o momento psychologico para illuminar-me. Sem saber estava me ensinando a começar a crer.

Ja não me parecia tão absurdo a unidade trina, o Deus trino. O que eu acabava de ler na Historia Natural era tão transcendente como o que eu acabava de ouvir.

A minha razão estacava deante do *porque* das cousas, das cousas primarias. Até ahi chegava a sciencia, dahi para deante somente a Fé.

O Deus trino é um mysterio!...

E não será um mysterio o apparecimento do ser vivo no planeta que habitamos?

Quem lançou a semente da vida sobre a terra? Qual a sua origem?

Apagada a esphera, cujo incendio durou milhares de annos, quem gerou a primeira cellula que habitou as aguas?

Quem fecundou o primeiro ovulo?

Quem procreou o primeiro casal que gerou o genero humano?

Tudo isto é um mysterio insondavel como é o da Santissima Trindade

A hereditariedade, o atavismo, quem os comprehende? Acceitando como verdade a geração expontanea esbarramos deante da transmissão das qualidades aos descendentes.

O minusculo grão de pollen, tão minusculo que ninguem vê, porém grande para conter o principio gerador, leva da planta de que nasceu a estructura dos tecidos, dos orgãos, a longividade, o tom das flores, o perfume, em fim vai nelle um ser em miniatura que perpetuará a especie a que pertence.

Que direi da geração nos animaes?

Se o pollen transmittindo as qualidades da materia sómente, nos assombra, o que será no homem, cuja cellula fecundante não é mais do que o grão de pollen e contem em si as qualidades não só physicas, como intellectuaes e moraes do ser de que sahiu e que as transmittirá ao ser que por ella for procreado!...

Não será isto um grande mysterio?

Deante desses mysterios da Sciencia eu já ia acceitando os mysterios da Fé.

Já gostava de ouvil-a explicar o catechismo aos seus meninos. Eu era tão ignorante como elles, como ella e como é o Summo Pontifice no tocante ao mysterio. Era preciso crer sem comprehender.

Deixei-a ir plantando a semente da esperança no coração daquelles simples, cuja vida ainda estava em flor.

Mais ou menos preparadas na doutrina christã, conhecendo o melhor codigo de moral que já se escreveu, os mandamentos da lei de Deus, foi marcado o dia em que aquellas cincoenta creanças iriam, cheias de fé, fazer a primeira comunhão, receber pela primeira vez o pão eucharistico.

Era grande a sua alegria. Ella lhes havia dito que na hostia, que iam receber, estava o corpo de Jesus Christo tão perfeitamente como está no céo. Ellas felizes porque acreditavam sem esforço, sem procurar ver, esperavam anciosos o grande dia em que Deus desceria dos céos, viria a ellas e entraria nellas!...

Chegou o dia da festa. Logo pela manhã o sino da capellinha repicou alegremente e aquelles sons festivos se espalharam por montes e valles até esmorecerem de todo no coração da floresta longinqua.

Ao sahir o sol já grande era a romaria á casa do senhor.

Os camponezes vestiam os seus trajos domingueiros.

Approximava-se a hora solemne da distribuição do pão eucharistico.

Já a viração trazia, misturados ao seu doce farfalhar, sons de cantos, melopéas de hymnos.

O cortejo de commungantes se approximava. Já se percebiam os louvores que entoavam a Christo, o Salvador do Mundo. Não tardaria a apparecer o symbolo da festa, o estandarte da Fé.

Apontou a procissão.

A matta toda enfolhada de verde servia de tela, esbatia com sua morticor esverdeada as figuras do cortejo.

O prestito começava a ascenção á capellinha erguida no dorso de um oiteiro. Precedia-o uma bandeira azul, franjada de ouro, tendo no centro uma nuvem, um cumulo, cuja base côr de anil, ia esmaecendo até o vertice, até se diluir num tom leve de turqueza. Emergia da nuvem o symbolo da Eucharistia: um calice de ouro do mais fino lavor, guardando o sangue immaculado do Cordeiro, e encimando-o uma hostia, alva como a neve, representando o corpo de Jesus.

O estandarte era conduzido por uma menina vestida de branco, envolvida num véo de gaze, coroada com uma grinalda de rosas de uma brancura de arminho. Seguia-o a fila de commungantes. Cincoenta creanças todas uniformizadas de branco, envoltas em véos brancos, coroadas de rosas brancas acompanhavam duas a duas a bandeira.

Aquellas figuras de neve esbatidas pelo verde da floresta se destacavam de tal modo e faziam tal contraste com a tela que produziam a mais agradavel perspectiva.

Como vinham alegres aquelles innocentes a receber o seu Deus!...

Pelos rostos radiantes de contentamento via-se a satisfação que lhes ia pela alma.

Entoavam com voz firme o hymno da Eucharistia.

Eu do meio da encosta assistia á ascenção do cortejo.

Ao lado do estandarte vinha a preceptora dos commungantes. Contemplei-a e vi que ella tinha a alma saturada de Fé e de contentamento. Como invejei a sua crença, o seu viver sem sombras de duvidas.

Felizes os que creem sem ver: ella pertencia a esses.

Julguei-me inferior áquelles innocentes, um naufrago no mar tempestuoso de minhas duvidas.

Ah se eu podesse firmemente crêr!... Porque a graça da Fé não descia sobre mim e não me illuminava o espirito obscurecido pela minha ignorancia, não me estimulava o tibio coração anesthesiado pela duvida?...

Eu queria crer sem restricções, mas não podia. Queria crer sem raciocinar, crer de olhos fechados como se deve crer no mysterio. Lastimava a minha tibieza quando percebi quebrando a melodia do hymno sacro, notas que destoavam, notas de um canto, mas de um canto de dor, gemidos de quem chorava!...

Os ais naquelle concerto de tanta harmonia eram de uma cadencia grandemente funebre. Quem choraria? Guiado pelos soluços procurei quem n'aquelle momento vinha misturar notas de tanta tristeza a tão alegre concerto.

Desci mais a encosta. Ainda se me arrepiam as carnes e minha alma chora commovida.

De um massiço de verdura, coberto por uma passifloracea em flor, sahia o echo daquelle gemer dorido.

Approximei me quanto pude.

O ambiente até então impregnado de suaves perfumes, recendendo os aromas inebriantes das flores das sabiás, ia-se mesclando de um cheiro nauseoso de ulcera. Quanto mais me approximava da moita mais sentia o fedor. Parecia estar atravessando um cerrado de catingueiras.

Que vi? Emergia da moita um bicho de forma humana. Attentei mais na figura, e, todo compaixão, vi que estava deante de um grande desgraçado. Tinha sob os olhos um leproso, mas um leproso infante. Uma creança de dez annos, reduzida a uma chaga, velada por uma tunica de grossa estopa, attrahida pelo cantar das outras creanças chorava ali o seu infortunio. O que me arrancou lagrimas não foi a podridão a que se reduzira o pequeno, cujo rosto estava em pús e tinha a forma de focinho, mas a sua postura humillissima. De joelhos, com as mãos já sem dedos, postas sobre o peito, os olhos qual dois carbunculos scintillantes dentro de duas ulceras, fitava o céo instinctivamente procurando consolação em Deus, adorando-o, emquanto pelas faces, esburacadas, como esponjas, escorriam lagrimas de sangue.

Aquellas pupillas vivas, afogadas numa esclerotica rubra, fitando o céo, eram de uma eloquencia tragica.

Grande devia ser a tortura daquelle infeliz!...

Havia dois annos que vestido de branco, fizera parte daquelle cortejo, commungando na capellinha.

Que pungente saudade tinha agora da vida e do dia em que recebera o seu Deus pela primeira vez. Haviam lhe dito, quando lhe ensinaram a doutrina, que Deus tudo creara e tudo regia no mundo desde o nascer do sol até a queda das folhas. Pensando e crendo cegamente no seu grande poder, seu olhar, em estagnação piedosa se cravava no espaço e sua alma cheia de fé, toda esperança, pedia áquelle, que tudo creou, que tudo governa, que lhe sarasse o corpo para elle poder se encorporar á procissão e entoar com as outras creanças hymnos ao Salvador do Mundo.

Aquella attitude humilde, aquella resignação me revoltaram e quasi blasphemei. Reflectti. Blasphemar de quem? De quem creou a lepra e não immunisou os innocentes.

Reflectindo melhor vi que a lepra apodrecia a carne mas não contaminava o espirito, pelo contrario devia purifical-o pelo soffrimento, e uma vez puro entraria no gozo da bemaventurança eterna.

O martyrio daquella creança com todas as suas angustias, comparado com a vida futura, uma eternidade de gosos, não mereciam um lamento, não eram dignos de um ai.

Despedi-me do leproso com o olhar anuviado de pranto, e elle, ainda de joelhos, com as mãos postas, continuava a adorar a Deus, esperando, um raio de sua misericordia para estancar as suas lagrimas de sangue.

Afastei-me compondo mentalmente estes versos, emquanto a procissão entrava na capellinha:

Passam creanças a rir, mas elle chora!...
Como ellas, ah! tambem tem mocidade,
Mas, a alma delle num cadaver mora.

Ceará, 1908.

RODOLPHO THEOPHILO.

EDITAL

Juizo Federal da 2.ª Vara

MESAS ELEITORAES

O Dr. Adherbal de Carvalho, 1.º supplente do juiz federal da 2.ª vara, presidente da junta organisadora das mesas eleitoraes do Districto Federal:

Pelo presente edital torno publico que hoje, ás 2 horas da tarde, no edificio do governo municipal, se procedeu, nos mais rigorosos termos da lei, ao trabalho de organisação das mesas eleitoraes que têm de servir nas eleições federaes a realizar-se neste municipio, em 30 de Janeiro proximo vindouro, sendo escolhidos mesarios effectivos e supplentes os eleitores:

PRIMEIRO DISTRICTO

PRIMEIRA PRETORIA

1.ª secção. — Repartição Geral dos Telegraphos, (lado do mar).

Mesarios: Fellippe Senes, Luiz Teixeira Bittencourt Sobrinho, Coronel João Fonseca Ribeiro Bastos, Dr. José Antonio Quinto Alves e Josué de Medeiros.

Supplentes: Luiz Lopes Pequeno, Ernani Francisco Borges, Silvio da Motta Rabello, Francisco Eulalio Pinto da Fonseca e Major Alvaro de Moniz.

2.ª secção. — Repartição Geral de Estatistica — Praça Quinze de Novembro.

Mesarios: Estephanio Monteiro da Rosa, João Alexandrino Teixeirar, Dr. Luiz Pio Duarte Silva, Luiz Arêas e Horacio Ramos Machado Junior.

Supplentes: Dr. João Baptista de Sampaio Ferraz, Eugenio Ferraz de Abreu, Honorino Calimeiro Lopes, Pedro Herculano da Silva e João Mendes.

3.ª secção. — Caixa de Amortisação — Rua Primeiro de Março.

Mesarios: Coronel Severiano Pereira de Mello, Lourival Alves Guimarães, Dr. Pedro Leão Veloso Filho, Eugenio Haddock Lobo e Manoel Antonio Lopes Marinho.

Supplentes: Manoel Joaquim Torres, Henrique Dunham, Adelino Guaycurús Piranema, Alfredo Lody Batalha e Tenente Eugenio Meira Guimarães.

4.ª secção. — Posto de Bombeiros — Rua do Mercado.

Mesarios: Virgilio Ferreira Guttierres, Antonio Ferreira Vallado, Antonio Marinho Falcão, Roberto Monteiro Lopes Guimarães e Henrique Andrew Heyer.

Supplentes: Carlos José dos Santos Rodrigues, Dr. Antonio de Arruda Beltrão, Alfredo Belarmino de Miranda, Adriano Joaquim Ferreira e Emilio Basilio da Silva.

5.ª secção. — Edificio da Alfandega — Armazem da bagagem.

Mesarios: Antonio Augusto Ferreira Dechamps, Joaquim Christovão Alves da Silva, Damaso de Proença Gomes, Tenente Armindo Ferreira de Carvalho e Octavio Ignacio de Souza Valente.

Supplentes: Dr. Gaspar de Menezes, Eutimio de Oliveira Perreira, Capitão Arthur José Monteiro dos Santos, Capitão Luiz Fragueiro Roméro e José Thomaz Gomes.

6.ª secção. — Edificio do Correio.

Mesarios: Luiz Lemgruber Kropf, Antonio Colona Barbosa, Antonio Ataliba Bittencourt, Arthur de Pinna Relly e Machrino Augusto de Campos.

Supplentes: Julio Pelagio Favilla Nunes, Luiz Waddington, Arthur Antonio Monteiro, Capitão Eulisippo da Silva Cecilio e Nelson Jansen Müller de Faria.

7.ª secção. — Guarda-moria da Alfandega.

Mesarios: Senador Antonio Francisco de Azeredo, Tiburcio Bittencourt, Dr. Roberto Nunes Lindsay, Godofredo Xavier Cossenza e Candido da Silva Guimarães.

Supplentes: Antonio Francisco Menezes, Alvaro de Albuquerque, Americo do Espirito Santo Fontenelle, Capitão Manoel Lavrador Filho e Cicero Pamplona de Oliveira.

SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção. — Archivo da Marinha — Rua Conselheiro Saraiva n. 22.

Mesarios: Capitão de Fragata Arthur Affonso Barros Cobra, Arthur de Souza Araujo, Tancredo Godofredo de Araujo, Eugenio Guilherme Magalhães Carvalho e Alexandre Fortunato Ferreira.

Supplentes: Bruno Feder, Carlos Augusto de Almeida, Arthur Francisco de Siqueira, Antonio Henrique e João Manoel Catisbarnen.

2.ª secção. — Na 2.ª Pretoria — Rua da Prainha.

Mesarios: João Augusto Ribeiro de Almeida, Waldemar da Cruz Mattos, João José Torres Junior, Luiz Gabriel da Silva Mello e Jacintho Teixeira Pinto.

Supplentes: Raul Hypolito da Fonseca, Francisco Monteiro, Hypolito José da Costa, Luiz do Couto Braga e Vicente Ferreira Mendes.

3.ª secção. — Externato do Gymnasio Nacional — Rua Marechal Floriano Peixoto.

Mesarios: Elysio Hypolito da Fonseca, Dr. Arthur Nunes da Silva, Isaltino José da Fonseca, Manoel Roberto dos Santos e Alvaro de Mattos Campista.

Supplentes: Sergio Affonso Moreira, Antenor Saboia dos Santos, Hygino Antunes de Figueiredo, Napoleão Pereira Oliveira Guimarães e Alfredo Marques Baptista de Leão.

4.ª secção. — Delegacia de Saude — Rua Camerino.

Mesarios: Manoel Pereira Madruga, Alberto Augusto da Silva, Lucio Benevenuto, Manoel Felicio de Lacerda Miranda e Polyão Lopes da Silva.

Supplentes: Ernesto Ferreira Barroso, Eduardo da Silva Caldeira, Guilherme Fellippe Floret, Theodosio Corrêa dos Santos e Fedelcino da Silva Leitão.

5.ª secção. — Agencia da Prefeitura, Rua Camerino.

Mesarios: Augusto Ismael Perestrello, Guilherme Madeira, Paulino Leoncio Saroldi, Jose Marcellino da Silva Aranha e Fernando Borges de Lima.

Supplentes: Manoel Lustosa de Araujo, Justino José Macedo Coimbra, José Nicolau de Donato, Ilidio da Silva Corrêa e Elias Antonio Gerasos.

6.ª secção. — Escola Modelo — Rua da Harmonia.

Mesarios: José Soares Dias, Deolindo Anacleto Doria, Alvares Azevedo Macedo, Manoel da Silva Pereira e Alvaro de Souza Nunes Porto.

Supplentes: Custodio José de Sant'Anna, Luiz Clemente Porto, Alfredo de Azevedo Vieira, Clemente Fernandes e João Baptista da Silva.

7.ª secção. — Estação Telegraphica Zumbi — Ilha do Governador.

Mesarios: Amancio Torres da Silva, Arthur Baptista Villela Guapiassú, Alberto Magioli, Izidro Gonçalves de Lima e Leopoldo José de Menezes.

Supplentes: Arthur de Oliveira Magioli, Silvino Antonio Baptista, Rodolpho de Souza Gomes, Dr. Jacintho Baptista dos Santos e Manoel Leite de Bittencourt.

8.ª secção. — Armazem da Colonia de Alienados Galeão — Ilha do Governador.

Mesarios: Domingos Pinto de Magalhães, Arthur Pereira Peis, Ernesto Ambrosino Ferreira e Placido Luiz do Nascimento.

Supplentes: Justino Francisco Gomes, Antonio Pinto da Conceição, Candido E. da Silva, André Bonnel e Antonio Catlesoa dos Santos.

TERCEIRA PRETORIA

1.ª secção. — Escola Polytechnica.

Mesarios: Gaspar Fragoso de Albuquerque, João Lopes Corrêa de Lacerda, major Luciano Augusto de Oliveira, Dr. Sabino Ignacio Nogueira da Gama e Julio Hamilton Ferreira Duque Estrada.

Supplentes: Manoel Mathias Raposo Junior, Conrado Rodrigues Samico, Manoel Dias Tavares, major Manel Onofre Muniz Ribeiro e Romão de Carvalho.

2.ª secção. — Escola Nacional de Bellas Artes.

Mesarios: Benjamin Soares de Assis, João Max von Hulxer, Dr. Francisco Bello de Andrade, tenente Caetano Marques Canella e Raul Auto de Simas.

Supplentes: Tenente João Alves Salazar, Modesto Augusto de Oliveira, major Miguel Antonio Fragoso, Gabriel Cerqueira de Carvalho e Alexandre Alves Ribeiro Cirne.

3.ª secção. — Secretaria da Justiça.

Mesarios: Dr. João Benjamin Ferreira Baptista, Dr. Gastão Victoria, Emygdio Innocencio dos Reis, Dr. Firmino de Oliveira e capitão João Gomes da Cunha Ripper Junior.

Supplentes: Tenente-coronel Carlos Joaquim Barbosa, tenente Augusto Monteiro Meirelles, Benedicto de Azeredo Lopes, Henrique Emiliano Silva Chaves e Calixto José de Mello.

4.ª secção. — Escola Publica — Rua da Constituição, 28.

Mesarios: Dr. Antonio Vicente Nascimento Feitosa Sobrinho, Mario Alves Nogueira da Silva, major Leopoldo Carlos Castrioto, Virgolino Antonio Proença e Dr. Manoel Alves da Silva Freire.

Supplentes: Simão Pereira de Oliveira Machado, tenente Horacio Antonio Pestana, Eduardo Duarte, Alfredo Felix Pereira e Antonio Maximiniano Nogueira Penido.

5.ª secção. — No Edificio da 3ª Pretoria.

Mesarios: Antonio Alipio Souza Ribeiro, João Coelho Mello Junior, Dr. Octavio Vinelle, tenente-coronel Bernardo Corrêa de Araujo Leão e Eduardo de Mello Coutinho Marcier.

Supplentes: Carlos Jorge Bailly, capitão João de Souza Laurindo, Vivaldo Moncorvo Franklin, coronel Constantino Pereira da Cunha e capitão João Francisco Marinho.

QUARTA PRETORIA

1.ª secção. — Edificio do Conselho Municipal.

Mesarios: Virgilio Apolinario da Silva, Dr. Theophilo Gonçalves Pereira, Aristides do Nascimento Silva, Alfredo Teixeira Carneiro e Augusto Cezar Alvão.

Supplentes: Tenente Alfredo Gomes de Jesus, José Maria Diniz Pimentel, Alfredo Nunes de Andrade, Carlos Vaillant de Oliveira e Manoel Fernando Mattos Guahiba.

2.ª secção. — Bibliotheca Nacional.

Mesarios: Raphael Gomes de Sant'Anna, Francisco Pinheiro Carvalho Junior, Astolpho Macedo Lobo Mello, Alberto Fioravante e Manoel da Silva Pereira.

Supplentes: Alfredo Gonçalves Silva Guimarães, João Braz Maia, Augusto Ferreira Costa, Ancelmo Rodrigues Sá e Adherbal da Rocha Mello.

3.ª secção. — Pedagogium Municipal.

Mesarios: Dr. José Luiz Macedo Cavalcanti Filho, João José de Lima, Pedro de Souza Barbosa, Fernando Garcia Ramos e Pedro Alexandrino Rodrigues Pinheiro.

Supplentes: Jeronymo Luiz da Costa Couto, Nestor Moreira Alves, Francisco Rosa de Freitas, Luiz Barbosa Sadim e João Caetano de Mattos.

4.ª secção. — Saguão da Imprensa Nacional.

Mesarios: Amaury Guimarães, João Ambrosio do Nascimento, José Estanislau Barbosa da Silva, capitão João Goston e Arnaldo Mendes Lopes.

Supplentes: José Maria Dutra Pereira, Emilio Cesar Ramos, Alfredo Bento Valuche, Alexandre Max Kitzinger e Horacio de Lima Camara.

5.ª secção. — Typographia do *Diario Official*.

Mesarios: Dr. Carlos Augusto Faller, tenente Acacio Joaquim da Graça, João Alfredo Brilhante Albuquerque, Julio Andrade Pinheiro Carvalho e Luiz Pinto Pereira de Andrade.

Supplentes: Capitão Julio Queiroz Soares Andrea, Augusto da Silva Moreira, João Augusto de Azeredo Coutinho, Dr. Manoel Fernandez Beiriz e Alfredo Fernandes Machado.

6.ª secção. — Repartição dos Telegraphos — (lado da rua da Misericordia).

Mesarios: Dr. Mario de Moura Salles, Joaquim Alfredo Cunha Lage, tenente Manoel Pinho França, Pedro dos Santos Lara e coronel Antonio José da Silva Brandão.

Supplentes: Jeronymo Guedes Teixeira Sobrinho, Sebastião de Almeida Cardeal, Carlos Alberto da Fonseca Filho, Antonio Tavolara e Rubens Alves do Valle.

QUINTA PRETORIA

1.ª secção. — Tribunal do Jury — Rua do Lavradio

Mesarios: Bruno Silva da Costa Maia, Ernesto Felippe Nery, Gil Augusto de Siqueira, Antenor Barbosa Furtado e Antonio Ferreira Madureira.

Supplentes: Euclydes Carlos Pereira, Pedro Freire Bruno, Horacio Antonio Teixeira, José Antonio Mattos Cid e José Vicente de Carvalho.

2.ª secção. — Edificio do Forum — Rua dos Invalidos.

Mesarios: Alberto Lobo, Raymundo da Rocha Aguiar, Dr. Adolpho Leyret, Augusto Pereira Madruga e Manoel Olympio Freire de Amorim.

Supplentes: Horacio Novella da Silva, Henrique Ferreira Valgas, Antonio Gentil Monteiro, Francisco Oscar do Nascimento e Isaac Gallart.

3.ª secção. — Escola Publica — Rua do Riachuelo, 13.

Mesario: Octavio Rodrigues de Barros, Antonio Joaquim da Silva Pereira, Dr. Lafayette Rodrigues de Barros, Dr. Heitor Theophilo Marçal e tenente Francisco de Paula Costa.

Supplentes: Carlos Augusto Bueno Honneroldi, Olavo Castellar de Oliveira, Tarico Augusto de Oliveira, Joaquim Gomes de Castro e Guilherme Herculano de Abreu.

4.ª secção. — Escola Publica — Rua do Senado, 113.

Mesarios: Joaquim Vieira de Azeredo Coutinho, Eduardo Augusto de Araujo Jorge, Dr. Carlos Guimarães Martins, Enéas Campello Bastos de Oliveira e Leopoldo Campello.

Supplentes: Antonio Luiz de Loureiro Maior, Armando Menard Eymard, Osorio Bastos de Oliveira, Estanisláo José dos Reis e João Raposo de Brito Sant'Anna.

5.ª secção. — Escola Publica — Rua Aurea n. 26.

Mesarios: João Corrêa de Araujo, Dr. Guilherme Frederico da Rocha, Oldemar Maria de Lacerda, Capitão Arthur Rodrigues da Silva e Annibal Guilherme Coelho.

Supplentes: Mario Barata Monteiro, Ernesto Freire, Cesar da Silva Santos, Auxencio Rocha Pinto e Jayme Corrêa de Azevedo.

SEXTA PRETORIA

1.ª secção. — Edificio das Sociedades Sabias — Praia da Lapa.

Mesarios: Arthur Cherubim Gonçalves da Silva, Porphirio Francisco de Paula, Olympio Telles de Menezes, Jacintho Augusto Neves e Dr. Jorge Augusto Petiz.

Supplentes: Arthur Alves da Rocha, Francisco de Paula Castro Vieira, Raul Costa, Fortunato Pereira de Mello e Manuel de Gouvêa Corrêa Junior.

2.ª secção.—Escola Municipal—Rua da Gloria.
Mesarios: Eudgero Reis, Dr. Luiz Bandeira de Gouvêa, Antonio Salles Pereira, Mario Avila Pompéa e Manuel Martins da Sílva.
Supplentes: Antero José de Freitas, Alfredo da Silva Braga, Carlos Monteiro Esposer, Carlos Thompson e Alvaro de Carvalho.

3.ª secção.—Escola Rodrigues Alves—Rua do Cattete.
Mesarios: Miguel Gerson Tavares, Oscar Gonçalves Albuquerque, Dr. Eduardo João Baptista Gaillard, João Henriques Santos Oliveira, Pedro de Mello Cunha.
Supplentes: Manuel Nonato Ferreira Baptista, Miguel Souto Mariath, Francisco Augusto Xavier de Brito, João Estevão da Silva e Antonio Martins da Cruz Ferreira.

4.ª secção.—Rua do Cattete n. 200
Mesarios: Abelardo Manhães Flores, Antonio Henrique Silva Reis, Felisberto Carneiro Assumpção Fontoura, Jayme José Pires e Alvaro Peres.
Supplentes: Victor Paula Henriot, Coronel Silvino Ribeiro, Antonio Joaquim Canario, Ricardo Rochfort e Paulo Ferreira da Silva.

5.ª secção.—Escola Modelo—Largo do Machado (lado esquerdo).
Mesarios: Desembargador Joaquim José de Oliveira Andrade, Laurindo Ferreira da Silva, Antenor Barbosa Mattos Corrêa, Thomaz Mendes Diniz e Ildefonso de Azevedo Lopes.
Supplentes: José Cupertino Paes, Affonso Albuquerque Reis e Silva, Thomaz da Silva Paranhos, Aprigio do Rego Lopes e Alvaro Queiroz do Nascimento.

6.ª secção.—Escola Publica—Rua das Larangeiras n. 90.
Mesarios: Dr. Manuel Rodrigues da Fonseca, Miguel Angelo Dantas Seve, José Belicha, João Baptista de Figueiredo e Carlos Antonio Vieira.
Supplentes: Guilherme Pereira da Motta, Edilio Augusto Ramos, José de Barros de Madureira, Antonio Eleuterio da Silva e Djalma de Jesus.

7.ª secção.—Escola de Tiro—Rua Guanabara.
Mesarios: Tenente João de Oliveira Freitas, Alfredo Ribeiro de Queiroz, Francisco Gandolpho, João Crokadt Sá Pereira de Castro e Luiz de Araujo Aragão Bulcão.
Supplentes: Henrique Luiz Jean Jacques, Felix Moniz de Oliveira, Deocleciano Francisco Pereira, Joaquim da Silveira Mendonça e Braulio Mendes.

8.ª secção.—Instituto Surdos-Mudos—Rua das Larangeiras.
Mesarios: Francisco Salvador Moreira, Zacharias Martins Marques, Antonio Carlos Franco de Sá, Cesar Ataliba de Oliveira Costa e Capitão José de Almeida Franklin.
Supplentes: Raul de Araujo Roso, Bento José Nunes, Dr. Abelardo Acetta, Tito Paulo da Costa e Braz Carneiro Velloso.

9.ª secção.—Estação de Bombeiros—Largo de S. Salvador.
Mesarios: Alvaro Benjamin de Viveiros, Badaró Esteves, Marechal Francisco José Cardoso Junior, Samuel Teixeira e Mario Carlos Pinheiro.
Supplentes: Alexandre José Toussaint, Durval José Ramos, Dr. Octavio do Rego Lopes, Joaquim Galdino de Siqueira e Franco Ribeiro de Moura Escobar.

10.ª secção.—Escola Publica—Rua Paysandú n. 42.
Mesarios: Candido Barroso do Amaral, Antonio Mendes Pereira Machado, Diogo Rodrigues da Silva, Dr. Eliezer Gerson Tavares e Eduardo Camerino dos Santos.
Supplentes: Victorino Francisco Arruda, Oscar Henrique Liberal, Hilario Francisco de Jesus, Dr. Mario Valverde de Miranda e Antonio M. de Calvet Bittencourt.

SETIMA PRETORIA

1.ª secção.—Escola Publica—Praia de Botafogo n. 188.
Mesarios: Americo Corrêa da Silva, Atila de Oliveira Costa, Victor Rodrigues Junior, Aristides Lopes Vieira e João Baptista Campos Tourinho.
Supplentes: Sebastião Soares de Oliveira Junior, Dr. Edmundo de Almeida Rego, Carlos Gonçalves Curvello, Caio Coutinho Cintra e Benedicto Antonio dos Santos.

2.ª secção.—Escola Municipal—Rua Voluntarios da Patria n. 83.
Mesarios: Eugenio Augusto de Brito e Silva, Manuel Maria Barbosa da Veiga, Manuel Gomes Cardia, João Mendes Antas Sobrinho e Alberto Duque Estrada de Barros.
Supplentes: João Fernandes Lobo, Francisco Antonio de Carvalho, Henrique Augusto Eduardo Martins, José Schmidt de Vasconcellos e Antonio da Silva Moraes.

3.ª secção.—Escola Nocturna—Rua de S. Clemente n. 47.
Mesarios: Alvaro Rodopiano Gonçalves Santos, Alferes Abel Casemiro Nazeanze, Dr. Julio de Barros Raja Gabaglia, Jayme Garfield Botafogo e Affonso Manoel do Rosario.
Supplentes: Olympio Dias da Costa, Thomaz do Passo William, Mario Duque Estrada de Barros, Benevenuto Antonio Figueiredo e Dr. Antonio Austregesilo Rodrigues Lima.

4ª. secção.—Escriptorio da Limpeza Publica—Rua General Polydoro.
Mesarios: Accacio Lopes da Silva Moraes, Epiphanio Rodrigues Duarte, João Principe da Silva, Cesar do Passo Mattoso Maia e Gracindo José Borges.
Supplentes: Luiz Furtado José Jacintho Verissimo Junior, João Baptista da Rosa, Carlos Domingos Barbosa, Jeremias Carvalho Brandão.

5.ª secção.—Escola Municipal—Rua Sergipe n. 45.
Mesarios: Armindo de Assumpção, Arthur Napoleão Borges, Dr. Domingos Antunes Ferreira, Miguel Duarte Pinto Guimarães e José Belens de Almeida.
Supplentes: Luiz Souto de Assumpção, Herminio Pinheiro da Silva, João Monteiro Duarte, Americo de Mello Mattos e Arthur Napoleão Borges Filho.

6.ª secção.—Escola Municipal—Rua da Matriz n. 77.
Mesarios: Constantino Ferreira de Souza, Henrique Vieira de Almeida, Antonio Joaquim Costa Guedes, Francisco Paula Santiago e Jorge dos Santos Junior.
Supplentes: Gulpio Fernandes, Deocleciano Dias de Souza, Caio Carneiro da Cunha, Arthur Baptista Saroldi e Francisco Antonio Sobral Carvalho.

7.ª secção.—Escola Municipal—Rua Marquez de S. Vicente.
Mesarios: Dr. Alvaro Caminha Tavares da Silva, Lino Pereira, Antonio José Ferreira Junior, Dr. Antonio Dias Ferreira e Camillo Eugenio dos Reis.
Supplentes: Estevam José Pires Ferrão, Guilherme Faria Vianna, João Advincula de Carvalho, Sezino Lourenço de Faria e José do Rego Pontes.

OITAVA PRETORIA

1.ª secção.—Saguão da Intendencia Municipal.
Mesarios: Belarmino Raymundo Falcão, Antonio Avelino Pinto Guimarães, Carlos Octaviano de Souza França, Daniel Guimarães Paulista e Haroldo Brazilio de Almeida.
Supplentes: Carlos Pinto de Sá, Arnaldo Ibrahim Garcia, Agostinho Silveira Mendonça, Antonio Araujo Mello e Antonio Alves de Oliveira.

2.ª secção.—Agencia da Prefeitura—Rua Senador Euzebio.
Mesarios: Isaias Ferreira Maia, Florindo Lins de Sá Barbosa, José João Miranda Nunes, Henrique Pereira de Mello e Joaquim Silva Santos.

Supplentes: Francisco Pedro Vasco, João da Luz Trindade, José Bastos Guimarães, F. Pinheiro Magalhães e J. Pereira Madruga.

3.ª secção. — Escola Publica — Rua Visconde de Itaúna n. 21.

Mesarios: Tancredo de Barros Paiva, Dr. Theodoro Augusto Ribeiro Magalhães, Leopoldo Manoel de Carvalho, Antenor Alvares de Lima e Manoel Teixeira de Almeida.

Supplentes: Juvencio Salustiano de Andrade, Julio Carreira Silva Marques, Jonathas Carlos de Carvalho, Manoel Pereira Soares e Miguel de Avila Carauta.

4.ª secção. — Escola Publica — Rua da America.

Mesarios: Joseu da Silveira Amaral, Lucilio da Costa Monteiro, João Norberto Ferreira Brandão, Narbal José Gonçalves Lisboa e José Pereira de Barros Sobrinho.

Supplentes: Ascanio Henrique Ferreira de Abreu, Adriano Alves Bastos, Alfredo Avelino Pinto Guimarães, Joaquim José Teixeira e Joaquim Lourenço Prado Junior.

SEGUNDO DISTRICTO

NONA PRETORIA

1.ª secção. — Asylo S. Francisco de Assis — Rua Visconde de Itaúna.

Mesarios: Alvaro de Menezes, Julio de Abreu Gomes, Dr. Alberto Simonard Rodrigues Santos, Valeriano Innocencio do Couto e Ludolpho de Souza Neves.

Supplentes: José Viriato Martins, Jeronymo Naylor, Alvaro Silveira Andrade Filho, Onesino Coelho e Elpidio Alves Souza.

2.ª secção.—Escola Publica—Rua Frei Caneca, 278.

Mesarios: José Maria da Costa, Ignacio Verissimo de Sá, Ernani Ribeiro de Campos, Manoel Macedo Costa, Tenente-Coronel Joaquim Xavier Coelho Bittencourt.

Supplentes: Edgard Pinto Ribeiro Duarte, Coronel José Lopes Costa Moreira, José de Sá Bastos, Francisco José de Oliveira Rosas e Arlindo Barbosa.

3.ª secção.—Escola Publica—Rua Haddock Lobo n. 50.

Mesarios: João Burgos, Francisco de Assis Barros, Domingos José de Oliveira Bastos Junior, Arthur Rodrigues do Nascimento e Dr. Arnolpho Nolasco de Rezende.

Supplentes: Dr. Ernesto dos Santos Silva, Amador Bueno de Andrade, Joaquim Rodrigues da Silva, João Falker e Francisco Rodrigues do Nascimento.

4.ª secção.— Escola Publica — Rua Barão de Petropolis.

Mesarios: João Joaquim Fernandes Dias, Capitão Themistocles Soares Albuquerque Leão, Dr. Alberto Santiago, Dr. Romulo Steple da Silva e Tenente-Coronel João Manoel Alves.

Supplentes: Augusto Cesar Fernandes Dias, Leonel Moreira Pires Ferrão, Venancio Gonçalves, Americo Ferreira da França Xavier e Florindo Martins de Carvalho.

DECIMA PRETORIA

1.ª secção. — Agencia da Prefeitura — Campo de S. Christovão.

Mesarios: Dr. João Caetano da Silva Lara, Honorio da Fonseca Lobo, Brocardio Elpidio Carvalho, Brasil Alves e Arinos Pimentel.

Supplentes: Dr. Francisco Assis Carvalho, Dr. Francisco da Silva Cunha, José Lopes Castro Junior, Joaquim Castro Rocha e Arnaldo Barbosa Rodrigues.

2.ª secção.—Escola Publica—Rua S. Luiz Gonzaga.

Mesarios: Dr. Lisippo Antonio do Amaral Garcia, Dr. Vicente Saraiva Neiva, Dr. Arthur Murat do Pilar, Tenente Ignacio Teixeira da Cunha Bustamant e Eugenio Pereira.

Supplentes: Dr. Edgar Limoeiro, Francisco Manso Leal Valim, Frederico Antonio Cardoso Menezes Souza, Augusto Candido Xavier Cony e Deniz de Souza Martina.

3.ª secção.—Internato Gymnasio Nacional—Campo de S. Christovão.

Mesarios: Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. Arthur Miranda Ribeiro' João Antonio Pinto de Miranda, Julio Cesar de Moraes e Dr. Fernando Ferreira Costa.

Supplentes: Codrato de Vilhena, Bento Torres, Eurico de Moura Vallim e José Mendes Pereira.

4.ª secção.—Escola Publica—Rua S. Januario n. 4.

Mesarios: Dr. Alfredo Carneiro de Barros Azevedo, Eduardo Marcellino da Paixão, José Mendes Campos, João Capistrano Nunes e Antonio da Fonseca Lobo.

Supplentes: Carlos José Faria da Costa, Francisco Teixeira de Lyra e Oliveira, João Xavier de Bastos Junior, Armando Silva e Capitão Francisco Martins Gonçalves.

DECIMA PRIMEIRA PRETORIA

1.ª secção.— Escola Publica—Boulevard 28 de Setembro n. 68.

Mesarios: Coronel Alipio de Bittencourt Callazans, Felippe Gonçalves, João Bento Alves, Joaquim José Rodrigues e Pedro Barbosa de Oliveira.

Supplentes: Latino Coelho de Figueiredo, João Baptista Vianna de Drummond, Symphronio Ramos Caldeira, Thomaz Jorge Jones e Guilherme Moreira Cerqueda.

2.ª secção.—Casa de S. José.

Mesarios: Pedro do Couto, Manoel de Avila Goulart, Raul Fernandes Portugal, Tenente Pedro Borges Monteiro e Dr. Taciano Acioly Monteiro.

Supplentes: Carlos Dehoul, Eladio Moreira de Castro, Antonio Magalhães Alves, Agostinho Amancio Guedes Lisboa Junior e Capitão José Carlos Rodrigues Junior.

3.ª secção. — Escola Publica — Rua Senador Furtado n. 24.

Mesarios: Leopoldo Meira, Major Feliciano Guilherme Pires, Arthur Branco de Almeida Gonzaga, Tenente Ernesto Damiane e Antonio Alves de Souza Machado.

Supplentes: Dr. Oscar Publio de Mello, João Sobreiro Eduardo Leville, Augusto de Paula Bahia e Joaquim Antonio Pinto Miranda.

4ª. secção.—Agencia da Prefeitura—Rua da Luz.

Mesarios: Major João Rodrigues da Motta Teixeira, Tenente José Carlos de Araujo, Antonio Alves da Fonseca, Alferes Benevenuto Francisco Pereira e Luiz Quintanilha.

Supplentes: José Augusto Esteves, Francisco Guerra Fragoso, Francisco Dal'Orto Junior, Manoel Borges de Aguiar Costa e José Caetano Alves Junior.

3.ª secção.—Escola Publica—Rua Barão de Ubá.

Mesarios: Sr. Joaquim Marcellino de Britto, Hemeterio José dos Santos, Dr. João de Lavor, Francisco Bazilio Cardoso e José Venerando da Graça Sobrinho.

Supplentes: Dr. Rodolpho de Abreu Filho, José Pereira Carneiro, Joaquim Pereira Leite, Dr. Sylvio Pellico de Abreu e Manoel Venerando da Graça Junior.

DECIMA SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção. — Agencia da Prefeitura — Rua 24 de Maio n. 49.

Mesarios: Henrique Ernesto da Silva Chaves, Octavio de Oliveira, Polycarpo Carneiro, Manoel Joaquim Valladão e Manoel Vieira Paim Pamplona.

Supplentes: Ildefonso Pupo de Moraes, Ernesto Dias Pinto de Figueiredo, Josino Adalberto Coelho, Carlos Augusto Moss e Antonio Benedicto Pires da Silva.

2.ª secção. — Escola Publica — Rua Barbosa da Silva n. 5.

Mesarios: Augusto do Espirito Santo Fontenelle, Dr. Carlos Augusto de Avilez Barrão, Feliciano Meirelles Alves Moreira, Dr. Emygidio Alves Moreira, Dr. Emygidio José Ribeiro e João Mariano dos Santos.

Supplentes: João Lopes de Queiroz Vieira, Dr. Joaquim de Carvalho Bettamio, Luiz Antonio da Cunha Junior, Albino de Sá Carneiro Chaves e Lino José de Paiva.

3.ª secção.—Escola Publica do sexo masculino—Rua Paim Pamplona.

Mesarios: Alipio Servulo de Assumpção, José Martins Veiga Junior, Eugenio dos Santos Pacopahyba, Olindo Pereira Ribeiro e Raul de Freitas Mello.

Supplentes: Candido de Oliveira Gambôa, Julio Corrêa Bittencourt, Francisco Torres de Oliveira, Carlos Augusto do Nascimento e José Augusto Ferreira.

4.ª secção.—Escola Publica—Rua 24 de Maio, 231.

Mesarios: Astolpho Freire, Jacintho Augusto Paes Leme Junior, Julio Gonçalves Pinheiro, Julio Pinto Duarte e Carlos Joaquim Pires.

Supplentes: Eugenio Moreno de Alagão, Antonio de Moura Junior, Augusto Vicente Magalhães, Orestes Fonseca e Lucilio da Costa Lobo.

5.ª secção.—Decima Segunda Pretoria.

Mesarios: Dr. Telasco Lobato Vereza, Manoel Alves Moreira, Sylvio de Carvalho, Fernando Rillo Ferreira Junior e Capitão José Rodrigues Carvalho Junior.

Supplentes: Dr. Ataliba Pinto dos Reis, Alvaro Rodrigues de Carvalho, Alberto Moreira Pinto, Antonio Martins Paes e Bueno Ferrão de Figueiredo.

6.ª secção.—Agencia da Prefeitura—Rua Dias da Cruz n. 49.

Mesarios: Guilherme Gonçalves Valente, Tenente Amilcar Lopes Pecegueiro, Joaquim da Cunha Ribas, Capitão Manoel Ferreira Patricio e Guilherme Agostinho Pereira.

Supplentes: Luiz Alves de Medeiros, José Antunes Brum, Firmino da Silveira Bello, Joaquim da Silva Bastos e Francisco Paes de Araujo.

7.ª secção.—Escola Publica—Rua Imperial n. 9 D.

Mesarios: Capitão José Basilio da Silva, Augusto Henrique Telles, Oscar de Castro Neves, Manoel Pedro Guimarães, e José de Souza Motta Junior.

Supplentes: Diogenes de Lima e Silva, Alfredo Carlos Ribeiro, Antonio Victor Ferreira, José Augusto de Lima e Livio Augusto do Nascimento.

8.ª secção. — Escola Publica — Rua Archias Cordeiro n. 64.

Mesarios: Francisco de Souza Camillo Junior, José da Costa Timotheo, Pedro Rodrigues dos Santos França Leite, Manoel de Jesus Marques e Alvaro Martins de Carvalho.

Supplentes: Dr. Aristides Ferreira Caire, Antonio Pacheco de Oliveira, Capitão-tenente Samuel Pinheiro Guimarães, Samuel Guimarães e Luiz de Magalhães Vieira.

9.ª secção.—Escola Publica—Rua Adelaide n. 24.

Mesarios: Satyro Pereira Ribeiro, Eduardo Martins Ferreira, José Antonio Xavier Pinheiro, Rodolpho Lassé Brandão e Manoel Astolpho Pinto.

Supplentes: Theophilo Moreira da Costa, Polibio Cesar Ribeiro, Felippe Luiz Delduque, João Pinheiro da Silva e Pedro Galdino Leal.

DECIMA TERCEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Estação do Engenho de Dentro.

Mesarios: Carlos Ferreira Braga, Americo Rodrigue Peres, Lycurgo Gomes da Silva, Balthazar Paulista dos Santos e Augusto Alves Bittencourt.

Supplentes: Alfredo Carlos Wanderley, Octaviano Augusto de Oliveira, Coronel Augusto Goldschmidt, Fabio Fernandes Camacho e Alberico Freire de Sant'-Anna.

2.ª secção. — Escola Publica — Rua Tavares n. 2.

Mesarios: Antonio de Souza Coelho, Rodrigo Delphim Pereira, Honorio Figueira, Agenor da Costa Araujo e Manoel José da Costa Velho Junior.

Supplentes: Augusto da Costa Ramalho, Horacio dos Passos Costa, João Francisco Alves, Paulino Augusto Vieira e Freire de Lima e Silva.

3.ª secção.—Escola Publica — Rua Manoel Victorino n. 179.

Mesarios: João Teixeira Barbosa, Godofredo de Souza Meirelles, Mario Tertuliano da Silva, Capitão Alfredo Badaró dos Santos e Major Joaquim Pereira de Souza Caldas.

Supplentes: Arthur da Silva Mont'Alverne, Dau Corréa dos Santos, Luiz Fernandes de Almeida, Mario Ramos e Idomeneu Alexandrino dos Reis.

4.ª secção. — Escola Publica — Rua Vital n. 4 — Cupertino.

Mesarios: José Caetano Machado, Manoel Pinto Fernandes, Bento de Barros Pimentel, José Ribeiro Junior e Alfredo Vieira de Souza e Silva.

Supplentes: Tenente Brandão Reis, Arthur Augusto Ribeiro, Manoel Antonio do Monte, Florindo da Camara Coelho e Irineu Maynart Borges.

5.ª secção.—Estação de Cascadura.

Mesarios: Candido Brandão Souza Barros, Antonio Palmeira Junior, Agostinho Dias Nunes de Almeida, Domingos Pereira Souza Botafogo e Antonio Maia da Silveira Mattoso.

Supplentes: Antonio de Souza Barros, Tenente Brasiliano Cavalcanti Junior, Atilla Pinheiro, Triptolemo Maciel Soares e André José Barbosa.

DECIMA QUARTA PRETORIA

1.ª secção.—Irajá—Escola Publica—Largo do Vaz Lobo.

Mesarios: Mario Ricardo Tostes, Manoel Coelho Lage, Felizardo Pereira Novaes, Samuel Carvalho de Oliveira e João da Gama Lobo Bentes.

Supplentes: José da Costa Barros, Ayres Pinto Reymão, Antonio Corrêa Barbosa Junior, Manoel da Silva Pinho e José da Costa Barros Carvalho.

2.ª secção.— Escola Publica — Rua Carolina Machado.

Mesarios: Flodoardo Guimarães Torres, Antonio Carlos Cesar Sobrinho, Manoel Ribeiro da Silva, Edgard Roméro e Antonio Peixoto Leite.

Supplentes: Capitão José Gomes Ubirajara, Joaquim Vaz de Araujo, Alvaro Pereira da Rocha, Alferes Ascendino Pereira da Rocha e Adolpho Pinto Ribeiro.

3.ª secção. — Agencia da Prefeitura — Estrada do Coronel Rangel.

Mesarios: Coronel Carlos Dantas Rangel de Vasconcellos, Capitão Seraphim Pinto Machado, Bacharel Genaro Arnaud do Pillar Amaral, Antonio Gonçalves Roma e José Pillar do Amaral.

Supplentes: Joaquim Corrêa Silva e Oliveira, Emygdio Genaro Fonseca e Almeida, José do Amaral Gurgel Ribas, Tenente-Coronel Antonio Joaquim Vieira, Carlos Dantas Rangel de Vasconcellos Junior.

4.ª secção. — Escola Publica—Março n. 5.

Mesarios: Coronel Lino Americo do Brazil Moraes, João Gonçalves do Couto, Delphino Antonio da Costa, Dr. Demetrio Gonçalves Roma Santa e José Dantas Himalaia.

Supplentes: Antonio Euzebio Fortes, Joaquim Xavier de Barros, Felippe Gotz, Augusto Cabral Mello Rego e Samuel da Silva Grey.

JACARÉPAGUÁ

1.ª secção.—Escola Publica—Tanque.

Mesarios: Dr. Francisco Pinto da Fonseca Marques, Jeronymo Alpoim Silva Menezes, Augusto Pinto da Costa, Arthur dos Reis Carneiro e Leonardo Barbosa de Souza.

Supplentes: Julio Luiz José Forrain, Manoel Fernandes de Moraes, Dr. Bernardino Marques Cunha Bastos, Jeronymo Pinto da Fonseca e Julio Pinto da Fonseca.

2.ª secção.—Agencia do Correio—Tanque.

Mesarios: Joaquim Eloy da Penna Mattoso, Olegario das Chagas Pereira de Oliveira, José Militão de Sant'Anna, Antonio Teixeira da Cunha Junior e André Luiz da Rocha.

Supplentes: Francisco das Chagas Pereira de Oliveira, Antonio de Castro Teixeira, Agostinho Marques Gouvêa, Januario Pinto de Azevedo e Eliziario José Vieira.

DECIMA QUINTA PRETORIA

1.ª secção.—Escola Publica do sexo femenino do 13º districto—Realengo.

Mesarios: Edgard Teixeira Bastos, Manoel de Souza Martins, Arnaldo Estrella, Dr. Bernardo Mattos Trindade e José Manoel Rodrigues Silveira.

Supplentes: Christovão Vieira Alves, Aldarico de Souza, Francisco José de Moraes, Franklin Ferreira de Almeida e João Baptista Marques de Oliveira.

2.ª secção.—Delegacia de Saude—Realengo.

Mesarios: Major José Maria Ribeiro, Coronel Jacintho Felippe Nery Leite, João Frederico de Figueiredo, Dr. Oscar de Castro Borgeth e Agostinho Coelho da Silva.

Supplentes: Heraclito Gomes dos Santos, João Antonio de Figueiredo, Salustio Benicio da Silva, José Casimiro da Silva Franco e José de Azurara.

3.ª secção. — Segunda Escola Publica do sexo feminino—Campo Grande.

Mesarios: Joaquim Ignacio de Oliveira Rangel, Alvaro de Castilho, Francisco Ferreira da Silva, Wiro de Oliveira e Norberto de Moura Maia.

Supplentes: Luiz Pereira de Souza Guimarães, Thompson Antonio Damasio, Alzino Alves Ribeiro, Albino José de Oliveira e Euclides Augusto Tavares Pinheiro.

4.ª secção. — Agencia da Prefeitura — Campo Grande.

Mesarios: Manoel Lourenço da Rocha, Maximiano Costa Baptista, Cyrillo da Silva Gomes, Antonio Pereira do Amaral Costa e Mario Gonçalves.

Supplentes: Augusto da Silva Gomes, Antonio Teixeira da Paixão, João de Souza Coutinho Filho, Manoel Pereira Monteiro Torres e Alberto Teixeira de Araujo.

5.ª secção. — Terceira Escola Publica do sexo feminino—Campo Grande.

Mesarios: Hemenegildo Rocha de Almeida Reis, Tenente Agnello Pinto de Vasconcellos, Octavio Vieira de Souza, José Justino de Carvalho e Tobias Pereira do Amaral Costa.

Supplentes: Dr. Severiano de Andrade Cavalcanti, José Fernandes da Silva, Capitão Antonio José de Oliveira, Jorge Rodrigues de Amorim e Luiz Baptista Suzano.

6.ª secção.—Quarta Escola Publica do sexo masculino do 13º districto—Santa Cruz.

Mesarios: Francisco Gonçalves Leonardo, João Viviani, Bernardo dos Santos Vieira, João Manoel Alves e João Gualberto do Amaral.

Supplentes: Ulysses Basilio da Motta, José Maximiano Affonso Dias, Eugenio Francisco Xerem, Affonso da Silva Gomes e Gustavo Basilio Motta.

7.ª secção. — Quarta Escola Publica do sexo feminino—Santa Cruz.

Mesarios: Lindolpho de Oliveira Pimentel, Raul da Silva Amaral, Tancredo Guerra Pires, Miguel Rodrigues Peixoto do Valle e Manoel Acylino de Oliveira.

Supplentes: Alipio Lopes de Oliveira, Miguel Telles de Menezes, Antonio Fernandes Gonçalves Maia, José Amelio Pereira de Azevedo e Gregorio José de Andrade.

8.ª secção.—Estação da Estrada de Ferro—Santa Cruz.

Mesarios: General Antonio Olympio da Silveira, Antonio Campineiro Rodrigues, José Joaquim de Assumpção, Ignacio Nelson de Castro e Arnaldo da Costa Brana.

Supplentes: Alexandre Herculano Carvalho Castro, Antonio da Costa Barros Sayão, Benedicto Cornelio de Oliveira, Ildefonso José Corrêa e Joaquim Pereira.

9.ª secção.—Escola Publica da professora D. Leocadia Silva Torres—Barro Vermelho.

Mesarios: Pedro Freire de Castro, Antonio Ferreira da Costa, José Faria de Almeida, José Joaquim Gonçalves e Antonio Innocencio Reis.

Supplentes: Candido Alves de Azevedo, José Pinto da Motta, Bemvindo Moniz Tello de Sampaio, Marcos da Silva Mendes e João Baptista Ramos.

10.ª secção. — Escola Elementar da professora D. Zulmira Marques Nunes—Ponta Grossa.

Mesarios: Justiniano Cardoso de Assumpção, Adolpho da Silva Guedes, João Jacintho da Cruz, Leonardo Albuquerque Moniz Tello e Antonio Garcia Goulart.

Supplentes: João de Freitas Cardoso, Henrique Eugenio dos Santos, Deocleciano de Oliveira Magalhães, Paulino Antonio Lopes e Manoel Pinto Lopes de Souza.

11.ª secção.—Escola Publica da professora D. Maria Fausta Moniz Barroso—Arraial da Pedra.

Mesarios: Jorge Paes Sardinha, Petronilho Carlos Dias, Miguel Demetrio Bueno, José de Macedo Paes e Augusto José Ribeiro.

Supplentes: Rufino Antonio da Silva, Antonio Vicente de Carvalho, Manoel Floriano Cardoso, Francisco da Silva Guedes e Antonio Pantaleão de Mello.

E após lavrada e assignada a respectiva acta, mandei, incontinente, correr este edital para conhecimento de todos, na conformidade do art. 67 da lei n. 1.269, de 15 de Novembro de 1904.

Eu, Ignacio de Loyola Gomes da Silva, primeiro procurador da Republica, interino, servindo de secretario, o subscrevi.

Rio, 30 de Dezembro de 1908. — *Adherbal de Carvalho.*

Juizo Federal da 2.ª Vara

Acta da Reunião da Junta Organisadora das Mesas Eleitoraes em 30 de Dezembro de 1908

Aos 30 dias do mez de Dezembro de 1908, nesta Capital, ás 12 horas do dia, no edificio do Governo Municipal, em local designado pelo respectivo presidente; perante o Dr. Adherbal de Carvalho, supplente do Dr. Juiz substituto da 2ª vara federal, commigo Ignacio Loyola Gomes da Silva, 1º procurador seccional interino servindo de secretario na fórma da lei foi pelo referido doutor, na qualidade de presidente da Junta Organisadora das Mesas Eleitoraes, dito que ia dar começo aos trabalhos da referida junta ordenando em seguida que se procedesse á chamada dos

membros que a deveriam constituir, conforme a lista recebida hoje do Dr. presidente da commissão de alistamento eleitoral.

Procedida á chamada pela referida lista, compareceram : Orlando Rangel e Dr Manoel Lobato Carneiro da Cunha, representantes dos contribuintes do imposto de industrias e profissões; Oscar Machado e Gabriel Osorio de Almeida, representantes do imposto predial : Zacharias Ferreira Maia e Domingos Corrêa de Sá, representantes do Conselho Municipal e mais destes Pedro Moutinho dos Reis.

Em seguida, declarando installada a junta convidou o mesmo Dr. presidente aos senhores eleitores a apresentarem os officios indicando os nomes dos mesarios que deviam constituir as mesas eleitoraes, de conformidade com o art. 64, da lei n. 1.269 de 15 de Novembro de 1904 e art. 12 do decreto n. 5.453, de 6 de Fevereiro de 1905.

Foram apresentados e acceitos pelo Sr. Dr. presidente 168 officios, contendo cada um assignaturas de 30 eleitores, fazendo indicação de mesarios para as diversas secções, de accôrdo com o art. 12 do decreto n. 5.453, acima citado, e dos quaes passou o secretario os competentes recibos.

A's 2 horas da tarde passou a junta a proceder á apuração dos officios apresentados para cada secção do municipio.

Pelo Sr. Dr. Gabriel Osorio de Almeida, foi observado que, não sendo possivel verificar a identidade da firma dos eleitores constantes dos officios apresentados sem se ter presente os livros de alistamento eleitoral, pedia que fossem apresentados á junta os referidos livros.

O Sr. Dr. presidente declarou que, para satisfazer essa exigencia, requisitaria da junta de alistamento os livros pedidos, não obstante entender não ser isso da competencia desta junta.

O Dr. Manoel Lobato Carneiro da Cunha, pedindo a palavra, disse que sendo reconhecidamente impossivel terminar a verificação dos officios submettidos á sua apreciação, requeria fossem suspensos os trabalhos para serem continuados amanhã, pois, residindo elle em Petropolis, precisava se retirar.

O Sr. Honorio Gurgel, requereu se consignasse na acta a declaração feita pelo Sr. Dr. Carneiro da Cunha, de que residia elle em Petropolis.

De novo usando da palavra, o Sr. Dr. Carneiro da Cunha declarou que a sua residencia em Petropolis era temporaria.

Pelo Sr. presidente da junta foi deferido o requerimento do Sr. Honorio Gurgel e indeferido o requerimento do Sr. Dr. Carneiro da Cunha, quanto á suspensão dos trabalhos.

Pelo Sr. Dr. presidente foi communicado aos membros da junta que do seu officio requisitando do presidente da junta de alistamento eleitoral a remessa dos livros respectivos, foi respondido que a requisição não podia ser satisfeita por ser contraria á expressa disposição da lei : que terminantemente prohibe a sahida dos referidos livros do cartorio do escrivão do alistamento onde se acham archivados.

O Sr. Dr. Gabriel de Almeida, pedindo a palavra disse que a deliberação do Sr. presidente do alistamento eleitoral punha a junta organisadora das mesas eleitoraes na impossibilidade de bem e conscienciosamente cumprir com os deveres de fiscalisação e que na alternativa ou de dar por verificados os officios submettidos ao seu exame, sem o ter devidamente feito, ou de não continuar no trabalho da junta, optando pela segunda, declarava não continuar a fazer parte da mesma junta e requeria que essa sua deliberação assim motivada, fosse consignada na acta.

O Sr. Dr. presidente declarou que não lhe parecia procedente o allegado pelo Sr. Dr. Osorio de Almeida, pois, estando as firmas, constantes dos officios, devidamente reconhecidas por um tabellião, funccionario publico que merece fé, até prova em contrario, os Srs. mesarios, dando como verificadas essas firmas, assim legalmente reconhecidas, teriam perfeitamente cumprido a obrigação que lhes impõe a lei a esse respeito.

O Sr. Dr. Osorio de Almeida, usando de novo da palavra, declarou que era questão de consciencia e desde entendia que que não lhe era possivel uma fiscalisação seria nos officios submettidos ao seu exame, não prestava-se a dar a sua assignatura para sanccionar fraudes e alicantinas e, por isso como já declarou, retirava-se da junta.

Tomando a palavra, os Srs. mesarios Orlando Rangel e Oscar Machado declararam que, sendo elles do parecer do Sr. Dr. Osorio de Almeida, tambem deixavam de fazer parte da junta.

Pelo Dr. presidente foi ordenado que se consignasse na acta todo o occorrido e determinou que continuasse a funccionar a junta com os membros existentes, como determina o art. 65 da lei n. 1.269, de 15 de Novembro de 1904, impondo a cada um dos membros que abandonaram os trabalhos sem causa justificada a multa de 100$, de accôrdo com o disposto no minimo do § 1º do art. 121 da lei citada.

Pela junta foi communicado ao Sr. Dr. presidente que, procedida a verificação dos officios, o resultado para mesario, foi o seguinte :

PRIMEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Felippe Senés.

2.ª secção.—Virgilio Ferreira Gutierrez.

SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção.—Arthur Affonso Barros Cobra.

2.ª secção.—João Augusto Ribeiro de Almeida e Luiz Gabriel da Silva Mello.

3.ª secção.—Elydio Hyppolito da Fonseca, Isaltino José da Fonseca e Dr. Arthur Nunes da Silva.

4.ª secção.—Manoel Pereira Madruga.

5.ª secção.—Augusto Ismael Perestrello, Guilherme Madeira, Joaquim Christovão Alves da Silva e Antonio Augusto Ferreira Deschamps.

6.ª secção.—Alvaro Alvares de Azevedo Macedo, Deolindo Anacleto Doria, José Soares Dias e Manoel da Silva Pereira.

7.ª secção.—Leopoldo José de Menezes, Amancio Torres da Silva, Arthur Baptista Villela Guapiassú, Alberto Magioli e Izidro Gonçalves de Lima.

8.ª secção. —Domingos Pinto de Magalhães, Arthur Cesar Fonseca, Arthur Pereira Reis e Ernesto Ambrosino Ferreira.

TERCEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Gaspar Fragoso de Albuquerque.

2.ª secção.—Benjamin Soares de Assis.

3.ª secção.—Dr. João Benjamin Ferreira Baptista e Dr. Gastão Victoria.

4.ª secção.—Antonio Vicente do Nascimento Feitosa Sobrinho.

5.ª secção.—Antonio Alipio de Souza Ribeiro.

QUARTA PRETORIA

1.ª secção.—Virgilio Apolinario da Silva.

2.ª secção. Raphael Gomes de Sant'Anna.

3.ª secção.—Amaury da Costa Guimarães.

4.ª secção.—Carlos Augusto Faller.

QUINTA PRETORIA

1.ª secção.—Bruno Silva da Costa Maia.

2.ª secção.—Alberto Lobo.

3.ª secção.—Octavio Rodrigues de Barros.

4.ª secção. — Joaquim Vieira de Azeredo Coutinho.

5ª. secção.—João Corrêa de Araujo.

SEXTA PRETORIA

2.ª secção.—Ludgero Reis.

10.ª secção. — Dr. Candido Barroso do Amaral, Antonio Mendes Pereira Machado e Diogo Rodrigues da Silva.

OITAVA PRETORIA

1.ª secção.—Belarmino Raymundo Falcão.

2.ª secção.—Isaias Ferreira Maia.

3.ª secção.—Tancredo de Barros Paiva.

4.ª secção.—Josué da Silveira Amaral.

NONA PRETORIA

1.ª secção.—Julio de Abreu Gomes e Alvaro Menezes.

2.ª secção.—Ignacio Verissimo de Sá e major José Maria da Costa.

3.ª secção. — Francisco de Assis Barros e João Burgos.

4.ª secção.— Capitão Themistocles Soares de Albuquerque Leão e João Joaquim Fernandes Dias.

DECIMA PRETORIA

1.ª secção.— Arinos Pimentel e Brocardo Elpidio de Carvalho.

2.ª secção. — Eugenio Pereira e Dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva.

3.ª secção.—Dr. Benjamin Franklin de Ramiz Galvão e Arthur de Miranda Ribeiro.

4.ª secção.—Antonio da Fonseca Lobo e Alfredo Carneiro de Barros Azevedo.

DECIMA PRIMEIRA PRETORIA

1.ª secção. — Coronel Alipio de Bittencourt Calazans e Felippe Gonçalves.

2.ª secção.—Pedro do Couto.

3.ª secção.—Leopoldo Meira.

4.ª secção.—Major João Rodrigues da Motta Teixeira.

5.ª secção. — Hemeterio José dos Santos e Dr. Joaquim Marcellino de Brito.

DECIMA SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção. — Henrique Ernesto da Silva Chaves, Octavio da Silveira e Polycarpo Carneiro.

2.ª secção. — Augusto do Espirito Santo Fontenelle, Dr. Carlos Augusto de Avilez Barrão, Feliciano Meirelles Alves Moreira e Dr. Emygdio José Ribeiro.

3.ª secção. — Alipio Servulo de Assumpção, José Martins da Veiga Junior e Eugenio dos Santos Copahyba.

4.ª secção. — Astolpho Freire, Jacintho Augusto Macedo Paes Leme Junior e Julio Gonçalves Pinheiro.

5.ª secção. — Manoel Alves Moreira e Sylvio de Carvalho.

6.ª secção. — Guilherme Gonçalves Valente, Tenente Almicar Lopes Pecegueiro e Joaquim da Cunha Ribas.

7.ª secção. — Capitão José Basilio da Silva, Augusto Henrique Telles e Oscar de Castro Neves.

8.ª secção.—Francisco de Souza Camillo Junior e José da Costa Timotheo.

9.ª secção.—Satyro Pereira Ribeiro, Eduardo Martins Ferreira e José Antonio Xavier Pinheiro.

DECIMA TERCEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Carlos Ferreira Braga e Americo Rodrigues Peres.

2.ª secção.—Antonio de Souza Coelho.

3.ª secção.—Godofredo de Souza Meirelles.

4ª. secção.—Manoel Pinto Fernandes.

DECIMA QUARTA PRETORIA

1.ª secção.—Mario Bicalho Fortes, Manoel Coelho Lage, Felizardo Pereira de Moraes, Samuel Carvalho de Oliveira e José da Costa Barros.

2.ª secção.—Flodoardo Guimarães Torres, Antonio Carlos Cesar Sobrinho e Manoel Ribeiro da Silva.

3.ª secção.—Coronel Carlos de Antas Rangel de Vasconcellos,Capitão Antonio Seraphim Pinto Machado e Bacharel Gervasio Arnaldo Monteiro do Amaral.

4.ª secção.—Coronel Luiz Americo do Brasil Moraes, João Gonçalves do Couto e Delfino Antonio da Costa.

DECIMA QUARTA PRETORIA

1.ª secção.—Jacarépaguá—Dr. Francisco Pinto da Fonseca Marques, Jeronymo Alpoim da Silva Menezes e Augusto Pinto da Costa.

2.ª secção.— Joaquim Eloy Pereira de Mattos, Olegario das Chagas Pereira de Oliveira e José Militão de Sant'Anna.

DECIMA QUINTA PRETORIA

1.ª secção.—Campo Grande—Capitão Manoel de Souza Martins, Arnaldo Estrella, José Manoel Rodrigues da Silveira e Dr. Bernardo de Mattos Trindade.

2.ª secção. — Major José Maria Ribeiro, Coronel Jacintho Felippe Nery Leite, João Frederico de Figueiredo, Dr. Oscar de Castro Alves Borgeth e Agostinho Coelho da Silva.

3ª secção.—Joaquim Ignacio de Oliveira Rangel, Alvaro de Castilho e Francisco Ferreira da Silva.

4.ª secção. — Manoel Lourenço da Rocha, Maximiano da Costa Baptista e Cyrillo da Silva Gomes.

5.ª secção.— Hermenegildo Rocha de Almeida Reis, tenente Agnello Pinto de Vasconcellos e Octavio Reau de Souza.

6.ª secção.— Francisco Gonçalves Leonardo, João Viviani, João Manoel Alves, João Gualberto do Amaral e Bernardo dos Santos Vieira.

7.ª secção.— Lindolpho de Oliveira Pimentel, Miguel Rodrigues Peixoto do Valle e Manoel Acylino de Oliveira.

8.ª secção.— General Antonio Olympio da Silveira, Antonio Campineiro Rodrigues, José Joaquim de Assumpção, Ignacio Nelson de Castro e Arnaldo Costa Braga.

9ª. secção.— Pedro Freire de Castro, Antonio Ferreira da Costa e José Faria de Almeida.

10.ª secção.— Justiniano Cardoso de Assumpção, Adolpho da Silva Guedes e João Jacintho.

11.ª secção.—Jorge Paes Sardinha, Petronilho Carlos Dias e Miguel Demetrio Bueno.

Em tempo—Antonio Augusto Ferreira Deschamps e Joaquim Christovam Alves da Silva, incluidos na quinta secção da segunda pretoria, pertencem á quinta secção da primeira pretoria, assim como João Jacintho foi, por engano, incluido na decima secção da decima quinta pretoria.

Procedendo-se á eleição para completar as mesas eleitoraes verificou-se o resultado seguinte:

PRIMEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Candelaria—Mesarios effectivos: Luiz Teixeira Bittencourt Sobrinho, coronel João Fonseca Ribeiro Bastos, Dr. Antonio Quino Alves e Josué de Medeiros.

Supplentes: Luiz Lopes Pequeno, Ernani Francisco Borges, Sylvio da Motta Rabello, Francisco Eulalio Pinto da Fonseca e major Alvaro de Moniz.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: Estephanio Monteiro da Rosa, João Alexandrino Teixeira, Dr. Luiz Pio Duarte Silva, Luiz Arêas e Horacio Ramos Machado Junior.

Supplentes: Dr. João Baptista de Sampaio Ferraz, Eugenio Ferraz de Abreu, Honorino Calimerio Lopes, Pedro Herculano da Silva e João Mendes.

3.ª secção. — Mesarios effectivos: Coronel Severiano Pereira de Mello, Lourival Alves Guimarães, Dr. Pedro Leão Velloso Filho, Eugenio Haddock Lobo e Manoel Antonio Lopes Marinho.

Supplentes: Manoel Joaquim Torres, Henrique Dunham, Adelino Guycurás Piranema, Alfredo Lody Batalha e tenente Eugenio Meira Guimarães.

4.ª secção.— Mesarios effectivos: Antonio Ferreira Vallado, Antonio Marinho Falcão, Roberto Lopes Monteiro Guimarães e Henrique Andrew Heyer.

Supplentes: Carlos José dos Santos Rodrigues, Dr. Antonio de Arruda Beltrão, Alfredo Belarmino de Miranda, Adriano Joaquim Ferreira e Emilio Basilio da Silva.

5.ª secção.— Mesarios effectivos: Damazo Proença Gomes, tenente Armando Ferreira de Carvalho e Octavio Ignacio de Souza Valente.

Supplentes: Dr. Gaspar de Menezes, Eutimio de Oliveira Pereira, capitão Arthur José Monteiro dos Santos, Luiz Fragueiro Roméro e José Thomaz Gomes.

6.ª secção.— Mesarios effectivos: Luiz Lemgurber Kropf, Antonio Colana Barbosa, Antonio Ataliba Bittencourt, Arthur de Pinna Kelly e Macrino Augusto de Campos.

Supplentes: Julio Pelagio Favilla Nunes, Luiz Waddingthon, Arthur Antonio Monteiro, capitão Eulisippo da Silva Cecilio e Nelson Jansen Muller de Faria.

7.ª secção.— Mesario: Senador Antonio Francisco de Azeredo, Tiburcio Bittencourt, Dr. Roberto Nunes Lindsay, Godofredo Xavier Cossenza e Camilo da Silva Guimarães.

Supplentes: Antonio Francisco Menezes, Alvaro de Albuquerque, Americo do Espirito Santo Fontenelle, capitão Manoel Lavrador Filho e Cicero Pamplona de Oliveira.

SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção.— Mesarios effectivos: Arthur de Souza Araujo, Tancredo Godofredo de Araujo, Eugenio Guilherme Magalhães Carvalho e Alexandre Fortunato Ferreira.

Supplentes: Bruno Feder, Carlos Augusto de Almeida, Arthur Francisco de Siqueira, Antonio Henrique e João Manoel Catisbarnen.

2.ª secção. — Mesarios effectivos: Waldemar da Cruz Mattos, João José Torres Junior e Jacintho Teixeira Pinto.

Supplentes: Raul Hypolito da Fonseca, Francisco Monteiro, Hyppolito José da Costa, Luiz do Couto Braga e Vicente Ferreira Mendes.

3.ª secção.— Mesarios effectivos: Manoel Roberto dos Santos e Alvaro de Mattos Campista.

Supplentes: Sergio Affonso Moreira, Antenor Saboia dos Santos, Hygino Antunes de Figueiredo, Manoel Pereira de Oliveira Guimarães e Alfredo Marques Baptista de Leão.

4.ª secção.— Mesarios effectivos: Albino Augusto da Silva, Lucio Benevenuto, Manoel Felicio de Lacerda Miranda e Polyão Lopes da Silva.

Supplentes: Ernesto Ferreira Barroso, Eduardo da Silva Caldeira, Guilherme Felippe Floret, Theodosio Corrêa dos Santos e Fidelcino da Silva Leitão.

5.ª secção.— Mesarios effectivos: Paulino Leoncio Saroldi, José Marcellino da Silva Aranha e Fernandes Borges de Lima.

Spplentes; Manoel Lustosa de Araujo, Justino José de Macedo, Justino José ee MacedoCoimbra, José Nicolau de Donato, Elydio da Silva Corrêa e Elias Antonio Gerosso.

6.ª secção. — Mesario effectivo: Alvaro Nunes da Silva Porto.

Supplentes: Custodio José de Sant'Anna, Luiz Clemente Porto, Alfredo de Azevedo Vieira e João Baptista da Silva.

7ª. secção. — Mesarios effectivos: Todos os mesarios desta secção foram indicados pela apresentação de eleitores.

Supplentes: Arthur de Oliveira Magioli, Silvino Antonio Baptista, Rodolpho de Souza Gomes, Dr. Jacintho Baptista dos Santos e Manoel Leite de Bittencourt.

8.ª secção.— Mesario effectivo: Placido Luiz do Nascimento.

Supplentes: Justino Francisco Gomes, Antonio Pinto da Conceição, Candido Elesbão da Silva, André Bonnel e Antonio Caetano dos Santos.

TERCEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: João Lopes Corrêa de Lacerda, major Luciano Augusto de Oliveira, Dr. Sabino Ignacio Nogueira da Gama e Julio Hamilton Ferreira Duque Estrada.

Supplentes: Manoel Mathias Raposo Junior, Conrado Rodrigues Samico, Manoel Dias Tavares, Manoel Onofre Muniz Ribeiro e Romão de Carvalho.

2.ª secção. — Mesarios effectivos: João Max von Huxer, Dr. Francisco Bello de Andrade, tenente Caetano Marques Canella e Raul Auto de Simas.

Supplentes: Tenente João Alves Salazar, Modesto Augusto de Oliveira, Miguel Antonio Fragoso, Gabriel Cerqueira de Carvalho e Alexandre Alves Ribeiro Cirne.

3.ª secção.— Mesarios effectivos: Emygdio Innocencio dos Reis, Dr. Firmino de Oliveira e capitão João Gomes da Cunha Ripper Junir.

Supplentes: Tenente-coronel Carlos Joaquim Barbosa, tenente Augusto Monteiro Meirelles, Benedicto de Azevedo Lopes, Henrique Emiliano Silva Chaves e Calixto José de Mello.

4.ª secção.— Mesarios effectivos: Mario Alves Nogueira da Silva, major Leopoldo Carlos Castrioto, Virgolino Antonio Proença e Dr. Manoel Alves da Silva Freire.

Supplentes:—Simão Pereira de Oliveira Machado, Tenente Horacio Antonio Pestana, Eduardo Duarte, Alfredo Felix Pereira e Antonio Maximo Nogueira Penido.

5.ª secção. — Mesarios effectivos: João Coelho Mello Junior, Dr. Octavio Vinelle, tenente-coronel Bernardo Corrêa de Araujo Leão e Eduardo de Mello Coutinho Marcier.

Supplentes: Carlos Jorge Bailly, capitão João de Souza Laurindo, Vivaldo Moncorvo Franklin, coronel Constantino Pereira da Cunha e capitão João Francisco Marinho.

QUARTA PRETORIA

1.ª secção.— Mesarios effectivos: Dr. Theophilo Gonçalves Pereira, Aristides do Nascimento Silva, Alfredo Teixeira Carneiro e Augusto Cezar Alvão.

Supplentes: Tenente Alfredo Gomes de Jesus, José Murs Diniz Pimentel, Alfredo Nunes de Andrade, Carlos Vaillant de Oliveira, e Manoel Fernando Mattos Guahyba.

2.ª secção. — Mesarios effectivos: Francisco Pinheiro Carvalho Junior, Astolpho Macedo Lobo Mello, Alberto Fioravante e Manoel da Silva Pereira.

Supplentes: Alfredo Gonçalves da Silva Guimarães, João Braz Maia, Augusto Ferreira da Costa, Anselmo Rodrigues Sá e Adhelbal da Rocha Mello.

3.ª secção. — Mesarios effectivos : Dr. José Luiz Macedo Cavalcante Filho, João José de Lima, Pedro de Souza Barbosa, Fernandes Garcia Ramos e Pedro Alexandrino Rodrigues Pinheiro.

Supplentes: Jeronymo Luiz da Costa Couto, Nestor Moreira Alves, Francisco Rosa de Freitas, Luiz Barbosa Sadim e João Caetano de Mattos.

4.ª secção.— Mesarios effectivos : João Ambrosio do Nascimento, José Estanislau Barbosa da Silva, capitão João Gaston e Arnaldo Mendes Lopes.

Supplentes : José Maria Dutra Pereira, Emilio Cesar Ramos, Alfredo Bento Valuche, Alexandre Kitzinger e Horacio de Lima Camara.

5.ª secção.—Mesarios effectivos: Acacio Joaquim da Graça, João Alfredo Brilhante de Albuquerque, Julio Andrade Pinheiro Carvalho e Luiz Pinto Pereira de Andrade.

Supplentes: Capitão Julio Queiroz Soares Andrea, Augusto da Silva Moreira, João Augusto de Azeredo Coutinho, Dr. Manoel Fernandez Beiriz e Alfredo Fernandes Machado.

6.ª secção.— Mesarios effectivos : Dr. Mario de Moura Salles, Joaquim Alfredo Cunha Lage, tenente Manoel Pinho França, Pedro dos Santos Lara e coronel Antonio José da Silva Brandão.

Supplentes : Jeronymo Guedes Teixeira Sobrinho, Sebastião de Almeida Cardeal, Carlos Alberto da Fonseca Filho, Antonio Tavoralo e Rubens Alves do Valle.

QUINTA PRETORIA

1.ª secção. — Mesarios effectivos : Ernesto Felippe Nery, Gil Augusto de Siqueira, Antenor Barbosa Furtado e Antonio Ferreira Madureira.

Supplentes : Euclydes Carlos Pereira, Pedro Freire Bruno, Horacio Antonio Peixoto, José Antonio Mattos Cid e José Vicente de Carvalho.

2.ª secção.— Mesarios effectivos: Raymundo da Rocha Aguiar, Dr. Adolpho Leyret, Augusto Pereira Madruga e Manoel Olympio Freire de Amorim.

Supplentes : Horacio Novella da Silva, Henrique Ferreira Valgas, Antonio Gentil Monteiro, Francisco Oscar do Nascimento e Isaac Gallart.

3.ª secção.— Mesarios effectivos : Antonio Joaquim da Silva Pereira, Dr. Lafayette Rodrigues de Barros, Dr. Heitor Theophilo Marçal e tenente Francisco de Paula Costa.

Supplentes: Carlos Augusto Bruno Honneraldi, Olavo Castellar de Oliveira, Tarico Augusto de Oliveira, Joaquim Gomes de Castro e Guilherme Herculano de Abreu.

4.ª secção.—Mesarios effectivos: Eduardo Augusto de Araujo Iorge, Dr. Carlos Guimarães Martins, Enéas Campello Bastos de Oliveira e Lepoldo Campello.

Supplentes: Antonio Luiz de Loureiro Maior, Armando Alenardo Eymard, Osorio Bastos de Oliveira, Estanisláo José dos Reis e Raposo de Brito Sant'Anna.

5.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Guilherme Frederico da Rocha, Oldemar Maria de Lacerda, Arthur Rodrigues da Silva e Annibal Guilherme Coelho.

Supplentes: Mario Barata Monteiro, Ernesto Freire, Cesar da Silva Santos, Auxencio Rocha Pinto e Jayme Corrêa de Azevedo.

SEXTA PRETORIA

1.ª secção—Mesarios effectivos: Arthur Cherubim Gonçalves da Silva, Porphirio Francisco de Paula, Olympio Telles de Menezes, Jacintho Augusto Neves e Dr. Jorge Augusto Petiz.

Supplentes: Arthur Alves da Rocha, Francisco de Paula Castro Vieira, Raul Costa, Fortunato Pereira de Mello e Manuel Gouvêa Corrêa Junior.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Luiz Bandeira de Gouvêa, Antonio Salles Pereira, Mario Avila Pompéa e Manuel Martins da Silva.

Supplentes: Antero José Freitas, Alfredo da Silva Braga, Carlos Monteiro Esposer, Carlos Thompson e Alvaro de Carvalho.

3.ª secção.—Mesarios effectivos: Miguel Jorsen Tavares, Oscar Gonçalves Albuquerque, Dr. Eduardo João Baptista Gaillard, João Henrique Santos Oliveira, Pedro de Mello Cunha.

Supplentes: Manuel Nonato Ferreira Baptista, Miguel Souto Mariath, Francisco Augusto Xavier de Brito, João Estevão da Silva e Antonio Martins da Cruz Ferreira.

4.ª secção.—Mesarios effectivos: Abelardo Manhães Flores, Antonio Henrique Silva Reis, Felisberto Carneiro Assumpção Fontoura, Jayme José Pires e Alvaro Pires.

Supplentes: Victor Paula Henriot, Coronel Sivino Ribeiro, Antonio Joaquim Canario, Ricardo Rochfort e Paulo Ferreira da Silva.

5.ª secção.—Mesarios effectivos: Desembargador Joaquim José de Oliveira Andrade, Laurindo Ferreira da Silva, Antenor Barbosa Mattos Corrêa, Thomaz Mendes Diniz e Ildefonso de Azevedo Lopes.

Supplentes: José Cupertino Paes, Affonso Albuquerque Reis e Silva, Thomaz da Silva Paranhos, Dr. Aprigio do Rego Lopes e Alvaro Queiroz do Nascimento.

6.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Manuel Rodrigues da Fonseca, Miguel Angelo Dantas Seve, José Belicha, João Baptista de Figueiredo e Carlos Antonio Vieira.

Supplentes: Guilherme Pereira da Motta, Edilio Augusto Ramos, José de Barro de Madureira, Antonio Eleuterio da Silva e Djalma de Jesus.

7.ª secção.—Mesarios effectivos: Tenente João de Oliveira Freitas, Alfredo Ribeiro de Queiroz, Francisco Gondolpho, João Crokadt Sá Pereira de Castro, Luiz de Araujo Aragão Bulcão.

Supplentes: Henrique Luiz Jean Jacques, Felix Moniz de Oliveira, Deocleciano Francisco Pereira, Joaquim da Silveira Mendonça e Braulio Monteiro.

8.ª secção.—Mesarios effectivos: Francisco Salvador Moreira, Zacharias Martins Marques, Antonio Carlos Franco de Sá, Cesar Ataliba de Oliveira Costa e Capitão José de Almeida Franklin.

Supplentes: Raul de Araujo Roso, Bento José Nunes, Abelardo Acetta, Tito Paulo da Costa e Braz Crneiro Velloso.

9.ª secção.—Mesarios effectivos: Alvaro Benjamin de Viveiros, Badaró Esteves, Marechal Francisco José Cardoso Junior, Samuel Teixeira e Mario Carlos Pinheiro.

Supplentes: Alexandre José Toussaint, Durval José Ramos, Dr. Octavio do Rego Lopes, Joaquim Galdino de Siqueira e Francisco Ribeiro de Moura Escobar.

10ª. secção. — Mesarios effectivos: Eliezer Gerson Tavares e Eduardo Carneiro dos Santos.

Supplentes: Victorino Francisco Arruda, Oscar Henrique Liberal, Hilario Francisco de Jesus, Dr. Mario Valverde de Miranda e Antonio C. de Calvet Bittencourt.

SETIMA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: Americo Corrêa da Silva, Atila de Oliveira Costa, Victor Rodrigues Junior, Dr. Aristides Lopes Vieira e Dr. João Baptista Campos Tourinho.

Supplentes: Sebastião Soares de Oliveira Junior, Dr. Edmundo de Almeida Rego, Carlos Gonçalves Curvello, Caio Coutinho Cintra e Benedicto Antonio dos Santos.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: Eugenio Augusto de Brito e Silva, Manuel Maria Barbosa da Veiga, Manuel Gomes Cardia, João Mendes Antas Sobrinho, e Alberto Duque Estrada de Barros.

Supplentes: João Fernandes Lobo, Francisco Antonio de Carvalho, Henrique Augusto Eduardo Martins, José Schmidt de Vasconcellos e Antonio da Silva Moraes.

3.ª secção.—Mesarios effectivos: Alvaro Rodopiano Gonçalves Santos, Abel Casemiro Nazeanze, Dr. Julio de Barros Raja Gabaglia, Jayme Garfield Botafogo e Affonso Manoel do Rosario.

Supplentes: Olympio Dias da Costa, Thomaz do Passo William, Mario Duque Estrada de Barros, Benevenuto Antonio Figueiredo e Dr. Antonio Austregesilo Rodrigues Lima.

4.ª secção.—Mesarios effectivos: Accacio Lopes da Silva Moraes, Epiphanio Rodrigues Duarte, João Principe da Silva, Cesar do Passo Mattoso Maia e Gracindo José Borges.

Supplentes: Luiz Furtado, José Jacintho Verissimo Junior, João Baptista da Rosa, Carlos Domingos Barbosa e Jeremias Carvalho Brandão

5.ª secção.—Mesarios effectivos: Armindo de Assumpção, Arthur Napoleão Borges, Dr. Domingos Antunes Ferreira, Miguel Duarte Pinto Guimarães e José Belem de Almeida.

Supplentes: Luiz Souto de Assumpção, Herminio Pinheiro da Silva, João Monteiro Duarte, Americo de Mello Mattos e Arthur Napoleão Borges Filho.

6.ª secção.—Mesarios effectivos: Constantino Perreira de Souza, Henrique Vieira de Almeida, Antonio Joaquim Costa Guedes, Francisco Paula Santiago e Jorge dos Santos Junior.

Supplentes: Gulpio Fernandes, Deocleciano Dias de Souza, Caio Carneiro da Cunha, Arthur Baptista Saroldi e Francisco Antonio Sobral Carvalho.

7.ª secção.—Mesarios effectivos: Alvaro Caminha Tavares da Silva, Nino Pereira, Antonio José Ferreira Junior, Dr. Antonio Dias Ferreira e coronel Camillo Eugenio dos Reis.

Supplentes: Estevam José Pires Ferrão, Guilherme Maria Vianna, João Advincula de Carvalho, Mezino Lourenço de Maria e José do Rego Fontes.

OITAVA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: Antonio Avelino Pinto Guimarães, Carlos Octaviano de Souza França, Daniel Guimarães Paulista e Haroldo Brasilio de Almeida.

Supplentes: Carlos Pinto de Sá, Arnaldo Ibrahim Marcia, Agostinho Silveira Mendonça, Antonio Araujo Mello e Antonio Alves de Oliveira.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: Florindo Lins de Sá Barbosa, José João Miranda Nunes, Henrique Pereira de Mello e Joaquim da Silva Santos.

Supplentes: Francisco Pedro Vasco, João da Luz Trindade, José Bastos Guimarães, Francisco Pinto Magalães e José Pereira Madruga.

3.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Theodoro Augusto Ribeiro Magalhães, Leopoldo Manoel de Carvalho, Antenor Alvares de Lima, e Manoel Teixeira de Almeida.

Supplentes: Juvencio Salustiano de Andrade, Julio Carreira Silva Marques, Jonathas Carlos de Carvalho, Manoel Pereira Soares e Miguel de Avila Caranto.

4.ª secção.—Mesarios effectivos: Lucilio da Costa Monteiro, João Norberto Ferreira Brandão, Narbal José Gonçalves Lisboa e José Pereira Barros Sobrinho.

Supplentes: Aascanio Henrique Ferreira de Abreu Adriano Alves Bastos, Alfredo Avelino Pinto Guimarães, Joaquim José Teixeira e Joaquim Lourenço Arado Junior.

NONA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: Alvaro de Menezes, Julio de Abreu Gomes, Dr. Alberto Simonard Rodrigues Santos, Valeriano Innocencio do Couto e Ludolpho de Souza Neves.

Supplentes: José Viriato Martins, Jeronymo Naylor, Alvaro da Silveira Andrade Pinto, Onesimo Coelho e Elpidio Alves Souza.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: José Maria da Costa, Ignacio Verissimo de Sá, Ernani Ribeiro de Campos, Manoel Macedo Costa, Tenente-coronel Joaquim Xavier Coelho Bittencourt.

Supplentes: Edgar Pinto Ribeiro Duarte, coronel José Lopes da Costa Moreira, José de Sá Bastos, Francisco José de Oliveira Rosas e Arlindo Barbosa.

3.ª secção.—Mesarios effectivos: João Burgos, Francisco de Assis Barros, Domingos José de Oliveira Bastos Junior, Arthur Rodrigues do Nascimento e Dr. Arnolpho Nolasco de Rezende.

Supplentes: Dr. Ernesto dos Santos Silva, Amador Bueno de Andrade, Joaquim Rodrigues da Silva, João Balker e Francisco Rodrigues do Nascimento.

4.ª secção.—Mesarios effectivos: João Joaquim Fernandes Dias, capitão Themistocles Soares Albuquerque Leão, Dr. Alberto Santiago, Dr. Romulo Steple da Silva e Tenente-coronel João Manoel Alves.

Supplentes: Augusto Cesar Fernandes Dias, Leonel Moreira Aires Ferrão, Venancio Gonçalves, Americo Ferreira da França Xavier e Florindo Martins de Carvalho.

DECIMA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. João Caetano da Silva Lara, Honorio da Fonseca Lobo, Brocardo Elpidio de Carvallho, Brasil Alves e Arinos Pimentel.

Supplentes: Dr. Francisco de Assis Carvalho Dr. Francisco da Silva Cunha, José Lopes Castro Junior, Joaquim de Castro Rocha e Arnaldo Barbosa Rodrigues.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Lecippo Antonio do Amaral Garcia, Dr. Vicente Seiva de Carvalho Neiva, Dr. Arthur Murat do Pillar, Ignacio Teixeira da Cunha Bustamant e Eugenio Pereira.

Supplentes: Dr. Edgard Limoeiro, Francisco Manso Leal Vallim, Frederico Antonio Cardoso de Menezes Souza, Augusto Candido Xavier Cony e Diniz de Souza Monteiro.

3.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. Arthur Miranda Ribeiro, João Antonio Pinto de Miranda, Julio Cesar de Moraes e Dr. Fernando Ferreira Costa.

Supplentes: Codrato de Vilhena, Bento José Torres, Eurico de Moura Vallim, José Ignacio Pereira Lima e José Mendes Pereira.

4.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Alfredo Carneiro de Barros Azevedo, Eduardo Marcellino da Paixão, José Mendes Campos, João Capistrano Nunes e Antonio da Fonseca Lobo.

Supplentes: Carlos José Faria da Costa, Francisco Teixeira de Lyra e Oliveira, João Xavier de Bastos Junior, Armando Silva e Capitão Francisco Martins Gonçalves.

DECIMA PRIMEIRA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: Coronel Alipio de Bittencourt Calazans, Felippe Gonçalves, João Bento Alves, Joaquim José Rodrigues e Pedro Barbosa de Oliveira.

Supplentes: Latino Coelho de Figueiredo, João Baptista Vianna de Drummond, Symphronio Ramos Caldeira, Thomaz Jorge Jones e Guilherme Moreira Cerqueira.

2.ª secção.—Mesarios effectivos: Pedro do Couto, Manoel de Avila Goulart, Raul Fernandes Portugal, Pedro Borges Leitão e Dr. Taciano Acioly Monteiro.

Supplentes: Carlos Dehoul, Eladio Moreira de Castro, Antonio Magalhães Alves, Agostinho Amancio Guedes Lisboa junior e capitão José Rodrigues junior.

3.ª secção.—Mesarios effectivos: Leopoldo Meira, major Feliciano Guilherme Pires, Arthur Branco de Almeida Gonzaga, Tenente Ernesto Damiane e Antonio Alves de Souza Machado.

Supplentes: Dr. Oscar Publio de mello, João Sobreiro, Eduardo Leville, Augusto de Paula Bahia e Joaquim Antonio Pinto Miranda.

4.ª secção.—mesarios: major João Rodrigues da Motta Teixeira, Tenente José Carlos de Araujo, Antonio Alves da Fonseca, Alferes Benevenuto Francisco Pereira e Luiz Quintanilha.

Supplentes: José Augusto Esteves, Francisco Guerra Fragoso, Francisco Dal'Orto junior, manoel Borges de Aguiar Costa e José Caetano Alves junior.

5.ª secção.—Mesarios effectivos: Dr. Joaquim Marcellino de Brito, Hemeterio José dos Santos, Dr. João de Lavor, Francisco Basilio Cardoso Pires e José Venerando da Graça Sobrinho.

Supplentes: Dr. Rodolpho de Abreu Filho, José Pereira Carneiro, Joaquim Pereira Leite, Dr. Sylvio Pellico de Abreu e Manoel Venerando da Graça junior.

DECIMA SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção.—Mesarios effectivos: Henrique Ernesto da Silva Chaves, Octavio de Oliveira, Polycarpo Campos, Manoel Joaquim Valladão e Manoel Vieira Paim Pamplona.

Supplentes: Ildefonso Pupo de Moraes, Ernesto Dias Pinto de Figueiredo, Josino Adalberto Coelho, Carlos Augusto Moss e Antonio Benedicto Pires da Silva.

2ª secção—Mesarios effectivos: Augusto do Espirito Santo Fontenelle, Dr. Carlos Augusto de Avilez Barrão, Feliciano Meirelles Alves Moreira, Dr. Emygdio José Ribeiro e João Marianno dos Santos.

Supplentes: João Lopes de Queiroz Vieira, Dr. Joaquim de Carvalho Bettamio, Luiz Antonio da Cunha Junior, Albino de Sá Carneiro Chaves e Luiz José de Paiva.

3ª secçãoMesarios effectivos: Alipio Servulo de Assumpção, José Martins Veiga Junior, Eugenio dos Santos Pacopahyba, Olindo Pereira Ribeiro e Raul de Freitas Mello.

Supplentes: Candido de Oliveira Gamboa, Julio Corrêa Bittencourt, Francisco Torres de Oliveira, Carlos Augusto do Nascimento e José Augusto Ferreira.

4ª secção—Mesarios effectivos: Julio Pinto Duarte e Carlos Joaquim Pires.

Supplentes: Eugenio Moreno de Alagão, Antonio de Moura Junior, Augusto Vicente Magalhães, Orestes Fonseca e Lucilio da Costa Lobo.

5ª secção—Mesarios effectivos: Capitão Manoel Ferreira Patricio e Guilherme Agostinho Pereira.

Supplentes: Dr. Ataliba Pinto dos Reis, Alvaro Rodrigues de Carvalho, Alberto Moreira Pinto, Antonio Martins Paes e Bruno Ferrão de Figueiredo.

6ª secção—Mesarios effectivos: Dr. Telasco Lobato Vereza, Fernando Rillo Ferreira Junior e capitão José Rodrigues de Carvalho Junior.

Supplentes: Luiz Alves de Medeiros, José Antunes Brum, Firmino da Silveira Bello, Joaquim da Silva Bastos e Francisco Paes de Araujo.

7ª secção—Mesarios effectivos: Manoel Pedro Guimarães e José de Souza Motta Junior.

Supplentes: Diogenes Lima e Silva, Alfredo Carlos Ribeiro, Antonio Victor Ferreira, José Augusto de Lima e Lydio Augusto do Nascimento.

8ª secção—Mesarios effectivos: Pedro Rodrigues dos Santos França Leite, Manoel de Jesus Marques e Alvaro Martins de Carvalho.

Supplentes: Dr. Aristides Ferreira Caire, Antonio Pacheco de Oliveira, capitão-tenente Manoel Pinheiro Guimarães e Luiz de Magalhães Vieira.

9ª secção—Mesarios effectivos: Rodolpho Lassé Brandão e Manoel Astolpho Pinto.

Supplentes: Theophilo Moreira da Costa, Polibio Cesar Ribeiro, Felippe Luiz Delduque, João Pinheiro da Silva e Pedro Galdino Leal.

DECIMA TERCEIRA PRETORIA

1ª secção—Mesarios effectivos: Edgard Teixeira Bastos, Lycurgo Gomes da Silva, Balthazar Paulista dos Santos e Augusto Alves de Bithencourt.

Supplentes: Alfredo Carlos Wanderley, Octaviano Augusto de Oliveira, coronel Augusto Goldschmidt, dr. Fabio Fernandes Camacho e Alberto Freire de Sant'Anna.

2ª secção—Mesarios effectivos:—Rodrigo Delphim Pereira, Honorio Figueira, Agenor da Costa Araujo, Manoel José da Costa Velho Junior.

Supplentes: Augusto da Costa Ramalho, Horacio dos Passos Costa, João Francisco Alves, Paulino Augusto Vieira e Tenente Turibio Ferreira de Lima e Silva.

3ª secção—Mesarios effectivos: João Teixeira Barbosa, Mario Tertuliano da Silva, capitão Alfredo Badaró dos Santos e major Joaquim Pereira de Souza Caldas.

Supplentes: Arthur da Silva Mont'Alverne, Dau Corrêa dos Santos, Luiz Fernandes de Almeida, Mario Ramos e Idomeneu Alexandrino dos Reis.

4ª secção—Mesarios effectivos: José Caetano Machado, Bento de Barros Pimentel, José Ribeiro Junior e Alfredo Vieira de Souza e Silva.

Supplentes; Tenente Pedro Brandão Reis, Arthur Augusto Ribeiro, Manoel Antonio do Monte, Florindo da Camara Coelho e Irineu Maynart Borges.

5ª secção—Mesarios effectivos: Candido Brandão de Souza Barros, Antonio Palmeira Junior, Agostinho Dias Nunes de Almeida, Domingos Pereira de Souza Botafogo e Antonio Maia da Silveira Mattoso.

Supplentes: Antonio de Souza Barros, tenente Brasiliano Cavalcante Junior, Attila Pinheiro, Tripholemo Maciel Soares e André José Barbosa.

DECIMA QUARTA PRETORIA

1ª secção—Irajá — Mesario effectivo: João da Gama Lobo Bentes.

Supplentes: José da Costa Barros, Ayrés Pinto Reymão, Antonio Corrêa Barbosa Junior, Manoel da Silva Pinho e José da Costa Barros Bulhões Carvalho.

2ª secção — Mesarios effectivos: Edgard Homero e Antonio Peixoto Leite.

Supplentes: capitão José Gomes Upirajara, Joaquim Vaz de Araujo, Alvaro Pereira da Rocha, alferes Ascendino Pereira da Rocha e Adolpho Pinto Ribeiro.

3ª secção— Mesarios effectivos: Antonio Gonçalves Roma e José Pillar do Amaral.

Supplentes: Joaquim Corrêa da Silva e Oliveira, Emygdio Genaro da Fonseca e Almeida, José do Amaral Gurgel Ribas, Tenente-coronel Antonio Joaquim Vieira, Carlos Dantas Rangel de Vasconcellos Junior.

4ª secção — Mesarios effectivos: Dr. Demetrio Gonçalves Roma Santa e José Dantas Himalaia.

Supplentes: Antonio Euzebio Fortes, Joaquim Xavier de Barros, Felippe Gonçalves, Augusto Cabral Mello Rego e Samuel da Silva Grei.

JACARÉPAGUÁ

1ª secção—Mesarios effectivos: Arthur dos Reis Carneiro e Leonardo Barbosa de Souza.

Supplentes: Julio Luiz José Forain, Manoel Fernandes de Moraes, Dr. Bernardino Marques Cunha Bastos e Jeronymo Pinto da Fonseca.

2ª secção—Mesarios effectivos: Antonio Teixeira da Cunha Junior e André Luiz da Rocha.

Supplentes: Francisco das Chagas Pereira de Oliveira, Antonio de Castro Teixeira, Agostinho Marques Gouvêa, Januario Pinto de Azevedo e Eliziario José Vieira.

DECIMA QUINTA PRETORIA

1ª secção—Mesario effectivo: Edgard Teixeira Bastos.

Supplentes: Christovão Vieira Alves, Aldarico de Souza, Francisco José de Moraes, Franklin Ferreira de Almeida e João Baptista Marques de Oliveira.

2ª secção—Supplentes: Heraclito Gomes dos Santos, João Antonio de Figueiredo, Salustio Benicio da Silva, José Casemiro da Silva Franco e José de Aguiar.

3ª secção — Mesarios effectivos: Wiro de Oliveira e Norberto de Moura Maia.

Supplentes: Luiz Pereira de Souza Guimarães, Thompson Antonio Damasio, Albino Alves Ribeiro, Albino José de Oliveira e Euclydes Augusto Tavares Pinheiro.

4ª secção—Mesarios effectivos: Antonio Pereira do Amaral Costa e Mario Gonçalves.

Supplentes: Augusto da Silva Gomes, Antonio Teixeira da Paixão, João de Souza Coutinho Filho, Manoel Pereira Monteiro Torres e Alberto Teixeira de Araujo.

5ª secção — Mesarios effectivos: José Justiniano Cardoso Carvalho e Tobias Pereira do Amaral Costa.

Supplentes: Dr. Severiano de Andrade Cavalcanti, José Fernandes da Silva, Capitão Antonio José de Oliveira, Jorge Rodrigues do Amorim e Lucio Baptista Suzano.

6ª secção—Supplentes: Ulysses Basilio da Motta, José Maximiano Affonso Dias, Eugenio Francisco Cherin, Affonso da Silva Gomes e Gustavo Basilio Motta.

7ª secção – Mesarios effectivos: Raul da Silva Amaral e Tancredo Guerra Pires.

Supplentes: Alipio Lopes de Oliveira, Miguel Telles de Menezes, Antonio Fernandes Gonçalves Maia, José Amelio Pereira de Azevedo e Gregorio José de Andrade.

8ª secção—Supplentes: Alexandre Herculano de Carvalho Costa, Antonio da Costa Barros Sayão, Benedicto Carneiro de Oliveira, Ildefonso José Corrêa e Joaquim Pereira.

9.ª secção.. — Mesarios effectivos: José Joaquim Gonçalves, Antonio Innocencio dos Reis.

Supplentes: Candido Alves de Azevedo, José Pinto da Motta, Bemvindo Muniz Mello de Sampaio, Marcos da Silva Mendes e João Baptista Ramos.

10ª secção. — Mesarios effectivos: Leornardo Albuquerque Muniz Tello e Antonio Garcia Goulart.

Supplentes João de Freitas Cardoso, Henrique Eugenio dos Santos, Deocleciano de Oliveira Magalhães, Paulino Antonio Lopes, Manoel Pinto Lopes de Souza.

11ª secção. — Mesarios effectivos: José de Macedo Paes e Augusto José Ribeiro.

Supplentes: Rufino Antonio da Silva, Antonio Vicente de Carvalho, Manoel Floriano Cardoso, Francisco da Silva Guedes e Antonio Pantaleão de Mello.

Em tempo faço as seguintes rectificações:

O supplente da sexta secção da Quarta Pretoria é Rubem Alves do Valle e não Rubens Alves do Valle; o mesario indicado na primeira secção da Decima Quarta Pretoria é João da Gama Lobo Bentes e não José da Costa Barros, que é primeiro supplente da referida secção.

Os mesarios indicados para a primeira secção da Decima Quarta Pretoria chamam-se Manoel Ricardo Toses e Felizardo Pereira Novaes, e não Mario Bicalho Torrestres e Felizardo Pereira Moraes.

O mesario indicado para a quarta secção da Decima Quarta Pretoria é o coronel Lino Americo do Brasil oraes e não coronel Luiz Americo do Brasil Moraes.

O mesario indicado para a quinta secção da Decima Quinta Pretoria é Octavio Vieira de Souza e não Octavio Reau de Souza.

O mesario indicado para a decima secção da Decima Quinta Pretoria é João Jacinto da Cruz e não João Jacinto.

Entre os mesarios eleitos para as secções das nona, decima, decima primeira e decima segunda pretorias, figuram por equivoco como tendo sido eleitos quando o foram indicados os seguintes nomes nas seguintes secções: Nona Pretoria—Primeiro secção Alvaro de menezes e Julio de Abreu Gomes. Segunda secção: ojsé Maria da Costa e Ignacio Verissimo de Sá. Terceira secção: João Burgos e Francisco de Assis Barros. Quarta secção: João Joaquim Fernandes Dias e Themistocles Soares de Albuquerque Leão. Decima Pretoria — Primeira secção: Arinos Pimentel e Brocardo Elpidio de Carvalho. Segunda secção: Eugenio Pereira e Dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva. Terceira secção: Dr. Benjamin Franklim de Ramiz Galvão. Quarta secção: Antonio da Fonseca Lobo e Alfredo Carneiro de Barros Azevedo. Decima Primeira Pretoria—Primeira secção: Coronel Alipio de Bittencourt Calazans e Filippe Gonçalves. Segunda secção: Pedro do Couto.

3.ª secção. — Leopoldo Meira

4.ª secção. — Major João Rodrigues da Motta Teixeira.

5.ª secção. — Hemeterio José dos Santos, Dr. Joaquim Marcellino de Brito.

DECIMA SEGUNDA PRETORIA

1.ª secção. — Henrique Ernesto da Silva Chaves, Octavio de Oliveira e Polycarpo Carneiro.

2.ª secção. — Augusto do Espirito Santo Fontenelle, Dr. Carlos Augusto de Avilez Barrão, Feliciano Meirelles Alves Moreira, Dr. Emygdio José Ribeiro.

3.ª secção. — Alipio Servulo de Assumpção, José Martins da Veiga Junior e Eugenio dos Santos Pacopahyba.

Nas secções onde foram indicados dois ou mais mesarios procedeu-se a eleição dos demais como tivesse havido empates visto cada nome votado ter obtido apenas um voto; procedeu-se por meio de sorte ao desempate, dando o resultado já mencionado.

Nas secções, porém, onde não foram indicadas, isto é, onde não foram apresentadas indicações para mesarios e naquellas onde o foram apenas para um ou dois mesarios, procedeu-se eleição dos mesarios e supplentes do seguinte modo: cada membro da junta que tinha o direito do voto votou em dous nomes. Tendo, porém, havido empate, fez-se o sorteio, que deu o resultado já mencionado. Como, porém, não houvesse pela difficiencia de votos, devido á retirada de tres membros da junta, sido eleito o numero de mesarios e supplentes para cada secção que determina a lei, procedeu-se a nova eleição para os lugares não preenchidos, e tendo havido novamente empate novo desempate foi feito por sorteio, dando o resultado já mencionado.

E achando-se por esta fórma eleitas todas as mesas eleitoraes do Districto Federal, declarou o Presidente findos os trabalhos da junta organisadora das mesmas mesas, do que, para constar, mandou que eu, Primeiro Procurador Seccional da Republica interino, servindo de Secretario, lavrasse a presente acta que, depois de lida e achada conforme, foi assignada pelo Presidente e mais membros da junta commigo Secretario, que a escrevi. — *Ignacio de Loyola Gomes da Silva, Adherbal de Carvalho,* Presidente; *Zacharias Ferreira Maia,* mesario; *Domingos Corrêa de Sá,* mesario; *Dr. Manoel Lobato Carneiro da Cunha,* mesario; *Pedro Moutinho dos Reis,* mesario.

A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL

O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCHE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - DROGARIA PACHECO

Anno V Numero 12

DEZEMBRO DE 1908

KÓSMOS

SUMMARIO

Chronica	G. D.
A Adoração dos Pastores	Gravura
A Igreja de Swedenborg	Silva Marques
Melhoramentos do Rio	Gravura
As Favoritas de Luiz XIV	André de Rezende
A Princeza Céga	Coelho Netto
A Fuga da Noite	Leal de Souza
A Inveja	Nylo Guerra
Prazeres de Inverno	João Luzo
A Reacção contra a Influencia Intellectual Franceza	Joaquim Vianna
Salomé	Gravura
Terremotos	Kar Val
Ao redor e atravez do Brasil	Alipio de Miranda Ribeiro
L'Infranchissable Obstacle	Marcelo Verema
Tentação	Viriato Corrêa
A Arvore do Natal	J. M. Goulart de Andrade
Instante Negro	Emilio de Menezes
O Diluvio — de Gustavo Doré	Gonzaga Duque
Começos Literarios do Brazil	José Verissimo

OFFICINAS E REDACÇÃO
RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

Rs. 2$000

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Auctorisada a funccionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realisados:
Rs. 200.000:000$000

Sinistro pagos:
Rs. 5.000:000$000

Fundos de Garantias e Reservas:
Rs. 8.000:000$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

EQUITATIVA

Os sorteios têem logar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

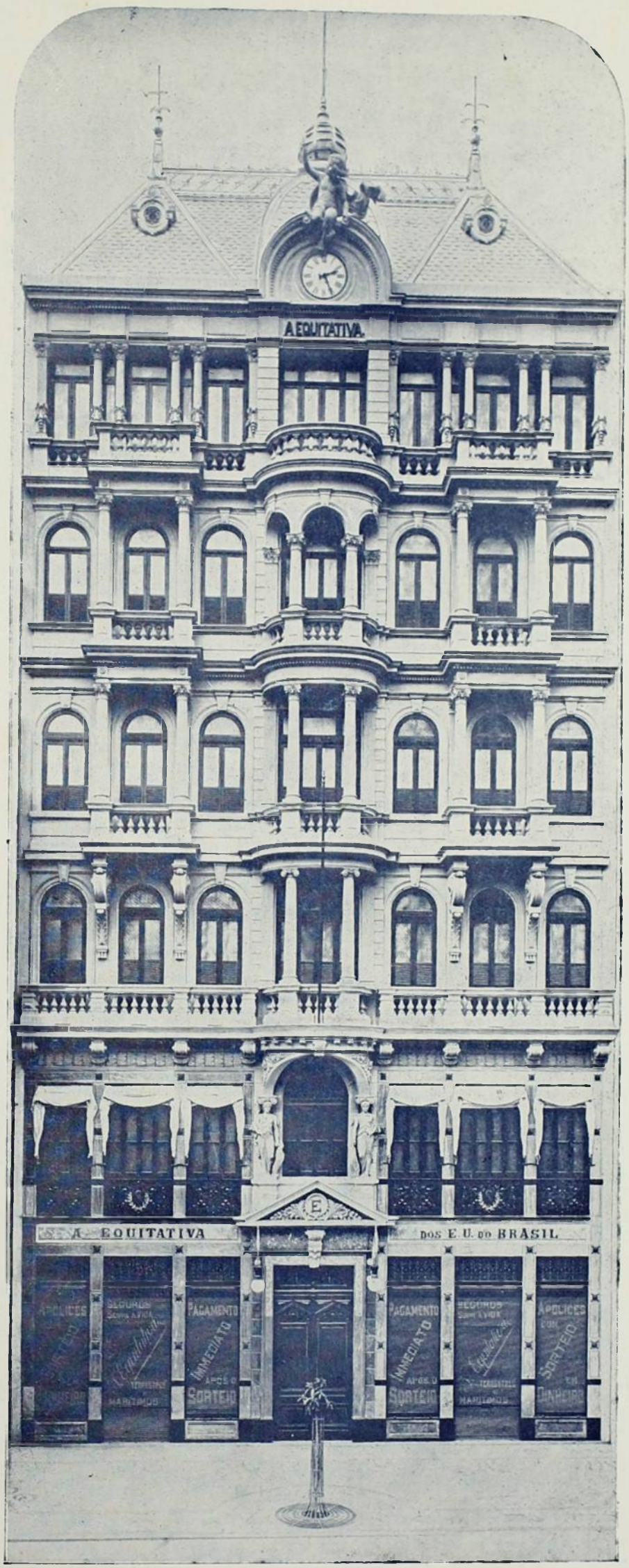
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHOS

10 — Rua da Uruguayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica

Retratos em côres (Monocromos)

de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia

Caução depositada 500:000$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 ½ e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria da Companhia ou em qualquer de suas Agencias

SABBADO — **6 DE FEVEREIRO** — SABBADO

Grande e extraordinaria Loteria Federal

171 — 7º

Por 15$800 **200:000$000** *Por 15$800*

CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C. Rua Nova do Ouvidor, 14

KOSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . . . 20$000 EXTERIOR. . . . . 25$000
NUMERO AVULSO. 2$000 ATRAZADO. 3$000

Redação e Officinas
70, RUA DA ASSEMBLÉA, 70
RIO DE JANEIRO

ANNO V | DEZEMBRO DE 1908 | NUM. 12

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KOSMOS RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CHRONICA

DEZEMBRO aqui está.

E' um dezembro authentico, máo grado uns dias chuvosos que abrem hiatos de humidade outoniça no escaldar do verão.

Mas, a não ser isso, dezembro nos tem dado todo o esplendor da sua luz d'ouro, todo o esmaltado azul dos largos céos, e esses deslumbrantes, fantasticos occasos em que, como diz o poeta d'*Agonia* e dos *Rondas Nocturnas*:

"... a vibração Sol nas derradeiras
Horas do dia flavas e bizarras,
Lembra o clanglor de rutilas fanfarras
A' flava luz das tardes e das eiras.„

Tem sido um rutilo dezembro, mantendo-se na altura da merecida fama dos verões tropicaes, sem casos de insolação, louvado seja o senhor Deus!

Transpira-se demasiado, por vezes teme-se egual methamorphose á da linda Arethusa dissolvida em fonte, ou quando mais não seja a de uma simples talha velha de barro da Bahia, que em artigo talhas e industria extractiva dos côcos só se ultrapassa na involuntaria producção de talentos, provavelmente divido á influencia das moquécas.

E' o que o verão tem de desagradavel. Se nos não fizesse suar, seria uma estação adoravel com a sua luz, os seus verdes, o azul dos seus céos.

Não sei porque, mas o nosso verão tem encantos. E' o tempo alacre das andorinhas, o tempo em que

Anda vibrando no claro
O pelotão das cigarras

na descriptiva bizarra do B. Lopes. E para confirmar a sua belleza basta attender-se que é o mez das férias e das festas do Natal.

* * *

Qual de nós, já maduros, ouvindo falar em férias não sente a commoção dulcissima da saudade?

Férias... que isso foi!

Lembram-se? Eu pergunto aos que me lêem, na supposição de que estão no meu caso. Não se contrariem, que não os chamo de velhuscos. Eu tambem, senhores meus, não sou p'r'ahi nenhuma ruina encanecida, a pedir sol para não tiritar de frio.

Quando nos fazemos ao largo dos trinta annos... ora, que valem trint'annos?... começamos a ter saudades do que se vae ficando ao longe. E' o melhor tempo da vida, porque o passado é um consolo, mórmente para os que gôzaram.

E na nossa curta historia de humanos não ha pagina que concentre tanta sentimentalidade como a das férias.

Ellas são o melhor do nosso tempo perdido, enfeixam as illusões da adolescencia, as mais puras de todas as que a vida nos dá. Parece, á nossa ingenuidade, que nos trazem o rivigoramento ao corpo cansado das fadigas do estudo, que nos alentam a alma prisioneira nas rexas das obrigações. E' a liberdade que se reconquista. Sahimos para a vadiação, para as folgas sem horas marcadas, e a luz nos sorri, sorriem-nos, larga e bondosamente, os dias; vamos para as serras, para os campos, para os interiores familiares, gosar, amplamente gosar!

Férias!... que palavra agradavel é esta!

Mas, sempre que a pronuncio ou escrevo, vem-me á lembrança a triste figurinha trigueira dum condiscipulo meu. Viviamos no mesmo internato, numa serra toda verdejante, de invernos tormentosos. Quando chegava dezembro e a meninada abria em contentamentos de partida, o unico que não tinha rasgos de alegaia, o unico que não exultava era esse amarellito. Elle viera, ia já para tres annos, dos confins do Brazil da provincia esquecida de Matto Grosso. O seu correspondente, na capital, era um velho solteirão, egoista como todos os celibatarios, e que apenas o verão chegava, afivelava as malas para as villegiaturas de nodoso arthritico.

O pequeno não tinha para aonde ir, ficava no internato.

De uma vez perguntei-lhe se não invejava a sorte dos companheiros, n'aquelle alegre momento de pressura e tagarelice. Fitou-me os seus grandes olhos negros, seus labios tremeram e, sem dizer palavra, deixou cahir, faces abaixo, dois fios de lagrimas.

Essa figurinha, que nunca mais vi nem della tive noticias, occorre-me sempre á memoria neste tempro feliz das férias, que são risos e venturas.

* * *

Dezembro é tambem o mez das festas do Natal.

Todas as festas são boas... especialmente de vespera, porque o brocardo tem por si a experiencia e a observação. D'ahi a constante confirmação do dictado que diz: o melhor da festa é esperar por ella.

Mas, as festas de Natal são de todas as que mais alegram, quando a miseria não esmaga as intenções festeiras desse obscuro mortal.

Tambem não ha festas mais extensas, por que, com o nome de Natal, ellas abrangem o Anno Novo e o Reis, vão de 24 de Dezembro dum anno a 6 de Janeiro doutro anno. São festanças graúdas.

E devem ser assim. O termo de um anno é de descanço, e quem diz descanço não repelle divertimentos.

O descanço é um lapsus da obrigação, a liberdade do individuo fazer o que entender, desde a indolencia dorminhoca a todo o momento, até a grossa pagodeira das ceiatas e das danças, ainda que os bofes se resintam e exijam mésinhas.

Afinal de contas, quando um individuo se decide por divertimentos, pensa na falta de dinheiro, nos botins que estão cambados, na roupa que se desfia, mas nunca nos bofes.

As visceras, mais ou menos sensiveis, ficam para depois. E nas festas do Natal a primeira condição que se tem a observar é, precisamente, não dar importancia ao figado, ao baço, aos rins, e mesmo ao exigente, imperioso estomago; porque os folguêdos do fim e principio de anno constituem verdadeiros abusos das erventia dessas visceras respeitabilissimas.

Eu conheci uma velha, excellente pessoa para falar mal da vida alheia, mas pontualissima catholica, que, durante os onze mezes do anno, obedecia a um regimen alimenticio tremendamente rigoroso. Apenas chegava a vespera de Natal lá se ião por agua abaixo todos os seus cuidados. Na noite de 24 de Dezembro, a palreira velhinha, que temia uma simples torrada com manteiga ás 9 horas de qualquer outra noite, rompia rigores e desconhecia temores diante dum pratarraz de fatias de pão com leite, ovos e canella. Era a reinol *rabanada*. A velhinha embuchava, corajosamente, as suas cinco, seis fatias, e ainda por cima deglutia, de accordo com as suas gengivas, uma duzia de castanhas cosidas!

O resultado já se deixa vêr, dois dias de afflicções e remedios. Mas ahi vinha o *anno bom*, e o perú recheiado, os doces, as *marrons glacées*, levavam-n'a, irremediavelmente, a outra extravagancia. Só parava depois do dia dos Reis. Passado esse dia, sim, ella voltava ao seu regimen, ás suas rezas e á sua bisbilhotice.

Sensata velhinha!

E o que é esta vida senão eternos avanços e recuos, methodo e desregramentos intercalados? Triste de quem a levar por outra fórma, porque poderá viver muito, alcançar a gloria de uma macrobia para ser registrada nas Estatisticas dos Drs. Aureliano Portugal e Bulhões Carvalho, mas irá para a cova como um animal grosseiro, que viveu instinctivamente, inferiormente a vida vegetativa dos irracionaes.

Natal e Anno Novo ahi estão! Folguêmos.

G. D.

A ADORAÇÃO DOS PASTORES (GUSTAVO DORÉ)

A IGREJA DE SWEDENBORG

A NOVA igreja estabelecida por Emmanuel Swedenborg não é outra cousa, segundo o propheta do Norte e os seus numerosos commentadores, senão a nova predita por Daniel e annunciada no Apocalypse, do apostolo João. O Apocalypse como todos os livros propheticos, tem dous sentidos literal e espiritual. E' esse sentido que Swedenborg nos revela na sua Nova Jerusalem, cujos fundamentos quanto á vida de alem tumulo, são assim explicados por Eduardo Richet, o maior dos seus discipulos.

Na igreja antiga que succedeu á antiquissima, o Juizo final significa o fim do mundo physico, na nova igreja esse acontecimento é apenas o fim duma igreja e o começo de outra, uma simples revolução moral. Não tratando a Escriptura Santa das cousas da terra, mas das do Céo, ella não deve ser interpretada literalmente, de accordo com o que diz S. Paulo: a letra mata, o espirito vivifica. Assim, o novo Céo e a nova de que fala o Apocalypse, são uma nova sociedade Celeste e uma nova reunião de homens ligados por uma religião, mais operada, o que só pederá ter logar quando não houver mais fé nem amor entre os homens. Por isso Swedenborg fixa o anno de 1757 como a epoca em que começa no fim da antiga igreja no mundo espiritual para dar logar á nova que de lá desce sobre a terra. O Senhor, tendo encarregado aquelle homem extraordinario de revelar o sentido da sua palavra, abriu os olhos do seu espirito, e assim poude elle descrever as maravilhas do Céo e do inferno, segundo o que viu e ouviu, e instruir-nos dos segredos da vida futura.

Na nova igreja não se reconhece sinão um Deus, aquelle que se fez homem sobre a terra e em quem estão reunidos os tres attributos da trindade christã, desdobrada, pelo mais deploravel dos erros, em tres pessoas distinctas. Os membros da nova Igreja se destinguem dos de outras communhões christães designando sempre a divindade pelo nome de Senhor.

Não é o numero de anjos que constitue o Céo, é o Divino que é a alma do estado Celestial, de que os anjos não são sinão os receptaculos. O Céo da nova igreja é constituido dos dous preceitos fundamentaes de toda religião e de toda moral. O que faz o Céo é o amor, unico sentimento que conjuga as almas.

Amar o Senhor é amar o bem que d'Elle emana; amar o bem é porque a acção é a consequencia do desejo amar; o proximo é amar aquillo que faz com que elle seja nosso proximo, isto é, sua verdade e sua bondade.

O amor celeste é o amor para com o Senhor, o amor espiritual é a caridade para com o proximo. O primeiro desses amores é um sentimento espontaneo de adoração, o segundo é um acto reflectido.

Os céos são em numero de tres, porque ha tres gráos no homem, o intimo, o medio e o ultimo que correspondem ao céo celeste, ao céo espiritual e ao céo natural.

As variedades que se encontram na naturesa existem tambem no Céo. Lá, todos os gráos de vida, formam associações diversas entre os homens. As distancias no Céo não têm outra origem sinão a differença dos estados anteriores. O Céo é um estado, e segundo que um anjo tem o Céo em si, recebe tambem o Céo fóra de si. Na nova Igreja, subir ao Céo não é ser introdusido num logar qualquer pela intercessão dum santo, é modificar a sua alma de modo que o Céo seja nella. Ha uma correspondencia entre o Céo e a terra. Os homens, pelo peccado perderam o conhecimento dessa correspondencia.

Tudo que existe na naturesa tira a sua existencia do mundo espiritual. Assim, no homem o gesto, que é physico, corresponde a intenção que é moral. O que é moral no homem forma o homem interno, o que é physico constitue o homem externo.

Não só o homem, mas os animaes, as plantas, os mineraes, os meteoros, os productos da naturesa e da industria humana, são correspondencias. Todas as cousas que ferem os nossos olhos têm uma origem: ellas não estão na terra sinão porque estão no Céo. Ha um sol no Céo.

Esse sol é o Senhor; a luz é a divina verdade, o calor a divina bondade.

O calor do Céo na sua essencia é o amor que é igualmente espiritual. E' a divina bondade que, como a divina verdade, não existe no mesmo gráo em todos. E' o fogo celeste que abrasa os corações, é o fogo sagrado que os aquece. Só amor tem o poder de produsir esse effeito. E' a parte da vida. No Céo como em todo o mundo ha quatro regiões determinadas pelo sol espiritual. O oriente e o occidente no Céo correspondem ao amor; o meiodia e o septentrião, á sabedoria. Os anjos são homens e não creaturas intermediarias entre o homem e Deus. Têm uma linguagem, usam vestuario, mas as suas vestes são correspon-

dencias, Não existem espaços no Céo; em vez de distancias ha progressões de estado.

O Céo é dividido em sociedades regidas por formas de governo. Ha conjuncção do Céo e do inferno com o homem, por meio dos bons e dos máos espiritos. Ninguem é excluido do Céo. Rico ou pobre todo o homem tem direito a vida celestial, si elle vive vida de fé e de amor.

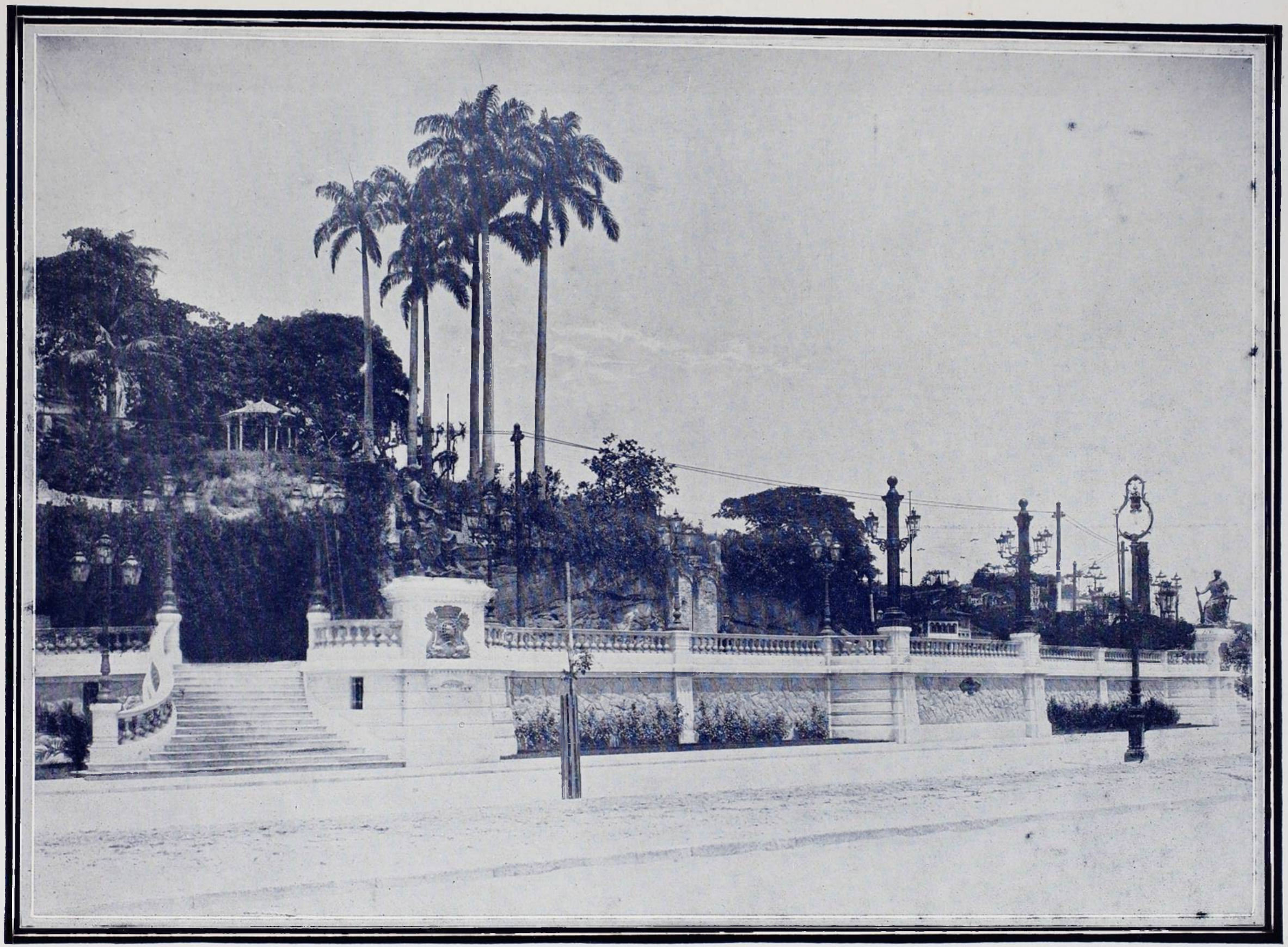
Ha casamentos no Céo. Sendo este formado do genero humano e existindo os dois sexos um para o outro, elles se unem no Céo como na tera. O mundo dos espiritos, intermediario entre o Céo e o inferno, é o logar onde o homem chega depois da morte, para d'ahi ser elevado ao Céo ou precipitado no inferno. E' o estado medio do homem, é o estado em que elle se acha antes que a vontade e a intelligencia, separadas na terra, cheguem a uma união perfeita. Quando o bom e o verdadeiro estão unidos por essas duas faculdades, o homem tem o Céo em si; tem ao contrario o inferno, quando por ellas se dá a reunião do mal e do falso.

Cada homem é um espirito quanto aos seus interiores. O corpo sendo apenas um instrumento, não pensa por si mesmo; é a alma ou o espirito que pensa no corpo. O homem morre quando o corpo cessa de preencher as funcções organicas correspondentes á vontade e ao entendimento que vêm do mundo espiritual. Morre mas não se aniquilla;deixa a parte material e se retira em espirito ao mundo espiritural de onde tirou a vida. A forma do espirito do homem é uma forma humana. Entrando na outra vida, o homem conserva a physionomia que o fazia reconhecer no mundo porque está ainda no seu exterior; pouco a pouco entra nos seus interiores e a sua physionomia, tornando-se o espelho das suas affeições, muda de accordo com ellas. O homem depois da morte, gosa de todos os seus sentidos e de todas as suas faculdades.

Tem duas memorias, a interior e a exterior. A primeira é espiritual, a segunda material. Os objectos inscriptos na primeira não desapparecem jamais porque se casam com a affeição. A segunda deixa repousar o que ella admittiu, porque as suas reminiscencias não foram sensações. O Céo não se dá por misericordia, resulta das acções e das obras do homem, é o estado da vontade que constitue o céo ou o inferno. Os prazeres da vida se transformam depois da morte em cousas correspondentes. Aquelles que não estão completamente regrados passam por tres estados depois da morte. O inferno e o Céo sendo estados oppostos da sua acção e reacção, resulta de um equilibrio no qual subsistem todas as cousas. Todos aquelles que estão no inferno estão no mal e no falso emanados dos amores de si mesmo e do mundo. O homem recebe do Senhor todo pensamento e tada affeição mediatamente pelos espiritos do mundo intermediario (um dos tres estados); esses espiritos o poem em relação com sociedades analogas ao seu amor.

O homem acredita pensar e amar por si mesmo quando realmente o faz por influencia. Tudo que constitue a vida depende da sorte da vida. Esta influencia não póde ser physica, é toda espiritual como a propria vida. Ella decorre do interior do homem sobre o seu exterior, porque é justamente pelo interior que o homem se une ao mundo espiritual. Ella age sobre a vontade, e por esta sobre o entendimento, jamais em sentido contrario, por que é só o bem que dá a faculdade de receber o verdadeiro...

SILVA MARQUES.



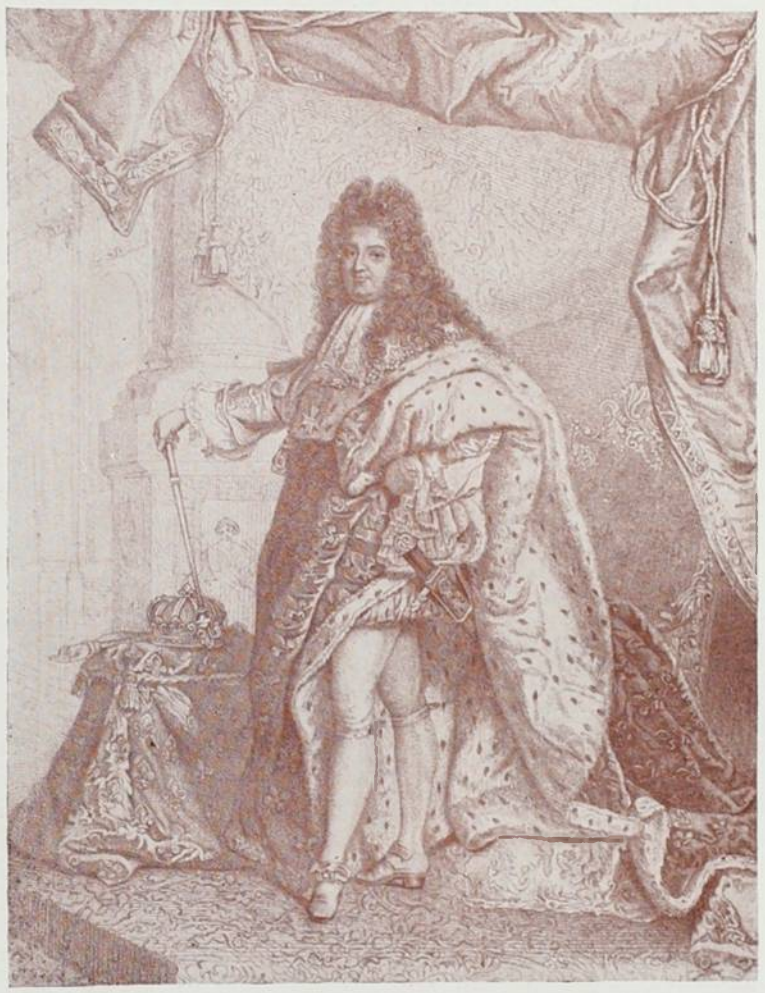
BALAUSTRADA CONSTRUIDA NA PRAIA DO RUSSELL, GLORIA, PARA COMMEMORAR O CENTENARIO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRAZIL AO COMMERCIO DO MUNDO.

AS FAVORITAS DE LUIZ XIV

SEGUNDO as chronicas, a paixão de Luiz XIV pela La Vallière, dama de honor de duqueza Filippe de Orleans, veiu a tempo de impedir um grande, formidavel escandalo de côrte—o amor criminoso do joven rei por sua cunhada, essa mesma duqueza de quem a La Vallière foi dama.

Luiza Francisca de la Beaume Leblanc de La Vallière vinha duma pequena nobreza da Touraine, onde vira a luz em 6 de agosto de 1644.

Dizem os chronistas, que se occuparam della, que seus cabellos eram louros, seus olhos azues, cujo olhar por ser terno e ao mesmo tempo modesto seduzia os corações, e a sua pelle clara, levemente rosea. A' essas qualidades uniam-se defeitos que a tornavam d'algum modo interessante ou, segundo um chronista, *picante*. Ao seu talhe faltava imponencia, demais coxêava duma perna, tinha a bocca grande e alguns signaes de variola. Possuidora de certa cultura de espirito, era, no emtanto, despida das ambições que estavam em moda. A sua indole mostrava-se fiel, sincera e capaz de devotamento; nunca a *coquetterie* turvou essas qualidades.



RETRATO DE LUIZ XIV

Percebendo-se requestada pelo rei deixou a côrte e foi se homiziar no convento de Chaillot. Mas Luiz XIV arrancou-a do claustro e fêl-a sua amante. Para esquivar-se das supposições da rainha Maria Thereza, cuja presença a turbava, Mme. de La Vallière escolheu no palacio de Versailles um aposento pelo qual a rainha passasse quando se destinasse á capella.

Foi ahi que, na noite de 2 de outubro de 1666, ás 12 horas em ponto, nasceu-lhe o segundo fructo dessa ligação secreta, (o primeiro, do nome Luiz, nascido em 1663, falleceu em 1666) e ás 12 horas da manhã seguinte, tendo a rainha de dirigir-se á capella, Mme. de La Vallière foi obrigada a um estratagema perigosissimo: fez guarnecer de flores o aposento.

A rainha entrou, porque lhe disseram que Mme. estava doente, passára a noite atormentada por colicas.

E qual não foi a sua admiração notando o aposento repleto de flôres, as roupas da doente perfumadas a *peaux d'Espagne!*... Demais, Mme. de La Valliére levantou-se para recebe-la. Esse estratagema, que lhe podia ser fatal, salvou-a, por quanto chegando aos ouvidos da rainha que a La Vallière havia dado á luz uma creança, ella propria protestou contra a *calumnia*, asseverando tel-a visto num estado e condições que não podiam admittir duvidas.

A permanencia de Mme. de La Vallière no palacio real começou a ser perigosa. Luiz XIV amava-a muito para manter-se numa imprescindivel discrição, e a côrte espionava-a Uma vez o conde de Buss -Rabutin, que era um militar valente, mas estouvado, pensou em se aproveitar dos ocios da paz com umas historias alegres, e desastradamente deu o primeiro logar nos seus contos aos amores do rei com a então chamada *mademoiselle* de La Vallière. O livro, que se intitulava—*Histoire amoureuse des Gaules*, provocou escandalo. Bussy-Rabutin foi mettido na Bastilha, mas a modesta Luiza Francisca encheu-se de appreensões me lancolicas e vergonha.

Então o rei, para furtar sua amante ao acabrunhamento em que vivia, deu-lhe o palacio Biron, presenteou-a com o dominio de Vaujour na Touraine, e a baronia de Saint Christophe em Anjou, conferio-lhe o titulo de duqueza e reconheceu como sua filha a creança nascida, que tomou o nome de Mademoiselle de Blois,

a qual, mais tarde, casou com o duque de Conti, irmão do grande Condé, da principal nobreza da França.

Nessa época Luiz XIV votava a La Vallière verdadeira paixão. Dizem as chronicas que todas as sumptuosas festas de Versailles elle as deu em homenagem á sua amante, que era collocada á mesa da rainha, e estão todos occordes em assegurar que a indole bondosa e meiga da La Vallière, a sua intelligencia calma, a sua dedicação carinhosa e firme, influiram muito no espirito do grande rei. Tambem foi esse tempo o de maior brilhantismo do seu fecundo reinado.

Depois de a ter tão ardemente amado, amor que produziu tres filhos, os quaes perfiliou, o primeiro Luiz de Bourbon, em 1663 e fallecido em 1666, o segundo a já citada Mademoiselle de Blois, o terceiro tambem chamado Luiz, conde de Vermandois, nascido em 1667; depois de se mostrar tão agradecido a esse devotamento sem limites da timida senhora, Luiz XIV mudou de proceder, e começou a fazer com o amor uma vadiação desenfreada. Mademoiselle de La Vallière, porém, era docil, supportava resignadamente, sem uma queixa, os francos e repetidos ataques á sua ternura. E quando a Montespan entrou definitivamente em Varsailles, Mme. retirou-se para o convento dos Carmelitas, tomando o nome de irmã Luiza da Misericordia, e ali morreu em 6 de junho de 1710, com a idade de sessenta e cinco annos.

VERSAILLES NO SEU PRIMEIRO TEMPO

E caso tocante: toda a côrte, por pedido da La Vallière, assistiu a ceremonia da sua entrada no convento, sendo o véo lhe dado pela rainha.

* * *

De todas as *favoritas* que viveram em Versailles, no reinado de Luiz XIV, a marqueza de Montespan foi a mois brilhante e altiva.

Possuia o porte elevado, traços correctos e uma côr clara, lindamente branca, comparavel ao lirio; seu olhar era vivo, e estranhamente espiritual. A energia do seu espirito demostrava-se no arrogante aplomb da sua belleza. Seus gostos eram paixões e suas paixões tempestades.

Todos os seus sentimentos degeneravam em delirios. Ella tinha o quanto lhe seria preciso para a posição a que chegou, mil qualidades e nenhuma virtude, sem esquecermos que provinha de uma das mais antigas familias francezas, filha do duque de Mortemart. A sua entrada na côrte foi dopois do casamento da marqueza de Thiange, sua irmã mais velha, e alli foi annunciada discretamente. Assegnram que de seus labios partiram essas palavras, a respeito da La Vallière: «si eu tivesse a desgraça de chegar a essa posição, occultar-me-ia por todo o resto da minha vida.»

Em 1641, Francisca Athénais Rochechouard de Mortemart casou com o marquez de Montespan, um jogador, que se embrenhava nas tavolagens deixando sua mulher entregue a todas as seducções da côrte.

Não tardou que Luiz XIV, saciado da passividade da La Vallière, se sentisse nos laços que lhe armava a formosa Montespan. A conquista foi facil. O marquez, porém, fez-se ciumento, maltratou a mulher, dizem mesmo que chegou á grosseria de lhe bater. O que é certo é que uma vez penetrou em Versailles coberto de pesado lucto. Era prohibido esse traje na côrte; os *huissiers de la chambre*, at-

tendendo á importancia da marqueza, sua mulher, deixaram-no entrar. Luiz XIV admirado de o ver no seu palacio com esse traje, perguntou-lhe por quem trazia o lucto, ao que elle respondeu: «Por minha mulher, sire.» O rei deu-lhe as costas e o mandou expulsar do palacio, pouco depois de Pariz.

D'ahi por diante os amores de Luiz XIV e da Montespan tornaram-se publicos. O aposento do rei era pouco distante do da marqueza e muitas vezes aconteceu que, por um simples signal, tanto elle como a marqueza se retiravam da roda que cercava a rainha!

Tambem tudo mudára na côrte. O poder de Colbert ia diminuindo dia por dia; Molière morreu; a animação prestada ás artes e ás industrias descrescia, a boa sorte das armas francezas parecia ter-se cansado. Quem agora surgia com a irradiação da Mantespan era o marquez de Louvois, digno companheiro da altiva favorita.

A paixão, o delirio, eram os guias desse tempo. Luiz XIV precipitava-se, arrojadamente em guerras que terminavam em desastres para as suas armas; a paixão substituira o espirito fino e a ironia no theatro, nas ideias, nas acções, na vida da côrte. Em 1670 a rainha-mãe fechava os olhos ao mundo e aos desvarios do filho. Mas, como aconteceu com a La Vallière, Mme. de Montespan começou a perder a sua posição no coração do rei.

MADEMOISELLE DE LA VALLIERE

Demais, Luiz XIV estava atacado da mania amorosa, para não dizermos cousa peior. A marqueza fazia vistas largas sobre as suas continuas infedelidades; essas, porém, sahiram do anonymato da burguezia para se repetirem na côrte. A primeira foi Mme. de Lude, que tal raiva despertou a Montespan que, por um pouco, não morreu estrangulada nas ãmos da *favorita decadente*.

O escandalo foi enorme! A esse succedeu o de Mme. Soubise, depois o de mademoiselle Fontanges. Com essa o caso assumiu proporções aturdidoras. Quem apresentou mademoiselle Fontanges ao rei foi a propria Montespan, que a chamava «*une belle idole de marbre.*» E, realmente, a belleza de modemoiselle Fontanges excedia a de todas as mulheres da côrte. Todavia, ella só tinha belleza, o seu espirito era nullo, diziam-na estupida. O rei adorou-a.

Apenas viu-se querida do rei, mademoiselle Fontanges esqueceu todas as conveniencias, passava por diante da rainha sem a saudar, insultava grosseiramente a sua ex-amiga Montespan, e gastava o dinheiro como uma douda. Ainda assim o rei adorava esse *idolo de marmore* e, caso extraordinario, era a Fontanges quem dictava a moda em Pariz! O menor capricho seu era uma ordem.

Mme. de Montespan estava humilhada, com tudo não abandonava o terreno conquistado para não abrir mão do poder. Infelizmente para ella, appareceu no scenario da côrte a pobre viuva do poeta burlesco Scarron. Diante dessa a Montespan teve de ceder o terreno, luctando sempre, procurando manter a todo o transe o dominio adquirido.

Fizeram-n'a superintendente da casa da rainha, a fria, indifferente D. Maria Thereza. E nesse secundario, posto que lucrativo papel de mordomia, viveu largos annos a ambiciosa mulher que occupou o primeiro logar no coração do rei e na côrte de Versailles.

Em 28 de maio de 1707 Mme. de Montespan, envelhecida, atormentada por manias, quasi demente, falleceu em Bourbon l'Archambault.

Durante o tempo que Luiz XIV a amou ella teve os seguintes filhos, que foram recolhidos pelo rei sem declaração do nome da mãe, porque o marido de Mme. ainda vivia:

Luiz Augusto de Bourbon, duque de Maine, nascido em 1670.

Luiz Cesar, conde de Vexin, abbade de Saint Denis e Saint Germain, nascido em 1678.

Luiza Francisca de Bourbon, modemoiselle de Nantes, nascida em 1673, casada com Luiz III, duque de Bourbon-Condé.

Luiza Maria de Bourbon, mademoiselle de Tours.

Francisca Maria de Bourbon, 2 mademoiselle de Blois, nascida em 1677, casada com Filippe II, duque de Orleans; e mais outros mortos na primeira edade.

* * *

A ambição, de que podem accusar Mme. de Montespan, foi bem modesta diante da que moveu Mme. de Maintenon na côrte de Versailles.

Antes de entrar nesse detalhe, será grandemente interessante conhecer a origem e vida da mulher que substituiu nos favores do rei a mãe do marquez de Maine e occupou a camara matrimonial da rainha Maria Thereza.

Francisca d'Aubigné nasceu em 28 de novembro de 1635, diz H. Fortoul, (a Encyclopedia Larousse dá 27 de novembro) na Conciergerie de Niort, onde Constante d'Aubigné se achava detido por supposição d'espionagem ingleza. Esse Constante, era neto dum poeta de valor, Theodoro Agrippa-d'Aubigné, calvinista, mas não se mostrava digno herdeiro do celebre homem, tinha má fama e até o accusavam de assassinato em sua primeira mulher. Foi do segundo matrimonio que lhe nasceu Francisca. Em 1739 Constante obteve a liberdade e partiu para a America Central, soffrendo o navio em que viajava um ataque dos corsarios algerianos. Desembarcado na Martinica, entregou-se a diversas occupações sem resultados estimaveis, afinal morreu deixando na miseria a mulher e dois filhos, Francisca e outro. Madame d'Aubigné veiu á França para procurar meios de solver as dividas do seu fallecido marido, em cujo penhor deixára as duas creanças!

MADAME DE MONTESPAN

Mas, como se demorava em voltar, um juiz apiedou-se da sorte das creanças e fel-as embarcar para a Europa.

Francisca encontrou a protecção de uma tia, que a criou na religião calvinista; morrendo essa tia passou para a casa d'outra parenta, uma sra. de Neuillant, que empregou todos os esforços para conseguir della a abjuração do calvinismo, e como nenhum resultado tivesse humilhou-a com a posição de guardadora de perús. Foi nessa posição que Francisca recebeu a declaração de amor dum moço de lavoira, o que desagradou a Mme. Neuillant que, para arredal-a desse amor, collocou-a no convento das Urselinas, onde Francisca abjurou, por fim, o calvinismo.

Aos quatorze annos Mme. Neuillant não sabendo o que fazer della, porque morrera-lhe a mãe que lhe dava alguns recursos, pensou em casal-a com o poeta burlesco Paulo Scarron, velho e aleijado

Mademoiselle Francisca acceitou o casamento.

O poeta Scarron vivia numa sociedade hybrida, mas agradavel pelo espirito e talento das pessoas que a compunham. Em sua sala encontravam-se os poetas do tempo, taes como Montreuil, Charleval, Boileau, e des Iveteaux; mademoiselle de Scudéri, Ninon de Lenclos, madame de La Labliére, o conde de Grammont, o duque de Chevreuse, o marechal d'Albert, e Villarceaux.

Essa sociedade serviu a Francisca d'Aubigné para alguma cousa, a sua intelligencia alli se desenvolveu, o seu espirito tomou um desembaraço accentuadamente superior. Em 1660 o poeta Scarron falleceu. Madame Francisca Scarron ficaria na miseria extrema se lhe não valessem algumas amisades. Além disso madame era bella, possuia um porte altivo, o andar duma princeza e a discrição duma diplomata.

A rainha-mãe, que se fizera protectora de Scarron, continuou a dispensar á viuva o auxilio duma pensão; mas, por morte da rainha-mãe, a viuva sentiu aggravar-se a sua situação,

e dirigiu-se á magnificencia do rei. De nada lhe valeu a supdlica; ainda assim a viuva Scarron não desanimou, voltou á solicitação, tornou a voltar mais vezes, persistiu, rôgou, e de tal modo que na côrte de Luiz XIV criaram o proverbio: *importuno como a viuva Scarron.*

Importuno como a viuva Scarron, diziam, e nunca ninguem pensaria que essa mulher, de quem mofavam, viria a ser dominadora da côrte, dessa mesma sumptuosa Versailles sarcastica, cheia de intrigas, de galanterias e luxuosa!

Foi Madame de Montespan quem alli a introduziu, como sua confidente.

Nascendo-lhe o duque de Maine, madame de Montespan entregou-o aos cuidados da viuva que ganhára inteiramente o seu coração. Entrava a viuva Scarron na intimidade da côrte. Nesse posto, de perceptora, facil lhe foi approximar-se do rei.

A primeira vez que Luiz XIV trocou palavras com ella percebeu logo que alli estava uma mulher de elevado espirito, bem differente das que via e ouvia no seu palacio. Pouco a pouco o rei foi se lhe tornando mais ascessivel, chegando commumente a permutar idéas com ella, depois a ouvil-a nos seus discretos, timidos, mas sensatos pareceres.

GALERIA DOS ESPELHOS, COMO ERA NO TEMPO DE LUIZ XIV EM 1830

Já então não era a viuva Scarron quem fallava ao grande rei, era a marqueza de Sugéres, titulo que lhe arranjára madame de Montespan.

Esse nome Sugéres prestava-se á pilheria de madame de Montmorency, que rivalisava em espirito com Ninon de Lenclos; a de Montmorency chamava-a, fingindo pronunciar mal o nome, madame de *Suggére*, (Suggere, de suggerir) porque Luiz XIV ouvia com brandura e attenção as opiniões da perceptora do joven duque de Maine.

Luiz XIV, porém, não a chamava por esse titulo, mas sim por madame de Maintenon (terra pertencente ao marquezado de Sugéres, comprado em 1774 pela ex-viuva Scarron) e esse nome mudava-se na bocca sorridente e ironica de Ninon de Lenclos em *madame de Maintenant.*

Com admiravel geito que, se revela grande ambição, não deixa de provar talento, madame de Maintenon rapidamente collocou-se entre a Montespan e o rei, mas sempre guardando a sua distincção natural e essa habilidade de se fazer necessaria, que foi o maior de todos os seus dótes.

Madame de Maintenon percebia claramente a decadencia da sua amiga e, melhor ainda, o envelhecimento do rei. Unida aos jesuitas, e ao confessor de Luiz XIV, o padre La Chaise, Madame foi ganhando o seu espirito com a mesma cautela, a mesma habilidade com que conquistára a sua sympathia.

Luiz XIV descahia para a religião, o seu cançaso levava-o para um vago mysticismo, que a Maintenon entrou a explorar de commum accordo com os seus alliados. E sem o saber o rei ia-se prendendo a essa mulher, já adiantada em annos, mas ainda bella, duma belleza madura, que era voluptuosamente estranha.

Quando mal percebeu o pendor pelo qual descia, era tarde; a Maintenon tinha-o enleiado, sem se fazer sua fovorita! Foi a suprema habilidade dessa mulher.

E o accaso collaborava na obra da Maintenon. A rainha morrera; Luiz XIV cahira em tal estado de espirito que a marechala de Noail les dizia ne côrte: «E' preciso casar desde já, sem perda de tempo, esse homem, sem o que

elle esposará a primeira lavadeira que cair no seu agrado.»

Boa intenção, a da marechala; mas o jesuita La Chaise trabalhava as disposições do rei como entendia, e convinha á sua alliada que levára o rei ás violencias sanguinarias da unificnção

MADAME DE MAINTENON

religiosa na França. E por uma noite de inverno, em um gabinete do palacio de Versailles, adrede preparado com um altar, o *valet de chambre* Bontemps ali introduzia uma mulher, a quem Luiz XIV esperava, e que o padre La Chaise fez esposa do rei de França, com a benção do arcebispo de Pariz.

Esse casamento secreto provocou a desharmonia na familia real, começando pelo Delfim.

Por longo tempo attribuia-se o triumfo da Maintenon á feiticeiria, de que a accusavam, como accusaram-n'a da morte de Louvois, que diziam ter sido envenenado.

Entretanto o poder dos feitiços da Maintenont não conseguiu arrancar do papa os seus bons officios para a tornar, perante a Europa, a rainha de França. Mme. teve de contentar-se com a sua posição de morganatica. E já era muito.

Não obstante o genio calmo, premeditado, reflectido da Maintenon, apesar da sua inexcedivel habilidade em preparar os negocios do Estado simulando não se preoccupar com elles, a sorte de Luiz XIV, que começára a declinar com a influencia da Montespan, chegou ao seu poente. As desgraças succediam-se. A sua familia desapparecia, arrebatada pela variola e pela escarlatina. A miseria publica augmentava. Mme. de Maintenont, com o crescer dos annos, fazia-se extremamente religiosa e cada vez mais triste. O rei procurou na mocidade de Mlle. Chausseraie o esquecimento de todos os seus desgostos. Era o fim que se approximava. Em 1º de setembro de 1715, ás oito horas, menos um quarto, da manhã, Luiz XIV expirava. E a Maintenon recolhia-se á Saint Cyr, onde tinha fundado um recolhimento religioso de que se fizera superiora.

1908.

ANDRÉ DE RESENDE.

A PRINCEZA CÉGA

NASCERA a princeza céga.

Misera infanta, diziam, tão formosa e sem luz. Consternava vêl-a deitada no berço de ouro, entre rendasa, gitando alegremente os braços rechonchudos, sorrindo ás vozes conhecidas que a amimavam.

Os olhos grandes, negros, muito abertos brilhavam como os dos idolos, mas como os dos idolos não viam.

Todos os sabios do reino e muitos do estrangeiro, attrahidos pelas promesas generosas do rei, passavam dias inclinados sobre o rosto da princeza examinando-lhe os olhos limpidos e retiravam-se em silencio, desanimados.

E céga e formosissima foi crescendo a infanta em cuja cabeça havia de assentar a corôa, cuja mão delicada havia de empunhar o sceptro real.

Adoravam-na os que viviam na sua intimidade e, ainda que não visse, só com a bondade do coração, preoccupava-se com a sorte de todos os seus subditos e, se acontecia ouvir referencia álgum soffrimento, mareavam-se-lhe os olhos d'agua e logo, instando com os ministros, fazia por aliviar a miseria do paciente, enviando esmolas ou remedios e assim, onde não chegava a sua pessôa ia, como a luz do sol, a sua caridade.

E desde a côrte até ás serranias e os maninhos mais distantes falava-se, com piedosa sympathia, na princeza que, com ser céga, não perdia a trilha da misericordia e guiava o beneficio aonde delle houvesse mistér.

Constando, um dia, ao rei que mercadores, chegados em caravana, conversando numa estalagem sobre a cegueira da princeza, houvessem alludido a certo *rishi,* solitario em uma lapa no mais embrenhado de escura floresta virgem, que realisava prodigios, como sendo capaz de aclarar os lindos olhos, mandou chamal-os a palacio e, tendo-os ante o throno, interrogou-os.

Falou por todos o mais velho dos mercadores dizendo:

— E' verdade, senhor — o *rishi* que vive affastado do mundo, em silencio contemplativo, ainda que se não arrede do seu retiro de lá mesmo espalha a sua caridade em milagres que assombram. A mais de uma caravana que, perdida no deserto, invocou o seu nome em angustia, saciou copiosamente a sede fazendo rebentar fonte viva em rocha em todo tempo esteril. A marujos acossados de tormentas poz o mar em bonança e os ventos de feição; a enfermos restituiu a saúde; a mudos destravou a palavra; a surdos fez ouvir; terras sáfaras medraram a seu vóto, pestes remittiram-se e mais tem elle feito que outros sabem e referem. Assim não é muito que accenda a vista em olhos tão bem dispostos para recebel-a como alampadas a que apenas falta chegar o lume.

Contente com tal noticia mandou o rei relevar o imposto aos mercadores e ainda com elles distribuiu presentes pedindo apenas que um conhecedor do sitio em que jazia o *rishi* se prestasse a ser guia da embaixada que o ia saudar e pedir conselho sobre o melindroso caso.

E o mercador accedeu e, desde logo, com alvoroço, preparou-se um riquissimo presente para o solitario e de tal monta que dois elephantes dos mais fortes não bastaram a conduzil-o, indo os vasos de essencias ás mãos dos pagens negros.

Chegados que foram á lapa os portadores das dadivas e da requesta real arriaram as riquezas para as quaes nem sequer olhou o *rishi,* tanto, porem, que o mercador lhe disse o interesse da missão logo dispoz-se a attendel-o. Falando-lhe da desventura da princeza, cujas acções generosas eram d'elle sabidas, recolheu-se em oração e, ao cabo de uma hora, como acordando, disse:

— A princeza verá. Verá no dia em que lhe lavarem os olhos lagrimas de verdadeira ventura. Só o pranto da felicidade, rebentando d'uma alegria intensa, resolverá a tréva dos lindos olhos.

Com este oraculo mysterioso regressou á corte, e triste, a embaixada luzida.

Quando foram transmittidas ao rei as palavras do solitario viram-n'o os cortesãos baixar a fronte e quedar em silencio absorto. Subito, como se falasse á propria alma, disse dolorosamente:

— O mesmo seria pedir orvalho ao sol. Como póde a alegria dar lagrimas? Como póde a ventura traduzir-se em pranto? E, mais uma vez desilludido, resignou-se o rei com o destino da filha.

Chegando a princeza á puberdade, como a belleza acompanhasse o seu desenvolvimento, não foi difficil conseguir-lhe esposo e um principe de visinho reino desposou-a. No dia das nupcias encheu-se o templo e a praça ficou de

tal modo apinhada que, para o cortejo transitar, foi necessario que os guardas difficilmente estendessem duas alas contendo a multidão desde o vestibulo do palacio até o atrio do templo. A passagem dos noivos cresciam as vozes abençoantes, choviam flores, soavam musicas e, contrastando com a alegria geral, aqui, ali subiam lastimas: "Tão linda! tão graciosa e céga!„ E a princeza sorria.

O rei, preoccupado com o oraculo do *rishi,* contava vel-a chorar no templo: "Talvez que o amor lhe desate as lagrimas e a vista se lhe accenda." Mas o amor de noiva não é ventura perfeita—quanto mais se incende mais se arrisca a perder-se ou na volupia ou no ciume.

De volta ao palacio a princeza trazia ainda os olhos apagados.

Ao fim do primeiro anno annunciou-se em todo o reino ao som de tubas e charamellas e os sacerdotes na nave dos templos e os arautos nas cidades e aldeias o nascimento do principe, filho da princeza céga.

Desde então, junto ao berço, manteve-se a desventurada passando, repassando brandamente as mãos no rosto do pequenino, procurando sentir com os dedos delicados a belleza e a graça do mimoso infante. E o rei seguia-lhe os gestos sempre com a esperança de realisar-se o prodigio.

Uma noite—a lua ia alta no céu—alarmaram-se as sentinellas do palacio, estrugiram as buzinas, resoaram os gongs e uma nuvem negra de fumo subiu densa no ar avermelhando-se aos poucos até que, dentro della, cresceram labaredas, e o incendio rapido assediou o edificio fechando-o num immenso fogaréu que rugia.

No atabalhôo da fuga precipitada os guardas desattendiam aos gritos de soccorro. Relinchavam espavoridos os ginetes vingando ás barreiras e correndo atropellados pelo parque, gente arrojava-se das alturas perecendo nas lages e a cidade alvoroçada bramia impotente diante da catastrophe e, mais do que pelo rei, as vozes bradavam pela princeza céga, misera moça! a debater-se nas chammas.

Mas o principe, que era temerario e amava, mais que a vida, a esposa, surgiu heroico no vestibulo do palacio e no clarão deslumbrante appareceu ao povo com a princeza nos braços pallida, inerte, como mórta. Vivia, porém, e o ar fresco da noite despertou-a. Erguendo-se lançou os braços num gesto de desespero na direcção adusta de onde lhe vinha o calor de morte e um grito lancinante escapou-se-lhe da boca: "Meu filho!„

Respondeu-lhe um soturno resôo, um rouco marulho que era o arquejo ancioso do povo commovido. E' que, saltando vigas abrazadas, rompendo chammas, como um *djinn,* um soldado apparecia na fulguração ou perdia-se na fumarada e pós elle, com estrondo, aluiam os travejamentos combustos.

Salta, corre, arroja-se, precipita-se. Eil-o na escaleira de marmore por onde rolam estatuas accesas, onde ardem alfaias preciosas; arremette e, como impellido, chega d'arranque ante o rei, ajoelha-se e, tirando de sob o manto um envolucro, pousa-o em terra, que as mãos feridas já lhe não supportam o peso e cahe desfallecido. Acóde o rei á reliquia, aparta as dobras do manto e recúa maravilhado ante o pequenino principe que sorri e soergue-se, senta-se, estende os bracinhos e, reconhecendo a princeza desvairada, atira-se-lhe no collo e, pela primeira vez, balbucia o titulo divino: Mamãi!

—E' o principe! E' o principe! bradam todas as vozes. Ergue-se a misera tremula, empallidece e córa, foge-lhe a voz, hesita e oscilla, sorri, mas eis que um jorro de lagrimas rebenta-lhe dos olhos e, atravez do pranto, ella divisa um clarão, avista o palacio em chammas e vê dois braços que a cingem, dois olhos que a miram, um sorriso que a enleva.

Encara o pequenino, fita nelle os olhos, crava-lh'os no rosto vê e rompe num grito soluçado: "Meu filho!„ chorando e beijando as lagrimas que rolam pelos cabellos, nas faces finas do formoso principe.

E todos, enlevados naquelle milagre do amor, lembrando as palavras do *rishi,* nem olhos tinham para o palacio que era um brazeiro colossal dentro da noite negra, senão para aquella mãi cuja, cegueira as lagrimas haviam levado, como em chuva beneficente se desfazem as nuvens que toldam de triste negror o limpido azul do céu.

COELHO NETTO.

A FUGA DA NOITE

A Noite, em suave alôr, serena, o espaço fende,
Colhe, flores da sombra, os fulvos astros de ouro,
E ao radiante fulgor desse regio thezouro,
Das nuvens entre os véus, gloriosa e fria, esplende.

No sudario real dos seus cabellos arde
O aureo escrinio estellar que enriquece o horizonte;
A estrella da manhã traz, limpida, na fronte,
E mostra, no quadril, a rutila, da tarde

Cheia d'astros, gloriosa e fria, espaço em fóra,
Rasgando o largo véu das nuvens, fulgurando,
Assim, Noite sagrada, assim te exilas quando
Ao longe, rosea, aponta alegre côr da Aurora!

Dezembro, 1908.

LEAL DE SOUZA.

A Inveja é uma serpente immensa e venenosa,
Que nas entranhas tem o sangue de Caim.
Formam-lhe o paladar e a pança monstruosa,
A Cobiça e a Ambição, interminas, sem fim.

Seus olhos são de fogo; escura cor, lodosa,
Tinge-lhe o couro crasso; e ha vivido carmim
Na escancarada fauce, horrenda e perigosa,
Mostrando mil punhaes, nos dentes de marfim.

Em toda e qualquer parte, onde habite o Valor,
Onde rebrilhe a Gloria e se eternise a Fama,
Essa serpente vai lançar o dissabor!

Nem muros, nem montões! nada não ha que impeça
O seu certeiro bote! E, espadanando lama,
Aos Grandes, aos Heróes e aos Deuses se arremessa!

Sobre o rio Amazonas, 1907.

NYLO GUERRA.

PRAZERES DE INVERNO

NESTA quadra que tão penosamente vamos atravessando, a suar e a offegar, sob o flagello das interminaveis soalheiras do dia e no ambiente morno das noites sem viração — não ha, em toda a Suissa alpestre, um palmo de terra sobre o qual se não amontoem, pelo menos, dois ou tres metros de neve.

Em novembro, já não chove; mas ainda as nevadas são curtas e ephemeras. A montanha apparece-nos, de manhã cedo, toda branca, como sob uma larga peneirada de farinha; depois, no céo immaculado, rompe o sol livremente e a pulverisação mimosa das primeiras invernias evapora-se, ao cabo dalgumas horas de luz radiante. São as primeiras avançadas, ainda timidas e hesitantes, da neve, sobre o dominio que dentro em pouco se lhe entregará... Por ora, só as trevas e a temperatura abaixo de zero que reina do poente ao nascente, lhe favorecem a conquista progressiva e sorrateira; de dia para dia, entretanto, é mais longa a escuridão e mais apertada a trajectoria do astro de raios de ouro, fogosos e dissolventes; e a camada invasora, cada vez mais alta e mais solida, vae se agarrando á terra, teimando, offerecendo cada vez mais demorada resistencia ao inimigo das alturas. Já, ás vezes, consegue supportal-o toda a manhã e toda a tarde, alcançando a noite propicia e podendo assim, victoriosamente, dormir no leito de relva de que ella propria, a neve, é o lençol purissimo...

TRENÓ

E lá para principios de dezembro, dá-se o grande combate, a definitiva lucta sobre a terra cobiçada. Os montes amanhecem cobertos de uma neblina tão ligeira e tão clara que, através della, se enxerga a infiltração solar, dilluida e esparsa, perdida na região vaporosa que quizera atravessar. E', em ponto grande sem tremulo de orchestra, o effeito desses scenarios chamados "dissolventes", com que as magicas de grande espectaculo nos deslumbram e illudem para as sensacionaes mutações á vista, e onde as gazes tenuissimas, combinadas em nevoeiro, imperceptivelmente vão correndo, umas sobre as outras, contra o jacto possante dos projectores electricos. Nessas manhãs feericas da montanha, de tal modo sombra e luz se confundem, que é como se a nevoa brilhasse ou o sol houvesse esmorecido; e o quadro irreal que nos theatros não pode durar mais de um momento, naquelle outro palco immenso e apotheotico, longamente se fixa, se immobiliza, entre a terra e o céo.

De repente — e sempre quando menos se espera — começa, aos olhos do espectador maravilhado, a primeira batalha diurna, leal e francamente ferida, o primeiro encontro dos dois campeões do espaço. Pugna silenciosa, serena, sem colera aparente e até risonha, lindamente risonha, entre adversarios da mais pura e delicada phantasia. Na neblina ensolada, surgem pequeninas particulas de mais intensa claridade, que giram ao de leve, esvoaçando, balouçando-se, em requebros de languidez e mimo; não corre no ar sopro de vento que lhes baralhe ou lhes perturbe a harmonia e a faceirice das curvas caprichosas que lhes apraz descrever; a aragem rispida da serra parou, recolheu-se, como bom elemento estranho e neutro; e o combate luminoso prosegue, na sua alegria e na sua gentileza, pontilhado daquellas vagas refulgencias de diamante que são a sua encantadora fusilaria.

Depois, a bruma matinal condensa-se, vae perdendo a diaphaneidade fascinadora; a scintillação dos projectis microscopicos que bailavam e revoluteiavam, desmaiou gradualmente, á medida que elles se espaçavam e morriam; e sobrevém os flocos, mais volumosos, mais cheios, mas ainda sem peso que lhes torne a queda rapida e vertical. E' uma chuva de farrapos de algodão muito branco, esgarçados, lá em cima, pelos dedos mysteriosos das fadas do inverno; é uma nuvem de pennugens enroladas, arrepiadas, que serenamente descem, prolongando, tanto quando possivel, a sua trajectoria de liberdade no ar tranquillo... O pobre sol, derrotado, escondeu-se completamente, com o seu vexame; o vento continúa recolhido á neutralidade honesta que lhe compete; os flocos vão se avolumando, arredondando, no orgulho e no jubilo da victoria alcançada; e ao lento e ondulante baixar dos farrapos de algodão, succede uma chuva mais directa e activa de torrões de assucar que se esfarellam nos galhos nús das arvores ou tombam, intactos, no chão já fofo e alto da primeira camada.

SKIS

A invasora aproveita soffregamente o seu triumpho, para o tornar decisivo, dar-lhe pelo menos a durabilidade da estação. A chuvarada engrossa, reforça-se e com soberbo impeto se abate sobre a terra conquistada; agora, uma torrente alvadia, compacta, tremenda, se despenha do nevoeiro mais alto e mais escuro; e no furor de estabelecer aquelle dominio, tão ferrenhamente disputado, tudo acomette e avassalla tudo. Pela encosta acima, agora que o véo de bruma subiu, veem-se os pinheiros verde-negros, em cujos ramos a neve se gruda, formando pastas lindamente recortadas; e pela estrada além, descortinam-se os casebres dos montanhezes, sobre cujos telhados a neve constroe uma cobertura resplandecente: é essa a neve adherente e decorativa que reveste e almofada os bancos dos parques de recreio; desenha o gradeado airoso das *villas;* encarapuça os postes telegraphicos; forma uma pyramide na ramificação, ao alto, dos para-raios; e até dos galhos mirrados dos arbustos de jardim se dependura, em fios reluzentes de crystal.

ESTRADA DE NEVE

E agora que tudo avassallou e por toda a parte se installou a formosa conquistadora, já lhe não importa o sol nem a arrogancia das suas flechas de ouro; aquellas longas horas— se não um dia inteiro, ou mesmo dois—de incessante e copioso nevar, seguramente lhe garantem a posse da região amada, até os ardores de maio que fazem rebentar as anemonas. A nevada vae passar; a neblina adelgaça-se, desce, clareia, deixando transparecer, por cima, a doçura do azul do céo; luz e sombra voltam a fundir-se naquella visão lendaria de nevoeiro que brilha; descem vagarosamente os derradeiros flocos; curveteiam os ultimos pyrilampos de prata; e tudo, por fim, desapparece e o sol resurge, nobre inimigo nobremente vencido, a illuminar dos seus raios mais puros e generosos a immensa paisagem branca!

Chegou a neve, minhas senhoras e meus senhores; ahi os temos, os deliciosos prazeres de inverno. Por toda a parte, na Suissa montanhosa, se apromptam as escursões arriscadas, as sortidas galantes, os torneios do *ski*, do *bob*, do *schlitten*, do patim, todas as luctas e folguedos desse *sport* da neve, seductor e irresistivel entre todos os *sports*. A Engadine é o paraizo dos campeões e S.t Moritz a sua arena previlegiada, como aquelle canto do paraizo que todos os devotos, todos os fanaticos almejam. A imaginação hospitaleira dos suissos—já alguem chamou á Suissa um grande hotel, funccionando por conta do Governo—organizou alli, com o maximo luxo e o maximo conforto, todos os gosos e diversões que a neve póde fornecer. E assim, dos mais remotos paizes da Europa acodem a S.t Moritz amadores enthusiastas, destemidos lidadores e tambem aquella enorme quantidade de *snobs* cuja intrusão se torna inevitavel em quaesquer torneios, sejam elles de arte, de valor, de destreza ou de simples elegancia... E todos alli acodem, porque todos alli encontram, preparado e admiravelmente servido, o seu regalo predilecto, de accordo com as suas faculdades...

BOB

Assim, nem todo o mortal que não nasceu nos Alpes, tem a força de convicção necessaria para apprender e equilibrar-se num par de *skis* e descer, sobre elles, uma immensa montanha, numa escorregadela vertiginosa e abysmal. São necessarios alguns annos, estações seguidas de ferrenho e heroico exercicio, para lograr a firmeza e a calma, sobre essas duas taboas celerissimas, dos serranos que vém ao mercado, ou dos filhos dos serranos, que vem ás escolas da cidade. Os patins, os verdadeiros patins do gelo, dois simples filetes de aço atarrachados á sola da botina, representam outra difficuldade insuperavel para quem não disponha duma paciencia mais resistente que a de Job e não esteja disposto a fracturar-se mais ou menos gravemente nas quedas fataes do aprendizado. Outros prazeres, encerram outros perigos maiores. S.t Moritz supprime os perigos, sem supprimir—para os fracos e os incapazes, já se sabe — os prazeres respectivos. Afinal, tudo é andar, correr, deslizar, na fofa neve suavissima, ou no gelo duro e rutilante como crystal. E então ha os trenós variados, a que se atrellam variados animaes; e o senhor commodista e desasado, que preza a integridade dos seus ossos e não está para maiores mas-

sadas, toma um desses vehiculos forrados de pelles caras, agasalhado e confortavel como um leito, e faz-se puxar por um nobre cavallo, uma parelha de espertos cabritos ou de doceis cães trotadores...

Passa fóra, torpe e inconsciente gosador das delicias invernaes! Para os legitimos *habitués* alpinos, aquillo é simplesmente um insulto, um escarneo, uma profanação. Devia ser prohibido, o Conselho Federal devia votar uma lei condenando semelhante escandalo! Indigno de apparecer nas estradas de neve ou num *champ de glace* é aquelle que não sabe dançar uma valsa sobre um par de patins, empunhar um vela e converter-se em embarcação

SALTO EM SKIS

do gelo, manobrar um *bob* pela montanha abaixo, dar os formidaveis saltos de *skis*, do alto de barreiras incommensuraveis... Sim, a creaturas dessas, devia ser vedado o accesso a S.t Moritz, região peregrina do *sport*, circo faustoso e resplandecente dos gladiadores da neve, campo de batalha incomparavel para os heroes de raça, os predestinados, os eleitos. Mas o amigo *snob* não ouve, não percebe nada disso — e continúa.

Em Davos — Platz, a imaginação suissa, tendo que se occupar principalmente dos tuberculosos, não póde fornecer aos *sportmen* aquelles requintes, aquelles luxos de primeira grandeza. Existe de certo um vasto terreiro, no qual, apenas tenha nevado o bastante, se arranja á pressa, por meio de irrigações successivas e sob a pressão dos magestosos rebolos das estradas, a *patinoire* para os senhores invernistas que não soffram do peito — nem para lá caminhem; e nesse recinto, toca todas as tardes uma banda de musica e ahi se realiza annualmente, a "festa da neve", que deve ser um arremedo das celebrações magestosas da Engadine. No mais, porém, cada um faz o seu *sport*, particularmente, por sua conta e risco. Risco, sobretudo.

Quem a maiores façanhas se não atreve, satisfaz-se com os joviaes e excitantes combates á mão armada — de neve. Duellos singulares, mancheia contra mancheia, refregas formidaveis, entre numerosos grupos aguerridos. Risadas, guinchos, berros, todas as interjeições duma alegria doidivanas que se expande; e não ha grito mais alacre, mais finamente nervoso que o duma linda mulher que sentiu pela face a caricia daquelle arminho frigido e arrepiante. Isso, porém, são jogos de creança... Pelas estradas de Schatzalp, de Clavadel, de Frauenkirch, o dia inteiro descem os adeptos dos *skis* simples ou *attelés* e os ranchos intemeratos, ensandwichados num *bob* velocissimo, que o desvairado da frente manobra, como um automovel, a 250 ou 300 kilometros por hora. E' phantastico, é infernal, é estupendamente delicioso!

Para essa adoravel sensação da velocidade, talvez a maxima velocidade adquirida pelo homem sobre um vehiculo, basta o sympathico *schlitten*, primitivo, modesto, pequenino, onde um só homem—um casal, quando muito—se escarrancha e se deixa ir, por alli abaixo, á mercê da rapidez progressiva do declive fortissimo. Aquillo, ao cabo dum minuto, galga, voa, é um raio! Depois, a facilidade de guiar semelhante corisco: á frente, vão os calcanhares que se appoiam na neve, ora um ora outro, conforme a estrada dê volta para a direita ou para a esquerda... E arreda!

Quando se passam quinze dias seguidos de bom sol, a neve crystalliza-se, embolota em torrões duros como pedras; as estradas vão ficando sujas, com barrocas, onde os trenós solavancam insupportavelmente; e nas ramas dos pinheiros desfaz-se a camada alvissima que sobre ellas se acumulara e lhes dava tamanha belleza e graça tão original... Isso, porém, é raro, de dezembro a abril; o sol é habil inimigo, sabe esperar a vez da sua desforra; e as deusas mysteriosas que habitam as alturas tém de certo inesgotaveis provisões de algodão para esfarrapar e de assucar para entornar sobre aquellas montanhas de maravilha...

João Luso.

A REACÇÃO CONTRA A INFLUENCIA INTELLECTUAL FRANCEZA

FUNDOU-SE ha pouco no Rio de Janeiro uma Sociedade Brazileira de Estudos Allemães. E' inutil lembrar a pequena nota publicada nos jornaes d'esta cidade em que foram indicados os fins d'essa associação por occasião da sua installação; ella não tem nada de particularmente interessante nem julgo que accentue convenientemente a significação da nova aggremiação litteraria.

Trata-se na nossa vida do pensamento de um movimento inicial, de uma conclusão de jornada ou de uma phase de transição?

Parece fóra de duvida que o facto attesta a decisão de pelo menos restringir o exclusivismo do predominio da cultura franceza no Brazil.

Isso é benefico, é necessario e é urgente.

Está claro que é fundamental que o paiz fique inteiramente aberto, de lado a lado, á penetração e saturação de todas as correntes de idéas que surjam no mundo; é por isso que é louvavel que se principie por fazer intervir o mais intensamente possivel a cultura alleman, pondo-se em contacto mais intimo a intellectualidade brazileira e a intellectualidade germanica, n'uma sympathica obra de fraternisação mental, sem que se deseje a substituição de um exclusivismo por outro.

Está por emquanto o Brazil intellectualmente n'um odioso servilismo á lingoa e á litteratura de França, de que suppoem alguns compatriotas que somos o seu Madagascar ou o seu tonkin litterario.

Seria bom, portanto, que adoptassemos o conselho dado por Washington aos seus concidadãos quanto ás relações politicas internacionaes, mostrando-lhes a utilidade de se não prenderem demasiadamente a povo algum, afim de conservarem a sua liberdade de acção.

Nós temos que ser antes de tudo brazileiros. Não ha verdadeira nacionalidade que não affirme principalmente a sua independencia intellectual, e a que estamos constituindo no Brazil ha de começar por ahi.

Em primeiro lugar devemos fixar a «lingoa litteraria» do modo mais seguro possivel.

A recente reforma ortographica da Academia Brazileira de Lettras é uma tentativa digna de elogios, parecendo entretanto uma revisão d'essa reforma com a coparticipação de qualquer elemento litterario portuguez importante.

A organisação de um diccionario e de uma grammatica, nas mesmas condições, constituiria um primeiro passo para a diminuição da confusão existente.

A verdade é que nós brazileiros e portuguezes estamos praticamente sob certo ponto de vista, nas mesmas condições que os francezes no seculo XVI. O atrazo é, pois, bem grande.

Consultae ao accaso um brazileiro ou um portuguez e vereis que a litteratura do seu paiz não tem para elle prestigio algum, ella está abaixo de qualquer uma outra e não pensa sequer que possa vir a ficar um dia parallela com as melhores. Sentireis na resposta o desdem pelo que é nosso e a admiração embasbacada por todas as cousas que publicam em Pariz.

Leem-se no Brazil muito mais romances e volumes de poesias francezes do que brazileiros e quanto aos livros didacticos os nacionaes são uma minoria insignificante.

Não conseguimos ainda crear em lingoa portugueza aquillo que é tão bem descripto pelo sociologo Noricon como a «instrumentagem intellectual» de uma nação: um conjucto em vernaculo de pequenas e grandes obras de ensino, de encyclopedias, de diccionarios, de toda a especie de livros dos que os americanos

e inglezes chamam de referencias, traducções das principaes obras estrangeiras, antigas e modernas, etc.

Nas escolas superiores os livros são quasi todos em francez, os nossos escriptores elles mesmos julgam a lingoa que manejam um tanto barbara, certamente menos polida que a franceza.

Certifiquemos-nos por alguns factos da comparação que fiz com o seculo dezeseis em França. Naquelle tempo a França estava deante do latim como nós agora emfrente ao francez; a analogia é flagrante.

Vejamos algumas citações indispensaveis á elucidação d'este caso, com que ficará definitivamente illustrada a affirmação que foi feita. A melhor fonte será talvez a monumental obra de Petit Juleville *Histoire de la Langue et de la Littérature Française*. Des origines à 1900. Consultemos o primeiro tomo (Des origines à 1500) No capitulo XII, sobre a lingoa franceza no seculo XVI, ha o seguinte sobre o latim e o francez:

«O latim conserva ainda quasi intacto o privilegio de ser a lingoa litteraria e scientifica, o francez está n'um plano inferior. O numero dos que consideram o francez como capaz de vir a ser um instrumento de alta cultura é muito restricto. Por isso as esperiencias de escriptores para aperfeiçoal-o ficam dispersas e intermittentes.

Tentarei mostrar em primeiro lugar como o francez substituio o latim nas diversas sciencias, depois o que foi feito para enriquecer esse idioma, desenvolvendo o seu vocabulario, fixando-o por meio de uma grammatica, simplificando-o com uma ortographia racional.»

A acção da realeza franceza no desenvolvimento da lingoa e da litteratura foi grandemente proficua, sendo notavel a attitude de Francisco I, Henrique II, Carlos IX, Henrique III.

Em 1509 dizia Claudio de Se sell a Luiz XII:

Qu'on fait le peuple et les princes romains quands ils tenaint la monarchie du monde et qu'ils tachaient à la perpetuer est rendre éternelle? Ils n'ont trouvé autre moyen plus certain ni plus sûr que magnifier, enrichir et sublimer leur langue latine, que, du commencement de leur empire était bien maigre et bien rude et après de la communiquer aux pays et provinces et peuples par eux conquis, ensemble leurs lois romaines coucheés en icelle.»

Foi n'esse periodo decisivo que se deu a lucta admiravel da Pleiade, de que um dos documentos mais interessantes é a *Defesa e Illustração da Lingoa Franceza* de que foi feita ha pouco tempo uma nova edição, e de que dou aqui este trecho de um tão forte sabôr:

«Que la langue françoise ne doit estre nommeé barbare. Le temps viendra (peut estre) et je l'espère moyennant la bonne destineé françoise que ce noble et puissant royaume obtiendra à sontour les resnes de la monarchie et que nostre langue (si avecques François Ier n'est du tout ensevelie la langue françoise) qui commence encore à jeter ses racines, sortira de terre, et s'eslevera en telle hauteur et grosseur, qu'elle se pourra egaler aux mesmes Grecques et Romains, produisant comme eux des Homères, Demosthènes, Virgiles et Cicérons, aussibien que la France a quelque fois produit des Péricles, Nicies, Alcibiades, Themistocles, Césars et Scipions.»

Joachim du Bellay para que a lingoa que defendia pudesse «hausser la teste et s'eslever sur pieds», estando n'aquelle tempo «enerve raurpante», procura mostrar a sem razão da opinião corrente segundo a qual não se conseguiria nunca formar uma litteratura franceza comparavel á litteratura dos gregos e dos latinos.

Os franzeses estavam perante a cultura grecoatina como nós em face da cultura francezal actualmente.

Ainda muito tempo depois da Pleiade generalisava-se a chamada controversia dos antigos e modernos que parece aos estudiosos de hoje tão insipida e incomprehensivel.

Outr'ora em França julgava-se sempre humilhante para os escriptores francezes a lembrança dos escriptores antigos da Grecia e de Roma, que se dizia que não podiam egualar; o mesmo que acontece hoje com os nossos escriptores em relação aos francezes.

Cicero, entretanto, seculos antes, estivera na necessidade de defender a lingua e a litteratura de Roma dos ataques dos que affirmavam que os romanos nunca conseguiriam «imitar» vantajosamente os gregos, de que foram discipulos!

A reacção contra a influencia intellectual franceza teve começo no Brazil com Tobias Barreto e Sylvio Roméro.

Acredito que essa reacção será considerada no futuro como o maior titulo de benemerencia d'esses dous homens de lettras brazileiros.

Sem entrar em detalhes pode-se dizer que a obra que realizaram teve o melhor resultado, afastando-nos do despotismo da litteratura franceza, alargando os nossos horisontes, solapando essa muralha chineza em que vivia sequestrada a mentalidade brazileira parasitaria das idéas francezas ou do que julgamos ser as idéas

francezas; quando apezar do que dizem os philosophos politicos e os criticos litterarios de Pariz, a França não é, nunca foi, nem nunca será toda a humanidade. Nem a Allemanha poderá representar para qualquer poro toda a humanidade, como se pretendia em Wennar no tempo de Gœte.

Os membros da Sociedade Brazileira de Estudos Allemães, que devem ser alguns contemporaneos e collegas quasi todos discipulos de Tobias Barretos e Sylvio Roméro, não sei que feição pretendem dar á actuação que forçosamente effectuarão em consequencia da fundação da sua sociedade.

O germanismo militante de Tobias e Sylvio reflorescerá; veremos a nossa Academia dividida em dous grupos violentamente antagonicos? Teremos que ficar córados deante de descompusturas vigorosas como algumas do precursor da Escada?

Timidamente ouso dizer que espero que o Presidente da Academia, se lucta houver, dirá aos adversarios, mesmo com o risco de ficar sosinho na sua meza: «Se quizerem brigar, que vão brigar lá fóra.»

A nossa Academia, como a Franceza, por vontade do «partido dos duques», é em virtude das ultimas escolhas de candidatos cada vez mais um salão, um salão de bom gosto, que «concorda em discordar» para que a conversa seja brilhante e todas as cousas sejam examinadas por todas as suas faces, mas não permittindo violencias de linguagem ou que se altere a voz. Ora ahi está, deante da hypothese de um conflicto no nosso morno ambiente intellectual, uma vantagem a contar a favor da Academia.

A antropophagia, por causa d'esse salão neutral, suavemente conciliante, desapparecerá definitivamente dos nossos costumes litterarios.

Tobias Barreto não teria por certo a coragem de proferir no Syllogeo o seu famoso «Discurso em mangas de camisa.»

Mas, deve-se perguntar se teremos brevemente uma Sociedade de Estudos Inglezes ou uma Sociedade de Estudos Italianos?

Desde que não nos esqueçamos nunca de que somos brazileiros, de que somos sobretudo brazileiros e de que devemos ser cada vez mais brazileiros, a fundação d'essas sociedades só poderá dar optimos fructos. Ganhará com isso em extensão e intensidade a formação da nossa cultura nacional.

De alto a baixo a nossa sociedade aproveitará com esse largo cruzamento de idéas, todas as camadas, todas as classes sentirão o seu effeito.

O exclusivismo francez está sendo asphyxiante.

Litterariamente estamos até agora para a França como Hanoi ou o Sénegal.

Se a influencia franceza foi bôa ou má no Brazil não importa; o que interessa saber é se é justificavel que só nós dirijamos a um mercado de livros ou a um só mercado de idéas e que acceitemos indefinidamente essa subalternidade voluntaria, quando em alguns generos litterarios, como a poesia por exemplo, deixamos de ser simples plagiarios.

Que traduzamos para a nossa lingua o que encontrarmos de melhor em todas as outras e comecemos a fazer traduzir para o allemão, o francez, o inglez, o italiano o que já tivermos de francamente bom, o que não é raro.

As nações, como os individuos, são aquillo que ellas querem ser.

JOAQUIM VIANNA.

SALOMÉ

TERREMOTOS

DENTRE os phenomenos naturaes, nenhum ao certo abala e preoccupa tanto o homem como as convulsões do solo a que se convencionou chamar de terremotos.

E de facto, observa-se que aos primeiros abalos, succede quasi sempre e principalmente na massa ignorante um movimento de terror louco, perdida a tranquillidade sobre a segurança, e a confiança sobre a estabilidade do solo, desenvolvendo-se então as terriveis scenas de panico que produzem quasi tantas victimas como as propriamente immoladas pelo phenomeno sismico. Apparelhos delicadissimos que possuem os modernos observatorios registram milhares do abalos que annualmente sacodem a crosta terrestre, sem que muitossejam ao menos percebidos nas regiões em que têm logar.

Raras mas extraordinarias as catastrophes como a de Messina e Reggio agora, devoradoras de vidas e de riquezas, causadoras de males extraordinarios que roubando preciosas existencias transmudam por completo as conformações topographicas de vastas regiões, annulando, destruindo o producto de annos de trabalhos, pertubando a evolução de vastos centros de povoação.

Os ultimos terremotos de Santiago do Chile e S. Francisco da California de que esta revista se occupou, publicando excellentes photographias das regiões assolladas attrahiram a attenção de todo o planeta: mas não mostra a historia sismologica nenhum de tão horrendas consequencias como o que acaba de reduzir a escombros duas cidades florescentes do Sul da Italia.

Com effeito avalia-se o numero de pessoas que pereceram na catastrophe em 210.000 quando a estatistica dá para os outros mais graves os seguintes numeros:

ANNOS	LOCAES	N. DE VICTIMAS
1755.....	Lisboa.....	50.000
1797.....	Equador.....	40.000
1812.....	Caracas.....	12.000
1822.....	Asia Menor.....	20.000
1829.....	Hespanha.....	6.000
1842.....	Cabo Haityano....	5.000
1856.....	Calabria.....	10.000
1860.....	Argentina.....	7.000
1868.....	Perú.....	25.000
1883.....	Ischia.....	1.990
1885.....	Serinagor.....	3.081
1888.....	Yunan (China)....	4.000
1891..... / 1898.....	Japão.....	40.000
1899.....	Asia Menor.....	1.609
1902.....	Transcaucasia.....	2.000
1902.....	Martinica	30.000
1902.....	S. Vicente.....	2.000

ACAMPAMENTO NOS ARREDORES DE MESSINA

1902.....	Turkestan.....	10.000
1905.....	Sicilia e Calabria..	2.700
1906.....	S. Francisco.....	1.000

Póde-se attribuir os desastrosos effeitos dos phenomenos sismicos á ausencia de signaes precursores, do cataclysma.

Com effeito, em Lisboa no celebre terremoto que destruiu por completo a velha cidade, toda a população foi apanhada de surpresa; o dia era lindissimo quando se deu o primeiro abalo de terriveis effeitos desastrosos, entregue a população pelas nove horas da manhã ás suas occupações habituaes.

O de Rio Bamba, da mesma sorte nenhum signal precursor apresentou.

O terremoto extende seus effeitos directos por vezes a regiões bastante consideraveis, como esse agora e o de 1906 na Calabria e Sicilia.

SOLDADOS ITALIANOS EM TRABALHOS DE SOCCORRO AS VICTIMAS

Outras vezes são phenomenos posteriores por elles occasionados que fazem sentir seus effeitos em regiões por vezes a extrema distancia.

Tal o movimento das vagas, que ganham alturas enormes e varrem o littoral com uma inusitada violencia produzindo desastres mais terriveis que o proprio terremoto.

Em 15 de Junho de 1896 as costas do Japão em uma extensão de cerca de 70 milhas foram varridas por uma dessas terriveis ondas, fazendo 30.000 victimas.

A celebre hecatombe de Krakatôa em que pereceram 36.380 pessoas, foi ainda causada por uma dessas vagas.

Por occasião do terremoto de Lisboa todo o Atlantico foi atravessado por uma vaga que fez sentir sua força em todo o golfo do Mexico. Essa mesma vaga já submergira o porto de Setubal, fizera-se sentir em Cadix enchendo a cidade de destroços, e na Barbaria sendo que só em Alger causou cerca de 10.000 victimas.

No terremoto de Lima em 1746 o mar elevou-se a mais de 15 metros de altura, invadindo a cidade de Calláo, atirando grandes navios a mais de uma legua terra a dentro e ao retirar-se varrendo todos os destroços das construcções, deixando a nú o espaço que a cidade momentos antes occupava.

Varia muito a duração dos terremotos. Em geral ha um grande abalo, seguido durante dias, semanas, ás vezes mezes inteiros por outros menores, que se diriam produzidos pelos elementos naturaes do solo procurando voltar ao primitivo local de que havia sido deslocado. Esses choques a que se convencionou chamar *replicas* duram até que se restabeleça o equilibrio de toda a porção da superficie do planeta abalado.

OS MARINHEIROS DO COURAÇADO RUSSO MAKAROFF TRANSPORTANDO OS FERIDOS

A RAINHA HELENA DA ITALIA A BORDO DO COURAÇADO REGINA MARGHERITA, DIRIGINDO PALAVRAS DE CONFORTO AS VICTIMAS DO TERREMOTO

MESSINA — POPULARES FUGINDO DAS RUINAS E LEVANDO AS IMAGENS RELIGIOSAS DAS IGREJAS

Tal a razão dos telegrammas que quasi diariamente são transmittidos de Messina, registrando novos abalos que conservam em permanente sobresalto os sobreviventes da grande catastrophe.

Os effeitos dos terremotos são muito variaveis, não se limitando á destruição dos centros de povoação e ao roubo de vidas preciosas.

O solo por vezes soffre profundas modificações, desapparecendo montanhas inteiras ao passo que outras surgem em logares em que nunca antes haviam existido, abertura de fendas enormes no solo que assim como foram abertas fecham-se repentinamente, expellindo ásvezes em verdadeiras erupções, á feição das vulcanicas, pedras, lavas e agua. Outras vezes permanecem para todo o sempre como a attestar, ferida enorme no seio do planeta a força de convulsões que lhes deram nascimento. Por vezes ha a elevação brusca de toda uma grande extensão de terreno, como aconteceu em 1822 nas costas do Pacifico na extensão de mais de 300 leguas, e na India em 1819 em que uma collina de 20 leguas de comprimento sobre 9 de largura ergueu-se sobre o solo plano, ao passo que leguas mais adiante o solo se afundava levando villas inteiras que foram cobertas de agua.

MARINHEIROS INGLEZES DO COURAÇADO MINERVA EM TRABALHO DE SALVAMENTO DOS FERIDOS

CADAVER DAS VICTIMAS, NAS PRAIAS DE MESSINA

Os terremotos podem tambem ser acompanhados de notaveis barulhos sismicos denominados retumbos.

Esses barulhos provindos do sub-solo são accessorios do phenomeno succedem-se por vezes em grande quantidade.

Por occasião do terremoto de Riobamba e cerca de 20 minutos depois da catastrophe, em Quito ouviu-se uma formidavel detonação, semelhante ao trovão forte.

Quando se deu o terremoto de Nova Granada em 1835, barulhos sismicos foram ouvidos em Bogota, em Popayan, em Santa Maria e em Caracas onde durou 7

horas a fio, na ilha do Haity, na Jamaica e em Nicaragua.

Em 1898 o geologo inglez Oldhan observou nas montanhas de Garo (India), depois do grande terremoto de Assam cerca de 50 barulhos sismicos em 24 horas.

A 28 de Dezembro, ás 5 horas da manhã um horrivel tremor de terra abalou a Calabria e o estreito de Messina causando mais de 200 mil victimas; todas as casas de Reggio e Messina foram destruidas; metade da população ficou sob os escombros; a explosão dos encanamentos de gaz causando o incendio; as aguas agitadas do oceano invadindo as ruinas e causando novas desgraças; tal a medonha catastrophe que acaba de enlutar a humanidade.

Os apparelhos sismicos do observatorio de Messina, resguardados em um subterraneo foram observados pelo astronomo Mr. Oddone depois do terremoto e registraram diversos abalos.

O primeiro, muito ligeiro, produziu-se ás 5^h, 21^m e 15^s augmentando a sua força durante dez segundos, diminuindo depois outros dez. Houve dous minutos de calma. E logo depois um novo abalo se fez sentir, esse de excepcional intensidade que produziu a catastrophe. Depois ainda registrou o apparelho novos abalos de fraca intensidade ás 5^h,45 ás 5^h,53, ás 9^h,5 e no dia seguinte ás 2^h,51 e 7^h,30 da tarde. A estes durante muitos dias succederam-se outros que provocaram a derrocada de pannos de muros abalados, sendo que um mais forte a 1º de Janeiro causou ainda umas vinte victimas.

Tal em rapidos traços o terremoto de Messina cujos horrores fazem ver as gravuras que ajuntamos a este artigo.

No Brasil os terremotos são conhecidos.. pelos que sabemos se dão em terras longinquas.

Ligeiros abalos sismicos apenas registrados no delicadissimo apparelho dos observatorios que não chegam a causar prejuizos.

A chronica colonial lembra alguns que descreve com as mais aterradoras cores. Mas é necessario dar desconto á imaginativa popular, que se aterrorisa ainda ao descrever os *grandes terremotos* do Ceará ou de Bom Successo em Minas, simples abalos sem importancia, sem o menor prejuizo material e chamou dos *Estrondos* a montanhas do interior de que teme o caipira se aprovimar.

CAÇA AOS SALTEADORES QUE DESPOJAVAM AS TICTIMAS DO TERREMOTO DA MESSINA

Entre os innumeraveis privilegios deste formoso paiz está, ao que parece o de jamais poder testemunhar as horrorosas scenas que estampamos hoje nas paginas do Kósmos occorridas nas provincias do sul da formosa Italia, desastre dos maiores que tem enlutado a humanidade.

KAR VAL.

AO REDOR E ATRAVEZ DO BRASIL

NA BACIA DO PRATA — CORUMBÁ

(Continuação)

20 de Julho.—A impressão que recebemos de Corumbá, se não foi das melhores tambem não foi das peiores. Uns vinte minutos antes viramos Ladario, especie de feitoria abandonada, com tres pequenos navios (um dos quaes encalhado, por imprestavel), algumas lanchas e torpedeiras—eis a nossa esquadra do Prata e respectivo arsenal!

Em fim, como nós nos revelamos no momento opportuno, bem póde ser que tal imprevidencianada signifique. Demais, parece que o Governo está olhando para essa questão naval com olhos mais cuidadosos.

* * *

Para quem chega em Corumbá o que impressiona mal é o aspecto poeirento da parte da cidade que dá para o rio. E' que toda a região em que ella está é de um calcareo que se desaggrega em poeira impalpavel, amarellada a qual, levada pelo vento ao frontespicio das casas dá-lhes um aspecto velho, bastante desagradavel. O que vem á mente do viandante. á primeira vista, é quê ali se não ama a pintura ou limpeza dos edificios.

Matutavamos n'essas considerações, quando nos procurou o engenheiro Evaristo Sosetti dizendo ter ordens do Major Rondon para nos facilitar o que precisassemos. O chefe da Commissão, incansavel na sua previdencia, não nos quizera deixar em palpos de aranhas, em terras que não conheciamos.

Mas as suas ordens foram em parte prejudicadas pelas circumstancias, de modo que, occupados todos os hoteis pelos passageiros em transito pela cidade ou por aquelles que já de bordo do "Javary" haviam solicitado e conseguido accomodações dos hoteleiros, ficamos verdadeiramente *à la belle étoile*. Por felicidade nossa e bondade dos Srs. Coroneis Medeiros e Caldas, socios da firma Ponce & C. tivemos agasalho na séde social d'essa firma.

As ordens recebidas do Major Rondon e constantes dos telegrammas de numeros 2705 e 2890, de 27 de Maio e 18 de Junho de 1908, determinavam que, em chegando a Corumbá pedissemos providencias ao Capitão de engenheiros Senna Braga, a fim de termos os transportes indispensaveis até o acampamento, passando por Caceres, rio Sepotuba e a Matta da Poaia e ganhando, depois, o planalto, quando fosse opportuno. Deviamos, portanto, deixar o Lloyd que ainda não tem navegação para S. Luiz e seguir na primeira embarcação para esta cidade.

Todo o resto do dia foi empregado no transporte da nossa bagagem para a Alfandega e de lá para a casa Ponce, onde pernoitamos um tanto perturbados pelos mosquitos, entre os quaes distingui representantes de *Anopheles*.

21 a 30 de Julho—Da sua origem de albergue de indios Caduéus, Corumbá tem já a sua historia bem saliente, com rasgos de bravura na guerra do Paraguay; hoje terá uns 9 mil habitantes sendo ponto de passagem dos viajantes que vêm dos portos do Uruguay e da Argentina, em busca do Brazil occidental e Central ou da Bolivia; e vice-versa. Muito bem começada, pois as suas ruas largas e alinhadas, cortando-se em angulo recto, recebem illuminação perfeita dos raios solares e são varridas pelos ventos desencadeados das planicies e banhados enormes que a circumdam a perder de vista, a cidade fica sobre uma elevação aproximada de 50 metros sobre o nivel do rio, para o qual, apesar de quasi toda plana, descamba obliqua e gradativamente. A' excepção do posto telegraphico, não tem ainda edificios publicos; o da camara municipal é alugado. Os seus poucos jornaes, hebdomadarios, (2) tem 3/4 de suas duas paginas, de boa impressão e formato agradavel, repletos de annuncios; custa cada exemplar 400 rs. o que é uma enormidade, em vista da parcimonia de assumptos que contêm. Nas escolas por frente das quaes passei e que me pareceram particulares, ouvi, do meio da rua, as licções dos meninos, estudados por aquelle mesmo methodo que já conhecia d'outras cidades do interior do Brazil e ao qual o Dr. Cicero de Campos julgava conveniente um acompanhamento de violão. Parece-me, comtudo, que os frades Salesianos ahi têm bom seminario. Pelo menos bom é o aspecto do grande edificio que vão construindo, com a constancia inquebrantavel das congregações religiosas. A agua é a do rio, sendo retirada por uma bomba a vapor que a leva para um reservatorio de ferro, donde é distribuida por meio de carroças a preço modico; a bomba fica no lado inferior da orla urbana do rio, o que, certamente, não parece hygienico, visto como não havendo esgoto, os detrictos organicos serão fatalmente

lançados á corrente pelas aguas e enxurradas que provierem da cidade, não sendo duvidoso que venham a viciar a agua haurida pela machina. No emtanto Corumbá, é salubre. As epidemias que ahi tem apparecido são importadas pelos navios procedentes de portos infeccionados; e máo grado não ser pobre em representantes o genero *Anopheles*, assim como haver quedas bruscas de temperatura com diferenças de 12 e mais gráos, pouco são os casos de molestia; um unico vi, n'uma pobre mulher da plebe—disserão-me ser de beriberi.

Corumbá é, sem duvida, a cidade de maior futuro do Estado de Matto-Grosso; e se os poderes publicos cuidarem d'ella com o carinho que merece, tem elementos para ser bellissima.

O movimente que tem já é notavel; os seus quatro hoteis estavam repletos e não havia casas para alugar, quando chegamos. O systema de distribuição de correspondencia é bastante regular, apesar do exquisito processo de remetterem as malas primeiramente para Cuyabá, donde voltam, então, para Corumbá; isso foi o que me informaram os proprios funccionarios do correio. Fallei em distribuição: —cada interessado vae buscar a sua correspondencia na propria agencia do correio. O commercio é importante, havendo para a cidade umas tres ou quatro linhas de navegação regular, fóra o serviço de diversas lanchas que se aventuram pelos tortuosos meandros do Paraguay e seus affluentes. Vi muitas arrobas de borracha procedente da Bolivia e fui ainda informado de que tambem passam por Corumbá, grandes porções de borracha brazileira, procedentes do Estado. Disseram-me ainda que, para as vantagens dos particulares contra o fisco, aquelles fazem passar por boliviana muita borracha do Brazil. Além d'esse producto, o commercio versa sobre couros de boi e de outros animaes (onça), gado em pé, madeiras de lei, herva matte, alcool, assucar, milho, farinha de mandioca, arroz, feijão, chapéos de carandá, etc. A importação, porém, ainda me parece grande, devido talvez á perniciosa tendencia á monocultura que domina em quasi toda a agricultura brazileira.

Trazia commigo alguns objectos para o Dr. Cesar Diogo, em serviço na Commissão de Limites dirigida pelo Almirante Guillobel. Por isso foi o meu primeiro cuidado procurar cumprir o meu recado. Na manhã de 21 tivemos a honra, os meus companheiros e eu, de sermos apresentados a todos os membros da Commissão, presentes. Esta acha-se confortavelmente installada, dispondo de todos os recursos necessarios ao cabal desempenho da sua séria incumbencia; e nós não temos palavras com que agradecer o cavalheiroso acolhimento que ali nos foi dispensado.

Propuz-me explorar a Lagôa Mandioré, aproveitando para isso, a passagem na canhoneira da flotilha do Paraguay, a serviço da commissão; tive porém de recuar por saber que só 2 mezes depois voltaria essa canhoneira da sua viagem, emquanto que eu deveria deixar Corumbá dentro de 14 ou 15 dias. Entretanto tal contratempo, ainda que se referindo a um serviço fóra da minha róta, foi cabalmente remediado pelo encargo que a si quiz tomar o Dr. Cesar Diogo, de ali collecionar para mim.

A' 23 conseguimos installação no melhor hotel da cidade.

Nos dias ulteriores effectuei algumas excursões nos arredores, não obstante me achar privados dos objectos indispensaveis ao serviço e que haviam seguido antes para S. Luiz de Caceres.

A fauna local está muito pouco estudada. A cidade tira proveito dos dourados e dos pacús cuja carne é muito frequente nas mezas matto-grossenses. Tambem é commum ver-se gabar a carne da cauda do jacaré ou a de um lagarto parecido com o jacaré e que creio ser *Crocodilurus lacertinus*. Graças ao Dr. Schutel, da Commissão Guillobel, pude obter um bonito exemplar d'esse animal; e si fôr confirmada a minha supposição, ter-se-ha que modificar a versão corrente até hoje, de que o mesmo saurio seja "exclusivo da bacia do Amazonas„.

Vi na cidade exemplares de mutum—*Crax sclateri* Gray, apanhado nas visinhanças, segundo me disseram. Deve tambem ser commum o Mutum-Cavallo—*Mitu mitu* (L). A onça pintada não é rara a algumas legoas em torno e, na casa do Snr. Coronel Alves de Barros, tive o ensejo de ver uma bonita pelle de guará—*Chrysocion jubatus*—o nosso lobo, morto na propria fazenda do Coronel, visinha de Corumbá.

Sobre os costumes da onça conversei com um dos seus maiores inimigos, d'entre os actuaes matto-grossenses, geralmente conhecido pelo cognome de Nhéco.

E' um brasileiro de estatura moderada, d'esse typo magro, porém cheio de vigor e agilidade, não raro entre sertanejos. Barba feita, bigode negro, nariz adunco e olhos vivos, negros. Se juntarmos a isso a tez algo queimada pelo sol, ahi teremos o Snr. Nhéco. As suas palavras, caracteristicamente accentuadas

e os seus gestos decisivos revelam, no conjuncto o homem destemido. Disse-me ter morto mais de mil onças na sua fazenda; eu proprio vi couros preparados por elle e as suas narrativas eram feitas á vista dos seus camaradas (indios guaycurús civilisados) que confirmavam em tudo o seu patrão.

O systema adoptado pelo Snr. Nhéco é o seguinte:

Procura as pégadas d'uma onça e n'ellas solta alentada matilha que, de pello erissado e ladrando de modo revéla um sentimento a que não está alheio o mêdo, vae buscar a féra nas mattas. Logo vê o caçador se tem que se haver com um animal *bravo* ou *manso;* no primeiro caso este, avançando por entre os cães, vem direito ao caçador; no segundo, trépa a uma arvore, ou se occulta no chão, n'alguma touceira de plantas baixas ou n'algum cipoal. Raras vezes vae só; acompanha-o um *zagaieiro,* geralmente um bugre que, armado de longa e solida lança (zagaia) espera a pé firme e olhar attento. Se o animal é *bravo* ou se é *manso* mas está no chão a lucta sendo mais perigosa é entretanto mais curta; elle proprio vem se espetar na lança, após algumas provocações. Se o animal é *manso* e está refugiado n'algum tronco d'arvore, a caçada é mais demorada e segura „sendo até possivel fazel-a presenciar por familias„.

N'este caso a matilha acúa furiosa e de coma hirsuta sob o galho, emquanto a onça, de cima, espreita attenta ora um ora outro cão. Chega o caçador, ella abandona os cães e fita o dono, não mais o perdendo de vista. Então se prepara a arena, roçando os homens o terreno em baixo, limpando-o de galhos e de tudo o que possa impedir o movimento aos atacantes. E' chegada a hora; o caçador escolhe ponto de mira a região nasal interocular da féra; quando queira, ainda evitar que o couro se estrague com esse furo, a pontaria é feita n'um dos olhos. Uma bala quasi sempre basta; cahe a onça, tiram-lhe a pelle.

Mas quando, o tiro não seja mortal ou porque, n'um movimento, o animal modifique a mira ou porque a emoção de que se acha possuido o atirador desvie a bala, então, muda-se a scena para o primeiro caso, pois a onça ataca logo o aggressor. Intervem ahi o *zagaieiro* e ou a mata no primeiro golpe ou a fere algumas vezes, retirando a zagaia para esperar outro e outro ataque, até que o animal se esgote. Ou então, o que é mais difficil e exige bons musculos e saber—no primeiro golpe, péga o zagaieiro ao sólo o *bicho* tal como um naturalista uma borboleta á pita.

Torce-se a onça, e procura com as garras o zagaieiro, ferindo o ar, a zagaia e mordendo o sólo ensanguentado. Verga-se em arco o cabo da zagaia, solido páo de lei; saltam do corpo os musculos do bugre, faiscam-lhe as pupillas iracundas na furia de matar, acodem os cães, fugindo a tempo das garras aceradas. Carregando a arma, o caçador anima o bugre: "Aguenta Compadre„ (1) e repete o tiro, d'esta vez com mais cuidado.

Baqueia, emfim, a féra; saca-lhe o bugre a lança do fumegante e avelludado corpo e limpando co'a mão o suor do rosto, solta o brado da victoria:

— *"Conheceu? Bicho!„*

Acabou-se a festa.

Embora o Snr. Nhéco affirmasse a possilidade de uma familia assistir a uma caçada de onça, declarando que já levára a sua, por diversas vezes, a *essa diversão,* não sou eu quem aconselhe tal genero de *sport.* Nem sempre as cousas se dão da mesma forma, e não é prudente expor uma senhora aos perigos de uma lucta com tão agil quão respeitavel adversario, lucta em que nem sempre o homem é o vencedor.

Aqui vae um facto que me foi narrado pelo cunhado do Snr. Nhéco, um robusto e calmo matto-grossense

"Foramos caçar onça—eu e um zagaieiro. Levamos apenas uma cadella, um pouco pesada mas que, mesmo assim, em breve deu rastro e acuou n'um cerrado de cipós onde nada viamos. Mal eu acabava de chamar a attenção do *zagaieiro* para os avisos da cadella, separando os cipós sahio a onça, rapida sobre esta que fugio para perto de mim. Ao meu lado havia um páo onde a cadella esbarrou, perdende a carreira e sendo então descadeirada por uma patada da onça que só então deu commigo. Oh! Senhor! O *bicho,* tendo as unhas espetadas na cachorra, levantou para mim a cabeça, de bocca aberta, com aquella dentadura branca destacando do *vermelhão* da guéla á mostra! Que cousa feia! Parece-me que apertei o gatilho da espingarda porque matei a onça. Como foi? Não sei!„

Diz o Snr. Nhéco que a gestação da onça dura 3 mezes e que ha 3 partos por anno, de um a 4 filhotes. Estes nascem de olhos abertos. Os machos matam os filhos quando novos. Com pouco mais de um anno uma onça é adulta, tendo mudado os dentes.

(1) "Compadre„ é o titulo que mais agrada aos bugres; é para elles alguma cousa mais do que amigo.

***

Em geral, é costume das pessôas que se dão á caça e observação das onças e suas pelles, darem-lhe diversos nomes, chamando-as onça preta, tigre, jaguaretê ou acangaçú, acangaçú de malha larga ou miuda ou simplesmente pintada.

Em primeiro logar o nome de tigre, dado principalmente pelos uruguayos, paraguayos ou argentinos e o de onça commum aos gatos grandes no Brazil são dous nomes improprios por pertencerem á animaes exoticos que, nada têm que ver com a nossa fauna. Em segundo logar as outras designações se referem tão sómente a uma e unica especie, a que se póde conscienciosamente conservar o nome de *Jaguaretê* que é perfeitamente brasilico. Por uma concessão se admitta o *Jaguarapixuna* para a variedade melanica do Jaguaretê. O mais só serve para disseminar idéas erroneas ás pessoas que não se dão ao estudo de zoologia.

Póde-se resumidamente dizer segundo todos os documentos até hoje existentes, que na nossa fauna ha só as seguintes especies de gatos :

1.—F. ONÇA—L com 2 variedades
- 1 amarella—Jaguar Jaguaretê, Acangaçú, Pintada.
- 2 negra — Tigre, Jaguarapixuna *(Felis discolor)* d'alguns autores (var. rára)

2.—F. CONCOLOR—L Suaçurana, Onça-Parda, Suaçurana de Lombo Negro.

3.—F. PARDALIS—L Jaguatirica, Acangaçú do cerrado, Maracajá.

4.—F. MACRURA—Wied—Jaguatirica, Maracajá, Gato do Matto.

5.—F. JAGUARAUNDY—com 3 variedades
- 1 moura—Gato mourisco Jaguaraundy, Jaguaragumbé.
- 2 amarella — Eira.
- 3 negra—(rára) Maracaja Preto. Jaguaraundy-Preto.

***

Quem se dirige para Matto-Grosso, vem carregado de insinuações temerosas que começam desde logo com o suggestivo nome do Estado ; depois vêm as historias das onças, depois os selvagens anthropophagos, depois as varias manifestações do impaludismo e da variola. Não é pois de admirar que com a propaganda sempre cheia de exagero que fazem de todas essas cousas, o forasteiro que busque o Estado venha com a convicção firme de que marcha para a morte inevitavelmente. Acontece, porém, que logo que elle entra dentro do estado, só vê mattas mediocres e grandes planicies e banhados ; encontra conhecidos dos *logares onde não se morre* mais gordos e corados do que jamais foram; anda leguas e leguas não se vê uma onça; os bugres com quem se encontra estão vestidos e olham-n'o com sorrisos de generosa bondade, respondendo em portuguez ás perguntas que lhes são dirigidas; não vê gente do logar senão robusta e saudavel !

E logo lhe salta á mente esta questão : Porque tal propaganda desta terra ?

Será para que possam, os que a possuem, melhor gosal-a a sós ?

E lá se foi por aguas abaixo, no maior dos desapontamentos, o acto de bravura que attribuira á sua penetração neste solo de mil e uma noites ! Matto-Grosso é bem um pedaço do Brazil, tão alagado como os baixios do Norte, tão quentc como o Rio de Janeiro, tão cheio de mosquitos como o arrabalde de Todos os Santos, do Rio, tão cheio de malaria como Estrella e Sapucahy, no Rio, tão cheio de onças como o Rio Grande do Sul ou o Estado do Rio, tão cheio de bugres como o Estado do Paraná ou o do Espirito Santo.

Mas não é tudo. Outros assumptos são ainda antepostos á resolução do viajante em lendas phantasticas capazes de fazer tremer um Ferrabraz, e em Corumbá eu as ouvi pintadas com cores mais vivas do que já ás ouvira em outras localidades, fóra do Estado de Matto-Grosso.

Um desses assumptos maravilhosos e constituido pelo "Minhocão" de que já se occuparam homens de reconhecido valor, entre os quaes Saint Hilaire. Eu o conhecia de Minas-Geraes, desde os 12 annos de idade :

Repetia-se entre pessoas de minha familia que meu avô Tenente-Coronel do Exercito, Francisco Innocencio de Miranda Ribeiro, atravessando o Rio S. Francisco, uma vez em canôa em que trazia um cão, este, de subito, cahiu n'agua e desappareceu. Ordenou, então o Tenente-Coronel a um indio que mergulhasse e procurasse o cão. De faca entre os dentes, mergulhou o bugre, voltando em breve para informar que o animal estava morto e sendo devorado por um *Minhocão*. Não houve forças capazes de fazer o indio entrar n'agua outra vez, nem pessoa alguma da comitiva se animava a isso. Bem poderia ser patranha do Indio.

Tal narrativa me ficou, comtudo na memoria, até que mais tarde tive ensejo de estudar o assumpto—de estudar—de lêr referencias tão vagas como a que citei.

Disseram-me que em Corumbá, até havia uma pessoa que vira o "Minhocão". Procurei-a Era um velho italiano, um dos mais velhos moradores da cidade, antigo capitão de navio reduzido á vida sedentaria de administrador de

fazendas. "Não, disse-me elle, eu não vi o Minhocão, vi o seu rastro. Meu filho sim, o viu uma vez e correu delle ás leguas. Disse-me que era preto e parecia um enorme bote de quilha para cima. O rapaz estava numa canôa no rio Paraguay; encostou-se á terra e correu com todas as forças para casa. Fui ver o logar e encontrei o seu rastro, na lama e no Agua-Pé (1). Era uma depressão enorme, um sulco muito largo que só uma embarcação grande poderia ter produzido; e por toda a redondeza só havia canôas e essas mesmas pequenas."

Méra phantasia! No continente, com taes dimensões e habitos aquaticos só se fossem os enormes *Dinosauros* do periodo terciario— esses já passaram nos tempos que não se conta. Na nossa fauna não ha monstros de tão grande porte.

A hypothese de Saint Hilaire, de que o Minhocão fosse a *Lepidosiren* é inacceitavel, pois este peixe mal attinge a um metro em todo o comprimento, quando perfeitamente adulto.

O Minhocão é um mytho, equivalente á lenda popular do Sucury matar um boi, esmagando-lhe os ossos e o engulir quasi todo, deixando de fóra os chifres que só cahem depois de podres!

Força de imaginação...

* * *

A nossa permanencia em Corumbá era verdadeiramente inutil.

Separados do material para conservação das collecções que seguira adiante e sem meios de agir, pouco conseguimos das nossas excursões.

Nas barracas da "Hydraulica" (a bomba que leva a agua para a cidade) descobri ninhos de morcegos que me forneceram uma boa porção desses animaes.

Comtudo, representavam apenas dous generos e duas especies: *Nyctinomus brasiliensis Geofr e Dirias albiventer* (Spix).

Notei que cada uma das formas occupava uma moradia em separado. A' tarde, pelas 6 1/2 ou 7 horas, começavam todos a sahir dos esconderijos e, conjunctamente então, planavam o oscillante vôo pela superficie das aguas do Paraguay. Ambos são ribeirinhos; e não será improvavel que esse *Nictimus* não seja tambem icthyophago como *Dirias*.

(1) Bancos de uma planta aquatica do genero *Pontederia*.

* * *

A chegada d'um amigo, o Tenente do Exercito, Firmino Portugal, trouxe-me a nova de que com o "Oyapoc" vapor do Lloyd, vinha um contingente de praças destinadas á construcção da Linha Telegraphica de Matto-Grosso ao Amazonas. Esse contingente devia seguir logo para o seu destino, o que me suggeriu a idéa de aproveitar o seu transporte para effectuar tambem o nosso. Seria ainda o ensejo de experimentar uma viagem rio acima, por meio de lancha, além do tempo que com isso ganhavamos todos tres e das despezas de hotel que eliminavamos. (1)

Admittiu-nos o Tenente Portugal em sua companhia e na tarde de 4 de Agosto, tomamos passagem á bordo da lancha "Tucuary„ — de propriedade de um dos rarissimos portuguezes que se encontram no Estado.

E dissemos adeus a Corumbá.

Durante a permanencia na cidade adquirimos diversas relações, entre as quaes a do Sr. Coronel Ponce, Governador do Estado que se dignou de nos receber por duas vezes e a quem eramos tambem gratos pelo acolhimento que tivemos em a sua casa commercial, durante os dias em que não conseguimos installação nos hoteis.

Por muito tempo, vimos ainda a cidade, na sua illuminação a kerosene; o Paraguay forma á sua frente muitos zigues-zagues donde ella apparece, ora a bombordo, ora a estibordo. Mal accommodados, em torno de uma pequena mesa e sentados sobre achas de lenha de que tanto a lancha com as chatas estavam atulhadas, fizemos o possivel por ingerir o abundante e succulento jantar de bordo — muito superior ás *comedidas* refeições de hotel onde viveramos.

A' noite, vencendo a corrente do fabuloso rio, incendiado pelos ultimos clarões do crepusculo, procuramos o leito, armado dentro da chata acostada á lancha. A' popa, á reboque, duas outras embarcações deste jaez regorgitavam de soldados.

O meu espirito acompanhava a melancholia desses paúes interminos e voava para o seio dos meus, numa evocação de saudade.

ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO.

(Jurema).

(1) Além de uma diaria de 6$000 por pessoa, tudo que não fosse a mesa do dia ou o leito era extraordinario; e os extraordinarios eram simplesmente exhorbitantes: uma limonada 500 rs. uma chicara de café com pão e manteiga 1$000.

L'INFRANCHISSABLE OBSTACLE

Non, tu n'as pas compris; tu ne pouvais comprendre...
Rien ne semblait alors s'élever entre nous,
tu me parlais tout bas, consolatrice et tendre,
et moi je sanglotais, le front sur tes genoux...

— Je t'aime — disais-tu. Et comme au bord d'un gouffre
d'un vertige soudain atrocement surpris,
un cri m'est échappé, un seul: — Ah que je souffre! —
Tu ne pouvais comprendre, et tu n'as pas compris.

— Souffrir, répétais-tu, pourquoi? puisque je t'aime? —
Charmante présomption de ton coeur ingénu!
Comment te dire, enfant, que c'est par cela même
que j'ai souffert alors un supplice inconnu?...

Un vieux récit du Nord conte qu'une sirène
un jour s'énamoura d'un homme, d'un mortel;
il l'adorait aussi, mais la mer souveraine
entre eux deux étendait un obstacle éternel.

En vain s'appelaient-ils dans la nuit solitaire
lorsqu'il allait errer, pensif, au bord des flots:
elle ne pouvait pas venir vivre sur terre,
l'homme ne pouvait pas descendre sous les eaux.

Ainsi la cruauté des faits entre nous dresse
un obstacle fatal, implacable aux vivants.
Et malgré ton amour, et malgré ma tendresse
nous ne pourrons jamais joindre nos coeurs fervents.

* * *

Aussi lorsque tes yeux tranquilles me regardent
et que du fond des eaux tu tends les bras vers moi,
je voudrais, sous les flots ennemis qui te gardent,
d'un audacieux effort m'élancer près de toi.

Mais dans ton élément, moi, je ne peux pas vivre,
ma sirène, j'étouffe, et je n'y puis rester:
l'air épais m'en oppresse, et m'écoeure, et m'énivre:
de l'air frais! de l'air libre! il me faut remonter!

Je suis d'un autre temps, je suis d'une autre race;
l'effort est superflu de nous tendre la main,
car le temps nous sépare encor plus que l'espace:
tu t'appelles JADIS, je m'appelle DEMAIN.

D'un monde encor futur exilé sur la terre,
je ne suis pas des tiens, tu n'es pas de mon sang;
je ne révère point les dieux que tu révères
et mes farouches dieux refusent ton encens.

Même ce mot d'amour qui t'a faite si forte
pour moi n'est plus qu'un mot mensonger et banal:
le doux Eros est mort, l'Illusion est morte...
Mais les dieux, même morts; nous font toujours du mal!

Comprends-tu maintenant pourquoi, pauvre sirène,
j'ai tant souffert quand tu m'as dit que tu m'aimais?
car la communauté de la douleur humaine
en ce moment fatal nous unit pour jamais.

* * *

La petite sirène à qui je te compare
au prix d'efforts cruels conquit sa liberté,
et pour que rien, même la mort, ne les sépare,
laissa jusqu'à l'espoir de l'immortalité.

Mais toi, le pourrais-tu sans craindre les huées,
laisser ton monde plein de fantômes odieux
et venir avec moi sous le ciel sans nuées
d'où le vent du matin a chassé tous les dieux?

Il faudrait pour cela de trop dures épreuves;
il faudrait tenailler et ton âme et ton coeur
au brasier où le Temps forge les âmes neuves
sur l'enclume sonore où frappe la douleur.

Il faudrait te laver des saintes impostures
qu'ont gravé savamment en toi les hommes noirs,
effacer de ton coeur leurs maximes impures
et rapprendre avec moi tous les humains devoirs.

Et nous ne serions pas tranquilles ainsi même:
car sur ton front limpide à l'ivoire pareil
je croirais voir toujours la tache du baptême
comme un mal endormi dont on craint le réveil.

Et tandis que vers toi le vertige m'entraîne,
voilà pourquoi, le comprends-tu, je souffre tant....
et pourquoi ton amour fait revivre ma haine
contre la croix dont l'ombre entre nous deux s'étend...

MARCELO VEREMA.

TENTAÇÃO

AQUELLA hora o Banco fervia de gente. E, ao calor de forno, ao zumbido dos ventiladores agitados, emquanto esperava que o *guichet* de informações se esvasiasse, elle se ia enervando com toda aquella multidão que alli entrava e sahia aos empurrões.

Um homem que chegou com um grande maço de cedulas, pol-o mais enervado e triste. Ficou sombriamente a olhar aquelle dinheiro, imaginando umas coisas que lhe faziam a miseria mais enfadonha: a visão de obtel-o e gastal-o e a magoa de não ter a mais vaga esperança de possuir uma só d'aquellas cedulas.

Tinha ido alli receber o dinheiro que a a familia lhe mandara. Estudante, vindo da provincia para arriscar a sorte, aqui estava no tumulto da cidade, sem rumos e veredas, cançado da pobreza que lhe ia devastando a vida e esmorecendo os animos.

Chegara sosinho, sem uma carta de recommendação no bolso, com os restos de uns dinheiros que a familia lhe dera, inteiramente desamparado e uma confiança infinita na sua aspiração de subir e conquistar.

E nunca o triumpho parecera tão difficil e tardio. Na sua provincia as coisas se lhe apresentavam de uma facilidade animadora e tinha quasi certeza de que, aqui chegando, para elle se escancaravam as janellas da ventura e a vida lhe seria uma paysagem feliz, risonha, frondente e illuminada. Ouvia falar do Rio como de um Eldorado onde os sonhos floresciam numa exuberancia candente, como de uma Canaan paradisiaca onde a semente da aspiração tinha amiga e boa terra para rebentar e crescer.

Mas ao chegar, os aspectos que de longe via de subito mudaram como se muda a vista de um cosmorama. Não lhe parecera mais aquelle pedaço magico de terra que elle construira em devaneios e de que toda gente contava assombros, era uma cidade como nunca imaginara, onde a multidão se agitava num combate tumultuoso de vida, cada um cuidando de si, sem ao menos ter tempo de olhar os que, derrotados, iam ficando atraz. E a impressão vibrou-lhe tão alto na alma que teve impetos de voltar para a sua provincia pacata que abandonara confiante e alegre como um conquistador em busca de um triumpho certo e, nessa mesma noite, vieram-lhe pela primeira vez numa impetuosidade virgem, as sensações da saudade, saudade que rebentou em lagrimas e prantos pela sua gente que ficou distante e chorosa, pela sua serena terra tranquilla e bôa.

Já que tinha vindo era ficar. E ficou. Surgiram-lhe as ingratidões da vida em cidade grande. O dinheiro que trouxe de casa esse se foi vorazmente em pouco tempo. Atirou-se á procura de trabalho. Foram dias atrozes a vagar pelas ruas, sem dinheiro, sem comida e cheio de desesperanças que despontavam a cada passo. Promessas que não passavam de promessas: dias inteiros rolava desta para aquella secretaria, com uma ou outra carta de recommendação que conseguia e, muitas vezes nem siquer essa mesma carta podia fazer que chegasse ao destino. Eram difficuldades sobre difficuldades: continuos de ministerios que o faziam desanimar a porta, continuos que lhe difficultavam a entrada, figurões que o evitavam ou pediam para ter paciencia e esperar.

Voltava para casa, para o seu quartinho onde mal cabia a cama, morto de cansaço e mais morto ainda de desilusões.

Nem mesmo em casa podia ter descanso. Era o senhorio que vinha esperal-o ao portão, a pedir-lhe ameaçadoramente o dinheiro, era a luta de evital-o, os sustos de ser posto na rua, o trabalho de imaginação para inventar desculpas que serenassem os credores.

Nem mesmo deitado tinha socego. Começava a imaginar desiludidamente a vida, a miseria que se lhe ia cavando aos pés, o dia seguinte sem dinheiro para comer, os sapatos que se iam rasgando, os collarinhos, os punhos que eram todos sujos, a lavadeira que o vinha acordar pela manhã, as roupas que iam escasseando e puindo, a luta do outro dia feroz e desanimadora.

Mas aos poucos a sua cabeça ia fervendo numa fornalhada de sonhos. Via-se de subito feliz, a carteira atulhada de dinheiro, tendo passeios estrondosos, carros e mulheres. Cinco minutos mais tarde era senhor de emprezas, conhecido por toda a cidade, invejado por todo o mundo, querido e amado, tendo contos de réis para gastar, dando recepções e banquetes, o seu nome clangorado pelos jornaes, a sua fama espalhada em toda a parte.

E dormia sobre uma ruma fulva de milhões fantasticos, entre sedas e vinhos, beijando collos de uma alvura magnifica para, no dia seguinte, acordar atarantado na sua caminha

rangedora e estreita, sem um nickel para o café e para o jantar.

E acordava para novos dissabores. Ia pelas escadas esgueirado e arisco para que o senhorio o não visse e, nas ruas repetia as visitas aos ministerios, esperando que os ministros entrassem e os continuos consentissem que elle falasse com os ministros.

Atirou-se a tudo. Dezenas e dezenas de vezes subia as escadas dos jornaes, timido e humilde, com trabalhos que nem siquer lançavam os olhos por cima, trabalhos que elle debalde procurava afflicto no outro dia para maior desilusão e mais profunda dor

E estava nisso ha seis mezes. Devia os cabellos da cabeça e já trez vezes o senhorio tinha-lhe posto a mala na rua, despejando-o.

E nessa luta feroz, quando os desanimos vinham ferir-lhe, muitas vezes pegava a penna para contar á sua mãe que na provincia ficara cheia de lagrimas e saudades. Mas não passava da primeira linha. Tinha vergonha de confessar aos seus a sua miseria. Vergonha e dor, a dor que ia cavar no coração da familia em sabel-o em terra distante mais desamparado que um naufrago.

E desvairadamente ficava em longas insomnias a matutar, a imaginar um meio de melhorar de sorte, de ganhar dinheiro para que ao menos pudesse pagar o que devia. Ah, sim, queria pagar! A honestidade instalara-se-lhe na alma e nos actos, num absolutismo severo, torturando-o longamente pela dor de não poder pagar uma divida. E, em todos os seus devaneios de riqueza, quando, nas noites de insomnias, procurava adormecer sobre pilhas de ouro, entre milhões e faustos, ella voava serenamente pela sua imaginação como um passaro que fizesse parte d'aquella paysagem.

Nunca vacillou. Muitas vezes encontrara quem lhe procurasse apagar os sulcos profundos de honra que a educação de casa lhe deixara no coração, mas, por maiores que fossem as seducções, nunca o prumo de seus actos soffrera o mais leve desvio.

Aquelle dinheiro que ia receber no Banco, mandara-lhe a familia adivinhando a vida de tormenta que elle levava em terra alheia.

Era o primeiro dinheiro que ás suas mãos chegava, depois dos seis mezes que sahira de sua terra. Ia todo inteirinho para os credores.

Nem mesmo assim teria a vida aprumada. Aquillo mal chegava para contentar a turba ameaçadora a quem devia.

E, no meio d'aquella gente, no zumbido dos ventiladores agitados, elle se ia approximando das grades na pressa de sahir d'alli, d'aquelle cheiro embriagante de cedulas, receber o dinheiro e pagar os credores.

O homem do maço de cedulas, á janellinha do *guichet* do recebedor contava-as. Era uma quantia enorme que ia a contos de reis.

E elle sem querer não podia afastar os olhos d'aquellas rumas de papel, meio tonto, o rosto enrugado, nervoso, mas com um vago sorriso pelos labios.

O homem das informações tomou-lhe das mãos o recibo e entregou-lhe a chapinha numerada.

Elle foi em direcção do *guichet* do pagador Cada vez mais chegava gente. Custou a romper a multidão e encostar-se ás grades.

Passaram cinco minutos. Os seus olhos voltaram-se para o pagador que, de cabeça baixa, contava dinheiros. Tudo aquillo era feito como por machina: os dedos do homem corriam de cedula em cedula numa celeridade mechanica e pasmosa, quantias de vulto eram contadas rapidamente com uma precisão de assombrar, gente entregava e recebia, sahindo, entrando num lufa-lufa febril.

Aquellas dezenas de contos corriam em maços, em rumas, iam-lhe dando tonteiras. A espera que gritassem pela sua chapa, foi-se lentamente alando para o sonho e, em pouco, era senhor de toda aquella riqueza, dono de palacios, vivendo entre magnificencias e mulheres.

As cedulas que os seus olhos iam devorando bastavam para mudar inteiramente os revezes da sua vida, para fazel-o feliz e poderoso e, sem querer imaginara a possibilidade de, uma noite, quando a cidade dormisse alli entrar sosinho e levar comsigo todo o dinheiro que estivesse atulhando aquelles cofres. E repelliu para longe o pensamento que viera enodoar-lhe a pureza esplendida do sonho e ficou de novo a sonhar, imaginando o que faria se tivesse ao menos a metade das quantias que por aquelle banco passava. Ah, se tivesse! Nessa mesma tarde, ao chegar em casa, entraria festivamente, dinheiro para um, dinheiro para outro e depois toca pandega! passeios de carro pelas avenidas e praias e á noite mulheres, mulheres que lhe offuscavam com a alvura esplendente dos collos, com os rangidos das sedas e fulgor das pedras.

A voz do pagador acordou-o:

— Chapa 15!

Elle estendeu a chapinha.

O homem poz-se a contar o dinheiro.

Mas que era aquillo? O que lhe mandara a familia eram apenas duzentos mil reis e no

entanto o pagador estava a contar cedulas sobre cedulas. Num relance comprehendeu tudo: o homem se enganava com as cifras do recibo. Ia avisar-lhe o engano, mas de subito uma lufada de tentação atontou-o, viu num relampago os gosos faiscantes da vida, ceiatas, banquetes, carros, mulheres e vinhos...

— Prompto! Dois contos de reis! disse o pagador entregando-lhe rapidamente o dinheiro.

Elle estendeu as frias e diaphanas mãos de defunto e, como num delirio, veiu sahindo com as cedulas muito apertada nos dedos, inconsciente, a cabeça ardendo numa febre, parecendo estar suspenso do chão.

E foi pela rua atôa, como doido, delirando, quasi a correr, cada vez mais frio, o coração pulsando como nunca, a cabeça ardendo cada vez mais.

— Psit! Psit!

Todo o seu corpo sacolejou. O coração parecia-lhe querer saltar-lhe do peito afora. Devia ser o pagador que vinha atraz delle a correr.

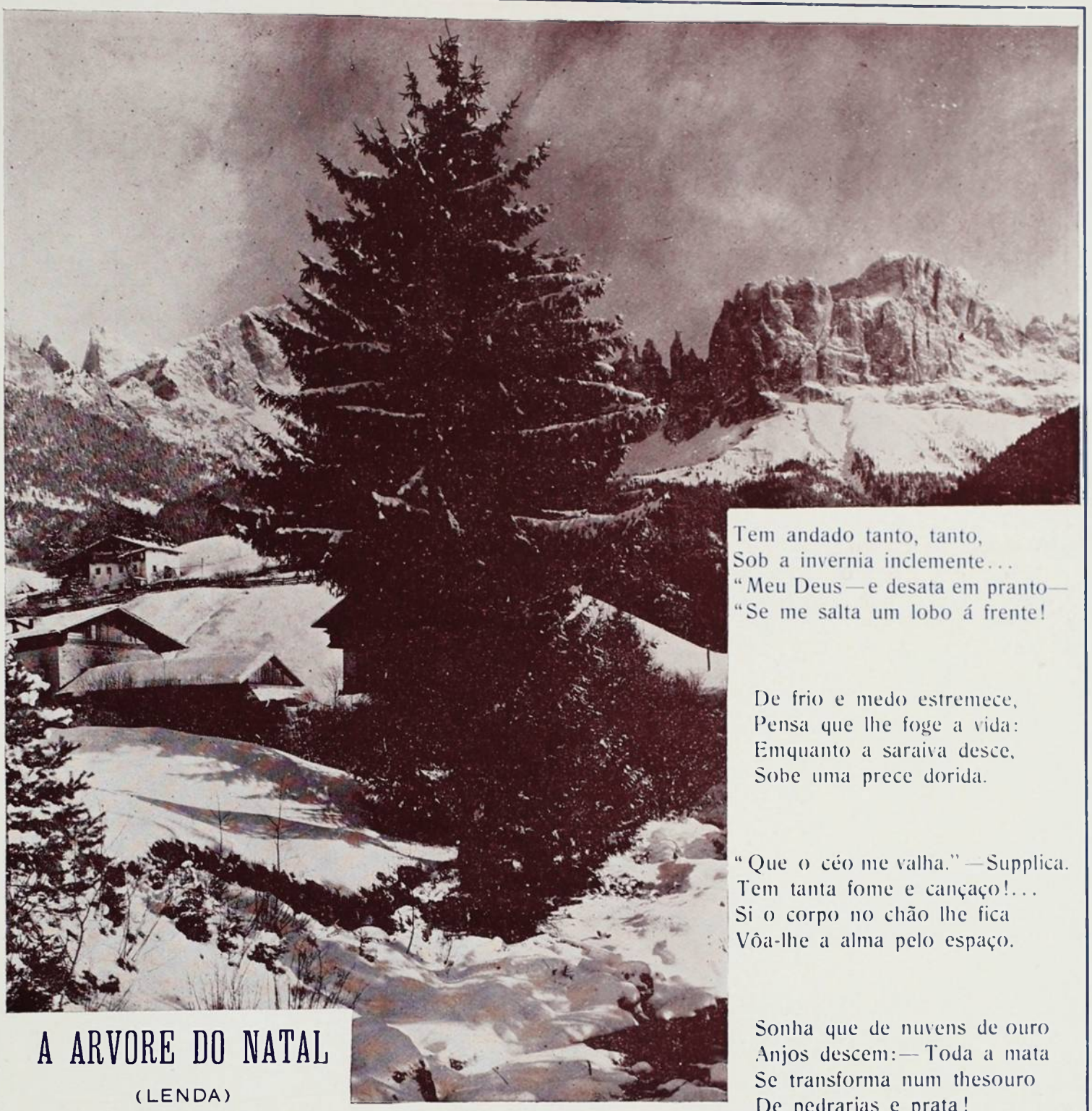
— Psit! Psit!

Quiz correr. Não poude. Não tinha mais força para dar um passo. Alguem pousou-lhe a mão no hombro. Uma onda de sangue subiu-lhe congestionadamente á cabeça. Os seus dedos abriram e o dinheiro cahiu.

Elle desabou sobre as pedras, morto.

Quem lhe pousára a mão nos hombros fôra um seu velho amigo de infancia e nada mais.

VIRIATO CORRÊA.



A ARVORE DO NATAL

(LENDA)

Hoje, num paiz distante,
O louro sol passa breve,
E a floresta verdejante
Toma um vestido de neve.

De neve é o tecto das casas,
A triste cruz dos caminhos
De neve, de neve as azas,
De neve todos os ninhos!

Faz muito frio. Na estrada
Apenas o pobre e o vento:
Um, passa de alma angustiada,
Outro, num surdo lamento.

Um dia (faz muitos annos
Que isto aconteceu), um dia
Num casebre os desenganos
Puzeram longe a alegria

Nem um só riso soltava
As azas de sons e côres;
Para aquecer só a lava
Candente dos dissabores.

Um pequenito que o frio
Engelha os pés nos tamancos,
Sob a neve olha o sombrio
Campo de horisontes brancos!

"Filho—a mãe diz—apagou-se
A nossa lareira." E a creança
Num olhar de ave, tão doce:
— Fecha os olhos, mãe, descança.

Lá váe direito á floresta
Por um sitio solitario;
Para guia-lo só lhe resta
A flexa de um campanario!

Tem andado tanto, tanto,
Sob a invernia inclemente...
"Meu Deus—e desata em pranto—
"Se me salta um lobo á frente!

De frio e medo estremece,
Pensa que lhe foge a vida:
Emquanto a saraiva desce,
Sobe uma prece dorida.

"Que o céo me valha."—Supplica.
Tem tanta fome e cançaço!...
Si o corpo no chão lhe fica
Vôa-lhe a alma pelo espaço.

Sonha que de nuvens de ouro
Anjos descem:—Toda a mata
Se transforma num thesouro
De pedrarias e prata!

Que fulgor! Dos arvoredos
Sáem fructas sazonadas,
Luzes, confeitos, brinquedos,
E fitas entrelaçadas!

Já toda a selva se anima!
E, elle a mãesinha, que o espera,
Tambem vê, porem... num clima
De celeste primavera!

25 de Dezembro—1905

J. M. GOULART DE ANDRADE.

INSTANTE NEGRO

Anda, acima de nós, na abóbada infinita,
Em sinistro remigio, algum sinistro corvo
Que grasna ao nosso mal e á nossa dor crocita
Pondo, entre nós e o sol o seu feral estorvo !

Anda, abaixo de nós, uma vibora afflicta
Que assalta o nosso sangue e o suga sorvo a sorvo !
A terra é para nós uma furna maldita.
O céo é para nós um tecto negro torvo !

Terra e céo, contra nós, se conspiraram ambos.
A vida é um volutábro, e o soffrer não se exprime
Com que andamos por ella esfalfados e bambos.

Nem mais ao proprio Poeta ha um amor que o reanime;
— Em vez de Elle hoje entoar hymnos a dithyrambos,
Canta a gloria suprema e a volupia do Crime !...

EMILIO DE MENEZES.

O DILUVIO — DE GUSTAVO DORÉ

"O DILUVIO" — DE GUSTAVO DORÉ

ZOLA teve uma phrase justissima a respeito de Doré. Admirador do fogoso artista e conhecedor de toda a sua obra, foi o mestre do naturalismo quem melhor definiu o grande romantico do desenho : " Gustavo Doré, para se o julgar numa palavra, é um improvisador, o mais maravilhoso improvisador do lapis que até hoje tem existido— *le plus merveilleux improvisateur du crayon qui ait jamais existé.* „

E nisto está dito tudo.

Nenhum artista dentre todos os do seu tempo, no numero enorme dos que se fizeram sob a influencia do romantismo, nenhum teve como elle a facilidade de por em imagem a idéia disperta, ou de representar pelo desenho a sensação recebida. Porque neile não havia o observador, havia apenas o imaginoso. A concepção não lhe ficava na dependencia de associações multiplices, ajustando-se, unindo-se, juxtapondo-se vagarosamente ; vinha de um jacto, nascia-lhe complexa, e logo, immediatamente, revestia-se da fórma que devia ter na gravura.

O lapis era lhe como uma penna de articulista, mal esboçava, chegava mesmo a não esboçar, mas o traço sahia-lhe quasi definitivo, raras vezes susceptivel de emenda, de correição, de aperfeiçoamento, e a mão que guiava esse *crayon* magico, essa varinha de fada dos contos lendarios, a cujo poder, num simples aceno, ao mais leve movimento de mando, surgem maravilhas, essa mão era nervosa e apressada, como temerosa de não poder acompanhar o clarão que se fazia naquelle cerebro no momento febril de compor.

Claretie, retratando-o nos *Protraits*, diz-nos: Regardez, il est délicat, preque fluet. Mais il y a tant d'activité dans son œil pétillant, tant d'humour dans ces lévres, dont l'inférieure qui avance un peu, semble narguer ; cette chevelure est si riche et soyeuse, qu' on devine aussitôt un tempérament hardi, plein de séve et de verve, prime-sautier, facile dans l'improvisation, et — car si l'œil brille, ile se recueille aussi, — composé à la fois de la pétulance mèridionale et de la rêveuse melancolie du Nord."

Por essa rapida silhuêta comprehende-se-o. Era o artista expontaneo, atacando o assumpto num impeto, ao impulso da emoção recebida, com a audacia e o vigor das naturezas meridionaes, mas em cujo cerebro se acastellavam brumas de sonhos, porquanto Gustavo Doré foi umi dealista impenitente, olhando com indifferença para a realidade, e inteiramente votado ás creações superabundantes da sua fogosa imaginativa.

Disseram alguns criticos que essa irresistibilidade para o sonho devia ser resultante da influencia que, na sua infancia, sobre elle exerceu a cathedral de Strasbourg. E' um modo gracioso de explicar a sua origem.

Mas, junto á graciosidade do modo, encontra-se alguma cousa de mais positivo, uma certa razão de ser que mereceria explanação cuidosa, porque é de admittir-se que a sua fantasia se desenvolvesse e apurasse deante da grandeza floreada dessa massa architectonica de Erwin, em que a facundia expressional dos seus esculptores, notadamente de Sabina Erwin, foram admiravelmente fecundas.

E bem notado, o improviso de Doré tem as complicações imaginosas do Sabbat das contrafortes, archivoltas e frisas da mole cathedralesca.

O *Judeu Errante*, e o sublime poema da *Divina Comedia* como o *Dom Quixote*, offereceram margem á sua inspiração para recordar-se daquella soberba obra do gothico feudal, cuja decorativa é um prodigio de movimento e de conjuncto, apesar do delinio confuso da sua primeira impressão. E Gustavo Doré evocou-a na sua memoria, fel-a minudear-se, recompôz e animou os seus santos, os seus heroes, as suas bruxas e os seus gnomos ; augmentou-lhes as proporções visionadas, torceu-os, retorceu-os, mudou-lhes feições e geitos, multiplicou-lhes fórmas e géstos, transformou-lhes meneios e attitudes, e produziu essa obra extraordinaria de movimentação desconnexa, de tragedia vislumbrada ou de farça em esboço, que ahi ficou para todo o sempre a lembrar o seu genio.

Mas, ainda que se a olhe como uma fantasia, e por menos que ella nos penetre fundo n'alma por sua falta de verosimilhança, não é possivel negar-lhe o poder impressionante. Esse, ella o tem.

Quem a vê, de subito, ao abrir dum livro, duma dessas grandes, pesadas edições de luxo que ornam os centros de salões ricos e as bibliothecas exibicionistas dos homens de fortuna, recebe uma commoção egual a dos deslumbramentos — aturde-se, mas em admiral-a.

E' que elle, dentro do seu delirio fantasista, na allucinação dos seus sonhos, foi sempre sincero, communicoua febre do seu talento á obra realisada. Faltam-lhe certeza, estudo, ver-

dade, sim, faltam-lhe; mas a expontaneidade com que a lançou basta para a fazer vibrar.

Nisso está, sem duvida, parte do successo que Doré obteve, successo que levou o gentil Sr. Claretie, então um delicado mas esclarecido critico de arte, dizer que *il a conquis "électriquement" la reputation*. De resto, os artistas como os litteratos que não são requintados, os que trabalham ao impulso da inspiração com maior ou menor brilhantismo, sem se importarem com a perfeição possivel de suas obras, são sempre os que mais rapidamente commovem o publico e o conquistam. Isso é sabido.

Doré possuiu o dom de impressionar. A sua conhecida fálha para a pintura prova que, fóra do artificio do branco e negro das gravuras, nada mais havia de consistente que pudesse resistir a uma critica rigorosa. E isso foi o que o acabrunhou durante toda a vida.

Não me furtarei ao prazer opportuno de transcrever umas paginas de Jules Breton, em *Nos peintres du siècle*, que tenho á mão. Elle nos vai contar essa historia, em que incidentemente toquei, alem de que nos dará a conhecer mais intimamente o desenhista Doré. Ouçamol-o:

"Gustavo Doré, ainda adolescente e mettido num lyceu, enviava desenhos de uma *verve* maravilhosa ao *Monde Illustré*.

"Não era possivel deixar-se de querer bem a este artista, postoquê excitasse mais assombro do que admiração, como acontece com tudo que é prodigioso.

"Bello rapaz, com uma carinha bonita e quasi afeminada, bem proporcionado, dextro para todos os exercicios physicos, expontaneo, enthusiasta se bem que com um ar triste e inquieto, o espirito duma presteza extraordinaria, mas pouco dado a procurar as verdades, Doré tinha o sangue-frio, a agilidade pasmosa de um *clown* genial... Seus desenhos, quando elle chegou aos trinta annos, corriam mundo aos milheiros; eram innumeraveis. Mas Gustavo não fez senão um successo universal de desenhista. Este bom camarada, serviçal e de nenhum modo invejoso, occultava no fundo de sua alma um pesar que o minava secretamente, nuvem sombria que empanava o seu olhar, ambição sempre dessipada após os mais ardentes desejos—a de ser um grande pintor!

"Lembramo-nos bem o que foram suas tentativas neste genero: télas de quinze metros, assumptos dantescos ou monstruosos, e nisso a impetuosidade, o ardor, e tambem o pesadão, a solidez, o "diabo no corpo", a abundancia, a virtuosidade, o genio. E elle multiplicava suas télas, que pouca gente tomava em consideração, postoquê ellas cobrissem todo um lado dos salões dos *Champs-E'lyseés*. Depois, Doré enrolava-as, enviava-as para a Inglaterra, para America, onde *barnums* expunham-n'as com reclames barulhentos, successo com o qual, no fim das contas, elle não se sentia mais do que os actores applaudidos pela *claque*.

"Gustavo Doré não teve rival no improviso.

"No seu vasto salão da rua Saint-Dominique, em que prazerosamente reunia os amigos, numerosas pranchêtas ou blócos de gravura estavam sobre uma longa mesa, algumas apenas tocadas pelo lapis, outras já desenhadas em grande parte e mais outras terminadas.

"Após o alegre almoço, em quanto o bizarro Pagance (tambem morto!) o inolvidavel cantor hespanhol, cantava com a sua encantadora voz arias entontecedoras de bolero, Gustavo Doré, armado com uma penna com um lapis ou com um pincel de nankin, corria duma pranchêta a outra, de assumpto a assumpto, desenhando, aqui, um arabe em oração, alli um Pantagruel ou um Christo no Jardim das Oliveiras, adiante um Don Quixote ou um Romeu; passando dos bucolismos virgilianos a despenhadeiros dos Pyrineus, de um harem a uma cathedral... E Pagance emmudecia, soavam bravos, mas Doré continuava, esfregava ou lavava um blóco, brochava outro, com uma apparencia destrahida ou contando novidades do dia... e, ás vezes, eu o vi, repentinamente, estugado não sei porque capricho de cabrito, pular por cima da mesa, com enorme estupefacção dos que alli o não conheciam intimamente."

Aqui téem os senhores o grande Doré tal qual foi, e por este *instantaneo* pódem julgar da sua arte. Ella tinha tudo delle, o seu capricho e ardor, a sua vivacidade, a sua melancolia, o seu imprevisto e, é preciso dizel-o, o seu fundo de maravilhoso infantil. Com franqueza, foi esta qualidade que a salvou.

A natureza fantasista de Gustavo Doré não teria attingido o maximo dos seus sonhos se não interpretasse a Biblia. Era o portentoso, o extraordinario, que se lhe apresentava, com os seus terriveis pesadellos e as suas suberbas apotheóses. As duas gravuras que *Kósmos* dá hoje á estampa, e para as quaes me ordena, de improviso, este artiguête, que mal consigo erguer da banalidade por o traçar, á pressa, na minha carteira de trabalho onde encontro alguns livros para citações, pertencem ás illustrações da *Historia Sagrada*, que Zola considerou féericas, cuja "sequencia das scenas pa-

O DILUVIO — DE GUSTAVO DORÉ

rece fazer parte de um drama gigantesco, que se passou não se sabe aonde, em alguma esphera desconhecida."

E de facto assim parece. Mas, são extraordinarias na sua fantasia. Esta, que ahi representa o apice duma montanha, onde se agglomeram creanças refugiadas e, varando a treva do caliginoso espaço, entesa-se a musculatura possante dum tigre femea, acompanhada dos seus e em cuja fauce levanta um delles para o salvamento, esta é innegavelmente assombrosa de dramatisação. Notae o desespero das duas figuras humanas que se contorcem no dorso do pinaculo, o desfallecer anciante da mulher, a paroxismo da dôr desse homem, que não sabe o que fazer dos filhinhos... E' tragico este grupo, e tragica, bella na inspiração que a compôz, é esta onda furiosa que se atira, como consciente da sua maldade, em arremesso felino, esfrangalhada e terrivel, á pedra onde ainda ha seres que vivem, os ultimos que procuram escapar á innundação anniquiladora!

E o fundo immenso, coberto de trevas e de aguas, por onde vôam os eternos abutres, como completa a scena apavorante do diluvio!.,.

Não, não ha sentimentalidade que se não chóque com esta devastação universal, a temerosa vingança de um Deus que a propria Biblia faz odiento e impiedoso, com este arranco de destruição dum Jupiter inexoravel.

E est'outra, a acobratica multidão dos que, englobadamente, no furor do instincto de conservação, se pisa, se envolve, se rebolca, e se confunde com os brutos tomados de pavor!... E' menos empolgante que a primeira apontada; a augustia dos grupos fugitivos, a precipitação dos desesperados, o terror dos que rastejam pela montanha, e se lhe grimpam ás arvores, arrebatou a imaginação do artista, levando-o a torcicollos e posições inesthéticas, a que a falsa anatomia dos corpos carrega de confusão e inverosimilhança. Com tudo, por uma rapida mirada, tem-se ahi a expressão do momento allucinado das ultimas tentativas. Ao peso da multidão delirante, a galhada forte dum roble estalou e arrebentou. Rolam desvairadamente, em rebôlos pelo ar, em contorções damnadas d'esforços inuteis, homens e mulheres... O abysmo ferve com o despenhadeiro infernal das aguas; desabam sobre elle legiões humanas, serpentes monstruosas que se estorcem, brutos disformes que se espantam... No cimo dum monte, a cabeçorra dum pochiderme atrôa os ares, num ronco de terror... Dominando o entrevero berrante dos humanos, um mastodonte olha estupidante a agua que cresce, que cresce sem termo, que crescerá sempre, até subverter tudo!

E' o diluvio universal.

A imaginação de Doré está no seu elemento, encontrou o seu livro. A Biblia é tragica e, ao mesmo tempo, ydillica. As suas paginas de destruição impiedosa, de vinganças tremendas, de crimes horrilantes, succedem-se ao sensualismo dos amores orientaes, luxuosos e perfumados, á ternura dos amores bucolicos, ingenuos e adoravelmente humanos. E téem apparições terrificas como as téem maravilhosas pela sumptuosidade das cohortes angelicas, á luz deslumbradora dos céos escancarados. A Biblia era o livro de Gustavo Doré. Isso não quer dizer, porém, que ella houvesse encontrado o seu artista.

Dezembro de 1909.

GONZAGA DUQUE.

COMEÇOS LITERARIOS DO BRAZIL

IV

O SENTIMENTO NATIVISTA

CENTO e quatro annos depois da *Prosopopéa*, saía da officina de Miguel Menescal, em Lisboa, outro livro brazileiro, uma collecção de poemas lyricos, com este titulo bem contemporaneo: *Musica do Parnaso em quatro coros de Rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias,* offerecida ao Excellentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, etc., e entoada por Manoel Botelho de Oliveira, Fidalgo da Caza de Sua Magestade. Na officina de—Impressor do Santo Officio. Anno de 1705.

No seculo que medeia entre a *Prosopopéa* e a *Musica do Parnaso*, entre Bento Teixeira e Botelho de Oliveira, o Brazil crescera e se desenvolvera e passara por alterações grandes.

Lenta e demoradamente embora, estendera-se o dominio effectivo de Portugal além de Pernambuco até ao Maranhão e ao Grão Pará, ao Norte, além de S. Vicente até ao Prata, ao Sul. Pelo Amazonas e seus affluentes penetrara o sertão septentrional, como pelo S. Francisco, pelo Paraguassú, pelo Parahyba e pelo Tiété e Paraná, abrira caminho para Oeste e Sul. A conquista e a colonização excediam a faixa litoranea, onde os Portuguezes, no pitoresco e justo dizer do primeiro historiador brazileiro, tinham até principio do seculo XVII se contentado "de as andar arranhando ao longo do mar como carangueijos „. (1) Novos centros de população, S. Luiz, Belém, Fortaleza, arraiaes e villas no interior se crearam e as mais antigas Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo se desenvolveram. As tentativas francezas no Rio de Janeiro e no Maranhão e os assaltos á costa brazileira de outros estrangeiros haviam acordado o zelo de Portugal pela sua colonia e fornecido aos naturaes do Brazil e aos seus moradores ensejo de se mostrarem capazes na guerra e na governança.

Mais que tudo, a descoberta do ouro e as enterpresas para o buscar e tirar, tinham produzido na pasmaceira habitual da colonia, quando a não perturbavam discordias intestinas, ataques de indios ou de interlopos, um movimento, um alvoroço favoravel ao seu progresso. E do mesmo passo criada ou augmentada a riqueza, e com ella o luxo, o gosto e a possibilidade de viver largo, o conforto da existencia e as delicias da sociedade. E mais esse sentimento de amor proprio, de personalidade e independencia que aos povos, como aos individuos, dá a riqueza.

A instrucção, sempre principalmente ministada pelos jesuitas, mas então já tambem distribuida por outros religiosos, franciscanos, carmelitas, benedictinos; maiores communicações com o Reino, o costume de para lá mandarem os abastados seus filhos a estudarem em Coimbra; um pessoal administrativo portuguez mais numeroso e mais selecto; tudo havia contribuido para o desenvolvimento material, politico e mental do Brazil nesse prazo. Desenvolvimento tardo, moroso, mas seguro, que seria sempre a caracteristica da evolução brazileira.

Das grandes alterações havidas no Brazil nesse periodo, a mais considerave em si mesma e nas suas consequencias foram as luctas com os Hollandezes. De 1624, data do seu primeiro assalto á Bahia, a 1654, éra do seu total desbarato, esforçaram-se tenazmente os Flamengos por se apossarem da grande Colonia portugueza da America. Chegaram a assenhorearem a costa, da Bahia ao Maranhão.

Portuguezes e Brazileiros, reunidos num mesmo sentimento de defesa da terra, com tenacidade igual pugnaram associados para os repulsarem. Ao cabo de trinta annos de lucta quasi ininterrupta o conseguiram.

Os Hollandezes lhes eram duplamente antipathicos pela raça e pela religião. Além do instincto da propriedade, do interesse de se não deixarem esbulhar da terra que era sua obravam fortemente nos Portuguezes, como nos Brazileiros seus filhos, os preconceitos de religião e de raça, então vivacissimos e em ambos talvez os principaes estimulos do seu esforço.

A guerra ao Hollandez, porém, foi principalmente sustentada pela propria gente da colonia, nascida e criada na terra ou por ella já affeiçoada. Em tal lucta tomaram parte conspicua, e distincta, cada um dos tres elementos constituintes dessa gente, o branco, o negro, o indio, e, como de proposito, cada um representado por um chefe eminente, como num inconsciente mas significativo symbolismo historico. Desse bravo luctar de trinta annos, provém um sentimento novo da terra, aos seus naturaes e habitadores. A convicção mais profunda e mais claramente sentida do seu valor e de que era sua, seu berço e propriedade, um

(1) Fr. Vicente do Salvador, *Historia do Brazil*, nos *Materiaes e Achegas* de Capistrano de Abreu e Valle Cabral, Rio de Janeiro, 1887, p. 11.

maior apego a ella, ao qual se póde talvez já chamar de sentimento nacional, por ventura de patriotismo que ia refugando por completo o antigo desprezo e desgosto dessa terra.

Pela primeira vez os naturaes do Brazil, até ahi Portuguezes pelo facto politico da sua estreita sujeição á Portugal e pelo mais que tal dominio comportava, entrariam a sentir que alguma cousa os differençava. Luctando para repellir o estrangeiro e o não deixar apossar-se da sua terra, nem lhe impor outra religião, outra lingua, outros costumes que aquelles em que se criara e eram já seus, sentiriam os Brazileiros que luctavam por uma causa sua, muito sua e muito querida, tanto que por ella tinham tal ardor e faziam taes sacrificios. E estes mais lhes augmentaria o amor della, pois só amamos verdadeiramente aquillo porque soffremos.

A parte principal que elles tiveram nesta repulsa do estrangeiro, e da qual tiveram consciencia, por um lado; por outro, a tibieza nella revelada pela metropole, mais ajudariam o sentimento da diferenciação que então se começou a fazer. Não é possivel talvez dizer com precisão como e em que o contacto das populações luso-brazileiras com os Hollandezes influiu na mente colonial. Ainda nos momentos de armisticio, os dous povos, separados pela lingua e pela religião, viveram tão desunidos que é mais provavel fosse minguada a influencia reciproca havida. Demais a cultura hollandeza, que aliás teve aqui alguns representantes eminentes era profundamente differente da portugueza e com certeza antipatica á colonia. Pode-se, todavia, ter por certo que a estada aqui dos Hollandezes, notadamente durante o governo de Nassau, teria ao menos descortinado ás populações que com elles estiveram mais em contacto, se quer a alguns dos seus sujeitos mais abertos á influencias exteriores, um horisonte intellectual delles desconhecido. Descortino, porém, tão rapido e fugaz, que apenas deixou memoria. Entretanto o caso do Padre Manoel de Moraes, brazileiro de São Paulo, padre jesuita, homem intelligente, douto e activo, bandeado com os Flamengos, servindo-os, casando-se na Hollanda e vivendo a vida hollandeza, sobre ser documento da possibilidade da influencia desse rapido e leve contacto, não seria o unico exemplo delle. O proprio Frei Manoel Calado, autor do *Valeroso Lucideno*, em que historiou a lucta, e o mesmo João Fernandes Vieira, o heróe da restauração de Pernambuco, privaram com os Holandezes e seus chefes (1). E se não é possivel apurar uma real e directa influencia dos Flamengos aqui, não é isso motivo para duvidarmos pudesse ter havido.

Se os documentos e informações que nos restam dessa época não nos dão testemunho claro de tal influxo será antes por deficiencia dos observadores, por via de regra incapazes todos de discernir certos aspectos dos successos e talvez inconscientemente interessados em não descobrir esse influxo. Basta, porém, que veriquemos desses mesmos documentos e testemunhos como nesse periodo originou-se e, desenvolveu-se aqui o sentimento da terra o nosso nativismo, e com elle os germens dos nossos instinctos nacionaes, para capacitarmo-nos da importancia do nossa contacto com os Hollandezes na formação da nossa cultura.

As nossas luctas contra elles produzem a nossa primeira literatura historica, ao menos a primeira que não reconta sómente os feitos dos Portuguezes no Brazil, mas tambem feitos brazileiros e com manifesta tendencia e gosto de os celebrar. Esses escriptos historicos, que já excedem á chronica, revelam, desvairadas embora pelo mau gosto da época, preoccupações literarias e estilisticas. E em mais de uma pagina dos gongoricos e hoje quasi illegiveis *Valeroso Lucideno* (1648) de Fr. Manoel Calado, *Castrioto Lusitano* (1679) de Fr. Raphael de Jesus, como nas *Memorias Diarias* de Duarte de Albuquerque ha já a emoção da obra literaria. Nenhum destes autores é brazileiro, e o ultimo destes livros foi até escripto em hespanhol. Todavia, pela parte que como autores ou testemunhas tomaram nos successos cujos historiadores foram, e pela representação que, embora sem proposito, deram da terra, da gente e da sociedade de que escreveram pode a sua obra entrar como subsidiaria da historia literaria do Brazil. Rememorando gloriosamente tudo aquillo, não deixaria essa obra de influir na mente brazileira, que os acontecimentos historiados haviam posto em estado de facil alvoroço. A obra literaria que se lhe vai seguir, prosa ou verso, ainda na sua manifesta inferioridade traz o cunho desta excitação nativista. Esta aliás achava, como já notamos, na literatura portugueza, toda cheia da mesma excitação, mais um estimulo e um modelo offerecido á sua imitação.

Na historia da literatura portugueza, este periodo é de grande decadencia, o mais apagado e safaro. Acompanha de perto a decadencia politica e mental da nação de que são causas ou effeitos o estabelecimento da Inquisição, o predominio espiritual dos jesuitas, a perda da independencia nacional nas mãos dos Felipes de Hespanha.

(1) Sobre o padre Manoel de Moraes V. Oliveira Lima, *O Padre Manoel de Moraes*, S. Paulo, 1907.

Do seculo XVI, não se conhece no Brazil se não um poeta. No XVII já podemos contar, além de alguns prosadores mais ou menos anonymos, quasi todos aliás sem nenhum valor literario, meia duzia de poetas. Bernardo Vieira Ravasco (1617-1697), Eusebio de Mattos (1629-1692), Gregorio de Mattos (1633-1696) Botelho de Oliveira (1636-1711), Padre Francisco de Souza (1628?-1713), José Borges de Barros (1657-1719) Diogo Grasson Tinoco (de quem apenas ha noticia de um poema *O descobrimento das Esmeraldas* de 1689) João de Brito Lima (1617—?) Domingos Barbosa (1632-1685). São apenas nomes, mais dos repertorios bibliographicos que propriamente da literatura. E não seria difficil juntar-lhes outros. Nesse tempo apenas haveria clerigo ou doutor que não fizesse versos, geralmente a todos os respeitos ruins, em portuguez, em latim ou em castelhano, pelos mais futeis motivos ou com os mais ridiculos pretextos, sem inspiração real, endereçadas aos magnates, aos poderosos em competencia de adulação. Nomes insignificativos, e só nomes. Obra, exceptuada, não sem favor, a de Botelho de Oliveira e a de Gregorio de Mattos, não deixaram nenhuma que mereça incorporada ao nosso acervo literario, e que viva.

Os successos das nossas luctas com os Hollandezes, com as suas consequencias politicas e moraes, tinham, conforme notamos, exaltado a alma brazileira, com os primeiros ardores do nosso incipiente patriotismo, sob a forma rudimentar do amor da terra natal, a que chamei nativismo. Aquelles primeiros poetas, entretanto, não revelam ostensivamente o estimulo dessa exaltação. E', porem, muito plausivel o tenham inconscientemente sentido, sentindo-se, como todos os seus patricios, mais dignos e maiores, levantados como foram os brazileiros no proprio conceito e no de Portugal pela galhardia com que em tão difficil conjunctura se houveram. Não deve ser inteiramente fortuita a coincidencia do florescimento, mofino embora e apenas em quantidade, da nossa poesia na segunda metade do seculo XVII com o nosso esforço e triumpho contra os Hollandezes.

Apenas haverá nella alguma rara manifestação expressa ou allusão áquelles successos ainda frescos, mas é seguramente notavel que as primeiras revelações do nacionalismo ou nativismo brazileiro, sob a forma ainda grosseira do simples apego á terra, da ufania das suas excellencias e bellezas, data justamente de após esses acontecimentos. Assim o poema da *Ilha da Maré* do primeiro lyrico brazileiro publicado, o bahiano Manoel Botelho de Oliveira e a *Descrição da Ilha de Itaparica* do anonymo itaparicano, que Varnhagen, que o descobriu acabou identificando com Fr. Manoel de Sta. Maria Itaparica, tambem bahiano. O primeiro poema é dos fins do seculo XVII, o segundo deve ser do principio do XVIII.

Botelho de Oliveira resumiu intencionalmente na sua graciosa *Ilha da Maré* o Brazil todo, com as suas riquezas e bens. O seu poema, com maior liberdade estrophica e metrica do que o usava o tempo, e por isso mais variado e mais leve, é uma descrição particularizada dessa parte da bahia de Todos os Santos, termo da cidade do Salvador, com os seus aspectos pitorescos, encantos naturaes, fructos e vantagens. Da mesma maneira Fr. Itaparica, se é elle de facto, como parece, o Anonymo Itaparicano, em 65 estrophes endecasilabas appostas ao seu poema sacro (1) descreveu, já com emoção bairrista, pode dizer-se cantou, a formosa ilha onde nasceu.

Compare-se a descrição de Pernambuco na *Prosopopéa* de Bento Teixeira, secca, fria, indifferente, apenas topographica, com as descrições das suas terras nataes de Botelho de Oliveira e Fr. Itaparica e sentir-se-á o caminho que havia feito no seculo que os separa o sentimento da terra nos brazileiros. Naquelle não se vislumbra ainda qualquer emoção nacional ou patriotica, não se lh'a descobre ao menos no seu poema. Nos destes, ao contrario, é manifesto o prazer, a ufania, a commoção nativista com que elles iniciam na poesia brazileira o seu tocante séstro de cantar a sua terra. Meio seculo depois, Santa Rita Durão pouco mais fará que repetir e desenvolver, com a mesma inspiração e sentimento, esses poetas, particularmente Botelho de Oliveira, quando celebra no canto VII do *Caramurú* as producções e riquezas do Brazil. Esta emoção e estro, que elles e talvez outros poetas do seu tempo foram os primeiros a experimentar e a exprimir, nunca mais desappareceria da poesia brazileira. Antes permaneceria nella como uma das suas emoções e inspirações mais communs, e della reflectiria sobre toda a nossa literatura, concorrendo para darlhe as feições que pouco a pouco a foram distinguindo e differenciando da portugueza. Justamente no tempo em que, com o Romantismo, a separação entre as duas literaturas finalmente se estabelece e accentua, o maior poeta brazileiro, Gonçalves Dias, lhe achará a forma definitiva, e sublime na sua ingenuidade, na *Canção do Exilio.*

José Verissimo.

---

(1) Eustachidos. Poema sacro e tragicomico em que se contem a vida de Sta. Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher, e filhos. Por um anonymo, natural da Ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia. Dado á luz por um devoto do Santo.

A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTES NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE.

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

BROMIL

O MELHOR XAROPE CONTRA
COQUELUCHE
E BRONCHITE

Cura qualquer tosse em 24 horas

VIDRO 2$000

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — DAUDT & FREITAS

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - DROGARIA PACHECO